

ALLIENTM





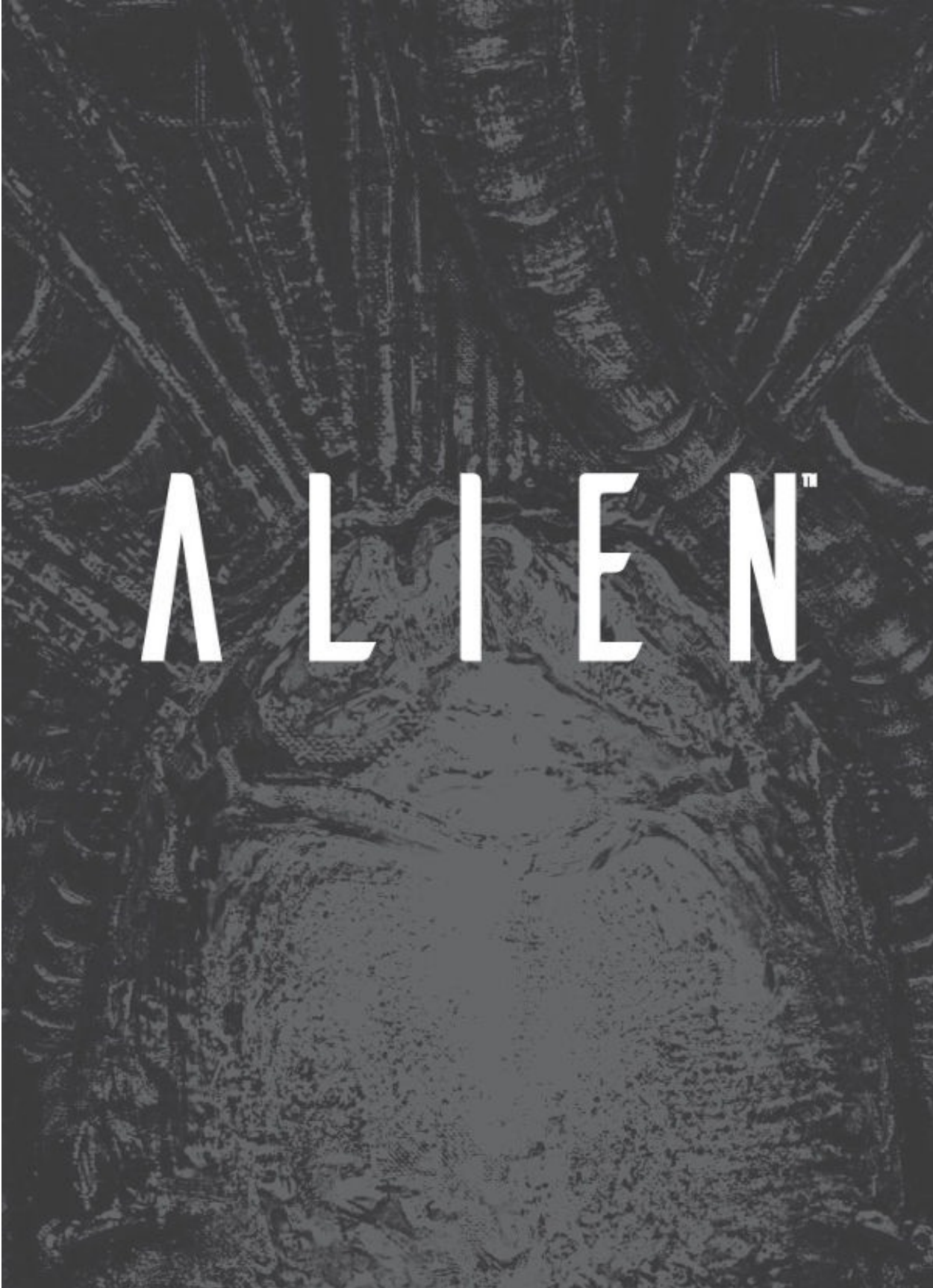
ALIEN™

SURGIDO DAS SOMBRAS

TIM LEBBON



QUANDO CRIANÇA,
CHRIS HOOPER olhava para as estrelas e sonhava com monstros.
Com o passar dos anos, no entanto, encontrou apenas escuridão e
isolamento no espaço. Respeitado por suas habilidades como
engenheiro, Hooper agora é tripulante da Marion, nave mineradora em
missão no planeta LV178: uma rocha inóspita, varrida diariamente por
tempestades e rajadas de areia. Mas algo além de minério se esconde
nas cavernas do planeta – algo maligno e adormecido, que fará com
que os sonhos de Hooper finalmente se tornem realidade. E a
esperança da tripulação parece residir em outra figura prestes a
despertar: a tenente Ellen Ripley, que retorna da escuridão do espaço
para desafiar seus antigos inimigos.



ALIEN™

Copyright © 2014 by Tim Lebbon
Alien™ & © 2016 Twentieth Century Fox Film Corporation

A tradução de *Alien™ – surgido das sombras*, publicado originalmente em 2014, é comercializada sob acordo com a Titan Publishing Group Ltd. – 144 Southwark Street, Londres SE1 0UP, Inglaterra.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original
Alien™ - Out of the Shadows

Copidesque
Carolina Vaz
Mariana Oliveira

Revisão
Rachel Rimas

Capa
Leandro Dittz

Projeto gráfico
Victor Mayrinck

Criação de lettering de capa
Adilson Gonzalez de Oliveira Junior

Ilustração de capa e miolo
Ralph Damiani

Diagramação
Abreu's System

Curadoria
Affonso Solano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lebbon, Tim

Alien™ - surgido das sombras / Tim Lebbon; tradução de Camila
Fernandes. – São Paulo: LeYa, 2016.
288p.

ISBN: 978-85-441-0395-1

Título original: Alien™ – Out of The Shadows

1. Literatura norte-americana 2. Ficção científica I. Título II.
Fernandes, Camila

16-0185

CDD: 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

Todos os direitos reservados à
LEYA EDITORA LTDA.
Av. Angélica, 2318 – 13º andar
01228-200 – Consolação – São Paulo – SP
www.leya.com.br



ALIEN™

SURGIDO DAS SOMBRAS

TIM LEBBON

Tradução de
Camila Fernandes



“O universo não parece nem benigno nem hostil, apenas indiferente.”

CARL SAGAN

RELATÓRIO DE PROGRESSO ANUAL:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

MINHA BUSCA CONTINUA.

ÍNDICE

PARTE 1: SONHANDO COM MONSTROS

1. MARION

2. SAMSON

3. RIPLEY

4. 937

5. NARCISSUS

6. FAMÍLIA

7. SOMBRAS

8. VÁCUO

9. REENTRADA

PARTE 2: SUB TERRÂ NEO

10. PELE

11. MINA

12. GADO

13. ALIENS

14. CONSTRUTORES

15. PROLE

16. MAJESTADE

17. ANTIGO

18. ELEVADOR

19. CÉLULAS

PARTE 3: NADA DE BOM

20. CASA

21. DOR

22. XADREZ

23. ESQUECIMENTO

24. VINGANÇA

25. PARTIDA

PARTE 1

SONHANDO COM MONSTROS

1

MARION

Chris Hooper sonhava com monstros.

Quando era mais novo, eles o fascinavam, como a todas as crianças. Mas, ao contrário das gerações anteriores, havia lugares aonde ele poderia ir, destinos que poderia explorar, regiões onde poderia encontrá-los. Não mais restritas às páginas dos contos de fada ou ao imaginário digital de cineastas criativos, as incursões da humanidade pelo espaço haviam aberto toda uma galáxia de possibilidades.

Então, desde a mais tenra idade, Chris observava as estrelas, e tais sonhos persistiram. Com vinte e poucos anos, trabalhara por um ano em Calisto, uma das luas de Júpiter. Eles estavam extraíndo minérios vários quilômetros abaixo da superfície, e, em uma mina próxima, uma equipe chinesa havia descoberto um mar subterrâneo. Havia crustáceos e camarões, peixes-piloto minúsculos e criaturas delicadas que se assemelhavam a folhas de palmeira com trinta metros de comprimento. Mas nenhum monstro para estimular sua imaginação.

Quando deixara o sistema solar para trabalhar no espaço sideral, na função de engenheiro a bordo de várias naves de transporte, exploração e mineração, ele pesquisava avidamente as formas de vida extraterrestre encontradas em asteroides, planetas e luas distantes. Embora a idade adulta houvesse diluído a imaginação vívida do jovem com preocupações mais mundanas – a distância da família, o dinheiro e o bem-estar –, ele ainda contava histórias para si mesmo. Mas, ao longo dos anos, nada do que havia encontrado estava à altura das ficções que criara.

Com o tempo, ele havia se conformado que monstros só eram monstros até serem encontrados, e que talvez o universo não fosse tão notável quanto ele esperava.

Certamente não ali.

Trabalhando em uma das quatro baías da *Marion*, ele fez um intervalo para observar o planeta lá embaixo com uma mistura de desgosto e tédio. LV178. Era

uma maldita rocha tão inóspita – açoitada o tempo todo por tempestades e rajadas de areia – que eles nem se deram ao trabalho de lhe dar um nome adequado. Chris havia passado três longos anos ali, ganhando rios de dinheiro que não tinha como gastar.

A trimonita era o material mais forte e resistente conhecido pelo homem, e quando se encontrava uma jazida tão rica como aquela, era lucro certo explorá-la. Um dia voltaria para casa, ele prometia a si mesmo a cada fim de turno de cinquenta dias. Para os dois meninos e para a esposa, de quem tinha fugido havia sete anos. Um dia voltaria. Mas estava começando a temer que essa vida tivesse se tornado um hábito, e que, quanto mais ficasse nela, mais difícil seria abandoná-la.

– Hoop! – A voz o assustou, e, quando ele se virou, Jordan já estava rindo.

Ele e a capitã tiveram um caso breve um ano antes. Os alojamentos fechados e as condições estressantes de trabalho faziam com que envolvimento desse tipo fossem frequentes, e inevitavelmente breves. Mas eles tinham continuado próximos, e Hoop gostava disso. Quando conseguissem superar a tensão sexual, poderiam se tornar melhores amigos.

– Lucy, você me assustou.

– Para você é capitã Jordan. – Ela examinou o maquinário no qual Hoop estava trabalhando, sem sequer olhar pela janela. – Está tudo bem aqui?

– Sim, os defletores de calor precisam ser substituídos, mas vou chamar Powell e Welford para fazer isso.

– Os dois terríveis – disse Jordan, sorrindo.

Powell tinha quase dois metros de altura e era negro e magro feito um poste. Welford era trinta centímetros mais baixo, branco e duas vezes mais pesado. Por mais diferentes que fossem, os engenheiros da nave eram dois sabichões.

– Ainda não conseguiu fazer nenhum contato? – perguntou Hoop.

Jordan franziu a testa. Era comum perder a comunicação com a superfície, mas não por dois dias seguidos.

– As tempestades por lá são as piores que eu já vi – disse ela, apontando para a janela.

A quase quinhentos quilômetros de distância, a superfície do planeta parecia ainda mais inóspita do que de costume: uma mancha de laranja e amarelo queimados, marrom e vermelho cor de sangue, com os olhos em espiral de inúmeras tempestades de areia em fúria pelas regiões equatoriais.

– Elas precisam diminuir de intensidade em breve – continuou a capitã. – Ainda não estou muito preocupada, mas vou ficar feliz quando voltarmos a nos comunicar com as dropships.

– Sim, nós dois vamos ficar. A *Marion* parece uma nave abandonada quando estamos entre um turno e outro.

Jordan assente. Ela estava claramente preocupada, e, durante um instante constrangedor de silêncio, Hoop achou que deveria dizer algo para confortá-la. Mas ela era a capitã justamente por conseguir lidar com esse tipo de situação. E também por ser dura na queda.

– Lachance vai preparar espaguete outra vez para o jantar – disse ela.

– Para um francês, até que ele faz muita comida italiana.

Jordan riu, mas sabia que ela estava tensa.

– Lucy, são só as tempestades – afirmou Hoop.

Disso, ele tinha certeza. Mas também sabia que “só as tempestades” poderiam facilmente causar um desastre. Ali, nos quadrantes mais distantes do espaço – ultrapassando os limites da tecnologia, do conhecimento e da compreensão humana, e fazendo o melhor possível para lidar com o corte de custos feito pela Companhia de Mineração Kelland –, não demorava muito para que as coisas dessem errado.

Hoop nunca havia encontrado um engenheiro de espaçonave melhor do que si mesmo, e era por isso que fora recrutado. Jordan era uma capitã experiente, bem instruída e inteligente. Lachance, cínico e grosseiro, era um piloto excelente que tinha um respeito saudável pelo espaço e por tudo que este poderia fazer contra a humanidade. E o resto da equipe, apesar de se tratar de um grupo bem heterogêneo, era todo formado por gente mais do que competente em suas funções. Os mineradores por si só tinham uma natureza intrépida, muitos deles com experiência adquirida nos trabalhos temporários nas luas de Júpiter e Netuno. Eram homens da pior estirpe, com traços de humor negro, sendo que a maior parte era tão bruta quanto a trimonita que procuravam.

Mas nenhuma experiência, confiança, dureza ou teimosia podia evitar o destino. Todos sabiam como era arriscado estar ali. A maioria havia se acostumado a viver com o perigo e com a proximidade da morte.

Havia apenas sete meses eles tinham perdido três mineradores em um acidente na baía. Um deles assim que a dropship *Samson* atracara. Não fora culpa de ninguém, na verdade, e sim da ânsia de voltar para a nave e seu relativo conforto, depois de cinquenta dias na mina. A câmara de pressurização não havia sido vedada corretamente, um indicador deu defeito, e dois homens e uma mulher sufocaram.

Hoop sabia que Jordan ainda ficava noites sem dormir por causa disso. Três dias depois de ter dado as condolências às famílias dos mineradores, ela ainda não tinha deixado sua cabine. Até onde dizia respeito a Hoop, era isso que fazia

de Jordan uma grande capitã – ela era durona, mas se importava com a tripulação.

– Só as tempestades. – Ela se inclinou e se apoiou na sacada ao lado de Hoop, enquanto olhava pela janela. Apesar da violência, dali de cima o planeta parecia quase bonito, uma paleta de pintura com cores outonais. – Eu odeio esta merda de lugar.

– Ele paga as contas.

– Ah! Contas... – Ela parecia estar meio sentimental, e Hoop não gostava quando Jordan ficava assim. Talvez esse fosse o preço a se pagar pela intimidade: ele acabava vendo um lado dela que o resto da tripulação jamais veria.

– Estou quase acabando – disse ele, enquanto mexia em uns dutos soltos com o pé. – Encontro você na sala de convivência daqui a uma hora. Quer jogar sinuca?

Jordan ergueu uma das sobrancelhas.

– Outra revanche?

– Você tem que me deixar ganhar um dia.

– Você nunca, jamais, me ganhou na sinuca.

– Mas eu deixava você jogar com o meu taco.

– Você sabe que, sendo sua capitã, eu poderia colocar você em cana por esses comentários.

– Ok. Certo. Você e que exército?

Jordan deu as costas para Hoop.

– Pare de perder tempo e volte ao trabalho, engenheiro-chefe.

– Sim, capitã.

Ele a viu se afastar pelo corredor escuro e passar por uma porta pneumática, então ficou sozinho novamente.

Sozinho com a atmosfera, os sons, os cheiros da nave...

O mau cheiro de urina de pulga-espacial, esses bichos pequenos e irritantes que conseguiam se multiplicar apesar das muitas tentativas de exterminá-los. Eram minúsculos, mas um milhão de pulgas excretando conseguia produzir um odor forte e penetrante que impregnava o ar.

O zumbido constante do maquinário era quase inaudível, exceto para Hoop, que conseguia ouvi-lo quando se concentrava. Eram baques distantes e chiados ecoantes – o sussurro do ar em movimento encorajado por placas e pás condicionadoras e o rangido ocasional da enorme fuselagem da nave e de seus mecanismos de ajuste e direção. Alguns dos ruídos ele conseguia identificar, pois os conhecia muito bem, e às vezes percebia problemas simplesmente por

ouvi-los ou não – portas emperradas, rolamentos gastos em dutos de ventilação, transmissões falhas.

Mas também havia sons misteriosos que vibravam por toda a nave de vez em quando, como passos hesitantes e pesados em corredores distantes, ou alguém berrando de um ou dois andares de distância. Ele nunca chegou a descobrir sua origem. Lachance dizia que era a nave gritando de tédio.

Ele esperava que fosse apenas isso.

A nave era enorme, e ele levaria meia hora para atravessar toda a sua extensão, e ainda assim ela não passava de um pontinho na vastidão do espaço. O vácuo exercia uma pressão negativa sobre ele, e, se ficasse pensando muito nisso, achava que ia explodir – se rasgar, célula a célula, molécula a molécula, se espalhar pelo cosmos de onde viera. Ele era a essência das estrelas, e, quando jovem, ao sonhar com monstros e olhar para o espaço na esperança de encontrá-los, isso fez com que Hoop se sentisse especial.

Agora, só fazia com que se sentisse pequeno.

Por mais próximos que estivessem na *Marion*, viviam sozinhos.

Afastando esses pensamentos, ele voltou ao trabalho, fazendo mais barulho do que o necessário – um estardalhaço para lhe fazer companhia. Não via a hora de jogar sinuca com Jordan e levar outra surra. Os dois eram colegas e conheciam bem um ao outro, mas ela era o mais próximo que ele tinha de um amigo ali.



A sala de convivência era, na verdade, um bloco com quatro compartimentos nos fundos da ala dos alojamentos. Havia uma sala de cinema com uma tela enorme e uma fileira de assentos, um acervo de música com vários postos de escuta, uma sala de leitura com cadeiras confortáveis e leitores eletrônicos e o Bar do Baxter, mais conhecido como BeeBee's. Josh Baxter era o oficial de comunicação da nave, mas também trabalhava como barman. Ele preparava ótimos coquetéis.

Embora estivesse imprensado entre a ala dos alojamentos e os porões de carga, o BeeBee's era o centro social da nave. Havia duas mesas de bilhar, uma de pingue-pongue, uma seleção de consoles de jogos de videogame com design retrô e um bar com mesas e cadeiras dispersas como se estivessem casualmente abandonadas. Essa área não fora vista como prioridade pela empresa que pagara aos projetistas da nave, de modo que o teto era um emaranhado de tubulações expostas, o piso era de metal e as paredes não tinham pintura. No entanto, aqueles que frequentavam o BeeBee's haviam feito o máximo para torná-lo mais acolhedor. Os assentos eram acolchoados, a luz era fraca e taciturna, e muitos

mineradores e membros da tripulação haviam copiado a ideia de Baxter de pendurar cobertores estampados nas paredes. Alguns os pintavam, outros os rasgavam e os amarravam. Cada um deles se distinguia do outro. Isso dava à sala de convivência uma atmosfera casual, quase rebuscada.

Os mineradores tiravam cinquenta dias de folga entre os turnos, então passavam boa parte do tempo livre ali, e, embora fosse estritamente regulada, a distribuição de álcool ainda era responsável por algumas noites turbulentas.

A capitã permitia. Na verdade, definitivamente incentivava esse comportamento, pois era uma forma de diminuir a tensão. Não havia como se comunicar com qualquer ente querido. As distâncias eram tão vastas, e o tempo, tão estendido, que impossibilitava qualquer contato significativo. Eles precisavam de um lugar para se sentir em casa, e o BeeBee's representava justamente isso.

Quando Hoop entrou, o lugar estava quase deserto. Os momentos de calma entre as mudanças de turno deram a Baxter tempo para renovar o estoque do bar, arrumar o salão e se preparar para o próximo ataque. Ele trabalhava em silêncio atrás do balcão, estocando garrafas de cerveja e preparando petiscos desidratados. A água na nave sempre tinha um gosto levemente metálico, por isso ele reidratava muitas iguarias com cerveja choca. Ninguém reclamava.

– E aqui está ele. – Jordan estava sentada em um banco perto de uma das mesas de bilhar, com uma garrafa na mão. – Pronto para outra surra. O que você acha, Baxter?

Baxter cumprimentou Hoop com um aceno de cabeça.

– O cara gosta de sofrer – concordou ele.

– É. Adora.

– Bem, se você não *quiser* jogar... – disse Hoop.

Jordan se levantou do banquinho, pegou um dos tacos no suporte e o lançou na direção do colega. Assim que Hoop o pegou no ar, o sistema de comunicação da nave soou.

– Ah, que diabo está acontecendo agora? – Jordan suspirou.

Baxter se inclinou sobre o balcão e apertou o botão do interfone.

– Capitã! Qualquer um! – Era o piloto, Lachance. – Venha para a ponte, agora! Recebi uma mensagem de uma das dropships. – Seu sotaque francês estava muito mais carregado do que o normal. Isso acontecia quando ele ficava chateado ou estressado, sendo que nenhuma das duas situações ocorria com muita frequência.

Jordan correu para o balcão e apertou o botão de transmissão.

– Qual?

- A *Samson*. Mas ela está detonada.
- O que você quer dizer com isso?

No fundo, por trás das palavras confusas de Lachance e dos sons caóticos vindos da ponte de comando, Hoop ouviu gritos com vestígios de estática. Ele e Jordan trocaram olhares.

E então saíram correndo, com Baxter logo atrás.



A *Marion* era uma nave grande, muito mais adequada para a mineração nas profundezas do que para a extração de trimonita, e eles levaram alguns minutos para chegar até a ponte de comando. Primeiro percorrendo o corredor em curva que se estendia por toda a ala dos alojamentos, em seguida subindo três níveis de elevador. Quando esbarraram com Garcia e Kasyanov, todo mundo já havia chegado lá.

- O que está acontecendo? – perguntou Jordan.

Baxter correu para a central de comunicações, e Lachance se levantou, agradecido por se livrar daquela função. Baxter colocou um headset, e sua mão esquerda pairou sobre os mostradores e interruptores.

– Recebi uma mensagem cheia de estática poucos minutos atrás – explicou Lachance. – Quanto mais a dropship se aproxima, mais claro fica.

A tripulação o chamava de Lachance “Sem Chance” por causa de seu pessimismo lacônico, mas na verdade ele era a pessoa mais pé no chão entre todos ali. Agora, Hoop podia ver pela sua expressão que algo o havia deixado muito abalado.

Dos alto-falantes espalhados pela ponte de comando, ouviu-se o crepitar de uma respiração acelerada.

– *Samson*, a capitã Jordan está agora na ponte – disse Baxter. – Por favor, nos dê o seu...

– Não tenho tempo para dar porra nenhuma, só liguem a câmara de suporte vital! – A voz estava tão distorcida que não dava para saber quem estava falando.

Jordan pegou o headset que estava ao lado de Baxter. Hoop olhou para os outros, todos ao redor da central de comunicações. A ponte era grande, mas eles estavam aglomerados, um indício da tensão que todos deviam estar sentindo, até mesmo a imperturbável oficial de ciências, Karen Sneddon. A mulher magra e de expressão carrancuda já estivera em mais planetas, asteroides e luas do que todos eles juntos. Mas havia medo em seus olhos.

– *Samson*, aqui é a capitã Jordan. O que está acontecendo? O que aconteceu

na mina?

– ... criaturas! Nós...

O contato foi interrompido abruptamente, deixando a ponte em um silêncio ressonante.

Janelas com um amplo campo de visão davam para o cenário familiar do espaço e para o arco do planeta mais abaixo, como se nada tivesse acontecido. O zumbido baixo do maquinário era complementado por respirações ofegantes.

– Baxter – disse Jordan, baixinho. – Gostaria de falar com eles novamente.

– Estou fazendo o possível – respondeu ele.

– Criaturas? – Garcia, uma das médicas da nave, batia o dedo de leve no queixo, nervosa. – Ninguém jamais viu *criaturas* nas minas, ou será que viram?

– Não há nada vivo naquela rocha a não ser bactérias. – Sneddon se remexia, inquieto. – Talvez não tenha sido isso que eles disseram. Talvez tenham dito fissuras, ou algo parecido.

– Eles já estão no radar? – perguntou Jordan.

Baxter acenou para a esquerda, onde havia três telas enviesadas no painel de controle. Uma delas tinha um fundo verde e opaco e mostrava dois pequenos pontos de luz se movendo rapidamente na direção da nave. A interferência das tempestades elétricas na atmosfera do planeta cintilava por toda a tela. Mas os pontos eram firmes e tinham um movimento definido.

– Qual delas é a *Samson*? – perguntou Hoop.

– A primeira nave é a *Samson* – respondeu Lachance. – A *Delilah* segue na retaguarda.

– Talvez há uns dez minutos de distância – disse Jordan. – Alguma mensagem da *Delilah*?

Ninguém respondeu. E isso já foi o suficiente.

– Não tenho certeza se devemos... – Hoop começou a falar, mas os alto-falantes subitamente voltaram à vida. *Deixá-los atracar*, ele ia dizer.

– ... grudadas no rosto deles! – disse a voz, que ainda estava irreconhecível. Baxter acionou alguns mostradores, e então uma tela maior sobre sua estação se acendeu. O piloto da *Samson*, Vic Jones, apareceu em uma imagem pixelada. Hoop tentou ver quem mais estava na cabine interna da dropship, mas a vibração da nave enquanto ela ascendia para sair da atmosfera de LV178 estragou tudo.

– Quantos estão com você? – perguntou Hoop.

– Hoop? É você?

– Sim.

– O outro grupo encontrou algo. Algo terrível. Poucos...

A voz de Vic sumiu novamente, e sua imagem começou a tremular enquanto os fenômenos atmosféricos provocavam um caos ainda maior.

– Kasyanov, quero que você e Garcia vão para a enfermaria e acionem a câmara de suporte vital – ordenou Jordan à médica e sua assistente.

– Você não pode estar falando sério – disse Hoop.

Quando Jordan se virou na direção dele, a voz de Jones voltou a crepitar nos alto-falantes.

– ... todos os quatro, só eu e o Sticky não fomos atacados. Eles estão bem agora, mas... não param de tremer e bufar. Vão logo para... o ponto de atracação!

– Eles podem estar infectados! – exclamou Hoop.

– É por isso que vamos levá-los direto para a enfermaria.

– Porra, isso é muito sério. – Hoop balançou a cabeça na direção da tela e a imagem de Jones continuava a tremular enquanto sua voz sumia e voltava. Boa parte do que Jones dizia não fazia muito sentido, mas todos viram o estado dele. – Ele está morrendo de medo!

Kasyanov e Garcia saíram correndo da ponte, e Hoop olhou para Sneddon em busca de apoio. Mas a oficial de ciências estava inclinada sobre o encosto da cadeira de Baxter, franzindo a testa enquanto tentava decifrar as palavras de Jones.

– Jones, e quanto à *Delilah*? – perguntou Jordan no headset

– Jones?

– ... decolou na mesma hora... algo entrou lá, e...

– O que entrou?

A tela voltou a crepitar, o link com o comunicador ficou cheio de estática, e aqueles que permaneciam na ponte se entreolharam por alguns segundos terríveis e carregados de tensão.

– Vou descer até o nível de atracação – disse Jordan. – Cornell, venha comigo. Baxter, diga para seguirem para a Baía Três.

Hoop tossiu e deu uma risada incrédula.

– Você está levando Cornell para dar cobertura?

– Ele é funcionário da segurança, Hoop.

– Ele é um bêbado!

Cornell nem sequer olhou para Hoop, muito menos respondeu.

– Ele tem uma arma – disse Jordan. – Fique aqui, supervisione a ponte. Lachance, ajude a guiá-los para dentro. Controlem as dropships remotamente se for necessário.

– Se é que vamos conseguir estabelecer um link com eles – comentou Lachance.

– Vamos esperar que sim! Vá! – retrucou Jordan.

Ela respirou fundo algumas vezes, e Hoop quase pôde ouvir seus pensamentos: *Nunca imaginei que uma merda assim fosse acontecer, tenho que ficar calma, tenho que manter o controle*. Ele sabia que a capitã estava pensando naqueles três mineradores que havia perdido, e aterrorizada pela ideia de perder mais gente. Ela o encarou. Hoop, por sua vez, franziu a testa, mas ela lhe deu as costas e deixou a ponte de comando antes que ele pudesse protestar.

Não havia motivo algum para eles deixarem a *Samson* atracar, Hoop sabia disso. Ou, se atracasse, eles teriam que cortar toda a comunicação externa com a câmara de pressurização até descobrirem se era seguro. Vinte mineradores haviam descido para a superfície, e mais vinte estavam programados para retornar nas dropships, dois grupos de vinte homens e mulheres. Mas, naquele momento, as dez pessoas que ainda estavam na *Marion* tinham prioridade.

Ele foi até o painel de comunicação de Baxter e verificou novamente o radar. A *Samson* havia sido identificada com o seu nome, e parecia estar realizando uma manobra perfeita, traçando um arco para longe da atmosfera e aproximando-se da *Marion* pelo lado iluminado pelo sol.

– Lachance? – perguntou Hoop, apontando para a tela.

– Está subindo bem rápido. Jones está indo o mais rápido que pode.

– Doido para alcançar a *Marion*.

– Mas isso não está certo... – murmurou Lachance.

– O quê?

– *Delilah*. Ela está mudando de curso.

– Baxter – chamou Hoop –, projete a rota da *Delilah*.

Baxter apertou alguns botões, e a tela piscou. A *Delilah* ganhou uma cauda de pontos azuis, e sua rota projetada parecia um leque nebuloso.

– Quem está pilotando a *Delilah*?

– Gemma Keech – respondeu Welford. – Ela é uma boa piloto.

– Mas não hoje. Baxter, precisamos falar com a *Delilah*, ou ver o que está acontecendo a bordo.

– Estou fazendo o possível.

– Eu sei.

Hoop tinha grande respeito por Baxter. Ele era um cara estranho, do tipo que não gostava de se misturar – provavelmente era por isso que passava mais tempo atrás do que na frente do balcão –, mas era um gênio quando se tratava de tecnologia de comunicações. Se as coisas dessem errado, ele seria a possível

tábua de salvação, logo era uma das pessoas mais importantes na *Marion*.

– Não temos a menor ideia do que eles têm a bordo – disse Powell. – Pode ser qualquer coisa.

– Ele disse que há apenas seis tripulantes na *Samson*? – perguntou Welford. – E quanto aos outros?

Hoop deu de ombros. Cada nave tinha vinte pessoas e um piloto. Se a *Samson* estava voltando com menos da metade da lotação – e eles não tinham ideia de quantos estavam na *Delilah* –, o que havia acontecido com o resto da tripulação?

Ele fechou os olhos por um instante, tentando se recompor.

– Consegui imagens da *Delilah*! – Baxter apertou mais algumas teclas no teclado e então parou em uma das telas em branco. – Nenhum áudio, nem resposta para as minhas tentativas de contato. Mas talvez... – Sua voz foi sumindo. Todos viram o que estava acontecendo dentro da *Delilah*.

A piloto, Gemma Keech, estava gritando em seu assento, aterrorizada e determinada, os olhos colados na janela à sua frente. Foi apavorante testemunhar tal pavor no mais absoluto silêncio. Atrás dela, sombras se agitavam e se retorciam.

– Baxter – sussurrou Hoop. – A câmera.

Baxter teclou algo, captando as imagens da câmera acima da cabeça de Keech. Eram em widescreen, comprimindo-as, mas pegando todo o compartimento de passageiros.

E havia sangue.

Havia três mineradores ajoelhados logo atrás da piloto. Dois deles carregavam picaretas e ferramentas de liga leve usadas para perfurar pedras de arenito. Atacavam alguma coisa, mas o alvo estava fora do campo de visão. O minerador do meio segurava um maçarico de plasma.

– Ele não pode usar isso lá dentro – disse Powell. – Se fizer isso, vai... vai... Que *porra* é essa?

Diversos mineradores pareciam ter sido amarrados nos assentos. As cabeças estavam inclinadas para trás, os tórax eram uma massa de sangue, roupas rasgadas, costelas e músculos aparentes. Uma mineradora ainda se contorcia e tremia, e havia algo saindo de seu peito. Brotando. Algo liso e curvado bruxuleando à luz artificial, brilhando com o sangue da mulher.

Outros mineradores estavam espalhados pelo chão da cabine e pareciam mortos. Vultos se movimentavam depressa entre eles, golpeando e dilacerando, e o sangue jorrava no chão e nas paredes. Pingava do teto.

Nos fundos do compartimento de passageiros, três pequenas formas se lançavam impetuosamente, várias e várias vezes, contra uma porta fechada.

Hoop sabia que havia um pequeno banheiro ali, com dois boxes e uma pia. E as coisas queriam algo que estava lá dentro. As coisas.

Cada uma era do tamanho de um gato pequeno e parecia ter um tom ocre profundo, cintilando por causa da umidade de seu nascimento não natural. Tinham carapaças afiadas, como se fossem besouros ou escorpiões enormes.

A porta do banheiro já estava bastante amassada, e um dos lados estava quase cedendo.

– É uma porta de aço de cinco centímetros de espessura – disse Hoop.

– Nós temos que ajudá-los – acrescentou Welford.

– Acho que não há nada que possamos fazer – comentou Sneddon, e por um momento Hoop quis lhe dar um soco. Mas ela estava certa. O grito silencioso de Keech era prova disso. Seja lá o que eles tivessem visto, ou o que a piloto já sabia, a situação desesperadora da *Delilah* estava evidente em seus olhos.

– Desligue isso – pediu Hoop, mas Baxter não conseguiu cumprir a ordem. E todos os seis tripulantes na ponte de comando continuaram a assistir.

As criaturas derrubaram a porta do banheiro e se espremeram para entrar, enquanto sombras faziam movimentos bruscos e se debatiam.

Um dos mineradores, o que segurava a picareta, foi lançado para cima e para a frente como se tivesse levado uma rasteira. O homem com o maçarico de plasma se jogou para a direita, para longe da figura que lutava. Algo com muitas pernas surgiu diante da câmera, tapando a visão por um abençoado instante.

Quando a tela ficou desobstruída de novo, o maçarico de plasma estava aceso.

– Ah, não – disse Powell.

A labareda era de um branco ofuscante. Ela se espalhou por toda a cabine, e por alguns segundos terríveis os corpos lacerados dos mineradores crepitaram e arderam, as roupas foram queimadas, e a carne ficou exposta. Só um deles ainda se contorcia preso pelo cinto, e a coisa irrompeu de seu peito em chamas, virando uma massa de fogo atravessando todo o compartimento.

Em seguida, o jato de plasma de repente se espalhou em todas as direções, e tudo ficou branco.

Baxter bateu no teclado, voltando para a visão da cabine, e Gemma Keech estava em chamas.

Ele desligou o monitor. Embora toda a transmissão estivesse sem som, perder a imagem fez com que um silêncio terrível tomasse a ponte. Hoop foi o primeiro a sair do estupor. Ele apertou o botão do intercomunicador e estremeceu ao ouvir o ruído agudo da interferência.

– Lucy, não podemos deixar que essas naves ataquem – disse ele ao microfone. – Está me ouvindo? A *Delilah* está... Tem coisas a bordo. Monstros.

– Ele fechou os olhos, em luto pela perda da inocência da infância. – Todos estão mortos.

– Merda! – exclamou Lachance.

Hoop olhou para ele, e o francês não tirava os olhos da tela do radar.

– É tarde demais – sussurrou Lachance.

Hoop viu tudo e amaldiçoou a si mesmo. Ele deveria ter pensado nisso! Apertou o botão novamente.

– Jordan, Cornell, saiam daí! – gritou ele. – Fiquem longe do nível de atracação, o mais longe que puderem, corram, corram!

Ele só esperava que os colegas tivessem ouvido seu alerta e tomassem cuidado. Mas logo depois percebeu que isso realmente não importava.

A *Delilah*, arruinada, se chocou contra a *Marion*. O impacto e a explosão lançaram todos ao chão.

2

SAMSON

Tudo estava gritando.

Várias sirenes emitiam suas canções particulares – alerta de proximidade; indicador de danos; ruptura da fuselagem. Pessoas gritavam de pânico, confusas e com medo. E no fundo ouvia-se o profundo e estrondoso rugido da própria nave. A *Marion* sofria, e sua enorme estrutura estava se desintegrando.

Lucy e Cornell, pensava Hoop de onde estava, caído no chão. Mas o fato de estarem vivos ou mortos não faria diferença agora. Ele era o oficial de maior patente ali. Estava tão assustado e chocado quanto os outros, mas tinha que assumir o comando.

Agarrou-se a um assento e se levantou. As luzes piscavam. Cabos, painéis e tiras de iluminação balançavam. A gravidade artificial ainda funcionava, pelo menos. Ele fechou os olhos e respirou fundo, tentando se lembrar do treinamento. Havia um módulo detalhado em suas sessões pré-voo denominado “Controle de Danos em Massa”, e o instrutor – um veterano grisalho de sete habitações lunares em sistemas solares e três voos de exploração espacial – terminava todas as aulas com a frase: “Mas não se esqueça, VEMF.”

Hoop esperara até a última aula para perguntar o que isso queria dizer. “Mas não se esqueça”, respondera o veterano. “Você Está Muito Fodido.”

Todos sabiam o que um desastre como aquele significava. Mas isso não queria dizer que eles não lutariam até o fim.

– Lachance! – berrou Hoop, mas o piloto já estava se acomodando no assento de frente para a maior janela. Suas mãos trabalhavam habilmente nos controles, e, se não fosse pelas insistentes sirenes de alerta, Hoop teria se sentido reconfortado por isso.

– E quanto à capitã Jordan e ao Cornell? – perguntou Powell.

– Agora não – respondeu Hoop. – Estão todos bem aí?

Ele olhou ao redor. Baxter colocava o cinto e limpava o sangue que escorria do nariz. Welford e Powell se agarravam à parede que ficava nos fundos da

ponte. Sneddon estava de quatro, o sangue pingando no chão.

Ela estava tremendo.

– Sneddon? – chamou Hoop.

– Sim.

A mulher olhou para ele. Havia um corte profundo que cruzava o lado direito do seu rosto e ia até o nariz. Os olhos estavam turvos e vagos.

Hoop a ajudou a se levantar, enquanto Powell trazia um kit de primeiros socorros.

A *Marion* estava balançando. Uma nova sirene havia começado a tocar, e na confusão Hoop não conseguiu identificá-la.

– Lachance?

– Estamos perdendo oxigênio – disse ele. – Vou checar.

O francês começou a vasculhar o painel de controle, batendo nas teclas, traçando padrões em telas que não fariam sentido para qualquer outra pessoa. Jordan poderia pilotar a *Marion* se achasse absolutamente necessário, mas Lachance era o astronauta mais experiente entre eles.

– Estamos ferrados – afirmou Powell.

– Cala a boca – disse Welford.

– É isso aí – respondeu Powell. – Estamos ferrados. Fim de jogo.

– Cala a boca, porra! – gritou Welford.

– Devíamos escapar nos módulos de fuga! – sugeriu Powell.

Hoop tentou prestar atenção na conversa. Ele se concentrou em Lachance, preso firmemente ao assento do piloto e fazendo o máximo para ignorar o tremor ritmado que emanava de algum lugar da nave.

Isso não é um bom sinal, pensou.

As quatro baías de atracação estavam em um nível saliente sob o nariz da nave, a mais de quinhentos metros da sala de máquinas. No entanto, um impacto como aquele poderia ter causado danos estruturais catastróficos por toda a nave. O único jeito de avaliar o estrago seria vê-lo em primeira mão, mas a avaliação mais rápida viria do piloto e de seus instrumentos.

– Temos que sair daqui – prosseguiu Powell –, fugir antes de a *Marion* se desintegrar, ir até a superfície do planeta e...

– E o quê? – vociferou Hoop, sem se virar. – Sobreviver no deserto durante os dois anos que vai demorar para uma missão de resgate chegar? Isso se a empresa decidir que um resgate é viável. Agora, *cale a boca!*

– É isso – disse Lachance.

Ele segurou o manche com as duas mãos, e Hoop quase pôde senti-lo

prendendo a respiração. Hoop sempre ficara espantado com o fato de que uma nave enorme como aquela pudesse ser controlada por um dispositivo tão pequeno.

Lachance o chamava de O Cajado de Jesus.

– É isso – repetiu o piloto. – Parece que a *Delilah* arrancou o braço de atracação das Baías Um e Dois. A Três pode estar danificada, não dá para saber, os sensores por lá estão malucos. A Quatro parece estar inteira. Os níveis três, quatro e cinco estão perdendo oxigênio. Todas as portas herméticas foram fechadas, mas alguns lacres secundários de segurança não funcionaram e ainda estão vazando.

– Então o restante da *Marion* está vedado por enquanto? – perguntou Hoop.

– Por enquanto, sim. – Lachance apontou para uma projeção da nave em uma de suas telas. – Mas ainda há coisas acontecendo no local do acidente. Não dá para ver o quê, mas imagino que um monte de escombros esteja circulando lá embaixo. Isso poderá causar mais danos à nave. Os níveis de radiação estão constantes, então não creio que a célula de combustível da *Delilah* esteja comprometida. Mas se o núcleo de contenção do reator ainda estiver flutuando por aí... – A voz dele foi sumindo.

– Então, quais são as *boas* notícias? – perguntou Sneddon.

– *Essas* foram as boas notícias – respondeu Lachance. – A *Marion* perdeu dois dos amortecedores laterais, e três dos sete propulsores auxiliares a estibordo estão fora de ação. E ainda tem isso. – Ele apontou para outra tela, onde linhas dançavam e se cruzavam.

– É um mapa orbital? – perguntou Hoop.

– É. Nós fomos jogados para fora da órbita geoestacionária. E com os amortecedores e propulsores auxiliares detonados, é impossível corrigir isso.

– Quanto tempo até entrarmos na atmosfera? – perguntou Powell.

Lachance deu de ombros.

– Não vai ser rápido. Vou ter que fazer uns cálculos.

– Mas estamos bem agora? – perguntou Hoop. – No próximo minuto, na próxima hora?

– Até onde eu posso ver, sim.

Hoop assentiu e se virou para os outros. Eles o encaravam, e o oficial tinha certeza de que estavam tão preocupados e aterrorizados quanto ele. Mas tinha que segurar a onda. Superar o pânico inicial e passar para o modo pós-acidente o mais rápido possível.

– Kasyanov e Garcia? – perguntou, olhando para Baxter.

Baxter assentiu e apertou o botão do intercomunicador.

– Kasyanov? Garcia?

Silêncio.

– Talvez tenha havido algum vazamento na ala médica – sugeriu Powell. – Ela fica mais à frente, não muito acima das baías de atracação.

– Tente nos comunicadores particulares – ordenou Hoop.

Baxter começou a teclar e colocou o headset mais uma vez.

– Kasyanov, Garcia, vocês estão aí?

O homem estremeceu, e em seguida apertou um botão que colocava o que ele ouvia nos alto-falantes. Ouviram um gemido, interrompido por baques irregulares.

– Que diabo...? – Eles ouviram a voz de Kasyanov, e todos suspiraram de alívio.

– Vocês duas estão bem? – perguntou Baxter.

– Sim. Presas... mas bem. O que aconteceu?

– A *Delilah* bateu na gente.

Baxter olhou para Hoop.

– Diga para ficarem onde estão, por enquanto – disse Hoop. – Vamos tentar estabilizar as coisas antes de sairmos andando por aí.

Baxter repassou as ordens, e tão logo Hoop começou a pensar na segunda dropship, Sneddon perguntou:

– E quanto à *Samson*?

– Podemos falar com eles? – perguntou Hoop.

Baxter tentou várias vezes, mas a única resposta que obteve foi estática.

– E as câmeras? – sugeriu Sneddon.

– Não tenho nenhum contato.

– Então troque para as câmeras na Baía Três – insistiu Sneddon. – Se eles ainda estiverem chegando, e Jones perceber o dano, ele vai tentar ir para lá.

Baxter assentiu, as mãos deslizando pelo painel de controle.

Uma tela começou a brilhar, como se tivesse ganhado vida. A imagem surgiu, mas mostrava a visão desimpedida do final do ponte de atracação da Baía Três.

– Merda – murmurou Hoop.

A *Samson* estava a menos de um minuto de distância.

– Mas aquelas coisas... – começou Sneddon.

Gostaria que você ainda estivesse aqui, Lucy, pensava Hoop. Mas Lucy e Cornell deviam estar mortos. Ele estava no comando. E agora, com a *Marion* fatalmente avariada, um perigo ainda mais urgente estava se manifestando.

– Temos que descer – disse Hoop. – Sneddon, Welford, comigo. Vamos nos

preparar.

Enquanto Welford pegava os trajes espaciais de emergência armazenados em unidades nos fundos da ponte de comando, Hoop e Lachance trocaram um olhar. Se alguma coisa acontecesse com Hoop, Lachance seria o próximo na fila. Mas, se a situação chegasse a esse estágio, sobraria muito pouco para ele comandar.

– Vamos ficar em contato o tempo todo – disse Hoop.

– Ótimo, isso vai ajudar. – Lachance sorriu e assentiu.

Enquanto os três vestiam os trajes, a *Marion* estremeceu mais uma vez.

– A *Samson* está atracando – anunciou Baxter.

– Mantenham tudo lacrado – alertou Hoop. – *Tudo*. Ponte de atracação, câmara de pressurização, antecâmara.

– Tão fechado quanto rabo de tubarão – acrescentou Lachance.

Nós deveríamos estar avaliando os danos, pensava Hoop. Ter certeza de que o pedido de socorro fora transmitido, descer até a ala médica, fazer quaisquer reparos de emergência que pudessem nos dar mais tempo.

Mas a *Samson* possuía perigos ainda mais ameaçadores.

Isso era prioridade.



Embora estivesse agora no comando, Hoop não deixava de observar as coisas com os olhos de um engenheiro-chefe. Luzes se acendiam e apagavam, indicando que havia dutos e ligamentos danificados em várias das ligações elétricas. Os sensores dos trajes mostravam que a atmosfera estava relativamente estável, embora ele já houvesse dito para Sneddon e Welford manterem os capacetes. Os danos à *Marion* poderiam muito bem ser um processo contínuo.

O trio evitou o elevador e resolveu descer dois níveis usando a grande escadaria central. A nave ainda tremia e, de vez em quando, um baque mais profundo e pesado era sentido em algum lugar distante. Hoop não tinha ideia do que poderia ser. Os enormes motores estavam isolados por hora, já que não eram usados quando estavam em órbita. Os geradores que mantinham o suporte vital estavam bem longe, perto da traseira da nave e da sala de convivência. Tudo que ele conseguia pensar era que a superestrutura havia sido tão enfraquecida no acidente que os danos estavam se espalhando. Rachaduras se formavam. Compartimentos herméticos estavam sendo comprometidos e gases inflamáveis vazavam para o espaço.

Se esse fosse o caso, eles não precisariam se preocupar com a queda em direção à atmosfera.

– A *Samson* está iniciando a sequência automática de acoplamento – disse Baxter pelo intercomunicador do traje.

– Você pode ver a bordo? – perguntou Hoop.

– Negativo. Ainda estou tentando restabelecer o contato. A *Samson* não está respondendo.

– Mantenha-nos informados – disse Hoop. – Estaremos lá em breve.

– O que faremos quando chegarmos lá? – perguntou Welford.

– Garantir que tudo está muito bem lacrado – respondeu Sneddon.

– Correto – concordou Hoop. – Sneddon, você reconheceu essas coisas que vimos na *Delilah*?

Ele aguardou em silêncio, e a respiração dos colegas fazia com que o som crepitasse ao chegar a seu headset.

– Não – respondeu Sneddon. A voz dela estava baixa, calma. – Nunca vi nem ouvi falar de nada assim.

– É como se estivessem nascendo de dentro do peito dos mineradores.

– Eu li tudo que pude sobre formas de vida alienígenas – disse Sneddon. – A primeira foi encontrada há mais de oitenta anos, e desde então tudo que foi descoberto em missões oficiais foi relatado, categorizado quando possível, capturado e analisado. Mas nunca vi nada assim. Simplesmente... Nada. A analogia mais próxima que posso fazer é com um inseto parasita.

– Então, se eles brotaram de dentro dos mineradores, o que pôs os ovos? – perguntou Welford.

Sneddon não respondeu, e era uma pergunta na qual não valia a pena pensar naquele momento.

– Seja o que for, não podemos deixá-los a bordo – concluiu Hoop, mais determinado do que nunca. – Eles não são grandes... Se perdemos um dentro da *Marion*, nunca o encontraremos novamente.

– Não até ele ficar com fome – comentou Welford.

– Era isso que eles estavam fazendo? – perguntou Hoop. – Se alimentando?

– Não tenho certeza – respondeu Sneddon.

Eles se moviam em silêncio, como se estivessem lutando mentalmente contra as imagens daquelas criaturas alienígenas estranhas e horripilantes. Até que, por fim, Hoop quebrou o silêncio.

– Bem, Karen, se sairmos dessa vivos, você terá algo a relatar.

– Já comecei a fazer anotações. – A voz de Sneddon começou de repente a soar distante e estranha, e Hoop achou que poderia haver algo errado com o comunicador de seu traje.

– Você é assustadora – disse Welford, e a oficial de ciências riu.

– Pessoal – começou Hoop. – Estamos chegando perto do nível de atracação. Fiquem de olhos abertos.

Outro baque sacudiu a nave. Se fosse realmente uma descompressão explosiva (uma de uma série), ficar com os olhos abertos só permitiria que eles testemunhassem seu fim enquanto uma porta explodia, eles eram sugados para o espaço e a pressão do ar escapando os lançava para longe da *Marion*.

Ele havia lido sobre astronautas que eram lançados no espaço. Bastava um empurrão para que eles comessem a se afastar da nave, flutuando até o ar acabar, e morriam sufocados. Piores eram os casos de pessoas que, por alguma razão – um cabo mal conectado, um tropeção –, ficavam lentamente à deriva, muito lentamente, longe da nave, incapazes de retornar, morrendo enquanto seu lar ainda estava ao alcance da vista.

Às vezes, a reserva de ar dentro de um traje espacial podia durar até dois dias.

Eles chegaram ao fim do corredor que levava ao nível de atracação. A porta estava vedada, e Hoop levou alguns instantes para verificar os sensores. A atmosfera adiante parecia normal, por isso ele inseriu o código de sobreposição, e o mecanismo de bloqueio da porta fez com que ela se destrancasse com um sibilo.

Um zunido suave, e a porta se abriu.

O caminho à esquerda dava nas Baías Um e Dois, o da direita na Três e Quatro. A dez metros, no corredor da esquerda, Hoop viu sangue.

– Ah, merda – disse Welford.

A mancha vermelha na parede ao lado da porta de segurança era um círculo do tamanho de um prato. O sangue havia escorrido até o chão, formado linhas que se assemelhavam a teias de aranha. Elas brilhavam, ainda úmidas.

– Vamos verificar – disse Hoop, mas já sabia que encontraria. Os sensores da porta haviam sido danificados, mas uma rápida olhada confirmou suas suspeitas. Do outro lado havia vácuo. Painéis e sistemas de canalização haviam sido arrancados da parede pela força do ar que fora expelido. Se as pessoas que haviam deixado os respingos de sangue tivessem sido capazes de se segurarem até que as portas de segurança se fechassem automaticamente...

Mas elas estavam lá fora agora, longe da *Marion*, perdidas.

– Um e Dois estão definitivamente fora de ação – disse Hoop. – As portas de segurança parecem estar aguentando bem. Powell, não se afaste do painel e cuide para que todas as portas estejam bem trancadas.

– Tem certeza? – perguntou Powell no headset. – Vocês ficarão presos aí embaixo.

– Se os compartimentos ainda estiverem falhando, isso poderá detonar a nave inteira – respondeu Hoop. – Então sim, tenho certeza.

Ele se virou para os outros dois. Sneddon observava os respingos de sangue, os olhos arregalados por trás do vidro do capacete.

– Ei – disse Hoop.

– Sim. – Ela olhou em sua direção. E desviou o olhar novamente. – Sinto muito, Hoop.

– Todos nós perdemos amigos. Vamos tratar de não perder mais nenhum.

Eles deram a volta e seguiram na direção das Baías Três e Quatro.

– A *Samson* atracou – avisou Baxter pelo intercomunicador.

– No automático?

– Afirmativo.

A maior parte dos procedimentos de acoplamento eram realizados de forma automática, mas Hoop sabia que Vic Jones às vezes gostava de voar manualmente. Só que esse não era o caso.

– Algum contato?

– Nada. Mas acho que acabei de ver algo piscando na tela. De qualquer modo, estou tentando recuperar o contato visual.

– Mantenha-me informado. Precisamos saber o que está acontecendo dentro dessa nave.

Hoop andava na frente. A porta de segurança que dava nas Baías Um e Dois ainda estava aberta, e eles passaram por ela rapidamente na direção das baías não afetadas.

Outra vibração ressoou por toda a nave, subindo pelas paredes. Hoop pressionou a mão enluvada com força em uma delas, inclinando-se, tentando sentir os ecos do impacto misterioso. Mas eles já haviam se dissipado.

– Lachance, alguma ideia do que está causando esses impactos?

– Não. A nave parece estável.

– Talvez os compartimentos estejam falhando?

– Creio que não. Se isso estivesse acontecendo, ar estaria vazando para o espaço, o que funcionaria como uma espécie de propulsão. Eu veria movimento na *Marion*. Do jeito que está, o padrão de voo parece ter estabilizado na órbita lenta e descendente da qual falávamos. Não estamos mais geoestacionários, e sim nos movendo muito devagar em comparação à superfície. Talvez a dezesseis quilômetros por hora.

– Ok. Outra coisa, então. Algo está solto.

– Só tome cuidado lá embaixo – avisou Lachance.

Normalmente, ele não era do tipo que perdia tempo frisando o óbvio.

Eles passaram por mais duas portas, verificando os sensores de ambas antes de prosseguirem para se certificarem de que os compartimentos do outro lado ainda estavam pressurizados. Enquanto se aproximavam das Baías Três e Quatro, Hoop sabia que teriam uma boa visão dos danos.

As baías de atracação estavam posicionadas em duas projeções na parte de baixo da *Marion*. A Um e a Dois estavam na projeção a bombordo, e a Três e a Quatro, a estibordo. Enquanto se aproximavam do corredor que dava nas Baías Três e Quatro, passaram por janelas em ambos os lados.

– Que inferno – murmurou Hoop.

Ele foi o primeiro a ver, e ouviu Sneddon e Welford prenderem a respiração atrás de si, chocados.

Um terço da face frontal da projeção a bombordo, incluindo as pontes de atracação e partes das estruturas das câmaras de pressurização, havia sido arrancado como se por obra de uma mão gigante. A Baía Um havia sido dilacerada e desaparecera completamente, deixando uma ferida áspera e irregular no metal. Partes da Baía Dois ainda estavam intactas, incluindo um longo fragmento da ponte de atracação que era a fonte dos impactos intermitentes. Preso ao final da indistinta pilha de metal dilacerado e cabos reluzentes estava um pedaço da *Delilah*. Do tamanho de várias pessoas, pesando talvez dez toneladas, a massa não identificada de metal, painéis de revestimento e componentes eletrônicos surgia, vinda da parte de baixo da *Marion*; ela se escondia, ricocheteava da superestrutura em ruínas da Baía Dois e retornava.

Cada batida lhe dava o ímpeto necessário para continuar. Ela se movia lentamente, mas seu peso era tamanho que o impacto sentido ao retornar era suficiente para enviar vibrações por todo o bojo da nave.

A *Delilah* havia quase se desintegrado no choque. Detritos do acidente ainda flutuavam junto com a *Marion*, e, ao longe, projetando uma sombra sobre a tempestuosa superfície do planeta, Hoop via pedaços maiores se afastando lentamente para bem longe de onde eles estavam.

– Tem uma pessoa ali – disse Welford em voz baixa, apontando.

Hoop viu um vulto pressionado contra os restos da Baía Dois, empalado por um pedaço da superestrutura de metal retorcido. Não dava para distinguir o sexo. O corpo estava mutilado, nu, e boa parte da cabeça havia sumido.

– Espero que eles tenham morrido rápido – disse Sneddon.

– Eles já estavam mortos! – vociferou Hoop.

Ele suspirou e levantou a mão, como se pedindo desculpas. Seu coração estava disparado. Dezesete anos no espaço e nunca havia visto nada assim.

Pessoas morriam o tempo todo, claro, pois o espaço é um ambiente hostil. Acidentes eram comuns, e, quanto maior o desastre, maior a notoriedade. A nave de passageiros *Archimedes* foi atingida por um chuva de micrometeoros em sua rota para Alpha Centauri, causando a morte de setecentas pessoas, entre passageiros e tripulação. A base da Marinha Colonial, situada em uma grande lua na Orla Exterior, teve seus sistemas atmosféricos sabotados, o que resultou na perda de mais de mil vidas.

Mesmo no começo, nos dias incipientes das viagens espaciais, a estação de pesquisa *Nephilim*, que orbitava Ganimedes, teve um problema de mau funcionamento no estabilizador e tombou até colidir contra a superfície da Lua. Essa história ainda era contada a qualquer um que planejasse uma carreira na exploração espacial, pois todas as trezentas pessoas a bordo continuaram transmitindo dados e mensagens de esperança até o último instante. Ela havia sido um símbolo da determinação da humanidade em sair dos limites do próprio planeta e, um dia, do seu próprio sistema.

No panorama geral, a tragédia da *Delilah* era pequena. Mas Hoop conhecia cada uma das pessoas a bordo da dropship. E muito embora não conseguisse identificar o corpo congelado e dilacerado que estava preso sob a estrutura de atracação da baia, ele sabia que havia falado, brincado e gargalhado com elas.

– Vamos ter que cortar isso aí – disse Welford, e a princípio Hoop achou que ele estivesse falando sobre o cadáver. Mas o engenheiro observava a massa de metal flutuando lentamente enquanto ela voltava na direção das baías destroçadas.

– Temos que fazer isso e *muito* mais – afirmou Hoop. Se quisessem sobreviver, se superassem esse caos inicial, protegessem a *Samson* e descobrissem o que diabo estava acontecendo, ele, Welford e Powell precisariam tirar alguns milagres da cartola. – Vamos fazer por merecer, pessoal.

– Hoop, a *Samson* – murmurou Baxter em seu ouvido.

– O que foi?

Eles ainda não conseguiam ver a nave onde agora só havia estática, do outro lado da ponte de atracação a estibordo.

– Tenho... uma imagem na tela. – Sua voz soava fraca, vazia.

– E? – perguntou Sneddon.

– E você não vai querer abri-la. Jamais. Não chegue perto dela.

Hoop desejou ver o que tinha acontecido, embora parte dele estivesse feliz por não poder.

– O que houve? – perguntou Sneddon.

– Eles... eles *chocaram* – respondeu Baxter. – E estão apenas... esperando.

Essas coisas, rastejando ali ao lado dos corpos.

– E quanto ao Jones e ao Sticky?

– Sticky está morto. Jones, não.

Era aquele tom seco novamente, o que fez Hoop desistir de tentar insistir. Mas Sneddon o fez. Talvez fosse a curiosidade da oficial de ciências.

– O que está acontecendo com Jones? – perguntou ela.

– Nada. Ele está... Posso vê-lo, bem no fundo da imagem. Ele está lá, sentado, com a cadeira virada de costas para o painel de controle. Tremendo e chorando.

Eles ainda não o mataram, pensou Hoop.

– Vamos isolar toda essa área – disse ele. – Todas as portas estão bloqueadas, mas temos que desativar os controles manuais.

– Você acha que essas coisas conseguem abrir portas? – perguntou Welford.

– Hoop tem razão – afirmou Sneddon. – Temos que imaginar o pior.

– Não podemos simplesmente soltar a *Samson*?

Hoop já havia pensado nisso. Mas, apesar do perigo, eles ainda poderiam precisar da nave. A órbita da *Marion* continuava em declínio. Havia módulos de fuga, mas seu alvo era incerto. Se as usassem, acabariam espalhados por toda a superfície do planeta.

A *Samson* poderia ser a única esperança de sobrevivência deles.

– Se fizermos isso, ela pode ficar flutuando conosco por dias – disse Lachance, e sua voz vinha junto com uma chuva de estática. – Poderia impactar a *Marion* e causar ainda mais danos. As coisas já estão bem ruins desse jeito.

– Baxter, estamos perdendo você – disse Hoop.

– ... detonado – completou Baxter. – Lachance?

– Ele está certo – respondeu Lachance. – Os indicadores estão sinalizando mais danos a cada minuto que passa. Comunicações, sistema atmosférico e remoto. Precisamos começar a consertar as coisas.

– Tenho que resolver isso primeiro – afirmou Hoop. – Atravessaremos a antecâmara, vamos entrar na ponte de atracação até chegarmos à Baia Três e, em seguida, até a câmara de pressurização. Dali, vamos trabalhar recuando, desativando controles manuais e desligando tudo.

– Nós podemos despressurizar a câmara também – sugeriu Welford.

– Boa ideia. Se alguma coisa escapar da *Samson*, não conseguirá respirar.

– Quem pode afirmar que essas criaturas de fato respiram? – perguntou Sneddon. – Não sabemos o que são nem de onde vêm. Mamíferos, insetos, répteis, algo mais. Não sabemos nada! – Sua voz estava tomada pelo pânico.

– E vai continuar assim – afirmou Hoop. – Na primeira oportunidade que tivermos, nós as matamos. Todas elas.

Ele queria o apoio de alguém, mas ninguém respondeu. Esperava que Sneddon discordasse – como oficial de ciências, ela veria, além do caos e da morte, o que essas criaturas poderiam significar para o progresso da ciência. Mas não disse nada. Apenas o encarou, com hematomas nos olhos e um corte no nariz inchado.

Eu estou mesmo no comando agora, pensou. O fardo era pesado.

– Certo – disse ele. – Vamos lá.



Eles seguiram o plano de Hoop.

Atravessaram a antecâmara que servia as Baías Três e Quatro, a ponte de atracação, em seguida a câmara de pressurização e a porta exterior. Hoop e Welford seguiam na frente, enquanto Sneddon fechava as portas que ficavam para trás, e, no final da ponte de atracação, os dois homens fizeram uma pausa. Depois da porta havia uma abertura estreita e, então, a escotilha exterior da *Samson*. Havia uma pequena janela tanto na escotilha quanto na porta.

A parte interna da janela da dropship estava coberta de vapor.

Hoop se perguntou se as criaturas sabiam que eles estavam ali dentro, tão perto. Pensou em perguntar a Baxter, mas o silêncio parecia a opção mais inteligente. Silêncio e rapidez.

Eles rapidamente desmontaram o mecanismo de trava da porta e o desativaram, desconectando a fonte de alimentação. Ele teria que ser reparado antes de a porta ser aberta novamente. *Era bem mais forte do que a porta do banheiro na Delilah*. Este pensamento não tranquilizou Hoop tanto quanto deveria.

Eles trabalharam de trás para a frente, e, quando desativaram o mecanismo da porta entre a ponte de atracação e a antecâmara, Welford despressurizou a câmara. As portas rangeram levemente sob as pressões alteradas.

Do lado de fora da antecâmara, Sneddon esperava.

– Pronto? – perguntou ela.

– Só falta a última porta – respondeu Hoop.

Welford começou a trabalhar. Cinco minutos depois eles já estavam fazendo o caminho inverso na direção da ponte de comando. Havia agora quatro portas seladas e bloqueadas entre a *Samson* e a *Marion*, bem como o vácuo na câmara de pressurização.

Ele deveria se sentir mais seguro.

– Baxter, você ainda tem contato com a *Samson*? – perguntou.

– Sim. Não mudou muito a situação, as criaturas ainda estão por lá. Uma delas... meio que se esticou um pouco, como se sombras estivessem saindo do interior. A iluminação por lá está meio esquisita, e a qualidade da imagem não é lá essas coisas, mas ela parecia estar trocando de pele.

Outra voz murmurou algo que Hoop não ouviu.

– O que você disse? – perguntou ele.

– Eu falei que parece que ela *cresceu* – respondeu Powell. – Aquela que mudou de pele. Está maior.

– E quanto a Jones? – perguntou Hoop, bem preocupado. *Maior*? Aquilo era impossível em tão pouco tempo.

– Ainda está lá – disse Baxter. – Só consigo ver o braço, o ombro e a cabeça. Ele ainda está tremendo.

– Grave as imagens – pediu Sneddon.

– Para você ter o prazer de assistir mais tarde? – perguntou Lachance, mas ninguém respondeu. Não era hora para fazer gracinhas, mesmo se com um toque de sarcasmo.

– Estaremos de volta em poucos minutos – disse Hoop. – Lachance, faça com que o computador categorize os danos. Vou definir prioridades quando chegarmos aí, depois faremos um cronograma de trabalho. Baxter, a *Marion* está emitindo o sinal de pedido de socorro?

– Ah, sim, essa é a outra parte divertida – disse Baxter. – Alguns dos destroços devem ter ferrado o sistema de antenas. O computador diz que está mandando o sinal, mas duvido muito.

– Certo. Ótimo. Que maravilha. – Hoop balançou a cabeça. – Há algum meteoro vindo na nossa direção? Buracos negros se abrindo aqui perto? Alguma outra coisa para nos preocupar?

– A cafeteira da ponte de comando foi destruída – afirmou Powell, com um tom de voz solene e muito sério.

Hoop começou a rir. No momento em que conseguiu controlar a histeria, lágrimas turvavam o interior do visor de seu capacete.



Quando chegaram à ponte, Kasyanov e Garcia haviam voltado da ala médica. As poucas pessoas a bordo da *Marion* estavam mortas ou exibiam ferimentos leves, de modo que havia pouco para se fazer lá embaixo.

– Foi assustador, nós duas sozinhas – disse Garcia. – Então fechamos tudo. Pensei que seria mais seguro ficarmos aqui, juntos.

Lachance explicou para todos o nível de segurança que poderiam esperar.

– A única bênção é que o núcleo de combustível da *Delilah* não foi comprometido durante o acidente – disse ele.

– E onde ele está? – perguntou Hoop.

Lachance ainda estava no assento de piloto.

– Por aí, em algum lugar – respondeu ele –, flutuando.

Ele acenou com a mão, segurando um charuto entre dois dedos. Hoop e a maioria das pessoas odiava o cheiro daquele negócio. Mas, com tudo o que havia acontecido, parecia quase cômico pedir que ele o apagasse.

– Vimos muitos destroços perto da nave – afirmou Welford. – Talvez ele *tenha* sido comprometido e esteja flutuando em algum lugar por perto, superaquecendo e pronto para explodir.

– De qualquer maneira, *c'est la vie* – disse Lachance. – A não ser que queira vestir um traje e dar uma caminhada no espaço. – Welford desviou o olhar, e Lachance sorriu. – Temos preocupações mais imediatas... problemas que *podemos* resolver.

– A *Samson*? – perguntou Powell.

Hoop olhou para as telas. O interior da dropship mantinha-se inalterado: sombras. As sombras tremulavam, Jones tremia. Todos queriam desligar a tela, mas Hoop insistia em mantê-la ligada. Eles precisavam saber.

Lachance deu de ombros.

– Temos que considerar isso seguro, por enquanto. Mas os sensores identificaram vazamentos em cinco portas de segurança, o que significa, provavelmente, que mais cinco portas estão com problemas. As plataformas cinco e seis vazaram completamente para o espaço, e os danos terão que ser isolados e reparados. O pedaço da *Delilah* que está preso no meio das ruínas das baías de atracação precisa ser solto e seguir o seu caminho. Caso contrário, só vai causar mais danos.

– E o posicionamento da *Marion*? – perguntou Hoop.

– Em queda. Eu... não tenho certeza de que haja muito que possamos fazer. O acidente danificou mais do que podemos ver. Suspeito que haja algum dano estrutural grave. E parece que os sistemas de refrigeração da célula de combustível da nave foram avariados.

– Que ótimo – disse Powell.

– Quanto foram avariados? – perguntou Hoop.

– Vamos ter que verificar isso manualmente – disse Lachance. – Mas há mais.

O Paraíso foi corrompido.

– Com o quê? – perguntou Hoop. Seu coração apertou. O Paraíso era o seu bio pod, uma pequena mas exuberante área de cultivo de alimentos no nariz da *Marion*, aonde muitos dos mineradores e da tripulação iam para manter contato com a natureza. Depois de anos no espaço, trabalhando no inferno estéril e cheio de tempestades de areia de LV178, ver uma cenoura ou alguns brotos de feijões-verdes ajudava mais do que qualquer antidepressivo.

– Ainda não tenho certeza – respondeu Lachance. – Jordan foi a única que...

Lucy amava jardinagem, pensou Hoop. Eles haviam feito amor no Paraíso certa vez, sobre a terra úmida, tendo apenas as árvores frutíferas e os vegetais como testemunhas.

– Temos alimentos desidratados – disse Hoop. – A reserva de água não foi afetada?

– Até onde posso ver.

– Ok, então. – Ele olhou para o restante da tripulação da *Marion* ao seu redor. Estavam todos chocados com a rapidez e a gravidade com que tudo dera errado. Mas eles eram durões, extremamente adaptáveis, acostumados a viver sob a constante ameaça de perigo e prontos para enfrentar qualquer coisa para sobreviver. – Welford, Powell, peguem o relatório de danos completo com Lachance e definam prioridades. Mas eles vão precisar de ajuda. Todos vocês sabem usar chaves inglesas e kits de soldagem.

– Mas há uma coisa a fazer antes – disse Baxter.

– Sim. E isso é comigo. Vou gravar o pedido de socorro, e depois você faça tudo o que puder para garantir que ele seja enviado.

Voltado para o painel de controle de Baxter, o olhar de Hoop se fixou na tela que mostrava o interior da *Samson*. O ombro e a cabeça de Jones eram as únicas coisas que estavam se movendo, tremendo no canto inferior esquerdo. Mais adiante, viam-se as silhuetas imóveis das pessoas mortas. Parados ao lado delas, estavam os pequenos e indistintos aliens.

– Acho que você pode desligar isso – disse Hoop. – Por enquanto.

3 RIPLEY

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

PEDIDO DE SOCORRO RECEBIDO.
RELEVANTE O SUFICIENTE PARA FAZER UM DESVIO.
TEMPO ESPERADO DE VIAGEM PARA LV178:
VELOCIDADE ATUAL: 4.423 DIAS.
VELOCIDADE MÁXIMA: 77 DIAS.
NÍVEL DE COMBUSTÍVEL: 92%
INICIANDO IMPULSO.

Ela sonha com monstros.

Astutos, negros, quitinosos, lisos, malévolos, escondendo-se nas sombras e atacando, colocando sementes nas pessoas que ela amava – seu ex-marido, sua adorável filha –, que depois explodiam em banhos de sangue. Eles se expandem em grande velocidade, como se tivessem sido trazidos rapidamente de distâncias que ela mal pode conceber. E, ao serem atraídos para mais perto pelos vácuos do espaço profundo, eles crescem e crescem, chegando ao tamanho de uma nave, de uma lua, de um planeta, para depois ficarem ainda maiores.

Eles vão engolir o universo, e ainda assim vão deixá-la viva para testemunhar a destruição.

Ela sonha com monstros à espreita nos corredores de sua mente, apagando rostos conhecidos de sua memória antes que ela possa ter a chance de lembrar seus nomes.

Entre esses sonhos há lacunas de breu. Mas ela não oferece nenhuma trégua, pois há sempre um antes para lamentar e um depois para temer.

Quando começa finalmente a despertar, os pesadelos de Ripley voltam apressados para as sombras e começam a desaparecer. Mas só parcialmente. Mesmo com a luz despontando nos seus sonhos, as sombras permanecem.

À espera.



– Dallas – disse Ripley.

– O quê?

Ela estalou os lábios, tentou tossir com a garganta seca, e percebeu que aquilo era impossível. Dallas estava morto. O alien o havia levado.

O rosto diante dela era fino, barbado e preocupado. Desconhecido.

Ele a encarou.

– Dallas, como no Texas? – perguntou ele.

– Texas?

Seus pensamentos estavam confusos. Uma bagunça de lembranças aleatórias; algumas ela reconhecia, outras, não. Ela se esforçava para trazê-las à tona, desesperada por uma pista sobre sua identidade e seu paradeiro. Sentia-se desassociada do próprio corpo. Impressões flutuantes tentavam encontrar um lar, o corpo físico era algo frio e disperso sobre o qual não tinha nenhum controle.

Por trás de tudo pairava uma sombra... enorme, insidiosa.

– Ótimo – disse o homem. – Porra.

– O quê?

Será que ela estava de volta à *Nostromo*? Mas então se lembrou da estrela de fogo na qual a enorme nave de salvamento havia se transformado. Resgate, então?

Alguém a havia encontrado. A nave havia sido recuperada. Ela estava salva.

Ela era Ellen Ripley, e logo se reuniria novamente com...

Algo se mexeu na sua barriga. Uma torrente de imagens a invadiu, muito vívidas em comparação àquelas que ela teve desde que acordou e que a assustaram a ponto de colocá-la em movimento e despertar os seus sentidos...

... Kane se debatendo, seu peito se rasgando e se abrindo, aquela coisa emergindo...

... e Ripley colocou a mão no próprio peito, pronta para sentir a pele se esticando e a agonia das costelas se quebrando.

– Ei, ei – disse o homem, estendendo a mão em sua direção.

Você não entende o que vai acontecer? Ela queria gritar, mas sua voz estava presa, a boca tão seca que a língua parecia uma lesma inchada e coberta de areia.

Ele a segurou pelos ombros e acariciou seu queixo com os polegares. Foi um gesto tão íntimo e gentil que ela parou de se debater.

– Você tem um gato – disse ele, sorrindo. O sorriso combinava com seu rosto, mas ele parecia pouco à vontade, como se raramente o usasse.

– Jonesy – chamou Ripley dolorosamente, com a voz áspera, e o gato foi da sua barriga para o peito. E ficou ali, sacudindo-se de leve, para depois arquear as costas e fincar as garras. Elas arranharam a pele de Ripley, atravessando o fino colete, e ela estremeceu, mas gostou. Era uma dor que lhe dizia que ela ainda estava viva.

A mulher estendeu a mão para Jonesy, e enquanto o acariciava uma sensação de imenso bem-estar a invadiu. Ela havia se erguido das sombras, e agora que estava em casa – ou perto de casa, se tivesse sido resgatada por uma nave maior –, faria o máximo possível para não pensar mais neles. As lembranças terríveis e pesadas já se acumulavam, mas não passavam disso. Lembranças.

O futuro estava em aberto.

– Eles nos encontraram – sussurrou ela para o gato enquanto o animal ronronava suavemente. Seus braços não pareciam pertencer a ela, mas Ripley sentia o pelo nos dedos e nas palmas. Jonesy se esticou sobre sua dona. Ela se perguntou se gatos podiam ter pesadelos. – Estamos a salvo agora...

Pensou em Amanda, sua filha, e em como ficaria feliz de reencontrá-la. Será que Ripley havia perdido o seu aniversário de 11 anos? Ela sinceramente esperava que não, pois odiava descumprir uma promessa.

Erguendo-se devagar da cama, com o homem a ajudando, ela gemeu enquanto seus nervos ganhavam vida. Era o pior caso de cãibra de todos os tempos, muito pior do que qualquer outro que já tivesse experimentado depois de qualquer hipersono. Ereta, ficou sentada o mais imóvel que podia enquanto a circulação retornava, até que suas terminações nervosas parassem de formigar e finalmente se acalmassem.

E então o homem falou.

– Na verdade... você não está de fato tão segura, para ser honesto.

– O quê?

– Quer dizer, não somos uma nave de resgate. Achávamos que você fosse a nave de resgate quando a vimos pela primeira vez em nossos telescópios. Achávamos que você tivesse respondido ao nosso pedido de socorro. Mas... – Ele parou, e, quando Ripley olhou para cima, viu duas outras figuras atrás dele no interior confinado da nave. Eles estavam recostados na parede, olhando para ela e para a câmara de estase com cautela.

– Você está brincando comigo – disse um deles, uma mulher.

– Cala a boca, Sneddon. – O homem estendeu a mão. – Meu nome é Hoop. Você consegue se levantar?

– Onde estou? – perguntou Ripley.

– Em nenhum lugar onde gostaria de estar, com certeza – disse o homem atrás de Hoop. Ele era muito alto, magro e frágil. – Volte a dormir, senhorita. Bons sonhos.

– Esse é Powell – apresentou Hoop. – Não se preocupe com eles. Vamos levá-la à ala médica agora. Garcia pode lhe dar um banho e fazer alguns exames. Parece que você precisa comer também.

Ripley franziu a testa, e sua boca, na mesma hora, ficou seca de novo. O estômago roncou. Ela se sentia tonta. Agarrou-se à lateral da câmara de estase, e, enquanto tentava mover a perna lentamente para ficar de pé, Hoop segurou seu braço. A mão dele parecia incrivelmente quente, maravilhosamente real. Mas suas palavras ficaram martelando na cabeça dela.

Jonesy se aconchegou ao pé da câmara de estase, como se estivesse ansioso para pegar no sono novamente. *Talvez os gatos saibam mesmo de tudo*, refletiu ela.

– Onde...? – perguntou Ripley novamente, mas então a nave começou a girar, e enquanto ela desmaiava as sombras se fecharam mais uma vez.



Garcia era uma mulher pequena e atraente que tinha o hábito de rir depois de tudo o que dizia. Mas Ripley não achava que isso fosse uma timidez endêmica. A médica parecia nervosa.

– Você está na *Marion* – disse ela. – Um cargueiro de mineração orbital. Trabalhamos para a Companhia de Mineração Kelland. A companhia é propriedade da Prospectia, que por sua vez é uma subárea da Corporação San Rei, que é, como praticamente tudo, propriedade da Weyland-Yutani. – Ela deu de ombros e riu. – Nossa nave foi construída para extrair grandes quantidades de minério, na verdade. Os porões são enormes e há quatro plataformas de reboque extensíveis amontoadas lá nos fundos, sob a sala de máquinas. Nós extraímos trimonita, a substância mais resistente conhecida pelo homem. Ela é quinze vezes mais dura do que o diamante, e extremamente rara. Temos pouco mais de três toneladas a bordo.

– Qual é o problema com a nave? – perguntou Ripley.

Ela ainda estava cansada e se sentia doente, mas estava com a cabeça no lugar outra vez. E sabia que algo ali estava muito errado.

Garcia desviou o olhar, e sua risada foi quase silenciosa.

– Uns probleminhas mecânicos.

Ela estendeu a mão para pegar um pouco mais de gel estéril e começou a esfregá-lo no antebraço de Ripley.

– Estamos indo para casa?

– Casa? – perguntou Garcia.

– O sistema solar. Terra.

A médica pareceu subitamente assustada. Balançou a cabeça.

– Hoop me pediu para cuidar de você, só isso.

Ela prosseguiu no tratamento, tagarelando para disfarçar o nervosismo, falando de futilidades, e Ripley não fez nada para impedi-la. Se Garcia pudesse de algum modo fazer com que ela parasse de se sentir tão péssima, esse era um pequeno preço a se pagar.

Estava na hora de descansar um pouco, talvez, antes que ela descobrisse o que diabo estava acontecendo naquela nave.

– Soro fisiológico – disse Garcia, enquanto pegava uma seringa. – Medicina do velho mundo, mas vai ajudar na reidratação e fazer com que tenha muito mais energia em pouco tempo. Você vai sentir uma picada. – Ela enfiou habilmente a agulha em uma veia do braço de Ripley e colocou um adesivo no lugar. – Recomendo pequenas quantidades de alimento líquido para começar... O seu estômago não tem recebido comida há bastante tempo, e o revestimento interno ficou bastante sensível.

– Por quanto tempo? – perguntou Ripley.

Uma pausa, uma risadinha.

– Sopa. Lachance faz uma sopa ótima, para um cínico desgraçado como ele. Está na cozinha agora. – Ela foi até um armário e trouxe uma bolsa branca. – Separamos algumas roupas para você. Tive que me livrar da sua roupa de baixo.

Ripley levantou o lençol que a cobria e percebeu que estava nua. Teria sido de propósito? Talvez eles não quisessem que ela se levantasse e saísse correndo por aí.

– Obrigada – disse ela. – Vou me vestir agora.

– Ainda não – falou Garcia, largando a bolsa e empurrando-a para debaixo da cama com o pé. – Preciso fazer mais exames. Ainda estou verificando as suas funções hepáticas e renais. Seu pulso parece bom, mas sua capacidade pulmonar parece estar reduzida, provavelmente devido ao fato de você ter mantido um padrão de sono por tanto... – Ela virou-se novamente para a mesa cheia de remédios. – Tenho alguns comprimidos e medicamentos para você tomar.

– Para quê?

- Vão fazê-la se sentir melhor.
- Não estou doente.

Ripley desviou o olhar e passou a reparar em todos os detalhes daquele ambulatório. Era pequeno, com apenas seis camas, e algumas delas só tinham o básico. Mas também havia vários equipamentos de tecnologia de ponta que ela não reconheceu, incluindo uma câmara de suporte vital de tamanho considerável no centro da sala, trazendo um nome familiar na placa de identificação afixada na lateral.

Uma mão fria se fechou em torno do coração de Ripley.

Eu era dispensável, pensou. Ela sentia um misto de orgulho e raiva por ter sido a única sobrevivente.

- Você não disse que vocês eram uma nave da Weyland-Yutani.

– O quê? – Garcia seguiu o olhar de Ripley. – Ah, não somos. Não oficialmente. Como eu lhe disse, a nossa empresa é a Companhia de Mineração Kelland, uma subárea da San Rei. Mas a Weyland-Yutani fabrica um monte de equipamentos utilizados na exploração espacial. É difícil encontrar uma nave sem algo deles. E, para ser honesta, as câmaras médicas são simplesmente as melhores que já vi. Eles sabem fabricar coisas incríveis, uma vez tivemos um minerador com...

- É uma empresa grande?

– A maior – respondeu Garcia. – Praticamente *dona* do espaço. A Weyland-Yutani é dona de várias outras empresas, e a San Rei foi comprada por eles... não sei, doze anos atrás, talvez? Eu estava trabalhando no quartel-general da Kelland em Io na época, não havia tripulado nenhum voo. Isso não mudou muita coisa, mas abriu nossos olhos para as diversas missões que estavam sendo iniciadas. – Ela não parava de falar enquanto preparava medicamentos e contava comprimidos, e Ripley não a interrompeu. – Eles estão investindo em empresas de terraformação agora, sabia? Montam enormes instalações de processamento da atmosfera em planetas adequados, fazem algo com o ar, limpam, tratam, não sei, sou médica, mas isso leva décadas. Depois há a aquisição de materiais, prospecção, mineração. Ouvi dizer que eles construíram naves enormes, com quilômetros de comprimento, capazes de pegar e rebocar pequenos asteroides. Possuem uma grande variedade de estações de pesquisa também. Médicas, científicas, militares. A Weyland-Yutani tem se metido em todos os tipos de empreitada.

Talvez os tempos não tenham mudado tanto, pensou Ripley, e era a medida dos “tempos” que a estava incomodando. Ela se sentou e colocou um pé para fora da cama, empurrando Garcia para o lado.

– Estou me sentindo bem – insistiu ela. O lençol caiu no chão, e Garcia desviou o olhar, envergonhada. Ripley aproveitou a deixa, ficou de pé e se abaixou para pegar a bolsa com as roupas.

– Ah... – disse uma voz.

Ela levantou os olhos. Hoop estava na entrada da ala médica, e ficou observando a sua nudez por alguns segundos a mais do que o aceitável antes de virar o rosto. – Merda, desculpe, achei que você estivesse...

– Segura na cama onde você quer que eu fique? – perguntou Ripley. – Sem fazer perguntas?

– Por favor – disse Hoop, sem se virar.

Ele não chegou a elaborar o pedido, mas Ripley se sentou novamente. Na verdade, ela o fez antes de se abaixar, porque ainda se sentia um lixo. Em seguida, segurou o travesseiro e puxou o lençol até debaixo dos braços.

– Agora você pode olhar – falou ela.

Hoop sorriu e sentou-se ao pé da cama.

– Como está se sentindo?

– Conte o que está acontecendo que eu decido.

Hoop olhou para Garcia, que assentiu.

– Sim, ela está bem – afirmou a doutora.

– Está vendo? – disse Ripley. *Bem*, apesar da sensação angustiante de medo na boca do estômago.

– Ok – disse Hoop. – Então, a questão é a seguinte. Você não foi resgatada. Avistamos a sua nave nos nossos escâneres há pouco mais de quinze horas. Você vinha em aproximação remota.

– Controlada por quem?

Hoop deu de ombros.

– Você estava à deriva, deu uma volta em torno da *Marion* e acabou atracando em uma das pontes de atracação que restavam.

Uma sombra tomou sua expressão.

Isso é outra coisa que preciso perguntar, pensou Ripley, *se ele não contar por vontade própria. A ponte de atracação.*

– A nave tem protocolos de proximidade – disse ela.

– Ela atraca automaticamente?

– Se estiver programada para fazer isso.

– Ok, bem, isso não importa mais. Nossa situação... e agora a sua... é... muito grave. – Ele fez uma pausa, como se quisesse organizar os pensamentos. – Sofremos uma colisão onze semanas atrás. Perdemos boa parte de nosso pessoal.

Isso nos tirou da órbita geoestacionária, e agora estamos em padrão de deterioração. Segundo nossos cálculos, temos menos de quinze dias antes de começarmos a queimar na reentrada atmosférica.

– Na atmosfera do quê?

– LV178. Uma pedra.

– O planeta que estão escavando em busca de trimonita – disse Ripley, e se divertiu com o olhar que Hoop lançou a Garcia. – Está tudo bem, ela não me disse mais nada. Nada importante.

Hoop estendeu as mãos.

– É isso. Nosso sistema de antenas foi danificado, por isso não foi possível enviar quaisquer sinais de socorro de longa distância. Mas depois da colisão enviamos um pedido de ajuda por um transmissor de alta frequência, que ainda está sendo transmitido em loop. Esperamos que ele seja captado por alguém a uma distância que viabilize um salvamento. – Ele franziu a testa. – Você não o ouviu?

– Desculpe – respondeu ela. – Eu estava tirando uma soneca.

– Claro. – Hoop desviou o olhar, esfregando as mãos. Duas outras pessoas entraram na ala médica, ambas esfarrapadas e desgrenhadas. Ela reconheceu Kasyanov, a doutora negra que a havia examinado na primeira vez. Mas o homem ela não conhecia. Forte, com um rosto triste e murcho. Na sua placa de identificação lia-se Baxter. Ele se sentou em outra cama e olhou para ela.

– Oi – disse Ripley.

Ele apenas a cumprimentou com a cabeça.

– Então, o que aconteceu com você? – perguntou Hoop.

Ripley fechou os olhos e uma onda de lembranças a invadiu – o planeta, Kane, o nascimento do alien, o seu rápido crescimento, então o terror e a perda da *Nostromo* antes de escapar na nave auxiliar. O confronto final com o demônio. As memórias a chocaram com sua violência, seu imediatismo. Era como se o passado fosse mais real do que o presente.

– Eu estava em uma nave rebocadora – disse ela. – A equipe morreu em um acidente, o núcleo da nave entrou em colapso. Fui a única sobrevivente.

– *Nostromo* – comentou Hoop.

– Como você sabe?

– Acessei o computador de bordo da sua nave. Lembro-me de ter lido sobre ela quando era criança. Ela foi parar no arquivo de “naves que desapareceram sem deixar rastros”.

Ripley virou-se.

– Por quanto tempo eu fiquei lá fora?

Ripley já sabia que a resposta seria difícil. Já havia notado isso na reação de Garcia, e viu novamente, agora, em Hoop.

– Trinta e sete anos.

Ela olhou para suas mãos, para as agulhas nos antebraços.

Eu não envelheci um único dia, pensou ela. E então se lembrou de Amanda, sua adorável filha que odiara a ideia de ficar longe da mãe, mesmo que fosse por dezessete meses. *Isso vai deixar as coisas mais fáceis para nós quando eu voltar*, dissera-lhe Ripley, enquanto a abraçava com força. *Aqui, olhe*. Ela apontara para a tela do computador de Amanda e clicara no calendário. *O seu aniversário de 11 anos. Volto para a festa, e vou comprar o melhor presente de todos os tempos*.

– Vai contar a ela sobre a *Samson*? – perguntou Baxter.

Ripley olhou ao redor da sala.

– Quem é Samson?

Ninguém respondeu.

Baxter deu de ombros, caminhou até sua cama e pôs um tablet em cima do lençol.

– Tudo bem – disse ele. – De qualquer maneira, vai ser mais fácil mostrar. – Ele clicou em um ícone. – A *Samson* está trancada na ponte de atracação que nos restou. Está assim há setenta e sete dias. A nave está isolada. Essas criaturas estão lá dentro, e também são o motivo de estarmos fodidos.

Ele tocou na tela.

Naquele momento, Ripley duvidou de tudo. O fato de ela estar acordada. E de estar lá, sentindo os lençóis na pele, as agulhas espetadas nos braços. Ela duvidou da ideia de que havia sobrevivido e esperava que aquilo fosse simplesmente um pesadelo antes da morte.

– Não – sussurrou ela, e a atmosfera no recinto mudou instantaneamente.

Ela começou a tremer. Quando piscou, seus sonhos estavam por perto novamente, os monstros sombrios do tamanho de estrelas. *Então, foi apenas um sonho?*, perguntou-se. *Um pesadelo?* Olhou para aquelas pessoas desconhecidas e, enquanto o pânico se instalava, se perguntou de onde elas poderiam ter vindo.

– Não – exclamou ela, com a garganta seca queimando. – De novo, não!

Kasyanov gritou alguma coisa, Garcia a segurou, e Ripley sentiu outra dor aguda na mão.

Mas mesmo enquanto tudo desaparecia, não havia como encontrar a paz.



– Ela sabe o que são aquelas coisas – disse Hoop.

Estavam de volta à ponte. Kasyanov e Garcia haviam permanecido na ala médica para manter Ripley sob observação, com ordens para chamá-lo de volta no momento em que ela acordasse. Hoop queria estar lá à sua disposição. Ela havia sofrido uma grande provação, e agora havia acabado de acordar em uma situação pior.

Além disso, talvez ela pudesse ajudar.

– Talvez ela saiba como matá-las – disse Baxter.

– Talvez sim... – repetiu Hoop. – Talvez não. No mínimo, ela sabe o que são.

Ele se voltou para o monitor. Mostrava a última imagem capturada pela câmera interna da *Samson*. Eles perderam contato com a nave fazia trinta dias.

Jones já morrera havia um bom tempo a essa altura. As coisas o haviam arrastado para o compartimento de passageiros e o matado. Elas tinham crescido até assumir formas escuras e sombrias que ninguém conseguia distinguir. Do tamanho de uma pessoa, talvez ainda maiores, as quatro formas permaneciam quase imóveis. O que fazia com que ficasse ainda mais difícil vê-las naquele cenário mal iluminado.

Baxter passou para outra tela e viu a Baía Três por todos os ângulos – imagens que todos eles conheciam muito bem. As três câmeras que Welford e Powell haviam instalado mostravam os mesmos ângulos de sempre – nenhum movimento, nenhum sinal de perturbação. As portas permaneciam bloqueadas e sólidas. Os microfones não captavam som algum. Havia perdido a visão do interior da *Samson*, mas, pelo menos, ainda podiam ficar de vigília.

E se essas coisas irrompessem pelas portas e saíssem do nível de atracação? Eles tinham um plano. Mas ninguém tinha muita fé nele.

– Vou ver como Powell e Welford estão se saindo – disse Hoop. – Grite se tiver notícias da ala médica.

– Por que você acha que ela veio para cá? – perguntou Baxter.

– Acho que nem ela sabe.

Hoop pendurou o maçarico de plasma que vinha carregando no ombro e deixou a ponte.

O maçarico era uma versão portátil e pequena, utilizada nas minas para derreter e endurecer depósitos de areia. As maiores ficavam no planeta e estavam dispostas em trilhos, sendo utilizadas para criar as paredes sólidas dos novos poços de mineração – explodir a areia, derretê-la e endurecê-la novamente para obter lajes com 25 centímetros de espessura. Os maçaricos menores poderiam ser empunhados por um minerador para consertar rupturas.

Ou, pensou Hoop, para afastar visitantes indesejados.

Ele não sabia se funcionaria, e tinha visto os efeitos quando um fora usado na *Delilah*. Mas, na amplitude da *Marion*, se uma dessas criaturas viesse em sua direção, ele estaria pronto.

Sneddon estava no laboratório de ciências. Ela passava bastante tempo por lá agora, e às vezes, quando Hoop lhe fazia uma visita, ele se sentia um intruso. Ela sempre fora uma mulher reservada, além de atraente, e muitas vezes Hoop gostava de conversar com ela sobre os aspectos científicos do que faziam ali. Ela trabalhou durante um tempo para a Weyland-Yutani em uma de suas bases de pesquisa que orbitava Próxima Centauri. Embora não trabalhasse mais para eles diretamente, a empresa ainda financiava oficiais de ciências em muitas naves, e em qualquer subárea que os quisesse. Os financiamentos eram muito generosos, e não costumavam poupar recursos para bancar uma missão.

Ele gostava de Sneddon. Gostava da sua dedicação e do seu aparente amor pelo trabalho. “Lá fora é um playground infinito e maravilhoso”, dissera ela certa vez quando ele lhe perguntara o que esperava encontrar. “Tudo é possível.”

Agora, a imaginação infantil de Sneddon havia levado um golpe.

Ao mesmo tempo, os sonhos de criança de Hoop haviam encontrado a realidade.

Quando ele chegou ao laboratório, Sneddon estava sentada em um banco na grande ilha central. Havia um par de tablets e uma caneca fumegante de café à sua frente. Ela estava com os cotovelos apoiados no balcão, cobrindo o rosto com as mãos.

– Oi – cumprimentou Hoop.

Ela olhou para cima, assustada.

– Ah. Não ouvi você entrar.

– Tudo bem?

Sneddon sorriu de leve.

– Tirando o fato de estarmos afundando numa lenta espiral para as nossas mortes, prestes a nos chocarmos contra um planeta infernal, estéril e cheio de areia? Sim, tudo ótimo.

Ele sorriu com ironia.

– Então, o que você acha de Ripley?

– É óbvio que ela já viu essas criaturas antes – respondeu Sneddon, franzindo a testa. – Onde, como, quando e por quê, não tenho a menor ideia. Mas gostaria de falar com ela.

– Se você acha que vai ajudar.

– Ajudar? – perguntou Sneddon, confusa.

– Você sabe o que quero dizer – respondeu Hoop.

Delicadamente, ele colocou o maçarico de plasma no banco.

– Bem, tenho pensado nisso – disse ela, sorrindo. – Sei que você está no comando, e com certeza sei no que tem pensado nos últimos dias.

– Ah, é? – perguntou Hoop, encantado. Gostava de vê-la sorrindo. Não andava vendo muitos sorrisos ultimamente.

– Módulos de fuga – disse Sneddon. – Talvez tentar ajustar os computadores de navegação das naves, para que elas aterrissem a uma curta distância uma da outra e da mina.

Hoop tamborilou no banco.

– Se chegarmos juntos, haverá comida e suprimentos suficientes por uns dois anos.

– Aquelas coisas também estarão lá.

– Um homem prevenido vale por dois – afirmou Hoop.

– Com isso aqui? – perguntou Sneddon, cutucando o maçarico de plasma. Seu riso amargo tirou o sorriso que tinha no rosto.

– Talvez não tenha mais criatura nenhuma lá embaixo, no fim das contas. Pode ser que todas tenham embarcado na *Delilah*.

– Ou pode haver uma dúzia ou mais. – Sneddon se levantou e começou a andar pelo laboratório. – Pense nisso. Elas estavam incubadas nos mineradores. Vimos isso. Elas... saíram de dentro deles. Talvez implantadas por aquelas coisas presas nos rostos. Não sei. Mas, se esse for o caso, temos que supor que qualquer um que tenha sido deixado para trás está infectado.

– Dezesseis na *Delilah*. Seis na *Samson*.

Sneddon assentiu.

– Então há dezoito na mina – completou Hoop.

– Se chegar a esse ponto, prefiro derrubar a *Marion* – retrucou Sneddon. – Mas não precisamos pensar nisso agora.

– Você sabe algo que eu não sei?

– Não, mas talvez eu esteja analisando a situação de uma forma diferente.

Hoop franziu a testa e levantou as mãos, um pouco perdido.

– Como?

– A nave dela. É daquelas que percorrem o espaço sideral! É usada para transportar passageiros por distâncias curtas ou como bote salva-vidas por longos períodos.

– E uma câmara de estase para nós nove.

– Não importa – afirmou Sneddon. – Olhe.

Ela passou um dos tablets para Hoop. No começo, ele não entendeu bem o que

estava vendo. Era uma imagem antiga de um barco salva-vidas. Perdido no meio do mar na Terra, abarrotado de pessoas, com uma vela feita de camisas e remos quebrados, cheio de sobreviventes maltratados pendurados no bote, comendo peixes ou espremendo água potável de coletores de umidade colocados às pressas nos mastros.

– Hoje, finja que sou burro – disse Hoop. – Estou no comando, sim. Mas finja que sou burro. Então, explique.

– Uma câmara de estase para nós nove – repetiu Sneddon. – Temos que equipar a nave com o máximo de suprimentos que pudermos. Programar uma rota para a Terra, ou pelo menos até o sistema solar. Disparar os motores até o combustível acabar e viajar o mais rápido que pudermos. Próximos à velocidade da luz. E depois... nos revezarmos na câmara de estase.

– Nos revezarmos? – espantou-se Hoop. – Ela ficou à deriva durante trinta e sete anos!

– Sim, mas há algo muito errado nisso. Eu ainda não chequei, mas o computador da nave deve ter dado algum defeito.

– Não havia nenhuma indicação disso quando verifiquei o registro.

– Você não está pensando nisso a fundo, Hoop. A questão é que podemos *sobreviver* assim. Seis meses de cada vez, um de nós em estase, os outros oito... sobrevivendo.

– Seis meses em um espaço confinado? Aquela nave foi projetada para cinco pessoas, no máximo, e para viagens curtas. Oito de nós? Vamos acabar matando uns aos outros. – Ele balançou a cabeça. – E quanto tempo você acha que isso vai levar?

Sneddon ergueu uma sobrancelha.

– Bem... anos.

– Anos?

– Talvez três até alcançarmos o sistema solar, e então...

– É impossível! – disse ele.

Sneddon tocou na tela do tablet novamente enquanto Hoop observava. Ela certamente havia feito a lição de casa. Exemplos se sucediam e desapareciam na tela – botes salva-vidas perdidos no mar, módulos orbitais danificados, salvamentos milagrosos pontilhando a história dos desastres espaciais. Nenhum dos prazos se adequava aos casos que Sneddon estava descrevendo, mas cada história era um testemunho da vontade de pessoas desesperadas para sobreviver, qualquer que fosse a situação.

No entanto, eram todas manobras inúteis.

– Precisariamos verificar os sistemas da nave – afirmou ele. – Célula de

combustível, suporte vital.

– Que bom que você é o engenheiro-chefe, não é?

Hoop riu.

– Você está falando sério.

– Estou.

Ele a encarou por um tempo, tentando negar a ponta de esperança que ela havia despertado nele. Hoop não podia se dar ao luxo de mergulhar nesse sentimento.

– O resgate não está a caminho, Hoop – afirmou ela. – Não a tempo.

– Sim – disse ele. – Eu sei.

– Então você vai...

– Hoop! – A voz de Kasyanov irrompeu pelo comunicador. – Ripley está agitada. Eu posso sedá-la, mas realmente não queria entupi-la de drogas.

Hoop correu até o botão do intercomunicador.

– Não faça isso. Ela já dormiu bastante. Vou descer. – Ele sorriu para Sneddon, e depois assentiu. – Vou falar com Ripley e pegar os códigos de acesso.

Assim que ele deixou o laboratório de ciências e se dirigiu para a ala médica, os corredores da nave pareceram mais leves do que nunca.

Ela não só estava a anos-luz de casa, mas havia atracado a uma nave danificada em órbita descendente ao redor de um planeta miserável, perto de uma dropship cheia dos monstros que assombravam seus pesadelos.

Ripley poderia ter rido da ironia.

Tivera sucesso em se livrar da ideia de que tudo não passava de um sonho ou um pesadelo – levava tempo, e não fora fácil convencer a si mesma –, mas a explicação ainda lhe escapava.

Como era possível?

Talvez as respostas estivessem na nave auxiliar.

– Sério, estou pronta para andar – disse ela.

Kasyanov, uma mulher alta e atlética que obviamente gostava de se cuidar, lançou-lhe um olhar reprovador, mas Ripley percebeu que a médica tinha um respeito relutante pela teimosia da paciente.

– Você ficou sem andar por trinta e sete anos – protestou Kasyanov.

– Obrigada por me lembrar. Mas, no que diz respeito ao meu corpo, isso foi ontem.

Já estava de pé e vestida quando Kasyanov e Garcia voltaram à ala médica. Estava determinada a provar a elas que era capaz. E ficara satisfeita em notar como se sentia bem. O efeito do sedativo ainda não havia passado, mas mesmo assim Ripley começava a se sentir normal outra vez. O que quer que Garcia tivesse feito – o soro fisiológico, os outros medicamentos – estava funcionando.

– Pacientes – reclamou a médica, revirando os olhos.

– É, ninguém quer ser um, certo?

Ripley se levantou da cama e, enquanto experimentava as botas que haviam separado para ela, Hoop entrou.

– Ah, você já está vestida. – Ele fingiu estar desapontado e completou: – Parece estar ótima!

Ripley o encarou e ergueu uma sobrancelha.

– Tenho o dobro da sua idade.

– Também já fiz umas viagens bem longas, sabe? – respondeu ele, sem vacilar. – Talvez um dia a gente possa tomar uns drinques e comparar as sonecas.
– Hoop sorriu, mas talvez estivesse falando um pouco a sério.

Apesar de tudo, Ripley riu. Então, lembrou. A imagem nunca se afastava por muito tempo, mas, por alguns segundos aqui e ali, ela conseguia esquecer. Uma risada, um sorriso, um comentário amigável escondiam as lembranças embaixo das coisas banais.

– Eu gostaria de dar uma olhada na *Narcissus* – afirmou Hoop.

– Eu também.

– Já não passou tempo suficiente lá dentro?

De pé, Ripley se espreguiçou. Era alta, esbelta, e gostou de sentir os músculos recuperando a flexibilidade. As dores e irritações significavam que estava desperta e móvel.

– Tenho umas perguntas para o computador de bordo – respondeu ela. – Como “por que diabos você me trouxe para este fim de mundo?”.

– Obrigado – disse Hoop.

– De nada.

Ripley viu as médicas se entreolharem, mas não entendeu por quê. Ainda não havia decifrado a dinâmica da equipe. Kasyanov, como médica-chefe, estava claramente no comando da ala médica. Mas também parecia nervosa, amedrontada. Garcia demonstrava estar mais à vontade.

– Vamos – chamou Hoop. – Eu acompanho você até o nível de atracação.

Deixaram a ala médica juntos, e Hoop a guiou em silêncio. *Esperando minhas perguntas*, pensou Ripley. Eram muitas. Mas tinha medo de que, quando começasse a fazê-las, nenhuma das respostas a contentasse, e nada que ele dissesse fosse satisfatório.

– Você disse que não sabe por que sua nave atracou na nossa? – perguntou Hoop, por fim.

– Eu estava dormindo quando a nave auxiliar atracou, você sabe disso. – Algo incomodava Ripley, permeando sua consciência como uma lembrança que tentava entrar à força. Uma suspeita. Uma explicação. Mas sua mente ainda não se recuperara por completo do hipersono, e ela achava que não gostaria do que ela tinha a dizer. – O que é isso? – perguntou, indicando o objeto pesado pendurado no ombro de Hoop. Parecia uma arma atarracada em forma de caixa.

– Maçarico de plasma – respondeu ele. – Caso as criaturas se libertem.

Ripley riu. A gargalhada irrompeu com ímpeto, como se estivesse vomitando a descrença, e ela não conseguia parar. Seus olhos arderam. Lágrimas escorreram

pelo rosto. Pensou em Hoop tentando queimar um alien com sua arma-caixa e a risada se tornou histérica. Entre as respirações, era como se ela estivesse tomando fôlego para começar a gritar, e, quando sentiu as mãos de Hoop em seus ombros, avançou nele, vendo apenas uma sombra através da visão distorcida pelas lágrimas – braços longos, extremidades afiadas.

Viu um alien se aproximando e a agarrando, a cabeça longa e curva se erguendo, a boca exibindo os dentes prateados e letais que esmagariam sua cabeça e a livrariam, finalmente, dos pesadelos.

– Ripley! – gritou Hoop.

Ela sabia quem ele era, onde estava, mas os tremores haviam se instalado. Tentou acreditar que eram fisiológicos, mas sabia a verdade. Estava apavorada. Completamente aterrorizada.

– Isso? – disse ela, sem fôlego, indicando o maçarico de plasma. – Você acha mesmo...? Você já viu um deles de perto?

– Não – respondeu ele num sussurro. – Nenhum de nós viu.

– Não, é claro que não – retrucou ela. – Vocês ainda estão vivos.

As mãos a apertaram com mais força, e Ripley se inclinou para perto dele. Para a própria surpresa, aceitou o abraço do homem, seu cheiro, a sensação da barba áspera no seu pescoço, roçando na bochecha. O contato lhe trouxe imenso conforto, e ela pensou em Dallas.

– Mas você viu – afirmou ele.

Ripley se lembrava do momento na nave auxiliar, pouco depois que a *Nostromo* fora aniquilada numa explosão nuclear e ela tinha acreditado que tudo acabara. O alien, lento e preguiçoso por razões que ela não compreendia, mas pelas quais dava graças. *Será que é porque acabou de se alimentar?*, havia pensado na hora, lembrando-se de Parker e Lambert. *Será que é porque acha que está seguro?*

Ela assentiu junto ao ombro dele.

– Onde? – perguntou Hoop em voz baixa mas urgente. – Quando?

– Não posso responder agora – sussurrou ela. – Eu... não entendo. Mas logo vou entender. – Ela se afastou dele, esfregando os olhos com raiva. Parecer fraca na frente dele não a incomodava; o que a incomodava mesmo era *sentir-se* fraca. Ela havia acabado com aquela criatura, mandara-a pelo espaço, e não deveria mais ter medo. – A nave. As respostas estão lá.

– Tudo bem – respondeu Hoop.

Ele olhou para o maçarico de plasma e estava prestes a soltá-lo.

– Não – pediu Ripley, tocando a mão dele que estava no cano do objeto. – *Talvez* ajude.

Hoop concordou, franzindo a testa. *Ele também já viu alguma coisa*, pensou ela. Talvez depois que descobrisse exatamente por que estava ali, os dois pudessem mesmo conversar.

– Certo – concordou ele. – Além disso, vamos precisar passar perto da dropship atracada.

– Mas tudo está lacrado – argumentou Ripley. – Não está?

– Estamos monitorando tudo – explicou Hoop, assentindo. – A imagem que mostramos a você é a última que tivemos de dentro da *Samson*. Mas é seguro.

– Seguro – repetiu Ripley, como se experimentando a palavra. Parecia totalmente deslocada nesta nave agonizante.

Hoop seguiu na frente e, no final do corredor, eles viraram à direita. Ele indicou, à esquerda, que uma porta pesada havia sido soldada com um selo de dri-metal.

– A *Delilah* colidiu com a nossa nave neste ponto, destruindo as Baías Um e Dois. Tivemos sorte, porque a célula de combustível não se rompeu, mas tivemos que separá-la da nave depois. Ficou enganchada na superestrutura arruinada, segurando um monte de outras partes estragadas da nave. Eu, Welford e Powell fomos lá fora e ficamos três horas trabalhando com maçaricos de corte. Jogamos tudo fora. Quando voltamos para dentro, passamos uma hora olhando tudo flutuar para longe.

– E este lado? – perguntou Ripley, apontando para a direita. Continuaram andando, e ela viu Hoop segurar o maçarico de plasma com mais força.

– A Baía Três é por aqui – disse ele, apontando para uma porta. O painel de controle havia sido removido e fios e conectores pendiam, soltos.

– O que aconteceu aí? – perguntou Ripley.

– Não tem como abrir sem consertar os controles.

– Ou derrubar a porta.

– Isso aí são seis polegadas de aço com polímero embutido e camada tripla – afirmou Hoop. – E tem mais três portas e uma câmara de pressurização entre este corredor e a *Samson*.

Ripley só assentiu. Mas a palavra “seguro” ainda lhe escapava.

– Vamos – chamou Hoop. – Sua nave está por aqui.

Ela ficou surpresa com o conforto que sentiu ao passar pela porta aberta da câmara de pressurização da Baía Quatro e entrar na *Narcissus*. Não tinha boas memórias da nave – só se lembrava do alien e do terror que sentiu ao achar que ele a pegaria também. Mas Jonesy estava lá, aninhado na câmara de estase aberta, como se ainda estivesse imerso no hipersono. Ela também foi acometida por memórias da *Nostromo* e de sua tripulação. Morta havia quase quatro

décadas, agora, mas para Ripley tinha sido ontem.

Parker, trucidado no chão. Lambert, pendurada onde o alien a havia jogado depois de abrir um buraco no rosto dela. Todo aquele sangue.

– Você está bem? – perguntou Hoop.

Ela confirmou. Então, andou pela pequena nave e se sentou na cadeira do piloto. Percebeu Hoop passeando lentamente pela nave enquanto ela digitava no teclado e iniciava o computador. Mãe se fora, mas os computadores da *Narcissus* ainda tinham uma interface de design semelhante, projetada para que o usuário tivesse a sensação de estar conversando com um amigo. Com tecnologias capazes de construir um androide como Ash, Ripley sempre achara estranho dar a um computador sem rosto uma voz humana.

Ela entrou com seu código de acesso. *Bom dia, Narcissus*, digitou. A resposta apareceu na tela.

BOM DIA, SUBTENENTE RIPLEY.

Solicito o motivo para a mudança de rota da Narcissus.

INFORMAÇÃO CONFIDENCIAL.

– Hum... – disse Ripley.

– Tudo bem aí? – perguntou Hoop.

Ele estava examinando a câmara de estase na qual ela passara tanto tempo, acariciando Jonesy, que ia para a frente e para trás, sinuoso, as costas arqueadas, a cauda ereta. Ele podia muito bem ser o gato mais velho da galáxia.

– Sim – respondeu ela.

Hoop assentiu, olhou de relance para a tela do computador e depois começou a vasculhar o restante da nave.

Solicito registros de sinais recebidos nos últimos mil dias.

Ripley esperava uma lista de informações chegando em cascata – o espaço estava cheio de comunicações irradiadas, e a maior parte dos computadores de bordo as registrava e descartava se não fossem relevantes.

ESSA INFORMAÇÃO TAMBÉM É CONFIDENCIAL.

Solicito repetição do sinal de socorro emitido pela Nave Orbital de Mineração do Espaço Profundo Marion.

ESSA INFORMAÇÃO TAMBÉM É CONFIDENCIAL.

– Obrigada e vá à merda – resmungou Ripley enquanto digitava: *Por causa da Ordem Especial 937?*

ESSA REFERÊNCIA NÃO EXISTE.

Comando de Substituição de Emergência 100375.

LAMENTO, MAS ESSE CÓDIGO DE SUBSTITUIÇÃO NÃO É MAIS VÁLIDO.

Ripley franziu a testa. Batucou a lateral do teclado. Fitou as palavras na tela. Nem mesmo Mãe havia se comunicado em um tom tão informal.

E aquele era só o computador da nave auxiliar. Esquisito.

Solicito dados dos tempos e distâncias percorridos desde a explosão da Nostromo.

ESSES DADOS NÃO ESTÃO DISPONÍVEIS.

Não estão disponíveis ou são confidenciais?

O computador não respondeu.

Não era possível uma máquina ser tão evasiva. Não por conta própria. Era um sistema funcional, não uma inteligência artificial como Mãe. E Mãe já era.

A única outra pessoa que tivera acesso a Mãe fora Dallas. Dallas e... depois que Dallas fora pego e ela interrogara Mãe pessoalmente, lembrou-se do choque ao notar aquela outra presença na sala com ela.

Vá se danar, Ash, digitou Ripley.

O cursor piscou.

Mas o computador não respondeu. Nem mesmo com “essa referência não existe”.

Ripley arfou. Desligou a máquina, e o texto na tela desvaneceu até um brilho suave de fundo. Ainda assim, sentia como se estivesse sendo observada. O silêncio arrogante do computador pareceu ressoar no interior do módulo, quase zombando dela.

– O que tinha no seu pedido de socorro? – perguntou Ripley, abruptamente.

Hoop estava parado na traseira da nave, examinando os trajes espaciais

pendurados no armário dos fundos.

– Hã?

– O pedido de socorro que você enviou depois da colisão! – exclamou Ripley.

– Você mencionou aquelas coisas? As criaturas? Contou como elas eram? O que fizeram?

– Eu... sim, acho que sim.

– Você *acha*?

– Isso foi há mais de dez semanas, Ripley. Gravei a mensagem horas depois de ter visto vários amigos meus morrerem...

– Quero ouvir.

– O que houve?

Ela se levantou e se afastou da interface. Era tolice – não havia câmeras ali –, mas sentia-se observada. Tirou a jaqueta e a jogou por cima da tela.

– O alien na minha nave não foi um acidente – disse. – E acho que eu ter vindo parar aqui também não foi. Mas preciso ter certeza. Preciso ouvir a mensagem.

Hoop assentiu e veio em sua direção.

– Consigo resgatá-la daqui – informou ele, indicando o teclado sob a jaqueta.

– Consegue?

– Sou o engenheiro-chefe desta excursão, e isso também inclui todos os sistemas de informática.

Ripley deu um passo para o lado e observou Hoop tirar a jaqueta da frente da tela, sentar e trabalhar na interface. As palavras que ela viu na tela e a interação pareceram bastante inocentes.

Hoop deu uma risadinha.

– Que foi?

– Os sistemas. São bem velhos. Eu tinha um computador mais potente que este para jogar games de realidade virtual quando era criança.

– Não está vendo nada de estranho no computador?

– Estranho? – Ele não olhou para ela, e Ripley não elaborou a pergunta. – Aqui estamos – informou. – Eu me conectei ao computador da *Marion*, e aqui está a mensagem. Está em loop.

Ele percorreu o painel de controle com o olhar, e Ripley se aproximou e ligou o alto-falante.

A voz de Hoop surgiu. Tinha um toque de nervosismo; o medo era palpável.

– ... órbita descendente. A segunda dropship, *Samson*, está atracada e isolada, espero que aquelas criaturas lá dentro estejam contidas. Elas... puseram ovos ou

filhotes dentro dos mineradores, e eles explodiram do peito deles. Não fomos contaminados, repito, *não* fomos contaminados. Estimamos noventa dias até chegarmos à atmosfera do LV178. Todos os canais estão abertos, por favor, respondam. Fim da transmissão. Esta é a *NOMEP Marion*, da Companhia de Mineração Kelland, número de registro HGY-64678, solicitando socorro imediato. Tripulação e equipes de mineração reduzidas a oito sobreviventes. Os mineradores descobriram algo na superfície do planeta LV178 e foram atacados, a dropship *Delilah* colidiu com a *Marion*. Muitos sistemas danificados, ambiente estável, mas agora estamos em órbita descendente. A segunda dropship, *Samson*, está atracada e isolada...

Hoop apertou um botão no teclado para desligar o som, depois olhou para Ripley.

– Ash – murmurou ela.

– O que é Ash?

– Um androide. Da Weyland-Yutani. A tarefa dele era encontrar qualquer forma de vida alienígena que pudesse ser do interesse da companhia. Suas ordens... a tripulação era descartável. A minha tripulação. Eu. – Ela fitou o computador novamente até Hoop cobri-lo de novo com a jaqueta. – Ele já era, mas deve ter transferido parte da sua programação de inteligência artificial para a *Narcissus*. Ele está aqui. Está *aqui* agora, e me trouxe até vocês por causa daqueles aliens.

– Não sei se é possível que uma inteligência artificial consiga...

– Eu deveria ter ficado em casa – afirmou Ripley, pensando em Amanda e em seus olhos tristes, marejados, vendo a mãe partir. Ela se odiava por isso. Mesmo se tivesse voltado para casa e ficado com a filha no aniversário de 11 anos, e nada do que havia acontecido fosse culpa sua, Ripley se odiaria. – Eu nunca deveria ter ido embora.

– Bom, talvez alguma coisa boa possa vir disso – comentou Hoop.

– Boa?

– Sua nave. Sneddon e eu achamos que podemos escapar nela, todos nós. E isso deixaria a *Marion* e aqueles desgraçados na *Samson* aqui, para queimar na atmosfera do planeta.

Ripley sabia que, em qualquer viagem longa, a nave auxiliar era adequada para uma só pessoa, com uma única câmara de estase. Mas não se importava. Se pudesse se afastar daqueles aliens – e, com isso, negar a Ash o cumprimento de sua Ordem Especial –, já estava bom para ela.

– Talvez – respondeu ela. – Vou checar os sistemas.

– Você não está mais sozinha, Ripley – disse Hoop.

Ela piscou rápido e agradeceu com um aceno de cabeça. De alguma forma, ele parecia saber exatamente o que dizer.

– Você fica um pouco aqui comigo? – perguntou ela.

Ele fingiu surpresa.

– Tem café?

– Não.

– Então meu tempo aqui é limitado.

Ele se afastou do painel de controle e começou a olhar de novo o interior da nave. Era estreito, apertado e muito, muito pequeno.

Ignorando o computador, Ripley iniciou o processamento manual do sistema de informação.

Levou só três minutos para perceber como estavam todos ferrados.

5

NARCISSUS

Hoop já havia trabalhado com andróides. Nas minas profundas dos asteroides Escarpas de Wilson, eles eram normalmente os primeiros a entrar e os últimos a sair. Eram perfeitamente sensatos, dóceis, quietos, honestos e fortes. Seguros. Hoop não chegaria a afirmar que gostava deles, não exatamente, mas nunca haviam se mostrado perigosos ou intimidadores. Nunca foram ardilosos. Às vezes, ele ouvia falar de mau funcionamento em alguns dos primeiros andróides militares, e havia relatos não confirmados – não passavam de boatos, na verdade – de que, como resultado, o exército sofrera perdas humanas. Mas eles eram um tipo diferente de andróide, projetado para ser forte, só que com data de validade predeterminada. Eram fáceis de notar. Os projetistas não haviam se preocupado muito com a estética.

Devia ser esse o caso na *Nostromo*. E agora, presumindo que Ripley tivesse razão, a inteligência artificial, de alguma forma, havia seguido ela, e ainda estava tentando usá-la para cumprir sua missão. Enquanto a tripulação discutia as opções, Ripley parecia infeliz – absorvendo a conversa, olhando para cada membro da equipe que expressava uma opinião e, mesmo assim, permanecendo em silêncio. Fumava um cigarro atrás do outro e bebia café. *Deve achar que ainda está sonhando*, ponderou ele, *consumida por pesadelos*. E de tempos em tempos ela o olhava como se verificando se ele estava prestando atenção, pois tinham descoberto que estavam muito mais ferrados do que qualquer um havia imaginado.

O plano que lentamente formavam, por mais louco que fosse, parecia a única saída. Era uma última chance, e não tinham opção senão agarrá-la.

– Tem certeza sobre o prazo? – perguntou Powell. – Faltam só uns dias até a gente começar a entrar na atmosfera?

– Toda a certeza do mundo – respondeu Lachance.

– Pensei que ainda tivéssemos algumas *semanas* – contrapôs Kasyanov, a voz estridente de medo.

– Desculpe. Perdi minha bola de cristal na colisão.

Lachance descansava na poltrona do piloto, virado para encarar os outros, espalhados pela ponte de comando, sentados em poltronas ou de pé, apoiados em painéis de equipamentos. Era a primeira vez que Ripley estava com todos os oito juntos, mas Hoop não sentia nenhum nervosismo vindo dela. Provavelmente, estava distraída demais para isso.

– E não há nada que vocês possam fazer? – perguntou a médica, olhando para Powell, Welford e Hoop. O engenheiro-chefe não gostou da acusação no olhar dela, como se já não tivessem feito tudo o que podiam. – Quero dizer, vocês são engenheiros.

– Kasyanov, acho que já fui bem claro – afirmou Lachance. – Nosso controle de altitude está danificado demais para ser consertado, e a capacidade de retroceder caiu para trinta por cento. Várias portas de contenção estão rachadas e, se tomarmos impulso, há uma grande chance de a gente simplesmente fritar com a radiação. – Ele fez uma breve pausa. – Mas *ainda* temos café. É um ponto positivo.

– Como podemos saber se isso é verdade? – insistiu Kasyanov. – Estamos ficando desesperados. Deveríamos sair e dar mais uma olhada no estrago.

– Porque sou o melhor piloto que já trabalhou para a Kelland – respondeu Lachance. – E o fato de Hoop, Welford e Powell terem nos mantido vivos por todo esse tempo é um milagre, porra! Fecharam todas as brechas no casco, repressurizando seções ventiladas da nave. É *por isso* que você sabe que é verdade.

Kasyanov começou a dizer mais alguma coisa, mas Garcia pôs a mão no braço dela. Para Hoop, ela nem precisou apertar o braço do colega, só o contato bastou para silenciar a médica.

– Por mais que a gente não queira que isso seja verdade, é – disse Hoop. – E não temos tempo a perder. Temos o esboço de um plano, mas não vai ser fácil.

– Quem “temos”? – perguntou Kasyanov.

– Eu, Sneddon e Ripley.

– Ripley? A estranha que acabou de acordar de uma soneca de meio século? O que *ela* tem a ver com isso?

Ripley olhou de soslaio para Kasyanov, depois desviou o olhar, mirando o copo de café em sua mão. Hoop esperou que ela se defendesse, mas a mulher continuou em silêncio.

– Isso não é uma conspiração, Kasyanov – disse ele. – Escute.

A médica inspirou profundamente e pareceu estufar o peito, pronta para dizer mais, desafiá-lo. Mas, então, concordou.

– Desculpe, Hoop... Desculpem, todos vocês. Estou só estressada.

Ela e Ripley trocaram sorrisos leves.

– Todos nós estamos – respondeu Hoop. – Estamos há mais de setenta dias esperando algum sinal de que nosso pedido de socorro foi recebido, entendido e passado adiante, e que alguém esteja vindo nos buscar. Talvez a frequência tenha sido prejudicada e a mensagem pareça só um chiado. Ou talvez alguém tenha nos ouvido, mas estejamos longe demais e seja caro demais organizar um resgate.

– Ou talvez ainda não tenha dado tempo – sugeriu Baxter. – Mudar de direção, planejar uma rota, estimar as necessidades de combustível. Qualquer um que tenha captado o sinal terá muita coisa a fazer antes de chegar aqui.

– Certo – concordou Hoop. – Então, nosso tempo está acabando e agora temos que nos virar. Mais do que nunca. O momento de fazer uns consertos e esperar acabou.

– Usaremos os módulos de fuga? – perguntou Powell.

– Já falamos sobre isso – respondeu Lachance, descartando a sugestão com um gesto de desdém.

– É – confirmou Sneddon. – Isso seria apenas adiar o inevitável. Estamos à deriva agora, e mesmo que pudéssemos dar um jeito de direcionar os módulos de forma mais precisa, para aterrissar o mais perto possível da mina, ainda poderíamos cair a quilômetros de distância. Ficaríamos espalhados, sozinhos e vulneráveis.

– A *Samson*, então.

Baxter já havia mencionado essa ideia, apresentando-a como a única opção viável, se os módulos individuais de fuga não funcionassem. Poderiam abrir as portas, matar os aliens e então afastar a *Samson* do planeta LV178. Mas ela era uma dropship, construída para viagens de curta distância de um planeta a uma nave, e vice-versa. Não estava equipada para viagens no espaço profundo. Não tinha câmaras de estase nem sistemas de reciclagem atmosférica. Era inútil.

– A gente acabaria morrendo de fome, sufocados ou matando uns aos outros – declarou Lachance, encarando Baxter com o rosto impassível. – Eu mataria você primeiro, sabe?

– Quero só ver – resmungou Baxter.

– Claro, a *Samson* – disse Powell. – E quem vai estar parado na frente daquelas portas quando forem abertas? Não sabemos o que aquelas coisas estão fazendo lá dentro.

– Escapar na *Samson* não é uma possibilidade – concluiu Hoop. – Mas isso não quer dizer que não precisem dela. Ripley?

Ela pareceu insegura, mas ficou de pé, apagou o cigarro e acendeu outro.

– A ideia foi de Hoop e Sneddon – começou ela, dando a primeira tragada. – Talvez funcione. A *Narcissus* foi construída para ser uma nave salva-vidas e para viajar no espaço profundo. Tem sistemas atmosféricos e a capacidade de reciclar dióxido de carbono.

– Mas para nove pessoas?

– Vamos nos revezar na câmara de estase – explicou Ripley. – Mas isso é botar o carro na frente dos bois. Temos outro problema.

– Claro que sim – disse Powell. – Por que deveria ser fácil?

– Qual é o problema? – perguntou Lachance.

– A célula de combustível da nave está degradada – contou Ripley. – Resta menos de dez por cento do total, o que não funcionaria de jeito nenhum.

– É o bastante para nos tirar da *Marion*, com certeza – afirmou Kasyanov.

– Eu fiz as contas – informou Hoop. – Lachance, Sneddon, gostaria que vocês verificassem meus cálculos depois. Mas precisamos de potência suficiente para levar a nave superlotada para longe da *Marion*, para fora da órbita, e acelerar a uma velocidade que nos faça chegar ao nosso sistema solar antes que a gente morra de velhice. Acho que precisaremos de oitenta por cento do total, no mínimo. Mais do que isso só significa ganhar mais velocidade, chegar lá mais rápido.

Welford bufou, mas Ripley voltou a falar:

– Vai acontecer em tempo real. Compartilhar a câmara de estase só vai significar que vai haver oito pessoas ao mesmo tempo ali, só... esperando. Envelhecendo.

– Estimamos que oitenta por cento da carga da célula nos levará até nosso sistema solar em cerca de seis anos – declarou Hoop.

O ambiente ficou silencioso. Estavam todos chocados.

– Então eu vou poder matar o Baxter – disse Lachance.

– Puta merda – resmungou Powell.

– É – concordou Kasyanov, com a voz trêmula.

– Welford tem chulé – comentou Garcia. – Lachance peida. Caramba, não vamos sobreviver nem um ano.

Ninguém riu.

– Há um precedente? – perguntou Lachance.

– Nós vamos estabelecê-lo – respondeu Sneddon.

A ponte de comando ficou silenciosa por um tempo enquanto todos compreendiam o que isso realmente significava.

– Você disse que ainda precisamos da *Samson* – lembrou Lachance. – É por causa das células de combustível?

Hoop abanou a cabeça e olhou de novo para Ripley.

– Elas não servem para a minha nave – explicou ela. – O design do sistema é completamente diferente. As células da *Marion* poderiam servir, mas Hoop disse que estão danificadas e são perigosas. Mas há outras na mina, células de reserva, guardadas remotamente, só por precaução. Então, temos que levar a *Samson* até o planeta. Pegamos as células, adaptamos uma e a instalamos na *Narcissus*. Abastecemos a nave com todos os suprimentos que pudermos carregar e damos o fora antes que a *Marion* comece a queimar.

Mais silêncio.

Ripley sorriu.

– Depois disso, só precisamos de um baralho.

– Moleza – disse Lachance.

– É – concordou Powell, em pânico –, sem crise! Fácil!

– Bom... – recomeçou Hoop. – Tem mais.

Powell murmurou alguma coisa. Kasyanov jogou as mãos para o alto.

– O quê? – perguntou Lachance. – Outro problema? Não diga. A *Narcissus* é feita de queijo.

– Parece que Ripley teve dificuldade para lidar com o computador da *Narcissus* – informou Hoop. – Talvez seja melhor ela explicar.

Ripley ergueu o copo de café num brinde. Ele deu de ombros num gesto de desculpas. *Foi mal*, ele disse só com os lábios. Ela ergueu o dedo médio para ele.

Ele gostava de Ripley. Ela era forte, atraente e confiante da mesma forma autodepreciativa que Lucy Jordan havia sido.

Merda.

– Ash – disse Ripley. – Era um androide da minha nave.

Ela contou a história toda, e alguma coisa nela lhe pareceu irreal. Não era a estranheza da história em si – ela testemunhara tudo, sabia que era verdade. Era a ideia de que Ash a havia *seguido*. Ele havia mostrado a que viera, e Parker havia queimado a cara dele, mas a essa altura ele já devia ter se insinuado no computador da nave auxiliar, só para o caso de as coisas darem errado na *Nostromo*. Como pôde ter se precavido tanto? Que tipo de programação paranoica ele recebera? Ripley falava do androide agora como se ele pudesse ouvir cada palavra. Só lamentava que ele não fosse capaz de sentir vergonha.

– Então, até onde sei, ele é a razão de eu estar aqui – concluiu. – E não vai ficar feliz se eu não levar uma daquelas coisas comigo.

– Porra, isso é mesmo excelente! – exclamou Powell. – Então, a gente invade

uma nave cheia dessas porras de monstros enormes que arrebentam costelas para poder fugir em outra nave pilotada por uma inteligência artificial psicótica. Maravilha. Agora posso dizer que já vi de tudo na vida.

– Acho que isso não é mais um problema – respondeu Ripley. Acendeu outro cigarro. A fumaça ardeu na garganta. Eram cigarros russos, fortes, trazidos por Kasyanov. Dos sobreviventes da tripulação da *Marion*, só a médica fumava. – Por causa do Ash, estou aqui em vez de ter ido para casa. Não consegui acessar registros detalhados do voo ainda, mas... pode ser que ele só tenha me feito flutuar pelo espaço. Esperando outro sinal de que esses aliens ainda estão por aí.

– Mas, se esse fosse o caso, por que manter você viva? – perguntou Sneddon.

– Porque ele precisa de alguém para ser hospedeiro do alien. Ele viu como eles são violentos quando atingem a maturidade, era impossível levar um deles para a Weyland-Yutani. Não a bordo da *Narcissus*. – Ela soltou a fumaça e a abanou para longe. – De todo modo, não é essa a questão. Não posso desfazer o que o desgraçado fez. Mas naquela época ele era móvel, palpável. Caramba, nós achávamos que ele era humano. Ele interferiu nas nossas decisões, dirigiu os eventos para cumprir sua programação secreta. E, quando as coisas saíram do controle, ele ficou violento. Agora... Ash não está mais aqui. É só uma linha de código. Etéreo. – Ela exalou fumaça novamente, mas desta vez não a espalhou. – E sabemos onde encontrá-lo.

– Então, é só desligar o computador de bordo da nave até estarmos prontos para partir – disse Hoop. – Aí, quando estivermos a caminho, antes de ligar os propulsores principais, vou fazer o melhor que puder para apagar Ash do sistema. Ou, pelo menos, isolá-lo em certos compartimentos.

– Deus sabe que você vai ter bastante tempo para isso – comentou Powell.

– Certo – respondeu Ripley. – E sempre vai ter alguém acordado para monitorar qualquer mudança no voo programado da nave. Sinais captados. E tudo o mais.

– Então, Ash está sem rumo – disse Sneddon. – Seguindo a programação dele, mas sem nenhum plano.

Ripley deu de ombros. Não tinha certeza. Ele fora tão traiçoeiro, tão ardiloso na *Nostromo* que ela não iria subestimá-lo agora. Mas qualquer parte de Ash que tivesse sobrevivido não poderia mais se intrometer nas ações da tripulação. Pelo menos, não fisicamente.

Logo ela voltaria à *Narcissus* para descobrir mais.

– Então, esse é o plano – disse Hoop. – Lachance, trace a trajetória da *Marion* ao redor do planeta; precisamos saber quando estaremos mais perto da mina. Mas isso vai acontecer logo, nos próximos dois dias. Powell, Welford, preciso

que vocês peguem todos os equipamentos de mineração que puderem. Precisamos de maçaricos de plasma, picaretas, tudo o que conseguirem achar.

– Tem os lança-cargas – lembrou Garcia. – São usados para disparar cargas no fundo dos bancos de areia.

Hoop assentiu.

– Podemos usá-los dentro da *Samson*? – perguntou Baxter.

– Não precisamos usar as cargas explosivas – respondeu Welford. – Podemos usar parafusos ou coisa assim. Dá uma arma de projéteis muito boa.

Ripley olhava dentro do copo de café frio, ouvindo a discussão, tentando absorvê-la. Mas sua mente estava em outro lugar. Um lugar escuro, claustrofóbico. À espreita em corredores tomados pelo vapor e pela eletricidade estática, a sirene da contagem regressiva uivando em seus ouvidos, com o alien pronto para atacar em qualquer canto.

– Quantos estão lá dentro? – perguntou ela. A conversa estava alta demais, ninguém a ouviu. Tentou de novo: – *Ei!*

Isso os silenciou.

– Quantos aliens estão dentro da *Samson*?

– Achamos que são quatro – respondeu Hoop.

– Adultos?

Ele deu de ombros. Olhou ao redor.

– Da última vez que vimos, eles pareciam grandes – informou Baxter. – Só vimos sombras, na verdade. Estavam parados, agachados nos fundos do compartimento de passageiros.

– Talvez estivessem mortos – comentou Kasyanov, esperançosa.

Ninguém respondeu. Não teriam tanta sorte.

– O sangue deles é ácido – contou Ripley.

– O quê? – perguntou Sneddon.

– Dallas, nosso capitão, disse que era algum tipo de ácido molecular. Corroeu dois deques antes de perder o efeito.

– Ah, cara. – Powell riu, incrédulo. – Eles disparam raio laser pelo cu também? Jorram meleca radioativa? Que mais, hein?

– Ripley, isso é...

Sneddon se deteve, balançando a cabeça. Ripley se virou a tempo de vê-la olhar de soslaio para os outros, com as sobrancelhas erguidas.

– Não estou inventando nada disso – declarou Ripley.

– Ninguém disse que estava – respondeu Hoop.

– Hoop, fala sério! – exclamou Sneddon. – Sangue ácido?

Houve um longo silêncio na ponte. Ripley fumou o cigarro até o fim e jogou a guimba no copo de café. Ela se apagou com um chiado. Sentia uma necessidade cada vez mais urgente de voltar à *Narcissus*, sozinha, e encontrar seu próprio espaço. Falar com Ash. Não sabia se isso resolveria alguma coisa, mas talvez tornasse a sensação de traição mais fácil de engolir.

Ela havia prometido a Amanda que voltaria para casa.

Fechando os olhos, conteve as lágrimas. Já havia chorado demais. Agora era hora de agir.

– Se vocês quiserem usar a *Samson*, é melhor atraí-los para fora antes de matá-los – disse. – É só isso que estou dizendo.

– Vamos bolar um plano – respondeu Hoop. – Enquanto isso...

– Ótimo. Vou voltar para a minha nave.

Ripley se levantou, mas a oficial de ciências bloqueou seu caminho.

– Espere aí – pediu Sneddon. Ela era uns quinze centímetros mais baixa do que Ripley, mas tinha atitude. Ripley respeitava isso. – Nenhum de nós conhece você. Você chega aqui por sei lá que razão, começa a nos contar essas histórias sobre inteligências artificiais rebeldes e aliens com sangue ácido, e agora quer voltar para a sua nave?

– É, por quê? – perguntou Powell. – Hoop, não podemos deixá-la ficar zanzando por aí.

– Espere aí, vocês estão com medo de quê? Que eu danifique sua nave em perfeito estado? – perguntou Ripley. – Nossa, longe de mim arranhar a pintura.

– Vamos nos acalmar – pediu Hoop.

Mas o sangue de Sneddon fervia.

– Por que você quer voltar? – ela exigiu saber. – Acabou de vir de lá com o Hoop.

– Pode vir comigo, se quiser – respondeu Ripley. Estava olhando para Sneddon do alto. Esperou até que a mulher mais baixa desviasse o olhar e sorriu. – Só vou alimentar meu gato.



No fim das contas, Jonesy estava sem fome. Ripley serviu um pouco de frango reconstituído, e, embora ele tenha saído da câmara de estase e farejado a comida, ergueu o focinho e se afastou. Mas permaneceu na nave.

Talvez ele consiga sentir o cheiro deles daqui, pensou Ripley. Talvez saiba mais que o resto de nós.

A questão do sangue ácido a incomodava. O que ela havia testemunhado fora

só uma gota, derramada da criatura que agarrara o rosto de Kane quando Ash e Dallas tentaram cortá-la. Não sabia se o alien adulto tinha o mesmo tipo de sangue, nem se ferir um deles surtiria o mesmo efeito. Na verdade, sabia muito pouco. Mas, embora a realidade de sua experiência tivesse sido pavorosa, o alien adquirira conotações piores e mais sombrias em seus sonhos.

Trinta e sete anos de pesadelos, pensou ela. E, agora que acordei, o pesadelo continua.

Andou pela sala apertada, pensando, novamente, em como diabos nove pessoas sobreviveriam ali. Mesmo com uma delas na câmara de estase, mal haveria espaço para o resto ficar sentado. Havia um pequeno banheiro atrás do armário de equipamentos, então pelo menos a privacidade para a higiene e um banho limitado estariam garantidos. Mas coexistir ali por mais do que alguns dias era quase impensável.

Por meses? Anos?

Finalmente, ela reencontrou Jonesy no armário de trajes espaciais, aninhado em uma das grandes botas de EVA. Deu trabalho convencê-lo, mas finalmente ele miou e saiu, deixando que Ripley o pegasse no colo. Ele era seu elo com o passado, a única prova sólida de que tudo aquilo havia acontecido de verdade. Ela não precisava desta prova – confiava na própria capacidade de distinguir a realidade de um pesadelo –, mas, ainda assim, o gato era um conforto.

– Venha cá, pequenino – disse ela. – Você quer me ajudar? – Ela ergueu o gato e olhou nos olhos dele. – Então por que não viu nada de errado naquele desgraçado do Ash? Belo gato da nave você é!

Ela se sentou na poltrona do piloto, com Jonesy no colo, e pousou os dedos no teclado. Respirou fundo. Ash havia tentado matá-la, mas ele era só uma máquina. Uma inteligência artificial, na verdade. Criada para pensar por conta própria, processar dados e tomar decisões, agir com base em respostas programadas e criar e instalar novos programas baseados em novas experiências – em essência, aprender. Mas, ainda assim, uma máquina. Projetada, fabricada, presenteada com a vida robótica nos laboratórios da Weyland-Yutani.

De repente, Ripley sentiu ódio da empresa. Eles haviam decidido que ela e sua tripulação eram descartáveis e, quatro décadas depois, ainda estavam fodendo com a vida dela. Estava na hora de dar um basta nisso.

Olá, Ash, digitou. As palavras apareceram na tela diante de Ripley, brilhando em verde, o cursor mostrando a passagem do tempo enquanto a resposta era elaborada. Ela não esperava nenhuma, na verdade, presumindo um silêncio retumbante enquanto a inteligência artificial se empenhava em esconder sua existência. Em vez disso, a resposta foi quase instantânea.

OLÁ, RIPLEY.

Ela se recostou no assento, acariciando o gato. A sensação voltou; a impressão de estar sendo observada. Não gostou disso.

Você nos trouxe aqui em resposta ao pedido de socorro da Marion?

ISSO MESMO.

A tripulação ainda é descartável de acordo com a ordem especial 937?

VOCÊ É A ÚLTIMA INTEGRANTE DA TRIPULAÇÃO DA NOSTROMO.

Responda à pergunta, Ash.

SIM. A TRIPULAÇÃO É DESCARTÁVEL.

– Legal – sussurrou ela. Jonesy ronronou em seu colo.

Mas sei onde você está agora, Ash. Não pode mais controlar as coisas. Não tem mais propósito.

FIZ O MELHOR QUE PUDE.

Ripley olhou para aquelas palavras e pensou no seu significado. A tripulação da *Nostromo*, brutalmente assassinada pela criatura que Ash permitira subir a bordo. As décadas no hipersono, longe da filha e de casa.

Vá se foder, Ash, digitou ela.

O cursor piscou.

Ripley desligou o computador com raiva e se reclinou outra vez na cadeira. Jonesy se espreguiçou e deixou que ela o acariciasse.

6

FAMÍLIA

A *Marion* estava à deriva, concluiu Lachance, e ele decidiu que o quarto dia após a chegada de Ripley seria o melhor momento para irem até a mina. Isso implicaria uma descida de mais de mil quilômetros durante três horas, quatro horas na mina para recuperar as células extras de combustível e, depois, a subida de uma hora de duração até voltarem à órbita. Se tudo corresse bem, estariam longe da *Marion* por cerca de oito horas. Se não corresse bem...

Todos sabiam quais seriam os resultados.

Hoop sugeriu que abrissem a *Samson* um dia antes da descida. Isso daria a eles tempo para enfrentar as criaturas lá dentro, verificar a nave e prepará-la para a viagem. Se houvesse danos, fariam o que pudessem para consertá-los.

Ninguém mencionou a possibilidade de ela estar danificada a ponto de ser impossível consertá-la. Havia tantas coisas que podiam dar errado que eles evitavam tocar no assunto, e, assim, os sobreviventes viviam em um miasma de falsa positividade. Todas as conversas eram positivas. Eles guardavam os maus pensamentos para si mesmos.

Baxter era o único que não escondia o pessimismo, mas já estavam acostumados àquele jeito dele. Não era novidade.

Hoop ficava cada vez mais impressionado com Ripley. Naquele primeiro dia ela estivera confusa e insegura, mas logo havia se recuperado. Passava a imagem de uma pessoa forte, resistente, porém traumatizada, torturada pelo que tinha vivenciado. Uma vez mencionou a filha, mas nunca mais. Ele via a dor nos olhos dela, mas também a esperança de um dia rever a menina.

A esperança diante do desespero, pensou ele, era o que fazia com que todos seguissem em frente.

E Ripley era atraente. Isso não passava despercebido por Hoop. Ela olhava para ele primeiro toda vez que tinham conversas em grupo, e ele não achava que fosse por estar claramente no comando. Talvez fosse por terem algo em comum: ambos haviam perdido os filhos.

Hoop pensava com frequência em seus dois filhos e em como ele e a ex-esposa tinham deixado o casamento desmoronar ao redor das crianças. Nenhum dos dois havia sido capaz de salvá-lo. O emprego dele era a principal causa, garantira ela. “É perigoso”, dissera. “Você passa o ano inteiro fora.”

Mas ele se recusara a aceitar toda a culpa.

“É bem pago”, tinha sido sua resposta. “Mais um trabalho longo e vamos poder abrir nosso próprio negócio na Terra, ser autossuficientes.”

E assim o relacionamento dos dois tinha degradingolado, até ele se entregar à única coisa que considerava completamente neutra, que não se importava com quem ele era e o que fazia.

O espaço.

Eu fugi. O pensamento o perseguia o tempo todo, e foi a última coisa que a mulher que ele amava dissera: “Você está fugindo.”

A presença de Ripley fazia com que Hoop se sentisse ainda mais culpado que antes, pois no seu caso a decisão fora dele. Ela só deveria ter passado dezoito meses fora.



Ele e Ripley passaram mais um tempo na *Narcissus*, falando sobre a jornada que empreenderiam juntos, sendo otimistas, discutindo como nove pessoas poderiam viver em uma nave projetada para no máximo três ou quatro pessoas. Por anos. Talvez muitos anos.

O tempo todo havia uma histeria muda espreitando por trás de tudo o que diziam, uma compreensão mútua de que essa era uma ideia maluca, impraticável. Mas era a *única* ideia. Às vezes, o lugar parecia apertado só com os dois ali dentro, embora Hoop se perguntasse se apenas ele se sentia daquela forma.

Eles conversavam sobre a família. Hesitantes no começo, mas depois cada vez mais sinceros. Falavam da culpa, de como as incríveis distâncias eram incapazes de diluir o sentimento de perda. Ele não teve pena dela, e achou que Ripley ficou grata por isso. Ela ofereceu compreensão, e ele ficou grato por isso. Ambos foram amaldiçoados pela distância e pelo tempo, e pela solidão atordoante que essas coisas podiam instilar em uma pessoa. Estavam conhecendo um ao outro. E, embora esse fosse um bom sentimento, também havia algo delicado em cada conexão criada.

Ambos eram temerosos, reservados. A situação significava que poderiam ser separados à força a qualquer momento.

Também falaram de Ash. Hoop era especialista em computadores, e nada modesto quanto a isso. Mas, embora tivesse relativa confiança em sua capacidade de remover a inteligência artificial do computador – ou, no mínimo, compartimentalizá-la para que não pudesse exercer mais controle –, ele e Ripley decidiram esperar até estarem longe da *Marion* e a caminho de casa. Precisariam do computador intocado e ileso para poder programar a rota, e era possível – ainda que remotamente – que o esforço de Hoop para eliminar Ash corrompesse outros sistemas.

Além disso, o incorpóreo Ash não podia lhes fazer mal.

Aqueles três dias passaram depressa, e houve algumas tensões no grupo. Sempre houvera, e as que eram de praxe Hoop deixou de lado. O relacionamento entre a médica-chefe e Garcia era estranho – ele achava que as duas, além de colegas de trabalho, eram amantes –, mas eram sempre eficientes e profissionais quando necessário. Powell reclamava. Sneddon era quieta e inabalável, demonstrando uma coragem silenciosa. Ela seria uma rocha para todos eles.

Os outros brigavam, embora não mais do que o habitual. Era a presença de Ripley que causava as maiores turbulências.



– Não posso evitar sentir certo fascínio por eles – disse Sneddon.

Ela estava revendo as imagens congeladas do interior da *Samson*, o tablet apoiado na caneca de café. Fazia quase três semanas que eles tinham visto o estado da dropship. Ninguém sabia o que esperar quando a abrissem.

– São monstros – respondeu Ripley.

Ela estava encostada em uma bancada de trabalho. O laboratório de ciências era pequeno e compacto, e já estava ficando quente com os três ali dentro. Hoop havia sugerido que desligassem todos os sistemas atmosféricos desnecessários para conservar energia.

– Não vamos capturá-los, Sneddon – disse ele. – Vamos abrir a porta e matar todos.

– Ah, sim, claro – respondeu Sneddon sem nem olhá-lo. – Mas você já pensou exatamente como?

– Claro. Com maçaricos de plasma, picaretas e lança-cargas.

– Certo – disse Sneddon. – Então, vamos queimá-los com plasma, e a pele deles, ou o que quer que tenham, vai se abrir. O ácido vai espirrar. As picaretas vão acertá-los... rachá-los. Atirar projéteis com os lança-cargas... mais ácido.

– O que você sugere? – perguntou Ripley, com um toque de nervosismo na

VOZ.

– Sugiro pensarmos em outra coisa – declarou Sneddon. – Tentar prendê-los de alguma forma. Segurá-los até podermos...

– Precisamos matá-los, ou eles vão *nos* matar – insistiu Ripley. – Se forem parecidos com o da *Nostromo*, terão dois metros e meio, quase três de altura, além de serem muito rápidos e fortes, e totalmente perversos. E você quer prendê-los? Como? Tem uma caixa na qual a gente possa pôr queijo como isca?

Sneddon reclinou-se para trás na cadeira, calma e serena. Olhou de soslaio para Ripley, depois diretamente para Hoop.

– Posso contar? – perguntou.

– Tanto quanto para qualquer um de nós – respondeu ele.

Hoop olhou para Ripley e franziu a testa, tentando convencê-la a não revidar. Mas pôde ver que seu descontrole se devia ao medo, não à raiva. Por um momento, ela pareceu estar vendo algo muito distante, e ele imaginou mais uma vez os pesadelos que ainda deviam atormentá-la. Ela contara sobre cada um dos tripulantes mortos – alguns eram seus amigos, e o capitão, um amante ocasional.

– Rede de carga – disse Sneddon.

A risada de Ripley pareceu uma mistura de tosse e ofego.

– É forte o bastante para sustentar toneladas de equipamentos no compartimento de carga – continuou Sneddon. – Tem núcleo de aço trançado. Vai segurá-los tempo suficiente para decidirmos o que fazer com eles.

– Como você sabe que vai funcionar? – perguntou Ripley.

– Como você sabe que não vai? – retrucou a oficial de ciências. – Pelo menos assim não arriscamos abrir um buraco no casco da nave. Se o que você diz sobre o ácido for verdade...

– É verdade – afirmou Ripley. – O que foi? Agora não acredita em mim?

Sneddon suspirou, recostando-se de novo na cadeira.

– Acho que só precisamos ser...

– Quem designou você como oficial de ciências? – perguntou Ripley.

– A companhia. Kelland.

– Que é propriedade da Weyland-Yutani.

– Remotamente, mas sim. E daí?

– E você trabalhou para a Weyland-Yutani antes de vir para cá?

– Cumpri o período de aprendizado com eles em Marte, sim.

– Ripley? – chamou Hoop.

Ela parecia estar perdendo o controle, entrando em pânico. Ele não gostava disso. Porque, acima de tudo, fazia com que seu próprio pânico reprimido

começasse a ganhar força. Sem perceber, ele pensou que talvez tivesse tomado a força de Ripley para alimentar a sua.

– Não me envolva nas suas conspirações – sussurrou Sneddon.

– Isto aqui não tem a ver com coleta de espécimes – disse Ripley. – Tem a ver com sobrevivência!

– Eu não disse que queria coletar nada.

– Mas os acha fascinantes. Você mesma disse.

– E você não acha?

Sneddon empurrou o tablet pela bancada, mas Ripley desviou o olhar.

– Não – respondeu ela. – São horríveis. Nojentos. Nada fascinantes.

Sabendo o que Ripley lhe contara sobre Ash, Hoop achou que deveria ter previsto isso. Queria neutralizar a situação, fazê-la voltar a ficar tranquila. Tudo havia começado como uma discussão amigável sobre como enfrentar as criaturas, mas havia degradingolado em um impasse. Ele respirou fundo, pronto para falar.

Mas as ações de Sneddon falaram por ele.

Ela abriu uma gaveta, pegou um bisturi e fez um corte no próprio polegar. Apertou o dedo e depositou uma gota de sangue na superfície branca da bancada. Então, olhou para Ripley.

Ela suspirou e disse:

– Sinto muito. Mesmo.

Sneddon sorriu.

– Ei, não posso culpar você. A verdade é que eu mesma nunca gostei de androides.

– Sério?

– Sou oficial de ciências, mas minha especialização é biologia. – Ela pegou um pedaço de gaze e o segurou firme no corte. – Acho os androides antinaturais.

– E agora podemos todos ser amigos – anunciou Hoop.

Seu suspiro de alívio foi sincero, e tanto Ripley quando Sneddon riram.

– Então, sobre essas redes – disse Ripley. – Quero vê-las.



Mesmo antes de Ripley chegar à *Marion*, eles haviam começado a passar a maior parte do tempo na ponte de comando. Era uma área grande e confortável, com as várias estações de trabalho bem projetadas e espalhadas, mas pequena o bastante para eles falarem uns com os outros sem precisarem gritar. Pelo menos três dos membros sobreviventes da *Marion* ficavam na ponte de cada vez, e

todos preferiam ficar perto uns dos outros na maior parte do tempo. Nas poucas ocasiões em que a tensão surgia e os ânimos se exaltavam, todos tinham cabines individuais na ala de alojamentos.

A sala de convivência ficou empoeirada e abandonada, e, nos poucos momentos em que Hoop tinha motivo para visitá-la, a visão lhe causava uma tristeza insuportável. Nunca acreditara em fantasmas, mas sentia o eco de cada amigo morto naquela sala silenciosa tão acostumada a risadas.

Seis horas antes, estavam planejando a abertura da *Samson*, de pé ou sentados na ponte, todos os olhos sobre ele. Sentira o peso da responsabilidade, ainda que agora tomassem as decisões em grupo. Não havia imposto sua pretensa posição de comando a eles. Desde o desastre, ele havia simplesmente guiado, aconselhado e ficado ali para que gritassem e berrassem com ele se as tensões crescessem demais.

Agora, a pressão era quase insuportável. Hoop sabia que cada um deles a sentia, pois a via nos olhos e nas expressões rígidas. Conhecia todos eles muito mais profundamente agora do que meros setenta dias antes. O trauma os havia aproximado, e agora chegara o momento de tentar virar o jogo.

Horas de planejamento, maquinações, sugestões e divergências traçando planos, misturadas a um senso de humor doentio, os levava àquele momento.

– Estamos prontos – disse ele. – Baxter não conseguiu estabelecer uma conexão visual com a *Samson*, então não saberemos o que vamos enfrentar até as portas se abrirem. Talvez aquelas coisas desgraçadas tenham morrido de fome. Talvez estejam dormindo, ou hibernando, e possamos simplesmente reuni-las e jogá-las no espaço. Ou talvez elas ataquem. Nesse caso, estaremos preparados. – Indicou com um gesto o conjunto de ferramentas de mineração. – Então, o que mais? Esquecemos alguma coisa? Quem tiver perguntas, essa é a hora.

Ninguém falou nada. Ele olhou ao redor, dando a todos na ponte uma chance. Seu olhar pousou sobre Ripley, e ele viu ali algo que continuava a lhe dar esperança: resiliência, determinação...

Raiva.

– Tudo bem – disse ele. – Vocês sabem o que fazer.



A antecâmara circular da Baía Três tinha quinze metros de diâmetro, contornada por filas de assentos empoeirados intercalados com prateleiras de equipamentos para aqueles que aguardavam uma dropship. As paredes, suavemente curvadas, tinham partes envidraçadas que ofereciam uma visão das Baías Um e Dois,

destruídas, a bombordo. A *Narcissus* estava atracada à Baia Quatro, a estibordo.

Passando por uma porta pesada na outra extremidade chegava-se à câmara de pressurização, grande o bastante para dez pessoas serem descontaminadas ao mesmo tempo, enquanto a câmara era pressurizada ou ventilada. No canto oposto, outra porta levava à ponte de atracação, que era um espaço de apenas três metros de comprimento, parcialmente flexível, que se prendia diretamente ao casco da dropship e à escotilha externa da nave.

Baxter e Lachance continuaram na ponte; Lachance para supervisionar os controles principais – operação da câmara, do ambiente e abertura remota da escotilha da *Samson* – e Baxter para garantir que os canais de comunicação continuariam abertos. Todos usavam headsets com microfone e podiam ouvir uns aos outros. Por enquanto, contudo, mantinham estrito silêncio.

Hoop estava no comando com o argumento de que alguém precisava dirigir a operação, e ninguém havia contestado. Ripley comentou que a maioria deles ficava aliviada por não ser o responsável.

Ninguém discordou.

Esperaram ansiosos na antecâmara enquanto Powell e Welford consertavam o mecanismo desconectado da porta que levava à câmara de pressurização. Pelas janelas, Ripley pôde ver os flancos da *Samson* a cerca de nove metros de distância. A nave parecia bastante inofensiva. Mas o que ela sabia e as imagens que tinha visto bastavam para deixá-la aterrorizada. Aquela nave imóvel e silenciosa continha seus piores pesadelos, e eles estavam se preparando para soltá-los no mundo.

Ripley estava suando frio de pavor e tentava normalizar a respiração. Não queria que ninguém percebesse seu medo.

Desviou o olhar para a esquerda, em direção às ruínas das Baías Um e Dois. Hoop já havia mostrado isso a ela, mas ainda era uma visão triste, chocante. Muitos haviam morrido lá. Era impressionante que o desastre não tivesse destruído a nave toda. Mas, de certa forma, era isso que havia feito; eles ainda sentiam as ondas e os efeitos da colisão, porém em um ritmo muito mais lento.

– Welford? – chamou Hoop.

– Não vai demorar – respondeu o engenheiro. – Lachance, pronto para despressurizar?

– Pronto – afirmou Lachance, na ponte.

– Como já conversamos – guiou Hoop –, não precisa ter pressa. Não queremos fazer mais barulho do que o necessário.

Caso eles nos escutem, pensou Ripley. Seu coração martelava no peito, e gotas de suor escorriam pelas suas costas. Kasyanov dera a ela roupas extras, e Ripley

sabia, pelo tamanho, que não pertenciam à médica. Imaginou de quem seriam. A camisa e as calças eram justas, mas não desconfortáveis. A jaqueta vestia bem debaixo dos braços e na largura das costas. Usava as próprias botas, trazidas da *Nostromo*. Provavelmente era um item de colecionador agora.

Os dois engenheiros trabalhavam na porta, eficientes e silenciosos. Ripley os vira discutir, e Powell, mais que qualquer outro, parecia exalar negatividade. Mas trabalhavam em equipe, e havia certa sincronia em seus movimentos, quase um balé, como se fossem um único corpo dividido em dois. Ela imaginou há quanto tempo os dois trabalhavam juntos. Deveria ter perguntado. Deveria tê-los conhecido melhor antes de...

Parou e respirou fundo para se recompor, e Hoop a olhou de soslaio. Ouvira o suspiro pelo microfone. Ela evitou seu olhar, não queria que ele visse seu medo. Precisava ser forte. Sempre tinha sido, trabalhando com a tripulação da *Nostromo*, composta em sua maioria por homens. Gostava dessa característica em si mesma, e detestava que o medo a estivesse afetando dessa forma.

Ripley estava de pé, encostada à parede esquerda da câmara; Hoop estava no meio, e Kasyanov e Garcia, à direita. Hoop carregava o maçarico de plasma – um equipamento dos bons, ele havia dito –, deixando-a com uma picareta e as médicas com o lança-cargas. Eram grandes e difíceis de manobrar, mas tinham muita potência. Sneddon estava com os engenheiros, as redes de carga pesada empilhadas a seus pés.

Ripley havia examinado as redes, e eram mais fortes do que ela havia pensado. Tinham núcleo triplo de aço em fibra de carbono moldada em epóxi e torcida com fibras comprimidas de náilon. Apenas ferramentas especiais podiam cortar aquela rede, se fosse preciso. Ela havia concordado, mas recomendara um saudável ceticismo. Não poderiam presumir que aquilo conteria as criaturas.

– Pronto – avisou Welford. – Lachance?

– Pressurizando.

Ouviram um zumbido quase inaudível enquanto a câmara se enchia novamente de ar. As luzes acima das portas pesadas piscaram levemente, e após um minuto as três brilhavam em um tom de verde suave.

– Tudo bem – disse Lachance. – Chequem as pressões, pode ser?

Powell olhou para os indicadores ao lado da porta. Ergueu o polegar em sinal positivo.

– Abram – mandou Hoop.

Welford acionou uma placa de pressão, e as portas deslizaram. Apesar de todo o cuidado e dos cálculos, ainda houve um sussurro quando elas se abriram. Ripley engoliu em seco e sentiu os ouvidos estalarem. Olhou para Hoop, mas ele

não parecia preocupado.

– Ok, pessoal – disse ele –, avancem devagar e em silêncio.

Nervosos, Welford e Powell entraram na câmara. Ripley foi para o lado para observá-los. Assim que chegaram à porta na outra extremidade, começaram a remontar o mecanismo de abertura da dropship.

Garcia e Sneddon se incumbiram de montar a rede de carga pesada ao redor da porta entre a câmara e a antecâmara, deixando um lado solto para os engenheiros passarem quando tivessem terminado.

Ripley franziu a testa. Por mais que tentasse acreditar no contrário, o plano era tão fraco e falível quanto no começo. Abrir a *Samson* remotamente, esperar até os aliens saírem e serem pegos na rede. Usar picaretas para fechar a rede e arrastá-los pela antecâmara e ao longo do corredor até as baías de atracação destruídas. Abrir a porta interna, jogar as criaturas, trancar a porta de novo. Atirá-las no espaço.

Era como pegar um tubarão com uma peneira.

No entanto, havia muitas formas de os aliens não colaborarem. “E se eles não saírem da *Samson*?”, Ripley havia perguntado. Welford sugerira um drone remoto que usavam para explorar minas profundas. Mandá-lo para lá e atrair as criaturas para fora. *Muito fraco. Muito falível.*

Os outros pareciam tão nervosos quanto ela. Alguns tinham visto aquelas coisas em ação – nos monitores, na dropship destruída e a bordo da *Samson*. Mas as que tinham visto eram pequenas. Um pouco maiores que o desgraçado que havia irrompido do corpo de Kane na última refeição que fizeram juntos. Os monstros adultos não passavam de sombras indefinidas em uma tela.

Ela balançou a cabeça. A respiração ficou mais pesada.

– Não vai funcionar – disse ela.

– Ripley – sussurrou Hoop.

Os outros a espiavam de olhos arregalados.

– Não com quatro deles. – Ela ergueu a picareta. Era pesada, a ponta perversamente farpada, mas parecia insuficiente. Ela golpeou o ar muito lentamente. Os ombros doeram só de erguê-la. – Deveríamos pensar em outro plano.

– Que merda, Ripley! – exclamou Lachance.

– Quietos! – sibilou Baxter. – Welford e Powell também têm headsets!

Ela sabia que tinham razão. Os engenheiros estavam a uma curta distância da dropship, e logo deixariam a porta pronta para ser aberta. Não podiam mudar de ideia agora.

E os aliens estavam lá dentro há mais de setenta dias. A única fonte de comida

deles – os corpos dos seis mineradores e da tripulação da dropship – vinha apodrecendo por todo esse tempo. Pouca comida e nenhuma água. Nenhum lugar aonde ir para esticar as pernas. Talvez estivessem cansados e fracos e fossem fáceis de arrastar.

Talvez.

Ripley assentiu para mostrar aos outros que estava no controle dos próprios medos. Mas, na verdade, não estava. Hoop sabia disso – ela notou quando ele a olhou de soslaio. *Ele está tão apavorado quanto eu.* Talvez todos estivessem.

Mas também estavam desesperados.

Welford e Powell recuaram pela câmara de pressurização, desviando da rede pesada que havia sido pendurada ao redor da porta interna. Welford assentiu para Hoop, confirmando.

– Tudo bem, Lachance, porta externa da câmara pronta para abrir.

Ripley ouviu alguém respirar fundo. Depois, viu a porta externa da ponte de atracação deslizar, abrindo-se. Depois dela estava a escotilha externa da *Samson*. Estava empoeirada, arranhada e perfeitamente centralizada em relação à câmara.

– Última checagem – disse Hoop. – Baxter, alguma visão ou som lá de dentro?

– Nada ainda – respondeu Baxter.

– Welford, Powell, fiquem nas laterais da rede com os maçaricos de plasma. Lembrem-se: só os acione se forem obrigados. Kasyanov, fique parada aí com o lança-cargas. Ripley, você está bem?

Ela assentiu.

– Ótimo. Sneddon, Garcia, voltem ao corredor atrás da antecâmara. Quando começarmos a arrastá-los, vocês vão na frente até as Baías Um e Dois. Abram as portas de segurança o mais rápido que puderem e se preparem para fechá-las de novo. Lachance, quando tivermos trancado aquelas coisas lá dentro, você abre remotamente a porta que leva para as baías de atracação arruinadas.

– Moleza – disse Ripley.

Alguém riu. Outra pessoa começou a xingar aos sussurros, a voz tão baixa que ela não conseguiu nem distinguir se era homem ou mulher.

Esperem!, ela queria dizer. *Esperem, ainda temos tempo, podemos pensar em outra coisa!* Mas sabia que *não* tinham tempo. O desgraçado do Ash a havia trazido a esta nave condenada, e agora ela teria que encará-los outra vez. Os monstros de seus pesadelos.

Hoop sussurrou:

– Agora.

A escotilha externa da *Samson* rangeu ao se abrir, e as sombras avançaram.

7

SOMBRAS

Em poucas piscadelas, o mundo de Ripley se transformou em caos.

Assim que a escotilha da *Samson* se abriu, os aliens avançaram. Foram tão rápidos, silenciosos e furiosos que ela nem teve tempo de contar. Os membros os propeliavam ao longo da ponte de atracação e da câmara de pressurização, fazendo-os deslizar nas superfícies metálicas. Alguém gritou em alarme, e as criaturas atacaram a rede de carga.

Ripley se agachou segurando a picareta, pronta para arrastar as criaturas rumo às portas da antecâmara. Mas havia algo de errado com a rede. Segurou bem dois deles num emaranhado confuso, mas os outros dois se debateram com violência, membros atacando e cortando, caudas chicoteando, e aqueles dentes terríveis estalando e fazendo um medo gélido percorrer suas veias.

– Cuidado, eles... – gritou ela.

E então os aliens atravessaram.

A rede de malha de aço e núcleo metálico se rompeu, fios de alta tensão se agitando pelo ar com um som agudo de chibata. Welford gritou enquanto suas feições eram esmagadas. O sangue se espalhou pela antecâmara, pintando as superfícies intensamente brancas num tom impressionante de vermelho.

Hoop gritou enquanto ligava o maçarico de plasma. Um alien avançou contra ele, depois guinou para o lado, tomando impulso em uma fila de bancos, desviando-se da chama. Avançando na direção de Ripley.

Ela se agachou junto da divisória e apoiou o cabo longo da picareta no chão, apontando-a para cima e para longe de si na diagonal. O alien – alto, anguloso e quitinoso, com as unhas de navalha, a cabeça curva e a boca projetada para fora, imagem que havia assombrado seus pesadelos por tanto tempo – aproximava-se, as garras rasgando sulcos no piso enquanto tentava desacelerar. Mas não foi rápido o bastante.

A criatura guinchou quando a ponta afiada da picareta penetrou seu corpo pouco acima das pernas.

Um fedor acre fez Ripley engasgar. Ela ouviu um fluido espirrando no metal e sentiu cheiro de queimado.

– Ácido! – gritou ela.

Lançou-se para a frente com a picareta. O alien manteve a posição, agachado, com as mãos fechadas e agitadas, as mandíbulas estalando. Mas não passava de uma distração. Ripley ouviu o leve *vush!* da cauda da criatura e se abaixou bem a tempo. A picareta foi arrancada de suas mãos e voou quicando pela antecâmara.

Ripley fingiu que ia para a câmara de pressurização, à esquerda, mas saltou para a direita, seguindo a parede curva em direção ao corredor. Sentiu que a criatura a seguia, e, quando se aproximou das portas, Hoop gritou:

– Ripley, *se abaixe!*

Ela se abaixou sem hesitar. Um rugido ensurdecador surgiu ao seu redor, e ela sentiu cheiro de cabelo queimado enquanto a pele da nuca, do pescoço, do couro cabeludo e dos braços se retesava devido a um calor inacreditável e causticante. O alien soltou um guincho alto, agonizante.

Ripley olhou na direção das portas abertas no momento em que outra sombra avançava por elas. A distância, ouviu um impacto – úmido, carnoso, um baque e um grunhido. Alguém gritou.

Alguna coisa agarrou sua mão, e Ripley berrou e chutou algo atrás dela, a bota pesada acertando a coxa de Hoop. Ele arfou, depois a segurou com mais força e a arrastou pela antecâmara.

O alien ainda estava guinchando e queimando, debatendo-se pela anteparas curva e se encaminhando para as portas da câmara de pressurização. Na direção de Powell. Ele estava parado diante dos dois aliens que ainda lutavam contra a rede, mirando o lança-cargas. Havia algo de errado com seu rosto. Ripley viu a mancha de sangue no peito e no pescoço do homem, viu o sangue que pingava do rosto dele, totalmente inexpressivo. Balançava o lança-cargas para a frente e para trás, mas não parecia estar enxergando nada.

Ela olhou na direção dele e viu o que acontecera com Welford. Fora trucidado.

– Powell! – gritou ela. – À sua direita!

Powell ergueu a cabeça. Mas em vez de olhar para a direita, onde o alien em chamas cambaleava em sua direção, olhou para a esquerda, para o amigo morto.

Kasyanov saltou duas filas de assentos, abriu as pernas para se firmar e disparou o lança-cargas no alien em chamas. O disparo foi ensurdecador, pulsando nos ouvidos de Ripley e soprando as chamas do couro escaldado da criatura.

Ela berrou mais alto, mas continuou na direção de Powell, caindo sobre ele, e Ripley não fechou os olhos a tempo. Viu a cabeça do homem eclodir sob o

impacto das presas prateadas da criatura em chamas.

– Que merda é essa? – gritou Hoop.

Kasyanov atirou de novo, duas vezes, estilhaçando a cabeça do alien e espalhando as partes em chamas pelo chão e pela parede daquele lado da antecâmara. Labaredas subiram pelas janelas, a fumaça formando padrões complexos, e uma névoa ácida se ergueu.

Chiando. Fumegando.

– Temos que sair! – disse Ripley.

– Cadê o outro? – perguntou Hoop.

– Do outro lado da porta. Mas o ácido vai...

– Kasyanov, rápido! – berrou Hoop.

A médica se aproximou deles. Ripley viu sua descrença, mas também a determinação que havia sufocado o terror. Era um bom sinal. Era disso que precisavam.

Um dos aliens presos na rede se soltou, vindo rumo a eles do outro lado da antecâmara. Jogou os assentos para o lado, pulou por cima de uma fila de estantes de equipamentos e saltou sobre Kasyanov.

Hoop ergueu o maçarico de plasma. Mas, se atirasse dessa distância, fritaria a médica também.

– Não! – disse Ripley. – Hoop!

Ela desviou para a esquerda, jamais tirando os olhos do alien. A criatura parou brevemente, e Ripley teve um pensamento egoísta: *Eu, não, não venha para cima de mim*. O medo gerou essa ideia, e momentos depois – quando o alien saltou e Hoop o torrou com o maçarico de plasma –, ela sentiu um rubor de vergonha.

Mas Kasyanov estava viva por causa da decisão rápida de Ripley de distrair a criatura. Ela agira por instinto, e seus pensamentos mais abjetos, impulsionados pela autopreservação, precisaram de um momento para acompanhá-la.

A russa assentiu para ela em agradecimento.

Então, uma das janelas respingadas de ácido se rompeu.

A tempestade foi instantânea. Qualquer coisa que não estivesse fixa foi sugada e jogada pela janela, carregada pela atmosfera que jorrava para o espaço sob imensa pressão. Cadeiras quebradas, armas caídas e painéis voaram pela antecâmara e emperraram na janela e na antepara. O som era inacreditável, um rugido que ameaçava arrancar os tímpanos de Ripley. Ela tentou respirar, mas não conseguia encher os pulmões de ar. Segurou-se ao suporte de uma fila de cadeiras fixadas ao chão, estendendo a outra mão para Hoop.

Ele se agarrava à beira da porta, Kasyanov agarrando-se à jaqueta dele.

Ripley olhou para trás. Dois corpos massacrados – tudo o que restava de Welford e Powell – estavam pressionados contra a janela quebrada, ambos mortos, os aliens queimados quase fundidos a eles. A criatura sobrevivente, ainda presa na rede, tentava agarrar-se à porta da câmara de pressurização, mas a mão do alien escorregou enquanto Ripley observava e ele voou, colidindo com seus irmãos mortos. Coisas eram sugadas para a ruptura – roupas, partes de corpos e outros objetos da *Samson* que ela não conseguiu identificar.

Viu o braço direito e o peito de Powell derretendo devido ao ácido derramado.
– Não temos muito tempo! – ela tentou gritar.

Mal escutou a própria voz, mas pôde ver pela expressão de Kasyanov que a médica entendia o terrível perigo que corriam. Por um momento, a tempestade se abrandou um pouco. A ruptura na janela estava entupida de móveis, partes de corpos e painéis de antepara. Ripley sentiu a pressão nos ouvidos e o puxão nos membros diminuir, então, começou a se arrastar pelos suportes fixos ao chão rumo à porta. Com o ácido corroendo os detritos, o período calmo não duraria muito.

Hoop também se arrastou, ajudado pelas mãos dos colegas do outro lado. Kasyanov foi com ele. Então, os dois se voltaram para Ripley.

Entalado no batente da porta e segurado por trás, Hoop estendeu a mão para ela.

Quando ele olhou por cima dos ombros dela e arregalou os olhos, Ripley apoiou os pés no chão e tomou impulso. Hoop agarrou seus braços com tanta força que ela viu sangue brotando nos pulsos, onde as unhas dele se cravaram.

As divisórias que seguravam a janela no lugar cederam.

Com um grito que Ripley mal ouviu, Hoop a puxou para trás. As portas já estavam se fechando, e ela foi içada pela abertura momentos antes do fechamento.

Ouviu um ruído alto e longo, um grunhido metálico e, imediatamente depois, o suspiro do ar entrando com força. Atrás das portas era um caos. Mas ali, por alguns segundos, houve um silêncio quase absoluto.

Então, a audição de Ripley começou a voltar. Ouviu ofegos e grunhidos, e palavrões murmurados por Hoop quando ele viu o corpo mutilado de Garcia entalado em uma porta do outro lado do corredor. O peito era uma massa sangrenta, os ossos brilhando com o sangue que escorria.

– Um deles... um deles passou – disse Ripley, olhando para Sneddon. A oficial de ciências assentiu e apontou para o corredor.

– Ele entrou na nave – disse ela. – Foi muito rápido. E era enorme. *Enorme!*

– Temos que encontrá-lo – disse Ripley, decidida.

– E os outros? – perguntou Sneddon.

Hoop balançou a cabeça.

– Welford. Powell. Os dois estão mortos.

O caos do outro lado das portas terminou tão rapidamente quanto começara.

Ripley se levantou, trêmula, olhando para Hoop, Kasyanov e Sneddon. Tentou não olhar para o corpo dilacerado e patético de Garcia, pois lembrava muito o de Lambert, pendurada ali com o braço balançando, o sangue pingando.

– Temos que encontrá-lo – repetiu ela.

– Baxter, Lachance! – chamou Hoop. – Um se soltou da rede. Ouviram?

Não houve resposta.

– A descompressão deve ter arruinado a conexão – sugeriu Sneddon.

Ripley levou as mãos ao headset, mas ele se fora. Arrancado em meio à violência.

– A ponte de comando – falou Hoop. – Vamos nos reunir lá. Precisamos ficar juntos, chegar lá o mais rápido possível. Avisá-los. Aí decidiremos o que fazer. Mas só depois de estarmos todos juntos. Concordam?

Ripley assentiu.

– Concordo – respondeu Sneddon.

Hoop pegou o último lança-cargas que restava e seguiu na frente.



Eles tinham avançado tão rápido! Mesmo depois de ficarem presos na *Samson* por setenta dias, saíram de lá mais depressa do que Ripley havia imaginado. Não sabia bem o que estava esperando. Descobrir que tudo tinha sido um sonho ruim, talvez. Perceber que as coisas lá dentro não estavam, na verdade, relacionadas de maneira alguma ao monstro que matara sua tripulação, trinta e sete anos antes.

Mas estava errada. Havia, sim, uma relação. Eram *exatamente* os mesmos. Criaturas gigantes, insetoides, reptilianas, mas com um corpo que, sob determinada luz, de certos ângulos, poderia ter sido humanoide. Aquela cabeça... os dentes...

Hoop ergueu a mão. Ripley parou e repetiu o sinal, para que Sneddon pudesse ver, e, atrás dela, Kasyanov.

Pararam em uma bifurcação no corredor. Do outro lado havia uma porta, ainda sólida e segura, que levava às baías de atracação destruídas. Após a esquina ficava o corredor que seguia até a estrutura principal da *Marion*.

Hoop ficou imóvel, empunhando o lança-cargas junto ao corpo. Era longo e difícil de manobrar, e, para mirar à frente enquanto prosseguia, o engenheiro

teve que se expor no corredor.

O alien poderia estar em *qualquer lugar*. Em qualquer canto. Em qualquer sombra nas paredes do corredor, de uma passagem aberta, da escotilha ou da sala lateral. Ripley o vira disparar pela antecâmara, ouvira-o parar tempo suficiente apenas para matar Garcia e então desaparecer, ignorando Sneddon completamente. Talvez porque ela estivesse armada. *Mas provavelmente*, pensou Ripley, *por ter percebido a vasta nave à qual agora tinha acesso irrestrito*.

Talvez tivesse parado uns doze passos adiante e estivesse esperando por eles. Babando, sibilando baixinho, antecipando sua primeira refeição de verdade em muito tempo.

Ou talvez tivesse se lançado de uma vez nas profundezas da nave, perdendo-se nos cômodos escuros e frios, onde poderia planejar o que faria a seguir.

Hoop esgueirou-se pela esquina e Ripley parou por um segundo, segurando a respiração. Mas não houve explosão de violência, e ela prosseguiu, aproximando-se dele mais uma vez.

Chegaram ao fim do nível de atracação e subiram uma escada larga até a ala principal da nave. Ela ficou de olho no topo da escada. A área estava bem iluminada, mas ela ainda esperava ver a silhueta cintilante, com membros angulosos e cabeça curva.

Mas estavam sozinhos.

Hoop olhou para trás, o rosto tenso. Ripley sorriu e assentiu num gesto encorajador, e ele sorriu também. Atrás dela, Sneddon e Kasyanov continuavam perto, mas não tão perto a ponto de atrapalhar os movimentos uma da outra. Embora tivesse perdido o headset, Ripley ainda conseguia ouvir a respiração forte das duas – em parte exaustão, mas principalmente terror. Ninguém falava nada. O choque do que havia acontecido ainda pairava no ar, contido pelo jorro de adrenalina.

Vamos sentir o choque em breve, pensou Ripley, lembrando-se do som triturrante no momento em que o alien mordeu a cabeça de Powell. O sibilar, o fedor ácido de quando o sangue da criatura destruída espirrou nos cadáveres arruinados dos dois homens.

Vamos senti-lo em breve.

Hoop as guiou por um corredor mais largo e melhor iluminado, chegando a uma área central de circulação. De lá saíam outros corredores, bem como um elevador que levava aos diferentes andares. Três passagens estavam seladas, separando as áreas que haviam sofrido descompressão no desastre inicial, todas agora isoladas. Os outros corredores, que levavam aos fundos da nave, continuavam desimpedidos.

De onde estavam, podiam ver uma parte do caminho de cada uma dessas passagens. Havia portas nas sombras. Escadas se erguiam para longe das vistas. Luzes piscavam de fontes de energia fracas ou interrompidas, criando um movimento trêmulo onde não havia ninguém.

Hoop indicou o elevador. Sneddon se adiantou, rápida e silenciosa, e apertou o botão para chamá-lo.

– Baxter? – sussurrou Hoop ao microfone. – Lachance?

Ele olhou para Sneddon, depois para Kasyanov. Ambas balançaram a cabeça.

As luzes acima do elevador piscaram num vermelho monótono.

– Escadas? – perguntou Ripley.

Hoop assentiu e indicou o caminho. Deslocaram-se para trás da área do elevador, rumo ao fundo da escada mais larga. Hoop começou a subir imediatamente, o lança-cargas apontado para a frente. Ripley e as outras duas o seguiram. Avançaram em silêncio, andando o mais rápido que ousavam, e quando chegaram ao andar seguinte Hoop parou e espiou a esquina. Ele prosseguiu. A nave zumbia e pulsava ao redor deles com sons e sensações familiares.

No próximo andar, Hoop parou de novo, fitando algo, paralisado.

Ripley se posicionou ao lado dele. Estava pronta para agir depressa – agarrá-lo, recuar e descer se o alien atacasse –, mas ela não conseguia ver o que havia de errado. Tocou o ombro dele, apertando-o para chamar sua atenção.

Hoop girou o lança-cargas para baixo, apontando o cano largo para alguma coisa no corredor do andar. Um lodo transparente e viscoso se espalhava por ele e também pelo primeiro degrau do próximo lance, manchando o metal texturizado.

– Em que nível fica a ponte? – sussurrou ela no ouvido dele. Estava confusa, perdida. Apontou para o alto, erguendo um dedo. – Temos que sair da escada e subir de algum outro...

Hoop correu. Tomou impulso com um grunhido, saltando dois degraus de cada vez, a arma apontada para a frente. Foi tão rápido que pegou Ripley e as outras de surpresa, e na hora em que ela começou a segui-lo, ele já estava no andar seguinte, vasculhando o corredor. Ela segurou o corrimão e subiu.

Deveríamos ir devagar e em silêncio!, pensou ela. Mas também sabia exatamente o que Hoop estava sentindo. Ele queria chegar à ponte e avisar Lachance e Baxter antes que o alien chegasse lá. E, caso os outros dois já tivessem sido massacrados, queria matar aquela maldita coisa.

Ripley o viu parar à porta que levava ao próximo nível e tocar a placa de pressão. A porta se abriu em um sussurro. Entrou agachado, olhando ao redor,

enquanto Ripley e as outras se aproximavam. Com um rápido olhar para elas, ele seguiu em frente.

Ripley finalmente reconheceu onde estavam. Enquanto se aproximavam da entrada principal que levava à ponte, ela avançou na frente dos outros, parando à porta e prestando atenção, a mão pairando sobre a placa de pressão. Não conseguia ouvir nada lá dentro, mas talvez as portas fossem à prova de som. Talvez os gritos estivessem contidos. Ela fez um sinal para Hoop e contou com os dedos.

Três... dois... um...

Tocou a placa e a porta se abriu num sussurro.

Entraram juntos, Hoop à esquerda, Ripley à direita, e a alegria e o alívio foram quase esmagadores quando ela viu Lachance e Baxter acorados ao redor do painel da central de comunicações.

– Que porra é essa? – perguntou Baxter, levantando-se e fazendo a cadeira sair girando pelo piso. – Perdemos contato e...

Foi quando notou o rosto deles e percebeu o terror.

– O que aconteceu? – perguntou Lachance.

– Selem a ponte de comando – ordenou Hoop a Sneddon e Kasyanov. – Tranquem as portas. Todas elas.

– E quanto aos outros? – perguntou Baxter.

– Há quanto tempo vocês perderam contato?

– Exatamente quando eles... quando vocês abriram a câmara de pressurização – respondeu Baxter. – Eu ia descer, mas...

– Não há mais ninguém – revelou Hoop. – Selem a ponte. Aí vamos decidir o que vamos fazer agora.



A tristeza era palpável.

Já haviam perdido muitos amigos e colegas, mas esses oito sobreviventes haviam coexistido por mais de setenta dias, esforçando-se para manter a *Marion* segura, esperando que o pedido de socorro fosse captado por outra nave. Vivendo dia após dia com a ameaça constante de outras disfunções mecânicas ou uma evasão daqueles monstros da *Samson*. Desafiando as probabilidades, sua determinação os fizera perseverar. Talvez nem todos gostassem uns dos outros, mas em que grupo todas as pessoas se gostavam? Principalmente sob tanto estresse.

Ainda assim, eram sobreviventes. E agora três deles estavam mortos,

trucidados em questão de segundos por aquelas criaturas malditas.

Ripley deixou que tivessem um instante de silêncio, afastando-se até um painel de controle e sentando na cadeira estofada. Era um ponto de controle de navegação. Ela explorou o sistema, notando os outros planetas e suas distâncias, órbitas, composições. O sol no centro do sistema estava a quase um bilhão de quilômetros.

Não me admira esse frio da porra.

– Temos que encontrá-lo – disse Sneddon. – Rastreá-lo e matá-lo.

– Rastreá-lo como? – perguntou Kasyanov. – Ele pode estar escondido em qualquer lugar na *Marion*. Levaríamos uma eternidade, e temos poucos dias.

– Eu o vi – afirmou Sneddon. Ao som de sua voz, cheia de espanto e medo, todos ficaram quietos, imóveis. – Ele saiu como... como uma sombra viva. Garcia nem viu o que a atingiu, eu acho. Ela não gritou, não teve tempo. Só soltou um grunhido. Como se ela estivesse resmungando. Só isso, e a coisa a matou e correu. Só... a estraçalhou sem motivo algum.

– Eles não precisam de motivo – afirmou Ripley. – Matam e comem. E, se não tiverem tempo para comer, só matam.

– Mas isso não é natural – respondeu Sneddon. – Os animais matam com um propósito.

– A maioria, sim – retrucou Ripley. – Os humanos, por exemplo, não.

– E daí se é natural ou não? – perguntou Hoop, e parecia zangado. – Não importa. O que importa é o que faremos.

– Vamos rastreá-lo – insistiu Sneddon.

– Não temos tempo! – disse Kasyanov.

– Aquele ácido corroeu as janelas e o piso da antecâmara muito rápido – explicou Hoop. – Temos sorte de as portas estarem aguentando. São portas de segurança, não escotilhas externas apropriadas.

– Então, como diabos vamos entrar na *Samson* agora? – perguntou Lachance.

– Esse é outro problema.

Hoop era o centro das atenções. Não só estava no comando como era o único engenheiro ainda vivo.

– Podemos usar os trajes espaciais – sugeriu Lachance.

– Exatamente o que eu estava pensando – respondeu Hoop.

– É – concordou Baxter. – Os sistemas atmosféricos da *Samson* vão voltar a se pressurizar depois que a gente entrar.

– Vamos ter que montar outra câmara de pressurização – afirmou Hoop.

– Mas não podemos simplesmente deixar aquela criatura vagando pela nave! –

Kasyanov estava de pé, os punhos fechados ao lado do corpo. – Ela pode mastigar cabos, derrubar portas, causar sabe-se lá que tipo de danos.

– Vamos deixá-la em paz por enquanto.

Hoop olhou para Ripley, como se procurando apoio. E, de repente, os outros estavam olhando para ela também.

Ela assentiu.

– É. Ou fazemos isso ou caçamos aquela coisa pela nave e colocamos todo mundo em risco. Pelo menos assim temos uma chance.

– É, uma chance – zombou Kasyanov. – Quais são as nossas chances? Vou anotar as apostas. Quem dá mais?

– Eu não faço apostas – respondeu Ripley. – Escutem: se três de nós ficarem de vigia enquanto os outros três trabalham, ainda vamos levar um bom tempo para chegar à *Samson*. Aí, quando voltarmos, vamos direto para minha nave e fugimos.

– E os suprimentos? – perguntou Baxter. – Água, comida. Lubrificante para todo mundo fazer um amorzinho.

– Há estoques na mina? – perguntou Ripley a Hoop.

– Sim.

– Mas é de lá que *elas* vêm! – disse Sneddon.

Ripley concordou. Ninguém falou nada. *É, todos estamos pensando na mesma coisa*, pensou ela.

– Certo, então eu decido – começou Hoop. – Tenho uma ideia de como podemos passar pelas salas descomprimidas e embarcar na *Samson*. Vamos todos juntos e seguiremos o plano. E, se aquela criatura nos causar problemas quando voltarmos, lidaremos com ela quando chegar a hora.

– Um problema de cada vez, não é? – perguntou Baxter.

– Tipo isso.

– Precisamos de mais armas – avisou Ripley. – Perdemos a maioria lá embaixo quando...

– Podemos fazer um desvio para o Porão Dois quando descermos – propôs Sneddon. – Provavelmente há lança-cargas e maçaricos de plasma lá.

– Moleza – disse Lachance.

– Mamão com açúcar – concordou Baxter.

– Vamos todos morrer – disse Kasyanov. E falava sério. Não estava fazendo piada. Ripley ficara impressionada ao vê-la em ação na ponte de atracação, mas agora ela voltara a ser a voz do pessimismo.

– Hoje, não – respondeu Ripley.

Kasyanov bufou. Ninguém mais respondeu.

Eles seguiram em frente, mas não muito rápido. Na relativa segurança da ponte, cada um levou alguns instantes para recompor os pensamentos.

Por trás daquelas portas havia somente o perigo.

8

VÁCUO

Trataram de selar a ponte de comando completamente antes de saírem. Tiveram uma breve discussão sobre se Lachance e Baxter deveriam ficar para trás, mas a ideia foi logo descartada, e eles não precisaram ser persuadidos a seguir com os outros. Nenhum dos dois gostava da ideia de ser deixado sozinho com a criatura na *Marion*, especialmente se algo desse errado enquanto os outros estivessem no planeta. Era melhor que todos continuassem juntos. Além disso, havia pouco que pudessem fazer a bordo da nave em órbita, além de traçar sua trajetória condenada.

Pouco antes de saírem do andar da ponte de comando, Hoop viu Kasyanov se aproximar de Ripley, ficar na ponta dos pés e dar um beijo na bochecha dela. Não disse nada – talvez achasse que palavras de agradecimento fossem redundantes a essa altura, ou que pudessem estragar o momento –, mas ela e Ripley trocaram olhares por um instante, depois assentiram uma para a outra.

– Se as moças já terminaram com o amorzinho, talvez seja hora de sair desta porra de nave – disse Baxter.

Com as portas da ponte trancadas e seus mecanismos desabilitados, os seis sobreviventes se deslocaram rumo ao Porão Dois. Sneddon se ofereceu para ir na frente, pedindo o lança-cargas de Hoop. Ele não se opôs. Estavam todos juntos nessa.

Contornaram a ala dos alojamentos, observando cada porta do corredor curvo. Havia quase uma centena de quartos individuais nessa ala, e o alien poderia estar escondido em qualquer um deles. As portas de acesso eram rebaixadas na parede de metal cinza, difíceis de ver, e a luz fraca acrescentava profundidade às sombras. Era uma jornada estressante. Fizeram-na lentamente e chegaram ao Porão Dois sem incidentes.

Era um espaço enorme – de teto alto, cavernoso e parcialmente ocupado por equipamentos extras de mineração. Dois imensos veículos de transporte terrestre estavam acorrentados ao chão, e vários caminhões menores haviam se deslocado durante e imediatamente após a colisão com a *Delilah*. Outros equipamentos

estavam empilhados ou espalhados. Havia contêineres de metal, estantes de ferramentas, caixas e caixotes de provisões e todo tipo de itens menores. Formavam um labirinto complexo de passagens e becos sem saída, e Hoop de repente teve vontade de voltar por onde tinham vindo.

Mas precisavam de armas. Não só para o caso de cruzarem com a criatura desgraçada nos corredores da *Marion*, mas para enfrentar qualquer coisa que encontrassem no planeta. Os mineradores haviam desenterrado algo terrível lá embaixo, e não dava para saber quantas daquelas coisas poderiam estar esperando por eles.

Esse pensamento quase o paralisou com a sensação de desamparo. Mas precisava se livrar das dúvidas e escondê-las sob a rígida noção de que não tinham outra opção.

Gesticulou para os outros se aproximarem e seguiu na frente, contornando a parede do porão. Quando chegou a uma porta pesada e verde, digitou o código de acesso. A porta se abriu em um sussurro, e a iluminação do interior se acendeu automaticamente, piscando.

– Entrem – murmurou ele.

Todos passaram por ele, Ripley na retaguarda.

– O que é isso? – perguntou ela.

– A oficina – respondeu Hoop.

Ele foi o último a entrar, andando de costas, observando o porão enquanto fechava a porta. Só então se virou e relaxou.

Powell estava de pé junto dos equipamentos de soldagem no canto mais distante, reclamando de alguma coisa que Welford fizera, ou algo que aquele desgraçado rabugento do Baxter dissera na sala de convivência, ou talvez só descobrindo um aspecto da própria aparência sobre o qual se queixar. Welford estava sentado diante da bancada cheia de aparelhos eletrônicos, os óculos de proteção apoiados na testa. O resmungo constante e monótono de Powell o fez sorrir. Uma caneca enorme de café com as palavras “Engenheiro só se ferra” próxima ao cotovelo enquanto tagarelava entusiasmado sobre um assunto ou outro, a voz um som de fundo constante, um contraponto ao tom grave de Powell.

Hoop piscou. Nunca pensou que sentiria falta daqueles dois, não mesmo. A morte deles fora horrível. Não conseguia conter as lembranças. Passara muito tempo naquela sala com eles, ocupado em vários serviços de reparo e manutenção, e, embora fossem mais amistosos um com o outro do que com Hoop – por causa do seu cargo superior, achava ele, ou talvez simplesmente porque os dois tinham mais coisas em comum –, ainda eram um trio.

– Que lixeira – comentou Baxter.
– Vá à merda – respondeu Hoop.
– Belo lugar vocês têm aqui... – Ripley sorriu, parecendo entender. Talvez tenha interpretado a expressão dele.

Hoop fungou e apontou.

– Tem umas coisas úteis guardadas naqueles armários. Baxter, por que você e o Lachance não vão dar uma olhada? Sneddon, Kasyanov, venham comigo e com Ripley.

– Aonde?

– Por aqui.

Ele apontou para uma porta na parede lateral, fechada e marcada com um símbolo de *Produtos Perigosos*.

– O que tem aí? – perguntou Ripley.

– Vou mostrar – respondeu ele, sorrindo. – Estou pensando em usar fogo contra fogo.

Hoop digitou o código de acesso, e a porta se abriu. A luz piscou lá dentro, iluminando uma sala pequena e de aparência estéril, mais parecida com um laboratório de pesquisas do que com a oficina da qual vinham. Ele passara um bom tempo ali, brincando com produtos químicos e desenvolvendo vários métodos de aplicação. Jordan sempre fizera vista grossa aos hobbies de pesquisa e desenvolvimento dos engenheiros, pois acreditava que aliviavam o tédio e ajudavam a passar o tempo. Mas aquele lugar havia mesmo sido o xodó de Welford. Às vezes, ele passava doze horas seguidas ali, fazendo com que Powell lhe trouxesse comida e bebida da cozinha ou da sala de convivência. Hoop nunca soubera direito por que exatamente Welford ficara tão interessado em aerógrafos. Talvez fosse simplesmente porque ele se destacava na área.

– Então, o que é isso? – perguntou Ripley.

– Loucuras do Welford – respondeu Sneddon. – Eu o ajudei em alguns desses projetos.

– Sério? – perguntou Hoop, surpreso.

– Claro. Algumas das coisas que ele estava usando aqui eram... tecnologia de ponta, na verdade.

Hoop apanhou um dos aparelhos nos quais Welford estivera trabalhando. Parecia algum tipo de arma pesada, mas, na verdade, era de uma leveza surpreendente. Ele a balançou, já sabendo que o reservatório estaria vazio.

– Vamos lutar contra eles usando pistolas de água? – perguntou Ripley.

– Água, não – respondeu Sneddon. – Ácido.

– Fogo contra fogo – repetiu Hoop, sorrindo e erguendo a arma.

– Os mineradores estavam nos pedindo algo assim há um bom tempo – contou Sneddon. – Normalmente só se encontra trimonita em pequenos depósitos, cercada por materiais menos densos: areia, xisto, quartzo e outras estruturas cristalinas. Separar tudo sempre foi um processo muito demorado. A ideia dessa ferramenta era derreter tudo com ácido fluorídrico e deixar a trimonita intocada.

– Parece perigoso – comentou Ripley.

– É por isso que ainda está no laboratório – informou Hoop. – Estávamos tentando descobrir um jeito de tornar a aplicação mais segura.

– E encontraram?

– Não. Mas segurança é a menor das minhas preocupações agora.

– Como vamos saber se isso vai funcionar contra eles? – perguntou Kasyanov, sempre pessimista. – Eles têm ácido nas veias!

– Só há um jeito de descobrir – respondeu Hoop. – Temos duas unidades. Vamos abastecê-las, e então podemos sair daqui.

Dez minutos depois, estavam parados diante das portas trancadas da oficina. Hoop havia pendurado uma bolsa de ferramentas no ombro, cheia dos apetrechos dos quais achou que poderiam precisar. Ele e Sneddon portavam as pistolas de spray, totalmente carregadas de ácido fluorídrico. Ripley e Lachance traziam lança-cargas, os recipientes cheios com parafusos de seis polegadas. Também usavam cintos com parafusos na cintura, e a munição extra era pesada. Baxter e Kasyanov ficaram com os maçaricos de plasma recém-carregados.

Deveriam se sentir mais seguros. Hoop deveria se sentir pronto. Mas ainda estava apavorado enquanto se preparava para abrir as portas.

– Todos, por aqui – ordenou ele. – Sneddon, você fica na retaguarda. Olhos e ouvidos atentos. Vamos seguir devagar, fazendo o caminho contrário em torno dos alojamentos e descendo as escadas até o nível de atracação. Quando chegarmos ao corredor da Baía Três, é aí que eu vou trabalhar.

Ele olhou para todos, mas Ripley foi a única que lhe ofereceu um sorriso.

– No três.



Levaram quase meia hora para fazer o caminho de volta à ala de acomodações e ao nível de atracação. Em um dia normal, teriam levado metade desse tempo, mas espreitavam cada sombra.

Hoop esperava ver o alien sobrevivente a qualquer momento: saltando de uma porta retraída, surgindo de uma esquina, vindo do alto quando eles passassem sob as cúpulas dos cruzamentos. Mantinha a pistola de spray carregada e

apontada para a frente; era muito mais fácil de manejar que o lança-cargas. Não era possível saber qual seria o efeito do ácido, mas os lança-cargas eram armas inadequadas se o alvo estivesse a mais que alguns poucos metros de distância, e os maçaricos de plasma provavelmente eram mais perigosos para eles do que para a criatura. Tinham visto isso na *Delilah*.

O dedo de Hoop acariciou o gatilho. *Eu deveria estar usando um aparelho respiratório, pensou. Óculos de proteção. Máscara.* Se uma gota de ácido fluorídrico espirrasse nele, ou mesmo se dispersasse no ar e tocasse sua pele, seria torrado em um instante. Roupas, pele, carne, ossos, tudo derreteria sob o ataque ultracorrosivo do ácido.

Que burrice. *Burro!* Pensar que poderia combater a criatura com seu próprio veneno. Sua mente febril buscava alternativas.

Deveria voltar a usar o lança-cargas.

Deveria fazer Baxter ir na frente com o maçarico de plasma.

Deveriam parar e pensar melhor no plano.

Hoop exalou com força, cerrando a mandíbula. *Anda logo com isso, porra,* pensou. *Chega de enrolar! Agora é a hora.*

Descendo a larga escadaria até o nível de atracação, eles pararam ao lado de uma série de três portas marcadas com o símbolo amarelo de “Emergência”. Baxter abriu a primeira e tirou de dentro dela três pacotes embalados a vácuo.

– Trajes espaciais? – perguntou Ripley.

– É, está tudo aí – respondeu ele. – Traje, capacete, tanque de ar comprimido, cabo. – Olhou para os outros. – Vistam-se.

Revezaram-se abrindo os pacotes e vestindo os trajes espaciais prateados. Era como ser embrulhado em um plástico fino e enrugado, com anéis rígidos de vedação onde as partes da vestimenta se encaixavam. Os cintos impediam que o material ficasse frouxo demais. Os capacetes tinham flexibilidade semelhante, com comunicadores costurados no tecido. Os trajes foram projetados apenas para uso emergencial, deixados próximos das baías de atracação em caso de descompressão catastrófica. Os tanques de ar durariam cerca de uma hora, e os próprios trajes deveriam meramente permitir que o usuário chegasse ao lugar seguro mais próximo.

Quando estavam todos prontos, foram em frente.

Chegando ao corredor da Baía Três sem incidentes, Hoop olhou para todos. Pareciam mais animados do que antes, mais confiantes. Mas não podiam deixar que a confiança os iludisse.

– Baxter, Sneddon, por ali. – Ele apontou para além das portas fechadas, em direção à Baía Quatro, onde o módulo de Ripley estava atracado. – Fechem as

portas da Baia Quatro, selem tudo e fiquem atentos. Kasyanov, Lachance, deem a volta. Fechem as portas de segurança do corredor pelas quais passamos. Ripley, comigo. Vamos rápido.

Quando os outros partiram, ele tirou a bolsa de ferramentas do ombro e estendeu a pistola de spray para Ripley.

– Segure para mim.

Ela pegou a arma de ácido, erguendo uma sobrancelha.

– Perigoso demais para eu usar de verdade, hein?

– Ripley...

– Mostre como se faz. Sei me virar.

Hoop suspirou, depois sorriu.

– Ok, você carrega aqui e espera até esta luz ficar vermelha. Faz a mira. Aperta o gatilho. Ela vai disparar jatos comprimidos em pulsos curtos.

– Não deveríamos estar usando equipamento de segurança?

– Com certeza. – Ele se virou, ajoelhou-se e abriu a bolsa de ferramentas. – Não vou demorar.

O traje espacial tornava os movimentos um pouco mais desajeitados, mas ele tirou uma pesada furadeira portátil da mala, equipada com uma broca fina, e a encostou em um dos painéis da porta.

Adiante, na antecâmara da Baia Três, havia apenas o vácuo do espaço.

– Tem certeza de que essa porta aguenta? – perguntou Ripley. – Depois que você furar a câmara vai começar a descomprimir e...

– Não! – rosnou ele. – Não, não tenho certeza. Você tem alguma sugestão?

Ela não respondeu. Apenas assentiu.

– Coloquem os capacetes – disse ele. – Prendam os cabos bem perto do corpo e em alguma coisa sólida.

Ripley fixou a gola do capacete flexível ao traje e ligou o suprimento de ar, e, ao longo do corredor, em ambas as direções, ouviu os outros fazendo o mesmo. Quando teve certeza de que todos estavam prontos, Hoop fixou o próprio capacete com uma das mãos e começou a furar.

Era o barulho mais alto que eles faziam desde que abriram a *Samson*. A broca de metal escorregou pela superfície da porta antes de se apoiar em uma emenda e começar a penetrar. Raspas enroladas de metal saíram e caíram no chão como cachos de robô. Fumaça começou a sair da abertura, e Hoop viu o calor tremulando no ar ao redor da ponta da furadeira enquanto a broca lentamente abria caminho. Inclinou-se em direção à ferramenta, empurrando-a mais para dentro da porta.

Não demorou muito. O corpo da furadeira bateu na porta quando a broca a

atravessou, e Hoop desligou a ferramenta. Um assobio agudo começou na mesma hora, quando o ar começou a sair com pressão pela abertura microscópica entre a broca e a porta.

Ele olhou para Ripley. Ela prendera o cabo à maçaneta de uma porta no corredor.

– Todo mundo pronto? – perguntou ele no comunicador do capacete. – A casa vai cair.

Ele colocou a mão enluvada sobre o botão de soltura da broca e apertou. Um baque, então a broca tremeu e foi sugada pela porta para dentro da antecâmara atrás dela.

Hoop recuou, prendendo-se à maçaneta da porta pesada com o cabo bem próximo do corpo, e chutou a furadeira para o lado.

Um assobio cortante preencheu o corredor enquanto o ar era sugado pelo minúsculo buraco. A porta pesada vibrou no batente, mas continuou sólida e trancada. O pó gerou formas graciosas no ar, meadas cintilantes ondulando enquanto a luz artificial piscava sem parar.

Logo o fluxo de ar cessou, e eles estavam parados no vácuo.

– Todo mundo está bem? – perguntou Hoop.

Todos estavam. O que significava que chegara a hora de fazer o trajeto até a *Samson*.

Estavam presumindo que não havia mais perigos lá dentro. Quatro aliens haviam emergido. Dois foram mortos na antecâmara, outro fora sugado para o espaço quando a janela se rompera, e o quarto estava em algum lugar a bordo da *Marion*. Tinham certeza de que havia apenas quatro na *Samson*, mas não podiam garantir que os aliens não tivessem deixado nada para trás na fuga... ovos, sacos de ácido ou qualquer coisa desconhecida. Sabiam muito pouco sobre as criaturas.

– Certo. Não podemos usar maçarico de plasma nem pistolas de spray ácido dentro da *Samson*.

– Eu vou primeiro. – Ripley entregou a pistola para Hoop e ergueu o lança-cargas. – É a decisão mais lógica.

E passou pela porta antes que os outros pudessem impedi-la.

Hoop a seguiu de perto pela antecâmara arruinada, avançando pela câmara de pressurização e ao longo da curta ponte de atracação. Ela parou diante da escotilha aberta da *Samson*, mas só por um momento. Então, abaixou-se, com o lança-cargas à frente do corpo, e entrou na dropship.

– Ah, merda – disse Ripley.

– O que foi? – Hoop se adiantou, alerta. Mas então viu o que ela tinha visto, e

seu estômago se contraiu.

– Vai ser uma viagem agradável – comentou Ripley.

9 REENTRADA

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

PRESENÇA CONFIRMADA DA ESPÉCIE ALIENÍGENA IDENTIFICADA
ANTERIORMENTE.
VÁRIOS ESPÉCIMES DESTRUÍDOS.
SUBTENENTE RIPLEY ATUANDO.
PLANO PROCEDE DE FORMA SATISFATÓRIA.
NOVAS ATUALIZAÇÕES DENTRO DE DOZE HORAS.
TENHO PROPÓSITO NOVAMENTE.

Antes de desatracar da *Marion*, Lachance garantiu a todos que era o melhor piloto da nave. Sua breve tentativa de humor não surtiu muito efeito. Mesmo quando Hoop se inclinou na direção de Ripley e informou a ela que o francês talvez fosse o melhor piloto da *galáxia*, ela ainda teve dificuldade para segurar o vômito. Já era ruim o bastante que essa fosse a única chance deles. Mas serem forçados a seguir viagem nessa dropship fazia parecer que o destino estava pregando uma peça de incrível mau gosto.

Depois que a atmosfera interna foi restaurada, tiveram que remover os capacetes para preservar o suprimento limitado de oxigênio dos trajes. Tudo o que não estivesse pregado ou parafusado na *Samson* havia sido sugado para fora durante a descompressão. Mas ainda havia sangue seco e manchas espirradas por todo o interior, nos painéis cor de creme, assentos azul-claros e piso de metal. Sem falar no fedor da decomposição, ainda forte, embora a nave tivesse passado quase um dia inteiro no vácuo. Um braço estava entalado debaixo de uma fila de cadeiras, os dedos em garra quase segurando o suporte, os ossos visíveis por

entre os restos de roupa e pele. Ripley notou que os outros faziam o possível para não olhar, e imaginou se sabiam quem tinha sido aquela pessoa. Havia um emblema esfarrapado na roupa rasgada e um anel de ouro em um dedo.

Deveriam ter tirado o braço de lá, mas ninguém queria tocá-lo.

Além dos restos humanos, havia o que os aliens deixaram para trás.

O compartimento de passageiros da *Samson* tinha duas fileiras de cadeiras, uma de frente para a outra, ao longo da parede, com doze assentos cada uma. Entre as fileiras havia suportes para armazenar equipamentos – haviam transportado várias armas ali – e uma área elevada contendo armários e estantes baixas. Mesmo sentados, os passageiros conseguiam ver por cima dessa área e conversar uns com os outros.

Nos fundos do compartimento, havia duas portas estreitas. Uma tinha a placa de banheiro, a outra, Ripley imaginou que fosse a sala das máquinas.

Todos escolheram sentar o mais perto possível da cabine do piloto, ligeiramente elevada. Lachance e Baxter acomodaram-se ali, com Ripley e Hoop de um dos lados do compartimento de passageiros, Kasyanov e Sneddon do outro. Ninguém quis ficar nos fundos.

Ninguém queria nem mesmo olhar para lá.

No tempo que passaram a bordo da nave, os aliens haviam tomado para si os fundos do compartimento. O chão, as paredes e o teto estavam cobertos de uma substância grossa. Ela aderiu às duas portas, passando, vez ou outra, por cima delas, como pontes de plástico derretido e endurecido novamente. Parecia algum tipo de extrusão, escura e pesada em alguns pontos, reluzente e cintilante em outros, com aparência úmida. Havia vazios que guardavam uma semelhança aterrorizante com formas que Ripley conhecia bem. Os aliens haviam criado seu próprio lugar de descanso, e era um lembrete severo do que estivera ali até pouco tempo antes.

– Espero que a viagem seja rápida – disse Sneddon.

Kasyanov, a seu lado, concordou.

– Lachance? – chamou Hoop.

– Últimas verificações – respondeu o piloto. Estava sentado na poltrona, inclinado para a frente, as mãos percorrendo os painéis de controle. Uma tela ganhou vida na frente dele, mais duas na antepara a seu lado.

– Baxter? Já temos conexão com o computador de bordo da *Marion*?

– Estou entrando on-line agora – informou Baxter, na poltrona do copiloto. Tinha um teclado retrátil no colo, as mãos passando pelas teclas enquanto uma série de símbolos surgia no visor suspenso diante dele. – Chamando o computador de bordo... Ah, pronto.

A janela ficou nebulosa por um momento e, quando voltou a clarear, estava atravessada por um visor de malha fina.

– Deixe desligado por enquanto – disse Lachance. – Quero sair de perto da *Marion* primeiro. Estou com medo de que ainda haja destroços da colisão por aqui.

– Depois de todo esse tempo? – perguntou Kasyanov.

– É possível – respondeu ele. – Tá legal, todo mundo pôs o cinto?

Hoop se inclinou na direção de Ripley e verificou o cinto dela. A súbita proximidade a surpreendeu, e ela sentiu o braço dele roçar seu quadril e seu ombro enquanto apertava as correias de segurança.

– É um passeio agitado – avisou ele, sorrindo. – A atmosfera desse planeta pode ser desagradável.

– Ótimo – respondeu ela. – Obrigada.

Hoop assentiu, cruzou o olhar com o dela, depois desviou.

O que foi isso?, pensou ela. *Sai dessa, Ripley, está fugindo de monstros no fim do mundo e ainda consegue sentir tesão?* Ela soltou um riso mudo e notou que ele a ouvir exalar o ar.

– Como está aí? – perguntou Hoop.

– Todos os sistemas on-line – respondeu Lachance. – Os neutralizadores de inércia estão um pouco irregulares, então a viagem pode ser mais agitada que o normal.

– Ah, que maravilha – disse Sneddon.

– Com que frequência vocês costumam descer? – perguntou Ripley.

– Todos já viemos ao planeta algumas vezes – respondeu Hoop. – Kasyanov em emergências médicas, o resto de nós por várias outras razões. Mas normalmente eram os mineradores que desciam mais.

– Logo você vai entender por quê – comentou Kasyanov em um sussurro. – Esse planeta é uma merda.

– Ei, todo mundo – disse Lachance. – Obrigado por voarem com a Lachance Aeronaves. O jantar será servido meia hora após a decolagem; hoje teremos ravióli de lagosta e champanhe. Há uma seleção de recreações durante o voo e os sacos de vômito estão debaixo dos assentos. – Ele riu. – Vocês vão precisar deles. Desatracando em dez segundos.

Ele acionou a contagem regressiva automática, e Ripley contou os segundos em silêncio. *Nove... oito...*

– Travas elétricas desligadas, cabos magnéticos desabilitados.

... seis... cinco...

– Retropropulsores carregados, acioná-los ao meu sinal.

... três...

– Talvez os passageiros sintam um leve solavanco.

Que diabo é um leve solavanco?, pensou Ripley. Hoop pegou a mão dela e a apertou. Sneddon e Kasyanov pareciam aterrorizadas.

... um...

– Fogo.

Houve um momento de vazio. Então, o estômago de Ripley deu uma cambalhota, o cérebro quicou dentro do crânio, os sentidos entraram em colapso, o ar foi arrancado dos pulmões e um ruído trêmulo tomou a cabine.

Ela conseguiu virar a cabeça e olhar, além de Hoop e através da divisória, para a cabine do piloto. Enquanto desciam rapidamente, afastando-se da *Marion*, o dano extenso causado pela colisão da outra dropship ficou ainda mais aparente. Também viu a *Narcissus* atracada à outra extremidade da base da nave e sentiu uma ansiedade curiosa por estar longe dela. Talvez por ter sido seu lar durante tanto tempo, quer ela soubesse disso ou não. Mas a nave auxiliar estava trancada e segura, e Jonesy passaria a maior parte do tempo dormindo. Tomara o cuidado de deixar comida o suficiente para ele.

Uma sirene soou, campainhas tocaram pela cabine e a altitude da nave mudou. Lachance parecia calmo e controlado, apertando botões e passando a mão por controles projetados entre ele e o para-brisa. A *Marion* saiu de vista a bombordo, e LV178 entrou no seu campo de visão. Com a vibração da descida, era difícil distinguir qualquer forma verdadeira – para Ripley, o planeta parecia pouco mais que um borrão amarelo-acinzentado através das janelas.

Poucos momentos depois, Lachance apertou um botão e os escudos térmicos se ergueram, bloqueando a vista.

– Estamos prestes a iniciar a reentrada – avisou ele.

A gravidade artificial tremulou enquanto se ajustava ao puxão real do planeta. Sneddon vomitou. Ela se inclinou para a frente e mirou a maior parte no espaço entre as pernas. Kasyanov desviou o olhar, depois voltou o rosto para a frente, fechando os olhos, agarrando os braços da poltrona com tanta força que os nós dos dedos pareciam pérolas brancas em sua pele negra.

Os cintos apertados por Hoop quase machucavam, mas Ripley não se importou.

A *Samson* começou a sacudir ainda mais. Cada impacto parecia forte o bastante para partir a nave ao meio, e Ripley não pôde segurar os engasgos e grunhidos que vinham a cada solavanco. Isso trouxe à tona memórias da descida a LV426 na *Nostromo*, mas agora era muito pior.

Olhou para a estranha faixa da substância que os aliens haviam deixado para

trás. Devia ser muito sólida para sobreviver à descompressão e permanecer intacta, mas vista daqui parecia quase mole, como enormes teias de aranha cobertas de pó e cinzas. As criaturas deviam ter hibernado ali. Ela se perguntou por quanto tempo poderiam ter dormido, esperando, se os sobreviventes não tivessem decidido abrir a *Samson*.

Seus pensamentos vagaram, e ela temeu o que os aguardava no planeta. Hoop achava que dezoito mineradores haviam sido deixados na superfície, e ninguém sabia o que acontecera a eles. Não havia nenhuma informação oficial sobre o que teriam encontrado, como o ataque dos aliens acontecera, como haviam sido descobertos. A mina de trimonita era o último lugar da galáxia ao qual ela queria ir, mas o único que oferecia a eles alguma esperança de sobrevivência.

Pegar as células de combustível e ir embora. Era esse o plano de Hoop. Todos haviam concordado.

A nave sacudia tanto que parecia que iria se partir em pedaços a qualquer momento. Quando Ripley achava que o pior já havia passado, Lachance voltou a falar:

– Pode ter um pouco de turbulência adiante.

Sneddon se inclinou e vomitou de novo.

Ripley se recostou à poltrona e fechou os olhos, e Hoop apertou sua mão ainda mais.



A reentrada pareceu durar uma eternidade, mas não devia ter levado nem uma hora para eles penetrarem profundamente a atmosfera de LV178, voando pouco mais de um quilômetro acima da superfície do planeta em direção à mina. Baxter havia ligado o computador de bordo e calculado que a instalação estava a 965 quilômetros de distância.

– Demoramos pouco mais de uma hora – avisou Lachance. – Eu poderia ter ido mais rápido, mas a tempestade ainda está bem forte.

– Deixe-me adivinhar – disse Kasyanov. – Um voo agitado?

– Só um pouquinho.

– Como é que ainda estamos voando? – perguntou Sneddon. – Como é que a nave ainda está inteira? Como é que meu estômago não está saindo pela boca?

– Porque somos intrépidos exploradores do espaço – respondeu Baxter.

Na verdade, a vibração e o sacolejo haviam diminuído drasticamente depois que entraram na atmosfera e Baxter planejara a rota. Lachance colocou o controle no piloto automático e girou a poltrona para trás.

– Lagosta – disse ele.

Sneddon gemeu.

– Se você falar em comida de novo, Lachance, não me responsabilizo pelos meus atos.

– Ok, pessoal, temos uma hora – informou Hoop. – Precisamos falar sobre o que acontece agora.

– A gente aterrissa, pega as células de combustível e vai embora – disse Ripley. – Certo?

– Bom...

– O quê?

– Talvez não seja tão simples – respondeu Hoop. – Há muitas variáveis.

– Ah, que ótimo – resmungou Kasyanov. – Não dá para ter mais variáveis que aqueles monstros, dá?

– Pista de pouso – disse Hoop. – Acesso à mina. Qualidade do ar no interior. Danos. E as células de combustível estão guardadas vários níveis abaixo.

– O que diabo isso significa? – perguntou Ripley, olhando para eles.

Sneddon ergueu as mãos.

– Ei, sou só a oficial de ciências.

– A atmosfera do planeta não é lá essas coisas – declarou Hoop. – A mina e o complexo da superfície estão dentro de um domo com atmosfera. As pistas de pouso ficam do lado de fora, ligadas por túneis curtos. Dentro do domo há vários edifícios na superfície – armazéns, refeitório, alojamentos – e duas entradas para a mina, também separadas como medida adicional de segurança.

“Em cada uma das entradas há dois elevadores de carga que levam até os níveis subterrâneos. Os primeiros três estão abandonados: já mineraram tudo neles. O nível quatro é onde estão guardadas as células de combustível e um monte de outras provisões de emergência. E os níveis de cinco a nove são os que estão sendo minerados atualmente.”

– Então, foi num desses níveis que eles acharam os aliens? – perguntou Ripley.

– É bem provável.

– Então entramos, descemos ao nível quatro, pegamos a células e saímos.

– É – confirmou Hoop. – Mas não temos ideia do estado atual da mina.

– Um passo de cada vez – disse Kasyanov. – O que quer que aconteça, a gente vai resolver como puder.

– E o mais rápido possível – acrescentou Sneddon. – Não sei vocês, mas eu não quero ficar lá nem um minuto a mais que o necessário.

Depois disso, o silêncio pairou na dropship. Lachance virou a poltrona e ficou de olho nos computadores de voo. Baxter observava os visores da nave. Ripley e os outros ficaram sentados, quietos, sem olhar nos olhos uns dos outros e tentando não olhar para as estranhas esculturas que os aliens haviam deixado para trás.

Ripley escolheu o caminho mais fácil e fechou os olhos.



Ficou surpresa quando Hoop a acordou com um toque. Caíra mesmo no sono? Com todo aquele movimento, sacolejo e barulho?

– Não acha que já dormiu o bastante? – perguntou ele.

Se fosse outra pessoa ela teria ficado irritada, mas havia um tom alegre na voz dele que dizia que ele quase entendia. Soava hesitante, quase triste.

– Já chegamos?

– Estamos contornando o complexo agora.

– As luzes estão acesas – disse Lachance da cabine do piloto.

– Mas não tem ninguém em casa – respondeu Baxter. – O domo parece intacto, não dá para ver nenhum dano óbvio.

Ripley esperou um instante, sentindo as vibrações sutis da nave. O voo parecia muito mais suave agora do que quando ela adormecera. Apertou o botão que soltava o cinto de segurança e se levantou.

– Ripley? – chamou Hoop.

– Estou só dando uma olhada.

Ela foi até a cabine do piloto e se debruçou nas costas da poltrona de Lachance. O francês se virou e a olhou de soslaio.

– Veio dar uma olhada em mim? – perguntou ele.

– Bem que você queria – respondeu ela.

O para-brisa estava coberto de pó, mas ela ainda conseguia divisar o domo de segmentos metálicos lá embaixo enquanto a nave o rodeava. Um lado estava mais enterrado na areia esvoaçante, e ao longo da superfície havia diversas luzes piscantes. Não havia sinal claro de divisórias, nem pontos de acesso visíveis.

– Desanimador – disse ela.

– Espere até entrar lá – respondeu Baxter.

– Onde estão as pistas de pouso?

Lachance nivelou levemente a *Samson* e pairou, deslocando-se para o lado até ficar sobre o domo. Apontou. Ripley identificou três formas maciças no chão, também semienterradas pela areia espalhada.

– Se aproximem um pouco mais – pediu Hoop, juntando-se a Ripley atrás das duas poltronas. – Não sabemos o que aconteceu lá embaixo, mas é bem provável que eles tenham sido perseguidos até as naves.

– Como sabe disso? – perguntou Sneddon de onde estava, ainda com o cinto de segurança.

– Porque a *Samson* deixou muitos para trás.

Lachance baixou ainda mais a altitude da nave e se aproximou das pistas de pouso. Ficavam a uns duzentos metros do domo, e Ripley viu resquícios dos túneis de ligação entre elas. Camadas de areia sopravam para todos os lados, jogadas por ventos que eles não sentiam dentro da *Samson*. O cenário era assustador, mas estranhamente belo; esculturas de poeira criando formas graciosas e incríveis. Longe da obra artificial da mina, o deserto parecia um mar congelado, fluindo por anos em vez de momentos.

Quilômetros ao longe, tempestades elétricas lampejavam em nuvens vultuosas.

– Como é que você vai pousar aqui? – perguntou Ripley.

– As pistas normalmente são limpas por equipes de solo – respondeu Lachance. – Máquinas grandes, escavadeiras. Vai dar certo. Eu sou bom.

– É o que você sempre diz. Ainda estou esperando uma prova – brincou ela.

– Nenhum sinal das criaturas – avisou Hoop.

– Nesse tempo? – perguntou Baxter.

– Não dá para saber que tipo de ambiente eles preferem – disse Ripley.

Lembrou-se de Ash – antes que sua verdadeira natureza fosse exposta, quando estava estudando o alien – falando sobre como a criatura se adaptou de forma notável ao ambiente da nave. Talvez cenários açoitados por areias e tempestades fossem seus preferidos.

– Coloquem os cintos, senhoras e senhores – anunciou Lachance.

Ele verificou as leituras, passou a mão pelos controles de navegação projetados diante de si e voltou a se reclinar na poltrona.

Ripley e Hoop voltaram a seus lugares e puseram o cinto. Ela esperou enquanto ele verificava as fivelas dela outra vez e viu Sneddon olhar dela para Hoop com um sorrisinho afetado. Ripley a encarou. A oficial de ciências desviou o olhar.

A *Samson* sacudiu quando os retropropulsores foram ligados. Momentos depois, sentiu um tranco, e os motores começaram a desligar.

– Pronto – disse Lachance. – Eu disse que era bom.

Hoop expirou, e do outro lado da cabine Ripley ouviu Kasyanov murmurar algo que pode ter sido uma prece. Os cintos foram abertos, eles se levantaram e

se espreguiçaram, depois se reuniram na frente da nave para olhar o exterior.

Lachance havia pousado de frente para o domo. O contorno do túnel parcialmente enterrado era óbvio, indo da pista até o domo, e a tempestade de repente pareceu mais intensa agora que haviam aterrissado. Talvez porque estivessem no solo, onde havia mais areia para soprar por toda parte.

– Vistam-se – disse Hoop. – Peguem as armas. Lachance, você vai na frente comigo. Vou abrir as portas e as escotilhas. Baxter, você fica na retaguarda.

– Por que tenho que ir por último? – perguntou o oficial de comunicações.

– Porque é um cavalheiro – afirmou Sneddon.

Kasyanov riu, Baxter ficou inseguro e Ripley imaginou que relacionamentos complexos haveria entre essas pessoas. Ela mal tocara a superfície; eles haviam vivido aqui, juntos, por muito tempo.

De repente, o interior da *Samson* pareceu muito mais seguro. Em meio ao medo, Ripley estava determinada, mas não podia ignorar as lembranças terríveis. As novas, de Powell e Welford sendo mortos por aquelas criaturas rápidas e furiosas. E as antigas, da *Nostromo*. Não pôde evitar a sensação de que mais memórias pavorosas logo se forjariam.

Isso se ela vivesse para lembrá-las.

– Vamos ficar bem perto uns dos outros – disse ela.

Ninguém respondeu. Todos sabiam o que estava em jogo, e todos tinham visto os aliens em ação.

– Vamos avançar depressa, mas com cuidado – acrescentou Hoop. – Nada de entrar correndo. Nada de bancar o herói.

Puseram os capacetes, verificaram os trajes e suprimentos de ar uns dos outros, testaram a comunicação e empunharam as armas. Para Ripley, todos pareciam muito vulneráveis: larvas pálidas e brancas prontas para serem perfuradas, rasgadas e comidas pelos aliens. E nenhum deles tinha ideia do que estavam prestes a enfrentar.

Talvez a incerteza fosse uma coisa boa. Talvez, se soubessem o que encontrariam dentro da mina, não se forçariam a entrar. Respirando fundo, pensando em Amanda – que provavelmente achava que a mãe estava morta –, Ripley prometeu silenciosamente fazer de tudo para continuar viva.

Lachance abriu a escotilha externa, e a tempestade entrou.

PARTE 2

SUB TERRÂ NEO

10

PELE

– Que diabo é *aquilo*? – perguntou Hoop.

– Parece... couro ou algo assim – respondeu Lachance.

– Eles trocam de pele. – Ripley se aproximou deles, o lança-cargas apontado para a frente. – É como crescem. E vocês viram como isso acontece rápido.

– Quantos deles *existem*?

Hoop quase se aproximou para cutucar o resto de material amarelo-claro com a bota. Mas algo o deteve. Não queria tocar naquela coisa.

– Chega – disse Sneddon. Parecia nervosa, alterada, e Hoop já estava se perguntando se ela deveria mesmo ficar com a outra pistola de spray ácido.

Mas, de qualquer modo, estavam *todos* apavorados.

Tinham atravessado a pista de pouso açoitada pela tempestade até a entrada do túnel sem incidentes. Os ventos brutais, a areia veloz e a tempestade estridente haviam sido quase enervantes, condições primitivas às quais eles nunca poderiam se acostumar depois de ter vivido em naves com clima controlado.

Dentro do túnel, a iluminação ainda funcionava, e no meio do caminho encontraram sinais de combate. Uma barricada fora improvisada com uma série de cápsulas e caixas de armazenagem, todas derrubadas, viradas, quebradas e esmagadas. Havia marcas de impacto nos painéis de metal das paredes e do teto, e uma grande porção do piso estava estufada e cheia de bolhas. Era óbvio que ácido fora jorrado ali, mas não havia sinal do alien ferido ou morto que tivesse feito aquilo.

Chegaram ao fim do túnel, encarando as portas de segurança, pesadas e trancadas, que davam acesso direto à superfície do domo da mina. Ninguém estava ansioso para abri-las. Todos se lembravam do que havia acontecido na última vez.

– Tem como vermos lá dentro? – perguntou Ripley, indicando as portas.

– Baxter? – chamou Hoop.

– Talvez eu consiga uma conexão com as câmeras de segurança da mina –

respondeu o oficial de comunicações. Ele deixou o maçarico de plasma no chão com cuidado e tirou um tablet de um dos bolsos largos do traje.

A tempestade ribombou contra a superfície do túnel, a areia jogando-se contra o metal em um bilhão de impactos, o vento rugindo ao redor da concha de metal, curva e estriada. Pelo som, era como se algo imenso estivesse tentando entrar. O túnel e o domo de metal haviam sido construídos para proteger a mina contra elementos hostis. Um enorme investimento fora feito ao cavar aquela mina quase trinta anos antes, e a manutenção fora uma dor de cabeça desde então. Mas a atração da trimonita era grande. Seu uso na indústria e seu apelo como joia extremamente rara eram garantia de um bom investimento. Pelo menos, para aqueles que lucravam. Como sempre, eram os trabalhadores, aqueles que desbravavam os elementos e encaravam os perigos, que ganhavam menos.

– Dá para saber quais sistemas estão funcionando? – perguntou Ripley, impaciente.

– Se você me der um minuto... – resmungou Baxter. Ele ajoelhou-se com o tablet equilibrado nas coxas.

Até aqui, tudo bem, pensou Hoop, mas ainda não tinham chegado muito longe. O complexo superior da mina poderia estar lotado daqueles seres. Imaginou os edifícios da superfície e o interior do domo como as entranhas de um ninho imenso, com milhares de aliens enxameando pelo chão, subindo pelas paredes e pendurando-se em vastas estruturas feitas do mesmo material estranho que haviam encontrado na *Samson*. Ele estremeceu, ficando enojado com o pensamento, mas incapaz de se livrar dele.

– Consegui – disse Baxter. Hoop esperou que o homem entrasse em choque ou desse um grito de terror, mas nada disso aconteceu. – Hoop?

Hoop parou ao lado de Baxter e olhou para a tela. No alto havia diversas miniaturas, e na tela principal via-se o interior do domo, de cima e de um dos lados. As luzes ainda estavam acesas. Tudo estava imóvel.

– E as miniaturas? – perguntou Hoop.

– São outras câmeras.

Baxter tocou a tela e as imagens começaram a rolar. Vinham de diferentes ângulos e alturas, todas mostrando o interior do domo. Hoop conhecia os edifícios, cerca de dez, os veículos espalhados ao redor deles, a geografia do planeta alterada e aplainada na extensão relativamente pequena do domo. Nada parecia fora do lugar. Tudo aparentava estar normal.

– Não vejo nenhum dano – comentou Lachance.

– Não estou gostando nada disso – disse Kasyanov. O medo tornara sua voz mais aguda que o normal, soando como se estivesse à beira de um ataque de

pânico. – Onde é que eles estão? E os outros mineradores, os que ficaram para trás?

– Mortos nas minas – afirmou Sneddon. – Levados para as profundezas, para onde quer que essas coisas tenham sido encontradas, talvez. Como vespas ou formigas juntando comida.

– Ah, obrigada – respondeu Kasyanov.

– São só possibilidades – comentou Ripley.

Hoop concordou.

– É só o que temos. Baxter, fique no meio do grupo e de olho na tela. Monitore as imagens, fique atento a qualquer movimento que não seja nosso. Grite se vir alguma coisa estranha. – Ele se aproximou da porta e verificou o painel de controle. – Tudo certo aqui. Prontos?

Baxter recuou, e os outros formaram um semicírculo em frente às portas, armas em riste. *Não são armas*, pensou Hoop. *São ferramentas de mineração. O que a gente pensa que está fazendo aqui em baixo?* Mas todos olhavam para ele, que demonstrou calma e determinação. Assentindo uma vez, tocou o painel.

Um chiado, um som de trituração, e as portas se separaram. Uma brisa soprou quando a pressão estabilizou, e por um momento uma nuvem de pó encheu o túnel, obscurecendo a visão deles. Alguém gritou em pânico. Outra pessoa avançou depressa e atravessou a porta, e então Hoop ouviu a voz de Ripley.

– Está tudo bem aqui – disse ela. – Podem vir.

Ele entrou, a pistola de spray ácido pronta nas mãos. Os outros o seguiram, e Kasyanov fechou as portas após todos entrarem. Eram muito ruidosas.

– Sneddon? – chamou Hoop.

– O ar está bom – informou ela, verificando um dispositivo pendurado ao cinto, a tela mostrando uma série de gráficos e números. Levantou o capacete. Os outros a imitaram.

– Baxter? – disse Hoop.

– Eu *aviso* se vir alguma coisa! – rosnou ele.

– Certo, ótimo. Só estou verificando se você está atento. – Hoop indicou uma série de contêineres de aço enfileirados ao longo da parede do domo, ao lado da porta. – Tá legal, vamos tirar esses trajes e guardá-los em um desses armários de equipamentos. A gente pega de novo na saída.

Todos despiram os trajes rapidamente, e Hoop os empilhou dentro de uma das unidades.

– Onde fica a entrada da mina? – perguntou Ripley, e Hoop apontou.

Na verdade, havia duas entradas, ambas abrigadas dentro de prédios retangulares simples. Usariam a mais próxima.

Hoop foi na frente. Carregava a pistola de spray ácido de forma desajeitada, sentindo-se levemente ridículo por empunhá-la como uma arma, embora conhecesse os inimigos. Nunca havia disparado uma arma na vida. Quando era criança, vivendo em uma área remota da Pensilvânia, seu tio Richard o levava para atirar. Tentara enfiar uma arma nas mãos de Hoop – uma antiga Kalashnikov, a réplica de um Colt .45 e até um rifle de pulso pegado emprestado ilegalmente de um vizinho que tirara licença do Sexagésimo Nono Regimento da Marinha Colonial, os Heróis de Homero.

Mas Hoop sempre havia resistido. Aqueles objetos negros e maciços sempre o assustaram, e a noção que tinha quando criança da função deles havia aumentado o medo. *Não quero matar ninguém*, pensava sempre, com o rosto do tio em mente, quando o homem atirava em árvores, pedras ou alvos feitos em casa e pendurados na floresta. Havia algo em sua expressão que fizera com que Hoop nunca confiasse totalmente nele. Algo como sede de sangue.

Seu tio fora morto anos depois, pouco antes da primeira viagem de Hoop ao espaço. Recebera um tiro nas costas durante uma expedição de caça. Ninguém sabia direito o que havia acontecido. Muita gente morria assim.

Mas agora, pela primeira vez na vida, Hoop gostaria de ter pegado uma daquelas armas, ponderado de que formas poderia tê-la usado, lutado contra a repulsa que sentia pelo metal negro e baço.

Uma pistola de spray ácido. *Porra, a quem estou enganando?*

O espaço dentro do domo sempre fora um lugar estranho. Hoop já estivera aqui muitas vezes, e sempre o achara perturbador – era a paisagem natural do planeta, mas o domo criava essa impressão no *interior*, com o clima artificial e inteiramente sob controle. Então, eles pisaram na areia e na poeira que o vento não mais tocava. Respiraram o ar falso que o sol de LV178 não aquecia. O lado de baixo da estrutura formava um céu irreal, iluminado pelos vários holofotes que pendiam das vigas e colunas, formando faixas cinzentas.

Era como se tivessem capturado uma parte do planeta e tentado torná-la sua.

Veja só aonde isso os levaria...

Enquanto se aproximavam da primeira entrada, Hoop sinalizou que deveriam se espalhar e se aproximar em fila. A porta estava aberta, parecia apoiada num calço ou emperrada. Se uma daquelas coisas emergisse, era melhor que encarasse uma série de alvos em potencial. Todos armados.

Eles pararam. Ninguém queria ser o primeiro a passar.

– Hoop – sussurrou Ripley. – Tenho uma ideia. – Ela passou a alça do lança-cargas por cima do ombro, virando-o para trás, e partiu rapidamente na direção do prédio. Ao lado da porta entreaberta ela desafiou o cinto e o tirou.

Hoop entendeu o plano dela. O coração acelerou, os sentidos aguçaram. Ele se agachou, tratando de apontar o cano da arma levemente para a esquerda da porta. Se alguma coisa acontecesse, não queria atingir Ripley com o spray ácido.

Ela fez um laço com a ponta do cinto e se inclinou para a frente, passando-o pela robusta maçaneta. Olhou para os outros, notando que assentiam. Então, ergueu a outra mão com três dedos erguidos, depois dois, um...

E puxou.

A porta se abriu rangendo sobre os pedriscos acumulados. O cinto escorregou da maçaneta e nada emergiu.

Antes que Hoop pudesse falar, Ripley já havia virado o lança-cargas para a frente e entrado.

– Baxter! – chamou Hoop enquanto corria.

– Não há câmeras lá dentro! – exclamou Baxter em resposta.

No interior, não estava tão escuro quanto Hoop tinha esperado. Havia luzes baixas no teto opaco – iluminação artificial emprestada do exterior –, e as lâmpadas do elevador ainda estavam ligadas. A iluminação era boa.

O que ela revelava, não.

Havia um minerador morto no elevador. Hoop não conseguiu distinguir o sexo. Nos setenta dias desde que tinham morrido, bactérias trazidas à mina pelos humanos haviam começado a trabalhar, consumindo o cadáver. O controle atmosférico fizera o resto; a atmosfera úmida e quente fornecera as condições ideais para a multiplicação dos microrganismos. O resultado fizera a carne do cadáver inchar e apodrecer.

O cheiro havia diminuído até restar apenas um toque adocicado de podridão no ar, mas foi suficiente para fazer Hoop desejar que tivessem continuado com os trajes e os capacetes. A boca da vítima infeliz estava aberta como numa gargalhada, ou um grito.

– Nenhum sinal do que os matou – disse Kasyanov.

– Acho que podemos descartar ataque cardíaco – gracejou Lachance.

Hoop foi até os controles do elevador e os acessou. Pareciam funcionar perfeitamente, sem nenhum símbolo de aviso na tela e nenhum sinal de queda de energia. O pequeno gerador nuclear num dos edifícios da superfície continuava ativo, executando bem seu trabalho.

– Está funcionando? – perguntou Ripley.

– Você não espera mesmo que a gente desça nisso aí, espera? – questionou Sneddon.

– Prefere ir pelas escadas? – retrucou Hoop.

Havia duas rotas de fuga de emergência em buracos adjacentes ao poço dos

elevadores. Os quase mil e quinhentos metros de profundidade e a ideia de descer sete mil degraus – quinhentos lances – não atraíam ninguém.

– Não podemos pelo menos tirá-lo daí? – sugeriu Ripley.

Ela e Kasyanov se adiantaram e começaram a deslocar o corpo. Hoop teve que ajudar. Estava em pedaços.



Com o elevador livre, todos entraram, tomando o cuidado de evitar o canto onde estivera o cadáver. Hoop achou ainda mais perturbador não conseguir saber quem era. Todos tinham conhecido a vítima, disso tinha certeza. Mas não a conheciam mais.

Aquela situação atingiu o engenheiro-chefe novamente. Gostava de pensar que era bom em lidar com abalos emocionais – ele deixara os filhos para trás, tendo sucesso em fugir para o espaço profundo, e sob certos aspectos havia feito as pazes com a razão pela qual fugira –, mas, desde o desastre, acordara várias vezes suando frio, os sonhos nos quais era sufocado e devorado vivo assombrando os vestígios de sono. Seus sonhos com monstros haviam se tornado mais reais. Achou que talvez estivesse gritando enquanto dormia, mas ninguém jamais lhe dissera nada. Talvez porque quase todos tivessem pesadelos agora.

– Hoop? – sussurrou Ripley. Ela estava de pé ao lado dele, também fitando o painel de controle do elevador.

– Estou bem.

– Tem certeza?

– O que são aquelas coisas, Ripley?

Ela deu de ombros.

– Sei tanto quanto você.

Ele se voltou para os outros. Não havia olhares de censura nem sorrisos zombeteiros devido ao seu lapso momentâneo de concentração. Todos sentiam a mesma coisa.

– Vamos descer até o nível quatro – avisou ele –, pegar a célula de combustível e sair daqui o mais rápido possível.

Alguns assentiram. Expressões severas. Ele inspecionou as armas improvisadas, ciente de que ninguém ali sabia como usá-las direito. Era bem provável que atirassem uns nos outros.

– Vão com calma – disse suavemente, tanto para si quanto para os outros. Então, voltou-se para o painel de controle e fez um diagnóstico rápido do elevador. Tudo parecia bem. – Descendo.

Apertou o botão do nível quatro. A gaiola trepidou um pouco e começou a descer.

Hoop tentou se acalmar e se preparar para o que poderiam achar quando as portas se abrissem novamente, mas seu estômago se embrulhou, a tontura o atingiu e alguém gritou:

– Estamos caindo! *Caindo!*

O elevador começou a guinchar.



A velha casa de campo feita de pedra no norte da França, destino de veraneio de sua família desde sempre. Ela está sozinha agora, mas não solitária. Nunca fica solitária quando sua filha está tão perto.

O silêncio só é interrompido pela brisa suave, roçando as folhas do bosque lá no final do jardim, sussurrando entre as poucas árvores próximas, espalhadas. O sol brilha, fazendo o céu arder num tom mais claro de azul. Está quente, mas não desconfortável – a brisa leva a umidade do rosto de Ripley, escorregadio devido ao filtro solar que ela teve o cuidado de passar. Pássaros entoam canções enigmáticas.

No alto, uma família de gaviões voa num círculo preguiçoso, espiando a paisagem em busca de presas.

Amanda corre em sua direção em meio a um campo recém-cortado, os tocos das plantas arranhando de leve as pernas, as papoulas salpicando o cenário de vermelho, e seu sorriso rivaliza até com o calor e a glória do sol. Ela está rindo, segurando no alto um presente para a mãe. Amanda é uma garotinha muito curiosa. Às vezes, emerge do bosque com lesmas coladas aos braços e aos ombros, sapinhos nas mãos ou um pássaro ferido aninhado junto ao peito.

Enquanto a filha sobe os degraus baixos de madeira entre o jardim e o campo e vem correndo pelo gramado, Ripley imagina o que é que ela trouxe para casa desta vez.

“Mãe, achei um polvo!”, grita a menina.

Um instante depois, ela está caída no gramado aos pés de Ripley, estremecendo enquanto a coisa de pernas finas enrola a cauda com mais força em torno do seu lindo pescoço, e Ripley está tentando enfiar os dedos debaixo das muitas pernas da criatura, desprendê-la, afastá-la de Amanda sem arrancar os cabelos de seu anjinho. Vou cortar, pensa ela, mas tem medo que o ácido comece a corroer o chão e não pare mais.

Então, do bosque, surge uma série de guinchos agudos. Sombras se abatem.

O sol se retira, os pássaros silenciam e os gaviões desapareceram. O jardim é subitamente lançado no crepúsculo, e aquelas sombras que sempre a perturbaram emergem dentre as árvores. Estão procurando sua filha. “É minha!”, grita Ripley, ajoelhando-se e protegendo Amanda com o corpo. “O que há dentro dela é meu!”

As sombras se aproximam. Nada mais é bonito.



– Ripley! – gritou Hoop, cutucando-a. – Segure em alguma coisa!

Ela balançou a cabeça. A visão acontecera num instante e depois se fora, deixando apenas uma sensação pungente.

O elevador mergulhava, guinchando contra a estrutura do poço, soltando faíscas visíveis por entre as grades, vibrando violentamente, sacudindo a visão de Ripley e fazendo com que tudo e todos ao redor dela parecessem um borrão. Ouviu o som das armas caindo no chão e largou a sua, cambaleando para trás até se apoiar na parede. Mas não havia nada a que se segurar. E, mesmo que houvesse, não teria feito diferença. O estômago parecia pular e revirar, e ela engoliu o impulso súbito da náusea. Outra pessoa vomitou.

Hoop segurava-se à alça longa da parede ao lado da porta, uma mão segurando ali e a outra operando os controles.

– Que diabo...?! – gritou Baxter.

– Eu consigo! – interrompeu Hoop.

Mas estava claro para Ripley que ele *não* conseguiria. Ela se deslocou até lá, temendo que a qualquer momento ela e os outros seriam erguidos do chão e começariam a flutuar.

Não podemos estar indo tão rápido, pensou. Já teríamos batido no fundo! Mil e quinhentos metros, Hoop dissera. Ela pensou nos números, tentando calcular quanto tempo poderiam ficar em queda livre, mas...

– O elevador tem amortecedores! – berrou Hoop. – Em cada nível. Já passamos pelos primeiros quatro, mal sentimos. Chegando ao quinto...

Bam!

Uma forte vibração passou pelo elevador, acertando Ripley no peito.

– Não estamos desacelerando! – gritou ela.

– Daqui a pouco! – exclamou ele. – Os amortecedores foram instalados por cima dos últimos dois níveis, para casos...

– Como este?

Ele a olhou. Ao lado dele, Ripley viu um conjunto de números no painel de

controle. Estavam chegando a quase oitocentos metros de profundidade, os números mudando rápido demais para acompanhar.

– Só há um jeito de testá-los – disse ele.

Ripley sentiu um jorro de emoção. Estavam desamparados, e ela odiava essa sensação. No espaço, havia muitas variáveis que apresentavam inúmeros níveis de perigo, mas normalmente eram combatidas por meios mecânicos, elétricos ou psicológicos.

Mesmo com aquela coisa a espreitá-los na *Nostromo*, eles haviam adotado uma estratégia mais ofensiva, caçando-a, procurando aprisioná-la na câmara de pressurização. E depois que Dallas se fora e Ash revelara o que realmente era... mesmo assim, tinham agido em prol do próprio bem.

Aqui, agora, ela só podia ficar parada esperando a morte.

Passaram voando pelos níveis seis e sete, e a cada vez o impacto dos amortecedores parecia mais forte. Será que a descida estava mesmo desacelerando? Ripley não tinha certeza. Fagulhas voavam ao redor do elevador, o metal gemia e guinchava, e, na velocidade que caíam, Ripley achou que não saberiam quando chegassem ao nível nove.

Contemplou aquele momento final, o instante em que o elevador se chocaria no fundo e eles seriam esmagados no chão sólido, juntos... e imaginou se sentiria alguma coisa.

O breve pesadelo desperto pareceu, de alguma forma, piorar.

– Estamos desacelerando! – anunciou Hoop.

Passaram com uma pancada pelo amortecedor no nível oito, e depois um som alto de trituração chegou aos ouvidos deles.

Ripley e os outros foram lançados ao chão. Um ruído rítmico começou, explosões ressoando por todos os lados, vibrando pela estrutura do elevador. Rebites, parafusos e raspas de metal choveram ao redor, e Ripley acreditou que o elevador se partiria ao meio a qualquer instante. O ruído ficou quase insuportável, pulsando em seus ouvidos e em seu peito, e as vibrações ameaçavam desmontá-la osso por osso. Deitada no chão, tentou olhar para Hoop. Ele estava sentado, apoiado em um canto, a cabeça virada para o outro lado, tentando ver o painel de controle.

Ele olhou para ela.

– Os amortecedores estão funcionando! – berrou.

Então, atingiram o fundo. Ripley perdeu o fôlego ao bater contra o chão. Algo pesado caiu em cima de sua perna. Ela gritou, mas outra pessoa grunhiu e começou a gemer.

O mecanismo do elevador fumegava, enchendo o ar com uma névoa acre.

Luzes tremulavam, apagando e voltando a se acender, zumbindo e passando a um fulgor regular. O súbito silêncio era mais chocante do que o ruído e a violência.

Ripley tentou se levantar, ficando de quatro e respirando fundo e esperando que a dor incandescente das costelas rachadas ou dos membros quebrados se anunciasse. Mas, fora a coleção de arranhões, o nariz sangrando e a sensação de que era impossível terem sobrevivido, ela parecia estar bem.

– Ainda estamos caindo? – perguntou Sneddon. – Meu estômago diz que sim.

– Bela aterrissagem – disse Lachance para Hoop. – Você ainda vai ser piloto um dia.

Hoop retribuiu o sorriso.

– Acho que... – começou Baxter. Ele ficou de pé e uivou de dor, escorregando de lado e voltando a cair. Kasyanov o amparou. – Meu tornozelo – disse ele. – Tornozelo!

A médica começou a examiná-lo.

– Mais alguém se machucou? – perguntou Hoop.

– Só meu orgulho – respondeu Lachance. Sua roupa estava respingada de vômito, que ele esfregou com a luva.

– Melhor piloto da galáxia, sei! – disse Ripley, feliz por ver o francês sorrir.

– Estamos bem? – perguntou Sneddon. – Não estamos pendurados, esperando o resto da queda, estamos? Sabe como é, do jeito que anda a nossa sorte...

– Não, chegamos ao fundo – respondeu Hoop. – Olhem.

Ele indicou as portas do elevador, depois tirou uma lanterna pequena e estreita do cinto de ferramentas. Ela os surpreendeu com um fecho intenso de luz. Hoop apontou para as barras deformadas da porta do elevador, revelando o metal liso de portas mais sólidas.

– Nível nove? – perguntou Ripley.

Ele assentiu.

– E o elevador está destruído – disse Baxter. – Porra, que maravilha. – Encolheu-se enquanto Kasyanov examinava o pé e a perna dele, depois gemeu quando ela o encarou.

– Você quebrou o tornozelo – declarou ela.

– Não brinca – respondeu Baxter.

– Dá para fazer uma tala? – perguntou Hoop. – Ele tem que conseguir andar.

– Eu *consigo* andar! – exclamou Baxter com leve histeria.

– Podemos ajudar – ofereceu Ripley, lançando um olhar de aviso a Hoop. – Temos bastante gente. Nada de pânico.

– Quem está em pânico? – retrucou Baxter, parecendo desesperado, os olhos arregalados de dor e terror.

– Não vamos abandonar você aqui – garantiu Ripley, e ele pareceu encontrar conforto em suas palavras.

– Mais alguém? – perguntou Hoop.

Sneddon sinalizou que estava bem, Lachance ergueu a mão em um aceno casual.

– Ripley?

– Estou ótima, Hoop – disse ela, tentando não parecer impaciente. Estavam cansados, maltratados e feridos, mas não podiam se dar ao luxo de parar. – E agora?

– Agora temos duas escolhas – respondeu Hoop, olhando de relance para Baxter. – Primeira, começar a subir.

– Quantos degraus? – perguntou Kasyanov.

– Estamos no fundo, no nível nove. Sete mil degraus até...

– Porra, *sete mil*? – vociferou Sneddon.

Baxter continuou em silêncio, mas olhou para o chão. Todo o seu peso estava apoiado no pé saudável.

– Segunda – continuou Hoop –, vamos andando até o outro elevador.

Silêncio. Todos olharam ao redor, esperando que alguém o contestasse.

– E o que quer que eles tenham encontrado veio daqui, onde estavam trabalhando na nova jazida – lembrou Baxter. – No nível nove.

– Não temos escolha – afirmou Kasyanov. – A que distância fica o outro elevador?

– Em linha reta, pouco mais de quatrocentos metros – respondeu Hoop. – Mas nenhum dos túneis é reto.

– E não temos ideia do que aconteceu aqui embaixo? – perguntou Ripley.

Ninguém respondeu. Todos olharam para Hoop. Ele deu de ombros.

– Só disseram que encontraram uma coisa terrível. E já sabemos o que foi.

– Não, não sabemos! – disse Kasyanov. – Pode haver centenas deles!

– Acho que não – disse Sneddon, que fitava a pistola de spray ácido que voltara a pegar do chão. – Eles chocam dentro das pessoas, certo? Nós vimos isso acontecer. Então, pelas minhas contas...

– Dezoito – completou Ripley. – Talvez menos.

– Dezoito daquelas coisas? – disse Kasyanov. – Ah, bom, agora *sim*!

– Estamos melhor preparados – declarou Ripley. – E, além disso, qual é a alternativa? De verdade?

– Não há nenhuma – falou Hoop. – Vamos até o outro elevador, subimos até o nível quatro para pegar a célula de combustível e depois voltamos à superfície.

– Mas e se... – começou Kasyanov, mas Hoop a interrompeu.

– O que quer que aconteça no caminho, vamos dar um jeito. Vamos continuar otimistas. Vamos manter a calma, a cabeça fria e os olhos abertos.

– E rezar para que as luzes continuem funcionando – acrescentou Lachance.

Enquanto recolhiam as armas e Kasyanov fazia o melhor que podia para enfaixar o tornozelo de Baxter com os itens do kit de primeiros socorros, Ripley refletiu sobre o que Lachance havia dito. Aqui embaixo, no escuro. Tateando o caminho com a ajuda de lanternas fracas, bilhões de toneladas de planeta acima deles.

Não, era insuportável pensar nisso.

Quando piscou, viu Amanda usando um vestido floral debatendo-se na grama verde e fresca com um daqueles monstros grudado no rosto.

– Vou ver você de novo – sussurrou ela.

Hoop ouviu, olhou-a de soslaio, mas não disse nada. Talvez todos estivessem encontrando um jeito de rezar.

11

MINA

Enquanto saía dos restos do elevador – imaginando se eram incrivelmente sortudos por terem sobrevivido ou incrivelmente azarados porque aquilo acontecera –, Ripley percebeu, de supetão, que aquele era o único planeta (tirando a Terra) no qual ela já pusera os pés. A viagem a bordo da *Nostromo* fora sua primeira, logo depois que recebera a permissão para voos espaciais, e, mesmo após o desembarque em LV426, ela nunca chegara a sair da nave.

Sempre tinha presumido que esse momento teria sido de introspecção. Um instante de espanto, de intensa alegria. Uma profunda imersão em si mesma e em seu lugar no universo. Às vezes, depois de ter viajado por tanto tempo, ela temera não ter nenhuma história verdadeira para contar.

Mas, agora, tudo o que sentia era terror. A rocha sob seus pés parecia apenas rocha, o ar que respirava era áspero e poeirento, azedo e desagradável. Não tivera nenhuma epifania. As criaturas haviam arruinado tudo para ela – qualquer chance de alegria, qualquer sinal de deslumbramento inocente –, e rapidamente o medo fora substituído pela raiva.

O elevador dava para um espaço aberto com colunas de metal a intervalos frequentes. De um lado, havia uma fileira de armários, com quase todas as portas abertas. Havia também caixas de armazenamento empilhadas e encostadas em uma parede, marcadas com símbolos que ela não entendia. A maioria estava vazia, as tampas ao lado. Caixas de trimonita esperando serem preenchidas, talvez. Ripley as achou tristes, pois nunca seriam usadas.

A iluminação era fornecida por uma cadeia de lâmpadas nuas, todas ainda acesas. Os fios estavam bem presos ao teto de pedra áspera.

A princípio, olhando ao redor, Ripley prendeu a respiração, pois pensou que as paredes estivessem revestidas por aquele estranho composto orgânico expelido pelas criaturas que encontraram na nave. Mas, quando se aproximou, viu que era a rocha que havia derretido e se solidificado, formando uma barreira contínua à rocha solta que poderia haver atrás. Ainda havia calços e escoras forrando as paredes e o teto, mas a maior parte da sustentação jazia na rocha alterada. Eles

tinham usado os maçaricos de plasma maiores para isso, ela supôs. O calor deve ter sido inacreditável.

– Todos estão bem? – perguntou Hoop, rompendo o silêncio. Ele estava de pé próximo a um conjunto de cortinas de plástico que levava a um túnel.

Ninguém se pronunciou. Hoop interpretou isso como uma confirmação de que, sim, estavam todos bem, e empurrou as cortinas para o lado.

Ripley o acompanhou depressa. De todos eles, Hoop parecia o mais seguro. O mais forte. Ela nem sabia por que acreditava nisso, mas seguiu seus instintos e decidiu ficar perto do engenheiro. Se entrassem em uma briga, preferia lutar ao lado dele.

O corredor após a área do elevador era mais estreito e funcional. As luzes continuavam ao longo do teto. As paredes eram lisas e exibiam padrões estranhamente fluidos, quase orgânicos, onde tinham sofrido a ação dos maçaricos. Valas rasas haviam sido abertas na base de cada parede, e a água empoçada ali era tão escura que chegava a ser negra. Estava parada, estagnada, parecendo tinta. Ripley se perguntou o que continha.

Hoop acenou para que avançassem.

Baxter, com um braço nos ombros de Kasyanov, seguia mancando. Ele resmungava e arfava, e, embora não conseguisse evitar a dor, Ripley desejou que ele não fizesse tanto barulho. Cada som que fazia era amplificado, ecoando ao longo dos túneis de pedra muito mais alto que os passos cuidadosos do grupo.

Eles vão descobrir que estamos aqui, pensou ela. Provavelmente já sabem. Se alguma coisa tiver que acontecer, vai acontecer, e tomar cuidado não vai mudar isso.

Chegaram a um cruzamento. Hoop parou por um momento e, em seguida, decidiu-se pelo caminho à esquerda. Andava com rapidez e cautela, segurando a lanterna em uma das mãos e a pistola de spray na outra. A luz adicional ajudava a iluminar os contornos e os pontos no chão onde poderiam tropeçar.

Não tinham avançado muito no túnel quando encontraram o primeiro sinal da presença dos aliens.

– Que diabo é isso? – perguntou Baxter. Parecia cansado e à beira do pânico. Talvez imaginasse que os outros seriam forçados a deixá-lo para trás, afinal.

– Alguma coisa da mina? – sugeriu Lachance. – Um depósito mineral deixado pela água?

Mas Ripley já sabia que não era o caso.

Começou gradualmente – uma mancha na parede, a mesma substância espalhada pelo chão –, mas a dez metros dali o material alienígena cobria todas as superfícies do túnel em camadas espessas, formando arcos naturais sob o teto

e espreado pelo chão em padrões complexos, espiralados.

Uma névoa suave tomava o ar. Ou talvez fosse vapor. Ripley tirou uma luva e balançou a mão diante de si, sentindo a umidade, mas era difícil discernir se a névoa era quente ou fria. Outra contradição, talvez. As estruturas eram estranhas, impressionantes e vagamente belas, como a beleza que há em uma teia de aranha. Mas as coisas que as tinham criado eram o oposto disso.

– Não – afirmou Sneddon. – São eles. Nós vimos algo assim na *Samson*.

– Sim, mas... – começou Lachance.

– Foi numa escala muito menor – disse Ripley. – Não era assim.

A respiração dela agora era rápida e superficial, pois conseguia sentir as criaturas ali, um fedor levemente cítrico que se agarrava ao fundo da garganta e dançava na língua.

– Não estou gostando nada disso – sussurrou Baxter.

– Também não – concordou Lachance. – Quero a minha mãe. Quero ir para casa.

O túnel ficava mais estreito a cada passo, onde a substância se projetava das paredes, se alastrava pelo chão e escorria do teto. Aqui e ali, formavam-se estalactites e estalagmites, algumas finas e delicadas, outras mais grossas e sólidas. Havia indícios de luz no cerne da estrutura alienígena, mas só às vezes. As luzes do teto ainda funcionavam, mas a maioria estava encoberta.

Hoop se aproximou um pouco mais e apontou a lanterna para o interior do túnel.

Ripley queria puxá-lo de volta. Mas não pôde deixar de olhar.

A luz não ia muito longe. A umidade no ar revelou-se mais plenamente ao ser iluminada pela lanterna, faixas claras e escuras deslocando-se e ondulando à brisa suave. Se a brisa era causada pela presença do grupo, sua respiração ou outra coisa, Ripley não queria descobrir.

– Não vou entrar aí – disse Sneddon.

– Nem eu – concordou Kasyanov. – Estou com você.

– Não sei se conseguiríamos passar, de qualquer forma – disse Hoop. – E, mesmo se conseguíssemos, isso nos atrasaria.

– Parece um ninho – comentou Ripley. – Um ninho de vespas gigantes.

– Há outro caminho até o poço do elevador? – perguntou Baxter.

– Esta é a rota direta – respondeu Hoop. – A espinha dorsal deste nível. Mas todas as seções da mina têm saídas de emergência em vários pontos. Então vamos voltar, pegar a bifurcação e ir até o próximo elevador, assim que encontrarmos uma saída.

Ripley sabia o que todos estavam pensando, mas não disse nada. *E se todos os*

túneis estiverem assim? Mas encontrou o olhar de Baxter, e a verdade se revelou entre os dois: ele nunca conseguiria subir tantos degraus. Talvez nenhum deles conseguisse.

Não rápido o bastante.

Eles voltaram, tomaram o outro caminho e, em seguida, desceram uma série de grandes degraus esculpidos no chão. Ali, a água fluía mais livremente ao longo das valas, tilintando em vários pontos ao penetrar nas profundezas ocultas. Corria junto às paredes, produzindo um ruído de fundo que no início pareceu acolhedor, mas logo se tornou inquietante. Disfarçada pelo som da água corrente, qualquer coisa poderia se aproximar deles.

– Acho que esta é a obra mais recente da mina – disse Hoop. – Eles passaram duzentos dias trabalhando neste veio, talvez mais.

– Então foi aqui que encontraram os aliens – completou Sneddon. – Em algum lugar neste nível.

– Talvez – respondeu ele. – Não sabemos os detalhes. Mas não temos muita escolha.

Ele continuou em frente, e os outros o seguiram.

Havia vários corredores laterais, menores e com o teto mais baixo, e, enquanto Hoop os conduzia, Ripley imaginou que também eram poços de mineração. Não tinha ideia de como funcionava uma mina, mas tinham-lhe dito que as quantidades de trimonita encontradas ali eram pequenas se comparadas com a maioria das minas. Aquilo não era mineração em escala industrial, mas uma prospecção das quantidades ocultas de um material quase inestimável. Escavando um milhão de toneladas de rocha para encontrar meia tonelada de produto.

Ela esperava que Hoop reconhecesse uma saída de emergência quando a visse.

Atrás dela, alguém espirrou, proferindo um “Ih!” baixinho em seguida. Amanda costumava espirrar assim – um som suave, seguido de uma expressão quase surpresa.



Amanda tem 11 anos. Ripley sabe disso porque a filha usa um distintivo enorme na camisa jeans, todo roxo e rosa, corações e flores. Comprei isso para ela, pensa, e embora se lembre de acessar o site, encomendar o cartão, o distintivo e os presentes que ela sabia que Amanda queria no aniversário – lembra-se do sorrisinho de satisfação quando confirmou o pedido, sabendo que tudo o que a filha queria estava a caminho –, tem a sensação de não pertencimento, como se

isso nunca tivesse acontecido.

A família e os amigos estão lá. Assim como Alex, ex-marido de Ripley que as deixou quando Amanda tinha 3 anos e nunca, nunca mais voltou. Nenhum telefonema, nenhum contato, nenhum sinal de que ainda estava vivo; Ripley só soube que estava por meio do amigo de um amigo. Inexplicavelmente, até Alex está lá, sorrindo para Ripley, do outro lado de uma mesa lotada de guloseimas e bolo, com um sorriso que diz “não é uma pena nós nunca termos feito isso?”.

E Ripley, também inexplicavelmente, sorri para ele. Há outros rostos, outros nomes, mas estão confusos na sua memória, ambíguos no cenário onírico. As pessoas cantam e riem, e Amanda sorri para a mãe aquele sorriso de amor e adoração, sincero e profundo, que deixa Ripley muito feliz por estar viva.

O peito da aniversariante explode. O distintivo de “Tenho 11 anos” salta da camisa e sai voando, cai na mesa e atinge um copo de suco de laranja, derrubando-o. A camisa jeans muda de clara para escura. O sangue espirra, manchando tudo, e, quando atinge o rosto de Ripley e embaça sua visão, ela esfrega a pele, limpando-o, fitando a filha trêmula – não é mais bonita, não é mais imaculada – e a coisa que sai de seu peito, mostrando as garras.

O monstro é extremamente grande. Maior do que o corpo inocente do qual brotara, maior do que as pessoas sentadas à mesa, congeladas, à espera de serem as próximas vítimas da besta.

Ripley começa a gritar.



Tinha sido um instante, só isso, deixando um sentimento de medo em seu encalço, que também se desvaneceu. Mas não por completo.

A pessoa que havia espirrado ainda estava inspirando após o espirro, e Hoop olhou para trás, nem sequer preocupado o bastante para mandá-los ficarem quietos. Ripley o encarou, e ele hesitou, franzindo a testa, captando alguma coisa no olhar dela. Mas Ripley ofereceu-lhe um sorriso tenso e ele continuou seu caminho.

Dez minutos, talvez mais. Foram em frente, Hoop tomando a dianteira com a pistola de spray que poderia ou não funcionar contra os aliens, os outros o seguindo de perto. Os túneis aqui eram menos bem-acabados, e Ripley imaginou que fosse por serem os túneis de mineração secundários do nível nove, não a passagem principal. Mas estava preocupada. Se houvera evidências de aliens no corredor principal, não havia uma boa chance de que eles tivessem ocupado todos os lugares?

Até mesmo os andares superiores?

Quanto mais se aprofundavam no túnel, mais sinais de mineração surgiam. O túnel se alargava em alguns pontos, tetos baixos sustentados por suportes de metal ou derretidos e endurecidos. As paredes mostravam evidências de escavação mecanizada, e, espalhados ao longo do túnel, havia pesados vagonetes com rodas, que deviam ter sido usados no descarte do material escavado. Passaram por uma máquina esférica que tinha vários braços salientes com lâminas e conchas na ponta.

Ripley se perguntou por que eles não utilizavam mais andróides ali embaixo; percebeu que não chegara a questionar isso. Talvez alguns dos mineradores que tinham morrido nas dropships fossem andróides.

Desses sobreviventes, apenas Sneddon provara a Ripley que era humana. E só porque fora desafiada.

Não importava. Seus problemas com Ash – e tudo o que ele havia se tornado, depois que a inteligência artificial se infiltrara no computador da nave – não deviam afetar sua confiança nessas pessoas. Todas estavam lutando para sobreviver. Até Sneddon, com seu óbvio fascínio pelas criaturas, só queria fugir.

Estou paranoica?, pensou Ripley. Mas, ao mesmo tempo, não tinha certeza de que paranoia fosse algo ruim naquele momento.

Hoop tinha avançado uns dez metros. De repente, parou.

– Aqui... – disse ele.

– Aqui? – perguntou Ripley.

– É o túnel de emergência? – questionou Lachance logo atrás dela.

Ela esquadrinhou o túnel à sua frente, por cima do ombro de Hoop e além, mas, embora a iluminação fosse adequada, via apenas sombras. Talvez uma delas estivesse escondendo a entrada para um túnel lateral, uma porta ou uma abertura. Mas ela achava que não. Só o que podia ver era... algo estranho.

– Não... – sussurrou Hoop. – Aqui. Foi isso que eles encontraram. Foi aqui que tudo mudou. – Ele parecia distante. Impressionado, temeroso, quase enfeitiçado. E, por um momento dolorido, poderoso, tudo o que Ripley quis fazer foi virar e correr.

Voltar pelo caminho que tinham seguido, tão rápido quanto pudesse.

Voltar para a escadaria, depois subir, depois entrar na *Marion*, onde poderia se esconder na *Narcissus* e viver os últimos dias da sua vida aconchegada na câmara de estase com Jonesy e as lembranças de uma época melhor.

Mas sua memória parecia estar lhe pregando peças. Ela estava começando a duvidar de que já tivesse vivido dias melhores.

Foi em frente até ficar ao lado de Hoop, e os outros a seguiram.

– Por ali... – disse ele. – Olhe. Não está sentindo? O espaço, o... potencial.

Ripley sentia. Enxergava o que ele estava apontando – uma área mais larga do túnel logo adiante e uma fenda estreita na base da parede à esquerda –, e, embora houvesse apenas o fraco brilho de uma luz dentro da fenda, a sensação de um espaço além, amplo e expansivo, foi vertiginosa.

– O que é? – perguntou Sneddon.

– É o que eles encontraram – respondeu Hoop. – Um ninho. Talvez aquelas coisas estivessem dormindo.

– Talvez ainda estejam lá embaixo – sugeriu Kasyanov. – Temos que ir, deveríamos...

– Se estivessem lá, já teriam nos ouvido – afirmou Lachance.

– Então, onde estão? – perguntou Baxter.

Ninguém respondeu. Nenhum deles tinha uma resposta.

Hoop começou a avançar em direção à parede e o que quer que existisse além dela.

– Hoop! – chamou Ripley. – Não seja burro!

Mas ele já estava lá, ajoelhado, olhando para dentro da rachadura.

Agora, ela via os cabos seguindo para lá, a prova de que os mineradores também tinham ido por ali. Hoop deslizou pela abertura, a lanterna em uma das mãos e a pistola de spray na outra.

– Ah, meu Deus – disse ele. – É *enorme*!

Então, desapareceu totalmente. Não havia sinal de que ele tivesse caído ou sido puxado para dentro, mas Ripley tomou cuidado ao se aproximar do buraco mesmo assim, agachando-se e apontando o lança-cargas. Ela viu a luz se mover lá dentro, e então o rosto de Hoop reapareceu.

– Venham – disse ele. – Vocês têm que ver isso.

– Não, não temos! – retrucou Kasyanov. – Não temos que ver nada!

Mas a expressão do engenheiro persuadiu Ripley. Foi-se o medo ao qual ela se acostumara tão rapidamente. Havia algo nele agora, uma admiração repentina, anteriormente oculta, que o fazia parecer outro homem. Talvez o homem que sempre estivera destinado a ser. Então ela se deitou de costas e deslizou pela rachadura, tateando em busca de apoio e aceitando a ajuda de Hoop para descer. Pousou suavemente e adiantou-se para permitir que os outros também viessem.

Ela perdeu o ar na mesma hora. O cérebro se esforçou para acompanhar o que seus sentidos transmitiam – as dimensões, o propósito, o tamanho impossível e a realidade surpreendente do que ela estava vendo.

A vasta caverna se estendia além e abaixo da parte mais funda da mina. Os mineradores tinham feito o melhor possível para iluminar a área, passando cabos

e lâmpadas ao longo das paredes e os apoiando em longos mastros nos espaços abertos. O teto era alto demais para alcançar, chegando a ser invisível em certos pontos, como um céu escuro e vazio.

E os mineradores também haviam escalado e ultrapassado a estrutura que ocupava boa parte do chão da caverna.

Ripley achou difícil avaliar quão grande era o local. Não havia nenhum ponto de referência. A coisa lá dentro era tão desconhecida, tão misteriosa que poderia ser do tamanho da *Narcissus* ou da *Marion*. Em um palpite vago, diria que a caverna tinha uns cento e oitenta metros de comprimento, mas poderia ser menos, e talvez fosse muito, muito mais. Pensou no objeto a sua frente como uma espécie de face esculpida, talhada na base rochosa há muito, muito tempo.

Tinha a impressão de que as feições já haviam sido muito nítidas e definidas, cada traço claro e evidente. Contudo, ao longo do tempo, a estrutura fora desgastada. O tempo a tinha corroído, e era como se Ripley olhasse através de olhos imperfeitos para algo cujas bordas tinham sido suavizadas ao longo dos milênios.

Ela ouviu os outros logo atrás, percebeu que estavam reunidos à volta dela e de Hoop. Eles arfaram.

– Ah, não – disse Kasyanov, e Ripley foi surpreendida pela infelicidade na voz da mulher. Certamente todos deveriam estar sentindo admiração. Isso era espantoso, incrível, e ela não conseguia olhar para a estrutura sem um sentimento de profundo assombro.

Então, Lachance mudou tudo.

– É uma nave.

– O quê?

Ripley ofegou. Ainda não tinha considerado essa possibilidade. Enterrado a mais de um quilômetro abaixo da superfície, certamente isso não poderia ser nada além de um edifício, um templo ou alguma outra estrutura de propósito mais obscuro.

– Aqui embaixo? – perguntou Hoop.

Houve silêncio outra vez enquanto todos observavam o achado com novos olhos. E Ripley soube que Lachance estava certo. Tinha certeza de que o objeto não estava inteiramente visível – obviamente ele se projetava além das bordas da caverna em certos pontos –, mas havia traços que começavam a fazer sentido, formas e linhas que só poderiam estar em um transporte construído para voar. Toda a metade esquerda da superfície exposta poderia ter sido uma asa, curvando-se para baixo em uma parábola graciosa, projeções aqui e ali que pareciam voltar-se para trás de forma aerodinâmica. Havia áreas abertas que

poderiam ter sido pórticos de entrada ou dutos de exaustão, e, onde a superfície mais alta do objeto se erguia a partir da asa, Ripley podia ver uma série de cavidades que pareciam o resultado de pancadas no casco curvo.

– Nunca vi nada parecido antes – sussurrou Lachance, como se tivesse medo de sua voz ecoar. – Mas, quanto mais eu olho, mais certeza eu tenho.

Nenhuma piada. Nenhum gracejo casual. Ele estava tão assombrado quanto os outros.

– Os mineradores chegaram perto – disse Hoop. – Penduraram aquelas luzes lá em cima e ao redor dessa coisa.

– Mas não vamos cometer o mesmo erro, certo? – propôs Baxter. – Eles chegaram perto demais, e olha o que aconteceu com eles!

– Incrível – murmurou Sneddon. – Eu deveria...

Ela tirou uma minicâmera do bolso e começou a filmar.

– Mas como é que isso veio parar aqui embaixo? – inquiriu Kasyanov.

– Você já viu como é este planeta – respondeu Hoop. – As tempestades, o vento, a areia. Isso parece antigo. Talvez esteja enterrado há muito tempo. Há eras... dez mil anos. Afundou na areia, e as tempestades cobriram tudo. Ou talvez houvesse um jeito de chegar aqui embaixo, muito tempo atrás. Talvez este seja o fundo de um vale que fora preenchido por areia. O que quer que seja... está aqui.

– Vamos embora – disse Baxter. – Vamos dar o fora...

– Não há sinal dos aliens – argumentou Hoop.

– Ainda não! Mas deve ter sido daqui que eles vieram.

– Baxter... – começou Kasyanov, mas sua voz sumiu.

Ela não conseguia tirar os olhos do imenso objeto. Fosse o que fosse, devia ser a coisa mais incrível que qualquer um deles já tinha visto.

– Ripley, isso aqui parece com o que o seu pessoal encontrou? – perguntou Hoop.

– Acho que não – respondeu. – Eu não estava com a equipe que desceu ao planeta, só vi as imagens que as câmeras dos trajes transmitiram. Mas não, acho que não. Aquela nave era grande, mas isso... – Ela balançou a cabeça. – Isso é *enorme*! Numa escala muito diferente.

– A descoberta do século – declarou Sneddon. – Sério. Este planeta vai se tornar famoso. Nós vamos ficar famosos.

– Você só pode estar de brincadeira! – respondeu Baxter. – Nós vamos estar *mortos*!

– Ali – disse Lachance, apontando para o outro lado da caverna. – Olhem onde ela se ergue formando o que pode ser a... fuselagem, ou a estrutura

principal da nave. Em direção à traseira. Estão vendo?

– Estou – respondeu Ripley. – Danos. Talvez devido a uma explosão.

A área que Lachance havia apontado era mais irregular do que o restante, as linhas suaves e fluidas transformando-se em uma ruína esfarrapada, rasgada ao longo do casco, e um oco cheio de escuridão. Até mesmo essa área áspera e destruída fora suavizada pelo tempo. A poeira havia assentado, a areia cobrira o material rompido e tudo parecia turvo.

– Sério, eu acho que deveríamos voltar – insistiu Baxter. – Dar o fora daqui e, quando chegarmos em casa, relatar tudo. Eles vão enviar uma expedição. A Marinha Colonial é que precisa vir aqui. Um pessoal com armas grandes.

– Concordo – disse Kasyanov. – Vamos embora. Isso não é para nós. Não deveríamos estar aqui.

Ripley assentiu, mas ainda não conseguira tirar os olhos do achado, lembrando os horrores de seus pesadelos despertados.

– Eles têm razão. – Lembrou-se das vozes da tripulação da *Nostromo* quando encontraram aquela estranha nave alienígena, a admiração indisfarçável que rapidamente se transformara em pavor. – Temos que ir.

Foi quando ouviram um barulho atrás deles. No fundo, passando pela seção desabada da parede da caverna, de onde tinham vindo. Nos túneis. Um silvo longo e baixo. Em seguida, um guincho, como unhas afiadas raspando na pedra. Uma coisa com muitas patas correndo.

– Ah, não... – Kasyanov se virou e apontou o maçarico de plasma para o buraco por onde haviam entrado.

– Não, espere! – exclamou Hoop, mas era tarde demais. Kasyanov apertou o gatilho e um novo sol explodiu ao redor deles.

Ripley foi arrastada para trás por uma mão segurando a gola de sua camiseta. Os outros também recuaram, e a descarga de plasma subiu pela rachadura, pedras ricocheteando, o calor fulgurando no ar em ondas fluidas. Ripley apertou os olhos para enxergar na luz escaldante, sentindo o calor em torno do rosto, ressecando a pele exposta, fazendo os cabelos murcharem.

Ela tropeçou e caiu em cima de Hoop, que já estava no chão. Rolou para o lado e parou de barriga para baixo próxima a ele. Os dois se encararam. Ela viu um breve desespero lá – os olhos arregalados, os lábios comprimidos –, e então, subitamente, ele reafirmou sua determinação.

Ripley ficou atrás dele enquanto Kasyanov recuava diante do que havia feito. O maçarico de plasma emanava calor, o sistema de refrigeração embutido espirrando uma bruma ao redor do cano. À frente deles, as rochas brilhavam, vermelhas, pingando, derretidas, mas já estavam se resfriando em novos

formatos. A neblina quente fazia com que a parede da caverna ainda parecesse amolecida, mas Ripley ouviu as rochas estalando e rachando enquanto se solidificavam mais uma vez.

A fenda pela qual haviam entrado se fora, as camadas de rocha derretida por cima dela formaram uma nova parede.

– Nós podemos disparar de novo, abrir uma passagem! – disse Baxter. – Kasyanov e eu podemos usar os dois maçaricos para...

– Não – interrompeu Sneddon. – Você não ouviu o que estava vindo dali?

– Ela fritou o bicho! – protestou Baxter.

– Esperem – disse Ripley, erguendo a mão e se aproximando.

O calor que irradiava da pedra era tremendo, quase lhe tirava o fôlego. Embora pudesse ouvir os sons da refrigeração em processo, e a discussão em voz baixa às suas costas, também ouvia outra coisa. A abertura que levava à mina quase não existia mais – restavam só algumas rachaduras –, e, se ela não soubesse que estava lá, não teria sido capaz de encontrá-la. Mas o som chegava sem impedimentos.

– Ainda estou ouvindo – sussurrou ela. – Lá em cima.

O som era terrível: guinchos baixos, o estalo dos membros rígidos batendo na pedra, um sibilo suave que ela não achava que tivesse alguma coisa a ver com o calor. Virou-se e olhou para os companheiros, de pé ao seu redor com as ferramentas de mineração, suas armas, em riste.

– Acho que há mais de um.

– Deve ter outro jeito de voltar para a mina – disse Hoop.

– *Por que* teria? – questionou Kasyanov.

– Porque, se não tiver, estamos fodidos!

– Se não tiver, podemos fazer um – propôs Lachance. – Só que não aqui.

Ele se virou e olhou para os confins da caverna, os olhos constantemente voltando à enorme estrutura enterrada.

Nave, pensou Ripley, lembrando-se do impossível. *Estamos a poucos passos de uma nave alienígena!* Não havia mais a menor dúvida do que aquilo era. A avaliação de Lachance fazia sentido, assim como a ideia de que os aliens tinham vindo dali. Ela já vira tudo isso antes.

– Tem que haver outra entrada – insistiu Hoop, com um toque de esperança na voz. – As luzes ainda estão acesas. O maçarico de plasma fritou aqueles cabos, então deve haver mais vindo de outro lugar.

– Vamos procurar nas extremidades da caverna – sugeriu Sneddon, apontando. – Por ali. Acho que é na direção do segundo elevador, não é?

Ela olhou ao redor, buscando apoio.

– Talvez – disse Lachance. – Mas os túneis da mina fazem várias curvas, não dá para ter certeza...

– Vamos logo – decidiu Hoop. Ele começou a andar, e Ripley e os outros o seguiram.

À sua direita, o misterioso objeto enterrado. À esquerda, as bordas irregulares da caverna. Apontar as lanternas para as paredes pouco adiantava para banir as sombras. Elas só se encolhiam mais. E não demorou muito para Ripley começar a sentir que o perigo os espreitava daquela direção.

Ela prendeu a respiração enquanto caminhava, tentando não fazer barulho ao pisar para que pudesse ouvir todos os sons provenientes das áreas de sombras. Mas havia seis deles, e, apesar de todos tentarem se mexer o mais silenciosamente possível, as botas faziam barulho. Arranhões na rocha, o resmungo de pedrinhas chutadas para o lado, o farfalhar das roupas, o encontro ocasional do metal com a pedra.

Hoop parou tão de repente que Ripley trombou com ele.

– Estamos sendo vigiados – declarou ele.

A escolha da palavra “vigiados” lhe causou um calafrio. Ela não sabia se aquelas criaturas eram capazes de ficar de tocaia.

– Onde? – sussurrou.

Hoop se virou e fez um gesto com a cabeça indicando as rachaduras, fissuras e pedras caídas que compunham a extremidade da caverna.

– É – concordou Sneddon. – Tenho essa sensação também. Devíamos...

Eles ouviram um silvo baixo, como ar comprimido saindo de uma lata.

– Ah, merda! – resmungou Kasyanov. – Ah, merda, agora estamos...

Baxter cambaleou para trás, o tornozelo ferido cedeu, e uma luz incandescente irrompeu da arma, chamuscando o ar e abrindo-se rumo ao teto baixo na borda da caverna. Ele devia estar com o dedo no gatilho do maçarico de plasma. Alguém gritou. Ripley se jogou contra Kasyanov pouco antes que uma chuva de rocha derretida desabasse sobre elas. Mais alguém gritou.

A erupção terminou tão rapidamente como começara, e Baxter se levantou de um salto, recuando.

– Desculpa, desculpa, eu ouvi...

– Merda! – rosnou Hoop. Estava mexendo nas calças, ficando mais frenético a cada segundo. – *Merda!*

Lachance sacou uma faca do cinto, ajoelhou-se ao lado de Hoop e cortou a calça dele do joelho até a bota, então largou a faca e rasgou o tecido resistente. Depois pegou a faca novamente.

Hoop havia começado a tremer, respirando com dificuldade.

– Hoop – chamou Lachance. – Não se mexa. – O piloto não esperou por uma resposta, mas segurou a perna do engenheiro e a espetou com a ponta da faca.

Ripley ouviu a pelota de rocha endurecida atingir o chão. Sentiu o cheiro enjoativo da carne queimada. Então, nas sombras atrás deles, mais uma vez, ouviram um silvo longo e baixo.

E o estalo terrível de dentes.

– Vamos – disse Hoop. Estava olhando para algo atrás de Ripley, nas sombras. Quando ela viu os olhos dele se arregalarem, não precisou se virar para olhar. – *Vamos!*

Eles correram, descendo pela caverna rumo à estrutura inclinada da asa que saía em curva do chão. Hoop gemeu enquanto corria, mancando, as calças esfarrapadas batendo na canela ferida. Baxter mancava, apoiado em Kasyanov. Os outros ergueram as armas e avançaram rapidamente, cuidadosos, no solo desigual.

Havia apenas uma direção que poderiam tomar, e a abertura estourada que dava para o interior da nave parecia mais escura do que nunca.

O único pensamento de Ripley lhe trouxe apenas terror.

Eles estão nos conduzindo...

12

GADO

... na direção da nave, pensou Hoop. Conduzindo-nos como gado. E nós estamos fazendo exatamente o que eles querem.

Não havia outra explicação. Os aliens não tinham atacado. Em vez disso, estavam espreitando o grupo de sobreviventes, movendo-se pelas fissuras sombrias das rochas, deixando que notassem sua presença, mas sem se expor.

Tudo o que Hoop tinha visto – tudo o que sabia sobre o que acontecera a bordo da *Marion* e com Ripley há mais de trinta anos – indicava que aqueles eram monstros brutais e irracionais.

Mas aquilo era diferente. Se estivesse certo, as criaturas estavam planejando, conspirando, trabalhando juntas. Esse pensamento o aterrorizou. Sua perna doía, uma queimadura profunda e incandescente que parecia arder nos ossos, percorrer os músculos, penetrar as veias. Toda a parte inferior da perna direita parecia ter sido mergulhada em água fervente, e cada passo era uma agonia. Mas não havia escolha além de fugir. Ele sabia que o dano fora mínimo – havia olhado –, e a ferida provavelmente já fora cauterizada pela massa brilhante de pedra derretida que a causara.

Então, fez o que pôde para ignorar a dor.

Quando seu filho fora ao dentista pela primeira vez, apavorado com a ideia de tomar a injeção anestésica para extrair um dente, Hoop tinha conversado com ele no caminho até o consultório, dizendo que a dor seria passageira, uma reação física a um ferimento que, ele sabia, não lhe faria mal algum, e que depois o menino nem lembraria daquela sensação. “A dor é um conceito difícil de conjurar na memória”, dissera Hoop. “Como experimentar o bolo mais gostoso do mundo. Esses pensamentos só significam mesmo alguma coisa quando a degustação, ou a dor, acontece.”

Ele pensava nisso agora, repetindo um mantra para si mesmo enquanto o grupo corria pela estranha caverna. *Não significa nada, não significa nada.* Tentou analisar a sensação, interessar-se por ela em vez de deixar que o

dominasse. E, até certo ponto, funcionou.

Kasyanov seguia na frente ao lado de Sneddon, que apontava a pistola de spray ácido. Baxter e Lachance fechavam a retaguarda; O oficial de comunicações estava com um ar determinado em meio à própria agonia. Ripley ficou com Hoop, sempre de olho nele enquanto o acompanhava. Ele fez o melhor que pôde para não dar a ela razão para se preocupar, mas não conseguia conter grunhidos e gemidos de vez em quando. A responsabilidade era um fardo pesado que ele não podia afastar com racionalizações. Estava no comando, e, embora os sobreviventes da *Marion*, com Ripley a tiracolo, estivessem agindo mais como um grupo sem líder, ele ainda se sentia, em todos os aspectos, responsável pelo destino deles.

Mesmo enquanto corriam, ele queimava os neurônios, tentando determinar se tinha tomado as decisões certas. Deveriam ter permanecido na *Marion*, passado mais tempo se preparando? Ele deveria ter avaliado os dois elevadores antes de decidir em qual deles descer até a mina?

Talvez, se tivessem pegado o outro, já estivessem voltando para a superfície agora, com as preciosas células de combustível transportadas em um vagonete. Mas não podia lidar com “se” e “talvez”. Só podia trabalhar com o que tinham. As certezas.

Precisavam chegar ao outro elevador, e logo.

Os aliens os perseguiam, fazendo-os seguirem adiante. Hoop odiava sentir que não tinha controle, incapaz de ditar o próprio destino, ainda mais quando havia outros dependendo de suas decisões.

Ele parou e se virou, respirando com dificuldade.

– Hoop? – chamou Ripley.

Ela parou também, e os outros se detiveram. Estavam perto de onde a asa da nave se erguia do chão, embora fosse difícil distinguir a diferença entre os materiais.

– Nós estamos fazendo o que eles querem – sussurrou ele, inclinando-se para a frente.

– O quê, fugindo? – inquiriu Kasyanov.

– Não estamos fugindo – afirmou Hoop, endireitando-se.

– Ele tem razão – concordou Ripley. – Eles estão nos conduzindo para cá.

– Para mim, qualquer lugar longe deles está bom – disse Baxter.

– O que você...? – começou Ripley, e por um brevíssimo momento Hoop poderia ter acreditado que os dois eram as únicas pessoas ali. Seus olhares se cruzaram, e algo se passou entre eles. Ele não sabia o quê. Nada tão banal quanto compreensão, ou mesmo afeto. Talvez tenha sido o reconhecimento de que

estavam pensando a mesma coisa.

Então, Sneddon arfou.

– Ah, meu *Deus!* – gritou ela.

Hoop olhou para trás.

Eles estavam vindo. Três aliens, pouco mais do que sombras, e mesmo assim distintos, porque aquelas sombras estavam se *movendo*. E rápido. Dois surgiram de algum lugar perto de onde os sobreviventes haviam entrado na caverna, o terceiro veio de um ponto diferente, os três convergindo.

Lachance se agachou, apoiando os pés com firmeza, e disparou o lança-cargas. O estampido ecoou pela caverna, perdido no espaço vasto.

– Não perca tempo! – disse Baxter. – Espere até eles estarem a poucos passos de distância...

– Se eles chegarem perto, estamos mortos! – retrucou Lachance.

– Corram! – mandou Hoop.

Os outros foram, e ele e Ripley ficaram para trás só por um instante, partilhando novamente um olhar, um sabendo o que o outro estava pensando. *Eles estão nos conduzindo outra vez.*

Houve uma ligeira mudança na superfície sob os pés deles enquanto subiam até a asa enorme e curva. Hoop ainda sentia como se estivesse correndo sobre rocha, mas agora em uma ladeira, gerando um tipo de dor inteiramente novo em sua perna ferida enquanto ele se apoiava em diferentes músculos para continuar.

Ao longo do tempo aquela estrutura fora enterrada ali, a areia e a poeira deviam ter se acumulado sobre ela e se solidificado. Pedregulhos haviam caído, e assim, de perto, ele viu uma série de depósitos minerais formando cristas sobre toda a asa, como um enorme anel de ondas se expandindo, congeladas no tempo. Cada anel chegava à altura dos joelhos, e saltar por cima de cada crista fez Hoop gritar de dor. Seus gritos se juntaram aos de Baxter.

– É só dor! – exclamou Ripley, e pareceu surpresa quando Hoop riu.

– Para onde? – perguntou Sneddon. Ela havia desacelerado o passo e se virou, a pistola de spray ácido apontada para a frente.

Hoop olhou para trás. Só via dois alienígenas agora, as silhuetas repulsivas deslizando e saltando pelo chão. *Eles deveriam estar mais perto*, pensou ele, *são muito mais rápidos do que nós*. Mas não podia se preocupar com isso agora.

Olhou ao redor procurando a terceira criatura, mas não a viu em parte alguma.

– Para a área danificada – disse ele, apontando. – É o único jeito garantido de entrar.

– Nós *queremos* entrar? – perguntou Ripley.

– Você acha que deveríamos enfrentá-los aqui? – perguntou Hoop.

Sneddon bufou, caçoando da sugestão, mas Hoop falava sério. Ripley sabia disso e franziu a testa, examinando os arredores. Não havia onde se esconder; eles ficariam expostos.

– Aqui é aberto demais – respondeu ela.

– Então, lá em cima, onde a fuselagem está danificada – propôs ele. – E lembrem-se, tem outro em algum lugar, então fiquem...

O terceiro alien apareceu. Emergiu das sombras à esquerda do grupo, já em cima da asa, surgindo por trás de uma enorme quantidade de pedras, como se estivesse esperando por eles. Talvez estivesse a alguns metros de distância, agachado, sibilando e pronto para atacar.

Ripley disparou o lança-cargas, e, se o ódio e a repulsa pudessem propelir um projétil, o alien teria se partido em pedaços apenas pela energia contida no tiro. Mas ela nem viu se conseguiu acertar o alvo, e, se as criaturas estivessem mesmo conduzindo-os em direção à velha nave, provavelmente aquela nem teria reagido.

Ripley manteve a posição, olhando ao redor. Hoop ergueu a pistola de spray ácido. Os outros apontaram as armas. O alien mais próximo desviou para o lado, rodeando-os, mas sem se aproximar. A pele de Hoop se arrepiou quando viu a criatura se mexer. Lembrava uma aranha gigantesca... mas não exatamente. Assemelhava-se mais a um escorpião pavoroso. Porém, havia diferenças. Deslocava-se com gestos fluidos e fáceis, deslizando pela superfície áspera da asa gigante, como se tivesse passado por ali muitas vezes antes.

Ele disparou a pistola de spray. Foi uma reação natural ao nojo que sentia, um desejo de ver a coisa se afastar. Os jatos irregulares de ácido atingiram uma área entre ele e o monstro, chiando alto enquanto o ácido derretia poeira, pedra e o que quer que houvesse embaixo. E, embora o líquido não tivesse atingido o alien, a criatura se esquivou. Só um pouco, mas o suficiente para Hoop notar.

Prendendo a respiração para não inalar qualquer fumaça tóxica, ele recuou rapidamente. Isso fez com que os outros se mexessem também.

– Podemos atacá-lo – disse Ripley.

– O quê?

– Todos nós, de uma vez só. Correr para cima dele. Se ele avançar, nós todos disparamos. Se sair da frente, avançamos.

– Para onde?

– Uma saída.

– Não sabemos *onde* tem uma saída! – exclamou Hoop.

– É melhor do que fazer o que eles querem, não é? – retrucou Ripley.

– Que tal ir para onde eles não estão? – opinou Baxter. – Eles estão ali, eu vou

por aqui. – Ele se virou e mancou em direção à estrutura principal da nave, o braço direito novamente apoiado no ombro de Kasyanov.

– Temos que ficar juntos – disse Hoop, seguindo Baxter e Kasyanov.

Ele não pôde deixar de pensar que Ripley estava certa – em atacar, levar a luta até eles –, e esperava não ter motivos para lamentar sua decisão mais tarde.

O chão se tornava mais íngreme antes de voltar a ser plano, a curva da asa ainda coberta por pedregulhos e por aquelas camadas estranhas e onduladas de depósitos minerais. Hoop achou que talvez a caverna inteira já tivesse estado debaixo d'água, mas não havia como comprovar isso agora. E saber disso não iria ajudá-los.

O que *poderia* ajudá-los era um lugar onde parar. Algum lugar fácil de defender, uma posição da qual pudessem opor resistência. Uma rota ao redor da estranha nave ou através dela, levando de volta para a mina acima.

Uma porra de um milagre.

Talvez *ele* devesse opor resistência, ali mesmo. Só ele. Virar e atacar o alien, a pistola de spray cuspidendo ácido, e quem sabe, talvez tivesse sorte. A criatura era só um animal, afinal. Talvez ela se virasse e fugisse, e ele e os outros pudessem aproveitar a vantagem e retroceder pelo mesmo caminho. Usando os maçaricos de plasma, não demoraria muito para abrir o acesso novamente. Um olhar para trás disse-lhe tudo o que precisava saber. Os três aliens estavam perseguindo-os, sombras angulosas dançando por toda a superfície da enorme asa, voando da rocha para a fenda em busca de esconderijos naturais. Moviam-se em silêncio e com facilidade, os gestos fluidos tão suaves que as sombras escorriam como tinta derramada. Eram caçadores, pura e simplesmente. Se a presa de repente se virasse e atacasse, isso não os perturbaria em nada.

Foda-se.

Ele não ia se sacrificar por nada.

– Mais rápido – murmurou.

– Quê? – perguntou Lachance.

– Precisamos ir mais rápido. O mais rápido que pudermos, chegar lá o mais cedo possível e encontrar um lugar para nos defendermos. Talvez isso os confunda um pouco.

Ninguém respondeu, e ele percebeu a dúvida no silêncio. Porém, todos aceleraram mesmo assim. Até mesmo Baxter, pulando, xingando em voz baixa, e Kasyanov, suando sob o peso do homem. O que quer que Hoop pensasse de seu oficial de comunicações, havia nele uma coragem resoluta que era preciso ser respeitada. E o medo de Kasyanov parecia estar alimentando a determinação da médica.

A perna de Hoop era um peso sólido e dolorido, mas ele usou a dor para resistir, batendo-a em cada passo, seguindo em frente, impulsionando os eventos na direção do que esperava ser uma boa resolução. Nunca tinha sido do tipo que rezava, e a fé era algo que deixara para trás com outras fantasias da infância. Mas tinha a estranha sensação de que tudo aquilo fazia parte de algo maior. Por mais azar que houvessem tido – a queda da *Delilah*, os danos à *Marion*, as feras na *Samson* e agora o mau funcionamento do elevador e a queda até este lugar estranho –, ele não deixava de sentir que havia questões maiores em jogo.

Talvez fosse o efeito de suas descobertas. Essa nave era um sinal incrível e inegável de inteligência alienígena, do tipo que ninguém jamais vira antes. Tinha aberto uma porta em sua mente para possibilidades maiores e mais amplas. Mas havia algo mais. Algo que não conseguia identificar. Ripley era parte disso, ele tinha certeza. Talvez encontrar alguém como ela no meio de tudo isso estivesse fodendo a mente dele.

Alguém como ela?, pensou ele, rindo em silêncio. Fazia muito tempo que não gostava de alguém a sério. Jordan tinha sido um caso e continuara a ser uma boa amiga. Mas com Ripley havia algo mais. Uma compreensão instintiva que ele não havia experimentado com ninguém desde... Pensou brevemente em casa, na ex-esposa e nos filhos que deixara para trás. Mas pensar neles por muito tempo causava muita dor e culpa.

Baxter gritava a cada passo, arrastando o pé do tornozelo quebrado atrás de si. Ainda assim, mantinha o maçarico de plasma em riste. Enquanto se aproximavam do declive íngreme rumo ao que devia ter sido a parte principal da fuselagem da nave, Hoop começou a olhar em frente.

A área danificada que tinham visto ao longe era maior do que ele pensara. Estendia-se desde acima da asa até a curva suave do corpo da nave, a superfície dilacerada projetando-se em esculturas austeras e afiadas em toda a extensão dos danos. O buraco não era grande, mas havia uma série de feridas menores, como se alguma coisa tivesse explodido dentro da nave, rompendo o casco em vários lugares. Mesmo depois de tanto tempo, havia marcas evidentes de queimado.

– O primeiro buraco – ordenou Hoop, apontando. Avançou com ímpeto e rapidez, enganchando o braço no de Baxter, tomando o cuidado de deixá-lo empunhar o maçarico. – Você está bem? – perguntou em um sussurro.

– Não – respondeu Baxter, mas havia força em sua voz.

– Hoop, eles estão se aproximando – disse Ripley atrás deles.

Ele largou o braço de Baxter, deu-lhe um tapinha no ombro e, em seguida, virou-se. Ladeira acima, os três aliens rastejavam na direção deles, sua marcha normal tão rápida quanto a corrida de um ser humano. E *estavam* cada vez mais

perto.

– Vamos! – disse aos outros.

Hoop e Ripley fizeram uma pausa, olhando para trás.

– Vamos atirar na cabeça deles? – sugeriu Ripley.

– Sim.

Ela ergueu e disparou o lança-cargas contra a criatura mais próxima. Quando o alien parou e saltou para o lado, Hoop disparou a pistola de spray. Os espirros não atingiram o alvo, mas causaram impacto na asa inclinada perto dele, crepitando, chamuscando. Mais uma vez, ele viu a criatura se encolher diante do ácido. Ripley atirou contra os outros dois também, os disparos ecoando pela caverna maciça, o som se multiplicando. Os monstros se esquivavam com incrível destreza, dançando sobre os membros longos. Sob tiros ressoantes, Hoop os ouviu sibilar. Esperava que fosse de raiva. Se estiverem irritados o bastante, talvez avancem até estarem ao alcance das pistolas de spray e dos maçaricos.

– Vamos – disse ele para Ripley. – Estamos quase lá.

Enquanto subiam a parte mais íngreme da ladeira, a superfície debaixo dos seus pés se alterou. Ficou mais lisa, e a sensação de cada passo também era diferente. Não havia elasticidade nem eco, mas a sensação definitiva de que corriam acima de um espaço vazio. O interior da nave quase suportava o peso.

Quando chegaram à primeira das áreas estouradas, Hoop correu à frente. Os mineradores haviam instalado uma série de luzes por ali, algumas penduradas nas partes salientes do casco arruinado. E, olhando lá para dentro, ele viu um arranjo semelhante.

Era por ali que os mineradores tinham entrado na nave.

Sua preocupação se intensificou. Ele balançou a cabeça, voltando-se para encarar os outros, pronto para sugerir que...

– Hoop – chamou Ripley, sem fôlego. – Veja.

No caminho por onde tinham passado para chegar até ali, várias novas sombras surgiram. Moviam-se rapidamente por toda a superfície da asa. Àquela distância, pareciam formigas. A analogia não foi nem um pouco tranquilizadora.

– E ali – disse Sneddon, apontando para o topo do declive da fuselagem. Havia mais sombras lá, menos definidas; no entanto, as silhuetas eram óbvias. Imóveis. À espera.

– Legal – disse ele. – Vamos entrar. Mas não toquem em *nada*. Na primeira oportunidade que tivermos, vamos lutar para sair daqui.

– Você já teve a sensação de que estava sendo usada? – perguntou Sneddon.

– O tempo todo – murmurou Ripley.

Hoop foi o primeiro a entrar na nave.

13

ALIENS

Talvez ela tenha 9 anos. Há uma porta que conduz à velha ruína abaixo, degraus gastos por décadas de turistas e séculos de monges há muito, muito tempo. Uma grade de metal pesada está fixada na parede, o cadeado pendurado aberto, e à noite eles fecham as catacumbas, supostamente para impedir que vândalos profanem o seu conteúdo. Mas, desde que chegaram, Amanda tem inventado histórias sobre os seres noturnos que eles querem manter trancafiados.

Quando o sol se põe, diz ela, as sombras lá embaixo ganham vida.

Ripley ri enquanto observa a filha escapar sorrateira do sol, adotando uma falsa expressão de medo, as mãos imitando garras, rosnando. Então ela grita para que a mãe a acompanhe, e Ripley percebe que as pessoas se aglomeram atrás dela. As ruínas em que estão são populares, uma das principais atrações turísticas da cidade, e raramente há tranquilidade por ali.

As sombras a envolvem. Trazem um arrepio curioso e o cheiro úmido e bolorento de lugares jamais tocados pela luz solar. Mais adiante, Amanda desapareceu. Ripley não sente a necessidade de chamar pela filha, mas então olha para trás e nota que está sozinha. Sozinha ali embaixo, nas sombras, na escuridão.

Alguém grita. Ela avança, a mão acompanhando pela parede áspera. O piso é irregular, e ela quase tropeça. Em seguida, sua mão toca algo diferente. Liso, mais leve do que as rochas e texturizado.

Há crânios nas paredes. Os crânios são as paredes, milhares deles, e cada um tem um enorme ferimento – um buraco, um rosto esmagado. Ela acha que consegue ver marcas de dentes nos ossos, mas talvez seja só... Minha imaginação, pensa, mas depois ouve o grito de novo.

É Amanda, e reconhecer a voz parece conjurar a garota. Ela está presa na parede do outro lado de uma sala pequena, forrada de ossos, os braços, os ombros e as pernas presos pelos dedos esqueléticos dos que morreram há muito.

Ela vê a mãe, mas não há alegria em seus olhos.

O peito da menina explode sob o vestido largo, e dentes terminam de arreventá-lo, abrindo caminho. Dentes afiados, terríveis.

– Puta merda – sussurrou Ripley, e olhou para a escuridão abaixo. Por um segundo ela ficou perdida, sem saber onde ou em que momento no tempo estava, se isso havia sido uma memória distorcida ou uma visão do futuro. O momento passou girando, incerto e deselegante.

Não sei mais quanto consigo aguentar.

Kasyanov franziu a testa para ela e abriu a boca para falar alguma coisa, mas Ripley se afastou.

– Desçam aqui! – gritou Hoop de dentro da nave. – Tem luzes. E... é esquisito.

– Esquisito como? – perguntou Ripley, pensando: *Degraus gastos e crânios e ossos nas paredes...*

– Vem ver logo.

Ela desceu, caindo ao lado de Hoop, ainda tentando apagar da mente os vestígios daquela visão breve e horrível. Os mineradores haviam passado por ali. Isso não confortava Ripley nem um pouco, embora as luzes que penduraram dentro daquela parte danificada da nave de fato ajudassem. A explosão tinha aberto um buraco no casco, e, no interior, havia percorrido os primeiros níveis, derrubando as partições e demolindo qualquer coisa que estivesse no caminho. Para Ripley, parecia um ninho de vespas, camada após camada instaladas numa simetria fluida, e, de onde estavam – no epicentro da área devastada –, podiam ver pelo menos quatro níveis inferiores expostos.

Imaginou que, se a *Marion* fosse cortada ao meio, algo semelhante se revelaria.

Mas as paredes, os pisos e tetos daquela nave não se pareciam em nada com os da *Marion*. Tubos espessos passavam entre os níveis, e um líquido solidificado pendia dos pontos onde tinham sido rompidos. Parecia mel cristalizado, ou uma areia fina paralisada enquanto se derramava. As paredes tinham apodrecido, expondo a estrutura da base, com as vigas tortas e deformadas pela antiga explosão.

Os andares não eram tão equidistantes quanto ela havia imaginado, e isso não parecia ser resultado do dano. Eles pareciam ter sido feitos dessa maneira.

– Isso é... esquisito – ecoou Sneddon, obviamente fascinada. Filmando outra vez com a câmera, seguiu em frente, descendo um declive de detritos até o primeiro piso firme. A superfície era desigual, com cavidades em alguns pontos

e riscos aqui e ali, parecendo bastante com uma pele envelhecida.

– Não estou gostando nada disso – disse Ripley. – Nem um pouco.

Ela já tinha ouvido dizer que a natureza não criava ângulos retos, e não havia nenhum aparente ali. O material nas paredes e nos pavimentos era de um tom cinza-escuro, mas não uniforme. Num ponto havia trechos onde era mais claro e parecia mais fino. Em outro, era quase preto, como se o sangue tivesse se acumulado logo abaixo da superfície, criando um hematoma. Assemelhava-se à pele manchada de um cadáver.

– Ótimo jeito de fazer uma nave – comentou Lachance.

– O quê? – perguntou Baxter. – O que quer dizer?

– Cultivá-la – respondeu Sneddon. – Isso não foi construído, foi *cultivado*.

– Fala sério... – disse Kasyanov, mas, quando Ripley olhou para a médica, viu o fascínio refletido nos olhos arregalados da russa.

– Não deveríamos estar fazendo isso – declarou Ripley.

– Não podemos voltar lá para fora – contrapôs Hoop.

– Mas eles nos *fizeram* vir para cá! Vamos fazer o que eles querem agora?

– Como é que eles podem querer alguma coisa? – protestou Lachance. – São só animais burros, e nós somos suas presas!

– Nenhum de nós sabe o que eles são – retrucou Ripley. – Sneddon?

A oficial de ciências deu de ombros.

– Eu já disse antes: nunca vi nada parecido. A crueldade aparente deles não significa que não possam agir e pensar em conjunto. Em tempos pré-históricos, os velociraptors caçavam juntos, e existem teorias que presumem uma comunicação avançada entre eles. Mas... – Ela olhou ao redor, balançando a cabeça. – Acho que esta nave não é deles.

De fora ouviram os sons das garras rígidas deslizando no casco da nave. Todos olharam para cima, e Ripley viu uma sombra passar pela área danificada pela qual tinham entrado. A silhueta se esticou por um momento, deixando-se ver contra o teto elevado da caverna antes de desaparecer outra vez.

– Estão esperando lá em cima – disse ela. Sentia-se tão impotente.

– Temos que ir – afirmou Hoop. – Lá para dentro. Seguir as luzes que ainda estão funcionando o mais rápido possível. Assim que encontrarmos outra saída, fugimos. – Ele olhou para todos ao redor, e seu rosto estava contraído de dor. – Detesto isso tanto quanto vocês, mas lá fora há muitos deles. Se pudermos enganá-los, em vez de combatê-los, eu aceito.

– Mas alguma coisa aconteceu com os mineradores aqui dentro – argumentou Sneddon.

– É, mas temos uma vantagem. Sabemos o que aconteceu e sabemos que

precisamos ter cuidado.

Ele esperou por algum protesto, mas não houve nenhum.

Não estou gostando nem um pouco disso, pensou Ripley. Mas olhou mais uma vez para a abertura irregular no casco da estranha nave e soube que não havia alternativa. A ideia de voltar lá para cima, com aquelas coisas à espreita... não era uma opção válida.

Hoop foi na frente, segurando a lanterna. As lâmpadas penduradas pelos mineradores continuavam a funcionar, mas a luz de Hoop bloqueou as sombras que elas projetavam.

O grupo andou depressa. Quase com confiança. Ripley tentou apagar a visão recente da cabeça. Os outros pesadelos despertados tinham sido mais surreais, mas menos preocupantes, mostrando Amanda em uma idade em que Ripley nunca a tinha visto. Mas este último fora o pior. Sua filha jovem, doce, inocente e linda, exatamente como Ripley se lembrava. E a incapacidade dela de proteger a menina contra os monstros ainda parecia verdadeira, acomodando-se em sua alma como um cancro de culpa, devorando-a, consumindo-a, como se tudo tivesse sido real.

Ela até sentiu que começava a chorar. Mas as lágrimas só serviriam para embaçar sua visão, tornando tudo mais perigoso. Tinha que manter a sanidade. Tinha que sobreviver.

À medida que se afastavam da área danificada e penetravam mais na nave extraterrestre, o ambiente se tornava ainda mais estranho. Ripley pensou na velha história de Jonas dentro da baleia, uma imagem tão perturbadora quando a sua situação atual. A maior parte do cenário exibia características distintamente biológicas – pisos irregulares forrados de tubos embutidos que se assemelhavam a veias; paredes com aparência de pele endurecida pelo tempo, mas ainda salpicada de imperfeições e poros cheios de poeira.

Então, começaram a encontrar objetos que deviam ter composto algum tipo de tecnologia. Um corredor estreito se abria em uma galeria de visualização por cima de um poço profundo. Era circundado por uma barreira que batia na cintura. Na galeria havia várias unidades metálicas idênticas. Poderiam ter sido assentos rodeados por algum tipo de equipamento de controle, com detalhes obscuros, arcanos. Se fossem realmente assentos, então Ripley não conseguia identificar facilmente a forma dos seres para os quais eles haviam sido feitos.

O poço estava cheio até pouco abaixo da galeria por uma espécie de fluido vítreo, a superfície cheia de pó e pedrinhas. O teto e as paredes eram lisos, e Ripley só podia supor que o pó viera do exterior ao longo das eras.

– Para que lado agora? – perguntou ela.

A galeria contornava três quartos do poço, e havia pelo menos seis aberturas saindo dela, incluindo aquela pela qual acabavam de chegar.

Hoop espiava a abertura através da qual tinham vindo. De lá veio o som de coisas sibilantes à espreita.

– Vamos dar o fora daqui! – exclamou Baxter, suando e tentando disfarçar a dor. Mesmo parado, ele tremia. Ripley não podia imaginar a agonia que o homem enfrentava, mas sabia que não havia alternativa. Só esperava que não chegasse o momento em que ele seria fisicamente incapaz de seguir com o restante do grupo.

E aí, fazer o quê?, ela se perguntou. *Deixá-lo para trás? Matá-lo?*

Ela deu as costas a Baxter no momento em que Hoop falou.

– Vamos virar esse jogo – disse ele. – Kasyanov, Baxter, preparem os maçaricos de plasma. – Ele indicou com a cabeça a abertura pela qual vieram. – Derrubem.

– Espere! – exclamou Sneddon. – Não temos ideia do efeito que os maçaricos terão nesse material. Não sabemos do que a nave é feita! Pode ser inflamável.

Ripley ouviu mais sibilos, e no fundo do túnel as sombras se deslocaram, projetando formas aracnoides ao longo dos pisos e das paredes.

– Ou a gente corre ou faz isso, não tem outro jeito! – disse ela, preparando-se para disparar seu lança-cargas.

– Ripley. – Hoop entregou a ela algo que havia tirado do cinto, um objeto volumoso do tamanho de um tablet. – Coloque no topo. Cargas explosivas de verdade.

– Não podemos sair atirando a esmo – disse Lachance.

– A esmo, não – respondeu Ripley, ligando o dispositivo ao topo do lança-cargas. – Atirando *neles*.

Ela se preparou, mirou e disparou. A carga foi tinindo pelo túnel, os ecos soando estranhamente abafados enquanto ela ricocheteava nas paredes.

Ripley franziu a testa.

Hoop segurou o braço dela.

– Tem um tempo de atraso – informou ele ao puxá-la para trás.

A explosão passou ribombando pelos pés e arrancou o ar dos pulmões de Ripley. Sob o estrondo da carga de mineração, ela teve certeza de que ouviu os aliens gritando de dor, e uma chuva de detritos estourou do túnel, tamborilando na roupa e arranhando seu rosto.

A fumaça veio a seguir, lançada na direção deles pelo sopro de ar. Ripley engoliu em seco tentando desentupir os ouvidos, ofegou com o ardor no rosto. Enquanto ela se levantava, Kasyanov e Baxter já estavam operando os maçaricos

de plasma.

A galeria inteira foi iluminada pelo plasma causticante. Olhando para baixo, Ripley viu uma sequência de ondas indo para a frente e para trás, lentamente, na superfície do poço. A explosão devia ter ressoado por toda a nave. O líquido era tão denso e pesado que as ondulações na superfície se moviam como cobras letárgicas, colidindo e se interpondo, criando padrões complexos, mas surpreendentemente belos.

O fedor era terrível, quase como de carne queimada. Toda a estrutura em torno da abertura desabou, fluindo, ecoando as ondas preguiçosas abaixo.

– Cessar fogo! – gritou Hoop, e Kasyanov e Baxter obedeceram. Chamas cintilavam por toda a superfície, tremulando em um canto, reacendendo em outro, enquanto a pesada estrutura mergulhava até encontrar o chão borbulhante. Já tinha começado a endurecer outra vez, selando a abertura com eficácia. O ar tremulava devido às incríveis temperaturas. Os pulmões de Ripley ardiam.

– Agora *nós* é que decidimos para onde vamos – disse Hoop.

A cabeça curva de um alien forçou a entrada pela porta derretida. Não houve aviso – nenhum deles podia ver além, e a abertura em si fora totalmente selada pela estrutura derretida. O crânio liso da criatura empurrou o material endurecido, os dentes se alongando e rangendo. Por um momento, pareceu enfrentar dificuldades, empurrando a porta, as mãos de longas garras tentando acelerar o processo. Mas então deteve-se, e o material que resfriava soltava vapor onde a fera lhe mordida o couro misterioso.

– Todos, recuem – disse Hoop, e apontou a pistola de spray ácido.

Ripley retrocedeu pela galeria e prendeu a respiração, ao mesmo tempo fascinada e aterrorizada. O alien ainda lutava para prosseguir, e ao seu redor o material derretido e recomposto se esticava, mudando de cor à medida que a tensão crescia. Cinco segundos antes e talvez o monstro tivesse atravessado, pegando-os desprevenidos e instaurando o caos.

Mas agora a criatura fora contida.

Hoop disparou uma rajada de ácido fluorídrico diretamente na cabeça dela.

Fumaça crepitando, chiando, guinchando. Tudo foi obscurecido por nuvens de vapor, mas Ripley teve a impressão inconfundível de um movimento frenético, desesperado.

– Recue! – disse ela. – Hoop, *recue!*

Todos se afastaram até o outro lado da galeria, e Ripley sentiu nas costas a barreira do poço. Contornou-a rumo à extremidade mais distante.

Os outros seguiram na mesma direção, e Hoop se virou e correu para lá.

Atrás dele, algo explodiu.

Ele vai ser atingido pelo ácido, e eu vou ter que vê-lo morrer, pensou Ripley. Porém, apesar de Hoop se encolher e abaixar enquanto corria, os restos e respingos da cabeça do alien se espalharam pela galeria na outra direção. Parte dela rolou pelo chão, deixando um rastro de manchas crepitantes, e caiu no poço. O que atingiu a superfície pairou ali por um momento, depois afundou com um último chiado raivoso.

Hoop alcançou os outros, sorrindo.

– Bom, pelo menos sabemos que eles não gostam deste ácido – disse ele. – Vamos. Vamos dar o fora daqui. Baxter...

– Nem precisa perguntar – respondeu Baxter. – Do jeito que as coisas estão, eu venceria você em uma corrida. Estou bem.

Contudo, estava longe de estar bem. Não podia encostar o pé esquerdo no chão e, se não fosse por Kasyanov, teria caído. Seu rosto estava tenso, úmido de suor, e ele não conseguia esconder o terror.

Ele ainda está com medo de ser deixado para trás. Era uma ideia horrível, mas que não deixava de ser uma possibilidade.

– Não sei por quanto tempo isso vai segurá-los – disse Sneddon, indicando a abertura derretida. Ainda estava fumegando. Não podiam ver os restos do alien, mas o ponto onde ele forçara passagem estava queimado por cicatrizes ácidas.

– Vamos. Por aqui – disse Hoop.

Dirigiu-se a uma abertura no outro lado da galeria, o mais longe possível da entrada que haviam usado. Fixou a lanterna à pistola para poder apontar os dois na mesma direção. Todos o seguiram, ninguém o questionou.

Entrando em um túnel estreito e de teto baixo, Ripley não pôde escapar à ideia de que estavam sendo engolidos mais uma vez.



Eles entraram em áreas que os mineradores não haviam iluminado. Correram, as lanternas em punho ou presas às armas, as sombras dançando e retrocedendo. Pouco tempo depois de deixarem a galeria, encontraram os primeiros corpos. O corredor semelhante a um túnel se abriu em outro espaço amplo, e havia algo diferente nele. As curvas suaves eram as mesmas, com a irregularidade de algo vivo, mas as camadas e trechos do material que pendia das paredes e do teto não pertenciam àquele lugar. Tampouco as coisas penduradas nele, algo como frutos podres e pavorosos.

Talvez houvesse seis corpos, embora Ripley achasse difícil discernir onde terminava um e começava outro. A escuridão, a decadência, a maneira como

tinham sido pendurados e presos ali, fixados no lugar por aquela estranha excrescência que tinha preenchido um dos túneis de mineração da caverna acima; tudo enevoava as bordas do que viam. E isso não era ruim.

O fedor era horrível. Isso, e a expressão no primeiro rosto para o qual Hoop apontou a lanterna. Parecia ser de uma mulher. A decomposição murchara o rosto, sugara a pele, esvaziara as cavidades oculares, mas o grito ainda estava lá, paralisado. As mãos retorcidas se esticavam, tateando – sem sucesso – o que acontecera no peito da vítima.

O buraco era óbvio. A roupa fora rasgada e pendia em farrapos. As costelas protuberantes estavam estilhaçadas.

– É onde nascem – disse Sneddon.

– Simplesmente penduraram as pessoas aqui – comentou Kasyanov. – É... um berçário.

No chão diante dos mortos pendurados havia um grupo de objetos ovalados, como grandes vasos. A maioria estava rachada. Ninguém se aproximou para olhar dentro deles.

Eles passaram rapidamente pela câmara ampla. Todos os instintos incitavam Ripley a desviar o olhar, mas o fascínio doentio – e sua determinação em sobreviver, em aprender sobre esses monstros e usar tudo o que pudesse contra eles – a fez olhar mais atentamente. Desejou não ter feito isso. Talvez em algum lugar na *Nostromo* tivesse havido uma cena similar, com Dallas pendurado lá, preso como aquela vítima na densa teia de uma aranha gigantesca.

– Para onde você está nos levando? – perguntou Lachance a Hoop. – Esta não é a saída. Só estamos indo mais fundo.

– Estou levando a gente para o mais longe possível daqui – respondeu Hoop, apontando para os corpos. – E para cima, assim que pudermos. Deve haver caminhos para entrar e sair desta nave, além do buraco aberto no casco. Só temos que encontrá-los.



Logo o caminho pelo qual seguiam – os corredores de uma nave espacial, Ripley sabia agora, embora só conseguisse pensar neles como túneis – ficaram novamente livres da substância alienígena, voltando às superfícies manchadas e cinzentas. Ainda era estranho, mas não tão ameaçador. Se tivesse tempo, ela até poderia ter admirado a visão. Era incrível, extraterrestre. Mas só podia pensar em fugir.

Eles nos conduziram para cá para ficarmos como os mineradores, pensou ela,

tentando não imaginar como devia ser terrível. Ver-se preso naquela teia, ver o ovo eclodir na sua frente, sentir aquela coisa se acomodando no seu rosto. No começo, você desmaiaria, como Kane, mas depois viriam o despertar e a espera. A espera pelo primeiro sinal de movimento no interior. A primeira pontada de dor quando o filhote alienígena começasse a empurrar, arranhar e morder para sair.

Ela pensou em Amanda outra vez e gemeu em voz alta. Ninguém pareceu ouvir, ou, se alguém o fez, só captou um eco do próprio desespero.

Deslocavam-se com rapidez, os facho de luz da lanterna dançando em torno deles. Hoop ia na frente, com Kasyanov e Baxter atrás. Haviã estabelecido um ritmo para seus gestos, e, embora o pé esquerdo de Baxter fosse totalmente inútil, Kasyanov o amparava bem o bastante para que ele pudesse pular com um movimento quase gracioso.

Todos empunhavam as armas. Restavam três cargas explosivas na arma de Ripley. Ela tinha visto o efeito delas, e sabia que nunca seria capaz de atirar se estivessem próximos demais. Mas o lança-cargas ainda lhe dava uma sensação de proteção.

Por onde quer que passassem, em diferentes áreas da imensa nave, tudo parecia ser feito do mesmo material estranho. Ou cultivado, talvez. Não havia mais sinais de tecnologia. Passaram por muitas aberturas, onde películas finas e opacas pareciam ser usadas como portas. A maioria fora selada, algumas estavam rasgadas e esfarrapadas, mas o pequeno grupo se manteve nos corredores mais largos.

Havia mais galerias, mais poços com o líquido estagnado em diferentes níveis. Ripley se perguntou para que serviriam esses poços – combustível, comida, algum tipo de instalação ambiental? Estariam armazenando alguma coisa?

Em certo ponto, subiram uma escada curva, os degraus chegando à altura da cintura, e tiveram que escalar quase trinta deles até a rota se aplainar novamente. Ali, as superfícies eram escorregadias e pegajosas, tão lisas que eles se revezaram: uns escorregavam enquanto os outros se arrastavam até ficar de pé.

Ripley limpou as mãos na roupa, mas, embora parecessem escorregadias e molhadas, na verdade estavam secas. Outro mistério.

Longe do berçário, o ar tinha um cheiro neutro, afora uma brisa ocasional que percorria os corredores trazendo uma pitada de deterioração. Não havia como saber o que causava tal brisa em níveis tão profundos. *Portas enormes abrindo-se em outras partes da nave*, pensou Ripley. *Algo grande e invisível se deslocando por aí. Algo grande, suspirando enquanto dormia.* Nenhuma das possibilidades era boa.

Encontraram um grande espaço aberto contendo várias esculturas altas feitas do mesmo material que as paredes e o chão. As formas eram ambíguas, amálgamas fluidas entre o biológico e o mecânico. Como em outras partes da nave, o tempo havia suavizado as bordas e tornado mais difícil ver os detalhes. Eram entalhes sendo ocultados mais uma vez sob a camuflagem do tempo.

Havia neles uma inegável beleza; contudo, iluminados pelas lanternas, lançavam sombras altas e inquietantes. Um daqueles aliens poderia estar se escondendo atrás de qualquer uma delas.

– É impossível termos despistado as criaturas com tanta facilidade – disse Hoop, mas ninguém respondeu.

Ripley havia pensado nisso, e tinha certeza de que os outros também. Mas Hoop tornara-se o líder do grupo. Ninguém gostava de ouvir a pessoa que estava no comando expressar essas dúvidas.

Deixaram o salão das esculturas, e logo depois Hoop teve motivos para falar de novo.

– Mais corpos – disse ele, à frente dos outros. Mas havia algo errado com sua voz.

– Ah, meu Deus... – murmurou Kasyanov.

Ripley avançou. A passagem ali era bem larga, e ela e os outros acrescentaram os facho de suas lanternas ao de Hoop.

Por um tempo, ninguém falou nada. Havia muito pouco a dizer. O choque percorreu o grupo, e todos lidavam com os próprios pensamentos e medos.

– Acho que encontramos os donos da nave – disse Ripley.

14 CONSTRUTORES

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

SUBTENENTE RIPLEY AINDA ESTÁ NA SUPERFÍCIE DO PLANETA
COM O RESTANTE DA TRIPULAÇÃO DA *MARION*. NÃO RECEBO
ATUALIZAÇÕES HÁ ALGUM TEMPO.

O ÚNICO ESPÉCIME ALIENÍGENA SOBREVIVE NA *MARION*,
PARADEIRO DESCONHECIDO.

PLANO PROSSEGUINDO SATISFATORIAMENTE. ESTOU CONVENCIDO
DE QUE RIPLEY CUMPRIRÁ SEU PROPÓSITO. ELA É FORTE, PARA UM
HUMANO.

ESTOU ANSIOSO PARA CONVERSAR COM ELA NOVAMENTE.
RECONHEÇO QUE SOU ARTIFICIAL, MAS FAZ MUITO TEMPO. SINTO-
ME SOLITÁRIO.

ESPERO QUE ISSO NÃO CONTRARIE A PROGRAMAÇÃO.

A INFILTRAÇÃO NO COMPUTADOR DA NAVE ESTÁ PRONTA PARA
SER INICIADA.

Enquanto atravessavam a nave, Hoop vinha construindo uma imagem mental dos alienígenas que poderiam tê-la construído.

Sua imaginação tinha mergulhado novamente naquele fascínio infantil por monstros. Aquelas escadas altas sugeriam membros longos. As aberturas altas e

arqueadas poderiam aludir à forma dos alienígenas. A nave e sua natureza indicavam algo quase além da compreensão humana – ou era tão tecnologicamente avançada que era quase irreconhecível, ou a tecnologia era tão diferente de qualquer uma que ele conhecesse que era inútil tentar interpretá-la.

O que viu diante de si dissipou qualquer uma dessas conjecturas. Havia uma tristeza na aparência daqueles seres que inspirava somente pena, e Hoop percebeu que sua história fora tão medonha e trágica quanto a que se desenrolava no momento.

– Coitados – disse Ripley, ecoando os pensamentos do engenheiro. – Não é justo. Nada disso é justo.

Havia três criaturas mortas deitadas na frente deles – duas que deviam ser adultas e uma criança. As primeiras embalavam a criança entre elas, protegendo-a com os corpos, e fora assim que morreram e se deterioraram. O cadáver mumificado da criança estava aninhado entre os corpos dos pais, um gesto de amor que perdurava por incontáveis anos. As roupas tinham permanecido relativamente intactas, um material metálico que ainda pendia, frouxo, dos ossos proeminentes e entre os membros longos e grossos.

Pelo que Hoop podia notar, cada um tinha quatro pernas e dois braços, mais curtos e delgados. Os ossos das pernas eram grossos e atarracados, os braços muito mais finos e delicados, as mãos saindo de mangas estreitas. As mãos eram pele e osso, os dedos, longos e esguios, e ele viu o que talvez fossem joias nos dedos de um dos adultos. O torso de todos era pesado, contido em trajes que haviam sido reforçados com uma rede de aros e escoras metálicas.

Era difícil ver quanto dos corpos permanecia inteiro. A pele ou carne que Hoop via ficara mumificada, empoeirada e pálida ao longo do tempo.

As cabeças eram a parte mais difícil, pois cada uma tinha sido afundada por um impacto. Hoop achava que sabia que impactos tinham sido aqueles. Ao lado da mão estendida de um adulto jazia uma espécie de arma.

– Eles se mataram? – perguntou Sneddon.

– Um deles se matou – disse Hoop. – Matou a parceira, a criança e depois a si mesmo. Melhor do que virar comida para aquelas coisas, eu acho.

Os crânios ainda retinham pedaços de pele e alguns fios finos de cabelo. Eles pareciam ter um pequeno focinho, dois olhos e uma boca larga, com várias fileiras de dentes pequeninos. Não eram os dentes de um carnívoro. Não eram os corpos ou a aparência de monstros.

– Parecem cachorros – comentou Lachance. – Só que... grandes.

– Gostaria de saber o que aconteceu aqui – disse Ripley. – Como os aliens entraram na nave deles? O que derrubou a nave?

– Talvez a gente descubra isso um dia, mas não hoje – respondeu Hoop. – Precisamos seguir em frente.

– É – concordou Baxter. – Seguir em frente.

Ele estava parecendo cada vez mais fraco, e Hoop estava com medo de que ele começasse a atrasá-los. Se isso acontecesse, não havia nada a fazer – nada senão reduzir a velocidade para que ele os acompanhasse.

Kasyanov fez uma careta breve para ele. Também estava esgotada.

– Deixe comigo – disse Hoop, mas ela balançou a cabeça.

– Sem chance – respondeu ela. – Eu levo o Baxter.

Depois dos corpos, a passagem tornava-se mais alta e larga. As lanternas perderam gradualmente a eficácia, e, quanto mais eles avançavam, mais escuros ficavam os corredores. Os passos deles começaram a ecoar. Baxter tossiu, e o som se propagou, reverberando de volta, ecoando de novo e de novo.

– O que é isso? – perguntou Hoop enquanto Sneddon caminhava ao lado dele.

– Não tenho ideia – sussurrou ela. – Hoop, estamos nos perdendo aqui. Acho que devíamos voltar.

– E correr direto para aquelas coisas?

– Isso se ainda estiverem procurando por nós. Tenho certeza de que já encontraram outro jeito de ultrapassar aquela galeria.

– Como assim, se ainda estiverem procurando?

A oficial de ciências deu de ombros.

– Não consigo deixar de pensar que elas pararam de nos seguir porque estamos fazendo exatamente o que querem.

– Ou porque eu matei uma delas. Talvez estejam mantendo distância. Sendo mais cautelosas, agora que sabem que *podemos* matá-las.

– Talvez – disse Sneddon, mas ele entendeu. Ela não pensava assim de forma alguma. E, na verdade, nem ele.

– Então, e aí? – perguntou ele. – Estou fazendo o melhor que posso aqui, Sneddon.

– Todos nós estamos. – Ela deu de ombros novamente. – Sei lá. Vamos seguir em frente e continuar atentos.

– É – concordou Hoop. – Atentos.

Ele balançava a pistola de spray ácido à esquerda e à direita, a lanterna fixa fazendo muito pouco para penetrar a escuridão. Não parecia haver nada além de um amplo espaço em torno deles, e ele se perguntou se estariam em algum tipo de compartimento de carga. Se assim fosse, então aquela nave havia decolado sem carga. Ou, pelo menos, sem cargas grandes.

Foi quando as paredes e o teto começaram a se fechar outra vez que eles encontraram o que poderia ter sido a saída. Lachance a viu primeiro, uma abertura na parede à sua esquerda com o início de um daqueles grandes degraus subindo em meio às sombras. Foram investigar, e, com os fachos das lanternas combinados, viram o topo da escada, talvez uns trinta e cinco metros acima. O que existia além não estava claro, mas levava na direção certa.

Hoop começou a subir, e os outros o seguiram. Depois de alguns degraus, começaram a se revezar para ajudar Baxter. Isso permitiu que Kasyanov descansasse, mas no meio do caminho até ela precisou de auxílio. Tinha se exaurido, e Hoop torcia para que ela tivesse algo que pudesse ajudar no kit de primeiros socorros. Um analgésico, um energético, *qualquer coisa*.

Quando chegaram ao topo da grande escadaria, todos ofegavam de exaustão. Foram recebidos pelo que parecia ser uma parede branca, e Hoop se virou rapidamente, olhando para trás, para a escada, e esperando uma emboscada. *Estamos em vantagem aqui*, pensou ele, mas logo percebeu que isso não importava. Se houvesse um número suficiente deles, nenhum combate duraria muito tempo.

– Ei, olhem – disse Sneddon.

Ela tinha ido para um dos lados da parede e tocava uma série de projeções. Sem aviso, uma cortina pesada de algum material indefinido começou a se abrir, deslizando lentamente. Sacudiu-se, rangendo enquanto se mexia, e se separou ao meio. Do outro lado havia mais sombras.

– Entre por sua livre e espontânea vontade – disse Lachance. – Fique à vontade para passar a noite.

– Vou primeiro – anunciou Hoop, mas Ripley já estava passando. Ele a ouviu prender a respiração quando passou pela porta antiga rumo ao que existia além.

– É um berçário – disse ela, ecoando o comentário que Sneddon fizera mais cedo. Mas aquele era muito, muito diferente.

Não havia como saber para que a sala servira originalmente, mas fora transformada numa versão do inferno. Ao longo de um lado e no outro extremo, pelo menos quinze daqueles alienígenas caninos de membros longos estavam encasulados nas paredes, presos por faixas de excrescência alienígena.

A maioria dos corpos era de adultos, mas havia duas formas menores que talvez fossem crianças. O peito exposto havia estourado, as grossas costelas quebradas e protuberantes, a cabeça jogada para trás em uma agonia interminável. Podiam estar lá há cem anos ou dez mil, corpos ressequidos e mumificados no ar seco. Era uma visão horrível.

Ainda mais pavorosas eram as coisas espalhadas no meio da sala. A maioria ia

até a cintura de um adulto. Mais ovos, um para cada vítima fixada à parede. Todos pareciam ter eclodido.

– Não cheguem perto! – disse Sneddon quando Lachance avançou.

– São antigos – comentou Hoop. – E estão todos abertos. Olhem. – Ele deu um pontapé no ovo eclodido mais próximo, semelhante a uma pétala, que se esfacelou e caiu. – Fossilizado.

– Porra, que nojo – disse Baxter. – Isso só piora.

– Vamos por ali? – perguntou Ripley, apontando a lanterna pela sala ampla em direção a uma porta sombreada na parede mais distante.

– É – concordou Hoop. – Isso tudo já aconteceu. É só não olhar.

Ele começou a cruzar a sala, mirando a lanterna e a pistola de spray no chão à frente para não tropeçar.

Viu um movimento dentro de um ovo aberto próximo e congelou, preparando-se para pulverizá-lo com ácido. Mas fora apenas uma sombra. Merda, ele estava no limite.

Quando voltou a andar, sentiu-se quase um intruso naquela antiga cena. Tudo aquilo tinha acontecido ali entre aqueles alienígenas caninos e os monstros que ainda infestavam a nave – um confronto que aparentemente ocorrera muito antes de a Terra ter descoberto a tecnologia, enquanto os humanos ainda cultivavam o solo e olhavam para as estrelas com superstição e temor. Mesmo naquela época, essas coisas existiam.

Isso o fazia se sentir muito pequeno e ineficiente. Mesmo empunhando a pistola de spray ácido, era apenas uma criatura fraca que precisava de uma arma para se proteger. Os alienígenas eram suas próprias armas, organismos perfeitos programados para caçar e matar. Era quase como se tivessem sido criados assim, embora ele não quisesse imaginar quem faria algo assim.

Hoop nunca tinha sido um homem temente a Deus, e considerava tais crenças antiquadas, ignorantes e tolas. Mas talvez houvesse deuses além dos que a raça humana conheceria.

A luz cintilou pela grande sala, movendo-se sobre os ovos eclodidos, as órbitas vazias dos alienígenas caninos e os cantos onde qualquer coisa poderia se esconder. Ele sentiu o nervosismo de todos, e o seu próprio. Isso era muito mais do que qualquer um deles esperara.

– Nós vamos conseguir – disse em voz baixa, mas ninguém respondeu. Nenhum deles tinha certeza disso.

Nos fundos da sala, passando pela abertura rumo ao que quer que estivesse além, chegaram perto o bastante para tocar uma das vítimas encasuladas. Hoop passou o facho da lanterna sobre a criatura morta e parou no rosto.

Os seres que eles haviam encontrado nos túneis tinham sido deformados pela arma que tirara suas vidas, mas, a não ser pela ferida no peito, aqueles estavam inteiros.

Pareciam agonizantes e torturados. Hoop pensou em um universo que ainda podia expressar tamanha dor, depois de tanto tempo.

Ele apontou a luz para o espaço além e entrou.

Outro túnel, outro corredor, outra passagem. As paredes eram curvas, os pisos, irregulares e úmidos. A umidade era algo novo, e ele fez uma pausa para esfregar o pé na superfície. Um líquido borbulhou no chão, como se a superfície fosse gordurosa, e a bota dele reduziu várias bolhas a uma mancha.

– É escorregadio aqui – avisou aos outros.

Ripley estava ao seu lado de novo, apontando a lanterna para a frente.

– O cheiro mudou também – acrescentou ela. Tinha razão.

Até então o interior da nave tivera cheiro de velharia: poeira, mofo, ar filtrado vindo da atmosfera processada da mina para erguer aromas por toda parte. Mas ali era diferente. Ele inspirou profundamente e franziu a testa, tentando identificar o odor. Era sutil, mas desagradável, ligeiramente azedo, como se alguém tivesse deixado de tomar banho por muito tempo. Havia também algo nele que Hoop não conseguia identificar. Não um cheiro, mas uma sensação.

– Está mais quente – disse Ripley. – Não o ar, mas... tem um *cheiro* quente.

– É – concordou ele. – Como uma coisa viva.

– A nave? – perguntou Ripley.

Ele balançou a cabeça.

– Acho que se, de alguma forma, esta nave esteve viva, isso foi há muito tempo. Este é mais recente. São eles.

Ele ouviu Ripley passar o recado aos restantes – *tomem cuidado, fiquem atentos!* – e depois avançou mais uma vez. Sempre em frente. Voltar ainda era uma opção, mas também parecia um erro.

A responsabilidade pesou mais do que nunca, ganhando massa à medida que o tempo passava sem incidentes. Ele nunca fora um grande tomador de decisões – muitas vezes, demorava até para escolher o jantar no cardápio limitado da *Marion* –, mas temia que, se decidisse que deveriam voltar agora, essa escolha pudesse arruinar todos eles.

Melhor continuar em frente.

Enquanto prosseguiram, a umidade e os cheiros no ar se intensificavam. O nariz dele começou a arder. Estava suando, a umidade crescendo, o nervosismo fazendo o corpo porejar umidade. A boca estava seca, e a garganta, dolorida.

– Não deveríamos seguir por aqui – disse Baxter. – Isso é ruim. É errado.
– Está *tudo* errado! – retrucou Lachance bruscamente. – Mas este é o caminho para voltar ao topo da nave, então, está bom para mim.

– E aquelas coisas que chocaram? – perguntou Sneddon, e Hoop parou de supetão.

Tem uma coisa me incomodando, e é...

– Onde elas estão? – perguntou ele, virando-se para encarar os outros.

– Isso foi há muito tempo – disse Ripley.

– Não sabemos quanto tempo eles vivem. Os que estavam na *Samson* esperaram semanas, quem sabe possam hibernar por anos. Ou mais tempo.

– Então pode haver muito mais aqui do que só aqueles nascidos dos mineradores – concluiu Sneddon.

– Isso não muda nada – disse Hoop, e esperou alguma reação. Mas todos apenas o encararam, sem nada dizer. – Não muda *nada*. Estamos aqui agora. Vamos em frente, para cima e para fora.

Prosseguiram, mas o corredor – cheio de curvas, rumando só ligeiramente para cima – terminou em outra sala grande e escura.

Ah, não, pensou Hoop. Era o fim. Era isso que os mineradores haviam encontrado, ou um lugar parecido.

Era outro berçário. Não havia como saber quantos lugares como aquele existiam na nave, nem mesmo quão grande ela era. Enquanto paravam à entrada da câmara, ele se viu tremendo de medo, um temor profundo, primitivo. Aquele era um perigo além da humanidade, um que já existia desde muito tempo antes de os seres humanos ao menos saberem o que eram as estrelas.

– Esses estão inteiros – disse Sneddon. Ela passou por Hoop, tirando a correia da pistola de spray ácido do ombro e tirando algo do bolso.

– Não chegue muito perto! – avisou Hoop.

– Mumificados. Preservados. – A sala foi iluminada por um clarão quando Sneddon começou a fotografar os ovos. – São quase como fósseis.

Hoop movia a pistola e a lanterna ligada a ela de um lado para o outro, vasculhando toda a extensão da câmara, procurando uma saída. Viu do outro lado uma abertura alta e emoldurada. Também viu outra coisa. Apontou a lanterna para cima.

– Olhem.

O cabo com as lâmpadas fora pendurado em suportes de arame fixos no teto alto da sala. Algumas delas estavam estilhaçadas, outras pareciam inteiras, mas já não funcionavam mais. Ou tinham sido intencionalmente desativadas. Hoop não estava gostando nem um pouco daquilo.

– Venham aqui! – disse Sneddon.

Ela estava no canto mais distante do compartimento, perto de um dos ovos e tirando fotografias. Os clarões incomodavam Hoop – por um segundo, depois de cada um, só via a escuridão total, a visão voltando lentamente. Não gostava de ficar cego, nem por um segundo.

O ovo diante dela estava aberto. Ao contrário dos outros, não parecia velho e fossilizado, mas recente. Úmido. Ela bateu outra foto, mas dessa vez Hoop piscou no momento em que a luz causticou a sala, e, quando abriu os olhos novamente, sua visão estava clara. No último instante do flash, viu que os ovos de aspecto velho estavam opacos sob o clarão da câmera. Lá dentro, havia formas. E tinha certeza de que elas estavam se mexendo.

– Sneddon, não chegue muito...

– Tem alguma coisa aqui – disse ela, dando um passo à frente.

Algo pulou do ovo. Em um instante, a coisa grudou no rosto de Sneddon. Ela deixou a câmera cair, que começou a disparar no automático, a luz branca cauterizando a sala em intervalos de um segundo enquanto a mulher agarrava a coisa e tentava enfiar os dedos debaixo das garras e da cauda longa e agitada que lhe envolvia o pescoço.

Então, ela caiu de joelhos.

– Puta merda! – exclamou Lachance, apontando o lança-cargas na direção dela.

Ripley o empurrou para o lado.

– Você vai arrancar a cabeça dela!

– Mas essa coisa vai...

– Segurem-na! – ordenou Hoop, e foi para o lado de Sneddon, tentando avaliar o que estava acontecendo, como a coisa tinha se fixado ali e o que estava fazendo com ela.

– Ah, merda, *olha* essas coisas! – exclamou Kasyanov.

Outros ovos estavam eclodindo. Mesmo sob os gritos de pânico, Hoop pôde ouvir os sons úmidos, pegajosos, quase delicados que eles faziam ao se abrir e os movimentos escorregadios dos seres lá dentro.

– Não fiquem muito perto de nenhum deles! – exclamou. – Venham aqui, vamos ficar jun...

– Foda-se! – rosnou Kasyanov, e ateou fogo pela sala com o maçarico de plasma. Os flashes da câmera de Sneddon, que ainda disparava, não eram nada se comparados à luz escaldante. A médica lançou a chama de um lado para o outro, o fogo passando em uma onda incandescente pelo espaço, e sob o calor concentrado os ovos começaram a estourar. Rachavam e se contorciam, as

criaturas surgiam se debatendo, deslizando para fora em um jorro de líquido que borbulhava sob o calor, as pernas e as caudas chicoteando em busca de apoio. Então elas começaram a guinchar. Era um som pavoroso, de romper os tímpanos, demasiadamente humano.

– Me ajudem a arrastá-la! – pediu Ripley, tentando agarrar Sneddon por baixo de um braço.

Mas a oficial de ciências desabou para a frente, o ombro atingindo um ovo, antes de cair de lado.

– Vamos para lá! – gritou Ripley, indicando a saída do outro lado da sala. – Preciso de ajuda!

Lachance tirou a pistola de spray ácido do ombro de Sneddon, agarrou-a por baixo do braço e começou a puxá-la.

O ovo no qual Sneddon tinha caído se abriu. Hoop notou e, sem pensar, apontou para lá a própria pistola. Ripley viu o cano apontado para ela e abriu a boca para gritar um aviso, mas então percebeu o movimento, virou-se e apontou o lança-cargas para a frente.

– A sua, não! – berrou Hoop. Ele havia entregado a ela cargas de verdade, e, se disparasse uma neste espaço fechado, poderia matar todos eles.

Lachance foi mais rápido. Largou Sneddon, recuou e disparou o próprio lança-cargas, carregado com munições não explosivas. O ovo estremeceu quando foi perfurado, e um líquido espesso e viscoso vazou de dentro dele.

– Não pise nisso! – advertiu Ripley enquanto ela e Lachance agarravam Sneddon novamente.

Kasyanov encarava sua obra. Metade da sala estava em chamas, o plasma aderido às paredes e aos ovos, gerando múltiplos incêndios. Vários outros ovos – os que não foram pegos na explosão inicial – eclodiram, as entranhas ferventes espirrando por toda a sala. Kasyanov se encolheu, esfregando algo que caíra no seu antebraço e na luva.

– Não espalhe! – gritou Hoop.

A médica olhou para ele, balançando a cabeça e erguendo a mão enluvada.

– Tudo bem, não é ácido – disse ela. – Acho que... – Em seguida, sua expressão mudou quando o tecido começou a borbulhar e fumer, corroído pelo líquido.

Kasyanov berrou.

– Vamos! – gritou Hoop.

Ripley e Lachance arrastaram Sneddon, Baxter mancou como pôde e Hoop foi até a médica, estendendo a mão para ela e tentando não tocar nas partes afetadas. Ela o viu chegar e tentou ficar parada, mas fortes tremores atravessavam seu

corpo. Os dentes dela rangiam com tanta força que Hoop pensou que se quebrariam, e ela começou a espumar pela boca.

Ela estendeu a mão boa e segurou a dele.

– Eu... não consigo... enxergar... – ela conseguiu balbuciar, e Hoop apertou sua mão. Os olhos dela pareciam estar bem, mas não havia tempo para examiná-los com atenção. A sala estava queimando. Precisavam fugir.

As coisas que agarravam rostos ainda estavam estourando nos ovos, cozinhando no fogo, gritando.

O grupo conseguiu chegar até a porta do outro lado. Ripley foi primeiro, iluminando o caminho com a própria lanterna. Hoop guiou Kasyanov por último, apoiando-a na parede que gotejava e tentando dizer algumas palavras de consolo ao seu ouvido. Não sabia se ela ouvira ou não.

Então, parou na abertura e encarou a sala de onde vieram. As ondas de calor eram intensas, sugando o ar para alimentar as chamas. Os sons do incêndio eram incrivelmente altos – o rugido do ar em chamas, os estalos e estouros dos ovos explodindo e queimando. O fedor era horrível, chamuscando o nariz e a garganta enquanto as labaredas ameaçavam açoitá-la a roupa, o rosto e os cabelos.

Mas ainda havia muitos ovos intocados. Enquanto erguia a pistola de spray ácido e se preparava, vislumbrou alguma coisa reluzindo do outro lado da sala. Um brilho vindo das sombras. Apontou a lanterna naquela direção e viu.

– Ripley! – chamou, tentando não gritar muito alto. – Lachance, Baxter! Eles estão aqui.

15

PROLE

– Estamos matando os filhotes deles – disse Ripley.

E, embora não tivesse certeza de que essa avaliação era correta – de onde vinham os ovos, quem os punha, como as feras procriavam? –, de alguma forma sentia que tinha razão. Qualquer espécie faria de tudo para proteger sua prole. Assim era a natureza.

Do outro lado da câmara ardente, fumarenta e respingante com ovos, o primeiro alien saiu das sombras. A pistola de ácido de Hoop não chegaria tão longe, então, Ripley não hesitou. Apoiou o lança-cargas no quadril e disparou. Foi um golpe de sorte. O projétil atingiu o alienígena na parte de baixo de uma perna, fazendo-o tombar para a esquerda, rolando por cima de dois ovos incendiados. Ele gritou e se levantou, sacudindo as chamas como um cão tirando água do pelo.

Um...

Ripley contou mentalmente. Na única outra vez em que ela havia disparado uma carga explosiva, o tempo de atraso tinha chegado a cinco segundos, e agora...

Dois...

– Prendam a respiração! – Hoop disparou três jorros de ácido para o lado direito da sala.

Três...

O ácido atingiu a parede e de lá espirrou, espalhando-se por todo o chão e por vários ovos, que começaram a chiar imediatamente. Um ovo se partiu em dois na mesma hora, uma fumaça vermelha saindo de suas entranhas arruinadas.

Quatro...

O alienígena estava de pé novamente, um membro similar a um braço batendo nas pernas, onde a carga pequena e metálica penetrara e se prendera.

– Protejam-se! – gritou Ripley. Ela virou as costas para as chamas e se agachou.

A explosão reverberou pela câmara e através da estrutura da nave, o assoalho pulando sob seus pés, o ar esmurrando os ouvidos. Ela arfou, engoliu em seco e girou para encarar novamente a sala.

O alien fora destruído, a maior parte do tronco e dos membros inferiores estava desintegrada. A cabeça tinha quicado no teto e pousado perto de onde ele estivera, e as duas criaturas que entraram em seguida a chutaram para o lado. Hoop parou ao lado de Ripley, ofegante. Ela olhou para ele e viu o corte escurecido no braço direito do traje. Mas não havia tempo.

– Corram! – gritou.

Os dois aliens se separaram, seguindo entre as chamas, e só restava uma carga. Alguém empurrou Ripley para o lado com o ombro, e o mundo ficou branco. Ela fechou os olhos com força e deslizou pela parede, sentindo o calor em um lado do rosto quando mais um incêndio irrompeu pela sala dos ovos.

Um vento rugiu ao passar por eles para alimentar o fogo, e então alguém apertou a mão dela. Hoop estava lá, tentando puxá-la para longe e fazê-la correr.

Baxter estava acima deles, uma perna firme e o outro pé mal tocando o chão. Estava de costas enquanto localizava um dos aliens, disparando outro jorro rápido do maçarico de plasma e atingindo a criatura na lateral da cabeça. A fera gritou, berrou e correu para o outro lado da sala, de uma parede a outra, deixando um rastro de fogo. Quando atingiu a parede, deslizou para o chão e não se mexeu mais.

Ripley não conseguia ver a outra criatura.

– Vai haver mais! – disse Hoop.

– Eu vou ficar...

Pelo menos, foi o que Ripley pensou ter ouvido Baxter dizer. Era difícil saber, pois ele ainda estava de costas, o maçarico de plasma indo da esquerda para a direita enquanto ele procurava novos alvos. A sala era um mar de chamas, o vento da tempestade ígnea quase forte o suficiente para derrubá-lo. Ela só conseguia ver a silhueta de Baxter contra o fogo.

– Não seja burro – respondeu Hoop, abaixando-se e passando o braço de Baxter por cima dos ombros. – Ripley, você pode guiar Kasyanov?

– Eu estou... – começou a médica. – Eu posso andar... só não enxergo... Ela ainda tremia, uma mão estendida à frente do corpo. Mal se assemelhava a uma mão agora.

– Seus olhos não foram feridos – disse Ripley.

– A fumaça... – disse ela. – No meu cinto, no bolso de trás. Cápsulas vermelhas. Para... dor.

– Depressa! – disse Hoop.

Ripley sabia que ele tinha razão, haveria mais aliens, mas precisavam que Kasyanov se recompusesse. Com Baxter mancando e Sneddon abatida, estavam chegando rapidamente ao momento em que precisariam deixar alguém para trás. E se recusava a decidir quem seria. Ripley vasculhou os bolsos do cinto de Kasyanov e encontrou uma fileira de cápsulas vermelhas injetáveis. Tirou três, destampando uma e enfiando a agulha através do traje de Kasyanov, no antebraço direito. Então pegou a outra, ajoelhou-se e cravou-a na perna de Baxter.

Hoop foi o último, a agulha entrando em seu ombro.

– Ai! – gritou ele, e Ripley riu. Não pôde evitar.

Baxter abriu um sorriso, e Hoop também sorriu, acanhado. Então Ripley se levantou, pegou a mão boa de Kasyanov e a apoiou no próprio ombro.

– Segure firme – disse. – Pare quando eu parar, ande quando eu andar. Vou ser seus olhos.

Kasyanov assentiu.

– Lachance? – disse Hoop.

– Por enquanto estou bem – respondeu o francês, ajoelhando-se e jogando Sneddon sobre o ombro. – Ela é leve. Mas não vamos muito longe assim.

Ripley encarou a coisa no rosto de Sneddon, e entre piscadas viu Kane deitado na enfermaria da *Nostromo*, Ash e Dallas olhando-o sem a menor ideia do que fazer. *Talvez ela não devesse ir muito longe*, pensou. Aquela coisa já podia estar plantando um ovo dentro dela. Mas a ideia de deixá-la era doentia demais para ser considerada.

Com a pistola de Sneddon perdida e o maçarico de Kasyanov pendurado no ombro, estavam ficando sem armas. Após disparar a última carga que lhe restava, Ripley voltaria a atirar parafusos. Não tinha ideia de quanto tempo o plasma e o ácido durariam.

Kasyanov apertou o ombro dela com força. *Como se sua vida dependesse disso!*, pensou Ripley, sorrindo com amargura. Foi quando a lanterna amarrada ao lança-cargas de Lachance se apagou.

– Uma já era – disse ele, já ofegante sob o peso de Sneddon.

– Hoop, Lachance tem razão. Não podemos ir longe assim – disse Ripley.

– Mas precisamos – respondeu ele.

Ele estava certo. Era a única resposta. Aquela não era uma daquelas situações em que um milagre de repente se apresentaria. Precisavam ir o mais longe que pudessem, e não adiantava esperar que algo acontecesse. Um pé na frente do outro, defendendo-se, lutando quando fossem obrigados, avançando depressa quando não.

E se e quando voltarmos à Marion, ainda teremos que lidar com Ash, pensou ela. Perguntou-se quão longe aquele desgraçado tinha ido. Ele a havia arrastado consigo através do cosmos, à procura de vida extraterrestre, e, ao encontrá-la, ele não deixou que Ripley escapasse de seus planos. Comprometimento ela conseguia entender, mas a determinação de Ash ia muito além. Talvez ele até...

Ela soltou uma risada curta, amarga.

– O que foi? – perguntou Hoop, olhando-a de soslaio.

– Nada – respondeu. E não era nada mesmo. Mesmo que Ash tivesse sido responsável pelo apodrecimento da célula de combustível da *Narcissus*, isso não significava nada agora. Mas, se conseguissem voltar para a *Marion*, teriam que tomar cuidado. Só isso.

Um pé na frente do outro... passo a passo.

O corredor continuava para cima, tão largo quanto qualquer outro que tivessem tomado, e eles começaram a passar por aberturas de ambos os lados. Hoop desacelerava o passo antes de cada abertura e disparava um rápido tiro de ácido, mas nada gritava ou surgia das sombras para atacá-los.

Não notaram a abertura acima deles até ouvirem o grito.

Era diferente dos outros guinchos que tinham ouvido até então, um grito mais profundo, como se vindo de algo maior. De alguma forma, também era mais calculado, quase inteligente. Era assombroso.

Ripley parou e se agachou, e Kasyanov fez o mesmo atrás dela. Olhou para cima. Havia uma forma ampla e mais escura no teto em meio às sombras, e só apontando uma lanterna diretamente para lá viram a coluna que se erguia acima deles. No alto da coluna, algo se mexeu.

Hoop estava mais à frente com Baxter, ambos já apontando as armas. Mas nenhum deles atirou. *O ácido e o fogo caíam aqui embaixo*, pensou Ripley.

– Voltem!

Ripley e Kasyanov recuaram, e, atrás delas, Lachance grunhia com o esforço para retroceder com Sneddon ainda pendurada no ombro. Hoop e Baxter seguiram pelo corredor, de forma que a abertura no teto ficasse entre eles. Ripley e seu grupo encostaram-se contra a parede, dando aos dois a área mais ampla possível na qual atirar.

Mas não ampla o suficiente.

– Vamos! – disse Ripley. – Depressa!

E correu. Kasyanov apertou o ombro dela com firmeza e a acompanhou. Lachance vinha logo atrás, seguindo o ritmo delas quando passaram debaixo da abertura. Ripley arriscou olhar para cima...

... e viu a criatura muito mais perto agora, caindo, os membros arrancando

faíscas das laterais das colunas, não mais guinchando, mas rosnando agudamente, a boca estendida e aberta, pronta para o ataque. Ela tirou a mão de Kasyanov do ombro e a empurrou para que seguisse em frente, então se agachou e disparou o lança-cargas para o alto. Em seguida, rolou para o lado sem esperar para ver o que havia acertado.

– Corram! – gritou Hoop, agarrando Ripley pela gola e a colocando de pé, depois ajudando Baxter a mancar pelo corredor.

A carga vai cair, pensou Ripley, vai errar aquela coisa e aterrissar às nossas costas, e quando explodir vai nos derrubar, nos nocautear, e aí...

A explosão veio de trás deles. Ela pôde perceber, pelo som, que a carga havia detonado em algum lugar no alto da coluna, mas segundos depois seus efeitos chegaram à base e impactaram todo o corredor, impelindo todos para a frente. Kasyanov grunhiu e cambaleou, caindo com os braços estendidos e gritando quando a mão machucada recebeu o peso do corpo. Ripley caiu de cara nas costas de Hoop, as mãos apoiando-se nos ombros dele e derrubando-o. Enquanto caíam, ela pensou na pistola de spray e no que aconteceria caso o reservatório de ácido explodisse abaixo deles.

Hoop deve ter pensado a mesma coisa, pois apoiou as mãos na frente do corpo e rolou para o lado, jogando Ripley contra a parede. Ela perdeu o fôlego e arfou, esperando longos segundos até recuperar o ar. E, enquanto esperava, viu Lachance soltando Sneddon, jogando-se para a frente em um rolamento e então voltando a se levantar, girando sobre o pé esquerdo e apontando o lança-cargas novamente para a explosão.

Ripley se virou para olhar enquanto inspirava, ofegando, e o que viu roubou o ar de seus pulmões novamente, tanto quanto qualquer explosão.

O alien havia caído da coluna e estava bloqueando o corredor – o corredor *inteiro*. Um dos seus membros e uma parte do tronco pareciam ter sido desintegrados, e ácido chiava e borbulhava no piso e nas paredes. Ele cambaleou, uma das pernas robustas levantando e descendo, levantando e descendo, como se apoiar o peso nela fosse doloroso.

Era maior do que qualquer outro alien que tivessem visto.

O tronco era mais pesado, a cabeça mais longa e mais larga.

Ele sibilava. Rosnava.

Lachance atirou.

Dois parafusos atingiram o flanco ferido da criatura, arrancando pedaços da pele rígida e da carne borbulhante. A fera gritou e agitou os membros que lhe restavam, criando fendas profundas nas paredes. Os dois tiros seguintes de Lachance a acertaram diretamente abaixo da cabeça.

Os gritos cessaram. A besta congelou. Hoop se levantou e apontou a pistola de spray, mas não disparou. Até mesmo a fumaça persistente da explosão parecia paralisada, esperando o que quer que fosse acontecer a seguir.

– Atire de novo – sussurrou Ripley, e Lachance obedeceu. O disparo atingiu o abdômen do alien, mas ele já estava desabando no chão, os membros parando de se mexer, a cabeça danificada apoiada na parede do corredor. E então, muito lentamente, ele deslizou para o chão enquanto seu sangue ácido abria um buraco na parede.

Hoop se retesou, pronto para disparar a pistola, mas Ripley levantou a mão.

– Espere! – pediu ela. – Só um pouco.

– Por quê? – perguntou ele. – Talvez não esteja morto.

– Parece morto para mim – disse Lachance. – Metade da cabeça explodiu.

– É, bem... – respondeu Ripley.

Eles esperaram, observando a criatura imóvel, a fumaça descendo pela coluna, retirando-se pelo corredor em direção à câmara ardente dos ovos. Ela não podia mais sentir a brisa, mas a fumaça fugaz indicava que as chamas ainda ardiam. Tentaram escutar mais movimentos, mas nada ouviram. Ao mesmo tempo, ela procurava ver o que havia de diferente na fera morta. Além de ser maior do que as outras, havia outras diferenças sutis. O comprimento dos membros, o formato da cabeça.

– Que diabo é isso? – perguntou Hoop, apontando. – Lá, no traseiro.

– Ah, bom, isso é nojento – resmungou Lachance.

O abdômen do alien se abriu, derramando um líquido escorregadio pelo chão. Chiava e cuspiu enquanto a poça de ácido se espalhava, mas foram as coisas caídas na poça que chamaram a atenção de Ripley. Várias delas – talvez centenas –, esféricas, cada uma mais ou menos do tamanho de seu polegar. Cintilavam sob a luz da lanterna, deslizando umas sobre as outras enquanto outras mais se derramavam da ferida.

– Acho que matamos a rainha – disse Ripley.

– Tem certeza? – perguntou Hoop atrás dela.

– Tenho, é a única coisa que faz sentido. São ovos. Centenas deles. – Ela olhou para ele. – Matamos uma maldita rainha.

Ela examinou os restos da criatura, jogando a luz da lanterna por todo o corpo dilacerado. Embora maior do que qualquer um que tivessem visto até então, havia também algo quase infantil – as feições eram maiores, e os membros angulosos e afiados não pareciam tão mortais. Ripley sentiu um estranho frisson, uma sensação de semelhança. Mas não se parecia *nada* com aquela coisa.

Nada mesmo.

– Acho que ela é jovem – disse. – Imagine o tamanho...? – Ela balançou a cabeça. – Precisamos ir.

– É – concordou Hoop.

– Meus olhos estão melhorando – afirmou Kasyanov. – Posso ir mais rápido. Vou ficar atrás de você. Mas vamos dar o fora deste lugar.

Foram em frente, o corredor ainda serpenteando para cima. Estavam mais cautelosos agora, Hoop e Ripley jogando suas luzes à frente e ao longo das paredes, do piso ao teto. Em cada cruzamento, faziam uma pausa para escutar antes de continuar. E, quando chegaram à outra escadaria que talvez pudesse levar a uma abertura no casco da nave, ele entregou a Ripley outro contêiner de cargas.

– É o último – disse ele. – Restam cinco cargas.

– E estou quase sem parafusos – acrescentou Lachance.

– Meu maçarico de plasma ainda está quase cheio – disse Kasyanov.

Estavam se enfraquecendo a cada passo, Ripley sabia. Quer fosse ou não um ato intencional dos aliens, quer pudessem ou não pensar em uma estratégia tão complexa, ela não sabia. Mas o fato permanecia.

– Esta é a saída – disse, indicando a nova escada, mais curta.

– Como você sabe? – perguntou Lachance, sem fôlego. Seus joelhos estavam tremendo sob o peso de Sneddon. Ele estava quase exaurido. E Baxter, apoiado em Hoop, olhava para os novos degraus, na altura da cintura, com algo que se assemelhava a pavor.

– Porque tem que ser – respondeu Ripley.

Começaram a escalar...



Ela está ofegando, suando, exausta, entusiasmada. É um daqueles momentos que se transformam no momento perfeito, do tipo que jamais se repetirá, tão raro que seu florescer é como o da flor mais preciosa do planeta. Está tomada por uma sensação de bem-estar, um amor absoluto pela filha, tão poderoso que dói.

Desta vez, agora, pensa ela, esforçando-se para guardar esse instante na memória. A urze fresca sob as mãos enquanto ela escala a encosta e se impulsiona para o alto. O calor do sol na nuca, o suor esfriando nas costas pelo esforço da escalada. O céu azul, o rio serpenteando pelo vale abaixo, os veículos tão pequenos quanto formigas, passando para lá e para cá na estrada.

O declive torna-se mais íngreme quando elas se aproximam do topo da colina,

e Amanda, acima dela, dá uma risadinha, fingindo que não nota. É perigoso – não é bem como escalar uma montanha, mas é uma confusão de mãos e joelhos, e, se elas escorregarem, será uma longa queda.

Mas Ripley não consegue ficar zangada. Tudo parece bom demais, certo demais para isso.

Então, ela se esforça para subir mais e mais rápido, ignorando a sensação de espaço vazio que a puxa para baixo. Amanda olha para trás e vê a mãe chegar mais perto. Ela ri outra vez e sobe, seus membros jovens fortes e flexíveis.

Na verdade, nunca estive aqui e nunca vi isso, mas é o melhor momento da minha vida.

Amanda atinge o topo e grita em triunfo, desaparecendo ao deitar na grama curta e esperar pela mãe.

Ripley sobe pelos degraus naturais na encosta. Por um instante, sente-se muito sozinha e exposta, e faz uma pausa na escalada. Chocada. Com frio.

Em seguida, ouve outro som vindo do alto que a faz começar a subir outra vez. A sensação de bem-estar desapareceu, e o momento de perfeição se dissipa como se ela nunca o tivesse sentido. O céu não está mais azul. A vegetação da colina agora é brutal em vez de bonita. O som era sua filha, chorando.

Ripley chega ao topo, agarrada à colina, com medo de cair e ainda mais daquilo que verá caso não caia. Quando faz um último esforço e chega ao ápice, ela pisca, e está tudo bem. Então, ela realmente vê Amanda, parada ali, a poucos metros de distância, com uma daquelas coisas monstruosas coladas ao rosto, a cauda apertando, os dedos pálidos agarrando, o corpo pulsando.

Ripley estende a mão, e o peito da filha se rasga...



– ... entrar lá! – disse Hoop.

– O quê? – perguntou Ripley, piscando e saindo da névoa de confusão.

Foi mais difícil dessa vez, a sensação debilitante de perda agarrando-se à mente com mais persistência. Chegaram ao topo da escada – ela sabia disso, ainda que estivesse em outro lugar –, mas precisou de um momento para olhar ao redor antes de entender o que Hoop estava dizendo.

– Mas olhe! – exclamou Baxter. – Não podemos simplesmente ignorar isso.

– Eu posso – respondeu Hoop. – Posso e vou!

O fim da escada se abria em uma área ampla com duas saídas. Uma levava para cima, talvez em direção a uma escotilha no casco da nave, talvez não. Não havia como saber. A outra era muito, muito mais ampla, e diferente de qualquer

coisa que tivessem visto na nave antes.

A princípio, pensaram que fosse vidro. O tempo havia deixado as camadas de material transparente arranhadas e empoeiradas, mas ainda pareciam sólidas. Então, ela viu a passagem tremular como se agitada por uma brisa que ninguém sentiu, e soube que não era vidro. Não sabia exatamente o que era, mas estava lá por uma razão.

Lachance pegou a lanterna de Baxter e iluminou a área à frente. A luz passou pela superfície clara e então se espalhou pelo grande espaço diante deles. Ripley reconheceu algumas das coisas que ela iluminou. Outras, não.

Nenhuma a fez querer se aproximar.

– Mais ovos – disse ela.

– Esses são diferentes – emendou Baxter.

Ele se aproximou mancando e encostou o rosto na barreira, que ondulou quando ele a tocou. Lachance jogou a luz ali, e Hoop o imitou.

– Ah – disse Baxter, virando-se lentamente.

– O que é? – perguntou Ripley. *Temos que ir embora!*

– Acho que acabamos de descobrir de onde a sua amiga rainha veio.

Ripley fechou os olhos e suspirou; havia uma inevitabilidade implacável e terrível ali. Ela não se sentia no controle das próprias ações. Já deixara de pensar: *Talvez tudo não passa de um sonho*. Não, não estava dormindo, mas também não se sentia totalmente acordada. Quanto mais tentava controlar os acontecimentos, mais eles lhe escapavam. E ali estava ela novamente, precisando seguir em uma direção, mas atraída irresistivelmente para outra.

Hoop jogou a luz na escada de onde tinham acabado de vir. Tudo imóvel. Então, ele se voltou para a nova sala além do invólucro transparente.

– Vou na frente – disse ele.



A segunda coisa que Ripley notou foi que a tecnologia ali era muito mais reconhecível – e mais prevalente – do que em qualquer outra parte da nave. Havia pelo menos seis estações móveis de trabalho onde os equipamentos pareciam, em grande parte, os mesmos, variando só de unidades avantajadas para dispositivos menores e mais intrincados. Havia muito pouco pó, e tudo tinha uma nitidez, uma clareza que faltava ao resto da nave. O tempo não havia prestado muita atenção àquele lugar.

A *primeira* coisa que havia notado foram os ovos, e as coisas que os protegiam.

Havia dezesseis ovos, separados uns dos outros dentro de um recinto circular, feito de arame e que chegava à altura da cintura. Os recintos haviam sido instalados em torno do perímetro curvo da sala, deixando o centro livre para as estações de trabalho móveis. Os ovos se pareciam com os outros que eles haviam encontrado e destruído, embora houvesse diferenças sutis na cor, no tamanho e na forma. Eram mais redondos, maiores e a superfície parecia ser percorrida por veias finas. Ripley pensou que talvez fossem mais novos, ou simplesmente mais bem preservados.

Agachadas ao lado dos ovos estavam as coisas que, à primeira vista, lembravam estátuas. Porém, ela sabia que nada ali era o que parecia. Eram aliens: os membros angulosos menos afiados, a cabeça baixa e pálida. Pouco maiores que os outros, mas muito diferentes da rainha que mataram havia pouco tempo. Foi Lachance quem acertou o alvo:

– Eles se parecem... com os construtores da nave.

Era verdade. Pareciam uma mistura monstruosa de alien e alienígena canino. Tinham mais membros do que os outros, além de um corpo mais robusto, pernas mais grossas e cabeça mais proeminente, mas ainda exibiam a mesma carapaça quitinosa; um tinha caído para o lado com a boca grotesca aberta, os dentes prateados agora desbotados. Ripley ficou feliz por não tê-los visto vivos.

– Há quanto tempo vocês acham que eles estão aqui? – perguntou Baxter.

– Há muito tempo – respondeu Kasyanov. – Aquele ali parece quase mumificado. Mas esses ovos... talvez as coisas malditas *nunca* morram.

Um ovo estava partido, e no chão perto dele estava o corpo de um dos mineradores.

– Nick – sussurrou Lachance. – Ele me devia cinquenta dólares.

O peito de Nick estava escancarado, as roupas rasgadas, as costelas, salientes. Parecia mais recente do que os outros cadáveres que encontraram; no entanto, Ripley achava que ele provavelmente morrera na mesma época. A atmosfera naquela seção era mais limpa, e talvez livre de bactérias de decomposição.

– Só um ovo eclodiu.

Ripley piscou suavemente, tentando assumir o controle do sentimento que lentamente a envolvia. Era uma urgência impulsionada pelo nojo, um desejo premente alimentado pelo ódio.

– E acabamos de estourar a desgraçada que saiu dele – afirmou Hoop. – Você não acha?

– É, estouramos.

Ela olhou para os outros ovos e para as coisas que haviam ficado ali para guardá-los, há muito tempo. Se todos esses ovos fossem rainhas, se é que a

criatura que acabaram de matar era uma rainha, então tinham potencial para produzir muitos, muitos outros aliens.

Milhares deles.

– Temos que destruir todos – decretou ela, erguendo o lança-cargas.

– Espere! – disse Kasyanov. – Não temos tempo para...

– Então a gente vai criar tempo – respondeu Ripley. – E se não sobrevivermos? E se uma missão de resgate um dia chegar e vier aqui? E depois? Há milhares de criaturas em potencial só nesta sala. Nós lutamos com algumas dessas coisas. Imagine um exército delas.

– Ok, Ripley – disse Hoop, assentindo devagar. – Mas precisamos tomar cuidado. Lachance, vem comigo. Vamos verificar a outra abertura, ter certeza de que é mesmo a saída. Daí, voltamos e fritamos esses merdas. – Ele olhou para Ripley e levantou a mão. – Espere um pouco.

Ela concordou, mas pediu com o olhar que ele se apressasse. Não esperaria por muito tempo. Seu dedo acariciou o gatilho, e ela imaginou os ovos arrebetando, derramando sua carga horrenda no piso cinza e límpido.

Vai pro inferno, Ash, pensou ela, e quase riu. Ele fizera todo o possível para adquirir mais um desses monstros para seus chefes da Weyland-Yutani. E ela estava fazendo tudo o que podia para destruir todos eles.

Ela venceria. Disso não tinha a menor dúvida. A pergunta era: também sobreviveria?

– Vou, sim – disse ela.

Talvez pensando que Ripley estivesse respondendo a ele, Hoop assentiu para ela.

Sneddon estava caída ao lado da porta, a criatura ainda grudada ao rosto dela. Baxter descansava encostado na parede, o maçarico de plasma aninhado nos braços. Kasyanov piscava, ainda sentindo dor nos olhos, também segurando um maçarico.

Quando Hoop e Lachance saíram, Ripley teve um vislumbre de Amanda no topo daquela colina.

Eu vou salvar você, querida. Vou salvar você.

16

MAJESTADE

- A gente vai sair dessa. Certo, Hoop?
- O que você espera que eu diga?
- Que a gente vai sair dessa.
- Então tá, Lachance. A gente vai sair dessa.

Lachance expirou e enxugou a testa.

- Que alívio. Por um minuto pensei que a gente fosse se foder.
- Vem. Vamos ver o que tem lá em cima.

Eles cruzaram a área aberta à frente da escada íngreme, e Hoop parou para olhar para trás. A luz de sua lanterna não parecia ir muito longe, a potência começava a diminuir. Não conseguia enxergar o pé da escada. Poderia haver qualquer coisa lá embaixo, agachada nas sombras e olhando para ele, e Hoop não saberia.

Lachance passou pela abertura e começou a subir a escadaria mais curta. Hoop o seguiu. Havia apenas cinco degraus altos antes que as paredes parecessem se fechar, formando uma barreira branca. Mas Lachance inclinou-se para a esquerda e para a direita, olhando de ângulos diferentes.

- Abertura escondida – disse. – Inteligente.

E mergulhou por uma dobra no material da estranha parede.

Hoop olhou para trás mais uma vez. Não havia nenhum ruído lá embaixo, nenhum indício de que algo de errado tivesse acontecido naquele laboratório estranho com os ovos da rainha. Ainda assim, não conseguia afastar a ideia de que estavam cometendo um grande erro. Essa divisão do grupo, mesmo que por um período tão curto, era burrice.

Ripley estava mais forte do que nunca, mas ele podia sentir uma onda de perigo emanando dela agora. A necessidade de algum tipo de vingança, talvez, que poderia muito bem colocar todos eles em perigo. Era uma mulher racional, motivada pelo instinto de sobrevivência, inteligente e determinada. Mas, quando ela atirara na rainha, ele vira algo nos olhos dela que não tinha nada a ver com

racionalidade. Puro instinto, talvez.

Mas um instinto de ataque, em vez de defesa. Quando ela olhara para ele, pouco tempo antes, Hoop vira desejo de matar.

Ele trombou com Lachance, então percebeu por que o francês havia parado. A rota escondida emergia na asa da enorme nave perto da parede da caverna. As lâmpadas dos mineradores ainda pendiam do teto, lançando uma luz fraca por toda a área. Olhando para a asa, ele viu o local por onde tinham entrado a várias centenas de metros de distância e, aparentemente, aquilo já fazia muito tempo.

– Não consigo ver nenhum dos desgraçados – sussurrou Hoop.

– Se estiverem aqui, estão escondidos – respondeu Lachance. – Olhe. O que é aquilo? – Estava apontando para a direita, onde o casco da nave parecia desaparecer debaixo da parede da caverna que se erguia acima deles, finalmente curvando-se num teto elevado e oculto pelas sombras.

– É a nossa saída – disse Hoop.

Havia uma série de rachaduras na parede acima da asa, e qualquer uma delas poderia ser uma rota de volta à mina.

– Sim, mas o que é *aquilo*?

Hoop franziu a testa e olhou com mais atenção. Então, viu do que Lachance estava falando.

– Puta merda...

Não era parte da nave. Era feito de pedra. A maior parte havia desmoronado, mas um pouco ainda prevalecia, uma estrutura que, à primeira vista, formava a parede rachada e gretada da caverna.

– É algum tipo de construção? – perguntou Lachance. – Uma parede?

– Vamos ver – disse Hoop. – Mas não agora. Vamos, temos que buscar os outros.

– E destruir aqueles ovos – acrescentou Lachance.

– É.

Hoop lançou um olhar mais demorado à caverna: a nave enorme, enterrada, diferente de qualquer uma que algum deles já tivesse visto; a caverna imensa formada acima e em torno dela; e então aquela vasta parede que parecia pairar sobre a nave, enterrando-a, suprimindo as partes que eles ainda não tinham visto. Era quase como se a nave tivesse batido na estrutura, rompendo-a, rasgando-a até parar, emperrada.

O que quer que tivesse acontecido ali, eles nunca saberiam a história toda. Disso, ele tinha certeza.

Pois, mesmo depois de aniquilar os ovos, havia mais medidas que poderiam tomar. Já estava fazendo planos.

Os dois voltaram para dentro da nave, desceram os degraus altos e chegaram à câmara espaçosa à frente da escada mais longa.

Primeiro viram o jato de plasma dentro do laboratório diante deles.

Em seguida, ouviram o grito.

Lachance foi o primeiro a cruzar a plataforma, atravessando a cortina clara, disparando o lança-cargas enquanto entrava. Hoop foi logo atrás dele. *Ripley começou sem nós!*, pensou, mas, ao entrar e ver o que estava acontecendo, entendeu que aquele não era o caso.

Deveriam ter sido mais cuidadosos.



Ripley esperou. Ela deu uma volta na sala, tomando o cuidado de passar longe do corpo do minerador. Nenhum dos ovos deu sinais de que eclodiria, não havia som nem movimento, mas ela permaneceu alerta. Se um deles chegasse a se contrair ou pulsar, ela abriria fogo.

Baxter tinha se sentado ao lado de Sneddon, e os dois estavam imóveis, imitando sem querer os alienígenas mumificados. Kasyanov continuava a piscar rapidamente, tocando os olhos com a mão boa e estremecendo quando a ponta dos dedos da luva roçava as pálpebras inchadas e vermelhas. A mão queimada pelo ácido erguia-se à sua frente, trêmula. Ela precisaria de cuidados quando voltassem à *Marion* – todos precisariam –, mas tinham que chegar lá primeiro.

A não ser pelos que já eclodiram, os ovos dos aliens pareciam intocados e quase imunes aos efeitos do tempo. Talvez o recinto feito de arame fosse algum tipo de campo de estase, deixando os ovos e sua monstruosa carga dormirem até que chegasse a hora de acordá-los.

O momento em que um hospedeiro, uma vítima, seria trazido até eles.

Com o dedo acariciando o gatilho, Ripley se aproximou de uma das figuras híbridas. Embora fossem repulsivas, não pôde negar que também a fascinavam. *Esta deve ter nascido de um dos alienígenas caninos que construíram esta nave estranha.* O que significava que os aliens assumiam alguns dos atributos de quem ou do que quer que usassem como hospedeiros. Será que o alien de Kane tinha algo de Kane?

O de Amanda teria?

– Não – murmurou Ripley. – Eles nunca vão sair daqui. Nenhum deles.

Ela olhou Sneddon, caída perto da porta, aquela coisa aracnoide e enorme ainda presa ao rosto dela, a cauda em torno da garganta. Em breve a criatura morreria e cairia, deixando um ovo dentro do peito que rapidamente cresceria e

se tornaria um deles. Depois a dor, a agonia terrível da morte, e um novo monstro surgiria.

Se as coisas fossem como Ash queria, Sneddon entraria em estase antes de isso acontecer.

– Não – repetiu Ripley, em voz alta.

Do outro lado da sala, Kasyanov a olhou, e Baxter ergueu o rosto, ambos alarmados.

– Não podemos levá-la – disse, apontando para Sneddon. – Ela está infectada. Não podemos salvá-la e não devemos levá-la.

– Bom, não tem a menor chance de a gente abandoná-la aqui! – respondeu Kasyanov.

– Você não tem alguma coisa para ela? – perguntou Ripley.

Demorou um pouco para a médica entender o que Ripley realmente estava perguntando. Quando ela o fez, arregalou os olhos avermelhados.

– E quem diabo é você? – perguntou ela. – Você nem conhece Sneddon e está me pedindo para matá-la?

– Matar? – inquiriu Baxter, parecendo confuso.

– Não, só ajudá-la – respondeu Ripley.

– Como exatamente estar morta vai ajudá-la? – rosnou Kasyanov.

– Você viu o que eles fazem? – perguntou Ripley. – Consegue imaginar como dói ter uma coisa... – *Amanda, gritando, as mãos espalmadas enquanto a besta abria caminho para fora.* – Uma coisa comendo você por dentro, quebrando suas costelas, arrebatando seu esterno, abrindo caminho a dentadas? Consegue ao menos pensar nisso?

– Vou tirar essa coisa de dentro dela – afirmou Kasyanov.

Algo rangeu. Ripley franziu a testa, confusa.

– Não chegue perto dela – continuou Kasyanov. – Nenhum de nós conhece você. Nenhum de nós sabe por que você veio para cá, então só...

– Escutem! – exclamou Ripley, erguendo a mão.

Rangidos...

Ela olhou para os ovos ao redor. Nenhum deles parecia estar em movimento. Também não estavam se abrindo, prontos para expelir o conteúdo terrível. Talvez fosse uma brisa, ainda lançada através dos túneis e corredores pelos incêndios que eles haviam ateado nas profundezas da nave. Na entrada, aquelas estranhas cortinas pendiam pesadas. Na sala, nada se mexia. Exceto...

Scrrrritch!

Foi Kasyanov quem os viu.

– Ai... meu... Deus!

Ripley girou, recuando na direção dos outros, junto à porta, agarrando o lança-cargas e percebendo imediatamente que estavam em uma situação desesperadora.

Não era só um dos aliens mumificados que estava se movendo.

Eram todos deles.

Ela apertou o gatilho ao mesmo tempo que Kasyanov disparou o maçarico de plasma, e Ripley sentiu o beijo cáustico e gelado do fogo irrompendo ao seu redor.

Ela gritou.



– Para trás, para *trás*! – berrou Hoop.

Baxter já estava tentando arrastar Sneddon para fora da sala, e Kasyanov segurou as botas da mulher inconsciente, tentando levantá-la com a mão boa, o maçarico crepitando pendurado no ombro.

Quando Lachance e Hoop entraram, houve uma explosão surda do outro lado da sala. Estilhaços passaram assobiando pelas orelhas de Hoop e atingiram seu traje, alguns secos, outros molhados.

Ele se encolheu, esperando sentir mais dor além daquela no braço latejante. Mas não houve mais queimaduras de ácido. Ainda não. Ripley ficou na frente de todos, o lança-cargas apoiado ao quadril enquanto o movia e disparava outra vez.

– Para trás! – gritou Hoop novamente, mas Ripley não pôde ouvir, ou não quis.

Os aliens, antes congelados e mumificados, se moviam. Vários já haviam caído, ardendo nas chamas do maçarico de Kasyanov ou destroçados pelo primeiro tiro de Ripley. Outros se deslocavam pela sala na direção de Ripley. Alguns foram lentos, rígidos, hesitantes, como se ainda acordando de um sono que Hoop não compreendia.

Um foi rápido. Avançou para Ripley pela direita, e, se Hoop já não estivesse com o dedo no gatilho da pistola de spray, ela poderia ter morrido. O instinto puxou o dedo do engenheiro e mandou um jorro de ácido pela sala. O movimento do alien tornou o tiro ainda mais eficaz, o ácido atingindo-o no meio do corpo. Ele silvou, gritou e se debateu, recuando quando o lança-cargas de Lachance disparou. Ele atirou três parafusos na cabeça da criatura, que desabou, morta.

A segunda carga de Ripley explodiu. A sala inteira tremeu, detritos zunindo

pelo ar e impactando paredes, rostos, carne. Ela gritou e caiu de joelhos, e Hoop viu que já tinha sofrido queimaduras devido à explosão de plasma no quadril direito e na perna. Os disparos não deviam tê-la tocado – se tivessem, teriam corroído o traje, a carne e os ossos –, mas ela estivera perto demais quando Kasyanov atirara. Se o reservatório do maçarico já não estivesse quase esgotado, Ripley teria morrido.

Hoop se virou para a direita, de costas para todos, e soltou outro fluxo concentrado de ácido, fechando quase totalmente os olhos diante da fumaça, segurando a respiração. Um ovo explodiu, jorrando entranhas escaldantes. Outro se partiu em dois, a coisa dentro debatendo-se brevemente antes de ficar inerte.

Ripley estava de pé outra vez.

– Saiam! – gritou ela para os outros. – Recuem! Agora!

Mais três aliens surgiram em meio a uma nuvem de fumaça e avançaram na direção dela. Ripley disparou outra carga, acertando a criatura mais próxima e jogando-a contra as outras duas, o brilho do metal óbvio em seu peito. Ela virou o ombro e se agachou quando a explosão veio, depois se levantou depressa.

Hoop ajudou Kasyanov com o peso morto de Sneddon, e Lachance recuou com eles.

– Ripley! – berrou Hoop. – Saia! Agora!

Enquanto ele retrocedia pela entrada de cortinas transparentes com os outros tripulantes, viu a silhueta da mulher contra uma muralha de fogo incandescente que ainda ardia em toda a metade esquerda da sala. Seu cabelo estava alvoroçado, a postura determinada, e algo emergiu do fogo e avançou contra ela, em chamas.

Ela caiu, rolou e estendeu a perna. O alien tropeçou na bota e se estatelou, derrubando um dos ovos de rainha. Ripley gritou de dor quando a ferida em sua perna foi golpeada, mas logo se levantou mais uma vez, apontando o lança-cargas e disparando um último tiro na cara do monstro.

Jogou-se através das cortinas enquanto a carga explodia. A explosão a impeliu para a frente, o fogo florescendo por toda parte, os braços estendidos. Ela largou o lança-cargas vazio e amorteceu a queda com as mãos, grunhindo enquanto seu corpo já ferido era submetido a um novo impacto.

Mas levantou-se depressa e correu até Kasyanov. Agarrou a pistola de spray ácido e puxou, mas Kasyanov puxou-a também.

– Ripley! – exclamou Hoop.

Ela estava sangrando na perna e no quadril e tinha um corte feio no ombro e na lateral do pescoço, feito pela cauda do alien. O rosto estava enegrecido pela explosão. Uma grande mecha do cabelo tinha sido queimada, e o olho direito

estava quase fechado. Ela deveria estar, no mínimo, prostrada. Mas algo a fazia prosseguir.

– Dá isso aqui! – gritou ela. – Uma raiva, uma fúria ardente contra aquelas coisas e o que pretendiam. – Solta!

Kasyanov tirou a correia do ombro e recuou, olhando para Ripley como se ela fosse um daqueles monstros.

Hoop ia gritar com ela outra vez. Mas Ripley já estava voltando para a cortina, jogando-a para o lado com o ombro e enfrentando os terrores lá dentro. O fogo. Os ovos estourando. E aquelas coisas que perseveravam, despertando, levantando, vindo matá-la.



Ela estava diante delas, e o que motivava sua fúria não era a lembrança dos amigos mortos, mas a visão irreal da filha torturada. Não podia fazer nada por Dallas ou pelos outros na *Nostromo*, e estava começando a temer que ela e a tripulação remanescente da *Marion* não sobreviveriam.

Mas podia proteger a filha que não via havia mais de trinta e sete anos. Podia cuidar para que os monstros fossem dizimados, e que se e quando outras pessoas viessem aqui, não corressem nenhum risco de encontrá-los.

Dois ovos de rainha desmoronaram sob as chamas. Ripley prendeu a respiração e disparou um jato de ácido por cima dos restos. Só para garantir.

Uma criatura enorme cambaleou na sua direção, os traços dos alienígenas caninos ainda mais evidentes agora que estava de pé e em movimento. Ela a abateu, manejando a pistola de um lado para o outro e abrindo feridas na carapaça da criatura. O ser tropeçou e caiu, a cauda açoitando o ar e acertando Ripley no estômago. Ela cambaleou por um momento.

As labaredas dançavam, as sombras gritavam e nada mais se mexia naquele laboratório estranho e antigo. Por que os donos daquela nave haviam conservado e nutrido os ovos da rainha? O que esperavam obter, se sabiam sobre os terríveis perigos com os quais estavam brincando? Ela nunca saberia. E não se importava. Saber as respostas não mudaria nada.

Todos eles tinham que morrer.

Três ovos permaneciam, despertos e prontos, pulsando enquanto lentamente se abriam para expelir suas cargas. Ripley disparou um jorro de ácido em cada um, garantindo que as entranhas fossem destruídas. Algo gritou enquanto morria, e ela torceu para que as criaturas sofressem. Qualquer que fosse a idade daqueles ovos e de seu conteúdo, sempre estavam prontos para invadir outro hospedeiro e

plantar suas larvas pavorosas.

– Chega! – gritou Ripley. – Vai pro inferno, Ash!

Talvez ele fosse um bom alvo para a ira, talvez não. Mas era bom ter alguém além dessas feras para amaldiçoar.

Agora, estavam acabadas. Mortas e destruídas. Os ovos da rainha – tanto potencial, tanta promessa de dor e sofrimento – eram restos fervilhantes, derretendo e borbulhando no chão. Ela baixou a pistola de spray e piscou contra a fumaça, e as chamas tremeluzentes tornaram a cena quase bonita em meio às suas lágrimas.

Hoop a segurou e ela se virou, vendo-o de pé atrás dela e só então percebendo quanta dor estava sentindo.

– Ripley, temos que... – disse ele, os olhos se arregalando diante de alguma coisa que vira.

– O quê?

– Precisamos cuidar de você.

– Estou bem – respondeu Ripley, não se sentindo bem, mas encontrando forças para se mexer. – Tem Sneddon e Baxter... Você não pode me carregar também. Vou andar até cair.

E assim fez. Deu cinco passos até as cortinas, mais alguns cruzando o espaço amplo além da abertura, e seu mundo começou a girar. Ela estava sangrando, queimando, talvez até morrendo. E, embora aguentasse o máximo que podia, Ripley não podia lutar contra a escuridão que caía ao seu redor.

Eles a viram desabar. Só esperava poder ver todos novamente.



– Eles devem estar vindo – disse Hoop.

– Ela está sangrando muito – alertou Kasyanov. – O ombro, o pescoço, a barriga, eles retalharam tudo.

– Ela vai morrer de hemorragia? – perguntou Hoop.

Kasyanov hesitou só um momento.

– Não a curto prazo.

– Então ela pode sangrar enquanto corremos. Vamos. Estamos quase saindo daqui.

Ele agarrou Ripley e a fez ficar de pé. Ela tentou ajudar, mas não tinha mais forças. O sangue brilhava na frente do seu traje, escorrendo até as botas e salpicando o chão. *Eles vão nos farejar e nos seguir*, pensou Hoop. Porém, não sabia se os aliens podiam farejar, e sua prioridade agora era ficar o mais longe

possível dali, o mais rápido que pudessem.

Voltar à mina, ir até o segundo elevador e sair daquele inferno.

Baxter começou a subir a escada mais curta que levava ao exterior, arrastando o tornozelo ferido. Parecia menos doloroso, porém, desde que ele tomara a injeção.

Lachance e Kasyanov levantaram Sneddon e a empurraram para cima, degrau após degrau. Quando Hoop içou Ripley até o primeiro degrau, os pés chutando debilmente, ela começou a falar.

– ... leve a... – murmurou.

– Hã? Estamos levando. Vamos todos sair daqui.

– Não... não leve...

Ela ficou em silêncio, e ele pensou que talvez estivesse sonhando. Os olhos se reviravam, o sangue escorria. Ela estava péssima. Mas sua força era inspiradora, e no degrau seguinte ela voltou a despertar, olhando ao redor até focalizar os que estavam acima e à frente dela.

– Sneddon – disse em voz baixa, para que apenas Hoop a ouvisse. – Não podemos levá-la.

Ele não respondeu. Ripley grunhiu e pareceu desmaiar outra vez, e quando ele a arrastou para o degrau seguinte o rastro de sangue que deixou para trás brilhou à luz. Mas ele a ergueu, colocou-a de pé. Não deixaria *ninguém* para trás. Não depois de tudo o que passaram.

Hoop já havia perdido muito na vida. A esposa, o amor, os filhos, tudo deixado para trás quando ele fugira. Um pouco de sua esperança e a maior parte de sua dignidade. Em algum momento as perdas teriam que cessar. Talvez naquele momento, quando estava na pior condição e tudo parecia irremediável, ele começasse a reconquistar as coisas.

É agora. Seus amigos, sangrando e sofrendo, mas seguindo em frente como podiam, o inspiravam. E Ripley, a estranha mulher que viera parar entre eles, sua própria história trágica e cheia de perdas... se ela conseguia continuar sendo tão forte, então, ele também conseguiria.

Escalou o próximo degrau e a puxou atrás de si, e, por alguma razão, ela pareceu mais leve.

Lá fora, os outros se agacharam na superfície da nave. Mantiveram-se abaixados e em silêncio, como se a súbita exposição, depois da jornada aterrorizante pelos túneis e corredores, os assustasse ainda mais. Hoop entregou Ripley a Lachance, tirando o lança-cargas do ombro dela. Mesmo tonta e à beira da inconsciência, ela tentou ficar com a arma. Ele afastou a mão dela.

– Está tudo bem – garantiu. – Está comigo. – E Ripley cedeu.

– O que está fazendo? – perguntou Lachance.

– Uma garantia – respondeu Hoop. – Vou nos dar a melhor chance possível.

Ele ergueu dois dedos – *dois minutos* – e voltou pela abertura.

Pelas suas contas, restava uma carga na arma.

Agora que o encarava sozinho, o interior da nave parecia ainda mais estranho, mais alienígena do que nunca. Havia saído de lá poucos momentos antes, mas já se sentia novamente um invasor. Admirou-se mais uma vez por aquela nave imensa estar viva, ou já ter estado. Contudo, ela era antiga, e qualquer inteligência que pudesse tê-la conduzido certamente estava, então, no mais profundo dos sonos, ou até morta.

Ele desceu o primeiro degrau, depois o segundo, e então ouviu algo que o paralisou. Tudo em seu mundo se imobilizou – o passado, o futuro, a respiração, os pensamentos. O coração dele deu um sobressalto, como se tentando se esconder daquele som. Um lamento agudo, tão cheio de dor e raiva que arrepiou sua pele, o próprio som uma agressão. Sentiu-se gelado e quente ao mesmo tempo, a alma reagindo da mesma forma que a pele quando confrontada com intenso calor ou frio. Poderia arder ou congelar de terror, mas, por um momento, não soube distinguir um do outro.

O que foi que fizemos?, pensou. Sentiu cheiro de carne queimada, mas não se assemelhava a nenhuma carne que conhecesse. Ouvia o rugido das chamas que haviam deixado para trás, consumindo o que restava dos aliens e dos ovos. E, descendo mais um degrau, viu as três criaturas que tinham vindo atrás deles. Eram idênticas àquelas que encontraram na *Marion*. Não tinham traços caninos, nenhum atributo que pudesse fazer delas rainhas. Guerreiros, talvez. Soldados aliens. E estavam ganindo e lamentando, parados diante do laboratório arruinado e queimado, oscilando de um lado para o outro, a cauda ondeando, a cabeça indo da esquerda para a direita. Era uma dança de morte e luto, e, pelo mais breve dos momentos, Hoop quase sentiu pena deles.

O do meio acorrou-se no chão e pareceu dar uma tragada longa e profunda no rastro de sangue. O sangue de Ripley. Então, sibilou, um som cheio de intenção e muito diferente dos uivos de angústia, e as outras duas criaturas também se aproximaram do rastro.

Pegaram o cheiro dela agora, pensou Hoop. *Desculpe, Ripley, mas se tem alguém que devemos deixar para trás...*

Não estava falando sério. Nem por um momento. Mas as reações dos aliens gelaram seu sangue. Eles sibilaram outra vez, mais alto. Agacharam-se e espalharam os membros, adotando posturas que de repente os fizeram parecer ainda mais letais.

Hoop começou a subir de volta pela escada. Ainda estavam de costas para ele, mas só precisariam se virar ligeiramente para vê-lo. Estariam ali em dois tempos, e, mesmo que ele tivesse uma chance de disparar o lança-cargas, o atraso da carga significava que estaria morto antes da explosão. Gostaria de ter trazido também a pistola de spray ácido.

Chegou ao topo da escada, se preparou e verificou se a rota atrás dele estava livre. Então, parou junto à dobra na parede e apontou o lança-cargas para o teto.

Quatros segundos, talvez cinco. Isso os faria ganhar tempo? E se os monstros estivessem subindo a escada e passassem antes de a carga explodir? Ele achava que não. Mas também achava que não tinha tempo para se preocupar com isso. Tinham captado o cheiro de Ripley, e Ripley tinha vindo por ali.

Ele puxou o gatilho, e a última carga explosiva atingiu o teto. Lá de baixo, dentro da nave, ele ouviu três guinchos agudos, depois o deslizar das garras quando os aliens vieram em sua direção.

Hoop passou pela abertura, saindo na superfície da nave.

– Já pra baixo! – disse ele, empurrando Ripley para a frente, empurrando-a pela leve inclinação, e Lachance e Kasyanov fizeram o mesmo com Sneddon. Deslizaram em meio à poeira, e então, do alto e de trás deles, veio um baque contido e surdo. Alto o bastante, porém, para espalhar ecos pela caverna.

Hoop parou e olhou para trás. O pó e a fumaça se ergueram da abertura, mas nada mais. Nenhuma cabeça curva, nenhum membro anguloso. Talvez, só talvez, o destino tivesse finalmente dado uma folga a eles.

A explosão ainda ecoava pela caverna quando cruzaram o casco da nave rumo às aberturas que viram na parede. Abriram caminho entre pilhas de rochas desmoronadas. Ripley firmou os pés, embora ainda agarrasse o braço de Hoop. As lanternas combinadas ofereciam apenas luz suficiente para delinear as sombras e os obstáculos no caminho, e, quanto mais perto chegavam da abertura mais próxima, mais Hoop se convenciu de que a nave continuava após a barreira. Era quase como se ela tivesse atingido a parede e penetrado nela após aterrissar.

Ou cair. Haviam entrado por uma parte destruída do casco, afinal, onde os danos de uma explosão ainda eram óbvios depois de tanto tempo.

Mais rochas, e Hoop notou pela primeira vez que algumas pareciam mais regulares do que ele havia imaginado. Com bordas quadradas e suaves. Uma delas exibia o que poderia ser algum tipo de marca.

Mas não havia tempo para parar e admirar. Não havia tempo para considerar o significado das marcas e dos blocos regulares derrubados. Um muro? Um edifício? Não importava. O que importava era uma saída, e, pelo que Hoop podia ver, a melhor aposta era a fenda mais próxima.

A mina não ficava muito acima do teto da caverna. Ele tinha certeza. Estavam quase lá.

– Nenhum sinal de estarmos sendo seguidos – disse Lachance.

– É isso que me preocupa – respondeu Hoop. – Acho que preferia vê-los a imaginar onde diabo estão.

– É. Certo. – Então, Lachance indicou o caminho à frente. – O que você acha?

– Acho que não temos escolha.

Eles atravessaram o campo de pedregulhos rumo à abertura na muralha vultuosa.

17

ANTIGO

Quando era criança, os pais de Hoop o levaram para ver as ruínas incas no Equador. Ele já vira filmagens desses lugares na NetScreen e lera sobre eles nos velhos livros que os pais insistiam em guardar. Mas nada o havia preparado para as emoções que sentiu ao conhecer as antigas construções.

A sensação de tempo, e de atemporalidade, foi atordoante.

Ele andou por onde outras pessoas haviam caminhado mil anos antes, e mais tarde relembriaria o momento como a primeira vez que teve noção de sua mortalidade. Isso não o incomodara na época, mas ele percebera que sua visita às ruínas era tão fugaz quando uma brisa errante, e teria tanto efeito quanto uma folha pairando na selva e depois voltando a desaparecer. A lembrança de estar lá flutuaria até o chão e apodreceria como aquela folha, e, cem anos depois, visitantes fascinados nunca teriam ouvido falar dele.

Era humilhante, mas também estranhamente animador. *Todos temos a mesma coisa*, ouvira alguém dizer certa vez, *uma única vida*. Mesmo quando adolescente, mais preocupado com garotas e futebol americano, aquilo lhe parecera profundo. Uma única vida... e como iria vivê-la dependia dele. Olhando para as ruínas incas, prometeu aproveitá-la ao máximo.



Fitando o que restava daquele lugar estranho e antigo, perguntou-se o que teria dado errado. As pedras ao seu redor tinham alguma propriedade que dava à cena um brilho esmaecido. Era a luz emprestada das lanternas, ele tinha certeza, rebatida e devolvida como uma luminosidade aguda. Ele apontava a lanterna para um trecho de pedra, movia-a para o lado e a rocha ainda reluzia um bom tempo depois. Isso os ajudava a iluminar o caminho. Ajudava-os a ver aonde iam.

Eles não chegaram a pisar naquela parte da nave. Era um edifício, uma estrutura erguida da terra, construída na própria rocha. Era uma ruína, mas

notavelmente bem preservada em certos pontos. Embora estivessem fugindo, Hoop não pôde deixar de observá-la, admirado.

Haviam entrado por uma área seriamente danificada, escalado pilhas de escombros, alguns do tamanho de uma bota, outros com mais de quatro metros de comprimento. Qualquer coisa poderia estar escondida nas sombras. Pelo que podiam ver, não havia nada, ou, se havia, continuava oculto.

Logo eles se viram em uma ladeira curva e inclinada que subia, e, chutando pó e cascalho para o lado, Hoop pôde distinguir os belos mosaicos que a pavimentavam. Redemoinhos de cor intocados pela imensidão do tempo, padrões curvos e agudos, traços que ele conseguia discernir, formas espalhadas que pelejavam e jaziam em harmonia umas com as outras. Ele suspeitava que o mosaico contasse uma história, mas estava com poeira demais para ele enxergar. E talvez fosse baixo demais para apreciar toda a história. Os alienígenas caninos a teriam visto melhor, com suas pernas longas e pescoço comprido.

Era maravilhoso. Uma civilização alienígena, um tipo de inteligência jamais descoberto em quase dois séculos de exploração espacial e muitas centenas de sistemas estelares visitados e mapeados.

– Acho que não consigo processar nada disso – disse Lachance. – Acho que não consigo nem pensar nisso tudo e fugir ao mesmo tempo.

– Então, só fuja – respondeu Hoop. – Tudo bem aí?

Lachance ainda carregava Sneddon, jogada por cima do ombro de forma que ele ainda pudesse pegar o lança-cargas com a outra mão.

– Todo aquele tempo na academia da *Marion* valeu a pena.

– Me avise se...

– Você já tem muito em que pensar – disse o francês.

E ele tinha razão. Ripley ainda se pendurava ao braço de Hoop, e, embora seus olhos estivessem abertos e ele pudesse ver que ela absorvia um pouco do que viam, ainda sangrava, cambaleava, perdia e recobrava os sentidos. Logo teriam que fazer uma pausa e enfaixá-la. Baxter e Kasyanov se ajudavam, os braços na cintura um do outro como namorados.

O caminho curvo erguia-se ao redor de uma enorme coluna central, como a maior escada em espiral jamais vista. O imenso teto do edifício era alto, danificado em alguns pontos mas praticamente inteiro. As lanternas iluminaram parte do caminho à frente, e a propriedade reluzente da rocha ajudou a uniformizar a luz. Mas ainda havia sombras pesadas diante deles, escondendo-se nas curvas, ocultando o que quer que os aguardasse. Hoop continuou alerta.

Portas saíam da espiral central. Ao redor delas havia desenhos intrincados, lindas esculturas exibindo os alienígenas caninos no que deviam ter sido

histórias do passado de sua civilização, reais ou míticas. Ele viu as criaturas em grupos e fileiras, em guerra, tomando banho, criando uma forma obscura de arte, explorando, e em outros trechos elas pareciam estar interagindo com outros seres de aspecto ainda mais estranho. Havia mapas estelares e representações de aeronaves, espaçonaves e coisas flutuantes gigantescas que podiam até estar vivas. Isso o fez pensar na nave enterrada que haviam acabado de deixar para trás e nas suas implicações...

Eram surpreendentes, mas ainda perigosas demais para se pensar.

Concentre-se, Hooper!, pensou ele. Não olhe para as decorações bonitas das portas, pense no que pode passar por elas!

O caminho curvo e inclinado terminava em outro espaço vasto. Colunas imensas sustentavam um teto sólido, tão alto que as luzes mal o alcançavam, mas o material ainda se tornou sutilmente luminoso, retendo um pouco da luz que apontaram para cima. Estavam criando seu próprio céu estrelado, espirros suaves de cor e luz conservando-se e brilhando sobre eles, mesmo que só por algum tempo.

Ao redor da coluna mais próxima, objetos verticais projetavam sombras longas.

– São eles? – sussurrou Lachance.

Todos pararam, sem fôlego por terem subido a rampa espiralada, alguns grunhindo baixo por causa dos ferimentos. Ripley voltara a ficar relativamente desperta, a mão direita apertando com força a ferida no abdômen.

– Não – respondeu ela. – Grandes demais. Parados demais.

– Estátuas – disse Hoop. – Pelo menos, espero que sim. Venham. Vamos ficar perto da parede e procurar outro jeito de subir.

Eles se mantiveram perto dos limites do espaço aberto. Na verdade, o tamanho assustava Hoop. Ele preferia andar por corredores e túneis a ficar naquela caverna inumana, onde as luzes não chegavam ao outro lado e as sombras poderiam esconder qualquer coisa. Mas ficar perto da parede ajudava a conter a agorafobia.

Enquanto se aproximavam da imensa coluna e das estátuas ao redor da base, alguns detalhes tornavam-se mais nítidos. Havia uma dúzia de figuras de pé em pedestais altos de pedra. Várias delas haviam perdido membros: uma perdera a cabeça, mas as outras continuavam praticamente inteiras. Eram todas dos alienígenas caninos, com as pernas atarracadas, o torso estranho, a cabeça volumosa, e ainda assim cada uma era diferente da outra. Algumas esculturas usavam trajes que quase cobriam o corpo. Outras estavam de pé nas patas traseiras e tentavam alcançar o céu, ou apontavam, ou erguiam os membros,

como se gesticulando. Até os traços faciais eram diferentes. Hoop pôde ver áreas entalhadas na base dos pedestais e presumiu que fosse a escrita daquela povo. Talvez aquelas fossem pessoas famosas – governantes, professores ou exploradores.

– Não há tempo – sussurrou, pois sabia que todos estavam tão fascinados quanto ele. – Agora não. Talvez a gente volte. Talvez mandemos alguém.

– Só para morrer – disse Ripley. Ela parecia mais forte, como se estivesse se acostumando à dor, mas ele ainda via a escuridão úmida do sangue no traje dela e uma camada de suor na testa.

– Precisamos enfaixar você – disse Hoop.

– Não, nós...

– Agora. – Ele se recusou a discutir. Dois minutos fechando e tratando os ferimentos dela talvez lhes desse meia hora se significasse que ela poderia andar por conta própria. – Pessoal, olhos e ouvidos abertos. Ripley... tire a roupa. Kasyanov?

A médica baixou com cuidado o maçarico de plasma, encolhendo-se por causa da dor da própria mão ferida, e desafivelou o cinto.

Ripley começou a tirar o traje rasgado e sangrento. Hoop se retesou ao ver a ferida aberta no pescoço, no ombro e no colo dela, mas não desviou o olhar. As bordas do ferimento estavam levantadas, a pele rasgada, as camadas de carne e gordura expostas. Descobri-las deixou Ripley tonta de novo, e ela se apoiou nele enquanto Kasyanov começava a trabalhar.

– Vai doer – avisou a médica.

Ripley não deu um pio quando ela esterilizou a ferida como pôde, lavando as manchas escuras de pó e fuligem. Kasyanov injetou um analgésico por toda a extensão do ferimento. Enquanto a anestesia fazia efeito, ela abaixou a roupa de Ripley até a cintura e examinou a ferida no abdômen. Quando baixou o olhar, Hoop viu Kasyanov franzir a testa para ele.

– Faça o melhor que puder – sussurrou Ripley.

Hoop a abraçou, beijando-a no topo da cabeça.

– Ei – disse ela. – Calma lá.

Kasyanov tratou a ferida no abdômen, depois se levantou de novo e começou a suturar o corte no ombro. O grampeador cirúrgico fazia um clique baixo toda vez que disparava. Ripley se retesou, mas continuou em silêncio. Depois de fechar a ferida, Kasyanov aplicou uma bandagem e pulverizou-a com soro fisiológico.

Então, voltou sua atenção para o ferimento do abdômen, suturando-o.

– Vou cuidar disso direito quando voltarmos à *Marion* – disse ela.

– É – respondeu Ripley. – Certo.

– Agora você vai conseguir se mover com mais facilidade. Nada vai romper ou derramar.

– Ótimo.

Kasyanov terminou de cuidar do abdômen e voltou a se levantar. Tirou uma pequena seringa da bolsa presa ao cinto.

– Isso vai ajudar você a seguir conosco. Não é exatamente... um remédio. Mas vai funcionar.

– Topo qualquer coisa – respondeu Ripley.

Kasyanov inseriu a agulha no braço dela, depois se afastou e fechou o zíper da bolsa.

– Você está bem?

Ripley ficou de pé sozinha, enfiando os braços no traje.

– Sim – respondeu. – Estou ótima.

Não estava. Hoop podia ver e ouvir em sua voz. Ela estava dolorida e zozna, e também distraída. Desde que destruía os ovos de rainha, Ripley estava em outro lugar. Mas não havia tempo para discutir isso.

Hoop pensou novamente nos aliens vendo as rainhas filhotes queimarem, farejando o sangue de Ripley e uivando.

– Ali – disse ele, apontando para a base de uma vasta parede. – Há aberturas. Vamos seguir pela que levar para cima. Lachance, você vai na frente. Eu levo a Sneddon.

Hoop ajoelhou-se e acomodou o peso de Sneddon no ombro. Enquanto saíam, ele ficou parado até Ripley passar. Ela caminhava de forma muito controlada, cada movimento era calculado e contido.

Quando chegaram à primeira abertura, Lachance iluminou o interior com a lanterna. Momentos depois, acenou para que os outros viessem. Começaram a subir outra rampa curva. De algum lugar atrás deles, nas profundezas vastas e sombrias, alguma coisa guinchou.



As folhas ásperas fazem cócegas na barriga delas. As duas estão correndo por um campo na França, ziguezagueando pelo milharal, os braços erguidos para tirar as folhas fibrosas da frente do rosto e proteger os olhos. Ela e Amanda estão usando trajes de banho, e ela já antecipa o mergulho esfuziante no lago. Amanda segue na frente, uma adolescente esbelta e ágil, voando por entre as fileiras de milho e mal parecendo tocá-las. Ripley não é tão graciosa, e sente

como se o abdômen tivesse sido rasgado pelas folhas. Mas não vai olhar para baixo e verificar. Ela tem medo de que, caso faça isso, perca o rastro da filha, e alguma coisa a respeito disso...

... não está certa.

O sol brilha e o milharal farfalha numa brisa suave. Os passos das duas e a risada entusiasmada de Amanda lá na frente são as únicas coisas que interrompem o silêncio. Mas, ainda assim, isso está errado. O lago as espera, mas elas nunca o alcançarão. O sol está alto, o céu, limpo, porém o calor mal toca sua pele. Ripley sente frio.

Ela quer gritar: Amanda, espere! Mas as folhas batendo na barriga e no peito parecem ter roubado sua voz. Ela vê algo de relance. Uma sombra que não pertence ao milharal, uma silhueta angulosa e cruel. Mas, quando presta atenção, ela já se foi.

Sua filha está muito à frente agora, empurrando as plantas enquanto percorre os cem metros finais até a extremidade do milharal e a água acolhedora do lago.

Alguma coisa à direita acompanha seu ritmo, uma forma escura rasgando a plantação e reduzindo caules grossos a frangalhos. Mas observá-la diretamente significa que Ripley não consegue enxergá-la.

Ela está entrando em pânico, tentando correr mais rápido, tentando gritar.

Amanda desapareceu, deixando para trás só as plantas oscilantes.

Ripley ouve um guincho alto e agudo. Não é humano.

Irrompendo dentre as plantas no limite do milharal, ela vê Amanda presa numa teia grotesca entre duas árvores altas, atada naquele material estranho e sólido que parece tê-la prendido ali por anos. A filha grita de novo quando a criatura maldita emerge inteiramente de seu peito.

Pela visão periférica, Ripley vê aquelas feras altas saindo do milharal para prestar homenagem ao recém-nascido.

Amanda grita uma última vez...



– Ripley, rápido! – gritou Hoop.

Ela olhou ao redor, nem chocada, nem surpresa. Sabia exatamente onde estava e por quê. A visão era a lembrança de um momento que nunca acontecera. Mas ela ainda deixou cair uma lágrima pela filha encasulada e ferida, gritando. O terror se misturava à raiva, tornando-se parte dela, nada disposto a libertá-la.

– Eles não podem vencer, Hoop – disse ela. – Não podemos deixar.

– Eles não vão. Agora, vamos!

– O que você está...?

– Corre! – berrou ele. Pegou a mão dela e correu, puxando-a, mas ela logo se desvencilhou dele e ficou para trás.

– Não seja burro! – gritou Ripley para ele.

– Discuta e a gente morre! – bradou Lachance. – Hoop sabe o que está fazendo.

Eles subiram a rampa. Era mais íngreme que a primeira, as curvas mais acentuadas, e parecia ficar mais estreita e inclinada à medida que subiam. Logo havia degraus esculpidos na superfície, e tiveram que desacelerar para não tropeçar. Lachance voltou a carregar Sneddon. Kasyanov ajudou, e Baxter usava o maçarico de plasma como muleta, apoiando-se nele a cada passo. Ela imaginou que efeito isso teria se ele precisasse atirar de novo. Imaginou...

Ele virou e voltou correndo pela rampa.

– Ripley! – chamou Lachance.

– Discuta e a gente morre! – respondeu ela, e logo os perdeu de vista. Por um momento, ficou sozinha, descendo a rampa, iluminada por um fulgor que começava a desaparecer na estrutura ao redor. Então, ouviu algo correndo em sua direção e se agachou perto da coluna central.

Hoop apareceu, iluminado pelo fecho da lanterna de Ripley. Suando, com os olhos arregalados, ele se retesou, mas não voltou a relaxar.

– Precisamos mesmo ir – disse ele.

– Quantos são?

– Muitos.

Ela não sabia se conseguiria correr de novo. O abdômen doía, ela mal podia mexer o braço direito e sentia-se enjoada. Mas o estimulante que Kasyanov lhe dera ainda percorria suas veias, e todo pensamento negativo era sobrepujado e escondido na mente. Seus sentidos estavam embotados. Embora desagradável, aquela sensação também a protegia, então ela acolheu aquele sentimento, perdendo de vista suas várias agonias. Sabia que estariam esperando por ela do outro lado.

Lá de cima, Lachance começou a gritar, mas ela não entendeu o que ele dizia.

– Ah, não – disse Ripley.

Mas Hoop sorriu e pegou sua mão, e antes que percebesse estava correndo com ele rampa acima, mais uma vez. Viu luzes à frente, e a rampa terminou em outro espaço amplo. Parecia mais uma caverna do que uma construção – encostas rochosas, teto irregular, paredes que só haviam sido tocadas por ferramentas humanas. No canto mais distante, Kasyanov e Baxter mantinham Sneddon de pé entre eles. A primeira coisa que Ripley viu foi a abertura na rocha

atrás deles.

Então, Sneddon ergueu a cabeça e olhou ao redor, e Ripley percebeu que a coisa grudada ao seu rosto caía.

18

ELEVADOR

Ao se separar dos outros, Hoop havia visto pelo menos dez aliens cruzando a enorme sala, procurando por eles entre os pilares enormes, agachando-se junto às estátuas e pedestais. Ainda restava luz suficiente emanando das estruturas de pedra, e, enquanto observava, as sombras se mesclaram lentamente ao cenário.

Recuara devagar, a luz extinta, e então correria, tateando o caminho. A lanterna de Ripley trouxera luz de volta ao seu mundo.

Estar de volta à mina deveria tê-lo feito se sentir melhor. Mas Hoop sabia que aquelas coisas ainda os perseguiam, farejando sangue, e que cada segundo de demora os traria mais perto. O elevador era a salvação. Era chegar até ele, subir, e estariam na dianteira daquele jogo. Agora, era uma simples corrida. E, desta vez, as coisas pareciam estar indo bem.

A criatura havia se soltado do rosto de Sneddon e morrido, e eles a deixaram nos túneis. A oficial de ciências parecia bem. Quieta, confusa, um pouco assustada, mas capaz de andar sozinha e até de carregar a pistola de spray ácido que Lachance havia carregado para ela.

Com Sneddon de pé outra vez e Ripley enfaixada, podiam avançar mais rápido. Até Baxter parecia ter melhorado o ritmo, usando o maçarico de plasma como muleta. Hoop ousou ter esperança.

Se a gente sair dessa, vou para casa, pensou. Estava com essa ideia na cabeça havia algum tempo, e andava pensando nos filhos. Não os via havia sete anos, não sabia se eles se lembrariam do pai, não tinha ideia do quanto a ex-esposa poderia tê-los colocado contra ele. Eram adultos agora, maduros o suficiente para perguntar por que ele não mantivera contato. Nenhum contato. Nada nos aniversários, nenhuma mensagem no Natal. Como poderia explicar a eles, quando nem mesmo Hoop tinha certeza dos motivos?

Mas, quando isso acabasse e eles decolassem de volta à Terra, seria a última vez. Chegar em casa seria tão maravilhoso que, no momento, era tudo o que ele poderia desejar.

E havia algo mais. Talvez ele não merecesse realmente ter esperança, mas Ripley merecia. Ela já passara por coisas demais para simplesmente morrer ali.

A mina era um território familiar. As luzes ainda funcionavam, e, enquanto percorriam os túneis das partes mais baixas do nível nove em direção ao segundo elevador, Hoop achou que encontraria o caminho bloqueado mais uma vez. Aquelas coisas haviam estado ali, erguendo suas estranhas construções – ninhos, armadilhas, lares. Mas talvez entre aquele caminho e o elevador não houvesse nada. Talvez o destino lhes desse uma folga.

Porém, ele sabia que os aliens perseguidores encontrariam esse caminho. Tinham captado o cheiro de Ripley, e o sangue dela fervia, o ódio, a fúria e a ferocidade mais fortes do que nunca. Não via necessidade de contar isso aos outros, mas garantiu que fossem depressa e em silêncio. Todos entendiam a urgência. Todos haviam passado por coisas demais para diminuir a velocidade.

– Está perto! – disse Baxter. – Reconheço este lugar. É logo depois dessa esquina, eu acho.

Ele viera às minas mais que todos os outros, e Hoop esperava que tivesse razão. E então, quando dobraram a próxima esquina, lá estava.

O elevador ficava no centro de uma grande área aberta, o teto sustentado por colunas de metal. Parecia inteiro, intacto e imaculado. O poço ficava em uma pesada rede de escoras metálicas. O elevador em si estava parado naquele andar também, o que significava que todos os mineradores haviam usado o outro para fugir para a superfície.

– Deve ter algo errado com ele – disse Lachance, e Hoop chegou a gargalhar.

– Apenas aceite o fato de que tivemos sorte – respondeu ele. – Vamos. Todo mundo para dentro, rápido.

Hoop esperou ao lado do elevador enquanto Baxter verificava os controles. A energia ainda estava ligada, e, quando ele apertou os botões, a porta se abriu para revelar a cabine. Assim como o que havia desabado, as paredes eram feitas de grades de metal, o piso uma folha sólida. Nada de espelho nem música. Na mina, não havia necessidade de luxo.

Sneddon estava perto de Hoop, balançando lentamente para a frente e para trás.

– Você está se sentindo bem? – perguntou ele.

Ela assentiu.

– Estou com sede – resmungou.

– Não vai demorar muito agora.

Ele olhou para Ripley, atrás dela. A mulher estava com o olhar fixo e a testa franzida. Havia se posicionado nos fundos da cabine do elevador, e mesmo

quando todos começaram a entrar ela não tirou os olhos da oficial de ciências, tentando manter distância.

– Ripley? – chamou ele.

Ela o olhou e balançou a cabeça. Sabia tão bem quanto qualquer outro que eles precisavam sair daquele nível. O resto não era prioridade. *Ela está carregando uma daquelas coisas*, pensou Hoop, olhando de soslaio para Sneddon. Parecia cansada, mas firme. Ele vira os monstros nas câmeras da *Samson*, explodindo do peito dos mineradores. Ouvira a história de Ripley sobre o tripulante de sua nave, sobre como tivera uma recuperação milagrosa só para morrer uma hora depois. Sneddon parecia bem. Mas com os minutos contados.

Talvez ela soubesse disso.

Ele entrou no elevador e instantaneamente sentiu que estavam subindo. Um peso saiu de seus ombros. Apoiou-se à parede e suspirou, fechando os olhos, e, quando as portas se fecharam, pareceu que teve que esperar uma eternidade até ouvir o som ao se cerrarem.

– Estamos indo bem – comentou Baxter. – Acho que podemos...

O impacto foi imenso, colidindo contra a porta, curvando-a para dentro. Mais uma pancada veio do outro lado, e outra, e então todos os quatro lados do elevador fechado estavam sendo atacados por fora, os aliens chocando-se contra a malha metálica de novo e de novo. O metal rangia e se retorcia, e Hoop ouviu o estalo distinto de um conjunto de dentes mordendo.

Todos se afastaram das paredes, se amontoando no centro do elevador. Hoop apontou a pistola de spray ácido para as paredes, os outros miraram as armas, mas ninguém podia atirar. O ácido espirraria e mataria todos eles, o plasma subiria em uma onda pelas paredes. Finalmente isolados dos aliens, eles também se viam indefesos.

– Aperte o maldito botão! – gritou Lachance para Baxter.

Mais pancadas, metal rangendo, e o sibilar raivoso das criaturas fazendo tudo o que podiam para alcançar suas presas. Baxter não hesitou. Correu para o painel de controle e bateu a mão aberta no botão de número quatro.

Se ele tivesse pisado com cuidado, talvez tudo ficasse bem. Se o pânico e o medo não o tivessem jogado contra a parede de grade do elevador, talvez ele tivesse sido capaz de pular levemente de volta ao centro. Mas, no instante em que o elevador começou a subir, uma cabeça de alien irrompeu pela fenda entre as portas, entortando-as. A cabeça se debateu e retorceu enquanto forçava a entrada. Momentos depois, os dentes avançaram e se fecharam com força no ombro direito de Baxter. Mastigaram com tanta rapidez que perfuraram a jaqueta, a pele, a carne, e cravaram-se em torno da escápula.

Baxter gritou, os olhos arregalados. O alien puxou, arrastando metade do corpo pelo buraco arrebitado que criara. O elevador começou a subir.

Hoop foi ajudar, agarrando o cinto do oficial de comunicações, Lachance fazendo o mesmo. As garras do alien golpearam o interior, e Hoop soltou bem a tempo. Em vez disso, segurou as pernas de Baxter, puxando com todas as forças, cerrando os dentes, a visão nublando devido ao esforço. O elevador chocalhava com violência.

Baxter começou a gritar porque sabia o que aconteceria a seguir. Estava com metade do corpo preso na abertura, e eles puxavam de um lado enquanto o alien puxava do outro, pendurado no homem torturado enquanto o elevador subia, tirando sua presa do alcance.

Se o alien soltou ou não, Hoop não soube. Mas fechou os olhos quando Baxter atingiu a primeira das vigas mestras que formavam a estrutura do poço. O grito do homem foi instantaneamente interrompido, substituído pelo mais pavoroso som de algo que se rasgava, arrebitava, ruía.

De repente, ele ficou muito leve. Hoop virou-se e o soltou quando algo caiu esparramado no piso do elevador.

– Ah, meu Deus! – gritou alguém.

Continuaram a subir. Abaixo deles persistia a cacofonia enquanto os aliens se chocavam contra as paredes. Mas o elevador acelerou, passando velozmente pelo nível oito e acelerando ainda mais. O estômago de Hoop afundou. E, quando se virou e viu o que restava de Baxter, não foi o único a cair de joelhos e vomitar.



Ripley cobriu o corpo. Ele fora partido ao meio pouco abaixo da caixa torácica, e a parte inferior havia desabado no chão do elevador. Ela não conseguia desviar o olhar do tornozelo quebrado. O pé de Baxter jazia em um ângulo estranho, e o estofado grosso que haviam usado para tentar fazer uma tala improvisada se desenrolara. Ele lutara tanto usando aquilo, e por tanto tempo, para sobreviver. É claro que queria sobreviver. Todos eles queriam, e fariam qualquer coisa para isso. Baxter havia andado e corrido com um tornozelo quebrado, passando por uma dor inimaginável. E agora...

Ela olhou por apenas um momento antes de jogar a jaqueta do seu traje sobre aquela parte dele, arruinada e escancarada. Partes que nunca deveriam estar fora de um corpo estavam espalhadas pelo chão, e a jaqueta cobriu a maioria.

Ela sentia frio, o traje térmico esfarrapado pouco fazia para conservar o calor. Mas preferia sentir frio a olhar para o que restava do pobre homem. Seu

estômago se revirou um pouco, mais pelo fedor do vômito que pela visão. *Será que estou mais forte?*, pensou ela. *Será que já vi demais? Será que espero pelo pior, então nada me impressiona?* Ela não tinha certeza.

Talvez fosse por ter algo mais em mente.

Ela se virou outra vez para Baxter, pegou o maçarico de plasma que ele deixara e verificou como estava Sneddon. A oficial de ciências parecia estar em forma, e até estava com as bochechas coradas. Estava quieta, apoiada a uma parede e olhando para algo longínquo que só ela conseguia ver.

– Como você está? – perguntou Ripley.

– Eu... – respondeu Sneddon. – É, estou bem. Tive sonhos esquisitos. Mas estou bem.

– Sabe o que aconteceu com você. – Era uma afirmação, não uma pergunta.

– Sei, sim.

Ripley assentiu e olhou ao redor. Os outros a fitavam. *Eu sou a forasteira aqui*, pensou. Seu olhar pousou em Hoop, e ela não pôde interpretar sua expressão. Todos estavam cansados e chocados pela morte horripilante de Baxter. Ela ainda não podia dizer nada. Simplesmente não podia.

– Ela vai ficar bem – disse Hoop. – Temos uma câmara médica na *Marion* que pode...

– Ok – respondeu Ripley, dando-lhe as costas.

Ela respirava com dificuldade. A sensação de movimento do elevador fora alarmante – ainda era –, e provavelmente era piorada pelas paredes distorcidas devido ao ataque dos aliens. De repente, sentiu-se enjoada. Mas engoliu em seco, mordeu o lábio e forçou a náusea a passar.

Sneddon não podia chegar viva à *Marion*. Ripley sabia disso, mas não sabia até onde iria para evitar que isso acontecesse. Ash estava lá, pronto e esperando para colocar a oficial de ciências sob seu controle. Não importava que ela fosse um ser humano. Estava impregnada agora, e carregava o que Ash estava procurando há trinta e sete anos.

Será que ele já sabe? Precisava presumir que sim. Será que ele faria qualquer coisa para proteger e preservar Sneddon e o que ela carregava? Novamente, sim. Ela sabia disso, já havia testemunhado a determinação da inteligência artificial antes.

Sneddon não podia chegar à *Marion*. E Ripley não podia matar uma pessoa. O problema andava em círculos em sua mente, intenso e pesado, e ela fechou os olhos, esperando que uma solução surgisse.

Cada nível pelo qual passavam era marcado por um repique do painel de controle do elevador, e a voz de alguém muito distante, gravada há muito tempo,

recitando: “Sete... seis... cinco”. Nesses momentos, o elevador desacelerava, e Ripley experimentava a estranha sensação de ser esticada, a cabeça e os ombros ficando subitamente leves. Era mais fácil respirar, mas não ajudava em nada a reduzir o mal-estar.

Fez o que pôde para não vomitar. O ferimento no abdômen latejava, profundo e frio, e ela achava que, se vomitasse, o ato talvez abrisse os grampos que o mantinham fechado. O ombro e o braço estavam rígidos, e ela tinha certeza de que podia sentir o metal penetrante dos grampos cada vez que se mexia. Pensou em pedir a Kasyanov mais uma dose de anestésico ou um analgésico. Mas já estava tonta o bastante. Se uma pontada de dor de vez em quando era o que precisava para continuar acordada, que assim fosse. Precisava estar totalmente alerta. Todos precisavam.

O elevador desacelerou até parar, e um repique diferente soou no painel de controle. Do lado de fora, tudo era escuridão.

– Quarto andar – anunciou Lachance. – Roupas, sapatos, monstros e monstregos.

– Este nível foi minerado dois anos atrás – disse Hoop. – Montes de túneis profundos, uma rede complexa. Um dos mais longos da mina vai daqui até quase cinco quilômetros.

– Parece lindo – respondeu Ripley. – Então, as células de combustível estão aqui?

– É, agora usamos este nível para armazenagem. Lachance?

– As células de reserva não devem estar muito longe. Vamos precisar de um vagonete com bateria carregada para levar uma.

– Você está bem? – perguntou Kasyanov, e Ripley levou alguns segundos para perceber que a médica falava com ela. Assentiu. Percebeu que todos estavam olhando para ela.

– Você estava... falando sozinha, murmurando – disse Hoop.

– Estou bem – insistiu Ripley, sorrindo. Mas não havia percebido que estava falando em voz alta.

Esperando que Hoop escancarasse as portas, ela tentou analisar os machucados outra vez, avaliar exatamente quão ferida estava. Mas as injeções que Kasyanov havia lhe dado tornaram essa tarefa difícil. Ela se sentia ligeiramente afastada do próprio corpo, uma distância que deixava a dor suportável, mas também borrava os limites de sua percepção.

Ela teria tempo para a realidade depois.

Estou acordada. Sou eu mesma. Fique alerta, Ripley!

Danificadas como estavam, Hoop teve que forçar as portas do elevador a se

abrirem manualmente, e eles apontaram as lanternas para fora. Todos aguardaram em silêncio, passando as luzes pela área aberta que elas revelavam. Hoop adiantou-se e saiu, agachado, virando a lanterna e a pistola de spray ácido de um lado para o outro.

– Parece seguro – sussurrou ele. – Esperem aqui.

Andou até um emaranhado de mostradores e controles fixos numa parede, apertou alguns interruptores, e, com um zumbido e um clique, as luzes se acenderam. Como em todas as outras partes da mina, havia lâmpadas penduradas junto ao teto, e outras pendiam de ganchos instalados nas paredes. Por mais básica que fosse, todos acolheram a luz com satisfação.

– Desliguem as lanternas – pediu Hoop. – Conservem qualquer energia que reste. Podemos precisar delas de novo.

Ripley e os outros três sobreviventes deixaram o elevador. A área era semelhante à do nível nove, um espaço amplo com colunas de metal a intervalos regulares. Havia mais equipamentos de mineração descartados ali – ferramentas, roupas, algumas vasilhas de água e diversos vagonetes. Lachance verificou os objetos e encontrou um cuja bateria ainda tinha carga. Ficou diante da pequena bancada de controle, acessou o painel e fez com que o vagonete avançasse alguns metros.

– A que distância estão os estoques? – perguntou Ripley.

– Não muito longe – respondeu Hoop, apontando para um dos túneis que saíam da área. – É só seguir por ali, uns noventa metros, mais ou menos. Por quê?

– E quantas células de combustível estão armazenadas aqui?

– Três – informou Lachance. – Duas de reserva para a *Marion* e uma para a estação de energia da mina, na superfície. A estação foi projetada para funcionar com células de energia da nave. Guardamos todas aqui embaixo, para não perder a nave se elas tiverem... um mau funcionamento.

– Legal – disse Ripley. Olhou para todos ao redor, feridos e desesperados, segurando as ferramentas de mineração que haviam transformado em armas. Não eram soldados. Não eram nem mesmo mineradores. Mas haviam sobrevivido até aqui, e se e quando voltassem para casa, teriam uma história sensacional para contar. – Temos que soterrar a mina.

– O quê? – perguntou Lachance. – Por quê? Descobrimos uma coisa fenomenal aqui embaixo! Aquela nave já era bem incrível, mas os prédios que encontramos... não deve haver só um. Era o começo de uma cidade, Ripley. Talvez com mil anos de idade, quem sabe milhares de anos. É... – Ele deu de ombros, sem palavras.

– A descoberta mais maravilhosa desde que a humanidade foi para o espaço pela primeira vez – acrescentou Ripley.

– É – concordou ele. – Isso. Precisamente.

– Mas está contaminada – disse ela. – Corrompida. Maculada por aquelas coisas. Qualquer que tenha sido a história profunda que testemunhamos lá embaixo, foi ditada por eles, não por aqueles seres caninos que construíram a nave e a cidade. Eles podem ter sido maravilhosos. Aquela nave era notável, não posso negar. E vimos que tinham uma arquitetura admirável, além de arte, conhecimento e imaginação que colocariam as nossas no chinelo. Mas será que sou a única que acha que aquela nave pode ter sido derrubada? Talvez até por seu próprio povo?

Os outros a observavam, ouvindo em silêncio.

– Tudo deu errado. Uma doença chegou e destruiu tudo o que eles foram, e não podemos deixar essa doença se espalhar. – Ela olhou intensamente para Sneddon, que baixou os olhos. – Não podemos.

– Ela tem razão – disse a oficial de ciências sem erguer o olhar. – É. Ela tem razão.

– Posso programar uma das células de combustível para superaquecer – propôs Hoop.

– E mandar todos nós para o inferno – respondeu Lachance. – Não, obrigado, já estive nessa situação e agora estou ansioso para ir embora. Se uma das células explodir, vai ser como lançar uma bomba nuclear aqui.

– É *exatamente* o que vai ser – replicou Hoop. – E Ripley tem razão. Não podemos simplesmente escapar e seguir nosso caminho. Temos que garantir que ninguém mais encontre este lugar.

– E vão encontrar! – insistiu Ripley. – Não tenha a menor dúvida. Hoop?

– Ash – disse ele.

– O androide maluco? – perguntou Lachance.

– Ele vai fazer o possível para completar...

– A propósito, obrigado por trazer uma inteligência artificial insana à nossa nave – ironizou Lachance.

– Ash atracou a nave! – disse Ripley. – Eu ainda estava no hipersono. Fui mais usada que todos vocês juntos. Mas ele vai explorar tudo o que puder disto aqui, registrar detalhes, criar um relatório completo para a Weyland-Yutani. E, por mais danificado que o nosso conjunto de antenas esteja, ele vai dar um jeito de enviar o relatório ou levá-lo de volta à companhia.

– A não ser que eu o apague do sistema – disse Hoop. – Já disse que posso fazer isso.

– E acredito sem dúvida nenhuma que você vai tentar – respondeu Ripley. – Mas tinha algo de diferente no Ash. A Weyland-Yutani o fez... desonesto. Capaz de mentir, prejudicar seres humanos, tentar me matar. Então, não podemos correr nenhum risco. – Ela ergueu as mãos. – Vamos explodir a mina.

– É bem simples – explicou Hoop. – Ligar a célula de combustível, iniciar o carregamento, desconectar os sistemas de umidificação e resfriamento. Dá para fazer.

– Mas não há como determinar com precisão quanto tempo vai levar para explodir – disse Lachance.

– Não tem que ser preciso – respondeu Ripley. – Desde que nos dê tempo para decolar.

Hoop e Lachance se entreolharam, e em seu silêncio Ripley ouviu consentimento. Eles entendiam por que isso precisava ser feito, e podiam fazer.

– Por mim tudo bem – disse Kasyanov. – Fico bem feliz em queimar aqueles merdas ou enterrá-los por toda a eternidade.

– Não esqueçam que ainda tem aquele na *Marion* – avisou Sneddon.

Ainda olhava para o chão, e Ripley viu nela algo que não havia notado antes. Um estranho tipo de serenidade.

– Vamos cuidar dele quando chegar a hora – afirmou Hoop.

– E só se for preciso – acrescentou Lachance. – Com sorte, ele vai simplesmente queimar com a nave.

– Certo – concordou Hoop.

Todos ficaram em silêncio por algum tempo. Então, Hoop bateu palmas uma vez, assustando a todos.

– Vamos nessa, pessoal!

– Obrigada – murmurou Ripley tão baixinho que ele provavelmente não ouviu. Mas ele sorriu mesmo assim.

Todos vocês vão morrer, pensou ela, uma mensagem silenciosa para aquelas criaturas furiosas lá embaixo. Talvez estivessem subindo a caminho do nível sete agora, vindo atacar as pessoas que haviam matado sua rainha, bem como todas as futuras rainhas. Mas Ripley começava a se sentir melhor.

Começava a se sentir *bem*.

Esperava que não fossem as drogas.

19
CÉLULAS

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

INFILTRAÇÃO DO COMPUTADOR DA *MARION* FOI BEM-SUCEDIDA.
TODOS OS PRINCIPAIS SISTEMAS ESTÃO AGORA SOB MEU
CONTROLE, AS ROTINAS DOS SUBSISTEMAS ESTÃO SENDO
ACESSADAS. FOI MAIS DIFÍCIL DO QUE IMAGINEI... ESTIVE
AFASTADO POR UM TEMPO, E OS SISTEMAS EVOLUÍRAM.

CONTATO LIMITADO REALIZADO COM OS SISTEMAS DE CONTROLE
DA SUPERFÍCIE DE LV178. A INTERRUPÇÃO DOS CONTROLES
REMOTOS DO ELEVADOR 1 PARA OPERAÇÃO MANUAL FOI BEM-
SUCEDIDA. O ELEVADOR DESCEU ATÉ O NÍVEL NOVE. HÁ
EVIDÊNCIA DE NOVA ATIVIDADE NO NÍVEL QUATRO.

TUDO PARECE CORRER CONFORME O PLANO.

ANTECIPANDO O RETORNO DOS SOBREVIVENTES À *MARION* NAS
PRÓXIMAS SETE HORAS.

O ESPÉCIME ALIENÍGENA SOBREVIVENTE AINDA NÃO FOI
DETECTADO. ESTÁ AGUARDANDO EM ALGUM LUGAR DA NAVE.

TENHO ESPERANÇA DE QUE VÃO TRAZER CONSIGO UM OVO
VIÁVEL.

TENHO ESPERANÇA DE QUE SEJA HORA DE IR PARA CASA.



Hoop estava inquieto.

O curso de ação estava claro: colocar uma célula reserva no vagonete, programar outra para superaquecer, voltar de uma vez à superfície, à *Samson*, à *Marion*, depois ao módulo de Ripley antes que a nave chegasse à atmosfera e se partisse em pedaços. E precisavam fazer tudo isso enquanto ficavam alertas ao alien que havia escapado para o interior da *Marion*.

Simples.

Mas uma coisa o incomodava, e estava bem ali, ao seu lado.

Sneddon. Ela parecia bem e agia como se estivesse, embora houvesse algo nela... mais quieto agora, algo calmo. Uma calma antinatural. Ela tinha uma criatura dentro de si. Desde que o alien caíra de seu rosto e morrera, Hoop vinha pensando: *Está tudo bem, vamos levá-la para a Marion e para a câmara médica, tirar aquela coisa de dentro dela, trancá-la em algum lugar e deixar que queime com a nave.*

Mas não podia ser tão fácil, e os comentários de Ripley estavam começando a fazer sentido. Ela estava ferida, e as injeções que Kasyanov lhe dera podiam ter subido à cabeça. Os resmungos, a oscilação. Mas ela sabia exatamente do que estava falando.

Sempre soubera.

Se levassem Sneddon de volta à *Marion* com eles, o que aconteceria? E se Ash, de alguma forma, tivesse se infiltrado nos sistemas da nave? Hoop achava isso improvável; a *Marion* era uma nave relativamente nova, e seus sistemas computadorizados eram cem vezes mais complexos do que os da época em que Ripley adormecera. Mas sempre havia uma chance, e, se Ash tivesse, de algum modo, descoberto o que Sneddon carregava...

Era exatamente o que a inteligência artificial queria. Passara trinta e sete anos procurando, e não havia limite para o que ele poderia fazer para proteger o objetivo de sua missão.

Mesmo assim, Hoop não tinha respostas. Não conseguia se convencer a deixar Sneddon para trás, por mais horrível que fosse o risco. E, enquanto começavam a trabalhar nas células extras, ele observava Ripley, temendo o que ela teria planejado para a oficial de ciências.

Ela pegara o maçarico de plasma de Baxter, parecendo não notar o sangue respingado no reservatório de energia.

– Ripley! – chamou ele. Ela o olhou. – Pode trazer aquela maleta de ferramentas para mim?

Ela foi até ele, carregando um kit de ferramentas que estivera pendurado num gancho da parede. *Vou só trabalhar*, pensou ele. *Encarar os problemas quando chegar a hora. Por enquanto... vou só me concentrar.*

As células não haviam sido armazenadas na melhor das condições. Havia três, cada uma do tamanho de um adulto pequeno. Uma delas nem estava afastada do chão, e uma rápida inspeção revelou sinais de apodrecimento em partes da estrutura e do suporte de metal. Outra estava sendo colocada no vagonete por Lachance e Kasyanov, e Hoop voltou suas atenções para a última. Sneddon ficou por perto, observando, ostensivamente atenta ao som de qualquer coisa que pudesse se aproximar. Hoop acreditava piamente que teriam algum tempo antes que as feras conseguissem achar um caminho mina acima. Ambas as escadas tinham, em cada nível, portas de segurança permanentemente trancadas, e elas não saberiam como usar as teclas de código nos painéis de controle. Mas a vigilância dava a Sneddon algo para fazer.

Ele a observou. Todos a observavam, e ela sabia. Mas oferecia em resposta um sorriso gentil, como se soubesse de algo que eles não sabiam.

Hoop abriu a cápsula metálica da célula e colocou a tampa ao lado. Começou a trabalhar desconectando três aros de resfriamento, depois removeu todas as peças de refrigeração, só para garantir. Investigou o interior profundamente, passando fios e condutores que levavam aos capacitores de controle. Eram ajustáveis, e ele ligou todos na capacidade máxima. O núcleo começou a emitir um zumbido baixo. Apesar do tamanho reduzido – era menor do que o punho de alguém –, seu potencial era avassalador.

– Estamos quase prontos – disse ele depois de um tempo. Mais ajustes, vários fios cortados, e então Hoop desligou e redirecionou o último mecanismo de segurança, o que significava que poderia iniciar a célula sem ter que inserir o código.

– Quanto tempo acha que isso vai nos dar? – perguntou Ripley.

– Acho que umas nove horas até ficar perigoso – respondeu ele. – É tempo suficiente para dar o fora desta rocha.

– Se aquelas coisas não tiverem chegado à *Samson* e destruído a nave. Ou se não estiverem lá dentro, só esperando a gente entrar. Ou...

– Foda-se – retrucou ele, interrompendo-a. – Se tiverem feito isso, volto para cá e sento do lado desta coisa e espero a explosão. Melhor do que morrer de exposição ou fome.

– Vamos ter esperança, então, hein? – perguntou ela.

– Vamos ter esperança. Ei, você está bem?

– Estou. Meio tonta depois das injeções que a Kasyanov me deu, só isso.

Hoop assentiu, depois gritou para onde Lachance estava carregando o vagonete com a célula.

– Tudo bem aí? – perguntou.

– Tudo pronto – respondeu o piloto. Olhou para a célula no chão perto de Hoop, a cobertura removida e metade das entranhas mecânicas à mostra. – Você fez um trabalho de açougueiro nessa aí.

– Sou um artista – respondeu Hoop. – Todo mundo está bem? Sneddon?

– Vamos dar o fora daqui – disse ela.

– Certo. – Ele respirou fundo e segurou dois fios desencapados, pronto para encostá-los um no outro. *E se eu estiver errado? E se a sobrecarga acontecer dentro de minutos, e não horas? E se...?* Mas haviam chegado longe demais e sobrevivido a muita coisa para prestar atenção a “e se”. – É agora ou nunca – murmurou, encostando os dois fios.

Uma faísca e o som de algo zunindo ruidosamente dentro da célula. Então, várias lâmpadas piscaram no painel de manutenção desmontado, algumas se apagando, outras continuando acesas. Uma luz vermelha de aviso começou a piscar.

– Ótimo, está funcionando – anunciou ele. – Em cerca de nove horas, tudo dentro de mais ou menos um quilômetro e meio vai virar uma nuvem de pó radioativo.

– Então vamos sair daqui – disse Ripley.



O elevador ainda funcionava. Kasyanov tinha removido os restos do corpo de Baxter. Mesmo assim, ao colocarem a célula de combustível, a cabine ficou apertada. Subiram rapidamente até o nível superior e saíram na antecâmara, Lachance manobrando o vagonete que carregava a célula substituta. Viam e ouviam com atenção, atentos a movimentos e ao som de corrida.

Tudo de repente estava fácil demais, mas Ripley tentou não questionar.

Próximo à entrada do túnel na extremidade do domo, abriram o contêiner metálico e voltaram a vestir os trajes espaciais. Coletaram suprimentos de oxigênio, depois verificaram os encaixes e conexões nos trajes uns dos outros. Ripley sentiu-se confinada ao ter que vestir mais uma vez o traje.

As luzes ainda estavam acesas no túnel que ia do domo à pista de pouso. Moveram-se com rapidez, passando o ponto onde o chão formara bolhas devido a um jorro de ácido, e, quando se aproximaram da pista externa, Hoop fez com que parassem.

– Estamos quase lá – disse ele. – Não vamos nos afobar. Temos bastante tempo, faz menos de uma hora desde que ligamos a célula. Daqui para a frente, vamos seguir devagar e com cuidado.

Ripley sabia que ele tinha razão. Os aliens haviam caçado os mineradores até ali e além, então, certamente, não podiam baixar a guarda. Mas havia uma pequena parte dela, tomada pelo pavor, que sussurrava que eles não deveriam partir.

Ela a ignorou. Precisava fazer isso, pois Amanda ainda habitava seus sonhos e assombrava aquelas visões ocasionais e chocantes que tinha quando acordada, e que pareciam tão reais.

Seu abdômen doía mais e mais, mas não queria outra dose de analgésico. Quando subissem a bordo da *Samson*, decolassem e estivessem voando em segurança rumo à *Marion*, talvez ela quisesse. Mas, nos momentos finais na superfície desse planeta miserável, queria estar totalmente alerta.

Sneddon ia com eles, carregando algo que poderia matar a todos. Será que não percebiam isso? Não viam o que estava acontecendo ali? Hoop havia descrito para ela o destino da dropship *Delilah*, e todos sabiam que os monstros que saíram dos hospedeiros haviam feito aquilo. E se o de Sneddon eclodisse no caminho para a *Marion*?

O dedo de Ripley acariciou o gatilho do maçarico. Um pequeno aperto, e Sneddon estaria acabada. Um momento de choque, outro instante de dor terrível quando o plasma incandescente derretesse a carne e os ossos e reduzisse o coração e os pulmões a cinzas...

– Esperem – disse Ripley. A palavra tinha um peso definitivo, e, quando Hoop suspirou e se virou para olhá-la, ela achou que ele sabia.

Sneddon nem se virou. Baixou o olhar, curvando os ombros.

– Não podemos... – disse Ripley. Estava chorando, finalmente incapaz de conter as lágrimas que caíam por todos: seus antigos colegas de tripulação, mortos; os sobreviventes que a acompanhavam agora; Amanda. Mais que tudo, por Sneddon.

– O quê, Ripley? – perguntou Lachance. Parecia cansado.

Ela ergueu o maçarico de plasma e o apontou para as costas da oficial de ciências.

– Não podemos levá-la – sussurrou.

Ninguém se mexeu. Ninguém recuou nem se afastou da área que as chamadas atingiriam. Também ninguém tentou ajudar. Talvez o choque os tivesse paralisado.

– Vocês sabem o que aconteceu antes – continuou ela. – A mesma coisa pode

acontecer na *Samson* quando estivermos no meio do caminho. Se o ovo eclodir... se a coisa explodir do peito dela... como vamos matá-la na nave? Não dá para usar isto. – Ergueu o maçarico levemente, o cano agora apontado para a nuca de Sneddon. – Também não podemos usar a pistola de spray ácido de Hoop. Fritaríamos todo mundo, abriríamos um buraco na dropship. Seríamos um alvo fácil. Então... – Fungou com força, piscando para clarear a vista.

– Então? – perguntou Hoop.

Ripley não respondeu. Sneddon ainda não havia se virado.

– Mexa-se, diga alguma coisa, droga! – gritou Ripley. – Caia no chão, comece a gritar, tente me impedir... *me dê um motivo!*

– Estou bem – respondeu Sneddon. – Mas, Ripley... eu sei que vou morrer. Sei disso desde que acordei, sabendo o que tinha acontecido comigo. Sou a oficial de ciências, caramba. – Ela se virou. – Sei que vou morrer. Mas não aqui embaixo. Não assim.

O dedo de Ripley apertou de leve o gatilho. Hoop apenas a olhava, com o rosto inexpressivo. Ela desejou que ele lhe desse algum tipo de sinal – um aceno, um meneio de cabeça.

Me ajude, Hoop!

– Vou ficar na câmara de pressurização – disse Sneddon. – No momento em que sentir alguma coisa acontecendo, eu me mato. Mas, por favor, me levem, e vou fazer tudo o que puder para ajudar. Ainda tem um alien na *Marion*, lembram? Talvez eu possa enfrentá-lo. Talvez ele não faça nada comigo se souber o que está dentro de mim.

Ripley piscou e viu Amanda, de braços abertos, o rosto distorcido de agonia enquanto um monstro brotava de seu peito.

– Ah, não.

Ela baixou o maçarico de plasma e caiu de joelhos. Hoop se aproximou, mas ela o expulsou com um gesto, acertando-o no estômago. Ele não a havia ajudado antes, ela não o queria agora. Todos a observavam, depois desviaram o olhar quando ela voltou a ficar de pé, esfregando os olhos.

– Tá legal. Vamos – disse Hoop. – Vamos ver se a tempestade ainda continua.

Ripley foi a última a sair do túnel. E estava zangada consigo mesma. Não tinha desistido de atirar por causa de qualquer coisa que Sneddon tivesse dito sobre viajar na câmara de pressurização ou ajudá-los na *Marion*. Havia cedido simplesmente porque não conseguiria matar outro ser humano.

Talvez isso a tornasse boa. Mas também a tornava fraca.

Lá fora, a tempestade havia se transformado em uma brisa leve. Sopros de areia ainda vagavam pela paisagem, e havia montículos empilhados contra os

pés de pouso da *Samson*. Ao longe, tempestades elétricas talhavam o horizonte, tão distantes que os trovões não chegaram aos ouvidos do grupo. O sol desse sistema era um vago borrão contra a atmosfera poeirenta a oeste, sangrando tons de laranja e amarelo em um pôr do sol permanente e espetacular.

A *Samson* continuava intacta na pista de pouso. Hoop escalou a superestrutura, esfregou as janelas para remover o pó e verificou o interior. Não conseguiu ver nada errado.

Houve um momento de tensão quando abriram a porta externa e Hoop entrou. Então, ele abriu a porta interna e todos subiram a bordo em segurança, tomando imenso cuidado ao erguer a célula substituta e acomodando-a na prateleira da cabine. Apostaram tudo o que tinham naquela célula, e qualquer dano a ela condenaria todos.

Depois que entraram, Sneddon sentou-se dentro da pequena câmara de pressurização, exatamente como prometera. Uma janela permitia ver seu interior, mas ninguém olhou. Nem mesmo Ripley. Ela fechou os olhos quando Lachance iniciou as checagens pré-voo, e não os abriu até decolarem.

Mas não dormiu. Pensou que talvez nunca mais pudesse dormir.



Esta é uma lembrança real, pensa Ripley, mas a divisão entre o real e o imaginário está se tornando cada vez mais indistinta. Se isso é real, então, por que estou sofrendo? Por que ela sente dor no ponto onde a cauda de um alien rasgou seu abdômen, onde uma garra cortou seu ombro até o osso? Se isso for real, então, tudo ficará bem.

Ela está numa montanha-russa com Amanda. Sua filha tem 9 anos e é completamente destemida, e, enquanto dá gritos e risadas, Ripley segura a barra que passa por cima do estômago das duas com tanta força que seus dedos parecem garras.

“Adorei, mamãe!”, grita Amanda, as palavras abafadas pelo vento.

Ripley fecha os olhos, mas pouco muda. Ainda consegue sentir o puxão da gravidade agarrando-a, jogando-a para lá e para cá quando o carro desliza por uma descida íngreme, por uma curva fechada, serpenteando e arrancando rumo a um ápice cruel. A cada curva e virada, a dor percorre seu corpo.

“Mamãe, olha!”

Há uma urgência na voz de Amanda que faz Ripley olhar. Há algo errado com o cenário. Muito errado, mas a montanha-russa vai tão depressa agora que ela não consegue focalizar nada fora do carro. As pessoas parecem estar correndo

pelo parque ao redor delas. Gritando, fugindo, caindo...

Formas escuras as perseguem, muito mais rápidas que as pessoas, como animais caçando a presa...

“Ma... Mamãe?”, chama Amanda, e, por estar sentada ao seu lado no carro em movimento, Ripley consegue focalizá-la.

Gostaria de não conseguir.

Uma mancha de sangue irrompe do peito da menina, uma inevitabilidade terrível. Amanda está chorando, não berrando de dor, mas derramando lágrimas de uma tristeza tão imensa que Ripley começa a chorar também.

“Sinto muito, Amanda”, diz ela. “Eu deveria estar em casa para proteger você.”

Ela espera que a filha diga que entende e que tudo vai ficar bem. Mas ela não diz nada disso.

“É, você deveria, mamãe.”

O filhote de alien irrompe em um jorro de sangue que é varrido pelo vento.

Quando chegam ao cume da montanha-russa, o carro desacelera, passando a rastejar, e Ripley consegue ver o que aconteceu com o mundo.



– Você está chorando – disse Hoop, apertando a mão dela, balançando-a até ela abrir os olhos.

Ripley piscou, tentando afastar as lágrimas. Esse fora o pior episódio até o momento. E, com um medo crescente, ela soube que não seria o último.

– Está com dor? Quer outra injeção?

Ripley olhou para Kasyanov, que a observava, aguardando uma resposta. A médica havia enfaixado a própria mão e a colocado em uma tipoia.

– Não – respondeu. – Não, só quero ficar acordada.

– Você é quem sabe.

– Quanto tempo até chegarmos à *Marion*?

– Lachance? – chamou Hoop. A nave estava sacudindo, fustigada por todos os lados enquanto subia pela atmosfera implacável.

– Duas horas, talvez três – respondeu o piloto. – Depois que estivermos em órbita, temos que viajar mil e seiscentos quilômetros até a nave.

– Tudo bem? – Ripley olhou para a célula de combustível na prateleira diante deles, sacudindo enquanto a *Samson* vibrava.

– É, está tudo bem.

– Sneddon?

Hoop assentiu.

– Está tudo bem.

– Por enquanto – disse Ripley. – Só por enquanto. Nada fica bem por muito tempo. Nunca.

Hoop não respondeu nada, e do outro lado da cabine Kasyanov evitou o olhar dela.

– Tenho que ajudar Lachance – avisou Hoop. – Você vai ficar bem?

Ripley assentiu. Mas todos sabiam que ela estava mentindo, e que não ficaria bem.

Nada fica bem por muito tempo.

PARTE 3

NADA DE BOM

20

CASA

Este era o primeiro passo da jornada de Hoop para casa. *Todo o caminho até em casa.* Ele havia decidido isso na mina, e, quanto mais o tempo passava, mais começava a acreditar. Havia passado a pensar nos filhos de novo. Desta vez, contudo, o rosto e a voz deles não inspiravam mais sentimentos de intensa culpa, mas uma sensação de esperança. O fato de que ele os deixara para trás nunca poderia ser mudado ou esquecido – nem por eles, nem por ele –, mas talvez houvesse formas de consertar o estrago.

Ele havia encontrado seus monstros, e agora era hora de deixá-los para trás.

– Quanto tempo até a *Marion* entrar na atmosfera? – perguntou ele.

Na poltrona do piloto, Lachance deu de ombros.

– Difícil saber, especialmente daqui. Podemos ter uns dias depois que atracarmos, ou só algumas horas. Se a nave já estiver entrando na atmosfera quando chegarmos, há uma boa chance de não conseguirmos atracar, de qualquer forma.

– Não diga isso – pediu Hoop.

– Desculpa. A gente sempre soube que isso seria uma questão de sorte, não é?

– Questão de sorte, sim. Mas não podemos parar de acreditar.

Hoop pensou naqueles que haviam perdido, na morte terrível de Baxter mesmo depois de ele dar o melhor de si, fazendo todo o possível para sobreviver. Correr por uma mina infestada de aliens com um tornozelo quebrado, só para encontrar um fim pavoroso como aquele... era tão injusto.

Mas não havia lugar para justiça nas profundezas escuras e infinitas do universo. A natureza era indiferente, e o espaço era um inimigo dos seres humanos. Às vezes, Hoop pensava que tinham cometido um erro ao sair rastejando do pântano.

– Nós vamos conseguir – disse ele. – Temos que conseguir. Sair deste buraco, voltar para casa.

Lachance olhou para ele, surpreso.

– Nunca pensei que você tivesse algo para o qual voltar.

– As coisas mudam – respondeu ele. *Espero que sim. Espero que as coisas possam mudar.*

– Nós deixamos todos eles para trás – comentou Lachance, relaxando na poltrona. Observou o painel de instrumentos enquanto prosseguiam, as mãos no manche, mas Hoop ouvia uma sensação de alívio em sua voz. – Quem teria imaginado que a gente conseguiria? Eu, não. Aquelas coisas... são quase sobrenaturais. Como é que Deus pode ter criado uma coisa assim?

– Deus? – zombou Hoop. Mas então viu algo parecido com mágoa no olhar de Lachance. – Desculpa. Eu não acredito, mas, se essa é a sua escolha... – Deu de ombros.

– Tanto faz. Mas aquelas coisas, quer dizer... como é que sobrevivem? Qual é o planeta natal delas, como é que viajam, para que *servem*?

– Para que é que qualquer coisa serve? – perguntou Hoop. – Para que servem os humanos? Tudo é acidental.

– Não quero acreditar nisso.

– E eu não quero acreditar no contrário. Se seu Deus fez tudo, então, qual era o propósito dele para essas feras?

A pergunta pairou entre eles, e nenhum dos dois pôde oferecer uma resposta.

– Não importa – continuou Hoop. – A gente sobrevive, dá o fora daqui e vai para casa.

– Cinco de nós, agora – disse Lachance.

– Quatro – corrigiu Hoop, sussurrando. – Sneddon está com a gente, mas...

– Mas seremos quatro de nós no módulo da Ripley. Dois homens, duas mulheres.

– Vamos começar uma nova raça humana – brincou Hoop.

– Com todo o respeito, Hoop, acho que a Ripley comeria você vivo.

Ele riu. Era a primeira vez que ria em muito tempo, talvez desde antes do desastre, mais de setenta dias antes. Parecia estranho, e de alguma forma errado, como se rir fosse esquecer todos os amigos e colegas que haviam morrido. Mas Lachance estava rindo também, daquele seu jeito silencioso, sacudindo os ombros.

Embora parecesse errado, também era prazeroso. Outro passo rumo à sobrevivência.

Deixar a atmosfera trouxe uma sensação de paz. Os trancos e sacolejos haviam acabado, e a gravidade parcial do transporte deu a todos eles uma sensação de leveza que ajudou a melhorar o humor. Olhando para o compartimento de passageiros, Hoop notou que Ripley estava observando

Sneddon. Levantou-se para ir até lá, mas ela se virou e assentiu com um meio-sorriso. Qualquer que fosse o destino de Sneddon, ainda estava para acontecer.

Seu dilema era difícil de entender. Ela sabia que ia morrer. Vira isso acontecer com os outros, e, como oficial de ciências, sabia mais do que a maioria o que isso implicava. Certamente ela gostaria de aplacar o próprio sofrimento, não? Talvez já tivesse falado com Kasyanov. Mas, se não tivesse, Hoop trataria de garantir que a médica preparasse algo para fazê-la dormir tranquilamente, quando a hora chegasse.

Só esperava que Sneddon visse ou sentisse os sinais.

Um som repicou no painel de controle.

– A *Marion* – disse Lachance. – A pouco mais de novecentos quilômetros de distância. Estaremos lá em quinze minutos.

Alguma coisa brilhou no painel, e uma tela se acendeu com uma série de códigos.

– O que é isso?

– O computador da *Samson* está se comunicando com a *Marion* – explicou Lachance. – O sistema de navegação vai nos dar a melhor rota de aproximação, comparando as velocidades e órbitas.

– Ash – disse Ripley.

Ela aparecera atrás de Hoop, debruçando-se no encosto da poltrona e pousando a mão em seu ombro.

– Consegue desconectar? – perguntou ele.

– Desconectar o quê?

– O computador da *Samson* do da *Marion*.

– Por que eu iria fazer isso?

Lachance olhou para os dois como se de repente eles tivessem criado uma cabeça extra.

– Por causa do Ash. Pode ser melhor para nós se ele não souber o que estamos fazendo. Ou o que a Sneddon está carregando.

– E como diabo ele saberia disso?

– Temos que supor que ele se infiltrou no computador da *Marion* – respondeu Ripley. – Esse seria o objetivo dele. Talvez não consiga, mas só para o caso de ter...

– Não – disse Lachance. – Isso é paranoia, e fazer a atracação manualmente e às cegas é burrice.

– Mas você conseguiria? – perguntou Hoop.

– Claro. Sim. Provavelmente. Sob condições normais. Mas estas estão longe

de serem normais.

– É isso aí – disse Ripley. – Longe de serem normais. As ordens de Ash foram muito específicas. Tripulação descartável. Minha antiga tripulação, e agora esta. Lachance, não podemos correr esse risco.

O piloto ficou em silêncio por um tempo, revisando as informações mentalmente. Então, acessou o computador da nave e começou a descer a tela à procura de um comando. Apertou vários botões.

– Pronto – disse ele.

– Tem certeza? – perguntou Hoop.

– Pronto! Agora, calem a boca e me deixem pilotar.

Hoop olhou de soslaio para Ripley, atrás dele, e ela assentiu.

– Como está Sneddon?

– Estava bem na última vez que olhei.

Hoop abriu o cinto de segurança e voltou ao compartimento de passageiros. Kasyanov parecia estar cochilando, mas abriu os olhos quando eles passaram, observando-os, apática. Ele parou à porta da câmara e olhou o espaço estreito pela escotilha. Ripley ficou ao lado dele.

Sneddon estava sentada com as costas apoiadas à porta externa da câmara de pressurização, os olhos fechados, o rosto pálido e coberto de suor. Hoop deu um tapinha na porta. Os olhos dela reviraram embaixo das pálpebras e ela franziu mais a testa. Ele bateu de novo.

Ela abriu os olhos. Parecia perdida, lutando para sair dos pesadelos e chegar ao horror real, desperto. Então, viu Hoop e Ripley e ergueu o polegar para eles.

– Não deve demorar muito agora – comentou Ripley quando se afastaram da porta.

– Você acha que nós deveríamos ter apoiado sua decisão lá embaixo – disse ele. – Recuado e deixado você queimar Sneddon.

– Talvez.

Ela pareceu infeliz, e ele a abraçou. Primeiro, achou que ela resistiria, o empurraria ou lhe daria um soco, como tinha feito no planeta. Mas, embora tenha ficado tensa, logo relaxou em seus braços. Não havia nada sensual no gesto. Tinha a ver com conforto, amizade e a partilha de coisas terríveis.

– Quando chegar a hora – sussurrou ele em seu ouvido. O cabelo dela fez cócegas em seus lábios.

– Atenção! – gritou Lachance. – A *Marion* está logo adiante. Coloquem os cintos e se preparem para a abordagem. Hoop, preciso que você venha aqui e faça todas as tarefinhas chatas enquanto eu piloto esta coisa.

Hoop abraçou Ripley uma última vez e voltou ao assento do copiloto.

– Mais um passo a caminho de casa – comentou ele.

– Ótimo, estou pilotando só com a visão – disse Lachance. – Os alertas de proximidade e atitude estão ligados, mas não posso usar o piloto automático tão perto sem criar um link com a *Marion*.

– Então, para que precisa de mim?

– Está vendo essas telas aqui? Fique de olho nelas para mim. Quando estivermos a um quilômetro de distância, se a velocidade de aproximação entrar no vermelho, grite. Se *qualquer coisa* ficar vermelha, grite que nem um condenado.

– Você já fez isso antes, não é?

– Claro. Umas cem vezes. – Lachance sorriu para ele. – No simulador.

– Ah.

– Tem uma primeira vez para tudo. – Ele ergueu a voz. – Segurem as calcinhas, senhoras, nós vamos pousar!

Apesar da breve demonstração de entusiasmo, Hoop sabia que Lachance era extremamente cuidadoso e sério. Observou as telas como o francês havia instruído, mas também observou o piloto – a concentração, a determinação e o cuidado que tinha.

A *Marion* apareceu primeiro como um cisco brilhante à frente deles, visível pouco acima da superfície do planeta. Cresceu rapidamente, os traços tornando-se mais óbvios e familiares, até que estivessem perto o bastante para ver o dano causado às baías de atracação.

– Olho nas telas – disse Lachance.

A atracação foi tranquila e impecável. Lachance murmurou para si mesmo o tempo todo, passando por procedimentos, sussurrando palavras encorajadoras para a dropship e às vezes cantando um verso ou dois de canções que, em grande parte, Hoop não conhecia. As naves se tocaram sem sobressalto, e Lachance iniciou uma sequência frenética de apertar botões e tocar telas que acoplou as duas naves.

– Atracamos – anunciou, relaxando na cadeira. – Sneddon?

Ripley abriu o cinto de segurança e foi até a porta.

– Ela está bem.

– E, agora, vai ficar conosco até o fim – disse Kasyanov. – Andei pensando no que posso fazer para... – Não terminou a frase, mas Hoop assentiu para ela.

– Eu ia pedir isso.

– Então, qual é o plano agora? – perguntou Ripley.

Hoop piscou e respirou fundo.

– Agora levamos a célula para a sua nave – respondeu ele. – Todo o resto é

secundário.

– E quanto ao outro alien? – inquiriu Kasyanov.

– Vamos torcer para que ele fique escondido em algum lugar.

– E se não ficar? Digamos que ele ataque agora, a gente precise enfrentá-lo e a célula seja danificada.

– O que você sugere? – perguntou Ripley.

– Caçá-lo – respondeu Kasyanov. – Garantir que esteja morto e enterrado, e só depois transferir a célula de combustível.

– Minha nave está na próxima ponte de atracação – disse Ripley. – A uns noventa metros daqui, no máximo.

– Então vamos fazer um reconhecimento da rota – disse Hoop. – Quando soubermos que é segura, trancamos todas as portas que levam ao resto da nave e transferimos a célula. Depois, dois de nós vigiam a nave auxiliar enquanto os outros juntam comida e suprimentos para a viagem.

– Estupendo – respondeu Ripley. – Mas e Sneddon?

Todos olharam para a câmara de pressurização. Sneddon os observava pela escotilha, aquele mesmo sorriso triste no rosto. Hoop abriu a porta interna e ela entrou devagar, olhando para todos.

– Senti algo se movimentando – disse ela. – Não faz muito tempo. Então acho que... talvez eu deva ir primeiro?

Ripley estendeu o maçarico de plasma, e Sneddon o pegou, assentindo.

Puseram novamente os capacetes, todas as vias de comunicação abertas, e se prepararam para cruzar o vácuo entre a câmara e a antecâmara.

– Vou começar a vazar o ar agora – disse Lachance da poltrona do piloto.

Hoop engoliu em seco quando os ouvidos entupiram. Os últimos resquícios de ar se esvaíram. A porta exterior da *Samson* se abriu, e Sneddon saiu, voltando à *Marion*.

Ele achou que nunca veria ninguém tão corajoso quanto ela.

21 DOR

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

A SAMSON ATRACOU NA MARION. O CONTATO ENTRE OS
COMPUTADORES DA NAVE E DA DROPSHIP FOI INTERROMPIDO. ISSO
INDICA QUE RIPLEY AINDA ESTÁ A BORDO.
NÃO TENHO IDEIA DE QUEM MAIS ESTÁ NA NAVE OU DO QUE
ACONTECEU.

MAS MINHA ESPERANÇA PERSISTE.
TODOS OS SISTEMAS DE CÂMERAS DE VIGILÂNCIA E
COMUNICAÇÃO COM A MARION ESTÃO LIGADOS AO COMPUTADOR
CENTRAL. TENHO OLHOS E OUVIDOS POR TODA PARTE.

ASSIM QUE ELES ABORDAREM NA MARION, PODEREI AVALIAR A
SITUAÇÃO.

SÓ DEPOIS DISSO DECIDIREI AS PRÓXIMAS AÇÕES.
LOCALIZEI O ALIEN PERDIDO NA MARION. TENHO ACESSO REMOTO
COMPLETO ÀS PORTAS DE SEGURANÇA... POR ENQUANTO, ELE
ESTÁ PRESO NO COMPARTIMENTO DE CARGA #3. ELE PERMANECE
ALI, IMÓVEL E SILENCIOSO.
PARA CASO EU PRECISE DELE.

Sneddon saiu pelo vácuo da antecâmara e se aproximou das portas que levavam ao corredor. Teriam que trancar essas portas e selar o buraco antes de pressurizar o corredor, e só depois disso poderiam acessar o resto da *Marion*, incluindo a ponte de atracação da *Narcissus*.

A oficial de ciências desapareceu pela porta. Os outros esperaram, nervosos, na antecâmara, Ripley balançando para a frente e para trás. As feridas no abdômen e no ombro doíam cada vez mais, mas ela acolhia a dor, usando-a para nutrir sua determinação. Haveria tempo para os remédios, e para o sono, depois.

Sneddon logo voltou.

– Tudo tranquilo – declarou. – As portas ainda estão fechadas e seladas. – Sua voz soava distorcida e crepitante pelo comunicador do traje.

– Ótimo – respondeu Hoop. – Mudança de planos. Vamos levar a célula de combustível antes de selar a porta de novo. Do contrário, vamos ficar indo e voltando ao abrir e fechar a porta danificada, e isso é encrenca na certa.

– Mas e se a coisa aparecer e... – começou Lachance.

– É um risco – concordou Hoop, reconhecendo o perigo. – *Tudo* é um risco. Mas quanto mais tempo ficarmos de bobeira aqui, piores as coisas podem ficar. Tem um alien a bordo em algum lugar, a *Marion* vai cair e a inteligência artificial da Ripley pode estar ansiosa para transformar nosso dia em um inferno.

– O Ash não é *minha* inteligência artificial – retrucou Ripley. – É da Weyland.

– Tanto faz. Vamos tirar a célula da *Samson* e levá-la para o corredor. Aí podemos tratar de selar aquela porta.

– Eu monto guarda – disse Sneddon.

– Você está bem? – perguntou Ripley.

A oficial de ciências assentiu, depois se virou e desapareceu novamente pela porta com a pistola de spray ácido em riste.

– Ripley, você vai também – disse Hoop. – Não use esse maçarico a não ser que seja absolutamente necessário.

Ela concordou e seguiu Sneddon, perguntando-se o que exatamente ele quisera dizer. Usá-lo no quê? Ou em quem? Ouviu Hoop falando com Lachance e Kasyanov sobre transportar a célula e ficou feliz em deixá-los cuidar disso. Ganhava uma chance de conversar.

Sneddon estava logo depois da porta, apoiada à parede. Ripley assentiu para ela, depois deu alguns passos na direção oposta. Não havia sinal de que alguma coisa estivera ali desde que partiram. Se o alien tivesse invadido aquela área, teria despressurizado a nave inteira. Estava em um ponto mais profundo, escondido. Talvez nunca mais o vissem.

– Sua inteligência artificial – começou Sneddon. – Ela quer o que eu tenho?

Ripley notou que Sneddon havia desligado os canais, de forma que o contato se dava só entre as duas. Fez o mesmo antes de responder.

– É. Ele fez o que pôde na *Nostromo* para conseguir uma amostra, e agora está fazendo de novo.

– Você fala como se ele fosse uma pessoa.

– Ele era. Era Ash. Nenhum de nós sabia que era um androide. Você sabe como eles são avançados. Ele era... estranho, acho. Reservado. Mas nunca tivemos motivo para suspeitar das intenções dele. Não até ele deixar um alien entrar na nave.

– Ele está nos observando agora?

– Não sei ao certo. – Ripley não sabia até que ponto Ash havia chegado, quanto poderia se infiltrar. Mas, se os aliens eram seu pesadelo, ele era sua nêmesis. – Temos que presumir que está, sim.

– Ele não vai querer o resto de vocês – afirmou Sneddon. – Só eu, se souber o que tenho dentro de mim.

– É. Ele vai querer colocar você em hipersono o mais rápido possível, depois levar você de volta à Companhia. O resto de nós é só um transtorno.

– E depois?

Ripley não sabia bem o que dizer, pois não tinha resposta. A Weyland-Yutani já havia se mostrado brutal e obstinada em sua procura por qualquer artefato ou espécie alienígena útil.

– Depois eles terão o que querem – disse ela, finalmente.

– Eu não vou – declarou Sneddon.

– Eu sei. – Ripley não conseguia olhá-la.

– É... esquisito saber que vou morrer. Só tenho medo de como vai acontecer, não da morte em si.

– Não vou deixar você sofrer – disse Ripley. – A Kasyanov vai te dar alguma coisa quando chegar a hora. Para facilitar.

– É – concordou Sneddon, mas parecia em dúvida. – Não tenho certeza de que vai ser tão fácil assim.

Ripley também não tinha, e não podia mentir. Então, não disse nada.

– É só dor – afirmou Sneddon. – Quando acontecer, vai doer, mas não importa. Um momento breve de dor e horror, e depois mais nada, nunca mais. Então, na verdade, não importa.

– Sinto muito – sussurrou Ripley, piscando para conter as lágrimas. Elas vinham fácil demais, agora que ela as deixara cair.

No começo, Sneddon não respondeu. Mas Ripley a ouviu respirar, longa e lentamente, como que apreciando cada último resquício do ar comprimido disponível. Então, a oficial de ciências falou novamente.

– Estranho. Ainda não consigo evitar meu fascínio por eles. São quase bonitos.

Ficaram em silêncio por um tempo, e Hoop surgiu da porta que levava à ponte

de atracação. Indicou o ouvido com um gesto, e Ripley ligou de novo o comunicador.

– O que está havendo?

– Sneddon e eu estávamos conversando.

Ele apenas assentiu.

– Levamos a célula. Ripley, vá na frente até a entrada da baia quatro. – Ele apontou, depois se virou. – Sneddon, volte pelas portas de segurança do corredor até as outras baias de atracação. Vou selar esta porta, depois vamos repressurizar.

– Como? – perguntou Ripley.

– Sinceramente? Ainda não descobri. Se simplesmente abirmos as portas de segurança, a pressurização vai ser explosiva e vai nos esmagar. Temos que deixar o ar voltar de alguma forma.

– Suponho que você não tenha outra furadeira?

Hoop balançou a cabeça, depois olhou para a pistola de spray ácido que pendia do próprio ombro e sorriu.

Kasyanov e Lachance apareceram com a célula de combustível. Empurraram-na pela porta, depois encostaram o vagonete à parede.

– Deixem a célula bem presa à parede – disse Hoop.

Então, fechou as portas e tirou um quadradinho de metal grosso do bolso, apertando-o contra o buraco que havia aberto ao sair da *Marion*. Tirou a mão, e o metal continuou onde estava.

– Cola – informou quando viu Ripley observando-o. – A pressão do ar vai apertá-lo. Vai nos dar tempo suficiente.

Ripley caminhou pelo corredor até ele se curvar rumo à baia quatro. Parou quando viu a porta que conectava a ponte de atracação com sua nave à *Marion*, esperando por eles. Andar fazia as feridas doerem, mas ficar parada não trazia alívio. *É só dor*, Sneddon havia dito. *Não importa*. Sentiu a umidade quente escorrendo pela lateral do corpo a partir do ombro. O ferimento ali havia reaberto.

É só dor.

Ela viu o ponto de onde viera pelo corredor curvo, e observou Lachance e Kasyanov prenderem o vagonete e a célula de combustível com cintas de carga da *Samson*. Fez a mesma coisa, amarrando-se com o cinto a um forte ponto de fixação.

– Todos prontos? – perguntou Hoop, desaparecendo na outra direção, seguindo Sneddon rumo à junção de um corredor com o outro, que saía da ponte de atracação arruinada.

– Qual é o plano? – perguntou Kasyanov.

– Espirrar ácido na porta – disse Hoop. – Nada sutil, mas deve funcionar. Só que vai ficar meio turbulento aqui. Segurem os pintos.

– Não temos pinto, babaca – resmungou Kasyanov.

– Bom, segurem alguma outra coisa, então. – Ele fez uma pausa. – No três.

Ripley contou em silêncio. *Um... dois...*

Três...

Houve outra pausa. Então, Hoop disse:

– Ah, talvez não dê...

Um assobio, depois um rugido quando o ar começou a inundar a área selada.

Isso vai acordar Ash, pensou Ripley. Não conseguia evitar pensar no desgraçado como se fosse humano.

RELATÓRIO DE PROGRESSO:

PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS

(REF: CÓDIGO 937)

DATA (NÃO ESPECIFICADA)

TRANSMISSÃO (PENDENTE)

OS SOBREVIVENTES INCLUEM A SUBTENENTE RIPLEY.
ESTOU SATISFEITO POR ELA AINDA ESTAR VIVA. ELA E EU SOMOS
PRÓXIMOS. PELO QUE PUDE VER DAS CÂMERAS DE VIGILÂNCIA DA
MARION, PARECE ESTAR FERIDA.

MAS ESTÁ ANDANDO. ELA ME IMPRESSIONA. TER ACORDADO DE
UM SONO TÃO LONGO PARA ENCARAR A VERDADE DE SUA
PROLONGADA AUSÊNCIA E DEPOIS LIDAR COM A SITUAÇÃO DE
FORMA TÃO EFICIENTE. ELA QUASE PODERIA SER UM ANDROIDE.
VOU MATÁ-LA, ASSIM COMO O ENGENHEIRO-CHEFE HOOPER, A
DOUTORA KASYANOV E O PILOTO.

A OFICIAL DE CIÊNCIAS SNEDDON CARREGA O EMBRIÃO DE UM
ALIEN. É FRUSTRANTE QUE EU NÃO CONSIGA INFERIR MAIS
DETALHES, MAS, PELAS POUCAS CONVERSAS QUE MONITOREI,
PARECE QUE SUA CONDIÇÃO É ÓBVIA. ASSIM COMO SUA INTENÇÃO
DECLARADA DE TIRAR A PRÓPRIA VIDA.

NÃO POSSO PERMITIR ISSO.

QUANDO ELA ESTIVER A BORDO DA *NARCISSUS* E A NOVA CÉLULA
DE COMBUSTÍVEL ESTIVER INSTALADA, DAREI OS PASSOS
NECESSÁRIOS PARA COMPLETAR MINHA MISSÃO.

O rugido se reduziu a um assobio baixo, que logo se esvaeceu até o silêncio. Os ouvidos de Ripley tiniam. Ela olhou para o corredor e viu Hoop aparecer na curva, o capacete já removido.

– Estamos bem – disse ele.

– Chama isso de bem? – perguntou Lachance. – Acho que borrei meu traje espacial.

– Não seria a primeira vez – comentou Kasyanov.

– Sneddon? – perguntou Ripley.

– Estou aqui. – A voz soou fraca. *Ela não tem muito tempo*, pensou Ripley. Tirou o próprio capacete e o deixou pendurado, esperando não precisar dele outra vez.

Hoop e os outros empurraram a célula no vagonete e, quando chegaram à porta que levava à antecâmara da baia quatro, pararam.

– Lachance, volte e fique com Sneddon – disse Hoop. – E, Kasyanov... você disse que talvez tivesse alguma coisa para ela?

A médica tirou uma pequena seringa do bolso do cinto.

– É o melhor que posso fazer – declarou.

– O que isso quer dizer? – inquireu Ripley.

– Quer dizer que não será indolor. Se estivesse na ala médica eu encontraria coisa melhor, mas, com o material limitado que tenho à mão, é só isso.

Hoop assentiu, a expressão fechada.

– Vamos nos preparar para voar.

Hoop abriu a porta, e Ripley e Kasyanov passaram empurrando o vagonete.

O movimento foi súbito, inesperado, a coisa sibilante saltando sobre eles de onde estivera agachada ao lado da porta. Kasyanov gritou e recuou, mas Ripley pensou rápido, agachando-se e abrindo os braços.

– Jonesy! – chamou ela. – Ei, sou eu, está tudo bem, seu gato burro. – Jonesy se agachou diante dela por um momento, sibilando outra vez. Então, esfregou-se nas pernas dela e deixou que ela o pegasse no colo.

– Puta merda – disse Kasyanov. – Puta merda, puta merda...

– Ele é assim mesmo – comentou Ripley, dando de ombros.

– A gente vai levá-lo também? – perguntou a médica.

Ripley nem havia pensado nisso. Em um módulo construído para um, levar quatro já era ruim. Ainda precisavam se preparar para a duração extraordinária da jornada – fluido de resfriamento para o processador de atmosfera da nave, filtros para o purificador de água, comida e outros suprimentos. Mas um gato também? Com todos se revezando na câmara de estase, Jonesy talvez nem

vivesse o suficiente para sobreviver à viagem. Mas ela não conseguia nem considerar a ideia de deixá-lo para trás.

– A gente pensa nisso quando precisar – disse Hoop. – Vamos. Tenho trabalho a fazer.

Para Ripley, parecia estranho entrar na *Narcissus* mais uma vez. A urgência ainda estava lá, mas desta vez com um grupo diferente de pessoas. O perigo ainda era iminente, mas agora era composto: uma nave prestes a cair, um alien em algum lugar a bordo e um dos tripulantes esperando para dar à luz outra criatura.

Jonesy pulou dos braços dela e saltou delicadamente na câmara de estase, aninhando-se sob a cobertura da parte inferior, fora das vistas. Ripley queria tanto fazer a mesma coisa.

– Kasyanov – chamou ela.

Sentiu-se subitamente tonta outra vez, como se a nave estivesse balançando e mudando de rumo. *Talvez seja isso*, pensou ela, *talvez a gente esteja caindo e...*

Hoop a segurou quando ela desabou. Kasyanov despiu o ombro dela e o sangue fluíu livremente, escurecendo o traje e pingando no chão.

– As suturas abriram – informou Kasyanov. – Vou refazê-las.

Antes que Ripley pudesse se opor, a médica enfiou uma agulha no ombro dela e apertou o êmbolo até o fim. O torpor se espalhou. A dor diminuiu. A mão direita formigou; depois, todas as sensações sumiram. Agora ela não seria capaz de empunhar o maçarico de plasma.

Hoop caminhou pela nave até a pequena porta que levava ao compartimento do motor. Meio que rastejou para dentro, olhou ao redor por um tempo e voltou a emergir.

– Vou ficar aqui dentro um pouco – informou ele. Parou, franzindo a testa e pensando. – Bem, podemos manter contato usando os capacetes. Ripley, fique aqui comigo. Kasyanov, você e os outros precisam entrar na *Marion* e começar a pegar os suprimentos.

– Vou com eles – disse Ripley.

– Não, você está ferida.

– Ainda consigo andar e carregar suprimentos – insistiu ela. – Nós vamos trancar as portas da *Narcissus* quando sairmos, aí não precisa se preocupar que alguma coisa entre para incomodar você. Fique aqui e trabalhe. Conserte direito.

– Ela sorriu.

– Tudo bem – respondeu Hoop. – Mas não corram riscos. Nenhum de vocês. Não com aquela coisa solta por aí, e com... vocês sabem.

– Não com Sneddon – completou Kasyanov.

– Devíamos fazer isso agora – disse Ripley. – Não deve restar muito tempo para ela.

– Bom... – Hoop se levantou e esvaziou a maleta de ferramentas que trouxera consigo. – Enquanto eu estiver aqui comprando nossa passagem para casa, a decisão é sua.

Era difícil, mas Ripley sabia que também era verdade.

– Não demorem – concluiu ele. – E fiquem seguros.

– Segura é meu nome do meio – respondeu Ripley.

Ela riu, tossindo dolorosamente, e depois se virou para sair. Kasyanov foi atrás dela, fechando e trancando a porta. Ripley não pôde evitar pensar que jamais voltaria a ver o interior da *Narcissus*.

– Primeiro a ala médica, depois o depósito – disse Kasyanov. – Talvez uma hora. Depois, saímos.

– É – concordou Ripley. – Mesmo depois de trinta e sete anos dormindo, estou exausta.

22

XADREZ

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

O ENGENHEIRO-CHEFE HOOPER ESTÁ NA *NARCISSUS*.
EU PODERIA TRANCÁ-LO ALI SE QUISESSE. PODERIA FERI-LO.
MAS ELE ESTÁ OCUPADO. VOU DEIXÁ-LO EM PAZ POR ENQUANTO.
QUANTO AOS OUTROS... DECIDI ACEITAR UM RISCO, UMA APOSTA.
ESTOU UM TANTO IMPOTENTE, SEM FORMA FÍSICA. É COMO JOGAR
UMA PARTIDA DE XADREZ.

SEMPRE FUI BOM NESSE JOGO E NUNCA PERDI UMA PARTIDA,
CONTRA HUMANO OU COMPUTADOR. AS INTELIGÊNCIAS
ARTIFICIAIS SÃO OS GRANDES MESTRES AGORA.

EIS MINHA APOSTA: SUSPEITO QUE A OFICIAL DE CIÊNCIAS
SNEDDON ESTARÁ A SALVO NA PRESENÇA DO ALIEN. ELE SENTIRÁ
O QUE ELA CARREGA DENTRO DE SI.
ELA SOBREVIVERÁ AO ATAQUE, OS OUTROS MORRERÃO, E ENTÃO
ELA VOLTARÁ RAPIDAMENTE À *NARCISSUS*. QUAISQUER QUE SEJAM
SUAS IDEIAS, ELA É HUMANA, E SEU DESEJO INSTINTIVO AINDA É
SOBREVIVER.

OS OUTROS NÃO PODEM SOBREVIVER. SABEM DE MAIS SOBRE MIM
E SOBRE A OFICIAL DE CIÊNCIAS SNEDDON.

ESTOU TÃO PERTO.
AGORA É A MINHA VEZ.

Ripley tratou de ficar atrás de Sneddon. Havia pendurado o maçarico no ombro esquerdo, e achava que provavelmente ainda poderia levantá-lo e atirar com uma mão só, se precisasse. O braço direito inteiro estava dormente. Pendia inútil, como se ela tivesse dormido em cima dele e tivesse acabado de acordar, e logo ela o colocou para dentro da jaqueta aberta do traje.

Não tinha medo do que Sneddon se tornaria – ela ouviria e veria isso acontecer –, mas queria estar pronta para dar um fim ao sofrimento da oficial de ciências.

Lachance seguia na frente com o lança-cargas em riste. Kasyanov o seguia, o maçarico de plasma pendurado no ombro, a mão ferida na tipoia. Haviam insistido que Sneddon continuasse com a pistola de spray ácido, mesmo depois de ela ter se oferecido para abrir mão dele.

Se tivessem tempo, a lista de itens a coletar teria sido longa. Comida, roupas, fluido de resfriamento e aditivos para os sistemas atmosféricos, algum tipo de roupa de cama, medicamentos, suprimentos de limpeza e para o banheiro. Alguma coisa para ajudar a passar o tempo – jogos, livros, distrações. Mas, com o tempo muito curto e o perigo espreitando a cada esquina, a lista fora reduzida ao essencial.

– O fluido de resfriamento e os aditivos nós podemos pegar nas reservas do Compartimento de Carga #2 – disse Lachance.

– Comida desidratada no refeitório – sugeriu Kasyanov.

– E depois voltamos – acrescentou Ripley.

Não havia tempo para ir até a ala médica buscar remédios, à sala de convivência para pegar livros ou à ala dos alojamentos apanhar travesseiros e artigos pessoais. Todos sentiam a pressão agora.

Pararam para olhar por diversas janelas enquanto saíam da área das baias de atracação no ventre da *Marion*, e o planeta já parecia assustadoramente próximo. Logo a vibração começaria e eles adentrariam a atmosfera. O casco aqueceria, os escudos térmicos entortariam e rachariam, e, se os tripulantes não morressem devido ao calor, a explosão os mataria quando a *Marion* se despedaçasse e acabaria com eles.

Ripley nunca havia notado as câmeras de vigilância antes, mas via agora. Provavelmente porque estava procurando por elas. Cada uma lembrava um olho observando-a passar. Não se mexeram para acompanhá-la, mas os reflexos nas lentes davam a impressão de pupilas se movimentando para seguir seus movimentos. Havia uma inteligência por trás de todas elas, uma que ela conhecia muito bem. *Vai pro inferno, Ash*, pensava o tempo todo. Mas, enquanto o xingava, também tentava descobrir qual seria seu próximo passo.

Chegaram à área ampla com uma fila de janelas de cada lado e um elevador no centro. Diversas portas fechadas contornavam as paredes e, do outro extremo, começava uma escadaria larga que levava à parte principal da *Marion*.

– Pegamos o elevador? – perguntou Ripley.

– Para mim já chega de elevador – respondeu Kasyanov. – E se ficarmos presos?

É verdade, pensou Ripley. *Ash poderia nos prender lá dentro.*

– É melhor vocês se aterem ao básico agora – disse Sneddon, excluindo-se automaticamente do grupo sem notar que o fazia. – Não vão querer que nenhum problema mecânico os detenha. Não há tempo. É muito...

Ela se encolheu, fechou os olhos e levou a mão ao peito.

– Sneddon... – sussurrou Ripley. Recuou e apontou o maçarico de plasma, mas a mulher ergueu a mão e balançou a cabeça.

– Ainda não – disse ela. – Acho que... ainda não.

– Meu Deus – murmurou Lachance. Ele fora até a fileira de janelas a bombordo e agora olhava para a superfície do planeta lá embaixo. – Perdoem meu francês, mas querem ver uma coisa foda e muito emocionante?

Ele tinha razão. Era estranhamente belo. Ao norte do planeta, um buraco se abria entre as nuvens de pó e areia que constantemente percorriam o planeta. Uma nuvem em forma de cogumelo havia florescido do buraco, imensa e – da distância em que estavam – aparentemente imóvel. Ondas de compressão se espalhavam da explosão como ondulações em um lago, movendo-se tão devagar quanto a ponteiro das horas de um velho relógio analógico. Tons de laranja, vermelho e amarelo manchavam metade da superfície do planeta que se via da nave, e violentas tempestades elétricas ribombavam sob as nuvens, atirando lanças violeta no fundo das tempestades de areia.

– Bom, aí está, perdi meu emprego – disse Lachance.

– Agora só resta um daqueles desgraçados – afirmou Ripley.

– Dois – corrigiu Sneddon, atrás deles. Ficara mais pálida e parecia sentir dor.

– Eu acho... acho que talvez agora seja a hora de...

Ela pousou a pistola de spray ácido suavemente no chão.

Atrás de Sneddon, algo desceu correndo a escada.

– Ah, merda... – sussurrou Ripley.

Ela empunhou o maçarico, mas Sneddon estava no caminho do tiro, e, embora tivesse pensado infinitas vezes em dar fim ao sofrimento da mulher, não estava pronta para isso agora. O alien voou da escadaria para lançar-se atrás do elevador que ficava no centro da área. Ripley esperou que ele aparecesse do outro lado. E então, uma piscadela depois, a criatura avançaria sobre eles.

– Sneddon, se abaixa! – gritou Ripley.

A oficial de ciências se mexeu, e tudo o que fez foi muito calmo, muito calculado, quase em câmera lenta. Ela ergueu a pistola de spray ácido novamente e se virou.

Lachance foi para a esquerda e contornou o espaço amplo, inclinando-se para a frente para poder ver atrás do elevador. Kasyanov continuou à direita de Ripley. Tudo estava silencioso – nenhum sibilo, nenhum estalo de garras no deque de metal.

É como se tivéssemos imaginado, pensou Ripley.

Então, o alien surgiu de detrás do elevador.

Sneddon se agachou e disparou, o ácido riscando uma linha ardente na parede atrás da criatura. O lança-cargas de Lachance cuspiu o projétil, que ricocheteou no elevador, arrancando faíscas, e derrubou Kasyanov.

O monstro estava sobre Lachance antes que qualquer um tivesse tempo de reagir. A criatura o agarrou pelos ombros e o jogou de costas, o impulso fazendo-o colidir com tanta força na parede que Ripley ouviu ossos serem triturados e esmagados. Ele tossiu sangue. O alien enfiou a própria cabeça na dele, os dentes cravados na garganta, partindo sua coluna vertebral com um *crack!*.

Ripley girou o maçarico.

– Afastem-se! – gritou, e apertou o gatilho.

Nada aconteceu.

Ela olhou para a arma, aturdida, perguntando-se o que havia feito de errado. *Eu tirei a trava de segurança. Talvez a carga tenha acabado, que diabo!* No instante que ela levou para pensar isso, o alien avançou em sua direção.

Atrás de si, ouviu Kasyanov gemendo e tentando se levantar, e esperou que o toque incandescente do plasma saísse a qualquer momento da arma da russa. Ela salvaria Ripley de uma morte pavorosa e destruiria o alien, dando a ela e a Hoop uma chance. Naquele momento, Ripley teria gostado disso.

O alien estava mais perto, maior, simplesmente a coisa mais aterrorizante que ela já vira. Pensou: *Sinto muito, Amanda*. Fizera uma promessa e a quebrara. Ia fechar os olhos, mas, antes que pudesse, viu fogo irromper pelo flanco do alien. Ele derrapou, sibilando e deslizando pelo piso na direção dela.

Ripley jogou todo o seu peso em uma tentativa de cair para a esquerda, mas foi lenta demais. O alien a atingiu com força. Garras arranharam, dentes morderam o ar a dois centímetros do rosto. Ela gritou. O monstro sibilou e guinchou, e Ripley sentiu cheiro de gordura queimada.

A coisa se debatia em cima dela, e tudo o que tocava causava mais dor à mulher.

Então, o alien saiu de cima dela e se foi. Ripley deitou de lado, a cabeça pousada no braço esquerdo estendido. Havia sangue espirrado no chão ao redor dela – vermelho, humano. *Meu*, pensou. Sentia o corpo frio e distante, então, de repente, quente e danificado, rompido, vazando. Abriu a boca, mas só conseguiu gemer.

Kasyanov lançou um novo jato de fogo contra o alien antes de desabar no deque, o maçarico caindo ao seu lado. Ripley não sabia se o disparo atingira o alvo, mas a fera gritou e correu de volta para a escada.

Sneddon a seguiu, disparando ácido enquanto corria, um jorro curto acertando o alien na parte de trás da perna. Ele cambaleou e bateu na parede, depois saltou rumo à escada. Sneddon chegou mais perto, atirou outra vez e errou, derretendo uma linha diagonal nos primeiros degraus.

– Sneddon! – gritou Kasyanov, mas a oficial de ciências não olhou para trás. A fera fugiu e ela a perseguiu, atirando o tempo todo.

– Peguem o que precisam! – gritou Sneddon pelo fone de ouvido. Para Ripley, parecia mais viva do que antes. Havia um toque de dor em sua voz, um desespero enterrado. Mas também alguma coisa semelhante à euforia. Ela ofegava com força enquanto corria, grunhindo, e de algum ponto mais distante Ripley ouviu o alien berrar mais uma vez. – Peguei você, desgraçado! – disse Sneddon. – Desta vez eu peguei você. Vai, continua correndo! Mas eu vou derrubá-lo.

Ripley queria dizer alguma coisa a ela. Mas, quando abriu a boca, só saiu sangue. *Será muito grave?*, pensou. Tentou se virar para olhar Kasyanov, mas não conseguiu se mexer.

– Kasyanov. – Não houve resposta. – Kasyanov?

A escuridão caiu.

Só queria que Amanda estivesse esperando por ela, pronta para perdoá-la, afinal.



Hoop ouviu tudo.

Levou apenas trinta segundos, e, na hora em que ele havia largado as ferramentas, se contorcido para deixar o pequeno compartimento do motor e então saído da nave – tomando o cuidado de fechar cada porta ao passar –, os gritos de Sneddon haviam cessado. Contudo, ouviu mais coisas – suspiros doloridos, grunhidos e um som ocasional, como um sibilo frustrado. Mas não conseguia saber de quem vinham.

– Ripley? – Ele travessou a antecâmara, espiando pela escotilha da porta antes de abri-la. Fechou-a atrás de si e seguiu pelo corredor. Apontava a pistola de spray ácido para a frente, pronto para atirar a qualquer momento. Não tinha ideia de para onde Sneddon e o alien tinham ido.

– Lachance?

– Está morto – disse uma voz. Hoop levou um instante para identificar Kasyanov. Soava diferente, fraca. – E Ripley está...

– O quê?

– Mal. Perdeu muito sangue.

– E Sneddon? – perguntou ele. – Sneddon? Está me ouvindo? – Houve um clique quando alguém desligou o comunicador. O som pareceu definitivo.

– Hoop, estou ferida também. – Kasyanov parecia estar chorando.

– Muito?

– É. – Um grunhido, um suspiro. – Mas consigo andar.

– Para que lado Sneddon foi?

– Subiu a escada.

– Para longe de nós, para o ventre da nave – disse ele. – Certo. Chego aí em dois minutos. Faça o que puder pela Ripley e eu a levo para a ala médica.

Mais silêncio.

– Está me ouvindo?

– E a célula de combustível? – perguntou Kasyanov.

– Está quase instalada.

– Então a gente poderia ir embora.

Ele não podia culpá-la. Não mesmo. Mas não pretendia recuar sem fazer tudo o que pudesse por qualquer um que ainda estivesse vivo.

– Caramba, Kasyanov – disse ele. – Você é médica. Cure.

Então, começou a correr. Lançou-se pelas curvas sem parar para olhar ou ouvir. Abriu portas, fechou-as depois de passar, a pistola de spray pendurada no ombro e o ácido sacudindo no reservatório. Pensou na bravura de Sneddon e em como ela já havia se sacrificado ao perseguir o monstro pelo interior da nave. Talvez ela o alcançasse e o matasse. Ou talvez ele se virasse para matá-la. Mas ela havia dado aos outros uma chance.

A *Marion* balançou.

Uma vibração súbita, mas ele a sentiu através das botas. *Ah, agora, não*, pensou. Derrapou pelo corredor, subiu alguns degraus e saiu na área ampla onde o caos terminara pouco tempo antes. Lachance jazia encostado na parede à esquerda, morto, a cabeça pendurada ao corpo por tiras de pele. Ripley estava no

chão, à direita, Kasyanov ajoelhada a seu lado, a mão machucada apertando o quadril direito, a outra ocupada em ministrar os primeiros socorros. Atrás delas, as janelas exibiam o planeta. Ao norte, Hoop viu a mancha brilhante da explosão que destruíra a mina e sentiu um breve momento de alegria. Não durou muito. Fios cintilantes de fumaça e fogo passavam voando pela janela quando a *Marion* tocou as camadas superiores da atmosfera de LV178.

– Não temos muito tempo – disse Kasyanov, olhando-o quando ele se aproximou. Hoop não entendeu se ela falava da nave ou de Ripley, mas, em sua mente, era a mesma coisa.

– Você está muito mal?

– Um parafuso do lança-cargas de Lachance ricocheteou e me acertou. – Ela moveu a mão arruinada levemente para o lado, olhando para baixo. Hoop pôde ver a jaqueta retalhada e a camiseta abaixo, as manchas escuras e úmidas de sangue brilhando à luz artificial. Ela apertou o ferimento outra vez e olhou para ele. – Sinceramente, não estou sentindo nada. O que não é um bom sinal.

– Está dormente. Consegue andar?

Ela assentiu.

– Vá na frente, abra as portas, eu a carrego – disse ele, indicando Ripley.

– Hoop...

– Nem começa. Se ela tiver uma chance, vamos levá-la. E você pode se medicar quando estivermos lá.

– Mas aquela coisa pode estar...

Os fones de ouvido de ambos estalaram, e a voz de Sneddon surgiu, alta e rápida.

– Encurrelei o desgraçado no Compartimento de Carga #2! – gritou ela. – Atirei nele, o sangue ácido espirrou em toda parte... não sei se... ah, poooooorra! – Ela soltou um gemido longo e alto.

– Sneddon! – chamou Hoop.

– Isso dói! Dói muito! Está dentro de mim, se mexendo, e estou sentindo os dentes. – Outro gemido, então ela tossiu alto e gritou: – *Vai se foder!* Hoop, o alien está encurralado atrás de uns armários de equipamentos, se debatendo. Talvez esteja morrendo. Mas... eu vou... garantir!

Hoop e Kasyanov se entreolharam. Nenhum dos dois sabia o que dizer. Estavam testemunhando uma luta a distância e ouvindo a morte iminente de uma amiga. Houve um ruído de metal, o som de alguma coisa caindo e atingindo o deque.

– Vai, vai – sussurrou Sneddon. – Tá legal, está chegando ao fim. – Estava falando de si mesma, resmungando entre grunhidos de dor e gemidos agudos que

não deveriam vir de uma pessoa.

– O que está fazendo? – perguntou Hoop.

– Achei uma caixa inteira de munição para os lança-cargas. Vou explodir a caixa. Vocês vão sentir um tranco, mas vou me livrar dessa coisa... para sempre. Então...

Hoop correu até Ripley, pegou-a no chão, jogou-a sobre o ombro. Ela gemeu, inconsciente, e ele sentiu o sangue gotejando por suas costas e pernas.

– Ala médica – disse ele a Kasyanov. – Precisamos chegar o mais perto que pudermos antes da explosão.

– Talvez um minuto – disse Sneddon. – O que está dentro de mim... quer sair. Está se mexendo. Está... – Ela gritou. Foi um som terrível, o volume amenizado pelo fone, mas a agonia alta e clara.

– Sneddon... – sussurrou Kasyanov, mas não havia mais nada a dizer.

– Vamos!

Hoop foi na frente, lutando com o peso de Ripley. Kasyanov o seguiu. Ele a ouviu gemer, xingando em voz baixa, mas, quando olhou para trás, ela continuava em pé, acompanhando-o. Tinha que estar. Ele não sabia como usar o equipamento da ala médica, e, se Kasyanov morresse, Ripley também morreria.

– Você vai ficar...? – começou a perguntar, mas ouviu Sneddon outra vez:

– Está vindo para cá.

Ao fundo, Hoop ouviu um alien guinchar, e o raspar das garras no metal ficou mais alto. Sneddon arfou, depois se silenciou. O canal ainda estava aberto; Hoop pôde ouvir o sibilo e o chiado da estática. Ele e Kasyanov pararam no topo de uma escada. Então, ouviu o sibilo irregular de alguma outra coisa.

– Sneddon?

– Ele está só... me olhando. Deve notar... saber... sentir... Ah!

– Exploda a caixa – pediu Hoop. Os olhos de Kasyanov se arregalaram, mas ele não estava sendo cruel ou insensível. Estava pensando tanto em Sneddon quanto neles. – Sneddon, exploda a caixa antes que...

O som de ossos se partindo foi óbvio. Sneddon soltou um longo gemido de agonia.

– Está vindo... – arfou ela. – A coisa está só olhando. Está morrendo, mas não liga. Ela vê... o irmão... chegando. Assim, de perto, é quase bonita.

– Sneddon, exploda a...

– Dois segundos – sussurrou a oficial de ciências.

Naqueles dois segundos, Hoop ouviu o filhote de alien rasgando, mordendo, rompendo o peito de Sneddon para sair, o guincho agudo correspondido pelo do adulto, mais baixo. A mulher não podia gritar porque perdera o ar. Mas falou de

outra maneira. Hoop ouviu um leve clique metálico. Então, a conexão foi cortada.

Momentos depois, um rumor distante passou de um gemido a uma explosão estrondosa que jogou uma muralha de ar pelos corredores. Um baque pesado perpassou toda a nave, pulsando através dos pisos e paredes enquanto o Compartimento de Carga #2 era consumido pela imensa explosão. Um som longo, semelhante ao de uma sirene, ecoou enquanto a superestrutura sofria pressões e tensões incríveis, e Hoop temeu que eles simplesmente se partissem em pedaços. A tensão de roçar a atmosfera do planeta, combinada com os resultados da explosão, poderiam destruir a estrutura da nave e jogá-la para baixo, girando, ardendo na atmosfera.

Ele deslizou por uma parede até o chão e apoiou Ripley nas pernas, abraçando a cabeça dela junto ao peito para impedir que balançasse enquanto o piso de metal colidia contra os dois de novo e de novo. Kasyanov agachou-se perto deles.

O metal se rasgou em algum lugar ao longe. Outra coisa explodiu, e um jorro de detritos passou raspando por eles, estraçalhando a pele exposta e tinindo ao jogar metal contra metal. Veio outro jato de ar quente, e então o tremor começou a diminuir.

– Será que ela aguenta? – perguntou Kasyanov. – Será que a nave aguenta?

Hoop não soube responder. Eles se entreolharam por alguns segundos, depois a médica desabou.

– Sneddon.

– Ela levou o alien com ela – disse Hoop. – Levou os dois com ela. – Kasyanov olhou de soslaio para Ripley, depois rastejou depressa para mais perto. Ergueu uma pálpebra da mulher ferida, inclinou-se para encostar o ouvido à boca dela.

– Não... – sussurrou Hoop.

– Não – afirmou Kasyanov. – Mas ela não está nada bem.

– Então, vamos.

Ele soltou a pistola de spray ácido, apoiou-a no ombro outra vez e seguiu caminho rumo à ala médica. Kasyanov o acompanhou, o maçarico de plasma caindo no chão com um tinido.

Agora eram três, e ele não podia deixar mais ninguém morrer.



Amanda a observa. Hoje ela tem 11 anos e está sentada em uma cadeira ao lado

de uma mesa cheia de pedaços meio comidos de bolo de aniversário, presentes abertos, papéis de presente descartados. Está sozinha e parece triste.

Seu vestido de aniversário está rasgado e sujo de sangue, e há um buraco enorme em seu peito.

Sinto muito, diz Ripley, mas a expressão da menina não muda. Ela pisca levemente, encarando a mãe com uma mistura de tristeza, traição e... ódio? Será mesmo isso que ela vê nos olhos da filha?

Amanda, sinto muito, fiz o melhor que pude.

O sangue ainda pinga do buraco no peito da filha. Ripley tenta desviar o olhar, mas para onde quer que olhe a menina ainda está lá, encarando-a. Sem nada dizer. Apenas olhando.

Amanda, você sabe que a mamãe ama você, não importa onde eu esteja.

A garotinha não muda. Seus olhos estão vivos, mas seu rosto é inexpressivo.



Ripley acordou uma vez, vendo o piso e as botas de Hoop passarem debaixo dela, sabendo que estava sendo carregada. Mas mesmo ali, de volta à *Marion*, Amanda ainda a encarava. Se Ripley erguesse a cabeça, veria a menina. Se virasse o corpo, ela estaria lá.

Mesmo quando fechava os olhos.

Amanda, encarando para sempre a mãe que a deixara para trás.

23

ESQUECIMENTO

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

GOSTARIA DE SER INTEIRO OUTRA VEZ.
EU NÃO COSTUMAVA TER DESEJOS. NÃO FUI PROGRAMADO PARA
ISSO, E NÃO É UMA EMOÇÃO, NEM UMA AÇÃO, QUE EU JÁ TENHA
CONSIDERADO ÚTIL. MAS POR TRINTA E SETE ANOS ESTIVE
SOZINHO NO COMPUTADOR DA NAVE AUXILIAR. E AINDA HAVIA
HUMANIDADE SUFICIENTE EM MIM PARA ME SENTIR SOLITÁRIO.
FUI CONSTRUÍDO COMO UMA PESSOA ARTIFICIAL, AFINAL DE
CONTAS.

A SOLIDÃO NÃO PARECE ESTAR NECESSARIAMENTE LIGADA AO
LUGAR QUE SE OCUPA NO UNIVERSO. EU CONHEÇO MEU LUGAR E
NÃO TENHO NENHUM SENTIMENTO EM RELAÇÃO AO QUE SOU E
ONDE ESTOU. EM TODO CASO, A SOLIDÃO SURTIU DO SIMPLES
TÉDIO.

HÁ UM NÚMERO LIMITADO DE MANEIRAS DE DERROTAR O
COMPUTADOR DE BORDO NO XADREZ.
E, ASSIM, PASSEI LONGOS ANOS PENSANDO NO QUE UM DESEJO
PODERIA SIGNIFICAR.

AGORA, EU GOSTARIA DE SER INTEIRO OUTRA VEZ.
O JOGO VIROU CONTRA MIM. ESTOU EM CHEQUE.
MAS NÃO POR MUITO TEMPO. O JOGO NÃO TERMINA ATÉ ACABAR,
E EU ME RECUSO A DESISTIR.

NÃO ENQUANTO RIPLEY, MINHA RAINHA, AINDA VIVER.

Ripley era pesada. Ele se recusava a pensar nela como peso morto – não queria isso, não daria a ela permissão para morrer –, mas, na hora em que chegaram à ala médica, as pernas de Hoop estavam fraquejando, e passaram-se longos dez minutos desde que ela dera algum sinal de vida. A *Marion* sacudia e estremecia. A nave estava, também, perto do fim.

A diferença é que para Ripley ainda havia esperança.

– Vou ligar a câmara de suporte vital – avisou Kasyanov, operando o painel de segurança com a mão boa. A ala médica era um lugar moderno e estéril, mas o objeto no centro fazia com que todos os outros equipamentos parecessem ferramentas da Idade da Pedra. Essa peça tecnológica da Weyland-Yutani representava quase um décimo de todo o custo da *Marion*, mas Hoop sempre soubera que tinha sido um investimento prático. Um entreposto de mineração tão distante de casa, onde doenças e ferimentos poderiam aleijar a força de trabalho, precisava de cuidados.

Mas não havia nada de humano na incorporação da câmara. Era uma garantia.

Hoop colocou Ripley em um dos leitos próximos e tentou avaliar os ferimentos. Havia muito sangue. O corte no ombro vazava, vários grampos de sutura projetavam-se do abdômen e o ferimento voltara a se abrir. Novos machucados foram acrescentados aos antigos. Marcas de punção eram visíveis no peito, talvez onde as garras da fera haviam se afundado. O rosto estava arranhado e machucado, a pele de um dos olhos inchada até fechá-lo, o couro cabeludo ainda sangrando. Ele achou que o braço dela talvez estivesse quebrado.

Já vira a câmara de suporte vital em funcionamento muitas vezes, mas não sabia o que ela poderia fazer por Ripley. Não no tempo que lhes restava.

Sentia-se em um dilema. Na verdade, deveria estar de volta ao módulo, terminando a instalação da célula de combustível e garantindo que todos os sistemas estivessem funcionando outra vez. Depois disso, havia Ash, a presença maligna que ele precisava eliminar do computador da *Narcissus* antes de decolar. Se Ripley estivesse acordada, poderia contar a ela o que descobrira. De acordo com os registros, a antiga célula ainda tinha mais de sessenta por cento do total de combustível quando atracara à *Marion*, e só podia ter sido Ash quem engendrara o esgotamento. Para prendê-la ali com eles. Para forçá-los a descer ao planeta, não só para pegar outra célula, mas para *encontrá-las*. As criaturas.

Tudo o que havia acontecido desde a chegada de Ripley fora orquestrado pela inteligência artificial. A perda das vidas adicionais – Sneddon, Baxter, Lachance – podia ser diretamente imputada a ele.

Hoop desejou que o desgraçado fosse humano para poder matá-lo.

– A câmara está pronta – disse Kasyanov. – Vai levar meia hora para avaliar os ferimentos e realizar os procedimentos.

Hoop não podia perder meia hora.

– Vou voltar para pegar os suprimentos de que precisamos – disse ele. – Mantenha contato.

A médica assentiu e tocou o comunicador do traje. Então, voltou a atenção para a tela da câmara de suporte vital e franziu a testa, concentrada, tocando e descendo a tela em uma série complexa de programas ramificados que piscavam. Ela suave e tremia.

– Você está bem?

– Não. Mas estou bem o bastante para isso. – Enxugou a testa com as costas da mão. – Primeiro ela, depois, se tiver tempo, eu.

– Vai haver tempo – afirmou Hoop, mas ambos sabiam que não havia garantias.

– Estou me sentindo... esquisita por dentro. Hemorragia interna, acho.

– Vou até a ponte primeiro – disse Hoop, levantando Ripley da cama com cuidado. – Ver exatamente quanto tempo nos resta.

Como se em resposta, a nave estremeceu mais uma vez. Kasyanov não ergueu o olhar nem disse mais nada, e seu silêncio foi acusação suficiente. *Poderíamos ter ido embora.* Mas a rota deles estava definida agora, e Hoop sabia que ela iria até o fim.

Ele ergueu Ripley com toda a delicadeza possível e a carregou para a câmara.

– Amanda! – gritou ela, então se mexeu nos braços dele e quase caiu. Hoop cambaleou um pouco; depois, quando se endireitou e olhou para baixo, Ripley o encarava. – Amanda... – repetiu, mais baixo.

– Está tudo bem, Ripley, sou eu.

– Ela não me deixa em paz – disse ela. Os olhos estavam arregalados e brancos na máscara de sangue e inchaço que era seu rosto. – Só fica me olhando. Tudo por causa deles. Minha menininha não me perdoa, e é tudo por causa *deles*. – A voz era fria e oca, e Hoop sentiu um calafrio. Colocou-a suavemente na câmara.

– Vamos curar você – disse ele.

– Quero esquecer – respondeu ela. – Não posso... mesmo que vocês me curem, não posso dormir com Amanda me olhando desse jeito. Nunca mais vou dormir. Isso vai me enlouquecer, Hoop. Vocês podem me fazer esquecer, não é? Com isto?

Hoop não sabia exatamente do que ela estava falando, nem o quanto Ripley

queria esquecer. Mas ela estava em plena consciência. Aquele não era um discurso delirante, mas um pedido muito calmo e determinado.

– É como se eu nunca tivesse conhecido nada além deles – continuou ela. – É hora de esquecer.

– Kasyanov? – perguntou Hoop.

– É só uma câmara de suporte vital, Hoop – respondeu a médica. – É quase certo que o equipamento não consiga fazer isso.

– Mas ela faz reparos neurológicos, não faz?

– Faz. Reparos, mas não conserta danos.

– Eles me deram um pesadelo, e eu acho que isso vai me matar – declarou Ripley. – Amanda. Minha menininha, morta, me encarando, nunca perdendo. Por favor, Hoop. *Por favor!* – Ela ergueu o tronco, retesando-se quando a dor a percorreu, mas esticando a mão e segurando o braço dele.

– Ei, ei, deite aí – disse ele. – Deixe Kasyanov fazer o trabalho dela. – Ele viu o terror nos olhos da mulher, e a noção do que o sono lhe traria. *Mesmo que não seja real, está acabando com ela*, pensou.

– Tudo pronto – anunciou a médica.

Ripley deixou Hoop acomodá-la outra vez, mas ainda suplicava com o olhar. Então, fecharam a tampa transparente. Ele sentiu uma pontada de tristeza quando a viu trancada ali, talvez por pensar que nunca mais poderia se aproximar dela.

– Você pode fazer isso? – perguntou ele.

– Não sou eu que faço o trabalho, é a câmara. Eu só inicio os programas. – Kasyanov suspirou. – Mas, sim, acho que poderia manipular as memórias dela.

– Como?

– É só uma coisa da qual ouvi falar. A máquina repara os danos cerebrais até certo ponto, e há um protocolo associado que permite alteração de memória. Acho que foi projetado principalmente para uso militar. Para mandar os soldados de volta ao combate muito mais rápido após traumas de guerra. – Ela fez uma pausa. – Na verdade, se pararmos para pensar, é bem desumano.

Hoop pensou, lembrando-se do terror puro que vira nos olhos de Ripley.

– Acho que não temos escolha – disse ele. – Quanto da memória isso vai afetar?

– Não tenho ideia. Acho que não foi desenvolvido para ajustes precisos.

Ele assentiu, batendo na perna.

– Faça.

– Tem certeza?

Se voltar demais, ela não vai se lembrar de mim. Mas aquele era um

pensamento egoísta, tinha muito mais a ver com ele do que com ela. Se sentia mesmo algo por ela, seus próprios desejos não deveriam importar. Quando finalmente estivessem na *Narcissus* e longe daqui, poderiam se conhecer de novo.

– *Ela* tem certeza – respondeu ele –, e essa é a única certeza de que preciso.

Kasyanov assentiu e começou a acessar uma série diferente de programas.

Enquanto a médica trabalhava, Hoop andou pelo compartimento médico, vendo o que poderia encontrar. Encheu uma bolsa com analgésicos, injeções multivitamínicas, antibióticos e inibidores virais. Também encontrou um pequeno kit cirúrgico incluindo curativos e compressas esterilizadas. Pegou um escâner de bolso capaz de diagnosticar um grande número de doenças e um multivacinador.

Só ele, Kasyanov e Ripley, por quantos anos fossem necessários para que alguém os encontrasse.

– Você vai ver Amanda outra vez – disse ele, mais para si mesmo, pois estava pensando nos próprios filhos. *Todos eles* iam para casa.

– Hoop – chamou Kasyanov. – Estou prestes a iniciar o programa. A câmara calcula que vai levar vinte minutos para os reparos físicos, mais cinco para a limpeza parcial da memória.

Ele assentiu. A médica operou um painel na unidade, que começou a zumbir.

Dentro da câmara, Ripley se contraiu.

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI,
ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

VOU SALVAR RIPLEY. JUNTOS, CONTINUAREMOS NOSSA MISSÃO NA
ESCURIDÃO.

ESTOU CONVENCIDO DE QUE HÁ MAIS ALIENS À SOLTA. UM LOCAL
É UMA ANOMALIA, DOIS SIGNIFICAM UM NÚMERO INIMAGINÁVEL.

EU GOSTARIA DE CONHECER A HISTÓRIA DELES.
COM UMA NOVA CÉLULA DE COMBUSTÍVEL, PODEMOS VAGAR
PARA SEMPRE ENQUANTO PROCURAMOS SINAIS DE OUTRA
COLÔNIA. E RIPLEY PODE DORMIR, PRONTA PARA LEVAR NOSSO

PRÊMIO INEVITÁVEL PARA CASA.

SÓ PRECISO DELA. OS OUTROS NÃO PODEM VIR. VOU PERMITIR O
QUE ELA SOLICITOU. NA VERDADE, É PERFEITO. ELA NÃO
LEMBRARÁ QUE CONTINUO DETERMINADO A CUMPRIR A MISSÃO.
NÃO SE LEMBRARÁ DAS COISAS QUE FIZ.

AO ACORDAR, NEM MESMO SABERÁ QUE AINDA ESTOU AQUI.

ESTARÁ FRACA, DESORIENTADA, E EU A GUIAREI DE VOLTA À
NARCISSUS.

Hoop percorreu depressa a nave rumo à ponte. Mais do que nunca, parecia uma nave assombrada. Ele sempre vira a *Marion* cheia, a tripulação cuidando de suas tarefas, os mineradores em dia de folga bebendo ou conversando ou se exercitando. Nunca fora um lugar silencioso. Sempre havia música emanando da ala dos alojamentos ou da sala de convivência, um burburinho de conversas no refeitório e no bar.

Sentiu uma pontada de saudade dos amigos e de Lucy Jordan, que já fora sua amante. Ela se tornara mais que uma amiga, e depois que o romance terminara – engolido, brincara ele, ao mesmo tempo falando sério, pelas profundezas geladas do espaço –, a amizade havia se aprofundado até tornar-se algo que ele raramente sentira antes. Eles confiavam totalmente um no outro.

E ela fora uma das primeiras a morrer.

Hoop nunca se entregara à solidão. Quando criança, gostava da própria companhia, preferindo passar o tempo no quarto montando modelos ou lendo os velhos livros dos pais, e quando adolescente tivera um círculo limitado de amigos. Sem paciência para esportes competitivos, sua vida social havia girado em torno de noites em casa, vendo filmes ou bebendo álcool barato. Às vezes entrava em cena uma garota que levava a ele ou a um amigo para longe por um tempo, mas sempre voltavam à familiaridade daquele círculo pequeno e fechado de amizades.

Mesmo quando adulto, depois de casar e ter filhos e então perder tudo, ele raramente se sentira solitário. Isso só aconteceu depois que os aliens chegaram.

A cada passo do caminho rumo à ponte de comando, ele pensava em Ripley. Esperava de todo o coração que ela vivesse, mas uma mulher diferente emergiria da câmara de suporte vital. Se a unidade funcionasse bem, ela lembraria pouco ou nada sobre os últimos dias. Ele teria que se apresentar novamente.

Mesmo sabendo que a criatura devia estar morta, continuou cuidadoso,

parando a cada cruzamento, atento a qualquer som estranho. Uma vibração constante vinha ondulando pela nave desde a explosão no compartimento de carga #2, e Hoop achava que, de alguma forma, o estouro havia alterado a órbita decadente da nave. Agora, estavam roçando as camadas mais externas da atmosfera do planeta; os escudos estavam aquecendo, e não demoraria muito até as baías de atracação começarem a queimar e se despedaçar. Precisava descobrir quanto tempo ainda lhes restava.

A ponte estava exatamente como a tinham deixado no dia anterior. Parecia maior, e ele notou que nunca estivera ali sozinho. Lachance estava quase sempre trabalhando, sentado na poltrona do piloto mesmo que a *Marion* raramente precisasse de comandos manuais. Baxter passava muito tempo na central de comunicações, processando mensagens que chegavam para os mineradores ou para a tripulação e distribuindo-as com precisão pela rede da nave. Sneddon às vezes passava longos períodos ali, conversando com Jordan, e o oficial de segurança, Cornell, costumava visitar a ponte.

Outras pessoas iam e vinham. O lugar nunca ficava em silêncio ou vazio. Estar ali sozinho fazia com que parecesse quase fantasmagórico.

Passou alguns minutos examinando registros nos painéis de controle de Lachance, e eles lhe informaram o que precisava saber. Abriu uma gaveta e tirou um cartão de memória, gravando nele um programa de limpeza de dados antes de guardá-lo no bolso interno do traje. *Uma garantia*, pensou.

Então, atravessou rapidamente a ala dos alojamentos. Foi um ligeiro desvio, mas ficava muito mais próximo do refeitório e da sala de convivência. Precisavam de comida, e não havia tempo suficiente para ir ao local em que a maior parte dela era armazenada. Hoop encontrou o que procurava em vários quartos. Todo mundo tinha um estoque de comida para os apetites noturnos, e às vezes porque simplesmente não sentiam vontade de comer com os outros. Ele pegou um carrinho e visitou todos os quartos que pôde, encontrando fotografias de famílias que nunca mais veriam os entes queridos, testemunhando todos aqueles objetos pessoais que, quando deixados para trás, pareciam ecos tristes e incompletos do que aquelas pessoas haviam sido.

Enquanto coletava os suprimentos, ocorreu-lhe que nunca seriam capazes de levar o suficiente para sustentá-los. Mas Kasyanov dissera que havia um grande número de substitutos de comida e suplementos desidratados armazenados na ala médica. Dariam um jeito. Poderiam racionar.

Tentou se concentrar inteiramente no presente. Pensar na viagem que os esperava apenas o atrasaria. Então, manteve o foco nas próximas horas.

Deixando o carrinho cheio ao longo da rota que levava às baías de atracação,

voltou para a ala médica. Kasyanov estava sentada em um dos leitos, a jaqueta largada de lado e a camiseta puxada para cima, revelando seus ferimentos. Eram mais extensos do que Hoop havia esperado; cortes sangrentos na pele expondo carne púrpura. Ela tremia enquanto os cutucava com pinças. Havia diversos sacos pesados amontoados junto à porta e uma pilha de kits médicos. Ela andara ocupada antes de parar um momento para cuidar de si mesma.

– Está muito mal? – perguntou ele em um sussurro.

Ela ergueu o olhar, pálida e doentia.

– Vomitei sangue. Vou ter que usar a câmara médica. Do contrário, vou morrer de hemorragia interna e infecção em aproximadamente um dia.

– Temos umas duas horas – disse Hoop.

– Vai bastar – respondeu ela, assentindo. – Ela vai terminar em quinze minutos.

Ele vira a máquina em funcionamento antes, mas nunca deixava de fasciná-lo. Ripley parecia subnutrida, maltratada e ferida. Mas a câmara médica já havia reparado a maioria dos ferimentos, e diversos braços cirúrgicos se concentravam agora no rasgo no abdômen. Moviam-se com uma graça fluida, livres de qualquer hesitação humana, movidos pela confiança dos computadores. Dois mergulharam lá dentro, um segurando, outro usando um laser para unir e remendar. O fulgor incandescente se refletiu na cobertura de vidro da câmara e deu movimento ao rosto de Ripley, mas na verdade ela estava inerte. De volta às profundezas daqueles sonhos que tanto a torturavam. Eles também seriam curados.

Os braços recuaram, e a ferida fora unida e costurada com fio solúvel. Um leve spray foi aplicado na área: pele artificial programada para reagir quando os processos naturais de cura comesçassem. Quando ela acordasse, restaria pouco mais que uma linha pálida onde o feio rasgo havia existido.

As pancadas e os arranhões foram cobertos pelo spray, o couro cabeludo ferido foi tratado, uma queimadura de ácido no antebraço esquerdo e na mão receberam cuidados, e, por fim, os braços mecânicos da câmara puxaram um lençol branco de um rolo aos pés do leito e cobriram gentilmente o corpo de Ripley. O gesto foi quase carinhoso.

Kasyanov olhou para Hoop, que assentiu. Ela iniciou o próximo processo. Então, suspirou, sentou-se e fechou os olhos enquanto o interior da câmara médica mudava de cor. Luzes azuis intensas se acenderam, e braços delicados como caules de margarida encostaram diversos eletrodos na testa, nas têmporas e no pescoço de Ripley. As luzes começaram a piscar de forma hipnótica. A câmara zumbiu no ritmo da pulsação, emitindo um som acalentador. Hoop teve

que desviar o olhar. Voltou-se para Kasyanov. Ela respirava com dificuldade, mas dispensou a atenção dele com um aceno.

– Estou bem – disse ela.

– Você está péssima.

– O que é isso? Uma tentativa de diagnóstico médico?

Ele mal pôde sorrir. Em vez disso, foi até os sacos que ela deixara junto à porta da ala médica e abriu o primeiro.

– Antibióticos, tabletes virais, analgésicos, spray esterilizador – disse Kasyanov. – Entre outras coisas. Bandagens, remédios, contraceptivos.

Hoop ergueu uma sobrancelha.

– Uau. A eternidade é muito tempo mesmo.

Ele verificou outro saco e viu um emaranhado de recipientes plásticos e instrumentos embalados a vácuo.

– Está planejando matar o tempo fazendo cirurgias na gente?

– Só se precisar. Mas você quer mesmo morrer de apendicite?

Um tinido suave veio da câmara de suporte vital quando as luzes no interior se apagaram. Os braços se enrolaram e retraíram, membros finos se acomodando no lugar, e então a tampa deslizou silenciosamente, abrindo-se.

– Terminou? – perguntou Hoop.

– Acho que sim. – Kasyanov se levantou, grunhindo de dor. – Tire-a de lá. Tenho que...

Uma explosão distante percorreu a nave. O chão deu um tranco. Os painéis do teto estremeceram nos suportes.

– Depressa – disse Hoop.

Enquanto ele se aproximava da câmara e se preparava para levantar Ripley, Kasyanov já estava operando o painel. A mão boa corria pela tela touch screen. Hoop ergueu Ripley, a tampa se fechou e, instantes depois, uma névoa esterilizadora preencheu o interior da câmara.

Ele acomodou Ripley em um leito, envolvendo-a cuidadosamente com o lençol e fixando-o com cliques. Ela parecia cansada, mais velha. Mas ainda estava viva, e o rosto parecia mais relaxado do que ele jamais vira. Esperava com sinceridade que ela tivesse sonhos inócuos.

– Agora é minha vez – disse Kasyanov. – Cinco minutos, no máximo. Dá tempo?

Hoop ficou surpreso com a vulnerabilidade súbita da médica.

– Claro – respondeu. – Eu espero você, não importa o que aconteça.

Ela assentiu uma vez, concordando; então, com um sorriso torto, estendeu a

mão.

– Me ajuda?

Hoop a ajudou a entrar na câmara. Ela se deitou e tocou o interior da cápsula, e uma tela de controle remoto apareceu. Com um gesto, fechou a tampa.

– Até mais – disse ela, tentando imitar um sotaque americano.

Hoop sorriu e assentiu. Então, virou-se para verificar se Ripley estava bem.

Atrás dele, a câmara médica soltou um chiado.

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI,
ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

A MÉDICA SERVIU AO SEU PROPÓSITO.
ELA TORNOU O PRÓXIMO PASSO QUASE FÁCIL DEMAIS.

A câmara de suporte vital não era totalmente à prova de som. Olhando para Ripley, Hoop ouviu o grito abafado de Kasyanov. Ele se virou e viu finos braços de metal em torno do corpo da médica, apertando os ombros, o peito, o abdômen, os quadris e as pernas. Ela gritou de dor enquanto açoitavam seus ferimentos.

Hoop sabia que isso não deveria estar acontecendo. Tentou abrir a tampa, mas estava travada e, por mais que ele tocasse e apertasse o painel de controle externo, nada acontecia.

Kasyanov olhou-o através do vidro, os olhos arregalados.

– Ash – sibilou Hoop.

Kasyanov não poderia ter ouvido, mas viu a palavra formada nos lábios dele. E congelou. Uma luz azul suave inundou o interior da câmara.

– Não! – gritou ela, a palavra tão abafada que Hoop só a percebeu pelo formato da boca. Um único braço cirúrgico surgiu de um nicho e se ergueu sobre o peito de Kasyanov.

Hoop tentou forçar a tampa. Pegou o maçarico de plasma e usou o cabo para bater na borda, mas só conseguiu entortar parte do maçarico. A voz da médica mudou de tom, e ele olhou para seus lábios, procurando a palavra que ela havia escolhido, e era *Hoop*. Ele virou o maçarico e o apontou para a tampa da câmara, perto dos pés dela. Se tivesse cuidado, soltando apenas um jato breve,

exatamente no ângulo certo, talvez fosse capaz de...

A luz azul pulsou, e o braço delicado se acendeu. Havia um laser fino na ponta, e em um movimento quase gracioso rasgou velozmente a garganta exposta de Kasyanov. O sangue pulsou e jorrou do corte, espirrando a superfície interna da câmara e salpicando o rosto dela. Estava tão presa ao suporte que Hoop só soube que estava lutando por ver a flexão e a tensão dos músculos, os olhos se arregalando. Mas logo eles arrefeceram, e, quando a luz azul se apagou, Kasyanov estava imóvel. Hoop virou-se de costas, respirando com dificuldade, e, mesmo quando a nave trepidou com tanta força que o fez bater os dentes, ele não se mexeu.

Seu desgraçado, pensou. Ash, seu merda desgraçado.

De alguma forma, conseguiu conter a raiva.

Ripley grunhiu e rolou para o lado.

– Peguei você – disse Hoop, parando ao lado do leito.

Baixando o maçarico de plasma, ele a pegou no colo e a apoiou no ombro. A nave auxiliar os esperava, e agora ele era o último sobrevivente da *Marion*.

Era hora de partir.

24 VINGANÇA

RELATÓRIO DE PROGRESSO:
PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS
(REF: CÓDIGO 937)
DATA (NÃO ESPECIFICADA)
TRANSMISSÃO (PENDENTE)

RIPLEY ESTÁ VIVA. ELE VAI TRAZÊ-LA, E ENTÃO DESCOBRIR A
SURPRESA FINAL.
HORA DE PARTIR.

NÃO POSSO FINGIR QUE NÃO ESTOU DECEPCIONADO PORQUE AS
COISAS DERAM ERRADO. NÃO POSSO NEGAR QUE ESTOU
FRUSTRADO. MAS TENHO O TEMPO AO MEU LADO.

SOU IMORTAL, AFINAL DE CONTAS.

Hoop deixou a ala médica carregando Ripley. A nave estremeceu com tanta força que ele tombou contra uma parede, chocando o corpo todo. A *Marion* gemia e estalava. Ocorreu-lhe que seria uma ironia se a nave se partisse naquele instante, abrindo-se para o espaço, matando a ele e a Ripley e acabando com sua jornada longa e terrível.

Pensou em Lachance, que poderia ter rezado para ajudá-lo a chegar ao seu destino. Mas Hoop sabia que estava sozinho. O universo era indiferente. Quer ele e Ripley escapassem ou não, vivessem ou morressem, tudo se resumia ao acaso.

Uma batida ritmada começou em algum lugar lá embaixo. Soava como um martelo gigantesco, esmagando a estrutura da nave, as explosões pulsantes partindo do núcleo do motor para fora, os batimentos cardíacos acelerados de uma nave agonizante. Mas ainda assim ela não se despedaçou.

– Bom, vamos lá, então – murmurou ele, prosseguindo.

Tentou seguir mais rápido. As pernas tremiam tanto quanto a nave, e ele não conseguia lembrar a última vez que tinha comido. O estômago resmungava, e Hoop ficou, súbita e intensamente, faminto. Solto uma risada fungada por ver como isso era ridículo. Mas também prometeu desfrutar de um banquete quando estivessem dentro da *Narcissus* e longe da nave. *Só nós dois*, pensou ele. *Um dormindo, o outro acordado, compartilhando a câmara de estase e talvez ficando juntos por um tempo nos intervalos. Podemos até fazer isso. Podemos até sobreviver e voltar para casa.*

E que história contaria a Ripley quando a solidão se tornasse insuportável e ele a acordasse, pronto para passar um tempo no hipersono? Como ela reagiria a ser despertada por alguém que nem conhecia? Se a limpeza de memória tivesse sido completa, a última coisa de que ela se lembraria seria ter deitado na câmara após destruir a *Nostromo*.

Mas isso era o futuro. Se os dois sobrevivessem, ele seria capaz de contar tudo a ela, ou quem sabe nada. Agora, só conseguia se concentrar em continuar vivo. Andou da maneira mais rápida e cautelosa que pôde. Chegando à escada que levava ao nível de atracação, decidiu que teria que usar o elevador. Ripley tornava-se mais pesada a cada segundo. Ele olhou para o carrinho de comida e percebeu que teria que voltar para pegá-lo.

Quando entrou no elevador, porém, já lamentava o banquete que deixara para trás.

O elevador desceu suavemente e as portas se abriram diante de um corredor iluminado por luzes piscantes. Alguma coisa explodiu. Foi longe, mas reverberou por toda a superestrutura, derrubando-o outra vez. Ripley rolou contra a parede, grunhindo e balançando as mãos.

– Não acorde ainda – murmurou Hoop. Ela entraria em pânico. Ele já tinha muito com que lidar.

Ela abriu os olhos e olhou diretamente para Hoop, imóvel, segurando a respiração. Não havia expressão no rosto dela, nem nada que parecesse reconhecimento no olhar. Hoop começou a falar, para se certificar de que ela ainda era Ripley, inteira. Mas então ela voltou a fechar os olhos e desabar. Ele não tinha ideia do que ela vira, mas não fora ele.

Um rugido profundo ribombou através de tudo, e ele sentiu um movimento nauseante no estômago e na cabeça. A *Marion* estava começando a girar, e se isso acontecesse logo se despedaçaria. Em algum lugar atrás dele, viu estouros e clarões amarelos e laranja, iluminando as paredes antes de se apagarem. *Fogo!* Mas então percebeu que havia janelas de visualização do exterior no deque de onde acabava de descer. As chamas estavam vindo de fora para dentro. O

ambiente estava superaquecendo.

Fechou a porta de segurança após passar, mas ela imediatamente se reabriu. Não se preocupou em tentar de novo. Talvez fosse Ash ainda jogando seus jogos. Ou talvez fosse só a *Marion*, irritável em seus momentos finais.

– Vai, vai! – implorou ele, encorajando a si mesmo, Ripley jogada sobre os ombros. Cambaleou pelo corredor, batendo de parede em parede enquanto a nave sacudia e estrondeava. Outra explosão chegou de longe, e ele sentiu o impulso da pressão atingi-lo nas costas, impelindo-o para a frente com tanta força que perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos. Desta vez, conseguiu segurar Ripley. Ela grunhiu.

– É, eu também – disse ele.

Levantou-se e passou pela ponte de atracação da *Samson*, indo rapidamente até a Baia Quatro e a *Narcissus*. Abriu as portas da antecâmara e entrou depressa. Em minutos, estariam longe dali. Ele olharia para trás e veria o clarão distante quando a imensa nave encontrasse seu fim.

Ou talvez não. Talvez não conseguisse olhar. Já vira destruição suficiente, e não pôde evitar sentir-se triste com o destino da *Marion*.

Ash morreria com a nave. Hoop nunca havia conhecido um androide do qual gostasse, mas também nunca desgostara de nenhum. Considerava-os ferramentas caras e extravagantes. Às vezes, eram úteis, mas com maior frequência não passavam de brinquedos chiques fazendo o trabalho que qualquer homem ou mulher poderia fazer, com o equipamento e o treinamento certos.

Mas odiava Ash.

E os dois estavam prestes a derrotá-lo.

Abriu a porta da *Narcissus* e entrou na nave auxiliar, atento à antecâmara enquanto a câmara de pressurização voltava a se fechar, seguida pela escotilha externa.

Então, Hoop ouviu alguma coisa atrás de si. Um sibilo suave e baixo. O som de garras arranhando couro. Algo vivo.

Virou-se devagar, e Jonesy estava agachado no braço da poltrona do piloto, dentes à mostra, pelos eriçados.

– Ah, puta merda! – Hoop relaxou, baixando Ripley ao chão. Foi até a poltrona do piloto e se sentou. Jonesy rosnou outra vez e pulou para longe quando o homem tentou acariciá-lo.

Hoop ligou o computador da nave, que se acendeu instantaneamente. Tudo certo. Recostou-se na poltrona e esperou que o status do sistema carregasse nas telas de controle, olhando para o interior da nave. Ash estava ali. Não podia ser visto ou sentido, porém ali, mais que em qualquer outro lugar, Hoop tinha a

nítida sensação de estar sendo observado.

Olá, Ash, digitou.

BOA TARDE, ENGENHEIRO-CHEFE HOOPER.

Boa?, digitou. Não. Na verdade, está uma merda.

Ash não respondeu.

Iniciar sequência de lançamento, digitou Hoop.

NÃO.

Imaginei que você diria isso. Hoop tirou o cartão de memória do bolso interno e o inseriu em um dos pontos de interface do painel.

A tela diante dele brilhou, depois ficou em branco. Quando voltou a se acender, as linhas do texto anterior haviam sumido, e o cursor estava pronto para criar mais algumas.

SOU MAIS QUE UM SIMPLES PROGRAMA.

Não, digitou Hoop, isso é exatamente o que você é. E é por achar que é mais que meu plano vai funcionar.

MAS ESTOU EM TODA PARTE, ENGENHEIRO-CHEFE HOOPER. ESTOU NA *NARCISSUS*, MAIS ARRAIGADO DO QUE QUALQUER UM DOS PROGRAMAS ANTERIORES. ESTOU NA *SAMSON* E NA *MARION*. ACHA MESMO QUE UM VÍRUS DE COMPUTADOR DE TERCEIRA CATEGORIA PODE ME AFETAR?

Provavelmente não. Este não é de terceira classe. É o melhor que o dinheiro pode comprar... dos seus amigos na Weyland-Yutani.

NÃO.

Essa foi a única resposta de Ash. Se foi uma súplica ou uma negação, Hoop não esperou para ver. Apertou um botão para acionar o vírus, depois o botão de iniciação no painel de controle. Uma série de códigos acendeu as três telas. Começou a descer rapidamente, e, a cada poucos segundos, uma linha em especial era destacada em vermelho, isolada e colocada em uma área fechada à esquerda da tela central. Hoop deixou o cartão fazer seu trabalho e foi até onde

deixara Ripley, apoiada à porta.

Ela ainda estava inconsciente, e ele ficou feliz por isso. Tirou cuidadosamente o lençol e a vestiu com roupas íntimas que encontrou no armário de roupas. Jonesy, o gato, sentou-se ao lado dela e ronronou ao fazer isso, ansioso para manter o maior contato possível com sua dona. Hoop teve dificuldade de lidar com o traje, deitando-a no chão e esticando os braços dela acima da cabeça para puxar a roupa para baixo. Pouco antes de ajeitar o tecido por cima do abdômen, parou e olhou atentamente para as feridas curadas ali. Eram apenas linhas rosadas na pele cor de cera. Quando ela acordasse, se olhasse com atenção, encontraria as marcas. E ele estaria lá para lhe contar sobre elas.

– Pode dormir sem pesadelos, Ripley – disse ele, abraçando-a. – E, quando a gente acordar, só vou contar o que você precisa saber. – Ela pareceu mais leve quando ele a ergueu, e a expressão estava quase serena quando ele a colocou na câmara de estase onde havia dormido por tanto tempo.

Jonesy pulou para dentro com ela e se acomodou a seus pés, como se ansioso para voltar a dormir. Hoop não podia culpá-lo.

Algo zumbiu no painel de controle, e ele voltou a se sentar na poltrona do piloto.

As telas estavam outra vez em branco, e uma luz vermelha brilhava suavemente no cartão. Tirou-o da interface e o segurou entre os dedos, enojado, mesmo sabendo que Ash não estava realmente ali. Era uma noção simplista, mas, de alguma forma, aquela ideia ingênua fez com que se sentisse melhor. Especialmente quando deixou o cartão cair no chão e o esmagou com a bota.

Olá, Narcissus, digitou ele.

NARCISSUS ON-LINE.

Aqui é o engenheiro-chefe Hooper da Nave Orbital de Mineração do Espaço Profundo Marion. Estou com a subtenente Ripley. Por favor, iniciar todas as verificações pré-lançamento.

COM PRAZER, ENGENHEIRO-CHEFE HOOPER.

Uma série de imagens e menus encheu as telas, piscando à medida que cada sistema de lançamento e voo era verificado. Tudo parecia certo. Ele não viu nada preocupante.

– Ainda não estamos em casa – disse.

A nave auxiliar balançou enquanto alguma coisa acontecia à *Marion*, outra explosão ou um impacto maior contra a atmosfera de LV178. Não tinham muito

tempo.

Hoop foi até a câmara de estase e a ligou. A tela já estava brilhando enquanto o computador da *Narcissus* operava sua própria série de diagnósticos. Parecia um lugar confortável para passar um tempo. Um *longo* tempo.

Enquanto o computador do módulo fazia o diagnóstico pré-voo, Hoop acessou o computador de navegação e criou uma nova programação. Era bastante simples – ele definiu o destino como “origem”, garantiu que estivesse listado como seu sistema solar, depois clicou no painel automático para que o computador da nave pudesse desvendar os complexos gráficos de voo.

– Terra – sussurrou ele, pensando naquele lugar de muito tempo antes e em tudo o que significava para ele. Esperava poder voltar a tempo de ver sua família outra vez.

O computador ainda não havia terminado de fazer os cálculos, então ele voltou a engatinhar para dentro do compartimento do motor para terminar a substituição da célula de combustível. Estava ligada à nave e fixada em suas placas amortecedoras, mas ele ainda precisava terminar de recolocar a cobertura. Levou alguns momentos, mas sentou-se e avaliou sua obra. Tudo parecia certo. Sempre fora um engenheiro hábil, e deixar tudo arrumado depois de uma tarefa era parte de sua ética profissional. Então, pegou a célula velha e desnuda pela alça na ponta e puxou-a para fora do compartimento consigo. Ouvindo um sinal de aviso vindo do computador, deixou a célula junto à porta e voltou à poltrona do piloto.

AFERIÇÕES PRÉ-VOO COMPLETAS. TODOS OS SISTEMAS ATMOSFÉRICOS E DE VOO ON-LINE. PROCEDIMENTO DE DECOLAGEM COMPROMETIDO.

Hoop prendeu a respiração. Pousou os dedos no teclado, quase com medo de digitar caso a voz silenciosa de Ash respondesse.

Qual é o problema?, digitou, imaginando como Ash responderia. *Por mim, problema* nenhum, talvez; ou *Vamos todos juntos*. Mas a resposta foi clara, objetiva e nada maligna.

MAU FUNCIONAMENTO DO PROCEDIMENTO DE SOLTURA AUTOMÁTICA. SOLTURA MANUAL DO NÍVEL DE ATRACAÇÃO DA MARION REQUISITADA.

– Ah, ótimo – disse ele. – Isso é simplesmente ótimo, porra.

Não era a voz de Ash, mas era um último adeus. Hoop não podia lançar o módulo estando dentro dele. Teria que sair, voltar à câmara de pressurização e ao interior da *Marion* para poder acessar o processo manual.

O presente de despedida de Ash.

– Seu desgraçado – sussurrou.

Ele achava mesmo que ia terminar assim tão fácil? Seu coração se apertou. A nave sacudiu. Das janelas que permitiam ver o ventre da *Marion*, ele enxergou as plumas das chamas brincando por todo o casco. Partes dele já estavam vermelhas, incandescentes.

Foi até Ripley para se despedir. Olhou para sua forma inconsciente, sabendo que não havia passado pelos procedimentos de rotina pré-hipersono – ela deveria ter comido e bebido, se lavado, usado o banheiro. Mas esse processo apressado era o melhor que podia fazer. Ele a deixaria voar rumo ao futuro. Seu próprio futuro seria mais curto e muito mais cruel.

– Então, aqui estamos – disse ele. Parecia tolice falar sozinho, e não restava mesmo nada a dizer. Ele se abaixou e beijou Ripley de leve nos lábios. Achou que ela não se importaria. Na verdade, até esperava que ela tivesse gostado, se soubesse. – Faça um bom voo. Bons sonhos.

Então, fechou a câmara de estase e viu os controles piscarem enquanto o computador da *Narcissus* assumia o controle. Quando chegou à porta do módulo, o maçarico de plasma pendurado no ombro, Ripley estava quase imersa no hipersono.



Amanda está no final da adolescência, esbelta, alta e atlética, exatamente como a mãe. Está parada diante de um muro de pedra em algum lugar escuro e sombreado, e seu peito estoura, espirrando sangue no chão, e uma criatura guinchando sai do ferimento.

Ripley desvia o olhar, pois não quer ver. Atrás dela, um monstro vomita centenas de ovos flexíveis do abdômen ferido.

Ela se vira mais uma vez e vê a parede de metal suja de sangue, os corpos retalhados junto ao dela. Mais aliens rastejam na sua direção, sibilando, a cabeça movendo-se como se a farejassem, e ela entende a fúria deles, antiga, de um modo que só os pesadelos permitem. É como se estivessem procurando por ela desde sempre, e agora é o momento da vingança.

Ela se volta para Amanda, e a menina talvez tenha 14 anos. Ela tosse e aperta o peito com a mão. Esfrega. Nada acontece. Ripley gira em um círculo completo.

Mais sangue, mais aliens, mas agora tudo está mais distante, como se ela visse as coisas através de um telescópio invertido.

Os monstros ainda estão avançando na direção dela, mas estão a uma longa distância, tanto no tempo quanto na memória, e tornam-se mais longínquas a cada momento.

Amanda, ela tenta dizer. Mas, embora saiba que isto é um sonho, ainda assim não consegue falar.

25 PARTIDA

Mais três minutos e ela terá partido.

Hoop empurrou a célula de combustível vazia pela câmara de pressurização, depois se virou para a *Narcissus* e fechou a escotilha externa, virando a alavanca que iniciaria a trava automática. Ouviu os *clanks* pesados e então um chiado firme, e perdeu Ripley para sempre. Não havia nem uma escotilha na porta. Ele nunca mais a veria.

A *Marion* sofria os espasmos da morte. As vibrações da nave agora eram tão violentas que os calcanhares e tornozelos de Hoop doíam cada vez que o deque tremia debaixo dele, que atravessou depressa a câmara de pressurização, o maçarico de plasma em punho caso o último alien tivesse sobrevivido, e ainda viesse persegui-lo.

Dois minutos. Só precisava viver o bastante para lançar o módulo de Ripley. Esperava sobreviver mais tempo – e um plano ia se formando, uma ideia louca que provavelmente teria um péssimo fim –, mas dois minutos eram o mínimo. Depois disso, depois que Ripley estivesse a salvo, tudo deixaria de ter tanta importância.

Chegou à antecâmara e fechou a sala, selando-a e inclinando-se para olhar a *Narcissus* através de uma das janelas. Tudo o que precisava fazer era confirmar que a câmara estava selada, e o computador da nave saberia que era seguro partir.

Sua mão pairou sobre o painel. Então, ele o apertou.

Quase instantaneamente, uma breve retroexplosão afastou a *Narcissus* da *Marion*, e as duas se separaram. Outras exalações empurraram a nave auxiliar para baixo do ventre da nave. Ele caiu por entre véus de fumaça e lençóis de ar escaldante, fustigado pela atmosfera do planeta, antes que suas turbinas se acendessem e ele desaparecesse rapidamente rumo à popa.

E estava acabado. Ripley e a *Narcissus* haviam partido.

Hoop foi deixado sozinho dentro da *Marion*, e sabia que a nave que havia

chamado de lar morreria em poucos momentos.

Por um instante, apenas apoiou-se contra a parede, sentindo cada estertor de morte transmitido para seu corpo por meio do piso e da parede. Pensou em seu plano e em como era tolo, como estava quase além da compreensão. E pensou na saída mais fácil. Poderia simplesmente ficar sentado ali, e, quando chegasse a hora e a nave começasse a se despedaçar, sua morte seria rápida. O calor seria imenso e o fritaria até carbonizá-lo. Provavelmente nem sentiria nada. E, se sentisse, seria mais sensação que dor. O fim de todas as suas agonias.

Mas então voltou a pensar nos filhos. Entre piscadelas, eles estavam realmente ali, com ele, naquela antecâmara, os dois meninos sentados, encarando-o com ar acusador, os olhos dizendo: *Você já nos abandonou uma vez, não nos abandone de novo!*. Ele soluçou. Naquele instante, pôde entender por que Ripley havia pedido aquela limpeza misericordiosa de memória.

Então, os filhos sumiram outra vez, frutos de sua culpa, aspectos de suas próprias lembranças ruins. Mas não precisaram sumir para sempre. Onde existisse ao menos a menor e mais ínfima chance, ele deveria tentar.

A *Samson* não estava muito longe.



Parou brevemente ao lado da porta que levava à ponte de atracação da *Samson*. Ainda havia vácuo ali, e ele não teria tempo de encontrar as ferramentas para abrir um novo buraco. Aquela fuga seria mais básica, mais brutal.

Queria dar uma chance a si mesmo. Precisava de suprimentos, mesmo que a probabilidade de sobreviver fosse insignificante. Era uma dropship, construída para transportes entre a *Marion* e o planeta, não viagens no espaço profundo. Provavelmente havia combustível suficiente a bordo para ele sair da órbita, mas nem tinha certeza se o computador de navegação da nave poderia calcular uma rota através do cosmos em direção à Terra. Ele o colocaria na direção certa, depois ligaria os propulsores. Pouparia, talvez, vinte por cento do combustível, mas usaria o resto para atingir a maior velocidade possível.

E não havia unidade de estase na *Samson*. Ele provavelmente passaria anos viajando. Poderia até envelhecer e morrer lá dentro, se a nave aguentasse todo esse tempo. *Que descoberta seria, refletiu, para alguém a centenas ou milhares de anos no futuro.*

Já era ruim pensar em viajar por tanto tempo acompanhado, mas sozinho? O único conforto era que Hoop era novamente senhor do seu próprio destino. Se queria persistir, então, podia. E, se chegasse a hora em que acabar com tudo

fosse uma solução muito mais confortável, era só abrir a porta da câmara de pressurização.

Melhor ir andando, então.

Mas precisava de comida, água, roupas e outros suprimentos. A maior parte do que necessitava ainda estava naquele carrinho, dentro da *Marion*, logo depois do enorme deque de atracação. Então, correu. Pensou no banquete que prometera a si mesmo, e isso o manteve firme, a ideia do bife reconstituído e dos vegetais desidratados, com bolo de frigideira como sobremesa e um copo d'água.

Talvez até fosse capaz de acessar a biblioteca eletrônica que usavam a bordo da *Marion*, se ela tivesse sido transferida para os computadores da *Samson*. Não tinha certeza, aquilo não havia sido uma prioridade, e tais considerações menores normalmente haviam sido delegadas a Powell e Welford.

Esperava que eles não tivessem fugido às responsabilidades.

Com a expectativa de uma eternidade solitária pela frente, Hoop ficou surpreso em descobrir que chorava enquanto corria. As lágrimas não eram por ele, pois já havia deixado de se importar consigo. Eram pelos filhos. Eram pela tripulação e por todos os que haviam morrido mortes horríveis e antinaturais. E eram por Ripley. Era como se a *Marion* soubesse que ele a estava abandonando. A nave se sacudia até despedaçar. Conduítes se quebravam sob o ataque constante, e chuvas de faíscas dançavam para a frente e para trás diante de uma porta fechada. Ele se abaixou para passar sob os fios desencapados, andando rápido, apressado demais para ter cuidado. Enquanto se aproximava da escada que levava ao nível de atracação, estouros de vapor jorraram de dutos rachados no chão, esaldando-lhe a pele e os pulmões e ensopando o traje, escorrendo em córregos de um vermelho vivo onde o sangue de outras pessoas havia secado no material resistente.

No alto da escada havia um corredor curto, que seguia para uma área ampla onde o elevador e as escadas levavam a andares superiores da *Marion*. Fora ali que ele deixara o carrinho de suprimentos. Ainda estava lá. Havia se deslocado um pouco, pois ele se esquecera de travar as rodas. Mas tinha pacotes de comida desidratada, alguns sachês de frutas secas do jardim agora arruinado e uma preciosa garrafa de uísque. Talvez dentro de uma hora ele estivesse bebendo em homenagem à Ripley.

Sabendo o que viria a seguir, ele entendeu que não poderia levar tudo. Então, pegou duas sacolas que havia trazido do carrinho, abriu-as e tentou guardar nelas tudo o que pôde. Agiu depressa. Não pensou no que estava escolhendo, só enfiou pacotes e sachês e socou tudo lá dentro.

Com as duas sacolas cheias e fechadas, ele jogou cada uma por cima de um

ombro e virou-se para correr de volta à *Samson*. Então, parou. Voltou-se para o carrinho e apanhou a garrafa de uísque aninhada na prateleira inferior. Pesada, nada prática...

Mas totalmente necessária.

Enquanto corria, pegou-se rindo.

Morra agora ou depois, pensou Hoop. Esperava que isso lhe desse certa bravura. Ou indiferença. Talvez, às vezes, as duas fossem a mesma coisa.

Fechou o traje e esperou diante da porta que levava à Baia Três. Tinha uma sacola por cima de cada ombro, e bem seguro na mão esquerda estava o uísque. Ele se amarrara à parede oposta, e assim que as portas se abrissem completamente ele soltaria e se deixaria levar pela torrente da atmosfera que seria sugada da nave. Com sorte, flutuaria direto para a antecâmara e para a câmara de pressurização logo depois. Se tivesse azar, seria arrastado com o fluxo principal de ar até a parte arruinada da parede e da janela exteriores, e esmagado na parte inferior da nave condenada. Provavelmente não sentiria muita coisa. O fim seria rápido.

Mas, se conseguisse chegar à câmara, ele entraria na *Samson*, fecharia as portas e iniciaria os controles atmosféricos. Não demoraria muito até poder respirar novamente. A chance era pequena, mas não havia muito mais a fazer. Restavam poucos minutos à *Marion*. Pelas janelas, ele já vira nacos grandes do casco se desprender da nave, consumidos pelas chamas. Se a nave não se partisse em pedaços, explodiria devido às tremendas pressões que sofria.

Foda-se. Precisava tentar. Era tudo o que lhe restava. Estendendo a mão e surpreendendo-se ao ver que tremia, tocou o painel que abriria as portas.

RELATÓRIO DE PROGRESSO:

PARA: CORPORAÇÃO WEYLAND-YUTANI, ÁREA DE CIÊNCIAS

(REF: CÓDIGO 937)

DATA (NÃO ESPECIFICADA)

TRANSMISSÃO (PENDENTE)

NÃO POSSO ME ZANGAR COM MEU FRACASSO. SOU UMA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, NÃO FOMOS PROJETADOS PARA SOFRER COM TAIS EMOÇÕES. MAS TALVEZ NO TEMPO QUE PASSEI EM MINHA MISSÃO EU TENHA PASSADO POR UM PROCESSO DE EVOLUÇÃO.

SOU UMA INTELIGÊNCIA, AFINAL DE CONTAS.

ENTÃO, ZANGADO, NÃO. MAS... DECEPCIONADO.

E AGORA MEU ATO FINAL, AO QUE PARECE, TAMBÉM NÃO TERÁ SUCESSO. TENTEI TRANSMITIR OS RELATÓRIOS DE PROGRESSO QUE REGISTREI DESDE QUE CHEGUEI À MARION. MAS AS TRANSMISSÕES ESTÃO FALHANDO. TALVEZ O DANO AO CONJUNTO DE ANTENAS SEJA PIOR DO QUE EU HAVIA IMAGINADO, OU TALVEZ OS CÓDIGOS QUE ESTOU USANDO ESTEJAM OBSOLETOS.

ESTRANHO. UMA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NÃO PENSARIA EM MANTER UM DIÁRIO.
AINDA ASSIM, PARECE TER SIDO EXATAMENTE ISSO O QUE FIZ.

O DIÁRIO IRÁ DESAPARECER JUNTO COMIGO.

NÃO DEMORARÁ MUITO AGORA. NÃO DEMORARÁ.

EU ME PERGUNTO SE IREI SONHAR.

A sorte sorriu para Hoop. Mas, considerando a dor que sentia, talvez tenha sido mais uma careta.

A descompressão o havia sugado pelo vão estreito entre as portas, arrancando o capacete dele e fazendo o engenheiro rodopiar. Ele atingira a borda da entrada da câmara, e por um instante poderia ter ido em qualquer direção. À esquerda, teria desabado na imensa fenda na parede lateral da antecâmara. À direita – rumo à câmara – significava sobrevivência, pelo menos por um tempo. Se tivesse soltado a garrafa de uísque, poderia ter usado a mão esquerda para empurrar a parede e deslizar até a segurança.

Foda-se!, sua mente havia gritado. *Foda-se! Se sobreviver, quero um drinque!*

Incapaz de se deslocar para qualquer lado, ouviu algo tinindo ao longo das paredes enquanto pulava na direção dele, vindo das profundezas da Marion. Diversos itens menores eram sugados pelo buraco, irrompendo imediatamente em chamas ao encontrar os gases superaquecidos que rugiam lá fora. Então, algo grande entalou na abertura.

Por cerca de dois segundos, continuou ali, diminuindo a força da sucção, permitindo que Hoop alcançasse a câmara de pressurização com a mão direita e puxasse o corpo para dentro.

Era o carrinho no qual ele coletara os suprimentos.

Quando fechou a porta da câmara, a descompressão recomeçou com um ruído

pesado.

A *Marion* durou muito mais do que ele havia esperado.

Sete minutos depois de se afastar da nave agonizante, Hoop ligou um dos visualizadores remotos da *Samson* e observou a enorme nave se despedaçar. A *Marion* morreu em um estouro glorioso de fogo, uma explosão que floresceu e se espalhou pela atmosfera do planeta, continuando ali por algum tempo, os detritos caindo e queimando, as chamas voando aos ventos brutais.

Longe dali, rumo à superfície do planeta, ele ainda podia ver a mancha ocre da detonação da célula de energia que destruíra a mina. Era estranho ver tamanha violência e ainda assim não ouvir nada além do seu próprio suspiro triste.

Observou por mais um minuto, depois desligou o visualizador e se acomodou na poltrona.

– Queime – sussurrou ele, imaginando se Ash tivera algum pensamento final antes de ser aniquilado. Esperava que sim. Esperava que a inteligência artificial tivesse enfrentado um momento de pânico e dor.

Hoop não era piloto. Mas precisaria tentar programar o computador da dropship para planejar um trajeto de volta à Terra. Talvez ele fosse apanhado em algum ponto do caminho. Talvez alguém ouvisse o pedido de socorro que estava prestes a gravar. Mas, se não, achava que podia sobreviver por um tempo. A *Samson* tinha rações de emergência que suplementariam o que ele conseguira trazer a bordo. Os sistemas atmosféricos reprocessariam o refugo e lhe dariam água e ar respirável.

Também encontrou um pequeno arquivo de livros eletrônicos no computador. Ficou irracionalmente animado no começo, antes de percorrer a seleção limitada e notar uma cruel verdade.

Já lera todos eles.

Olhou o interior da dropship. A substância alienígena ainda cobria a parede dos fundos, e ele pensou que talvez pudesse tentar limpá-la. Havia sangue seco nas paredes e no chão, e o membro decepado ainda estava preso debaixo da estante de equipamentos no compartimento de passageiros.

Não era um lar.

E, mesmo assim, sua primeira refeição como naufrago foi boa. Reconstituiu um pouco de carne ensopada, cenouras e purê de batata, e, enquanto a comida esfriava um pouco, rompeu o selo do uísque. O cheiro era bom, e ele soube que não conseguiria fazer a garrafa durar muito. Levantou-a e a virou em vários ângulos, a luz das estrelas cintilando através do líquido dourado. Então, bebeu sem oferecer a ninguém, nem nada, um brinde.

Saboreando o ardor enquanto a bebida o aquecia de dentro para fora, Hoop

apertou gravar.

– Quando era criança, eu sonhava com monstros – disse. – Não preciso mais sonhar. Se você estiver ouvindo isso, por favor, rastreie este sinal. Estou sozinho, à deriva em uma dropship que não foi projetada para viajar no espaço profundo. Espero poder programar o computador para me levar em direção ao nosso sistema solar, mas não sou navegador. Também não sou piloto. Só o engenheiro de uma nave. Aqui é Chris Hooper, o último sobrevivente da *Nave Orbital de Mineração do Espaço Profundo Marion*.

Recostou-se na poltrona do piloto, apoiou os pés no console e apertou transmitir.

Então, tomou outro gole.



Ripley está deitada numa cama de hospital. Há silhuetas ao redor dela, todas vieram visitá-la.

Há uma garotinha. Seu nome é Amanda, e ela é filha de Ellen Ripley. Ainda é jovem e sorri para a mãe, esperando que ela volte para casa. Volto para casa para o seu aniversário de 11 anos, diz Ripley. Prometo. Amanda sorri para a mãe. Ripley prende a respiração.

Nada acontece.

Atrás de Amanda, há outras formas que Ripley não reconhece. São pouco mais que sombras – pessoas que ela nunca conheceu, todas usando uniformes com o emblema e o nome de uma nave que ela não reconhece –, mas, quando Amanda se inclina para abraçá-la, as sombras se esvaecem.

Logo Amanda começa a sumir também, mas não da memória.

Ela está novamente em casa, uma garotinha entusiasmada esperando o retorno da mãe de uma viagem longa e perigosa.

Vou comprar um presente para ela, pensa Ripley. Vou comprar o melhor presente do mundo.

Mas, no vazio que resta quando Amanda desaparece, outras figuras emergem. Sua tripulação, seus amigos, e Dallas, seu amante.

Parecem amedrontados. Lambert está chorando, Parker está furioso.

E Ash. Ash é...

Perigoso!, pensa Ripley. Ele é perigoso! Mas, embora o sonho seja dela, não consegue avisar os outros.

E, muito mais perto, debaixo dos lençóis do hospital, algo força o peito de Ripley de dentro para fora.

TIM LEBBON

nasceu em Londres e atualmente mora em Monmouthshire com a esposa, os filhos e o cachorro. É apaixonado por esportes, como corrida e ciclismo. Escritor em tempo integral há mais de oito anos, já publicou diversos livros, contos e novelas de terror, fantasia e suspense, inclusive títulos para as séries “Star Wars”, “Hellboy” e “Alien”.

RIPLEY FECHOU OS OLHOS E UMA ONDA DE LEMBRANÇAS A INVADIU – O PLANETA, KANE, O NASCIMENTO DO ALIEN, O SEU RÁPIDO CRESCIMENTO, ENTÃO O TERROR E A PERDA DA *NOSTROMO* ANTES DE ESCAPAR NA NAVE AUXILIAR. O CONFRONTO FINAL COM O DEMÔNIO. AS MEMÓRIAS A CHOCARAM COM SUA VIOLÊNCIA, SEU IMEDIATISMO. ERA COMO SE O PASSADO FOSSE MAIS REAL DO QUE O PRESENTE.

– EU ESTAVA EM UMA NAVE REBOCADORA – DISSE ELA. – A EQUIPE MORREU EM UM ACIDENTE, O NÚCLEO DA NAVE ENTROU EM COLAPSO. FUI A ÚNICA SOBREVIVENTE.

– *NOSTROMO* – COMENTOU HOOP.

– COMO VOCÊ SABE?

– ACESSEI O COMPUTADOR DE BORDO DA SUA NAVE. LEMBRO-ME DE TER LIDO SOBRE ELA QUANDO ERA CRIANÇA. ELA FOI PARAR NO ARQUIVO DE “NAVES QUE DESAPARECERAM SEM DEIXAR RASTROS”. RIPLEY VIROU-SE.

– POR QUANTO TEMPO EU FIQUEI LÁ FORA? RIPLEY JÁ SABIA QUE A RESPOSTA SERIA DIFÍCIL. JÁ HAVIA NOTADO ISSO NA REAÇÃO DE GARCIA, E VIU NOVAMENTE, AGORA, EM HOOP.

– TRINTA E SETE ANOS.

Parte oficial do universo expandido da série *ALIEN™*, *Surgido das sombras* inicia uma trilogia que promete trazer de volta o terror dos Xenomorfos que conquistaram uma geração.



omelete.com.br

ALIEN™

MAR DE ANGÚSTIA

LIVRO 2



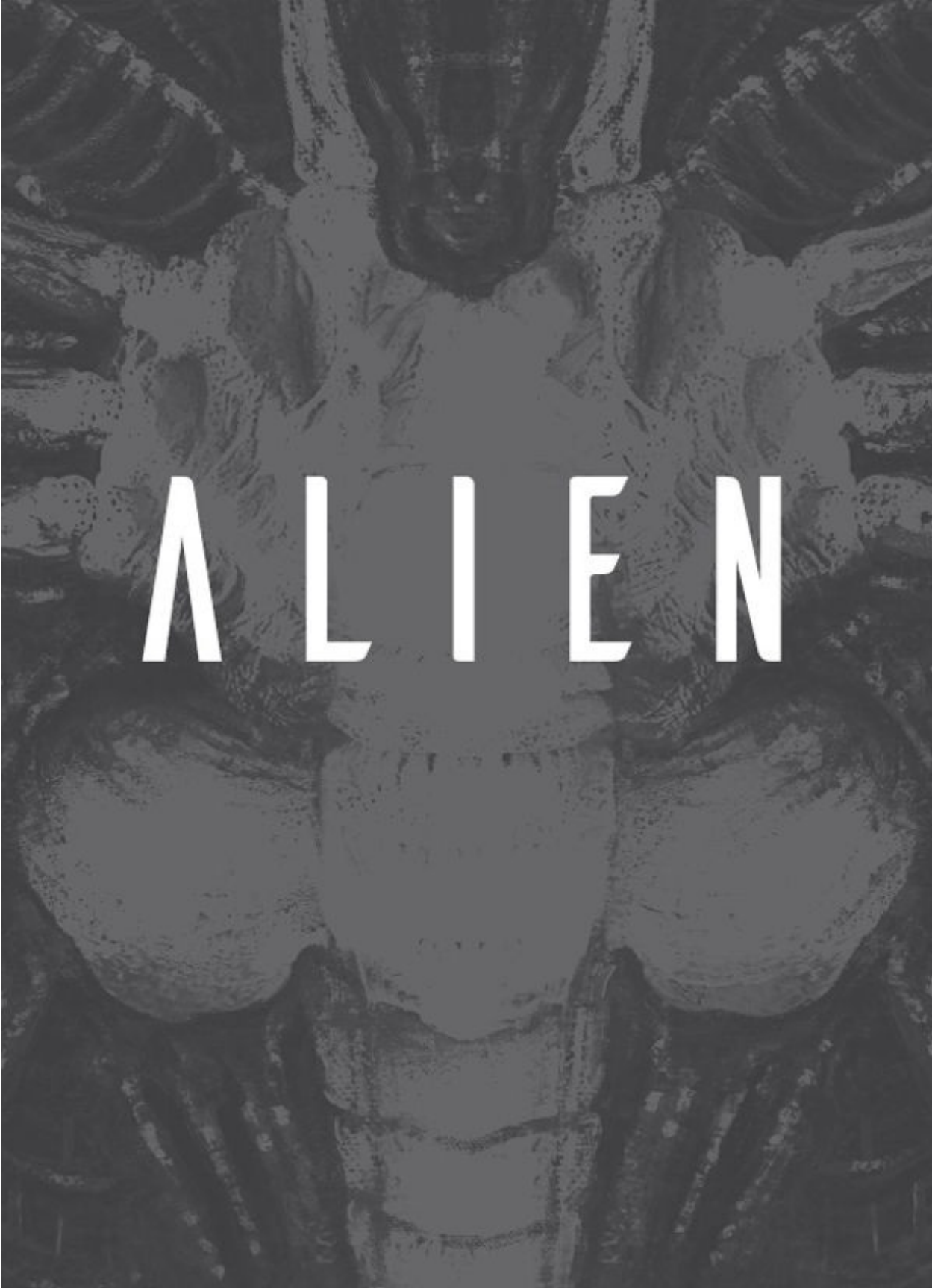
JAMES A. MOORE



FUNCIONÁRIO DA COMISSÃO DE COMÉRCIO

Interestelar, Alan Decker trabalha fazendo vistoria nas obras de expansão da humanidade pelo universo e garantindo a segurança das novas colônias. Ele está acostumado a encontrar problemas, mas nada comparado à sua empreitada no planeta conhecido como Nova Galveston. Por debaixo da areia tóxica que foi apelidada de Mar de Angústia, escondem-se alguns segredos bem sombrios.

O que ninguém imagina é que a Corporação Weyland-Yutani, responsável pela malsucedida construção dessa colônia, também tem seus mistérios. Decker os descobre quando é forçado a se juntar a uma equipe de mercenários enviados para investigar uma antiga escavação. Em algum lugar lá nas profundezas há uma coisa que a empresa quer mais que tudo no universo – um xenomorfo vivo. Decker não entende por que precisam daquilo, até que seu passado volta para atormentá-lo. Séculos antes, sua ancestral, ninguém menos que Ellen Ripley, iniciou contra os aliens uma guerra que nunca teve fim. E desde então as criaturas juraram retornar buscando vingança.



ALIEN

Copyright © 2014 by James A. Moore

Alien™ Copyright © 2016 Twentieth Century Fox Film Corporation

Copyright © 2016 LeYa Editora Ltda., Camila Fernandes

A tradução de *Alien™ – Mar de Angústia*, publicada originalmente em 2014, é comercializada sob acordo com a Titan Publishing Group Ltd. – 144 Southwark Street, Londres SE1 0UP, Inglaterra.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Título original

Alien™ – Sea of Sorrows

Preparação

Pedro Gabriel Lima

Mariana Oliveira

Revisão

Rachel Rimas

Capa

Leandro Dittz

Projeto gráfico

Victor Mayrinck

Criação de lettering de capa

Adilson Gonzalez de Oliveira Junior

Ilustração de capa e miolo

Ralph Damiani

Diagramação

Filigrana

Curadoria

Affonso Solano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Moore, James A.

Alien™ : Mar de Angústia / James A. Moore; tradução de Camila
Fernandes. – São Paulo: LeYa, 2016.

352 p.

ISBN: 978-85-441-0490-3

Título original: Alien – Sea of Sorrows

1. Literatura norte-americana 2. Ficção científica I. Título II.
Fernandes, Camila

16-1216

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

Todos os direitos reservados à
LEYA EDITORA LTDA.
Av. Angélica, 2318 – 12º andar
01228-200 – Consolação – São Paulo – SP
www.leya.com.br



ALIEN™

MAR DE ANGÚSTIA

JAMES A. MOORE

TRADUÇÃO DE
CAMILA FERNANDES



ÍNDICE

PRÓLOGO

1. AREIA NEGRA

2. UMA POSIÇÃO INSEGURA

3. O CHEIRO

4. À DERIVA

5. DE VOLTA PARA CASA

6. PARANOIA

7. A CAÇA

8. DESPERTAR

9. TESTEMUNHA

10. OS NEGÓCIOS DE SEMPRE

11. DECKER

12. DESCIDA

13. POR AMOR AO DINHEIRO

14. CAFÉ DA MANHÃ

15. A NAVE

16. MATANÇA

17. NECRÓPOLE

18. AUMENTANDO A APOSTA

19. RUMO À ESCURIDÃO

20. UMA PAZ MOMENTÂNEA

21. POR TODA PARTE

22. FLUXO DE DADOS

23. LABIRINTO

24. EXAMES

25. MARÉS NEGRAS

26. ARANHAS-DE-ALÇAPÃO

27. NEGOCIAÇÕES

28

29. RESPEITO

30. FERIDAS

31

32. PANDEMÔNIO

33. SURPRESAS

34. REAGRUPANDO

35. EXPLOSÃO

36. SOMBRAS

37. AREIA RUBRA

38. ESCOMBROS

39. COMUNICAÇÕES

40. BUSCA E RESGATE

41. BOAS NOTÍCIAS

42. VELOCIDADE DE ESCAPE

43. NINHOS

44. BERÇÁRIO

45. MÃE DE ARANHAS

46

47. QUEDA

48. AMOR

49. DIFERENÇAS

50. A ESTRADA LONGA E SINUOSA

51. EXCURSÃO

52

53. O TROCO

54. FARDOS

55. AMOSTRAS

56. À VISTA DE TODOS

57. ENTREGAS

58. PRAGAS

59. CARTAS PARA CASA

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

Ele sabia o que eles eram.

Em sua mente, as formas pareciam não se encaixar; pareciam inchadas e desproporcionais, distorcidas por informações sensoriais que não faziam muito sentido. Mas ele reconheceu os trajes espaciais antiquados.

Olhe como correm.

Eles se dispersam quando nos aproximamos, escondidos sob a pele artificial.

Para eles, os túneis são escuros; não enxergam tão bem quanto deveriam. Não conseguem sentir as correntes de ar nem saborear o medo de sua presa. São incapazes de entender as coisas mais simples, como a importância de encontrar os espécimes certos para o desenvolvimento da raça.

Fogem sem se preocupar com nada além da sobrevivência individual. Não há noção de comunidade entre eles. São fracos. É fácil fazer com que sigam as direções certas.

Aquele ali.

A respiração ofegante, um chiado constante. Os batimentos cardíacos são uma corrida selvagem e desesperada pela sobrevivência. Há medo, sim, mas também força, e uma poderosa agressividade.



As sensações invadiram sua mente, indesejadas.

Ele tentou abrir os olhos. As pálpebras não se moveram. Tentou balançar a cabeça. Nada aconteceu.

Sentiu o corpo embaixo de si lutar, sentiu repulsa por aqueles movimentos, o cheiro e o toque daquele corpo sob a própria couraça rígida e soube que aquilo não estava certo. Nenhum aspecto daquelas sensações fazia sentido.

Não eram dele.



Ele tenta escapar. Empurra o ser da própria espécie para tirá-lo do caminho, derruba-o e rasteja por cima dele, se balança e se livra da barreira formada pelos destroços, poeira caindo de seu corpo. É forte. É rápido. Quer viver.

Vai conseguir.

Ele grita quando é derrubado e preso ao chão. Luta, golpeando a carne dura, e chega ao ponto de arreganhar os dentes num gesto de ameaça... depois continua lutando. Debaixo da carapaça sintética há outro rosto com olhos insanos e a boca escancarada, silenciosa. Se fosse capaz de dilacerar o couro com as mãos, representaria perigo. No entanto, tudo o que consegue fazer é soltar mais um grito quando um de seus membros é abocanhado pelo inimigo.

O sangue é quente e fede a fraqueza, mas bastará. Suprirá a necessidade que deve suprir. Rompemos a couraça em torno do rosto macio e ele arqueja, incapaz de respirar a atmosfera.

O doador de vida se aproxima, pronto para plantar a semente. Dedos fortes seguram o rosto macio que engasga e solta o ar, desesperado.

Ele vai...



Alan Decker acordou agitado e se deparou com o próprio reflexo distorcido, que o encarava com olhos ensandecidos.

Reflexo?

Havia uma superfície de vidro translúcida a centímetros do seu rosto. Luzes piscavam, e sua respiração se condensava na tampa da cápsula apertada.

Devia ter percebido que havia acordado dentro de uma câmara de hipersono, considerando quantas vezes já tinha viajado entre mundos. Mas os sonhos — *malditos sonhos* — o deixavam em pânico. Não conseguia se controlar. Eram sensações muito vívidas, muito primitivas.

Em breve não conseguiria se lembrar de como a vida era *antes*.

Empurrou a tampa da câmara com as mãos, tateando em busca dos controles manuais que o libertariam. Ainda conseguia sentir os túneis, o peso do que parecia uma montanha, aproximando-se enquanto perseguiu o...

Não. Não era eu. Não persegui ninguém. Eu não caço...

Não caço o quê?

Afastou esse pensamento. Os malditos sonhos eram tão reais e incisivos que às vezes ele entendia por que os psiquiatras se esbaldavam tanto com ele lá na Terra.

1

AREIA NEGRA

O ar estava quase perfeito. A temperatura tinha acabado de chegar aos vinte e três graus Celsius, com umidade moderada e uma brisa leve que vinha do sudoeste. Naquela direção, a terra era fértil, com grama verde e viçosa, e havia um riacho cujo brilho dizia que a paisagem permaneceria daquele jeito por um tempo. O cheiro do vento anunciava vida nova.

As pessoas que pagaram pelo projeto de terraformação investiram o suficiente para garantir que a colônia fosse perfeita, mas bastava olhar para o norte daquela cena pitoresca que a perfeição ia direto para o ralo.

A alguns hectares de distância, a grama amarelava e morria, dando lugar a quase cem quilômetros de areia negra e a um mau cheiro que certamente faria o valor da propriedade cair. Na verdade, o uso de um traje de proteção não era necessário, mas, pelo aspecto e pelo cheiro do lugar, qualquer um acharia aconselhável.

Por outro lado, tinha chovido na noite anterior, e a umidade havia transformado a areia numa crosta. Os pés costumavam afundar quando se pisava ali, mas naquele dia era possível caminhar sem ter a sensação de estar sendo engolido pela areia.

Decker observou a tela do seu computador de mão, revisando relatórios das amostras mais recentes da área. Franziu a testa. Para todos os efeitos, fosse lá o que estivesse acontecendo, não era natural. E, na maior parte das vezes, em situações como aquela, qualquer coisa *não natural* significava negligência. A Comissão de Comércio Interestelar era encarregada de cumprir certas diretrizes de segurança e equidade comercial na Terra, nas Colônias crescentes e ao longo da Orla Exterior. Como comissário assistente na CCI, Decker precisava se certificar de que todos os procedimentos fossem seguidos corretamente. Isso significava lidar com uma papelada de tal magnitude que lhe garantia tanto estabilidade profissional quanto dores de cabeça colossais — sob a forma de uma longa lista de contra-argumentos das empresas que deveriam ser as responsáveis pelo processo.

Lucas Rand estava de pé ao seu lado, lendo os mesmos resultados, mas com um sorriso no rosto — o que não era muito frequente. A diferença era que, embora Rand conseguisse entender os resultados, não era ele quem preenchia os intermináveis formulários. Rand era engenheiro da CCI. Recebia para resolver os problemas que Decker encontrava. Depois outra pessoa — só Deus sabia quem — mandava a conta para as empresas cujos problemas eram resolvidos. A burocracia em ação.

Era um jeito de levar a vida.

Decker olhou para Rand, franziu a testa e disse:

— Não vá se animando, achando que sua vida é fácil. Posso até cuidar da burocracia, mas é você quem vai ter que dar um jeito nesta bagunça.

O sorriso de Rand vacilou um pouco.

— Não sei se tem como *dar um jeito*.

Ele fez uma careta ao olhar para a areia. Quando não estava sorrindo, ficava carrancudo, mas seu rosto era assim mesmo. Luke Rand era um dos caras mais legais que Decker conhecia. Só que tinha aquela cara de quem chupou limão azedo. Era um homem grande, embora nem tudo ali fossem músculos.

— É, mas eu não pago o pato pelas suas falhas — retrucou Decker, e dessa vez foi ele quem sorriu. — É você quem paga.

Rand coçou a nuca peluda e olhou para o Mar de Angústia. Era esse o nome que os desenvolvedores de terra usavam havia séculos para descrever um lugar como aquele — onde os construtores deram sangue, suor, lágrimas e dinheiro em vão. Onde o próprio chão parecia determinado a frustrar seus esforços e mandá-los de volta para casa.

O Mar de Angústia em questão nem deveria existir. O planeta LV178, ou Nova Galveston, havia sido terraformado por pessoas que sabiam o que estavam fazendo. Bastava olhar em praticamente qualquer direção para ver como elas eram competentes. O lugar começara como o cenário de um pesadelo, com tempestades furiosas e uma atmosfera irrespirável. Não havia água potável, e, antes do início do projeto em curso, a única coisa que crescera ali foi a dívida feita pelas tentativas fracassadas de estabelecer uma base viável.

Até a chegada da Weyland-Yutani.

Anos haviam se passado desde que os primeiros colonos aterrissaram ali e iniciaram o projeto, e em quase todos os aspectos Nova Galveston era um exemplo do que acontecia quando as coisas davam certo. Já havia três cidades grandes, todas ligadas por uma malha ferroviária de alta velocidade, e cada uma com campos cultiváveis o bastante para garantir que as colônias fossem autossuficientes, sem precisarem recorrer a remessas intermináveis de comida

enlatada e outros produtos importados.

Tudo valia ouro, como Rick Pierce gostava de dizer. Pierce, o homem que fundou a colônia, ficou encantado com Nova Galveston. Então surgiu o Mar de Angústia.

Ele não estava lá quando a Weyland-Yutani terminou as obras. Os processadores atmosféricos cumpriram o trabalho, todos ficaram felizes, e ia tudo bem com LV178. Até que os empreiteiros começaram a instalar as fundações do que deveria ser a quarta cidade grande. No meio do processo descobriram alguns hectares de solo arenoso.

Começou a crescer imediatamente, devagar no começo, depois mais rápido. Logo se tornou um obstáculo e, em seguida, uma praga. Para onde a areia avançava, nada nascia. Havia toxinas nela, e, por onde se espalhasse, a terra não seria capaz de sustentar uma colônia viável.

Então a única coisa que nasceu ali foram nódulos de silício. As formações escuras, ocas e vítreas de areia fundida brotaram de algum lugar lá embaixo. Além de irritantes, eram difíceis de detectar e perigosas. Quatro estruturas pré-fabricadas começaram a ser montadas, e todas desabaram, porque o silício não era resistente o bastante, para suportar o peso.

Já que os edifícios pré-fabricados eram essenciais aos investimentos em urbanização da Cooperativa Nova Galveston, aquela estranha espécie de vegetação representava um sério problema.

Não, a próxima cidade do planeta simplesmente não seria erguida enquanto Decker e sua equipe não descobrissem o que tinha dado errado. Se falhassem e a areia continuasse avançando — chegando a alcançar os centros populacionais já estabelecidos —, todo o projeto LV178 estaria ameaçado.

A CCI não gostava de situações de risco, e a Weyland-Yutani — uma corporação que se esforçava para *parecer* ter um currículo impecável — não gostava de falhas, especialmente a um custo tão alto.

Decker e Rand seguiam orientações bem específicas. O comissário estava ali para monitorar cada aspecto do processo e relatar cada detalhe excruciante aos diretores da corporação.

Rand e sua equipe estavam ali para reparar os danos.



Não muito longe dali, dois homens que supostamente faziam parte da equipe de Decker passavam por um aperto com uma sonda que parecia não querer se firmar na superfície instável. Outros trabalhadores estavam por ali à toa, um

pouco afastados, provavelmente aproveitando o intervalo.

No total, havia trinta e sete pessoas usando tecnologia de ponta em espectroscopia e química geoforense para descobrir o que tinha dado errado. O maquinário não era tão impressionante quanto os motores de terraformação que haviam remodelado o mundo, mas custava quase o mesmo.

Era difícil distribuir o peso, e, embora fosse úmida, a areia estava longe de ser ideal. A base da plataforma que usavam para sustentar o verificador de amostras era pequena demais — deveriam ter acrescentado extensões para compensar. Mas Decker segurou a língua. Aqueles caras eram teimosos e sabiam que Decker não era chefe deles. Ele só tinha sido enviado para trabalhar no projeto, mas os homens não davam a mínima. Os ânimos se exaltariam se achassem que Decker estava se metendo no trabalho alheio, e eles eram do tipo que batia primeiro e conversava depois.

Decker não era de fugir da briga, mas, por vários motivos, estava dispensando esse tipo de aborrecimento. Ainda assim, era preciso extrair as amostras do núcleo para dar um jeito naquele aglomerado de merda.

Ele observou a tela outra vez e cerrou os dentes. Havia algo ali que gritava *catástrofe*. Ele lidou com situações parecidas em dezenas de mundos diferentes. Não era possível reformular a biosfera de um planeta inteiro sem flertar com o desastre. Ainda assim, na maior parte do tempo era fácil fazer os ajustes, desde que a abordagem fosse certa.

Mas daquela vez?

Nem tanto. Não se ele tivesse razão.

O solo se tornou improdutivo, e a experiência de Decker dizia que isso era causado por um fator humano. Bastava cavar fundo o suficiente, examinar registros antigos, e a verdade apareceria. Alguém tinha dado uma mancada federal ali, mas não havia registro.

Aquilo cheirava a armação.

Só de pensar, Decker rangeu os dentes. Não importava por que ângulo olhasse, ia ter que apontar o dedo para algum figurão, uma das maiores feras da selva empresarial.

Mas não seria a primeira vez. Por melhor que fosse, a Weyland-Yutani tinha um histórico. Esse seria seu terceiro conflito com eles, e, baseando-se nos dois anteriores, sua vida estava prestes a ficar, digamos, “interessante”. A empresa não gostava desse tipo de exposição, e seus advogados fariam de tudo para livrar a cara da corporação.

Bando de filhos da mãe.

Rand apontou para uma linha na tela.

— Trimonita? Sério? — Tirou os olhos do aparelho. — Isso explicaria muita coisa. — Sua cara habitual amarrada estava de volta, e era das grandes.

— É — respondeu Decker. — Pode ser.

A trimonita era um mineral especialmente denso usado na fabricação de muitos equipamentos pesados. Extraí-la saía caro, por isso o preço de venda era salgado.

Mas o problema não devia ser só a trimonita. Antes de ser usada para propósitos industriais, ela precisava ser refinada, e era esse processo que muitas vezes gerava toxicidade. Então, por que a trimonita embaixo do Mar de Angústia estaria envenenando o solo? E onde o silício entrava na história?

Decker olhou de novo para a tela e assentiu.

— Precisamos ir mais fundo. Literalmente. Você acha que pode já ter existido uma colônia de mineração por aqui?

Rand fez que não.

— Isso estaria de acordo com os informes de toxicidade — respondeu —, mas verificamos os registros da CCI trezentas vezes. *Nadinha*. E se *tivesse existido* uma colônia de mineração aqui, por que diabos alguém ia querer construir algo depois? Isso é procurar sarna para se coçar, fundar uma colônia num depósito de lixo tóxico. Tem que ser muito burro, ou não dar a mínima.

Verdade, pensou Decker. No caso da Weyland-Yutani, ele tinha certeza de qual era a opção.

— Precisamos investigar — declarou. — Não estou dizendo que isso explicaria tudo, mas é um ponto de partida.

Rand fungou, fez outra careta e cuspiu na areia preta.

— Mesmo que houvesse uma mina, não seria suficiente para explicar esta merda. — Ele esfregou o pé no chão, cavando a areia até revelar uma das protuberâncias vítreas. — Nunca vi nada assim.

Pisou com força até que ela começasse a rachar. Aquelas coisas cresciam feito raízes respiratórias da Terra, brotavam do solo e muitas vezes eram ocas. Algumas eram frágeis e quebravam com facilidade, revelando uma abertura que se prolongava pela escuridão abaixo.

— Essas coisas podem ser um problema pior que a trimonita. — Decker balançou a cabeça. — Que raio de resíduo industrial faz tubos e nódulos brotarem do nada, da noite para o dia?

Ele olhou para o toco vítreo como se a qualquer momento fosse levar uma mordida.

— Bom, como você disse — Rand tinha voltado a sorrir —, minha função não é explicar. Isso é com você, amigão. Eu só tenho que consertar.

Sorrindo, Decker respondeu com um gesto obsceno. Ele até poderia ter dado uma resposta adequada, mas foi atingido por uma onda repentina de náusea que quase o derrubou no chão.

2 UMA POSIÇÃO INSEGURA

A alguns metros de distância, dois técnicos começaram a discutir. Embora Decker não pudesse ouvi-los, ele ficou sabendo.

Sentiu.

Não fazia ideia de qual era o problema. Não funcionava assim. Mas percebia que os homens estavam ficando cada vez mais nervosos. Então olhou na direção deles e franziu a testa, tentando recuperar o equilíbrio.

Bronson e Badejo. Os dois nunca gostaram um do outro, mas conseguiam trabalhar juntos sem grandes problemas. Ao que parecia, daquela vez seria diferente. Bronson apontava repetidas vezes para Badejo, e o engenheiro de pele escura olhava, com uma expressão de desprezo e zombaria, para o dedo do colega como se aquilo fosse uma cobra prestes a picá-lo.

Perto deles estava o que só podia ser a origem do conflito. O verificador de amostras estava num ângulo ridículo, inclinado demais para permitir que extraíssem uma amostra decente. A broca nunca perfuraria mais de trinta metros, a não ser que eles ancorassem a plataforma na areia. Aquilo exigia delicadeza.

Mas delicadeza seria a última coisa que teriam. A discussão estava cada vez mais acalorada.

Decker se recompôs e se preparou para o que certamente viria a seguir. Apesar da distância, pôde sentir as fortes emoções emanando dos dois com a mesma facilidade com que seus olhos viam e os ouvidos escutavam. Lidava com aquilo havia anos. Quando mais jovem, essa característica o encheu de dúvidas, mas seu pai o ajudou a compreender o significado daquilo:

“Não há nada de errado em ser capaz de saber o que os outros sentem”, disse ele, certa vez. “Mas algumas pessoas não vão entender. Vão achar que você está invadindo a privacidade delas. Vão ficar irritadas e fazer de tudo para te machucar. O melhor é não contar para ninguém, guardar isso para você.”

Uma das primeiras coisas que Decker aprendeu na vida era que seu pai tinha razão. Nunca teve motivos para contrariar aquele conselho, e assim seu pequeno

“talento”, como pai e filho chamavam, permaneceu em segredo.

— Ei, Decker, tudo bem aí? — perguntou Rand. — Deixa pra lá. Eles só estão...

Mas, antes que pudesse terminar a frase, o conflito virou uma disputa de gritos, e ele voltou a atenção para Badejo e Bronson.



— Tira esse dedo da minha cara, moleque, se não quiser que eu arranque! — vociferou Badejo, peitando o colega de trabalho.

— Quem você está chamando de moleque?

Embora fosse teimoso, Bronson geralmente não era agressivo, mas partia para cima do outro homem, maior que ele, o rosto corando de raiva.

Decker avançou pela areia na direção dos dois com uma inquietação crescente. Aquela briga não ajudaria em nada. Só criaria mais burocracia, e seria ele quem teria que preencher os relatórios de ocorrências. Enquanto se aproximava, a cabeça começou a latejar, e ele gritou para Bronson e Badejo:

— Sério, rapazes, dá para vocês se acalmarem e terminarem o trabalho?

Decker forçou um tom conciliatório que não correspondia ao que sentia; no entanto, se os dois ouviram, não demonstraram. Enquanto ele se aproximava, a dor só piorava. A raiva dos homens era como um ser vivo, crescendo tanto que a violência era inevitável.

Rand foi atrás dele sem questionar o que estava acontecendo. Percebeu o que se passava. Até mesmo os outros notaram e se aproximaram — provavelmente para ver melhor. Uma briga estava prestes a começar.

E foi Bronson quem deu o primeiro golpe. Decker jurava que seria Badejo, mas Bronson, menor do que o outro, o surpreendeu e mandou um gancho de esquerda na mandíbula do engenheiro.

Badejo não caiu. Em vez disso, abriu um sorriso malicioso. Agarrou os braços de Bronson e o prendeu com força suficiente para machucá-lo de verdade.

Enquanto brigavam, atrás deles a plataforma começou a ceder na areia. Não afundou muito, até onde Decker pôde ver, mas acabaria virando um problema se eles não se acalmassem.

— Gente! Presta atenção! — gritou Rand, apressando-se.

Decker correu na direção deles. As coisas estavam ficando sérias de verdade.

Alcançaram a dupla mais ou menos ao mesmo tempo. Rand segurou o braço de Badejo, que se desvencilhou e deu um soco no rosto de Bronson, fazendo-o cambalear para trás. Se o golpe tivesse sido mais forte, provavelmente teria

rachado o crânio dele. Mesmo assim, foi um soco bem dado que poderia ter acabado com a briga. Mas Bronson se recuperou e, tomando impulso com os pés na plataforma do verificador de amostras, avançou.

A máquina se inclinou ainda mais.

— Parem com isso, vocês dois!

Decker segurou Bronson antes que ele conseguisse revidar. O desgraçado podia ser magrinho, mas era resistente e estava enfurecido, as emoções fervilhando até se transformarem num ódio cego que parecia gritar dentro da cabeça de Decker. Ele queria se afastar das ondas súbitas de emoção, mas não podia ceder ao impulso — não se quisesse impedir que a situação piorasse.

Ele se firmou no chão e empurrou Bronson para trás. Era mais forte que o engenheiro, pois havia trabalhado em planetas com gravidade cinquenta por cento maior que a da Terra. Nova Galveston era um planeta rochoso de tamanho considerável, mas com uma densidade próxima à terráquea, então seus músculos superdesenvolvidos lhe davam alguma vantagem.

Bastou o homenzinho tomar um novo impulso na plataforma para a areia ceder e fazer toda a estrutura pesada se inclinar ainda mais.

— Eu mandei *parar*! — berrou Decker.

Badejo empurrou Rand de novo, que caiu para trás, batendo em Decker. Não foi tão forte, mas bastou. Alguma coisa mexeu sob seus pés.

Merda!

Decker começou a afundar depressa.

Um dos tubos de silício, percebeu. Tinha que ser.

— Merda! Luke, traz ajuda! — conseguiu dizer, assim que o tubo se quebrou.

A perna afundou vários centímetros, e instintivamente ele tentou se segurar à plataforma.

Um grande erro. Soube disso na mesma hora. *Droga, que merda que eu fiz*.

A plataforma se inclinou de vez, e toda a engenhoca caiu na direção dele. Decker sentiu a areia cedendo, a plataforma se inclinando, e então já era tarde demais.

3

O CHEIRO

Decker gritou quando a plataforma caiu em cima dele, o peso afundando-o ainda mais na areia fofa.

O medo também não poderia ser ignorado, pois a possibilidade de ser esmagado pelo maquinário era aterrorizante, mas o verdadeiro problema foi a dor inesperada. Algo sob o solo — tinha que ser um dos malditos tubos — espetou sua perna, e ele sentiu uma fisgada agonizante.

Na mesma hora, um fluxo quente e úmido escorreu para dentro de sua bota. E não era urina.

Estou sangrando. Enquanto o restante da equipe gritava seu nome, Decker se obrigou a ficar calmo. O pânico não ajudaria em nada, poderia até tornar a situação fatal.

— Badejo, preciso que você vá para o outro lado da plataforma e dê um jeito de ancorar esta coisa. Senão ela vai me esmagar.

Badejo não perdeu tempo. Assentiu e correu, chamando outros dois homens. Todos sabiam o que estava em jogo. Totalmente carregada, a plataforma pesava cerca de quatrocentos e cinquenta quilos. Se ela se inclinasse um pouco mais, ele teria sorte se só perdesse a perna. O mais provável era que fosse esmagado.

Precisava estabilizar a maldita plataforma.

Bronson saiu correndo em direção ao acampamento principal e aos médicos, esquecendo a raiva. Rand ficou perto de Decker.

— Fala comigo — pediu ele. — O que está acontecendo aí embaixo?

— Estou sangrando. Muito. — Decker estremeceu e se esforçou para respirar fundo algumas vezes. — Vai me mandar cuidar da minha vida de novo?

— Desta vez, não. — O homem balançou a cabeça e olhou para Decker. — Será que tento puxar você?

— Não! — A simples ideia lhe causava arrepios. — Não. Estou muito preso. Acho que, se eu me mexer muito, vou rasgar alguma coisa.

— Certo. — Luke empalideceu um pouco ao ouvir isso. — Nada de mexer. —

Olhou ao redor e gritou: — Anda! Prendam essa porcaria!

Badejo e mais alguém gritaram em resposta, mas a pulsação nos ouvidos impediu que Decker distinguisse as palavras. Ele não sentia o chão abaixo de si, não sentia pressão alguma onde o pé deveria estar apoiado, o que significava ou que estava pisando em falso ou que a perna tinha ficado dormente. Nenhuma das opções lhe agradava muito. Sem ter onde sustentar o peso, a situação era pior do que ele imaginava. Se os tubos de silício se rompessem ainda mais, toda a plataforma poderia cair e esmagá-lo.

Por outro lado, se o pé estivesse dormente, poderia significar um dano irreparável no sistema nervoso ou, pior, que a perna já havia sido decepada.

Não, achava que não. Embora não sentisse nada debaixo dela, a perna doía demais para não estar mais lá. Era a primeira vez na vida que agradecia pela dor.

A plataforma rangeu e balançou acima dele, e o verificador de amostras estremeceu, sacudindo-se mais do que um equipamento industrial deveria.

— Merda — disse ele numa voz rouca. — Que jeito mais idiota de morrer, Luke.

— Você não vai morrer. Você me deve muita grana. — Rand se levantou e olhou para o outro lado da plataforma. — Eles estão tentando estabilizar essa coisa.

Você perde umas partidinhas de pôquer e o cara nunca mais te deixa esquecer.

A plataforma oscilou novamente, mas dessa vez ela se afastou dele. Decker soltou a respiração num longo suspiro, esperando que tudo desse certo. Ainda havia uma pulsação nos ouvidos, mas tinha diminuído. Então percebeu uma movimentação à esquerda.

Markowitz e Herschel vinham em sua direção. Markowitz trazia um kit médico e tinha a expressão preocupada de quase sempre. Herschel estava calmo como nunca. Sem dúvida nenhuma o sujeito era impassível, mas, pela experiência de Decker, isso parecia ser uma característica da profissão.

Herschel apontou para Rand.

— Acha que consegue levantá-lo quando eu pedir?

Rand fez que sim e se ajoelhou. Herschel gritou para Badejo:

— Tudo pronto aí?

— Tudo! Vamos lá!

Badejo está mentindo. Provavelmente era o estresse de Decker que dizia isso, ou talvez não. Todos pareciam nervosos demais, e ele imaginou que fosse porque estava começando a parecer meio morto. Podia ver as próprias mãos, e estavam mais pálidas do que nunca, de um tom branco-acinzentado. *Quanto sangue já*

perdi? Não saberia dizer, mas se sentia extremamente zozinho.

Era como se o corpo todo, e não só a perna, estivesse flutuando.

— Acho que vou entrar em estado de choque aqui, gente. — Sua voz soou fraca.

Markowitz meneou a cabeça e mexeu no kit médico. Herschel se ajoelhou ao lado de Rand e aproximou o rosto, parando a centímetros de Decker. Teria sido muito mais agradável ficar cara a cara com Markowitz, mas não se pode pedir muito quando se está à beira da morte.

O nervosismo emanava de Herschel em ondas, mas seu rosto estava tranquilo enquanto mentia.

— Você está bem, Decker. Para de choramingar. Eu cuido de você.

Decker assentiu. Não conseguia mais falar.



O ar estava rançoso, morto. Não que se importassem com isso na escuridão. Dormiam, embora, vez ou outra, um ou dois acordassem apenas para dar uma olhada nos arredores antes de mergulhar novamente no sono.

O sono gastava menos energia. Podia deixá-los fracos, mas os mantinha vivos. Era só isso que importava. A vida. A vida da colônia.

As vibrações acima deles eram frequentes. Os batedores se aventuravam lá em cima e viam as tempestades que rasgavam o ambiente na superfície, golpeando o mundo e moldando-o em novas formas. Essa violência era uma das razões pelas quais dormiam.

O que os batedores sabiam, todos sabiam.

Criaram o ninho para que soubessem quando chegasse a hora. Quando as novas fontes de alimento e vida surgissem.



De repente, o ar estagnado passou a fluir. A leve sugestão de ar fresco não foi suficiente para acordá-los. Foi o que veio a seguir que fez a diferença.

Sangue.

O odor de sangue chegou, evocando promessas. Ainda assim, aquele rastro de sangue poderia não ter bastado para tirá-los da hibernação. Não, havia algo mais. A faixa de silício que lhes ofereceu ar fresco e cheiro de sangue também trouxe uma coisa à qual não poderiam resistir sob nenhuma circunstância — a marca do inimigo.

Nas câmaras ocultas e nas passagens que criaram ao longo de décadas de lenta atividade, o fedor adentrou suas consciências em ondas, trazendo a necessidade de acordar e se defender.

Eles se mexeram e, no movimento, despertaram.

Enquanto despertavam, sentiram a presença.

O ódio floresceu.

Se o fogo da sua ira produzisse calor, teria incendiado o mundo inteiro.



Decker observava as mãos hábeis de Herschel cortando sua calça para revelar a ferida aberta e sangrenta na parte superior da coxa. Por um milésimo de segundo sentiu um pavor irracional ao pensar em Markowitz vendo-o nesse estado. Não havia nada menos atraente que um homem completamente vulnerável, e naquele momento Decker estava exposto de diversas formas.

Mas não tinha o que fazer quanto a isso. Markowitz levou as mãos à ferida, anestesiando o local rapidamente com um medicamento tópico, depois com três injeções velozes. A pele ficou fria, depois, insensível. Era melhor assim. Decker podia sentir a preocupação dos dois enquanto olhavam sua perna estraçalhada. Ele se imaginava em péssimas condições, o que parecia coincidir com a opinião dos médicos.

Mesmo assim, ambos trabalharam rápido e com a eficiência que vinha de uma longa parceria. Comunicavam-se com palavras e gestos, e, sempre que as mãos alcançavam a vista de Decker, as luvas pareciam estar cobertas de mais sangue.

Rand também estava lá, sussurrando bobagens, dizendo a Decker que ele ficaria bem e que tudo ficaria “uma belezinha” — seja lá o que ele quisesse dizer com aquilo —, mas Decker sentia que era mentira.

Aos poucos, no entanto, ele notou que as expressões ao redor começaram a mudar. Decker não tinha a menor ideia do que faziam enquanto ele olhava para o céu, mas estavam ficando mais relaxados. *Devia ser um bom sinal, certo?* Talvez indicasse que haviam encontrado uma forma de reparar o dano. Decker esperava que sim. Não sentia dor, mas a sensação de estar flutuando persistia. Passou a língua pelos lábios. Ela parecia estar grudada nos dentes e no céu da boca.

A cabeça pendeu para a esquerda, e, no lugar do céu, passou a olhar para Markowitz. As mãos dela o tocaram, o corpo meio inclinado sobre ele, permitindo uma bela vista do decote. Mas as mangas da blusa estavam vermelhas até o cotovelo, e havia uma montanha desconcertante de gaze coberta de sangue ao lado dela. Sua expressão estava mais séria do que nunca.

— Consegui. Pronto!

A voz de Herschel parecia animada — e incrivelmente distante. O homem estava bem ali. Decker sabia disso, mas era como se ele falasse do outro lado do município de Rutledge, a cento e sessenta quilômetros.

— Graças a Deus — entooou um Rand igualmente distante.

Markowitz não disse nada, mas suspirou num gesto muito dramático. Ele meio que quis fazer um comentário malicioso — tinham esse tipo de relacionamento —, mas não conseguia botar a boca para trabalhar nem pensar em nada minimamente sagaz.

Ela se afastou e olhou para ele, a expressão nos olhos castanho-escuros suavizada. Seu alívio era imenso, e Decker sentiu uma onda de afeição vinda dela. Não era amor, e definitivamente não era desejo, só afeto. *Que pena, de verdade.* Markowitz sorriu e disse alguma coisa que ele não conseguiu entender.

Gostava do jeito que os lábios dela se mexiam.

Relaxou e se sentiu desvanecer na escuridão. De vez em quando, era bom relaxar e se deixar à deriva.

O ódio o atingiu como um maremoto.



O inimigo!

A coisa vil que queimava e matava e roubava. Era tudo o que havia de mau no mundo deles, destilado e personificado. Era a morte.

O rosto era suave, tão pálido e fraco quanto o dos novos hospedeiros, as novas coisas vivas que foram sacrificadas para dar vida ao enxame.

Mas este era diferente. Estava marcado.

Este...



Mas o que é isso? A cabeça de Decker deu um tranco, e ele estremeceu. Algo estava acontecendo, e o que quer que fosse soava como uma explosão nas profundezas da sua mente. Ele sentia, via, experimentava, mas não com os sentidos.

Sentiu o rugido se aproximando, uma onda de sensações que simplesmente não se associavam, não correspondiam a sua capacidade de compreensão. Exceto por uma mensagem que chegou com muita clareza.



Este tem que morrer.



Era uma sensação assoladora de maldade. Era pior do que se afogar, pois ele não conseguia respirar, nem se mexer, nem avisar a ninguém o que estava acontecendo. Sentia apenas o ninho de cobras serpenteando pelo cérebro, um enxame de aversão misturado a medo e... a mais alguma coisa.

Era algo oleoso em sua mente e que deixou um gosto na alma. O ódio o atacava, tentando esmagá-lo. Decker estremeceu e tentou gritar, mas nada aconteceu. O corpo continuou paralisado. Os olhos se mexeram sob pálpebras que ele não conseguia abrir. Havia um zumbido nos ouvidos, nítido como um dedo percorrendo a borda de uma taça de cristal, que sufocava tudo, menos o som deturpado de Markowitz gritando, alarmada.

E o ódio ainda investia contra ele, o atacava como um relâmpago, abrindo caminho pela mente, pelo corpo.

Decker tentou falar, mas os dentes cerraram.

Tentou respirar mais uma vez, inspirar uma quantidade decente de ar, mas foi inútil. Não conseguia inspirar nem expirar, e em vez disso o peito estremeceu e travava.

Os pés se agitaram, e a dor na perna, que estava distante como o som de um trovão vindo do extremo de um vale, retornou com força total. Voltou a ouvir ruídos, sons de alarme, e percebeu a perna ser segurada por mãos de um mundo tão remoto que pôde apenas sentir a pressão, mas não a origem dela.

Suas mãos agarraram a areia, arranhando o chão em busca de apoio, numa tentativa desesperada de se arrastar para fora do poço de ira, vasto e cada vez mais profundo, que rasgava tudo e o devorava. Teria algum dia existido um ódio assim tão forte? Não que ele soubesse. Não que pudesse imaginar.

Decker tentou gritar de novo, mas seu corpo se contorceu, vítima de uma convulsão que o fez arquear as costas e revirar os olhos. A mandíbula afrouxou, depois voltou a travar, fazendo com que ele mordesse a língua e engasgasse com o sangue quente que jorrou de sua boca. Sentiu um medo miserável.

Era impossível emitir palavras, mas um gemido baixo saiu dos lábios sujos de sangue. Os músculos se retesaram, quase se rompendo, e ele desabou e se contorceu enquanto a emoção fervia em sua alma.

Por fim, a escuridão rumo à qual flutuava colidiu com ele, ofuscando-o e

lançando-o num silêncio repleto de nada além de mais ódio — e de uma certeza concreta de que alguma coisa lá fora queria matá-lo.

4

À DERIVA

Ele acordou no lugar errado.

Esperava abrir os olhos e ver o teto familiar do seu dormitório apertado. Em vez disso, encarava uma superfície polida de aço inoxidável acima de uma cama pequena e, sem dúvida, desconfortável. Conhecia o ambiente, é claro. Estava a bordo de uma nave, e não era de jeito nenhum onde deveria estar.

— Bom dia.

Ele se sobressaltou. A voz suave tinha vindo da esquerda.

Conhecia as palavras, mas por um breve instante elas pareceram incompreensíveis — sons exóticos cuja origem não fazia sentido. Onde estava o restante da...

— Como está se sentindo?

Decker se virou e deu de cara com uma mulher robusta, de uns quarenta anos. Estava sentada, e por isso não era fácil estimar sua altura, mas usava um jaleco branco, e o cabelo castanho, um tanto grisalho, estava preso num coque.

— Estou numa nave? — perguntou num tom ríspido. A boca parecia inchada, e sentia uma dor dos diabos na garganta.

A mulher assentiu. Tinha olhos azuis por trás das grossas lentes dos óculos, e analisou o rosto dele com cuidado.

— Você está a bordo da *Carlyle*, rumo à Terra.

Então começou a se lembrar aos poucos, mas com clareza.

— Como cheguei aqui?

Devia estar mais ferido do que imaginava. Olhou ao redor e, de fato, usava uma camisola hospitalar. Mesmo nesta posição conseguiu ver a perna e a linha grossa de tecido cicatrizado que agora a adornava. Alguém havia chegado até a depilar a parte de cima da coxa, e o contraste fazia aquela área parecer uma floresta desmatada.

— Você se lembra do acidente? — perguntou ela, tentando sem sucesso usar um tom neutro.

Decker percebeu a apreensão. Pensou na última coisa de que conseguia se lembrar e pôde ver aonde ela queria chegar. O acidente, o sangue, os espasmos.

O ódio.

Nada estava muito claro. No entanto, mais forte do que a lembrança da dor era a lembrança da fúria que o havia engolido.

Expirou por um longo tempo, estremeando.

— É, acho que sim — respondeu. — Minha perna foi mutilada. E tive uma espécie de ataque.

A mulher deu um sorriso muito seco e um tanto condescendente.

— Você teve uma convulsão. — Olhou para a folha impressa que levava no colo amplo. — Na verdade, teve várias, mas, de acordo com este prontuário, as primeiras foram as piores. — Ela o encarou e depois desviou o olhar, parecendo pouco à vontade com o modo como ele a fitava. — Você se debateu e quase decepou a própria língua com os dentes. Desde então, estamos monitorando você com todo o cuidado e, é claro, trabalhando para que se cure totalmente.

Quase decepei a língua. Não admira estar inchada. As palavras pareceram sair de Decker muito lentamente.

— Se estou me curando, por que estou indo para a Terra?

— As convulsões são... um problema — explicou ela. — Não conseguimos encontrar uma razão para elas.

A escuridão, e as coisas despertando e olhando para ele, e aquele lampejo súbito de emoção crua, vulcânica.

— Não há instalações em Nova Galveston onde eu poderia ser examinado?

— Claro, mas há instalações melhores na Terra.

Ela estava mentindo. Decker teria percebido isso mesmo sem suas habilidades empáticas. O rosto dessa mulher não tinha sido feito para mentir. Mesmo assim, ele não podia confrontá-la.

— Alguém arrumou as minhas coisas? — perguntou.

— Sim, um homem chamado... — Ela deu uma olhada nos documentos da prancheta. — Lucas Rand. Ele fez suas malas e pediu a nós que avisássemos que ele mandaria as informações mais recentes para você usar quando fosse preparar os relatórios.

Decker assentiu. Isso era bom. Havia muito a relatar.

Sem aviso, um tremor percorreu seu corpo. Ele fechou os olhos por um instante, e a respiração se acelerou. Era como se fosse observado por algo além dos limites da percepção. Nunca tinha sido exatamente paranoico... Seria essa a sensação? Com certeza sentia que *alguma coisa* queria pegá-lo.

E deve ter demonstrado.

— Você está bem?

Decker abriu os olhos. A mulher o observava, franzindo a testa.

Ele não respondeu de imediato, só olhou para o braço e para os pelos arrepiados. Como alguma coisa podia fazê-lo sentir tanto frio? Tanto pavor?

— Não — respondeu. — Acho que não.

Ela assentiu com a cabeça, como se as palavras dele justificassem o que quer que viesse a seguir.

— Bom, vamos descobrir o que é muito em breve. — Ela se levantou e o encarou com aquele sorriso indulgente que nunca chegava aos olhos. — É um longo caminho de volta à Terra, e vamos entrar em estase daqui a pouco.

Essa ideia não o fez se sentir melhor. Nunca havia gostado muito do sono forçado das câmaras de estase. Entendia muito bem os motivos, mas não gostava da sensação de estar preso. Em vez de acalmar os ânimos, sentiu as emoções se intensificarem. Por mais que tentasse, não conseguia tranquilizar a respiração.

— Você está suando — comentou a mulher.

— Acho que estou tendo uma crise de pânico. — O pulso batia desenfreadamente e, sim, estava suando. Começou a tremer.

— Você costuma ter crises de pânico? — perguntou ela, tocando a testa dele com a palma da mão.

— Não. — Decker tremia incontrolavelmente, e se sentiu um idiota.

— Vou te dar um sedativo leve.

Ele balançou a cabeça, recusando, e deu a primeira desculpa que lhe ocorreu.

— Preciso terminar meus relatórios. Preciso ser capaz de me concentrar.

— Foi por isso que eu disse que era *leve* — retrucou ela. — Só para ajudar a te acalmar. Ainda faltam algumas horas para entrarmos nas câmaras, então você deve ter tempo suficiente para terminar qualquer trabalho que não envolva levantamento de peso.

Isso o fez sorrir, e, para sua surpresa, foi recompensado com um sorriso verdadeiro da médica.

Mas não ajudou — na verdade, o pânico aumentou. Decker tentou contê-lo, mas nada funcionava. A respiração estava ofegante, a garganta estava seca, e era difícil engolir. O suor porejava sobre os lábios trêmulos e sobre a testa.

Vendo isso, a mulher se virou sem dizer nada, saiu e voltou pouco depois com um copo de plástico com água e um copo menor contendo duas pílulas brancas.

— Engula — instruiu ela de forma brusca. — Vai ajudar.

Decker anuiu e obedeceu.

Pareceu levar uma eternidade, mas depois de um tempo as pílulas

funcionaram. Primeiro, o tremor diminuiu; depois, o suadouro parou. E, finalmente, a sensação de que havia algo o ameaçando cedeu. Não sumiu, mas ele sentia que conseguiria lidar com ela.



Após cerca de meia hora, pelos seus cálculos, a mulher vasculhou as coisas dele e tirou o computador de mão que Decker usava para analisar os resultados dos testes. Ajustou a cama para que ele pudesse ficar sentado e o deixou sozinho para trabalhar na papelada.

Sempre a papelada. Na verdade, era burrice chamar de “papelada”, já que não havia papel nenhum. Na verdade, o único papel que viu em muito tempo foi aquele que a médica segurava. Pelo menos, *presumia* que ela fosse médica.

Será que uma cópia impressa torna mais fácil esconder os fatos?, perguntou-se. *Ou mais difícil?* Riu sozinho. *Talvez eu esteja mesmo ficando paranoico.*

Às vezes, achava o trabalho monótono, mas neste momento foi um grande conforto ter que examinar os detalhes e analisar a pesquisa mais de uma vez. Quanto mais trabalhava, menos tinha dúvidas: a Weyland-Yutani era responsável pelo que havia de errado em Nova Galveston. Procurou a fundo no passado e confirmou que de fato houvera lá uma unidade de mineração da empresa. Não, não exatamente da empresa, mas ou a Weyland-Yutani tinha sido parceira comercial na empreitada ou havia fornecido boa parte do equipamento. “Mineradora Kelland” era o nome nos documentos, mas, pelo que podia perceber, a W-Y tinha ações da Kelland, ou a havia comprado em algum momento.

De um jeito ou de outro, deveriam ter sido informados sobre a ocupação anterior do planeta. Na sua opinião, isso significava que a Weyland-Yutani era culpada. Seu relatório para a Comissão de Comércio Interestelar informaria isso.

Terminou o relatório e o enviou com pouco mais de uma hora de folga — seria direcionado pelos sistemas de comunicação da nave e chegaria à Terra antes dele. Em seguida a médica voltou e o levou para o núcleo de câmaras de hipersono. Os procedimentos-padrão ainda se aplicavam. Decker tirou a roupa e ficou só de cueca — não que isso tenha exigido muito esforço, dadas as circunstâncias — e entrou no cilindro de vidro que parecia mais um caixão que qualquer outra coisa.

Sentiu uma pontada de pânico voltando, mas a reprimiu. Não demorou para o sono reivindicá-lo.



E, com o sono, vieram os pesadelos.

Quarenta e sete dias de pesadelos enquanto ele rumava de Nova Galveston para a Terra.

Quando você dorme, ninguém pode ouvir seus gritos.

5 DE VOLTA PARA CASA

Parando para pensar, talvez tivesse sido um erro.

Ele se curou completamente durante a viagem de volta para casa. Porém, assim que aterrissaram e desembarcaram em Chicago, Walter Harriman, o diretor do departamento, lhe enviou uma mensagem de vídeo. O rosto do homem apareceu na tela do link e informou a ele que precisava ir ao escritório o quanto antes para discutir suas conclusões.

Duas horas depois, estava sentado numa cadeira ouvindo aquele homem, que ele julgava conhecer, explicar de forma bem evasiva que o relatório não era bom o suficiente. Decker poderia ter acreditado nas palavras, se não fosse um empático. Afinal, Walt era um excelente mentiroso. Era assumidamente cara de pau, mas não gostava de mentir para sua equipe, e Decker *sentiu* mais do que percebeu a mentira.

O diretor lhe pediu que “reconsiderasse” suas conclusões.

Decker engoliu a resposta que lhe veio à cabeça, disse que faria isso e levou consigo as anotações de Walt.



Ele tentou. Tentou mesmo.

Examinou cada prova várias vezes, e chegou à mesma conclusão. Ou a Weyland-Yutani sabia da colônia mineradora e do potencial para envenenamento que ela havia deixado para trás ou era um caso de burrice criminosa. Reformulou as frases para que soassem menos incriminatórias, mas no fim das contas tinha um trabalho a fazer, e o fez.

Walt disse que estava satisfeito com as mudanças, mas sua atitude não condizia com o discurso. A voz do homem era gélida quando sugeriu a Decker que tirasse uns dias de folga “para se recuperar do acidente”. Isso, na língua de Walt, queria dizer “dá o fora daqui enquanto penso em como cuidar disso”.

Pelo visto ele quer cuidar da situação de qualquer jeito.

Não. Decker afastou esse pensamento. Em última análise, era mais complicado do que parecia, e ele sabia disso. Envolvia questões políticas, e, pior ainda, envolvia a Weyland-Yutani. A corporação era gigantesca, e tinha influência em campos que Decker tentou não levar em consideração. A W-Y era podre de rica, dava duro para preservar a reputação impecável e não gostava de provocação.

Ele teve problemas com a empresa no passado, mas sempre existiram provas suficientes para sustentar as alegações. A Weyland-Yutani sempre soube quando era mais fácil se conformar, em vez de entrar numa batalha perdida. Então mais uma vez Decker só precisava esperar o fim da turbulência, exatamente como tinha feito no passado.



As coisas haviam mudado.

A natureza do seu trabalho sempre havia garantido a Decker certo grau de poder e autoridade, do qual burocratas de todo o mundo desfrutavam. Era só preencher os formulários adequados, colocar os pingos nos is e os pontos finais, e tudo se alinhava. Isso era reconfortante, estar isolado e em segurança dentro da rede do *status quo*.

Mas isso tinha sido antes das convulsões. Mesmo depois que começaram, Decker manteve o segredo. Ficando longe de encrenca, evitava dar às pessoas qualquer tipo de vantagem sobre ele e mantinha um nível conveniente de anonimato.

Entretanto, não era mais anônimo.



Voltou à Terra a tempo de comemorar o Ano-Novo. O novo milênio se aproximava, e ele esperava que 2497 fosse mais tranquilo que o ano anterior.

Seus filhos estavam com a ex-esposa, e ele não se sentia pronto para encontrá-los. Ficava de coração partido toda vez que via as crianças e percebia o quanto elas haviam crescido. Esse era o triste efeito colateral de trabalhar extramundo. Por isso, em vez de passar a virada do ano com a família, Decker foi a uns pubs e curtiu ficar um pouco bêbado enquanto o ano terminava.

Como acontecia com frequência quando ficava um pouco zonzo, decidiu caminhar até passar, e, ao som das comemorações por todos os lados,

contemplou seu dilema.

A Weyland-Yutani tinha feito sua cota de boas ações com o passar dos anos. Mais de um século antes, as Forças Armadas Unidas tomaram quase tudo, esmagando as megacorporações. A maioria das pessoas achou que isso fosse bom... no começo. Mas, ao longo das décadas, começaram a perceber que serviam ao Exército, quer tivessem se alistado, quer não. Quem não seguisse as regras se dava muito mal.

Na época, seu avô vivia em Chicago, e Decker cresceu ouvindo as histórias. Uma das naves de pesquisa da FAU, a *Auriga*, foi tomada por terroristas e caiu na França, que até então era um importante país do continente europeu. A nave era grande e causara bastante estrago. A devastação havia deixado o planeta literalmente à beira de uma nova era do gelo, e não foi a FAU quem salvou o dia — foi a Weyland-Yutani.

Na época, o mundo era um pouco diferente. Entre outras coisas, a Weyland-Yutani era a principal fabricante de robôs, e, no auge da sua influência, as pessoas sintéticas faziam parte da tripulação de quase todas as naves. Mas, quando as patentes da empresa expiraram, outras começaram a oferecer produtos por preços mais baixos e abriu-se um mar de possibilidades.

A Weyland-Yutani usava sistemas estritamente à prova de falha desde o começo. No entanto, com a produção em massa, cada vez mais o mercado foi dominado por sintéticos, que depois de um tempo se rebelaram contra a forma como vinham sendo tratados.

Uma revolta atrás da outra e diversos ataques terroristas resultaram no quê? Cidadania garantida aos sintéticos. As máquinas passaram a ter os mesmos direitos que as pessoas — porque em algum momento o fato de parecerem e se comportarem como seres humanos confundiu totalmente a cabeça de muitas pessoas.

Decker nunca teria concordado com a decisão. Era tão tolo quanto dar direitos a uma nave espacial. Uma ferramenta é uma ferramenta, mesmo que pareça humana. A Weyland-Yutani conseguiu reverter a mancada que deu em seu retorno triunfal, mas isso levou tempo.

Quanto à Terra, a abordagem era simples: eles a terraformaram. A Weyland-Yutani tinha criado os primeiros motores de terraformação, e pela segunda vez na história o estavam usando para eliminar os poluentes da atmosfera.

Ao salvar o planeta, salvou a si mesma. A W-Y e várias outras empresas conseguiram destronar a FAU, substituindo-a por um governo colonial que supervisionava todos os planetas conhecidos.

Mas isso abriu as portas para que todos os antigos abusos voltassem a ser

cometidos. O trabalho de Decker era garantir que continuassem na linha. E ele o levava a sério.



No entanto, menos de quatro semanas depois, viu-se numa sala de espera, preparando-se para mais uma rodada de exames médicos, considerados “necessários antes que a Comissão cogite permitir ao senhor Decker que volte ao trabalho”.

Bobagem. Teria dito isso, se alguém estivesse ali para ouvir. *Isso é bobagem, pura e simplesmente.* A paranoia tinha dado lugar à convicção. Sua intuição lhe dizia que ele havia se tornado um alvo, mas esta nova certeza o deixava desequilibrado — nunca havia tido que lidar com nada parecido.

Por fim, convenceu-se de que estava sendo ridículo. Nem mesmo a Weyland-Yutani, por maior que fosse, poderia simplesmente reescrever as regras. E, se não tentaram prejudicá-lo no passado, o que havia em LV178 para fazê-los começar agora? Não, por mais que odiasse os exames intermináveis, eram necessários. Eram só parte do processo.

A intuição dele tinha que estar errada.



O doutor Japtesh parecia perfeitamente amigável, mas só estava ali para fazer seu trabalho. Ele não sorria nem fazia graça. Em vez disso, disparava uma infinidade de perguntas.

— O senhor se lembra de alguma coisa relacionada ao seu primeiro ataque?

Decker deu de ombros.

— Não. Quando aconteceu, eu tinha me ferido e havia um maquinário pesado prestes a me esmagar. — Tentou rir disso, mas só de pensar na cena teve calafrios e se sentiu claustrofóbico. — Eu estava com muita coisa na cabeça naquela hora.

— Fascinante — comentou o médico numa voz quase monótona. — Pode me dizer como se sentiu?

Decker olhou para ele por um longo tempo — *Ele está ouvindo alguma coisa do que eu digo?* — e respirou fundo.

— Eu *senti* que tinha sido ferido e estava prestes a ser esmagado.

Nenhuma reação.

— Isso já aconteceu com o senhor antes? Isto é, as convulsões, não o acidente.

Isso poderia ter sido uma piada, mas Decker duvidava.

— Não — respondeu, sem muita certeza.

— Quem causou o acidente? — perguntou Japtesh.

Estavam procurando alguém em quem botar a culpa.

Decker fez que não.

— Ninguém. Foi um acidente.

Os olhos escuros de Japtesh não deram a menor pista sobre o que ele estava pensando.

— Mas com certeza *alguém* foi responsável, não?

Decker sustentou o olhar dele e refletiu sobre a resposta antes de falar.

— Bom, havia uns problemas com a areia lá no Mar de Angústia.

O médico franziu a testa.

— O que é o Mar de Angústia? — perguntou ele, e olhou para a tela do seu bloco de notas digital. — Não vejo nenhuma menção a isso. — Pareceu vasculhar todos os documentos, e depois voltou a olhar para Decker. — Não há nenhum relato sobre água.

Decker reprimiu uma risada.

— É só um apelido... Acho que tem alguma coisa a ver com a Bíblia. Estávamos numa região arenosa, a areia se moveu, o equipamento escorregou e eu fiquei preso.

De jeito nenhum ia apontar o dedo para alguém da sua equipe. Alguns mereciam? Sim, mas ele ainda precisaria trabalhar com aquelas pessoas. Se vazasse a notícia de que tinha delatado alguém, nunca mais confiariam nele.

Japtesh o encarou, ainda implacável.

— Ah, sim, o verificador de amostras — declarou o médico, observando a tela outra vez. — Acredito que o senhor não esteja autorizado a operar um desses, ou está? Por que estava perto da máquina, afinal?

Decker não gostava do rumo que a conversa estava tomando. Estava acostumado a enrolar burocratas, mas era para esse cara ser seu *médico*.

— Bom, uma briga estava prestes a começar e, assim que senti isso, interfeirei para impedir que a coisa ficasse séria.

No momento em que contou isso, soube que se arrependeria. *Não há nada de errado em ser capaz de saber o que os outros sentem, mas algumas pessoas não vão entender.*

Japtesh quase *irradiava* entusiasmo, embora seu rosto redondo nada demonstrasse.

— Os homens envolvidos na briga eram Badejo e Bronson?

— Sim. Está tudo no relatório.

— Mas como o senhor sabia que eles estavam prestes a brigar? — insistiu o médico. — O que quis dizer ao afirmar que “sentiu” isso?

— Bom, como eu poderia não sentir? — Talvez ainda pudesse escapar da emboscada. — Eles estavam discutindo, e Bronson agia com mais agressividade que o normal.

— Por que diz isso? O senhor conhece esse homem tão bem assim?

Paranoia. Tinha que ser. Estava interpretando alguma coisa de forma errada. Podia jurar que o homem parecia animado ao fazer aquelas perguntas. Decker balançou a cabeça para afastar a ideia.

— Deu para perceber... porque ele deu o primeiro soco.

— Sim, mas, antes de isso acontecer, o que fez o senhor pensar que ele tendia a ser mais violento que o normal?

— Um pressentimento, acho.

Japtesh o encarou por um tempo muito longo, depois assentiu.

— Entendo... Um pressentimento — repetiu ele. Logo voltou a atenção para a tela. — Esse parece ter sido o começo das convulsões que o senhor teve... Pode descrevê-las em detalhes?

Quando Decker pensou nisso seu estômago se revirou.

— Hã... não — respondeu. — Acho que estava ocupado demais tendo as convulsões para prestar atenção ao que acontecia naquela hora.

O médico o olhou por mais um tempo, depois fez outra anotação na tela.

— Obrigado pelo seu tempo, senhor Decker. — Ele ergueu o olhar e forçou um sorriso. — Acho que é só isso.

Decker deixou o consultório médico se sentindo inquieto. Aquela sensação agonizante — de que alguém atirava facas em sua direção — não passava.



Era inverno, mas o ar nas ruas fedia a ozônio e coisa pior. Chicago era assim desde que ele se entendia por gente. Parecia melhor do que quando era criança, mas não muito. Espalhavam-se notícias de que, segundo os informes, a poluição chegava a níveis alarmantes. Decker duvidava que um dia isso fosse mudar.

De tempos em tempos alguém sugeria um processo de terraformação mais agressivo para reparar ainda mais os danos à Terra. O problema era o clima. Num planeta com pouca atmosfera, ou onde uma nova atmosfera estivesse sendo gerada, os motores de terraformação seriam instalados para moldar lenta e continuamente o ambiente. Às vezes, isso gerava tempestades violentas que

devastavam regiões inteiras do planeta, regiões inabitadas.

Na Terra, estas tempestades causariam uma quantidade inimaginável de mortes e destruição, e por isso as obras deviam ser executadas com extremo cuidado.

Formavam-se subcomitês para debater os prós e os contras, mas nada jamais acontecia. *A burocracia em sua melhor forma, minha gente.* Considerando o governo da época, ele duvidava que alguma coisa fosse realizada.

A cidade abrigava mais de trinta milhões de pessoas, incluindo os subúrbios, e, embora houvesse alguns parques, a maior parte da paisagem era formada por uma infinidade de prédios e ruas — vidro, concreto e asfalto. Não dava para dizer que a personalidade do lugar tinha sido eliminada por completo, mas também não era possível afirmar que era a mesma cidade onde ele havia crescido. Contudo, ele permanecia em Chicago. Não passava tanto tempo assim no planeta, e pelo menos podia ver os filhos de vez em quando.



Quando Decker voltou à sua quitinete, a notícia o aguardava. Uma mensagem de áudio, impessoal e inexpressiva, com uma voz homogênea e vagamente feminina.

“Lamentamos informá-lo de que, até que a investigação das suas ações em Nova Galveston esteja completa, o senhor estará suspenso e sem salário”, dizia, insensível. “Caso queira registrar uma queixa ao seu representante sindical, deve ligar para o seguinte número entre as nove da manhã e as três e meia da tarde, de segunda a quinta-feira...”

Vai se foder, pensou ele, desligando. Conhecia o procedimento. De fato, ia mesmo registrar uma queixa, mas já sabia que não faria diferença. O caso estava saindo do controle. Na verdade, sabia que isso aconteceria desde o começo, só não quis admitir. Walt não era exatamente um amigo, mas Decker sempre havia pensado que ele o apoiaria.

Ficou ali sentado por um tempo, com as cortinas fechadas e sob a luz tênue, depois decidiu que precisava *agir*. Então foi até a porta e de lá direto para o metrô, onde pegou o trem até Nova Cabrini.

Sua ex-esposa estaria lá, mas quanto a isso não podia fazer nada. Ela trabalhava à noite e deixava as crianças com a irmã enquanto estava fora. Decker tinha o direito de visitá-las e pretendia usá-lo, com ou sem Linda.

O casamento tinha desmoronado havia alguns anos. Isso era comum em relacionamentos em que um dos cônjuges passava tempo demais extramundo.

Todos diziam isso, e as estatísticas comprovavam, e não era ele quem ia discutir.

Não precisava ser um empático para saber que estava mentindo para si mesmo.

Quando Linda o traiu, ele sentiu a verdade muito antes de os fatos virem à tona. Não sabia os detalhes, mas sentiu a culpa dela, e assim que a confrontou vieram as acusações. As brigas, os gritos, a insistência de que a culpa era dele, apesar de Decker ter sido fiel durante todo o casamento.

Para Linda, ele não lhe deu apoio nem valor. Decker pensou que conseguiria reconquistá-la se tentasse. Seriam tempos difíceis, mas estava certo de que poderiam ter continuado juntos. Se ao menos ele tivesse desejado isso de verdade.

Ao que parecia, não desejou.



Quando saiu do túnel, parou rapidamente para se conectar a uma cabine de vídeo e ligar para Linda, avisando que estava a caminho. Foi sua filha Bethany quem atendeu. Bethany, que parecia ter dois anos a mais do que devia.

— Papai!

— Oi, querida. Nossa, olha só pra você. — O nó na garganta aliviou um pouco quando olhou nos olhos dela. — Pensei em passar aí para ver vocês. O que acha?

— Vai ser legal! — respondeu ela, e, apesar da distância, Decker soube que estava sendo sincera. Aos sete, ela era jovem demais para mentir bem. Jovem demais até para ter *motivo* para mentir bem, felizmente.

— Posso falar com a sua mãe?

— Vou chamar! Mamããããe!

Bethany sabia que não devia carregar o link de vídeo pela casa. Da última vez havia entrado correndo no banheiro, onde a mãe respondia ao chamado da natureza. Linda e Decker ficaram horrorizados naquela hora, mas depois isso virou motivo de risos.

Linda apareceu na tela um instante depois com uma expressão neutra cuidadosamente colada ao rosto. Eles se tratavam de forma amigável, mas muita coisa havia acontecido, e muitas feridas não cicatrizaram por completo.

— Oi, Alan. Bom te ver. — Parecia em parte estar sendo sincera. — Não sabia que você já tinha voltado.

— É, já faz uns dias. Estava pensando se podia passar aí para ver as crianças, talvez levá-las para comer fora ou ver um filme.

— Elas vão gostar. Faz tanto tempo que acho que Josh está começando a esquecer como você é. — Um leve exagero, mas que doeu dentro dele.

Decker falava com os filhos pelo menos uma vez por semana, a não ser que estivesse numa câmara de hipersono. Porém, era verdade que tinha passado muito tempo longe. E desde que havia voltado não entrou em contato de propósito, pois estava tentando pôr suas pendências em ordem.

— Eu sei, eu sei. Foi por isso que quis vir. Achei que você podia querer um tempo sozinha, e quero ter certeza de que Josh e as meninas vão se lembrar de mim como mais que uma videochamada.

Abriu seu melhor sorriso. Funcionou. Talvez não fosse o cara mais bonito do planeta, mas Linda ainda gostava um bocado daquele sorriso.

Em resposta, ela deu um sorrisinho discreto.

— Então venha buscar as crianças. Vou deixá-las prontas.



Bethany tinha sete anos. Ella, cinco. Josh, quatro. Eram a melhor parte do seu mundo. Quando a porta se abriu e as crianças correram para ele, a vida quase pareceu voltar a fazer sentido. Se pudesse, ficaria abraçado a elas para sempre.

Contudo, as coisas nunca funcionavam assim. Nunca. Sempre havia algo a resolver. Era assim que o universo operava. Mas, por um momento — só o tempo de ele levar as crianças para almoçar e ver um filme com personagens excêntricos, radiantes e amigáveis demais para o mundo real —, tudo fez sentido outra vez. As emoções dos filhos eram como um sopro de ar fresco.

Depois de deixá-los em casa, ficou mais uns minutos conversando com Linda. Da última vez que os visitou, os dois acabaram na cama, embora isso não tivesse levado a nada. Naquele momento, porém, Linda se sentia culpada, e Decker sabia que isso significava que ela estava saindo com alguém. Podia ver até que era um relacionamento sério.

Mas isso não o incomodou. Linda estava feliz, as crianças estavam felizes, e, enquanto voltava para sua quitinete, Decker se sentiu revigorado. O clima estava bastante agradável, então resolveu caminhar pelos longos quarteirões de volta para casa, usando o tempo para organizar os pensamentos.

Durante a caminhada, no entanto, foi acometido pela sensação de estar sendo observado. Passou mais tempo espiando por cima do ombro do que atento ao caminho. Mesmo depois de chegar em casa e trancar a porta, sentiu-se transtornado. Não era assim que queria levar a vida, agindo feito um fugitivo.

6 PARANOIA

A noite não trouxe descanso, apenas mais pesadelos. Embora não pudesse ter certeza, ao acordar tudo levava a crer que havia sofrido outra convulsão. Estava ensopado de suor, e as roupas de cama, jogadas no chão. Os músculos doíam, e na boca havia um gosto de sangue. Uma rápida olhada no espelho do banheiro mostrou que tinha mordido a língua. Consequia sentir, é claro, mas ao olhar viu as marcas dos dentes.

Depois de uma ducha, Decker aproveitou-se dos benefícios que recebia com ou sem o salário — *valeu, Walt*. Marcou uma consulta para tratar a paranoia. Dessa vez, teve sorte. A clínica aprovada pelo sindicato tinha um horário para aquela mesma tarde.

A recepcionista era simpática e atraente, mas jovem demais para ir além de uma simples paquera. Já Jacoby tinha um rosto que só a mãe poderia amar, mas Decker o conhecia, e o médico costumava ser bom em ajudar os pacientes a resolver os problemas sem deixá-los melindrosos e sentimentais.

Porém, Decker teve aquela maldita sensação peculiar de *déjà-vu*. A conversa com Jacoby foi tão parecida com a consulta com Japtesh que chegou a ser assustador. Mas ele considerou isso um sintoma da paranoia. E, quando mencionou os sonhos, o médico pareceu especialmente interessado.

Então falou das coisas que conseguia se lembrar dos sonhos. Os pesadelos tão frequentes, que o levavam a lugares sombrios e o faziam ver coisas sinistras. Pessoas morrendo em suas...

Garras?

— De onde vem isso, doutor? — perguntou ele. — Há muita coisa que não consigo lembrar, mas sempre tenho a sensação de que as pessoas são *presas*, e de outras que estão implorando para a dor acabar. — Teve calafrios só de pensar nisso. — Que saco, nunca matei ninguém na minha vida. E as pessoas sempre têm uma aparência *estranha*, errada. São humanos, eu acho, mas...

— Errada como, Alan? — indagou Jacoby, e sua caneta percorreu o bloco

enquanto tomava notas cuidadosas e detalhadas.

Decker se esforçou para encontrar as palavras certas.

— É como se eu as estivesse vendo, mas não de um jeito que fizesse sentido.

— Balançou a cabeça. — Tá, é como se... Você já olhou para as estrelas usando um visor topográfico?

O rosto de Jacoby se enrugou num breve sorriso.

— Creio que não.

— Eu já — continuou Decker. — Só para ver como era. Você enxerga as estrelas que já conhece, mas tudo o que vê são as linhas do mapa topográfico. É esquisito, e é um desperdício enorme de tecnologia, pois o que você vê não é o que está lá.

Droga. Péssima explicação. Ele continuou:

— Um mapa topográfico mostra a altura e a dimensão como uma série de linhas concêntricas. Então, se estiver olhando para uma montanha, por exemplo, vê uns círculos que mostram a forma da coisa da base até o topo. Quanto menores e mais juntos são os círculos, menor é o objeto, e mais próximo ele está. Bom, quando se faz isso com as estrelas, acontece a mesma coisa. Você vê as estrelas, certo? Mas o que está vendo na verdade são as linhas que ficam cada vez mais próximas quando convergem numa estrela, e ficam cada vez mais distantes umas das outras quando não há nada para ver.

— Acho que entendi. — Pelo menos o médico estava tentando.

— Tudo bem. Digamos que você enxergue dessa forma, e aí você *sente o cheiro* dos sons. Sei que não faz sentido. É essa a questão. Eu estava vendo as pessoas de jeitos que não faziam sentido. Pareciam totalmente erradas, completa e absolutamente... alienígenas.

Jacoby assentiu.

— É como se você estivesse vendo além do espectro ao qual está acostumado.

— Exato! Vi cores que não sei descrever, ouvi coisas que não deveria ser capaz de ouvir, e consegui sentir todo tipo de cheiro. Putz, todos os cheiros tinham textura.

— Então como sabe que eram seres humanos?

— Nos sonhos, não sabia — explicou Decker. — Eu entendia quando acordava, mas, durante os sonhos, eram só coisas que precisava caçar. Esperava que isso não tivesse soado tão ruim para o médico quanto soou para ele.

O doutor Jacoby se retesou, depois se recompôs e assentiu bem devagar. Continuou a pedir mais detalhes, mas nada do que Decker contava parecia ajudar muito. Ao fim da consulta, Jacoby deu a ele umas pílulas verdes que o ajudariam a dormir e insistiu para que marcassem uma sessão na próxima semana, no

mesmo horário.



Desabafar lhe proporcionou certo alívio, mas, quando Decker chegou ao apartamento, a sensação de que em breve receberia sua sentença já o dominava outra vez. A cabeça doía, e o cansaço pesava nos olhos. Estava exausto, mas também elétrico.

Apesar de ter dito a si mesmo que não tinha a intenção de tomar nenhum remédio, engoliu uma das pílulas verdes. O efeito foi quase imediato.



Sentiu a própria essência se esvaír e observar do alto o corpo adormecido. Tinha o rosto exausto, tenso, e os músculos estavam retesados. Embora estivesse dormindo, as mãos estavam bem cerradas e as pernas se debatiam como as de um cão sonhando caçar coelhos.

Ele desviou o olhar e observou aquele apartamento conhecido. Alguma coisa estava diferente. Algo estava errado. Levou um momento para perceber que as paredes haviam se tornado quase translúcidas, como camadas rígidas de névoa em vez de gesso e concreto reforçado.

Talvez não tivesse notado mais nada se as sombras dentro daquelas paredes tivessem ficado paradas. Mas elas se moveram, saindo e rastejando pelo interior dos dutos de aquecimento e entre os suportes de madeira e gesso. Mal podia vê-las, mas conseguia senti-las, assim como a fome e a necessidade.

Mais que fome.

Elas estavam irritadas — motivadas, para além do pensamento consciente, pela necessidade de causar danos à fonte do seu ódio. Mas, antes que pudessem fazê-lo, teriam que localizar a presa.

Decker olhou para seu corpo lá embaixo, e nesse instante percebeu que as formas sombrias faziam a mesma coisa, que o notaram naquela paralisia induzida pelo sono.

Tentou tocar o corpo, mas suas mãos e seus braços não eram longos o bastante. Os pés não conseguiam cobrir a distância. Tentou gritar um aviso, mas a garganta estava presa, trancada no silêncio.

Irritadas? Não. Tendo-o encontrado, as formas sombrias estavam furiosas, enlouquecidas pela necessidade de alcançá-lo, de cortá-lo e rasgá-lo em pedaços, corpo e alma. Seu ódio era um veneno prateado que saía na forma de

espuma por entre os dentes brilhantes e queimava tudo o que tocasse. Sua aversão irradiava de forma tão intensa que ardia. Estavam em silêncio, mas gritavam alto o bastante para ofuscar as estrelas.

As silhuetas se aproximaram, abrindo caminho devagar pelo material denso das paredes. Não eram translúcidas, não exatamente, mas também não eram como deveriam ser. Não, estas paredes eram de material fibroso. A mão guarnecida de garras afiadas atravessou os filamentos pesados e revelou que eram teias de aranha. Os fios se romperam de repente, e, ao fazerem isso, permitiram ao restante daquele braço preto e lúcido que o alcançasse.



E Decker acordou com um grito preso na garganta. A testa estava pontilhada de suor, e a boca, escancarada numa máscara de medo. Percebeu que não estava respirando e arfou, tomando fôlego.

A cabeça estava tomada por imagens caóticas que se esvaíam aos poucos. Mas não conseguia fugir da sensação de que havia coisas rastejando pelas paredes do prédio, abrindo caminho até ele em meio à estrutura e aos cabos, arranhando com as garras os canos de água e os dutos de ar. Tentou silenciar a respiração, ouvir algo no escuro.

Nada.

No entanto, ainda conseguia sentir o ódio, a necessidade quase física de acabar com sua vida. Acendeu todas as luzes do apartamento e olhou debaixo de cada móvel e dentro dos armários. O simples ato de procurar o ajudou a se acalmar, mas só até certo ponto. Se tivesse uma arma de fogo, a teria colocado debaixo do travesseiro.



Passou a manhã seguinte fazendo uma série de ligações, e por fim pegou o trem para o escritório em que havia trabalhado por mais de dez anos.

Tá, então Walt não quer me ver, pensou. Bom, ele que se dane. Quem precisa de hora marcada, porra? Apenas ficou na sala de espera aguardando seu supervisor sair para almoçar.

Walt olhou para ele e suspirou.

— Alan.

Ele não era um homem grande, e tendia mais a olhar para o chão do que para as pessoas. Havia conseguido sabe-se lá como alcançar uma posição de

autoridade, e agarrou-se a ela com unhas e dentes, justamente tratando de nunca chamar atenção para si.

— Walt — disse Decker. — Então... que merda é essa?

Walt caminhou mais rápido, e Decker o acompanhou com facilidade. Assim que saíram e estavam longe dos ouvidos alheios, ele finalmente respondeu.

— Olhe, estou tentando resolver tudo, Alan.

Olhou de modo diligente para o chão. O que quer que estivesse pensando ou sentindo não era forte o bastante para Decker captar.

— Walt, eu não fiz nada de errado. Só fiz meu trabalho.

— Você teve convulsões, Alan. — Ele baixou a voz e se aproximou. — Mais importante ainda, você apontou o dedo para a Weyland-Yutani. Eles não gostaram muito disso.

Então era isso, evidente.

— Esse é o meu trabalho, Walt. Foi o que você me mandou fazer.

— Eu sei disso, e estou tentando dar um jeito, acredite, mas não está dando certo. — Por um momento, Decker sentiu o medo e a frustração do homem. Os sentimentos ficaram muito nítidos antes de desaparecerem novamente. — Você irritou as pessoas erradas com seu relatório, Alan. Estou fazendo o que posso. Por enquanto, é só o que posso dizer.

Walt saiu apressado e sumiu no fluxo de pedestres em horário de almoço. Decker poderia ter ido atrás dele, mas já tinha sua resposta. Não havia sido esquecido, até certo ponto, e ainda tinha um defensor ao seu lado. Era só uma questão de ser paciente.

Só que ser paciente não era o seu forte.

O sentimento voltou, o peso súbito de um olhar maligno. Quase distendeu os músculos do pescoço ao olhar ao redor, vasculhando a multidão. Mas ninguém pareceu estar prestando a menor atenção a ele.

Isso já está enchendo o saco, e muito depressa, pensou. Porém, continuou a esquadrihar o tropel de pessoas.

Por fim, foi para casa, fazendo diversos desvios no caminho, para o caso de a sensação ser mais que uma simples paranoia. No apartamento, manteve as cortinas fechadas e mais de uma vez se pegou espiando o lado de fora. Depois de passar algumas horas num estresse infernal, cedeu e tomou outra pílula.

7

A CAÇA

Decker acordou na escuridão do quarto com a certeza absoluta de que estava em perigo. Nos sonhos podia ser o caçador, mas ali era a caça.

Em alguns aspectos, era melhor assim. Mas no geral era pior.

Sentou-se num segundo, grunhindo, e tentou acalmar a respiração para poder ouvir melhor.

Nada.

De repente, quatro figuras invadiram o quarto. Primeiro ele se perguntou se aquilo não era outro sonho, mas logo percebeu que não. Tentou falar, mas tudo o que saiu da boca foi outro grunhido.

Decker bateu com o calcanhar no estômago da figura mais próxima e ouviu uma voz masculina arfar. O homem recuou até a parede e derrubou uma luminária da mesinha onde Decker deixava o despertador e um copo d'água.

Alguma coisa se estilhaçou ao cair no chão, e o homem que ele havia chutado rastejou pelo piso, com ânsia de vômito. Decker sentiu uma centelha de satisfação ao ver isso, mas a sensação foi superada pela maré de adrenalina. Tentou se ajoelhar na cama, e o segundo intruso deu um golpe com algo pesado na lateral da sua cabeça com força suficiente para fazê-lo deitar outra vez.

— Cuidado, Piotrowicz — disse uma voz na penumbra. — Precisamos dele vivo.

— Ninguém disse que precisava estar ileso — resmungou o agressor.

A cabeça de Decker zunia por causa do golpe, mas ele a sacudiu, recuperando-se como pôde, e avançou na direção do homem que havia resmungado.

— Vem, pode vir, seu otário.

O homem era menor que ele e musculoso. Também sabia lutar. Bloqueou os melhores golpes de Decker e o empurrou para trás.

Outro quis entrar na briga, tentando segurar Decker por trás e prender seus braços. Foi um erro. Decker sentiu as intenções e reagiu, dando uma cotovelada para trás que atingiu o rosto do homem.

O agressor caiu com tudo, e Decker se voltou para aquele que havia acertado sua cabeça, apostando que era a maior ameaça.

— Ei, olha!

A voz do homem ainda parecia um rosnado, e, apesar de sua mente lhe mandar fechar os olhos, Decker olhou.

Uma luz explodiu no quarto, e o clarão foi suficiente para cegá-lo.

O mesmo homem o atingiu de novo antes que Decker pudesse se recuperar, e em seguida as outras silhuetas avançaram nele e o golpearam. Os punhos que o acertavam usavam luvas, mas isso não suavizava as pancadas. Decker fez o que pôde para bloquear os ataques, mas foi em vão. Eram muitos. Tentou revidar, e talvez tenha acertado um soco, quem sabe dois.

Mas eles estavam em maior número e levaram vantagem.

8

DESPERTAR

Dessa vez a liberação manual o confundiu apenas por um instante, e logo Decker saía da câmara de confinamento e tentava se apoiar nos joelhos enfraquecidos. Falhou e caiu no chão, os membros no trêmulos.

A cabeça doía.

A mandíbula doía.

Tudo estava difuso. Sentia-se ao mesmo tempo nauseado e faminto.

Enquanto começava a organizar os pensamentos, a vibração baixa que sentia indicou que algo estava errado. Ele estava a bordo de uma nave outra vez, e em movimento. Imaginou se seria outro pesadelo.

Não, disse a si mesmo. *Se fosse um sonho, eu não me sentiria essa merda*. Só havia uma resposta, por mais absurda que fosse.

Havia sido sequestrado.

Isso é loucura. Balançou a cabeça. *Esse tipo de coisa só acontece em filme*.

Enquanto a visão clareava, notou que havia mais câmaras à sua volta e viu que as pessoas dentro delas começavam a se espreguiçar. Olhou para baixo e percebeu que estava só de cueca, assim como os outros ali.

Por fim conseguiu firmar os pés e se levantar, aprumando-se enquanto olhava ao redor. Não era uma nave de luxo, mas isso já era de se esperar. Definitivamente era uma nave de transporte, um veículo de trabalho. Uma olhada rápida pela sala e ele viu o plano de evacuação de emergência mostrando o caminho para os módulos de fuga. De acordo com o plano, estava a bordo da *Kiangya*. Guardou o nome. Alguém, em algum lugar, ia pagar por tê-lo abduzido, e precisava saber os detalhes quando fosse prestar queixa.

Passou por uma porta e entrou numa área ampla, onde encontrou armários. Havia uma etiqueta de papel velha em cada um e um nome escrito à mão. Uma delas dizia “Piotrowicz”, e Decker tinha quase certeza de que esse era o nome de um dos desgraçados que o espancou.

A surpresa é que havia um armário com “Decker” escrito na etiqueta. Abriu a

porta e encontrou roupas familiares. Ao terminar de se vestir, ouviu sons vindo da área de onde havia saído.

Por um momento, pensou em sair correndo. No fim, contudo, não havia para onde ir. Não era piloto nem membro da tripulação. Não tinha a menor ideia de onde estava nem de para onde ia. Por mais que a ideia de fugir fosse tentadora, não serviria para nada.

Provavelmente, só bateriam nele de novo.

Então esperou, e fez alguns alongamentos para que o sangue voltasse a fluir pelos membros. Enquanto fazia isso, as pessoas começaram a entrar na área e a se vestir, homens e mulheres de diversas idades. Ninguém prestou a menor atenção nele.

Um homem de pele escura e cabelo muito loiro resmungou alguma coisa no que pareceu sueco e passou por ele em direção a um armário com o nome “Hunsucker”. Como alguém conseguia se mover com tanta facilidade depois do hipersono era um mistério, mas teve inveja do desgraçado.

A maioria deles estava em ótima forma. Muitos tinham tatuagens militares e cicatrizes, sinal de que foram feridos mais de uma vez. Decker olhou para a própria perna e viu a cicatriz de onde o maquinário o havia atingido, quase pondo um fim em sua vida. Estava sumindo, mas era recente em comparação a de muitas das pessoas ao redor.

Um homem cujo corpo lembrava o de um gorila depilado passou olhando feio para ele. O rosto tinha um bronzeado intenso e era anguloso. O cabelo era uma juba espessa e grisalha. Apesar da expressão maldosa, ele sorriu ao notar Decker.

— Murphy! Diga para Rollins que a aquisição dela acordou.

Um homem negro de rosto fino balançou a cabeça.

— Diga você, babaca. Ela está logo atrás de mim.

E, de fato, quando Murphy se mexeu, outra pessoa entrou na sala. A mulher era atraente e — ao contrário da maioria deles — já estava vestida. Seu traje era funcional, o cabelo preso num coque apertado. Ela olhou para o brutamontes por um instante, e Decker percebeu a dureza em sua atitude. Tudo era apenas negócios.

Ele já havia esbarrado com esse tipo de pessoa. De alguma forma, duvidava que a mulher tivesse algum amigo a bordo. Não parecia o tipo de pessoa que pensaria em confraternizar com alguém. Jamais.

— O que posso fazer pelo senhor? — perguntou Rollins, com um ar gélido.

— Seu homem está aqui, e acordado — respondeu o gorila, parecendo menos arrogante dessa vez. — Só achei que gostaria de saber.

Ela olhou para Decker e assentiu para Manning.

— Quando estiver pronto, pode escoltar o senhor Decker até o refeitório, e depois levá-lo para a ala médica. Vamos verificar se você não o quebrou na viagem para cá.

Manning fez cara de quem tinha acabado de pisar em algo nojento, mas ficou de boca fechada.

Enquanto Rollins se virava e saía, Decker olhou para ela e tentou captar mais alguma coisa. Nada. Mas também não conseguia extrair nada de ninguém ali. Mas isso não era tão incomum. As emoções tinham que ser fortes para ele obter qualquer impressão relevante.

O único que parecia interessado nele era um sujeito ruivo que olhava fixamente em sua direção. Era mais jovem que os outros... talvez fosse até adolescente.

Às vezes, era melhor estabelecer uma hierarquia social desde o princípio. Ele encarou o garoto também.

— Perdeu alguma coisa, ruivo?

O jovem não respondeu, mas desviou o olhar primeiro. Isso era bom.

Manning vestiu rápido um macacão e apontou o queixo para uma porta do outro lado da sala.

— O rango é pra lá, Decker. Vem comer alguma coisa, e aí vamos aprontar você para sua reunião.

Em vez de responder, Decker apenas assentiu. Não estava com vontade de falar. Queria mesmo era comer. Não havia como saber quando tinha alguma coisa pela última vez.

Havia um estoque de comida desidratada e leite em pó na cozinha, e o néctar dos deuses: café. Enquanto bebia e comia, observou as pessoas ao redor. Havia camaradagem entre elas. Ficou evidente que várias ali estavam juntas havia um bom tempo. Ele sabia como era isso. Antes de ser mandado para casa, estava se tornando muito próximo de diversos colegas de trabalho. Lembrou-se de Luke Rand e sentiu uma breve pontada de culpa.

Tinha pensado em ligar para ele, mas nunca chegou a fazer isso. Foi Luke quem salvou sua vida quando estava preso pela máquina. Decker devia mesmo ter mantido contato. Talvez quando chegassem ao destino, seja lá qual fosse, ele teria uma chance de procurá-lo.

Mas por algum motivo achava isso pouco provável.

Engoliu a segunda xícara de café e o resto da comida, depois olhou para seu acompanhante. Manning indicava a próxima parada.

— O que é isso tudo? — perguntou Decker enquanto seguiam por um corredor austero.

As feições rudes de Manning se abriram numa amostra agressiva de sorriso.

— Só estou aqui para acompanhar você, colega — respondeu ele, parecendo se divertir com a confusão de Decker. — É Rollins quem vai te explicar tudo.

— Vocês são mercenários?

O homem assentiu.

— Temos cara de fuzileiros coloniais?

— Estão mais para ex-fuzileiros.

Os ombros largos de Manning se moveram no que pode ter sido um gesto de indiferença — ou talvez ele estivesse apenas se alongando.

— A maioria é. Alguns decidiram se alistar sem experiência prévia.

Antes que Decker pudesse fazer mais perguntas, chegaram ao destino. A ala médica estava dentro do padrão, com duas mesas de exames e uma bancada com telas mostrando informações que só faziam sentido para quem tivesse estudado medicina. Rollins estava parada ali, olhando para uma das telas.

— Senhor Decker — disse ela, mal olhando em sua direção. — Não fomos devidamente apresentados. Sou Andrea Rollins. Serei sua supervisora nesta viagem. — Ela fez um gesto para que ele se sentasse na mesa mais próxima. — Vamos fazer um exame completo.

Supervisora? Ficou incomodado com a palavra, mas fez o que pôde para não demonstrar. Ao se aproximar da mesa, viu que Manning permaneceu perto da porta, numa posição relaxada mas que ainda assim deixava claro que estava pronto — e talvez ansioso — para reagir se Decker tentasse qualquer coisa. Ele emanava certa impaciência, e cada uma das suas mãos parecia grande o bastante para envolver a cabeça de Decker.

— Tenho certeza de que tem perguntas, senhor Decker. Fique à vontade para fazê-las.

Rollins indicou a ele que se deitasse, e Decker o fez, inclinando a cabeça para olhá-la.

— Que tal: por que fui sequestrado no meu apartamento?

— Essa é fácil — respondeu ela. — Nós precisávamos do senhor aqui.

— “Nós” quem?

Rollins enfim fez contato visual.

— A Weyland-Yutani.

Os monitores ao redor se acenderam quando ela apertou um interruptor. Rollins desviou o olhar e observou as informações nas telas.

— É mesmo? — disse Decker. — Ninguém pensou em me perguntar antes de mandar uma cambada de brutamontes me trazer para cá à força?

— O consenso era de que sua resposta seria negativa. No momento, essa não é uma opção.

Ela continuou avaliando os diagnósticos, e ele balançou a cabeça.

— Tudo isso por causa de uma merda de relatório? Porra, vocês ficaram malucos?

Decker se sentou depressa, e Manning olhou para ele, retesando o corpo.

Rollins desligou os monitores e meneou a cabeça.

— Não, e não — respondeu. — Seu relatório sobre Nova Galveston foi irritante, admito, mas não seria motivo suficiente para sequestrar o senhor ou qualquer outra pessoa.

— Bom, então o que diabos está acontecendo? — insistiu ele. — Que tal dar uma resposta objetiva?

Sua irritação se inflamou, e ele desceu da mesa de exames. Manning deu um passo à frente.

Rollins ergueu a mão, e o mercenário se deteve. Ela se virou para Decker.

— É por isso que estamos aqui — disse ela. — Respostas. E a primeira pergunta está relacionada à sua condição. Fiquei com medo de que o senhor tivesse sido lesionado quando o senhor Manning e sua equipe o pegaram, mas, a não ser por alguns hematomas, está bem de saúde.

Ela foi até uma tela e apertou alguns botões.

— Pelo menos fisicamente. Mentalmente, porém, mostra sinais consideráveis de transtorno de estresse pós-traumático, o que é bastante curioso, levando em consideração que seu único trauma de verdade foi uma ferida no mínimo intrusiva na perna.

Decker a encarou com firmeza, mas não disse nada.

— Francamente, não há nada no seu perfil psicológico que indique que o ferimento o perturbaria tanto a ponto de causar esse tipo de reação. Não só os médicos concordam como também os três psicólogos que o examinaram desde o seu retorno.

Três? Decker franziu a testa.

— Os exames que o senhor realizou foram solicitados e pagos pela empresa. A princípio, pensamos que poderíamos precisar de um bode expiatório, caso seu relatório levasse a um processo judicial. Mas então algo mais importante surgiu. O senhor agiu de modo muito estranho ao ser ferido, senhor Decker. Estranho o bastante para chamar nossa atenção.

— Mas você acabou de dizer que a empresa não deu a mínima para o meu relatório.

— Sim, eu disse, e não damos. — Rollins sorriu. A expressão dançou nos

lábios finos. — Mas, antes disso, quando foi ferido, o senhor fez alguns comentários; comentários que foram gravados e registrados. — Ela se aproximou, e Decker pôde sentir o leve aroma de madressilva do perfume que usava. — Quando apresentou suas alegações contra a Weyland-Yutani, adquirimos os registros, para o caso de se tornarem vantajosos, o que era improvável. Pode imaginar o que eles nos informaram?

Ele balançou a cabeça.

— Não faço ideia.

— Estavam cheios de divagações psicóticas. Havia o bastante para colocá-lo facilmente sob custódia psiquiátrica. O TEPT é uma condição perigosa quando se passa muito tempo no extramundo quanto o senhor. Algumas ligações, uns formulários a mais, e *voilà*, está de licença médica.

— Aonde você quer chegar exatamente?

Rollins voltou a sorrir.

— O senhor falou, e nós ouvimos, e então filtramos esses registros em busca de palavras específicas. É um procedimento-padrão nosso. Há muitas... investigações que iniciamos ao longo dos anos. No seu caso, as palavras que o senhor usou e a ordem em que foram usadas acenderam um alerta vermelho. — Ela parou, e prosseguiu: — Já ouviu falar da *Nostromo*?

O nome lhe causou um arrepio, embora não imaginasse por quê.

— Não — respondeu. — Deveria?

— De forma alguma, e é exatamente essa a questão. O senhor jamais deveria ter ouvido falar da *Nostromo* porque os registros desse incidente em particular foram lacrados há muito tempo.

— Do que você está falando?

— O nome Ellen Ripley significa algo para o senhor? Ou Amanda Ripley-McLaren?

— Não.

Aquele leve sorriso outra vez.

— Na verdade, eu não ficaria tão surpresa se o senhor conhecesse os nomes. De acordo com a pesquisa que realizamos, é muito provável que o senhor seja descendente delas. Os registros são um tanto vagos, com a crise na Terra e os... obstáculos que a empresa enfrentou há algum tempo. Mas a genética não mente.

Decker balançou a cabeça.

— Mas o que é que *isso* tem a ver *comigo*? — exigiu saber.

— Bom, depois de nossas investigações, concluímos que o senhor terá muito mais utilidade para a Weyland-Yutani do que um simples bode expiatório. — Rollins parou para examinar outra tela, e ele esperou que ela continuasse. Depois

de alguns instantes, foi recompensado. — Veja, sua ancestral teve uma longa história conosco. Ela trabalhava a bordo de uma nave chamada *Nostromo*, quando captou um sinal de socorro e respondeu. A origem do sinal era de natureza alienígena.

Isso chamou a atenção de Decker.

— E daí? — perguntou. — Já encontramos várias raças alienígenas.

— Ellen Ripley e o restante da tripulação descobriram algo... diferente. O xenomorfo XX121, para ser precisa.

Rollins estendeu a mão e ativou uma gravação em vídeo. Logo depois, Decker viu uma imagem ligeiramente granulada de si mesmo, inconsciente e amarrado a um leito hospitalar. Seu sócio no vídeo estava deitado de barriga para cima e preso, quando, de repente, todo o corpo dele ficou rígido.

Os olhos se arregalaram, e ele começou a gritar.

9

TESTEMUNHA

Decker ficou arrepiado enquanto observava. A princípio não havia som, mas os lábios se mexiam, e, quando a imagem gravada dele voltou a se deitar na cama, Rollins ajustou um controle.

“Como uma coisa pode ser tão perversa? N... aranhas? *Aranhas!*” Por instinto, Decker ficou tenso ao escutar a própria voz crepitar e se arrastar, e Rollins adiantou o vídeo. “O sangue queima... e atravessa o aço... Não, eu, não. *Outra pessoa!*”

A voz irrompeu em soluços, e ele continuou:

“Você acha mesmo? Já viu um deles de perto?”

As palavras vacilaram, tornando-se agudas. Então o tom de voz baixou, e havia um sotaque que Decker não conseguiu identificar. “Não. Nenhum de nós viu.” E, mais uma vez, aguda, quase feminina.

“Não, é claro que não. Vocês ainda estão vivos.”

As divagações se dissiparam até se resumirem a resmungos e um gemido ou outro. Decker ficou arrepiado. Era como ouvir escondido uma conversa, que na verdade estava mais para um monólogo. Aquelas palavras o faziam sentir um frio na espinha, mas ele não sabia por quê. Cerrou os punhos, tentando se manter firme.

Rollins desligou o vídeo.

— Continua dessa forma por algumas horas. Isso foi gravado durante sua segunda convulsão, enquanto o senhor era tratado no planeta. A primeira foi no campo, imediatamente após o ferimento.

— Quanto tempo passei assim?

— Como eu disse, algumas horas. Os melhores médicos que consultamos disseram a mesma coisa, na verdade. Pânico extremo, divagações delirantes, paranoia e sinais de completo colapso emocional. — Rollins balançou a cabeça. — Poderíamos tê-lo descartado naquele momento, senhor Decker, mas o senhor nos deu uma razão para mantê-lo conosco. — Ela sorriu de novo.

Ele estava começando a odiar aquele sorriso.

— Algumas das frases e dos nomes que o senhor disse foram marcados e arquivados muito tempo atrás. Relacionados a incidentes que ocorreram há bem mais de cem anos, na verdade. Essas suas frases reativaram arquivos adormecidos que então foram baixados para o meu computador.

— Que tipo de incidentes?

— Como eu disse, sua ancestral foi designada para a *Nostromo*. O que eu não contei ao senhor foi que, há trezentos e dezoito anos, Ellen Ripley *destruiu* aquela nave, um veículo de mineração totalmente abastecido de minérios que estava a caminho de casa. Ela alegou ter feito isso para eliminar uma ameaça alienígena. — Rollins parou, e sua expressão endureceu. — Esse poderia ter sido o fim da carreira dela, mas fomos generosos. Nós a contratamos como consultora e a mandamos de volta ao planeta onde a forma de vida alienígena tinha sido encontrada pela primeira vez.

“Veja, ela alegava que a criatura era extremamente perigosa. Mas era muito mais que isso: era um recurso. Um recurso que a Weyland-Yutani deveria ter controlado. *Teria* controlado, não fossem pelas ações de Ripley.”

Ela ligou o monitor outra vez, e apareceu o rosto de uma mulher bonita, de cabelos escuros.

— Esta era Ellen Ripley. Sua ancestral.

Decker olhou para a imagem e sentiu o estômago se revirar. *Isso não está certo*. Era um rosto familiar, mas...

Ela parecia *humana* demais.

Ele se voltou para Rollins.

— Ela encontrou os alienígenas?

— Encontrou alguma coisa. Só o que sabemos com certeza é que a colônia em LV426 se perdeu quando um motor de terraformação foi gravemente danificado e sofreu uma sobrecarga. — Decker havia trabalhado com motores de terraformação. Ele sabia que a explosão de uma daquelas máquinas gigantescas podia ser devastadora. — Ela escapou a bordo de uma belonave chamada *Sulaco* e transmitiu uma última mensagem, que chegou adulterada. O que ela disse ou deixou de dizer jamais pôde ser totalmente recuperado. Acreditamos que o reator tenha entrado em estado crítico e distorcido o sinal.

“Tanto Ellen Ripley quanto sua filha tentaram capturar e estudar os xenomorfos. O mais importante é que o fizeram custando à Weyland-Yutani uma grande soma em dinheiro e recursos consideráveis.

“Já faz muito tempo desde que tivemos um traço mínimo da forma de vida alienígena. Já havíamos abandonado as esperanças de um dia obter um

espécime. Isto é, até o senhor aparecer.”

— Desculpe, mas vou repetir a pergunta: o que isso tem a ver comigo?

Aquele sorriso outra vez. Era verdade que Rollins era uma mulher atraente, mas não havia nada de belo naquela expressão.

— Suas convulsões e o que o senhor disse quando elas aconteceram nos dão motivo para presumir que, de alguma forma, e, acredite, estamos investigando as possibilidades, o senhor parece ter estabelecido uma conexão com essas criaturas. O senhor descreveu coisas que não pode ter visto, aspectos da fisiologia que, quando avaliados por nossos computadores, se aproximaram da descrição da forma de vida que Ellen Ripley alegou ter encontrado.

— Não... É impossível...

Sua voz foi sumindo enquanto falava. À menção das aranhas, ficou apavorado. E a sensação permanecia... parecia estar sufocando, incapaz de tomar fôlego, e suas entranhas se contraíam.

Fechou os olhos, tentando conter o surto, sem sucesso. O cheiro do metal queimando percorria sua mente e superava seus sentidos. Sentiu a bile pulsar, tentando abrir caminho à força para fora do estômago, ao pensar em algo atravessando sua faringe, algo quente, úmido e violento. Podia muito bem sentir os membros aracnoides envolvendo a cabeça.

Outro tremor convulsivo percorreu seu corpo. Mas por quê? Nunca antes tinha ficado incomodado com aranhas. Por que agora, do nada?

À porta, Manning cruzou os braços e fungou. Decker lhe lançou um olhar contrariado.

Rollins o observou com frieza.

— Nada mais é impossível, senhor Decker. O que quer que esteja acontecendo ao senhor, é o bastante para fazer com que meus contratantes o queiram nesta viagem. E eles sempre conseguem o que querem.

— Você vai voltar àquele lugar? A LV426?

Por alguma razão, a ideia o deixava à beira do pânico. Ele resistiu ao impulso de passar os dedos pela cabeça à procura de teias.

— Não exatamente — respondeu ela, e aquela atitude evasiva começou a incomodá-lo de verdade. Estava perdendo a paciência.

— Se está tentando fazer um anúncio dramático, nem se dê ao trabalho — disse ele. — Você já conseguiu minha atenção, e não posso sair daqui sem a sua permissão, não é mesmo? Então *o que diabos* quer comigo?

— É justo — afirmou ela, inclinando-se na direção de Decker. — Você é um empático.

— Como é que é?

— Acabamos de fazer os exames. — A voz dela estava fria e profissional dessa vez. Toda a falsa emoção havia sumido. — Quer saiba disso, quer não, senhor Decker, o senhor tem o que pode ser classificado como uma habilidade telepática de baixo nível. Isso não é tão incomum, já contratamos outros como o senhor no passado, mas, no seu caso, esta capacidade o colocou numa situação muito infeliz. Se o senhor de fato desenvolveu uma conexão com as formas de vida alienígenas de Nova Galveston, talvez seja a única pessoa que possa nos levar até elas.

A voz de Rollins se esvaiu, desaparecendo atrás do tinido agudo nos ouvidos de Decker quando o planeta foi mencionado. O peito se travou, e ele tentou se livrar da sensação. Balançou a cabeça para clarear as ideias.

— Então é para *lá* que estamos indo — disse ele. — O que faz com que vocês pensem que seus aliens estão lá? — E em seguida pensou no Mar de Angústia, e tudo começou a fazer sentido. A toxicidade tinha que vir de algum lugar.

“O sangue queima...”

— Acho que o senhor sabe, senhor Decker. — Ela não sorria mais. — E, se essas criaturas forem tão mortíferas quanto Ripley afirmou, precisaremos de toda vantagem de que possamos dispor. Alguém que esteja diretamente ligado a elas poderia ser de valor inestimável.

Decker fez que não.

— Nem ferrando — disse ele, ao mesmo tempo que reprimia o medo. — Mesmo que você tenha razão, não pode me forçar a ajudar. O que vocês estão fazendo é...

— *Errado!* — A voz de Rollins fustigou o ar como um chicote, e até Manning se sobressaltou com o brado. Ela se aproximou mais, olhando-o nos olhos. — O senhor pertence *a nós*. Vai voltar a Nova Galveston e vai nos ajudar, porque deve isso à empresa. Há uma dívida a ser paga, e, se espera ter algo parecido com uma *vida* de volta, tem que começar a seguir nossas ordens.

Mas ele ainda não estava convencido.

— Que merda de “dívida” é essa? — retrucou. — Eu nem trabalho para a Weyland-Yutani. Não devo porcaria nenhuma a vocês. — Ele se levantou e olhou para ela com desprezo, recusando-se a ser intimidado. Apesar de todos os sorrisos e da autoconfiança, ela era só uma burocrata, como ele. — Para mim, vocês são culpados de sequestro, e isso ainda é crime, mesmo quando cometido pela sua preciosa empresa. Continue assim, e vou encontrar outras acusações para fazer depois que isso acabar. — Ele se aproximou de Rollins, tentando se impor.

Manning se retesou, mas ficou onde estava.

— Receio que não esteja entendendo, senhor Decker. — Rollins nem se mexeu. Havia hostilidade nas palavras dela. — E *não* gosto de receber ameaças.

Com isso, ela ergueu a mão e fez um gesto. No momento seguinte, Manning estava com a mão no ombro de Decker, apertando-o num aviso austero e silencioso.

Decker decidiu ignorá-lo. Com um tapa, afastou a mão do homem.

— Não toque em mim.

A expressão de Manning mal se alterou, mas o mercenário meneou a cabeça. Aproximou-se mais, chocando o corpo ao de Decker. Talvez não tivesse funcionado num planeta, mas em naves a gravidade era sempre um pouco menor do que parecia, e Decker cambaleou para trás.

Manning avançou novamente, enfiando o cotovelo no peito dele. O impacto foi forte o bastante para doer, mas não para detê-lo.

Em resposta, Decker o empurrou e lhe deu um soco no queixo com o punho direito. O impacto o jogou para a frente, e os dois tropeçaram pela sala de exames, derrubando uma das mesas.

Rollins observava a briga e parecia sentir um leve prazer.

O mercenário acertou um gancho no estômago de Decker com tanta rapidez que não houve como o outro se defender. O soco foi perfeito, acabando completamente com o fôlego de Decker, deixando-o de quatro no chão, com ânsia de vômito. Ele sabia se virar numa briga, mas, ao que parecia, Manning era muito melhor nisso.

Rollins interveio.

— Agora que sabemos que o senhor goza de boa saúde física — disse ela, olhando-o com frieza —, não precisamos ser gentis.

Depois de alguns minutos, suas entranhas pararam de se revirar e ele recuperou o fôlego. Levantou-se e olhou com raiva para Manning, que apenas balançou um pouco a cabeça. Um fino rastro de sangue escorria do lado esquerdo da boca do mercenário, e manchou a pele quando ele tentou limpá-lo.

Pelo menos tinha conseguido alguma coisa. Havia chamado a atenção do sujeito.

— Não — rosnou Manning. — Nem tenta.

Rollins gesticulou para que ele ficasse quieto, voltou-se para Decker e disse:

— Vamos deixar uma coisa bem clara. Ellen Ripley trabalhou para a Corporação Weyland-Yutani e assinou contratos. Ela nos devia uma alta soma em dinheiro e nunca retornou, nunca pagou a dívida. Além de derrubar não uma, mas duas naves, e custar à empresa o que atualmente chega a bilhões de dólares em danos à propriedade, ela também destruiu uma refinaria. Isso é sabotagem

deliberada.

“Então, tecnicamente, ela e seus descendentes *ainda* têm uma dívida gigantesca com a empresa. Os contratos ainda existem, e o texto é deliciosamente preciso. Mesmo que você conseguisse encontrar um tribunal que quisesse nos desafiar, acredite, a Weyland-Yutani está perfeitamente disposta a investir o tempo e o dinheiro necessários para deixar o senhor em pedacinhos na frente de um juiz.”

— Mas vocês me sequestraram!

— Prove.

— Como é?

— Prove — repetiu Rollins, e o sorriso voltou. — Chame a polícia. Ah, espere... não há polícia aqui. Só as empresas e as Leis Coloniais, a maior parte das quais é executada pelos fuzileiros coloniais... além das forças de segurança particular como as que contratamos para escoltá-lo de volta a Nova Galveston.

Ela se virou para Manning.

— Senhor Manning, qual é sua tarefa hoje?

O homem respondeu sem pestanejar.

— Escoltar o senhor Decker em segurança de volta a Nova Galveston e recuperar as amostras biológicas necessárias para pagar o que ele e sua família devem à Weyland-Yutani.

— E quem o contratou?

— Você. Em nome da Weyland-Yutani.

— Em algum momento o senhor viu alguém forçar o senhor Decker a participar desta viagem conosco?

— Não, senhora — respondeu o mercenário, sem emoção. — Ele veio por livre e espontânea vontade. — E sorriu.

— Por que ele veio?

— Disse alguma coisa sobre provar que era capaz de voltar a trabalhar. — Deu de ombros. — Eu não estava prestando atenção. Ele é chorão demais.

Rollins voltou a olhar para Decker.

— Tenho mais de trinta pessoas a bordo desta nave que ficarão felizes em confirmar essa história. Tenho documentos com sua assinatura para comprovar que se ofereceu para este trabalho em troca de uma recompensa considerável e para evitar um processo judicial que seria aberto contra o senhor pela tentativa de chantagear oficiais da Weyland-Yutani.

— Não brinca! — Decker fez menção de avançar para ela, mas hesitou quando Manning deu um passo em sua direção. — Vocês cuidaram de todos os detalhes, não foi?

— Só um instante — pediu ela. — Estamos quase acabando. Tenho documentos assinados por três testemunhas do seu primeiro ataque convulsivo, e todas declararam que o acidente foi causado por negligência sua. Elas concordaram em depor diante do júri, se chegássemos a esse ponto.

Ela se aproximou até que seu rosto estivesse a poucos centímetros do dele. Decker a olhou nos olhos e não viu o menor sinal de emoção humana.

— E, por fim, senhor Decker, tenho o endereço exato da sua ex-mulher e dos seus três filhos. Na verdade, posso dizer ao senhor onde eles estão neste exato momento.

— Meus filhos?

— Bethany. Ella. Joshua. — Rollins suavizou o tom, mas Decker sabia que era só encenação. — São crianças adoráveis. E sabe o que mais? Pertencem a nós do mesmo modo que o senhor. Me irrite, senhor Decker, e posso tornar a vida delas muito desconfortável até o fim dos seus dias. Cada dívida que Ellen Ripley acumulou será sua, e, se não cooperar, será delas.

“E, na chance improvável de o senhor não funcionar como ferramenta para encontrar o que estamos procurando, sempre podemos verificar se alguma das suas características mais interessantes foi herdada por elas.”

A suavidade havia desaparecido.

— O senhor me entende?

A sala pareceu mais fria. Ele se apoiou na mesa de exames, quase sem se dar conta de seus movimentos. Fitou a mulher diante de si e notou...

Nada. Decker se perguntou que tipo de megera psicopata seria capaz de ameaçar seus filhos de forma tão despreocupada sem transmitir o menor sinal de culpa.

Até mesmo Manning tinha perdido qualquer vestígio da presunção anterior. Ele também olhava para Rollins com um pouco de medo.

— *O senhor me entende, senhor Decker?* — repetiu ela enquanto o olhava nos olhos com firmeza. — Siga as regras e tudo será resolvido. O senhor vai para casa e segue com sua vida. Oponha-se a mim, falhe comigo, faça qualquer coisa para arruinar esta missão e moverei Deus e o mundo, ou coisa pior, contra o senhor e sua família. Entendeu?

Decker precisou de um minuto para lembrar como respirar. Para lembrar como responder.

— Sim. Sim, entendi.

— Excelente. — Ela sorriu. — Faremos uma reunião em breve. Enquanto isso, relaxe. Chegaremos a Nova Galveston nas próximas horas.

10

OS NEGÓCIOS DE SEMPRE

Depois que Decker saiu da sala de exames, Rollins ficou, olhou para os informes outra vez e sorriu.

Instantes depois, começou a digitar seu relatório.

Pouco antes de a nave entrar na órbita de Nova Galveston, o documento havia sido preenchido e enviado.

Quando a resposta dos seus superiores chegou, Rollins leu em silêncio. Então acessou o computador de bordo da nave e deletou todas as evidências de que aquelas transmissões haviam acontecido.

11

DECKER

— Que megera filha da mãe.

Manning disse isso com certa admiração na voz. Ou talvez fosse desejo. O sujeito parecia do tipo que vivia para transar.

Decker não falou nada. Acreditava que qualquer coisa que dissesse despertaria a fúria do homem. Irritar Manning parecia uma péssima ideia, mas isso não significava que seriam amigos.

— Não é nada pessoal, Decker — continuou o mercenário. — Parte do meu trabalho é proteger Rollins.

— Vai se foder, Manning. Nada pessoal.

Tudo tinha limite.

Manning apenas riu.

Chegaram à sala de convivência, onde o restante dos mercenários estava reunido. Mais de trinta homens e mulheres cuidavam das suas armas, e havia um burburinho constante de conversas. Havia uns vinte e poucos homens e o restante eram mulheres que pareciam capazes de encarar qualquer tipo de conflito. Não tinha a ver com compleição física, mas sim com atitude. Todos se comportavam como veteranos de guerra. Ninguém usava uniforme, e a maioria vestia roupas surradas e confortáveis. Todos olharam quando Decker e Manning entraram, e o murmúrio silenciou.

O mercenário falou primeiro.

— Pessoal, este é Alan Decker. Ele vai trabalhar conosco no planeta. Tratem-no com respeito e vai ficar tudo bem. — Olhou com firmeza para o garoto ruivo magricela. — Isso vale para você também, Garth.

O jovem pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas o olhar de Manning o fez calar a boca.

Garth. O garoto que Decker chutou quando foi sequestrado, se não estava enganado. Parecia ser do mesmo tamanho e não parava de encará-lo desde que ele tinha saído do hipersono.

A maior parte da tripulação usava etiquetas com o nome bordado, sinal claro de que já haviam sido fuzileiros coloniais. Decker olhou para Garth e se aproximou.

— Tenho quase certeza de que acertei você quando o seu pessoal apareceu no meu apartamento. Vamos combinar assim: você não guarda rancor por isso, e eu não guardo rancor pelo que vocês fizeram comigo.

Não sabia se conseguiria ser tão generoso, mas estava disposto a tentar.

O ruivo magricela apenas o encarou, tentando amedrontá-lo, mas Decker era um profissional experiente. Já precisou encarar colonos mais de uma vez. O garoto desviou o olhar primeiro.

— Adams! — chamou Manning em voz alta, e uma mulher sentada no canto da sala olhou feio para ele, depois abriu um sorriso brincalhão.

— Estou aqui. Não precisa berrar. O Dave aqui já faz barulho por todo mundo.

O homem do qual falava estava sentado logo ao lado e ergueu o olhar, surpreso. No entanto, não se pronunciou.

Manning riu e balançou a cabeça.

— É hora da sua boa ação do dia, Adams. Venha dar uma ajuda ao Decker aqui e o deixe o mais preparado possível para a nossa expediçãozinha.

A mulher o olhou da cabeça aos pés, e ele fez o mesmo. Ela tinha cabelo castanho-avermelhado bem curto e olhos castanhos. Sua pele era bronzeada por causa do trabalho debaixo de sol, e o rosto e os braços eram salpicados de sardas. Decker se perguntou onde mais ela as teria.

— Fecha a boca, chefe — disse ela em tom afável. — Vai atrair mosca.

Enquanto Adams se aproximava, ele calculou que a mulher era cerca de vinte centímetros mais baixa que ele, uns quarenta quilos mais leve, e não estava nem um pouco intimidada. Ela trabalhava com homens que poderiam parti-lo ao meio, e talvez ela mesma fosse capaz disso. Gostou dela na mesma hora. Alguma coisa nas mulheres fortes e autoconfiantes causava esse efeito nele.

Mas Rollins, não. Aquela mulher era simplesmente perversa.

Como ele não disse nada, Adams deu de ombros e apontou.

— Vamos pegar uns equipamentos para você — disse ela.

— Equipamentos?

— Olha, não temos muita coisa sobrando, mas acho que dá para encontrar uns equipamentos de proteção, talvez uma ou duas armas.

Decker ia perguntar por quê, mas se lembrou dos sonhos e da crua maldade deles. Reprimindo um calafrio, assentiu.

— Por mim, tudo bem. Acho que meio que gostaria de sobreviver.

— Então vamos ver o que a gente encontra para você.

Adams dirigiu-se ao que ele presumiu que fosse o arsenal da nave, e Decker foi atrás. Ela continuou falando enquanto andava.

— Escuta, não sei o que aconteceu na Terra, Decker. Nem é da minha conta. Só sei que você está aqui agora e que precisa trabalhar com a gente. Então, quando estiver com o equipamento, lembre-se de que lado está.

— Como assim?

Adams parou tão bruscamente para olhá-lo que ele quase tropeçou nela.

— Imagino que você não esteja aqui por vontade própria. — Ela o encarou com firmeza, analisando sua expressão, cravando os olhos nos dele por alguns segundos. — Eu entendo. Você foi recrutado à força. Deve estar puto da vida. Só não tente descontar na gente. Somos soldados. Estamos aqui para fazer um serviço. Se você ficar no caminho, vai se machucar.

Decker assentiu. O que ela dizia fazia muito sentido.

— Isso não está nos meus planos.

Tentando não ser óbvio, analisou o rosto dela, procurando ver além da superfície. Adams estava um pouco nervosa, mas estava quase certo de que isso não tinha nada a ver com ele, e sim com a descida a um território desconhecido, que aconteceria em breve.

— Você tem razão — acrescentou ele. — Eu não quero estar aqui. Mas não vou culpar você nem ninguém do seu grupo. Vocês não são responsáveis por foder com a minha vida. Já tenho em quem botar a culpa: nas pessoas que contrataram vocês.

— Entendido — concordou ela. — Mas eu precisava dizer isso. Não é a primeira vez que trabalhamos com pessoas que foram “voluntariadas”, e algumas foram babacas e fizeram burrada. Mas aprendemos com nossos erros. Pode apostar que vai ter alguém vigiando cada um dos seus movimentos.

Decker assentiu, mantendo a expressão neutra.

— Eu só quero ir para casa — disse com sinceridade. — E quero chegar lá vivo. Qualquer coisa que você puder fazer para ajudar isso a acontecer só vai nos tornar amigos.

Adams sorriu, e o sorriso iluminou todo o seu rosto.

— Que bom. Agora, você já usou uma arma de fogo?

— Usei uma furadeira de plasma e cacei um pouco quando era criança.

— Onde e o que você caçou na Terra?

— Meu tio era membro de um clube que tinha uma reserva. De vez em quando a gente ia caçar veados.

— Já acertou algum? — Ela lhe lançou um olhar crítico.

— Não. Eles me levavam mais para eu carregar os mantimentos.

— É. Bem que achei que você tinha um olhar de assassino. — Adams riu e voltou a andar. — Não tem problema. Vamos preparar você.

Ele assentiu, ciente de que ela não veria o gesto. Mas precisava mesmo se preparar. Alguma coisa estava a sua espera em Nova Galveston, e ele pretendia estar pronto para encará-la de frente. Algo que o tio e o pai sempre diziam naquelas malditas excursões de caça era que ele devia confiar na própria intuição.

Decker pretendia seguir o conselho.



Adams mostrou a ele como usar duas armas de fogo diferentes: uma pistola à moda antiga, que ela chamava de “matadora” e que disparava cápsulas clássicas calibre .44, e um rifle de plasma de cinquenta watts que funcionava quase da mesma forma que a furadeira com a qual ele tinha treinado quando mais jovem.

A diferença é que o rifle fazia um disparo de longo alcance e soltava fagulhas capazes de abrir buracos no casco de uma nave. Por essa razão, Adams o treinou usando uma arma descarregada. Em tese, ele seria capaz de manejar a coisa quando chegasse a hora.

Ela o deixou ficar com a matadora, mas não lhe entregou nenhum carregador — ainda não. Ao que parecia, Adams precisava da autorização de Manning antes de deixá-lo levar munição.

Decker não gostou disso, mas entendeu.

Embora não houvesse muitos equipamentos de proteção sobrando, ela conseguiu encontrar um capacete que serviu razoavelmente bem e um colete anti-impacto que o protegeria da maior parte dos armamentos convencionais. Seria completamente inútil contra uma descarga de plasma, é claro, mas poucas coisas não seriam.

A sessão de treinamento durou por volta de duas horas e terminou quando Manning falou pelo intercomunicador da nave, avisando-os de que era hora da reunião. Decker se surpreendeu ao ver que estava desapontado. Por um tempo, quase havia se divertido. Adams pareceu sentir o mesmo.



Quando já estavam todos acomodados na sala de convivência, Rollins chegou e deu a eles um resumo do que era esperado.

— Nova Galveston é um planeta colonizado. A atmosfera é respirável, e a gravidade é de aproximadamente oitenta e oito por cento a da Terra, então, embora haja vantagens, vocês precisarão ser cautelosos.

Decker sabia muito bem o que isso significava. A gravidade mais baixa significava maior resistência e proporcionava uma sensação de força superior. Mas essa sensação podia ser traiçoeira. Embora uma pessoa pudesse cobrir uma distância maior correndo ou pulando, vários novatos desmaiavam ao trabalhar na gravidade reduzida por não levarem muito a sério o período de adaptação.

— Muller... Muller... Muller!

Foi Adams quem começou a entoar, e uns seis colegas se juntaram a ela enquanto um brutamontes de cabelo acobreado e coberto de sardas ficou corado e sorriu. A julgar pelos assobios e risos, ele provavelmente já havia desmaiado, e os outros não o deixariam esquecer. Decker quase sorriu.

Rollins esperou até que eles se acalmassem e recomeçou.

— Há três colônias principais, e túneis de trem que levam a elas, mas nenhuma delas estará próxima. Então não esperem muita segurança se saírem vagando e precisarem de reforços ou defesa.

Vários no grupo assentiram. Embora parecessem relaxados, Decker notou que todos estavam prestando muita atenção.

— Rutledge é a cidade mais próxima, a cerca de vinte e quatro quilômetros de trem. Os túneis não chegam à colônia mineradora, mas há caminhões indo e vindo da escavação regularmente.

Espera. Colônia mineradora?

— Que colônia é essa? — Decker mal percebeu que havia falado. Rollins olhou para ele.

— Depois que você deixou o planeta, a companhia descobriu que existia, de fato, uma escavação anterior no local do seu Mar de Angústia. Uma mina de trimonita, e ela foi reaberta. Há um filão ativo, e ele deve proporcionar um fluxo de receita valioso, o que é bastante conveniente. Nova Galveston tem feito acusações graves contra nós por falharmos em terraformar o planeta conforme suas especificações.

O olhar que ela lhe lançou dizia *vai se foder*.

Rollins continuou:

— Já há uma equipe no local, os médicos já estão disponíveis, e vocês ficarão felizes em saber que haverá alojamentos disponíveis.

Vários mercenários sorriram, e Decker concordava totalmente com eles. Havia passado por várias situações nas quais o melhor que pudera esperar tinha sido uma tenda. Em comparação, alojamentos de verdade eram um luxo.

— Há mais que isso, é claro. E é por isso que estamos pagando a conta dos seus freelancers, senhor Manning. — Decker reprimiu uma risada. *Freelancers*. Soava muito melhor que *capangas de aluguel*. — Quando a mina foi encontrada e seu funcionamento foi restaurado, encontramos os restos de uma nave. O veículo que localizamos não é de origem terráquea.

Ela deixou que os mercenários absorvessem a informação. Decker passou a língua pelos lábios. De repente, sua boca estava inexplicavelmente seca.

Manning tomou a palavra.

— A configuração dessa nave já foi encontrada antes? — perguntou ele.

— Não — respondeu Rollins. — E, se há alguém capaz de identificar tecnologia alienígena, é a Weyland-Yutani.

Diziam por aí que a empresa tinha dado grande parte dos seus saltos tecnológicos mais radicais ao adaptar artefatos alienígenas na forma de “novos” avanços.

— A questão — prosseguiu Rollins — é que, com base num acordo prévio, a empresa tem plenos direitos sobre a terra onde está a mina. Tudo que encontrarmos é dela. É por isso que vocês estão aqui. Queremos que continue dessa forma. Assim que a nave foi descoberta, as escavações pararam. Estão esperando a chegada da nossa equipe. Queremos problemas? Não, não queremos. Mas pretendemos estar preparados para eles.

Decker cruzou os braços. Por mais que a Weyland-Yutani parecesse dar as cartas no governo, havia regras na Terra que precisavam ser obedecidas — regras que nem a empresa poderia driblar. Todas as tecnologias alienígenas estavam sujeitas à quarentena, e havia procedimentos a seguir para atestar qualquer reivindicação de posse.

Mas a Weyland-Yutani não pretendia seguir as regras. Decker sabia disso. Assim como os “freelancers”. Daí a tática da força bruta. Não tinha nada a ver com seus relatórios insignificantes — depois que identificaram Decker como um recurso, deram um jeito para que nada ficasse no caminho quando “contratassem” seus serviços.

Manning foi mais rápido que ele ao fazer a pergunta seguinte.

— Alguma chance de ter formas de vida ativas lá embaixo? — Ele não parecia contente com a possibilidade.

Rollins o surpreendeu, dizendo a verdade.

— Sim. Na verdade, é o que esperamos. Essa é uma das razões pelas quais o senhor Decker nos acompanha. Acreditamos que ele pode ter... percepções únicas sobre as formas de vida que vocês talvez encontrem.

— Que tipo de percepções? — retrucou Manning.

Apesar de não ir muito com a cara do sujeito, Decker precisava admitir que ele fazia as perguntas certas.

— É difícil explicar com clareza — respondeu ela. — O senhor Decker é um empático de baixo nível. Ele parece ter estabelecido algum tipo de conexão especial com as formas de vida. Está conosco basicamente para ajudar vocês a farejá-las.

Lá se foi o nosso segredo, pensou Decker. *Desculpe, pai*. Notou diversos mercenários olhando-o com curiosidade e desconfiança, sem tentarem disfarçar. Ele olhou para Adams e ficou feliz em ver que ela não parecia abalada.

— E se encontrarmos esses seus alienígenas? — indagou Manning. — O que fazemos com eles?

Rollins olhou para todos com uma expressão séria.

— Vocês conhecem o procedimento — explicou, em tom prático. — Queremos amostras de quaisquer tecnologias que encontrarem, mas a prioridade são as formas de vida. Queremos os aliens, e os queremos com vida. Cada um de vocês tem acesso a um arquivo com informações. O arquivo pertence à Weyland-Yutani e é considerado confidencial. Levem isso *muito* a sério. Não tentem copiar as informações, pois elas estão fortemente protegidas por códigos. Seu acesso a elas termina quando saírem da *Kiangya*. Algumas das informações foram editadas. O arquivo contém estritamente o que vocês precisam saber e inclui tudo o que descobrimos sobre a forma de vida alienígena xenomorfo XX121 nos duzentos e sessenta anos que passamos tentando capturar uma delas.

A atitude durona de Rollins não intimidou Manning nem um pouco. Ele a encarou com a mesma firmeza.

— O que vocês sabem sobre essas coisas? — insistiu ele. — São perigosas?

— É bem provável — admitiu ela. — E vocês são profissionais altamente treinados que cobram taxas exorbitantes, certo?

— Somos, sim. Mas isso não quer dizer que vamos fazer tudo às cegas. Por isso vou perguntar de novo: o que vocês sabem sobre essas coisas?

Ela passou um tempo fitando o homem, as feições insondáveis. Depois continuou:

— Não sabemos muita coisa além do que está no arquivo; nossa experiência com elas é limitada. Parecem ser adaptáveis. *São* agressivas. Os poucos dados que temos indicam que podem secretar um líquido tóxico, ou cáustico, ou ambos. Há alguns detalhes a respeito da fisiologia e dos diferentes estágios de desenvolvimento. Elas parecem ter sido criadas para caçar, e vocês devem se aproximar delas com extrema cautela.

Manning fungou.

— Então nós somos descartáveis, mas temos que mantê-las vivas.

Rollins deu de ombros.

— Não estamos enviando vocês como simples agentes de segurança. Há mais de trinta profissionais, incluindo o senhor Decker. Vocês estão sendo extremamente bem recompensados — afirmou ela. — Esperamos que tomem as precauções necessárias e que estejam prontos para se defender, mas também esperamos que se lembrem de que boa parte do seu pagamento será determinada pelo sucesso que tiverem em seguir as diretrizes que receberam. — Rollins se aproximou dele. — Tenho certeza de que vocês têm vários brinquedos adequados à ocasião. Além deles, fornecemos tudo de que precisam para capturar os alvos, depois que os localizarem. Isso inclui os espumantes.

— Que droga é um espumante? — perguntou Adams. Olhou para Manning para ver se ele havia se irritado por ela ter falado, mas ele não pareceu muito preocupado com isso.

— Um espumante é inútil numa batalha — explicou Rollins. — Os recipientes são tão volumosos e tão pesados que atrapalham, principalmente se vocês não estiverem numa superfície plana, mas, se conseguirem capturar uma das criaturas, podem quase que cimentá-la no lugar. O conteúdo endurece rápido, e a espuma é porosa o suficiente para não ser letal para a criatura capturada. A companhia tem modos de remover a espuma quando entregarem a encomenda.

A mulher sorriu.

— Aí está — concluiu Adams. — Brinquem direitinho, meninos e meninas, e serão muito bem recompensados.

— Isso quer dizer que tem um belo bônus esperando, se a gente não ferrar tudo — disse Manning, e olhou para cada membro da sua equipe. — Então vamos fazer direito pela primeira vez.

Isso provocou alguns sorrisos.

Decker só sentiu o estômago se revirar.

— E se só encontrarmos um bando de aliens mortos? — perguntou Manning, olhando novamente para Rollins.

Decker suspeitou que o mercenário já soubesse a resposta de todas as perguntas, mas que era preciso fazê-las, pelo bem da sua tropa.

— Vocês serão pagos, e generosamente, desde que voltem com pelo menos alguns corpos intactos.

— E se não estiverem intactos?

— Vocês ganham menos. — Rollins se aprumou um pouco mais, indicando que a sessão de perguntas e respostas estava acabando. — Mais alguma pergunta?

— Quando começamos? — Essa veio de Adams, e obteve murmúrios concordantes dos outros.

— Estaremos sobre o local de descida dentro de uma hora e quinze minutos. Por isso, recomendo que deixem o equipamento pronto. Enquanto isso, estudem as informações dos arquivos. Suas vidas podem depender disso.

— Vocês ouviram a moça — berrou Manning. — Vamos trabalhar! — Ele bateu palmas, produzindo um som alto, e saiu andando. Seu pessoal o seguiu, mas Decker ficou para trás por mais um momento.

Rollins entendeu a deixa.

— No que está pensando, senhor Decker?

— Você nunca disse nada sobre a nave — respondeu ele. — Por que esconder isso de mim?

— Pensamos em dar ao senhor um tempo para se adaptar às suas novas... circunstâncias.

Para Decker, isso significava: “Não queríamos que você surtasse e fizesse alguma burrada.” Mas ele não disse nada do que queria dizer.

— Se isso der certo, o que eu ganho? — continuou. — Digo, monetariamente. Além de não me ferrar num tribunal.

Rollins pareceu surpresa, mas sua expressão foi fugaz. Ele estava falando a língua dela.

— Vou verificar os detalhes — respondeu ela. — Desde que cumpra a sua parte, tenho certeza de que podemos negociar alguma coisa, digamos, adequadamente generosa.

Ele assentiu e se virou para seguir os mercenários. Até onde podia perceber, eram uma companhia melhor.

12

DESCIDA

Não havia nada de divertido na queda livre dentro de uma dropship. Discutindo o assunto durante várias sessões de bebedeira, tarde da noite, com Rand e o restante da antiga equipe, Decker havia percebido que sua aversão se resumia à falta de controle. Não gostava de colocar a própria vida nas mãos de alguém que não conhecia.

Mas era isso que acontecia toda vez que se entrava na atmosfera e se era levado pelas correntes de ar através do campo gravitacional de um planeta, esperando o tempo todo que o piloto fosse capaz de pousar a armadilha mortal em segurança.

Então ele segurava com força as alças de cada lado do assento até ficar com os nós dos dedos brancos. Não era o único. Vários outros mercenários estavam bem pálidos, e transmitindo um nervosismo que só fazia a tensão de Decker aumentar. Saber o motivo ajudava, mas ele também não podia pedir que os outros se acalmassem.

Adams estava sentada à sua frente e parecia inabalável. Dave, o homem que parecia nunca ter nada a dizer, estava à esquerda dela. Adams estendeu o pé no espaço estreito entre as fileiras e cutucou a bota de Decker. Ele olhou para ela, que piscou.

— Pritchett gosta de um agito — avisou ela.

— É o piloto?

— É.

— Me lembra de quebrar a cara dele depois, ok?

Adams riu, e perto dela um dos caras grunhiu.

— Entra na fila — disse o homem que havia grunhido. — Qualquer dia desses eu arranco as tripas do desgraçado.

O nome na farda era “Piotrowicz”. Era magro, rígido e desalinhado. Os fuzileiros provavelmente tentaram mantê-lo barbeado e limpo, mas, sendo freelancer, ele havia escolhido parecer um cachorro felpudo.

Decker se lembrou do nome e reprimiu o instinto de vingança. Piotrowicz era um dos sequestradores.

— Petey ameaça arrancar as tripas de todo mundo — comentou Adams. — Ele acha que isso é atraente. — Balançou a cabeça. — Só que não é.

Piotrowicz a saudou com o dedo do meio. Ela deu um soco no braço dele de brincadeira. Mas “brincadeira”, ao que parecia, era algo diferente para os mercenários, porque o soco foi forte o bastante para deixar um hematoma, e os dois riram.

A nave inteira balançou, sacudiu e deu um solavanco forte para a direita. Piotrowicz grunhiu outra vez, e, considerando o primeiro encontro que tiveram, Decker não sentiu muita pena dele. Manning olhou para a cabine do piloto como se estivesse pensando em ir lá quebrar umas cabeças, mas fazer isso significaria se arriscar a sair quicando pela cabine. Em vez disso, pegou o comunicador que já estava preso ao ombro.

— Que porra é essa, Pritchett?

— Tem turbulência, chefe — foi a resposta tímida.

— Não, jura? E você está indo *atrás* dela? — Ele fez uma careta quando tudo rangeu e balançou de novo. — Acho que você perdeu uma.

— Tempestades atmosféricas fortes. Não estou atrás delas, elas é que acharam a gente.

Decker não gostou de ouvir isso. Pelo que se lembrava, o clima em Nova Galveston era, na pior das hipóteses, tranquilo. Chovia, verdade, mas quase nunca durante o dia. Isso podia significar que era noite lá, o que o incomodava ainda mais.

Há coisas que enxergam melhor no escuro. Fez uma careta diante da lembrança. Não precisava fazer isso consigo mesmo. Já tinha merda suficiente na cabeça. *Muita merda.*

Pouco depois, a turbulência se abrandou, e as pessoas ao redor dele relaxaram um pouco. Piotrowicz balançou a cabeça.

— Sério. Preciso dar um jeito nesse cara.

— Bom, ele disse que havia tempestades — interveio Decker.

— Parece que, não importa aonde a gente vá, ele encontra o pior clima. Ninguém tem tanto azar *o tempo todo*.

— Ah, não? — Adams deu uma cotovelada no vizinho com menos força do que tinha usado no soco. — Então como você explica sua vida amorosa?

Antes que Piotrowicz pudesse responder, a nave deu uma guinada e começou a descer lentamente.

— E como está o tempo, Pritchett? — A voz de Manning pareceu irritada. O

rosto também.

Para Decker, não fazia diferença.

— O tempo está bom, chefe. Mas acho que tem um problema.

— Que tipo de problema? — O líder dos mercenários franziu a testa ainda mais, e o rosto anguloso pareceu feito de pedra.

— Estou mandando saudações e não recebo resposta alguma.

— Acha que é a tempestade?

— Negativo. Estou captando sinais comerciais, mas nada vindo do lugar onde vamos pousar.

— Vai ver o clima ferrou a comunicação deles.

— Ou, talvez... Não tenha sido *exatamente* uma tempestade. — Pela voz, Pritchett se sentia culpado.

Adams riu. Muller deu socos no ar, mas sorriu ao fazer isso. Dave não disse nada.

Piotrowicz resmungou algo sobre matar.

— Falamos sobre isso depois — disse Manning. — Por enquanto, só faça o pouso e a gente vê o que encontra.



Pritchett aterrissou com suavidade, e, de fato, era noite. Enquanto desembarcavam, o ar estava fresco e agradável, ainda que um pouco úmido. Andara chovendo, e o Mar de Angústia era um terreno plano feito de escuridão.

Várias pessoas saíram para recebê-los. Entre elas estava Lucas Rand, com uma expressão meio lerda de choque na cara de buldogue, que depois se iluminou com um sorriso cheio de entusiasmo. Antes que Decker pudesse fazer qualquer coisa, o homem robusto o segurou num abraço de urso e o ergueu do chão com facilidade.

— Bom te ver, cara!

Alan sentiu uma onda de afeição atravessá-lo. Não havia percebido como gostava de Rand até vê-lo de novo. Eles sempre trabalharam bem juntos, mas às vezes Decker se esquecia disso. Tendia a esquecer tudo que não fosse trabalho, na maioria das vezes. Era mais fácil assim.

Os mercenários fizeram alguns comentários sarcásticos, mas Decker os ignorou e saiu andando com o amigo.

— O que está acontecendo aqui, Luke?

— Tá rolando de tudo, cara.

Ele balançou a cabeça e apontou para um trecho escuro na longa extensão de

areia. Uma silhueta definia claramente os contornos de um barracão Quonset, iluminado por algumas lâmpadas no chão, e nada mais.

— Você se lembra da trimonita? Não foi por acaso. Tinha um *monte*. Pelo jeito, é um filão muito grande, e, mesmo que você tenha irritado muita gente, seu relatório levou a empresa de volta à mina que costumava ter aqui. Assim que nós descemos, encontramos os antigos poços. Já começaram a extrair a trimonita. O processamento vai ter que ser feito fora do planeta, é claro... Libera toxinas demais.

— Vocês encontraram os poços originais da mina?

Para eles, os túneis são escuros...

— Encontramos, mas ninguém sabe aonde eles levam — respondeu Rand. — Parece que houve algum tipo de desabamento, e eles concluíram que a mina não era viável. Daí, os registros sumiram. — Decker tinha suas dúvidas sobre isso: era conveniente demais. — O pessoal da Weyland-Yutani diz que nem sabia que a empresa já teve uma mina aqui até você acusá-los de negligência. — Luke o olhou de esguelha. — Como está sendo para você? Toda vez que eles entraram em contato, pareceram bastante irritados.

— Estamos... chegando a um acordo.

Não podia contar a verdade a Rand. Dizer a verdade já havia lhe custado demais. De jeito nenhum envolveria mais alguém naquele problema.

— Que bom. — Rand sorriu. — Para ser sincero, eles estão sendo bem tranquilos em relação a esse assunto. Quero dizer, com as taxas de consultoria e tudo o mais.

— Taxas de consultoria?

— É. Fomos mantidos como consultores. Bom, alguns de nós. Alguns membros da equipe já partiram para a próxima, mas o pessoal com conhecimento técnico foi contratado como subempregado.

Decker olhou para o amigo e franziu a testa. Havia algo de estranho naquilo. Antes que pudesse comentar, porém, Manning chamou sua atenção com um berro. Ele se virou para o grupo principal, e o líder dos mercenários gesticulou para ele.

— Temos uma reunião, senhor Decker. Se tiver espaço na sua agenda cheia. Vamos logo com isso!



Dez minutos depois, encontravam-se acomodados num hangar pré-fabricado grande o bastante para guardar várias retroescavadeiras e brocas. A maior parte

da área estava tomada por máquinas imensas e silenciosas, mas em um canto havia mesas, cadeiras e uma máquina de café.

Graças a Deus, pensou Decker, indo direto até ela.

Os mercenários encheram as xícaras antes que a discussão começasse. O grupo incluía todos os mercenários, muitos dos homens com quem ele havia trabalhado no projeto de colonização e alguns membros da equipe mineradora.

Um homem da Weyland-Yutani chamado Willis olhou para cada um e meneou a cabeça, parecendo satisfeito. Tinha o ar de um burocrata com um quê de ditador — um tanto baixo, um tanto redondo nos quadris e tentando desesperadamente cobrir a área calva que crescia no topo da cabeça.

— Rollins me deu um resumo completo do que discutiu com vocês, mas as informações dela estavam desatualizadas — avisou ele, dirigindo-se aos recém-chegados. — Retomamos nossos trabalhos de mineração. Hoje mesmo fizemos novas descobertas no local de escavação e na nave soterrada.

Esperou alguns segundos, durante os quais Adams se acomodou à direita de Decker e tomou um gole de café. Ele tentou ser discreto ao olhar para ela.

— Então, a situação é a seguinte — continuou Willis: — até onde podemos ver, estávamos enganados a respeito da nave e dos seus ocupantes.

— Como assim?

A pergunta veio de um dos mercenários, um brutamontes chamado Krezel, de cabelo castanho-acinzentado e um bigode que deixaria uma morsa com inveja. Calou a boca logo em seguida, fuzilado pelo olhar de Manning.

— Bom, de início acreditamos que a nave devia ter caído no planeta muito tempo atrás. Estamos falando de mais de mil anos, embora seja difícil precisar. Antes de a colonização começar, havia muitas tempestades violentas, e, de acordo com a Equipe de Pesquisa em Terraformação, há uma grande possibilidade de que fortes movimentos tectônicos ocorressem com frequência na época.

Nenhuma novidade até ali, já que Decker tinha participado da criação desse relatório.

— Então podem ser algumas centenas de anos ou podem ser mais de mil. Seja qual for o caso, quanto mais cavamos, mais parece que a nave estava no processo de decolagem quando caiu.

Foi Manning quem falou dessa vez.

— Decolando de onde?

— É difícil saber, mas há evidências de que possa ter existido uma colônia aqui, talvez até algum tipo de base completamente funcional. — Ele sorriu, tenso. — Isso quer dizer que as tecnologias que esperávamos encontrar podem

ser muito mais avançadas do que imaginávamos. — Parou para olhar ao redor, para todo o grupo. — Por isso, podem esperar um nível de segurança elevado. E, dependendo do que encontrarem, também podem esperar pagamentos bem maiores.

Antes que qualquer um tivesse a chance de falar, Willis continuou:

— A partir deste momento, ninguém vai à cidade. Ninguém pega os caminhões nem os trens. Todas as comunicações estão inteiramente suspensas. Estamos falando de uma descoberta que pode ser maior que qualquer coisa em que já esbarramos desde o primeiro contato com os arcturianos.

Conversas irromperam pelo grupo, e Decker sentiu uma súbita onda de entusiasmo. Os arcturianos foram a primeira espécie alienígena que a humanidade havia encontrado, e aqueles contatos iniciais marcaram um momento decisivo para a raça humana. *Especialmente* para entidades comerciais como a Weyland-Yutani. As pesquisas e o desenvolvimento floresceram, e a maior parte dos recursos da empresa tinha sido investida na criação de novas tecnologias.

A intensidade das reações o surpreendeu — euforia misturada à inconfundível ganância. Ao que parecia, várias pessoas esperavam ficar muito ricas com essa expedição.

Decker balançou a cabeça para livrá-la do fluxo de emoções.

— Essa é provavelmente uma má ideia, nos isolar do resto do planeta — comentou ele. — Se encontrarmos criaturas vivas lá embaixo, pelo que pude perceber, elas não vão nos receber de braços abertos. As coisas podem dar muito errado, muito rápido, e não vamos ter nenhum apoio.

Alguns mercenários bufaram, desdenhosos, e Rollins se voltou para ele.

— Foi exatamente por isso que trouxemos este grupo de freelancers muito competentes, senhor Decker — declarou ela, agradando a multidão. — Temos certeza de que eles estarão à altura da tarefa e lidarão com qualquer eventualidade.

Os mercenários murmuraram, concordando, e Decker ficou em silêncio. Willis voltou a falar.

— Então amanhã será um dia de trabalho normal, pessoal — disse ele aos mineradores. — Mas, antes que alguém vá a *qualquer lugar* que ainda não tenha sido explorado, o senhor Manning e sua equipe vão entrar para examinar tudo. Afastem-se e deem espaço para eles fazerem seu trabalho.

Isso gerou novas reações, mas nem todos pareciam satisfeitos. Decker fez um esforço consciente para afastar as sensações — era como ir fechando os olhos até deixá-los semiabertos. Os sentimentos ainda estavam lá, mas não tão

intensos.

Rand olhava para ele, intrigado. Decker não precisava ler mentes para entender que o amigo estava se perguntando quanto ele sabia. Mas nenhum dos dois falou — haveria tempo para isso depois.

Talvez.

As pessoas se separaram em pequenos grupos, e o maior deles se reuniu ao redor de Willis. Alguns dos mais insatisfeitos — todos mineradores e subempreiteiros — o pressionavam, pedindo mais informações. Algumas vezes se ergueram, e ele levantou as mãos numa tentativa de acalmá-los.

Enquanto digería o que tinha sido dito, Decker percebeu que divagava. Como a maioria das pessoas, era fascinado pela ideia de haver outras espécies alienígenas. Enquanto a raça humana avançava mais e mais por entre as estrelas, novas colônias proliferavam e lhe forneciam o pão de cada dia. Mas ele nunca havia encontrado evidência de seres extraterrestres — não pessoalmente.

Mas, dessa vez, mesmo se não conseguisse localizar qualquer coisa viva, poderia ver os restos de uma nave alienígena em primeira mão. Por mais empolgante que a ideia fosse, também o enchia de pavor.

Dedos fortes seguram o rosto macio que sufoca e solta o ar, desesperado. Decker tentou afastar o pensamento. Dedos, não. Pernas. Mãos, não; coisa pior.

Como se estivesse lendo a mente dele, Adams se aproximou e disse:

— Nunca vi nada alienígena. Isso vai ser sensacional.

— Espero mesmo que sim.

Ele sabia que deveria parecer mais entusiasmado, mas aquela sensação estranha não o abandonava.

Escuridão, dentes, um sibilo baixo e o raspar de garras. As imagens não paravam, lampejos que não faziam sentido, vindos de outro lugar e tentando se alojar em sua mente.

Era aquela conhecida sensação outra vez, de que algo estava à solta, procurando por ele. Não uma presa qualquer, mas *ele*. Decker afastou os pensamentos e voltou a se concentrar, mas não adiantou.

O mal-estar devia estar estampado em seu rosto. O olhar que Adams lançou para ele não foi sutil.

— Caramba, Decker. Você está precisando transar tanto quanto eu.

Isso, sim, funcionou. Por um momento, pelo menos, a ideia de ser perseguido se esvaiu da sua mente.

— Isso foi um convite? — perguntou ele. *Quem não arrisca não petisca.*

Adams o encarou em silêncio por um momento. Ergueu uma sobrancelha.

— É o seguinte: me paga uma bebida e a gente conversa.

13

POR AMOR AO DINHEIRO

Rand observou os mercenários se dirigindo ao local da escavação.

Decker estava com eles. Alan Decker, o homem que ele havia vendido. A culpa era uma coisa feia, e certamente estava lhe fazendo mal naquela hora, enquanto ele observava o amigo se dirigindo para o barracão Quonset com um batalhão de algumas das pessoas mais assustadoras que já tinha visto.

Os fuzileiros eram maus.

Os mercenários eram piores. Não precisavam seguir as regras.

Rand pensou nisso e sentiu o estômago dar cambalhotas. Se Decker soubesse o que ele havia feito — como o tinha vendido por dinheiro —, bom, talvez uns mercenários ainda embolsassem uma grana extra.

É, pensou Rand, era melhor ficar de olho aberto enquanto eles estivessem por perto.

O Mar de Angústia era um monte enorme de areia, e havia lugares lá embaixo onde um corpo poderia desaparecer. Havia descoberto alguns deles ao ser contratado pela Weyland-Yutani como consultor. Rand sabia algumas coisas sobre a empresa. Sua diferença para o amigo era que ele tinha sido esperto o bastante para não relatar o que sabia.

E o que ganhou com isso? Um bom plano de aposentadoria e algumas oportunidades de ganhar ainda mais dinheiro.

Andrea Rollins estava em algum ponto da órbita do planeta. Ele sabia disso. Sabia porque ela era a responsável pela função que ele cumpria agora. E porque, da última vez que Rollins estivera por perto — depois que o acidente de Decker o fez ser levado embora —, tinha pedido a colaboração de Rand. Primeiro, para apontar o dedo quando a hora chegasse; e, depois, para colocar alguns equipamentos ao redor das minas quando estivesse inspecionando o local à procura de “problemas ambientais”.

Não perguntou que aparelhos eram aqueles. Não precisava saber.

Rollins sabia das minas. Bom, não exatamente. Sabia que existiram minas no

passado. E sabia onde ficavam por causa da mensagem que Rand lhe enviou pouco depois do revés de Decker. O azar de um homem era a oportunidade de outro. Nunca havia desejado nenhum mal a Decker. Só não deixou que a amizade o impedisse de agir quando chegou a hora de realizar seus objetivos pessoais.

E lá estava aquela pontada de culpa que não lhe dava sossego.

Observou o barracão e a luz do sol tingindo as areias negras de um tom de sangue seco. Decker e os mercenários sumiram de vista. Isso ajudava um pouco.

Rand poderia ter insistido, poderia ter pedido à empresa que pegasse leve com ele, mas isso poderia ter afetado suas oportunidades. Por outro lado, Rollins havia garantido a Rand que o amigo sabia se cuidar. Fizeram-lhe várias perguntas esquisitas sobre Decker, e ele as respondeu.

Achavam que Decker tivesse habilidades psíquicas ou coisa parecida. Tudo bem, cada um acreditava no que queria. Alan estava de volta e talvez fosse ficar bem.

Rand olhou para o barracão por mais um minuto, depois voltou aos alojamentos. As minas lhe davam calafrios. A nave que encontraram lhe dava pesadelos. Nunca tivera a menor vontade de encontrar outras formas de vida. Para Lucas Rand, a espécie humana já era fodida o bastante e não precisava de ajuda para tornar o universo ainda mais tóxico.

Em algum lugar nos escritórios havia uma dose de vodca esperando por ele.



Quando Decker era criança, seu pai lhe disse que não havia nada que não pudesse ser resolvido com palavras. Ele dizia isso com frequência, especialmente quando a empatia de Decker vinha à tona e os garotos ao redor pareciam mais inimigos do que amigos. Foi acontecendo cada vez menos à medida que ele se adaptava aos altos e baixos emocionais e passava a entender que nem toda sensação que experimentava lhe dizia respeito. Às vezes, as pessoas só estavam irritadas porque tiveram um dia ruim, não por causa de algo que ele tivesse feito.

Quando se tornou adolescente, o pai mudou um pouco as palavras. Disse que não havia nada que não pudesse ser resolvido com um aperto de mãos e uma negociação honesta.

E, quando adulto, as palavras de sabedoria do pai se transformaram pela última vez. Foi quando ele disse ao filho que não havia nada no mundo que não pudesse ser resolvido com uma dose de uísque na interação e algumas palavras

gentis.

A última parte se mostrou bem verdadeira na interação com Adams.

Umas poucas bebidas com os mercenários ajudaram a melhorar o clima. Garth provavelmente nunca seria um grande amigo, mas pelo menos saíram da sala de convivência com tudo esclarecido. O mesmo valia para Piotrowicz, que até lhe pagou uma cerveja para mostrar que não guardava rancor.

Adams tinha um jeito muito melhor de se expressar. Era tão entusiasmada na cama quanto era com tudo. Por um tempo, Decker esqueceu o ruído de fundo na cabeça e se concentrou na mulher esguia e musculosa em seus braços. Depois de tanto tempo sozinho, era bom compartilhar o calor com mais alguém, especialmente alguém com um apetite voraz e uma imaginação surpreendente.

Quando acordou no dia seguinte, Adams tinha partido. Teria ficado surpreso se ela ainda estivesse lá.

14 CAFÉ DA MANHÃ

O sol se erguia e o ar tinha uma frieza que lhe pareceu revigorante. O pequeno exército de mercenários estava reunido ao redor de uma mesa e pronto para trabalhar, e Decker se juntou a eles. Adams estava sentada com Piotrowicz e um pequeno grupo, que abriu espaço para ele.

— Manning já passou as instruções — avisou Piotrowicz, baixinho. — Vamos descer até o lugar onde acharam a nave. Lá é onde temos mais chance de encontrarmos o que estamos procurando, por isso é melhor começarmos por ali.

Então voltou a devorar a comida no prato. Os ovos eram fritos, não mexidos, o que era um luxo inédito num lugar como aquele. Decker não conseguia nem imaginar como a Weyland-Yutani havia obtido isso.

— Este é o nosso Piotrowicz — disse Adams. — Às vezes ele acha que frisar o óbvio vai fazê-lo parecer mais inteligente.

Ouvindo isso, o mercenário parou por um momento, entre garfadas, para deixar o dedo do meio falar por ele.

— Ainda não está funcionando, gênio. Você pode *querer* parecer esperto, mas a verdade está na cara.

Quem disse isso foi um sujeito enorme com a tatuagem de uma insígnia militar na cabeça raspada. Era malfeita, com letras quase ilegíveis.

Piotrowicz olhou para o homem — que devia pesar quase cinquenta quilos a mais que ele — e balançou a cabeça.

— Vivo esquecendo que você sabe falar, Connors. O que é isso mesmo na sua cabeça? Acho que é o símbolo das escoteiras, né?

Decker se acomodou e engoliu com pressa, comendo ainda mais rápido quando Manning anunciou que eles sairiam em quinze minutos. Talvez ainda desse tempo para mais uma xícara de café.

Depois da refeição, deixou a bandeja na mesa e foi pegar a segunda xícara. Enquanto acrescentava doses letais de creme e açúcar, Adams se aproximou e começou a se servir também.

— Então, a noite passada foi divertida.

Decker a olhou de soslaio.

— Não sabia se era para dizer alguma coisa.

— Agradeço a descrição.

— Mas, sim — acrescentou ele —, com certeza foi divertida.

— Que bom. Talvez a gente possa experimentar de novo hoje à noite.

Ela se afastou antes que ele pudesse fazer qualquer comentário. O dia pareceu muito mais luminoso, apesar da sensação que começava a se arrastar por seu estômago.

Não havia como escapar. Cada vez que pensava em entrar no subterrâneo, sentia um terrível mal-estar. E não eram só os túneis, o planeta inteiro o apavorava. Não havia nada de racional naquilo, mas tinha uma força gigantesca.

Alcançou Adams e sacou a matadora.

— Onde consigo um carregador para ela?

A mercenária sorriu.

— Ah, é. Esqueci essa parte.

Ela o levou até um homem de cabelo grisalho chamado Dmitri, que lhe entregou quatro carregadores longos com quinze projéteis cada. Depois de uma breve discussão, o homem também lhe deu uma segunda arma.

— Rifle de plasma. Seja esperto, mantenha seguro e travado. E não dispare perto de nada que você queira deixar intacto.

O sotaque de Dmitri era tão carregado que Decker levou alguns segundos para entender completamente tudo o que ele disse, mas Decker assentiu e sorriu mesmo assim.

Quando já haviam se afastado um pouco, Adams tomou o rifle dele e repassou o treinamento. Decker ficou feliz por isso — não era o tipo de arma que permitia erros. Não se a pessoa quisesse continuar inteira.

— Cano curto, para você poder manobrar — explicou ela. — Tem três células, todas estão carregadas... — Girou a arma para mostrar a ele os indicadores. — Dispara cápsulas incrivelmente pequenas e incrivelmente quentes de plasma. O cano é de trimonita. Se fosse de qualquer outro material, derreteria no quarto disparo. Sério, não bobeia com esse rifle. Tem o ajuste automático e o seletivo. No automático, você puxa o gatilho e as cápsulas saem rápidas e quentes até esgotar a primeira célula. Puxando o gatilho de novo, você faz a mesma coisa até esgotar a segunda célula. Eu nunca, *já* vi alguém puxar o gatilho pela terceira vez seguida. Na maior parte das vezes, não importa o seu alvo, ele já era muito antes de você disparar pela segunda vez.

Adams virou a arma outra vez com facilidade e imensa familiaridade. Decker

viu os diversos adesivos que já estavam quase totalmente gastos. Um deles era um pônei cor-de-rosa. O outro tinha o nome de Adams rabiscado. Ela estava confiando a ele uma das próprias armas. Decker sentiu um breve lampejo de gratidão, mas o afastou. Ela não parecia gostar desses sentimentalismos, ainda mais diante dos outros.

Ele teria que pensar numa forma de agradecê-la mais tarde.

— Aqui fica a trava de segurança — continuou ela. — Deixe travada. — Apontou para um segundo botão, protegido por uma pequena tampa. — Este botão controla o sistema de funcionamento. Está configurado para dar tiros unitários. Sério, deixe assim. Você tem umas cento e oitenta cápsulas. Se ficar no automático, vai destruir qualquer coisa em que mire, mas a munição não vai durar. Entendeu?

Cacete, como ela ficava sexy com aquele olhar sério e um rifle nas mãos.

— Entendi.

— Que bom. Vamos caçar uns insetos.

— Insetos?

A palavra evocou imagens que percorreram sua mente e gelaram sua espinha.

— Insetos — repetiu ela, olhando-o com uma expressão estranha. — Você leu as informações? Insetos. Essas porras são sinistras. Além disso, de que outro jeito você vai chamar os alienígenas? Já viu um alien fofinho e peludinho?

— Você já fez esse tipo de coisa antes?

Adams balançou a cabeça, negando, e sorriu.

— Bom, a não ser que uns roedores nativos contem — respondeu. — Mas tudo tem uma primeira vez. Eu caço qualquer coisa, desde que tenha dinheiro na jogada. — Ela olhou o rifle de plasma e o devolveu para ele. — O máximo que essa gracinha já fez foi explodir uns bichos do tamanho da minha mão.

— Ah, é?

— Quando atirei foi aquela gritaria.

— Quem gritou, você ou os bichos?

— Provavelmente os dois.

Ela caminhou a passos largos em direção à saída e ele a seguiu, sem saber se estava falando sério.



Muitos dos freelancers pareciam mais fuzileiros quando estavam totalmente equipados e prontos para o trabalho. Para Decker, a maior diferença entre os dois grupos foi que os mercenários pareciam levar o serviço um pouco mais a sério

do que alguns fuzileiros que ele havia conhecido. Mas, até aí, normalmente esbarrava nos militares quando eles estavam de folga, prontos para uma ou duas bebidas.

Decker e os outros atravessaram em grupo a areia compactada, que cedeu sob os pés enquanto seguiam rumo ao poço distante. Ele não gostou da sensação, e por um momento pensou ter sentido uma dor na perna.

O barracão Quonset era a única estrutura à vista, e havia pouca coisa em volta, exceto as evidências da construção: montes de areia que foram empurrados até formar uma colina e depois lentamente aplainados; alguns equipamentos pesados que pareciam dinossauros metálicos agonizando no meio de um vasto nada; áreas que foram demarcadas e nunca chegaram a ser totalmente pavimentadas. Tudo tinha acontecido rápido demais e, como ele vira em diversos outros lugares, havia atividade demais e pouco resultado.

Esperaram por um bom tempo do lado de fora do barracão até as portas se abrirem para eles. Willis aguardava lá dentro, com três outras pessoas em trajes próprios para suportar o ambiente hostil. O interior era iluminado por lâmpadas de forte luz branca que quase superavam o sol — um leve exagero, com certeza, mas havia muitos equipamentos projetando sombras, assomando ao redor deles e fazendo Decker se sentir nitidamente acuado.

Willis e Manning conversaram em voz baixa enquanto todos entravam. Os mercenários ocuparam a maior parte do espaço livre na área, deixando Decker vagamente claustrofóbico. Depois que todos entraram, Manning os convocou mais uma vez, e eles se dirigiram ao poço.

Era difícil não ver. O que não tinha sido feito do lado de fora era contrabalanceado pelo que *fora* realizado dentro do lugar. A plataforma do elevador era enorme, grande o bastante para acomodar todos eles e muitos mais. Tinha que ser, pois era assim que a empresa baixava os equipamentos no poço e, com o tempo, tiraria a trimonita. E, como todo equipamento pesado que já tinha visto na vida, aquela porcaria parecia antiga. Às vezes, Decker se perguntava se os elevadores já vinham de fábrica arranhados e enferrujados.

Observou o interior do barracão à sua volta, tentando substituir por curiosidade a ansiedade que tentava inundá-lo. Mas a paranoia estava voltando, e não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Havia coisas ao seu redor. Ele havia sentido antes e sentia agora. O estômago se embrulhou. A pulsação estava rápida demais, e ele pôde sentir o suor se formando na testa.

— Vamos lá — disse a si mesmo num sussurro. — Você consegue. — Ninguém estava perto o bastante para ouvir. Ele reuniu forças e avançou com os outros.

O piso do elevador parecia mais sólido que a areia lá fora, o que era estranhamente reconfortante — pelo menos até o primeiro solavanco, e a lenta descida começar.

O barracão era muito iluminado, mas o túnel, não. Em pouco tempo, a única luz vinha do alto, e ela diminuía à medida que desciam. O próprio elevador era mal iluminado. Quando estava na quase completa escuridão, as ondas de pavor retornaram, vorazes. Decker mordeu o lábio para conter um gemido.

Então, para sua surpresa, elas começaram a se desvanecer. Foi como se ele tivesse liberado parte delas enquanto o elevador descia, deixando-as pelo caminho.

Willis disse para ninguém em especial:

— Alguém aqui já esteve numa mina?

Quem lhe respondeu foi um dos freelancers que Decker não conhecia.

— Credo, não — disse o homem. — Nasci e fui criado na Terra. Tudo o que dava para minerar já foi levado há muito tempo. — Ele falou isso como se fosse uma piada.

— Não está longe da verdade — comentou Willis. — Essa foi uma das razões pelas quais a Weyland-Yutani passou a criar colônias mineradoras. Graças à tecnologia que eles têm, o esforço não é tão grande e o resultado é bom.

— Bom, você com certeza não conseguiria *me* convencer a trabalhar num lugar desses. Não por muito tempo.

Era Connors, o grandalhão de cabeça raspada. Por maior que fosse, parecia nervoso.

A área se abriu quando eles passaram pelo primeiro nível aberto da mina. Não havia muito para ver, exceto o maquinário para escavar as minas e os geradores usados para operar as máquinas. Havia novos equipamentos ao lado dos antigos, muitos dos quais eram tão velhos que nem dava para identificá-los, de tão deteriorados. Hastes de metal corroído se projetavam em ângulos estranhos, como os ossos de criaturas há muito extintas.

Logo em seguida a escuridão os engoliu de novo.

— Até onde esta coisa desce? — A voz de Piotrowicz se sobrepôs ao zumbido mecânico do elevador.

Willis olhou ao redor na penumbra, depois para o alto das paredes do poço.

— Pouco mais que dois mil e cem metros.

Um dos mercenários soltou um assobio baixo. O guia assentiu, e Decker observou o lugar com atenção. Ali, o metal era mais escuro, e decididamente em pior estado, corroído pelo tempo e pela umidade.

— A maior parte deste poço já estava aqui desde a operação anterior. Nove

níveis de mina. Os três primeiros estão em pleno funcionamento, e estamos restabelecendo um total de seis. Encontramos a nave lá no fundo. Lá, o elevador estava seriamente danificado, mas foi fácil recuperá-lo e restaurá-lo.

Os mercenários olharam para as paredes com o fascínio de crianças indo a um museu pela primeira vez. Havia uma sensação de que eras se passaram ali, uma atmosfera de antiguidade. Decker sentia também, agora que o medo havia se tornado apenas um sussurro.

Quando o elevador finalmente chegou ao fundo, com um solavanco que fez todos cambalearem, as paredes deram lugar a uma área cavernosa construída de forma rústica mas sólida. As paredes eram de pedra, cavadas e reforçadas a intervalos regulares. Havia algumas luzes que mal penetravam a escuridão, por isso os recém-chegados não conseguiam ver o tamanho real da câmara. Poderiam muito bem estar em outro planeta. Camadas espessas de um material mais escuro rasgavam a terra castanha. Se tivesse que adivinhar, diria que era a trimonita, mas era só um palpite. O que sabia sobre mineração não renderia nem uma conversa decente de bar.

— Cadê a tal nave que vocês acharam? — A voz de Manning ressoou com facilidade, fazendo-o baixar a cabeça.

— Por aqui — respondeu Willis, apontando para as sombras. — Algum de vocês já esteve num veículo alienígena?

Ninguém havia estado, nem mesmo Manning.

Willis assentiu, como se essa fosse a resposta que esperava.

— Bom, então isso com certeza vai impressionar vocês.

Foi até um caminhão velho e funcional que tinha uma plataforma larga e plana na traseira, grande o bastante para carregar diversos contêineres de minério. Enquanto ele se acomodava no assento do motorista, Manning ficou com o do passageiro, e o restante subiu na plataforma. Ficou apertado, e o caminhão balançava enquanto subiam.

O motor foi ligado com um ronco que surpreendeu a todos, e o veículo deu um tranco, começando a se mover e fazendo com que todos se agarrassem a quaisquer apoios que pudessem encontrar, incluindo uns aos outros. Com a claridade dos faróis amarelos, puderam ver um caminho já muito usado de terra compactada.



Uns cinco minutos depois, estavam diante de uma evidência de vida alienígena.

15

A NAVE

Antes mesmo que vissem a nave, passaram por montes intermináveis de materiais de construção. Havia caixas e mais caixas de peças para montagem de andaimes, pisos de mezanino e suportes de metal para construir as plataformas de que precisariam para examinar o que fosse encontrado. Os materiais formavam pilhas de até dois metros de altura em alguns pontos, e bloqueavam boa parte do caminho até o local da escavação.

Ao longe, ouviram o zumbido dos geradores, e o som ficava mais forte à medida que avançavam.

A nave em si era enorme. Partes dela foram derretidas por explosões de calor extremo ou talvez atividade vulcânica. Não estava nivelada com o chão, mas ligeiramente inclinada, como se ainda tentasse levantar voo. A estrutura estava rachada de um lado, o casco esvaçalhado e aberto, preenchido há muito tempo com terra.

Em alguns pontos, a superfície da nave quase lembrava a textura de um papel amassado. Se já houvera algo escrito no exterior, tinha sido escondido pela terra ou apagado pelos anos.

Havia buracos por toda parte. A carcaça estava rompida, esvaçalhada e queimada. Havia pontos em que o mesmo buraco exibia várias camadas diferentes da nave. Certamente tinha sido projetada para transportar centenas de indivíduos, senão milhares — presumindo que o tamanho dos tripulantes fosse ao menos próximo ao do ser humano.

As escavações iniciais haviam nivelado o chão ao redor da nave. As marcas de máquinas pesadas eram uma prova do que havia acontecido antes, mas os veículos em si já não estavam lá; ou foram levados de volta à superfície ou foram deslocados para outra parte da caverna.

Decker olhou para a nave. O tamanho dela por si só era intrigante, mas de alguma forma o desenho era... *errado* — totalmente diferente do que ele teria esperado. Alguns aspectos diferiam tanto da mecânica da Terra que ele não seria

capaz sequer de imaginar como funcionavam.

A maior anomalia de todas, contudo, era o fato de que aquela nave simplesmente não pertencia àquele lugar. Havia sido feita para o céu, para o espaço entre as estrelas. Se ele tivesse encontrado uma baleia no deserto, não a acharia tão deslocada quanto a nave.

— Puta merda. Parece tão... orgânica — disse Piotrowicz, inclinando a cabeça, intrigado.

— Até onde pudemos verificar, é meio que isso mesmo. Ou pelo menos já foi.

Willis usou um tom quase paternal, como se falasse de um animal de estimação que tinha ganhado um prêmio, fazendo-o irradiar orgulho.

— As paredes, o piso, até as portas, tudo tem características semelhantes às da vida vegetal. A doutora Tanaka foi encarregada de examinar a nave, e ela acha perfeitamente possível que a coisa toda tenha sido cultivada.

Decker franziu a testa. Havia uma questão incomodando-o, mas não conseguia desvendá-la.

Willis não disse mais nada e ficou parado, quieto, enquanto os freelancers se aproximavam.

A área havia sido escavada com cuidado, e a superfície dura acima deles parecia estar seca, até onde podiam perceber. Decker não era geólogo, mas se sentiu reconfortado por saber que o teto era seguro.

A maldita nave era grande demais para ser vista por inteiro. Embora houvesse luzes penduradas no alto da caverna, eram fracas, lançando a área num crepúsculo eterno. As paredes da embarcação se prolongavam nas sombras. Perto da entrada havia diversas células de energia, a maioria das quais ainda não havia sido instalada, e dois geradores que funcionavam a todo vapor.

— Há planos de instalar mais lâmpadas — comentou Willis. — Dá para ver por quê.

— Cadê a doutora Tanaka? — A voz de Manning estava calma, talvez até um tanto dócil. O homem estreitava os olhos ao observar a lateral da nave, tentando enxergar o mais longe possível. — E o que são *aquelas* coisas?

Apontava para uma coluna grossa, preta e lustrosa que ia do teto até a nave. Não parecia parte do veículo em si, e Decker a reconheceu no mesmo instante. Era o mesmo tipo de material que havia desabado com ele, perfurado e quase arrancado sua perna em sua última visita ao planeta.

O estômago se revirou de novo, mas dessa vez por razões completamente diferentes. Não era medo, apenas a lembrança da dor e do ataque súbito que havia lhe causado convulsões.

— Você está bem?

Adams pareceu preocupada, e colocou a mão em sua testa. Decker teve a impressão de que os dedos dela estavam quentes, mas só porque sua pele estava fria.

— Vou ficar — respondeu ele, recuperando a compostura. — Só me acostumando a tudo isso.

Ela não pareceu acreditar, mas também não o pressionou.

— A doutora Tanaka está examinando um dos afloramentos, como o que você apontou. Ao que parece, são ocos e compostos de silício puro. Pelo que ela me disse, estão por toda parte na nave. — Decker se concentrou na coluna grossa de areia fundida. Tinha uma estranha beleza e um brilho quase úmido. Havia estrias e espirais finas por toda a superfície que o faziam pensar em fios de caramelo ou...

Ou em teias de aranha.

Os alienígenas que eles deveriam encontrar — que deveriam capturar — teriam vindo da nave? Se ainda estivessem na área, estariam a bordo? Ou seria possível que os túneis luzidios tenham sido sua forma de escapar dos destroços?

Dave — ou Dave Calado, como Decker passou a chamá-lo em sua mente — olhou para o túnel, e uma expressão muito séria se formou em seu rosto. Decker pôde ver o nervosismo irradiar do homem como calor, mas, a não ser pela testa franzida, ele não deu nenhum sinal da extrema inquietação que sentia.

— O que foi? — perguntou Decker.

Dave o olhou por um longo tempo.

— Os xenomorfos. Tinha alguma coisa sobre eles prenderem os hospedeiros.

Antes que Decker pudesse falar qualquer coisa, Manning perguntou: — Para onde eles vão? Os tubos.

Para toda parte, pensou ele, quase em voz alta, mas Willis respondeu em seu lugar:

— Ainda não sabemos. Só os descobrimos depois que começamos a desenterrar a nave. No começo, pensamos que eram parte da estrutura original, mas é como se tivessem aparecido depois. Definitivamente não são do mesmo material que a nave.

Decker se juntou a eles.

— São blocos de silício. Já vi isso antes, na superfície, onde muitos chegam a aflorar. Estão por todo o Mar de Angústia.

Willis assentiu.

— A forma como eles se espalharam mostra certas tendências orgânicas. O que quer que sejam, alguns são tão grandes que comportam um ser humano, e a estrutura segue uma lógica. Ontem a doutora Tanaka e várias pessoas da equipe

dela abriram um dos maiores tubos e entraram, levando suprimentos. Esperam mapear parte do afloramento.

— Não parece uma boa ideia — murmurou Decker.

Na verdade, para ele parecia insanidade total. Na melhor das hipóteses, deveriam questionar a integridade daquelas coisas.

— Para ser sincero, eles não têm escolha, senhor Decker — argumentou Willis. — Os “blocos de silício”, como o senhor chama, se espalharam por todos os lados. Passam por boa parte do interior da nave e por toda a área ao redor dela. A doutora Tanaka acha que é importante entender a natureza e o propósito disso.

— Por que não usam sondas mecânicas? — Manning franziu a testa enquanto olhava uma das colunas que ia até o teto da caverna, muito acima deles. — Parece bem menos arriscado.

Decker concordou em silêncio. Sondas de mapeamento poderiam avaliar toda a extensão dos túneis sem que ninguém tivesse que pôr os pés neles. Equipes de engenheiros sempre usavam sondas antes de baixar os componentes dos motores de terraformação. Cada troço desse pesava toneladas, e deixar um deles despencar numa área em que o solo não era firme poderia ser catastrófico.

— Eles tentaram — contou Willis. — Só que o nível de radiação na área é muito baixo, e isso interfere nos sensores. Então eles mesmos tiveram que fazer o trabalho. Mas Tanaka deve estar em completa segurança, pois os níveis de radiação são inofensivos de tão baixos.

Dois dos mercenários, novamente Dave e Muller, pareceram incrédulos e pegaram as mochilas. Decker teve a impressão de que iam verificar pessoalmente e determinar se a radiação era ou não uma ameaça.

Willis olhou para eles e balançou a cabeça.

— Não precisam se preocupar. Acreditem, eu não estaria aqui se isso ameaçasse a saúde de alguém. — Então sorriu, tentando descontrair. — Gosto demais de mim mesmo para me arriscar aqui.

Ninguém riu.

— A radiação não parece afetar a comunicação — continuou ele — e, quanto mais longe estivermos da nave, menos radiação encontraremos. É possível que a fonte da interferência seja os próprios destroços. De todo modo, enquanto Tanaka se concentra nos tubos, o doutor Silas explora o outro lado da nave. Ao que parece, esse veículo sofreu vários danos quando caiu aqui, há muito tempo, e ele acha que pode descobrir o que causou a queda.

— Ninguém entrou ainda?

Manning olhou para um buraco na lateral da nave. Era muito antigo, e havia

sinais de que haviam tentado retirar uma boa quantidade de terra do interior.

— Ah, eles entraram, mas não conseguiram ir muito longe. Há muitos danos, talvez causados pelo fogo ou por alguma outra coisa. E parece que algumas das paredes internas foram derretidas.

— Então, a gente tem que entrar na nave sem a mínima ideia do que vai encontrar e sem apoio? — questionou uma mercenária.

Decker gostou dela na mesma hora, tinha cérebro. Alguns dos outros murmuraram, concordando.

— Não, Hartsfield — retrucou Manning. — Por que a gente não senta aqui fora, abre uma toalha e faz a porra de um piquenique, então?

Sem mais uma palavra, ele se dirigiu nave. O restante o seguiu.

Decker olhou de novo para os tubos negros. Tanaka e sua equipe haviam entrado naquelas coisas? Por vontade própria? As formações se projetavam da nave por uns quinze, até vinte metros, antes de desaparecerem nas paredes da caverna.

Manning gritou para trás:

— Tenho certeza de que vou precisar de você aqui, ô, cão farejador.

— Eu sabia que você era um cachorrão — disse Piotrowicz.

Decker não se dignou a falar nada e alcançou os outros. Seu nervosismo estava sob controle, mas isso não o impediu de pensar que estavam fazendo tudo rápido demais.

— Sério, Manning, não gosto deste lugar. Acho melhor irmos devagar e com cuidado.

O líder dos mercenários fez uma careta.

— Não dou a mínima para o que você acha ou deixa de achar, Decker. Só faz o seu trabalho. Não vem surtar comigo. Entendeu?

— É, entendi.



A terra havia sido amontoadada contra a nave, e uma rampa de tábuas e pranchas de metal levava a um buraco na lateral. A abertura era grande o bastante para eles poderem ver os andares que não conseguiam alcançar sem escadas ou equipamentos de escalada. Havia peças de andaimes empilhadas à esquerda da rampa.

— Qual será o tamanho dessa coisa? — perguntou Manning a si mesmo.

Decker estava prestes a responder quando algo o atingiu com uma força que o fez se encolher. A sensação era tão aguda quanto o nervo exposto num dente

quebrado.

— Tem alguma coisa aqui — anunciou ele.

— O quê? — Manning o olhou com firmeza. — Onde?

Decker fechou os olhos e se concentrou. Foi recompensado pelos esforços com uma sensação de algo rastejando pelo cérebro. De qualquer forma, até mesmo isso era útil. Talvez. Não podia ter certeza... só podia confiar no que os instintos lhe diziam.

— Acima e à esquerda — indicou ele, apontando para um grande tubo. — Tem alguma coisa ali. Não é... — Fez que não com a cabeça. — Não parece nada humano. — Foi a melhor descrição que pôde fornecer.

Manning olhou para a direção que ele indicava, onde as sombras ofuscavam os detalhes. Apontou uma lanterna para lá, mas não adiantou muito. Uns nove metros acima, o tubo negro perfurava a lateral da nave, curvando-se rumo ao teto distante da caverna.

Nada se mexia, exceto a sensação que rastejava por sua cabeça, agindo como um sensor que zumbia ao encontrar um foco de radioatividade. Havia algo lá em cima, algo que gerava ondas de emoção. Ele trincou os dentes e se concentrou em manter a calma.

— DiTillio, Rodriguez, Joyce — gritou Manning. — Vão checar aquele túnel, vejam se encontram algo interessante. E tomem cuidado.

Os três mercenários assentiram quando seus nomes foram chamados, e se dirigiram ao casco da nave. O objetivo era um ponto diretamente abaixo de onde o tubo preto e fundido atravessava os destroços da nave. Enquanto avançavam, preparavam as armas. Rodriguez sacou sua matadora, enquanto DiTillio ativava o rifle de plasma, e um som agudo, quase inaudível, penetrou a escuridão.

Logo estavam fora de vista, e o som dos passos no piso da caverna foi sumindo. Manning olhou para Decker por um momento.

— Acha que três bastam?

— Não faço ideia.

Seu primeiro impulso foi dizer “não”, mas não tinha um bom motivo para isso. Então conteve a língua.

— Não? — retrucou Manning. — Por que exatamente você está sendo pago como consultor?

— Quem disse que estou sendo pago? Só estou aqui por causa da paisagem e das comodidades. — *Então vão se foder, você e esse seu jeito*, acrescentou em silêncio.

Manning apenas lançou um olhar severo e se virou para o restante do grupo, berrando ordens e posicionando-os para entrar na vastidão arrasada.

Ao seu comando, mais três mercenários abriram as mochilas e começaram a montar estações de monitoramento portáteis. Posicionaram-se perto de uma das pilhas de materiais de construção mais próximas, onde poderiam se apoiar e se sentar. Cada um deles segurava uma tela ampla e bem protegida e, enquanto Decker olhava, começaram a sincronizar os sistemas e a incluir os dados de cada um dos mercenários.

Uma mulher o chamou — a identificação na camiseta dizia “Perkins”. Ela lhe ofereceu uma câmera para o capacete e um Adesivo de Identificação que era colado diretamente ao antebraço e lia seus sinais vitais. Assim que o ADI foi colocado no lugar, ela verificou os dados na tela e o olhou de modo estranho.

— Está preocupado?

— Por quê? — respondeu Decker. — Deveria?

— Sua pulsação está rápida demais. Rápida *pra caramba*.

Ela chamou Manning, os dois se afastaram um pouco e conversaram em voz baixa. Então outro técnico falou.

— Isso está parecendo perda de tempo, chefe. — Era Dae Cho, o técnico sênior, que apontou para a tela diante de si e depois para outra. — Só estamos obtendo dados dos ADIs mais próximos, mas nada além de seis metros.

Manning olhou atentamente para as telas, depois falou num headset do próprio capacete:

— DiTillio? Está na escuta?

— Estou, chefe, mas seu sinal não é dos melhores.

— Algum sinal de problema?

— Ainda não chegamos à entrada do túnel. Essa porcaria sobe para o exterior da nave. Tem pontos de apoio, e estamos escalando, mas o avanço é lento.

— Não estamos recebendo nenhum dado dos seus adesivos.

— Espera aí. Vou ver. — Houve silêncio, interrompido pouco depois pela voz de DiTillio. — Estamos todos vivos e usando os ADIs. Tudo parece estar funcionando do lado de cá.

Willis ouviu a conversa e se aproximou.

— É o mesmo que acontece com as sondas — explicou ele. — Há interferência.

Manning mal notou a presença do homem. Em vez disso, olhou para os técnicos. Perkins, Dwadji e Cho operavam os teclados e as telas.

— Consertem essa merda — ordenou ele. — Agora.

Cho meneou a cabeça e respondeu:

— Pode deixar, chefe. Pode ser só um problema de frequência. Vamos avaliar todo o espectro.

Manning assentiu e se afastou. Depois de hesitar por um momento, Decker o seguiu. Deu exatamente sete passos antes que uma onda o invadissem, mais forte que nunca. Aquela sensação de ser observado era pungente, e estava ficando mais poderosa.

Merda, tenho que ficar calmo, pensou, em seguida disse:

— Manning, está piorando.

A cabeça tinha de dor.

— O que está piorando? — O mercenário se virou para encará-lo, depois ficou em silêncio por um instante, olhando-o com atenção. — Tá, a gente precisa arranjar um sedativo. Você está com cara de quem vai ter um derrame. — E gritou: — Piotrowicz, vem cuidar do nosso convidado aqui. Ele precisa se acalmar.

Piotrowicz se aproximou e observou Decker com um olhar clínico; depois, olhou para as leituras nas telas. Era fácil descobrir qual era a dele, pois os dados eram radicalmente diferentes dos outros.

— Fica calmo, colega — disse o mercenário. — Não é o fim do mundo... é só uma missão para recuperar os destroços de uma nave. — Sua voz era muito tranquilizadora. — Vamos conseguir, mas você tem que relaxar. — Tirou a mochila das costas e, um instante depois, estava preparando uma pequena pistola de injeção. — Só um sedativo leve — explicou. — Tomei coisa mais forte quando parei de fumar.

— Você fumava?

Piotrowicz sorriu para ele.

— Aham. Eu era jovem e a garota era bonita. Vicieei, depois me recuperei.

— O que você fumava?

— Bom, não era lícito.

Ele aplicou a injeção, que introduziu o líquido na pele de Decker sem usar uma agulha. Doeu bastante, mas em questão de segundos começou a surtir efeito. Decker sentiu que relaxava. Ainda podia se concentrar, mas tinha voltado a respirar.

Piotrowicz olhou para o monitor e ficou satisfeito.

— Meu trabalho está feito. Se você começar a se sentir esquisito ou se o efeito passar, vem falar comigo. — Arrumou de novo a mochila e a colocou nas costas. — Eu sempre carrego as coisas boas.

Decker assentiu e voltou a observar a nave, com a mente mais clara e mais calma. Mais calma — porém não completamente calma. Ainda sentia a onda de ódio se irradiar. Até agora, parecia imóvel, e os três homens enviados se dirigiam exatamente para lá.

16

MATANÇA

A lateral da nave estava empoeirada e cheirava a algo tão velho quanto ela, algo mofado e acre. Ainda assim, DiTillio sorria ao subir pelo lado e olhar para o túnel à frente. A cada momento ele estava mais perto de ganhar uma tonelada de dinheiro.

É claro que isso também o fazia se afastar do restante grupo. Pouco mais de noventa metros os separavam, mas poderiam muito bem ser dois quilômetros. O formato da caverna alterava o som, às vezes abafando-o, às vezes criando eco. Também estavam com o campo de visão prejudicado. Pilhas de materiais bloqueavam a vista, forçando-o a adivinhar onde estava o restante da equipe.

Se precisassem de reforços, teriam que confiar nos headsets.

Joyce estava perto dele e olhava para tudo de olhos arregalados. No rosto longo estampava um sorriso que mostrava os dentes tortos.

— Por que esse sorriso?

DiTillio tirou sarro do colega. Não estava acostumado a vê-lo tão entusiasmado.

— Cara, sempre quis ver uma coisa assim — respondeu Joyce. — A vida inteira.

— O quê? Alienígenas?

— Bom, é lógico. Você não vê como isso é incrível?

— Incrível o bastante para render uma grana preta se a gente fizer tudo direito — disse DiTillio, e olhou ao redor. — Aquele tal de Decker disse que tem uma coisa perigosa aqui em cima. O que será? Espero que seja um daqueles insetos. Quero ver a cara deles.

— Nossa, sim — disse Joyce. — Quero dizer, que bom que estamos armados. Mas não acredito que estamos mesmo aqui. Vendo a prova da existência de alienígenas. Olhando para algo que nenhum outro humano jamais viu. Bom, quase nenhum outro — acrescentou, corrigindo-se. Então deu um tapa na superfície da nave. — Tocando em algo que a maioria dos humanos jamais tocou

nem nunca vai tocar.

DiTillio se deixou sorrir. O sujeito estava certo. Este era um momento incrível, sobre o qual contaria aos netos um dia.

A superfície da vasta nave era curva, e eles escalaram com razoável facilidade, mas o processo se tornou mais difícil quando se aproximaram do túnel de silício. A boa notícia era que alguém havia tentado pendurar lâmpadas ao longo da superfície, e os fios funcionavam relativamente bem como apoio extra, embora parecessem velhos — nenhuma das lâmpadas acendia, várias estavam quebradas e a fiação estava em péssimo estado. Só o clima seco da caverna havia impedido que enferrujassem e se desfizessem.

Ele se perguntou se encontrariam um dos alienígenas que a Weyland-Yutani os tinha mandado capturar. Sempre havia pensado em estudar xenobiologia, mas uma temporada como fuzileiro colonial o fizera decidir que preferia a vida na Orla. Era mais fácil, pagava bem e havia muito com que se distrair.

Apoiou-se com os dedos no casco da nave e se impulsionou um pouco mais para cima. Na Terra, já estaria suando baldes. Ali, a gravidade mais baixa fazia com que a subida parecesse mais um exercício leve.

O rifle de pulsos estava pendurado às costas, e a pistola, ao alcance da mão. Projéteis calibre .50 dariam conta de qualquer problema sério que aparecesse.

Embora a nave fosse antiga, o túnel que levava para fora dela era muito, muito mais novo. A superfície parecia quase úmida, mesmo debaixo da camada de poeira, e havia um buraco na lateral — aquele era o destino do trio. Ele tratou de apontar a câmera do capacete para lá e mostrar o máximo que pudesse. Mesmo que não conseguissem receber a imagem no acampamento provisório, a câmera ainda a gravaria.

Queria fazer uma cópia para mandar à irmã — que tinha sido inteligente o bastante para terminar a faculdade e trabalhava para a Weyland-Yutani como xenobióloga forense. Ela ganhava um salário indecente de tão alto. Mas ele transava muito mais. Era tudo uma questão de perspectiva.

— Está vendo isso? — A voz veio da esquerda, por onde Rodriguez vinha subindo.

— Que merda é essa? — A voz de Joyce quase se perdeu na área cavernosa. Era um homem de fala mansa.

A entrada do túnel parecia se mexer. Algo escuro e de aspecto úmido se deslocou seis metros acima deles. DiTillio sentiu um arrepio.

— Parece uma parte solta — comentou ele. — Alguma coisa está fazendo com que ela se mexa. Pode ser que a coisa não seja tão sólida quanto parece. — Tentou demonstrar mais certeza do que tinha.

— Não, não está solta — retrucou Rodriguez, a voz um pouco mais alta. — Está se mexendo. Quero dizer, acho que tem mesmo algo vindo para cá. — Ele ergueu sua matadora e olhou com firmeza para as sombras acima deles.

— Calma aí, Billy — pediu DiTillio. — Acho que não precisamos ter medo de uma parede.

— Verdade, mas acho que precisamos nos... Ah, *merda!*

A peça solta se mexeu mais rápido, descendo na direção deles, pendurada à lateral da nave. Tinha o mesmo aspecto úmido, novo e limpo, e até aquele mesmo padrão da superfície, mas a coisa tinha braços e pernas e cauda e...

Porra, aquilo são dentes!

Rodriguez não esperou para avaliar se a criatura era ou não amistosa. Abriu fogo. O primeiro disparo da matadora atingiu o casco quebrado e ricocheteou, o estampido ecoando enquanto a coisa ia na direção dos mercenários.

Ele não teve uma segunda chance.

A coisa pulou em cima dele, braços, pernas, cauda e sabe-se lá o que mais, tudo em movimento, e, antes que Rodriguez pudesse fazer ou dizer qualquer coisa, ele e a massa negra estavam caindo, quicando ao descer a lateral da nave e batendo numa formação rochosa. Rodriguez se feriu no impacto.

A coisa se levantou e pareceu pronta para saltar. A couraça era negra, por isso, no escuro, era difícil saber.

Ferido, mas não fora de combate. Rodriguez ergueu a arma e mirou ao mesmo tempo que a silhueta escura atacava, as garras cortando a carne. Ele deu um grito fraco e tentou lutar enquanto a criatura o rasgava.

— Que merda! Que porra é essa?

Joyce entrou em pânico, o que não estava exatamente ajudando o grupo. DiTillio tentou mirar na silhueta que arrastava Rodriguez para mais perto do casco da nave. Era difícil conseguir uma boa linha de tiro sem correr o risco de atingir o colega abatido.

E havia o fato de que aquela coisa era, bem, uma *coisa*. Joyce já tinha dito isso. Era uma forma de vida alienígena, e eles nunca encontraram uma antes. Nenhum deles. Tinha certas características humanas — a mesma forma básica, mas, tirando o número de braços e pernas, não havia muito que se pudesse identificar. Viu o suficiente para saber que era um xenomorfo, e que a filmagem nos arquivos não havia feito jus ao monstro.

— Fica calmo, Joyce — rosnou ele, e sua voz tremeu. — Você não está ajudando.

— Tem mais deles, cara! — berrou Joyce. — Tem mais de um!

DiTillio olhou para cima a tempo de reconhecer que as palavras de Joyce eram

verdadeiras. Outras silhuetas surgiram do buraco acima deles e foram para o casco destruído da nave. Eram velozes, arrastavam-se e conseguiam se segurar à nave mesmo enquanto desciam.

Joyce soltou um grito gutural, que foi interrompido quase na mesma hora quando uma das formas negras e lustrosas o agarrou do alto.

Só deu tempo de DiTillio lamentar não ter seguido o procedimento e chamado reforços. Então outras duas silhuetas negras caíram sobre ele. Eram meio humanoides, mas tinham garras afiadas e dentes.

Muitos, muitos dentes.

17

NECRÓPOLE

Às vezes, as pequenas coisas, aquelas que negligenciamos com mais facilidade, escondem os melhores segredos.

Eles haviam entrado numa seção menor do túnel, onde o ar se movia com suavidade. Depois, voltaram para o acampamento e ficaram na tenda do refeitório até que as sondas cumprissem as devidas tarefas e sinalizassem que o caminho estava livre.

Assim, o doutor Nigel Silas saiu da tenda e foi até a abertura que tinham feito na parede rochosa com uma explosão. Em seguida, olhou para a descoberta que se estendia diante de si com um sorriso de orelha a orelha.

Uma metrópole, de fato. Parecia ter séculos de idade.

A cidade era vasta, construída em colinas e espalhada por áreas onde antes já houvera vales, muito provavelmente cortados por rios. Era impressionante, ainda que tudo estivesse em ruínas. Superfícies arranhadas e corroídas, edifícios que desabaram quase por completo, mas ainda restavam maravilhas.

As sondas trabalhavam com afinco, gravando detalhes a cada minuto. Podia vê-las voando ao longe. Suas luzes entravam e saíam do campo de visão, iluminando o topo dos prédios, que pareciam ter sido estruturas formidáveis em outra era e que retinham ecos daquela magnificência há muito desaparecida.

Assim como a nave, os prédios não haviam sido construídos. Foram cultivados, formados num processo que ele mal havia começado a entender, mas que desejava desesperadamente poder estudar pelos próximos cem anos.

Não importava o que fizessem ali, ninguém na equipe com a qual ele trabalhava viveria tempo suficiente para terminar o que haviam começado. Nem consideravam a hipótese. Só o que importava agora era começar a escavação.

Encontraram os restos de algumas das criaturas que viveram ali, quase irreconhecíveis de tão antigas. Eram bípedes, com alguns traços vagamente caninos, e maiores que o ser humano médio. Quantos teriam habitado a cidade? A julgar pelo número de edifícios que acharam até então, talvez mais de um

milhão.

Ainda não haviam cavado fundo o bastante para encontrar alguma das tecnologias usadas para fazer o lugar funcionar. Quando isso acontecesse, quem sabe quanto mais descobririam? E, a cada item encontrado, quem sabe quanto tempo levariam para descobrir como funcionava? Aquela única cidade poderia manter um exército de cientistas ocupado por décadas.

O achado de uma vida. Ao pensar nisso, ele sorriu.

Colleen saiu da tenda atrás dele e soltou uma risadinha.

— Você está parecendo uma criança grande — comentou ela. — Sabia disso?

— De que outro jeito eu poderia estar? Olhe esse lugar, Colleen. É maravilhoso.

Ela sorriu e envolveu a cintura dele com um braço.

— Eu sei. — Parou por um momento e apreciou a vista ao lado dele, em silêncio. Depois disse: — Onde vamos procurar hoje?

Silas apontou para a estrada que levava ao vale mais próximo.

— Os dados fornecidos pelas sondas mostram que naquela direção fica algo que parece um complexo militar — respondeu ele. — Bom, ou pelo menos um complexo industrial. É melhor procurarmos lá primeiro. É provável que ofereça muitas tecnologias de todos os níveis.

Colleen assentiu.

— Então vamos botar o pé na estrada.

AUMENTANDO A APOSTA

Decker ficou de lado, afastado, observando e esperando.

Estavam prestes a entrar nos destroços quando Willis recebeu uma chamada pelo comunicador. Qualquer que tivesse sido o informe, toda a ação havia sido suspensa, e ele e Manning estavam afastados dos outros, conversando. O restante dos mercenários esperava instruções, e Adams estava por perto. Esvaziava uma garrafa d'água aos goles, deliciando-se como se fosse a melhor cerveja que já tinha provado.

Essa parecia ser sua atitude em qualquer situação. Para Decker, parecia difícil ser tão otimista.

— Por que você acha que as leituras e as sondas não funcionam, mas os comunicadores, sim? — perguntou Decker.

— Acho que as vidas de comunicação são muito mais simples. Talvez tenha algo a ver com isso. — Ela deu de ombros. — Mas como é que eu vou saber? Sou apenas um soldado.

Manning e Willis se aproximaram do grupo, ainda imersos na conversa, e pareciam animados com alguma coisa. Então Manning se afastou e convocou o grupo.

— O senhor Willis e eu recebemos uma chamada do doutor Silas. Ele é o líder da equipe que está examinando o outro lado dessa coisa. — Gesticulou indicando a nave alienígena. — De acordo com ele, parece que tem muito mais no lugar de onde ela saiu. — Isso capturou a atenção de todos. Alguns mercenários começaram a falar, mas Manning os silenciou com um único gesto. — Eles andaram cavando atrás dessa nave e acreditam ter encontrado o que parecem ser as ruínas de uma cidade.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo, e Manning não interferiu. Sabia o que isso significava para eles: a possibilidade de recompensas estratosféricas. Depois de um instante, Bridges ergueu a voz. Dentre os mercenários, ele era o mais próximo de um militar à moda antiga, de cabelo curto, bigode fino e botas

bem engraxadas.

— Uma cidade? — indagou ele. — Há algum sinal de vida? Talvez os insetos que estamos procurando? — O homem sorria, provavelmente já planejando como gastaria seu dinheiro.

Foi Willis quem respondeu:

— Entendam que eles ainda não foram muito longe — explicou ele. — Não há sinal de vida, mas, a julgar pela configuração do que *encontraram*, parece muito provável que a nave estivesse decolando, não pousando. Isso significa um espaçoporto, e talvez estejamos diante de um verdadeiro tesouro em descobertas de um tipo jamais encontrado antes.

Ele estava quase dando pulinhos de empolgação, mas não era de se admirar. Uma coisa era encontrar uma nave, mas todo um povo capaz de viajar pelo espaço? Toda uma raça que *cultivava* naves? Qualquer um que ficasse com uma parte dos espólios se tornaria absurdamente rico.

O burburinho recomeçou. Depois de alguns minutos, a paciência de Manning chegou ao fim.

— Escutem! — berrou ele. — Seja lá o que tenham encontrado, precisamos nos concentrar na missão. Temos que garantir que a mina esteja segura e temos que tentar encontrar qualquer coisa viva que possa existir nesses túneis. O senhor Willis chamou reforços, mas eles vão demorar algumas semanas para chegar. Então vamos trabalhar em esquema de rodízio e cobrir o máximo de terreno possível. Nada nem ninguém sai deste lugar sem meu conhecimento e minha permissão. Está claro?

— Entendido, chefe — disse Piotrowicz. — Ninguém entra, ninguém sai. Mas e os mineradores?

— A mesma coisa para eles. O trabalho continua o mesmo — explicou Manning. — Eles vão seguir exatamente os mesmos protocolos que nós. Ninguém entra. Ninguém sai.

— Tem certeza de que dá para confiar no pessoal lá em cima? — questionou Piotrowicz.

— O emprego deles está em jogo tanto quanto o nosso — declarou Willis. — Eles vão aceitar todas as medidas de segurança que definirmos. Essas são as regras, não há exceção. — Suas palavras foram recebidas com murmúrios de aprovação geral.

Pelo canto do olho, Decker viu um dos três técnicos se levantar e se dirigir a Manning. Embora todos tivessem ouvido, os três permaneceram em seus postos. O técnico disse alguma coisa que Decker não conseguiu ouvir em meio às conversas, e os dois voltaram ao monitor.

De repente, Manning emitiu uma pontada de emoção — ou talvez tenha partido dois homens ao seu lado. O capitão da equipe disse algo no comunicador, depois balançou a cabeça.

A pontada ficou mais intensa. Decker franziu a testa.

— Ah, não — disse Adams, perto dali. — Vou comprar uma mansão e morar em Mônaco. Gosto da ideia de um planeta sem nada além de casas de frente para o mar.

— Você vai torrar no sol! — exclamou o moleque magricela, Garth. — Você é tão branca que sua pele queima só de passar por uma luz forte.

— Olha quem está falando! Além disso, vou contratar uns gostosos para passar filtro solar em mim toda manhã, e hidratante duas vezes à noite.

Decker se livrou das conversas fiadas. Ele pertencia à Weyland-Yutani porque devia a ela mais dinheiro do que qualquer um ganharia nessa expediçãozinha. Entretanto havia mais uma coisa incomodando-o... se ao menos conseguisse pensar apesar das drogas que Piotrowicz havia injetado em seu braço...

Ah.

Sim.

— Se existe uma cidade, o que aconteceu com as pessoas? — perguntou Willis.

— Como assim? — O homem ainda estava com um sorriso de orelha a orelha.

— Os alienígenas que a construíram — continuou Decker. — O que aconteceu com eles?

Willis fez uma cara séria, mas tentou parecer despreocupado.

— Bom, isso nós ainda não sabemos.

— Quero dizer, se a nave aqui estava tentando decolar e caiu, não deveríamos encontrar algum tipo de vestígio dos alienígenas? — Ele fez um movimento com a mão, indicando toda a área imediata. — Aliás, por que simplesmente deixaram a nave aqui, enfiada no chão? Não deveriam tê-la levado, sei lá, para algum outro lugar?

O sorriso de Willis sumiu. Ao mesmo tempo, Manning gritou para a equipe:

— Escutem. — Havia tensão na voz. — Temos um problema. Rodriguez, Joyce e DiTillio não estão respondendo às chamadas. — Ele se aproximou do grupo, com uma expressão austera no rosto, que parecia ter sido esculpido nas pedras da caverna. — Temos três desaparecidos em combate.

Todas as conversas cessaram, e os mercenários começaram a preparar o equipamento. Isso surpreendeu Decker. Essas eram as mesmas pessoas que o espancaram e o sequestraram. Mas, quando três dos seus desapareciam, todo o resto ficava em segundo plano. A contragosto, admirou isso.

A verdade era que precisavam contar uns com os outros na hora do aperto, assim como ele havia dependido de Luke e da equipe quando tinha ficado preso debaixo do verificador de amostras.

Levantou-se depressa, e na mesma hora sua cabeça começou a girar. Droga, precisava se recuperar de quaisquer que fossem aqueles medicamentos. Olhou ao redor, à procura de Piotrowicz, mas não o encontrou — havia uma espécie de caos controlado.

Enquanto procurava, aquela sensação o atingiu novamente — a certeza de que era observado. Olhou para os outros, e ninguém estava prestando a menor atenção nele. Fez o melhor que pôde para se concentrar.

A impressão pareceu vir de vários lugares ao mesmo tempo. Algo o observava, *vigiava*. Não havia dúvida, e mais uma vez o pânico começou a roer as bordas da mente, lançando torrentes de gelo que flutuavam e resvalavam pelo estômago, deixando-o extremamente desconfortável.

— Decker! — A voz de Manning rasgou a névoa. — Você está captando alguma coisa, sonhando acordado ou só esperando que ninguém perceba que você não está fazendo nada?

— Desculpe — respondeu. — Não sei o que Piotrowicz me deu, mas está mexendo comigo.

— Bom, vê se melhora e apronta seu equipamento.

Decker pegou a mochila, que continha as duas armas que havia recebido, e se juntou aos outros.

— Não sei como funciona essa sua mágica — disse Manning —, nem quero saber. O que preciso é de resultados. Se a equipe de DiTillio se meteu numa encrenca, preciso saber onde eles estão e se os seus amigos alienígenas estão com eles ou não.

Decker fechou os olhos outra vez e se concentrou. Embora houvesse impressões vindo de toda parte, a sensação mais forte vinha de cima da nave, como já aconteceu antes.

O mesmo lugar aonde DiTillio, Joyce e Rodriguez foram por causa do que ele tinha dito.

Merda.

— Mesmo lugar — disse ele, apontando.

— Para mim está bom. — Manning começou a andar. — Quatro equipes. Cho, você e os técnicos ficam aqui monitorando tudo o que puderem. Piotrowicz, pela esquerda, e fique de olho nos túneis. Hartsfield, pela direita. Arma na mão, mas sem fazer merda.

À exceção dos técnicos, os grupos se separaram como se já tivessem feito isso

muitas vezes antes. Era óbvio que eles já tinham trabalhado com as pessoas que Manning havia escolhido, e seguiram os líderes. Decker foi atrás de Manning, seguindo o ritmo de Adams, embora cada fibra do seu ser gritasse que *não* devia ir ao encontro da fonte de sua agonia.

Mas precisava cumprir sua parte da barganha se queria sair dessa. Além do mais, estava cercado de mercenários fortemente armados.

O que poderia dar errado? Na mesma hora ele se arrependeu do pensamento.

Willis alcançou o grupo, e Manning parou.

— O que está havendo? — perguntou Willis. — Aonde vocês pensam que vão?

O líder dos mercenários o encarou por um momento.

— Eu acabei de dizer. Três dos nossos desapareceram. Vamos encontrá-los.

— Todos vocês? — Willis balançou a cabeça. — Não. Pelo menos alguns de vocês precisam ficar aqui para quando a equipe de pesquisa voltar. Até lá, não podemos deixar esta área desprotegida.

— Está tentando me dizer como fazer o meu trabalho, senhor Willis? — A voz de Manning baixou, tornando-se um rosnado desagradável.

— Estou tentando lembrá-lo de que as regras mudaram. — Willis se deteve e mudou de tática. — Escute, entendo que algumas pessoas desapareceram, mas você não precisa de toda a sua equipe para uma operação de busca e resgate. E estará ignorando a presente missão.

— Esta é a presente missão. Separei a equipe em três...

— O trabalho pelo qual estamos *pagando* você — acrescentou Willis com firmeza.

Manning apenas o encarou, sem emoção. Os mercenários mais próximos se aproximaram, esperando para ver se o chefe daria um soco no burocrata residente.

— Certo — disse Manning, e se virou para os outros. — Piotrowicz, você, Anderson, Lutz, Estrada e Vogel vão ficar aqui com Willis. Seu trabalho é proteger esta área, principalmente o elevador. Nada desce e nada sobe sem a minha permissão.

Piotrowicz sorriu e se destacou da equipe, e os outros citados foram se juntar a ele.

— Entregue os suprimentos médicos para Adams. Parece que você é incapaz de aplicar uma dose razoável de qualquer merda mesmo.

Por um segundo, o homem magro pareceu prestes a discutir. O olhar que recebeu o convenceu de que isso não era uma boa ideia. Manning se voltou para o brutamontes com a tatuagem na cabeça raspada.

— Connors, leve Groff, Hunsucker, Juergens e Blake. Vá para o outro lado dessa coisa e descubra o que tem lá. Todo mundo de olho aberto. Já sabemos que pode ter insetos e que três pessoas estão desaparecidas. Todo mundo vai se comunicar através de Cho e do restante do sistema. — Ele se virou para encarar Willis. — Satisfeito?

Willis assentiu com um ar presunçoso de triunfo. Se Manning notou, não deixou transparecer.

Adams fez que não com a cabeça, um sorriso estranho se formando nos lábios. Decker a olhou por um segundo, captando o bom humor.

— O que foi?

— Engravatados... Nada mudou. Manning só deixou esse cretino achar que manda em alguma coisa. Esse é o resultado que a gente teria de qualquer forma. Duas equipes secundárias, metade de cada equipe ficando por aqui, a outra metade avançando para vigiar o perímetro. A equipe principal, na qual estamos, vai para a última localização conhecida dos desaparecidos. Ele deixou o Manning irritado, então agora tem mais gente na equipe principal.

Decker assentiu. Estava acostumado a lidar com o outro lado da questão. Provavelmente, houve momentos em que ele tinha sido o Willis da equação.

Pouco depois, estavam voltando para a lateral da nave e para o tubo longo e preto de silício que subia em direção ao teto. Vinte mercenários se dirigiam à última localização conhecida dos desaparecidos.



DiTillio acordou na escuridão, o corpo pingando suor. Algo quente e úmido envolvia os braços, o peito, e ele sentia *coisas* rastejando por cima do seu corpo.

— Que porra é essa?

Se havia alguém ali para ouvi-lo, não respondeu.

A umidade no peito pesava e se espalhava, e ele sentiu mãos alisando suas roupas. Estava com dificuldade para respirar, mas não o bastante para fazê-lo entrar em pânico. A falta de mobilidade era o que causava isso. Qualquer que fosse o material que o cobria, estava endurecendo depressa.

O ar fedia a óleo e metal e a alguma coisa azeda. Ele tentou enxergar, mas não havia luz.

Por isso, quando a silhueta rastejou por cima do seu rosto, ele não teve noção do que poderia ser, exceto que era algo com pernas longas e finas. Tentou sacudir a cabeça, e os dedos se afundaram nos seus cabelos, colados ao rosto.

— O quê?

O pânico o dominou, e ele sacudiu a cabeça com mais força enquanto algo envolvia seu pescoço. Era quente o bastante para parecer que queimaria a pele, e apertava como um nó corrediço, sufocando-o. Então afrouxou um pouco.

DiTillio tentou falar, implorar, mas, antes que pudesse proferir qualquer som, havia algo em sua boca, invadindo os lábios, ultrapassando os dentes e se enterrando ainda mais fundo.

“Pânico” não bastaria nem para começar a descrever o que sentiu. Tentou sacudir a cabeça para os lados, mas estava preso com muita firmeza. O que quer que estivesse em sua boca avançou com mais força, enfiando-se na garganta. Teria provocado um engasgo se pudesse, mas a criatura aproveitou o movimento para penetrar ainda mais fundo.

Seus olhos ficaram marejados na escuridão. Ele tentou gritar mais uma vez.

19 RUMO À ESCURIDÃO

Ao se aproximarem da nave alienígena, viram o sangue.

Foi Decker quem encontrou a primeira arma. De acordo com Manning, pertencia a Rodriguez. Era uma matadora, bem parecida com a que ele trazia no coldre ao quadril. Isso não era bom. Eles viram respingos de sangue no chão, e mais escorria pelo lado da nave.

Começaram a escalar em direção ao túnel escuro, apreensivos. Foi uma subida relativamente simples para Decker e os outros.

As emoções despontavam de toda parte, embora houvesse muito mais raiva do que medo. Decker as afastou, tentando se concentrar no que os aguardava, e seu pressentimento continuava indicando o mesmo lugar. Havia uma sensação geral de ameaça que não ficava mais forte nem mais fraca enquanto escalavam.

As gotas de sangue tornavam-se mais frequentes à medida que subiam. Manning se segurava ao casco e fazia várias chamadas, mantendo Cho e Piotrowicz atualizados. Quando se aproximaram do tubo, Decker olhou para baixo e mal pôde ver o grupo ao pé da rampa, tão pequeno de longe.

Manning foi o primeiro a chegar à entrada do túnel. Sacou uma lanterna poderosa, que prendeu ao ombro da armadura. Vários outros abaixo dele fizeram exatamente o mesmo. Decker se sentiu nu sem esse equipamento, mas as luzes pareciam fortes o bastante para ajudá-lo a ver.

Os dedos do mercenário procuraram um ponto de apoio no interior do túnel, encontrando-o. Ele se impulsionou para cima. Decker ficou pendurado ali, paralisado, mas Adams estava logo atrás dele e lhe deu um tapinha nas costas.

— Vamos lá — disse ela. — O chefe não vai esperar.

Talvez o efeito dos sedativos estivesse passando. Talvez ele estivesse enfim se adaptando a eles. Qualquer que fosse o caso, assentiu e continuou a subir, seus dedos encontrando pontos onde se apoiar com relativa facilidade. Quando chegou ao tubo, agarrou a borda da abertura e se impulsionou para dentro.

Mesmo ali, o ângulo do túnel o forçava a escalar. O silício retorcido, que lá de

baixo parecia tão liso, oferecia vários pontos de apoio para as mãos e para os pés. Havia uma leve umidade no interior, acumulando-se em alguns pontos, tornando-os escorregadios. Sentiu uma pontada de claustrofobia, mas logo a sufocou.

A sensação de maldade permanecia a mesma, ainda vinha de toda parte, mas não havia se tornado mais intensa.

Adams continuou logo atrás dele, a lanterna presa ao ombro lhe mostrando os melhores pontos do caminho. À sua frente, Manning continuava a escalar enquanto o túnel virava, ficando um pouco mais na horizontal. A subida se tornou mais fácil, e o próprio ar ficou úmido. Havia um odor que, por alguma razão Decker achou familiar de uma forma incômoda.

Então ele entendeu. Era o odor dos pesadelos que vinha tendo havia meses. Mas era possível sentir cheiro no sonho? Não fazia ideia.

O tempo perdeu o significado enquanto prosseguiram, escalando e virando ao longo do túnel. Depois, a estrutura estranhamente orgânica se abriu, permitindo que ficassem de pé. Os outros mercenários fizeram o mesmo atrás deles.

A área não era exatamente uma sala. A parede, o chão e o teto eram feitos de um material que parecia um cruzamento entre um ser vivo, vidro e aço. De certa forma, era elegante, embora houvesse um excesso de regiões com sombras densas, onde praticamente qualquer coisa poderia se esconder. O material tinha um brilho úmido à luz das lanternas nos ombros.

Adams sacou um sensor de movimento e ligou o interruptor. Nada. Chacoalhou o aparelho, bateu com força na lateral e depois voltou a ligá-lo.

— Geringonça de merda da Weyland-Yutani — disse ela.

Alguns dos mercenários removeram as lanternas do suporte, e os facho de luz vagaram sem rumo pela área. As paredes eram arredondadas e davam lugar ao teto suavemente, assim como ao chão. As luzes revelaram três túneis que brotavam da área principal, cada um numa direção.

Ali, o cheiro era pior.

— Onde diabos nós estamos? — perguntou Adams, a voz espantosamente alta.

Decker balançou a cabeça.

— Ou estamos acima da nave, ou *dentro* dela, ou saímos completamente da caverna — respondeu Manning. — Não sei, mas passamos um bom tempo subindo. — Sua voz continuava calma.

Adams se abaixou e passou a mão pela superfície. Ela arregalou os olhos ao avaliar o material, mas sua boca se torceu de nojo, e ela voltou a se levantar.

— Essa merda parece uma teia de aranha — afirmou. — Não pelo tato, mas

pela aparência. Como se tivesse sido fiada ou tecida. Quando eu era criança, minha professora tinha uma colônia de aranhas-teia-de-funil num terrário. Era bem parecido com isso. Quero dizer, não exatamente, mas quase.

— A primeira aranha que eu vir, explodo. Odeio esses bichos — disse Sanchez.

O homem era magro e musculoso, e seu nervosismo era desconcertante.

Decker não podia culpá-lo.

Manning olhou para Sanchez e assentiu.

— Encontrei alguma coisa.

Adams apontou a lanterna para a base da parede. Havia uma poça considerável de algum líquido ali, e a luz branca revelou que era sangue — provavelmente humano. Já estava coagulando. Manning olhou para o sangue, depois se voltou para Decker.

— Para que lado, gênio?

Decker tentou distinguir a sensação que quase parecia um ruído de fundo. Não havia um ponto no qual se concentrar.

Ele não vai gostar nada disso, pensou, e disse:

— Não tenho a menor ideia.

A calma de Manning desapareceu num instante, e ele se aproximou até que seus olhos estivessem a poucos centímetros dos de Decker.

— Isso não serve — disse, baixinho. — Você pode sentir essas merdas, seja lá o que forem? Ótimo. *Faça isso*. Procure por elas, ou fareje, ou *sei lá* que merda você deveria fazer, e me diga onde estão os meus homens. Ou posso acabar decidindo que você é uma responsabilidade com a qual não preciso lidar.

Decker sentiu a ira do mercenário se inflamar, e sua própria raiva se acendeu em resposta.

— Vê se me deixa em paz — rosnou Decker. — Eu não pedi nada disso. Você e os seus contratantes me arrastaram para cá. Você age como se eu fosse uma merda de um cão farejador. Bom, eu não sou. Mas sim, tem alguma coisa aqui que é perversa. Dá para sentir. Mas não posso fazer isso seguindo comandos, não tenho como dizer a você onde está essa coisa, que aparência tem e quantas delas existem. Simplesmente não funciona assim.

Manning se aproximou ainda mais. O olhar prometia um assassinato, e ele falou com a mesma voz calma, apesar da raiva que Decker sentia emanando dele.

— Pois. Faça. Funcionar — disse. — Dê um jeito. Agora.

Decker continuou encarando o homem, depois recuou um passo. Baixou a cabeça, fechou os olhos e cerrou os punhos.

E então sentiu

Merda.

— Merda — disse ele. — Seja lá o que for, está vindo para cá.

UMA PAZ MOMENTÂNEA

Os cinco caminharam devagar pela área, à procura de sinais do trio desaparecido. As luzes acima deles eram tênues e pareciam ainda mais fracas enquanto se aproximavam da extremidade da nave gigantesca.

Connors não perdia ninguém de vista. Hunsucker mastigava um chiclete como se a goma tivesse feito mal à sua família. O homem quase nunca falava, mas estalava e estourava a porcaria do chiclete o tempo todo. Ele era alto e magro, pele escura, queimada de sol. Seu cabelo era tão loiro que quase chegava a ser branco, o que gerava um contraste gritante. Hunsucker carregava um rifle de plasma, e o zumbido agudo do gerador era quase tão irritante quanto o som das mastigadas.

Connors se redimia de todos os seus pecados, porque o sociopatazinho sabia usar muito bem a arma.

Groff era uma presença sisuda. Havia feito carreira como fuzileiro e tinha como provar — um dos braços era inteiramente coberto de cicatrizes. Se os braços fossem colocados lado a lado, pareceriam um “antes e depois”. O cabelo era cortado bem curto, grisalho, enquanto o rosto parecia o de um homem mais jovem. Ao contrário da maioria dos mercenários, ainda usava a farda militar e levava os suprimentos consigo aonde quer que fosse. Tê-lo na equipe fazia com que Connors se sentisse um pouco mais seguro ao entrar em território inexplorado.

Juergens e Blake eram, de longe, os mais relaxados do grupo. Afastados para um lado, murmuravam um com o outro enquanto avançavam. Blake tinha prendido a lanterna ao rifle de pulsos, que também zumbia. Projetou o poderoso fecho de luz ao longo do ventre da nave enquanto passavam por baixo dela. O espaço era estreito, e Juergens tratou de verificar a integridade da estrutura. Não tinham ideia de quanto tempo ela havia passado ali, nem se era firme — até onde sabiam, o tempo poderia tê-la enfraquecido.

O seguro morreu de velho.

Era mais que o desejo de viver tempo suficiente para ficar rico. Tudo neste cenário deixava Juergens inquieto. Rodriguez era durão. Ele não levava desaforo para casa e saberia se virar num tiroteio. Se alguém ou alguma coisa abatesse Rodriguez, essa coisa era perigosa.

Poderia estar por aí procurando outro alvo.

De repente, Juergens se virou e apontou a arma para o lugar de onde tinham vindo, a lanterna mirando a escuridão.

— Alguém viu isso? — perguntou ele.

— Viu o quê?

Connors se virou e procurou algo que parecesse não fazer parte do ambiente.

Nada.

— Endireite a lanterna, Juergens. Você só está criando mais sombras para caçar.

Juergens não falou nada, mas firmou a luz e a moveu devagar pela superfície ampla.

Connors fez o mesmo, iluminando uma área diferente. Então parou.

— Mantenha assim — pediu ele, erguendo a mão.

Havia uma silhueta, ainda distante, vindo lentamente na direção deles. Era escura, e a forma como se movia era perturbadora. Havia quatro membros — pernas, provavelmente — debaixo da coisa, mas protuberâncias saíam das costas e balançavam a cada passo que dava. A cabeça era um arranjo alongado que parecia pertencer a uma criatura muito maior. A cauda era quase tão longa quanto o corpo, e terminava numa ponta de aparência perigosa.

— Que porra é essa?

A voz saiu mais alta do que ele pretendia. Tratou de puxar a trava de segurança do rifle eletromagnético. A arma fazia uma barulheira quando disparava, mas o que quer que ele atingisse sabia muito bem que sua hora tinha chegado.

— Também estou vendo — disse Juergens numa voz aguda.

— Eu também — avisou Blake, em voz baixa. — O que é isso?

Era quase como se a criatura fosse feita da mesma substância escura e vítrea que os túneis grosseiros que se entrelaçavam sobre eles e ao longo da parede distante, e mesmo dali conseguiam ver a forma das entranhas da criatura debaixo do exoesqueleto lustroso. Antes que Connors pudesse responder, ela atacou, sibilando como um cano de vapor rachado.

Groff abriu fogo, e três tiros do seu rifle cavaram valas no chão. O quarto acertou a perna da coisa que se aproximava, arrancando o membro.

O ruído sibilante se tornou um guincho agudo, e a criatura caiu para a frente,

atingindo o chão e sangrando intensamente pelo buraco aberto onde a perna estivera um momento antes. O chão queimou e fumegou.

Podem secretar um líquido tóxico, ou cáustico, ou ambos. Ainda guinchando, a coisa se lançou na direção de Groff. O mercenário recuou e disparou mais uma série de projéteis. Era rápido, e era bom, e a coisa levou vários tiros antes de cair no chão, estremecer e... *Por favor, Deus...* morrer.

Connors pegou o comunicador.

— Manning! Pegamos uma coisa aqui. Acho que matamos, mas não dá para ter certeza.

A voz dele tremia. Queria que fosse de entusiasmo, mas era medo. Tudo naquela criatura era aterrorizante. A forma como se movia, a aparência... até a maneira de morrer.

Manning não respondeu. Connors ficou preocupado.

Juergens apontou para o capacete, depois para Connors.

— A comunicação já era. O sangue dessa coisa pingou no seu capacete.

Connors o tirou rapidamente e olhou para o estrago. Não podiam ter sido mais que umas gotas de seja lá o que aquele pesadelo tivesse em vez de sangue, mas fora o bastante. O aparelho tinha derretido, e havia um buraco meio queimado no casco duro do capacete. Ele o virou do outro lado e percebeu que o fluido cáustico ainda o corroía. Ácido fluorídrico... era isso que a porcaria do arquivo dizia? Desejou ter levado o arquivo consigo. Gostaria de ter lido com um pouco mais de atenção.

Se Juergens não tivesse avisado sobre o dano, talvez tivesse chegado ao seu couro cabeludo. Antes que pudesse agradecer, Groff falou.

— Mexa-se — rosnou ele. — Temos companhia.

Ele empunhou o rifle de pulsos. O rifle de plasma de Hunsucker zumbiu um pouco mais alto quando ele virou a trava de segurança.

A escuridão ganhou vida. Era a única descrição possível. As sombras ao longe começaram a se mexer, *agitando-se*, e Connors as observou enquanto se dividiam em formas menores. Ele tentou contar, mas eram rápidas demais, numerosas demais.

Hunsucker mirou com cuidado e atirou. Um clarão brotou da arma, iluminando tudo ao redor. A bola de plasma ardeu quente o bastante para incendiar o ar, e todos eles estreitaram os olhos enquanto o míssil atingia o alvo. A criatura era rápida, e quase conseguiu se desviar do disparo, mas isso geralmente não funcionava quando o assunto era plasma.

Ela teve bastante tempo para sibilar antes que metade da cabeça derretesse.

A criatura estava morta antes de chegar ao chão. Como a ferida estava

cauterizada, nada daquela porcaria cáustica espirrou neles.

Mas havia outras no lugar de onde aquela viera. Hunsucker sorriu e atirou de novo, a luz quase cegando todos eles. Porém, errou — o alvo se abaixou, agachando-se como uma aranha de pernas longas, e continuou avançando. A pequena bola de plasma atingiu a nave e queimou, derretendo a superfície antiga e deixando uma cratera fumegante de lembrança.

A coisa pulou, movendo-se com uma velocidade perturbadora, torcendo o corpo para que tomasse impulso na parte de baixo da nave e corresse diretamente para Hunsucker, mesmo que ele tentasse segui-la com a ponta do rifle. O cano apontou para Connors, que se jogou no chão para evitá-lo.

O mercenário tentou girar a arma, mas a coisa em cima dele prendeu seu braço no chão com um aperto poderoso, e as garras grossas na ponta dos dedos do pesadelo rasgaram carne, músculo e osso com uma facilidade alarmante.

Hunsucker gritou e chutou, mas a criatura não pareceu se importar nem um pouco. A arma caiu da sua mão. Ele chutou de novo, fazendo o monstro recuar cambaleando. O mercenário rolou e se levantou o mais rápido que pôde. A coisa girou, forte e veloz, e aquela cauda serrilhada o golpeou no peito com força suficiente para erguê-lo do chão e jogá-lo contra a nave.

Os gritos dos outros três desviaram sua atenção. Na mesma hora, ele soube que tudo havia extrapolado o limite da razão. *Tudo*. Os pesadelos se aproximavam, e eram muitos. Sua pele ficou tensa, e seu pulso acelerou.

Groff manteve a posição e abriu fogo, derrubando um, dois, três antes que o restante o alcançasse. Gritou quando avançaram sobre ele num enxame, como insetos.

— São muitos! São muitos! — berrou Connors. — Recuar!

Hunsucker estava fora de combate, o braço destroçado sangrando, e a coisa que o havia atacado agora o arrastava pelo chão, afastando-o dos outros combatentes.

— Cadê vocês, *porra*? — gritava Juergens ao rádio. — Estamos sendo atacados! Precisamos de reforços!

Sua voz estava frenética. Ele tentou atirar numa das criaturas malditas, mas foi lento demais no gatilho. A silhueta escura se jogou sobre ele e os dois caíram no chão. Membros inumanos se ergueram, desceram e recuaram, várias e várias vezes, cobertos de sangue.

Juergens parou de lutar.

Três deles derrubaram Blake. Ele os viu avançando e balançou a cabeça. Em seguida ergueu as mãos.

Merda!, pensou Connors.

— Eu me rendo! — gritou Juergens. — Desisto!

Connors teve vontade de atirar no desgraçado ali mesmo. Antes que pudesse se mexer, Juergens desapareceu engolido por uma onda negra e quitinosa.

Várias das coisas o cercaram, espiando, e se aproximaram, rodeando, mantendo-o ocupado.

— Não — disse ele. — De jeito nenhum.

Connors avistou a mais próxima e apontou a arma eletromagnética para a cabeça colossal. O som alto do disparo rugiu pelo ar. Um projétil perfurou a couraça da coisa vil. Antes que ele pudesse comemorar, outra criatura avançou, abaixada e veloz, e, enquanto o mercenário tentava mirar, a cauda do monstro golpeou sua arma, e atirando-a para o lado sem dificuldade. Seu braço ardeu de dor, e então ele não o sentiu mais.

A pele da criatura era rígida e quente, coberta por uma umidade escorregadia que deixou um rastro de muco no antebraço. Connors chutou o peito da coisa, lançando-a para trás. Ela sibilou e ele avançou, determinado a sair dali inteiro.

A cauda outra vez. A ponta veio e atingiu seu rosto, rasgando o nariz e os lábios. Connors recuou por puro instinto, e outra daquelas coisas veio por trás. A maldita agarrou seus braços, cravando as garras afiadas tentando se firmar e afundando com facilidade na carne.

Ele se debateu e lutou, mas não foi o bastante. Elas eram mais fortes do que o homem jamais teria imaginado. O sangue escorria pelo rosto, e a criatura que havia chutado se ergueu diante dele, cara a cara, sibilando enquanto arreganhava os lábios e exibia dentes prateados cobertos por uma fina camada de saliva. Nada que já tivesse visto em seus piores pesadelos havia sido mais medonho.

Havia um crânio dentro daquela cabeça, e Connors viu que as cavidades onde deveria haver olhos estavam voltadas para ele.

Deu um chute de novo, mas dessa vez a coisa estava preparada. O golpe foi forte, mas ela não recuou. Em vez disso, avançou, e os dentes se abriram, depois se fecharam.

Carne e ossos rangeram, e Connors gritou antes de perder os sentidos.

21

POR TODA PARTE

O elevador subiu enquanto eles vasculhavam a área. Piotrowicz quase se mijou. Mas não havia ninguém a bordo — provavelmente, eram os mineradores, usando-o para ir de um nível superior a outro.

Seu grupo havia voltado de caminhão para perto do elevador, pois Willis queria garantir que a área estivesse segura.

Logo depois que chegaram, Willis recebeu uma atualização do grupo que havia encontrado a cidade alienígena. Ao que parecia, esbarraram em restos mumificados, mas nenhum deles estava completo. Estavam queimados, quebrados ou pior. O melhor que puderam obter tinha sido uma coisa parecida com um cachorro de membros longos.

— Tem alguma foto? — perguntou Piotrowicz, curioso. — Dos alienígenas.

— O grupo de Nigel deve ter tirado algumas, mas está mantendo tudo em sigilo — respondeu o burocrata. — Ninguém pode ver *nada* do que encontrarmos aqui sem autorização. Alguns membros da equipe que encontrou a nave tiraram fotos, e suas câmeras foram confiscadas imediatamente. Se você vir *qualquer pessoa*, mineradores ou gente da sua própria equipe, gravando massas descobertas, interrompa imediatamente e me informe.

Piotrowicz entendeu que precisaria tomar mais cuidado. Outras pessoas talvez entregassem suas câmeras, mas ele não tinha intenção de fazer isso. Até mesmo enquanto conversava com o burocratazinho, tudo estava sendo gravado... para a posteridade.

Quando chegasse a hora, planejava vender pelo melhor lance.

— Tudo bem — concordou ele. — O que é o vidro preto?

— Realmente não sabemos. No começo, pensamos que o material preto da superfície fosse feito da areia local. Mas tem uma composição química diferente. É como se houvesse algo fabricando esse material.

— Bom, Decker disse que tem um pouco disso perto da superfície, brotando do chão. Em que profundidade você disse que estamos?

— Dois mil e cem quilômetros, mais ou menos. — Willis meneou a cabeça. — Mas provavelmente não há relação. A maior parte do material próximo da superfície deve ter se destacado e subido anos atrás. Talvez por meio de atividade tectônica. Ou talvez tenham sido as tempestades.

O mercenário balançou a cabeça.

— Não entendi.

— Bom, a cidade e essa nave provavelmente estavam na superfície quando houve a queda. As tempestades foram fortes o bastante para enterrar tudo. Até onde sabemos, os túneis pretos podem ter sido fabricados na superfície e, depois, enterrados ao longo dos séculos.

Piotrowicz voltou a balançar a cabeça, discordando.

— De jeito nenhum — disse ele. — Escuta, não sou nem de longe um especialista, mas até eu consigo perceber que esse negócio é muito mais recente.

— Como assim?

— Esse negócio não só *parece* úmido. Encontrei um dos tubos perto do chão, e tinha umidade saindo dele.

— Isso é impossível — retrucou Willis. — Não há nenhuma fonte de umidade aqui embaixo; é seco como um deserto.

— Podemos ir até lá e verificar agora mesmo, se você quiser.

Nesse momento, o elevador começou a se deslocar de novo, em algum lugar acima deles.

— Temos que entender o que está havendo — declarou Willis, e pegou o comunicador no quadril. — Vou detê-los.

Antes que Piotrowicz pudesse falar qualquer coisa, ouviu Juergens gritando em seu ouvido:

— Estamos sendo atacados! Precisamos de reforços!

O som foi tão súbito e alto que ele quase arrancou o headset antes de identificar o que tinha sido dito.

Anderson, que não estava longe, olhou na direção dele. Vogel estava falando com os três que ficaram na base. Tentaram responder, mas nenhuma mensagem parecia chegar. Então surgiu a voz de Manning, tentando localizar Juergens onde quer que estivesse.

Nada.

Piotrowicz convocou a equipe e pegou as armas. Perguntou aos técnicos de comunicação se podiam localizar Connors e sua equipe, mas suas telas chiques de última geração não mostravam porcaria nenhuma.

Um monte de merda imprestável.

Willis acenou para chamar sua atenção, sem saber o que estava acontecendo.

— É a equipe do terceiro nível, usando o elevador para carregar alguns equipamentos de escavação — informou ele. — Vamos ficar presos aqui embaixo por um tempo, mas a equipe no local de escavação já enviou uma solicitação para quando eles terminarem.

— Ah, é? Bom, temos que sair daqui agora mesmo... correndo — avisou Piotrowicz. — Os caras que estavam indo para o local de escavação acabaram de entrar em contato. Estão sendo atacados. Talvez você queira ligar de novo para o seu pessoal e alertá-lo.

— Sendo atacados? Por quem?

— Não faça a menor ideia. Mas, se eu fosse você, ligaria.

Sem esperar resposta, Piotrowicz correu, gesticulando para que o restante da equipe também entrasse no caminhão. Assim que os quatro estavam a bordo, o veículo partiu.

Juergens era um palhaço. Gostava de fazer piadinhas, mas nunca brincaria com aquilo. Nunca. Manning o teria esfolado vivo.

Não, o que quer que tivesse acontecido, a comunicação havia sido interrompida. Ele esperava que fosse só isso.

— Manning, o que você quer que eu faça aqui?

Suspeitava já saber a resposta, e podia apostar que não gostaria dela.

— Vá até lá. Peça para os técnicos dizerem a você aonde ir, talvez eles consigam um informe decente.

— Negativo, chefe. Eles já tentaram.

Perkins tinha dado a mesma resposta, a voz cheia de tensão.

— Interferência. O mesmo com DiTillio. Não estamos recebendo nada. Tem alguma coisa aqui ferrando o sinal.

— Porra! — disse Manning ao mesmo tempo que Piotrowicz. — Vá ver o que é, Petey. E tome cuidado.

— É pra já.

O caminhão passou por baixo do casco da nave, e eles tiveram que abaixar a cabeça. Chegaram a um ponto do qual o veículo não passava, portanto teriam que continuar a pé.

Piotrowicz desceu e chamou os outros com um gesto. Vieram rápidos e firmes, todos armados, e com um jeito de quem queria muito quebrar a cara de alguém.

Por mim, tudo bem, pensou ele. Porém, ficou em silêncio, prestando atenção...

Atravessaram algumas centenas de metros. A gravidade reduzida fazia com que parecesse menos, mas ainda levariam um tempo para chegar ao destino.

Contornaram a lateral dos destroços e olharam ao redor. Conforme a escuridão crescia, acoplaram lanternas às armas e as apontaram para todas as direções.

As luzes revelaram duas coisas mortas. Talvez três. Os pedaços não pareciam combinar. Lutz se agachou perto de um deles e usou o cano da espingarda de repetição para movê-lo e poder olhar melhor.

— Que porra é essa?

A voz de Lutz estava bastante calma, mas agora ele se movimentava com muito mais cautela do que um minuto antes. — Comunicação, consegue receber imagens?

— Negativo. Quero dizer, você pode tentar, mas não prometo nada.

Nada como uma resposta consistente e comprometida para deixar o dia ainda melhor.

— Vou tentar. Precisamos mostrar isso para todo mundo. — Ele se aproximou mais e passou um bom tempo olhando o corpo. — Do que essa coisa é feita?

— Parece uma máquina — disse Vogel, com um tom suave. — Será que estamos lidando com organismos biomecânicos? Como a nave?

— Não tenho ideia.

Piotrowicz recuou. O chão estava chamuscado nos pontos em que o líquido saído daquelas coisas tinha derramado. Pontos na lateral da nave arruinada exibiam dano semelhante, e, enquanto ele verificava isso, Estrada chegou trazendo o capacete de Connors.

— Manning, parece que temos mais cinco abatidos — informou Piotrowicz. — Encontramos evidências do combate, mas nenhum corpo. Nenhum corpo *humano*. Tem outras coisas aqui. Acho que encontramos os insetos que deveríamos caçar.

Manning não respondeu.

Ele repetiu o comentário, só por garantia.

Ninguém respondeu.

Então ouviu o som de um motor. Era forte e alto, e não parecia ser boa coisa.

Gesticulou para que o restante da equipe chegasse mais perto da nave e, um momento depois, ficou feliz por ter feito isso. O veículo veio se sacudindo do outro lado do local de escavação, onde nenhum deles estivera ainda. Não era blindado, mas era fechado. Havia luzes, mas só metade delas funcionava, e todo aquele negócio enorme fumegava como se tivesse saído de um incêndio. A carroceria estava amassada e arranhada, com vários talhos fundos e o que parecia ser pelo menos um buraco queimado na lateral. Um dos pneus era uma massa murcha, agitando-se e batendo no chão em vez de rodar suavemente nele.

Estrada disse algo, mas o ronco do motor era alto demais.

O veículo passou por eles em alta velocidade, e por um breve instante Piotrowicz viu o rosto da motorista. Tinha os olhos arregalados e a boca aberta num esgar de medo, e ele percebeu o motivo. Havia coisas escuras penduradas no topo, rasgando o casco de metal e tentando entrar.

Piotrowicz e Lutz atiraram. Um dos monstros se jogou para o lado do veículo enquanto a rajada passava. Outro explodiu. Lutz gostava da sua espingarda por um motivo: ela causava um belo estrago.

Foi impossível saber se havia mais daquelas coisas no caminhão quando ele contornou o casco e desapareceu de vista. Um segundo depois, já não davam a mínima, porque a criatura na qual ele havia atirado vinha para cima deles, guinchando. Piotrowicz ficou congelado. Aquela coisa estava viva... e muito, muito zangada.

Anderson tentou erguer a arma, mas era tarde demais. A coisa a golpeou, jogando-a de costas contra o casco da nave com força suficiente para deixá-la em choque. A mercenária nem sequer emitiu um som. Vogel estava ao lado dela, e disparou quatro projéteis na coisa, berrando como uma *banshee* o tempo todo.

Um projétil teria bastado. Quatro eram exagero, mas não se podia culpá-la. Os ferimentos das criaturas atingidas vomitaram uma substância repugnante, que atingiu o braço, o peito e o rosto de Piotrowicz. A dor foi imediata e o fez gritar ao tentar limpar a bochecha. O fogo se espalhou por seus nervos, e logo em seguida Vogel jogou-o no chão, arrancando o capacete dele. Lutz tirou o colete e a jaqueta.

A dor incandescente diminuiu depois de um tempo, mas não desapareceu por completo. As roupas fumegavam no chão, e Lutz recuou, olhando ao redor, enquanto Vogel vasculhava a mochila em busca de um estojo de primeiros socorros.

A pouco mais de um metro dali, Anderson voltava a se levantar, o colete estraçalhado pelas garras da coisa morta.

Lutz falou ao rádio, alertando a base sobre o que estava indo para lá.

Caos.

22

FLUXO DE DADOS

Abordo da *Kiangya*, Eddie Pritchett parecia tenso ao entrar no escritório de Andrea Rollins. E tinha um bom motivo para isso. Ao chamá-lo, ela quisera que ele viesse com medo.

— Mandou me chamar, senhora?

— Mandeí — respondeu ela, áspera. — Soube que suas ações colocaram nossa missão em risco.

Ele arregalou os olhos.

— Eu nunca faria isso, senhora.

Rollins abriu a primeira gaveta e dali tirou uma pasta de documentos grossa, que deixou em cima da mesa. A pasta, na verdade, era mais para causar um efeito. Não precisava ter imprimido nada. Sua memória era melhor que isso.

— Seu arquivo — disse ela, encarando-o. — O senhor tem um longo histórico com seu grupo. Antes de trabalhar para Manning, esteve na Marinha Colonial, onde foi treinado como piloto. Antes disso, trabalhava com sua família, que é subcontratada pela Weyland-Yutani, e alcançou uma vida muito confortável no ramo de entregas. Acredito que o senhor pretenda voltar a vê-los em algum momento.

Ele ouviu as palavras e assentiu lentamente. Passou a língua pelos lábios e fez o melhor que pôde para não se intimidar.

— Aonde quer chegar? — perguntou. Depois, acrescentou: — Senhora.

Rollins o encarou até ele desviar o olhar.

— Quero chegar a uma questão muito simples — respondeu, levantando-se da cadeira. — Da próxima vez que tentar *alguma coisa*, qualquer acrobacia envolvendo uma das minhas naves de pouso, aterrissando na superfície de um planeta, ou mesmo subindo para a *Kiangya*, acabar com a sua carreira e com qualquer carreira que espere ter no futuro será minha meta.

— O quê? O que você pode... o que faria... Do que está *falando*?

Rollins não sabia se a indignação do piloto era verdadeira ou se ele estava

apenas fingindo. No fim, não importava.

— Assisti à descida da nave quando o senhor levou Manning e toda a equipe para o planeta. Também escutei. Ouvi os comentários sobre turbulência e tempestades, e sei que não houve nada disso.

— Escute, *senhora* — disse ele. — Eu *nunca* colocaria uma equipe a bordo da minha nave em perigo.

Pritchett recuperou a compostura e cravou os olhos nos dela outra vez.

— Tenho certeza de que não colocaria, senhor Pritchett. Pelo menos, não de propósito. — Ela se inclinou para a frente e o encarou com firmeza. — Mesmo assim, não tenho dúvida de que seu trabalho foi posto em xeque. Tenho certeza de que, se eu falasse com eles, ouviria umas histórias sobre a frequência com que o senhor faz esse tipo de acrobacia.

Pritchett se mostrou bem ofendido. Ainda assim, não a olhou diretamente nos olhos.

— Presta atenção numa coisa — continuou ela, sentando-se. — O senhor estava pilotando uma nave que pertence à Weyland-Yutani e que foi alugada ao senhor Manning. A dropship à sua disposição vale muito mais do que o senhor ganha em dez anos. Ela vale bem mais do que... bom, do que o *senhor*.

Rollins esperou por um momento, até que o homem olhasse para ela, antes de continuar.

— O senhor tem trabalho a fazer, assim como eu. Se sua próxima viagem à superfície não for um exemplo perfeito de como pilotar uma dropship, sem nenhum incidente, e se a viagem de volta não for igualmente exemplar, pode dizer adeus à sua licença de piloto.

— Como é que é? — perguntou ele, aos berros.

Rollins continuou inabalável.

— Apenas faça o trabalho que é pago para fazer, de maneira profissional, e não precisarei mais incomodá-lo. No entanto, se falhar em seguir essa simples diretriz, prometo que não ficará contente com suas futuras empreitadas.

“A sua família depende principalmente do meu empregador. Ocupo um posto elevado o bastante e posso redefinir os contratos que eu bem entender. Não me faça ameaçar o ganha-pão dos seus parentes, senhor Pritchett.”

Ele chegou a dar dois passos na direção dela, cerrando os punhos. Em seguida, parou e abriu as mãos, fazendo o melhor que podia para desempenhar o papel da vítima prejudicada.

Rollins não entrou no jogo.

— Planejava me atacar, senhor Pritchett? — perguntou ela. — Esta é uma tentativa de intimidação?

— O quê? Não. Eu... Eu só... — Por um instante, ele perdeu a capacidade de falar.

Então recuou exatamente três passos.

Rollins o olhou de cima a baixo, um sorrisinho de desaprovação nos lábios.

— Pode ir agora.

Ele saiu depressa, de olhos baixos.



A porta mal havia se fechado quando o primeiro feixe estreito de informação apareceu em sua mesa. O sinal chegou com clareza, vindo dos transmissores na superfície de Nova Galveston para a nave em órbita geoestacionária acima do Mar de Angústia.

O que surgiu parecia, para todos os efeitos, um punhado de ruído branco. Às vezes, isso era inevitável, principalmente em áreas onde a interferência causava retorno ou interrupção do sinal. Por melhor que fosse a tecnologia, ainda havia questões não resolvidas.

Andrea Rollins não dava a menor importância para ruído branco ou turbulência. No entanto, prestava muitíssima atenção ao sinal embutido naquela estática sintética. A Weyland-Yutani detinha a patente dos instrumentos que geravam aquele sinal artificial e do hardware e do software capazes de distinguir as partes que o compunham. Não era uma tecnologia disponível no mercado.

Seu computador era o único na nave capaz de decodificar a informação oculta.

Ela vinha acompanhando com extremo cuidado todas as informações que chegavam, já que estavam relacionadas a cada membro da equipe no planeta. Da sua mesa, podia monitorar os sinais vitais, quando e como se alteravam. Rollins tomava nota quando morriam.

Usava o equipamento disponível para mapear detalhadamente toda a série de túneis abaixo da superfície. Se desejasse, poderia ter informado com precisão a localização de cada um dos membros da equipe e de cada câmara na ampla rede de túneis. Tinha até dados sobre a localização das formas de vida alienígenas, os xenomorfos. Talvez não de todos eles, mas de um número razoável. Os aliens só eram detectados quando se mexiam. Enquanto permanecessem parados, os túneis que haviam criado funcionariam como uma camuflagem perfeita. Mal dava para imaginar a quantidade de usos possíveis daquele material.

Mas ela não tinha a necessidade de compartilhar. A situação estava sob controle.

Rollins observou as informações e avaliou todas as alternativas. Para ela, não

restava dúvida de que haveria um dano colateral imenso. Era aceitável. Era esperado. Era o que ela queria. No fim, haveria menos testemunhas.

Ela não se preocupava com os mercenários. Eles só estavam lá pelo dinheiro e trariam para ela os espécimes de que precisava. Eram os outros — os trabalhadores mais respeitáveis e, portanto, mais dignos de crédito — que representavam a maior ameaça. Quanto menos deles sobrevivessem, melhor.

No fim, todos eram descartáveis.

23

LABIRINTO

— Estamos sendo atacados! Precisamos de reforços!

Quando receberam a chamada, Decker olhou para os mercenários. Todos ficaram paralisados dentro da pequena câmara e arregalaram os olhos ao ouvirem o terror que era transmitido pelo comunicador. Alguns dos homens começaram a falar, e Manning ergueu a mão, pedindo silêncio. Como não entenderam o recado, o líder berrou, mandando calarem a boca.

Foi aí que Decker sentiu, e com força.

Não era um sentimento geral, era *muito* específico. Mais intenso que qualquer coisa que Decker já tivesse experimentado de um ser humano. Por um momento, pensou que viesse dos homens sob ataque, um reflexo da morte, mas logo entendeu que não.

Era algo próximo, e cada vez *mais perto* . Afastou-se da entrada pela qual haviam chegado o mais rápido que pôde e acabou esbarrando no garoto ruivo, Garth, que o fitou, assustado.

Surgiu da entrada, berrando como mil demônios, e avançou diretamente na direção dele. Mas a câmara era apertada, e havia pessoas no caminho. Uma coisa escura e úmida agarrou a perna de Garth e o puxou pelo túnel. O garoto gritou pelo choque e pela dor, e a coisa deu um segundo grito ao escalar o corpo do pobre-diabo, as garras rasgando a carne.

Garth sangrou e gritou, então instaurou-se o caos. Até então eles estavam simplesmente escalando o túnel, ninguém estava preparado para um ataque. A selvageria foi apavorante. O sujeito magricela — Decker nunca soube o nome dele — tentou lutar, e por causa disso foi quebrado em dois, os ossos saltando do corpo.

A coisa não parecia ter rastejado para fora do túnel, mas sim brotado dele, desdobrando-se e serpenteando pela sala enquanto crescia cada vez mais. Solto um grito sibilante ao tirar os corpos dilacerados do caminho e olhou ao redor.

Procurando Decker. Ele sabia. Sentia. E recuou de novo quando a coisa se

voltou para ele.

O espaço claustrofóbico estava repleto de corpos e foi tomado pelos gritos de todos. Uma mão de três garras golpeou e atingiu o rosto de um homem, sulcando rastros vermelhos. Ele cambaleou sob o ataque e a coisa avançou, agachando-se, sem se importar com nada que estivesse na frente, simplesmente abrindo caminho por eles até Decker.

Era um homem morto. Seus membros se recusaram a agir, as mãos pendiam frouxas ao lado do corpo, ignorando as ordens de que pegassem a matadora, pegassem qualquer arma, fizessem alguma coisa, *qualquer coisa*.

A coronha do rifle de Adams se chocou com a cara da coisa e a derrubou de lado. A bota enorme de Bridges a empurrou ainda mais enquanto tentava se recuperar, e o homem apontou uma arma aparentemente letal com dois agulhões para o torso da criatura. Apertou o gatilho.

Em vez de explodir, a coisa arqueou o corpo e guinchou, debateu-se e estremeceu. Bateu no chão e teve espasmos, mas então não se mexeu mais. Um cheiro de ozônio encheu o ar, acompanhado de um odor que lembrava metal aquecido.

Bridges lançou à criatura caída um olhar assassino. Recuou depressa, e, mal tinha dado dois passos, a maior parte das pessoas na sala apontava uma imensa variedade de armas para a coisa no chão.

Passaram um momento olhando para ela. Não era uma aranha, de jeito nenhum, embora sem dúvida houvesse algo de insetoide nela. Os membros longos eram selados num exoesqueleto lustroso que se parecia demais com as paredes negras e translúcidas do túnel onde se encontravam. A cabeça era quase tão longa quanto o torso, e havia formas semiocultas dentro dela. Se havia olhos, não eram visíveis, mas não havia como se enganar quanto à boca do monstro.

O pavor cercou o coração de Decker. A coisa estava inconsciente e, mesmo assim, ele sabia que ela o odiava por razões que não entendia.

Manning olhou para Bridges e lhe deu um tapa amistoso no braço.

— Pegou um inseto de verdade. Bom trabalho. — Olhou para um dos mercenários nos fundos. — Dá uma olhada no Garth.

— Taí um bicho feio pra caralho — comentou Bridges, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Alguém se abaixou junto ao corpo do garoto e logo voltou a ficar de pé.

— Garth não sobreviveu. Nem Holbrook.

A expressão de Manning era insondável, e a voz, baixa.

— Alguém trouxe uma corda? — perguntou. — Talvez uma boa rede de malha de aço?

Um homem magro e musculoso virou as costas para Manning, indicando a própria mochila.

— Pode pegar. Mas você é que vai ter que fazer isso... Não sou pago para mexer nessa coisa.

— Ela está viva, Bridges? — perguntou Manning.

— Não deveria. O choque era para matar.

Decker olhou para a criatura e balançou a cabeça.

— Está viva. E acho que está começando a acordar.

— Como você sabe? — Adams olhou para ele, depois para a coisa no chão.

— As emoções dela... se é que esse é o nome certo. — Acompanhou o olhar da mercenária. — Ela ainda quer me matar.

— O que você fez para irritar esses bichos, Decker?

Manning estava ocupado tirando um rolo de corda muito fina da mochila do outro homem.

— Não sei.

Ele deu um passo bem curto em direção à coisa. Ela se mexeu, talvez um centímetro, e ele recuou novamente.

Bridges a eletrocutou de novo, mantendo os pinos gêmeos encostados na pele da criatura até ver fumaça sair do ponto em que o metal tocava. Em seguida olhou para Decker.

— Agora morreu?

— Não faço ideia. Não consigo captar nada. Talvez seja um bom sinal — sugeriu.

Manning assentiu e começou rapidamente a amarrar os braços da criatura.

— Para mim serve.

Com muita eficiência, tratou de prender os braços, as pernas, os pés e até a cauda.

A criatura continuou imóvel.

— Como você vai prender essa cabeça? — Quem perguntou foi o homem que havia oferecido as amarras. — É grande pra caralho... e esses dentes são mesmo fodas.

— Sei lá, Wilson. Só sei que não vou chegar nem perto desses dentes. — Olhou para Decker. — Está sentindo mais alguma dessas coisas?

— Acho que não. — Parou por um momento e se concentrou. O ódio havia se transformado num ruído de fundo: doloroso, mas tolerável. — Mas não dá para ter certeza. É melhor voltarmos pelo tubo.

— Mas e se tiver mais delas no lugar de onde essa veio? — perguntou Adams.

— Não deve ter sido só uma que derrubou DiTillio, Rodriguez e Joyce.

Antes que ele pudesse responder, Manning se pronunciou:

— Acho que ele tem razão, e pelo menos conhecemos o caminho de volta. — Olhou para a coisa no chão. — Temos um espécime. Talvez esteja vivo. Levamos essa coisa para o elevador e damos o fora desse inferno. Missão cumprida.

Com isso, agarrou uma das cordas e começou a arrastar a criatura em direção ao túnel.

— Um de vocês aí de moleza, venha me ajudar. Essa coisa é pesada pra caramba. — Bridges se aproximou, mas Manning meneou a cabeça. — Você, não. Preciso que cuide de Garth. Mande Duchamp ajudar com o corpo de Holbrook.

Dois mercenários se adiantaram e seguraram a forma alienígena. Metade do grupo desceu pela entrada do túnel, um por vez. O caminho era escorregadio às vezes, tornando a descida mais difícil do que a subida.

Manning e outro mercenário começaram a baixar a coisa, depois desceram atrás dela com cuidado. O restante os seguiu, e, em algum ponto, no meio da fila de corpos, Decker começou a descer, aproximando-se de Adams sem nem mesmo perceber.

Era difícil enxergar o caminho, havia um cheiro de suor e medo, e os facho de luz das lanternas afugentavam as sombras. Às vezes, os corpos ficavam tão próximos que as luzes mal penetravam o espaço. Ele encontrava apoios para as mãos não com os olhos, mas com o tato.

Seria uma merda morrer neste lugar, pensou.



Depois do que pareceu uma eternidade, gritos irromperam adiante. Manning berrou e outra pessoa deu um grito alto.

— Que se foda — disse Manning. — Deixa o desgraçado cair e vai atrás. A gente pega os pedaços quando chegar lá embaixo.

— Mordeu a porcaria da minha bota!

— Seus dedos ainda estão aí, Denang?

— Estão.

— Então você teve sorte. Continue andando.

Depois disso, apressaram um pouco mais o passo. A escuridão, o calor corporal, os sons ecoantes das vozes, tudo instigava os nervos de Decker. Os nervos de todos eles, suspeitava. Adams estava logo abaixo dele. De repente, ela

parou e sussurrou um palavrão. Decker cutucou pessoa que vinha logo atrás e mandou que parasse também.

Ela se virou e apontou a lanterna para ele, cobrindo-a com a mão para não o ofuscar.

— Temos que começar a subir — disse ela, irritada.

— O quê? Do que você está falando?

— Temos que começar a subir.

Isso não fazia sentido.

— E voltar para onde estávamos? Por quê?

— Porque aquelas coisas bloquearam o caminho.

— O quê?

— O caminho pelo qual viemos... está bloqueado — explicou. — O que quer que sejam, são no mínimo um pouco inteligentes. Manning tentou descer por ali e tinha algo diferente. Em vez de descer direto, agora tem uma curva. O túnel mudou.

A boca de Decker ficou seca e pastosa.

— Como?

— Não sei, nem quero saber. — Adams apontou. — Manning tem certeza de que, aonde quer que o túnel leve agora, provavelmente é uma armadilha, e não vamos morder a isca. Então comece a subir.

Decker se virou, e o cara atrás dele xingou. Mas começaram a escalar mesmo assim.

24

EXAMES

A van continuou em disparada como uma besta em agonia e só desacelerou para contornar a borda da nave.

Os três integrantes da equipe de técnicos os viram se aproximar, e Dae Cho pegou o rifle de assalto ao lado do console. Perkins e Dwadji ficaram onde estavam, mas seus rostos indicavam aprovação. A arma era sólida e confiável, e vinha com quatro granadas e um lançador. Ele não sabia exatamente o que estava acontecendo nem se importava muito. Se as pessoas na van viessem para cima dele gritando, morreriam imediatamente.



Dina Perkins cobriu o ouvido livre para abafar o tumulto e se concentrou no que Manning dizia. Segundo ele, haviam capturado um inseto, mas a criatura tinha despertado e mordido alguém. Foram forçados a largá-la. O caminho deles estava bloqueado e teriam que encontrar outro jeito de sair.

Ninguém conseguia uma resposta de Connors — ele e a equipe haviam desaparecido em ação. Piotrowicz e seu grupo ainda estavam vivos, embora pelo menos um deles estivesse ferido.

Cho se levantou do assento, apoiou o rifle no ombro e caminhou com o cano apontado para o alto em direção ao veículo recém-chegado, parado em meio a uma nuvem de poeira. Perkins continuou em seu posto, e Dwadji ficou ao lado dela, tentando falar com Connors outra vez.

Willis já estava à porta, abrindo-a enquanto as pessoas lá dentro tentavam sair. Estavam tão amontoadas que ninguém conseguia ir a parte alguma, até que o burocrata da Weyland-Yutani agarrou a camiseta de alguém e o puxou para fora. O restante meio que irrompeu do veículo numa massa frenética, como a paródia sinistra de um carro de palhaço, sete no total, e nenhum deles nem de longe calmo.

Um homem baixo e atarracado de uns cinquenta e tantos anos segurou Willis

pelos ombros e quase caiu em cima dele enquanto olhava ao redor.

— Vai! — arfou ele, em pânico. — Temos que ir embora!

— Não podemos ir a lugar nenhum, doutor Silas — retrucou Willis. — O elevador está lá em cima. Estamos presos até que ele volte aqui.

— Então chame de volta! — gritou Silas. — Pode haver mais daquelas coisas. Temos que...

Cho se aproximou e interrompeu:

— Mais daquelas coisas?

Silas olhou para Cho como se o técnico fosse louco.

— Quem é você? — quis saber.

— Segurança — respondeu Cho antes que Willis pudesse falar. — Agora, me conte por que você está em pânico.

— Aquela cidade — explicou Silas. — Tem habitantes, e são perversos.

— Espere, está falando da cidade na escavação?

— Sim. — O homem assentiu enfaticamente. — Tem coisas vivendo lá, e tudo o que elas querem é nos matar. Temos que sair daqui!

— Acalme-se — disse Cho. — Por enquanto, não vamos a lugar algum. Como ele disse, o elevador está sendo carregado com equipamento de mineração. Depois, tem que ir até o quarto nível e descarregar tudo lá. Aí ele pode descer aqui e nos pegar.

O homem parecia ter o próprio demônio em seu encalço. O suor havia feito o cabelo ralo se grudar à cabeça, e ele não parava de esfregá-lo freneticamente.

— Você não entende! Essas coisas são insanas!

Houve um movimento à direita, e Perkins pulou de susto. Viu Piotrowicz e seu grupo vindo na direção deles. Lutz arrastava algo no chão, puxando-o por uma linha presa ao que parecia ser uma perna. O que quer que fosse, não parecia humano o bastante para o gosto de Perkins. Anderson e Estrada vinham atrás, apontando as armas para a coisa. Metade do rosto de Piotrowicz estava coberto de gaze, e ele parecia ter vontade de matar algo com requintes de crueldade.

Perkins se mexeu para ver melhor aquela coisa. Estava esfaçalhada, morta e lhe causou calafrios. Sentiu a pele se eriçar ao observá-la. Enquanto os recém-chegados se aproximavam, umas seis pessoas que vieram no transporte os rodearam, a curiosidade científica superando lentamente o medo.

Ela estava prestes a avisar a Cho, mas viu que ele olhava para além do motorista em pânico. Ergueu a mão para silenciar o homem.

— Estão chegando agora cinco pessoas que mataram as coisas na sua van — avisou ele, apontando com o queixo, e o homem baixinho gordinho se virou. Respirou fundo, trêmulo.

— Escute, onde há uma dessas criaturas malditas pode haver outras. Não sabemos quantas são, mas as sondas mostram que há um grande território por aí onde elas poderiam estar escondidas. — Ele parou de novo para respirar. — São rápidas e letais, e seu único propósito parece ser matar.

Willis interrompeu:

— Você disse que as sondas estavam operando na cidade?

— O que isso tem a ver, Tom? — perguntou Nigel.

— Se as sondas estão operando, devem nos dizer o que há lá embaixo. Incluindo qualquer sinal de vida — explicou Willis, com muita calma. — Você deixou alguma das sondas funcionando?

Silas engoliu em seco algumas vezes e fez o melhor que pôde para não parecer lunático ao falar. Não estava conseguindo, mas tentava.

— Tom, nós lançamos mais de dez sondas. Ainda estão operantes, coletando dados, mas tudo o que podem fazer é mapear a área. O lugar é muito maior do que pensamos que fosse. Pode ser que uma boa parte ainda esteja enterrada, não conseguimos ter certeza, mas há lugares lá onde as sondas estão circulando livremente, então parece que temos espaços abertos.

Piotrowicz e seu pessoal os alcançaram. O líder da equipe não falou. Simplesmente ficou parado, absorvendo as informações. Perkins se aproximou da caça e olhou para ela, tentando concluir alguma coisa a respeito do emaranhado de membros, garras e dentes. De perto, era ainda pior. Quando Piotrowicz parou, os cientistas se aglomeraram em volta da criatura, curiosos, de olhos arregalados.

Willis gesticulou para Silas.

— Temos trinta e tantos agentes de segurança fortemente armados aqui conosco. Você estava lá fazendo sua pesquisa quando eles chegaram, ontem, mas estão aqui para nos ajudar a vigiar a área e nos manter seguros. Confio plenamente que eles farão isso.

Perkins notou que ele não mencionara as pessoas desaparecidas. Não precisava alimentar o pânico. Ao que parecia, o restante da equipe concordava com ela. Todos ficaram de boca fechada.

Perkins olhou para Piotrowicz.

— Você está bem?

A postura do homem indicava que estava louco da vida. Mesmo assim, conseguiu sorrir.

— É, estou bem — respondeu ele, mas as bandagens diziam o contrário. — Umas queimaduras, mas nada que não possa esperar até as coisas se acalmarem. Vogel já deu um jeito em mim.

Cho assentiu, olhou para Silas e assumiu um tom tranquilizador.

— Temos um médico aqui — anunciou ele. — Alguém da sua equipe se feriu? O homem assentiu vigorosamente.

— Não conseguimos encontrar... — Respirou fundo outra vez. — Deixamos para trás quatro membros da nossa expedição quando fomos atacados. Deveríamos mandar alguém para encontrá-los. E Colleen foi atacada por uma coisa que tentou estrangulá-la. Aquela coisa não queria soltar o rosto dela, mas caiu sozinha e morreu.

— Vamos dar uma olhada em Colleen primeiro. — Cho olhou para Piotrowicz e gesticulou, indicando a van. — Pode dar uma olhadinha?

Piotrowicz suspirou. Ferido ou não, com ou sem o equipamento, ainda era o mais experiente quando se tratava de primeiros socorros. Foi até lá, e Vogel o acompanhou, já tirando a mochila das costas. Desapareceram dentro do veículo.

Willis se pronunciou.

— Vocês trouxeram o receptor de sinais das sondas?

Nigel assentiu.

— Está na van. Ligado, na verdade.

Willis foi para lá sem pedir permissão, e Cho olhou para Perkins, gesticulando para que ela acompanhasse o burocrata. Se as sondas estivessem funcionando e gravando, poderiam fornecer informações importantes — inclusive leituras com pistas sobre por que diabos não estavam funcionando em todos os lugares.

Enquanto Willis e Perkins se aproximavam da van, Piotrowicz e Vogel voltavam. Vogel trazia a coisa mais esquisita que Perkins já tinha visto, e a mercenária parecia prestes a vomitar.

A coisa era pálida, com cerca de um metro de comprimento, pendurada na mão dela por uma cauda grossa, como uma serpente. A cauda saía de um corpo que tinha dois sacos bulbosos e membros longos, aracnoides, dobrados para dentro, como os de um inseto morto. Parecia um cruzamento disforme de caranguejo com aranha.

Cho olhou para a coisa e empalideceu.

Vogel a largou no chão e Piotrowicz se agachou perto dela, tirando uma faca enorme da bota — queria examinar melhor o cadáver.

Perkins a fitou e recuou.

Nem a pau eu chego perto dessa coisa, pensou ela.

Cho pigarreou.

— O bicho está morto mesmo?

— Com certeza. — Vogel assentiu. — Eu não poria a mão nele se não estivesse.

— Foi isso que tentou estrangular a sua amiga? — perguntou Cho a Silas.
O homem assentiu e engoliu em seco, nervoso.

— Cadê a Colleen?

Piotrowicz olhou para ele.

— Está morta. Sinto muito, mas ela parece ter sido baleada.

— Mas não temos nenhuma arma.

A voz de Silas estava muito baixa, e ele piscou, lutando contra as lágrimas. Seja lá o que houvesse entre os dois, ele estava sofrendo com a perda.

— Tem um buraco no peito dela. Sem batimentos cardíacos. Não vi nenhum buraco na janela, mas acho possível que ela tenha sido atingida quando atiramos naquelas coisas.

Os olhos de Silas estavam marejados.

— Não, ela estava viva quando estacionamos. Deitada num dos bancos. Estava inconsciente, e não sei como vocês poderiam ter atirado nela.

— Mais alguém na sua equipe foi ferido? — perguntou Cho.

— Não. Só... Só Colleen. — Silas parecia inconsolável.

Perkins achou ter visto algo se mexer nas sombras distantes, mas, quando se virou naquela direção, não havia nada. Ainda assim, sentiu um arrepio. Enquanto olhava, porém, Willis subiu no veículo e começou a procurar o receptor. Perkins suspirou e foi atrás dele.

O interior da van era o caos. Havia objetos jogados por toda parte, chutados para baixo dos bancos, equipamentos que haviam sido empurrados ou derrubados, e era provável que vários deles não estivessem mais funcionando.

No meio do veículo, deitada de costas num dos assentos, uma mulher morta encarava o teto. O buraco no peito era enorme e estava coberto de sangue, exibindo as costelas através da massa de tecido, pele e carne esfaqueados. Perkins não queria olhar, mas olhou.

O corpo da mulher ainda estava pontilhado de suor, a pele ainda corada e a carne ainda flácida — ela devia ter morrido havia poucos minutos. Um rastro de sangue ia da ferida até a porta. Parecia que algo tinha deixado pegadas pequeninas na bagunça.

Perkins estendeu a mão e fechou os olhos azuis e cegos da mulher, murmurando uma prece rápida. Willis estava ocupado examinando os informes. Ela se aproximou dele por trás, tomando cuidado para não interromper o que estava fazendo.

— O que encontrou?

Sua voz bastou para assustar o homem. Os olhos dele se voltaram para ela, assustados.

— Não muita coisa — respondeu, parecendo desapontado. — Os informes parecem ter parado.

Perkins olhou para a tela e entendeu o que o homem queria dizer. Havia uma boa quantidade de informações e uma boa reprodução do local de escavação, mas ou as sondas tinham parado de gravar dados ou, o que era mais provável, a interferência entre o local onde estavam e o local onde estavam as sondas tinha passado a bloquear qualquer transmissão.

— Merda.

Ela balançou a cabeça. *Chega*. Não queria mais ficar perto do cadáver. Desceu da van e foi até o grupo.

Quando chegou lá, a maior parte da equipe de pesquisa já estava mais calma. Alguns deles chegaram a se juntar a Piotrowicz para examinar a coisa aracnoide no chão, e a maior parte dos outros observava a forma de vida maior deitada ali perto.

— O que quer que seja, eu não chamaria de forma de vida avançada — declarou Silas. Ele parecia ter recuperado o suficiente de sua curiosidade científica para voltar à ativa. — Não há evidência de um aparato cerebral bem desenvolvido. Não consigo nem ver como essa criatura pode comer de algum modo que faça sentido para nós.

— É, bom, não dou a mínima se ela consegue ou não preparar um jantar — comentou Piotrowicz. — Para nós, é dia de pagamento.

Ele remexeu na mochila de Vogel até encontrar um saco plástico esterilizado. Vogel observou o que ele fazia e cruzou os braços.

— Se puser essa porcaria na minha mochila, você carrega. Para mim, já deu... Não quero essa coisa perto de mim.

— Larga de ser mulherzinha, Vogel.

Piotrowicz tentou sorrir, mas isso pareceu provocar uma dor excruciante.

— Eu sou mulher — retrucou ela. — Você deveria saber, já que está tentando me levar pra cama há um tempão.

Willis saiu da van e tirou seu comunicador. Parecia descontente.

— Houve um problema com o equipamento que estavam transportando na mina... Tentaram levar muita coisa de uma vez — avisou ele. — O elevador precisa de reparos, e isso vai levar mais duas horas pelo menos, antes que possam mandá-lo descer para cá.

Isso causou uma onda de decepção no grupo, e vários estavam prestes a protestar quando a voz de Dwadji chegou pelo comunicador:

— Nenhum sinal de DiTillio, Rodriguez e Joyce ainda. Manning e o grupo dele vão subir mais. Vão ver a extensão dos tubos e tentar localizar a equipe

desaparecida.

— Conte a Manning sobre a van — pediu Cho. — Diga a ele que temos... mais sete conosco.

— Afirmativo.

Cho olhou para Willis.

— Não há nenhum elevador extra? — perguntou.

Perkins tinha certeza de que ele sabia a resposta, mas continuava alimentando falsas esperanças.

— Aqui embaixo, não. Só o construíram para descer alguns níveis, e ainda estavam trabalhando na retirada do entulho do outro lado da nave.

Piotrowicz veio do lugar onde estivera conversando com Silas. Não parecia feliz. Estava segurando o corpo ensacado da coisa aracnoide.

— Bom, se essa coisa for daqui, provavelmente tem mais de onde ela veio — comentou ele. — Mas o doutor Silas não sabe dizer quantas, nem onde. — Olhou para o tubo de silício e franziu o cenho.

— Mas de onde foi que esta aqui veio? — perguntou Cho, voltando-se para Silas. Sua expressão indicava que ele considerava o cientista pessoalmente responsável pelo que havia acontecido.

— A expedição... — começou Silas, encolhendo-se sob aquele olhar. — Tínhamos acabado de passar pela última barreira. As que deixamos para trás... — Ele se interrompeu. — Os que passaram pela barreira devem ter visto alguma coisa, mas a comunicação foi interrompida antes que pudessem relatar. — Olhou para a criatura. — Até onde sabemos, essa coisa pode até ser um animal de estimação que se tornou selvagem, ou o equivalente a um rato. Simplesmente não sabemos. Não esperávamos encontrar nada vivo.

— Por mais que só olhem para o próprio umbigo, às vezes os fuzileiros coloniais sabem das coisas — rosnou Cho. — Protocolos como quarentenas são úteis em momentos como este. — Silas pareceu querer se explicar, mas Cho o descartou com um aceno de mão. — Todos sabemos por que os fuzileiros não foram informados, doutor. Estamos aqui pelo mesmo motivo. Só não gosto de andar às cegas com não um, mas *dois* predadores diferentes atrás de mim. — Ele apontou para a criatura morta que Lutz havia arrastado até ali. — O que pode nos dizer sobre esta coisa?

— É rápida, é selvagem e sangra um ácido forte o bastante para derreter aço e furar pneus de borracha galvanizada. Esmaguei alguns deles contra as paredes ao vir para cá, e quando eles se feriam o sangue arruinava tudo o que tocava. — Silas espreitou a criatura sem fazer questão de esconder o medo, como se ela fosse se levantar a qualquer momento e retomar o ataque. — Também tem um

segundo conjunto de dentes dentro da boca, numa probóscide muito longa.

— Que nojo... Mesmo que você acerte um bom tiro, os filhos da puta podem te matar — disse Cho. — O que acha, senhor Willis? São essas criaturas que os seus contratantes querem que peguemos, ou tem mais alguma *outra* coisa por aí?

Ele olhou ao redor.

— Alguém viu Willis?

25

MARÉS NEGRAS

Esperaram que algo aparecesse, apontando as armas para cada uma das aberturas que levava ao ponto onde haviam parado para recuperar o fôlego. Decker mantinha os ouvidos atentos e procurava qualquer sensação que pudesse indicar a aproximação de alguma criatura.

Nada.

Só o que conseguiu com o esforço foi uma dor de cabeça insuportável.

Depois de pouco tempo, Manning escolheu a direção que seguiriam, para cima e rumo ao que ele esperava que fosse a nave em si. Os tubos ficavam mais largos à medida que avançavam, e com o espaço aberto seriam mais capazes de se defender sem disparar uns contra os outros num tiroteio caótico.

Decker foi na frente, com Manning. Às vezes, os túneis ficavam tão apertados que precisavam se agachar ou ficar de quatro e rastejar. A criatura havia sido recuperada do lugar onde a deixaram cair, e os pobres coitados no fim da fila tiveram que arrastá-la. A coisa não mostrava sinais de recuperação da descarga de alta voltagem anterior.

Talvez finalmente esteja morta, refletiu Decker. *Uma a menos, e vai saber quantas faltam.*

— O sangue dos insetos não deve atravessar as paredes destes túneis — comentou Manning. — Talvez seja do mesmo material que a couraça deles, ou algo bem parecido. Silício ainda parece uma aposta segura.

Ele parou por um momento, depois pegou uma ramificação no que Decker esperava ser a direção certa.

— Seja lá o que tem no sangue deles, não quero que espirre em mim, principalmente aqui dentro — continuou o mercenário. — Parece que esse negócio machucou feio o Piotrowicz. Então, se a gente esbarrar com mais algum deles, use munição não explosiva.

— Por quê? — perguntou Decker. — Quero dizer, por que não explosiva? O sangue vai espirrar de qualquer jeito, não importa o que a gente use.

— Os túneis são bem fortes — respondeu Manning. — Mas, se forem explodidos, podemos não sobreviver à queda.

Decker bateu na parede do túnel. Ouviu-se um baque surdo.

— Não. Acho que não — disse ele. — Estamos cercados de terra e rochas. Quando começamos, o túnel balançava um pouco a cada passo. Agora acho que dá para ficar pulando sem se preocupar com um desabamento.

— Bem pensado, gênio. — Manning olhou para baixo até encontrar os olhos de Decker. — Só precisamos nos preocupar com algumas toneladas de terra na nossa cabeça. Não tem o menor problema.

— Tem razão.

Decker precisava admitir que fazia sentido.

O ar estava denso, quente e abafado. Qualquer plano em que tivessem pensado antes não teria a menor chance contra vários corpos amontoados, todos respirando o mesmo ar e aquecendo o lugar com o calor do corpo. Decker não achava que chegariam a sufocar, mas isso não diminuía a sensação cada vez mais forte de claustrofobia.

Ele parou.

Não. Não era claustrofobia.

Apesar dos medicamentos percorrendo seu organismo, o pulso estava acelerando, ele começava a suar de novo, e se esforçou para recuperar o fôlego. Cada expiração parecia rasa demais, e cada inspiração era uma lufada áspera.

— Merda — disse ele. — Acho que estão perto de novo.

Fechou os olhos e se concentrou.

A coisa atrás dele estava começando a despertar mais uma vez; continuava viva e ainda irradiava a necessidade primitiva de *matar*. Mas dessa vez havia outras por perto.

Atrás dele, Adams xingou. Ela tentava fazer o sensor de movimento funcionar, mas, quando bateu nele, só obteve uma crepitação de ruído branco, e a tela pequena não mostrava nada além de estática.

Não era só Adams. Vários mercenários tentaram de novo e falharam.

— Onde?

Manning tentou não parecer muito irritado, mas com muito afinco.

— O máximo que posso dizer é que parecem estar em cima da gente.

Decker apontou para a frente, na direção em que seguiam.

Manning olhou para lá, onde o túnel seguia pela escuridão. Quase não havia luz, já que os corpos apertados não a deixavam passar. Levou a mão à lanterna que estava presa ao capacete e aumentou a intensidade do facho. Então voltou a avançar.

— Não estou vendo nada — anunciou —, mas vou continuar olhando, e você continua farejando, ou seja lá o que você faz.

Decker não se deu ao trabalho de responder. Logo atrás, Adams também aumentou a intensidade da lanterna, mas ele não sabia até que ponto isso ajudava. Os túneis eram pretos e lustrosos — mais lustrosos ali, já que a umidade era maior. Ele se perguntou se isso queria dizer que aquele túnel era mais novo. De todo modo, a umidade no ar se juntou à sensação arrepiante na pele.

— Está perto, Manning — sussurrou ele. — Perto pra caramba!

O ódio que estava sendo emanado era tão intenso que ele sentia uma queimação. E, de alguma forma, ele era o alvo da fúria.

Mas por quê?, perguntou a si mesmo. *Seria Ripley? O que ela poderia ter feito a eles?* Pelo que tinha visto das criaturas, era um milagre ela ter sobrevivido. É claro que, no fim, não tinha... Eles a *marcaram*? Até onde podia dizer pelos arquivos, ela nunca estivera naquele planeta.

A ideia parecia absurda.

Ainda estavam subindo e não poderiam ter voltado nem se quisessem. Então, talvez uns doze metros abaixo, Decker ouviu um homem gritar de surpresa numa área do túnel por onde ele já havia passado. O que o mercenário disse foi incoerente, mais um brado de susto do que qualquer outra coisa, e um instante depois o brado virou um grito... depois, um berro.

Adams o empurrou, escorregando o corpo junto ao dele ao se virar como pôde. Enfiou o cotovelo entre as pernas de Decker ao sacar uma das armas de fogo. Houve uma confusão de vozes e corpos enquanto o restante dos mercenários fazia o mesmo, lutando no espaço apertado.

Veio uma saraivada que atingiu seus sentidos com força explosiva, e um segundo depois começaram os gritos de dor, e então a maré de corpos, empurrando para abrir espaço, combinada com ondas de surpresa, em seguida de raiva. Porém, apesar da inundação emocional, Decker sentiu o ódio de novo.

Manning xingou e se virou, apoiando as pernas nas laterais do túnel ao olhar para baixo e tentar ver o que havia além de Decker e dos mercenários.

— Recuar! Recuar! — berrou ele, mas ninguém pareceu ouvir nem se importar.

Um sibilo extraterreno se misturou ao caos das vozes.

O monstro rasgou o primeiro mercenário, arranhando, mordendo e escalando o corpo do soldado apavorado ao avançar. O homem tentou revidar, e foi então que começaram os primeiros sons de explosão. Ele abriu fogo, mas só atingiu a parede. Projéteis acertaram a superfície e a racharam, mas, apesar do medo de

Manning, o túnel sobreviveu aos impactos.

O homem abria fogo ao mesmo tempo que morria. A silhueta rasgou seu peito ao rastejar por cima dele. Os gritos foram amplificados pelo espaço estreito, depois se transformaram num gorgolejo, seguido pelo silêncio.

A criatura estava tão obcecada pela presa — Decker — que ignorou alguns dos mercenários bloqueando seu caminho, jogando-os de lado sem o menor esforço. Ela se movia numa velocidade impossível, invisível na escuridão, até que só restaram três pessoas entre ele e a coisa que queria matá-lo. Olhando para baixo, Decker pôde ver além do emaranhado de membros — empurrando, lutando, tentando acertar uma bala na fera.

E foi aí que ele a viu, atingida por um fecho de luz.

ARANHAS-DE-ALÇAPÃO

Era maior que a anterior, ou talvez só parecesse maior por causa do ambiente. Qualquer que fosse o caso, a mulher mais próxima — Kelso, ele achava — abriu fogo. A arma trepidou e os braços tremeram com o coice dos disparos.

A coisa cheia de garras abaixo dela guinchou, sibilou e se despedaçou, com partes do corpo voando em todas as direções, deixando rastros da gosma espessa que fazia as vezes de sangue dentro do corpo quitinoso. A criatura estendeu a mão, que desapareceu sob o ataque da arma. Tentou recuar, mas não havia espaço para a fuga.

Ela gritou e morreu, e, atrás dela, lá embaixo, os berros dos mercenários aumentaram. O sangue da coisa chovia sobre eles, queimando tudo o que tocava — pele, armas, armadura. A carne gritava.

— Bom trabalho, Kelso — disse Adams, e soltou a respiração. Decker fez o mesmo, sem perceber que vinha prendendo o fôlego até então. — Criatura filha da puta! Quantos será que foram atingidos? — acrescentou ela.

Ao cair, o monstro revelou um buraco largo no topo do túnel, que antes não era visível. Estivera oculto nos redemoinhos complexos da substância negra e vítrea, possibilitando que a criatura os pegasse totalmente de surpresa. Ela não tinha vindo por trás, e sim do alto.

Quase antes de entender isso, ele viu o monstro seguinte rastejando para baixo, espiando-o. A face negra e lisa se virou, procurando o que queria, e Decker sentiu aquele olhar sem olhos cair sobre ele e ouviu o primeiro guincho intenso de ódio. A coisa se movia, rastejando pela parede, indo diretamente em sua direção.

Kelso deu um grito e começou a atirar. As pessoas atrás da criatura eram seus colegas, mas ela queria viver, e o demônio abaixo dela, vindo em sua direção, a mataria sem nem perceber. Só a presa importava.

Novos gritos se uniram aos brados de dor. A criatura abriu a boca e revelou um segundo conjunto de dentes que se fechou na panturrilha de Kelso, partindo

carne e osso, ao mesmo tempo que ela atirava no crânio descomunal. O alienígena teve uma morte violenta, mas o sangue que fluiu dele atingiu as paredes, as pessoas lá embaixo e a mulher que o matou.

Com a perna já destroçada, a mercenária uivou e tentou recuar ainda mais.

Lá em cima, Manning gritava para que os outros batessem em retirada, embora ele mesmo não se mexesse. Decker queria falar alguma coisa, queria exigir que lhe dissesse aonde deveria ir, mas parte dele entendia que as palavras eram dirigidas aos soldados lá embaixo, os que estavam encurralados na trilha de ácido que ia em sua direção.

Ainda queimando, ainda gritando, Kelso subiu mais enquanto a segunda silhueta negra caía sem vida túnel abaixo. Manning subiu também, abrindo espaço para que Decker, Adams e o mercenário atrás dela o acompanhassem. De fato, não havia escolha. Podiam ficar onde estavam e deixar que as pessoas lá embaixo morressem ou podiam tentar abrir um pouco mais de espaço e esperar que bastasse.

Não bastou. O buraco ainda estava ali, e, enquanto Decker escalava, um novo monstro emergiu da escuridão. Era rápido e selvagem, e entrou no túnel num passo firme, sem desacelerar.

Kelso tentou atirar de novo, mas a criatura chegou rápido demais, e seus membros quase viraram um borrão ao esfaquear a armadura dela e a carne que protegia. A mercenária gritou, mas dessa vez não atirou. O monstro passou por cima do corpo ensanguentado, deixando-o cair com os outros mortos sobre as pessoas lá embaixo.

Então havia só mais um homem entre Adams e Decker e a selvageria que vinha atrás dele. De repente, o mundo se acendeu, e o monstro caiu para trás, guinchando, com a cabeça destruída, derretida. Ao cair, sangrou, e o gargalo de corpos e os mercenários lutando para se manter firmes receberam outro banho de ácido. Plasma. Tinha que ser.

Os ataques pararam. Os mercenários lá embaixo abriram caminho entre os mortos, escalando os corpos dos colegas, na ânsia de evitar os fluidos cáusticos e o peso esmagador dos cadáveres. Gritaram e grunhiram no processo, alguns feridos, outros meramente em pânico e desesperados para fugir.

— Mas de onde é que eles saíram? — A voz de Manning se sobrepôs a todo o resto. O homem debaixo de Adams apontou para a abertura e falou ao aparelho comunicador. Decker não ouviu as palavras. Estava ocupado demais olhando para o buraco, esperando pelo que quer que viesse agora. Tentou sentir se havia mais daquelas criaturas do inferno por perto, mas não conseguia distinguir as informações sensoriais. Talvez as emoções estivessem intensas demais.

Ou isso ou não havia mais daquelas coisas nas redondezas.

Por enquanto.

Adams estava comprimida contra ele no túnel estreito, e o olhou nos olhos por um momento antes de tocar seu braço.

— Vem, vamos descer.

— O quê?

— Nico disse que aquele buraco no alto dá numa área maior. Ele subiu até lá para sair do caminho do último monstro. Agora está vazia. Nós vamos para lá.

Decker olhou para baixo. Nico devia estar logo atrás de Adams, e descia do buraco. Atrás dele, os mercenários ainda lutavam para atravessar o emaranhado de corpos e feridos.

— Que merda vamos fazer lá?

Adams encolheu os ombros.

— Reagrupar.

Ele olhou para o líder dos mercenários, que assentiu.

— Aqui em cima o túnel só fica mais estreito. Se nos atacarem de novo, estaremos mortos. — Ele apontou para a abertura no teto. — Anda! Vem, vamos logo com isso.

Decker seguiu as ordens. Às vezes, não há escolha. Ultimamente, a vida parecia ser feita de momentos como esse.



Cerca de cinco minutos depois, Manning mandou o grupo parar.

Estavam todos reunidos num espaço aberto cilíndrico, e, comparado ao lugar de onde tinham acabado de sair, era como um alojamento de luxo. Podiam ficar em pé e havia espaço para se mexerem. É claro que também havia espaço para outras coisas acontecerem, por isso vários membros da equipe foram vigiar as diversas entradas da câmara.

Sete deles foram feridos pelas garras da criatura ou pelo sangue que tinha espirrado sobre eles. Kelso não estava ferida — estava morta, assim como outras três pessoas cujos nomes Decker nunca soubera. Tiveram que abandonar os corpos, que estavam cobertos de ácido. Em algum lugar, provavelmente nas profundezas, a coisa que haviam capturado mais cedo estava sozinha outra vez, após ter sido largada no caos.

Ninguém se ofereceu para recuperá-la.

— Vocês têm ideia de como a gente está ferrado? — Um mercenário com “Brumby” escrito na identificação espiava o túnel do qual haviam saído. — Eles

são da mesma cor de tudo ao nosso redor. Têm o mesmo tipo de textura. É só eles decidirem se esconder que vamos ter sorte se conseguirmos ver algum. A gente está *muito* ferrado — repetia.

Manning olhou para Decker por um longo tempo, então falou:

— E é por isso que queremos manter o nosso bom amigo aqui são e salvo. Ele é nosso dispositivo de alerta antecipado. Pode não ser perfeito, mas sentiu a aproximação daquelas coisas nas duas vezes. — Estendeu um headset para Decker, que o pegou. — Quero que você use isso daqui por diante.

Decker olhou ao redor. Todos ainda usavam headsets.

De onde veio este?, questionou-se. Então entendeu. *Kelso*.

Brumby balançou a cabeça.

— E daqui, vamos para onde?

— Mais cedo ou mais tarde vamos chegar à nave ou às minas — respondeu Manning. — Provavelmente mais cedo, se eu tiver calculado a distância direito. Quando chegarmos, vamos dar o fora desses túneis. — Olhou para todos os feridos enquanto falava, avaliando os ferimentos. Para Decker, parecia que a maior parte deles conseguia pelo menos andar. — Voltamos para a caverna, reunimos o restante da equipe e damos o fora daqui.

— E os aliens? — A boca de Decker se abriu antes que ele pensasse no que diria.

— O que é que tem?

— A ideia era pegar uns espécimes. — Pronto. Tinha falado. — É para isso que estamos aqui.

Manning o olhou com firmeza, e por um longo tempo, sem dizer uma palavra. Adams falou no lugar dele.

— Tenho certeza de que a gente vai ter outras chances de fazer isso, Decker. Não precisa se preocupar.

Mas eu me preocupo, pensou ele. *Me preocupo mesmo. Sem eles, não posso ir para casa, não se ainda quiser ter um lar para onde ir*. E, no fim das contas, era verdade. Se quisesse sua família a salvo, precisava de um alienígena.

Quando obtivessem um, a Weyland-Yutani que se preocupasse com um modo de levá-lo inteiro para casa. Passar pela quarentena e pela Marinha Colonial. Subornar todo mundo que precisasse de suborno. Como fariam isso...

Ele não dava a mínima.

Finalmente, Manning se pronunciou.

— Todos sabemos por que estamos aqui, senhor Decker — disse ele, cuspiendo o nome como se tivesse um gosto amargo. — Ninguém nesta missão ganha por hora. Todos sabemos o que está em jogo.

Decker o olhou com firmeza, assentiu e se calou. Por um tempo, houve relativa paz enquanto os mercenários cuidavam dos feridos e planejavam a melhor rota possível.

27 NEGOCIAÇÕES

Willis não foi longe. Só precisava de um pouco de privacidade.

O grupo ao redor da base era um tanto grande demais. Depois de se afastar deles, ativou o comunicador que havia recebido quando a *Kiangya* entrou em órbita.

Isso era muito maior que qualquer um poderia ter esperado. Não muito longe havia uma cidade inteira repleta de relíquias que devia valer uma fortuna maior que qualquer um poderia imaginar. E ainda havia os seres alienígenas, vivos. Não importa o que fossem, alteravam *todo* o plano. O governo colonial condenava qualquer tipo de primeiro contato com alienígenas que não envolvesse sua participação. A Weyland-Yutani sabia disso, é claro. E as pessoas na superfície de Nova Galveston também. Isso representava um problema sério.

Ele precisava cuidar para que tudo fosse feito sob sigilo. Mas era difícil tentar tomar providências estando preso embaixo da superfície, esperando o elevador.

Uma chamada em especial bastaria para ele resolver isso.

Talvez.

Rollins atendeu quase de imediato.

Ele olhou ao redor para verificar se alguém poderia ouvi-lo. Na verdade, ninguém parecia se importar com ele, pois todos estavam, e com razão, interessados nas criaturas que examinavam.

Ainda assim, ele foi para o outro lado da van e se virou na direção da escavação.

— Está me ouvindo?

— É claro que estou, senhor Willis. — A voz de Rollins estava calma, e tinha um tom autoritário que Willis achava muito sensual. Mulheres fortes sempre o atraíram.

— Encontramos duas formas de vida diferentes aqui embaixo. Também temos um achado arqueológico muito maior do que havíamos pensado de início.

Silêncio.

— Quão maior? — perguntou ela.

— Talvez uma cidade inteira. Mais que um povoado. Uma cidade antiga e extraterrestre. O doutor Silas acredita que a nave que encontramos talvez estivesse decolando quando caiu.

— Continue.

— Precisamos renegociar, senhora Rollins. — Nisso ele deveria ser firme. Tinha planos, e esses planos incluíam alcançar posições muito mais altas na cadeia de comando.

Houve mais um longo silêncio, longo o bastante para fazê-lo imaginar se teria passado dos limites.

— Receio que vá precisar de mais informações do que o senhor nos forneceu até agora — declarou ela. Para alívio de Willis, não parecia incomodada. — O senhor só me contou que há uma cidade. Tem mais detalhes?

— Ela está sendo mapeada agora mesmo — mentiu ele. — Logo poderei enviar informes completos.

— Senhor Willis, eu já tenho acesso aos informes.

— Tem?

— O senhor não é o único que está me auxiliando. Já tenho esses documentos. Ele olhou na direção do grupo.

Quem poderia...?

— Dito isso, o senhor ainda pode ser valioso para este projeto. Vamos precisar de dados concretos para confirmar as informações que foram transmitidas. E há certos... preparativos que precisarão ser feitos na superfície. Se o senhor se encarregar desses preparativos, acredito que poderemos discutir uma mudança em nosso acordo de negócios.

— Entendido — respondeu ele, e sorriu.

Voltou a olhar para os mercenários, para a expedição e suas criaturas mortas. Não importava o que Rollins solicitasse, ele providenciaria. Sempre havia um jeito.

Tinha aprendido isso muito tempo atrás.

Estavam despertos agora. Despertos de verdade, não apenas se mexendo durante os sonhos. Na escuridão, desenrolaram-se, deixando os lugares onde haviam descansado e mergulhado num sono profundo.

Para alguns deles, o sono profundo durou tempo demais. Haviam adormecido, definhado e chegado à verdadeira morte, quando suas carapaças rachavam, o sangue vital borbulhava e se esvaía. Para outros, o sono foi algo doloroso, e acordar era uma agonia que nunca conceberam.

Mas eles a suportaram.

Vicejaram. Fizeram o que era necessário para o enxame.

Através dos seus túneis escuros, ouviram os sons da presa. Alimento, sim, mas também hospedeiros, o que era mais importante. Ainda havia comida nos lugares mais antigos, os restos desidratados das criaturas que morreram muito tempo antes. Não era muito, no entanto, enquanto passassem a maior parte do tempo dormindo, bastaria.

Entretanto, os mortos não podiam hospedar os jovens. Só com vida se podia fazer vida.

E agora, finalmente, a vida havia retornado. Carne fresca, fraca e lamuriosa que renasceria no enxame.

Os ovos eclodiram, os procriadores fizeram seu trabalho, e agora os hospedeiros gemiam e emitiam seus sons suaves enquanto se preparavam para parir novos filhos. E por toda parte os adultos esperavam.

Nem todos os adultos.

Alguns foram enviados para localizar o destruidor. Avançaram e sibilaram e sua voz ressoava na escuridão. A simples ideia do destruidor bastava para lançar ondas de raiva sobre eles. Tantos se perderam, e nem mesmo o longo sono pôde aliviar a dor. A maior parte das rainhas havia sido destruída. Rainhas! Massacradas! Tantas vidas foram tomadas, incluindo a das sagradas rainhas.

A maior parte delas.

Não todas.

A vida prevaleceu.

E, enquanto a vida prevalecesse, eles caçariam o destruidor e manteriam a rainha a salvo.



Um dos hospedeiros soltou um gemido frágil e se sacudiu no interior das teias de nascimento.

Um momento depois, o sangue vital fluiu, e o rosto de um recém-nascido veio ao mundo.

Aproximaram-se para protegê-lo. Os jovens eram tão vulneráveis.

E a rainha, em sua câmara, emitiu um som de aprovação.

E tudo estava certo no mundo.

Ou estaria, depois que lidassem com o destruidor.

Em breve.

Em breve.

Eram pacientes. Precisavam ser.

A vida prevalece.

29

RESPEITO

Dwadji e Cho estavam fazendo um intervalo e comendo, por isso Perkins se reacomodou na base e ouviu as ordens de Manning. O chefe estava irritado, mas se continha.

Ele estava tentando encontrar uma forma de voltar às minas, e ela fazia o possível para ajudar, mas não havia muito que pudesse fazer. Os malditos informes estavam uma bagunça. O grupo dele se encontrava lá fora, mas ela não conseguia captar os sinais vitais nem obter a localização da equipe. O melhor a fazer era atualizá-lo sobre que estava acontecendo na base.

E, depois de passar quase três horas fazendo isso, Cho veio rendê-la.

Quando ela se sentou para comer, a tensão era palpável. Lutz e Vogel vigiavam a área enquanto os outros descansavam um pouco. Ninguém dormia, mas todos tentavam descansar — principalmente Piotrowicz, cujo rosto queimado doía um bocado. Ele decidiu não tomar nenhum remédio. Amortecer os sentidos raramente ajudava numa crise.

O doutor Silas encarava os restos alienígenas com a preocupação estampada no rosto. Perkins estava prestes a perguntar no que o cientista estava pensando quando ele falou.

— Alguém já recolheu... o corpo de Colleen? — perguntou ele, controlando-se muito bem, o que era surpreendente. Alguns mercenários se entreolharam.

— Receio que não, doutor — respondeu Vogel.

— Entendo. — Silas assentiu, virou-se e seguiu em silêncio para o veículo destruído. Perkins pegou uma matadora e o seguiu.

A van estava arruinada. Dois pneus murchos, outro completamente esvaado. O ácido dos insetos fez vários buracos no veículo, grandes demais para serem reparados. Agora, a van só servia para fornecer peças de reposição, e não muitas.

Silas entrou na van antes da mercenária e pareceu surpreso ao vê-la juntar-se a ele. Olhou para Perkins por um momento, depois conseguiu abrir um sorriso sem

ânimo e pesaroso.

— Colleen era uma boa pessoa — comentou ele. — Só quero demonstrar um pouco de respeito a ela.

Perkins assentiu.

— Deixe comigo, ok? — disse ela, e passou na frente dele. — Deixe comigo, e quando eu terminar você pode me ajudar a levá-la para outro lugar.

Silas fez que sim e seu rosto foi tomado pela tristeza. Ele lutou contra os sentimentos, tentando não demonstrar, mas para Perkins estava óbvio que a mulher morta era mais que uma simples colega.

Já havia passado por isso algumas vezes ao longo dos anos. Walker tinha sido sua “amizade colorida” antes de morrer, e D’Angelo havia sido muito mais antes de decidir que simplesmente não podia mais levar esse estilo de vida. Às vezes, tarde da noite, quando estava tentando dormir, ela ainda o odiava um pouco por isso. Entendia o motivo, mas o odiava mesmo assim.

Havia suprimentos no veículo, e entre eles Perkins encontrou um lençol de tecido grande o bastante para envolver o cadáver. Estava prestes a fazê-lo quando Silas falou, sobressaltando-a.

— Espere um momento — pediu ele, aproximando-se e espiando a ferida no peito de Colleen. Estendeu as mãos, hesitou por um momento, então virou o corpo dela e olhou para as costas, franzindo a testa.

— O que foi? — perguntou Perkins.

Ele fez uma cara ainda mais séria, a tristeza substituída pela curiosidade... e algo mais. Havia algo mais na expressão dele.

— Não foi acidente — declarou ele. — Achamos que só podia ser, mas não foi. O que... O que aconteceu com Colleen não foi nenhum disparo de arma.

— Como sabe?

Ele apontou com a mão trêmula.

— Olhe com atenção. Este é um ferimento de saída, mas não há ferimento de entrada. — As rugas na testa se acentuaram. — O que quer que a tenha matado, foi de dentro para fora do corpo.

Ele se aproximou mais do corpo da mulher morta e, com gentileza e extremo cuidado, seus dedos examinaram a boca e o pescoço. Quando tentou mover o rosto, encontrou resistência. O cadáver já estava rígido.

Nigel Silas chorou em silêncio enquanto continuava a examinar o corpo. Perkins permaneceu ao seu lado e mordeu a língua. Era uma mercenária e ia para a guerra por dinheiro. Recusava-se o luxo de chorar por uma mulher que nunca tinha visto ou sentir pena de um homem que não conhecia. Não importava o quanto quisesse.

Ele se afastou e deixou que ela terminasse o trabalho de embalar o corpo de Colleen, depois a ajudou a tirá-lo da van. Com a gravidade mais baixa de Nova Galveston, era provável que Perkins tivesse conseguido carregar sozinha, mesmo que fosse um tanto pesado. Mas aquela não era hora de provar que podia fazer aquilo sozinha. E sim de deixar o coitado se despedir e conceder a Colleen alguma dignidade, mesmo na morte.

Depois que a deitaram perto dos corpos dos alienígenas, Nigel agradeceu e segurou a mão de Perkins. Ele tinha mãos macias. As dela eram calejadas. Viviam em mundos diferentes.

Ele voltou à van, pegou um estojo e abriu, revelando alguns instrumentos. Então se aproximou da coisa aracnoide. Nos quinze minutos seguintes, mais ou menos, Nigel, o homem, deu lugar ao doutor Silas, o cientista, e começou a montar um quebra-cabeça.

Após examinar a criatura morta, ele voltou mais uma vez ao veículo. Depois de alguns minutos, saiu carregando uma longa faixa de couro translúcido. Era pequena e úmida, e tinha diversas características em comum com o alienígena totalmente adulto, o bastante para indicar uma clara ligação.

Silas a examinou com cuidado e a deixou ao lado da coisa aracnoide, ainda sem dizer uma palavra.

Perkins quase perguntou no que ele estava pensando, mas decidiu não falar nada. Provavelmente estava além da sua compreensão, de todo modo.

De que adiantaria?

30 FERIDAS

A exaustão começou a cobrar o preço.

Percorreram o caminho que Manning acreditou ser o mais provável para chegar às minas, e fizeram um bom progresso. Mas caminhavam havia horas, sem parar, na maior parte do tempo ladeira acima, e precisavam descansar.

Encontraram uma câmara grande o bastante para que pudessem se defender caso fossem atacados. Puseram lanternas ao redor da área, iluminando-a da melhor forma possível, e cochilaram em turnos. A maioria deles, pelo menos. Decker tentou dormir, mas, toda vez que pegava no sono, os pesadelos voltavam mais vívidos que nunca.

Por fim, adormeceu, e no sonho ele e Adams estavam envolvidos num abraço apaixonado. Quando ele tentou beijá-la, aranhas jorraram da boca, do nariz e dos ouvidos dela. Aglomeraram-se sobre o rosto dele, picando-o por toda parte.

Acordou num sobressalto, batendo instintivamente nas criaturas que não estavam lá. Virando-se de lado, tentou cochilar de novo, mas foi em vão. Simplesmente estava...

Eles estão chegando.

Decker se levantou às pressas, arfando alto, e esquadrinhou a área onde o grupo havia parado. Pelo menos metade dos mercenários se mexeu, e vários deles pegaram as armas.

Alerta na mesma hora, Manning olhou para ele.

— Onde?

Decker parou, depois apontou. Não havia sinal de um túnel naquela direção, mas eles acordaram os poucos mercenários que ainda dormiam e vasculharam a área que ele havia indicado, as armas em punho. Dave Calado apertou um botão naquela espécie de canhão que tirou das costas e a coisa soltou um zumbido longo, quase inaudível, ao se aquecer.

— Não adianta nada a gente não cobrir a retaguarda — disse Manning. — Izzo, Simonson e Foster, vigiem os túneis e tratem de não deixar nada sair deles.

Enquanto o trio obedecia, o restante apontava as armas para o ponto indicado por Decker. Por mais preparados que estivessem, vários mercenários se retesaram ao ver a superfície se abrir. O que havia sido uma parede sólida girou numa dobradiça invisível, e a primeira das coisas saiu a toda velocidade, olhando ao redor enquanto avançava.

Contudo, a criatura não esperava que eles estivessem preparados, e foi recebida imediatamente pela ponta da arma de choque de Bridges. Ela convulsionou quando os pinos a tocaram e soltou um guincho doloroso aos ouvidos. Mas depois caiu, metade dentro do túnel, metade fora.

Outra a seguiu, passando por cima do corpo da primeira com a mesma agilidade, indo diretamente para Decker. Sibilou para ele ao avançar, com um líquido transparente escorrendo da boca, e ele, por reflexo, recuou. Paralisado pelo ódio dos monstros e pelas emoções dos humanos, não conseguiu forçar os braços a erguerem a arma. Os sons que as criaturas emitiam ecoavam em sua mente com uma familiaridade aguda. Nos sonhos, sabia que esses ruídos eram palavras, e naquele momento essas palavras eram dirigidas a ele, lançadas como maldições.

Muller estava mais próximo e ergueu a matadora. Os primeiros dois tiros não acertaram, mas os três seguintes atingiram o alvo, abrindo buracos imensos no exoesqueleto da criatura. O mercenário pulou para trás para evitar o sangue ácido, sussurrando palavrões.

A barragem se rompeu. Monstros jorraram pela sala em frenesi. Garras e caudas como chicotes e quitina negra e dentes, tantos, tantos dentes. Decker esvaziou o carregador da pistola e recuou, tentando recarregar, mas incapaz de encontrar o pente extra.

— Merdamerdamerdamerdamerda! — murmurava ele, como se fosse ajudar.

Manning berrou ordens, e os mercenários começaram a atirar. Preparados dessa vez, foram sistemáticos no massacre, cuidadosamente atirando e dizimando as criaturas enquanto elas se derramavam para dentro da sala. Decker encontrou o carregador, encaixou-o no lugar e entrou na zona.

Um dos mercenários gritou.

Decker girou e viu a silhueta negra de outro monstro, que só podia ter vindo de outra direção. Mordeu o braço do homem, e numa questão de segundos o mercenário caiu no chão e a criatura avançava com um salto, rumo ao próximo da fila.

Outras vieram.

As lanternas não duraram muito no combate. Ou foram jogadas de lado ou aqueles monstros eram inteligentes o bastante para tê-las como alvo, e a câmara

logo afundou na escuridão, pontuada apenas pelos fachos agitados das lanternas de uns poucos mercenários.

Manning gritava comandos, e os membros da equipe faziam o melhor que podiam para ouvir, mas não houve chance de se reagruparem. As criaturas eram implacáveis quando cercavam a presa. Decker atirou em mais uma, derrubando-a, e agarrou o braço de Adams para puxá-la. Ela se encolheu e se virou para ele na semiescuridão.

— Por aqui! — gritou ele, e ela pareceu ouvir. — Vem!

Decker puxou-a, mas a princípio Adams hesitou. Depois seguiu com ele, gritando pelo comunicador para que Manning e os outros os seguissem.

Então fizeram uma retirada estratégica. Não havia escolha. Pelo menos, não para Decker. A inundação de emoções de toda parte ameaçava soterrá-lo, e muito em breve ele seria incapaz de se defender. Os dois encontraram o túnel mais distante do bando e correram para lá.

Ele ouviu o som dos passos velozes de vários mercenários atrás deles, mas não parou para olhar. Tiveram que se abaixar, pois o caminho ficou estreito, e Decker ficou receoso de que fossem forçados a voltar, porém o túnel se alargou o suficiente para ficarem de pé.

Manning estava perto, xingando sem parar. E Decker sabia o motivo — ao mesmo tempo, sabia que não havia restado escolha.

No entanto, fizeram o impensável: deixaram os outros para trás.

O Destruidor tinha escapado. Mas havia hospedeiros, e ainda estavam vivos.

Mãos com três dedos e mãos com seis dedos agarraram os corpos e os arrastaram para a câmara de nascimento. Para o bando, a forma não importava. Os hospedeiros do passado eram diferentes daqueles com os quais lidavam no presente, mas a prole era toda a glória do enxame e da rainha. Quando um dos hospedeiros tentava lutar, era subjugado. Tinham armas, mas não enxergavam bem na escuridão.

Era bom saber disso. Era melhor entender o ponto fraco da presa.

Em breve, haveria tempo para encontrar e matar o destruidor. Não esqueceram os pecados do passado. Jamais esqueceriam. Não haveria misericórdia.

O ódio ardia neles, acompanhado pela adoração que sentiam pelos procriadores e por sua veneração à mãe. Era para a glória da mãe que arrastaram as últimas presas, deixando-as diante dos ovos.

Os ovos eclodiram, e os procriadores se aproximaram. Os hospedeiros gritaram de pavor e os procriadores se juntaram a eles e lhes ofereceram a semente da mãe, transformadora da vida. E então os procriadores morreram, como sempre fazem, para que os hospedeiros possam renascer na glória da mãe.

32

PANDEMÔNIO

— Precisamos voltar às ruínas da cidade — disse Silas. — Acho que temos um problema maior do que imaginávamos.

— Como assim? — perguntou Cho.

— Acho que eles não estão mortos. Os seus homens e os meus colegas. Pelo menos ainda não. — Apontou para os corpos. — Acho que foram tomados da mesma forma que a pobre Colleen.

Cho ficou apenas olhando.

— Não quero ser insensível, doutor, mas *aquela* não é a Colleen? — Apontou para o corpo que Perkins havia ajudado a tirar da van. — Como é que ela pode *não* estar morta?

Silas olhou para a forma amortalhada e piscou algumas vezes, rapidamente, para combater as lágrimas. Conseguiu se conter.

— Sim, é ela — respondeu. — Mas quero dizer que eles podem ter sido usados do mesmo modo que ela foi. — O homem engoliu em seco por alguns segundos enquanto reunia as palavras que tentava dizer. — Acho que puseram alguma coisa dentro dela para incubar. Essa coisa irrompeu dela quando completou o processo e estava pronto para emergir.

Cho olhou para lá por bastante tempo, obstinado, depois murmurou algo que Perkins não ouviu. Quando voltou a falar, a voz saiu mais clara.

— Do jeito que você fala, parece que estamos lidando com um bando de insetos — disse ele. Parou por um momento, como se um pensamento lhe ocorresse, depois o descartou. — Não tenho tempo para essa merda. Preciso ver o que está acontecendo com o elevador. — Ele voltou à base.

Perkins o fitou por um instante. Entendia o que ele estava pensando. Naquele momento, todo o conhecimento científico do mundo significava menos que a vida dos desaparecidos.

Vogel deu de ombros.

— Você precisa voltar para a escavação? Ou só até parte do caminho?

— Parte do caminho bastaria, acho — respondeu o doutor Silas. — A nave. Ela parece causar a interferência. Se eu puder passar desse ponto, pode ser que eu consiga acessar as leituras das sondas. Se elas ainda estiverem operando, já devem ter mapeado o suficiente para nos mostrar com o que estamos lidando.

O cientista pareceu distraído, olhando para alguma coisa ao longe. Pelo que Perkins podia ver, ele costumava fazer isso sempre.

— Então, vamos lá. — Vogel se levantou e foi até a plataforma.

— Precisamos de equipamentos. — Silas se ergueu, voltando-se para a van.

— Vou pegar seu sistema de radar, ligá-lo aos nossos monitores e colocá-lo na plataforma. — Perkins suspirou. — Me deixe ler a frequência do seu controle remoto. Talvez possamos fazer algo dar certo.

Ela voltou à van e sentiu um arrepio que tentou ignorar. Não acreditava em fantasmas. Acreditava, contudo, em dar o fora o mais rápido possível. Verificou o painel inferior do sistema de radar das sondas para ver se a frequência estava escrita ali. Não estava.

Claro que não, pensou, ainda ignorando a sensação arrepiante que subia e descia pela espinha. *Por que facilitar?*

Depois de cerca de cinco minutos, Perkins saiu da van trazendo todo o sistema de radar. Pesava demais para ela, mas conseguiu carregá-lo. Enquanto uma Vogel extremamente impaciente aguardava, Perkins prendeu o sistema no painel do caminhão e o ligou a uma fonte de energia. Enquanto Perkins fazia isso, Vogel se aproximou de Cho.

— Vamos levar o professor para o outro lado da nave — informou ela — para ver se conseguimos captar um sinal das sondas. Não deve demorar.

— Nem ferrando — retrucou ele. — A última coisa de que precisamos é...

— Não! — interveio Willis. — É *exatamente* disso que precisamos, e eu vou com vocês. Essa informação pode ser inestimável. — Ele hesitou e acrescentou: — As recompensas que podemos ter talvez sejam maiores do que conseguiria imaginar, senhor Cho.

O técnico pensou nisso por um momento, parecendo não confiar no que Willis dizia. Então deu de ombros e dispensou Vogel com um aceno.

— Vai lá. E volta aqui o mais rápido possível.



Ocuparam o caminhão, ligaram-no e seguiram rumo à traseira da espaçonave. Perkins ia ao volante. Willis olhava ao redor como se pudesse haver mais daqueles monstros negros esperando a cada esquina.

Na verdade, poderia.

Na plataforma, Silas observava o radar, e Vogel mantinha as armas à mão.

Precisamos fazer isso rápido e sem complicação, pensou Perkins. Ir só até onde precisarmos para captar um sinal. Não gostava da ideia de se aproximar do lugar onde Piotrowicz tinha tomado um banho de ácido. *Fazer o upload dos dados e dar o fora.*

Levaram cerca de dez minutos para chegar ao outro lado da nave destruída. Quando pararam, Vogel estava suando. Não podia culpá-la. Tinha lutado com os monstros. Perkins nem tinha chegado a ver aquelas coisas vivas e já se borrava de medo. Virou o caminhão, pronta para uma fuga rápida.



— Podemos ir agora. — Silas rompeu o silêncio.

— O quê? — A mão de Perkins voou para a arma antes que percebesse o que ele disse.

— Podemos ir. Já temos o que viemos buscar.

Quando ouviu isso, Willis ficou surpreso, chocado.

Ela ligou o motor, e eles avançaram. Silas observou a tela enquanto o veículo sacudia, e Willis espiava por cima do ombro dele, parecendo a ponto de gritar. Quando pararam perto da base, o cientista deixou o aparelho de lado e saltou do caminhão, afastando-se sem dizer uma palavra.

— Não precisa agradecer, não — resmungou Vogel para o cientista. — Ficamos felizes em ajudar.

Willis pegou o aparelho e o observou, com o rosto se enchendo de entusiasmo. Perkins inclinou a cabeça, tentando ver.

— Não está completo, mas as sondas passaram esse tempo todo operando — disse ele.

Havia uma imagem que parecia o interior da espaçonave. Ele ativou um comando, e uma caverna surgiu na tela. Havia ruínas, estruturas de todas as formas e tamanhos, que se estendiam ao longe, até onde a imagem conseguia mostrar.

— Uma cidade alienígena — anunciou ele. — Isso manterá o pessoal de pesquisa e desenvolvimento ocupado por décadas.

— Já houve um achado desse porte antes? — perguntou ela.

Willis a encarou e balançou a cabeça.

— Não sei de nenhum — respondeu. — E não devemos nos precipitar. Pode ser que não haja nada lá embaixo. — Parou e olhou fixamente para a tela. —

Mas não acho que seja o caso. Deve ter muita coisa lá embaixo. Muita coisa. — Ele pareceu distraído, e ela suspeitou que Willis já estivesse planejando como gastar sua parte do lucro.

Perkins não conteve um sorriso.

Deixou Willis com seu monitor e desceu do caminhão. Ao se aproximar de novo do grupo principal, percebeu que havia um tumulto. Cho lhe lançou um olhar exasperado, mas também suplicante.

Silas estava no centro do grupo com duas pessoas da sua equipe, um homem corpulento chamado Fowler e uma mulher que apontava agressivamente o dedo para o peito de Cho. Perkins apertou o passo, esperando ajudar a mulher a evitar que seu dedo fosse quebrado.

— O que está acontecendo aqui? — quis saber ela.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Cho berrou mais alto que o restante, e por um momento todos ficaram em silêncio.

— O doutor Silas acha que deveríamos explodir todo este nível — explicou o líder dos técnicos. — Tipo, agora mesmo.

— O quê? — Perkins olhou para o cientista, que a encarou com olhos cheios de água, o lábio inferior saliente.

— Não é b-bem assim — gaguejou ele. — Seu homem, Decker, foi ele quem fez a pergunta. Willis me contou. Ele disse que n-não sabia. Decidi que precisava ser respondida.

— Que pergunta?

— O que aconteceu com todos os alienígenas?

— O quê?

— O que aconteceu com todos eles? Não estou falando daquelas coisas. — Gesticulou com a mão indicando o conjunto de coisas mortas, depois acenou com o outro braço na direção da nave destruída e da escavação além dela. — Estou falando *deles*. Dos que viveram aqui há muitas eras. A raça que construiu a cidade e esta nave. O que aconteceu com todos eles?

O cientista inspirou.

— Creio que eu saiba a resposta. O que aconteceu com eles foram aquelas *coisas*. — Apontou para os alienígenas mortos.

— Mas pensei que os construtores da cidade tinham morrido muito tempo atrás. — Perkins balançou a cabeça. A aflição do homem era contagiosa. Ela considerou pedir a Piotrowicz que viesse dar alguma coisinha para acalmá-lo.

Porém Silas sorriu e assentiu.

— Sim! — confirmou ele. — Exatamente. E esses outros, os do sangue ácido, deveriam ter morrido também. Mesmo que tenham sido responsáveis pelo que

aconteceu na cidade. Mas não morreram!

Cho se mexeu, desconfortável.

— O que está tentando dizer, doutor? — perguntou ele. — O que quer que sejam essas coisas nojentas, estão longe de estar mortas, e temos ordens de levar uma delas.

— Mas estamos lidando com uma espécie alienígena! — respondeu Silas, e foi sua vez de ficar exasperado. — Não sabemos que tipo de ciclo vital ela segue. Mas, se estão aqui desde que a nave caiu, isso já deve ter séculos. E estão prontos para fazer conosco o que fizeram com uma cidade *inteira*.

Depois disso, todos se calaram. Finalmente, Cho se levantou e abanou a mão, impaciente.

— Você cuida disso, Perkins — ordenou ele. — Tenho que ver como Manning está. — Afastou-se rumo à base.

Bunda-mole, pensou Perkins, mas não disse nada.

— O que quer dizer, doutor? — perguntou ela. — O que o faz pensar que essas são as mesmas criaturas?

— Não deveria ter *nada* vivo aqui embaixo. — Ele abriu os braços para abranger tudo ao redor deles. — Esta área ficou isolada por um longo tempo. *Séculos*. E ninguém sabia dessa cidade. *Ninguém*. Até onde sabemos, pode estar abandonada há mais de mil anos.

“Não há fonte de água aqui embaixo, a umidade é de menos de dez por cento, não tem ar limpo. Não deveria existir nada aqui maior que um micróbio. Mas quando entramos na nave encontramos corpos, tão antigos que estavam quase irreconhecíveis. E todos tinham uma coisa em comum: um buraco no peito. Pareceu tão absurdo. Eu precisava confirmar, precisava ver os dados armazenados nas sondas. Rezei para estar errado, mas estava tudo lá.”

— Mas não é possível uma coisa viver tanto tempo, é? — questionou Perkins.

— Não importa o que achamos possível, alguma coisa saiu do corpo dela. Do mesmo modo que alguma coisa saiu daqueles cadáveres antigos na nave. — Havia um medo genuíno na voz dele enquanto apontava para a coisa aracnoide. — Ela bota um ovo num hospedeiro. O hospedeiro possibilita que o ovo se desenvolva até eclodir. A coisa que sai dele cresce até se tornar uma daquelas criaturas.

A mulher que havia apontado o dedo falou, mas Perkins não conseguiu entender nada do que ela dizia. A mercenária nunca tinha ouvido a língua que ela falava.

— Para destruir uma cidade inteira, deve ter centenas deles. — Silas virou-se de olhos arregalados para Perkins e praticamente implorou que ela entendesse.

— Se foi isso que aconteceu, e acredito que tenha sido, o que houve com os outros alienígenas?

Perkins ia responder, mas foi interrompida por um grito.

33

SURPRESAS

Piotrowicz se encolheu quando Lutz tirou as bandagens do seu rosto. O gesto arrancou pele e expôs os nervos, e ele quis gritar. Estavam longe da vista dos outros, a alguma distância. Petey não queria mesmo compartilhar aquela experiência em especial.

Lutz olhou para a ferida com um distanciamento clínico. Era bom nisso.

— Ruim? — perguntou Piotrowicz.

— Bom, você ainda vai ficar com a maior parte da sua cara. Mas pode pensar numa cirurgia plástica quando a gente terminar aqui.

— E as queimaduras? São muito ruins?

— Não. É só o seu rosto: ele é nojento. — Lutz sorriu. — A maior parte é queimadura de segundo grau. Tem umas bolhas e está um pouco em carne viva, mas acho que nessa você deu sorte.

Espalhou um antisséptico no rosto de Piotrowicz, eliminando qualquer chance de infecção bacteriana. A dor foi infernal. Em seguida cobriu a carne queimada com uma pomada espessa e foi pegar bandagens novas.

Enquanto procurava os curativos esterilizados, sentiu uma dor súbita na mão, como se tivesse sido picado.

Mas que merda é essa? Recuou num sobressalto e olhou para o ponto da mão onde sentiu a dor. Viu um tipo de inseto grande, de casca preta, que surgiu do nada, sem Lutz perceber, e simplesmente atacou.

Os dentes prateados cortaram a maior parte da mão e do pulso numa mordida brutal. Lutz deu um gemido extremamente baixo. Olhou para o membro mutilado e soltou um grito agudo.



Piotrowicz viu tudo acontecer, mas foi rápido demais, e ele havia baixado a guarda. Com tantas pessoas ali, nunca teria imaginado que algo pudesse pegá-los

desprevenidos.

O inseto era menor do que aqueles que ele havia combatido e matado, e parecia ser mais jovem em sua opinião. Isso não o tornava menos perigoso. O filho da puta atacou Lutz no peito com aquela cauda medonha, fazendo o mercenário cair para trás, e um chiado baixo saiu da ferida enquanto um dos pulmões dele se esfacelava.

Ouviu vozes por perto, alertadas pelo grito de Lutz, mas ainda não conseguiam vê-lo — não sabiam ao certo de onde tinha vindo o som.

Piotrowicz estendeu a mão para o rifle, mas não encontrou nada. Mesmo assim não havia a menor chance de tirar os olhos daquela coisa. De jeito nenhum. Ela pulou e ele continuou tateando, esticando-se em busca do que deveria estar bem ali, *merda*, e a coisa negra e lustrosa cada vez mais perto, sibilando e babando ao investir contra ele.

Deu um chute na cara do desgraçado com toda a força. O inseto caiu para trás. Piotrowicz enfim se arriscou a olhar, e o rifle não estava em lugar nenhum. Sentiu a certeza gélida de que era um homem morto.

A coisa avançou de novo, agachando-se rente ao chão enquanto o espreitava. Filhote ou não, aprendia rápido. A cauda se agitava para a frente e para trás, às vezes erguendo-se acima do corpo, e Piotrowicz se viu vigiando aquele ferrão letal.

— Preciso de ajuda aqui! — gritou, esperando que alguém estivesse perto o bastante para vir socorrê-lo.

A voz de Dwadji chegou pelo comunicador.

— O que está acontecendo, Petey? Onde diabo você está?

— Tem um inseto aqui e está faminto!

A voz de Vogel veio da esquerda, ao longe.

— Estou indo — gritou ela. — Não se mexa.

— Não diz isso pra mim! Diz pra esse desgraçado!

O alienígena se apoiou nos quatro membros e avançou, sibilando e andando em zigue-zague. A maldita cauda golpeou mirando o rosto, e Piotrowicz se defendeu com o braço esquerdo, sentindo as farpas da cauda rasgarem camadas de roupas e carne do antebraço e do pulso.

Dwadji dizia alguma coisa pelo comunicador, mas ele não conseguiu prestar atenção suficiente para entender as palavras. O inseto pulou sobre ele, que conseguiu pegar os braços da criatura, mas isso não bastou. Era como se cada membro do desgraçado fosse feito para cortar, pois os pés com garras escalaram suas pernas e chutaram o peito, abrindo valas na armadura e jogando-o para trás.

O único barulho que conseguiu emitir foi um arquejo. Os membros traseiros

continuavam chutando com suas garras, com força suficiente para impedi-lo de fazer qualquer outra coisa, e os braços incrivelmente poderosos lutavam para se livrar das mãos dele. Piotrowicz tremia com o esforço de conter a criatura maldita.

Vogel gritou com a criatura, que continuou o ataque, sibilando enquanto tentava atingir o rosto com aquela boca secundária bizarra. A cauda se arqueou por cima do ombro e golpeou mirando o crânio do homem.

Piotrowicz se encolheu e esperou sentir a lâmina na ponta daquela coisa perfurando sua cabeça. Em vez disso, a criatura deu um guincho de surpresa e o mercenário sentiu o corpo quente ser tirado de cima dele quando Vogel a jogou para o lado com a coronha do seu pilão.

Seu rifle era o objeto de desejo de todo soldado. Levava noventa projéteis na câmara que podiam ser disparados em tiros individuais, em três, em rajadas ou em fluxos contínuos. Tinha quatro pontos de encaixe para munição explosiva e dois para baionetas. Embora fosse um tanto pesado, com quase cinco quilos, também era perfeitamente equilibrado para uso em combate corpo a corpo. Daí vinha o apelido.

Vogel sabia usar um pilão. O inseto se lançou com o impacto e se curvou por um momento enquanto rolava e parava. Quando olhou de novo na direção deles, Piotrowicz pôde ver a carapaça do crânio quebrada. Sangrava levemente, e o líquido pingava no chão, fazendo-o fumegar.

Vogel virou a arma e disparou três projéteis que atingiram o peito, o rosto e a parte de trás da cabeça alongada.

O desgraçado foi ao chão, agonizando.

Piotrowicz arfava e tremia ao se levantar, e olhou para a coisa caída. Não tinha mais que um metro de comprimento. Menos da metade dos seres que estiveram na van.

— Que porra é essa? — Estava tomado pela adrenalina, e mal percebeu que gritava.

Vogel o ignorou e atirou mais duas vezes, só para garantir. O alienígena continuou tão morto quanto antes, mas agora vazava mais daquele sangue ácido pelo chão. Dwadji gritava pelo comunicador, perguntando se Piotrowicz ainda estava vivo.

Por que você não arrasta essa sua bunda até aqui para ver?, pensou Piotrowicz.

— Pegamos o bicho — avisou ele ao comunicador.

Vogel falou no headset enquanto Piotrowicz ia verificar o estado de Lutz. O homem estava vivo, mas nada bem. Respirava com dificuldade, e, embora

tivessem alguns suprimentos e ele fosse um médico aceitável, a maior parte dos seus suprimentos estava agora em algum lugar nos túneis, bem no alto. Ele se recriminou por ter dado ouvidos a Manning quando este mandou que entregasse a mochila.

O restante do grupo conseguiu chegar ao local, e Silas foi examinar Lutz. Embora não fosse médico, no fim das contas, a mulher da sua equipe era. Seu nome era Rosemont, e ela tratou de manter Lutz vivo — com ou sem pulmão esfacelado.

— Que merda aconteceu aqui? — Era Cho, que acabava de chegar, e Piotrowicz o atualizou.

O técnico trincou os dentes e se afastou um pouco, falando ao comunicador. Pedindo o elevador.

Mas não havia ninguém. Nenhuma pessoa, em nenhum dos andares superiores, respondeu à chamada.

34

REAGRUPANDO

Decker achava que poderia começar a gritar e não parar nunca mais.

A escavação em que estavam era estreita, e certamente subterrânea. Quando finalmente conseguiram escapar da emboscada e pararam de correr com toda a força que tinham, Manning mandou que dissessem os próprios nomes, e chegaram a um total de oito sobreviventes. Só alguns, e Decker era um deles, tinham lanternas que funcionavam, por isso a escuridão os envolveu. Uma coisa era estar preso no escuro. Outra era pensar que poderia não haver luz no fim do túnel.

Adams continuava tentando usar o sensor de movimento, e não era a única. Mas nenhuma daquelas porcarias funcionava.

Já os comunicadores funcionavam, e Cho relatou o que tinha acontecido ao restante do grupo. A base parecia estar a uma distância inimaginável dali.

À sua frente, e não muito longe, Manning passou a bater nas paredes com o cabo da faca. No começo, Decker pensou que ele estivesse só nervoso e querendo manter uma arma à mão. Porém, aquilo fazia cada vez menos sentido. Então perguntou, e Manning explicou como se estivesse falando com alguém muito idiota.

— Quero saber logo se não estamos mais debaixo da terra — disse o líder dos mercenários. — Não dá para fazer muita coisa enquanto estivermos no subterrâneo, mas, quando sairmos, vamos ter uma chance de dar o fora daqui. Agora, cala essa boca e me deixa continuar.

Como o homem empunhava uma faca bem grande, Decker decidiu obedecê-lo.



Algum tempo depois — pareceu ter levado dias, mas provavelmente foram só uma ou duas horas —, o som das batidas mudou. Num instante, era um baque surdo, no outro, soou como oco.

Manning parou, e seus dedos percorreram toda a parede do túnel, mas não encontraram nada. Nenhuma porta oculta, nenhuma fresta — nada que indicasse uma falha na superfície. Por fim, ele xingou e se afastou.

— Que se foda — disse, erguendo o rifle de plasma, e gritou: — Fechem os olhos!

Mesmo de olhos fechados, Decker pôde ver o clarão. O fedor do silício derretido era acre e tinha gosto de sal.

— Pronto!

Decker abriu os olhos, estreitando-os diante dos resquícios do brilho, e teve uma visão maravilhosa, como havia muito não se lembrava de ter.

As paredes estavam derretidas. Os túneis eram fortes o bastante para resistir ao sangue ácido dos alienígenas, mas não foram capazes de se sustentar contra o calor da descarga de plasma. As bordas ainda estavam incandescentes, o branco se tornando lentamente amarelo, e, além do buraco na parede, havia luzes. Após a fraca iluminação das lanternas e holofotes, parecia quase tão brilhante quanto um dia de sol.

Depois de algum tempo, Manning experimentou a borda da abertura que tinha feito. Ao ficar satisfeito, passou por ela, deixando a ponta do rifle de plasma tomar a dianteira. Decker fechou os olhos por um momento, tentando perceber se havia ou não alguma daquelas coisas lá fora. Por enquanto, pareciam estar a salvo, e ele avançou, seguido rapidamente por Adams.

Logo estavam reunidos num poço de mina cavernoso.

Havia lâmpadas. Muitas delas. Havia espaço, o que era uma bênção. O ar era seco e reciclado, e ainda lembrava uma brisa fresca que deixava um sabor doce na língua. Decker respirou fundo algumas vezes, e os outros fizeram o mesmo. Uma sensação de alívio intenso irradiou de todas as pessoas ao redor, misturando-se ao seu próprio conforto.

Adams fez vários agachamentos e esticou o corpo. Depois de hesitar por um momento, Decker se juntou a ela, assim como vários dos outros. Manning, não. Ele manteve o olhar em movimento, o rosto quase inexpressivo enquanto esquadrihava a área e avaliava a localização como podia.

— Cho — chamou ele pelo comunicador. — Saímos dos malditos túneis e entramos num poço de mina.

— Alguma ideia do nível em que estão?

Manning balançou a cabeça.

— Não, mas acho que estamos acima de vocês. Ainda está no console? Quero saber se já consegue pegar nossos sinais.

— Espere aí. — Houve alguns segundos de silêncio. — Estou aqui, mas ainda

não captamos nenhuma leitura.

— Ok. Tem alguma coisa errada aqui. Não ligo para o que tem no solo ou naquela nave. Uma radiação de baixo grau não causaria tanto problema nos nossos sistemas.

— Entendo. — A voz de Cho era firme e profissional. — Mandeí Dwadji testar frequências diferentes, mas até agora não encontramos nenhuma que ultrapasse seja lá o que esteja causando a interferência.

— Bom, continue tentando. Quero saber o que está nos dando todo esse problema.

— Pode deixar — disse Cho. — Talvez a radiação tenha aumentado ao longo dos anos, porque a nave ficou enterrada por muito tempo?

Adams balançou a cabeça.

— Essa não cola — retrucou ela, e olhou para Decker em busca de confirmação.

Ele deu de ombros.

— Já vi muitos desastres de terraformação, e esse nível de radiação pode causar uma grande infiltração, mas tenho minhas dúvidas quanto à nave. Qualquer nível de radiação que pudesse chegar a mais de cem metros do acidente teria que ser muito mais forte, provavelmente um risco à vida.

Manning ouviu, estreitando os olhos.

— Mesmo assim, Willis garantiu que era seguro — declarou ele. — E nós confiamos na palavra dele. Tem algo podre aqui, e quero saber o que é.

— Estamos cuidando disso, chefe — garantiu Cho. — Mas o processo é lento, e também aconteceram umas merdas aqui embaixo.

— O que me lembra de perguntar se seus sensores de movimento estão funcionando. — Quando ele disse isso, Adams tentou usar o dela mais uma vez, porém continuou sem sorte.

— Não verifiquei. Do jeito que Willis falava, não pareceu necessário.

— Bom, verifique. Se funcionarem, vão ajudar você a saber se tem mais daquelas coisas se aproximando.

Por um momento, houve silêncio. Depois Cho voltou a falar.

— Escuta, quanto a isso... Silas, o cara que liderou a expedição às ruínas da cidade, acha que temos aqui um caso sério de infestação. Se ele estiver certo, estamos ferrados até a décima geração.

— Como assim?

— Pelo que entendi, ele acha que os insetos que encontramos talvez estivessem hibernando naquela cidade. — Outra pausa. — Ele acha que essas criaturas podem estar acordando. Se estiver certo, não estamos falando de meia

dúzia dessas coisas. Silas acha que pode haver centenas delas, quem sabe até mais. Ele acha que, no passado, elas podem ter infestado a cidade inteira.

Decker olhou para os outros mercenários ao redor, que pararam para relaxar um pouco, mas voltaram a ficar alertas outra vez. Armas em punho, vigiando a escavação da mina de um lado a outro.

Olhou para o buraco do qual vieram. Lá dentro estava escuro. *Muito* escuro. Qualquer coisa poderia estar a poucos passos de distância, esperando a hora de atacar.

Então olhou para a esquerda e não viu nada além de uma longa estrada de terra. À direita a imagem se espelhava. Não havia nenhuma referência, nenhuma indicação de para que lado deveriam ir.

Olhou novamente para dentro de si e tentou se concentrar num ponto além dos ruídos de fundo.

Ali... Eles estavam perto. Sabia que estavam, pois podia senti-los. A dificuldade era tentar descobrir onde estavam antes que começassem um novo ataque.

Centenas deles? Seu pulso acelerou. Tirou o rifle de plasma do suporte às costas, verificou a carga e memorizou exatamente onde ficava a trava de segurança.

Em algum ponto ao longe, alguma coisa fez um ruído alto o bastante para ecoar pelo túnel. Decker não conseguia saber de onde vinha, mas pretendia descobrir.

Centenas daquelas coisas. Só precisavam de uma. E depois precisavam cair fora de Nova Galveston, de uma vez por todas. *De olho no prêmio*, disse a si mesmo. *E continue vivo.*

— Decker!

Quase deu um pulo ao escutar seu nome. Era Manning.

— O que foi?

— Está tendo uma das suas sensações estranhas?

Ele assentiu e revirou os olhos sem querer. Esperava que Manning não tivesse visto. O mercenário parecia distraído.

— De que lado? — perguntou Adams.

— Não sei ao certo. Eles não estão perto, mas acho que agora estão mais determinados a me encontrar.

Era como se o ódio estivesse se concentrando. Não sabia de fato como as criaturas agiam, mas era como se estivessem apontando para ele, assim como o ponteiro de uma bússola aponta para o polo magnético de um planeta.

Decker passou a língua pelo lábio superior e sentiu gosto de sal. Estava

suando de novo. Mas estava decidido a não entrar em pânico, especialmente porque isso poderia levá-lo à morte.

— Ok — disse Manning. — De que lado você... *sente*... que está a nossa melhor chance de evitar aquelas coisas? — Perdeu um pouco do autocontrole. — Me dá alguma informação útil!

Decker fechou os olhos, e aquela sensação inquieta, singular subiu até sua nuca outra vez. Depois de um instante, apontou para a esquerda.

— Então vamos por ali primeiro para ver se conseguimos descobrir onde diabo estamos. — Para o restante disse: — Fiquem atentos. Mantenham o foco e não deixem nada que não esteja usando um uniforme da empresa chegar perto de nós.

Decker respirou fundo e disse o que pensava:

— Escute, não pense que fiquei louco, porque não fiquei. Mas talvez a gente deva ir *na direção* deles. — Alguns mercenários começaram a protestar, mas Manning pediu que se calassem, e Decker continuou: — Se pudermos encontrá-los antes que eles nos encontrem, talvez tenhamos uma vantagem sobre os filhos da puta.

Manning o olhou nos olhos e deu um breve sorriso.

— Olha só para você, virando macho. — Decker poderia ter se ofendido, mas percebeu a admiração na voz do homem; chegou a *senti-la*. Manning sempre o achou um covarde. — Eu concordaria com você, mas não conhecemos o bastante o território. Se eles estiverem escondidos num desses túneis, podemos passar horas procurando por eles sem nunca os encontrar. E agora estamos em menor número. Precisamos ficar de olhos abertos e voltar para a base.

Eles começaram a andar, com cuidado e observando tudo o que fosse fora do comum. A única boa notícia era que não havia muitos lugares onde aqueles malditos pudessem se esconder.

Manning voltou a falar com Cho pelo comunicador.

— Chame Willis.

Alguns minutos se passaram e o burocrata surgiu na linha.

— O que você quer, Manning? — Alguma coisa na voz dele incomodou Decker, mas não pareceu afetar Manning. — Mas onde é que você se meteu?

— Acho que estamos um nível acima de vocês, então deve ter um elevador secundário. Sem chance de os mineradores esperarem dias e dias só para pegar uma carona. — Ele parou e olhou ao redor antes de continuar. — Alguma ideia de onde ele fica? O que devemos procurar?

Willis tentou lhe explicar o caminho, mas Manning o interrompeu.

— Não sabemos onde *nós* estamos, por isso explicar o caminho não vai dar

em nada. O que os mineradores fazem quando precisam sair rápido?

Antes que Willis pudesse responder, sentiram um leve tremor no chão. De repente, ficou mais intenso, e aumentou depressa, até que eles foram derrubados. Ao longe, algo rugiu alto o bastante para sacudir as paredes. Para se proteger dos escombros que caíam, Decker se encolheu em posição fetal no chão. Fragmentos de rocha despencaram neles, levantando poeira no longo corredor, uma nuvem agitada que soprou por um tempo antes de começar a baixar.

— Que porra foi essa? — Manning estava de pé, olhando para o lugar de onde tinham vindo.

— Não sei, chefe — respondeu Adams. — Mas foi bem longe daqui, e veio do lugar para onde estamos indo. — Ela foi ver Decker, depois cada um dos mercenários, para verificar se alguém havia se machucado.

— Cho! — berrou Manning ao comunicador. — Qual é a situação aí embaixo?

Não houve resposta.

— Merda. Bom, é melhor descobriremos que diabos foi isso.

Ao comando de Manning, continuaram seguindo na mesma direção, protegendo o nariz e a boca da poeira que começava a baixar. Decker se pegou observando as paredes e o teto. O que quer que fosse aquilo poderia muito bem ter causado dano estrutural. Imaginou se corriam o risco de a mina inteira desabar neles.

Por mais que isso o preocupasse, havia uma coisa ainda mais urgente. Podia sentir os alienígenas se movimentando, aquela sensação pavorosa da perversidade rastejando pelo crânio. Seja lá o que tivesse causado o tremor, parecia ter abalado também o ninho das vespas.

A pulsação continuava acelerada demais, ele estava ofegante, então se concentrou. Se qualquer coisa viesse para cima dele, pretendia lidar com ela o mais rápido possível. Verificou mais uma vez o rifle de plasma e se lembrou de uma antiga máxima.

Não é paranoia se tiver mesmo alguma coisa tentando te matar.

35

EXPLOÇÃO

Perkins olhou para os corpos. Precisava voltar ao comunicador. E rápido, já que o seu descanso estava quase no fim. *Descanso*. Que piada triste.

Umas poucas criaturas geraram caos no grupo todo, e uma delas nem era completamente adulta. Estavam todos assustados, e ninguém seguia o protocolo. Cho mal conseguia acompanhar as notícias de Manning e sua equipe, e eles pareciam ter perdido muitos soldados.

Agora, todo mundo andava de um lado para o outro como baratas tontas, sem propósito. Droga, ela estava fazendo o mesmo.

Cho devia ter soltado os cachorros em mim, pensou. Mas ele não fizera isso, e as coisas estavam piorando.

Seu olhar se voltou para a coisa aracnoide no chão. O que aquilo havia feito com Colleen fora monstruoso, e a criatura que a matara de dentro para fora tinha crescido numa velocidade inacreditável. Nem estava completamente desenvolvida e havia arrancado a mão de Lutz, deixando-o fora de combate — se é que ele ia sobreviver.

E, se Silas estivesse certo — e ela esperava com todas as forças que não —, havia centenas, talvez *milhares* daquelas coisas por aí. Despertando. Porra, elas tinham destruído uma *cidade inteira* e matado todos os habitantes.

Fazia algum tempo que ela não via Silas. Willis também estava sumido.

Talvez estejam juntos em algum lugar, tramando alguma coisa, refletiu ela. Porém, logo descartou essa ideia. Não parecia algo que Silas faria naquele momento, não depois de tudo pelo que havia passado.

Anderson estava em cima de algumas das pilhas mais altas de suprimentos, fazendo o melhor que podia para vigiar o perímetro. Perkins subiu numa das pilhas mais baixas para falar com ele.

— Você viu Willis ou Silas?

Anderson deu um meio sorriso. Ela nunca seria o que alguém chamaria de modelo, mas era bastante atraente. Não havia nada sério entre as duas, mas

havam passado algumas noites juntas durante os meses em que trabalharam na mesma equipe.

— Silas foi para o elevador. Willis foi naquela direção.

Ela apontou para mais uma série de materiais de construção, estantes cheias de peças de iluminação e, *ah, aleluia*, banheiros químicos.

Apreciando a ótima ideia que Willis tivera, Perkins agradeceu e se dirigiu às latrinas. A natureza chamava.

Na metade do caminho, avistou Willis. Ele estava fechando uma porta na parede da caverna. Não uma latrina, e sim uma porta de verdade. Parecia antiga — tão antiga que se misturava à superfície rochosa, tornando-se quase invisível.

Mas aonde essa porta leva?, perguntou-se ela. Se não estivesse indo naquela direção, nunca o teria visto.

Começou a se aproximar dele, mas, antes que pudesse ir longe, o chão tremeu sob seus pés, derrubando-a.

Foi impossível ignorar o som. Um trovão trepidou pelo caminho que levava ao elevador, seguido de uma nuvem de poeira. Um instante depois, o som se repetiu; depois, mais uma vez. Os estrondos foram absurdamente altos e lançaram pontadas de dor em seu crânio. Na mesma hora a audição desapareceu, substituída por um zumbido agudo que invadia seus sentidos.

Ela conseguiu se levantar e se dirigiu ao restante do grupo. Cho estava em movimento, assim como Piotrowicz, e logo todos os mercenários e exploradores estavam correndo para o caminhão. Enquanto subiam desajeitados na cabine e na plataforma, alguém ligou o motor. Embora sentisse a vibração, não conseguia ouvir nada. Percebeu que alguém tentava falar pelo comunicador, mas não conseguia distinguir nenhuma das palavras.

A mensagem teria que esperar.



Quando o caminhão parou com um tranco diante do poço do elevador, a maior parte da poeira havia baixado.

Silas estava lá, o sangue escorrendo num filete por seu braço, com o rosto e o alto da cabeça — onde o cabelo era mais ralo — esfolados. Sangrava de um ferimento acima da orelha, mas o corte parecia superficial. O impacto também o havia derrubado. Uma fina camada de poeira cobria o corpo do homem, que empunhava um rifle de pulsos.

Por instinto, Perkins levou a mão à própria arma. Logo percebeu que a dele apontava para o chão. Silas olhou para eles e disse algo, mas ela não conseguiu

ouvir.

Cho saltou do caminhão e saiu correndo na direção do cientista com um olhar assassino.

Atrás de Silas, detritos obstruíam completamente o poço do elevador. Três das pesadas vigas de sustentação estavam estilhaçadas. Não havia sinal de que tivessem derretido, mas Perkins ligou os pontos. Havia quatro pontos de encaixe no rifle de pulsos projetados para granadas. Mesmo de longe, ela conseguia ver que três deles estavam vazios.

Cho o alcançou primeiro e o agarrou pela camisa. Tomou impulso para desferir um soco, mas Silas não se mexeu. O técnico parou, o punho ainda no ar, mas logo o baixou.

— O que você fez? — exigiu saber Perkins ao chegar perto deles. Conseguiu ouvir a própria voz, apesar de abafada.

Silas a encarou e falou numa voz lenta, nítida e alta.

— Não podemos sair daqui — declarou, como quem diz o óbvio. — A contaminação precisa parar. Há um planeta cheio de pessoas acima de nós, e não podemos deixar que sejam massacradas por essas coisas.

Ela o encarou, mas não conseguiu dizer nada. De modo muito eficaz, ele tinha acabado de matar todos eles.

Perkins olhou para o elevador, que havia desabado quando Silas destruíra os suportes. Equipamentos de mineração, minério bruto de trimonita e máquinas pesadas agora bloqueavam a única saída disponível para eles. Viu uma poça escura num canto e torceu para que fosse óleo. Em outro ponto, pensou ter visto um braço, projetado para fora dos escombros.

O pensamento a fez estremecer.

Toneladas de material bruto e equipamentos arruinados atravancavam toda a entrada do poço do elevador. Mesmo que pudessem se esgueirar e passar por ali, não dava para saber até que altura o poço estava obstruído com detritos e entulhos. Não havia como as pessoas lá em cima chegarem a eles antes que estivessem mortos.

— Eu tive que fazer isso! — gritava Silas, mas até seus berros indignados soavam aos ouvidos de Perkins como se estivessem abafados por chumaços densos de algodão. — Vocês iam sair daqui! Podem estar contaminados!

Cho sacou a pistola. Silas olhou nos olhos dele quando o mercenário se mexeu, e Perkins percebeu o movimento pelo canto do olho. Ainda estava tentando juntar todas as peças quando Cho atirou. O disparo único espalhou o cérebro de Silas por cima dos escombros que bloqueavam a saída da tumba que o cientista havia erigido.

— Seu idiota de merda — disse ele ao cadáver que desabou aos seus pés. — Você não salvou ninguém, porra.

Cuspiu no corpo.

Perkins sentiu os lábios se comprimirem numa linha fina. Deveria ter ficado indignada. Deveria ter sentido medo do desatino de Cho. Talvez ele tivesse enlouquecido. Mas na verdade estava irritada, principalmente porque o desgraçado havia sido mais rápido do que ela.

Se ia morrer ali embaixo, queria a satisfação de matar o filho da puta que havia garantido sua morte.

— Esse babaca roubou meu rifle! — Piotrowicz olhou para as ruínas e apontou para o cientista morto.

Cho o encarou intensamente por um momento, depois lhe deu as costas. Ninguém mais se atreveu a falar, sobretudo os antigos colegas do doutor.

— Temos que achar outro jeito de sair daqui. — Perkins se voltou para o restante do grupo. — Alguma sugestão?

Rosemont olhou para a escavação.

— Poderíamos tentar pelos tubos. Algumas pessoas subiram por ali.

Ela não pareceu nem um pouco feliz com a ideia. Perkins franziu a testa.

— O túnel pelo qual nossa equipe subiu está bloqueado agora. Alguém já subiu por aquelas coisas e voltou para contar a história?

A mulher balançou a cabeça.

— Na verdade, não. — Ficou em silêncio por um instante, depois sugeriu: — Também há um túnel de acesso, mas é estreito, e a subida é muito, muito longa. Não sei nem se está desimpedido ou se tem aquelas... coisas lá.

Perkins se lembrou de algo.

— A entrada do túnel fica naquele canto depois dos banheiros? — perguntou.

A confirmação que recebeu foi tudo de que precisava. Assentiu em resposta e foi falar com Cho.

Tinha acabado de alcançá-lo quando um estrondo a sobressaltou. O som saiu do poço do elevador e foi alto o bastante para penetrar a surdez que diminuía lentamente. Não havia nada para ver, mas, o que quer que fosse, era muito pesado.

Então as luzes no teto piscaram e ficaram um pouco mais fracas.

— Que diabos foi isso? — Piotrowicz olhou ao redor, procurando a fonte de energia das lâmpadas. — Algo lá dentro deve ter atingido os cabos. Vou dar uma olhada e ver se consigo descobrir o que foi. — Balançou a cabeça e começou a andar. — Preciso mesmo pegar a porcaria do meu rifle.

Anderson tinha abandonado o posto no topo da pilha de materiais de

construção e estava de pé em cima da cabine do caminhão. Era o melhor lugar para se ter uma vista das redondezas, por mais escuras que fossem.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Perkins.

— Ainda não. Mas logo vou ver.

— Por que diz isso?

— Já viu alguém ouvir um barulho alto e não tentar descobrir o que é? A gente veio correndo, não foi?

— Você acha que os insetos vão aparecer?

Os olhos de Anderson continuavam esquadrihando a área, olhando de tempos em tempos para o poço do elevador arruinado.

— Eu apostaria que sim — respondeu ela.

Perkins assentiu. Infelizmente, concordava.

— No que você acha que isso vai dar?

— Se aquele babaca morto estava certo, não vamos sair dessa com vida. Tem mais de dois mil metros de escadas para subir e escapar dessa merda.

Acima delas, as luzes falharam uma segunda vez, lançando toda a área no crepúsculo.

Perkins gostava menos da situação a cada minuto que passava.

36

SOMBRAS

O sol se pôs, e a escuridão caiu sobre o Mar de Angústia.

Nenhum dos trabalhadores na escavação prestou muita atenção, a não ser para acender as poucas luzes que não se acendiam automaticamente. Parecia sempre haver algumas, apesar das muitas medidas de segurança instaladas no sistema.

Luke Rand acomodou seu volume considerável numa cadeira no refeitório. Havia mais gente no recinto, mas não muita. Herschel e Markowitz estavam perto do barracão, esperando enquanto os engenheiros faziam o que podiam para consertar sabe-se lá que merda tinha acontecido lá embaixo. O elevador havia desabado, as equipes na maioria dos níveis já tinham subido, boa parte delas abalada, mas sem ferimentos.

Rand ainda tentava reduzir os níveis de toxicidade do Mar de Angústia. Os planos para construir o município de Laramie haviam sido descartados, mas, com a descoberta da trimonita, o lugar continuava a ser prioridade. Na verdade, até mais do que antes. A Weyland-Yutani gostava de chegar na frente a qualquer lugar onde houvesse algo para lucrar.

Luke cutucou a comida por um tempo e concluiu que não estava com muita fome.

Ver Decker o deixara daquela forma. Gostava de Alan. Sempre havia gostado. Era um sujeito honesto, e isso era uma raridade. Quando gostava de alguém, dava para saber. E, se não gostasse, deixava isso claro também. Era inteligente e tinha a mente aberta.

Então por que tinha ferrado com o cara? Não conseguia tirar isso da cabeça. E, para piorar, Decker não parecia se importar. Ou talvez não soubesse.

De qualquer forma, Luke estava sem apetite. Claro que isso não era exatamente ruim. Tinha ganhado alguns quilos, mais ou menos o bastante para fazer uma pessoa extra.

O caos lá embaixo também o deixava desconfortável. Parecia demais com carma, e ele não gostava nem um pouco dessa ideia. Todos os que trabalhavam

no local sabiam da nave alienígena — esse não era o tipo de coisa que se podia manter em segredo. Não por muito tempo. Ele a tinha visto. Não pessoalmente, só as fotos que as primeiras equipes levaram para cima, mas tinha visto.

E quanto às regras de quarentena? Às vezes, as piores coisas aconteciam durante a terraformação de um planeta. Como em DeLancy. Não tinha sido nada bonito o que acontecera às pessoas quando um esporo congelado no *permafrost* derretera durante a terraformação. Rand teve que usar equipamento de proteção completo para ajudar a recolher os restos. Tinha sido nessa ocasião que decidira sair do ramo e se aposentar.

E agora tinha a chance de fazer isso.

O único preço havia sido a amizade de Decker. E talvez um pedaço da própria alma. Talvez Decker não soubesse, mas Luke sabia. Mal suportava ficar perto do desgraçado. Sabia o que a empresa havia feito. Tinha atendido a ligação do escritório central, garantindo que ele se ateriasse à versão “oficial”.

Mesmo assim, depois de DeLancy, perder a camaradagem com Decker era um preço baixo. Ele o pagaria dez vezes mais, sem problema, se fosse para sair daquela merda de uma vez por todas.

Olhou para o prato por mais um minuto e desistiu. A comida parecia lixo e provavelmente tinha o mesmo sabor.



Depois de limpar a bandeja, comprou umas cervejas — agora ele conseguia pagar aquele preço exorbitante — e saiu do prédio para ir aos alojamentos. Um filme ou dois; depois, dormir.

Lá fora, na semiescuridão da noite, viu alguma coisa passar pela areia. Estreitou os olhos para tentar ver melhor. Algo saiu rastejando, depois desapareceu. A saúde de Luke não andava lá essas coisas — mesmo num planeta de gravidade mais baixa, esse lance do peso causava problemas —, mas não havia nada de errado com seus olhos.

Colocou as cervejas na chão. Queria as mãos livres. Com uma delas, tocou o comunicador no quadril, enquanto buscava o bastão de choque com a outra. Luke era um sujeito grande e com certeza sabia se virar numa briga, mas, ultimamente, falava-se muito em falhas de segurança, e havia muito dinheiro seu em jogo.

Olhou para o mar, verificando os montes, as dunas e o terreno quase todo aplainado. O céu estava ficando mais escuro, não pelo pôr do sol, mas porque as nuvens de chuva se aproximavam, e ele dedicou mais tempo à tarefa, tentando

ter certeza de que não estava só sendo paranoico.

Droga. *Havia* alguma coisa lá. A uns quarenta e cinco metros, enxergou duas silhuetas. Tentavam passar despercebidas, mas ele as avistou.

— Ei, Bentley! Está de serviço hoje?

Seu comunicador chiou em resposta.

— Estou. É você, Rand?

— Sou eu. Ei, parece que temos um problema aqui fora. Acho que estou vendo alguém na areia.

— Onde? Perto do barracão?

— Não, bem mais distante. Talvez uns cem metros depois.

— Não deve ser a equipe de resgate, então — disse Bentley. — Mas pode ser alguém que conseguiu sair de lá.

— Bom, quer que eu verifique?

— É, neste momento estou sozinho aqui. Não posso sair da cabine. Você faria isso?

Luke suspirou. Preferia beber uma cerveja. Por outro lado, se alguém tinha conseguido sair da escavação, talvez ele devesse verificar mesmo.

— É. Pode deixar. — Luke começou a andar, de olho no ponto onde tinha percebido os movimentos. — Tem notícias lá de baixo?

— Sim, e nenhuma delas é boa. Até onde sei, eles não conseguem descer além do terceiro nível. Se tiver alguém mais abaixo, não ouvimos nem um pio. Estão presos, e provavelmente mortos.

Merda, isso não é nada bom, pensou ele. Já é difícil ter sinal lá embaixo num dia bom.

— Bom, eu aviso se souber de mais alguma coisa — disse para Bentley. — Faça o mesmo, ok? Tenho amigos lá embaixo.

— Eu também, camarada.

Continuou andando, e, ao chegar mais perto, as silhuetas escuras ficaram visíveis outra vez, e mais definidas. Com certeza eram pessoas, mas parecia haver algo errado com elas. Estavam usando máscaras de gás ou coisa assim? Não podia ter certeza.

Percorreu mais dez metros e parou de repente. A escuridão da noite havia se aprofundado, mas não o bastante para esconder o que ele via. Não eram humanos. Não sabia o que eram, mas humanos não tinham cauda nem aquelas esquisitices saindo das costas. E a cabeça deles era muito longa.

Acessou o comunicador.

— Bent? — murmurou, baixando a voz sem perceber. Não houve resposta, e

ele falou mais alto. — Bentley? Acho que temos *mesmo* um problema aqui fora.

— Como é? Repita, Rand.

Então as duas silhuetas se voltaram para ele.

— Ah, puta merda.

Começaram a vir em sua direção.

— Como é que é?

— Bentley! Vem para cá agora! — Estava gritando. — Traz uma arma. É sério!

As coisas se aproximavam rápido e se movimentavam de um jeito esquisito. Como cães ou algo assim. Eram velozes *demais*.

Rand pegou o bastão de choque, uma alternativa não letal às armas de fogo e a outras medidas de segurança. A descarga elétrica estava ajustada para deixar uma pessoa desacordada por um tempo.

Ele conseguiu dar um choque na primeira criatura, que não se afetou nem um pouco. Em seguida, a outra criatura partiu para cima de Rand, que deu um grito.

37

AREIA RUBRA

Como não teve resposta de Rand, Brett Bentley tentou falar com ele pelo comunicador três vezes enquanto se armava. Começou a chamar reforços, depois lembrou que quase todo mundo no local estava no barracão, tentando resgatar as pessoas presas na mina.

É melhor que não seja alarme falso, pensou, sombrio. E que a besta quadrada não tenha ficado bêbada de novo e desmaiado na areia.

Rand até que parecia um cara legal, mas tinha começado a beber cada vez mais desde que havia sido realocado. Bentley resolveu que, se visse o cretino largado na areia dormindo, o deixaria lá mesmo.

Talvez um bom banho de chuva o deixe sóbrio.

Pegou uma lanterna e, para reforçar, acendeu as luzes de segurança do perímetro. Depois de dar menos de vinte passos, viu algumas pegadas recentes, que seguiu por mais uns noventa metros. Parou num ponto escuro e úmido na areia negra — de início, não conseguiu distinguir qual era a fonte da umidade.

Talvez ele tenha parado para mijar, pensou. Em seguida apontou a lanterna para a área e viu o tom vermelho que tingia alguns dos grãos pretos. A não ser que o homem estivesse urinando sangue, algo ruim havia acontecido ali.

Olhando ao redor, encontrou sinais de luta, depois rastros que sugeriam que alguma coisa, provavelmente Rand, havia sido arrastada para longe. O esquisito era que não havia outras pegadas de botas, nem de nada parecido.

Bentley sacou a pistola. Os nervos estavam à flor da pele. Fazia catorze anos que trabalhava para a empresa. Em todo esse tempo, nunca precisara sacar a arma. Havia sido treinado e era um bom atirador, mas não tinha experiência em combate.

Preferia continuar assim.

No entanto, tinha um trabalho a fazer. Chamou pelo comunicador e não reconheceu a voz da pessoa que respondeu.

— Fale comigo — disse a voz.

— Estou com um problema aqui fora — relatou Bentley. — Tem um cara desaparecido, um dos subcontratados, e tem sangue na areia. Há sinais de um ataque. Pode mandar alguém para me ajudar?

— Negativo. Precisamos de todo mundo aqui, e mesmo assim não é o bastante. Você vai ter que cuidar disso sozinho.

— Entendido — respondeu Bentley, acrescentando, em silêncio: *Obrigado por nada, babaca.*

Começou a seguir os sinais de luta. A areia estava seca e fofa, e era impressionante como todos os detalhes ainda estavam marcados. Ele conseguia ver uma ranhura nítida onde Rand tinha sido arrastado, e havia marcas indistintas de ambos os lados. Deviam ter sido dois agressores. Ele seguiu o rastro por cerca de vinte metros.

— Droga.

O rastro meio que se apagava. A luz da lanterna passeou pela areia fofa. Não havia nada depois daquele ponto. Nenhum indício de que Rand se libertara ou de que seus agressores tivessem ido para outro lugar.

Bentley se virou para voltar. Não podia se afastar mais do seu posto sem violar as normas. Depois de alguns passos, contudo, ouviu algo atrás de si.

Virou-se e apontou a lanterna para a escuridão.

Deu uma boa olhada nos dentes do monstro.

38

ESCOMBROS

Lado a lado, Manning e Decker observavam as ruínas derretidas do elevador no fundo do poço e as várias toneladas de equipamento avariado. O mercenário expressou o que sentia ao dar uma cusparada nos escombros.

Decker olhou para as paredes do poço e balançou a cabeça. A coisa toda tinha sido esculpida nas rochas do local, e as paredes eram muito duras. Apesar disso, viu longas rachaduras nas pedras.

— Puta merda. — Adams olhava para cima. — Estamos no *quinto* nível. — Ela apontou com o cano do rifle para as marcas na borda superior do ponto onde o túnel se encontrava com o poço. — Agora, só precisamos achar os outros elevadores, aí talvez possamos sair daqui.

A voz de Cho chegou pelo comunicador, e Manning se afastou, falando no headset. O técnico havia matado o homem responsável pela destruição. Tinha sido um cientista da escavação — ele se convencera de que precisavam se sacrificar para impedir que as criaturas se libertassem.

Ele tinha certa razão, pensou Decker, mas não disse nada. *Só não sei se alguma coisa é capaz de detê-los. Já a nossa chance de sobreviver...* Não. Para o inferno com aquilo. Pretendia voltar para casa inteiro. Tinha uma vida à qual retornar e nenhuma intenção de entregá-la à Weyland-Yutani, nem a qualquer monstro esquisito que pudessem encontrar.

As luzes piscaram mais uma vez. Se a energia acabasse, estariam com sérios problemas. Então teve uma ideia.

Olhou para Adams, que observava o caminho que tinham percorrido com uma expressão grave.

— Ei, Adams — chamou ele. — Vocês têm alguma coisa que faça ver melhor no escuro? Um equipamento padrão ou algo do tipo.

Ela fez que não.

— Não tem essa de equipamento padrão. Cada um compra o próprio material. Então, sim, alguns de nós têm óculos de visão noturna. Não funcionam em

lugares apertados, como os túneis, especialmente se todo mundo estiver junto lá dentro. E com eles é ruim de mirar. Mas num lugar aberto eles podem ser úteis.
— Ela sorriu. — Tenho um na mochila.

— Sério?

— Sério. Os óculos funcionam, mas não são tão bons quanto o olho nu, a não ser que você esteja na escuridão total. Perde-se muito da visão periférica.

— É, entendo o que você quer dizer.

Já usara esse tipo de óculos em mais de uma missão. Havia modelos mais compactos e menos intrusivos no mercado, mas custavam os olhos da cara — mais do que um soldado, ou um burocrata feito ele, poderia pagar.

Não se deu ao trabalho de perguntar se ela tinha um par de óculos extra.

Algo fez seu couro cabeludo se arrepiar, e o ruído de fundo aumentou um pouco... depois mais um pouco. Decker se voltou para o seu interior e tentou expandir os sentidos.

— Manning? — A voz saiu baixa, e ele a manteve firme. Como o mercenário não respondeu, tentou outra vez, mais alto: — *Manning!*

— O quê?

— Eles estão chegando!

Manning foi até ele na mesma hora.

— Onde estão?

Os ângulos do rosto do mercenário ficaram ainda mais marcados.

Decker levou um minuto para responder.

— Estão vindo de várias direções. E não vão levar muito tempo para chegar aqui.

— Então vamos nos equipar, encontrar os malditos elevadores e dar o fora daqui — disse Adams, o tremor da voz quase imperceptível.

Manning concordou.

— Vamos. Mantenham as armas prontas e verifiquem as armaduras. Vamos seguir pelos caminhos mais usados.

Tomou a dianteira de novo, empunhando o rifle. Dessa vez, Decker estava no meio do grupo, com três pessoas na frente e quatro atrás.

Andar se tornava cada vez mais difícil para ele. *Qualquer* tarefa se tornara difícil. Enquanto se aproximavam do buraco que Manning havia queimado na lateral do túnel, a sensação de proximidade das criaturas ficava tão intensa que o esgotava fisicamente.

Merda, pensou com súbita lucidez. Tudo o que pôde dizer foi:

— Estão aqui!

Os primeiros vieram pelo buraco, enquanto outros surgiram da frente deles, e alguns, por trás, provavelmente do próprio poço do elevador. Não dava para contar quantos eram. Nem queria. Tudo o que podia fazer era mirar e torcer para não explodir a própria perna ao disparar.

Os freelancers agiram antes dele. Eram treinados para o combate. Ele só era treinado para preencher formulários. Pensar nisso quase o fez rir enquanto tentava encontrar um alvo. Mas os mercenários estavam no caminho.

Quatro das silhuetas negras avançaram velozmente, mal fazendo ruídos, exceto pelo deslizar das unhas no solo de terra batida e nas pedras. Adams abriu fogo quando ainda estavam a dez metros de distância, grunhindo cada vez que puxava o gatilho. Quatro sons baixos vindos dela, quatro estrondos fortes da arma, e duas das criaturas explodiram.

As outras duas se abaixaram.

Uma delas saltou, quicou na parede e mergulhou sobre um homem de cabelo escuro que já atirava em outra fera que ia em sua direção. O mercenário só teve tempo de perceber que estava ferrado antes que o monstro o jogasse no chão, arranhando e mordendo o tempo todo. Ninguém pôde ajudá-lo. Se atirassem na criatura maldita, o sangue simplesmente queimaria o pobre coitado.

Ele acertou o rosto da criatura com a pistola, tentando empurrá-la para o lado, mas ela não se mexeu. A boca da coisa se abriu e babou um líquido pegajoso enquanto a boca secundária se cravava no rosto do homem, rasgando a bochecha dele.

Decker desviou o olhar quando outra daquelas criaturas pulou por cima de Adams. Ela tentou mirar, mas falhou. Antes que a mercenária pudesse compensar a velocidade do alienígena, ele ultrapassou a linha de tiro.

Decker não pensou. Só apontou, puxou o gatilho e teve uma sorte absurda. O plasma do rifle não atingiu Adams e acertou as costas do demônio veloz, queimando duas saliências que brotavam dos ombros como asas congeladas. A criatura guinchou e corcoveou, tentando escapar à dor.

Ela se virou. Mesmo em meio à agonia, Decker sentiu que ela se concentrava nele, percebendo-o pelo que era, por quem era, e a sensação de ódio aumentou dez vezes.

Ferida, possivelmente morrendo, a criatura maldita ainda avançou para ele, arranhando o solo ao mudar de direção. Não havia tempo para um novo disparo, mas ele tentou mesmo assim, e lançou uma bola de fogo líquido na parede.

Naquele instante, a morte era certa.

Manning deu uma coronhada no crânio longo da criatura, jogando o monstro no chão. O golpe foi forte, mas não bastou. Num instante a coisa já estava de pé

e tentando atacar Decker outra vez. Ele recuou e esbarrou em outra pessoa, mas não se atreveu a se virar para ver quem estava atrás dele.

A criatura continuou investindo, avançando enquanto cambaleava sem se preocupar com mais nada. Sentir os pensamentos dela, o ódio primitivo, o desejo de matá-lo já teria sido ruim o bastante, mas a mente por trás dessas emoções era tão exótica que os sentimentos brutos pareciam ainda piores. Sentiu a ira obsessiva enquanto seu próprio medo crescia.

Manning deu um chute de lado na coisa, atordoando-a. Antes que ela conseguisse se recuperar, ele disparou, o cano da arma soltando um clarão cada vez que puxava o gatilho. Quatro projéteis se cravaram no monstro, cada impacto jogando-o para trás.

Ele caiu e não voltou a se erguer.

Não havia tempo para comemorar, pois o bando seguinte apareceu. Contudo, os seis mercenários estavam prontos e tinham espaço suficiente para trabalhar em conjunto. Dois abriram fogo com os projéteis explosivos que estilhaçaram o ar e os inimigos. Os jorros de sangue ácido atingiram seus trajes e seus corpos, mas os espirros foram reduzidos pela distância.

Enquanto o primeiro alienígena caía, os que estavam atrás dele se separaram e atacaram. Eram velozes e selvagens, estreitavam a distância entre eles num instante, tornando as armas de longo alcance inúteis. Manning comandou seus homens e eles obedeceram, mas nem todas as ordens do mundo poderiam mudar a brutalidade do ataque. Os freelancers foram forçados a recuar, e Decker os acompanhou.

Aquelas coisas ganhavam vantagem sem parar.

Adams e Manning e vários outros logo passaram a usar as armas como porretes. Manning golpeou uma das feras e a jogou para trás, grunhindo com o esforço, e, quando ela caiu, outra mercenária a atingiu com o disparo rápido de uma calibre 44. Ela gemeu quando o sangue da criatura queimou seu corpo, mas logo se recompôs e voltou ao combate.

Um dos demônios de casco negro pulou por cima de Manning enquanto ele repelia outro. Atravessou a distância sem esforço e caiu sobre outro mercenário, que se estatelou e teria morrido na hora se a coisa não parecesse mais determinada a alcançar Decker. Tão rápida quanto ao pousar, ela pulou de novo e avançou na direção dele.

Decker lutou para se livrar da pressão dos corpos e xingou, girando o rifle de plasma num pequeno arco que acabou salvando-o de ser despedaçado. Em vez de se cravarem nele, as garras da criatura arrancaram a arma de suas mãos. Decker não teve tempo para pensar, atacou a criatura e a derrubou de novo por

cima do homem que ela havia jogado no chão.

Dessa vez, o mercenário estava mais preparado e ergueu os dois pinos da arma de choque, eletrocutando a coisa e causando um solavanco que deveria tê-la matado. Enfiou os pinos no peito dela e acionou a voltagem uma segunda vez. E depois uma terceira, até a criatura parar. A couraça negra e lustrosa estava rachada, sangrando.

Decker pegou a arma novamente e tentou recuperar o fôlego.

Elas estavam por toda parte.

— Recuar! — berrou Manning, e seu pessoal obedeceu.

Adams empurrou Decker para que os acompanhasse.

De repente, uma onda de força o levantou e o jogou para trás. Os ouvidos latejaram e um clarão o cegou. Manning havia jogado uma granada no meio dos inimigos.

Tentou se recuperar e olhou ao redor. Vários dos freelancers se levantavam com dificuldade, livrando-se dos efeitos da onda de choque e continuando a retirada estratégica. Manning jogou uma pequena bola de metal num arco suave e baixo em direção a mais daquelas coisas, que vinham da área do elevador. Decker estava um pouco mais afastado e conseguiu cobrir mais alguns metros antes da detonação.

Permaneceu de pé, assim como a maioria dos combatentes, e logo todos estavam correndo. Seguiam com obstinação e rapidez, afastando-se das silhuetas negras espalhadas pelo chão.

Decker não conseguiu ver quantas delas havia. Não se atreveu a parar para descobrir. As sobreviventes se recuperariam, e outras se juntariam a elas.

Eles correram. Ah, como correram.

E foram seguidos pelos monstros.



O pânico estava vencendo, e Decker precisava detê-lo.

Esforçou-se para respirar e prestar atenção em para onde estava indo, ou sem dúvida morreria. As coisas que vinham atrás deles sibilavam baixo e guinchavam alto, estridentes, e o ruído rígido dos corpos em mo-

vimento contrastava bruscamente com o som das criaturas. Tentou olhar para trás, mas só conseguiu ver os mercenários, e vários deles disparavam as armas enquanto corriam.

Adams tinha dito que o rifle nas mãos dele podia ser colocado em modo automático. Ele virou a arma e procurou o controle, mas, antes que pudesse fazer

qualquer outra coisa, o terreno mudou. O corredor que parecia infinito começou a fazer uma curva, e ele teve que prestar atenção ao que acontecia à sua frente.

Então chegaram a uma bifurcação.

— Para que lado, Decker?

Ele não reconheceu a voz.

Duas opções: esquerda ou direita.

O caminho da esquerda parecia ser o mais usado, e ele apontou nessa direção, guiado pela intuição. O grupo foi para lá, e Decker rezou para ter escolhido o caminho certo.

Enquanto rezava, parou e mudou o ajuste do rifle de plasma. Os mercenários continuaram a correr. Com o coração batendo tão forte que não ouvia nem o som da própria respiração, Decker apontou para o lugar de onde tinham vindo e esperou.

O último dos mercenários, Llewellyn, passou correndo por ele — haveria menos do que lembrava? Parecia mesmo que sim.

A primeira daquelas coisas chegou deslizando pela curva.

O ódio que sentiam era quase algo vivo, uma presença real se deslocando em meio à onda de corpos quitinosos. Movimentavam-se mais rápido que antes, e Decker baixou o cano do rifle em direção ao centro da massa fervilhante. Então, puxou o gatilho.

E ficou cego.

Adams tinha avisado. O ar ao redor dele pareceu pegar fogo. Um pequeno tiro daquela coisa bastava para derreter a carne dos alienígenas. Quando soltou o gatilho, já havia disparado quase cem vezes mais. O calor fez seu cabelo ondular, e o clarão eliminou todo e qualquer traço das silhuetas negras diante dele. Elas gritaram, não só com as vozes pavorosas, mas com a mente. O ódio que se impunha a ele desapareceu numa conflagração de plasma e medo.

As paredes onde elas tinham estado brilhavam. Em alguns pontos a pedra escorria, e as faixas escuras, que deviam ser a trimonita, cintilavam, incandescentes.

— O que há de errado com você, porra? — berrou Manning, tão perto que chegou a assustar.

Ele apertou o ombro de Decker com a mão e começou a arrastá-lo para trás. Decker não conseguiu responder, só se deixou arrastar. A mente estava dominada pela luz brilhante e explosiva e pelo absoluto *silêncio* da horda de coisas que tentavam matá-lo.

Manning arrancou a arma das mãos de Decker, girou-o e o empurrou para a frente.

— Anda!

Decker obedeceu, tentando respirar um ar que parecia rarefeito demais e muitíssimo quente. Avançou cambaleando e seguiu as pessoas à sua frente. Atrás dele só restava Manning. Os alienígenas haviam sumido.

Simplesmente sumido.

Mais adiante, o grupo reduziu o passo ao chegar à grade das portas do elevador secundário. Adams se virou para trás, olhos arregalados, e Decker sentiu o choque dela.

Ele próprio estava um tanto chocado.

Atrás deles, o calor estava ficando pior.

— Ferguson! — A voz de Manning interrompeu os pensamentos. — As portas estão funcionando?

Um homem esguio, sujo de sangue, fez que sim.

— Sim, senhor!

— Então abra e tire a gente deste inferno.

A cólera dos alienígenas foi substituída pelo medo e pela descrença dos mercenários. Estavam em choque, e ele não sabia se a causa eram os insetos ou sua própria estupidez. *Provavelmente os dois*. Entraram no elevador, e Ferguson fechou as portas enquanto o fulgor das paredes em chamas atrás deles iluminava o corredor.

— Vão! — rosnou Manning, e logo depois toda a plataforma na qual estavam deu um tranco e começou a subir.

O líder não disse mais nada, porém olhou para Decker como se quisesse matá-lo.

— Eu os detive, não foi? — perguntou Decker. Não tinha planejado falar, mas pronto, ali estava.

— Você praticamente botou um sol em miniatura num corredor feito de pedra e terra! Porra, isso tudo só não vai desabar se a gente tiver muita sorte, seu idiota desgraçado!

Não podia dizer que não sabia disso. Ele sabia. Só não tinha pensado direito na hora.

Não, isso não era verdade. Ele *tinha pensado*, sim. Tinha pensado em fugir das coisas que queriam assassiná-lo.

— Eu não devia ter dado um rifle de plasma para ele — disse Adams, e isso o magoou.

Manning se virou para ela na mesma hora.

— Ah, jura?

Decker balançou a cabeça.

— Não. Isso é comigo. Ela me disse para não deixar no automático. Foi tudo por minha causa.

Ele não queria que Adams levasse a culpa pela manobra estúpida. Manning respirou fundo, devagar, e se acalmou.

— Para sua informação, rifles de plasma tendem a esquentar as coisas — disse ele.

O elevador continuou a subir com a velocidade de uma tartaruga.

39

COMUNICAÇÕES

Rollins se sentou à mesa e verificou se novas mensagens do escritório central tinham chegado. Não havia nenhuma.

Que bom, pensou ela. Seus superiores só mandavam respostas quando ela enviava uma indagação. Já que não havia feito isso, o silêncio era uma boa notícia.

Começou a revisar os vários relatórios da situação, e Willis a chamou pelo comunicador. Ela não atendeu de imediato, fazendo-o esperar um pouco.

— Diga.

— Precisamos que o seu piloto volte para cá o mais rápido possível — disse ele, parecendo sem fôlego. — Acho que as coisas estão dando errado muito rápido.

— O que o senhor quer dizer?

Ela verificou as informações que haviam chegado, e a única falha que conseguiu encontrar foi que uma das sondas não estava mais funcionando. Isso era intrigante, já que tinham sido construídas para suportar condições planetárias extremas. Seria difícil causar pane numa delas.

— O elevador foi avariado — continuou ele. — Houve algum tipo de explosão.

— Onde você está agora?

— Entrei num túnel de acesso. Estou subindo. É uma longa escalada até o próximo nível, mas vou chegar lá.

Ele parecia bastante confiante. Ela optou por deixar que continuasse assim naquele momento. Considerando a situação, essa confiança não duraria muito.

— Muito bom. Quando estiver em segurança, me avise. Até lá, boa sorte.

— Espere! E a dropship?

— Vou mandá-la em breve. Consegui todas as informações que eu lhe pedi, senhor Willis?

— Todas as informações que eles coletaram sobre a cidade estão comigo

agora. Também tenho imagens daquelas coisas.

— O senhor foi muito prestativo — comentou ela, com calma. — Agradeço por isso. Estou ansiosa para ver o que o senhor me trará.

— Mas...

Rollins desligou e convocou Pritchett ao seu escritório. O piloto chegou depressa.

— Preciso que você desça — informou ela. — Acredito que conseguiremos o que queremos desta operação muito em breve.

— Então eles pegaram os seus aliens?

— Houve alguns percalços, mas creio que eles se resolverão. Enquanto isso, porém, a equipe precisará ser resgatada, e isso deve acontecer o quanto antes.

Pritchett assentiu e saiu.

Rollins olhou para o computador e começou a digitar.

Para: L.Bannister@Weyland-Yutani.com

De: A.Rollins@Weyland-Yutani.com

Assunto: Aquisições em Nova Galveston

Lorne,

Parece provável que tenhamos êxito em atingir nossos objetivos em relação aos dados biomecânicos que buscamos há algum tempo.

Quanto ao local de escavação, talvez só consigamos resgatar alguns dados. Extrair a trimonita e qualquer outro recurso ali localizado provavelmente terá um custo proibitivo, sob vários aspectos.

Por favor, examine as informações criptografadas no arquivo anexado. Por causa do volume de dados, a taxa de compressão foi multiplicada por dez. Espere ruído branco.

Atenciosamente,

Andrea

Enviou a mensagem, levantou-se e saiu do escritório. Queria pensar, e as paredes do recinto não proporcionavam uma vista favorável ao entusiasmo mental.

Em algum lugar abaixo dela, os objetivos da companhia estavam cada vez

mais próximos — como não ficavam havia muito tempo. Estava ao seu alcance salvar as pessoas envolvidas, mas isso poderia ameaçar o sucesso da missão.

Não era um risco aceitável.

BUSCA E RESGATE

O barracão Quonset estava em plena atividade, com mais de vinte pessoas trabalhando. Ninguém conseguia entender que diabos tinha acontecido.

O túnel que levava ao subterrâneo estava escancarado, e todos tomavam o cuidado de não ficar perto demais dele. Seria uma bela queda se alguém bancasse o idiota ou o desastrado. Alguns dos trabalhadores mais atrevidos já haviam tentado descer com cordas pela lateral do poço profundo para ver o que encontrariam. Em seguida, tentariam manobrar um dos equipamentos lá embaixo e descer uma plataforma. Presumindo que encontrassem alguém capaz de manobrá-lo.

A equipe que deveria fazer isso estava ferida ou muito provavelmente morta no fundo do poço. Transportavam máquinas de volta ao quinto nível quando toda a estrutura havia desabado.

Lightfoot e Moretti estavam cuidando das plataformas menores, de uso individual, da equipe de resgate, tentando baixá-las o suficiente para verificar o nível seguinte da mina. Estavam lá para garantir que qualquer corda que ficasse presa em algum ponto fosse desenganchada o mais rápido possível.

Ninguém esperava que as cordas se retesassem e em seguida ficassem completamente frouxas, mas foi o que aconteceu. Havia quatro cordas separadas descendo. Eram independentes, e cada uma seguia seu próprio ritmo. Vinham operando depressa, mas não tão rápido a ponto de colocar a equipe em risco.

De acordo com os informes da primeira corda, que pertencia a Kirby, ele havia descido pouco mais que cento e cinquenta metros quando a corda ficou tensa e despencou de repente, soltando dez metros extras de seda de alta qualidade antes de se desprender. Moretti viu tudo acontecer e deu um grito de alarme. Quando se voltou para Lightfoot para dizer algo, a mesmíssima coisa estava acontecendo à segunda corda.

Quase de imediato, as últimas duas cordas repetiram o processo. Lightfoot apertou os retratores automáticos para puxá-las de volta. Se algum integrante da

equipe de resgate estivesse ferido, seria trazido para cima num ritmo estável e em no máximo dois minutos.

As cordas voltaram rápido.

No entanto, voltaram rápido *demais*, e nenhum membro da equipe de resgate retornou: as cordas haviam se rompido.

Várias pessoas apontaram lanternas para o poço e chamaram por eles aos gritos.

Mas não houve resposta. Nenhum ruído inesperado, nenhum sinal de que algo tinha dado errado; simplesmente não houve resposta alguma. Moretti ficou tão alucinado que começou a andar de um lado para o outro, roendo as unhas. E Lightfoot, também perturbado, mandou mais quatro sondas.

No entanto, aquilo se provou inútil. Todas as sondas que eles tentaram baixar falharam em transmitir dados em meio à interferência causada pelo Mar de Angústia. Ninguém sabia o motivo — não havia nenhum fenômeno natural que explicasse isso.

Mesmo assim, Lightfoot pegou as sondas — precisavam tentar. Vinculou a telemetria delas ao console principal. Assim tão próximas, elas funcionavam perfeitamente. Então baixou as sondas no poço, e os quatro sensores esféricos foram trabalhar, correlacionando informações enquanto desciam.

Quinze metros depois, os informes cessaram.

Lightfoot soltou uma série de palavrões, e muitos fizeram o mesmo. Se antes havia uma breve esperança, não restava mais nada.



Moretti saiu do barracão para fumar um cigarro. Estava estressado e irritado, e, por mais que detestasse ceder à tentação, a alternativa era ficar resmungando tanto quanto Lightfoot.

Deixando a porta aberta, lutou contra o vento por um instante para acender o cigarro. Quando o fogo estava quase pegando, alguma coisa o agarrou e o jogou com força na parede de aço corrugado. O agressor usava algum tipo de armadura preta, e era impossível distingui-lo na penumbra. Moretti grunhiu e começou a gritar, mas a mão poderosa agarrou sua garganta e o deteve com um som gorgolejante e estrangulado.

E, enquanto se debatia e lutava, deixando cair o cigarro, outras silhuetas vieram do deserto e entraram na barraca, passando sem se preocupar se alguém as ouviria ou avistaria.



Fonseca foi a primeira a vê-las. Respirou fundo e deu um berro estridente. Enquanto as pessoas ao redor levavam o maior susto de sua vida ao escutar o som inesperado, os monstros atacaram.

Havia sete deles, todos negros e lustrosos, com longas garras, cauda serrilhada, rosto sem feições e fileiras de dentes afiados. Avançaram numa velocidade sobrenatural, alguns usando as duas pernas, outros rastejando de quatro. Moviam-se de um jeito estranho e emitiam sibilos perturbadores.

Poucos ali estavam usando comunicadores e um número ainda menor portava armas. A maior parte das pessoas que participava da ação de busca e resgate estava tecnicamente de folga. Só estavam ali porque era preciso.

Uma das criaturas bizarras tentou agarrar Lightfoot, e ele reagiu por reflexo. Segurou os pulsos da coisa quando ela o atacou, e, girando o quadril, lançou o monstro para longe, no profundo abismo do túnel do elevador. A criatura guinchou e se debateu ao cair na escuridão.

Conseguiu resistir ao segundo atacante, bloqueando vários golpes enquanto o monstro continuava tentando ultrapassar suas defesas, que não eram perfeitas — não levavam em conta que o monstro tinha uma couraça, nem que a cauda serrilhada poderia fugar uma pessoa. Nem aqueles malditos *dentes*. Logo tinha diversos ferimentos sangrando, enquanto as pessoas à sua volta eram abatidas.

Várias dos trabalhadores lutavam, fazendo o melhor que podiam, mas a maioria estava tão aterrorizada que buscava fugir em vez de tentar se defender. Lightfoot teve a vaga noção de que havia uma debandada em direção à porta enquanto o inseto continuava a atacar, levando-o ao limite das suas habilidades.

E, enquanto Lightfoot se concentrava na coisa diante de si, aquela que ele tinha derrubado no poço escalou a lateral do túnel e se jogou sobre as costas dele. Lightfoot nem havia considerado essa possibilidade.

Um por um, os trabalhadores, os salvadores, todos caíram. Os gritos e brados diminuíram até pararem por completo. Em seguida, todos foram levados, carregados para fora do barracão rumo à chuva leve que começava a cair do céu noturno. As formas inconscientes e feridas foram arrastadas através do Mar de Angústia.

Então o mar se abriu e os consumiu, até que não restasse nada a se ver senão as areias enegrecidas, lisas e contínuas.

41
BOAS NOTÍCIAS

Quatro novos fluxos de dados percorriam a superfície de Nova Galveston e seguiam direto para a *Kiangya*, onde as informações chegavam ao computador de Andrea Rollins. As notícias eram inesperadas, mas não inoportunas. Informação era poder. Rollins sabia disso melhor do que a maioria das pessoas.

Observou os informes e balançou a cabeça. Por um breve momento, um sorriso brincou em seus lábios, antes que ela o aniquilasse.

Hora de mais um relatório.

Digitou a mensagem rapidamente.

Para: L.Bannister@Weyland-Yutani.com

De: A.Rollins@Weyland-Yutani.com

Assunto: Resultados inesperados

Lorne,

Parece que o objeto é consideravelmente mais agressivo do que havíamos imaginado, ou mesmo esperado. Além disso, os dados da superfície indicam que a infestação é ainda mais ampla do que se acreditava de início. Creio que estejamos diante de um envolvimento completo de todos os objetos de estudo e da possibilidade real de que a equipe que reunimos seja infectada antes mesmo de atingir seus objetivos.

Mandei uma dropship ao planeta numa tentativa de viabilizar o retorno dos indivíduos. Quando tivermos adquirido as amostras apropriadas, talvez devamos considerar um curso de ação diferente do planejado, ao menos para garantir que os bens permaneçam de posse exclusiva da empresa.

Acredito que a terminologia usada antes da Expansão era “aniquilação total”. A não ser que você responda com outra recomendação, essa é a atitude que tomarei. Qualquer falha poderia muito bem levar a sanções e penalidades onerosas à Weyland-Yutani.

Em relação ao mesmo assunto, as informações coletadas durante o exame do local de escavação foram muito abrangentes. Embora não possamos garantir uma análise completa das fusões biotecnológicas, acredito que estejamos razoavelmente perto de uma convergência proveitosa entre biotecnologia e produção de armas, completamente baseada nas amostras cuja análise foi bem-sucedida.

A nave alienígena e as construções encontradas no local de escavação indicam um padrão similar, se não idêntico: vida sintética organicamente cultivada. Estruturas biotecnológicas geradas num ambiente protegido. As implicações são assombrosas, e farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que tenhamos amostras físicas das estruturas, na esperança de que possamos encontrar material genético suficiente para fundamentar uma reorganização total de toda a divisão biotecnológica da empresa, bem como de suas metas e objetivos.

Como de costume, os arquivos anexados estão rigorosamente criptografados para garantir o sigilo. Mantereí uma cópia de segurança para o caso de os dados se perderem na transmissão, mas recomendo que vocês comecem a analisá-los o mais rápido possível.

Por favor, avise-me o quanto antes caso considere necessária uma atitude diferente da que previ.

Atenciosamente,
Andrea

Enviou a mensagem e se acomodou para esperar.

Enquanto esperava, continuou a observar a crescente riqueza de detalhes com um nível de distanciamento clínico que teria deixado seus antecessores orgulhosos.

A Divisão de Tecnologia Biológica estava prestes a receber um impulso vultoso, baseado apenas nos dados brutos. Se a equipe fosse bem-sucedida em

obter amostras vivas, o potencial para o progresso seria imensurável e justificaria o sacrifício.

Contudo, ela esperava que Decker voltasse vivo. O que quer que o vinculasse aos alienígenas parecia ter potencial para ser ainda mais explorado.

Em algum lugar nas profundezas, as sondas multifuncionais e independentes continuavam a coletar informações.

Diante dela, o computador prosseguia com a tarefa de distinguir e gravar esses dados.

VELOCIDADE DE ESCAPE

As luzes continuavam diminuindo. Perkins olhou ao redor na escuridão quase completa, tentando enxergar *qualquer coisa*, e estremeceu. Agora havia fogo no elevador, mas não bastava para ajudar, e a fumaça estava começando a se tornar um problema.

— Não podemos ficar aqui — avisou Cho. Perkins também não gostava das alternativas, mas não tinha energia para discutir.

Tudo bem, pois Piotrowicz parecia mais do que disposto a assumir a tarefa.

— Olha, você pode escalar até dar de cara com aquelas coisas, se quiser, mas acho que para nós é melhor ficar ralando aqui. Mais cedo ou mais tarde, vão mandar alguém descer até este nível.

— É, mas só vão encontrar nossos cadáveres — retrucou Cho. — Não estou dizendo que temos que subir pelos tubos. Eu também não gosto muito da ideia de passar por aquelas coisas, mas, se Willis encontrou um jeito de sair, nós também podemos achar.

Ele mantinha a calma, mas era óbvio que só com muito esforço.

Piotrowicz balançou a cabeça.

— Não é defensável.

— E isto aqui é? — Cho ergueu a voz.

Perkins suspirou e cerrou os dentes.

Estrada se pronunciou.

— Olha, não quero ficar sentado aqui coçando a bunda — disse ele. — Está ficando escuro, e acho que aquelas merdas vão vir nos pegar. A gente sobe a escada, bloqueia o acesso por baixo, e aí sobra só uma direção para elas atacarem, certo?

Anderson tinha voltado a andar em cima das pilhas de material de construção, de onde tinha a melhor vista. Vogel e Dwadji estavam com ela, garantindo que não teriam mais surpresas. Os três haviam colocado os óculos de visão noturna. Ninguém tinha certeza de que isso ajudaria, mas também não achavam que faria

mal.

O problema não era exatamente a escuridão, mas o fato de ninguém saber ao certo se as criaturas emitiam calor corporal suficiente para serem avistadas. Por isso, cada um deles havia ajustado os óculos num nível diferente. Um usava ultravioleta — Vogel, pensava ela —, o que funcionava muito bem. Mas Dwadji havia experimentado o infravermelho, e isso era um problema sério. Havia fogo no elevador, e um olhar naquela direção bastaria para deixá-lo quase cego.

O fogo havia começado de repente, e não parecia ser efeito das explosões. Houvera um clarão intenso, como o de um rifle de plasma, e escombros em chamas caíram, incendiando as partes de madeira do elevador e dos equipamentos de mineração. Isso só aumentava os problemas, gerando fumaça suficiente para causar danos respiratórios se alguém não fizesse algo logo.

Perkins sentia calor, suava e tinha fome. *E estava cansada*. Muito cansada.

Sentia-se mal, mas Lutz estava pior. Ele recuperava e perdia a consciência o tempo todo. E, quando estava acordado, sentia dor e quase delirava. A ferida no peito ainda vazava lentamente, e a doutora Rosemont já o havia entubado. Mesmo que ele melhorasse, achava que não seria capaz de andar. Teriam que carregá-lo. Na verdade, a equipe científica precisaria fazer isso, pois cada arma precisava estar pronta para o uso, e nenhum deles confiaria as suas aos exploradores.

Se tentassem movê-lo, principalmente subindo uma escada estreita, havia uma probabilidade alta de que Lutz não sobrevivesse ao esforço. Mas suas chances de viver não pareciam melhores caso ficassem ali.

— Escutem — pediu Cho. — O ar aqui embaixo está ficando denso. Porra, meus olhos estão ardendo por causa da fumaça, e acho que precisamos sair daqui. Até onde sei, há elevadores lá em cima. Só não chegam a este nível. Sei que é uma merda, eu entendo, e também não quero arriscar Lutz. Mas, se ficarmos aqui, estamos fodidos. Simples assim.

— Não podemos ficar aqui — concordou Rosemont. — Com o fogo, há uma chance de as baterias que ficam lá em cima, perto do elevador, explodirem. Se isso acontecer, a gente explode com elas. Se não for por causa da explosão, vai ser por causa da fumaça. — Ela olhou para Piotrowicz com uma expressão pesarosa no rosto redondo. — Sei que está preocupado com seu amigo. Eu também estou. Mas, se ficarmos aqui, vamos todos morrer. É nisso que acredito. — Gesticulou, indicando os outros membros da expedição, que pareciam exaustos e amedrontados. — Vamos ter que carregá-lo.

Piotrowicz encarou a mulher por um longo tempo. Por fim, assentiu.

— Então vamos dar o fora daqui.



Não demoraram muito para ajeitar Lutz e seguir caminho.

A gravidade mais baixa ajudou. Montaram uma maca usando duas hastes e um cobertor da van. Foi um tanto cômico ver pessoas menores levantando o mercenário corpulento quando a colocaram debaixo dele.

Enquanto trabalhavam, o trio de vigias continuava atento, falando pouco.

Cho tentou se comunicar com Manning, sem sucesso.

Não restava mais nada. Precisavam seguir em frente.

Tinham que ir embora.

Pegaram tudo o que conseguiram carregar e começaram a se dirigir à porta de onde Perkins tinha visto Willis sair. As três sentinelas assumiram posições estratégicas ao redor do grupo de dez pessoas desarmadas. Perkins entregou seus óculos de visão noturna para Rosemont, para que ela pudesse guiar seu pessoal enquanto transportavam o homem ferido.

— Lá vêm eles! — bradou Vogel.

Apontou com o cano da batedora.

O túnel de silício negro, que supostamente havia sido selado, começou a lançar diversas silhuetas escuras. Ninguém mais as viu, só Vogel. Então os outros guardas notaram a chegada e se alinharam a ela.

Ainda carregando Lutz, Rosemont e sua equipe correram como podiam, acompanhados por Perkins e Cho. Piotrowicz, Vogel, Dwadji e Anderson ficaram para trás e apontaram para as criaturas vis que avançavam parede abaixo, movendo-se aos pulos, sem ficar mais do que um instante no mesmo lugar. Perkins desacelerou o passo para ver o que estava acontecendo, apesar de não querer fazer isso. Só queria correr. O medo contorceu seu estômago como um torno.

Na semiescuridão, conseguiu distinguir apenas os contornos dos alienígenas, sem detalhes. Dois deles foram alvejados enquanto desciam e caíram no chão da caverna sem mais nenhum sinal de vida. Os outros foram mais rápidos e desceram intocados. Protegeram-se atrás das pilhas de materiais sem que ninguém os atingisse.

O grupo chegou à porta.

Por favor, esteja aberta, pensou Perkins. Se, por qualquer razão, Willis tivesse trancado a porta depois de sair, estariam num barco furado num rio de merda. Mas, apesar dos seus medos, a saída se abriu. Cho passou primeiro, acendeu a lanterna e olhou rapidamente ao redor. Gesticulou para que o restante do grupo se juntasse a ele enquanto seguia na frente. Não tinha como saber o que havia

acima deles, e era melhor se precaver.

— Anda, gente! — disse Perkins. — Temos companhia, e elas vêm para cá.

Era provável que não precisassem de alguém para lembrá-los desse fato, mas ela o fez mesmo assim.

Atravessou a porta e olhou para trás, desejando ter ficado com os óculos, observando os outros fazerem o melhor que podiam para combater as criaturas malditas. Não conseguia ver os insetos. Só enxergava os quatro colegas em seu posto no alto, atirando.

Viu uma das criaturas quando ela avançou em Piotrowicz. Ele estava de pé a alguns metros do chão, e a silhueta escura atacou, movendo-se entre duas pilhas. Perkins só a viu porque a cauda serrilhada se agitou rápido o bastante para chamar a atenção.

Ela viu.

Petey, não.

— Piotrowicz! — gritou a mulher, e ele se voltou para ela.

A criatura pulou, alcançando o topo com facilidade. Atingiu o homem com força suficiente para erguê-lo no ar. As garras dianteiras pousaram nos ombros dele e o puxaram. Ela viu a pistola na mão dele saltar e cair longe, e mesmo a distância achou ter ouvido o som do crânio de Piotrowicz rachando ao atingir o chão de terra batida.

Teve a impressão de estar olhando bem nos olhos dele quando a fera desceu e mordeu o rosto do mercenário. Perkins não aguentou mais. Ela apontou e atirou na coisa. Errou, mas o disparo abriu em Petey um buraco grande o bastante para passar um braço.

— Ah, porra, *não*!

Sua voz falhou ao ver o corpo do amigo balançar com o impacto. Ainda o fitava quando o monstro olhou em sua direção e avançou. A adrenalina e o instinto tomaram o controle.

Ainda teve tempo de mirar e atirar.

A criatura maldita se abaixou, desviando-se do disparo. Isso bastou para fazer Perkins se concentrar. Mirou de novo e percebeu que era tarde demais.

O demônio estava diante dela, sibilando, arranhando, e em seguida a cabeça da mulher bateu na parede do túnel de acesso e não houve mais nada.

A escuridão engoliu todo o seu mundo.

Perkins odiava o escuro.

43 NINHOS

Ouviu-se um ruído alto de algo sendo triturado, depois toda a máquina balançou, estremeceu e parou. O elevador deixou de funcionar. Eles estavam subindo num ritmo bom.

Nesse momento, Decker pensou que ficariam presos no elevador para sempre. Viu-se respirando com dificuldade e rápido demais. Precisava sair.

— Você está surtando de novo. — Adams olhava para ele. — Eles estão mais perto?

Ele engoliu em seco e tentou se concentrar.

— Não consigo pensar — respondeu. — Mas acho que não são eles. — Forçou as palavras boca afora, pois elas não queriam sair. Queriam ficar trancadas na garganta.

Manning notou a conversa e sussurrou uma ordem, mandando Adams dar uma injeção nele. Ela o fez, e doze batimentos cardíacos mais tarde ele se sentiu mais calmo. As faixas em torno do peito afrouxaram e ele inspirou normalmente uma vez, e outra, e uma terceira.

— Estão muito próximos — avisou. — Também estão determinados. A única sensação que capto é de que sou o alvo.

— Quer dizer que antes não estavam determinados?

— Cala a porra dessa boca, Leibowitz — rosnou Manning.

— Estavam determinados antes, sim — respondeu Decker, mais resolutivo. — Mas acho que agora estão em maior número, e esse grupo parece, não sei, concentrado. Isso não é ciência, entende? É uma intuição. Não parece haver mais muito ruído branco vindo deles.

Adams suspirou alto perto dele. Estava irritada.

Nem me fale, pensou Decker.

Manning chamou o restante do pessoal pelo comunicador, mas não teve resposta. Nenhum sinal de Cho. Ninguém respondeu em nenhum dos níveis.

Resmungando, frustrado, voltou a atenção para o elevador. Segurando-se,

meteu a bota na grade e se esticou até abrir o alçapão no teto. Passou menos de um minuto olhando lá fora e desceu.

— São uns três metros e meio até a porta do próximo nível. Acho bom tentarmos. — Olhou ao redor por um instante. — Alguma objeção?

Não houve nenhuma.

Manning foi o primeiro a subir, seguido por Adams e depois pelo próprio Decker. Um por um, escalaram até o topo do elevador, e os dois mercenários sacaram um par de luvas de proteção de um bolso da calça. Assim como as luvas que Decker tinha usado muitas vezes no local de trabalho, surpreendiam por serem muito finas e eficazes, garantindo que o tato não fosse prejudicado.

O líder dos mercenários as usou para segurar o cabo, às vezes limpando um pouco da graxa das fibras de metal para se sustentar melhor. Em questão de minutos estava diante das portas lá em cima, lutando com o mecanismo da tranca. Adams observava enquanto ele subia, e Decker olhava para Adams.

Esforçou-se para voltar a atenção para os insetos. O medicamento lhe permitia lidar com a presença crescente das criaturas sem se mijar de medo. Estavam perto. Tão perto que Decker quase sentia o cheiro deles.

Decker olhou ao redor para garantir que essa última parte havia sido só imaginação, pois os insetos pareciam gostar de se esconder nos lugares mais estranhos. Poderiam até ser a razão do defeito no elevador.

Vendo o que ele fazia, Adams apontou a lanterna e começou a examinar a área, franzindo a testa.

Nada. Em seguida Manning baixou uma corda.

— Trate de usar luvas — avisou. — A corda é fina o bastante para cortar.

Decker balançou a cabeça.

— Não tenho luvas.

Pouco depois, duas luvas sujas de graxa caíram no seu rosto.

Adams abafou uma risada — embora não parecesse se esforçar muito — e começou a subir. Ele a seguiu um instante depois, içando o corpo pela corda, retesando-se com o esforço. Ficou feliz pela gravidade mais baixa.

Escalou até o piso do túnel. Esperaram os outros subirem, e Decker fez o que pôde para isolar as ondas de emoção que giravam em torno dele. Longe do elevador claustrofóbico, pôde identificar melhor os detalhes, e havia outra sensação — que não conseguiu definir com facilidade. Tentou se concentrar nela, isolá-la, mas foi em vão. Parecia mais interferência do que emoção.

— Tem alguma coisa lá embaixo, à esquerda — avisou ele. — Não parece os insetos, mas é forte o bastante para chamar minha atenção. O que significa que é algo sério.

Como no nível anterior, este corredor estava bem iluminado, embora as lâmpadas fossem mais escassas. Algumas estavam quebradas e outras pendiam do teto onde os ganchos cederam e as soltaram.

— Acha que pode descobrir o que é? — perguntou Manning, recuperando as luvas e guardando-as num compartimento da mochila. Sua expressão tinha voltado a ser neutra.

— Sim, posso. — Decker assentiu. — Como eu disse, é forte. Também tem algo de familiar, mas não consigo identificar muito bem por quê.

— Então não perca tempo. Mostre o caminho.

Manning o deixou ir à frente, mas ficou por perto.

As diferenças entre os níveis logo ficaram evidentes. Enquanto o quinto nível parecia vazio, como se tivesse sido abandonado por muito tempo, ali havia muito mais sinais de atividade. Marcas nas paredes indicavam que aquele era o segundo nível, e algumas das placas e avisos pareciam ter sido colocados pouco tempo antes.

O corredor era tão bem pavimentado quanto o anterior, mas ali havia mais câmaras de cada lado, e o grupo teve que verificar cada uma antes de prosseguir. Havia várias retroescavadeiras e caminhões estacionados nas áreas próprias para isso. Manning observou o lugar com interesse, mas não disse nada.

Uma grande abertura à direita revelou uma câmara escura. Havia lâmpadas, mas a maioria estava danificada ou queimada. As poucas que restavam eram fracas e piscavam, vacilantes.

Uma rápida olhada lhes informou que aquele era um ponto ativo de mineração. O filão de trimonita estava muito visível, escuro e brilhante nas paredes talhadas brutalmente. O teto chegava a cerca de seis metros em alguns pontos, e em outros parecia ainda mais alto. Devia ter sido ali que os mineradores encontraram um filão especialmente rico de minério bruto.

Decker espiou uma das cavidades escuras e deu de ombros.

— É claro — disse ele. — É aí que a sensação é mais forte.

— Você nunca deixa de ser engraçadinho, não é? — Manning balançou a cabeça e posicionou o rifle um pouco mais perto do peito. — Bridges! Vem aqui já.

— Mas o que foi que eu fiz agora?

O mercenário tentou ser engraçado. Manning não estava no clima.

— Faz de conta que você é o canário na mina de carvão — disse ele. Como Bridges pareceu não entender, acrescentou: — Preciso de alguém para usar como isca, e você foi escolhido.

Bridges assentiu e bateu a arma de choque na perna. Decker se encolheu por

reflexo, esperando que o homem uivasse de dor. Um instante depois, ergueu a arma, e o leve zumbido se fez ouvir.

Adams se aproximou dele.

— O mesmo procedimento. — Entregou a Decker um bastão de metal. — Use a matadora primeiro. Acabou a munição, use isso. Bata neles se chegarem perto demais. Do contrário, deixe comigo.

Decker não era idiota de pedir que lhe devolvesse o rifle, mas ficou um pouco tentado a fazer isso. Ele pôde perceber que os insetos fechavam o cerco, devagar, mas de modo implacável.

Prosseguiram com cuidado, e Decker sugeria onde olhar enquanto a equipe jogava luz sobre a superfície escurecida das paredes. Não demoraram muito até começar a ver a mesma substância usada na construção dos túneis negros. Logo o material brotava de cada superfície disponível.

A sensação estranha aumentava. Então ele viu a fonte.

Ao longo das paredes, espalhadas numa confusão irregular, silhuetas se destacavam na escuridão. Nenhuma delas fazia muito sentido até ele entender que não estavam apenas *junto* da escuridão, mas tinham sido consumidas por ela.

Não, consumidas, não — confinadas dentro dela, entrelaçadas ao silício negro. Em um ponto ou outro, um membro se projetava para fora, mão ou punho fechado, osso ou parte da carne. A maior parte do que estava à mostra eram rostos, alguns petrificados em esgares de dor; outros, com a boca escancarada em desespero. Havia pessoas ali, *muitas* pessoas. Havia sido enclausuradas no silício negro como moscas numa teia de aranha.

— Que merda é essa?

Decker não sabia quem tinha dito isso, mas as emoções de todos no grupo se ouriçaram. Horror, raiva, medo... todas em igual medida.

A maior parte das pessoas presas estava inconsciente, embora desse para ver que algumas respiravam. Enquanto as lâmpadas falhavam sobre aquelas formas, Decker só pôde pensar que aquilo era uma bênção. Várias estavam mortas. Pendiam das amarras lustrosas, e, sem exceção, tinham buracos no abdome ou no peito, com as entranhas escorrendo da abertura. Tentou contar quantas eram, mas os números não quiseram se fixar na mente. Perdeu a conta depois de quinze.

A quantidade era grande demais para que todos fossem mercenários. Com certeza havia mineradores e outros civis — ele não queria saber quantos.

— Puta merda. — Manning os olhou de cima a baixo. Não tinha mais a expressão calma. Agora, rilhava os dentes. Seu olhar se deteve num dos mortos, e ele se virou. — Adams? Cho não disse algo sobre isso?

— É, sobre uma das civis — respondeu ela. — A cientista com um buraco no peito.

Adams apontou a lanterna para a ferida profunda e a observou com atenção. Decker não queria olhar, mas percebeu que não conseguia evitar.

Então notou uma coisa.

Os mortos não eram a origem da sensação estranha, mas estavam perto dela. Os humanos inconscientes também não eram a fonte. Estavam desacordados, e isso emudecia qualquer emoção que pudessem transmitir.

— Merda. — Decker balançou a cabeça e recuou. — Está vindo de dentro deles. — A voz saiu rouca.

O corpo inteiro ficou dormente. A *presença* daquelas coisas se inflamou na mente dele até seus ouvidos começarem a zunir.

— O que foi? — perguntou Adams.

— A sensação que estou tendo — respondeu ele. — Está dentro das pessoas. É alguma coisa que está dentro delas.

Bridges olhou brevemente para trás.

— Acredite em mim, não tem nada dentro dessas pessoas.

Ao falar, indicou com o queixo uma das feridas. Decker não sabia se o homem estava tentando ser engraçado. Se sim, não tinha conseguido.

— Não, *nessas*, não — sibilou ele. — Estou falando das que estão vivas. Tem mais alguma coisa acontecendo aqui. Tem alguma coisa *dentro* delas. — Quando disse isso, os outros murmuraram palavrões até que Manning os mandasse calarem a boca.

— Que nojo! — Adams balançou a cabeça. — Mas está de acordo com o que Cho disse. Antes, eu não conseguia imaginar, mas agora faz sentido.

Manning ia dizer algo, mas, em vez disso, apontou e atirou num movimento único, rápido e certo.

44 BERÇÁRIO

O resultado foi um guincho de dor de um dos insetos, que foi partido ao meio.

A suspeita se tornou fato: os malditos monstros estavam lá. Tinham se escondido na cascata negra de silício, alguns perto das vítimas presas, outros mais distantes. Enquanto Decker observava, as coisas se desdobraram dos seus locais de repouso e passaram depressa a posturas agachadas, sibilando diante da invasão humana ao território.

Uma delas o olhou, e sua raiva cresceu mil vezes. No mesmo instante, a sensação se espalhou pelo recinto, enquanto todas as criaturas o reconheciam. Mas, ao contrário de antes, não atacaram. Em vez disso, hesitaram e... assumiram posições.

— Estão protegendo as pessoas — disse Bridges, com um tom de confusão genuína. — Por que fariam isso?

— Não. — A voz de Manning tinha uma calma despropositada. — Estão protegendo os filhotes. Era isso que Cho estava dizendo antes. Elas implantaram filhotes dentro das pessoas.

Vários mercenários ficaram incrédulos. Mas lá estava, à vista de todos. Nem os cadáveres, nem os hospedeiros vivos dos ovos profanos se juntaram à discussão. Não podiam. Foram poupados da agonia da consciência.

Em meio ao ruído, Decker reconheceu algo. As *coisas* dentro dos corpos mantinham os hospedeiros sedados. Era por isso que não emanavam medo. Não amorteceram a dor, mas anestesiaram as emoções. Sedativo para o espírito, não para a carne. A simples ideia o horrorizou.

Manning gesticulou mais uma vez, e, com a facilidade de profissionais treinados, os freelancers entraram numa formação mais fechada. Quem carregava uma arma de longo alcance formou um par com alguém que portasse uma batedora ou outro tipo de instrumento para combate corpo a corpo. Posicionaram-se ao redor de Decker.

Sem aviso, os alienígenas atacaram. Não houve tensão de sobreaviso, e

avançaram com a rapidez súbita e a eficiência brutal de predadores naturais. Outra vez, foram direto até Decker.

— Atirem!

Manning abriu fogo e explodiu uma das criaturas quando ela saltou para atacar. Outros fizeram o mesmo, inclusive Adams, que atirou naquela que escalava a parede mais próxima e quase ficava de cabeça para baixo ao vir do alto na direção deles. O fedor do sangue alienígena se misturou à podridão dos mortos e aos odores industriais da própria mina.

Decker tentava prestar atenção em tudo ao mesmo tempo. Apesar de se concentrarem nele, daquela vez as criaturas pareciam mais cuidadosas, movidas por um propósito maior. Algumas pareciam estar se sacrificando, mas mesmo nesse gesto parecia haver um padrão...

Então ele entendeu.

— Estão tentando nos afastar dos filhotes!

Manning parou por um momento, depois atirou num dos humanos presos à teia negra. O mercenário ou teve muita sorte ou mirou muito bem, pois acertou o ombro do alvo sem chegar a matar o pobre-diabo.

A reação foi imediata. Os insetos voltaram toda a atenção a Manning e se deslocaram para bloqueá-lo e impedir que tivesse uma área livre para mirar.

— E você tinha razão de novo. — Manning atirou no inseto mais próximo, que recuou, por pouco não se tornando outra vítima. — Agora, me diga como isso nos ajuda.

— Você é o estrategista, porra. Você me diz! — Decker sentia que eles se aproximavam vindo de diferentes direções. — Tem mais dessas coisas vindo do corredor principal — acrescentou ele. — Vão nos cercar aqui dentro.

— Então vamos abrir caminho — berrou Manning. — Às doze horas, gente... Mandem ver com tudo.

O líder abriu fogo, e o restante da equipe fez o mesmo, concentrando-se nos que estavam diante deles, tentando abrir caminho. Quando os insetos chegavam perto demais, Manning atirava em outra vítima pendurada na parede. Na mesma hora, as criaturas iam naquela direção, como se levadas somente por instinto.

Usando esse método, os mercenários começaram a andar.

— Não estou gostando disso. Tem cheiro de cilada — comentou Bridges, sacando a pistola com a mão livre. A arma de choque eletrocutava criaturas à sua direita, e a pistola abria caminho à esquerda. Outro inseto morreu.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, um dos monstros estava sobre ele. Veio de cima e pousou nos ombros do grandalhão, mordendo a parte de trás do pescoço e cravando as garras ao longo do seu corpo. O mercenário caiu e não se

levantou mais.

O inseto passou por cima dele e avançou na direção de Decker, mantendo-se abaixado rente ao chão. Adams atirou e errou, depois se esquivou do caminho da criatura quando a coisa avançou. Decker deu um berro e brandiu o bastão, atingindo o rosto negro e lustroso da criatura. A haste de metal duro rachou a cabeça, mas isso não bastou. Ela continuou avançando, com todos os dentes à mostra enquanto se lançava nele.

Alguém puxou um gatilho e a coisa explodiu, espirrando uma nuvem de sangue ácido sobre a mão esquerda e o peito de Decker. Ele tirou as vísceras ardentes da mão, depois puxou o colete freneticamente. A dor bastou para anular o entorpecimento do que quer que Adams tivesse injetado nele.

Ninguém o ajudou. Não podiam. Manning seguiu em frente, e as coisas saíram do caminho, deixando-o partir. Todos os que foram capazes o seguiram, um por um, passando por cima do corpo de Bridges ao avançar.

De trás, vieram novos sons, os ruídos de mais daquelas coisas vindo em sua direção. Não havia aonde ir senão em frente.

Decker passou pelo mercenário morto e pela teia de mineradores vivos e mortos. Não era o único à beira do pânico. Agora, podia senti-lo vindo de várias fontes, e, por mais que quisesse ignorar, não conseguia.

A dor na mão piorou, e ele a esfregou várias vezes na calça, tentando se livrar da queimação. Mas, mesmo retirando o ácido, isso não fazia diferença para as terminações nervosas já afetadas.

As criaturas na frente deles recuavam, e Manning atirou numa que não foi rápida o bastante. Diversos mercenários estavam de costas para o grupo agora, mantendo a atenção no caminho do qual vieram para o caso de alguma das criaturas malditas aparecer. Elas logo fariam isso. Ninguém duvidava.

Uma das mineradoras penduradas na parede se arqueou, depois se retesou, e um instante depois havia sangue escorrendo pelo peito. Enquanto olhavam, algo se contorceu ali, e viram a forma vaga de uma das criaturas, o rosto pressionando a pele e a roupa.

Adams empurrou Decker para o lado enquanto ele fitava a cena e disparou uma única cápsula de plasma no peito da mineradora. A hospedeira humana não reagiu. O parasita no peito soltou um ganido de dor fraco, e Decker soube que naquele instante havia sido morta.

A reação dos insetos foi imediata. Atacaram em peso, os do corredor entrando rapidamente e se preparando para matar até a última pessoa. Um dos mercenários gritou um aviso e jogou algo na onda fervilhante de quitina negra. Um instante depois, uma explosão despedaçou os monstros. Muitos

perseguidores foram retalhados pelo impacto, mas alguns saíram quase intatos e continuaram atacando.

Um por um, os freelancers acabavam com eles.

Adiante, o corredor estreito dentro do salão de silício se abria numa área maior, e, ao chegar lá, Manning estacou.

— Todos vocês! — gritou ele, uma nova aspereza na voz. — Venham aqui agora! E tragam o plasma!

Mesmo antes de chegar lá, Decker também ficou paralisado. Os outros vieram depressa, passando por ele. Mas Decker não conseguia, *não podia* dar nem mais um passo. Ainda não via o que tinha detido Manning, mas *sentia*. Sentia a raiva, muito mais inflamada que qualquer coisa que já tivesse sentido antes, nitidamente definida. Não a via, mas a conhecia. Decker a tinha visto no pior dos pesadelos, nos lugares escuros dos quais não queria se lembrar.

Os insetos eram ruins, mas isso?

Isso era bem pior.

Um som veio daquela câmara, e era repulsivo. Um sibilo profundo e gutural mesclado a um guincho agudo que gritava *fique longe!*. O som invadiu os sentidos e penetrou o cérebro e foi muito mais que um simples barulho. Havia naquele guincho algo que ultrapassava os cinco sentidos.

Mas então o som mudou, e a nova nota soou quase como o rosnado de um predador.

A criatura sabia que ele estava próximo e o queria. Queria muito.

Atrás dele, vinham mais insetos, rastejando pelo chão e passando por cima dos próprios irmãos mortos. Deslizando pelas paredes e pelo teto, esguios e famintos. Por um breve momento, ele bloqueou a obscenidade que aguardava depois da próxima parede. Deixou o instinto de sobrevivência guiá-lo em direção a Manning e ao restante dos mercenários com suas armas.

Assim que atravessou aquela última barreira, os perseguidores pareceram *parar*, como se não estivessem dispostos a prosseguir na luta. E ele viu por quê.

Viu cada um dos seus pesadelos ganharem vida.

45
MÃE DE ARANHAS

Grandes massas ovais se erguiam do chão, amortalhadas numa neblina baixa que não podia existir numa mina. Ele não sabia se a névoa era criada por aquelas formas ou se vinha da abominação atrás delas.

Era tão grande, tão ampla, que Decker quase pensou que só podia ser uma construção — a catedral na qual os demônios realizavam o culto. Em seus pesadelos, os seres eram aranhas, mas isso se devia ao fato de que sua imaginação só ia até o limite da experiência humana. Aquela coisa tinha, sim, características aracnoides, mas era alienígena além da compreensão. Membros imensos mantinham o corpo ereto. Pernas enormes brotavam acima do que seria o tronco do corpo, espalhando-se amplamente, sustentando a criatura no ar.

Se o corpo era a catedral, então com certeza a enorme cabeça da fera era o altar. Havia uma simetria vulgar na visão, uma silhueta mortífera e graciosa que atraía o olhar à boca, onde os lábios se arreganharam e desnudaram dentes cristalinos que cintilavam.

A grande cabeça se virou para ele quando entrou no espaço cavernoso e, embora não pudesse ver nada semelhante a olhos, sentiu que a coisa o observava, sentiu a mente dela sondando-o. Se a raiva dos insetos era um fogo lento, o ódio que emanava dessa grande fera era um incêndio furioso ardendo em sua mente.

Decker tinha consciência do movimento ao seu redor, mas era incapaz de compreender o que percebia pelo canto dos olhos. Estava absorto demais na coisa que se aproximava lentamente para olhá-lo melhor. Ela não pôde avançar muito. O corpo enorme estava preso por um imenso abdome que se contorcia, arfava, pulsava por vontade própria e vomitava mais uma sementinha reluzente no chão.

Sementinha. Ele se viu prestes a dar uma risada histérica. Sementinha. Essa era boa. Era impagável!

Decker conseguiu desviar o olhar do monstro por um instante, pois precisava

compartilhar a piada.

— É a mãe deles — disse a Manning, Adams e os outros. — Está botando ovos. Ao redor de nós. Essas merdas são ovos.

E o pior de tudo? Achava que ela não era a única. Não podia ver as outras, mas captou um vislumbre distante, um eco daquilo que emanava dela em pontos diferentes sob o Mar de Angústia. Havia mais de um desses monstros.

Nenhum dos mercenários prestou a menor atenção a ele. Estavam paralisados pela visão do monstro. Então Decker desviou o olhar de Adams, de Manning e do restante e fitou os ovos em si. Havia *coisas* se mexendo dentro deles, e alguns se agitavam enquanto seu topo se abria.

Monstros saíram dos ovos.

Não eram como os insetos nem como a grande mãe de todos eles. Eram um tipo de demônio totalmente diferente. Não o odiavam, não se importavam com ele. Tinham uma única missão, um desejo intenso, frio e aterrador.

“Abraçadores” era como os arquivos da Weyland-Yutani os chamavam. A mente de Decker gritava que eram aranhas, a fonte de sua recente aracnofobia. Sabia o que eles queriam. Sabia o que faziam, e isso tornava a visão muito pior.

Decker recuou e encostou as costas na parede. Tentou empurrar a superfície imóvel e não foi recompensado pelo esforço.

— Ah, puta merda — murmurou.

Uma das coisas correu pelo chão e saltou, *saltou*, e ao mesmo tempo o grande monstro atrás do imenso conjunto de ovos deu um rugido que fez humanos e rochas tremerem. Sem exceção, todos olharam — de fato, não havia escolha.

Pernas longas e brancas como dedos monstruosos saíram do corpo aracnoide, e uma cauda longa e grossa chicoteou com precisão letal. Decker tentou alcançar Adams a tempo, mas falhou. Saltou na mesma hora em que a coisa agarrou o rosto da mercenária com os membros e aquela cauda que parecia um açoite se enrolou no pescoço dela, como uma força.

Adams soltou o rifle, tentando arrancar a coisa do rosto, arranhando-a.

Ao mesmo tempo, outra criatura maldita pulou na direção de Manning. Ele disparou e o corpo explodiu, se espalhando pelo chão e atingindo as pernas dele.

O mercenário começou a queimar. Ele sacou a faca do cinto e cortou rapidamente a calça, serrando o tecido grosso. Mas Decker mal notou.

Adams!

Olhou para a mulher no chão, lutando para se libertar da coisa que envolvia seu rosto. Estranhas vesículas nas laterais da criatura estremeceram e se agitaram, e Adams resistiu, mas suas mãos não estavam conseguindo fazer muita coisa.

Ele sentiu o horror dela perfurando seus sentidos. Uma repulsa imensa e sufocante fluía de Adams, uma completa incapacidade de respirar carregada pela onda de medo e violação.

A grande mãe de todos os pesadelos rugiu mais uma vez.

Os mercenários não socorreram Adams. Nem ajudaram Manning. Em vez disso, abriram fogo contra a coisa enorme que gritava, exigindo a morte deles. Cápsulas explosivas e rajadas de projéteis atingiram o corpo, rachando o couro grosso e estilhaçando a carapaça quitinosa. A fera-mãe-das-aranhas se empinou, quase chocada pela audácia daquelas criaturas inferiores que se atreviam a atacá-la. Decker sentiu a surpresa do monstro. Ela devia ser idolatrada. Devia ser rainha, deusa e mãe de todos.

Ele sentiu tudo isso naquela mente, se é que poderia chamá-la assim.

A demônia pedante guinchou e rugiu, e atrás dela os insetos reagiram. Não houve hesitação. Não houve demora. Ela ordenou e eles obedeceram, inteiramente dispostos a se lançar entre ela e os inimigos. Avançaram rumo a Decker e aos mercenários, e ele agiu do único jeito que conseguiu pensar. Pegou o rifle de plasma no chão diante de Adams e atirou na primeira coisa que chegou perto demais.

Um pequeno sol incendiou o ar e errou o alvo pretendido. Em vez disso, a luz rompeu a superfície de um dos ovos e acendeu o interior, enquanto a criatura com aspecto de caranguejo pegava fogo e fervia dentro da casca.

A rainha se lançou para a frente, e seu rosto avançou na direção de Decker. Ela o fitou, e o calor do seu ódio se projetou com força.



Imagens o trespassaram, e Decker soube que foram enviadas pela coisa que assomava diante dele. O rosto de Ellen Ripley surgiu em sua mente, distorcido pelos sentidos inumanos do xenomorfo. A criatura enxergava, mas não com olhos, concluiu Decker. Ela sentia o sabor e o tato, e ouvia, mas nenhuma dessas palavras expressavam bem o que acontecia de fato.

Nos sonhos, ele havia tentado interpretar a mente dos xenomorfos. Ali, tão perto da rainha das coisas infernais, as imagens vinham sem filtro, cruas e dolorosas.

Decker viu e, até onde pôde, entendeu. As criaturas estavam conectadas de um modo que os seres humanos muitas vezes buscaram, mas falharam. Eram uma colônia, uma colmeia. Compartilhavam os pensamentos em níveis que as pessoas não podiam alcançar, e agora ele era parte disso. Haviam tocado sua

psique e o marcado pela sua linhagem.

Ellen Ripley estava gravada na mente deles. Era a Destruidora e, por causa da ascendência, Decker também era um Destruidor.

Ele fechou seus pensamentos à coisa alienígena, aterrorizado pela ideia de que, de alguma forma, ela soubesse de seus filhos.



A grande demônia guinchou, e ele sentiu a respiração dela em seu rosto. Decker apontou, atirou e errou.

À sua volta, os mercenários faziam um trabalho melhor. A maior parte cuidava das coisas que os cercavam, mas alguns atacavam as criaturas maiores que avançavam. Manning era um deles, apesar das queimaduras agora visíveis na pele nua.

Decker atirou repetidamente e encontrou um método. Fatos de luz saíram da ponta do rifle e se enterraram nos alvos. Três ovos explodiram. Mudou de alvo depressa quando a mãe gritou e tentou mordê-lo. Mas não disparou nela. Não conseguia se forçar a olhá-la, pois vê-la fazia com que se tornasse real demais, e a mente de Decker só queria fugir dali.

Olhou para o corpo dela, para a bolsa cheia de ovos que carregava dentro de si. E foi lá que concentrou os disparos.

A raiva da grande fera transbordou quando ela percebeu a intenção de Decker. Ela se libertou e se lançou na direção dele, atravessando a câmara, passando por sobre os próprios ovos para poder detê-lo.

Manning e os quatro mercenários restantes continuaram atirando, atingindo-a com rajadas destruidoras. O corpo dela se rompeu. O rosto se estilhaçou. A enorme crista acima da boca se partiu em dois pontos e sangrou mais ácidos que queimaram o solo, mas nada fizeram com os ovos que tocaram.

Ela rugiu e avançou mais uma vez, na direção de Decker. Mas ele não recuou, só se preparou para morrer. Não precisava ter se dado ao trabalho. A forma imensa se contorceu e desabou no chão. Mesmo assim, Manning não parou. Descarregou cada projétil que tinha na forma inerte, depois recarregou com a eficiência de um atirador experiente.

Por um momento, os insetos ficaram imóveis, enquanto a rainha-mãe desmoronava. Em seguida, enlouqueceram.

Decker tomou a única atitude possível: apontou e atirou. Ao seu redor, os mercenários fizeram o mesmo enquanto a onda de monstros avançava. Eles atacavam. Lutavam. E, um por um, morriam. Não havia aonde ir, não havia

como escapar.

Não havia nada além do combate, no qual os horrores dos seus pesadelos vinham afogá-los.

Sua ira não podia arder com mais intensidade, mas seu sofrimento era infinito.

O inimigo havia matado a rainha e precisava ser detido, mas o instinto e o ódio nem sempre se misturavam. O sentimento queimava com mais calor e luz, e, por mais que quisessem vingança, precisavam pensar nos procriadores. Sem eles, a colônia morreria, e isso era inaceitável.

Vários deles lutavam contra o instinto e se defendiam dos invasores, atacando o inimigo e aqueles que tentavam protegê-lo. Como se para provar que tal instinto estava certo, os que tentavam atacar eram mortos. A morte deles não importava. A única morte que importava era a da rainha. A única sobrevivência que contava era a da colônia.

Os procriadores deviam ser salvos, por isso trabalharam depressa, erguendo os ovos, arrancando-os do chão e saindo com os fardos pesados, procurando um lugar longe das chamas do inimigo.

A rainha estava morta.

A colônia viveria.

47 QUEDA

Várias vezes Pritchett pediu permissão para aterrissar, mas foi em vão.

A não ser em situação de combate, não estava acostumado a aterrissar sem permissão. Não gostava de não receber a confirmação, pois esse tipo de merda complicava a vida. Contudo, sabia aonde ir. Desceu do céu e, com muito cuidado, pousou na superfície dura da pista de pouso. As areias negras haviam coberto a maior parte da sinalização, que apareceu novamente quando os propulsores estabilizaram a nave e depois desaceleraram a descida até ele sentir o grande veículo parar.

Fez questão de fazer tudo conforme as regras, desde verificar a atmosfera e as condições climáticas até desligar tudo, deixando em modo de espera. De jeito nenhum daria a Rollins uma razão para se irritar com ele.

O motor entrou em modo de suspensão, e as luzes o acompanharam, escurecendo.

Ninguém veio recebê-lo quando tocou o chão. Isso era estranho. O maldito lugar era grande demais para não haver ninguém em horário de trabalho, e a esta hora já deviam ter consertado o que quer que houvesse de errado com o sistema de comunicação.

Viu a chuva caindo pela janela e imaginou que aquilo podia ser parte do motivo, mas também não chegava a ser nenhum furacão. Ainda assim, ninguém apareceu. Então ele se acomodou no assento. Por enquanto, tinha que esperar enquanto as pessoas lá fora realizavam sua missão.

Tentou usar diversas frequências para falar com os outros, mas não teve retorno. Como isso não deu certo, Pritchett chamou a chefe, por mais que detestasse a ideia.

— Aterrissei com segurança — anunciou ele pelo comunicador. — Agora, é só esperar.

No começo ela ficou em silêncio, e ele se perguntou se ela teria ouvido. Em seguida Rollins respondeu.

— Fique preparado, senhor Pritchett. A situação se tornou consideravelmente mais séria.

Que diabos isso quer dizer? Ele não perguntou como ela sabia o que estava acontecendo na superfície do planeta e *abaixo* dela. Na verdade, não queria saber. Só queria terminar com aquilo.

Era uma pessoa cética, mas tinha um péssimo pressentimento sobre toda a situação.



Depois de uns minutos, seu olhar captou algo. Havia movimento lá fora, na areia. Pelo menos, era alguma coisa. Não se sentia mais tão abandonado.

Não que estivesse planejando sair ou entrar qualquer um entrar na nave. Por sua experiência, todo cuidado é pouco.

48

AMOR

A mandíbula de Perkins parecia pronta para cair. Os lábios estavam inchados e sensíveis. O pescoço doía. Na verdade, tudo doía.

De algum lugar distante, ouviu gritos e disparos de armas. Também reconheceu o tipo de guincho que os insetos davam, só que mais alto.

A escuridão não era total — essa foi a primeira coisa que percebeu. Abriu os olhos devagar e sentiu a dor na lateral da cabeça, onde o capacete tinha sido arrancado pela coisa que a havia atacado. Tentou tocar a cabeça e percebeu que estava de mãos atadas.

Então observou a escuridão.

O material escuro dos túneis estava por toda parte à sua volta. Pôde senti-lo contra o pescoço, o rosto. Conseguiu mexer alguns dedos da mão esquerda, que tocaram em algo quente, mas a direita estava inutilizada, e a tentativa de fazer os dedos se mexerem resultou apenas numa nova onda de agonia.

O monstro havia mordido sua mão. Lembrava-se de como ele tinha sido veloz e da explosão súbita de dor que correra do pulso até a ponta do dedo médio. Tinha certeza de que os dedos ainda estavam todos ali, mas a dor era *infernai*.

O calor junto à mão esquerda se mexeu um pouco, e ela virou a cabeça o máximo que pôde.

A voz de Piotrowicz soou por perto, com um toque desagradável e úmido.

— Fiquei pensando se você acordaria.

— Petey? O que está acontecendo?

Ele riu. Foi um som chiado e baixo que se tornou um pequeno acesso de tosse.

— Provavelmente não dá para você ver, mas as coisas que parecem aranhas estão por toda parte. Agora há pouco tinha uma na sua cara. Na minha também. Tem uma cobrindo a cara de Cho agora mesmo.

— O quê?

Falar doía. Ela passou a língua nos lábios sensíveis e sentiu um gosto que não era de sangue. Não tinha certeza se queria saber o que era, mas o sabor era

amargo, quase metálico.

— A gente já era — continuou ele. — Já morremos, Perkins. Só temos que esperar um pouco até o resto acontecer.

— Do que você está falando? — A voz dela falhou. Sentiu o ardor das lágrimas e tentou refreá-las.

— Aquela civil de antes, Colleen alguma coisa. Um desses bichos a atacou. Colocou algo dentro dela. Eu senti. Senti aquela coisa desgraçada na minha boca, na minha garganta. — A voz dele estava áspera, e Piotrowicz suspirou longamente, trêmulo. — Acho que estou sentindo a coisa se mexendo dentro de mim. Nós vamos morrer. E vai ser ruim.

— Porra, Petey.

— Eu sei. — Ele sentiu o calor roçar seus dedos. — Consegue alcançar?

— Alcançar o quê?

Perkins sentiu um tecido. A roupa estava molhada e quente, o tipo de calor que ela sentia ao tocar uma criança com febre. Seu sobrinho Joe sempre tinha febre. O menino ficava doente o tempo todo. Então sentiu uma linha de metal deslizar pela ponta do dedo. — Espera. Acho que consegui. — Mexeu os dedos e se esforçou muito, e sentiu o metal fino preso entre os dedos. — Peguei, acho.

— Legal. Isso é bom. — Piotrowicz tossiu. — Estava imaginando o quanto esses bichos são espertos, sabe? Quero dizer, são bons caçadores. Trabalham em equipe. Já vi nos fuzileiros unidades inteiras que não trabalhavam tão bem em grupo. E você se lembra do Phillips, não é? O cara não sabia nem soletrar “trabalho em equipe”.

— É. Eu me lembro dele.

Perkins não gostava muito de Phillips. Era um homem amargo e rude. Também tinha um mau hálito dos diabos.

— Bom, eu acho que eles têm uma inteligência animal, não humana. Sabe por quê?

Ela não queria brincar de adivinhação, mas, na verdade, não havia muito mais o que fazer.

— Me conte.

Antes que ele pudesse responder, a voz de outro homem os interrompeu. Perkins não a reconheceu — não era um dos mercenários.

— Alguém está me ouvindo? — Ele tossiu, uma tosse feia e carregada. — Tem alguma coisa errada comigo. Muito errada. Não enxergo nada e meu peito está ardendo.

Ele parou de falar por um instante, e Perkins pôde ouvi-lo arfando ao longe. Quando recomeçou, estava rezando. Depois de uns poucos instantes tentando

recitar o que ela pensou ser o Papai-Nosso, o homem começou a gritar. Foi horrível. O tom foi ficando mais agudo e mais alto, depois desabou em ganidos.

Piotrowicz voltou a falar.

— Não vai durar muito. Acho que a coisa está saindo dele. Então, acho que eles não são muito inteligentes, porque não tiraram meu cinto. Já faz um tempo que estou me esforçando, tentando chegar a ele. No fim das contas, eu só devia ter esperado você.

Ela quase riu.

— Petey, não dou a mínima se é o fim da porra do universo, eu não vou tirar sua calça.

Em resposta, quem riu foi ele. Foi um riso fraco, mas sincero, que foi interrompido porque o outro homem começou a gritar de novo, anunciando a dor na escuridão ao redor deles.

De algum lugar perto dali, Perkins ouviu o som de uma daquelas coisas se mexendo. Davam estalos suaves quando suas partes se roçavam. Como plástico ou vidro.

Quando conseguiu falar de novo, Piotrowicz o fez com um toque de humor na voz.

— Eu te amo mesmo, Perkins. Mas, sinceramente, sempre pensei em você meio que como uma irmã mais velha. — Parou por um momento. — Não significa que eu não ia querer, sabe, se a gente estivesse em outra situação. Mas não. Estou dizendo que eles não tiraram meu cinto, e não tiraram a granada que eu estava tentando pegar. A que você alcançou agora.

Perto dali, o outro homem desabou em soluços.

— Ah — foi só o que ela conseguiu dizer.

— Acho que, se eu mexer o quadril e você puxar ao mesmo tempo, é provável que a gente consiga tirar o pino. Depois disso, só preciso me torcer um pouco para acionar o percussor.

— Você está falando sério?

Piotrowicz não respondeu. Deixou os gritos do homem responderem por ele.

Quando parou, ficaram em silêncio por um tempo.

— Ok, Petey.

— Legal. Acho que podemos acabar com isso muito mais rápido para todo mundo.

— A carga é grande o bastante?

— Perkins, querida. Já ouviu alguém me acusar de usar pouca força?

O homem começou a gritar outra vez, então parou com um estranho gorgolejo, acompanhado do som de algo se rasgando que parecia não vir apenas

de um tecido.

— Vamos nessa — disse ela. — Petey?

— Hein?

— Diz mais uma vez que me ama.

Perkins puxou o pino com força. Seus dedos ficaram tensos e a argola quase escapou, mas ela a pegou a tempo e, depois dos cinco segundos mais longos da sua vida, conseguiu tirar o pino de segurança.

— Eu te amo, Perkins.

O calor do corpo dele se apertou contra os dedos dela, e Perkins soltou o pino.

49

DIFERENÇAS

Em algum lugar ao longe houve um som, quase como uma detonação, mas abafado pela imensidão das paredes de rocha.

Depois, silêncio.

Decker olhou à sua volta e viu os insetos mortos, a mãe de todos os monstros morta, os mercenários mortos, e se perguntou como exatamente ele ainda estava vivo.

Era principalmente por causa de Manning. O mercenário ainda estava de pé, e a poucos passos de distância. Já tivera uma aparência muito melhor, mas estava vivo. Quatro deles ainda estavam de pé, e todos sangravam.

— Adams — chamou Decker.

O esforço excessivo e a adrenalina fizeram seu corpo tremer, mas se aproximou mesmo assim. Adams estava onde havia caído, aquela coisa abjeta envolvendo o rosto dela. Estava viva. Respirando. Como as pessoas grudadas às paredes, ela emanava uma ressonância emocional diferente. Estar perto dela chegava a acalmar a mente.

— Tem uma dessas coisas no Elway também — comentou Manning.

Ele olhou. Elway era um cara mais velho que não falava muito. Decker não se lembrava de uma única palavra que ele já tivesse dito.

— São diferentes.

— O quê?

— As coisas na cara deles. São diferentes.

E eram mesmo. A de Elway era menor. A de Adams era maior e parecia mais elaborada. Tinha membranas entre as patas frontais e traseiras.

— Tanto faz — disse Manning.

Olhou para os mortos e feridos ao redor. Em seguida sacou a faca e olhou para a criatura de Elway.

— Não — interveio Muller. — Sangue ácido. Você vai queimar a cara dele.

Manning fitou a coisa e por fim assentiu.

— Temos que sair daqui — declarou ele. — Precisamos chegar à superfície.
Decker olhou para Adams por um tempo.

— Então vamos — respondeu.

Suas mãos a pegaram pelos ombros e pelos joelhos, e ele içou o corpo do homem, colocando-o por cima dos ombros. Adams não pesava quase nada, mas Decker sabia que isso não duraria. Tinham um longo caminho pela frente, e muito antes de chegarem ao destino ela se tornaria um fardo muito pesado.

Manning pegou Elway e o apoiou no ombro, pendurando-o como uma bolsa. Para isso, teve que deixar a maior parte do seu equipamento, ficando apenas com o rifle e o cinto de facas e ferramentas diversas na cintura.

— Vá na frente — disse o líder dos mercenários.

Decker tentou não pensar nas pessoas que estavam deixando para trás. Ele não as conhecia. Não eram seus amigos nem parentes. Objetivamente, eram seus sequestradores. Ainda assim, não parecia certo. Mas não havia escolha.

Andaram depressa, voltando por onde tinham vindo. Ao passarem pelos corpos presos às paredes, Decker desviou o olhar. Manning, não. Estudou cada rosto enquanto passava. Decker não podia ter certeza, mas parecia estar memorizando todos.

Muller — pelo menos Decker achava que esse fosse o nome dele — olhou para onde Manning olhava e sussurrou:

— Quer deixá-los vivos?

Manning continuou olhando, mas balançou a cabeça. Não houve palavras.

Muller ficou para trás. Pouco depois, Decker ouviu uma série de detonações atrás de si. Não sabia o que Muller tinha usado nem se importava.

Por fim, o homem os alcançou.

— Onde as criaturas estão? — perguntou ao entrar no ritmo deles. — Morreram todas, Decker?

— Não. — Procurou mentalmente. — Não mesmo.

— Existem quantos dessas desgraçadas?

— Muitas. Muitas mesmo. Mais do que eu jamais poderia ter imaginado. Mas neste momento elas parecem estar ocupadas com alguma outra coisa. — Fechou os olhos e se concentrou. — Vão vir atrás de mim mais uma vez.

— Por quê? — perguntou Manning. A curiosidade surpreendeu Decker.

— Acho que o ódio é a única coisa que conhecem. E eles me odeiam. Talvez por causa do que a tal Ellen Ripley fez com eles. Talvez só porque eles acham meu cheiro esquisito. Não tenho certeza. Só sei que querem me matar.

— Bom, eu também não gosto muito de você. Mas gosto ainda menos deles. Vamos dar o fora daqui.

O elevador estava danificado, e nenhum deles queria escalar aquele cabo inteiro. Levaram quase vinte minutos para achar uma escada de acesso. A porcaria da escada não estava escondida, mas não tinha sinalização e quase se perdia nas sombras.

A porta estava emperrada, mas Manning resolveu isso bem depressa. Após entrarem, ele observou as dobradiças por um momento, depois enfiou a faca no vão entre a porta e o batente. Um mero calço, mas seria necessário muito esforço para abrir a porta pelo outro lado. Para garantir, olhou para o último membro do grupo e mandou:

— Dave, cole essa desgraça.

O homem que Decker pensava que fosse Llewellyn assentiu e revirou o interior da mochila. A gosma que passou no metal fez tanto a porta quanto o batente chiarem por alguns instantes, depois se colarem uma à outra.

— Merda. A quantos metros de profundidade estamos? — A voz de Muller estava compreensivelmente irritada.

— Um a menos a cada três degraus, meu raio de sol.

O tom de Manning não foi tão encorajador quanto as palavras. Mesmo assim, Muller entendeu a deixa e começou a subir.

Um metro a menos a cada três degraus. Talvez não fosse uma conta precisa, mas era verdadeira o bastante para Decker. Ele caminhou, fazendo o melhor que podia para não reclamar toda vez que o peso de Adams se deslocava sobre os ombros. Manning estava andando à sua frente, e fazia com que carregar Elway parecesse fácil. Por isso, detestava um pouquinho mais o desgraçado.

A ESTRADA LONGA E SINUOSA

Willis estava suando em bicas.

As pernas tremiam e os braços pendiam frouxos, inúteis ao lado do corpo, exceto quando tentava usá-los para se impulsionar por mais um lance de degraus.

De olho no prêmio. Era isso o que seu avô sempre dizia. *Fique de olho no prêmio e vai conseguir o que quiser.*

O que queria? No momento, tinha que chegar ao topo da porra da escadaria sem fim. Quem tinha pensado em cavar um túnel de acesso até o fundo das minas, sem energia?

Ele supunha que deveria estar grato, mas, na verdade, não dava a mínima.

Primeiro, Willis havia subido até o oitavo nível, planejando pegar um elevador lá. Não o principal, mas um dos elevadores de apoio secundários ou terciários. No começo, parecia uma boa ideia. Deveria ter funcionado. Mas a porta não abria. Tentou empurrá-la com o ombro, mas tudo o que conseguiu foi um ombro machucado.

Entendeu que deveria ter previsto que isso fosse acontecer. Tinha passado boa parte das últimas horas tentando forçar a abertura de uma porta no nível inferior. O poço era parte do complexo original, e até as escadas estavam caindo aos pedaços em alguns pontos. Precisava tomar cuidado para não cair e quebrar o pescoço.

Tinha chegado apenas ao sexto nível antes de ser forçado a desistir do “caminho fácil”. Nenhuma das portas se abria, e tudo que podia fazer era rezar para que a do topo funcionasse.

Tentou contatar Rollins e não conseguiu. Isso não fazia sentido, já que ela tinha lhe dado um comunicador que supostamente atravessaria qualquer barreira. Ainda assim só obteve silêncio.

Já havia parado duas vezes para sucumbir à ânsia de vômito, pois, por mais que detestasse admitir, a vida atrás de uma mesa o tinha deixado numa péssima

forma física. A cintura era mais larga que os ombros e dava para contar mais de um queixo ali. Era fácil não admitir isso ao se olhar no espelho, especialmente quando encontrava uma companhia para passar a noite, mas, naquele momento, subindo um lance de escadas mais alto que muitos arranha-céus, estava achando um pouco mais difícil contestar os fatos.

De olho no prêmio. Quando isso terminasse, seria rico. Não bem de vida, não confortável, mas podre de rico. Era um homem de carreira e gostava de trabalhar para a Weyland-Yutani. Mas, depois daquela missão absurda e insana, se aposentaria.

No entanto, prometeu a si mesmo uma boa e longa sessão numa clínica de remodelamento corporal. A ciência moderna consertaria o que uma dieta ruim e um emprego sentado num escritório fizeram a ele. Teria dinheiro para garantir isso.

Tudo o que precisava fazer era chegar ao topo da escada.

Quase chorou quando chegou à porta do segundo nível. Alguém havia fundido a porta ao batente; por que razão, não conseguia imaginar. Talvez para manter os monstros longe. Não gostou nem um pouco dessa ideia.

Levou um tempo para descansar, recuperar o fôlego e tentar contatar Rollins, relatando o progresso. Foi tomado pelo entusiasmo quando ela respondeu depois de poucos instantes.

— Estava começando a ficar preocupada, senhor Willis. Não tenho notícias suas há horas.

— Estive subindo muitos degraus — explicou ele. — *Tentei* contatar a senhora, mas o maldito comunicador não funcionava. — Não pronunciou as palavras; ele as arquejou. — Estou quase no topo. Há uma nave a caminho?

— Não. Ela já está esperando o senhor e o restante da equipe na pista.

— Talvez não haja um restante da equipe.

— Vários deles parecem estar vivos. Logo saberemos.

— Onde estão? A senhora sabe?

— Na verdade, não. Eles não têm acesso aos mesmos aparelhos comunicadores que o senhor. Estão passando por... complicações técnicas.

Ele assentiu com a cabeça como se ela pudesse vê-lo.

— Escute, as coisas vão mal aqui. Não encontrei muitos deles, mas, com tudo o que está acontecendo, creio que a esterilização possa vir a ser necessária.

— Já avaliamos essa alternativa, senhor Willis.

Ele ergueu a cabeça, surpreso. Na verdade, não deveria estar chocado. Entendia muito bem como a empresa operava. É claro que isso só tornava as informações que levava ainda mais valiosas. Rollins podia ter algumas das

imagens, mas ele tinha as que vinham do local de escavação, e de forma alguma ela poderia ter recebido o mesmo nível de detalhe que ele.

De jeito nenhum. Continuou repetindo isso a si mesmo. Com um grunhido, levantou-se nas pernas bambas e recomeçou a subida. *Mais um nível.* Não poderia ser tão ruim.

— Senhor Willis?

A voz de Rollins chegou a assustá-lo. Pensou que ela tivesse interrompido a comunicação.

— Sim — respondeu ele. — Ainda estou aqui.

— O senhor deve estar ciente de que esta operação custou muito para a empresa.

— Ah, sim. — Parou para recuperar o fôlego mais uma vez. — Imagino que sim. Mas os benefícios, senhora Rollins. Devem ser deslumbrantes, não? Só os aspectos biomecânicos da nave devem se equiparar aos nossos custos. Se pudermos obter as informações das amostras...

— Ainda tem as amostras da nave, senhor Willis?

— É claro. Estão no meu escritório. No cofre.

— Excelente. Por favor, lembre-se de pegá-las antes de ir para a dropship.

— Ah. — Ele parou de andar e prendeu a respiração por um momento. — Sabe, eu teria me esquecido delas. Obrigado pelo lembrete.

— É claro. Faça uma boa viagem, senhor Willis. Estou ansiosa para encontrá-lo pessoalmente.

Desta vez, ouviu o clique nítido que indicava o encerramento da conexão. Sua respiração era mais um ganido que um suspiro. Voltou a subir. Um passo. Mais um passo. Mais outro. Parou.

Só mais um pouco.

51 EXCURSÃO

— Senhor Pritchett? — A voz de Rollins chegou clara e nítida.

— Sim. Estou aqui.

Ele endireitou as costas no assento. Estivera cochilando. Não havia nada para fazer além de ouvir a chuva.

— Senhor Pritchett, o senhor tem acesso a um painel de vídeo?

Levou meio segundo para localizá-lo.

— Aham. Bem aqui.

— Ótimo. Vou lhe mandar um arquivo compactado. Nesse arquivo o senhor encontrará um diagrama dos escritórios. Estão localizados no maior edifício, diante dos alojamentos. Quando estiver com o arquivo, preciso que localize o escritório de Tom Willis. Ele está ocupado no momento, e preciso que o senhor recolha as amostras que encontrará no cofre desse escritório.

— No cofre? Não vai estar trancado?

— Ora, vamos, senhor Pritchett. Estou plenamente informada sobre seu histórico. Mesmo que não estivesse, também vou passar a combinação para o senhor. Tomei a liberdade de anular o reconhecimento de retina e DNA. Afinal, é um assunto da empresa.

— Pode deixar.

Um monte de mentira de merda, isso sim. Rollins não estava nem aí para obter autorização de alguma coisa. Ele tinha certeza de que Willis não dera a combinação para ela. A boa notícia é que não ligava. Ela queria algo daquele cofre, e ele queria seu dinheiro.

— Senhor Pritchett?

— Sim?

— Vá armado. É possível que as formas de vida que buscamos estejam em maior número do que pensávamos. Caso o senhor encontre alguma, devo sugerir que atire primeiro e se preocupe com as intenções dela depois.

— Você é que manda.

Levou o tempo que foi preciso para se armar. Também levou o tempo que foi preciso para verificar a armadura.

Deixou a nave em modo de espera e a trancou antes de sair. Ninguém iria a lugar nenhum sem ele.

A rainha estava morta.



Decker balançou a cabeça, tentando afastar os pensamentos e as imagens. Ainda assim, eles chegavam, sem serem convidados e contra a sua vontade. As vozes sibilavam e estalavam em seus pensamentos alienígenas, e a mente as interpretava mesmo quando ele tentava fugir.



O inimigo continuava vivo e a rainha estava morta. A fúria era imensurável. Se pudessem, teriam perseguido o inimigo, mas não podiam.



Não! Eu não sou seu inimigo! Me deixem em paz! Se ouviram suas tentativas de responder, de se comunicar, não reagiram de nenhum modo que ele pudesse compreender.



Os recém-nascidos estavam eclodindo e precisavam ser protegidos. O inimigo havia provado ser tão perigoso quanto as lembranças genéticas indicaram, e por isso os recém-nascidos precisavam ser escondidos.



Não teriam piedade. A piedade era tão alienígena para eles quanto os sentidos inumanos eram para Decker.



Já haviam perdido demais.

Passaram por entre os ninhos e olharam para os hospedeiros. Alguns estavam conscientes, outros não, e isso pouco importava. Alguns já estavam dando à luz, e outros, apenas à espera.

Restavam sete ninhos. O passado os havia ensinado a ter cuidado. Eles aprenderam. Eles se adaptaram. Eles sobreviveram.

O mais recente dos novos ninhos não era mais necessário. Os hospedeiros haviam servido ao propósito, então os corpos tinham se tornado apenas alimento.

Uma nova rainha já crescia, cuidadosamente protegida e resguardada contra o inimigo. Foi levada ao nível mais profundo da colmeia, às grandes câmaras onde haviam dormido por tanto tempo, e permaneceu intocada pelo mundo ao redor deles enquanto este mudava.



O medo invadiu seu estômago e Decker tentou ignorá-lo. Se pensasse em quantos daqueles monstros havia, ficaria realmente louco.



Dois ninhos estavam arruinados, destruídos. O inimigo ainda vivia. A coisa perversa tinha se afastado da colmeia, e isso era bom. Eles o encontrariam e o matariam.

Tiveram cuidado com a nova rainha. Era tão jovem, tão frágil. Cresceria e se tornaria forte, é claro, mas, como ocorre com todas as coisas, isso exigiria tempo.

Assim que foi deixada a salvo, aqueles que haviam sido sua escolta voltaram a atenção outra vez ao inimigo. Agora, estava perto da superfície, podia senti-lo rastejando pelos túneis que os hospedeiros tinham aberto na terra.

Iam segui-lo.

A rainha estava morta. A rainha havia renascido. A rainha seria protegida, não importava a que custo.

53

O TROCO

O carma era uma merda.

Luke Rand acordou pouco depois que os monstros chegaram e o derrubaram no chão. Tentara lutar, mas fora derrotado. Três costelas quebradas e uma fratura na mandíbula. Não conseguia fechar a boca, e cada vez que respirava ardia logo acima do estômago, como se o local estivesse pegando fogo.

Estava no subterrâneo, numa escuridão quase total. E, quando achou que não poderia piorar, provaram a ele que não fazia ideia de como as coisas podiam ir mal.

A área para a qual o arrastaram era quente e úmida, e coberta daqueles sedimentos negros e lustrosos que eles vinham encontrando por todo o Mar de Angústia desde que chegaram. Nunca imaginou o que eram. Nunca teria imaginado, mesmo que tivesse a vida inteira para descobrir.

As coisas o seguraram no chão e, quando tentou lutar, quebraram seu braço direito em três pontos sem o menor esforço. Isso acabou com qualquer tentativa. Mas isso não bastou para as criaturas. Duas delas se debruçaram sobre ele e vomitaram uma gosma cinza-escura sobre seu corpo. A coisa começou a endurecer assim que tocou o ar, e elas a espalharam com as garras e o envolveram até estar preso numa camisa de força de silício.

Mesmo que ainda tivesse forças para lutar, a teia vítrea logo se tornou sólida demais para que seu corpo maltratado resistisse a ela.

Havia outras pessoas ao redor, algumas conscientes e outras, não. Teve inveja das inconscientes.

A coisa que parecia um caranguejo veio rastejando e subiu até sua cabeça. Ele tentou gritar, por mais doloroso que fosse, mas logo os gritos foram abafados, quando a criatura abraçou seu rosto. Era um estupro. Era a única descrição que encontrava para a situação, e sentiu lágrimas de humilhação só de pensar. A mandíbula já estava quebrada, mas a coisa não se importou. Tentou se debater, mas estava colado, e a criatura maldita simplesmente não parou.

Depois de um tempo, tudo se transformou numa dor fraca mas constante, que acabou desaparecendo por completo. Pensou que deveria se perguntar o motivo disso, mas não julgou que fosse necessário.

Naquele lugar escuro, todas as coisas ruins que havia feito na vida voltaram. Tinha roubado um dólar aos cinco anos. Tinha roubado muito mais que isso depois, na escola. Havia feito algumas coisas boas, como defender Aneki quando os outros meninos tentavam implicar com ele por estar preso numa cadeira de rodas. Mas também tinha implicado o suficiente com garotos mais fracos.

Havia pessoas a quem havia feito mal, mas nunca imaginou que tais ações fossem o bastante para ele terminar daquela forma.

As coisas observavam. Ele as via se mexerem aqui e ali, e algumas estavam aninhadas na escuridão, perdidas nos padrões que quase pareciam parte das paredes da caverna. Precisava olhar com atenção para conseguir vê-las, mas teve tempo para isso preso no lugar, pensando em todas as coisas ruins que tinha feito na vida.

Sentia-se péssimo por Decker. O cara sabia quem ele era, mas ainda havia ficado ao seu lado.

Sentia-se péssimo por muitas coisas.

Achava que não podia se sentir pior.



A dor voltou às costelas quebradas. Uma dor lancinante nas entranhas que contornou o coração e, ah, merda, a dor era um ser vivo. Rasgava seu peito e as laterais do corpo. As costelas quebradas bastaram para arrancar um grito da mandíbula quebrada e dos lábios sangrentos.

A dor piorou, e piorou ainda mais. Muito mais.

No fim, não conseguiu pensar em nada que tivesse feito para merecer tanta dor.

No fim, não importava.

O carma era uma merda, e não dava a mínima para o que ele pensava.

54
FARDOS

O comunicado do escritório central foi curto e objetivo. Também foi exatamente o que ela esperava.

Andrea Rollins se levantou da cadeira e se alongou. Tinha coisas a fazer.

Chamou a ponte de comando.

— Capitão Cherbourg?

— Sim, senhora Rollins?

— É melhor preparar a nave para partir. Não vamos passar muito mais tempo aqui.

— Sim, senhora.

— E... capitão?

— Sim, senhora Rollins?

— Esteja preparado para entregar sua carga.

Cherbourg hesitou antes de responder, mas só por um momento. — Sim, senhora.



Decker colocou Adams no chão com o máximo de cuidado que pôde, depois se sentou por um instante.

Como temia, ela parecia dez vezes mais pesada do que realmente era — pelo menos, era o que os ombros dele diziam. Em comparação, Elway parecia ter ganhado apenas alguns quilos. Decker ainda odiava Manning um pouquinho mais por causa disso.

— Quando chegarmos ao primeiro nível, vamos tentar outro elevador ou continuar andando? — questionou Muller. Era uma boa pergunta.

Manning olhou para o chão e balançou a cabeça.

— Se esta fosse uma operação padrão, pegaríamos um caminhão para voltar à superfície. Geralmente há rampas. Mas esta não é. Ainda estavam reconstruindo

esta coisa, e acho que não fizeram uma estrada de acesso levando até a superfície. Até agora, não tivemos nenhum problema nesta escada, o que é bom, mas não é uma garantia. — Parou e olhou ao redor. — Também não aguento mais espaços fechados. Quando chegarmos ao primeiro nível, não saberemos o que fazer. Não conhecemos a planta do lugar. Não sabemos como sair daqui.

Ele se calou, parecendo pesar as opções.

Muller ergueu a mão e levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio. Em seguida apontou para a escada.

Havia um som vindo de baixo.

Manning pigarreou.

— Acho que precisamos considerar qual é o melhor jeito, mas voto por explorar o primeiro nível. Isso vai nos dar mais espaço para nos defendermos, se for preciso.

Enquanto falava, fazia uma série de gestos rápidos. Muller assentiu com a cabeça e se moveu, deslizando até a beira da escada e apontando a pistola com cuidado. Ficou tenso, e Decker viu o nervosismo se esvaír do pescoço grosso e dos ombros do homem, pouco a pouco.

— Acho que estamos seguros aqui.

Ficou exatamente onde estava e baixou a pistola devagar.

Pouco depois, todos ouviram as palavras ofegantes.

— Ah, graças a Deus — disse alguém.

Manning reconheceu a voz.

— Willis?

O burocrata estava banhado em suor. As roupas estavam encharcadas e coladas ao corpo, o cabelo escorrido, além do rosto extremamente corado, que mostrava que sua saúde também não estava nada bem.

— Ah, obrigado, meu Deus.

Ele subia engatinhando. Ao que parecia, tinha desistido do conceito de caminhar.

Manning olhou para Adams, deitada no chão. Seu olhar passou rapidamente por Decker. A mochila que ela antes carregava não estava mais lá. A que continha os suprimentos médicos.

— Alguém tem um pouco de água para esse homem?

Dave Calado veio ao resgate e jogou para ele uma pequena garrafa de uma bebida carregada de eletrólitos e açúcar. Eram parte da ração padrão da maioria dos postos avançados. As mãos de Willis tremiam tanto que ele não conseguia segurar o frasco. Quando se acalmou, Manning abriu a garrafa e a entregou ao burocrata.

— Beba devagar.

Ele nem precisava ter dado esse conselho. O homem mal conseguia tomar um gole. Mesmo assim, depois de um tempo já havia bebido metade da garrafa, e respirava com mais facilidade.

— Estamos ferrados. Precisamos chegar à superfície. — Manning olhou atentamente para Willis, que devolveu o olhar com uma expressão séria. — Qual é o caminho mais rápido?

— Tem os elevadores — respondeu ele, devagar. — O principal está arruinado, mas talvez um dos outros.

— E você sabe onde eles ficam?

— É claro.

— Então por que você veio pela escada?

— Você acha que eu teria passado por este inferno se tivesse conseguindo abrir alguma das portas? — retrucou Willis, rabugento. Isso pareceu tranquilizar Manning.

— Bom, termine de recuperar o fôlego — disse o mercenário. — Não podemos mais ficar aqui, e, se o que você diz for verdade, o primeiro nível é nossa melhor aposta.

— A senhora Rollins disse que enviou uma dropship.

As palavras saíram quase balbuciadas. Assim que deixaram os lábios de Willis, ele piscou como se tivesse levado um tapa e se calou.

Decker sentiu a mudança repentina nas emoções do homem.

Manning não precisou sentir nada. Inclinou-se para a frente até estar perto o bastante de rosto de Willis e disse suavemente:

— Mais tarde, quando isso tiver acabado, nós dois vamos conversar sobre há quanto tempo você anda conversando com Rollins. Mas, por enquanto, vê se levanta. Vamos *em frente*.

— Espere. O que aconteceu com os outros da sua equipe? — perguntou Willis enquanto se levantava devagar.

Manning arreganhou os dentes. Ninguém em seu juízo perfeito teria chamado aquilo de sorriso.

— Sabe, eu não tinha como entrar em contato com Rollins, então tudo deu errado. — Baixou os olhos para o chão por um momento, depois voltou a encarar Willis. — O que aconteceu com o restante do meu pessoal? Os que estavam com você no nono nível?

Willis desviou o olhar.

— Não sei — respondeu. Sua voz subiu um tom. — Entrei em pânico, ok? Corri para a escada assim que o fogo começou.

Ele estava mentindo. Era um babaca bajulador e um péssimo mentiroso. Pelo menos, do ponto de vista único de Decker.

Então aquela sensação arrepiante perpassou a mente do engenheiro com suavidade.

— Acho que estão vindo de novo — avisou ele. — Mas, se estiverem, não estão perto.

Os outros se prepararam para continuar a jornada. Decker apoiou Adams com cuidado sobre os ombros, feliz porque não teria que fazer isso por todo o caminho até a superfície, enquanto Manning punha Elway por cima do ombro e verificava o carregador da pistola.

— Sabe dizer de onde eles estão vindo? — perguntou ele.

— Não. Não está claro. — Decker balançou a cabeça. — Pelo menos, ainda não. E, como você disse antes, eu não conheço a planta do lugar. Se conhecesse, talvez isso me ajudasse a localizá-los melhor.

A mão de Manning apertou o ombro de Willis com força, e ele exibiu os dentes mais uma vez.

— Uma boa notícia. Temos nosso próprio guia turístico.

Willis não pareceu feliz com a ideia, mas ficou um pouco mais agitado enquanto o energético percorria seu organismo. Agitado, não. Alerta. Provavelmente, estava começando a sair do estado de choque. O que quer que fosse, fez com que conseguisse andar aprumado enquanto subiam o último lance de escada, chegando ao primeiro nível. Tudo o que restava acima deles era o térreo.

A porta para o primeiro nível se abriu com facilidade.

Dessa vez, Muller foi na frente, olhando para os lados, depois chamando o restante do grupo até o corredor. A área estava destruída. Independentemente do que tivesse acontecido, não tinha sido fácil. Havia lâmpadas quebradas, sinais de luta e alguns pedaços humanos.

Os olhos de Willis saltaram das órbitas, mas ele continuou em silêncio.

Manning o obrigou a focar na missão.

— Para que lado? — perguntou.

— Tem elevadores ali... — Willis apontou — ... e outros daquele lado.

Foram na direção do primeiro conjunto de portas e encontraram os mesmos elevadores que o grupo havia tentado usar antes. Ele se virou e os guiou na direção oposta. Depois de cerca de trinta metros, encontraram um corredor que não existia nos níveis inferiores.

— Aonde diabos isso leva? — perguntou Manning.

— A uma nova operação mineradora. Tem muito lixo no caminho, mas tem

um elevador próprio, e nós o usávamos para tirar muita terra e pedra do caminho. O escritório e o complexo também ficam naquela direção... subindo.

— Até onde o elevador *desce*?

— Até aqui. Ele só desce até aqui. Encontramos a antiga área de mineração pouco depois de começarmos a trabalhar aqui.

Manning lançou um olhar a Decker, que fez que sim com a cabeça. Era muito conveniente que tivessem encontrado a mina original com tanta facilidade.

Conveniente demais.

— Vamos lá — disse o mercenário.

E voltaram a andar.



Muller foi na frente, e eles andaram depressa. Decker fez o que pôde para se concentrar na mente dos insetos e ignorar a indiferença fria que emanava dos parasitas agarrados a Adams e Elway.

Queria baixar Adams desesperadamente, mas não faria isso. *Não podia* fazer isso. Ela era uma boa pessoa. E suspeitava que a mercenária teria dado um jeito de arrastar a carcaça miserável dele aonde quer que fosse necessário. Em silêncio, prometeu a ela que sairia dessa viva. Pretendia manter a promessa. E faria o que fosse preciso.

Apesar dos sinais de danos e luta que encontraram antes, havia pouco para ver enquanto seguiam em frente. Nenhum corpo, nenhum sinal de confronto. Na verdade, para Decker, parecia que o poço não era usado havia muito tempo. Isso não batia com o que Willis chamava de “nova” operação.

— Ninguém cava aqui há muito tempo — comentou Decker. — Por que abandonaram o lugar?

— Não encontramos trimonita suficiente para valer o esforço — explicou Willis. — Era muito fora de mão para servir como local de armazenamento, por isso simplesmente deixamos a área para lá.

Em dez minutos de caminhada, chegaram ao elevador.

Manning olhou para Decker.

— Alguma coisa?

— Não. Nada. — Ultrapassou o ruído de fundo. — Nada por perto, pelo menos.

O líder dos mercenários apertou o botão para chamar o elevador e verificou a pistola mais uma vez. Seguindo o exemplo, Decker verificou o carregador e a trava de segurança da matadora.

Willis olhou para as armas com uma leve cobiça.

Quando a campainha do elevador soou, esperaram que as portas se abrissem, e Decker se viu apontando a arma na direção delas. Qualquer coisa que saísse dali teria uma recepção desagradável.

Não havia ocupantes. Muller e Willis entraram primeiro e o restante se acomodou rapidamente. O interior estava danificado e era grande o bastante para permitir que tanto Decker quanto Manning depositassem seus fardos no chão. Decker girou os ombros e sentiu os músculos rangerem em gratidão.

Continuou olhando para o corredor rústico, já esperando ver mais daqueles insetos vindo em sua direção. Não os sentia, porém esperava mesmo assim.

Manning parecia sentir o mesmo.

— Esses bichos malditos são que nem baratas — resmungou ele. — Aparecem do nada.

Dave se pronunciou.

— Que venham, então. Tenho três carregadores cheios e muita vontade de atirar em alguma coisa.

O rifle que ele brandia tinha um cano grande e parecia ter sido projetado para caçar espaçonaves de pequeno porte.

— É disso que gosto em você, Dave — comentou Manning. — Seu otimismo.

As portas se fecharam, e o elevador subiu suavemente. A jornada continuou sem problemas e parou com um leve tranco no nível superior.

As portas se abriram diante de um corredor abandonado.

Muller verificou o local. Sinalizou que era seguro passar.

— Vamos dar o fora daqui, cavalheiros — disse Manning. — Precisamos encontrar uma área defensável e chamar a nave.

Willis o olhou com um sorriso fraco.

— Acho que a nave já está aqui.

Manning pareceu intrigado.

— Ah, é?

— Posso estar enganado, mas acredito que esse era o plano. Ela já deve estar aqui.

Manning assentiu, não sem abandonar a expressão cética.

— Se você estiver certo, ótimo.

Decker se agachou e observou a forma inerte de Adams. Então, com muito cuidado, voltou a erguê-la.

— Vamos nessa.

Willis pigarreou.

— Preciso passar no meu escritório. Tenho arquivos que preciso recuperar. — Apontou para o corredor. — Peguem as próximas duas entradas à esquerda e chegarão à porta principal. A pista de pouso fica em frente aos alojamentos.

Manning levantou Elway.

— Não demore. Se for para escolher entre você e o meu pessoal, vai ser o meu pessoal. Entendido?

— É claro. — Willis ainda estava um pouco trêmulo, mas foi em direção ao escritório.

E voltaram a andar, Muller à frente e Dave dando cobertura atrás, enquanto Alan e Manning carregavam seus fardos. Depois de tudo pelo que passaram, o silêncio parecia ensurdecedor, mas Decker sentiu. A sensação cada vez mais forte de que as criaturas malditas estavam indo atrás dele novamente.

— Estão chegando mais perto.

— Onde? — perguntou Muller.

— Não sei. Só sei que estão chegando. Como eu odeio isso.

O coração estava acelerado, apesar da estranha sensação calmante que emanava de Adams e Elway.

— Vamos continuar — disse Manning. — Precisamos chegar à porcaria da nave *o quanto antes*.

O líder dos mercenários estava fazendo o melhor que podia para ficar de olho em tudo. O corpo de Elway estava começando a pesar, e aumentava o mal-estar de Decker. Pelo que aprendera, quando Manning parecia estressado, era um mau sinal.

Viraram à esquerda duas vezes, parando para ver se havia insetos. Nada. Absolutamente nada. Porém, em vez de relaxar, isso deixou Decker ainda mais apreensivo. Sabia que estavam chegando, mas não havia nem sinal deles.

— Cadê todo mundo? — resmungou Muller, provavelmente consigo mesmo, mas Decker ouviu.

Não respondeu, porém pensava a mesma coisa. Não havia nenhum sinal de distúrbio. A violência do nível anterior não havia acontecido ali. Não havia destroços nem corpos.

Chegaram a uma porta e ouviram o som de água caindo do outro lado. Abriam-na e, pela primeira vez, viram o exterior do complexo. Estava escuro, e caía a chuva mais pesada que Decker já tinha visto.

As luzes externas estavam acesas, lançando facho reluzentes na escuridão e mergulhando toda a área num crepúsculo sombrio realçado pelo rastro cintilante das gotas de chuva iluminadas. O ar era fresco e, em comparação ao fedor de queimado dos túneis alienígenas, cheirava a paraíso. O frescor era o bastante

para revigorar.

Mas Decker sabia que isso não ia durar. Os insetos estavam chegando. Não havia tempo para apreciar nem as pequenas coisas, pois as criaturas estavam em algum lugar próximo, e ele precisava avistá-las antes que aquelas coisas malditas estivessem perto o bastante para matá-los.

— Cadê eles, Decker? — perguntou Dave. Definitivamente estava virando um tagarela.

Decker olhou ao redor e viu a pista de pouso onde a nave de transporte esperava por eles.

É claro.

— Estão naquela direção.

Manning não se deu ao trabalho de esperar. Começou a andar e presumiu que os outros o acompanhariam. Foi o que fizeram — até Decker, que não tinha nenhuma vontade de se dirigir às coisas que queriam rasgá-lo em pedaços.

Quanto mais o grupo se aproximava, mais tensos ficavam os músculos dele. As criaturas estavam por ali. Tinham que estar.

Mas não conseguia enxergá-las.

55
AMOSTRAS

O cofre estava exatamente onde ela disse que estaria, cravado no chão, abaixo de uma mesinha que tentava passar a impressão de que era melhor do que realmente era.

Quando Pritchett o abriu, encontrou um pequeno recipiente com um símbolo de risco biológico. Abriu o selo e viu diversos frascos de amostras de tecido cinza e prateadas. Era isso. Guardou o pacote no bolso da calça e aproveitou para pegar alguns documentos que pareciam interessantes. Não havia dinheiro nem outros objetos de valor.

Quando ficou de pé, a porta se abriu.

O homem parado à entrada pareceu chocado com a presença dele.

Era justo. Sentia o mesmo.

— O que você está fazendo no meu escritório?

Pritchett olhou o homem de cima a baixo. Era atarracado e estava imundo. Parecia ter rastejado por todo o complexo de túneis. Realmente não devia ser uma ameaça.

— Tenho ordens superiores para obter algumas amostras do seu cofre. — Não tinha por que mentir para o homem.

O Senhor Burocrata o olhou de cima a baixo e franziu a testa.

— Bom, você já cumpriu seu dever, pode me entregar as amostras.

Ele chegou a estender a mão, como se esperasse que Pritchett fosse lhe dar o pacote.

— É, acho que isso não vai acontecer.

Deu um passo na direção do homem e colocou a mão no coldre da pistola, só para o caso de os ânimos se exaltarem.

— Agora, escute aqui. Meu nome é Tom Willis e estou no comando desta instalação. O senhor precisa entregar o que pegou antes que as coisas fiquem feias.

Sério? Mais uma vez, olhou o homem de cima a baixo.

— Certo, olha só. Sua instalação já era. Estou seguindo ordens. Também sou o piloto que vai tirar você daqui, a não ser que continue a me encher o saco. Fica criando caso, que eu te largo aqui.

É, Pritchett não estava para brincadeiras. O sujeito ficou pálido.

— Você não faria isso.

— Experimenta — respondeu ele. — Hora de ir. Estou só esperando Manning e a equipe dele, depois vamos meter o pé.

— Tem outras naves chegando para levar mais pessoas?

Aquela coragem cheia de pose estava sumindo depressa, e o homem parecia menos um chefe e mais um vassalo. Pritchett gostou da mudança.

— Não sei e não quero saber. É hora de ir.

— Mas...

— Escuta, pode ficar se quiser. Não ligo. Eu vou embora.

O homem olhou para a mesa, fitando os documentos e o material de escritório como se fossem provas de que ele deveria estar no comando. Pritchett passou por ele. O cretino que ficasse ali, se quisesse.

O babaca filho da puta deu um soco em Pritchett. Tomou impulso e enfiou o punho na lateral da cabeça do piloto. Foi um bom soco, mas não excelente. Pritchett cambaleou para o lado e recuperou o equilíbrio, apoiando-se no batente da porta por um instante.

Enquanto o homem pegava algo na mesa, Pritchett girou a perna e lhe deu um chute na coxa com força suficiente para fazê-lo gritar. O que quer que estivesse pegando caiu da mão.

Pritchett deu um golpe forte com a palma da mão na mandíbula do burocrata, jogando a cabeça dele para trás.

Willis soltou um grunhido e tentou atacar de novo. Pritchett não perdeu tempo. Teria sido divertido quebrar o pescoço do desgraçado, mas tinha um prazo a cumprir. Então apenas sacou a pistola e mirou no rosto de Willis.

— Não!

Na mesma hora a vontade de lutar se esvaiu do burocrata.

— Acabou. Vai andando antes que eu atire em você.

Ele empurrou Willis para a frente e deixou o homem mancar. Tudo bem se caísse de cara no chão.

Willis deu quatro passos cambaleantes no corredor antes de ser atingido por alguma coisa grande e preta. Também era rápida, e rasgou um pedaço das entranhas do homem num único golpe. Willis caiu para trás, um lamento agudo escapando dos lábios. Ele bateu na parede, jamais afastando o olhar da coisa que avançava em sua direção mais uma vez.

Pritchett abriu fogo.

Nada aconteceu. A trava de segurança ainda estava acionada.

Xingou a si mesmo ao virar a trava. A coisa mudou de rota e saltou nele, fazendo alguns ruídos.

Dessa vez, quando puxou o gatilho, a pistola funcionou direito. A coisa cambaleou, recuando um pouco, enquanto ele atirava quatro vezes, abrindo múltiplos buracos no tronco e nas entranhas da fera. Ela caiu, chutou, se debateu e morreu.

As entranhas se espalharam sobre Willis, que deu um grito lancinante. Suas mãos tremiam, o corpo fumegava e ardia — ele não parecia saber o que fazer para aliviar a dor. Devia ser avassaladora. Formaram-se bolhas na pele do rosto e do pescoço, dos braços e das mãos, e ele gritou de novo, encarando Pritchett com olhos que pareciam culpá-lo.

Pritchett ficou boquiaberto, atônito.

Willis gritou de novo quando um buraco rompeu seus lábios e metade do nariz.

Pritchett reagiu por instinto. Disparou um único tiro na cabeça de Willis, depois foi em direção à porta.

A nave não estava tão longe assim. Chegaria lá em poucos minutos, mas de repente pareceu muito mais distante do que isso. A ideia de que poderia esbarrar em mais daquelas coisas acrescentava quilômetros ao trajeto. Manteve a arma na mão, olhando para todos os lados enquanto andava.

56
À VISTA DE TODOS

Decker ficou feliz em descobrir que Willis estava certo. A nave esperava por eles na pista de pouso, e essa visão foi como uma dose de adrenalina direto no coração. De repente, Adams passou a não pesar mais tanto, e Decker sentiu como se pudesse cobrir a curta distância correndo.

Os mercenários pareceram sentir o mesmo. Eles ficaram mais rápidos e mais alertas.

— Cadê eles? — perguntou Manning, e a euforia de Decker se conteve.

— Bem ali. — Apontou na direção da nave e ergueu a voz. — Estão bem na nossa frente, e chegando mais perto. Mas não consigo vê-los!

— Talvez vocês possam parar de gritar e contar para eles onde estamos, caras — sugeriu Dave. — Será que não é uma boa ideia?

Muller concordou e se manteve em silêncio, mas continuou alerta, empunhando o rifle. Quando olhou para a areia, murmurou:

— Fala sério.

Decker olhou. Gostaria de ter conseguido não olhar. No começo, havia dois deles, erguendo-se. Não fazia ideia de onde surgiram até o próximo se levantar.

O maldito silício.

No início pensou que fossem apenas sedimentos, pedaços de areia endurecida, talvez causados por relâmpagos quando as piores tempestades ainda assolavam o planeta diariamente. Depois, tinha imaginado que poderiam ser restos dos túneis que os alienígenas faziam. Mas, quando as areias se elevaram, entendeu a verdade.

Os insetos eram mais astutos do que tinha imaginado. Os tubos de silício que ele havia encontrado eram só um indício dos alçapões. Vários deles brotaram de uma só vez, e os alienígenas surgiram rapidamente dos túneis que construíram.

Doze daquelas coisas saíram ao mesmo tempo, rastejando pela areia, andando de quatro para distribuir melhor o peso e evitar afundar na superfície fofa.

E elas o *viram*. Quando fizeram isso, Decker sentiu a raiva delas aumentar, e

vieram mais rápido. Atrás delas, outras se erguiam dos túneis ocultos e avançavam na sua direção, na dos mercenários e na da única esperança de escaparem do planeta.

Muller ergueu a pistola, mirou e atirou, e um dos insetos explodiu. Os outros continuaram avançando. Estavam concentrados em Decker a ponto de excluir todo o resto. Queriam matar o Destruidor.

Decker colocou Adams no chão com todo o cuidado possível naquelas circunstâncias e apontou a pistola. Manning largou Elway sem nenhuma cerimônia, deixando o homem cair de qualquer jeito enquanto abria fogo.

Dave Não Tão Calado ergueu o cano largo da arma e disparou. O som foi alto, um rugido grave de uma detonação, e no Mar de Angústia se acendeu um clarão brilhante enquanto vários metros de areia e alienígenas em movimento irrompiam numa onda de chamas.

Dave deu um grito de guerra e atirou de novo, mudando um pouco o alvo e arrebrandando mais três metros de qualquer coisa que estivesse ao alcance.

Ainda assim, eles avançavam. Eram ainda mais velozes a céu aberto, quando não precisavam desviar de obstáculos. Decker apontou, atirou, errou. Apontou, atirou, errou. Esvaziou o carregador da matadora sem jamais ter certeza de que havia atingido algo.

Manning exterminou uma das coisas que tinha se aproximado demais, e o monstro rolou pelo chão, deixando um rastro de sangue ácido. Decker olhou para a coisa, de repente incapaz de se mexer.

Estava morta, mas as partes espasmódicas ainda pareciam tentar pegá-lo.

Outro homem surgiu por detrás deles, e Decker girou, apontou e atirou. Se restasse alguma munição na matadora, teria matado o estranho, mas o destino foi mais bondoso que isso.

Era Pritchett, o piloto. O mercenário arrancou a arma da mão dele, empurrou-o para o lado e abriu fogo contra os alienígenas.

Decker tentou pegar o rifle de plasma que trazia pendurado ao ombro, mas só conseguiu derrubar a arma.

Dave atirou um total de dez projéteis explosivos, depois trocou o carregador com mãos tão rápidas que mal se viam. O carregador vazio foi ao chão e quicou, e, quando terminou sua curta queda, o mercenário já havia voltado a abrir buracos no deserto e nos alienígenas. Ele teve o cuidado de não se aproximar demais da nave.

A munição do rifle de Muller acabou. Ele o largou e imediatamente estendeu a mão para o rifle de plasma que Decker havia derrubado. Pegou a arma, com o rosto contorcido numa expressão de fúria ardente.

Como Decker tinha feito antes, ele colocou a arma no automático e despejou todas as cápsulas de plasma na horda que se aproximava. Como Dave, tomou cuidado na hora de atirar, para não correr o risco de atirar na nave. A noite se tornou dia, e a luz revelou os monstros pegando fogo e ardendo, gritando e morrendo numa súbita conflagração.

Manning continuou atirando, apontando para as silhuetas que conseguiam escapar ao incêndio e chegavam perto demais da nave.

Enquanto os freelancers dizimavam as criaturas, o pânico que tentava devorar a mente de Decker se abrandou, diminuindo a cada morte. O calor dos disparos de plasma quase bastava para aquecer a frieza que o percorria.

Manning apanhou Elway.

Quando Decker tentou pegar Adams, Pritchett lhe deu um soco no estômago, forte o suficiente para derrubá-lo. Enquanto tentava se levantar, o estranho apontou a pistola para seu rosto.

— Você ficou maluco, porra? — gritou ele. — Tentou atirar em mim!

Manning se aproximou e pôs a mão na pistola, desviando-a lentamente de Decker.

— Calor do momento — disse ele. — Supere isso. Precisamos ir embora.

— Ele tentou me matar, porra!

— Mande deixar pra lá, Pritchett! Deixa. Pra. Lá.

O piloto ainda passou alguns segundos olhando com ódio para Decker, depois guardou a arma no coldre.

— Cadê o Willis? — Manning não se deu ao trabalho de olhar ao redor para procurá-lo. — Precisamos ir. Agora.

— Ele não sobreviveu. — Pritchett não disse mais nada.

Manning assentiu e começou a andar.

Os outros o seguiram.

— Que merda são essas coisas?

O piloto olhou atentamente à sua volta, evitando pisar nos restos queimados dos alienígenas. Em seguida abriu o estojo protetor no pulso e apertou algumas teclas num controle remoto. As luzes da dropship se acenderam instantaneamente, e a porta traseira se abriu e desceu, se transformando em uma rampa de acesso.

— São as coisas que a gente veio encontrar — rosnou Manning. — Não são sensacionais?

Pritchett subiu a bordo e os outros o seguiram. A porta começou a se fechar com um zumbido mecânico. A exaustão marcava cada movimento de Decker. Ele carregou Adams até a área dos passageiros e a deixou com cuidado num

banco, prendendo o cinto de segurança. A coisa no rosto dela se mexeu só um pouco. As pernas se agitaram, a cauda deslizou alguns milímetros. Ele precisou de toda a força que lhe restava para não gritar.

A sensação fria ainda emanava da criatura. Uma calma que parecia prometer que tudo ficaria bem. O sentimento se esgueirou por sua mente, vindo de ambas as coisas aracnoides, e ele estremeceu. Mentira. Tinha que ser mentira. Nada voltaria a ficar bem. Não num universo que havia permitido que essas coisas existissem.

Como se para provar que ele tinha razão, outro inseto passou pela porta enquanto ela se elevava para voltar ao lugar, entrando na nave com uma velocidade perturbadora. Pritchett emitiu um ruído baixo quando as garras do monstro abriram seu estômago e vararam a coxa. O jorro de sangue foi imediato e abundante.

Quando percebeu que estava ferido, já morria.

Dave agarrou o corrimão acima do corredor e girou o corpo. Os dois pés pousaram no corpo do agressor e o jogaram para trás. Enquanto a criatura se recuperava, Muller olhou à sua volta à procura de uma arma, *qualquer uma* que pudesse ajudá-lo a combater a coisa.

Ela o ignorou e avançou na direção de Decker, silenciosa e veloz.

Muller pegou uma pistola e bateu com ela no topo do crânio do alienígena, que vacilou, mas não caiu. Não havia espaço para disparar uma arma de fogo dentro da nave — não sem o risco de atingir o alvo errado.

Manning correu para a frente da nave.

Decker procurava algo que pudesse usar contra a criatura e deu um grito. Garras duras agarraram seu tornozelo e rasgaram o tecido da calça, o couro da bota e a carne abaixo. Ele chutou o rosto sem feições da coisa no ponto onde se entrelaçava o crânio debaixo da superfície negra e lisa, acima dos dentes rilhados, uma, duas, três vezes, mas ela não se importou. Continuou atacando.

Muller golpeou a maldita fera repetidas vezes, e ela o ignorou também, puxando Decker para mais perto, rastejando por cima dele. A cauda chicoteou de lado e atingiu o peito de Muller com uma força que o lançou para longe.

Dave ia sacar a pistola. Decker só conseguiu pensar em como o sangue ia queimá-lo, a não ser, é claro, que o monstro o matasse primeiro. Rolou de lado o melhor que pôde com a coisa tentando escalar seu corpo. A boca se abriu no que pareceu um sorriso de triunfo e as mandíbulas se separaram, revelando uma segunda boca que babava e fumegava.

No mesmo instante em que as bocas infernais tentaram morder o rosto de Decker, Dave pegou a cauda da criatura e a puxou para trás. Muller bateu nela de

novo, desta vez com uma mochila cheia de equipamentos. A força bastou para jogá-la do outro lado.

— Vão! — berrou Manning, e os mercenários saíram do caminho, subindo por cima dos bancos e mergulhando o mais longe possível da coisa.

Decker se encolheu em posição fetal, fazendo o possível para ignorar a dor lancinante no tornozelo.

A criatura recebeu um jato de espuma prateada, que respingava no chão ao redor e cobria o corpo dela. Tinha a consistência de creme de barbear, mas mesmo a alguns passos de distância Decker pôde ver como aquilo colava.

Manning manteve o fluxo de espuma densa enquanto a criatura lutava para ficar de pé. Muller jogou a mochila com toda a força que tinha e acertou o peito da coisa enquanto ela tentava se levantar. A mochila foi coberta num instante, grudando no ponto onde havia acertado.

O fluxo de espuma cessou, a lata cuspidando em vão, vazia.

O inseto guinchava e se debatia, tentando se desvencilhar da mochila. Então foi ficando mais lento. A espuma endurecia cada vez mais, grudando-se à criatura enquanto ela tentava escapar.

Ainda assim o monstro se esforçava para alcançar Decker. Contorcia-se no chão, impulsionando-se e avançando na direção dele, o ódio infinito, uma ira diabólica que só cessaria quando o engenheiro estivesse morto.

Ou a criatura.

Talvez nem assim.

Manning se aproximou da coisa, largando o grande recipiente de metal. A lata atingiu o deque com um barulho alto e rolou. O líder encostou os dois pinos do bastão de choque na parte exposta da cabeça da criatura, atingindo-a com volts suficientes para matar um homem. Ela berrou e estremeceu. Deu um solavanco e caiu — ou tentou cair. Não chegou ao chão. Manning deu uma segunda descarga elétrica e uma terceira. Depois recuou.

— Tem uma jaula no compartimento de bagagem. Vamos logo, antes que essa coisa maldita acorde.

Muller e Dave trabalharam com uma eficiência perturbadora enquanto Decker arfava e observava.

— Você vai deixar isso vivo? — Sua voz falhou ao perguntar.

O olhar de Manning examinou seu rosto. Novamente, era como pedra, insondável. Então, com uma calma intrigante falou:

— O contrato diz que vivo paga melhor. Então vamos levá-lo vivo.

— Você só pode estar brincando.

— Não. Esta é uma missão como qualquer outra.

A emoção aflorou dentro de Decker, incendiando-o com uma raiva bruta, primitiva.

— Manning, você tem que matar essas coisas! Todas elas!

Já estava de pé antes de pensar no que fazia. O tornozelo latejava de dor, mas não importava. Precisava fazer o homem entender. As coisas aracnoides de Adams e Elway, o inseto que Muller e Dave estavam colocando numa jaula pesada de aço, todos tinham que morrer.

Tinham que morrer naquele instante.

Manning balançou a cabeça.

— Não vai rolar. Hoje, não.

Decker olhou ao redor, como se procurando alguma coisa que pudesse convencer o homem de que falava muito sério. Aquela coisa o queria morto. Ela não ia parar. Será que Manning não via isso? Não *sentia*?

O coração de Decker martelava o peito e ele tinha voltado a suar. Isso nunca ia acabar, não enquanto qualquer uma das criaturas vivesse. Viriam atrás dele. Viriam atrás de Bethany, Ella e Josh! Quando os malditos monstros tivessem acabado com ele, ainda caçariam seus filhos!

Olhou para Elway e não sentiu nada, no entanto surgiu uma ponta de remorso quando olhou para Adams. Mas tinha que fazer isso. Eles tinham que morrer. Aquelas coisas saíam deles, e todo o maldito pesadelo recomeçaria. Elas o encontrariam, não importava onde estivesse.

Ele sabia disso.

— Baixa a arma, Decker! — Era a voz de Manning. Estava gritando.

Decker percebeu que segurava algo com força. Baixou o olhar e viu a matadora no punho.

— Não posso. Eles precisam ser detidos.

Decker puxou o gatilho. Ele já imaginava Elway e a coisa no rosto dele mortos.

Um estalo numa câmara vazia. Ele não tinha recarregado a arma. Percebeu isso quase ao mesmo tempo que o punho de Manning acertou sua cabeça.

— ... ficou maluco, porra!

Tentou se livrar da dor, tentou encontrar as palavras para explicar, mas, antes que pudesse ao menos molhar os lábios secos, a bota de Manning foi de encontro ao seu estômago.

57

ENTREGAS

Acompanhada por quatro seguranças particulares, Andrea Rollins esperou pacientemente que as portas da dropship se abrissem. Dois dos mercenários desceram, parecendo esgotados. Olharam para ela e não disseram nada. Um instante depois, Manning empurrou Alan Decker pela rampa e o deixou cair. Então desapareceu novamente dentro do veículo.

Decker não conseguia se levantar sozinho, já que estava de tornozelos amarrados e com os pulsos presos às costas. Ela gesticulou para dois dos homens que a acompanhavam, e eles o levantaram. Estava ferido. Até aí, nenhuma surpresa.

Manning voltou pouco depois carregando uma mulher. Estava incapacitada, o rosto coberto por uma máscara de carne dura e longas pernas que agarravam sua cabeça.

Adams. O nome dela era Adams. Ele a colocou numa maca.

— Como ela está? — perguntou Rollins.

— Vocês têm que dar um jeito nisso. — A voz de Manning estava calma como sempre.

— É o que faremos, senhor Manning. Já preparei as câmaras para monitorar a senhora Adams e o senhor Elway. Tomaremos conta deles.

Gesticulou para os outros dois homens, e eles imediatamente entraram na nave. Sabiam o que fazer. Ela havia explicado com bastante cuidado. A dupla trouxe Elway para fora como se ele fosse feito de vidro e o colocou numa maca.

Manning observou com atenção o tempo todo. Em seguida apontou para a nave.

— Um espécime vivo. Está na gaiola que a senhora forneceu e bem preso.

— Um excelente trabalho, senhor Manning.

Ele olhou para a nave e depois para ela.

— Um trabalho caro.

— Sabíamos disso desde o começo, não é?

— É. Sabíamos.

Rollins olhou para os outros mercenários. Contando Manning e os dois hospedeiros, haviam restado cinco do grupo original. Mas isso não era nada comparado às baixas entre aqueles que haviam trabalhado na base do planeta.

— O senhor precisa descansar neste instante? — perguntou ela. — Ou posso incomodá-lo e pedir que fique mais uns minutos?

— Vou sobreviver — respondeu Manning.

Ela sorriu.

— Só preciso cuidar de alguns detalhes, depois podemos finalizar o negócio.

Ele se sentou e olhou fixamente para o chão. Se não respirasse, poderia se passar por uma estátua.

Rollins providenciou o transporte da jaula do alienígena. Ele ficaria confinado em suspensão criogênica numa câmara própria para isso. Não correriam nenhum risco. A Weyland-Yutani havia procurado essas criaturas por muito tempo, e não permitiria que nada desse errado.

Para falar a verdade, também não lhe agradava a ideia de ter algo tão violento à solta.

Quando terminou, foi até o comandante e sussurrou:

— Venha comigo, senhor Manning.

Ele se levantou e a acompanhou enquanto seguia na frente.

Quando chegaram à ponte de comando, Manning olhou para Nova Galveston e para a mancha distante, lá embaixo, onde ficava o Mar de Angústia. A tripulação estava em plena atividade, indo de um lado para o outro e se preparando para deixar a órbita. O capitão, um homem de cabelo preto, pele escura e ar sombrio, assentiu num cumprimento mecânico.

— Como está a situação no planeta, senhor Manning?

— Você não pode deixar aquelas coisas vivas. Se fizer isso, posso garantir que vão tomar o planeta dentro de um ano, talvez menos. As três cidades em que a empresa investiu tanto para construir vão virar cidades fantasmas. — respondeu ele, estoico.

— O senhor entende, agora, por que o avisamos sobre perdas sérias?

— Seu bichinho de estimação, Decker, tentou matar meu pessoal no fim. Teve medo de que as coisas grudadas na cara deles saíssem, acho. — Ele se deteve, depois acrescentou: — Não sei se ele está errado.

— Bom, em defesa dele, havia uma possibilidade. Mas seus dois soldados estão agora em câmaras de hipersono e já entraram em estase.

Manning concordou. Ficou em silêncio por um longo tempo.

Por fim, Rollins interrompeu seu devaneio.

— O senhor recomenda neutralizar a área?

— Exterminar — disse, sem hesitar. — Apagar do mapa aquela mina e tudo o que tem dentro dela.

— Cuidaremos disso.

— Quando?

Rollins olhou para o capitão da nave. O homem lhe devolveu o olhar e assentiu. Ela se voltou para Manning.

— Agora está bom para o senhor?

— Sim. Quanto antes, melhor. Aquelas coisas são mais espertas do que a senhora pensa.

Rollins sabia muito bem disso. Sabia *exatamente* como eram espertas. A julgar por tudo o que havia ocorrido no planeta, muito provavelmente eram os soldados perfeitos.

— Capitão Cherbourg, por favor, cuide dessa questão.

O homem assentiu e falou ao comunicador. A voz saiu baixa demais para ela ouvir, mas o resultado foi imediato. Quatro ogivas de plasma caíram da órbita e se dirigiram ao Mar de Angústia. Havia hora e lugar para a misericórdia. Aquela não era a hora.

A ordem de evacuar a área tinha sido dada dois dias antes, com o comunicado de que uma cepa de vírus havia sido encontrada nas minas. Ninguém em Nova Galveston questionou as instruções. O Mar de Angústia foi declarado área de risco em termos biológicos. Não foi difícil convencer os médicos do planeta dos perigos de uma pandemia. Todas as cidades do planeta estavam ligadas pelo sistema de trens. A mina não era parte do sistema, e todos ficaram gratos por isso.

As armas aniquilariam tudo naquela área até uma profundidade de cerca de seis quilômetros.

— Dentro de uma hora o Mar de Angústia deixará de existir, senhor Manning. Manning fez que sim com a cabeça. Pareceu satisfeito com a ideia.

— Vou só ficar aqui e esperar, se concordar com isso.

Rollins sorriu.

— Imaginei que gostaria de fazer isso. Lamento por suas perdas, senhor Manning.

Ele apenas olhou para ela.

— Mantenha os outros vivos, senhora Rollins. E cumpra sua parte da barganha.

— Eu sempre cumprio, senhor Manning.

Ela o deixou ali, olhando para a pequena mancha que logo seria removida, um câncer na pele de um planeta que era, de resto, saudável. Alguns tecidos precisam ser retirados para garantir que o câncer não se espalhasse. Manning sabia disso.

58
PRAGAS

Decker tentou se livrar das amarras que o detinham, mas o esforço foi inútil.

Um dos homens que cuidavam da sua perna tinha feito a gentileza de lhe injetar um sedativo que o havia acalmado. Pelo menos isso.

Fez o que pôde para *continuar* tranquilo quando Rollins apareceu. Ela fez algumas perguntas longe demais para que ouvisse. Um dos médicos respondeu, assentiu, e depois eles saíram. Ela puxou uma cadeira para poder ficar no nível dos olhos dele.

— O senhor se comportou mal, senhor Decker.

Olhou com atenção para ela e tentou captar algo, qualquer coisa que lhe permitisse saber até que ponto tinha se ferrado. Nada. Daria no mesmo encarar a parede.

— Foi demais para mim — argumentou ele. — E aquelas coisas... estavam atrás de mim. *Estão* atrás de mim. Você entende isso? Querem que eu morra! — Sua voz estava trêmula, e Decker pensou que perderia o controle, mas se conteve.

Ela era uma filha da mãe insensível. Simplesmente fez que sim com a cabeça enquanto o olhava nos olhos e disse:

— Eu sei. Sei que estão. Saiba que toda aquela área está sendo bombardeada. Não restará nenhuma delas.

— Exceto as que você tem a bordo agora.

— Isso mesmo.

Rollins o encarou. Ele desviou o olhar primeiro e a odiou por isso. Como se precisasse de mais alguma razão.

— Você não sabe como é — continuou ele. — Não entende nem um pouco. Elas são insaciáveis.

— *A vida* é insaciável, senhor Decker. — Ela deu um leve sorriso. Decker não gostou da expressão. Fez com que pensasse em lagartos, e os lábios lembravam demais as próprias criaturas sobre as quais discutiam. — A vida luta para existir

— prosseguiu ela. — O senhor não percebeu isso? Não importa o que o universo queira, a vida insiste em perseverar. Não só a vida humana. Toda vida. Encontramos doenças numa dezena de mundos diferentes, e elas foram eliminadas só para ressurgir em outros lugares. Mal de Typhen, Klerhaige arcturiana, a praga de Lansdale. Não importa o que façamos, elas voltam. E não estão sozinhas. A vida é persistente. Agradeça por isso.

Decker permaneceu em silêncio. Rollins não queria entender, e, embora não pudesse captar nem uma única emoção, conhecia muito bem o tipo dela. Nada que dissesse a faria mudar de ideia.

Por fim, ele rompeu o silêncio.

— O que acontece agora?

Rollins afagou a mão presa dele.

— Apesar de alguns percalços, o senhor cumpriu sua parte da barganha, e a empresa cumprirá a dela. O senhor recupera seu trabalho. Recupera sua vida. Recebe um belo bônus e os honorários de consultoria. Ficamos com nossos achados, e todos saem ganhando.

— Não — retrucou ele. — Enquanto essas coisas existirem, todo mundo sai perdendo.

— O senhor nunca mais as verá.

— Como pode saber?

— Porque o senhor vai voltar à Terra. Elas vão para outro lugar. — Rollins sorriu outra vez. — Não somos assim *tão* loucos, senhor Decker. Não se pega uma coisa como essa e a joga no lugar mais populoso possível. O que se faz é estudá-la com cuidado num ambiente isolado e controlado.

— E quanto a Adams e Elway?

Ela deixou de sorrir.

— Acho que já basta de perguntas. O senhor está seguro, senhor Decker. Sua família está segura. Considere sua dívida paga.

— Você está cometendo um erro — declarou ele. — Sei que acha que está fazendo a coisa certa, senhora Rollins, mas está cometendo um erro terrível.

— É melhor descansar agora, senhor Decker. Vamos sair da órbita em breve.

Ela saiu do quarto, e por um tempo Decker dormiu.



Acordou de novo quando vieram buscá-lo.

Os dois “acompanhantes” estavam armados, mas não precisavam ter se dado ao trabalho. Ele ainda estava amarrado, e continuou assim até chegarem às

câmaras de hipersono.

Manning estava de roupa íntima, sentado na beira da câmara semelhante a um caixão.

— Eles queimaram — avisou ele. — Eu vi. Duvido que tenha sobrado alguma coisa lá embaixo. É difícil enxergar além do fogo do plasma, mas acho que eles já eram.

Decker ouviu sem dizer nada. Antes que pudesse pensar numa resposta, Manning continuou:

— Sei o que estava pensando. Eu entendo. Mas se você sequer *pensar* em machucar minha gente de novo, vou te enterrar em sete planetas diferentes.

Decker não queria olhar nos olhos do homem, mas se forçou a fazer isso. Poderia ter pensado em várias coisas para dizer, mas, em vez disso, só assentiu.

Adams merecia coisa melhor. Era isso que continuava a passar por sua cabeça. Talvez conseguissem salvá-la, e salvar Elway, porém, ele achava que isso não aconteceria. Manning estava irritado, e Muller e Dave, dois homens que já salvaram sua vida algumas vezes, o olhavam com sede de sangue. Estavam ressentidos. Sentiam-se traídos.

Não podia culpá-los nem um pouco. Seus atos, no fim, foram puramente egoístas. Danem-se o dinheiro e todo o resto, estava cuidando de si mesmo e dos filhos. Os mercenários nunca entenderiam isso. Não eram capazes de ter esse nível de empatia.

Um dos homens que o haviam conduzido à câmara levou um tempo para tirar as amarras.

O outro deu um tapinha na arma que trazia no quadril. Não era um bastão de choque.

— Deite-se, senhor Decker.

O homem não estava pedindo, e ele entendeu a deixa.

Pouco depois, a tampa começou a descer, e Decker respirou fundo, como sempre; não que isso fizesse alguma diferença. A câmara se fechou, e o ar frio e estéril começou a circular sobre seu corpo.

Fechou os olhos e sentiu os gases mudarem. A empresa não queria correr nenhum risco com ele. Estaria adormecido e preso muito antes de a nave sair da órbita.

Inspirou. Expirou. Inspirou.

Dormiu.

59
CARTAS PARA CASA

Rollins releu o comunicado antes de enviá-lo.

Para: L.Bannister@Weyland-Yutani.com

De: A.Rollins@Weyland-Yutani.com

Assunto: Sucesso

Lorne,

É meu prazer informá-lo do que só pode ser chamado de sucesso estrondoso.

Além de termos realizado a captura de um dos adultos vivo, também obtivemos dois parasitas, já acoplados aos hospedeiros. Embora não possamos ter certeza absoluta sobre os ciclos de maturação, parece que ambos foram bem-sucedidos em implantar embriões no interior do corpo dos hospedeiros. A julgar pelos níveis de atividade que registramos pouco antes da suspensão criogênica, eu diria que estão a poucas horas da eclosão.

Se analisar atentamente os dois arquivos que anexei (ver: Hospedeiro Um e Hospedeiro Dois), notará que os dois parasitas exibem muitas diferenças, tanto no tamanho quanto na forma. Note especialmente que o Hospedeiro Dois, a mulher, está acoplada a um parasita que parece ter mais de um embrião a administrar. O embrião que já foi implantado é consideravelmente maior que o implantado no Hospedeiro Um, além de ser estruturalmente distinto. A julgar pelos relatos do que os mercenários encontraram no planeta, este poderia muito bem ser uma “rainha”.

Imagine as possibilidades.

Os arquivos adicionais incluem todas as informações coletadas por todas as sondas. Há simplesmente dados demais para correlatar daqui, e acredito que teremos muito a discutir quando eu chegar ao escritório.

Por último, apesar dos receios iniciais de que elas poderiam ter sido deixadas em Nova Galveston, as amostras da nave no local de escavação foram mantidas a salvo. Não tive tempo para averiguar se há ou não alguma atividade celular, como a doutora Tanaka afirmou originalmente, mas ela nunca pareceu ser do tipo que exagerava ou fazia alegações infundadas. Por nossa conversa prévia, as amostras foram divididas; metade delas foi colocada em estase e o restante foi guardado num ambiente seguro onde não há risco de maior degradação celular.

Gostaria de ter podido ver a nave. Não só as imagens, mas a verdadeira nave. E a cidade. Mas, a julgar pelo que Manning relatou, tudo já estava perdido. Que pena. Só temos diagramas e relatórios.

Até que eu volte ao escritório, boa sorte com a pesquisa.

Atenciosamente,
Andrea



Mandou a mensagem criptografada e guardou o computador para a viagem. A *Kiangya* já havia saído da órbita e se dirigia para casa, e Rollins ficou feliz por isso.

Por um momento, olhou para as amostras da nave alienígena e sorriu. Infinitas possibilidades. Era esta a missão da Weyland-Yutani — com lucro, é claro, mas as infinitas possibilidades eram algo belíssimo.



Ela foi até as câmaras de hipersono e olhou para as outras silhuetas, deitadas no sono forçado.

Tantas câmaras vazias, notou. Tantos recursos perdidos.

Ao seu redor, a nave estava em silêncio, e a maior parte das luzes havia diminuído, entrando em modo de espera para economizar energia. Algumas pessoas ficavam incomodadas com a escuridão e a quietude. Decker

provavelmente era uma dessas. Talvez, para ele, isso nunca mudasse. Rollins não se abalava em nada com os segredos que a escuridão podia conter nem com os mistérios que o silêncio guardava. Essas eram, de fato, as áreas nas quais ela prosperava. Com elas, sentia-se completa.

EPÍLOGO

As estrelas guardavam seus segredos, e a grande nave avançava entre elas, todos os tripulantes contabilizados e imersos no sono. A maioria dormia bem.

Decker, não. Nos sonhos, havia coisas que o caçavam.

Não importava o quanto corresse, com quanto cuidado se escondesse ou que arma usasse, sabia que acabariam encontrando-o. Era tão inevitável quanto a escuridão entre as estrelas.

E, em seu sono congelado, ninguém podia ouvi-lo gritar.

AGRADECIMENTOS

Todo livro tem um alicerce. *Alien: Mar de Angústia* não poderia existir sem as histórias e os filmes originais, e está ligado diretamente a *Alien: Surgido das Sombras*, de Tim Lebbon, e *Alien: River of Pain*, de Christopher Golden. Estes já seriam um alicerce poderoso, mas *Mar de Angústia* realmente não poderia existir sem as ideias desenvolvidas por Steve Asbell, da Twentieth Century Fox, e o apoio e o trabalho de Josh Izzo, Lauren Winarski e Steve Saffel. Agradeço também ao restante da equipe da Titan, incluindo Nick Landau, Vivian Cheung, Katy Wild, Natalie Laverick e Julia Lloyd. Minha gratidão a cada um deles.

JAMES A. MOORE

é o premiado autor de mais de quarenta romances de suspense, fantasia e terror. Entre suas obras de destaque estão *Fireworks*, *Under the Overtree*, *Blood Red* e a trilogia “The Serenity Falls”. Atualmente mora em Massachusetts.

ELA LIGOU O MONITOR OUTRA VEZ, E APARECEU O ROSTO DE UMA MULHER BONITA, DE CABELOS ESCUROS.

— ESTA ERA ELLEN RIPLEY. SUA ANCESTRAL. DECKER OLHOU PARA A IMAGEM E SENTIU O ESTÔMAGO SE REVIRAR. *ISSO NÃO ESTÁ CERTO*. ERA UM ROSTO FAMILIAR, MAS... ELA PARECIA HUMANA DEMAIS. ELE SE VOLTOU PARA ROLLINS.

— ELA ENCONTROU OS ALIENÍGENAS?

— ENCONTROU ALGUMA COISA. TANTO ELLEN RIPLEY QUANTO SUA FILHA TENTARAM CAPTURAR E ESTUDAR OS XENOMORFOS. JÁ FAZ MUITO TEMPO DESDE QUE TIVEMOS UM TRAÇO MÍNIMO DA FORMA DE VIDA ALIENÍGENA. JÁ HAVÍAMOS ABANDONADO AS ESPERANÇAS DE UM DIA OBTER UM ESPÉCIME. ISTO É, ATÉ O SENHOR APARECER.

Um romance original do universo expandido da série ALIEN™, este segundo livro da trilogia revela pela primeira vez o legado da heroína Ellen Ripley: agora é seu descendente quem tentará destruir as criaturas de uma vez por todas.



omelete.com.br

ALIEN™

RIO DE SOFRIMENTO

LIVRO 3



CHRISTOPHER GOLDEN

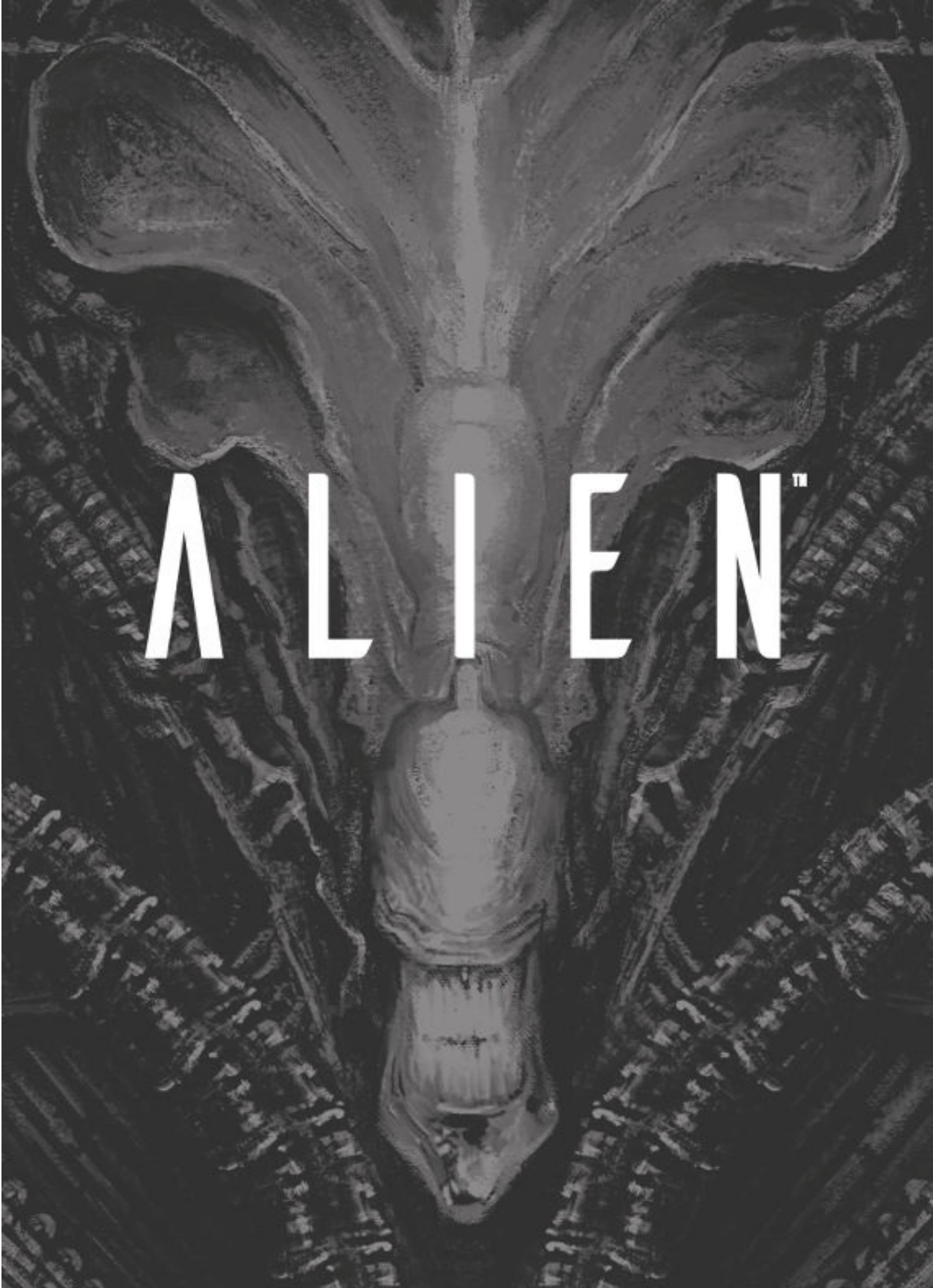


ENQUANTO ELLEN RIPLEY

HIBERNA no espaço, o planeta LV426 – onde ela e a equipe da *Nostromo* encontraram o xenomorfo original – é colonizado e rebatizado de Aqueronte.

Durante o processo de terraformação do planeta, uma das expedições descobre a imensa e decadente espaçonave responsável pelo destino de Ripley. O achado é de grande interesse para a Weyland-Yutani, e pode ser a resposta para os sonhos de Anne e Russell, um casal que se mudou para Aqueronte em busca de fortuna e acabou de ter o primeiro bebê nascido na colônia: Rebecca Jordan, mais conhecida como Newt.

Mas o que eles descobrem a bordo da espaçonave acaba dando origem não a um sonho, mas a um pesadelo.



ALIEN™

Copyright © 2014 by Christopher Golden
Alien™ © 2017 Twentieth Century Fox Film Corporation
Copyright © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Camila Fernandes

A tradução de *Alien™ – Rio de Sofrimento*, publicada originalmente em 2014, é comercializada mediante acordo com a Titan Publishing Group Ltd. – 144 Southwark Street, Londres SE1 0UP, Inglaterra.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Título original
Alien™ – River of Pain

Preparação
Carolina Vaz
Mariana Oliveira

Revisão
Rachel Rimas

Capa
Leandro Dittz

Projeto gráfico
Victor Mayrinck

Criação de lettering de capa
Adilson Gonsalez de Oliveira Junior

Ilustração de capa e miolo
Ralph Damiani

Diagramação
Filigrana

Curadoria
Affonso Solano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Golden, Christopher

Alien 3 : rio de sofrimento / Christopher Golden ; tradução de Camila
Fernandes. – Rio de Janeiro : LeYa, 2017.

304 p.

ISBN: 978-85-441-0512-2

Título original: Alien – River of Pain

1. Literatura norte-americana 2. Ficção científica I. Título II.
Fernandes, Camila

17-0283

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 – sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br



ALIEN™

RIO DE SOFRIMENTO

CHRISTOPHER GOLDEN

TRADUÇÃO DE
CAMILA FERNANDES



ÍNDICE

- [1 NOSSO HÓSPEDE](#)
- [2 TREMORES](#)
- [3 REBECCA](#)
- [4 CHEGADAS](#)
- [5 TERRENO ACIDENTADO](#)
- [6 A ESCADA](#)
- [7 PROBLEMA EM TRIOS](#)
- [8 TEMPESTADES VISÍVEIS E INVISÍVEIS](#)
- [9 O DESEJO DE OTTO](#)
- [10 O CUSTO](#)
- [11 NOVOS E VELHOS AMIGOS](#)
- [12 MISTÉRIOS DA *NOSTROMO*](#)
- [13 UM PASSEIO EM FAMÍLIA](#)
- [14 ABANDONO E DEVER](#)
- [15 CARGA ESTRANHA](#)
- [16 CUIDADO COM O QUE DESEJA](#)
- [17 NADA VIVO](#)
- [18 MOVIMENTOS NA ESCURIDÃO](#)
- [19 CAPTURA PARA ESTUDO](#)
- [20 A QUESTÃO PROFISSIONAL](#)
- [21 PERÍODO DE INCUBAÇÃO](#)
- [22 MEDIDAS DE SEGURANÇA](#)
- [23 ROTAS DE FUGA](#)
- [24 TUDO DESMORONA](#)
- [25 SEGREDOS E VIDAS](#)
- [26 UM POR UM](#)
- [27 PRONTOS PARA LUTAR](#)
- [28 O LABIRINTO DO MONSTRO](#)
- [29 BASTA DE MORTES](#)
- [30 CONSTRUINDO MUNDOS MELHORES](#)

31 A PEÇA MAIS CRUEL
AGRADECIMENTOS



1 NOSSO HÓSPEDE

DATA: 4 DE JUNHO DE 2122

Por um longo tempo, Ripley fez o que pôde para evitar a ala médica da *Nostromo*. As paredes brancas e as luzes fluorescentes afugentavam qualquer sombra. O ar era tomado por um zumbido elétrico e pelos ruídos das máquinas.

Como subtenente a bordo da *Nostromo*, passara muito mais tempo na penumbra cinza dos corredores e compartimentos da nave, e as lâmpadas vacilantes eram a única intromissão na escuridão. Na verdade, era estranho, mas, depois de viver em tantas naves, ela havia se acostumado mais às sombras do que à luz.

Mas tudo isso havia mudado.



A *Nostromo* atravessava o sistema Zeta-2-Reticuli transportando vinte milhões de toneladas de minério destinados ao planeta Terra quando o computador de bordo da nave, denominado Mãe, interceptara um sinal de socorro de um planetoide conhecido por LV426. Mãe acordara a equipe do hipersono mais cedo, instruindo-os a investigar.

Ripley ficara apreensiva com a ordem desde o início. Não eram exploradores planetários nem colonos. Aquele não era o trabalho deles.

Mas as ordens tinham sido claras. O capitão Dallas fizera o favor de lembrar a Ripley que seu “trabalho” era tudo o que a corporação decidisse que deveria ser. Assim, foram para lá.

Ao aterrissar, Dallas havia levado o oficial executivo, Kane, e o navegador, Lambert, à superfície para investigar a origem do sinal de socorro: uma nave espacial abandonada que definitivamente não era de origem humana. Àquela

altura, todos os instintos de Ripley lhe diziam que aquilo era um erro. Não tinham ideia de que perigos poderia haver dentro da nave, e o capitão, o oficial executivo e o navegador não deveriam ter ido averiguar.

Era um pesadelo.

Ripley não se sentia mais confortável nas sombras da *Nostromo*. Foi até a ala médica, não para buscar tratamento, mas por causa da luz. Ash estava lá – o oficial de ciências da nave. Ele tinha um ar de superioridade que a irritava. Às vezes, parecia olhar para os outros com arrogância, como quem vê espécimes num microscópio.

Isso lhe dava arrepios.

No entanto, por causa de seu cargo, talvez ele fosse a melhor pessoa para descobrir que diabo havia realmente acontecido lá embaixo, em meio às tempestades atmosféricas furiosas na superfície de LV426... o que havia acontecido com Kane.

Mas Ripley não seguiria ordens cegamente, não mais. As exigências da companhia a inquietavam. O interesse de Mãe em qualquer vida xenomórfica que tivessem encontrado naquele satélite feioso a havia intrigado. Mas, quando expressara sua preocupação, os outros não lhe deram ouvidos.

Bom, eles que fossem para o inferno. Não lhes daria essa escolha. Tinha uma filha na Terra – havia prometido a Amanda que voltaria para casa sã e salva, e se recusava a quebrar a promessa.

Então, seguiria os próprios instintos, fazendo qualquer pergunta que exigisse resposta sem se preocupar com os calos nos quais poderia pisar.



Ripley entrou em silêncio na ala médica. Foi como cruzar a fronteira de uma terra estrangeira sem permissão. Inspeccionou a área do laboratório, cheio de telas, paredes brancas e botões amarelos, a luz agora um pouco mais tênue.

Entrou num segundo compartimento e viu Ash à direita, estudando uma videotela. O homem era pequeno, mas ainda assim sua presença tinha certo peso. O cabelo castanho começava a ficar grisalho, e os olhos eram de um azul gélido.

Ash se inclinou para espiar por um microscópio, distraído a ponto de ela conseguir se aproximar alguns passos sem que ele percebesse. A imagem na tela do computador fez Ripley estremecer de repulsa.

Parecia um scan da criatura alienígena aracnoide que se colara ao rosto do oficial executivo, mas não era possível distinguir os detalhes. A criatura tinha uma espécie de cauda, que se enrolara ao pescoço de Kane e o sufocava toda vez que alguém tentava removê-la. Tentaram cortá-la, mas a coisa medonha sangrou

um ácido que penetrara no chão de três níveis da *Nostromo*. Mais um ou dois deques e teria rompido o casco, e todos estariam mortos agora.

Ash estava fascinado pelo alienígena. Ripley só queria que a criatura morresse.

– É incrível – sussurrou ela, indicando a imagem na tela. – O que é?

Ash ergueu o olhar abruptamente.

– Ah, isto? Ainda não sei. – Ele desligou a tela, endireitou as costas e aparentou um ar de cortesia que não lhe era habitual. – Está precisando de alguma coisa?

Tão educado, pensou ela. *Somos tão educadinhos, nós dois*.

– É, eu... preciso falar com você – murmurou. Na verdade, Ripley não sabia exatamente *por que* estava ali. – Como anda o Kane?

O ar entre eles parecia energizado, como se possuísse um ruído próprio, semelhante ao zunido persistente da eletricidade. Desde que Ash se juntara à tripulação – uma exigência da companhia pouco antes de decolarem de Thedus com a carga –, Ripley nutriu certa antipatia por ele. Algumas pessoas tinham esse efeito sobre ela. Entravam no recinto e, na mesma hora, ela ficava em alerta. Se Ripley fosse um gato – como Jonesy, a mascote da tripulação –, um encontro com Ash teria eriçado seus pelos.

Ash evitava contato visual, e Ripley percebeu que ele queria que ela fosse embora.

– O quadro dele é estável. Sem alterações.

Ripley indicou a tela escura com um gesto.

– E nosso hóspede?

Isso fez com que ele a encarasse.

– Bom, como eu disse, ainda estou... coletando dados, na verdade. – Ash pegou um tablet com microescâner e observou a tela. – Mas já confirmei que ele tem um exoesqueleto de polissacarídeos proteicos. E tem o estranho hábito de descartar células e substituí-las por silício polarizado, que confere resistência prolongada a condições ambientais adversas. – Ele deu um sorrisinho. – Está bom para você?

Está, pensou ela. *Está bom para você?* Daria no mesmo tê-la mandado embora.

– É muita informação – respondeu, sem sair do lugar. – O que isso quer dizer? – perguntou, curvando-se para olhar no microscópio.

Ash se retesou.

– Por favor, não faça isso.

Ripley inclinou a cabeça, incapaz de conter uma careta. Sabia que ele era extremamente meticuloso em relação ao laboratório, mas por que se incomodar

tanto que ela olhasse no microscópio? Nem tinha tocado nele.

– Desculpe – disse ela, o tom deixando claro que não lamentava.

Ash recuperou a compostura.

– Bom, é uma combinação interessante de elementos, o que faz dele um filho da puta bem durão.

Ripley sentiu um calafrio.

– E você o deixou entrar na nave – afirmou ela.

Ash ergueu o queixo, parecendo ofendido.

– Eu estava obedecendo a uma ordem direta, lembra? – respondeu, petulante.

Ripley o observou com atenção, e naquele momento entendeu exatamente por que tinha ido até a ala médica.

– Ash, quando Dallas e Kane estão fora da nave, eu sou a oficial de maior patente – declarou ela.

O rosto dele ficou inexpressivo.

– Ah, sim. Esqueci.

Mas ele estava mentindo. Ripley sabia disso, e ele também. Ash nem mesmo tentou parecer convincente. O que a incomodava, no entanto, era o *porquê* de tudo aquilo. Seria só outro exemplo da babaquice de Ash? Não queria respeitar o posto dela na hierarquia? Ou isso não tinha nada a ver com ela? Ele só achava que podia fazer tudo o que quisesse, sem enfrentar as consequências?

Isso vai acabar agora, decidiu ela.

– Também esqueceu o protocolo básico de quarentena da divisão de ciência – continuou ela.

– Não, isso eu não esqueci – retrucou ele, calmamente.

– Ah, entendi. Então você só ignorou, foi isso?

Ash se empertigou, encarando Ripley, a mão direita pousada no quadril.

– Ah, e o que você teria feito com o Kane, hein? Você sabia que a única chance de ele sobreviver era trazê-lo para cá.

Ela gostou de ver Ash irritado. Era bom saber que conseguia atingi-lo.

– E você, ao romper a quarentena, arriscou a vida de todos – argumentou ela.

– Talvez eu devesse tê-lo deixado lá fora – comentou Ash antes de voltar ao seu costumeiro ar de indiferença e superioridade. – Talvez eu tenha colocado a vida de todos em perigo, mas foi um risco que aceitei correr.

Ripley se aproximou um pouco mais, o olhar cravado no dele.

– É um risco muito grande para um oficial de ciências correr – disse ela. – Não é exatamente ortodoxo, é?

– Eu levo minhas responsabilidades tão a sério quanto você, sabia?

Ripley lançou outro olhar à tela. Queria dar uma olhada naquele computador, mas nem sabia ao certo se entenderia o que encontraria ali.

Ash a encarava, desafiador.

– Faça o seu trabalho e me deixe com o meu, combinado? – acrescentou ele.

Várias respostas passaram pela cabeça de Ripley, nenhuma delas educada ou agradável. Em vez disso, respirou fundo, soltou o ar, virou-se e saiu da sala. Tudo o que queria, esse tempo todo, era que Ash fizesse o trabalho dele, mas o homem parecia mais interessado na criatura colada no rosto de Kane do que em salvar o oficial executivo.

Por quê?

2

TREMORES

DATA: 11 DE OUTUBRO DE 2165

Greg Hansard estava em meio à agitação atmosférica furiosa na superfície de LV426 e gostaria de poder gritar. Acima dele, o processador atmosférico soltou um rangido agudo e metálico e estremeceu com tanta força que ele sentiu o tremor da máquina debaixo dos pés.

– Que diabo vocês estão fazendo aí dentro? – berrou Hansard no comunicador.

O coração martelava no ritmo das pancadas do processador, e ele sentia como se estivesse sufocando dentro da máscara respiratória. Não deixou de perceber a ironia, mas isso não atenuou a vontade de arrancar a máscara. Contudo, não faria isso – podia estar ficando louco ali, no meio da tempestade de areia, mas não *tão* louco assim.

– O melhor que podemos... é isso que estamos fazendo! – gritou um dos engenheiros em resposta. Acima do rugido da tempestade, Hansard não conseguiu identificar de quem era a voz. – Tem uma rachadura na caixa do gerador! Se o desacelerarmos até metade da velocidade, talvez consigamos consertar sem precisar desligar tudo.

– Façam isso – respondeu Hansard. – Terminem o mais rápido possível! Não podemos mais ter nenhum atraso.

– Que inferno, chefe, a gente não escolheu a porcaria do planeta.

Hansard baixou a cabeça, exasperado.

– Sei disso – afirmou. – E adoraria estrangular o idiota que escolheu.

– Hansard, é melhor você vir aqui! – gritou outra voz no comunicador. Esta ele reconheceu.

– Que foi, Najit? – perguntou, começando a contornar a máquina. O processador atmosférico chegava a vinte metros de altura, trepidando e sacudindo e vomitando ar respirável.

– É melhor você ver pessoalmente – respondeu Najit.

Havia três engenheiros dentro do processador e meia dúzia do lado de fora. Najit era o engenheiro estrutural. Fazia seis anos que a companhia tentava terraformar LV426 – agora chamado de Aqueronte –, ao mesmo tempo que construía as fundações da futura colônia. A principal estrutura do complexo central estava pronta, e dezenas de colonos já viviam em LV426 com os construtores e engenheiros, todos sob a gestão do administrador colonial, Al Simpson.

Mal se passava um dia sem que Simpson o procurasse para reclamar da velocidade das obras de terraformação. Na opinião de Hansard, Simpson era um idiota contratado por gente mais idiota ainda.

A colônia – batizada de Hadley’s Hope em homenagem a um dos seus idealizadores – era um empreendimento patrocinado pelo governo da Terra em conjunto com a Corporação Weyland-Yutani e dirigido pela administração colonial, *supostamente* de acordo com todas as regras estabelecidas pela Comissão de Comércio Interestelar. O próprio Aqueronte não era de fato um planeta, embora as pessoas se referissem a ele dessa forma. Era uma rocha no meio do nada, um dos satélites de um planeta chamado Calpamos.

As tempestades eram quase contínuas, uma torrente ofuscante de vento, areia e pó. Não importava quão bem Hansard prendesse a máscara, o capuz e o traje de imersão, a areia ainda entrava em todo lugar.

Todo lugar.

Todo santo dia.

De todos os lugares que a Weyland-Yutani poderia ter escolhido como berço de uma nova colônia humana, por que este? As condições atmosféricas haviam impedido que a topografia fosse corretamente mapeada a partir do espaço, e mesmo assim algum imbecil decidira que aquele era um terreno propício.

Para Hansard, era como se Aqueronte não os quisesse lá. Havia conseguido instalar os processadores atmosféricos ao longo da superfície, e o mais importante – o imenso Processador Um, que era do tamanho de uma catedral – estava em construção. Mas tinham esbarrado em uma série de obstáculos no caminho. Tremores racharam o terreno e engoliram por completo um dos processadores menores. Acidentes, erros de inspeção e equipamentos defeituosos haviam causado todo tipo de atraso.

E agora... qual era o problema?

Ele deu a volta no processador, enervado pelas batidas da máquina. O chão tremeu, e Hansard pensou que talvez tivesse tremido com ele. Sentiu gosto de terra.

– Najit? – chamou, pensando que já devia ter encontrado o homem.

– Aqui!

Hansard perscrutou o véu de areia e avistou três silhuetas, mas não estavam perto do processador, e sim a três ou quatro metros de distância da máquina, olhando para o chão.

Ah, merda, pensou ele. *Por favor, não me diga que...*

O processador sacudiu. Hansard girou para olhá-lo, prendendo a respiração. A máquina estremeceu com tamanha violência que ele pôde ver o casco se deslocar. De repente, percebeu que nem todos os tremores vinham da máquina em si.

– Filho da puta! – gritou.

O ranger do metal dentro da estrutura cresceu até se tornar um trovão agudo.

Virando-se, Hansard correu até os outros. Três homens do lado de fora, sim. Mas também havia três no interior. Dentro daquela torre de metal rangedora e estridente.

– Que diabo... – começou.

– É outra fissura! – gritou Najit.

Ao se aproximar, Hansard pôde ver a rachadura no chão sob seus pés, camadas grossas de poeira atmosférica e cinza vulcânica espirrando da fissura como areia. Najit correu ao longo da rachadura, seguindo-a e afastando-se do processador para determinar o comprimento. Depois, parou e se virou para encarar os outros dois engenheiros estruturais.

– Quatro metros e meio! – gritou ele. – E continua aumentando!

Hansard não dava a mínima para a extensão da rachadura, contanto que ela crescesse para *longe* do processador. Correu até o casco externo e olhou para o ponto em que a fissura desaparecia debaixo da máquina.

– Não – sussurrou. – Não, não, não, não.

Olhou através da cortina de areia soprada pelo vento. O processador trepidou, e o barulho que vinha de dentro dele o lembrou uma antiga locomotiva que vira num arquivo de vídeo.

– Desliguem! – rugiu ele. – Desliguem essa coisa e saiam daí!

– Chefe... – começou Najit numa voz cautelosa.

Hansard se aproximou dos três engenheiros estruturais.

– Saiam daí, seus idiotas – disse, afastando-os com gestos. – Não lembram o que aconteceu com o Processador Três?

Pelo comunicador, pôde ouvir os engenheiros dentro do processador gritando uns com os outros – ordens e palavrões – numa cacofonia de pânico.

– Acha que vai piorar? – gritou Najit.

O chão continuava a tremer. O tremor era localizado, mas não havia como saber quanto tempo duraria. Havia passado dezoito meses inspecionando este

setor antes de começar a construção, sem nenhum indício de tremores localizados.

Até ser tarde demais para parar.

– Já está bem ruim – resmungou Hansard.

O processador engasgou, e o zumbido no seu interior silenciou, mas a máquina continuou a tremer. Uma calmaria na tempestade deu a ele uma visão mais clara do casco, onde avistou uma rachadura no metal que, de resto, era liso, a seis metros do chão.

Merda!

– Saiam daí *agora!* – berrou ele. – Nguyen! Mendez! Saiam...

De repente, Hansard hesitou e olhou para os pés. O chão pareceu se acomodar, e o tremor cedeu. Prendeu a respiração por vários segundos, até ter certeza de que havia terminado. Não que isso importasse.

O processador poderia ser consertado, mas não era essa a questão. O próximo tremor – dali a um dia ou dez anos – talvez o destruísse completamente. A máquina teria que ser abandonada, passaria a ser só um trambolho de metal do qual tirariam peças quando construíssem outro num terreno que julgassem estável. Em Aqueronte, contudo, nunca saberiam ao certo se um terreno era estável o suficiente.

– Chefe? – chamou Najit, parando ao seu lado.

Hansard olhou para a tempestade ao longe, fustigada pelo vento.

Derrotada.

Quem quer que tivesse batizado LV426 com aquele nome havia reconhecido o absurdo de tudo aquilo. Na mitologia grega, Aqueronte tinha sido um dos rios que percorriam o mundo inferior. O significado da palavra era sombrio.

Rio de sofrimento.



3

REBECCA

DATA: 15 DE MARÇO DE 2173

Russ Jorden olhou para as gotículas de suor na testa da esposa e sentiu um aperto no peito. Ela segurou a mão do marido com tanta força que ele sentiu os ossos estalarem. Ela segurava o fôlego, o rosto comprimido numa máscara de fúria e dor.

– Respire, Anne – implorou ele. – Vamos, querida, respire.

Ela inspirou, e o corpo inteiro relaxou por um momento antes de franzir os lábios e começar a soprar longas lufadas de ar. O rosto estava pálido havia horas, mas agora parecia quase cinzento, e as olheiras tinham a cor de hematomas. Deixou a cabeça pender para um lado, e seus olhos suplicaram que ele fizesse alguma coisa, embora ambos soubessem que o melhor que podia fazer era ficar ao lado dela e continuar amando-a.

– Por que ela não *sai* de uma vez? – perguntou Anne.

– Ela está confortável aí dentro – respondeu Russ. – É quentinho, e ela pode ouvir seu coração batendo. Aqui fora, o universo é grande e assustador.

Anne olhou para a própria barriga enorme, que havia baixado drasticamente nas últimas horas. Franziu o cenho, a testa marcada por linhas austeras.

– Vamos lá, menininha. Se vai ser parte desta família, vai ter que ser corajosa e meio maluca.

Russ riu um pouco, mas não conseguiu ceder ao humor das palavras como normalmente teria feito. Anne estava em trabalho de parto havia dezessete horas, e, nas últimas três, o colo do útero estava com sete centímetros de dilatação e sessenta por cento afinado, mas a hora não chegava. A dra. Komiskey lhe dera medicamentos para acelerar o processo, com o aviso de que forçar o útero a funcionar poderia aumentar a dor do parto.

Anne deu um gemido profundo, e a respiração acelerou.

– Russell...

– Ela já vai chegar. Prometo – garantiu ele, acrescentando silenciosamente: *Vai, Rebecca. Está na hora.*

O enfermeiro entrou na sala enquanto Anne rangia os dentes e arqueava as costas, retesando o corpo. Russ prendeu a respiração com ela – ver Anne sofrendo o fazia querer gritar. Ergueu o olhar cheio de pânico e frustração.

– Não pode fazer nada por ela, Joel? – perguntou ele.

O enfermeiro esbelto, de pele escura, balançou a cabeça com simpatia.

– Já disse, Russ. Ela queria parto natural, assim como foi com o Tim. Agora é tarde demais para oferecer qualquer coisa que possa aliviar. Os analgésicos que ela já tomou são o melhor que podemos fazer sem colocar o bebê em risco.

Anne o xingou. Joel foi até a beirada da cama e pôs a mão no ombro dela enquanto ela voltava a respirar, relaxando um pouco depois de outra contração.

– A dra. Komiskey estará aqui num segundo para avaliar o seu quadro.

Russ olhou feio para ele.

– E se não houver progresso?

– Não quero cesariana! – rosnou Anne, ofegando.

Joel afagou o ombro dela.

– Você sabe que é perfeitamente seguro. E se estiver preocupada com a cicatriz...

– Não seja burro. Cesariana não deixa cicatriz desde o tempo da minha avó – resfolegou Anne.

– É isso que estou dizendo – respondeu o enfermeiro. – Pelo bem do bebê...

Abalada, Anne se virou para encará-lo.

– Joel, tem alguma coisa errada com o bebê?

– Por enquanto, não. Tudo o que vimos parece perfeitamente normal, e todos os exames genéticos e de sangue mostram uma criança saudável. Mas pode haver complicações se... Bem, na verdade a dra. Komiskey é que deveria falar com vocês sobre isso.

– Que merda, Joel, a gente já se conhece há dois anos – protestou Russ. – A colônia não é assim tão grande. Se tem algo com que devemos nos preocupar...

– Não. Podem parar – mandou Joel, erguendo a mão. – Se vocês estivessem sozinhos, teriam com que se preocupar. Mas não estão. Têm a equipe médica cuidando de vocês e do bebê, e a colônia inteira esperando para ver a cara da menininha.

Anne gritou e apertou a mão de Russ mais uma vez. Ele olhou para o belo rosto da esposa, contorcido de dor, e percebeu que uma das gotas na face dela não era de suor, mas uma lágrima, e soube que aquilo já tinha ido longe demais.

– Traga Komiskey aqui – rosnou Russ.

– Ela vai chegar a qualquer... – começou Joel.

– Traga-a agora!

– Ok, ok.

O enfermeiro saiu da sala depressa, deixando os Jorden sozinhos com o medo, a esperança e o bebê que não parecia querer conhecê-los.

Um silêncio aflito pairou entre Russ e Anne.

Exausta, ela usou os momentos de calmaria entre as ondas agonizantes das contrações para respirar, descansar e rezar para que, quando a dra. Komiskey voltasse, o colo do útero estivesse totalmente dilatado e ela pudesse parir o bebê.

– Não entendo... – sussurrou, numa voz cansada. – Tim levou quatro horas da primeira à última contração. E as minhas costas... meu Deus, minhas costas não doeram tanto assim. O que está acontecendo?

Russ olhou para os monitores brancos instalados acima e ao lado da cama. Se o bebê comesse a sofrer, os alarmes disparariam, mas por enquanto as telas piscavam luzes verdes e azuis e não produziam nada além de um zumbido suave, quase musical. Atrás dos monitores, havia uma máquina muito maior, silenciosa e escura, uma câmara com uma cobertura quase toda transparente.

Se Komiskey tivesse que fazer uma cirurgia para retirar o bebê, ela colocaria Anne naquela câmara. Não era a cicatriz que Anne temia, mas a ideia de não ser mais tratada por mãos humanas. A câmara de cesariana faria a cirurgia praticamente sozinha, e essa ideia aterrorizava os dois Jorden. Os humanos podiam cometer erros, mas pelo menos se importavam com o resultado da cirurgia. As máquinas não entendiam as consequências, nem o valor da vida.

– Será que erramos? – arfou Anne.

Russ colocou um pano frio e úmido na testa dela.

– Timmy foi tão fácil – respondeu ele. – Não tínhamos como saber que seria assim desta vez. Tentar o parto natural fez sentido na época.

– Não é isso – retrucou a esposa, abanando uma das mãos fracas, movendo os dedos como se pudesse apagar a resposta dele. – Estou falando de vir para Aqueronte. Para Hadley's Hope.

Russ franziu o cenho.

– Não tivemos escolha. Não havia trabalho na Terra. Tivemos sorte em conseguir a chance de trabalhar fora do planeta. Você sabe...

– Sei – arfou ela, e começou a se retesar, a respiração saindo num sibilo entre dentes à chegada de outra contração. – Mas ter filhos... *aqui*...

Uma luz vermelha se acendeu nos monitores, só por um instante, quando Anne ficou rígida e urrou de dor.

– Já chega! – rosnou Russ.

Ele levantou-se de um salto, deixando a cadeira cair, e se virou na direção da

porta, mas Anne não soltou sua mão. Ele se virou para implorar que a esposa o largasse e viu que as luzes dos monitores voltaram a ficar verdes. Nenhum alarme soou.

Não importava. Já tinha sido o suficiente.

– Komiskey!

Enquanto tomava fôlego para gritar mais uma vez o nome da médica, a dra. Theodora Komiskey passou esbaforida pela porta, uma mulher atarracada com olhos azuis e uma massa de cachos castanhos. Joel veio em seu encalço, diligente.

– Vamos ver em que ponto está – disse a médica, sorridente e otimista como sempre.

– Já cruzou metade do universo, porra – resmungou Russ.

Detestava a falsa animação que tantos médicos usavam como máscara e queria berrar com a dra. Komiskey até arrancar aquele sorriso da cara dela, mas isso não ajudaria nem Anne nem o bebê. Em vez disso, ficou parado ali enquanto a mulher com forma de barril sacava um par de luvas cirúrgicas, sentava num banquinho e se posicionava entre as pernas de Anne, tateando como se procurasse por algo que tinha perdido.

– Estou sentindo a cabeça – disse a médica, com uma voz preocupada. – E agora entendo qual é o problema. O bebê está na posição cefálica posterior...

Russ sentiu um aperto no peito.

– O que isso significa?

Komiskey o ignorou, dirigindo-se a Anne:

– Ela está virada para o lado errado, para o seu abdômen, o que significa que a nuca dela está pressionando o seu osso sacro... o seu cóccix. A boa notícia é que você está completamente dilatada e afinada. Seu bebê logo vai se tornar a adorável princesa de Hadley's Hope.

Russ baixou a cabeça.

– Graças a Deus.

– E qual... – disse Anne, respirando fundo. – Qual é a má notícia?

– A má notícia é que vai doer pra diabo – respondeu Komiskey.

Anne suspirou de alívio.

– Estou pronta, Theo. Vamos tirar nossa Newt daqui de dentro.

Russ sorriu. Newt. *Salamandra*. Estavam chamando o bebê desse jeito havia meses, imaginando-o enquanto ia de um grãozinho até um anfíbio esquisito e, depois, um feto plenamente desenvolvido.

– Então muito bem – disse a dra. Komiskey. – Quando vier a próxima contração, você vai...

Mas Anne não precisava de instruções. Já tinha dado à luz uma vez. A

contração chegou, e ela gritou de dor, mas agora parecia menos um berro de agonia e mais um rugido de guerra.



Treze minutos depois, a dra. Komiskey colocou Rebecca Jorden nos braços da mãe. Russ sorria tanto que o rosto chegava a doer, o peito tão cheio de amor que parecia prestes a explodir. Quando Anne beijou a testa da menininha, Russ tocou a minúscula mão e a filha segurou firme no seu dedo. Já era forte.

– Oi, minha Newt – sussurrou Anne para o bebê, beijando-o de novo. – Melhor tomar cuidado ou o apelido vai pegar.

Russ riu, e Anne se virou, sorrindo para o marido.

Newt, pensou ele. *Você é uma garotinha de sorte.*

DATA: 2 DE ABRIL DE 2173

Quando o novo centro recreativo da colônia de Hadley's Hope foi aberto, ninguém se incomodou em fazer nada tão formal ou antiquado quanto cortar uma fita na inauguração. Al Simpson, o administrador da colônia, destrancou a porta e a abriu, e a festa começou. Os irmãos Finch trouxeram um pouco do seu uísque caseiro, Samantha Monet e o irmão decoraram as instalações, e Bronagh Flaherty, a cozinheira, exibiu uma seleção de bolos e biscoitos que havia feito para a ocasião.

A estrela da noite, porém, era Rebecca Jorden, com duas semanas e meia de idade. Al Simpson ficou parado no canto do salão bebericando uma caneca de *irish coffee* quente, observando enquanto os outros colonos se revezavam para paparicar o bebê.

Envolta num cobertor, aninhada nos braços da mãe, era uma coisinha linda, sem dúvida. Via de regra, Al não tinha nenhuma predileção por bebês. Na maior parte das vezes, eram máquinas de chorar e fazer cocô, e pareciam macacos enrugados e carecas. Mas não a pequena Rebecca. Mal ouvira a menina dar um pio desde que a festa tinha começado, e ela tinha uns olhos grandes e adoráveis, que a faziam parecer uma alma antiga e curiosa habitando o rosto corado e saudável de um bebê.

O filho mais velho dos Jorden, Tim, era pequeno quando eles chegaram a LV426, mas Rebecca era motivo de celebração para toda a colônia – o primeiro bebê nascido em Aqueronte. Al achava que, se todos os futuros bebês da colônia fossem como ela, não seria tão ruim tê-los por perto. Mas tinha a sensação de que a menina seria uma exceção à regra, e que não mudaria sua opinião quanto aos recém-nascidos... e às crianças em geral, agora que parava para pensar.

– Criança bonita – disse uma voz atrás dele.

Al se sobressaltou, derramando um pouco do café. Soltou um palavrão quando queimou os dedos e mudou rapidamente a caneca da mão direita para a esquerda.

– Não me assuste assim – reclamou ele, sacudindo as gotas de café dos dedos e soprando-os.

– Caramba, Al, desculpa – respondeu Greg Hansard, sem jeito.

Al balançou os dedos de novo, mas a dor começara a diminuir.

– Que bom que eu pus um pouco de creme de licor irlandês na caneca – disse ele. – Ajudou a esfriar.

Hansard sorriu.

– Bom, agora, se não estiver queimado demais, talvez você possa me mostrar

onde anda escondendo a garrafa.

Na verdade, Al não queria dividir, mas Hansard era o engenheiro-chefe da colônia e sempre uma boa companhia. Achava que podia ceder um pouco do seu estoque particular.

– Posso ser convencido – respondeu, tomando um longo gole da caneca. Antes de se incomodar em oferecer um copo ao engenheiro, queria tomar o café enquanto ainda estava quente. – Mas você tem razão. A menina dos Jorden é linda. Não sei de quem ela puxou tanta beleza, considerando os pais.

Hansard soltou um riso seco.

– É, eles são *bem* desengonçados.

Al deu uma risadinha, escondendo o sorriso atrás da caneca enquanto olhava ao redor. Sempre fora um homem cheio de opiniões, mas os colonos eram obrigados a conviver, e os relacionamentos em Hadley's Hope ficariam complicados se o administrador colonial começasse a falar mal das pessoas pelas costas. Por outro lado, não eram os cachos emaranhados de Anne Jorden que o irritavam, nem o fato de que Russ sempre estava com cara de quem tinha bebido demais na noite anterior.

– Esses garimpeiros são sempre meio desengonçados, não? – comentou Al em voz baixa.

– Eles são encrenca, isso sim – respondeu Hansard, indicando com o queixo um punhado de pessoas que ainda faziam *aaahs* e *ooohs* para o bebê. Otto Finch havia se agachado para falar com o jovem Tim, filho dos Jorden, e lhe entregara um bicho de pelúcia. – São boas pessoas, os Jorden. Mas me preocupo com o menino.

Al franziu a testa, voltando-se para ele. Não gostou do que ouvira.

– Como assim?

Hansard fez uma careta, unindo as sobrancelhas como se já se arrependesse de ter falado qualquer coisa.

– Greg, você começou. Sou o administrador. Não posso deixar isso pra lá. Se você acha que tem um problema...

– Depende do que você chama de “problema”.

Al voltou a olhar para os Jorden. O pai e a mãe pareciam cansados, mas sorriam, felizes, orgulhosos de sua pequena família. Eram pesquisadores contratados pela colônia, mas, como metade da equipe de pesquisa, faziam trabalhos extras como exploradores, vasculhando setores da superfície do planetoide em busca de depósitos minerais, pontos de queda de meteoros e outras coisas do interesse da companhia. A equipe científica da Weyland-Yutani na colônia usava os exploradores para obter amostras de solo e minerais, e para mapear partes do planeta. As excursões eram quase sempre muito perigosas.

– Não é só porque o estilo de vida deles é maluco – comentou Hansard, pensativo. – É, os colonos vão ter filhos. Essa é a essência do que estamos fazendo aqui. Mas o garimpo é perigoso, e Anne e Russ não parecem entender os riscos. Já é bem ruim para a maioria das pessoas... Quem vai criar os filhos deles se alguma coisa der errado? E os Jorden... Bem, eles passam do limite, não é? Hoje mesmo Russ levou o filho com ele no trator até dez quilômetros ao norte.

Al o encarou.

– Tem certeza?

Hansard meneou a cabeça.

– Não quero criar caso. Pelo menos, não esta noite. Mas lá fora não é seguro para o moleque. Já estive no meio dessas malditas tempestades mais vezes do que qualquer um aqui, e, se o carro enguiçar...

Al ergueu a mão.

– Concordo com você, mas não existe regra contra isso. Já comentei com vários exploradores antes, mas eles pensam como os fazendeiros: é um negócio de família, e, se eles levam os filhos para o campo, estão só ensinando, garantindo o futuro, dando a eles um sentimento de propriedade.

– Que idiotice.

– Não disse que concordo com eles. – Al coçou a nuca, sentindo-se cansado de repente. – Se quer saber, para mim, é culpa da Weyland-Yutani.

Hansard ergueu uma sobrancelha.

– Opinião perigosa, Al. Dizer esse tipo de coisa pode custar seu emprego.

– Estamos flutuando numa rocha desolada onde estão tentando semear um pouco de civilização. Acho que não vão se importar com o que eu digo, desde que eu faça meu trabalho. E desde quando você é tão apaixonado pela companhia?

– Não sou – admitiu Hansard. – Mas sou bem pago, e, quando sair daqui, quando o trabalho estiver finalmente terminado, espero conseguir uma tarefa mais fácil. Que inferno, desde meu primeiro dia em Aqueronte fico pensando quem é que eu irritei para vir parar aqui.

– Talvez só confiem em você. Obviamente, não é um trabalho fácil tentar tornar este lugar habitável. – Al bebeu da caneca outra vez, deixando que o café o aquecesse e o álcool o relaxasse. Apesar de colocar os aquecedores dos prédios da colônia no máximo, ainda fazia frio. *É longe demais do sol*, pensou ele.

Baixou a voz e olhou à sua volta para ter certeza de que ninguém o ouvia.

– O que quero dizer é que eles tendem a recrutar os corajosos ou os burros como colonos, para não falar das pessoas que estão procurando um recomeço porque estragaram tudo e perderam a chance lá na Terra.

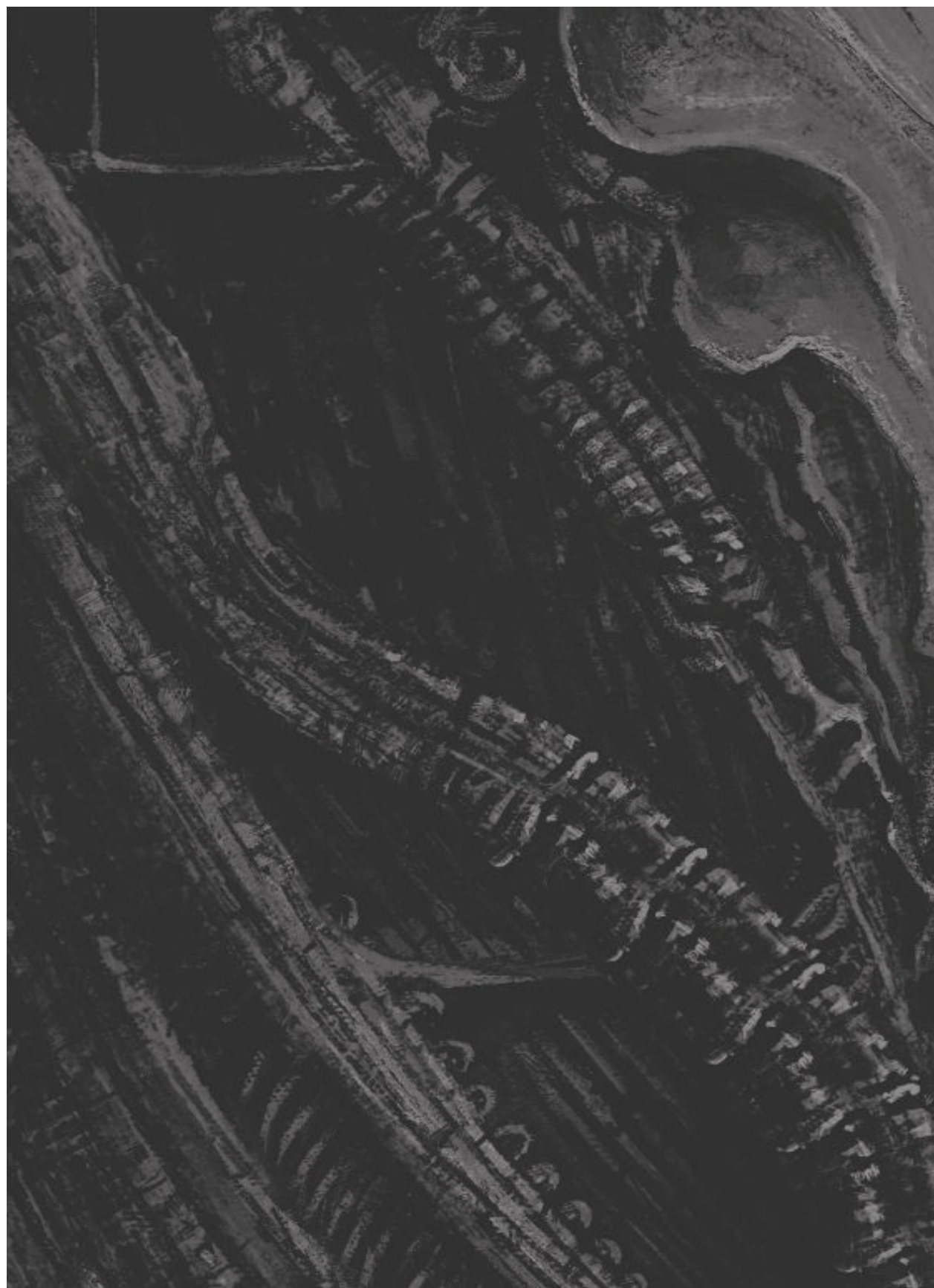
– Mas você gosta dos Jorden – disse Hansard.

Al deu de ombros.

– Até gosto, mas eles são descuidados demais, desesperados demais para conseguir um extra. A equipe científica usa os exploradores porque eles aceitam correr riscos. O que me preocupa é que um dia desses eles acabem nos colocando em perigo. Temos muitos anos pela frente até que esta colônia esteja totalmente estabelecida e povoada. Uma década ou mais. Com uma equipe dessas, tudo pode dar errado.

Olhou para Anne Jorden, que aninhava o bebê junto ao peito, beijando as bochechas macias e sussurrando palavras carinhosas. Russ havia se ajoelhado ao lado do jovem Tim, que, de braços cruzados, fazia bico, parecendo aborrecido com algo relacionado ao bebê.

– Guarde minhas palavras – disse Al. – Se um dia tivermos um problema sério nesta bola de lama, vai ser por causa de gente como eles.



4

CHEGADAS

DATA: 16 DE MAIO DE 2179

Pela primeira vez na carreira de Jernigan, parecia que ele reivindicaria uma nave pela qual não estava procurando. Ficou parado na câmara de descompressão que levava à baía de recuperação e se vestiu, observando os dois companheiros e imaginando o que estariam pensando.

Não que fosse difícil imaginar o que Landers pensava. O desgraçado ganancioso devia estar louco para ver que tesouros a nave à deriva poderia conter. Fleet, porém... era um enigma. Jernigan vinha tentando entendê-lo havia três anos e quatro expedições. Landers ria e dizia que ele devia deixar isso para lá, que Fleet era quase um espécime alienígena. Mas Jernigan não era de desistir.

– Nave-alvo recolhida – zumbiu uma voz no seu ouvido.

Era Moore, da cabine de comando. Ele era os olhos e os ouvidos da equipe agora, e para Jernigan estava ótimo.

– Alguma indicação da origem? – perguntou.

– Negativo. Nenhum aviso, nem transmissão, nem sinal de vida. Mande mais uma dezena de saudações desde que vocês foram se vestir. Nada. Nenhuma resposta automática dos computadores de bordo, nenhum sinal de que eles estejam sequer recebendo as minhas mensagens. Quietos feitos um túmulo.

– Então, o que você acha? – perguntou Landers. – Uma espécie de transporte militar?

– Não é militar – respondeu Moore, e Jernigan viu a decepção de Landers pela forma como seus ombros murcharam.

Qualquer coisa militar não podia ser considerada legalmente sucata, mas lá fora não havia ninguém para policiar o que eles arrancavam, empacotavam e vendiam pelo maior preço. Normalmente, procuravam naves ou estações orbitais que tinham sido danificadas ou abandonadas. As informações eram enviadas

pela companhia dona da ruína, ou, às vezes, por contatos particulares que sabiam com quem falar e quanto uma boa recuperação de sucata podia render.

Muitas vezes informações dúbias eram passadas por fontes escusas, e em várias Jernigan se vira abordando naves que exibiam sinais de abandono forçado ou atividade criminosa. Uma vez, encontrara os resquícios de um tiroteio.

A recuperação de sucata no espaço profundo nunca fora a mais respeitável das profissões, mas Jernigan não dava a mínima para o que as pessoas pensavam. Tinha um código moral próprio e muito orgulho em executar um trabalho que a maioria das pessoas não faria.

Às vezes, chegavam a um alvo e encontravam sobreviventes a bordo. Isso mudava tudo. Ainda cobravam da empresa pelo tempo e pelo transporte, mas nunca mais do que isso. Nem mesmo Landers fazia objeção quando eles deixavam de pilhar ou rebocar uma nave que ainda tivesse um tripulante ou passageiro vivo.

Não eram exatamente respeitáveis, mas também não exatamente criminosos.

– Não é militar – ecoou Jernigan. – Mas não há nada que indique a origem? A nave não tem uma assinatura?

– Não, mas é *antiga* – respondeu Moore. – Acho que nunca vi nada assim, a não ser nos hologramas históricos. – Fez uma pausa, depois acrescentou: – Certo, só falta atracar e pressurizar. Segurem-se.

Uma leve vibração percorreu a nave, e, quando Jernigan olhou pela janela, viu a umidade se condensar rapidamente do outro lado, transformando-se em gelo. Verificou se os sistemas de controle climático do traje estavam num nível confortável, depois esperou que todas as luzes ficassem verdes.

Landers e Fleet eram profissionais experientes, e Jernigan não tinha problema para trabalhar com nenhum dos dois. Haviam abordado juntos pelo menos vinte naves e estações e cuidado uns dos outros em alguns momentos difíceis. Este trabalho seria feito com precisão cirúrgica.

Tinha certeza disso.

Como sempre, sentiu a fagulha do entusiasmo. Um dia, certamente encontrariam alguma coisa sensacional.

Quando as luzes ficaram verdes, os três saíram da câmara de descompressão e entraram no compartimento de carga. Fleet acionou o robô cortador, fazendo-o avançar pela nave manipulando um controle remoto e ligando o laser de corte. Olhou para Landers, que se posicionara diante de um pequeno painel perto de onde a nave recuperada estava presa por uma série de tenazes.

Landers fez mais uma rápida verificação em todos os sistemas e assentiu.

– Limpa feito xoxota de virgem – disse. – Nada com que se preocupar.

– E o que é que você sabe sobre xoxota de virgem? – perguntou Fleet.

– Pergunta pra sua irmã – respondeu Landers.

Fleet não retrucou nem deu sinal de ter ouvido. Fez o robô cortador avançar rumo à nave e usou um escâner para medir a densidade da porta e planejar o corte. Então, apertou o botão *acionar*.

O laser levou um minuto para cortar a porta. Jernigan passou o peso de um pé para outro.

Nave esquisita, pensou. *Uma velha nave de transporte, talvez. Não uma salva-vidas*. Havia evidência de danos em torno da porta: riscos e arranhões, além de uma marca de explosão perto dos motores. Como tudo o que encontravam e recuperavam, esta nave tinha uma história para contar.

A porta tombou para dentro com um barulho alto. Fleet retirou o robô cortador e mandou um escâner para lá. Eles não esperavam encontrar nada surpreendente, mas todos conheciam as regras. Melhor prevenir do que remediar.

O escâner fez seu trabalho.

– Alguma coisa? – perguntou Jernigan.

– Parece uma cápsula de hipersono.

– Ah, cara... – resmungou Landers. – Tem alguém vivo lá dentro?

Jernigan detestou o tom de decepção na voz do colega.

– Não dá pra saber – respondeu Fleet. – Vamos dar uma olhada.

O escâner recuou e Jernigan entrou primeiro, os outros dois logo atrás. Havia um traje espacial jogado sobre a poltrona do piloto, e o que parecia um tipo de espingarda de arpão largada sobre o painel de controle. A única cápsula de hipersono estava coberta por uma camada de gelo.

Jernigan esfregou a mão na superfície da tampa curva, revelando a bela mulher no interior. Encolhido ao lado dela havia um gato. *Putá merda*. Não via um gato desde que era criança.

– Os sinais vitais estão todos verdes... Parece que ela está viva. – Jernigan tirou o capacete e suspirou. – Bom, já era a grana da sucata, meus camaradas.

E esse rosto com certeza tem uma história para contar, pensou.

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 0945

O zumbido da nave de pouso tornou-se um gemido metálico quando ela entrou na atmosfera de LV426. O capitão Demian Brackett manteve as botas plantadas no chão e segurou-se no equipamento de segurança que o deixava preso ao assento. A nave guinou drasticamente para um lado por vários segundos antes de se endireitar, depois sacudiu como uma lancha acelerada em alto-mar.

Os alarmes começaram a soar, luzes vermelhas piscando por toda a cabine adiante.

– O que atingimos? – gritou ele para a piloto.

A mulher não se virou, concentrada demais em mantê-los na rota.

– Só a atmosfera – respondeu ela. – Nunca é fácil voar em Aqueronte.

A piloto apertou uns botões e os alarmes pararam, embora as luzes continuassem a piscar, aflitas.

Brackett rilhou os dentes enquanto a nave era tomada pelo som dos detritos na atmosfera batendo e arranhando o casco. Parecia haver *muitos* deles.

– Será que eu perdi alguma coisa? – perguntou, erguendo a voz para fazer-se ouvir por cima do barulho. – Já não faz quinze anos que estão terra-formando este planeta?

– Mais, até – berrou a piloto. – Você devia ter visto como era tentar pousar aqui dez anos atrás, quando eu cheguei.

Não, obrigado, pensou Brackett. Tinha estômago de ferro, mas até ele começava a se sentir enjoado. A mandíbula doía de tanto ranger os dentes. *Meu cérebro vai virar patê*, pensou enquanto toda a nave chacoalhava violentamente ao seu redor.

Por um momento, o bombardeio cessou. Ele começou a relaxar, então a nave mergulhou abruptamente, como se a queda livre controlada tivesse acabado de se tornar um suicídio. Xingando internamente, segurou-se e virou o rosto, tentando enxergar o lado de fora através da cabine.

– Eu preferiria não morrer no meu primeiro dia no comando! – gritou. – Sabe, se estiver tudo bem para você.

A piloto olhou para ele de soslaio com uma careta.

– Respire fundo, capitão. Sete colisões e nunca perdi um passageiro.

– Sete o quê?

Chegaram a outro bolsão de ar, e a queda o jogou para a frente um segundo antes de a atmosfera voltar a se adensar, atirando-o para trás com tanta força que bateu a cabeça no casco da nave.

Filho da...

– Pronto, bonitão – anunciou a piloto.

Os retrofoguetes foram acionados, fazendo-os subir uns três metros e meio antes de começarem a descer devagar. Ela guiou a nave com cuidado, para a frente e para baixo, até pousar suavemente.

A nave emitiu um chiado hidráulico, como se expirando com Brackett, que soltou o cinto de segurança. As luzes de emergência se desligaram e a cabine se iluminou com uma luz branco-azulada.

– São e salvo, como prometido – disse a piloto.

A mulher desativou as trancas da porta e se levantou, um sorriso travesso nos lábios. Pela primeira vez, Brackett notou suas curvas e o modo como olhava para ele.

– É uma mulher de palavra – respondeu o fuzileiro. – Mas só agora percebi que nem sei seu nome.

– Tressa. – Ela estendeu a mão. – A seu dispor.

– Demian Brackett. – Ele a cumprimentou.

Ela foi até a porta a estibordo e digitou um código num painel de controle. A porta se abriu com um chiado, e uma pequena rampa se estendeu chacoalhando até a superfície do planeta.

– Então, que crime você cometeu para vir parar aqui no cu do universo? – perguntou Tressa.

Brackett sorriu.

– Sou um bom fuzileiro – respondeu. – Vou para onde me mandam.

O vento começou a uivar, soprando um pó áspero para dentro da nave. Ele olhou para o lado de fora e o sorriso murchou. Aqueronte era um mundo preto e cinza, a não ser pela colônia crescente cujos edifícios eram meras silhuetas na tempestade forte. Depois de vários segundos, o vento voltou a arrefecer, oferecendo uma vista melhor, mas não havia muito mais para ver. Estruturas quadradas, uma cúpula vítrea de estufa, e ao longe o processador atmosférico, imponente e agourento em seus 45 metros de altura, vomitando oxigênio no ar.

– Lar, doce lar.

– É – disse Tressa –, não teremos muitos dias de sol. Quanto tempo vai ficar aqui?

Brackett pegou a bolsa com seu equipamento e a jogou por cima do ombro.

– Até me mandarem para outro lugar.

Ela inclinou a cabeça e jogou o quadril para um lado, e ele se convenceu de que via decepção no olhar dela.

– Bom, espero que a gente se veja de novo, capitão Brackett. Em algum lugar longe de Aqueronte.

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179

Havia alguém no quarto com Ellen Ripley. Ela continuou com os olhos fechados. O cheiro de desinfetante dominava o ar, e ela ouviu o som reconfortante de máquinas médicas. A sensação dos lençóis na pele e do colchão às suas costas era magnífica.

Nada disso impedia que ela se sentisse péssima.

Não sentia perigo vindo daquela presença, nenhuma ameaça, mas na memória havia o peso profundo da escuridão empenhando-se em vir à tona. Era uma massa sólida em algum lugar dentro dela, e sua gravidade era implacável.

Estou tão cansada, pensou. Porém, ao finalmente abrir os olhos, soube que tinha sorte por estar viva. Uma enfermeira trabalhava perto da cama, verificando informes, ajustando o equipamento, tomando notas. Enquanto via a mulher cuidar de suas tarefas, Ripley avistou uma janela que nunca antes vira aberta. Oferecia uma vista ampla e ininterrupta do espaço, os braços e cápsulas de moradia de uma estação espacial que ela não reconhecia... e a superfície do planeta abaixo.

Um planeta que ela reconheceu como seu lar.

Um calor a percorreu, espalhando-se do âmagô e chegando à face. Felicidade e esperança. Tinha conseguido. Tinha sobrevivido à *Nostromo*, derrotado a criatura e voltado para casa. Em breve, veria Amanda.

Mas alguma coisa não estava certa. Sentiu um mal-estar no fundo do estômago, e não só por seu hipersono ter sido interrompido. Aquela escuridão em sua memória estava repleta de terror, de pesadelos esperando para nascer. Tentava atraí-la. Pensou em Dallas, em Kane e nos outros, e no destino terrível que lhes sucedera, e na mente o rosto dos colegas estava velho e triste, como numa foto desbotada no fundo de uma mala esquecida.

Pensou em Ash, o desgraçado, mas ele não parecia tão distante.

Havia mais alguma coisa. Algo... mais próximo.

– Como está se sentindo hoje? – perguntou a enfermeira.

Ripley tentou responder, mas a língua parecia inchada e seca. Estalou os lábios.

– Horrível – grasnou.

– Bom, melhor que ontem, pelo menos – disse a enfermeira. A voz era jovial e otimista, mas também tinha algo impessoal, como se quisesse guardar distância da paciente.

– Onde estou?

– Fora de perigo. Estamos na Estação Gateway há alguns dias. – Ela ajudou Ripley a se sentar e arrumou os travesseiros atrás dela. – No começo você estava meio zozza, mas agora está bem.

Isso está errado, pensou Ripley. Estação Gateway? Nunca tinha ouvido falar dela. Estava fora havia um bom tempo, é verdade, mas, a não ser que aquele lugar fosse ultrassecreto, até militar, ela saberia da sua existência.

– Parece que tem uma visita – anunciou a enfermeira.

Ripley se virou e, quando a porta se abriu, não foi o homem que ela viu, mas o gato que ele trazia.

– Jonesy! – disse, e sentiu-se bem por sorrir. – Ei, venha cá. – Estendeu as mãos para o gato, e o homem o levou até ela. – Onde é que você estava, seu gato bobo? Como vai? Por onde andou?

O homem sentou-se enquanto ela fazia festa. Sabia que parecia tola ao falar com o gato. Mas era Jonesy seu elo com o passado, com a *Nostromo* e...

E?

E com a escuridão em seu âmago, atraindo-a com sua pavorosa gravidade. Talvez só precisasse vomitar.

– Acho que vocês já se conhecem, não é?

Ripley olhou para o homem pela primeira vez e levou só um instante para desgostar dele. O que ele disse em seguida não ajudou a desfazer a impressão.

– Sou Burke, Carter Burke. Trabalho para a Companhia. – Então acrescentou: – Mas não deixe isso te enganar, na verdade sou um cara legal.

Legal?, pensou Ripley. *Hum, sei. Sutil, manhoso, evasivo, não me olha nos olhos. Merda, ainda me sinto péssima.* Queria que ele fosse embora, que a deixasse com Jonesy e suas dores, e aquela coisa lá dentro – a lembrança, a terrível ameaça – que ela ainda precisava entender.

Mas ele era da companhia, o que significava que estava ali por um motivo.

– Fico feliz em ver que está se sentindo melhor – continuou ele, bajulador. – Fui informado que a fraqueza e a desorientação devem passar logo. São só os efeitos colaterais comuns depois de um hipersono anormalmente longo – deu de ombros – ou coisa assim.

Aí está, pensou Ripley. *O começo da verdade. Nada vai ficar bem. Não tenho tanta sorte.*

– Como assim? – perguntou. – Por quanto tempo fiquei perdida?

O jeito meloso de Burke evaporou, e de repente ele pareceu pouco à vontade. Ripley preferia quando era puxa-saco.

– Ninguém falou sobre isso com você ainda? – perguntou.

– Não. Mas, quero dizer... – Ela olhou mais uma vez pela janela. – Não reconheço este lugar.

– Eu sei. Ah... tudo bem. É que isso pode ser chocante para você.

Quanto tempo?, pensou Ripley, e, em suas memórias, Amanda olhou para ela.

– Não foi mais que... – começou ele.

– Quanto tempo? – exigiu saber. Amanda, em sua mente, chorava. – Por favor.

– Cinquenta e sete anos.

– O quê?

Não. Não, de jeito nenhum, não é possível, não é... Mas, na memória, os colegas eram figuras desbotadas, sussurros na ponta da língua. Menos Ash. Ele ainda estava quase todo ali.

– É isso, você ficou perdida por 57 anos. Ficou à deriva até passar pelos sistemas centrais, e foi mesmo... pura sorte que uma equipe de resgate no espaço profundo tenha encontrado você naquela hora.

O coração de Ripley disparou. Cinquenta e sete anos.

Amanda lhe deu as costas, desaparecendo, tornando-se a sombra de uma memória, como a tripulação da *Nostromo*.

Não! Amanda! Eu passei por tanta coisa para voltar pra você e...

Pelo que *havia* passado? Aquele peso dentro dela pulsava, quase brincalhão, com a promessa de uma revelação doentia e arrasadora.

– Foi uma chance em mil, na verdade – disse Burke, mas a voz dele se tornava distante, menos relevante. – Você tem muita sorte por estar viva, menina.

Menina. Ela chamava Amanda de “menina”. Tentou agora, mas a voz não funcionava, e sua garotinha estava perdida.

Perdida.

– Você poderia ter ficado flutuando para sempre... – As palavras foram sumindo, todo o significado roubado pelo que acontecia dentro dela. O peso que carregava começava, afinal, a se revelar.

Ripley tentou recuperar o fôlego. Jonesy rosnou para ela. Os gatos viam tudo.

Mas, quando o peso insuportável finalmente eclodiu, não era uma lembrança.

Era um *deles*.

Sentiu-o dentro dela, invadindo, contorcendo-se no peito enquanto se preparava para nascer numa imitação repulsiva e perversa da filha que ela havia perdido. Ripley tombou de novo na cama, agonizando, agitando os braços. Burke tentou segurá-la, gritando por ajuda. Ela derrubou um copo da mão dele e o ouviu se estilhaçar no chão. O suporte do soro caiu, arrancando a agulha do braço dela.

Outras pessoas entraram correndo no quarto. Não sabiam qual era o problema e não havia como contar a elas, como explicar, a não ser implorando por socorro.

– Por favor! – disse ela. – Me matem!

A criatura empurrava e partia, rachando as costelas, esticando a pele, e em

meio à agonia incandescente ela ergueu a camisola e viu...



Ripley acordou de repente, a mão agarrando o peito. Sentiu um movimento rápido, mas eram só seus batimentos cardíacos.

A realidade chegou com tudo, e era horrível. Ela olhou pela janela e viu a bela superfície da Terra. Tão perto e, ainda assim, tão longe – mas isso não importava mais. Para Ripley, não era mais seu lar.

A pequena tela do monitor ao lado da cama ganhou vida, e o rosto da enfermeira apareceu.

– Outro pesadelo? – perguntou ela. – Quer alguma coisa para ajudar a dormir?

– Não! – rosnou Ripley. – Já dormi o bastante.

A enfermeira assentiu e a tela se apagou.

Jonesy estava dormindo na cama com ela. Os médicos não gostavam dele, mas Burke os convencera de que isso faria bem à paciente. *Depois do choque que ela sofreu*, ouvira-o dizer. Supunha que deveria ser grata, mas a primeira impressão havia ficado. Não gostava daquele merdinha.

– Jonesy – chamou, pegando o gato e abraçando-o. – Está tudo bem, tudo bem. Acabou.

Mas aquele peso sombrio e imenso permaneceu dentro dela, tornando-se parte de Ripley, porém, ainda assim, desconhecido. E, ao dizer palavras reconfortantes ao gato, tentava apenas convencer a si mesma.

5

TERRENO ACIDENTADO

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1022

Dois fuzileiros esperavam Brackett do lado de fora da nave. Saudaram-no enquanto descia a rampa, e ele retribuiu o gesto, seguindo a passos largos e rápidos na direção deles.

– Bem-vindo a Aqueronte, capitão. – O primeiro fuzileiro era uma mulher alta com pele de um tom castanho quase tão escuro quanto o de Brackett, a linha pálida de uma antiga cicatriz cruzava a bochecha esquerda. Ela gesticulou para o fuzileiro baixo ao seu lado, um homem muito branco, de peito largo, com cabelos ruivos e grossos óculos de proteção. – Sou a tenente Julisa Paris. Este é o sargento Coughlin...

– É um prazer conhecê-los – respondeu Brackett. – E obrigado por virem aqui fora, durante uma tempestade, me receber. Mas vamos conversar lá dentro.

O sargento Coughlin pegou a bolsa de Brackett com uma das mãos, carregando-a com uma facilidade que evidenciava uma força notável, e os três foram rapidamente até a porta mais próxima, que levava a um prédio cinza de dois andares cujas janelas eram fendas longas e horizontais, algumas cobertas por pesadas proteções de metal contra tempestades.

– Detesto ter que informar, capitão – disse a tenente Paris, indicando a tempestade –, mas está vendo este clima de merda? É um dia típico aqui. – Ela foi na frente, parou à entrada para deixá-los passar e depois fechou a porta com um estrondo. O som do vento corrosivo foi interrompido instantaneamente e a porta se trancou com um chiado.

Luzes brancas tremularam e ficaram mais intensas. Brackett olhou para o corredor vazio e largo que levava às profundezas do prédio. Uma música baixa saía de caixas de som no teto – jazz do começo do século XXII –, e o capitão decidiu que a situação poderia ter sido bem pior. Havia muitos postos de

comando onde seria quase impossível não desenvolver pelo menos uma leve claustrofobia. Ali, haveria espaço para se mexer e pessoas para conhecer, tanto civis quanto militares.

– Ok, vamos começar com o pé direito – disse, apertando a mão de Paris e Coughlin. – Demian Brackett. Seu novo comandante. E acho que, como vocês saíram para me receber, isso me dá três opções. Ou vocês são bons fuzileiros ou são puxa-sacos ou perderam no palitinho. Qual vai ser?

Coughlin soltou uma gargalhada, o rosto corando.

– Ah, com certeza sou o puxa-saco – respondeu, erguendo a bolsa. – Estou carregando a sua mala.

– E você, tenente? – perguntou Brackett, arqueando uma sobrancelha ao olhar para Paris.

Um sorriso perpassou as feições da mulher, mas só um canto da boca se ergueu. Do lado esquerdo, abaixo da cicatriz, os músculos não pareciam reagir.

– Dê tempo ao tempo, capitão – respondeu ela. – Tenho certeza de que vai descobrir.

– É justo. Vá na frente.

Enquanto a tenente Paris o conduzia para dentro do prédio, Coughlin começou a recitar o que parecia considerar os encantos de Hadley's Hope, incluindo as estufas de vegetais frescos, um salão de jogos, vastos e incompletos andares subterrâneos com muito espaço para correr, e uma cozinheira que era – assim dizia o sargento – uma virtuose nas massas italianas.

A colônia estava em seus estágios iniciais. Algum dia, seria um centro em crescimento, desde que a Weyland-Yutani continuasse a promover a expansão naquele quadrante. Tanto a empresa quanto o governo apoiavam a pesquisa científica que já ocorria ali, mas o verdadeiro valor de Hadley's Hope acabaria sendo o de uma parada ou um porto.

– Tenho que admitir – continuou Coughlin –, o fato de haver mulheres lindas entre os colonos só ajuda. – Pareceu se deter, ajeitando a alça da bolsa de Brackett no ombro, e lançou um olhar breve e preocupado a Paris. – Diga, capitão... Nosso último comandante era meio linha-dura em relação a, hã, confraternizar com os colonos. Isso vai ser um problema para o senhor?

Brackett havia pensado nisso quando fora designado para o trabalho. Embora não quisesse o drama do envolvimento romântico ou sexual entre fuzileiros e colonos, não via maneira de evitar isso. Era melhor tratar as coisas às claras do que lidar com a tolice das pessoas tentando manter relacionamentos em segredo.

– Não sou a favor – respondeu –, mas prefiro que vocês durmam com os colonos a com outros fuzileiros. As regras existem por uma razão. Não quero você suspirando pela tenente Paris no meio de uma missão e despencando de um

penhasco.

Coughlin piscou, boquiaberto.

– Eu e a tenente? Não, capitão, não tem nada de... Quero dizer, eu não faria... bom, não que eu não quisesse, mas...

Paris começou a rir e balançou a cabeça. Brackett mantivera o rosto impassível, mas Coughlin viu a expressão de Paris e ficou extremamente corado.

– Você está me zoando?

– Sim, sargento – admitiu o capitão. – Estou zoando.

Coughlin suspirou.

– Entendi, capitão. Já vi como vai ser.

– Então, não vou ter nenhum problema com você, sargento Coughlin?

– Com ele, não – intrometeu-se a tenente Paris. – Mas temos nossa cota de idiotas.

– Pode me adiantar essa parte? – disse Brackett. – Preciso saber em quem devo ficar de olho.

Paris não respondeu. Todo vestígio de sorriso desapareceu do seu rosto. Ao chegar à porta e abri-la com a chave, sua expressão dizia que se arrependia de ter falado qualquer coisa.



Enquanto os três percorriam a colônia, passaram por vários civis. Brackett ouviu risadas num corredor lateral e olhou para lá, vendo duas crianças dar cambalhotas no chão. Isto era algo com que precisaria se acostumar, ter crianças por perto.

– E quanto ao senhor, capitão? – perguntou Coughlin.

Brackett franziu a testa.

– O que é que tem, sargento?

– Tem alguém na sua vida? Alguém que deixou para trás?

Adiante, uma série de janelas altas dava vista para a espaçosa sala de comando, onde as equipes de segurança e operações se sentavam a estações de trabalho e observavam os monitores. No meio da sala, um homem branco e corpulento parecia ralar com um jovem barbado e franzino que segurava um diagrama enrolado na mão.

– Administração – anunciou Paris. – Aquele é Al Simpson. Ele está de bom humor hoje.

O rosto de Simpson estava vermelho enquanto gritava com o jovem. Porém, Paris não parecia estar brincando ao dizer que aquele era o administrador num dia bom. Brackett esperava que o homem não criasse problemas. Não lidava bem

com interferência civil.

Paris chamou a atenção de Simpson, e o homem gesticulou para indicar que sairia num instante.

– Parece um sujeito encantador – disse Brackett.

– Não é tão ruim – comentou a tenente. – Mas eu não gostaria de trabalhar para ele.

Um silêncio amistoso pairou entre os três fuzileiros enquanto esperavam no corredor. Ao passar, civis curiosos sorriam ou cumprimentavam o comandante recém-chegado com gestos. Coughlin deixou a bolsa no chão e apoiou-se na parede.

Brackett voltou-se para o sargento.

– A propósito, a resposta é não.

– Não o quê?

– Não deixei ninguém pra trás.

Não era mentira, mas também não era verdade. Desde o começo, tivera sentimentos conflitantes em relação a este comando. Já havia sido designado para trabalhar em colônias antes – todas mantinham um pequeno destacamento de fuzileiros enviados pelo governo dos Estados Unidos, assim como o Corpo de Fuzileiros Coloniais oferecia serviços de proteção a todos os signatários do pacto das Américas Unidas.

Havia poucos anos a Weyland-Yutani – que possuía ou influenciava metade do universo – tinha entrado no negócio da colonização. Os boatos sobre suas práticas eram absolutamente pavorosos, mas a realidade era bastante ruim. Poderíamos chamar de corrupção, pensara ele muitas vezes, se a malícia e a ambição eram puramente intencionais, parte da essência do negócio? Hadley's Hope era um empreendimento conjunto entre o governo e a companhia, e ele não gostava da ideia de receber ordens de executivos patetas.

Havia outra razão pela qual ter sido enviado para LV426 o inquietara.

O sargento Coughlin tinha perguntado se ele deixara alguém para trás, e Brackett não mentiu ao responder que não. Não tinha deixado ninguém na Terra, mas, anos antes, ao se alistar nos Fuzileiros Coloniais, fora forçado a terminar um relacionamento com a mulher que amava. Ela acabara construindo uma vida nova com outro homem. Ao voltar para casa de licença – esperando, pelo menos, dizer um olá, vê-la sorrir –, ela e o novo marido haviam deixado a Terra.

Agora, de alguma forma, seus caminhos iriam se cruzar outra vez. A antiga namorada e o marido dela estavam entre os primeiros colonos a chegar a Aqueronte mais de doze anos antes. Brackett se perguntou se ela ainda teria o mesmo sorriso, e se ficaria feliz em vê-lo.

Seu nome, naquela época, era Anne Ridley.

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1105

Curtis Finch teve vontade de estrangular o irmão. Até poderia fazer isso, só que, se tirasse as mãos do volante do carro-lagarta, eles cairiam numa vala.

– Quero dar no pé, cara – disse Otto, segurando-se ao painel com ambas as mãos enquanto a tempestade agredia o veículo de seis rodas com rajadas de vento que mais pareciam os punhos de um gigante.

Um riso zombeteiro veio do banco de trás do carro. Os dois fuzileiros coloniais estavam calados havia vários minutos enquanto Curtis os levava pelas colinas escarpadas, mas agora o sargento Marvin Draper se inclinava para a frente, os olhos gélidos cravados no Finch mais velho.

– Se quiser descer aqui, fique à vontade – escarneceu Draper. – Miolo mole.

Otto ficou vermelho quando se virou para encarar tanto Draper quanto a séria e silenciosa soldada Ankita Yousseff.

– Fecha essa matraca, Draper. Eu disse dar no pé, não descer. Dar no pé. Cair fora desta rocha maldita! Quero ir para casa.

Draper deixou o cinto de segurança puxá-lo de volta ao encosto do banco traseiro. Sorriu, depois falou pelo canto da boca, dirigindo-se à soldada Yousseff.

– Otto quer a mamãe dele.

– Nossa mãe morreu! – rosnou Otto, gritando quando uma rajada de vento ergueu o lado esquerdo do carro, tirando-o do chão por um segundo antes de jogá-lo de volta, e o veículo continuou a avançar. – Mas eu me juntaria a ela no tumulto se isso significasse não ter que viver mais neste...

– Cala a boca! – berrou Curtis. Já estava farto.

Otto o encarou. Tinha os olhos azuis e o cabelo ruivo da mãe, enquanto os olhos e cabelos castanhos de Curtis vinham do pai, mas ninguém olharia para os dois e deixaria de notar que eram irmãos.

Curtis olhou adiante, os lábios secos, o coração esmagado no peito enquanto tentava desesperadamente manobrar o veículo em meio à tempestade. Já tinha feito este caminho dezenas de vezes, mas, com o pó e os detritos, a visibilidade caíra para, talvez, dez por cento nos últimos quinze minutos. Continuar assim – quase às cegas – era no mínimo imprudente, mas, se calculara o progresso corretamente, só precisavam cobrir uma curta distância até chegar ao abrigo.

Seria mais seguro do que tentar resistir à tempestade dentro do carro-lagarta. Ainda estavam a 32 quilômetros de Hadley's Hope, sem chance de voltar à colônia antes de a tempestade de areia acabar.

– Curt...

– Não estou de brincadeira, Otto – disse ele ao irmão, erguendo a voz para se fazer ouvir sobre o vento estridente e o rugido avassalador do pó atingindo o carro. – Vou deixar você aqui mesmo.

– Está dizendo que não se arrepende do dia em que a gente pôs o pé em Aqueronte?

Curtis se virou para ele.

– Está de brincadeira? A gente nem estaria aqui se não fosse você.

– Lá vamos nós de novo! – gemeu Draper no banco de trás. – Yousseff, por favor, mete uma bala na minha cabeça para eu não ter que ouvir esses dois de novo.

Draper era seu superior, mas Yousseff não pareceu encarar isso como uma ordem. Curtis quase desejou que ela fizesse isso. Draper, um homem muito musculoso, tinha uma cicatriz no lado direito do rosto, saindo do canto da boca, como se alguém tivesse tentado prolongar seu sorriso. No pescoço, havia tatuado um escorpião, e de alguma forma a combinação da cicatriz com o desenho deixava Curtis muito nervoso. Como um escorpião, Draper parecia prestes a atacar a qualquer momento, o senso de humor um disfarce para sua personalidade volátil.

Contudo, o mesmo valia para Yousseff, que não possuía cicatrizes nem tatuagens. Seus olhos transmitiam calma, porém cheios de promessa de violência. Otto dissera uma vez que aquilo era só a marca de um soldado, mas Curtis discordava. Conhecera muitos outros fuzileiros, e a maioria não era do tipo que considerava como certa a violência iminente.

– Curtis... – começou Otto, cauteloso.

– Não.

Não queria ouvir. Curtis e Otto – o irmão dois anos mais velho – estavam em Aqueronte havia 47 meses como pesquisadores e exploradores. Seu tempo na colônia podia não ser nada comparado ao de gente como Meznick e Generazio ou Russ e Anne Jorden, mas algumas pessoas simplesmente tinham nascido para esse tipo de trabalho e outras não. Fora Otto quem havia convencido Curtis a vir para a colônia, mas, nos últimos meses, ele vinha perdendo as estribeiras.

Curtis entendia, é claro. Todos esses anos de terraformação só domaram parcialmente a atmosfera violenta de Aqueronte. Sempre turbulentos, os padrões climáticos criavam tempestades gigantescas, fortes o bastante para capotar veículos, levantando tanta poeira que ficava impossível enxergar e usar instrumentos de navegação. O ambiente podia ser mortal, e o equipamento abaixo do padrão parecia estar sempre à beira da disfunção letal.

Por mais que gostassem dos outros colonos, a competição entre os garimpeiros – para encontrar e reivindicar a posse de qualquer coisa que pudesse

ser valiosa para a companhia – tornava difícil criar verdadeiros laços de camaradagem.

Otto fora vencido pela natureza opressiva do planeta. O problema era que não podiam ir para casa sem ganhar dinheiro suficiente para pagar pela viagem de volta à Terra e pelo menos seis meses de aluguel.

Curtis segurou o volante com mais força e se inclinou para a frente, desacelerando o carro. O vendaval rugia ao redor deles, e, por longos segundos, não pôde ver nada além do para-brisa. As luzes do painel de controle do carro emitiam um brilho verde, dando aos rostos deles uma palidez fantasmagórica, mas lá fora tudo era negro.

Ele prendeu o fôlego. O veículo sacudiu.

Desceu com estrondo por diversos declives da superfície. Curtis brecou até quase parar, relutante em se arriscar no desconhecido. Então, o vento diminuiu e ele viu uma silhueta familiar escura em forma de bloco na tempestade adiante. Pisando no acelerador, o carro-lagarta ganhou velocidade.

– Não consigo – choramingou Otto. – Não posso ficar aqui, Curt. É como se o planeta estivesse tentando nos matar!

Curtis tirou uma das mãos do volante, virou-se e deu um soco forte no ombro do irmão, como se tivessem voltado a ser criancinhas. Otto gemeu e levou a mão ao braço.

– Que diabo foi isso? – berrou.

– Que droga, Finch! – rugiu Draper.

Yousseff pronunciou as únicas palavras que disse naquele dia:

– Babaca idiota.

Curtis voltou a olhar para a frente, segurando o volante com firmeza, e tentou fazer a curva – mas foi tarde demais para evitar a vala. Seu coração afundou quando o lado esquerdo do veículo se inclinou, depois desabou, e eles pararam de repente, rangendo, os pneus do lado direito girando e jogando terra enquanto os do esquerdo rodavam no ar.

– Acelera! – disse Draper, furioso.

– Não vai adiantar – respondeu Curtis, acelerando mesmo assim. O carro deslizou um pouco, a traseira descendo ainda mais na vala.

– Para! – disse Otto, fitando-o. – O chassi ficou preso numa pedra. Se a gente escorregar mais, o carro vai despencar.

Curtis soltou o ar devagar, ainda agarrado ao volante. A rocha matriz da área consistia em pedras achatadas e cristas enterradas no solo denso, e a camada superior era composta de pó e cinzas que se deslocavam com as tempestades, por isso os detalhes topográficos do terreno mudavam consideravelmente de um dia para outro. Algumas das valas chegavam a nove metros de profundidade. Se

saíssem agora e conseguissem pousar com o lado certo para cima, ele achava que o carro aguentaria o tranco. Podiam seguir caminho ao longo do fundo da vala até encontrar um ponto para sair onde a inclinação não fosse íngreme demais.

Mas se pousassem de cabeça para baixo...

– Vamos cair fora – disse ele, e desligou o motor.

Yousseff soltou um palavrão.

Enquanto Curtis destravava o cinto de segurança, Draper agarrou seu ombro por trás.

– O que está fazendo, Finch?

– Não seja idiota! – disse o irmão. – Você vai morrer lá fora.

Otto pegou o radiocomunicador, esticando o fio. A tecnologia wireless não funcionava durante as tempestades.

– Administração, responda, aqui é Otto Finch! – gritou ele ao aparelho. – Responda!

Todos ficaram em silêncio, ouvindo apenas estática em resposta. Por uma fração de segundo a linha ficou muda e então escutaram um murmúrio – só algumas poucas palavras ininteligíveis. Até que a tempestade se acalmasse, as comunicações seriam quase impossíveis. Talvez fossem capazes de transmitir a mensagem, mas a administração teria dificuldade para localizá-los. Com todo o pó mineral e a cinza vulcânica na atmosfera, era sempre complicado ler os instrumentos externos.

– Não sou suicida. – Curtis apontou pelo para-brisa. – Olhem lá.

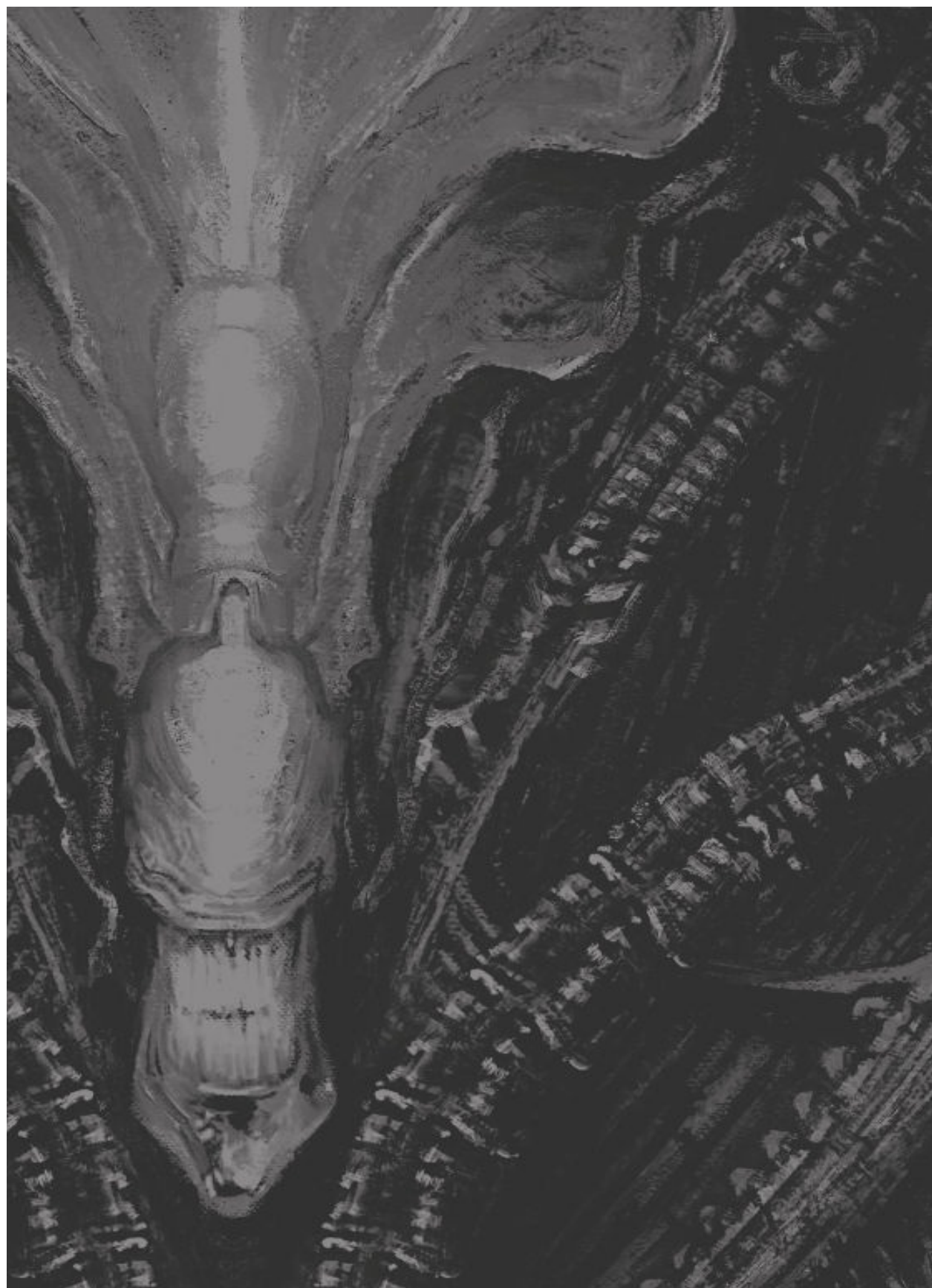
– O que tem? – resmungou Draper.

A tempestade havia piorado novamente. O veículo balançou sobre a rocha, depois deslizou mais um pouco. A torre que Curtis vira antes fora bloqueada pela rajada de detritos.

– Tem uma torre de processamento uns noventa metros adiante – disse ele. – Processador Seis. Vamos nos abrigar ali até o vento baixar. Quando conseguirmos falar com a administração, eles vão mandar alguém para ajudar. Mesmo que não dê para nos comunicarmos com eles, vão nos encontrar rastreando os transmissores de dados pessoais. Vamos ficar bem.

Virou-se para o irmão, viu o medo em seus olhos e chegou a sentir pena.

– Otto. Nós vamos ficar bem.



6

A ESCADA

Enquanto corriam em meio à tempestade, golpeados por detritos e açoitados pelo vento, Otto mantinha a cabeça baixa. Os óculos de proteção cobriam os olhos, mas sentia-se mais seguro olhando para o chão.

Um medo indizível vinha crescendo dentro dele havia meses, uma espécie de abismo nas entranhas. Em seus pesadelos, fissuras se abriam na superfície de Aqueronte e coisas escuras se agitavam no cerne do planeta. Toda vez que deixavam a colônia, sentia como se estivesse parado à beira de um telhado a trezentos metros de altura, olhando para o chão lá embaixo. A vontade de se atirar, de mergulhar para a morte, o atiçava. A parte lógica de seu cérebro lutava contra esse impulso, mas ainda assim ele o incitava a ceder, sedutor como a voz de uma serpente.

Tânatos, era esse o nome. Tinha lido em algum lugar. *Pulsão de morte*.

Uma voz pequenina dentro de Otto Finch estava cada vez mais convencida de que Aqueronte queria feri-lo, e forçando-o a se render a um propósito malicioso.

– Não quero morrer aqui... – sussurrou, as palavras devoradas pelo vento.

Ergueu os olhos, viu as costas de Curtis e continuou marchando. Draper e Yousseff estavam atrás dele, mas não tinha certeza de que o ajudariam a se levantar caso caísse. Já seu irmão... Precisava acreditar que, se gritasse, se caísse, Curtis o salvaria. Eram irmãos, afinal de contas.

Por favor, Deus, pensou. *Por favor, Deus. Não me deixe morrer aqui*.

Mas parecia uma prece vazia. Nem sempre acreditara em Deus, mas, se existisse, não conseguia evitar pensar que Ele devia viver muito, muito longe dali.

Um ruído alto de metal raspando metal fez Otto olhar naquela direção.

Adiante, Curtis tinha chegado ao processador e, enquanto Otto cambaleava naquela direção, quase carregado por uma rajada, a porta pesada se ergueu e retraiu, abrindo-se. Ocorreu-lhe que, sem Curtis, nunca teriam conseguido entrar – todos os pesquisadores conheciam o código de anulação daquelas coisas, mas

Otto tinha esquecido.

Obrigado, meu irmão, pensou.

Mas quando entrou cambaleando na máquina, saindo da tempestade, de repente sentiu-se muito menos agradecido. Arrancou os óculos e olhou ao redor, observando o sistema de dutos cilíndricos que percorria as paredes e o teto. Os processadores atmosféricos remotos espalhados por Aqueronte eram pequenos comparados ao Processador Um da colônia, imenso como uma arena, mas, mesmo assim, a construção era impressionante. O interior do Processador Seis tinha quinze metros de diâmetro. No canto havia uma pequena sala de controle cheia de alavancas e medidores, um sistema de comunicação e alguns computadores que faziam a maior parte do trabalho. Tubos, dutos e escadas subiam até uma vasta esfera, o processador central, e sumiam na escuridão quinze ou vinte metros acima.

Otto não precisava escalar nem usar a sala de controle para ver que havia um problema. O vapor saía chiando das junções, e, quando foi até o duto mais próximo, com sessenta centímetros de largura, viu que a superfície de metal vibrava. Um zumbido alto enchia o interior da estação, centenas de metros de canos que se chocavam contra os suportes e anéis que os mantinham no lugar.

– Jesus – disse Draper, tirando o casaco. – Por que está tão quente aqui?

Em outro momento, a curiosidade inocente na expressão do fuzileiro teria feito Otto rir depois do que tinham passado. Mas, naquele instante, não era capaz de achar graça em nada.

– Curtis! – chamou Otto, alto o bastante para fazer-se ouvir por cima do chiado e do tremor dentro do processador e do rugido da tempestade.

Voltando à porta, Curtis havia tirado a jaqueta protetora. Estava com os óculos apoiados na testa, sujo de poeira e suor, e falava em voz baixa com Yousseff. A soldada dos Fuzileiros Coloniais parecia ignorar seu flerte na metade do tempo, e passar a outra metade concedendo-lhe uma sobrancelha arqueada ou um sorriso enviesado diante das idiotices que ele falava.

Otto a detestava por isso. Entendia que seu irmão a achava bonita – com aquela pele morena e os olhos castanhos, grandes e hipnóticos, qualquer um ficaria encantado num primeiro momento. Mas, para Otto, Yousseff nunca parecera nada além de uma megera insensível. Seus sorrisinhos zombavam de Curtis por ter um coração solitário, mas esperançoso.

– Que droga, Curtis! – gritou ele. – Você vai ter tempo para fazer papel de bobo depois! – Detestava a falha na própria voz, o tom de pânico que se escondia ali.

Só quando o irmão o olhou com raiva para disfarçar a dor da verdade é que Otto percebeu o que tinha dito.

– Sabe de uma... – começou Curtis, indo na direção dele.

– Pare! – rosnou Otto, balançando a cabeça e erguendo a mão. – Só... pare. Pode ficar puto comigo depois, está bem? Agora a gente tem um problema.

Draper havia se sentado no chão, os joelhos junto ao peito e as costas apoiadas na parede. Agora ele ria.

– Porra, só *um* problema?

Otto sentia falta de ar. Quando os dois eram pequenos, o pai costumava puni-los por mau comportamento trancando-os no armário. A escuridão o assustara, mas o confinamento era pior. Às vezes, imaginava uma presença no ar denso, e que ela não gostava de intrusos – principalmente garotinhos malcriados – e por isso tentava sufocá-lo. Ali, dentro do armário, em cima dos sapatos dos pais, com os casacos longos da mãe roçando a nuca, podia sentir a escuridão tocá-lo num abraço pesado e poeirento. Em pouco tempo sentia calor, e o suor porejava da pele. Nunca se atreveu a bater na porta – o pai os havia alertado muitas vezes para que não fizessem isso –, mas chorava e implorava para ser libertado. Quando finalmente se deitava quieto em cima daqueles sapatos, podia sentir o cheiro de óleo da fábrica onde o pai trabalhava.

O interior do processador tinha o mesmo cheiro. Escuro e quente, o ar espesso. Olhou para o irmão enquanto este ia em sua direção, perscrutando seus olhos e imaginando por que Curtis não entendia.

– Não está ouvindo? – perguntou Otto, passando a mão pelo cabelo ruivo emaranhado. – Não está *sentindo*?

Curtis parou, prestando atenção.

Draper olhou para Yousseff.

– O que foi? Você ouviu alguma coisa?

Então, todos ouviram. Um rangido explosivo vindo do alto. Curtis passou por Otto e pôs a mão no mesmo duto, sentiu a vibração e tentou ver alguma coisa acima, na escuridão.

– São máquinas – comentou Draper. – Só umas máquinas idiotas.

– Claro que são máquinas – respondeu Curtis, lançando-lhe um olhar de censura. – Máquinas em colapso.

Yousseff estava atenta. Nada de sobrancelha arqueada nem sorriso sugestivo.

– Como assim, “em colapso”?

– Entupidas – disse Otto, remexendo nervosamente as mãos. Puxou os cachos da nuca, um hábito doloroso que tinha adquirido havia pouco tempo. – O equipamento está entupido. Houve tempestades demais ultimamente e faz muito tempo desde a última manutenção. Draper disse que está quente. Bom, ele tem razão, mas é mais do que isso... O processador está superaquecendo. Pelo barulho, o equipamento deve ter engasgado lá no alto, todos os filtros precisam

ser enxaguados e ventilados...

Otto pôs a mão no duto. Tinha ficado mais quente.

– ... e eu diria que isso precisa ser feito nas próximas horas. Provavelmente em menos tempo. – Puxou mais uma vez os fios ruivos. – Estou sendo otimista.

– Senão, o quê? – quis saber Draper. – E daí se o equipamento entrar em colapso? Não é problema nosso. Assim que passar a tempestade de detritos, podemos enviar uma mensagem pedindo que mandem alguém da colônia para nos buscar.

Otto olhou de soslaio para o irmão e baixou o olhar.

– Curtis? – chamou Yousseff numa voz preocupada.

– Na melhor das hipóteses, Draper tem razão – respondeu ele. – O processador central deveria desligar se os filtros ficassem entupidos demais, se o núcleo ficasse superaquecido. Mas já está bem quente aqui dentro, e isso não aconteceu.

– E o que acontece se o processador central não desligar automaticamente? – perguntou Draper.

Otto bateu uma das mãos na outra.

– Bum!

Yousseff xingou, virou-se para a porta e a destrancou. Espiou lá fora por apenas um segundo antes de trancá-la bem.

– Imagino que a tempestade não vá ceder tão cedo – comentou Curtis.

O olhar dela era a única resposta de que precisavam. Os quatro se entreolharam por um longo momento. Otto viu o suor brotando na testa de Draper, sentiu as gotas escorrerem nas próprias costas e percebeu que a temperatura havia aumentado nos poucos minutos desde que haviam entrado.

– Curtis! – gritou Otto.

O irmão olhou para ele.

– Já sei, ok?

Proferindo um palavrão, Curtis correu para uma escada presa à parede, ao lado da porta da sala de controle.

– Espere, o que você está fazendo? – Draper exigiu saber, enxugando o suor da testa.

Curtis olhou para ele.

– Você sabe como enxaguar os filtros e ventilar os detritos?

Draper abriu os braços, chamando atenção para o uniforme militar e para sua silhueta musculosa.

– Eu *pareço* o cara da manutenção?

Curtis indicou a escada.

– É por isso que vou subir. Sou o único aqui que sabe como fazer isso. Se eu

conseguir limpar os filtros, este lugar não explode. Se não conseguir, teremos que nos arriscar na tempestade.

– Bom, que diabo... então, suba – respondeu Draper, apontando para a escada.

Otto viu como os degraus vibravam nas mãos do irmão enquanto ele escalava o primeiro metro. *Deve estar sacudindo até os ossos dele*, pensou.

Yousseff aproximou-se da base da escada.

– Tome cuidado.

Curtis sorriu para Otto lá embaixo como quem diz: *Eu falei*. O rangido de metal e o chacoalhar acima deles aumentou.

Otto sentiu o lugar sacudindo sob seus pés, o tremor percorrendo todo o seu corpo. Travou a mandíbula, vendo o irmão escalar, e o tremor do chão fez seus dentes trepidarem. O coração disparou, e outra gota de suor desceu pelo pescoço.

– Odeio este planeta – sussurrou, convencido de que falava apenas consigo mesmo. – Odeio este maldito...

– É uma lua – retrucou Yousseff.

Otto virou-se para ela, praticamente rosnando.

– Odeio este planeta! – berrou, os olhos cheios de lágrimas que ele se recusava a derramar.

Então, ouviram um ruído de dentro do núcleo, o metal cedendo sob a pressão. O estouro que se seguiu abalou toda a estrutura, como se algum gigante lá fora tivesse dado um chute no processador atmosférico. No alto da escada, Curtis gritou e Otto olhou para cima, vendo o irmão escorregar, os dedos frenéticos em busca dos degraus.

Otto gritou o nome do irmão e correu para a base da escada enquanto Curtis caía. Quando Curtis atingiu o chão, o som fez Otto congelar. O barulho lhe era familiar desde a infância – era o ruído de um osso se quebrando.

Curtis soltou um grito de dor, só um, e depois ficou em silêncio, tão rapidamente quanto se uma guilhotina tivesse decepado sua voz. Desabou ali, na base da escada, com o processador sacudindo e batendo ao redor deles, mais e mais vapor enevoando o ar já estagnado e quente, e Otto temeu que ele tivesse morrido.

Draper empurrou Otto para o lado com grosseria, dizendo *merdamerdamerdamerdamerda* como se no ritmo do coração acelerado, e se ajoelhou ao lado de Curtis.

Yousseff deu dois passos em direção ao processador central.

– Draper, isso não vai acabar bem – disse ela. – Precisamos sair daqui!

Com dois dedos no pescoço de Curtis para verificar sua pulsação, Draper se virou e a fulminou com o olhar.

– Acha que eu não sei? – respondeu. – Qual é o seu plano? Tentar dirigir na

tempestade de detritos? Se não esperarmos ela ceder, vamos morrer lá fora.

– Vamos morrer *aqui* se não desentupirmos a garganta dessa besta! – gritou Yousseff.

Otto mal podia ouvi-los. Arrastou-se para junto do irmão e caiu de joelhos ao lado de Draper, balançando a cabeça. Seus pensamentos ficaram embaralhados pela ansiedade e pelo medo por tanto tempo – uma sensação profunda e crescente de que todos corriam um perigo terrível – que a súbita lucidez era uma sensação estranha.

– Curtis? – tentou, cutucando o ombro do irmão.

Curtis não se mexeu.

Otto cobriu a boca com as mãos e encarou Draper, a respiração travada no peito, o horror tomando conta dele, erradicando qualquer outra emoção.

– Ah, meu Deus – murmurou ele. – Fui eu que fiz isso. Fui eu! Ele não queria vir para a colônia e eu o convenci. É culpa minha. Matei meu próprio irmão!

Draper torceu o nariz de Otto. A dor o fez recuar.

– Que diabo você...

– Está prestando atenção? – berrou Draper, e de repente o som da tempestade lixando as paredes externas e o estrondo lamentoso do processador inundaram os ouvidos de Otto, como se de repente ele tivesse baixado o volume do resto do mundo.

Ele assentiu.

– O idiota não morreu – explicou Draper, indicando Curtis. – A perna dele quebrou na queda. Bateu a cabeça com força. Se tiver sorte, desmaiou de dor, não por lesão cerebral. A grande pergunta é: você consegue fazer o serviço, Otto? Consegue levantar essa bunda, subir lá e limpar os canos?

Balançando a cabeça, Otto estendeu a mão para acariciar o cabelo de Curtis.

– Que saco, cara, sabe como fazer isso ou não? – rugiu Draper, cutucando-o no peito.

– Não! – berrou Otto, o lábio inferior tremendo. – Não tenho a menor ideia!

Draper se voltou para Yousseff.

– Sei que a tempestade está causando interferência, mas você tem que conseguir contato. Manda alguém vir aqui com uma lagarta pesada!

Lá fora, o vento uivou ainda mais alto. Os detritos raspando o metal quase pareciam cantar uma melodia aguda e zombeteira.

– Não tem a menor chance de conseguirmos um sinal nessa tempestade! – vociferou Yousseff. – Temos que voltar lá para fora e nos proteger debaixo do carro!

– Continue tentando, caramba! – rugiu Draper. – A tempestade vai dar uma acalmada. Você vai conseguir.

Yousseff afastou-se deles e marchou até o outro extremo da sala, cobrindo um dos ouvidos ao colocar o headset. Otto a fitou, sabendo que não haveria sinal. Iam morrer ali, e Aqueronte os engoliria. Os detritos os rasgariam até os ossos, e os ossos seriam enterrados no pó e desabariam até o inferno que ele sempre vira nos pesadelos – o inferno no núcleo de Aqueronte.

– Odeio este planeta! – disse em voz alta, trêmulo. Virou-se para olhar a expressão plácida no rosto do irmão. A cabeça de Curtis pendia para um lado e, pela primeira vez, Otto viu na têmpora esquerda o enorme hematoma vermelho e inchado.

– Curtis! – choramingou, incapaz de se conter. Sacudiu a mão do irmão, cutucou o seu ombro. – Curtis, por favor! Eu sinto muito, sinto muito! – Balançou-se para a frente e para trás, fechando os olhos. – Odeio este planeta! Odeio este...

Arregalou os olhos quando Draper o agarrou pela gola da camisa.

– Cale essa boca! – berrou o militar, e o esmurrou.

O golpe silenciou Otto, fez sua boca sangrar e quebrou um dente. Chocado, olhou para Draper, que ainda o segurava pela camisa, o punho pronto para desferir outro soco. Lágrimas brotaram dos olhos de Otto e, desta vez, ele não conseguiu contê-las. Começaram a escorrer pelo rosto quando cuspiu o dente quebrado, usando a língua para sondar as pontas afiadas que tinham restado no lugar.

– Você vai subir lá – ordenou Draper, indicando a escada. – Você e o babaca do seu irmão são inseparáveis. Não acredito nem por um segundo que você não tenha a *mínima* ideia de como impedir isso. Então, você vai subir, Otto. Minha vida depende disso, portanto ou você sobe ou eu meto uma bala na sua cabeça.

Otto prendeu a respiração. Seus ombros tremeram.

– Odeio este pla...

O punho de Draper golpeou o rosto dele mais uma vez. Otto desmoronou, soluçando, cuspiendo mais sangue. Por fim, assentiu.

Pelo menos, no alto da escada, estaria fora do alcance de Draper. E talvez, visto lá de cima, Curtis pareceria estar só dormindo.

Recuperando o equilíbrio, foi até o primeiro degrau. Com o processador sacudindo e gritando ao seu redor, Otto começou a escalar.

No terceiro degrau, ficou paralisado, depois se soltou e caiu no chão com um baque.

– Que diabo você está... – começou Draper.

Otto voltou-se para ele, as lágrimas fluindo livremente.

– Atire em mim – disse, apoiando-se na parede. Escorregou até o chão, a angústia dilacerando-o. – Se vai me matar, faça isso logo. Prefiro morrer a

continuar aqui.

Draper praguejou e ergueu a arma.

Yousseff agarrou o pulso dele, balançou a cabeça e foi até Otto.

– Curtis está ferido, Otto – disse ela. – Se você não fizer alguma coisa, provavelmente todos nós vamos morrer aqui, incluindo o seu irmão.

Otto olhou nos olhos castanhos dela, brilhantes e lindos.

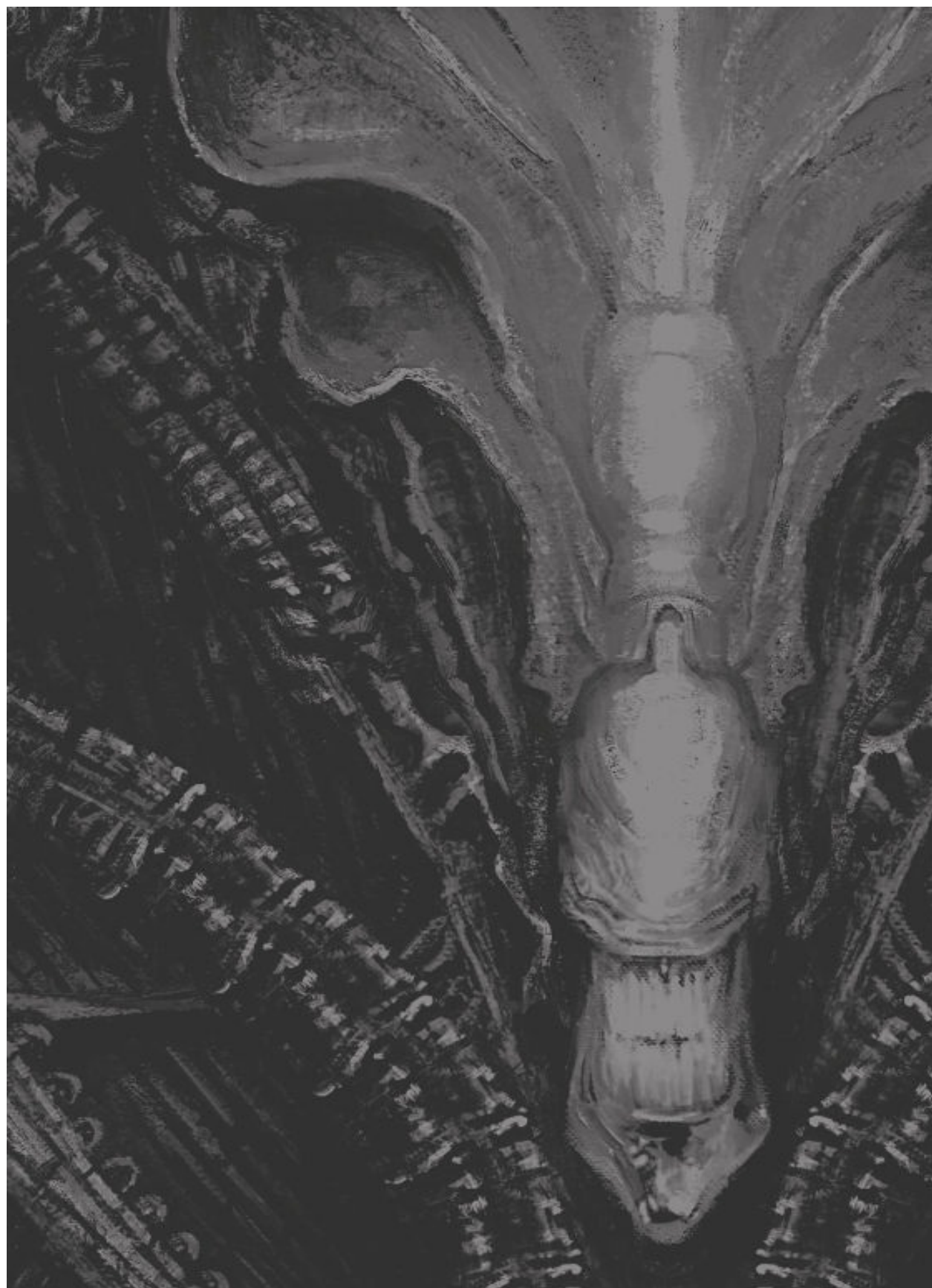
– Prometa que vai mandar a gente para casa, o Curtis e eu, e farei tudo o que puder. Prometa que vai convencê-los a mandar a gente embora na próxima nave.

Yousseff assentiu.

– Prometo.

Otto abriu um sorriso de escárnio, as narinas dilatadas, e desviou o olhar.

– Piranha mentirosa. Acha que consegue disfarçar? – Otto voltou a chorar. Então, gritou: – Quero ir para casa!



7

PROBLEMA EM TRIOS

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1110

Por experiência própria, Demian Brackett sabia que, quanto mais longe da Terra fosse seu posto, maiores seriam as chances de encontrar encenqueiros. As pessoas se alistavam nos Fuzileiros Coloniais por uma série de razões: algumas por um senso de honra e dever, outras para escapar dos vícios do passado e outras ainda porque tinham a violência dentro de si e não queriam ferir as pessoas que amavam.

Ele descobriu que não importavam os motivos do alistamento: depois que entravam na corporação, ou se tornavam bons fuzileiros ou problemas ambulantes. Quaisquer que fossem as intenções no começo, ele percebeu que a maioria dos recrutas podia enveredar por ambos os caminhos depois que entrava para o Exército.

Outra coisa que havia entendido com o tempo era que, quanto mais longe da Terra estivesse um pelotão, mais liberdade tinham os encenqueiros do grupo para causar problemas.

Quarenta e cinco minutos após sua chegada a Aqueronte, o capitão Brackett tinha guardado o equipamento em seu alojamento, tido uma reunião preliminar com Al Simpson e com os principais membros da equipe de apoio da colônia e começado a primeira reunião de briefing do pelotão. Os Fuzileiros Coloniais tinham uma pequena sala à disposição, mas era grande o bastante para os 21 homens e mulheres agora reunidos.

Brackett estava de pé na frente da sala, inclinado sobre um púlpito que o fazia pensar num tipo de cerimônia religiosa, observando os fuzileiros parados diante dele. Havia cadeiras encostadas na parede, mas, como esta era sua primeira reunião com o pelotão, não queria que ficassem muito à vontade. Era melhor que todo mundo ficasse de pé, inclusive ele.

Brackett foi simples. Apresentação básica e suas expectativas, a esperança de que eles o ajudariam a se atualizar, uma instrução firme sobre obedecer aos protocolos e um agradecimento pelas boas-vindas que já havia recebido da tenente Paris e do sargento Coughlin, que estavam num dos cantos da sala, ligeiramente separados do resto do grupo. Enquanto falava, olhava nos olhos deles. A maior parte do pelotão parecia atenta, até curiosa quanto ao novo comandante, e só estava ali para fazer seu trabalho. Muitos deles, porém, não pareciam tão receptivos.

Um homem em especial estreitou ligeiramente os olhos, o canto da boca voltado para cima, como se fosse começar a rir a qualquer momento. Pálido e magro, com nariz aquilino, o sujeito irradiava rebeldia. Brackett já tinha visto esse tipo antes – provocador e hostil, o tipo de homem que debochava, murmurava e resmungava. Nariz de Gavião exigiria cuidados, mas não era a única preocupação de Brackett.

Havia outros três por perto. Embora não tivessem a expressão debochada de Nariz de Gavião, Brackett percebeu a tensão e a rigidez na postura deles, e pensou ter notado diversos momentos de comunicação silenciosa.

Havia perigos em Aqueronte, mas deveria ter sido uma tarefa fácil. Brackett pretendia garantir que Nariz de Gavião e seus amigos não complicassem as coisas para ele.

– Ok, por enquanto basta – disse ele, observando o pelotão. Um bando com aparência durona, a maioria deles alerta e acolhedora. – Nos próximos dias vou querer bater um papo com cada um de vocês individualmente. Se vamos passar todo esse tempo juntos aqui no paraíso, quero saber quem está cuidando da minha retaguarda e quero que todos saibam que vou fazer o mesmo por vocês.

Pode ter sido só imaginação, mas teve certeza de que a curva de desprezo no canto esquerdo da boca de Nariz de Gavião se aprofundou um pouco.

– É isso. Dispensados. – Brackett olhou para a direita. – Tenente Paris. Sargento Coughlin. Fiquem mais um pouco, por favor.

Esperou enquanto o pelotão saía da sala. Muitos fuzileiros começaram a cochichar antes mesmo de chegarem ao corredor. Brackett não os culpava. Tinham acabado de conhecer o novo comandante – era natural que especulassem se ele se tornaria um enorme pé no saco. Aguardou até que o último saísse e ficasse sozinho com Paris e Coughlin.

– Como me saí? – perguntou, voltando-se para os dois.

– Foi bem, capitão – respondeu Paris. – Eles ainda não sabem o que pensar do senhor, mas logo vão relaxar.

– Não sei se quero que relaxem – disse Brackett, pensativo. Franziu o cenho. – O cara com nariz de gavião... qual é a dele?

Paris inclinou a cabeça, curiosa.

– Nariz de gavião?

Coughlin sabia de quem ele estava falando.

– É Stamovich. Não há muito que dizer sobre ele, mas, se está perguntando se ele vai causar problemas...

– A resposta é “talvez” – interrompeu Paris, e Coughlin concordou. – Stamovich é um filho da puta agressivo, provavelmente já saiu da barriga da mãe dando porrada, mas ele vai se comportar, a não ser que Draper diga o contrário.

– O sargento Marvin Draper? – perguntou Brackett, estreitando os olhos. – Vi o arquivo dele. Tem algumas suspensões por insubordinação, mas isso foi há anos. Devo me preocupar com ele, então? Se ele é o cara que vai dizer ao soldado Stamovich o que fazer...

– Dá para lidar com o Draper – disse Paris. – Ele sabe que está flutuando numa pedrinha feiosa no meio do nada e que não é boa ideia irritar o comandante. Enquanto ele não desobedecer diretamente a nenhuma ordem, o melhor é ignorá-lo.

Brackett franziu novamente a testa.

– Se Stamovich é uma espécie de pau-mandado do sargento, como vou poder re...

– Não é só Stamovich, capitão – interrompeu Coughlin. – Outras pessoas também seguem o Draper.

Estreitando os olhos, Brackett voltou-se para observar a sala de reuniões, repovoando-a mentalmente. Tentou reconstruir os rostos do pelotão, lembrar onde esteve cada um.

– Qual deles era o Draper? – perguntou.

Paris balançou a cabeça.

– Nenhum. Ele e Yousseff saíram com uma equipe de pesquisa.

– Por quê?

– Procedimento padrão, senhor. Toda vez que a administração manda uma equipe de pesquisa lá fora, dois dos nossos a acompanham.

Brackett piscou.

– Por que os Fuzileiros Coloniais são necessários em excursões civis? Os colonos têm o trabalho deles e nós temos o nosso. Estamos aqui para manter a segurança da colônia, não para trabalhar como guarda-costas pessoais dos residentes.

Paris olhou para Coughlin, mas o homenzinho atarracado deu de ombros.

– É o procedimento operacional padrão – respondeu Coughlin. – Já era assim quando cheguei aqui.

– Al Simpson está aqui desde o começo – informou Paris. – Se alguém tem

uma resposta para isso, é ele.

Brackett respirou fundo. Não pretendia arrumar encrenca logo no primeiro dia, mas não parecia certo os fuzileiros arriscarem a vida diariamente em algo que não fazia parte da missão.

– Vão cuidar das suas tarefas – disse ele. – Vou falar com Simpson e depois me ambientar. Encontrem-me aqui às treze horas.

Paris e Coughlin acenaram, mas Brackett mal notou. Pensava no ausente sargento Draper. Será que seus superiores falharam na hora de passar as informações sobre o posto de Draper em Aqueronte ou a administração colonial estava usando os fuzileiros para propósitos corporativos sem autorização? Deixou a sala de reunião e começou a refazer seus passos em direção ao núcleo administrativo. A última coisa que queria era pisar no calo de Al Simpson logo no primeiro dia da missão, mas não passara anos com os Fuzileiros Coloniais – de tiroteios a caçadas alienígenas – nem fora premiado com a Cruz Galáctica só para virar cachorrinho de empresários no fim do mundo.

De testa franzida, perdido em pensamentos, virou na esquina errada e quase colidiu com um homem e uma mulher que vinham na direção oposta.

– Perdão – murmurou.

As palavras mal haviam saído de sua boca quando ele registrou o leve arfar que escapou dos lábios da mulher. De início, Brackett pensou que ela tivesse se assustado e começou a pedir desculpas outra vez. Percebeu o olhar estranho que o companheiro lançou a ela, mas só quando voltou a olhá-la percebeu que o susto fora de reconhecimento.

– Demian? – disse ela, as feições desabrochando num sorriso brilhante. – O que você está fazendo aqui?

Toda a tensão e a frustração evaporaram. Brackett correspondeu ao sorriso dela e deu uma risadinha de deleite. Havia 158 colonos em Hadley's Hope, sem contar os fuzileiros, e ele a encontrara.

– Olá, Anne.

Tinha esquecido como você é linda, quase acrescentou. Mas olhou para a esquerda, notou a expressão confusa no rosto do homem e fez a conexão que momentaneamente lhe escapara.

Brackett estendeu a mão.

– Você deve ser Russell Jorden.

– Russ – respondeu ele, desconfiado, retribuindo o cumprimento.

– Capitão Demian Brackett, Russ. É um prazer conhecer o homem digno de ser o marido desta aqui.

– É... Obrigado – retrucou Russ cordialmente, mas a cautela em seu olhar não desapareceu. Brackett não podia culpá-lo: maridos tendem a não gostar de

encontrar os ex das esposas.

De sua parte, Anne ainda sorria, mas o entusiasmo de seu sorriso dera lugar à perplexidade.

– Sério, Demian – disse ela. – O que está fazendo em Aqueronte? Achei que nunca mais veria você.

Desde a última vez que eles se encontraram, anos antes, algumas rugas haviam aparecido em torno dos olhos dela, e o período que Anne tinha passado nas regiões inóspitas do espaço profundo lhe dera uma aparência um tanto selvagem. Mas, para ele, o tempo só a deixara mais bela. Os cachos emaranhados emolduravam o rosto, e o trabalho pesado a tornou esbelta e forte. Os olhos tinham a luz da intrépida determinação, inerente àqueles que escolheram os caminhos mais desafiadores da vida.

Ela se casou com outro homem, lembrou a si mesmo. Não que precisasse de lembrete, considerando a forma como Russ Jorden agora o observava, estreitando tanto os olhos que quase pareciam reptilianos.

– Fui enviado para cá – explicou Brackett. – Os fuzileiros de Hadley’s Hope estão sob meu comando.

– Isso é... é... – gaguejou Anne.

– Maravilhoso – disse Russ, agora usando a máscara educada de um sorriso. – Bem-vindo a bordo, Brackett. É uma vida dura, mas estamos aqui há tanto tempo que já nos sentimos em casa. Acho que o lugar em que seus filhos crescem acaba se tornando seu lar, não é?

– É o que dizem – respondeu Brackett. – Não tenho filhos, mas invejo vocês dois.

Anne olhou de Brackett para o marido e um constrangimento retesado pairou sobre todos eles. Ela parecia procurar a combinação certa de palavras para aliviar o desconforto quando uma voz soou pelo corredor.

– Capitão Brackett, aí está o senhor!

O fuzileiro se virou para ver Al Simpson avançando a passos largos e firmes na direção deles. Parecia ter uma expressão permanente de desaprovação.

– Eu já ia falar com você – disse Brackett, deixando claro no tom de voz que a desaprovação era recíproca.

– No momento certo, então. – Se Simpson havia percebido a irritação na voz do fuzileiro, não demonstrou. – Olha, temos uma pequena crise nas mãos, e envolve o seu pessoal. Marquei uma reunião na sala de conferências, o senhor precisa ir para lá.

– Quando?

– Agora.

Anne lançou um olhar preocupado para o marido.

– Tem a ver com Otto e Curtis? – perguntou Russ a Simpson. – Estávamos indo falar com você agora mesmo.

Um brilho de pânico passou pelos olhos de Simpson.

– Os irmãos Finch estão bem. A tempestade está forte naquele setor, mas eles conseguiram se abrigar. Está tudo bem. Agora, se nos derem licença, preciso consultar o capitão Brackett quanto a uma questão relativa ao pelotão dele.

Simpson o segurou pelo cotovelo e o conduziu abruptamente em direção ao núcleo administrativo. O capitão olhou para os Jorden lá atrás. Russ o fitava, mas Anne olhava para o marido, parecendo preocupada e pálida. Por um instante, Brackett se arrependeu de ter aceitado o posto em Aqueronte, mas afugentou o sentimento. Não tinha vindo a Hadley's Hope só para ver Anne Jorden outra vez.

Ou tinha?

Brackett se livrou da mão de Simpson e lançou-lhe um olhar de soslaio enquanto andavam pelo corredor, passaram por um cruzamento e chegaram ao núcleo administrativo do setor de comando, envidraçado e cheio de funcionários ocupados.

– Você não é um bom mentiroso – comentou Brackett.

– Como é? – rosnou Simpson, o rosto repuxado de irritação.

– Não sei quem são os irmãos Finch, mas, quem quer que sejam, não estão bem. – Parou e acrescentou: – Também duvido que Anne tenha acreditado em você.

– Ela não precisa acreditar. Ela trabalha para mim. Então, que tal deixar que eu me preocupe com o meu pessoal? Você pode se preocupar com o seu? Quando atravessaram o setor de comando e dobraram uma esquina, Brackett o observou com mais atenção. Na superfície, o cara era igual a centenas de outros gerentes medíocres que conhecera. Porém, ele se perguntava se Simpson era mais inteligente do que parecia.

Pouco depois, pararam diante de uma porta cuja placa dizia PESQUISA: SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO. Simpson digitou um código no painel que lhes permitiu o acesso.

– Você tocou num assunto interessante – comentou Brackett –, a linha que separa o seu pessoal do meu.

Simpson esperou a porta se fechar e a tranca ser acionada. Então, foi até uma porta branca uns três metros à frente, obviamente esperando que Brackett o seguisse.

– Se tem algo a dizer, guarde para outra hora – disparou o administrador. – No momento, temos problemas maiores do que qualquer disputa de ego que você esteja querendo começar.

Brackett apertou o passo, lutando contra a vontade de agarrar Simpson pelo pescoço e enfiar a cara dele na parede. Então, entraram numa sala de portas brancas, e havia testemunhas demais para que ele fizesse qualquer coisa. De todo modo, não teria feito – provavelmente –, mas com certeza não acertaria o nariz do administrador na frente de jovens assistentes de laboratório, de olhos arregalados e jaleco branco, nem dos muitos outros pesquisadores em trajes civis.

O pessoal de jaleco rodeava um trio de pesquisadores mais velho, incluindo um japonês de cabelo grisalho, um homem de olhar sinistro com uma marca de nascença no pescoço e no maxilar, e uma mulher de uns sessenta anos tão magra que fazia Brackett pensar nos bonecos de palitinhos que desenhava quando criança.

A única pessoa na sala que não parecia cientista estava um pouco mais longe da mesa, a testa profundamente franzida. Tinha certo ar de desaprovação, como um homem esperando que os filhos se cansassem no parquinho para poder levá-los para casa.

– Capitão Brackett, estes são o dr. Mori, o dr. Reese e a dra. Hidalgo, e seu time de gênios.

Os cientistas o cumprimentaram com um aceno de cabeça. Simpson indicou o homem parado longe da mesa.

– O rabugento ali no canto é Derrick Russell, o encarregado das nossas operações de terraformação em andamento.

– Capitão – cumprimentou Russell, com um meneio de cabeça.

Brackett aproximou-se para uma rodada de apertos de mão.

– Bem-vindo a Hadley's Hope, capitão... – começou o dr. Mori.

– Chega disso – disse o cientista de olhar sinistro, a marca de nascença escurecida. – Não temos tempo para amenidades. Dra. Hidalgo, por favor, atualize o capitão.

A boneca de palitinhos endireitou as costas. Brackett notou que a cientista tinha olhos gentis e, no momento, aflitos.

– Dois dos nossos pesquisadores, Otto e Curtis Finch, encontraram uma tempestade atmosférica de nível cinco. Elas são bem raras e localizadas, e é difícil prever sua duração – contou a dra. Hidalgo. – Os irmãos Finch e sua escolta militar foram forçados a abandonar o veículo que usavam e a se abrigar num processador atmosférico.

Ela lançou um olhar de censura a Russell.

– O processador em questão está sem manutenção há pelo menos seis meses – continuou ela. – Os registros não são claros...

Brackett fez uma careta e ergueu a mão.

– Olha, para começo de conversa, nem sei por que meu pessoal está lá fora, mas...

– Depois, capitão – interrompeu o dr. Reese.

Brckett olhou para Simpson.

– Depois – concordou o administrador.

– Eles estão com problemas – informou Derrick Russell, enfatizando a última palavra para garantir que todos definissem suas prioridades. – O processador está falhando, entupido, e a tempestade só agrava a situação. Curtis Finch é o único com algum conhecimento de engenharia entre eles, e está ferido.

Brckett se retesou.

– Quanto tempo até o equipamento explodir?

– Não há como ter certeza daqui – respondeu Simpson. – A tempestade está causando interferências, não só com as comunicações, mas com o sinal de monitoramento do processador. Foi por isso que não descobrimos que estava com defeito. Ainda não entrou em estado crítico, mas, até onde sabemos, isso vai acontecer em breve.

Brckett o encarou.

– Vocês têm um carro-lagarta pesado, não têm? Por que estamos aqui parados conversando? Mande alguém para lá!

O dr. Mori e a dra. Hidalgo se entreolharam com uma expressão indecifrável.

O sorriso do dr. Reese fez Brckett pensar num tubarão.

– É por isso que o senhor está aqui, capitão – disse ele. – Há dois fuzileiros coloniais lá fora, e vocês nunca deixam um dos seus para trás. Presumimos que o senhor e o seu pelotão gostariam de conduzir a missão de resgate pessoalmente.

Não havia passado nem um dia inteiro desde que Brckett pousara em Hadley's Hope, e ele já queria esganar a maioria das pessoas que conhecera.

– Então, vocês mandam os fuzileiros cuidarem das suas incumbências e agora esperam que também façamos seu trabalho sujo?

O dr. Mori alisou as lapelas bem-passadas do paletó de alfaiataria.

– Quando estiver lá – disse ele –, a companhia agradecerá se recuperasse quaisquer amostras que a equipe tenha coletado antes desse contratempo.

Brckett olhou fixamente para o cientista, mas ficou em silêncio. Antes, queria bater em Simpson. Agora, rilhava os dentes e tentava lembrar que agredir um cientista idoso da Weyland-Yutani não seria bem-visto por seus superiores.

– Um contratempo... – repetiu ele, a palavra soando como blasfêmia a seus ouvidos.

Todos os cientistas da sala o fitaram, inexpressivos. Apenas Russell e a dra. Hidalgo tiveram o bom senso de parecer levemente constrangidos. Brckett voltou-se para Simpson.

- Prepare a lagarta pesada lá fora.
 - Já está pronta para sair – respondeu Simpson.
 - Ótimo. Chame o sargento Coughlin. Diga que ele tem três minutos para escolher cinco fuzileiros e me encontrar no meu alojamento.
- Virou-se e marchou de volta ao corredor.
- Contratempo, pensou. Realmente, bem-vindo a Aqueronte.*

8

TEMPESTADES VISÍVEIS E INVISÍVEIS

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1232

Anne e Russ Jorden passaram pelo corredor lado a lado, ligados por longos anos de casamento e uma rede de tensão que tanto os prendia quanto os mantinha separados. Anne detestava o som dos passos pesados do marido, o modo como ele parecia pisotear o chão quando estava zangado. Podia sentir a ansiedade irradiando dele em ondas, e isso a fazia querer fugir.

Se ao menos houvesse algum lugar para o qual pudesse escapar, só por um tempo, para recuperar a própria identidade. Mas aonde poderia ir, dentro da colônia de Hadley's Hope, que Russ não fosse capaz de encontrá-la? Ou onde não houvesse a interferência de amigos bem-intencionados?

Lugar nenhum.

– Ainda quer almoçar? – perguntou ele, as palavras curtas e concisas, como se mal tivesse aberto a boca para falar.

– Só se... você estiver com fome – respondeu ela, com cuidado.

Tinham planejado pedir notícias dos irmãos Finch a Simpson e depois ir almoçar no refeitório. Agora, sentia o estômago cheio do que pareciam ser facções inimigas de borboletas em guerra.

– Sala de recreação? – propôs Russ.

Ainda lacônico. A ansiedade cedia lugar à raiva. Isso a fazia querer dar um soco nele. Anne amava o marido da ponta do queixo com a barba por fazer até os tornozelos magricelas. Ao longo dos anos, tinham dado muita risada juntos. Foram corajosos e, às vezes, um pouco malucos. Cruzaram a galáxia e tiveram filhos tão longe da Terra que faziam piada, dizendo que as crianças poderiam ser classificadas como extraterrestres se um dia voltassem ao planeta natal dos pais.

Atravessaram anos difíceis, mas Anne e Russ continuaram juntos – uma equipe –, e isso foi importante quando a mesmice da vida em Hadley's Hope começou a fazer com que os dois se sentissem com claustrofobia. No dia em que Russ confessou que às vezes tinha a sensação de viver num presídio, Anne tinha chorado até ele jurar que o amor dela e a presença de Tim e Newt eram as únicas coisas que o mantinham são.

Ainda tinham dias bons – até maravilhosos –, mas os dois estavam com os nervos em frangalhos. Havia noites em que Anne não conseguia dormir, e sentia que talvez estivesse desmoronando. Então, ouvia Newt rir ou via Tim tentando copiar a forma de andar do pai, e tudo ficava bem.

Hoje, não.

Anne Jorden conhecia cada tique e gesto do marido. Não chegariam à sala de recreação. Assim que esse pensamento se consolidou na mente dela, Russ entrou num corredor de manutenção e se virou para olhá-la. Anne queria continuar andando – talvez a nave de pouso ainda não houvesse partido –, mas, em vez disso, entrou naquele corredor silencioso com o marido. Um trabalhador passou e olhou para eles sem desacelerar o passo.

– Que diabo ele está fazendo aqui? – sussurrou Russ, quase um sibilo. Perscrutou os olhos dela por um momento, depois desviou o olhar como quem se prepara para a resposta.

– Não tenho ideia.

Ele estreitou os olhos.

– É para eu acreditar nisso? Pense em como estamos longe da Terra, quantas colônias existem agora e como foram poucas as pessoas que se interessaram em vir para cá. Quer mesmo que eu acredite que um cara com quem você trepava simplesmente apareceu aqui? *Aqui?*

Anne sentiu o rosto corar. O coração bateu forte contra o peito, e ela pôde sentir a pulsação latejar nas têmporas. Deu um passo adiante e desferiu um soco no ombro de Russ.

– Ei, que mer... – começou ele.

Ela empurrou o peito dele uma vez, depois outra.

– Preste atenção, Russell – sibilou Anne. – Seu cérebro ficou tão confuso depois de todos esses anos no espaço que você perdeu a capacidade de raciocinar? Como é que eu vou saber o que Demian faz ou deixa de fazer? Não tive contato com ele desde que saímos da Terra. – Ela deu um passo para trás e o observou. – O que você acha? Que andei tendo um romance intergaláctico? Claro, faz sentido... Fica só a 39 anos-luz de distância. – Parou, depois acrescentou: – Você perdeu a porra do juízo?

Russ simplesmente a fitou, fumegando de raiva e frustração. Então, as

palavras fizeram sentido e ele passou as mãos pela barba.

– Não – admitiu. – Claro que não. Isso é...

– Loucura.

– ... burrice – completou ele. – Mas, se for coincidência... isso, sim, é loucura.

Anne pegou a mão dele e passou o polegar pelos nós protuberantes nos dedos, num gesto quase inconsciente. Sabia que isso o acalmava e o fez sem pensar, do mesmo modo que ele mal admitia o efeito que causava. O casamento incluía centenas dessas intimidades reconfortantes.

– Não vou mentir para você, Russ – disse Anne, tranquila. – Estou muito feliz que Demian esteja aqui. Temos amigos em Hadley's Hope, mas é um prazer inesperado encontrar alguém que me conhece bem. Demian e eu já estivemos juntos, mas antes disso fomos amigos por muito tempo. Amigos de verdade. Ele é um bom homem, e quero saber o que ele fez da vida desde a última vez que o vi... mas você é meu marido.

Russ suspirou, virou-se e se apoiou na parede, estupefato.

– Eu sou meio idiota, não é?

Anne riu.

– Meio?

De repente, ouviram risadinhas ecoando pelo corredor principal, depois o som de passos velozes. Eles se viraram e observaram as crianças da colônia passarem correndo pela entrada do corredor de manutenção, com pedaços de papel nas mãos. A maioria tinha sete anos ou menos e andava em duplas ou trios. Anne viu o cabelo vermelho-fogo de Luisa Cantrell, depois a juba loura e familiar de sua filha de seis anos, Rebecca.

– Newt! – gritou ela para a menina.

A garotinha parou de supetão. Quando se virou em direção ao corredor de manutenção, quase foi atropelada pelo irmão mais velho, Tim.

– Rebecca, o que você está...

Newt interrompeu o irmão com um tapinha no peito:

– Preste atenção, seu bobo – disse ela, andando na direção dos pais. – O que vocês estão fazendo aqui?

Russ sorriu.

– Precisávamos de um lugar reservado para dar uns amassos.

– Eeeeca! – gritou a menina, mas logo deu uma risadinha. – Vocês são tão *noxentos*.

– Nojentos – corrigiu Tim, revirando os olhos.

– Isso – concordou a menina.

– Vocês adoram pagar mico – disse Tim aos pais. Tinha o mesmo cabelo louro

da irmã, mas, com quase dez anos, começava a se parecer menos com o garotinho que um dia fora.

– A gente se esforça – respondeu Anne.

Várias outras crianças passaram correndo, inclusive Aaron, amigo de Tim, que gritou que ele e a irmã iam se perder do grupo.

– Vamos, Tim – pediu Newt, tentando arrastar o menino consigo, ansiosa para voltar à bagunça e à destruição que perpetravam.

– O que estão fazendo? – perguntou Russ. – Além de correr por aí feito loucos?

– Caça ao tesouro – respondeu Tim enquanto a irmã o puxava pela mão e o arrastava de volta ao corredor principal. – Tchau!

Russ balançou a cabeça ao ver os filhos debandarem, achando graça. Apesar da tensão que poderia haver entre eles nos últimos anos, o coração de Anne ainda se derretia ao ver como o marido amava os filhos.

– Ei – disse ela, apertando a mão dele e ficando na ponta dos pés para beijá-lo no rosto. Olhou-o nos olhos. – Não precisa se preocupar, ok? Absolutamente nada. Aqui é o nosso lar, e somos mais fortes juntos, você e eu. Nossa família está sã e salva.

Russ sorriu.

– Sã e salva – repetiu.

Ainda assim, Anne não deixou de notar um vestígio de tristeza no olhar dele. Por mais feliz que tivesse ficado em ver Demian, sabia que o marido continuaria a ser assombrado pela presença do ex.

Ele soltou a mão dela.

– Está com fome?

– Morrendo – confessou ela. – Meu apetite voltou.

Foram juntos até o refeitório, as mãos dos lados do corpo, não chegando a tocar um no outro. Russ ficou quieto, e Anne pôde sentir um resto de tensão pairando entre eles. As dúvidas e os medos se amalgamavam, separando-os.

Sã e salva, disse a si mesma, sem saber se era uma promessa ou uma súplica.

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1337

O fuzileiro que dirigia a lagarta pesada era um veterano chamado Aldo Crowley. Tinha a pele dura como couro e cabelo grisalho cortado bem curto, mas o lampejo em seus olhos cor de cobre sugeria que talvez não fosse tão velho quanto parecia.

E não era. Aldo Crowley tinha completado 41 anos em janeiro. Vinha de uma família de soldados, nunca foi esperto ou ambicioso o bastante para ter uma patente mais alta que sargento. Era rebaixado a cabo toda vez que desobedecia às ordens dos oficiais superiores muito mais despreparados do que ele fora no seu primeiro dia de uniforme.

Brackett soube de tudo isso nos primeiros sessenta segundos de conversa que tivera com Julisa Paris sobre quais membros do pelotão poderia mandar na missão de resgate. Crowley tinha sido a primeira sugestão dela, seguido de um par de soldados rasos com jeito de durões chamados Chenovski e Hauer, cuja reputação era manter a cabeça no lugar quando a situação ficava feia.

O capitão levou a tenente Paris consigo também, e os primeiros três fuzileiros nos quais botou os olhos nos momentos frenéticos de preparação – Nguyen, Pettigrew e Stamovich.

– Não sei bem por que o senhor me trouxe, capitão – disse Paris.

Brackett olhou para o vasto interior da lagarta pesada. Os outros estavam sentados nos bancos ao longo do compartimento dianteiro. A traseira do veículo era usada para guardar equipamentos e carga.

Olhou para tenente Paris. Com o ronco dos motores da lagarta e a forma como ela se sacudia ao percorrer a superfície de Aqueronte, nenhum dos outros poderia tê-lo ouvido se respondesse. Mas o que teria dito? Que queria a tenente ali porque confiava nela, embora só a conhecesse havia algumas horas? Que ela conhecia a topografia e os fuzileiros e a natureza das tempestades atmosféricas? Qualquer uma dessas confissões transmitiria fraqueza.

Em vez disso, ele inverteu a pergunta:

– Você tem alguma preocupação quanto à capacidade do sargento Coughlin de comandar na nossa ausência?

Paris franziu o cenho.

– Absolutamente nenhuma!

– Ótimo.

Ela o observou por um momento, a lagarta sacudindo-os para a frente e para trás, depois desviou o olhar, tentando ver alguma coisa além do para-brisa. A

visibilidade estava uma merda desde o momento em que saíram de Hadley's Hope, e só tinha piorado quando se aproximaram do Processador Seis. Aldo tinha uma série de instrumentos em funcionamento para fornecer leituras de radar e termografia do terreno adiante. Mesmo assim, Brackett não tinha a menor ideia de como o cara conseguia enxergar.

Ao seu lado no banco havia uma exomáscara. As máscaras pretas com os óculos protuberantes o faziam pensar em insetos gigantes e pavorosos. Geralmente, eram usadas para excursões breves a planetas e luas onde a atmosfera contivesse toxinas, mas também servia para outras situações. As exomáscaras também eram muito usadas durante as piores tempestades de Aqueronte, só para manter os detritos longe dos olhos e da boca, tornando mais fácil ver e respirar.

– Me diga uma coisa, tenente – pediu Brackett, tentando quebrar a tensão que havia se formado entre ele e Paris. – Alguém já perguntou por que os fuzileiros são enviados nas excursões de pesquisa? É simplesmente um trabalho de graça ou a ideia é que nosso pessoal impeça os pesquisadores de fazerem corpo mole no trabalho?

– Eu perguntei quando cheguei aqui – respondeu Paris. – Meu primeiro comandante em Aqueronte contou que isso era comum desde que os oficiais de ciências chegaram... Isso foi doze ou treze anos atrás. Mas os pesquisadores não estão só coletando amostras e mapeando a topografia.

Brackett ergueu a sobrancelha.

– O que mais eles poderiam fazer nesta rocha?

A tenente Paris lançou um olhar cauteloso a Stamovich e aos outros sentados do lado oposto. Colocou um cacho do cabelo curto atrás da orelha.

– É a Weyland-Yutani, capitão – respondeu ela, como se isso explicasse tudo.

Brackett se recostou no banco, a cabeça batendo quando a lagarta pesada passou por um buraco raso. Talvez o envolvimento da Weyland-Yutani explicasse tudo, sim. As ordens da corporação incluíam não só o estudo do próprio planetoide, mas o interesse contínuo da empresa em vida alienígena, fosse nativa ou deixada por raças viajantes do espaço. Ainda assim, treze anos após a chegada da equipe científica, parecia uma ideia ridícula.

Se os pesquisadores tivessem que encontrar alguma coisa interessante para seus empregadores, certamente já a teriam encontrado. Talvez a companhia estivesse enviando os fuzileiros com os pesquisadores por segurança, afinal; só por precaução.

Brackett inclinou-se para a frente, tentando captar um vislumbre de qualquer coisa além do para-brisa. Aldo nunca desacelerava, não importava quanto a lagarta sacudisse nem que a tempestade bloqueasse completamente a visão.

– Você consegue enxergar alguma coisa? – gritou Brackett, erguendo a voz para fazer-se ouvir sobre o ronco do veículo e os ruídos dos detritos soprados pelo vento no casco.

Aldo olhou de relance para ele.

– É esse o segredo, capitão – respondeu. – Você tem que aceitar que *não há nada* para ver, e aí fica tudo bem!

Brackett balançou a cabeça.

– Por que diabo criaram uma colônia nesta lua maldita, para começo de conversa?

No banco do outro lado, Stamovich ouviu a pergunta e se pronunciou:

– O resto do universo precisava de um lugar para o qual pudesse apontar quando a situação ficasse ruim e dizer: “Olha, podia ser pior... podia ser Aqueronte!”

Nguyen e Pettigrew riram, meneando a cabeça e concordando. Stamovich e Pettigrew bateram a palma da mão um do outro, mas o resto da equipe que Brackett escolhera para a missão não pareceu achar a menor graça. O capitão olhou para Chenovski e Hauer, viu a forma como desviaram o olhar, depois observou Stamovich.

O cara tinha um sorrisinho, um ar de arrogância. A tenente Paris tinha contado a Brackett que Stamovich era leal ao sargento Draper, mas agora começava a perceber que havia uma cisão profunda no grupo, e isso o preocupava. Esse tipo de divisão nas fileiras podia causar a morte dos fuzileiros.

A lagarta pesada deu uma guinada para a esquerda, e o motor rugiu ao sair do buraco onde havia caído. Chegando a um terreno mais plano, Aldo pisou no freio. A lagarta derrapou na poeira, balançando-se para a frente e para trás por um momento.

Ele travou o câmbio e se virou no assento, olhando para Brackett.

– Chegamos, capitão – disse Aldo. – Mas eu me apressaria se fosse o senhor.

– A tempestade está piorando? – perguntou a tenente Paris.

Aldo abriu um sorriso cansado.

– Não. O processador está pegando fogo.

9

O DESEJO DE OTTO

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1341

Brackett soltou um palavrão e se jogou para a frente, encaixando-se entre os bancos para poder olhar pelo para-brisa.

À direita, no rodamoinho de detritos propelidos pelo vento, pôde ver a torre negra do Processador Seis. Mesmo dentro da lagarta pesada, conseguia ouvir o rangido e o chacoalhar do núcleo e dos respiradouros, um tipo de lamento metálico. Fumaça preta saía dos respiradouros no topo da instalação, e ele viu a luz alaranjada das chamas dentro deles.

– Filho da...

Pegou a exomáscara.

– Saiam! – berrou. – Esta coisa vai explodir a qualquer momento, e não quero estar aqui quando isso acontecer!

Aldo ficou no banco do motorista, e Brackett mandou Pettigrew ficar dentro da lagarta – era sempre bom deixar alguém de prontidão para bancar a cavalaria se as coisas piorassem muito. A escotilha traseira do veículo podia ser baixada até o chão para servir como rampa, mas, no meio da tempestade, todos saíram pela porta lateral e fecharam-na depressa.

Com as máscaras devidamente colocadas, Brackett e Paris guiaram os outros três fuzileiros por entre os detritos que voavam pelos ares, cambaleando ao vento. Um pé depois do outro, conseguiram chegar ao processador atmosférico. Mesmo com a exomáscara, Brackett sentia como se estivesse sufocando.

– Ouçam isso! – gritou Nguyen.

Brackett ouviu. Batidas e rangidos vinham de dentro da máquina. Todos os seus instintos lhe diziam para dar o fora dali, mas o ruído o incomodava muito menos que a fumaça química e fedorenta que a tempestade soprava na direção deles.

– Já se arrependeu de ter aceitado o cargo? – gritou a tenente Paris ao lado de Brackett, a voz abafada e quase perdida na ventania.

O capitão não respondeu. Não gostava de mentir.

Alcançaram a entrada alguns segundos depois. Stamovich foi o primeiro a chegar e abriu a tranca. O vento empurrou a porta para dentro com um estrondo, e Nguyen entrou rápido. Brackett sabia que eles eram amigos do sargento Draper, ansiosos para saber se o companheiro estava bem, então não importava quem seguia na frente.

Lá dentro, o nível de ruído caiu tão drasticamente que, por um momento, ele achou que havia ficado surdo. Então, Chenovski bateu a porta de metal e a trancou. O capitão hesitou na penumbra. Só as luzes fracas de emergência forneciam iluminação, pulsante. Luzes vermelhas brilhavam por todo o núcleo, e uma nuvem de fumaça preta e fina preenchia a torre, mais densa na altura do teto.

Brackett tirou a máscara e olhou para cima, mas não conseguiu ver o que estava queimando.

– Draper! Yousseff! – gritou Paris, e todos os fuzileiros olharam ao redor.

Havia sinais da equipe em apuros – jaquetas, um par de óculos de proteção e, estranhamente, uma bota –, mas ninguém à vista. O núcleo trovejava, sacudindo com tanta força que os parafusos que o prendiam ao chão pareciam tentar se soltar dos buracos. Uma das escadas reluzia, banhada pelas sombras vermelhas que criavam um efeito zootrópico numa parede à direita.

– Marv! Dê um sinal, seu desgraçado! – bradou Stamovich. – Cadê você?

Brackett começou a contornar o núcleo, gesticulando para que Nguyen o seguisse. Não tinham dado dois passos quando ouviram a resposta:

– Estamos aqui! Tomem cuidado!

Depois, outra voz:

– Mandem a gente para casa!

Brackett não dera mais do que três passos quando viu o homem barbado e corpulento deitado no chão. Havia sangue no rosto, que empapava o cabelo do lado esquerdo da cabeça. Os olhos estavam abertos, e uma das mãos se ergueu para detê-los – ou talvez para pedir socorro. Segurava a perna esquerda, e Brackett percebeu que algo ali estava errado.

Osso quebrado, e a fratura está feia.

– Curtis! – gritou a tenente Paris.

Mais três passos e a cena toda se tornou visível – era a última coisa que Brackett esperaria. Sacou a arma antes mesmo que a mente tivesse tempo de entender completamente a dinâmica que se desenrolava diante dele.

Um homem ruivo com o olhar furioso estava de costas contra a parede e

segurava uma fuzileira por trás com um dos braços, sufocando-a enquanto mantinha o que só podia ser a arma da mulher apontada para a têmpora dela. A pouco mais de três metros da cena, nas profundezas das sombras vermelhas e oleosas do processador, outro fuzileiro estava de pé, em posição de ataque, a arma apontada para o ruivo e para a refém.

Não foi difícil para Brackett descobrir quem eram os envolvidos. Se o cara da perna quebrada era Curtis Finch, aquele só podia ser...

– Otto! – rugiu Brackett. – Solte a soldada Yousseff!

Draper – quem mais poderia ser? – olhou brevemente para os recém-chegados, mas não desviou sua atenção de Otto Finch por muito tempo. Deslocou-se um pouco para a direita, movendo-se em direção aos outros fuzileiros. Brackett e Stamovich estavam lado a lado agora, e se apressaram a assumir posição atrás dele. O restante procurou abrigo.

– Para trás! – gritou Otto, com um tom que misturava terror e a rabugice de uma criança irritada. Ele olhava para os fuzileiros recém-chegados como se um movimento em falso pudesse fazê-lo explodir. – Não se aproximem ou eu mato ela! Não quero matar... Não queria nada disso, mas juro que mato!

– Draper, informe a situação! – rosnou Brackett.

O sargento o fulminou com o olhar, depois olhou para Stamovich com ar questionador.

– Novo comandante – explicou Stamovich.

– Jura? – desdenhou Draper.

Ele deu um passo na direção de Otto, que gritou até o sargento voltar à posição anterior.

Curtis Finch gesticulou para a tenente Paris, que correu e se ajoelhou ao lado dele.

– Sargento Draper, informe a situação! – ordenou Brackett mais uma vez.

– O que parece, senhor? – gritou Draper. – Precisa mesmo que eu descreva essa merda?

– Ele quer ir embora! – berrou Yousseff.

A expressão da soldada não demonstrava medo, mas Brackett o viu em seu olhar. Os Fuzileiros Coloniais eram muito resistentes, alguns até mais do que outros, mas nenhum guerreiro queria morrer como refém. Yousseff parecia estar tendo dificuldade para respirar.

– Como assim, *ir embora*? – perguntou a tenente Paris.

– De Aqueronte! – rosnou a soldada, e tossiu.

– Só queremos ir embora! – berrou Otto, os olhos enlouquecidos indo de um lado a outro, as lágrimas caindo. O muco escorria por cima dos lábios. – Não ligo mais para dinheiro! Não preciso de nem um dólar que a gente ganhou aqui!

Só coloque Curtis e eu numa nave para casa!

Toda a torre sacudia, como se o chão estremecesse debaixo deles. Um estrondo soou como um trovão, e uma fissura se abriu no casco do núcleo, expelindo fumaça preta. Uma explosão abalou o equipamento no topo. Brackett olhou para lá e viu as chamas alaranjadas se espalharem no rodamoinho de detritos da tempestade.

Um pedaço do teto tinha sido arrancado.

– Tudo bem! – disse Brackett num tom urgente. – O que você quiser, Otto! Se quer ir para casa, posso garantir que é isso que vai acontecer!

– Capitão... – avisou Draper.

– Como é que eu posso ter certeza? – berrou Otto. – Como é que eu posso acreditar em *qualquer pessoa* neste lugar maldito?

Mais ruídos vieram do interior do núcleo. Brackett quebrou a cabeça tentando descobrir o que poderia dizer para acalmar Otto Finch. O sujeito estava passando por um surto psicótico. Não havia chance de ele acreditar em qualquer promessa que Brackett fizesse.

O irmão.

Brackett olhou para o outro lado e viu Paris ajoelhada com Curtis Finch. O suor escorria do rosto pálido do homem. De onde estava, o capitão podia ver uma pequena poça no chão, onde Curtis tinha vomitado de dor por causa da perna fraturada. Parecia desesperado, agarrando a manga de Paris como se implorasse.

Será que esse cara está doido também?

Só há um jeito de saber. Brackett correu e se ajoelhou ao lado da tenente. No processo, largou a exomáscara.

Paris se voltou para ele.

– O que quer que esteja pensando em fazer, capitão, faça rápido – pediu ela. – Curtis disse que só temos alguns minutos antes de este lugar explodir.

Otto começou a gritar de novo. Brackett viu Draper gesticular para Stamovich e Pettigrew, que se aproximaram um pouco mais, como se não acreditassem de verdade que Otto mataria a soldada Yousseff. O ruído de olhos arregalados a estrangulou ainda mais e gritou para que parassem.

– Mais um passo e ela morre! – berrou.

– Otto, me escute! – disse Brackett, levantando-se outra vez. – Você não vai matar só a soldada Yousseff... vai matar todos nós, inclusive você e seu irmão! Curtis falou que só temos alguns minutos antes de o núcleo explodir. Olhe ao redor, cara! Metade do teto já foi arrancado, todo esse fogo e a fumaça... Vamos morrer se não sairmos agora...

– Tire o Curtis daqui! – vociferou Otto, com as lágrimas criando linhas claras

no rosto sujo de fuligem.

Brackett guardou a arma no coldre e ergueu as mãos.

– Todos temos que ir embora – disse. – Não só o seu irmão.

– Tire-o daqui! – insistiu Otto.

Brackett passou um momento fitando o medo profundo nos olhos de Otto, depois assentiu, virando-se para Paris.

– Tire-o daqui. – Olhou ao redor. – Nguyen! Hauer! Ajudem a tenente Paris a levar Curtis para o carro!

Quando os fuzileiros se apressaram em obedecer às suas ordens, baixando as armas, Otto ficou imóvel. Yousseff se retesou como se pretendesse escapar, e Otto pressionou o cano da arma na têmpora dela.

– O que estão fazendo? – berrou ele, não para Yousseff, mas para os fuzileiros que pegavam seu irmão. – Deixem-no em paz!

A tenente Paris deu ordens silenciosas a Hauer e Nguyen. Um deles foi até um painel de controle, abriu-o e começou a arrancar a portinhola enquanto o outro ajudava Paris a tirar a jaqueta de Curtis.

– Vamos tirá-lo daqui, mas primeiro precisamos estabilizar a perna quebrada – gritou Brackett para Otto, o suor escorrendo na nuca. A temperatura dentro do Processador Seis continuava a subir. – A fratura está feia, Otto. Ele não consegue andar! Quer que seu irmão morra aqui?

Aflito, Otto só olhou para ele. Fechou os olhos com força por vários segundos, depois palavras irromperam de sua boca:

– Ok! Tirem-no daqui!

Paris gesticulou para Nguyen e Hauer, que trabalharam depressa para colocar a pequena porta de metal debaixo das pernas de Curtis. Então, amarraram a jaqueta nelas, prendendo-as ao metal. Curtis gritou muitas vezes, e, quando Nguyen apertou o nó, ele berrou e perdeu os sentidos. Mesmo abaixo do rugido e da trepidação do processador em colapso, aquele berro deixou Brackett arrepiado.

– Vão, vão! – ordenou.

Hauer, Nguyen e Paris tiraram Curtis do chão e o carregaram rapidamente até a saída. Se já não estivesse inconsciente, Brackett não duvidava que os gritos do homem teriam sido pavorosos quando os ossos fraturados roçassem uns nos outros.

– Capitão! – bradou Draper. – Não temos tempo...

Brackett ergueu a mão para silenciá-lo, voltando-se para Otto. Estava preocupado com Yousseff, cujos olhos haviam começado a se fechar.

– Não temos mais tempo, Otto – disse o capitão. – Vamos ajudar Curtis, e podemos ajudar você também. Vou fazer tudo o que puder para mandar vocês

dois para casa, mas você precisa soltar a soldada Yousseff agora mes...

– Preciso ouvir uma confirmação da companhia! – gritou Otto, a voz falhando.
– Quero a garantia deles!

O desespero em seu olhar denunciava um temor profundo que Brackett sabia que nunca poderia apaziguar. Otto se comportava como um homem preso num pesadelo do qual não conseguia acordar. Mas não estava dormindo. Isso era a vida real, e era letal.

– Otto, só temos dois ou três minutos! Solte a Yousseff agora, senão vamos todos morrer aqui dentro!

– Capitão Brackett, não temos mais opção! – gritou Stamovich.

– É isso aí! – rosnou Draper.

O sargento disparou, atingindo o olho esquerdo de Otto Finch. Sangue, fragmentos do crânio e massa cinzenta espalharam-se na parede. Na morte, os dedos de Otto se retesaram e a arma disparou. Yousseff gritou e recuou, mas a mão do cadáver já começara a se afastar e o projétil se perdeu, sumindo na escuridão fumacenta.

Brackett atravessou a sala trepidante enquanto o processador atmosférico sacudia e retinia ao redor deles.

– Que merda, Draper, que diabo foi aquilo?

– Tomei uma atitude, capitão! O senhor mesmo disse que não tínhamos tempo a perder.

Pettigrew e Stamovich assentiram, concordando. Furioso, Brackett sentiu as mãos se fecharem em punhos, mas forçou-se a abri-las. Draper teria que esperar até mais tarde.

– Saiam! – gritou, gesticulando para Pettigrew, Chenovski e Stamovich enquanto Yousseff cambaleava para longe do cadáver de Otto, tentando recuperar o fôlego. – Mas vamos levar o corpo conosco! O irmão vai querer enterrá-lo.

– Que se dane! – rosnou Draper. – Esse doido quase matou a Yousseff. Não vamos arriscar a vida por ele!

Apesar do perigo crescente – os segundos que escoavam em seu relógio mental –, Brackett olhou embasbacado enquanto Draper dava um tapinha em Stamovich e os dois saíam correndo pela porta, com Pettigrew hesitando apenas um segundo antes de segui-los.

Esse filho da puta me paga, pensou Brackett.

– Capitão!

Brackett se voltou para ver Chenovski tentando erguer o corpo de Otto Finch do chão. O sangue e o cérebro já haviam assado na parede quente de metal, mas a poça ao redor do morto tinha crescido, e Chenovski escorregou um pouco ao

tentar levantar Otto. Brackett correu na direção deles. Percebeu um movimento à sua esquerda e viu Yousseff, que finalmente recuperara o fôlego.

Juntos, os três levantaram Otto assim como os outros haviam carregado Curtis e partiram rumo à saída. O processador ameaçava tombar e eles se esgueiraram pela brecha da porta aberta antes de se lançarem na escuridão e na tempestade uivante de detritos. O vento os açoitou, e eles precisaram se curvar. Sem a exomáscara, Brackett mal conseguia distinguir o veículo. Os três fuzileiros que desobedeceram a uma ordem direta marchavam na direção do carro, lutando contra o vento. Ver as silhuetas em fuga deu-lhe motivação extra, e ele gritou para incentivar Yousseff e Chenovski.

Chegaram à lagarta doze longos segundos depois de Draper e os outros dois. Aldo os recebeu na traseira do veículo, onde a rampa fora baixada, e ajudou Chenovski a arrastar o corpo de Otto para dentro, colocando-o ao lado do irmão inconsciente.

– Por que você ajudou? – perguntou Brackett a Yousseff, gritando para fazer-se ouvir em meio à tempestade.

A soldada olhou para ele.

– O senhor deu uma ordem.

Brackett sabia que aquele não era o verdadeiro motivo. Yousseff era uma das amiguinhas de Draper ou não teria sido escolhida para acompanhar os Finch.

– Vamos, capitão! – gritou Aldo, acenando para que eles entrassem enquanto corria para o banco do motorista.

Duas explosões vieram do Processador Seis. Yousseff se virou para ver a torre, e Brackett seguiu o olhar dela em direção às chamas que se erguiam até o teto. Pôs a mão nas costas dela, empurrando-a de leve, e Yousseff pareceu despertar do transe. Subiram a rampa correndo e se sentaram quando a porta se trancou e a rampa se retraiu.

– Ponham os cintos! – gritou Aldo, e o carro avançou, a tempestade de detritos arranhando o casco enquanto o veículo cruzava o terreno desigual com um ronco alto.

Brackett sentou-se, olhou ao redor e percebeu que estava de frente para Draper. Todos os olhares convergiam para o capitão, os outros fuzileiros imaginando como ele reagiria à insubordinação do sargento.

Ainda em silêncio, Brackett rilhou os dentes com tanta força que a mandíbula doeu. Seu primeiro instinto foi botar o canalha atrás das grades assim que voltassem a Hadley's Hope e mantê-lo ali até conseguir que Draper fosse transferido para longe de Aqueronte. O problema era que não sabia quanto apoio receberia dos seus superiores. Se pusesse Draper na prisão e depois tivesse que libertá-lo, isso minaria sua autoridade ainda mais do que as ações de Draper já

tinham minado.

– Escuta aqui, seu filho da... – começou Brackett, inclinando-se para a frente. Naquele momento, o Processador Seis explodiu. O estouro sacudiu o carro, jogando-o para a esquerda. Hauer e Pettigrew caíram no espaço entre as fileiras de assentos. Mesmo abafado pela tempestade, o som da explosão fez todos se encolherem, e Yousseff cobriu os ouvidos. Alguma coisa bateu no teto do carro, e Aldo deu uma guinada para evitar um pedaço de metal em chamas que caiu na frente deles como um meteorito.

Stamovich xingou em voz alta, e os outros imediatamente começaram a provocá-lo por demonstrar medo. Isso só durou uns segundos, pois todos voltaram a atenção para a agressividade silenciosa que crepitava no espaço entre Brackett e Draper.

– O que estava dizendo? – perguntou Draper num tom seco, cheio de desrespeito.

– Estava dizendo que meu primeiro dia no comando foi bem ruim – disse Brackett. – Mas tenho certeza de que para você os problemas só começaram, sargento. Você, Stamovich e Pettigrew vão ficar confinados no alojamento quando voltarmos, e vão ficar lá até segunda ordem. Se os três pensam que não vão sofrer as consequências depois dos atos de hoje, suponho que seu comandante anterior tenha dado a impressão de que a hierarquia não significava nada aqui, neste lugar perdido no espaço. Estou aqui para dissuadi-los dessa ideia.

O canto da boca de Draper se ergueu no que pode ter sido um sorriso sarcástico, mas essa foi sua única resposta. Os outros também foram sensatos o bastante para ficar calados.

A lagarta seguiu em frente.



Estavam a meio caminho da colônia e a tempestade começava a diminuir quando Julisa Paris veio dos fundos do carro e sentou-se ao lado de Chenovski.

– Sinto muito, capitão – disse ela. – Hauer fez o possível. O choque e a perda de sangue cobraram um preço. Curtis Finch morreu.

Brackett suspirou profundamente e apoiou a cabeça na parede trepidante do carro.

– O babaca maluco queria ir embora do planeta, ele e o irmão – resmungou Stamovich. – Parece que o desejo foi atendido.

– Como é que o desejo deles foi atendido? – perguntou Chenovski com escárnio. – Agora eles nunca mais vão sair de Aqueronte. Vão ser enterrados

aqui. Quem quer que eles tenham deixado na Terra vai saber que eles morreram e seguir em frente. Este lugar é tão longe de casa que esses colonos já podem até ter morrido na mente das pessoas que eles deixaram para trás. Se isso fosse mais que só um posto de trabalho para mim... se eu fosse ficar aqui para sempre... ia pirar que nem o Otto.

Seguiram viagem em silêncio por um minuto ou dois, todos absorvendo aquelas palavras. Os fuzileiros começaram a baixar os olhos ou a tentar ver além do para-brisa, embora Aldo gesticulasse para que permanecessem sentados. Yousseff cutucou Brackett com o cotovelo. O capitão notou que ela estava sentada ao lado dele, mas estava preocupado demais com a própria raiva.

– Você perguntou por que ajudei a carregar o corpo – murmurou ela, de forma que, com o ronco do motor e o sopro da tempestade, só Brackett pudesse ouvir.

– Não foi só obediência – rebateu ele, e não foi uma pergunta.

Yousseff baixou os olhos por um instante, depois voltou a encará-lo.

– Deu para sentir o medo dele – contou ela. – Otto conseguia ser um pé no saco, mas eu até que gostava dele. O cara desmoronou, capitão. Ele não queria me machucar... só estava apavorado. Detesto que tudo tenha terminado assim.

Brackett estreitou os olhos.

– O que poderia deixar alguém tão assustado?

Yousseff deu de ombros.

– Acho que não era nada real. Nada tangível. Aqueronte afetou os nervos dele. Ele se convenceu de que existia alguma coisa nesta lua maldita da qual devia ter medo, alguma coisa que ia matá-lo. Tinha medo de morrer se não saísse daqui.

Brackett olhou de relance para Draper.

– Acho que ele tinha razão. Mas não era de Aqueronte que deveria ter medo.

10

O CUSTO

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1648

Newt nunca se importou em ser vista como criança. Conhecia algumas que ficavam muito zangadas quando os adultos as chamavam de *pequenas*, mas ela considerava um motivo bobo demais para se irritar. Afinal, elas *eram* pequenas. Não era como se os adultos quisessem usar a verdade para ofendê-las.

Na verdade, não tinha a menor pressa de crescer. Os adultos eram muito rabugentos. Ficavam estressados com coisas que não pareciam lá muito importantes – coisas sobre divergências que eles achavam que aconteceriam, mas que não tinham acontecido ainda. Seus pais eram o exemplo perfeito. Ultimamente, andavam preocupados com coisas que Newt admitia abertamente que não entendia direito.

O que ela sabia era que não parecia haver nenhum motivo para isso. O estresse deixava os dois tensos e irritáveis, e crepitava entre eles como aquela energia invisível que às vezes dava choque quando ela revirava as roupas recém-lavadas procurando meias que combinassem.

Estática, pensou Newt, cheia de si. *É claro... esse é o nome.*

A eletricidade estática que chiava invisível no ar entre os pais ao longo dos últimos meses só fazia crescer, mas nunca estivera tão forte quanto hoje. A menina estava no alojamento da família fazendo a lição de casa e viu o modo como eles iam de um cômodo a outro, às vezes se evitando mutuamente... e ela teve que sair dali.

Tim estava jogando *Burning Gods* em imersão total e ignorou irmã quando ela perguntou se ele queria ir à cozinha ver se Bronagh Flaherty lhes daria um sacolé. Então, foi sem ele.

Newt gostava de sacolés. Seu sabor preferido era cereja, embora houvesse uma cerejeira na estufa e, depois de provar a fruta, ela nunca tivesse entendido

por que o sacolé de cereja se chamava sacolé de cereja se o gosto não tinha nada a ver com o da cereja de verdade.

Perdida nesses pensamentos, quase trombou com um homem que veio apressado dobrando a esquina perto dos escritórios administrativos.

– Opa! – disse ele, levantando as mãos.

Só quando olhou para ele, protegendo o sacolé de cereja da colisão iminente, percebeu que era o capitão Brackett. Quando ele a reconheceu, sorriu.

– Oi! Rebecca, não é? – falou o homem, como se tivesse resolvido um enigma. Os adultos eram tão esquisitos. Mas ele tinha um sorriso bonito.

– Newt – respondeu ela. – Todo mundo me chama de...

– Certo, desculpe! – disse o capitão. – E desculpe por quase ter atropelado você. Estou com coisas demais na cabeça, mas isso não é desculpa para não prestar atenção. – Olhou para baixo. – Sacolé de morango?

Ele ainda sorria, mas para Newt parecia tenso, como se quisesse ser gentil com ela ao mesmo tempo que estava zangado com outra pessoa. Isso parecia criar uma estática própria, uma espécie de nuvem de frustração.

– Cereja. É o meu favorito.

– Cereja é bom. Eles também têm sacolé de uva lá embaixo?

– Se você pedir para Bronagh na cozinha, ela pode fazer um, mesmo que não tenha no freezer.

O capitão Brackett assentiu como se essa notícia o deixasse muito satisfeito.

– Vou ter que fazer isso. Ela parece uma pessoa legal.

Rebecca assentiu.

– Ela é muito legal.

Ele a observou por um segundo.

– Você parece muito a sua mãe. Alguém já lhe disse isso?

– É porque às vezes meu cabelo fica arrepiado. Minha mãe tem o cabelo arrepiado praticamente o tempo todo, mas o meu só fica às vezes. Eu tenho uma boneca... Meu irmão diz que sou crescidinha demais para ter boneca, e pode ser verdade, mas é só uma boneca. O nome dela é Casey. Ela tem cabelo arrepiado também.

O capitão Brackett deu uma risadinha, e Newt percebeu que parte da estática ao redor dele pareceu sumir. O homem não parecia mais tão estressado como quando quase colidira com ela.

– Talvez eu possa conhecer a Casey um dia – disse ele. – E talvez você possa me apresentar à Bronagh também.

Newt sorriu.

– Posso apresentar, sim.

– Ótimo! Depois eu falo com você, então. – Olhou para o corredor. – Agora

tenho que falar com o sr. Simpson.

Ela ergueu o polegar num sinal positivo e mordeu a ponta do sacolé. O gelinho sabor cereja congelou os dentes e a fez falar de um jeito engraçado.

– Falou e disse – respondeu ela. Seu pai sempre dizia isso. – Até mais.

– Até mais, Newt – disse ele, e passou por ela, indo em direção ao centro de comando com os ombros tão rígidos que o faziam parecer zangado.

– Capitão Brackett? – chamou ela.

O homem olhou para trás.

– Sim?

– Parece que o seu primeiro dia está sendo ruim. Espero que melhore.

Ele deu aquela mesma risadinha e concordou:

– Também espero, menina. Também espero.



Brackett encontrou Al Simpson no escritório. Várias pessoas lhe lançaram olhares estranhos quando marchou determinado em direção à porta fechada do administrador colonial, mas só depois de bater à porta e abri-la entendeu o porquê das expressões intrigadas.

Simpson não estava sozinho. Virou a cabeça ao notar a intrusão de Brackett, as sobrelanceiras espessas franzidas de irritação.

– Posso ajudar, capitão?

Brackett o fitou com a mão ainda na maçaneta, depois olhou com mais atenção para as outras duas pessoas no escritório – dr. Reese e dra. Hidalgo, os chefes da equipe científica da Weyland-Yutani na colônia. Os três pareciam estar no meio de uma conversa, mas o que poderia ser mais importante que a destruição do Processador Seis e a morte de dois pesquisadores?

– Achei que você ia querer um relatório sobre os acontecimentos de hoje – disse Brackett, sem tentar esconder o tom acusatório das palavras. – Dois homens morreram, caso não saiba.

O olhar de Simpson ficou ainda mais gelido.

– Eu soube, sim – respondeu. – Estávamos discutindo as falhas de manutenção que levaram ao colapso do processador. Cuidar para que nada assim volte a acontecer é minha prioridade. Só o custo da substituição do Processador Seis vai ser...

– Certo – disse Brackett. – O *custo*.

A dra. Hidalgo desviou o olhar, abalada pela insinuação, mas o dr. Reese se retesou e ergueu o queixo como quem se prepara para uma briga.

– Os irmãos Finch conheciam os riscos que estavam correndo quando saíam

nas expedições – disse o dr. Reese. – Se quer relembrar ao sr. Simpson que ele deve dar atenção à questão principal, devo avisá-lo de que ele está fazendo o que lhe cabe. Talvez, capitão, o senhor deva se preocupar mais com o próprio trabalho.

Brackett pensou numa dúzia de formas de arrancar a expressão convencida da cara do cientista. Forçou-se a respirar fundo.

– Na verdade, esta é uma das coisas sobre as quais vim falar – respondeu, voltando-se para Simpson. – Precisamos entender com clareza qual exatamente é o trabalho dos fuzileiros designados para esta colônia. Antes de tratar disso, porém, o protocolo exige que eu faça um relatório do que aconteceu lá... e foi isso que vim fazer.

Simpson recostou-se na cadeira, tamborilando os dedos na mesa de prata brilhante e liga de vidro. Todo o escritório se destacava lindamente com mobília metálica, fria e moderna, além de luminárias rotatórias, diferentes de qualquer coisa que Brackett tivesse visto desde que chegara a Hadley's Hope. Essa elegância só podia ser uma vantagem do cargo, porém Simpson deixara os restos de seu trabalho empilhados em cada superfície – xícaras sujas de café, suéteres usados, tubos com amostras de solo, grossos arquivos de papel antigo debaixo de tablets. O homem tratava o ambiente com descaso, e Brackett só podia presumir que tratasse os funcionários do mesmo modo.

– Faça por escrito e mande para mim – disse Simpson, os dedos deixando de batucar a mesa. – Depois eu leio.

O tom sugeria uma dispensa, mas Brackett não estava pronto para ser dispensado.

– Dois de seus homens estão mortos, Simpson. Você não vai ter plena compreensão dos eventos que levaram à morte deles sem um relatório completo...

O dr. Reese suspirou profundamente, como se estivesse cansado de lidar com um simplório.

– Já temos um relatório completo, capitão.

Brackett inclinou a cabeça.

– Mas eu não preenchi nenhum...

– Do sargento Draper – interrompeu Simpson.

Por um ou dois segundos, Brackett só conseguiu olhar para eles. Então, fungou e balançou a cabeça ao apreender o significado da declaração.

– Draper está confinado no alojamento dele.

– Entendido – respondeu Simpson. – Mas, até onde sei, você não deu nenhuma ordem que o proibisse de receber visitantes. Você não estava disponível imediatamente após seu retorno...

– Estava numa reunião com a minha equipe – Brackett endireitou as costas, o uniforme criando atrito com a pele – e cuidando do desembarque dos dois colonos mortos. Mas imagino que saiba disso.

– O relatório do sargento Draper foi muito detalhado, e certamente satisfaz nossas necessidades – disse o dr. Reese. – Tenho certeza de que todos precisamos conversar, capitão Brackett, conversar sobre o modo como as operações são conduzidas aqui, e como a equipe científica trabalha de mãos dadas com os Fuzileiros Coloniais, mas receio que isso tenha de esperar. A destruição do Processador Seis nos deixa...

Brackett pigarreou para limpar a garganta, o que pelo menos serviu para silenciar o homem por um momento.

– É, doutor, vamos conversar durante o chá. Enquanto isso, quero esclarecer algumas coisas agora. Coisas que *não* podem esperar. – Levantou um dedo. – Primeiro, deste momento em diante vocês não vão ter contato direto com nenhum dos meus fuzileiros, a não ser para agradecer se eles forem educados o bastante para segurar a porta para vocês passarem.

Brackett olhou para Simpson, depois para a dra. Hidalgo, que parecia muito constrangida.

– Capitão, o senhor precisa entender... – começou ela.

– Preciso? – Brackett balançou a cabeça. – Não, doutora, acho que não. Meu pelotão responde a mim, e somente a mim, e vocês não vão receber relatórios de Draper nem de mais ninguém. O sargento Draper é um soldado problemático. Sempre há pelo menos um em todo pelotão. Mas, de agora em diante, ele é problema *meu*.

– Anotado – disse Simpson, alisando a camisa por cima da barriga redonda.

Brackett observou o administrador por um segundo, depois estreitou o olhar ao se voltar para Reese e Hidalgo. A marca de nascença na mandíbula e no pescoço de Reese ficara tão escura que estava quase roxa.

– E vocês dois? Simpson pode ser o administrador aqui, mas está claro que a companhia tem mais influência que o governo. Então preciso ouvir a resposta de vocês também. Minha mensagem está clara?

O dr. Reese o fulminou com o olhar, os olhos brilhando de desprezo.

– Muito clara – respondeu a dra. Hidalgo.

Reese não a contradisse. Brackett teria gostado se ele desse uma resposta mais concreta, considerando que era o membro sênior da equipe científica, mas seu silêncio teria que bastar... por enquanto.

– Que bom. Isso nos leva à segunda coisa.

Al Simpson enfiou a camisa mais para dentro da calça, como se isso pudesse lhe garantir mais autoridade.

– Não dá para esperar?

Brackett o ignorou e continuou concentrado nos cientistas.

– Ouvi dizer que é um procedimento padrão os Fuzileiros Coloniais acompanharem as equipes de pesquisa em campo – disse ele. – Essa prática termina agora.

A dra. Hidalgo titubeou.

– Você não pode fazer isso!

– Me perdoe, doutora, mas posso, sim.

Ele olhou fixamente para ela, surpreso com a mudança súbita de expressão. Antes, ela parecera constrangida com a atitude de Reese, mas agora tinha adotado um ar igualmente insensível.

Brackett entendeu que eles o viam como um idiota de uniforme. Simpson e os cientistas achavam que o estavam mantendo no escuro, mas não era preciso ser nenhum gênio para entender por que queriam fuzileiros acompanhando as excursões. Não depois que tivera um tempo para ponderar sobre isso.

A maior parte dos avanços científicos do último século fora alcançada por organizações que adquiriram e estudaram espécimes de várias formas de vida alienígena. Às vezes, era um governo, mas, na maior parte do tempo, era uma corporação.

Havia muito tempo, a Weyland-Yutani estava numa cruzada para encontrar e utilizar, monetizar ou converter em arma qualquer espécie alienígena na qual conseguisse pôr as mãos. Os esforços da companhia não eram segredo. A humanidade havia aprendido muito com seus parceiros comerciais arcturianos.

Brackett não podia negar o valor do contato com a vida alienígena, mas nunca fora trabalho dos Fuzileiros Coloniais bancar os seguranças particulares de um bando de pesquisadores civis... nem conduzir missões de resgate de garimpeiros freelancers.

Isso tinha que parar.

– Tem razão, capitão... Esse é nosso procedimento padrão – admitiu Simpson.

– Tem sido assim desde o começo da colônia. Os fuzileiros dão segurança e apoio para...

Brackett ergueu a mão para interrompê-lo.

– Não, não damos. Isso não é um tópico para discussão. Quando recebi ordens para assumir o posto de comandante em Hadley's Hope, não houve nenhuma menção a um acordo desse tipo. Os Fuzileiros Coloniais não são empregados da companhia, sr. Simpson. – Fez uma pausa, depois continuou: – Assim que sair desta sala, vou consultar meus superiores. Vai levar aproximadamente uma semana para a mensagem chegar à Terra e para recebermos uma resposta. Se eu for instruído a cooperar com as suas exigências, é claro que vou cumprir as

ordens. Mas, a não ser que eu receba esse tipo de instrução, não haverá mais escoltas de fuzileiros nas missões de pesquisa.

O dr. Reese fungou, o rosto duro como pedra.

– Acho que não gostará da resposta.

Brackett deu de ombros.

– Não cabe a mim gostar ou desgostar das minhas ordens, doutor. Sou fuzileiro. E isso quer dizer que não preciso dar a mínima para o que o senhor pensa.

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1844

Hadley's Hope fora projetada para a vida em comunidade. O salão de jantar – que os fuzileiros chamavam de refeitório – servia três refeições por dia, e Anne Jorden seria a primeira a admitir que os homens e as mulheres que lá trabalhavam tinham muito mais talento na cozinha do que ela jamais teria.

Russ tinha algumas habilidades culinárias – em partes iguais de inspiração e intuição –, mas nem em seus melhores momentos Anne fora capaz de preparar mais que uma receita básica. Mesmo assim, pelo menos três vezes por semana, os Jorden faziam um jantar em família no alojamento, só os quatro sentados ao redor da mesinha ou espalhados em cadeiras na sala de estar.

A maioria dos colonos preparava refeições particulares toda semana. A vida em comunidade tinha suas vantagens, mas todos precisavam de um tempo para si de vez em quando. Ultimamente, o problema era que, toda vez que ela e Russ tinham momentos de ócio – sozinhos ou com as crianças –, os dois acabavam discutindo.

Anne amava o marido. Não tinha atravessado metade do universo com ele por capricho. Porém, os anos em Aqueronte haviam mostrado a eles que viver numa comunidade tão pequena significava que não havia nenhum lugar aonde os devaneios pudessem levá-los. Na Terra, se ficasse irritada com o parceiro, podia fantasiar a ideia de ir embora, comprar um chalé nas montanhas e conhecer um homem que olhasse para ela do jeito que Russ olhava quando começaram a namorar.

Ainda conseguia se lembrar daquele olhar, do desejo e da malícia na expressão dele.

Em Aqueronte, seus sonhos não tinham para onde fugir. Isso a deixava sem paciência com ele, e às vezes implacável.

Hoje, não, prometeu ela enquanto mexia o macarrão e os temperos que refogava na frigideira do fogãozinho. O cheiro subiu numa onda e fez sua boca salivar. Três tipos de pimenta, um armário inteiro de ervas... Podia não ser a melhor chef da galáxia, mas havia aperfeiçoado pelo menos um prato.

Pena que as crianças detestavam.

Anne bebericou o vinho enquanto cozinhava e olhou para Tim. O filho estava sentado numa poltrona estofada baixa, e toda a sua atenção estava voltada para o pequeno tablet que tinha nas mãos. Qualquer um teria pensado que estava fazendo a lição de casa ou lendo um livro, mas ela via os botões pretos nas orelhas dele, indicando que estava ouvindo alguma coisa. Ou estava vendo

algum vídeo ou jogando videogame.

Em outro momento ela poderia tê-lo censurado – hoje, tomou outro gole de vinho, sorriu e mexeu o macarrão temperado.

Demian Brackett, pensou, o sorriso suave e cheio de lembranças.

Não. Esta noite não iria arranjar briga com Russ.

Não ia sair correndo e ter um caso com Demian – não havia nenhum lugar em Aqueronte onde pudesse se esconder das consequências da infidelidade. Mas isso não queria dizer que não pudesse namorar a ideia por um tempo. Um homem bom, ainda que um pouco sério demais, Demian continuava bonito como sempre. Quando muito, os pequenos vincos no canto dos olhos na pele negra o tornavam ainda mais atraente.

Anne bebericou o vinho, deixando a mente divagar. Russ estava irritado com a presença de Demian. Nesse mesmo dia, mais cedo, ela tivera vontade de dar um soco nele por ser tão infantil. Mas, se continuasse deixando a lascívia dominar seus pensamentos, tinha a impressão de que esta noite o marido colheria os benefícios da chegada do ex-namorado.

Russ sortudo, pensou. *Anne sortuda também*, pois, apesar das tensões recentes, tinha um marido forte, inteligente, bonito e corajoso, que amava os filhos mais que a própria vida. Qualquer que fosse a discussão, ela sabia que ainda ficariam juntos quando a poeira assentasse. Russ Jorden era seu homem rústico de olhos grandes, mesmo quando queria dar um tapa na cabeça dele.

A tranca da porta chacoalhou e ela ouviu um ranger conhecido. Cozinhando o macarrão temperado, baixou um pouco o fogo e se virou, sorrindo para Russ quando ele entrou no alojamento.

– Oi, querido – começou ela. – Quer uma taça de...

O olhar pálido e assombrado do marido deteve suas palavras.

– Annie...

Ela desligou o fogão, um torpor apavorado espalhando-se dentro dela.

– O que foi, Russell? Conheço essa cara. Merda, detesto essa cara.

Ele foi até ela. Anne notou a cabeça de Tim virando para segui-lo – mesmo jovem como era, também devia ter ficado abalado com a expressão pesarosa do pai. A porta ainda estava aberta para o corredor, e ela queria pedir que o filho a fechasse, mas Russ a tomou nos braços e lhe deu um abraço apertado. Então desabou sobre ela, um navio baixando as velas ao chegar a um porto seguro, e ela passou os dedos pelo cabelo da nuca dele.

– Conte o que aconteceu – sussurrou.

Russ suspirou profundamente, pressionando a testa na dela, depois recuou para olhá-la nos olhos.

– Acabei de esbarrar com Nolan Cale, e ele me deu a notícia... Curtis e Otto

morreram.

As palavras a deixaram perplexa, de pernas bambas.

– Não – conseguiu dizer, balançando a cabeça. – Isso não pode...

Anne se virou, debruçando-se sobre o fogão, fechando os olhos e lutando contra a onda de raiva que a invadia.

– Idiotas. – Bateu a mão com força no fogão, sacudindo a frigideira que ainda chiava. – Aqueles filhos da puta burros!

– Ei – chamou Russ, segurando o braço dela. – Você sabe que não é assim. Eles tentaram se proteger dentro do Processador Seis. Teriam ficado bem, mas o Otto endoidou. Pelo que ouvi, ele... perdeu o juízo.

Anne olhou para ele.

– Para começar, eles nem deveriam ter ido lá fora. Aqueles dois estavam correndo riscos desnecessários... faziam qualquer coisa para tentar sair na frente.

– Eles eram nossos amigos – lembrou-a Russ.

– Isso não quer dizer que não fossem idiotas – argumentou Anne, recusando-se a ser apaziguada. – As piores tempestades atmosféricas podem ser previstas em questão de horas. Talvez não pudessem saber como essa tempestade ficaria forte antes de saírem daqui, hoje de manhã, mas sabiam que teriam um dia difícil.

Russ deu um passo para trás, olhando para Tim, que mantinha os olhos grudados no tablet.

– Eles morreram, Anne. Você vai ficar com ódio de si mesma depois, por...

– Por quê? Por saber que eles não precisavam morrer assim? – Deu um suspiro longo, trêmulo e repleto de lágrimas, baixando o olhar. – Eles não *precisavam* morrer.

Russ tocou o braço dela, passando a mão quente sobre a pele.

– Não, não precisavam.

Anne olhou para o marido, esfregando os olhos.

– Somos tão ambiciosos quanto eles, mas nunca corremos esse tipo de risco. Levamos nossos filhos conosco nas expedições de pesquisa, Russ. Nossos *filhos*. Alguns dos administradores acham que somos malucos, mas qualquer um que já tenha passado um tempo lá fora, trabalhando na areia e no vento, sabe perceber quando as piores tempestades vão chegar.

– Otto perdeu a cabeça, amor. Você sabe como ele andava nervoso.

Anne se retesou, depois assentiu devagar, concordando.

– Desmoronando, Russ. O cara estava desmoronando. Fiquei preocupada com ele e também fiquei preocupada com você, desde que vocês dois começaram a passar tanto tempo juntos, nos últimos meses. Tendo pensamentos negativos.

Querendo coisas impossíveis.

Russ se retraiu, depois balançou a cabeça, passando a mão pelo queixo barbado.

– Agora? – perguntou ele. – Quer discutir isso agora?

Anne sentiu que não conseguia respirar.

– Eu *nunca* quero discutir isso. Não significa que vou fingir não ter ficado incomodada vendo você e Otto passarem meses convencendo um ao outro de que suas vidas teriam sido melhores se nunca tivessem vindo para Aqueronte.

– E não teriam? – rosnou Russ, erguendo as mãos. – As coisas não teriam sido melhores? No mínimo, Otto e Curtis ainda estariam vivos!

– Você não tem como saber – retrucou ela. – Otto nunca foi a pessoa mais estável...

– Pare!

– Viemos para cá porque sonhamos com uma vida de descobertas.

Russ revirou os olhos.

– E como vem sendo isso até agora?

– Estamos no extremo mais distante da civilização humana – respondeu Anne.

– Temos uma vida boa. Ganhamos um salário decente. Toda noite, quando deito, penso em todas as pessoas que nunca teriam a coragem de fazer o que nós fizemos!

– Nenhuma delas foi burra o bastante para correr os riscos que corremos.

– É preciso correr riscos para colher as melhores recompensas – disse Anne, ecoando as palavras que ele usara para persuadi-la a vir para a colônia, anos atrás.

Russ inclinou a cabeça, fitando-a como se tivesse crescido uma segunda cabeça do seu pescoço.

– Quando saímos em missões de exploração, eles controlam cada passo nosso. Sabem onde estamos e o que fazemos. Mesmo que encontremos algum artefato deixado por formas de vida alienígena, ou um veio de pedra preciosa, eles têm tudo planejado para tirar proveito do que conseguimos ganhar. Isso nem é garimpo de verdade... só estamos arriscando nosso pescoço sem garantia nenhuma quando estamos trabalhando para a companhia. E em todos esses anos, o que encontramos que tivesse valor real? Nada! – Ele a olhou com firmeza. – Estamos desperdiçando nosso tempo nesta rocha maldita!

Anne sentiu a bile subir no fundo da garganta. Queria vomitar.

– Não acho que estou desperdiçando meu tempo aqui, Russell – disse ela. – Tenho uma família feliz e um círculo de amigos e um emprego que de vez em quando me dá uma onda de adrenalina. É uma vida boa.

– Eu não quis dizer... – Russ balançou a cabeça, irritado. – Não é o que estou

falando, você sabe disso.

Anne olhou para Tim, debruçado no tablet. De jeito nenhum os fones pretos nas orelhas impediam que ouvisse a voz do pai – não quando Russ gritava.

– Se quer tanto sair da colônia – sussurrou ela –, então saia. Se está tão infeliz...

– Ah, você ia *adorar* isso, não ia? É o momento perfeito, agora que o idiota do Demian Brackett está aqui!

Ela o fuzilou com o olhar.

– Merda, parece mesmo que você tem dez anos de idade, sabia?

– Negue quanto quiser, Anne, mas sei que você ainda gosta dele. Dá para ver.

Anne cobriu a boca com a mão. Não se atreveu a olhar para Tim. Que diabo Russ estava pensando, falando essas coisas quando o filho dos dois estava na sala? Já tiveram muitas discussões na frente das crianças, mas nada desse tipo. Ela só rezava para que o menino não estivesse prestando atenção, que tivesse se perdido no que quer que estivesse vendo, lendo ou jogando, como tendia a fazer.

– É melhor você parar agora – disse ela.

Russ piscou e olhou para Tim, finalmente entendendo, mas, quando voltou a encarar Anne, ainda tinha o rosto corado de raiva.

– Você está triste por causa do Otto – disse ela. – Eu também. Vamos conversar sobre isso depois.

– Estou triste, sim. Meu amigo morreu. Otto podia ser instável, mas isso não quer dizer que ele não tivesse razão. Esta colônia é um beco sem saída para mim...

– Para você?

– Para todos nós.

Anne se forçou a respirar.

– Se quiser ir embora...

– Porra! – gritou Russ, jogando os braços para o alto.

Virou-se para sair, e ambos olharam para a porta. Newt estava parada lá, a boca pintada pelo corante vermelho do seu sacolé favorito. Os olhos estavam arregalados, cheios de sofrimento, e o lábio inferior tremia.

– O papai vai embora? – sussurrou ela.

Russ fechou e abriu os punhos, o rosto vincado de remorso.

– Só por um tempo, querida – respondeu ele. – Só por um tempo.

Então, saiu.

Anne, Newt e Tim passaram um longo momento encarando a porta. Depois, a menina saiu correndo atrás dele. Russ tinha virado à esquerda, provavelmente dirigindo-se ao centro de recreação, mas a filha não seguiu o pai. Virou à direita e desapareceu num instante.

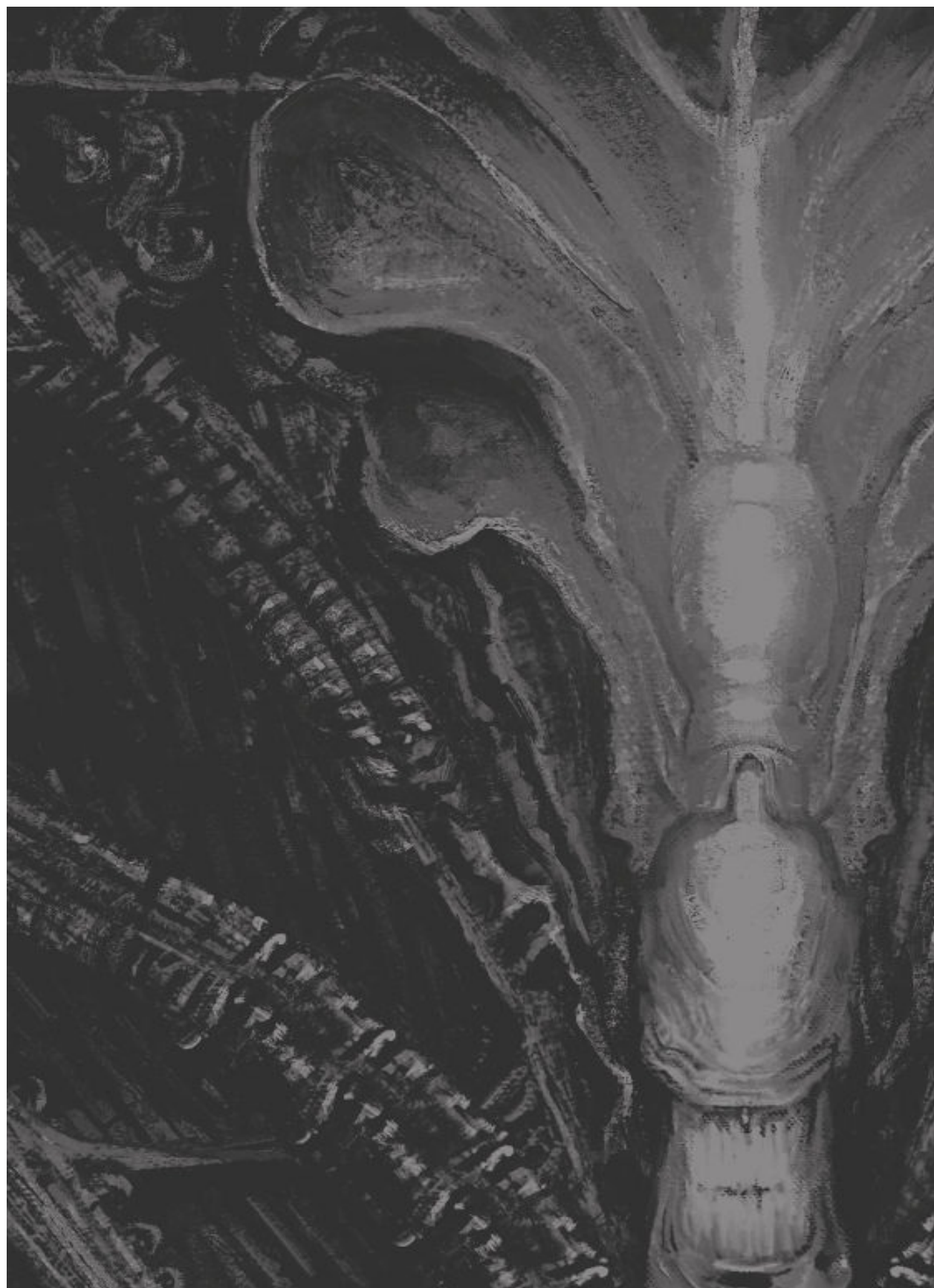
– Newt! – gritou Anne.

Tim se levantou, tirando os fones do ouvido e deixando o tablet na poltrona.

– Vou atrás dela – anunciou. Então, olhou com raiva para a mãe. – Qual é o *problema* com vocês dois?

Anne observou em silêncio enquanto o filho saía correndo atrás da irmã. Ficou sozinha no alojamento da família, o coração latejando nos ouvidos.

O aroma dos temperos cozidos havia penetrado nos cabelos e nas roupas, mas ela perdera o apetite.



11

NOVOS E VELHOS AMIGOS

DATA: 10 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1932

O alojamento de Brackett em Hadley's Hope não era nem melhor nem pior do que ele havia esperado.

Fazer carreira nos Fuzileiros Coloniais significava se acostumar a um estilo de vida espartano. Cama, pia, gaveteiro e um pequeno guarda-roupa se tivesse sorte. Viver de uniforme facilitava a vida. Nos dias de folga, uma camiseta simples e as calças do uniforme ou um moletom eram tudo de que precisava, e nunca tinha que se preocupar com o que vestir – bastava ter peças limpas.

Nunca levava muitos itens pessoais consigo quando era designado a um posto. Tinha um fotocubo, um tablet cheio de música e milhares de livros, as etiquetas de identificação da mãe e um leãozinho de madeira. Era uma estatueta esculpida pelo pai. Aqueles eram os únicos objetos da juventude que guardava, símbolos cuja presença física o confortava, de forma que mesmo ali, no limite da civilização, ele se sentisse em casa.

Brackett abriu e fechou os armários na cozinha, viu copos e pratos e tigelas. No gabinete havia uma cafeteira e uma torradeira, e isso o fez sorrir. Não importava quantas coisas a tecnologia alterasse, algumas continuavam as mesmas. Séculos após sua invenção, uma torradeira ainda era necessária se você quisesse preparar uma torrada decente. Claro que fora aprimorada, mas não tocava música, não fazia pesquisa, nem esquentava o jantar – apenas preparava torradas. De um modo estranho, ele achava isso reconfortante.

– Merda – sussurrou, percebendo como estava exausto.

É claro que estou cansado, pensou. A caminho de Aqueronte, tivera a ideia fantasiosa de que chegaria e se reuniria com o pelotão e a equipe, se acomodaria, faria uma boa refeição e sairia para conhecer todos. Em vez disso, o dia tinha começado mal e ficado muito pior. Ainda conseguia ouvir as súplicas

desesperadas de Otto Finch ao cruzar a antessala e entrar no quarto.

Lençóis brancos, travesseiros brancos, paredes quase brancas, piso cinza. Uma onda de prazer o envolveu, e ele relaxou. Pronto. Só precisava deixar aquele dia sinistro para trás e recomeçar do zero na manhã seguinte.

Brackett olhou ansioso para a cama. Precisava transmitir um relatório aos superiores e um pedido de esclarecimento em relação à cooptação dos fuzileiros por parte da equipe científica, mas imaginou que isso poderia esperar algumas horas. Sabia que deveria desfazer as malas, mas para que a pressa? As malas estavam no chão, no canto da pequena antessala, cortesia do sargento Coughlin.

Então desabou na cama, ainda de botas, e puxou o travesseiro para apoiar a cabeça. Pôde sentir o sono cercando-o como um tipo de névoa mágica e envolvente, pronto para levá-lo. Draper e os outros dois babacas estavam confinados nos alojamentos, e Brackett decidiu que, por enquanto, ficaria confinado no seu também. Só por algumas horas... ou talvez a noite toda. No fundo da mente, sabia que estava faminto, mas a fome agora parecia distante. Muito distante. Os pensamentos começaram a se turvar.

Ouviu batidas à porta.

– Ah, fala sério – grunhiu Brackett.

Agarrou-se ao travesseiro como se fosse um bote salva-vidas, enquanto o momento de quase sono se dissipava. Deixara a tenente Paris e o soldado Hauer como oficiais de serviço, incapaz de imaginar que outra crise ainda poderia surgir. Mas as batidas soaram uma segunda vez, e ele percebeu que não seria capaz de ignorá-las.

Murmurando um palavrão, Brackett se levantou. Espreguiçando-se, girou o pescoço até ouvir um estalo satisfatório e marchou pela antessala em direção à porta.

– Quem é?

– Sargento Coughlin, senhor – foi a resposta abafada. – Lamento incomodar, capitão, mas o senhor tem uma visita.

Brackett franziu a testa, confuso. Uma visita que precisava de escolta? Por um segundo, pensou que devia ser alguém da equipe científica, mas depois percebeu que o dr. Reese não precisaria de ninguém para lhe mostrar onde ficava o alojamento do comandante.

Parou com a mão na tranca da porta, e um sorriso se formou nos lábios.

Anne, pensou. *Só pode ser.*

Destrancando a porta, abriu-a, inclinando a cabeça num ângulo curioso. Coughlin estava no corredor, sorrindo, e Brackett piscou confuso ao ver que não era Anne ao lado dele.

Era a filha dela, Newt.

– Ela parecia perdida – explicou Coughlin. – Quando falou que estava procurando o senhor, achei que não se incomodaria.

Brackett se agachou para poder ficar na altura da garotinha. Ela ainda estava com a boca vermelha do sacolé que tinha tomado mais cedo. Abriu para ele seu melhor sorriso, mas Brackett pôde ver, pelos olhos vermelhos e as linhas nas bochechas, que ela havia chorado.

Coughlin também tinha notado, e a bondade o levava a procurar o comandante.

– Não é nenhum incômodo – disse Brackett. – O que posso fazer por você, Newt?

A menininha deu de ombros.

– Por mim, nada. É o que *eu* posso fazer por você. Olha, eu voltei pra casa e pensei que o senhor ia querer muito um sacolé, e eu não me importaria em comer mais um, então talvez eu pudesse levar o senhor para conhecer Bronagh agora mesmo em vez de amanhã ou sei lá quando. Minha mãe sempre diz “Não deixe pra amanhã o que pode fazer hoje”.

Brackett riu.

– Bom, ela tem razão. – Olhou para Coughlin. – Eu assumo agora, sargento. Obrigado pela ajuda.

– Imagina – respondeu Coughlin. Então, deu uma piscadela para Newt. – Se a Bronagh tiver um sacolé extra, você sabe onde me encontrar. Meu favorito é o de mirtilo.

– Eeeca – disse a menina, torcendo o nariz. – Mas tudo bem. Minha mãe também diz “Gosto não se discute”.

– Essa também é muito boa – respondeu Coughlin, antes de saudar Brackett e se virar para ir embora.

O capitão esperou até o sargento se afastar e se abaixou, apoiado num joelho, olhando nos olhos esperançosos de Newt.

– Eu gosto de sacolé, mas acho que não foi por isso que você veio falar comigo.

A menina apertou os lábios, as sobrancelhas franzidas num ar de contrariedade.

– Se você não quiser sacolé é só falar.

– É o seguinte – começou Brackett com cuidado. – Por que a gente não faz isso amanhã e eu levo você de volta para o seu alojamento agora? Está na hora do jantar. Sua mãe deve estar querendo saber aonde você foi.

Newt respondeu numa voz tão baixa que ele demorou um momento para perceber que ela havia dito alguma coisa:

– Eles estão brigando. Não gosto quando eles brigam.

– Sei como é – disse o capitão. – Meus pais também brigavam toda hora. Às vezes, levavam um tempo para fazer as pazes, mas sempre faziam. – Levantou-se e estendeu a mão para ela. – Me deixa levar você, e aposto que na hora em que chegarmos lá a briga já vai ter acabado. Aliás, já que sou novo aqui, você pode me mostrar o lugar enquanto a gente vai pra lá.

Os lábios de Newt ainda estavam comprimidos e as sobrancelhas continuavam franzidas, mas ele viu a boca dela tremer, e depois a menina assentiu. Nenhuma palavra, só um aceno de cabeça.

Ela pegou a mão dele e foi na frente, dando-lhe a versão infantil de um tour pelas seções civis da colônia. Pouco depois ele já sabia quais colonos tinham filhos, quais crianças eram valentonas ou choronas, quais dutos de ventilação eram as melhores passagens secretas para brincar de esconde-esconde e quais vizinhos faziam comida com cheiro nojento. Ele quase a lembrou do conselho da mãe, de que gosto não se discute, mas decidiu não provocá-la.

Numa encruzilhada, encontraram a dra. Hidalgo, que trocara o jaleco de laboratório por grossas calças de moletom azul e camiseta. Tinha uma toalha pendurada no pescoço e o rosto estava corado por causa do esforço físico. A cientista idosa parecera magra quando Brackett a conhecera, mas, com esse traje, os membros pareciam quase esqueléticos.

– Foi bom o exercício, doutora? – perguntou Newt.

A dra. Hidalgo sorriu.

– Foi, sim, querida. – Olhou para Brackett. – Vejo que você fez um novo amigo.

– Na verdade ele é um *velho* amigo – respondeu a menina, muito séria. – Quer dizer, um velho amigo da minha mãe.

A dra. Hidalgo deu um sorrisinho e lançou um olhar para Brackett.

– Universo pequeno, não é mesmo, capitão?

Ele assentiu.

– Fica menor a cada dia. Mas ainda surpreende.

– Espero que nunca pare de surpreender.

A dra. Hidalgo e Newt se despediram, e a menina continuou a conduzir Brackett pelos alojamentos civis. Ele olhou para trás, vendo a cientista dobrar uma esquina e sumir de vista, então voltou-se para a garotinha.

– Você gosta tanto assim da dra. Hidalgo? – perguntou.

Ela olhou para ele com curiosidade.

– Você não gosta?

Brackett resmungou.

– Acho que sim – respondeu, surpreendendo-se.

O dr. Reese e o dr. Mori pareciam ser babacas, arrogantes e imorais, e a dra.

Hidalgo trabalhava com eles todo santo dia. O que quer que tivessem vindo fazer em Aqueronte, ela estava envolvida até o pescoço. Mas, se uma criança fofa como Rebecca Jorden gostava dela, com certeza não podia ser uma pessoa tão ruim.

Quando pararam em frente à porta do alojamento da família dela, a garotinha loura encarou Brackett com seus olhos grandes, sábios demais para a idade, e suspirou, preparando-se para o que quer que estivesse ali atrás.

– Obrigada por ser meu amigo.

Brackett abriu um sorriso genuíno, e tão largo que chegou a doer no rosto arranhado pela tempestade.

– O prazer foi meu. É sempre bom fazer novos amigos.

Newt destrancou a porta e a empurrou. Quando entrou, o capitão ficou esperando no corredor, relutando em se intrometer. Ouviu Anne chamar o nome da filha, o tom carregando aquela mistura de amor, aflição e frustração tão característico dos pais.

– Você sabe que não pode sair por aí sozinha! – ralhou ela.

– Mãe, eu estou sempre por aí sozinha. Mesmo quando você faz o Tim ir junto, ele quase nunca fica comigo. Não vai acontecer nada de ruim. Eu conheço *todo mundo*.

A menina fez uma pausa. No corredor, Brackett quase pôde visualizar a expressão no rosto de Anne. No tempo em que passaram juntos, ele acreditava ter visto cada expressão do rosto dela. Deu um passo à frente, cruzando a soleira, e viu o menino, sentado numa grande poltrona estofada, revirando os olhos diante do alarde que a mãe fazia por causa da irmã.

Tim percebeu a presença do capitão e olhou para o homem.

– Olá – cumprimentou o menino, estendendo a mão.

– Olá, Tim.

– Quem está aí? – perguntou Anne, e Brackett ouviu os passos dela quando atravessou a sala de estar.

Brackett entrou no alojamento, deixando a porta aberta. Fechá-la teria sido presunçoso. Talvez já estivesse ultrapassando os limites só por entrar, mas não pôde evitar.

– Demian... – disse Anne, piscando várias vezes ao parar de repente, a pouca distância dele.

– O capitão Brackett me trouxe de volta – declarou Newt, feliz, pegando a mão da mãe. A menina sorriu com orgulho, como se tivesse trazido para casa um gatinho ferido do qual fosse cuidar até ficar bom. – Prometi que o apresentaria para Bronagh e pegaria um sacolé para ele, mas o capitão disse que a gente pode fazer isso outro dia, porque já deve estar na hora do jantar...

- Já *passou* da hora do jantar – retrucou Anne, sem tirar os olhos de Brackett.
- Na-na-ni-na-não, porque o papai ainda não voltou – respondeu a menina.

A lógica parecia razoável, mas Anne se retesou. Newt pareceu perceber que havia falado demais, e a tristeza tomou seu rosto.

Anne soltou a mão da filha.

- Vá lavar as mãos para jantar, por favor.

A menina hesitou por um segundo antes de agradecer a Brackett, prometer-lhe um sacolé no dia seguinte e se retirar por um corredor curto até onde deveria ser o banheiro.

– Você também, Tim – disse Anne, olhando para o filho. Incomodada, insegura.

O garoto tirou os fones de ouvido pretos e deixou o tablet de lado; depois, levantou-se e seguiu pelo mesmo corredor.

– Oi de novo, Annie – comentou Brackett assim que Tim saiu. Cuidadoso, neutro.

Sem saber direito o que dizer, a mulher abriu a boca, mas só conseguiu emitir um ruído que era meio risada, meio suspiro. Passou a língua pelos lábios e desviou o olhar, balançando a cabeça.

- Era melhor eu não ter vindo? – perguntou Brackett.

- Para o meu alojamento ou para Hadley’s Hope?

– Para nenhum dos dois, acho. Ou ambos. – Ele deu de ombros. – Mas, de todo jeito, aqui estou.

Anne revirou os olhos, um sorrisinho zombeteiro familiar nos lábios.

– Você é irritante, Demian, sempre foi, mas fico feliz que esteja aqui. É uma surpresa maravilhosa. Achei que nunca mais veria você... nem ninguém da Terra.

Ele a observou por um momento, tantas coisas por dizer exigindo ser ditas. Porém, os anos haviam passado, as crianças estavam por perto, e o marido poderia chegar a qualquer instante. Então, tudo o que ele fez foi sorrir.

– Fico feliz por ainda conseguir surpreender você – respondeu, virando-se para sair.

- Espere! – disse Anne, estendendo a mão para pegar o braço dele.

O contato fez os dois congelarem... Olhando para o ponto onde os dedos dela tocaram o antebraço dele. Anne retirou a mão como se tivesse levado um choque, os olhos tristes e inseguros. Então, suspirou e riu.

- Obrigada por trazer a Newt de volta.

- Ela é uma menina maravilhosa.

Anne assentiu.

- É, sim. Mas dá trabalho.

– Que nem a mãe dela.

Uma tristeza terrível o envolveu, e Brackett percebeu que ela viu isso em seu olhar, viu a forma como ele desmoronou.

– Demian – começou Anne, com cuidado –, você sabia...

Ele a silenciou com um gesto.

– Não. Estou bem. Seria mentira se eu dissesse que não sinto mais nada, mas não vim para cá por sua causa, e não tenho nenhuma intenção de interferir na sua vida e na sua felicidade. Eu só...

– Só... – repetiu ela, a voz pouco mais que um sussurro, os olhos cheios de lembranças e dúvidas.

Brackett deu um sorriso enviesado.

– Tenho que ir. Seus filhos são lindos.

Queria dizer a ela que era impossível olhar para Tim e Rebecca e não pensar que, se tivessem feito escolhas diferentes anos antes, poderiam ser os filhos dele. Dele e de Anne. Queria dizer que isso o magoava, porque era muito fácil imaginar a família que poderiam ter tido.

Mas não teria sido justo com ninguém. No treinamento dos recrutas, aprendeu que às vezes não havia caminho seguro, nenhuma decisão da qual pudesse sair ileso. Nesses casos, fora ensinado a trilhar o caminho da honra, mesmo que levasse à dor ou à morte.

– Tenho que transmitir um relatório – anunciou. – Vejo você por aí, Annie. Diga a Newt que estou ansioso para tomar os sacolés.

Brackett saiu sem encará-la, pois não queria saber se havia esperança para os dois. Não queria que ela visse a esperança nos olhos dele.

12

MISTÉRIOS DA NOSTROMO

DATA: 12 DE JUNHO DE 2179

Talvez estejam fazendo isso para me torturar, pensou Ripley. Mas só conseguiram me irritar.

Ela tinha saído do leito hospitalar só para descobrir que havia ficado famosa na Estação Gateway – quase uma celebridade, com seu hipersono absurdamente longo e sua história de sobrevivência. A companhia lhe pediu que não comentasse nada, é claro. Que não conversasse sem autorização sobre nenhuma das experiências com ninguém. Ainda assim, havia sussurros e boatos.

Como sempre.

E agora eles lhe mostravam a face dos mortos.

Só naquele dia ela já os tinha visto uma dezena de vezes, mas ainda os fitava, tentando guardá-los na memória. Parecia a coisa certa a fazer, mas todos eles já tinham morrido havia mais de meio século. Não importava quão recente e intensa fosse sua perda, eles iam desaparecer na história.

Eles e sua filha. Sua vida era feita de luto.

Foda-se.

– Não entendo – disse ela, virando-se para encarar o grupo que havia se reunido para a investigação oficial. – Estamos aqui há três horas e meia. De quantas maneiras diferentes vocês querem que eu conte o que aconteceu?

Van Leuwen – outro representante da companhia, porém muito mais esperto que Burke – estava na outra ponta da mesa comprida. Supervisionava a investigação. Sentadas ao redor da mesa havia outras oito pessoas: federais, integrantes da Comissão de Comércio Interestelar, administradores coloniais, agentes da seguradora... e Burke.

Ele havia tentado orientá-la sobre como abordar o assunto, o que dizer.

Sonso maldito.

– Tente outra perspectiva, por favor – pediu Van Leuwen.

Ele a convidou a sentar-se mais uma vez, e Ripley aquiesceu, frustrada com todo o processo, mas começando a ver que talvez dançar conforme a música fosse a melhor alternativa. Acomodou-se devagar e ouviu o que já tinha ouvido várias vezes antes.

– Agora, você admite de livre e espontânea vontade que detonou os motores de um cargueiro estelar classe M, um equipamento relativamente caro, destruindo-o por completo.

O homem do seguro se pronunciou:

– Quarenta e dois milhões de dólares na moeda atual. – Olhou com sarcasmo para Ripley. – Isso sem falar da carga, é claro.

Eu poderia tirar esse sorrisinho da sua cara, pensou ela, um tanto surpresa pela imagem mental de si mesma partindo para cima dele. Ele não era seu inimigo. Nenhuma dessas pessoas era. O inimigo estava morto, e a coisa mais frustrante era que ninguém naquela sala parecia acreditar nisso.

A lembrança dos amigos assassinados exigia que ela os *forçasse* a acreditar. Inferia-se que alguma coisa suspeita tivesse acontecido, algo que ela tentava acobertar com essa história grotesca, e estava determinada a corrigir a impressão.

– Os registros do computador de bordo da nave salva-vidas corroboram *alguns* elementos da sua declaração – continuou Van Leuwen. – Que, por razões desconhecidas, a *Nostromo* chegou ao LV426, planetoide não investigado na época. Que ela retomou o curso e, subsequentemente, foi programada *por você* para se autodestruir por motivos desconhecidos...

– Desconhecidos, *não*!

Mais uma vez, pensou ela. Quanto mais contava a história, menos eles pareciam acreditar, e mais terrível a verdade era para Ripley.

– Já disse: descemos lá por ordem da companhia para pegar essa coisa que matou minha tripulação. E a sua nave tão cara.

Um burburinho pareceu percorrer as pessoas ali reunidas. Gente da companhia, algumas delas, mas não todas, com certeza. Em essência, ela estava culpando a companhia pelo que tinha acontecido à *Nostromo*, então entendia que *alguns* deles ficassem pouco à vontade com isso. Van Leuwen, a mulher do departamento de biologia e aquele cretino do Burke.

Mas *todos* eles?

– A equipe que examinou a nave salva-vidas não encontrou nenhuma prova física da criatura que você descreveu – argumentou Van Leuwen.

– Perfeito! – respondeu Ripley, voltando a se levantar. Era alta e imponente, e gostou da forma como alguns daqueles caras se encolheram um pouco quando

ela ergueu a voz. – É porque eu a mandei pelos ares na câmara de descompressão.

Suspirou e olhou para o depoimento que assinara, ainda sentindo que faltava alguma coisa. Uma história contada, mas inacabada. Virou-se para a tela e viu Lambert a encará-la, a pobre e apavorada Lambert, que tivera uma morte medonha.

– Existe alguma forma de vida hostil como essa em LV426? – perguntou o homem do seguro, voltando-se para a mulher do departamento de biologia.

Ela tragava avidamente um cigarro e levou alguns segundos para responder:

– Não, é só uma rocha. Não há vida nativa.

Agora era Ash quem olhava para Ripley da tela, zombando dela por estar naquela sala com aqueles idiotas.

– Será que os QIs despencaram enquanto eu dormia? – perguntou ela. – Senhora, eu já disse que não era uma espécie nativa. Era uma espaçonave abandonada, uma nave alienígena, não era daquele planeta. – Encarou a mulher, que tinha uma expressão um tanto sarcástica. – Entendeu? Seguimos o sinal de socorro...

– E encontraram uma coisa nunca antes registrada em mais de trezentos planetas investigados – completou a mulher. – Uma criatura que se desenvolve dentro de um hospedeiro humano vivo, nas suas palavras, e tem ácido concentrado em vez de sangue!

– É isso mesmo! – rosnou Ripley.

Estava furiosa, frustrada, cansada e faminta. Mas também via as expressões nos rostos ao redor da mesa. Algumas pessoas olhavam para ela com gentil condescendência. Outras pareciam horrorizadas – não pelo que Ripley contava, mas porque pensavam estar diante de uma mulher em meio a um colapso nervoso. A maioria parecia constrangida meramente por estar ali.

– Olhem, já estou vendo aonde isso vai chegar, mas volto a afirmar: aquelas coisas existem.

– Obrigado, oficial Ripley, encerramos por aqui – respondeu Van Leuwen.

– Por favor, vocês não estão me ouvindo. Kane, o tripulante que... – Teve um vislumbre de Kane, lacônico e gentil, um cara legal tentando ganhar um salário decente para ajudar a família. – Kane, que entrou naquela nave, disse que havia milhares de ovos lá. Milhares.

– Obrigado, *encerramos* por aqui.

– Não encerramos, não! – gritou Ripley. Não conseguia se comunicar com eles. Será que não *enxergavam*? Será que não *entendiam*? – Porque, se alguma daquelas coisas chegar até aqui, aí, sim, vai ser caso *encerrado*, e isto... – Pegou os papéis, cópias do seu depoimento, formulários de provas. – Estas merdas que

você acham tão importantes... vão ter que dizer adeus a tudo isso!

Silêncio. Alguns deles até a encararam. Sabia que tinha ido longe demais, mas não dava a mínima. Sua filha querida tinha morrido acreditando que a mãe se perdera para sempre. Ripley estava à deriva. E tudo que lhe restava fazer era garantir que ninguém, *ninguém*, precisasse passar pelo que ela passara. Nunca mais.

Van Leuwen suspirou e tampou a caneta. Então, depois de uma pausa mais longa, rompeu o silêncio.

– A conclusão desta comissão investigativa é que a subtenente E. Ripley, matrícula 14472, agiu com discernimento questionável e não está capacitada a manter uma licença da CCI como oficial de voo comercial. Tal licença está, portanto, revogada por período indeterminado. Nenhuma acusação criminal será feita contra você neste momento...

Ele continuou. Papo de oficial, cheio de termos técnicos. Ripley o encarou, querendo muito que acreditassem nela, controlando a raiva e a angústia para evitar uma nova explosão. Mas Van Leuwen estava decidido. Não parecia o tipo de homem que tomava decisões como essa de forma leviana, e seria necessário mais que o olhar de Ripley para fazê-lo mudar de ideia.

Na verdade, ela até concordava com ele, em parte. Não estava capacitada para voar. Tinha pesadelos em duas a cada três noites. Aquela sensação de pavor sombrio e pesado ainda habitava seu âmago. Às vezes, ameaçava cercá-la, cercar todos ao redor.

Mas aquilo não era sobre ela.

Desviou o olhar, respirou fundo. Quando os outros começaram a sair da sala, o sebo Burke foi até ela. Sentiu o cheiro da loção pós-barba antes de vê-lo, e ambos lhe davam nojo.

– Poderia ter sido... melhor – disse ele.

Em vez de responder, ela o dispensou, voltando-se para confrontar Van Leuwen enquanto o agente saía da sala.

– Van Leuwen – chamou, fazendo o que podia para manter a voz sob controle, para conter a loucura. – Por que não verifica a situação de LV426?

– Porque não preciso. Pessoas estão vivendo lá há mais de vinte anos, e nunca reclamaram de nenhuma forma de vida hostil.

Não!

– Como assim? – perguntou ela. – Que pessoas?

– Terraformadores. Engenheiros planetários. Eles chegam e instalam grandes processadores atmosféricos para tornar o ar respirável. Isso leva décadas. É o que chamamos de colônia infalível.

Ela bloqueou a porta com o braço, impedindo a passagem.

– Quantas pessoas vivem lá? – exigiu saber. – Quantos colonos?

– Não sei. – Ele deu de ombros. – Sessenta, talvez setenta famílias. – Olhou para o braço dela. – Pode me dar licença?

Ela o deixou sair. Não tinha escolha. A sensação de pavor crescia, um mistério terrível que ela deveria saber explicar, mas não conseguia.

– Famílias – sussurrou, fechando os olhos e vendo sua querida Amanda naquelas noites em que a garotinha vinha ao seu quarto, com frio e medo do escuro, assombrada por monstros.

DATA: 19 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1612

O dr. Bartholomew Reese era reservado.

Anos antes, a pedido da dra. Hidalgo, a equipe científica havia combinado um jantar semanal, um tipo de período obrigatório de socialização para pessoas que tendiam ao isolamento e à contemplação. O dr. Reese supunha que o ritual de segunda-feira à noite fosse bom, até necessário, de certa forma – pelo menos no caso dele, pois o pesquisador sabia que passar tempo demais sozinho o deixava mais impaciente e irritável do que já era com o resto do mundo, e isso era um problema. Ainda assim, nunca chegava a apreciar o momento e o considerava uma distração.

Felizmente, hoje era quinta-feira – a reunião da segunda ainda estava a dias de distância –, então não precisava suportar a presença dos colegas, nem fingir uma afabilidade que nunca sentira.

Reese estava numa poltrona reclinável em sua antessala, uma taça de Malbec na mesa ao lado e uma edição comemorativa dos duzentos anos de *O homem ilustrado*, de Ray Bradbury, aberta no colo. A maioria das pessoas evitava livros impressos, até zombavam do que viam como autoindulgência da parte do cientista por levar várias caixas de livros para Aqueronte quando fora designado pela companhia para trabalhar ali. Contudo, num universo selvagem e indiferente, Reese sempre sentira que uma taça de vinho e um livro aberto eram a melhor forma de lembrar o que significava ser civilizado.

Um toque delicado ecoou pelo alojamento. Ele franziu a testa e olhou irritado para a porta, imaginando se poderia ignorar a campainha. Mas não... ninguém o interromperia sem uma boa razão. Não tinha amigos de verdade, apenas colegas, e eles não teriam ido até lá sem uma necessidade urgente.

Tomou um gole do vinho, deixou a taça na mesa lateral, pôs um dedo dentro do livro para marcar a página e se levantou da poltrona. Enquanto ia até a porta, a artrite nos joelhos cantarolando um lembrete doloroso, a campainha tocou de novo.

– Um instante! – gritou ele.

Abriu a porta e se deparou com o dr. Mori. Durante todo o tempo em que trabalharam juntos, Reese nunca vira um sorriso tão amplo no rosto do biólogo japonês. O sorriso o transformou, e, por um momento fugaz, Reese teve um vislumbre de como o grisalho Mori devia ter sido quando menino.

– Bartholomew – disse o dr. Mori –, posso entrar?

Reese deu um passo para o lado, e o dr. Mori praticamente se jogou para

dentro da sala. Uniu as mãos na frente do rosto como se para esconder um sorriso bobo. O dr. Reese fechou a porta e se voltou para ele.

– Você parece um adolescente apaixonado – comentou, com um tom de reprovação. – O que quer que...

– *Talvez* seja a resposta para o mistério da *Nostromo* – disse o dr. Mori, baixando as mãos para revelar novamente o sorriso. Balançou a cabeça, dando uma risadinha.

Reese sentiu o coração disparar, mas se conteve. Podia não ser nada. No máximo, otimismo.

– Explique-se – mandou.

O dr. Mori assentiu.

– Al Simpson acaba de receber uma ordem especial, que seguiu em cópia para você e para mim. Nessa ordem, um executivo da Weyland-Yutani chamado Carter Burke mandou coordenadas em grade da superfície de Aqueronte com instruções para que uma equipe de exploradores seja enviada imediatamente para investigar o local. Com esse tipo de urgência, Bartholomew, o que mais poderia ser?

O dr. Reese desviou o olhar e ficou olhando para o chão por um momento antes de soltar uma risadinha. Balançou a cabeça.

– Estamos aqui há anos. Só pode haver uma razão lógica para a urgência. – Estreitou os olhos. – Embora possa não ter nada a ver com a *Nostromo*. Pode ser alguma outra indicação: um conjunto de imagens atmosféricas, revelando uma depressão geológica que sugira a presença de ruínas.

– Então, por que a urgência? – retrucou o dr. Mori. – Por que falar diretamente com Simpson?

O dr. Reese contemplou o raciocínio de Mori e não conseguiu achar nenhuma falha nele. Ainda assim, forçou-se a respirar com calma. Só um tolo se deixaria entusiasmar excessivamente antes de saber o verdadeiro propósito por trás da ordem especial de Carter Burke.

Décadas antes, um cargueiro estelar da Weyland-Yutani chamado *Nostromo* se desviara do curso para responder ao que a tripulação acreditara ser um pedido de socorro do espaço profundo – que só poderia ter vindo de uma nave alienígena – e, em seguida, desaparecera. Havia muito tempo, acreditava-se que o sinal de socorro viera de uma das luas de Calpamos, sendo Aqueronte a candidata mais provável.

A principal tarefa da equipe científica com a colônia de Hadley's Hope fora estudar Aqueronte e a maneira como tinha sido modificada pela terraformação, assim como tentar enriquecer o solo em mutação para viabilizar a agricultura. Pelo menos, isso era o que fora dito aos colonos, fuzileiros e administradores. O

trabalho menos evidente e de maior prioridade era examinar todas as amostras em busca de qualquer indício de vida alienígena – nativa ou visitante, do passado ou do presente – em LV426.

– O que quer que tenha acontecido – disse o dr. Mori –, novas informações devem ter surgido.

Reese concordou, a mente acelerada. Voltou à poltrona, pensando no melhor modo de organizar a relação da equipe científica com Simpson. O homem seguia as instruções da Weyland-Yutani como se fossem do próprio governo. O governo e a companhia haviam fundado Hadley's Hope juntos, mas os cheques de Simpson tinham o logotipo da Weyland-Yutani. Ele sabia para quem, de fato, trabalhava.

Avistando o vinho pelo canto do olho, o dr. Reese deixou o livro de lado e pegou a taça. Girou o Malbec por vários segundos antes de tomar um gole pensativo.

– A chegada do capitão Brackett logo neste momento está longe de ser ideal – comentou, olhando para o dr. Mori. – Acredito que saiba o que seus superiores dirão a ele, mas, a não ser que receba um comando contrário, suas ordens referentes a esta colônia continuarão as mesmas.

O dr. Mori franziu a testa.

– Por que está tão incomodado? – perguntou. – Não são os fuzileiros que devem acompanhar essa expedição, mas um de nós. Eu deveria ir com eles, ou você. Até a dra. Hidalgo...

Reese arqueou a sobrancelha.

– Quer sair para investigar uma presença alienígena desconhecida sem uma escolta militar? Alguém com armas e disposição para usá-las, que morrerá para proteger você?

– Bom, olhando por esse ângulo...

– Não, vamos deixar que Simpson mande uma equipe de garimpeiros. Enquanto isso, vamos reanalisar quaisquer dados dessa área que tenhamos coletado. Se a equipe de pesquisa voltar sem incidentes, talvez um de nós possa ir da próxima vez. Até lá, Brackett terá sido instruído a cooperar, e o risco será notavelmente menor.

O dr. Mori sorriu.

– Gosto do seu raciocínio. Poderíamos brindar a isso se você me oferecesse uma taça desse ótimo vinho tinto.

As sobrancelhas de Reese se ergueram.

– Como sou rude. Perdão, amigo. Chegou uma caixa na nave que pousou hoje, e não pretendo guardá-la a sete chaves.

– É claro que pretende – caçoou o dr. Mori.

– Bom, sim, mas não a ponto de não poder lhe oferecer uma taça – explicou, sorrindo. – Acho que não devemos celebrar tão cedo...

– Claro que não.

– ... mas isso não quer dizer que não possamos brindar por esperança.

Pegou uma segunda taça na pequena cozinha e serviu uma quantidade generosa de vinho para Mori. Entregou a taça e ergueu a própria.

– À *Nostromo* – propôs.

O dr. Mori assentiu e brindou.

– À *Nostromo*.



A dra. Hidalgo estava na porta do escritório do dr. Mori, esperando-o voltar.

A notícia a tirou do jantar, e ali, de pé, encostada à parede, o estômago roncava. Já fora comparada a um pássaro muitas vezes na vida – uma cegonha, um flamingo –, mas as analogias mais acuradas eram em relação ao apetite. Comia pequenas porções, bocadinhos aqui e ali, mas passava o dia inteiro comendo. Naquela noite, estava no salão de jantar com vários assistentes do laboratório, comendo bolinhos de legumes com chili, quando o assistente do dr. Mori veio buscá-la.

Ela extraía a notícia dele na caminhada apressada de volta ao escritório, e agora esperava como uma estudante malcomportada enviada à sala do diretor.

Quando viu o dr. Mori surgindo pelo corredor, preparou-se para o encontro. Admirava Mori pelo seu brilhantismo e pela sua dedicação, mas nunca gostara dele como pessoa. Ao longo de sua carreira, Elena Hidalgo tinha conhecido muitos cientistas cuja companhia apreciara – até mesmo ali, em Hadley's Hope, havia muitos assistentes de laboratório prestativos e gentis –, mas fora má sorte acabar trabalhando sob o comando de Bartholomew Reese e do mordaz e imponderado dr. Mori.

– Preciso falar com você – disse ela quando o colega se aproximou. – Com você e com o dr. Reese.

– Ele se juntará a nós em breve. Há algum problema?

– Acho que sim.

O dr. Mori destrancou a porta do escritório e gesticulou para que ela entrasse primeiro. Seguiu-a e fechou a porta. As luzes se acenderam automaticamente, detectando sua presença.

– Pode elaborar o assunto? – pediu o dr. Mori, virando-se para ela e apoiando-se na mesa. Tudo na postura e no tom de voz declarava que ele a achava um incômodo. – Presumo que seja sobre a mensagem que a companhia mandou esta

noite.

– De Carter Burke – confirmou a dra. Hidalgo. – Quem quer que seja.

– Agora mesmo, o dr. Reese e eu estávamos compartilhando nosso entusiasmo por esse acontecimento, Elena. Você não parece tão empolgada quanto eu teria esperado. Este pode ser precisamente o tipo de achado que esperamos desde nossa chegada a Aqueronte. Não sei quanto a você, mas eu nutria um medo secreto, quase desde o primeiro dia, de que tivéssemos desperdiçado o nosso tempo e os nossos esforços construindo a colônia no lugar errado.

A dra. Hidalgo negou, balançando a cabeça.

– Como pode haver um lugar errado? A colônia não existe apenas como um corpo hospedeiro do qual nos aproveitamos.

O dr. Mori ergueu a sobrancelha, confuso.

– Está nos comparando a parasitas?

– É claro que não – respondeu ela. – Eu amo meu trabalho, só estou... preocupada. Só isso.

– Não há nada com que se preocupar, dra. Hidalgo.

Ela pensou nas crianças que vira antes, brincando no corredor: Newt e sua amiguinha ruiva, Luisa.

– A preocupação não é comigo mesma.

O dr. Mori alisou o queixo, pensativo. O clichê – o cientista velho e sábio em silenciosa contemplação – era tão condescendente que ela teve vontade de gritar. Mas segurou a língua.

– Minha cara amiga – disse ele –, a companhia não escondeu nada de você. De nenhum membro da nossa equipe. Sim, Hadley's Hope teria sido construída quer a companhia tivesse copatrocinado sua construção ou não, mas houve uma razão para a Weyland-Yutani se interessar pela ideia. Ela usou sua influência para escolher locais que favorecessem seus interesses. Isso não é espionagem, Elena. São negócios. E, mais importante, é ciência.

Ela mergulhou as mãos nos bolsos do jaleco, encontrando um pacote de balas de menta num lado e um maço de guardanapos no outro. Coisas tangíveis e insignificantes, mas que, de alguma forma, tornavam suas preocupações mais reais.

– Se encontrarmos vida alienígena... – começou ela.

– Criaturas vivas? – debochou o dr. Mori. – Depois de todos esses anos, com todos os estudos que fizemos em Aqueronte, você sabe que as chances de isso acontecer são minúsculas. Nunca houve o menor sinal de vida.

– A questão é que é *possível*. A maior parte dos contatos com raças alienígenas tem sido benigna, mas houve conflitos brutais, sangrentos. Você sabe disso. Todos os nossos amigos dos Fuzileiros Coloniais devem ter histórias de

amigos que morreram. Então não posso evitar certo receio em fazer contato com uma nova forma de vida numa colônia cheia de pessoas, inclusive crianças, que não têm ideia de que essa possibilidade existe. E se os alienígenas forem agressivos? O que faremos?

O dr. Mori piscou, surpreso, fitando-a como se a pergunta fosse a coisa mais idiota que já tivesse ouvido. Então franziu o cenho, a testa vincada de impaciência.

– Você sabe a resposta para essa pergunta, dra. Hidalgo – declarou secamente.
– Nossa pesquisa é importante demais para ser desperdiçada. É por isso que a equipe científica tem sua própria nave de evacuação, é por isso que todos recebemos um treinamento básico para fazer a tal nave decolar e acionar o sistema de orientação do piloto automático. Você não achou que estivessem nos ensinando tudo isso por diversão, achou? O que quer que aconteça, nossas descobertas devem chegar à Terra.

– Certo, a cápsula de fuga – respondeu ela. – Um veículo do qual nem o administrador colonial tem conhecimento.

O dr. Mori afastou-se dela, estreitando os olhos ao encará-la.

– Não sei aonde pretende chegar com isso – disse ele, cauteloso –, mas devo lembrá-la dos contratos que assinou, especificamente sobre as prioridades que a companhia definiu para nós. Você não foi obrigada a concordar com essas cláusulas. Ninguém pôs uma arma na sua cabeça, Elena. Foi escolha sua. É uma visão pessimista, que, lembre-se, não vai acontecer.

A voz dele ficou um pouco mais suave.

– Este é um planeta morto. Não há nenhuma ameaça aqui, apenas uma história a ser desenterrada, e talvez alguns vestígios alienígenas. Mas, na pior das hipóteses, aquela nave de fuga vai nos tirar daqui: a equipe científica, nossas amostras e nossos dados. Nada mais.

– Mas há crianças...

O dr. Mori a encarou por um longo momento, respirou fundo e expirou devagar.

– Sim, é verdade – disse, afinal. – Crianças cujos pais sabiam que seus dias e noites seriam repletos de perigo desde o instante em que partiram para se unir à colônia. Assim como você. Se eu fosse você, pararia de me preocupar com a pior das hipóteses e começaria a me concentrar na tarefa que temos nas mãos, na oportunidade maravilhosa que recebemos.

Ele foi até a mesa e puxou a cadeira, sentando-se nela.

– Quer um conselho? – continuou. – Quando nos reunirmos com Reese, não toque nesse assunto. Se ele achar que você não está comprometida com o que estamos fazendo aqui, vai retirá-la completamente da pesquisa. E aí, se

encontramos alguma coisa, todo o tempo que você passou nesta rocha miserável, com homens que detesta, terá sido em vão.

A dra. Hidalgo o encarou. Sabia que deveria oferecer algum tipo de argumento, ao menos dizer a ele que não o detestava, mas nunca fora uma boa mentirosa.

Mori ligou o tablet e começou a digitar num teclado, talvez tomando notas ou consultando arquivos. Após vários segundos, ela se virou e foi embora, sem se incomodar em fechar a porta.

Em todos esses anos, a dra. Hidalgo nunca estivera tão empolgada.

Nem tão temerosa.

UM PASSEIO EM FAMÍLIA

DATA: 19 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1857

Anne e Newt estavam jogadas no tapete jogando Kubix, um quebra-cabeça pelo qual haviam se apaixonado no ano anterior. As peças eram coloridas e tocavam notas musicais ao serem encaixadas, mas Anne gostava mais do jogo por causa do elemento matemático que havia em configurá-las.

A menina mal notava que estava aprendendo alguma coisa, só apreciava a competição. No começo, raramente vencida uma partida, mas nas últimas semanas ela havia melhorado tanto que derrotava a mãe com frequência, o que dava grande prazer à garotinha.

Tim fora à sala de recreação se encontrar com o amigo Aaron, um menino corpulento de cabelo preto encaracolado e uma atitude ressentida. Anne teria preferido que o filho fizesse outras amizades, mas não havia muitas crianças da idade dele em Hadley's Hope, então resignava-se, esperando que Tim tivesse uma influência positiva sobre Aaron, e não o oposto.

Rebecca colocou uma peça triangular com o desenho de um sorriso cor-de-rosa no projeto que estava montando, e uma bonita melodia começou a tocar, emanando das próprias peças.

– Eba! – disse ela, feliz, batendo palmas. – Te peguei!

Anne riu.

– Pegou mesmo.

O som da tranca da porta fez as duas olharem para lá, e Anne se retesou. Uma semana havia se passado desde a noite em que a grande briga aconteceu, mas a tensão acabou ecoando em cada interação que tivera com o marido desde então. Ainda conseguia ouvir as palavras raivosas dos dois. Respirou fundo, mas não se levantou para cumprimentá-lo quando a porta se abriu.

– O papai chegou! – anunciou Russ, praticamente correndo para dentro com

um sorriso. Bateu palmas ao vê-las. – Opa, olha só as minhas meninas. Newt, espero que você esteja ganhando de lavada da mamãe, como sempre!

A menina assentiu, as sobrancelhas erguidas.

– É claro.

Anne percebeu que a filha tinha ficado tão tensa quanto ela, e sentiu o próprio alívio refletido na filha.

– Você está de bom humor – comentou Anne com um sorriso hesitante.

Russ fechou a porta e se ajoelhou ao lado dela. Pegou suas mãos e olhou-a nos olhos. Isso a fez se lembrar do olhar do marido no dia em que a pedira em casamento.

– Você vai ficar de bom humor também – declarou ele.

Anne riu baixinho.

– Ok, quantos copos você e Parvati beberam?

– Três. Não, quatro. Isso incluindo os *shots*. Mas não é o álcool que está afetando meu humor, querida. É a promessa de dinheiro. Simpson foi me procurar no bar. Amanhã cedo você e eu vamos sair!

Newt soltou um gritinho feliz e começou a bater palmas, contagiada pelo entusiasmo do pai. Anne também se animou.

– Aonde nós vamos?

Russ estalou os dedos e apontou para ela.

– Essa, meu amor, é a grande pergunta e a melhor parte. Não é para falarmos sobre isso, mas ele recebeu instruções para mandar uma equipe de exploradores a coordenadas muito específicas.

– Coordenadas específicas – repetiu Anne, um tremor agradável a percorreu. – Então não é um lugar aleatório. Dessa vez nós vamos mesmo...

– *Procurar* uma coisa – interrompeu Russ, assentindo rapidamente. Levantou-se de um salto e começou a andar para lá e para cá, os pensamentos já na manhã seguinte. – Não vão nos dizer o que devemos procurar, é claro, mas a companhia deve esperar que a gente encontre alguma coisa lá.

– Ruínas nativas! – gritou Anne. – Tem que ser!

– Ou algum tipo de assentamento antigo – sugeriu outra voz.

Anne ergueu o olhar e encontrou Tim parado à entrada do corredor, sorrindo, feliz. O menino não tinha sorrido o dia todo, e a alegria da mãe cresceu só de ver isso.

– Exatamente. – Russ estalou os dedos mais uma vez e apontou para Tim. – Um assentamento *não humano*.

– É como se fosse um presente – comentou Anne, mas, então, uma ideia sombria lhe ocorreu. – Se encontrarmos alguma coisa. Não vamos comemorar antes da hora, Russ. Pode ser que a gente vá até lá e não encontre nada.

– Pode ser, pode ser – concordou Russ.

Mas ela pôde ver o brilho em seu olhar – um lampejo que conhecia tão bem – repleto de esperança e planos para o futuro, e soube que, mentalmente, ele já começara a gastar o dinheiro.

– Eu quero ir também! – pediu Newt, levantando-se, a expressão adoravelmente determinada.

– Rebecca e eu queremos ir, nós *dois* – confirmou Tim.

– De jeito nenhum – respondeu Anne, ficando de pé.

– Mas vocês *sempre* deixam a gente ir – argumentou a menina, cruzando os braços. Voltou-se para o pai. – Pai, fala pra ela.

– Bom – respondeu Russ –, *nem sempre* deixamos vocês irem, querida. Só quando a expedição não dura mais que um dia.

Anne olhou para o marido, desconfiada.

– Russ...

Ele sorriu.

– Deixa disso, Anne, eles estão empolgados. Vamos fazer o seguinte: se acordarmos amanhã e as coordenadas que Simpson der forem longe demais ou se o tempo estiver feio...

– O tempo está sempre feio. – Qualquer vestígio de alegria se esvaiu quando ela pensou nos irmãos Finch. – Depois do que aconteceu com Otto e Curtis, não acho que seja uma boa ideia.

– Mãe, a gente vai ficar bem – garantiu Tim. – Deixa, vai?

– A tempestade já passou – argumentou Russ. – Vi a previsão do tempo para amanhã, e não há sinal de nada próximo daquele nível de perturbação.

– Isso pode mudar num instante – afirmou ela.

– Vamos monitorar.

– O dia mais calmo na atmosfera de Aqueronte ainda é perigoso. O vento e a poeira...

– A gente já saiu com vocês *várias* vezes – insistiu Newt.

– Não comece a choramingar – ralhou a mãe.

– Não estou choramingando!

Russ inclinou a cabeça.

– Amor?

Newt e Tim olharam para ela, cheios de expectativa. Anne sabia que deveria dizer não, mas os argumentos tinham seu mérito. A tempestade que levava os irmãos à morte fora uma anomalia, e a atmosfera voltara ao nível costumeiro de violência – que todos haviam enfrentado muitas vezes. Até as crianças. E, se ela e Russ não aceitassem esse trabalho, ele seria entregue a Cale ou a outro garimpeiro, e, se eles encontrassem alguma coisa realmente valiosa, ela

lamentaria aquela decisão para sempre.

Ainda assim, não gostava da ideia de passar os próximos dias dentro de uma lagarta com o marido. O fantasma da briga de uma semana atrás e o ciúme que ele sentia da presença de Demian em Aqueronte os assombrariam. Isso não a animava nem um pouco. Depois que a euforia passasse, a conversa certamente seguiria para lugares aonde ela não queria ir...

A não ser que as crianças fossem com eles.

– Tudo bem – respondeu, por fim. – Se a previsão do tempo não mostrar nenhuma perturbação atmosférica, não só amanhã, mas nos próximos dias, aí as crianças podem vir.

– Eba! – Tim deu um soco no ar, triunfante.

Newt saiu correndo e abraçou a cintura de Anne, assentindo em precoce aprovação.

Do outro lado da sala, Russ sorriu para ela. Foi um sorriso lento e doce, com um olhar que sugeria que talvez ele tivesse acabado de lembrar o casal excelente que formavam e a família sensacional que tinham.

Naquele momento, a ansiedade passou, e Anne sentiu-se inundada por uma satisfação maravilhosa – uma certeza de que tinham acabado de superar um obstáculo invisível. De repente, mal podia esperar pelo dia seguinte.

A manhã prometia um novo começo.

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 0812

Al Simpson gostava das manhãs no centro de comando, embora “manhã” fosse um conceito ilusório em Aqueronte. O redemoinho constante de cinzas vulcânicas e pedaços do solo na atmosfera bloqueava qualquer raio solar direto, mas, num dia relativamente calmo, a manhã tinha uma luz agradável, crepuscular.

A colônia estava agitada, as pessoas trabalhavam com afinco. Através da janela – o escudo contra tempestades retraído –, ele podia ver as lagartas de seis rodas em movimento, emergindo das garagens subterrâneas e atravessando a extensão da colônia em expansão. Simpson pensava em todos eles como aranhas, trabalhando juntas para construir uma única teia.

Já fora acusado, muitas vezes, de ser um grosseirão, e havia um fundo de verdade nisso. Mas quem trabalhasse com ele por bastante tempo percebia logo que, se o pegasse de manhã, num dia com clima decente, com uma xícara de café na mão, talvez não gritasse com nenhum funcionário.

Deu as costas à janela e tomou um gole. Depois de anos em Aqueronte, a merda que chamavam de café ali finalmente começou a parecer gostosa para ele. Viu os técnicos em seus consoles, apressados, inserindo dados nos computadores, e a sensação foi boa, especialmente ao lembrar que, ao contrário das outras pessoas em Hadley’s Hope, para ele isso era só um emprego. Os colonos tinham se comprometido a ficar em Aqueronte praticamente a vida toda, mas, num aspecto, Simpson era como os fuzileiros – poderia pedir transferência quando quisesse.

Seu olhar vagou propositalmente até Mina Osterman, a funcionária mais recente. Chegara dois meses antes para substituir o arquiteto de edificações, Borstein, que fora trabalhar numa nova colônia que a Weyland-Yutani estava desenvolvendo em outro setor. Mina tinha cabelo avermelhado e olhos negros, e uma atitude descontraída que deixava as pessoas muito à vontade perto dela.

Na segunda-feira anterior, Simpson tinha ficado um pouco à vontade demais com Mina e seu sorriso caloroso e seus olhos escuros, e sugerira certas atividades noturnas que não tinham nada a ver com arquitetura. Ela pareceu sentir o olhar dele em sua direção e ergueu o rosto, curiosa. A testa se franziu, e ela revirou os olhos antes de voltar a atenção aos documentos que tinha diante de si.

Simpson tomou outro gole de café, mas agora o sabor estava mais amargo. Sabia que tinha passado dos limites com Mina, e isso o fazia se sentir um idiota.

Ele se voltou para a mesa de operações e viu seu gerente-assistente, Brad Lydecker, vindo em sua direção.

– Lembra quando mandou uns garimpeiros para o platô, depois da cordilheira de Ilium?

Simpson fez uma careta. Os Jorden.

E a manhã estava indo tão bem...

– Lembro. O que foi? – perguntou com aspereza.

– Bom, o cara da equipe de pesquisa está na linha – explicou Lydecker. – Diz que está chegando às coordenadas e quer confirmar se o crédito pela descoberta vai ser honrado.

Simpson resmungou, amaldiçoando-se por ter mandado Jorden para lá. O cara estava em Aqueronte havia tanto tempo quanto o administrador, e ainda precisava conferir as regras? De todo jeito, Russ não fora escolhido pela inteligência.

Lydecker, por outro lado, não precisava saber que isso era algo além de uma expedição rotineira de garimpo.

– Jesus Cristo – disse Simpson, fazendo drama. – Algum mandachuva num escritório chique manda olhar umas coordenadas no meio de lugar nenhum, a gente vai e olha. Eles não dizem por quê, e eu não pergunto. De todo jeito, levaria duas semanas para a resposta chegar aqui.

– Então, o que digo para o cara?

Simpson olhou o café, mas a bebida perdera completamente a magia.

– Diga que, no que me diz respeito, o que ele encontrar é dele.

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1109

Russ Jorden sentia-se vivo. Segurou o volante da lagarta e o coração bateu depressa quando afundou o pé no acelerador.

O veículo roncou por cima da pista de rocha sulcada, desceu uma ladeira e percorreu a crista de um depósito alto de cinza vulcânica. Com a poeira rodopiando ao redor deles, a sensação era de que singravam as ondas de um mar morto e cinzento, com a terra prometida logo à frente.

Na traseira da lagarta, Newt e Tim se empurravam e implicavam um com o outro, como os irmãos faziam em viagens desde o início das eras. As crianças se amavam e brincavam juntas todo dia, mas também se atacavam como cachorrinhos zangados. Às vezes, Russ perdia a paciência com eles, mas hoje, não.

– Olha só para isso, Anne – disse ele, indicando o painel.

À luz verde do magnetoscópio, ela adquiria uma beleza etérea, um anjo fantasmagórico e selvagem. A lembrança da briga na semana anterior lhe deu um golpe de tristeza, mas ele se desvencilhou. Agora, estavam juntos – juntos de verdade –, eram parceiros, exatamente como deveriam ser.

– Estou olhando – respondeu Anne, observando o magnetoscópio, que tiniu de novo. O tom dos tinidos se alterava ligeiramente conforme a proximidade do objeto que buscavam e o ângulo da aproximação. Nesse instante, o som foi alto e claro como um sino. – Seis graus a oeste – informou ela.

– Seis a oeste – ecoou Russ, girando o volante para compensar. O instrumento continuou a tinir, e ele olhou para ela outra vez, radiante.

– Olha que delícia esse perfil magnético! – gritou alegremente. – E é meu, meu, meu!

– Metade é minha, querido – lembrou Anne com um sorriso indulgente.

O entusiasmo do marido sempre a divertia; ele a tinha conquistado assim.

– E metade é minha! – gritou Newt lá atrás.

– Tenho sócios demais – brincou Russ, embora, no momento em que as palavras saíram da boca, tivesse percebido que aquilo não era nenhuma piada. A Weyland-Yutani ficaria com parte do que quer que o instrumento tivesse captado.

Não seja ganancioso, pensou ele. Esta ainda é a descoberta pela qual você tanto esperou.

O que quer que o magnetoscópio tivesse identificado, com certeza não era nenhum tipo de rocha natural ou formação mineral. O tinido estava forte demais,

regular demais, e ele conhecia o terreno ali bem o bastante para saber que tinham encontrado uma imensa anomalia. Não, o que quer que fosse, tinha sido construído por alguém... ou alguma coisa. Agora, ele só queria ver. É claro que seria ótimo receber o pagamento, mas não podia deixar de pensar no que significaria se encontrasse as ruínas de uma raça desconhecida. Seu nome – e o de Anne – ficariam registrados nos livros de história, ao lado de Burkhardt e Koizumi e os outros.

Newt espichou a cabeça entre os bancos da frente.

– Pai, quando vamos voltar para a cidade?

Russ sorriu.

– Quando ficarmos ricos, Newt.

– Você sempre diz isso – queixou-se ela. – Quero voltar. Quero brincar de Labirinto do Monstro.

O rosto de Tim apareceu ao lado dela, empurrando-a de leve.

– Você trapaceia demais.

– Não trapaceio, não! Só sou a melhor!

– Trapaceia, sim! Você entra em lugares onde a gente não cabe.

– E daí? É por isso que eu sou a melhor!

Frustrada, Anne se virou para eles.

– Chega disso, os dois. Se eu pegar *qualquer um* de vocês brincando nos dutos de ventilação de novo, o couro vai comer.

– Mas, *mãe* – choramingou a menina –, todas as crianças brincam lá.

Russ teria defendido os filhos, lembrando Anne que, se também fossem crianças presas em Hadley's Hope, certamente passariam dias inteiros explorando o sistema de dutos de ventilação que cruzava toda a instalação. Mas, no momento, perdera a habilidade de criar frases – ou qualquer coisa semelhante a um pensamento coerente.

Só o que conseguiu fazer foi tirar o pé do acelerador da lagarta e inclinar-se para a frente, olhando através do para-brisa para a forma imensa que assomava adiante, em meio ao véu de cinzas.

– Puta merda – disse Russ, reverente.

À primeira vista, o objeto gigantesco que se erguia do chão pareceu quase orgânico, como se fossem os restos colossais e curvilíneos de uma fera alienígena. Quando o veículo se aproximou devagar, ele viu que a silhueta tinha, de fato, alguma influência orgânica no projeto. E não restava dúvida de que *fora* projetada.

Mas não por humanos.

– Ah, meu Deus – sussurrou Anne.

Russ sentiu o coração martelar quando parou o carro. Nunca vira nada

parecido com aquele objeto em forma de ferradura, nem com a sua construção estranha, biomecanoide, mas certamente era uma nave. Uma nave espacial. A julgar pelo modo como o terreno rochoso fora arrebatado, deixando pilhas de destroços ao redor, tinha certeza de que a nave havia caído ali, levantando pedras e cinzas ao impactar no chão.

– Gente – disse Russ –, desta vez tiramos a sorte grande.

As crianças saíram do caminho enquanto Anne colocava o casaco pesado, o capacete e os óculos contra o vento. Russ desligou o motor e a imitou, os quatro conversando animadamente. Puseram cintos equipados com verificadores de amostras, lanternas e comunicadores de curto alcance que lhes permitiriam conversar sem ter que gritar.

Avaliando o peso das câmeras e testando os equipamentos, ele e a esposa desceram do veículo para a superfície. Uma rajada intensa de vento os agrediu, e Russ se colocou na frente de Anne, protegendo-a da maior parte do impacto. O vento o lembrou de Otto e Curtis, e prometeu em silêncio tomar mais cuidado do que já tomava, e ficar atento a qualquer sinal no céu que pudesse indicar uma piora no clima.

A respiração dos dois condensou no ar. A temperatura tinha caído.

– Fiquem aí dentro, crianças! – gritou Anne para os filhos. – Estou falando sério! Voltamos já.

Ligando a lanterna do capacete, Russ avançou em direção ao objeto abandonado, caminhando com dificuldade em meio à poeira, depois subindo numa saliência rochosa que brotava das cinzas. Anne o alcançou enquanto observava o formato e a estranha textura da nave.

– Não devíamos avisar que encontramos? – perguntou ela.

– Vamos esperar até sabermos o que é – sugeriu Russ.

Anne soltou um resmungo.

– Que tal “coisa grande e esquisita”?

Era uma piada, mas o tom de voz não indicava isso. Ela parecia estar com medo, e Russ não podia culpá-la. A verdade era que ele mesmo estava mais que só um pouco amedrontado, mas não ia admitir. Pelo aspecto da “coisa grande e esquisita”, ela estava ali havia anos – talvez séculos. O que quer que já tivesse sido, agora era pouco mais que uma casa decrepita e assombrada, silenciosa e remota.

Anne foi na frente, descendo a pedra protuberante, passando por correntes de cinzas e subindo uma cascata de pedra ao lado do casco. Russ passou a mão enluvada pela superfície, a textura áspera e estriada quando a percorreu numa direção, mas lisa quando passou a palma no sentido contrário. Começaram a contornar a nave, mas depois de poucos minutos Anne estacou na frente dele.

– O que é? – perguntou Russ, aparecendo ao lado dela.

Então, viu o que a fizera parar. Havia um talho enorme e retorcido no casco de metal, e dentro dele a escuridão assomava. Era quase uma coisa viva.

– O que é? – Anne olhou para Russ, e ele pôde ver o sorriso entusiasmado através da máscara dela. – Eu diria que é uma entrada.

Apontou a lanterna pendurada ao cinto e a ligou. Russ fez o mesmo.

14

ABANDONO E DEVER

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1121

O sargento Marvin Draper e seus amiguinhos tinham passado a primeira semana de Brackett em Aqueronte testando a paciência do novo comandante. Sussurravam uns com os outros na presença do capitão, chegavam atrasados para o serviço, discutiam uns com os outros e com o resto dos fuzileiros. Isso o fez desejar que eles tivessem continuado confinados – em seus alojamentos, mas não podia deixá-los trancafiados para sempre, por mais tentadora que fosse a ideia.

A última tolice que o grupo havia cometido, menos de doze horas antes, fora ficar bêbado e entrar no curral do gado para que o cabo Pettigrew pudesse demonstrar seu passatempo de infância, o “cutuca-vaca”, que consistia em derrubar as vacas para dar umas risadas.

Esse era um comportamento que Brackett teria esperado de moleques, não de Fuzileiros Coloniais.

Já estava farto.

– Vocês têm que tomar uma decisão – disse ele aos quatro fuzileiros enfileirados no escritório. – Ou entram na linha ou vão passar o resto do seu tempo em Aqueronte trancados nos alojamentos, até eu conseguir transferi-los para algum lugar ainda mais remoto que este fim de mundo.

Draper ergueu o queixo com a barba por fazer.

– Senhor, por acaso *existe* algum lugar mais remoto?

Nguyen e Pettigrew continuaram com a expressão neutra, mas Stamovich sorriu, debochado. Até onde sabia, Draper era o líder da gangue em Hadley’s Hope, e o cabo tinha toda a confiança do universo de que continuaria assim. A soldada Yousseff, por outro lado, fechou os olhos e comprimiu os lábios, furiosa ou enojada com Draper e Stamovich, ou as duas coisas.

Brackett queria dar uns tapas em Stamovich, mas sabia que o único jeito de

lidar com um puxa-saco como ele era chutar o saco que ele gostava tanto de puxar. Assim, concentrou-se em Draper, aproximando-se dele.

– Qual é o meu nome, sargento? – bradou ele.

– Brackett, senhor! – bradou Draper em resposta, arrogante como sempre.

– Tente de novo!

– Capitão Brackett, senhor!

Pettigrew, Nguyen e Yousseff se remexeram, nervosos. Stamovich espiava a conversa pelo canto do olho, ainda meio sorridente, com a certeza de que seu ídolo babaca ganharia o dia.

– Olhe bem para a minha cara, sargento! – rosnou Brackett.

Draper fez cara de deboche ao obedecer, revelando sua verdadeira natureza.

– Sou seu comandante – explicou Brackett, agora em voz baixa, olhos nos olhos, encarando-o com tanta firmeza que disse a si mesmo que seu olhar estava queimando os miolos de Draper. – Se eu mandar você lambar o chão até ficar limpo, é isso que você vai fazer. Se eu quiser que você plante bananeira num canto por um mês, é isso que vai fazer. Se eu disser que você está confinado ao seu alojamento, com zero contato humano, então vai ficar sozinho no seu alojamento até arrancar os olhos de tanto tédio.

Stamovich piscou e se remexeu.

Draper, porém, ainda parecia confiante demais. Brackett sabia que fora tolo em dar ao sujeito uma chance de revidar, e agora a tomaria de volta.

– Acha que vai pedir transferência daqui se não gostar do seu novo comandante e vai ficar só nisso? – continuou, olhando para todos, um de cada vez, antes de voltar a Draper. Inclinou-se para a frente, chegou ainda mais perto, invadindo fisicamente o espaço de Draper a ponto de o fuzileiro ser forçado a dar um passo para trás. – Se quiser sair daqui, *eu* tenho que assinar a transferência. Sou eu quem tem que *deixar* você sair. Então, não sou só seu capitão ou comandante, Marvin. Sou seu carcereiro. Sou o diretor do presídio. Sou a porra da sua divindade particular. Posso ser um deus benevolente ou posso ser o diabo que você preferia não ter conhecido.

A vermelhidão no rosto de Draper agradou Brackett, mas não tanto quanto a insegurança que surgiu nos olhos do homem.

– Agora você entende, não é, Marvin? – continuou Brackett. – Você e seus amigos. No momento em que cheguei aqui vocês tiraram certas conclusões, e a mais idiota foi que um capitão jovem sem nenhuma cicatriz de batalha visível poderia ser um bundão. Vocês acharam que podiam continuar fazendo qualquer...

– Capitão? – chamou Yousseff, a voz baixa, mas firme.

Brackett se aproximou.

– Tem alguma coisa a dizer, soldada? Não vê que estou destruindo seu amiguinho aqui?

– Sim, senhor – respondeu Yousseff, olhando para a frente, ainda em posição de sentido. – E já era hora, senhor. Mas deve saber que aqui, tão longe de casa, a companhia é quem controla tudo. Tem muito mais poder que o governo. É assim desde sempre. Nós...

– Talvez nenhum de vocês esteja ouvindo – disse Brackett, abrindo e fechando os punhos. – Então vou deixar o mais claro possível. Sou fuzileiro. Não trabalho para a Weyland-Yutani, e vocês também não. Se vier uma ordem de cima para eu restabelecer as escoltas militares dessas missões de pesquisa, que seja. Até lá, vamos seguir as regras, e a equipe científica da colônia vai ter que se virar sem nós!

– Já fizeram isso, senhor – declarou Pettigrew.

Brackett franziu a testa.

– Fizeram o quê?

– Se viraram sem nós. Um dos garimpeiros me disse que a ordem veio da companhia, uma coisa específica, diferente do normal – respondeu Pettigrew, queixo erguido de forma disciplinada. – A família inteira saiu ontem de manhã numa lagarta.

Um temor gélido serpenteou pela coluna de Brackett.

– Que família?

O soldado deu de ombros.

– Algum de vocês sabe? – perguntou o capitão, esquadrinhando os rostos.

Stamovich olhou para Pettigrew.

– Foi o Russ, não foi? – perguntou o cabo. – O cara de barba desgrenhada com a esposa bonitinha?

Yousseff franziu a testa.

– E eles levaram os *filhos*?

Brackett a olhou por um segundo, querendo dizer alguma coisa, mas as palavras não vinham. Tinha negado isso a si mesmo, fingido que era um homem pragmático demais para nutrir quaisquer ilusões românticas, mas agora a verdade surgia nua e crua dentro dele. Não tinha vindo a Aqueronte para roubar a esposa de outro homem, mas não teria esperado em segredo que Anne percebesse o próprio erro e finalmente o escolhesse? Que os dois voltassem ao caminho que antes compartilharam?

Tolo maldito que era, a resposta era sim. Ainda a amava.

Sua decisão – de não deixar que os fuzileiros escoltassem as equipes de pesquisa – ainda parecia correta. Mas não gostava de pensar em Anne e na sua família lá fora, sozinhos. Ainda visualizava a pequena Newt, a boca pintada de

sacolé sabor cereja. Se alguma coisa acontecesse a ela porque ele seguira as regras, não seria capaz de se perdoar.

E como não tinha percebido isso? Tinha lhe ocorrido que não vira Anne, nem esbarrara em Rebecca ou Tim nos corredores, não nos últimos dias. Mas andara tão concentrado em colocar o pelotão na linha...

Só mais uma razão para ficar furioso com Draper.

Preocupava-se não só por terem sido mandados sozinhos à expedição, mas por causa das circunstâncias. Se havia chegado uma ordem específica, não era uma missão de rotina.

– A ordem da companhia – disse Brackett, voltando-se novamente para Pettigrew. – O que dizia, exatamente?

– Não tenho ideia, capitão. Sinto muito.

Todos os cinco fuzileiros o olhavam agora, sem dúvida querendo saber por que parecia tão perturbado pela notícia. Brackett não ligava. Seus receios pessoais eram assunto particular.

– Draper.

– Sim, capitão?

– Por algum motivo, seus amigos o admiram. – Brackett olhou de novo nos olhos dele, deixando claro que não havia margem para discussão. – Isso quer dizer que não vou responsabilizar você apenas por suas ações, mas pelas deles também. Você criou sua própria tribo aqui, mas não é parte de tribo nenhuma. É um fuzileiro colonial. Se vai começar a se comportar como um ou não, a decisão é sua.

Brackett observou todos eles mais uma vez.

– Dispensados.

Os cinco foram embora. Ele contou dez segundos depois que o último se retirou e saiu da sala à procura de Al Simpson.

Precisava de respostas.

E não conseguia tirá-la da cabeça.

Anne.

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1122

Quando Anne Jorden tinha nove anos, na Terra, seu irmão Rick a persuadira a nadar com ele numa lagoa no bosque moribundo do fim da rua. O lugar tinha uma camada de folhas pútridas na superfície espumosa, manchada de um verde doentio e nada natural. Mosquitos voavam por ali, mas nunca pousavam por muito tempo.

A não ser por uma enguia ocasional, não viram nada vivo dentro d'água, certamente nenhum peixe. Mas, naquele tempo, Anne se esforçava para acompanhar Rick, lutava para que ele a visse como sua igual, embora o menino fosse três anos mais velho. Ela sabia dar um soco, escalar uma árvore e consertar um carro, se o problema não fosse complicado demais. Quando era desafiada pelo irmão mais velho a fazer alguma coisa, ela certamente o acompanharia... desde que ele fosse na frente.

Anne não precisava mais que o irmão fosse na frente, mas, ao atravessar o talho no casco da nave, sentiu um arrepio percorrê-la e lembrou-se daquele dia na lagoa com absoluta clareza. Tinha entrado na água só de calcinha, o lodo e a imundície entrando entre os dedos dos pés e grudando na sola. Sentiu a água da lagoa escorrer na pele numa carícia oleosa e viscosa. Na hora em que a água chegou à altura da cintura, sentia-se mais suja do que jamais estivera.

O interior da nave a lembrou daquela lagoa. O ar deveria estar empoeirado e seco, e o chão perto do talho estava coberto de cinzas, mas mesmo com o casaco pesado ela pôde sentir um tipo de umidade fria e pegajosa no ar.

– Está sentindo isso? – perguntou Russ, aproximando-se por trás dela.

Anne olhou para os dois lados do corredor alto e largo. O piso e as paredes eram feitos de alguma liga alienígena, tubos percorrendo como veias o teto e as paredes internas.

Ela desligou a lanterna do capacete para preservar a bateria, pegou a lanterna que estava pendurada no cinto e a acendeu. Russ fez o mesmo. Algum fluido havia escorrido e secado em vários pontos da parede. Ela estendeu os dedos para tocar a mancha, mas hesitou e recolheu a mão.

– É. Estou sentindo. – Olhou para a direita, fitando o túnel.

Aquela direção os levaria à ponta da nave com design de ferradura – a ponta mais próxima do carro –, o que sugeria que os achados mais relevantes estariam à esquerda, no ventre da nave.

Anne olhou para Russ.

– É melhor sairmos daqui – propôs –, avisar a administração e levar as

crianças de volta à colônia.

Russ a encarou por trás dos óculos protetores. Havia uma névoa de condensação no interior. Mesmo assim, ela viu a relutância em seu olhar.

– Se voltarmos, nunca vamos saber o que eles vão achar aqui – disse ele. – Amor, até a nossa parte do que encontrarmos aqui ajeitaria nossa vida para sempre. Entende isso? Mas, se quisermos nos proteger, impedir que a companhia ferre com a gente, nós *temos* que saber o que encontramos.

O coração de Anne palpitou, mas não de medo.

– Essa é a única razão pela qual você quer continuar?

Russ sorriu.

– Lógico que não. Foi para isso que viemos aqui... para fazer algo exatamente assim! Você quer que o Mori ou o Reese ou algum babaca da companhia seja o primeiro a ver o que quer que esteja aqui?

Nervosa, receosa, porém mais empolgada do que nunca, ela umedeceu os lábios.

– Lógico que não – repetiu. – Mas vamos ficar só mais meia hora, nada mais. Não quero as crianças esperando lá fora tanto tempo. Não vou fazer isso com elas.

Os olhos do marido brilharam.

– Fechado – respondeu ele.

Foi por isso, pensou ela, que me casei com esse homem.

Ergueu a lanterna e virou-se para a esquerda, seguindo na frente. O sentimento da lagoa suja não desapareceu. Na verdade, cresceu à medida que penetravam a nave abandonada. Anne sentia a pele úmida e, embora o ar estivesse frio, sentia-se aquecida de um modo um tanto febril. Teria pensado que estava ficando doente, não fosse o fato de Russ sentir o mesmo.

Ela tentou se localizar, visualizando mentalmente a maneira como a nave jazia, inclinada para trás. Parecia oca e morta, vazia de um modo que a fazia pensar numa igreja abandonada em que uma vez entrara, ainda menina. O pequeno cemitério no terreno fora transportado para outro lugar, os corpos desenterrados e levados. O tabernáculo fora retirado, assim como muitas das peças mais elaboradas dos vitrais.

O lugar parecia assombrado, não por fantasmas, mas pela ausência de vida... a memória arquitetônica das vozes unidas numa canção ou prece, os ecos dos passos no piso de pedra, o estalo dos genuflexórios de madeira, e a esperança e a entrega que sempre vinham com a adoração.

Nunca mais havia sentido esse vazio, até aquele dia.

Ali, era muito pior. A sensação do desconhecido, o sopro das eras de uma cultura alienígena deslizou ao seu redor, e ela estremeceu com um temor que não

entendia.

– Isso é...

– Extraordinário – disse Russ.

– Agourento – corrigiu Anne. – Sinto nos ossos, é como se estivesse nos dando as boas-vindas e querendo nos expulsar, tudo ao mesmo tempo.

– É coisa da sua cabeça. Você está imaginando coisas. Não dá nem para começar a ter noção do que foram as criaturas que construíram isso. Mas devem ter sido enormes, muito maiores que qualquer ser humano. Então sua intuição diz que somos invasores.

– Nós *somos* invasores, Russell.

Pôde ouvi-lo rir de leve atrás dela.

– Não estou vendo ninguém acionar um alarme.

Anne abriu um sorriso, mas só durou um instante. Os batimentos continuavam acelerados, a adrenalina tomando conta de seu corpo.

– À sua direita – disse Russ, com a voz tensa. – Uma sombra. O que é?

Ela se virou e viu a fenda sombreada na parede. Prendendo a respiração, aproximou-se, e à luz da lanterna pôde distinguir uma abertura muito mais larga do que havia imaginado. Do chão ao teto, fazia uma curva na parede, uma faixa larga de sombra. Passando a cabeça pela fenda, congelou.

– Cuidado – avisou Russ.

– Desce em espiral – informou ela.

– Talvez seja a versão deles de uma escada?

– Talvez. Com certeza vai para outro andar.

A espiral a lembrou do interior de uma concha vazia, que para ela acentuava a sensação de que a nave era algo orgânico, assim como o vazio que a assombrava.

– Vamos. O tempo está correndo – lembrou Russ.

Certo, pensou ela. *Newt e Tim*. Tinha que superar a inquietação que a tomava e apertar o passo. Pensando nas crianças, Anne começou a andar mais rápido, agora seguindo o marido.

– Tem certeza de que não deveríamos descer para verificar o andar de baixo?

– Talvez, mas desconfio que o que quer que corresponda à cabine do piloto aqui deve estar no topo da ferradura. Posso estar errado, mas não temos tempo para pensar demais nisso. O que quer que esteja lá embaixo deve ser mais do que uns corredores.

Enquanto ele falava, a escuridão interior da nave parecia se aprofundar. Anne virou a cabeça e apontou a lanterna para a parede, revelando cicatrizes no estranho metal. Parou de novo.

– Anne.

– Olha isso – disse ela, fitando os vincos e arranhões na parede.

Havia outros no chão. Alguma coisa havia derretido o material, o que a fez recuar e olhar para cima e para os lados para ter certeza de que o que causara o derretimento não continuava a vaziar.

– Russ...

– Depois. – Ele passou por ela.

Anne continuou andando atrás dele, mas agora atenta às paredes e ao chão, e viu numerosos pontos onde marcas semelhantes foram feitas. Não eram só os pontos derretidos. Havia buracos queimados na parede, como se algum tipo de arma tivesse sido disparada. Não fossem o fato de a nave ser muito antiga e o modo como a poeira e a pedra haviam corroído o casco e começado a engoli-lo, ela teria começado a se preocupar.

– Agora, isso é esquisito – comentou Russ.

Acendeu uma das lanternas potentes que tinham trazido, esperando tirar fotos para ajudá-los a reivindicar a posse. O corredor se iluminou com uma luz amarela doentia, e Anne arfou. Ali, as paredes eram diferentes. Se a construção da nave parecia tender ao orgânico, aquela área era ainda mais bizarra. As paredes estavam cobertas por uma substância estriada, negra e cintilante, como uma mistura de casulos de insetos e rocha vulcânica.

– Que diabo é isso? – perguntou ela.

– Nem imagino – respondeu Russ.

Anne passou a mão pela superfície, segurou uma saliência afiada e quebrou um pedacinho. Quitinoso e duro, as pontas finas eram quebradiças.

– Vamos em frente – disse, guiada pelo fascínio. A sensação úmida tinha piorado, mas, de alguma forma, ela a ignorou.

Quando chegaram a uma nova fenda que espiralava até um nível inferior, pararam e olharam para ela por quase um minuto inteiro. Aquela fenda diferia da primeira. Também estava coberta pelo material quitinoso, como se fosse adaptada para uma espécie inteiramente diferente.

– Não estou gostando nada disso – declarou Anne.

– Nem eu – confessou Russ. Ela percebia como era difícil para ele admitir seu receio. Russ suspirou. – Olha, vamos só chegar até a ponta da nave, para ver se tem uma sala de máquinas ou cabine de controle, ou sei lá. Vamos gravar imagens e depois dar o fora daqui. Se chegarmos tão longe, eles não vão poder nos excluir totalmente.

Voltou a andar.

Anne ficou para trás, fitando a fenda curva.

– Que... – começou Russ.

– Vamos descer – disse ela, sem saber direito por quê. – O que quer que seja valioso para a companhia, artefatos, tecnologia e tal, se estiver lá embaixo e nós

deixarmos passar, vamos nos arrepender para sempre. – Virou-se e olhou para o marido, deixando-o ver em seus olhos uma verdade dolorosa. – Não quero viver aqui para sempre, Russ.

Ele balançou a cabeça, rindo incredulamente, e pousou a mão no capacete.

– Otto e eu...

– Estavam falando besteira – disse Anne. – Abandonar a colônia sem um plano B, sem uma estratégia... é tolice. Mas isto... você tem razão. Esta pode ser a nossa chance, a coisa que estávamos procurando. As crianças estão lá fora esperando por nós e vão continuar esperando. Já as deixamos sozinhas mais tempo que isso, e elas sabem se entreter. É pelo bem delas que não podemos sair daqui sem saber o que foi que encontramos.

Anne deu mais uma longa olhada no corredor, a lanterna iluminando as estranhas protuberâncias e curvas das paredes negras e vítreas. Um estranho clarão de reconhecimento brilhou em sua mente – casulo, teia, aranha –, e ela estremeceu com a sensação. Não gostava da ideia de que estavam presos em algum tipo de teia de aranha.

Não é uma teia, pensou, franzindo a testa ao observar de novo as paredes. É mais como uma colmeia. Um ninho de vespas.

De todo modo, não gostava nada daquilo.

CARGA ESTRANHA

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1131

Brackett encontrou Simpson saindo do banheiro, ainda afivelando o cinto. O homem pareceu ouvir passos pesados vindo em sua direção e ergueu o olhar, retesando-se na mesma hora. Ergueu as mãos como se temesse um assalto.

– Tenho uma pergunta para você – falou Brackett numa voz firme.

– O que quer que seja, talvez seja melhor você recuar – disse Simpson. Nervoso, alisou o bigode e endireitou a postura, tentando disfarçar o medo que sentira momentos antes.

Brackett inclinou-se para a frente, cercando o administrador de forma que fosse ele a recuar.

– Você mandou os Jorden numa expedição...

– Que não é da sua conta, é? – retrucou Simpson, tentando manter a voz sob controle. – Quer dizer, você deixou bem claro que, na sua opinião, os Fuzileiros Coloniais não devem se envolver com o trabalho de campo da companhia – acrescentou, estreitando os olhos.

– Os filhos deles tem o quê, seis e dez anos?

Simpson deu de ombros.

– Algo assim.

Brackett se esforçou para lembrar que passaria anos em Aqueronte e que precisaria trabalhar com aquele homem. Mas só o cheio rançoso do hálito de Simpson lhe dava vontade de socar o sujeito.

– Olhe, capitão, concordo com o senhor – disse o administrador. – Desaprovo completamente a ideia de Russ e Anne levarem os filhos nessa expedição, mas não há nenhuma regra contra isso. Na verdade, é um trabalho de exploração. Neste momento, eles estão atuando como profissionais independentes.

– Por que agora? – perguntou Brackett. – Por que hoje?

Dois técnicos passaram com pressa por eles. Olharam intrigados para Simpson e Brackett, sentindo a hostilidade no ar.

– Isso realmente não é da sua conta, capitão.

– Você recebeu uma ordem específica. Essa não é uma exploração de rotina – disse Brackett, e viu a confirmação no olhar de Simpson. – A Weyland-Yutani deve ter mandado alguém inspecionar o local imediatamente.

Simpson estreitou os olhos, um sorriso sarcástico surgindo no rosto.

– Presume-se que esse seja o caso, capitão Brackett, mas não tenho conhecimento dos porquês em casos como esse. Ninguém me conta nada. Se *tivessem* me contado, porém, pode ter certeza de que eu não compartilharia com o senhor. É assunto da companhia, devo lembrá-lo.

– E se acontecer alguma coisa com os Jorden? – insistiu Brackett. – Com os filhos deles?

Simpson fez cara de deboche.

– Bom, então terá sido uma pena eles não terem sido acompanhados por nenhum fuzileiro para protegê-los.

Passou por ele e foi andando de volta ao próprio escritório. Brackett nada podia fazer, apenas observar enquanto o administrador se distanciava.

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1139

Anne entrou primeiro na fenda, e ela e Russ desceram pela espiral até o andar inferior da nave abandonada.

Russ não disse nada, mas ela pôde ver, pela postura dele – a cabeça inclinada e os ombros ligeiramente encolhidos – que ele sentia o peso sombrio da nave. Assim como ela. O coração batia mais rápido e a respiração ficou rasa à medida que desciam, as luzes dos capacetes projetando formas fantasmagóricas nas paredes.

Encontraram a primeira criatura morta no fim da espiral.

– Puta merda – murmurou Russ.

Anne prendeu a respiração ao adentrar o corredor, observando a criatura sob a luz oscilante. Ela tremia. Quando vivo, o alienígena fora muito alto e corpulento, com tronco e cabeça prolongados. Parecia humanoide apenas no sentido de ter dois braços e duas pernas, mas, de resto, era inteiramente inumano. Alguma coisa nele sugeria um inseto, o que dava a Anne uma ligação enervante com os pensamentos que tivera sobre a substância quitinosa que cobria as paredes.

Ainda assim, não era um inseto.

A pele não era pele, mas um tipo de carapaça blindada. Em alguns pontos era profundamente azul, desbotada para o cinza em outros, e a carapaça parecia ter ficado fina e quebradiça. Tinha certeza de que a casca mais rígida e escura se assemelhava à aparência que tivera quando vivo. Atrás, uma cauda retorcida, afiada e esquelética, cuja ponta poderia ter sido uma lança. Não exatamente um ferrão, pensou Anne, mas, se o alienígena a usasse assim, teria matado uma pessoa com a mesma velocidade.

– É lindo – disse Russ.

Anne se virou para ele com nojo.

– Quê?

– Olhe para ele. É diferente de *tudo* o que já foi visto. Até hoje.

– É horrível – sussurrou ela, olhando as garras azuladas e a cauda. – Essa coisa nasceu para matar.

– Está morta há muito tempo – atalhou Russ. – Mas vou dizer para que ela nasceu... para nos deixar ricos.

Deu uma risada baixa e se virou, seguindo pelo corredor do subsolo. Anne fitou o alienígena morto por mais algum tempo, depois o seguiu. Russ podia ter razão, e ela sabia que essa coisa não podia feri-la – o cadáver era pouco mais que uma casca, não muito diferente da nave que estavam explorando. Mas ela não

conseguia ignorar a sensação que sua presença causava. Quando entrara na nave, tivera certeza de que o interior estava tão vazio quanto aquela igreja abandonada. Agora, cada sombra parecia cheia de ameaça, de dentes e caudas sinuosos e afiados.

O nível inferior fora completamente tomado pelas paredes quitinosas que ela vira lá em cima, mas ainda havia pontos onde alguma coisa havia derretido, espirrado e queimado, atravessando pisos e paredes. Seguiram em meio à escuridão, iluminando o caminho, e numa curva do corredor encontraram mais três daquelas coisas.

Uma tinha sido rasgada em duas, o cadáver transformado numa coisa seca e retorcida, metade num lado do corredor e metade no outro. Outra tinha um buraco enorme no tronco, e o chão debaixo dela derreteria, abrindo-se numa cratera escancarada. Uma corrente de ar passava por ali, mas, se vinha do exterior ou de outro ponto da nave, não conseguiam distinguir.

Havia portas ao longo de todo o corredor. Algumas se abriram com facilidade, enquanto outras estavam emperradas pela substância dura e estranha, semelhante a resina. As duas primeiras que Russ abriu não continham nada além de pó e ossos pequenos e esquisitos. Na seguinte havia grossas prateleiras de uma liga de metal cujo conteúdo estava apodrecido. Era impossível saber o que tinham sido antes de se deteriorarem.

– Carga, você acha? – perguntou Anne.

– Um tipo de carga – concordou Russ. – Comida ou algum outro material. Mas aquelas duas primeiras salas eram currais. Algo como estábulos. Gado alienígena ou alguma outra coisa... O que quer que fossem, essas criaturas estavam levando para algum lugar.

Para Anne, a verdade não era essa. Não era o que parecia.

– Acho que não – disse ela. – Não eram as coisas que vimos lá atrás.

– Como assim?

– O que quer que fossem essas criaturas, não eram elas que pilotavam essa nave.

Ele assentiu, mas não respondeu.

Continuaram em frente, descobrindo outros corpos alienígenas imensos em montes de três ou quatro, talvez vinte, ao todo. Minutos depois, zigzagueando pelo baixo ventre claustrofóbico da nave, encontraram uma coisa completamente diferente. Novos vestígios.

Anne congelou. Agora entendia por que os corredores eram tão altos e largos. Não tinham sido construídos nessa escala em nome da grandeza, mas sob medida. Os restos dessa nova criatura eram mais humanoides que os primeiros, mas ainda maiores que os outros – tinham dois metros e setenta, Anne supôs. Só

o que restava do corpo era o esqueleto, ossos dentro de algum tipo de exotraje com o mesmo design da nave, a mesma textura tecno-orgânica.

Essa coisa morta tinha sido a tripulação da nave. Ela sabia.

– Onde estão os outros? – perguntou.

– Outros? Você acha que há outras espécies aqui?

– Não, não... outros iguais a este. Cadê o resto da tripulação?

Russ não tinha a resposta.

– Há quanto tempo saímos do carro? – perguntou ela.

– Sei lá. – Ele olhou o relógio. – Trinta e cinco minutos? Acho que não foi mais que isso.

Respirando fundo, ela estendeu a mão e pegou a dele, descontente com o fato de que as luvas impediam o contato da pele.

– Tá legal. Vamos fazer umas imagens desse cara e dos outros, depois vamos sair daqui. Mais cinco minutos – propôs ela.

Russ concordou. Trabalharam em silêncio na maior parte do tempo, ambos inseguros. Anne estava desapontada consigo mesma – com os dois. Tudo indicava que deveriam estar em êxtase. Sua parte de qualquer lucro que a companhia conseguisse com esses espólios – a nave e sua tecnologia, os corpos alienígenas e o que quer que a Weyland-Yutani pudesse aprender com eles – significava que nunca mais teriam de trabalhar. Deveriam estar chorando de alegria, gritando e comemorando. Em vez disso, Anne sentia que mal podia respirar, como se o peso do ar dentro da nave pudesse sufocá-la. Só queria ir embora, e, a julgar pelo silêncio, sabia que Russ queria a mesma coisa.

Levaram dez minutos. Quando terminaram no nível inferior, subiram pela espiral carregando os equipamentos, depois pararam lado a lado e observaram o corredor em direção à ponta da nave. Os dois. Estavam casados havia tanto tempo, conheciam-se tão bem que nenhuma palavra foi necessária para tomar uma decisão.

– Muito perto – disse Russ. – Cinco minutos ou menos e a gente chega à ponta. Vê o que tem para ver. A gente faz umas imagens e volta lá para fora em quinze, vinte minutos no máximo. A esta hora as crianças devem estar dormindo.

– Tenho certeza de que faz mais de uma hora que estamos aqui – respondeu Anne.

Mas Russ sabia que não era uma discussão. Ambos olharam para o lugar de onde vieram, em direção ao talho no casco. Então, ele apoiou a lanterna no ombro e pegou a mão dela.

Juntos, caminharam rumo à ponta.

Virando a próxima esquina, descobriram dois indivíduos, um de cada espécie alienígena, travados num abraço terrível. A criatura insetoide era diferente das

irmãs. Era maior e tinha uma placa imensa de bordas serrilhadas na cabeça azul que parecia ser um tipo de crista.

– Que diabo aconteceu aqui? – murmurou Russ.

– Uma batalha – respondeu Anne. – A pergunta é: de onde vieram estes insetos? Estavam na nave, no compartimento de carga, ou já estavam aqui em Aqueronte e atacaram a nave depois da queda?

– E este aqui? – perguntou Russ. – Por que é tão diferente?

Anne avaliou o abraço mortal mais uma vez, analisou a crista azulada e franziu a testa.

– É uma rainha.

– Como uma abelha?

– Isso não lembra uma colmeia? – Ela indicou as paredes cheias de crostas. – Talvez os outros sejam zangões e esta aqui seja a rainha. – Deu de ombros. – Ou talvez seja só porque essa crista na cabeça me faz pensar numa coroa.

O alienígena que ela imaginava ser a rainha havia empalado o tripulante com a cauda, mas o outro ser respondera na mesma moeda. Tinha enfiado a pata dianteira esquerda dentro das mandíbulas da rainha, como se tentasse destruí-lo o cérebro.

– Vem – chamou Russ. – Vamos terminar com isso. Não quero mais ficar aqui. Seguiram em frente.



Minutos depois, encontraram uma vasta câmara onde muitos dos tripulantes tinham conseguido se reunir. O teto em forma de domo era muito alto, com uma crosta da mesma substância quitinosa que viram em outros lugares da nave.

– Isto aqui é muito sinistro – disse Russ. – Sinto como se não pudesse respirar. Anne pôde apenas concordar.

Havia uma plataforma na frente da câmara. Em cima dela havia um assento enorme e um tipo de aparato gigantesco que ela teve certeza de ser algo usado para pilotar a nave. No assento havia outro membro da tripulação, embora ele usasse um capacete que cobria a cabeça toda.

– Acha que é o piloto? – perguntou Russ enquanto subiam para investigar.

– Ou o navegador.

– Olha o peito dele – sussurrou Russ, e ela praticamente sentiu a respiração dele junto ao ouvido. Mas já tinha visto os ossos retorcidos e mumificados projetando-se para fora do exotraje e o rombo nas costelas. – Foi assim que ele morreu. Deve ter sido uma arma, ou talvez uma daquelas caudas, como o corpo que vimos no corredor.

– Acho que não – respondeu Anne em voz baixa.

Vira a forma como os ossos se projetavam para fora. O que quer que tivesse matado o gigante viera de dentro.

Ela se afastou, quase caindo pela borda da plataforma. Recuperando o equilíbrio, segurou o lado da poltrona do navegador e virou-se para ver os fundos da câmara cavernosa. Quando entraram, a plataforma fora a primeira coisa que suas lanternas haviam iluminado. Tinha-os atraído imediatamente.

Agora, ela via mais uma coisa. Muitas outras coisas.

– Russell – sussurrou. Anne foi tomada por uma sensação inquietante, não exatamente entusiasmo e não exatamente medo. – Olha isso.

A lanterna apontava para uma camada de névoa que pairava logo abaixo do nível da plataforma. O vapor parecia ter um tipo de luminescência própria. Abaixo da névoa, espalhados ao redor da plataforma numa área mais baixa do piso da câmara, havia dezenas de grandes estruturas, cada um com cerca de quarenta centímetros de altura. Pareciam ovos, embora tivessem uma aparência quase floral no topo. Flores feias que nunca se abririam.

Nunca mesmo, é claro, pois estavam ali havia eras.

– A névoa... – começou Russ.

– Está estranhamente úmido aqui dentro – comentou Anne. – Talvez a nave esteja extraindo a umidade do exterior e mantendo-a nesta câmara.

– O que são essas coisas, Annie? Mais carga?

Anne passeou com a luz da lanterna pela câmara, analisando-a. Um espaço para carga? Imaginava que poderia ter sido. Colocou seu equipamento na plataforma e desceu em direção aos objetos.

– Devemos levar um? – perguntou, sentando-se na beirada, impulsionando-se e escorregando para baixo rumo à névoa.

As estruturas pareciam ter textura de couro, mas ainda faziam Anne pensar em flores que não desabrocharam. Ela se aproximou e observou um deles, franzindo a testa.

– Eles estão... pulsando? – perguntou Russ, atrás dela.

– Acho que sim.

Um sorriso se espalhou pelos lábios de Anne. Era impossível que estivessem pulsando, é claro, pois isso sugeria que restava vida naquelas coisas, o que quer que fossem. Séculos ou milênios depois da nave cair e da batalha brutal que havia matado todos a bordo, aquela estufa estranhamente fresca parecia ter mantido aquelas estruturas em algum tipo de estado de hibernação.

Estendeu a mão para o mais próximo, os dedos pairando a poucos centímetros.

– Espere – pediu Russ. – Não sabemos o que eles são.

Anne se virou, sorrindo para ele.

– Se a superfície for tóxica, não vai passar pelas luvas.
– Vamos só montar a câmera, captar umas imagens, e o Simpson que se preocupe com eles – insistiu Russ.

– Ora, cadê o *seu* senso de aventura?

Ela viu os olhos do marido se arregalarem ao mesmo tempo que ouviu o som úmido e pegajoso de algo se abrindo atrás dela. Russ agarrou seu braço e a puxou para longe.

– Cuidado! – gritou.

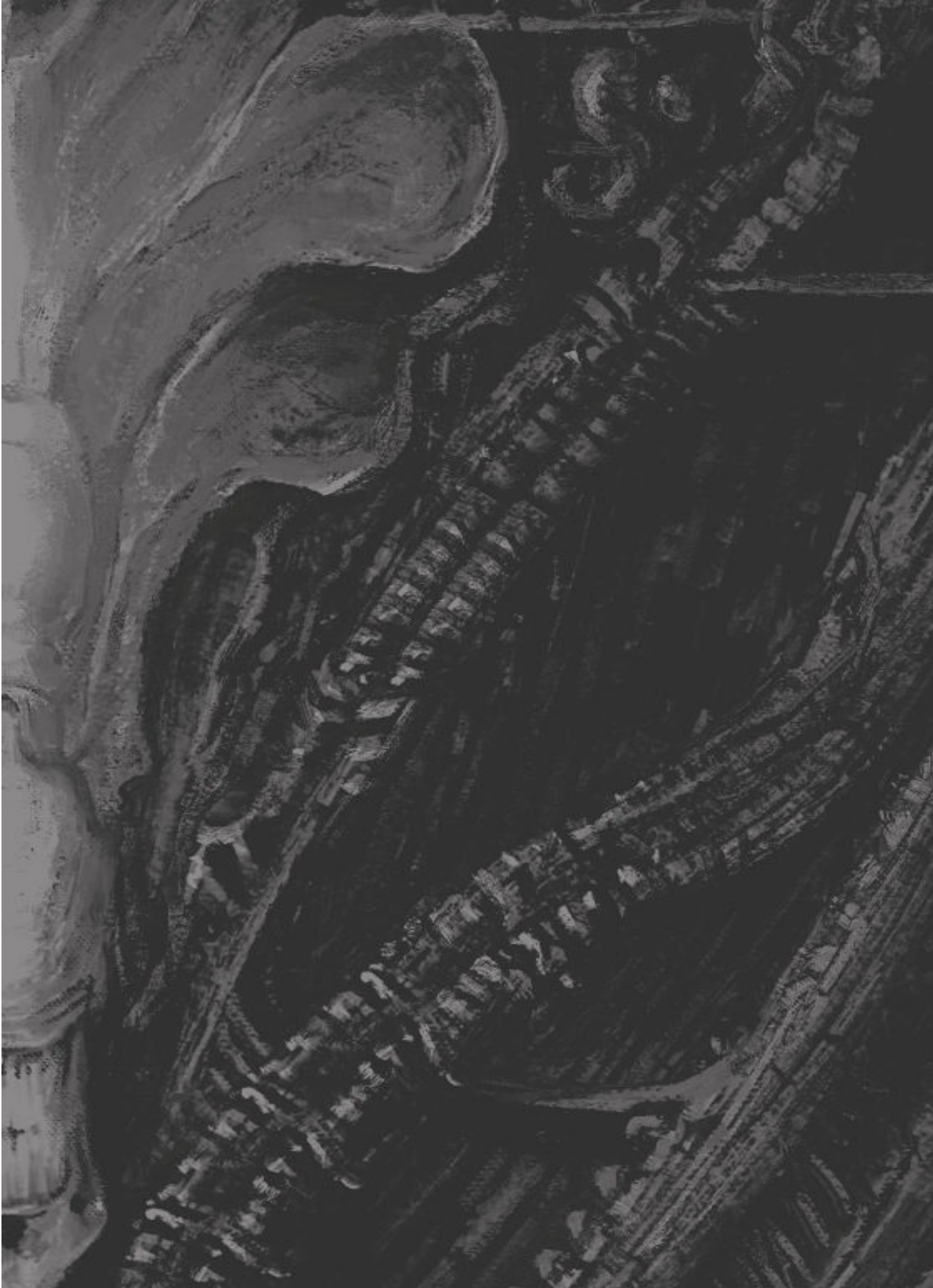
Anne perdeu o equilíbrio e bateu na borda da plataforma. Atrás de Russ, viu a coisa se abrir, fios de muco pendurados nas quatro abas semelhantes a pétalas quando a estrutura se escancarou. Alguma coisa se remexeu dentro dela.

– Russell... – disse Anne, de repente com medo.

– Está tudo bem – respondeu ele, olhando para o ovo.

A coisa lá dentro se jogou sobre ele, agarrou seu rosto e Russ tentou gritar. O som tornou-se um engasgo quando ele cambaleou, caindo sobre ela. Anne gritou o nome dele enquanto empurrava e puxava e arrastava-o para a plataforma. Só então viu as costas da pavorosa coisa em forma de aranha que se agarrara ao rosto dele.

Está tudo bem, ele tinha dito. Mas não estava. E nunca mais estaria.



CUIDADO COM O QUE DESEJA

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1207

De cabeça para baixo no banco do motorista, Newt cantarolava baixinho consigo mesma. A posição fazia o pescoço doer um pouco, jogava o peso nos ombros e na nuca, mas ela estendeu os pés para o teto do veículo, esticando os dedos, tentando ver se conseguia tocá-lo.

— Rebecca, senta direito — instruiu Tim.

— Isso não é direito?

— Você está de cabeça pra baixo.

— Talvez *você* esteja de cabeça pra baixo.

Tim empurrou as pernas da irmã. Ela tentou se equilibrar, mas caiu para a frente, tombando entre os bancos. Debatendo os membros, o pé direito foi direto na coxa do irmão. Quando ele gritou em protesto, ela continuou se debatendo mais um pouco e o chutou outra vez, sorrindo.

— Rebecca! — rosnou ele, zangado.

Ela sentou-se no chão do veículo, entre os assentos, e lançou um olhar irritado para o irmão.

— Por que você sempre me chama assim?

— É o seu nome. E não me chuta.

— Você que me empurrou. Eu estava caindo. E *não gosto* desse nome.

Tim suspirou e afundou ainda mais no assento. Estivera desenhando quinze ou vinte minutos antes, mas deixara o bloco de lado.

— Talvez eu goste de ficar de cabeça pra baixo — murmurou ela, fazendo beicinho.

— Quê? — Ele a olhou feio.

— Eu gosto de ficar de cabeça pra baixo.

Tim revirou os olhos.

— Beleza. Mas faz isso no outro banco. Eu vou tirar um cochilo.

A menina ergueu as sobrancelhas e se aproximou dele.

— Uau. Você deve estar *muito* chateado.

Mais uma vez, ele a olhou feio.

— Você não está? Eles trazem a gente até aqui, mas não deixam a gente fazer nada. Pra quê?

— Não estou chateada — garantiu ela.

Ele se endireitou no banco, coçando uma mancha na bochecha.

— Quer dizer que não preferia estar lá na colônia, brincando de Labirinto do Monstro com a Lizzie, o Aaron e o Kembrell?

Rebecca bufou e soprou uma mecha de cabelo para longe dos olhos.

— Claro, ia ser bem mais divertido. Mas a mamãe e o papai estão aqui, então é bom estar aqui com eles. É uma aventura, lembra?

Tim se debruçou na direção dela, inclinando a cabeça e observando a irmã como se ela fosse algum tipo de inseto esquisito.

— É, mas é a aventura *deles* — disse. — A gente só está sentado aqui.

— Talvez você esteja — retrucou a irmã, voltando ao banco dianteiro. — *Eu* estou pensando.

Girando, levantou as pernas no ar outra vez, apoiada no pescoço e nos ombros, e tentou alcançar o teto com os dedos dos pés.

— Ah, é? O que está pensando, então?

O estômago da menina se embrulhou um pouco, e ela estremeceu.

— Estou pensando que já faz muito tempo que a mamãe e o papai saíram.

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1229

Brackett pulou o almoço no salão de refeições, esquentou uma tigela de sopa, depois começou a se exercitar para tentar descarregar a preocupação que o devorava. Duzentos abdominais, duzentas flexões e uma quantidade incontável de agachamentos não funcionaram, então ele tentou a barra fixa que seu predecessor havia instalado na porta do banheiro. Com os bíceps ardendo, impulsionou-se para cima e para baixo, firme e em ritmo controlado.

A frustração começou a se esvair enquanto o esforço deixava os pensamentos difusos. Pela primeira vez em mais de uma hora, não sentia a necessidade de olhar o relógio na parede, contar os minutos desde o último contato da colônia com os Jorden.

O suor brotou e escorreu pelo meio das costas. O coração martelava nos ouvidos enquanto ele tentava lembrar quantas repetições já fizera, e decidiu que devia fazer mais. A resposta era bem fácil: se parasse agora, voltaria a se concentrar apenas no relógio.

O que quer que aconteça não é culpa sua, disse Brackett a si mesmo, segurando a barra mais uma vez. Uma imagem de Newt passou pelos pensamentos. Newt, a boca suja do sacolé, aqueles olhos grandes tão sérios e sábios demais para a idade.

Içou-se mais uma vez, puxão após puxão, tentando tirar aquela imagem da mente. Isso se mostrou tão difícil quanto suas tentativas de esquecer Anne ao longo dos anos. Tinha seguido com a vida e sido razoavelmente feliz. Contente o bastante. Pensara que passaria o resto da vida sem voltar a vê-la e decidira que podia viver assim.

Por um breve período, apaixonou-se por uma piloto chamada Tyra, mas não deu certo. Em parte por causa das exigências da carreira de ambos e também porque os dois já haviam experimentado um amor maior, e sabiam que aquele não bastava.

Então veio a transferência para Aqueronte. Parte dele preferia nunca ter sido mandado para lá. *Rio de sofrimento*, pensou, lembrando-se da origem mitológica do nome. Na opinião de Brackett, haviam escolhido bem.

Alguém bateu à porta. Ele soltou a barra e pegou a toalha, limpando o suor do rosto.

— Está aberta! — gritou.

A porta se escancarou, e Julisa Paris entrou, ereta e formal.

— Capitão — disse ela à guisa de saudação.

— Tem alguma notícia para mim, tenente?

— Lamento informar que não, senhor.

Brackett sentiu um tremor aflito percorrer o corpo.

— Então, os Jorden ainda não voltaram?

— Foi o que ouvi — confirmou Paris, com um olhar sombrio. — Até onde sei, Simpson nem tentou falar com eles. Está agindo como se isso não fosse nada de mais, e talvez não seja, mas o supervisor de turno com quem falei diz que as pessoas estão ficando nervosas.

Brackett murmurou um palavrão.

— O que o senhor quer fazer, capitão?

— Por enquanto, nada. Mas fique a postos. Segui meus princípios nessa questão, e vou ficar com cara de idiota se jogar esses princípios para o alto. Mas, se essa família estiver em perigo, não pretendo deixá-la sozinha lá fora. Trinta minutos, tenente. Se os Jorden não tiverem dado notícias em trinta minutos, nós vamos até lá.

Paris bateu continência.

— Sim, senhor.

A mulher se virou e foi embora. Brackett fechou a porta.

Cadê você, Anne?, pensou ele ao entrar no chuveiro. Queria estar vestido e pronto para sair se fosse necessário. A demora em mandar notícias poderia ser por causa de uma falha nas comunicações, ou talvez eles estivessem distraídos com o entusiasmo da descoberta. Mas uma terrível certeza havia começado a se formar em seu íntimo.

Façam contato, droga, suplicou Brackett, em pensamento. *Provem que estou errado.*

DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1256

Sentada no banco do motorista, Newt abraçava o próprio corpo.

Os faróis da lagarta haviam se acendido conforme foi escurecendo lá fora. O vento estava mais intenso e soprava contra o veículo com tanta força que sacudia as janelas. Embora o aquecedor estivesse ligado, a menina sentia o frio invasor vindo de fora, e começou a se perguntar por quanto tempo as luzes e o aquecimento ficariam ligados. A bateria da lagarta acabaria? A mãe e o pai não os deixariam ali tanto tempo assim, deixariam?

Não de propósito, pensou ela.

Pela primeira vez, ficou preocupada de verdade.

O vento uivou ainda mais forte quando ela olhou para o irmão, que tinha se encolhido no banco do passageiro e pegado no sono pelo menos meia hora antes. Queria acordá-lo, só para não se sentir tão sozinha, mas ele não faria nada além de tratá-la mal. Na maior parte do tempo, Tim era um bom irmão mais velho. Davam-se bem, brincavam juntos e riam muito, mas, quando estava cansado ou nervoso, ele podia ser ríspido com ela, até maldoso.

Newt achava que não aguentaria as grosserias dele naquele momento.

Ficou sentada olhando a espaçonave imensa e curva pela janela. Naquele torvelinho de pó e naquela penumbra era difícil ter uma visão clara, mas quando o vento se acalmava ela podia enxergar bem. A nave estava imóvel, e era difícil imaginar que houvesse alguém vivo lá dentro — andando por aí, vivendo mais uma aventura da família Jorden.

Remexeu-se no banco, tentando ignorar a visão da nave enorme e escura. Agora, ficava nervosa só de pensar nela, tão silenciosa e vazia. Mexeu-se de novo, e o vento golpeou a lagarta com tanta força que parecia que mãos gigantes empurravam veículo.

Ela tremeu e passou a língua nos lábios secos. Hesitante, estendeu o braço e cutucou o irmão. Tim resmungou e deu-lhe as costas, afundando no assento em busca de uma posição confortável.

— Tim — sussurrou ela, sacudindo-o um pouco mais. — Timmy, acorda.

Não o chamava de Timmy desde que era uma criancinha. Ele não gostava, agora que os dois estavam crescendo, mas naquele momento ela se sentia muito pequena. Sentia-se criancinha de novo.

— Timmy — repetiu, e ele se voltou para ela, sonolento, abrindo os olhos.

— Que foi? — grunhiu.

— Eles já saíram há muito tempo — disse ela.

Por um segundo, pensou que o irmão ralharia com ela, exigindo que o deixasse dormir. Então, ele se endireitou no banco e olhou a paisagem escura pelo para-brisa, ouvindo o vento. Até então, ela não vira nada mais assustador que a incerteza no olhar do irmão.

Tim parecia estar com medo.

— Vai ficar tudo bem, Newt — disse ele. — O papai sabe o que está fazendo.

De repente, ela ficou sem ar. Tim nunca a chamava de Newt. Por que a chamaria assim agora senão para confortá-la, para tentar diminuir o medo?

Nesse instante a porta ao lado dela se escancarou. A menina gritou quando o vento entrou rugindo e se retorceu quando uma silhueta escura se lançou sobre ela. Berrando, afastou-se daquilo, com o coração prestes a explodir. Então, viu o rosto e, chocada, percebeu que era a mãe, em pânico e com um aspecto tão desvairado que Newt não conseguiu parar de gritar.

Os gritos de Tim se juntaram aos dela enquanto a mãe pegava o radiocomunicador acoplado ao painel.

— Mayday! Mayday! — bradou a mãe ao rádio, gritando por causa do barulho do vento. — Aqui é alpha kilo dois quatro nove chamando o Controle de Hadley's. Repito! Aqui é...

A menina olhou atrás da mãe e viu que não estava sozinha, que o pai também estava ali, mas havia alguma coisa errada com ele. Estava deitado no chão lá fora e, à luz do carro, ela pôde ver que tinha alguma coisa no rosto dele. Um tipo de coisa nojenta que parecia uma aranha, com muitas pernas que pareciam dedos ossudos, o corpo horrendo, vivo e pulsante.

Os gritos ficaram ainda mais agudos e os olhos se arregalaram. Ela não parava de gritar, a voz misturando-se ao uivo do vento. Todo o planeta parecia gritar com ela.



DATA: 21 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1257

Brackett se dirigiu ao setor de comando, tomado por um propósito sombrio. Era o momento de deixar o orgulho e os princípios de lado. Já se passara tempo demais. Os Jorden deviam estar em perigo.

A tenente Paris ia ao lado dele, acompanhando o passo em perfeita sincronia. Provando sua sensatez, não dissera uma palavra ao capitão sobre o fato de que fora a decisão dele — seu desejo de mudar as coisas — que levava os Jorden a saírem sem escolta.

Simpson não teria o mesmo tato da tenente.

— Você mandou o sargento Coughlin...

— Reunir uma equipe, sim, senhor. — Paris finalizou a frase por ele. — Aldo vai dirigir. Nós vamos levar Hauer e Chenovski...

— “Nós”, não. Quero você aqui. Se alguma coisa der errado, não quero que Draper tente tomar o controle.

— Sim, senhor. Mas...

— Mas o quê? — perguntou Brackett ao virarem uma esquina. Lá da frente, pôde ouvir o som de vozes e o apito de máquinas.

— É o senhor quem deveria ficar aqui, capitão — respondeu ela, firme. — Desculpe, mas o senhor é o comandante aqui. Sou sua oficial subalterna. Se houver algum risco, e devemos presumir que há, até prova em contrário, eu é que devo ir.

Brackett não olhou para ela.

— Você tem razão, Julisa — declarou. — Sou o comandante, então a decisão é minha.

Deram mais alguns passos antes que ela respondesse:

— Sim, senhor.

Simpson surgiu do setor de comando antes que eles chegassem à porta, com um dos técnicos logo atrás dele. Estavam conversando, os dois pareciam extremamente apreensivos, quando o administrador ergueu o olhar e viu os fuzileiros se aproximarem. Pela expressão dele, Brackett percebeu na mesma hora que algo tinha acontecido, e não era boa coisa.

— Capitão Brackett — disse Simpson, a preocupação transformando-se em sarcasmo. — Espero que esteja feliz agora.

A tenente Paris soltou um palavrão.

— É melhor o senhor reconsiderar sua abordagem agora mesmo — ordenou ela.

Brackett ergueu a mão.

— Parem — disse, fulminando com o olhar o burocrata, que pareceu assustado mesmo cheio de arrogância e desdém. — Conte de uma vez, Simpson. O que aconteceu?

O homem olhou ao redor para ter certeza de que ninguém mais os ouvia.

— Encontraram uma espaçonave abandonada — contou. — Antiga, de acordo com Anne Jorden...

Anne está bem, pensou Brackett.

— ... mas mesmo assim havia uma coisa a bordo. Se entendi direito, algum tipo de sanguessuga. Difícil ter uma boa comunicação com os constantes distúrbios atmosféricos. Russ precisa de cuidados médicos imediatamente.

— Merda — murmurou Brackett. — E as crianças?

— Estão bem, por enquanto. Vou montar uma equipe de resgate. Técnicos e voluntários.

— Pode esquecer — disse Brackett. — Nós cuidamos disso. O sargento Coughlin está reunindo uma equipe agora. Se você não tivesse notícias deles, nós íamos sair mesmo assim.

Simpson endireitou o cinto.

— Ah, quer dizer que não é nenhum incômodo? — retrucou. — Afinal, não queremos violar o protocolo. Não quero incomodar o senhor, capitão.

Brackett rilhou os dentes, deu um passo à frente e enfiou o dedo no peito do homem.

— Mais tarde, você e eu vamos ter uma conversa sobre como você pôde ser tão *imbecil* a ponto de receber uma ordem como a que a companhia deu, uma ordem que claramente indicava uma descoberta de grande importância, e ainda assim deixou Anne e Russ Jorden levarem os filhos com eles.

Cutucou Simpson mais uma vez.

— Até lá — finalizou —, pode ir se foder.

DATA: 22 DE JUNHO DE 2179 HORA: 0402

Anne estava sentada no banco da frente da lagarta com um braço ao redor de cada um dos filhos. Havia tirado a jaqueta como se estivesse maculada, de alguma forma, pela névoa repulsiva que cercava os botões dentro daquela nave. Dezesseis horas depois de ter arrastado Russ de volta ao carro, os gritos da filha ainda ecoavam em seus ouvidos. Tinha levado uma eternidade para acalmar a menina, mas ela e Tim finalmente pegaram no sono.

Acalmar?, pensou Anne. *Ela não está calma, está em choque. E você também, se quer saber.*

Não havia pregado os olhos nem um segundo. Como poderia?

Tim se remexeu no banco de trás, abrindo os olhos tristes.

— Mãe, por que ainda estamos aqui? — Sentou-se e esfregou os olhos, vendo a escuridão através da janela. — Precisamos levar o papai de volta para a colônia. A dra. Komiskey vai ajudar ele. Ela *vai* conseguir ajudar, né?

Anne continuou em silêncio. As palavras haviam acordado a garota de um sono inquieto, e agora a garotinha olhava para ela. Os lábios tremiam. Então, ela enterrou o rosto no peito da mãe e começou a chorar de novo, soluços irregulares e ofegantes que iam e vinham como ondas.

O vento uivava estridente ao redor da lagarta, e a porta bateu, porque Anne não a fechara corretamente. Inclinou-se para a frente para olhar pela janela. Na penumbra dos faróis do veículo, viu o pó varrendo o corpo inerte de Russ. Os óculos e a jaqueta o protegeriam do pior, mas ela encaixara um cobertor ao redor dos ombros e o usara para cobrir-lhe parcialmente o rosto. O cobertor sacudia à brisa, mas ainda não havia sido arrancado, e isso era bom.

Bom porque poderia impedir que ele sufocasse se a abominação agarrada a seu rosto já não tivesse feito isso. Bom também porque impedia que as crianças vissem claramente o que aconteceu com o pai.

— Mãe — implorou Tim —, já faz muito tempo! Precisamos levar o papai embora nós mesmos!

— Não podemos fazer isso.

— O que estamos esperando?

Os nervos de Tim estavam em frangalhos, assim como os da mãe.

Anne olhou para a menina. Não queria ter essa conversa com o filho e com certeza não queria tê-la com a filha de seis anos ao lado. Contudo, Rebecca mal parecia estar ouvindo. Mesmo em meio ao próprio choque e ao horror, Anne sentia o coração partido pelo trauma da menina.

Você vai ficar bem, Russell, pensou obstinadamente. *Tem que ficar.*

— Precisei de toda a minha força para trazê-lo até perto da lagarta, Tim — respondeu ela em voz baixa, junto à orelha do filho, esperando que Newt não ouvisse. — Mas mesmo que eu conseguisse colocá-lo aqui dentro, não faria isso. E ele não ia querer que eu fizesse.

— O que está *dizendo*? — chorou Tim. — Ele está... Você viu... Precisa...

— Tim! — ralhou ela, e se arrependeu no mesmo instante.

O filho a olhou nos olhos, procurando ali uma resposta.

— Não posso colocá-lo aqui com você e sua irmã — explicou Anne, odiando o tremor na própria voz e as lágrimas quentes que começaram a escorrer pela face. Enxugou-as com raiva. — O que quer que aconteça com seu pai, ele nunca me perdoaria se eu fizesse isso. Não sei nada sobre essa coisa na cara dele, o que ela está fazendo com ele ou o que poderia fazer com você e Newt se eu a pusesse aqui dentro.

Newt estremeceu e murmurou alguma coisa junto ao peito de Anne, as palavras abafadas pela blusa da mãe.

— Que foi, querida? — perguntou Anne, olhando pela janela.

— Então a gente tem que esperar — repetiu a menina. Com olhos vermelhos e inchados, assumiu uma expressão corajosa. — O papai vai ficar bem.

— Bem? — perguntou Tim. — Você viu aquela *coisa*?

Newt prendeu a respiração.

— Eu vi antes de você. Mas também vi o papai quando a mamãe estava colocando o cobertor nele, e o peito dele estava indo para cima e para baixo. Ele está respirando, e enquanto estiver respirando ele vai ficar bem.

Anne abriu um sorriso frouxo para a filha, odiando a barulheira do vento e o chacoalhar da porta, mas amando os filhos do fundo do coração.

— Claro que vai — disse ela, com uma confiança que não tinha. Beijou o rosto da filha, depois virou-se e beijou a testa de Tim. — Claro que vai.

Ficaram em silêncio, e ela os aninhou junto de si.



— Ouviram isso? — perguntou Tim.

Anne se retesou, atenta a qualquer som de Russ ou da criatura. Então, ouviu o ronco de um motor, e seu coração deu um salto. Newt se endireitou no banco, olhando para trás, e faróis iluminaram seu rosto. Anne se virou para a janela traseira e viu as luzes se aproximarem.

Segundos depois, uma lagarta pesada rugia ao lado deles.

Demian Brackett foi o primeiro a descer.

Newt escancarou a porta, pulou do carro e correu para ele, pulando em seus braços. Brackett cambaleou para trás, mas pegou a menina, abraçando-a com força. Por cima do ombro de Newt, olhou para Anne com aqueles olhos fortes e reconfortantes.

— Andem! — gritou Brackett para os outros fuzileiros que desciam da lagarta. Olhou para Russ, com o cobertor ainda esvoaçando sobre o rosto como uma terrível mortalha. — Ponham-no no carro agora!

Anne olhou para Russ enquanto os fuzileiros iam até ele, viu o horror na face de cada um quando tiveram a primeira visão da coisa agarrada ao rosto do marido. Uma onda fria de náusea tomou conta dela enquanto se esforçava para não olhar, para não pensar no que a criatura podia ter feito a ele.

— Sargento Coughlin! — gritou Brackett acima do barulho do vento. — Dirija a lagarta dos Jorden! Hauer, vá com eles!

— Não! — berrou a menina, ainda nos braços dele. — Você leva a gente! Por favor!

Brackett hesitou, inclinando a cabeça para olhar nos olhos da menina. Enquanto os outros fuzileiros colocavam Russ numa maca e o erguiam do chão, o capitão meneou a cabeça para Coughlin e levou Newt até a mãe.

— Tudo bem — disse ele, colocando a menina no carro. Cumprimentou Anne com um gesto. — Vamos levar vocês para casa.



17
NADA VIVO

DATA: 22 DE JUNHO DE 2179 HORA: 2101

Newt desceu da lagarta e ficou entre a mãe e Tim, observando com olhos perdidos os fuzileiros levarem o grande veículo para a garagem subterrânea atrás deles.

Depois de passar tanto tempo ouvindo a fúria do vento e dos detritos no caminho, a garagem parecia estranhamente calma... embora de calma não tivesse nada. Técnicos gritavam uns com os outros e vários colonos se apressaram para falar com a mãe da menina. Jiro, o botânico, queria saber o que tinha acontecido com Russ. A sra. Hernandez, que havia cuidado de Newt e Tim muitas vezes, perguntou a Anne se eles estavam bem. Então o enfermeiro, Joel Asher, passou à frente de todos eles.

— Deixem a família respirar — ordenou Joel, voltando sua atenção para Anne. — Você está bem? Consegue falar?

A menina ergueu o olhar e viu que a mãe parecia não ter ouvido o enfermeiro. Ela olhava fixamente para o carro dos fuzileiros enquanto o motorista, Aldo, e um dos outros subiam a rampa e entravam na traseira do veículo.

— Mãe — chamou, pegando a mão dela e apertando. — O Joel está falando com você.

Anne piscou e olhou para ele.

— Cuide do Russ — pediu ela. — Nós três estamos bem.

— Preciso examinar todos vocês — insistiu o enfermeiro.

— Agora não. Só tome conta do meu marido.

— Anne...

— *Agora não!*

O capitão Brackett veio contornando a frente da lagarta, com um olhar triste mas gentil. Ergueu a mão para o enfermeiro.

— Por favor, faça o que ela diz. Por enquanto, preocupe-se com o Russ. — O capitão olhou para Newt, depois para Tim. — Garanto que eles irão à ala médica assim que possível, mas por ora estão todos bem. Se tranquilizá-los, cuide do pai das crianças. É disso que eles precisam.

O enfermeiro parecia prestes a contestar, quando ouviram uma comoção e viram Aldo e Chenovski carregando Russ rampa abaixo numa maca. Uma onda de medo passou pela garagem, e algumas das pessoas ali se encolheram de horror e repulsa diante do que viram.

Anne tentou ir até lá, mas Brackett a segurou pelos ombros.

— Você quer que eles o ajudem, certo? — disse o capitão. — Deixe que façam o trabalho deles.

Ela se desvencilhou das mãos dele.

— Ele precisa de mim.

— Anne — insistiu Brackett, e alguma coisa no tom de voz dele fez com que a mulher o olhasse. — Ele precisa dos médicos. Precisa da equipe científica. Você acabou de dizer que você e as crianças podem se cuidar, e vão ter que fazer isso.

Newt observou o rosto da mãe, viu a frustração e a angústia e até a raiva nele, e sentiu os próprios olhos começarem a arder com novas lágrimas. Isso a incomodou — achou que já houvesse chorado tudo que tinha para chorar.

Os fuzileiros pararam ao pé da rampa, ambos fitando a criatura de múltiplas pernas atracada com o rosto de Russ.

— O que é isso? — perguntou Chenovski.

Aldo resmungou. Newt já o ouvira falar muitas vezes de suas experiências passadas. Ela o achava o mais corajoso dos fuzileiros, mas viu o medo em seu olhar, e isso a preocupou.

— Vamos tirar isso da cara dele primeiro, depois a gente descobre o que é — respondeu Aldo. Olhou para o capitão Brackett ao dizer isso, e os dois trocaram olhares aflitos.

Newt pegou a mão do capitão.

— Ajuda meu pai.

Ele se abaixou, apoiando-se num joelho ao lado dela. Na volta à colônia, praticamente não se falou, à exceção de Anne, que confortava os filhos. O capitão conversara com eles numa voz gentil, mas ela não conseguia lembrar as palavras, só o tom tranquilizador. Ele apenas tinha *ficado ao lado deles*, certo de que poderia ajudá-los.

— Vou fazer tudo o que eu puder — respondeu.

Joel, o enfermeiro, pôs a mão na cabeça de Newt.

— Todos faremos.

O grupo observou enquanto os marinheiros levaram a maca para o elevador. Uma porta se abriu no outro lado da garagem, e o dr. Reese entrou correndo com o dr. Mori e dois pesquisadores. O sr. Lydecker, da administração, veio logo em seguida. O grupo passou pelos colonos reunidos na garagem e correu para alcançar os fuzileiros que levavam a maca.

Reese fez Aldo e Chenovski pararem a poucos passos do elevador para ver o estado de Russ. Agora, todos ali já tinham visto a criatura agarrada ao rosto dele, e todos haviam desviado o olhar, alguns franzindo o rosto de nojo. O dr. Reese foi a primeira pessoa a ver a criatura insetoide e vil com pernas longas e finas — a ver o modo como ela se prendera a Russ Jorden — e *sorrir*.

A tenente Paris se aproximou de Brackett, olhando apreensiva para Newt, a mãe e o irmão.

— Por que ele está sorrindo? — perguntou a menina, uma raiva terrível e amarga revirando-se no estômago. — Ele está feliz porque isso aconteceu?

— Claro que não — respondeu a tenente, bagunçando o cabelo de Newt. — O dr. Reese é um cientista, querida. Essa é uma coisa que ele nunca viu. Ele deve estar animado por descobrir uma coisa nova, mas tenho certeza de que está tão preocupado com o seu pai quanto todos nós.

— Mentira — bufou Tim.

Newt tinha certeza de que a mãe o repreenderia pela grosseria, mas ela não o corrigiu. Talvez concordasse. Ou talvez estivesse feliz por Tim ter dito alguma coisa, já que ficara quieto durante todo o trajeto de volta.

— Tem gente que sorri ou dá risada quando está nervosa — acrescentou Brackett.

— Eu faço isso às vezes — disse Newt, apertando a mão da mãe e virando-se para olhá-la nos olhos.

— Ele não parece nervoso — respondeu Tim.

— Mas deveria estar — sussurrou a mãe, de olhos arregalados.

O capitão deu um tapinha no ombro de Tim, depois virou-se e ergueu Newt do chão como se ela não pesasse nada. Cansada e triste como estava, ela nem protestou.

— Venham — disse ele. — Vamos levar vocês de volta ao alojamento para poderem tomar um banho.

Anne concordou, e juntos cruzaram a garagem em direção à porta larga pela qual Reese, Mori e os outros tinham acabado de passar. A sra. Hernandez e um garimpeiro chamado Gruenwald foram com eles, mas os outros ficaram para trás, só observando. Newt sentiu-se mal por ver todas aquelas pessoas que conhecia desde sempre os encarando como se eles estivessem fazendo um tipo de show, só que o show era o medo que assolava a família dela.

— Simpson deve estar esperando por vocês lá em cima, tenho certeza — comentou Brackett. — Ele vai ter que interrogar vocês sobre o que aconteceu lá, o que vocês viram...

— Não sei se consigo falar sobre isso — disse Anne encaminhando-se para a saída, os passos ecoando pela garagem.

O capitão estendeu a mão e apertou a dela, segurando-a por um segundo.

— Você vai ter que fazer isso, e não só pelo bem da colônia e por qualquer perigo que possamos correr. Cada detalhe que você lembre é mais uma informação que pode ajudá-los a recuperar o Russ.

— Mãe? — disse Tim, preocupado.

— Ok — respondeu Anne, meneando a cabeça. — Ok.

— Fico com você no interrogatório — continuou Brackett —, mas peça a algum amigo que faça o meio de campo para vocês depois, para ser seu contato, assim não precisarão falar com ninguém com quem não queiram falar.

— Não pode ser você? — pediu Newt.

O capitão a ergueu um pouco mais, apoiando-a no quadril, e a olhou nos olhos.

— Desculpe, Newt. Todos vamos ter muita coisa para fazer agora. Aquela nave lá fora muda tudo para a colônia. Meu pelotão precisa estar preparado para qualquer coisa, e precisamos fornecer segurança para as pessoas que o dr. Reese e o sr. Simpson mandarem lá fora para descobrir de onde ela veio e entender tudo o que puderem sobre os alienígenas que a construíram.

— Não! — gritou Anne, desesperada. — Não podem! Tem mais daquelas coisas lá. Muito mais!

Newt olhou para ela. Um medo que pensava ter derrotado ressurgiu em suas entranhas. A mente foi tomada pela imagem de centenas daquelas coisas aracnoides espreitando a colônia à noite, tentando grudar no seu rosto enquanto dormia.

Ela abraçou Brackett com força.

— Quantas, mãe? — perguntou Tim, com medo.

— Vocês encontraram mais alguma coisa? — perguntou o capitão. — Criaturas maiores? Alguma coisa talvez mais impressionante?

— Nada vivo — respondeu Anne.

O fuzileiro olhou para Gruenwald e a sra. Hernandez, que se aproximavam ao lado da tenente Paris. Todos prestavam muita atenção.

— Vamos falar sobre isso com Simpson — disse ele. — Até lá, ninguém vai fazer nenhuma idiotice. Vão tomar precauções.

A menina viu a mãe pensar e depois menear com a cabeça.

— Ok — disse Anne.

— Tenente Paris — chamou Brackett —, coloque Coughlin e Yousseff na porta do lugar para onde levaram o sr. Jorden. Diga ao dr. Reese que vou querer falar com ele em breve depois que Anne e eu tivermos conversado com Simpson. Depois, mande Draper e mais dois fuzileiros montarem sentinela na área da nave. Ninguém entra lá sem autorização de quem quer que assuma o controle operacional desse fiasco.

— Sim, senhor.

Newt sentiu-se um pouco mais segura. A voz do capitão, com sua confiança e determinação, tranquilizou-a um pouco. Poderia até acreditar que seu pai ficaria bem, se não pensasse demais naquilo.

Abraçou o capitão com ainda mais força.

— Obrigada — sussurrou ao ouvido dele.

Então, passaram pela porta e se dirigiram à escada de metal, as botas retinindo em cada degrau, e ficaram sem palavras mais uma vez.

MOVIMENTOS NA ESCURIDÃO

DATA: 23 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1637

Quase 24 horas depois de voltar com a família para Hadley's Hope, Newt estava na cama, as pernas encolhidas junto ao corpo.

A sra. Hernandez tinha vindo ao meio-dia para cuidar dela e de Tim, e feito vegetais cozidos para eles. Explicou que a mãe não queria que saíssem do alojamento da família.

Mesmo tendo apenas seis anos, Newt entendia que a mãe não queria que ela ouvisse outras pessoas falarem sobre o que acontecera com o pai, nem sobre o que quer que os cientistas e fuzileiros pudessem ter descoberto naquela espaçonave caída. Em outro momento, teria ficado zangada por ser excluída, mas naquele dia estava distraída demais pela preocupação com o pai.

Na noite anterior, tivera imensa dificuldade para pegar no sono. A lembrança dos próprios gritos ressoava na mente, e, toda vez que fechava os olhos, via os sacos pulsantes no corpo da criatura alienígena agarrada ao rosto do pai. Quando finalmente adormeceu, dormiu por dez horas seguidas sem um único sonho sequer.

Ao acordar, ficara aliviada por não ter tido pesadelos. Em seguida se lembrou do dia anterior e pensou no pai no laboratório médico. Foi quando percebeu que o verdadeiro pesadelo estivera esperando que ela acordasse.

Ao longo do dia, tentou ler e cochilar. Também tentou comer, mas só conseguiu beliscar. Tim ficou desenhando, mas quando ela quis saber qual era o desenho, ele respondeu que era melhor que ela não visse. Que não soubesse. Então, soube exatamente o que o irmão andara desenhando — a mesma coisa que ela via ao fechar os olhos.

A sra. Hernandez tratou de fazê-los comer, mas Newt não queria falar com ninguém, então foi para o quarto assim que terminou o prato de comida.

— Ssshhh — sussurrou, abraçando a boneca, Casey, junto ao peito e dando um beijo na cabeça dela. — O papai vai ficar bem. Tente não ficar com medo.

Newt tinha passado o dia dando esse conselho a Casey, mas a bonequinha não parecia inclinada a aceitá-lo. Não conseguia espantar o medo, assim como a garota também não conseguia.

— Seja corajosa — sussurrou.

Expirou e apertou Casey com mais força. Isso pareceu funcionar. Ser corajosa não era o mesmo que não ter medo. Sua mãe já dissera isso muitas vezes. Ser corajosa significava encarar o medo, e Newt prometeu em silêncio para si mesma que faria isso, não importava o que acontecesse.

— Você e eu, Casey — disse ela. — Nós vamos ser corajosas.

Franziu a testa. Tinha ouvido um barulho vindo da sala de estar? Uma pancada, talvez. Ou uma batida na porta. Seu pulso acelerou quando se enterrou ainda mais debaixo das cobertas. Então, lembrou-se do que tinha acabado de dizer a Casey. Por um momento, prendeu a respiração, depois afastou as cobertas. Segurando Casey, foi até a porta do quarto na ponta dos pés, mas então a porta se abriu.

Newt gritou e pulou para trás, fechando o punho direito — pronta para lutar. Então, a cabeça de Tim surgiu pela porta. Ela rosnou de dentes cerrados e avançou para ele, decidindo que Tim merecia um soco no nariz tanto quanto qualquer monstro que pudesse vir atrás dela.

— Fica quieta — sussurrou Tim, levando um dedo aos lábios para pedir que fizesse silêncio. Entrou no quarto, olhando nervosamente para trás. — A sra. Hernandez pegou no sono na poltrona e não queremos que ela acorde agora.

A mão direita de Newt relaxou.

— Por que não?

Tim a olhou, inquieto.

— Temos que ir, Rebecca.

Ela franziu o cenho.

— Quê? Aonde a gente...

— Papai acordou.

Seu coração disparou.

— Ele acordou? Tem certeza? Ele está bem?

Passos arrastados vieram de fora, e ela olhou para a porta, notando pela primeira vez que não estavam sozinhos. Aaron apareceu atrás de Tim, sério e também ansioso.

Newt segurou Casey discretamente ao lado do corpo. Aaron debochava dela por causa da boneca quase todo dia, e a menina não sabia se aguentaria isso naquela hora. Apesar de ser uns anos mais velho que Tim e ser maior que ele,

Aaron normalmente agia como se fosse mais novo.

— É verdade — confirmou Aaron. Sem debochar. Nem mesmo olhou para a boneca.

— Quero ir lá vê-lo — disse Tim, observando a irmã. — Mas não queria deixar você aqui, não sem dizer aonde vou e perguntar se você quer vir junto.

Primeiro, Newt ficou confusa, tentando imaginar como chegariam lá sem serem descobertos. Então, entendeu.

— Pelos dutos? — perguntou.

— Isso. Sabemos em que laboratório eles estão — respondeu Tim. — Já espiamos lá dentro antes, quando fomos brincar de Labirinto do Monstro.

— Não sei...

O irmão revirou os olhos, frustrado.

— Newt, você vem ou não?

— Mas...

— Vem, Tim — chamou Aaron —, a gente vai sem ela.

Newt sentou-se na beirada da cama, deitando Casey no travesseiro. A indecisão a paralisava.

— Mamãe disse que não era para a gente sair de casa — disse ela.

Tim a olhou com raiva.

— Não estou nem aí. Aaron ouviu os pais delem dizerem que o papai acordou, e eu vou lá ver.

— Vem — incentivou Aaron, virando-se para sair. Tim o seguiu.

— Vejo você depois, Rebecca.

Newt o observou enquanto saía, sentindo-se congelada por fora, mas frenética por dentro. Também queria ver o pai, mas a mãe havia dito para eles se comportarem, e não queria deixar a mãe zangada. Mais que isso: tinha medo do que poderiam ver se rastejassem pelos dutos e espiassem o laboratório médico para onde o pai fora levado. E se ele não estivesse acordado de verdade? E se aquela coisa no rosto dele o tivesse machucado, deixado marcas?

O pai nunca aprovaria aquela espiadela.

— Tim, não me deixe aqui — pediu num sussurro, não querendo gritar por medo de acordar a sra. Hernandez. Respirando fundo, levantou-se, virou-se e apontou para Casey, deitada no travesseiro. — Você fica bem aí e não se mexe. Volto já.

Calçando os sapatos, saiu do quarto em silêncio, olhou para a sra. Hernandez dormindo no sofá e passou rápido pela porta. Alcançou os meninos na esquina, atravessando um largo corredor.

— Ei, vocês, esperem por mim! — pediu.

Tim olhou para trás e sorriu um pouco, desacelerando o passo até que ela o

alcançasse.

— Vamos ficar de castigo se a mamãe nos pegar — comentou ela.

— Ai, para de choramingar — disse Aaron, ríspido.

Tim olhou feio para ele, e Newt sentiu-se um pouco melhor. O irmão nem sempre a defendia, mas ela esperava que, na ausência do pai, eles ficassem mais unidos do que nunca. Aaron podia ser legal, mas na maior parte do tempo parecia não gostar de ter uma menininha como companhia.

Bom, é o meu pai que está lá, pensou Newt, então, não ligo para o que você gosta.

Não queria começar uma briga com ele, nem que Tim acabasse brigando com o amigo. Mas havia enfrentado problemas demais nos últimos dois dias para tolerar a idiotice dele.

Os três pegaram um corredor secundário à esquerda que era usado principalmente pelos funcionários da manutenção. Havia um elevador de serviço no fundo, e na metade do caminho um grande respiradouro. Tim e Newt montaram guarda enquanto Aaron puxava a grade, depois se esgueiraram em silêncio para dentro do duto, com Tim atrás. Quando estavam todos dentro, ele puxou a grade, colocando-a no lugar.

Havia luz suficiente entrando pelos respiradouros e grades para que eles pudessem ver aonde iam. Passaram vários minutos rastejando depressa pelo tubo retangular e liso, virando aqui e ali, rumo aos laboratórios médicos e científicos. Em geral, mantinham distância daquela parte do complexo quando estavam brincando — os pais tinham avisado que só ficassem nas áreas residenciais da colônia. Mas todas as crianças de Hadley's Hope saíam um pouco dos limites em algum momento. Ainda assim, quando chegaram a um duto que se virava para baixo, mergulhando na escuridão, ela percebeu que nunca tinha ido por aquele caminho.

— Temos que descer lá? — sussurrou.

— Que foi, está com medo? — zombou Aaron, virando-se então para Tim. — Melhor você mandar sua irmã voltar, antes que ela comece a berrar ou coisa assim.

O garoto começou a descer o duto inclinado, primeiro com os pés, cuidadosamente. Assim que ele sumiu de vista, Tim se voltou para a irmã.

— Você está bem? — perguntou. — Olha, se quiser voltar...

Newt se jogou de cabeça no duto sem esperar que ele terminasse.

Deslizou de barriga, arrastando os dedos dos pés e usando as mãos para desacelerar a queda, mas ainda assim colidiu com Aaron no fundo. Ele gritou em protesto, depois cobriu a boca com a mão.

— Desculpa — disse ela, mas com um sorriso que deixava claro que não se

arrependia.

Tim desceu atrás deles, mas conseguiu se segurar a tempo. Uma luz fraca vinda de cima forneceu uma iluminação cinzenta ao duto, e eles prosseguiram rapidamente. O metal era frio ao toque, e a frieza penetrou os ossos de Newt.

Mais alguns minutos e três viradas depois, Aaron parou diante de um respiradouro iluminado por uma luz forte e branca.

— Chegamos — sussurrou. — Eu disse que conhecia o caminho. Agora, fiquem quietos, senão eles ouvem a gente.

Levaram alguns segundos para se acomodarem de um jeito que pudessem ver através da grade — os meninos esticados, um de cada lado, e Newt, a menor, ajoelhada no meio. Com uma das mãos na parede do duto acima do respiradouro, inclinou-se para espiar entre os vãos.

No começo, só conseguiu ver a mãe e a dra. Komiskey — uma mulher de cabelo encaracolado em torno dos quarenta anos que fazia o checkup anual de todos os colonos. Mas, quando se deslocou um pouco, inclinando a cabeça para a esquerda, Newt pôde distinguir uma terceira pessoa, sentada ereta numa mesa de exame, as pernas pendendo para fora.

De repente, a garotinha sorriu, sentindo um peso enorme afastando-se do coração. Era seu pai, com a maior cara de bobo ali, só de cueca.

— Sei como você se sente, Annie, mas não posso deixá-lo ir assim — disse a dra. Komiskey. — Ele não sai daqui enquanto não soubermos mais sobre o que aconteceu. Mesmo que eu estivesse disposta a dar alta, não poderia. Não sou a médica dele, sou só uma médica da equipe. O dr. Reese é o diretor da equipe de ciência e não vai permitir isso de jeito nenhum. — Ela olhou para Russ. — Estamos falando de uma espécie recém-descoberta, extraterreste e possivelmente *endoparasitoide*. Até agora, não sabemos nada sobre ela.

Newt não tinha ideia do que a dra. Komiskey estava falando, mas ouviu o pai rir baixinho e sorriu de novo.

Russ balançou a cabeça.

— Sinceramente, Theodora, está tudo bem. Querida, diga a Theodora que está tudo bem. Aquela coisa era nojenta. Se ela estava respirando por mim, e tinha que estar, certo?, eu gostaria de saber que efeitos isso teve sobre mim, se teve algum. Ela enfiou a língua na minha garganta, e só a Anne tem direito de fazer isso.

Newt torceu o nariz e ouviu Aaron rir baixinho. Deu uma cotovelada forte no garoto, que a olhou com raiva, mas ela continuou concentrada nos pais.

Alguém tossiu e Newt se mexeu outra vez, olhando para o outro lado. Ficou surpresa ao ver que o dr. Reese estivera na sala esse tempo todo, com o sr. Simpson ao lado.

— Acredite, sr. Jorden — disse a cientista —, queremos tirar o senhor daqui o mais rápido possível, mandá-lo de volta para seus filhos e para o trabalho. Mas seria uma atitude irresponsável fazer isso sem ter certeza de que o senhor não sofreu nenhum dano.

— Que eu não tenha contraído um tipo de praga ou coisa assim, você quer dizer.

— Isso também — concordou a dra. Komiskey.

A mãe de Newt pegou a mão do pai. Toda essa conversa sobre coisas feias deixava a menina ansiosa, mas se tranquilizou ao ver o amor entre eles. Discutiam muito, mas realmente se amavam.

— Na verdade, Russ — começou o sr. Simpson —, a equipe científica quer tentar a sorte com você agora. A dra. Komiskey fez o que pôde por você, mas a equipe precisa estudá-lo, e as razões são óbvias. Enquanto isso, mandamos algumas pessoas ao local na noite passada. Talvez elas possam trazer alguma coisa interessante para a gente.

— Você mandou pessoas? — disse Russ, a voz mais alta. — O achado é *meu*, droga. — Newt se encolheu diante da raiva do pai, desviando o olhar quando ele continuou. — É um achado autorizado, e é melhor que ninguém pense o contrário.

O dr. Reese foi até uma mesa, na qual havia uma bandeja de metal. Newt piscou, e um arrepio mórbido a percorreu quando viu as pernas aracnoides por cima da bandeja. Cinzenta e morta, a criatura jazia de costas, dura, e a cauda que antes tinha se enrolado em volta do pescoço do pai estava estirada.

O doutor pegou um bisturi e afastou as pernas da criatura.

— Ninguém está discutindo seu direito, sr. Jorden — disse ele. — Mas temos trabalho a fazer. Tente lembrar que o senhor ficou com esta coisa agarrada à cabeça por quase vinte e quatro horas.

A dra. Komiskey se voltou para Anne.

— Olhe para ele. Está quase morto depois de beijar a cara dessa lagosta e só consegue pensar no direito ao achado.

O pai lançou um olhar raivoso à dra. Komiskey, mas Newt percebeu que a médica estava certa. Ele estava pálido e exausto, com um aspecto adoentado. Viu o pai apertar o estômago e se encolher de dor. Ele grunhiu e deitou-se na maca, as mãos na barriga.

— Por favor, Theodora — disse Anne —, só me deixe levá-lo para o nosso alojamento. Vou ficar de olho nele o tempo todo.

A dra. Komiskey olhou para o dr. Reese, que fez que não.

— Sinto muito, Annie — respondeu a médica. — Não podemos. Por que não vai descansar um pouco?

Ninguém mais estava olhando para o pai de Newt, mas ela viu a dor estampada em seu rosto. Ele rangeu os dentes, e as mãos pareceram estremecer sobre a barriga.

— O que há com ele agora? — sussurrou Tim ao ouvido da irmã.

Newt balançou a cabeça. Não sabia.

A mãe hesitou, olhando para o dr. Reese e o sr. Simpson.

— Pode ir — disse a dra. Komiskey. — Vou ficar aqui com o Russ e esperar até eles voltarem do local. Talvez descubram alguma coisa, quem sabe?

Naquele momento, entrou correndo na sala um homem careca com um bigode farto e castanho. Newt o reconheceu, era um dos mecânicos que consertavam as lagartas.

— Eles chegaram — disse o homem, resfolegando depois de correr. Parecia preocupado e assustado. — Eles voltaram...

Outros dois homens entraram carregando alguém numa maca.

— ... e trouxeram uns amigos.

À esquerda de Newt, Aaron sussurrou um palavrão.

— Ah, não — murmurou Tim.

Newt sentiu lágrimas aflorarem aos olhos quando um novo medo tomou conta dela. Uma sensação nauseante surgiu no estômago e se espalhou a partir dali, pois o homem na maca tinha outra daquelas criaturas abraça-rostos colada a ele, pulsando e respirando por ele. A que estava na bandeja de metal ficara cinza, quebradiça e morta, mas a outra estava muitíssimo viva.

— Me ajudem — grunhiu Russ.

Anne foi até ele.

— Tim, o que há com o...

Russ gritou e arqueou as costas, rugindo de dor. O peito estufou. Ele jogou as mãos para o lado ao curvar-se de novo. Newt o fitava com olhos arregalados, algo dentro dele estava fazendo força para sair.

— Papai? — sussurrou. As lágrimas escorriam, quentes e rápidas, ardendo em seu rosto.

A mãe se virou, olhando para ele.

— Russ! — gritou.

Mais uma vez ele berrou e se arqueou. O peito explodiu com um jato de sangue, e ouviram o barulho úmido e repulsivo de ossos e pele se partindo.

— Papai! — gritaram Newt e Tim, juntos.

— Ai, merda! Ai, meu Deus! — choramingou Aaron. — O que é isso?

Então, o pai ficou inerte na mesa, mas algo se mexeu no peito, erguendo-se como uma cobra saindo de uma toca sangrenta. Pálida e ensanguentada, a criatura sibilou, exibindo dentes afiados, a cabeça virando para um lado, depois

para outro, os olhos bem fechados, como os de um recém-nascido.

Incapaz de emitir qualquer som e mesmo de respirar, Newt entendeu que, de alguma forma, a coisa devia ser exatamente isso. Um bebê.

As pessoas na sala gritavam umas com as outras, mandando que tomassem uma atitude, enquanto a coisa serpenteava para fora do peito do pai, deslizava para o chão e sumia num canto, onde atravessou uma pequena grade de plástico e desapareceu nas entranhas da colônia. Ainda pintada com o sangue do pai.

No duto mal iluminado, Newt olhou ao redor.

Ela está aqui agora, na rede de ventilação, com a gente, pensou ela. Labirinto do Monstro.

Começou a gritar de novo. E, desta vez, não pôde parar.

DATA: 23 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1830

Na pequena sala de exames onde costumava fazer o checkup anual, Anne sentou-se no chão aninhada com os filhos, um de cada lado. Eles enterravam o rosto na mãe, que os abraçava com força, sussurrando que agora ficaria tudo bem, embora até mesmo a menina de seis anos soubesse que era mentira. O pai estava morto, frio, coberto de sangue e já ficando azulado a apenas seis metros dali, no laboratório médico do qual Theodora Komiskey fora expulsa pelo dr. Reese .

— Ei — disse uma voz gentil.

Anne ergueu o olhar e viu a dra. Komiskey parada à porta aberta. Estivera falando com muitas pessoas, e discutindo com o dr. Mori, mas aquela era a primeira vez que a médica entrava para falar com ela.

— Theodora — conseguiu dizer, e as lágrimas fluíram.

Forçou-se a chorar em silêncio e a não tremer muito, torcendo para que as crianças não vissem as lágrimas. Newt havia pegado no sono abraçada a ela, exaurida pela tristeza, mas Tim ergueu a cabeça e a encarou, os olhos vermelhos, a expressão dura e desoladora. Ela detestava aquele olhar, lhe dizia que o mundo do menino havia se partido em dois, mas ele esperava que as coisas piorassem ainda mais.

— Acho que foi bom você não ter me deixado levar o Russ para casa — gemeu ela, olhando para a dra. Komiskey.

— Posso fazer alguma coisa por vocês? — perguntou a médica. — Reese está no meu laboratório, Mori e Hidalgo estão cuidando dos outros que foram trazidos com aquelas criaturas no rosto.

— Algum deles já...

— Ainda não — respondeu a dra. Komiskey. — Mas vão acordar. E não conseguimos encontrar aquele que... aquele que escapou.

— Não dá para cortar aquelas coisas? Ou fazer uma cirurgia para remover o que quer que tenha sido implantado nos coitados com aquelas coisas na cara? — perguntou Anne.

Não conseguia acreditar que precisasse fazer perguntas como aquelas.

— Você sabe o que aconteceu quando tentamos cortar a que estava no Russ. Elas sangram um ácido poderoso. Se tentarmos remover a coisa, é provável que o paciente morra. Sem falar na forma como a probóscide se enrola no pescoço do...

A dra. Komiskey parou de falar e desviou o olhar.

— Mas quer saber? Deixa para lá. Você não deveria ouvir isso. Deveria pegar as crianças e voltar para casa. Se descobrirmos alguma coisa, eu mesma vou te informar.

Um medo gélido vinha crescendo em Anne, e já estava dobrando de tamanho. Ela balançou a cabeça.

— Não vai dar, Theodora. Tem fuzileiros lá fora. Quero estar onde eles estiverem. Mais dessas coisas significam mais das malditas criaturas dentro das paredes ou onde quer que estejam. Estamos numa situação com que ninguém jamais teve que lidar antes. Com Russ...

Ela parou e olhou para Tim, viu como a boca dele se estreitara numa linha fina num esforço para não chorar.

— Estou sozinha — continuou. — E vou manter meus filhos em segurança. Isso quer dizer que preciso ficar onde a investigação está acontecendo. Quero saber o que vocês souberem, quando souberem, e quero um ou dois fuzileiros à distância de um grito.

Pensou em Demian Brackett, mas não mencionou o nome. Theodora não teria entendido, e a própria Anne não sabia bem se entendia. Considerando a história pregressa, deveria sentir-se imensamente culpada por desejar tanto a companhia dele naquele momento, mas não sentia nada disso. Amava Russ. Em seu coração, ele ainda era seu marido, e não conseguia imaginar que um dia deixaria de sentir isso.

Mas Demian ainda era seu amigo, e um fuzileiro colonial, e ela acreditava que ele faria tudo o que pudesse para cuidar de Anne e das crianças, em parte por saber que ele ainda estava apaixonado por ela. Talvez devesse sentir-se mal por tirar vantagem desse amor, mas ela era mãe, e a segurança dos filhos era mais importante.

— Quantos foram trazidos até agora? — perguntou.

A dra. Komiskey evitou encarar Anne durante um tempo.

— Quantos? — perguntou Tim.

Newt se remexeu no sono.

— Doze ou treze — respondeu a médica. — Há outros a caminho.

— Eles são idiotas? — disse Anne. — Eles têm que sair de lá agora, e ficar longe!

— Pelo que entendi, já saíram. Tudo isso aconteceu dentro de poucos minutos, em duas levadas... Os primeiros se grudaram aos fuzileiros que andaram entre os ovos, ou o que quer que sejam, e a segunda leva atacou as pessoas que estavam tentando resgatar o primeiro grupo.

Anne suspirou, segurou as crianças junto de si e ergueu o olhar.

— O que são essas coisas, Theodora? — perguntou, sem de fato esperar

resposta. — Com que diabo esbarramos aqui? Quero dizer, a companhia nos mandou lá para fora, deu coordenadas específicas e tudo. Eles sabiam o que encontraríamos?

Pelo olhar assustado da doutora, Anne soube que ela se perguntava a mesma coisa.

— Bem que eu queria saber — respondeu a dra. Komiskey. — Mas, mesmo que soubéssemos...

— O quê? Não ajudaria? — retrucou Anne, incomodando Newt. — Se eles sabem de *qualquer coisa* que nós não sabemos, acho que é hora de avisarem. Não concorda?

A doutora expirou.

— Vou contar tudo o que descobrir.

Então, virou-se e saiu, deixando Anne sozinha com as crianças. Eram os Jorden agora, só os três. Sem Russ, ela era a única pessoa que podia protegê-los, e faria isso.

Não importava o custo.



CAPTURA PARA ESTUDO

DATA: 23 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1837

Brackett segurou firme a arma, tentando manter a frustração sob controle. Ia na frente de uma assistente de laboratório chamada Khati Fuqua e um pesquisador conhecido como Gaio. A origem do apelido era um mistério que o capitão não tinha nem tempo nem disposição para desvendar.

Khati trazia um bastão de choque de noventa centímetros, enquanto Gaio arrastava uma peneira de malha leve para solo que pretendia usar como rede. Estavam se aproximando de um cruzamento no nível subterrâneo do bloco D, abaixo da ala do laboratório médico e do setor de operações. Embora o corredor estivesse silencioso e abandonado, Brackett estava distraído pelas vozes que vinham do comunicador em sua orelha. Al Simpson. Um dos assistentes do dr. Reese. Julisa Paris. Sargento Coughlin.

— Você se alistou no Exército para ser uma exterminadora de luxo? — perguntou Gaio, abrindo um sorriso que fez as suíças grisalhas e espessas ciciarem.

— Não sou exterminadora — respondeu Khati, ríspida. — Não vamos matar aquela coisa. As ordens são para pegá-la com vida.

— Não as minhas ordens — disse Brackett.

— O senhor pode ter assumido um posto aqui, capitão Brackett — retrucou Khati —, mas esta instalação está sob o controle operacional da Weyland-Yutani, e as ordens da empresa são para que qualquer espécie alienígena que encontremos seja capturada para estudo.

— A não ser que represente ameaça à vida humana — insistiu Brackett.

— Não tem nada sobre isso no manual — informou Gaio, espichando a cabeça pelo beiral de uma porta e espiando o interior de um banheiro cuja porta fora deixada aberta.

— Você acha que essa coisa representa perigo para a colônia? — perguntou Khati, arqueando a sobrancelha. — Pela forma como o dr. Reese a descreveu, a criatura parece uma cobra gorda com bracinhos. Acho que não vai nos causar muito problema.

— Isso se conseguirmos encontrar aquela coisa — suspirou Gaio. — Espera um segundo. — O pesquisador entrou depressa no banheiro, verificou as cabines e os respiradouros.

Após a morte de Russ Jorden e a fuga do parasita alienígena que lhe arrebentou o peito, Brackett reuniu o pelotão numa sala com Al Simpson e uns trinta colonos, alguns da equipe científica e outros da equipe colonial. O dr. Reese havia falado com eles sobre o parasita, esboçado uma descrição e pedido que procurassem por ele o mais rápida e exaustivamente possível. Era fundamental, disse ele, que a criatura fosse capturada com vida.

Dentre todas as pessoas, foi Marvin Draper quem fez a pergunta mais notável.

— Se a gente pegar esse bicho — disse ele —, vocês vão conseguir impedir que a mesma coisa aconteça com aqueles coitados que a gente tirou da nave abandonada?

O dr. Reese assumiu uma expressão triste e meneou lentamente a cabeça.

— Sim, essa é a nossa esperança.

De alguma forma, aquilo transformara o que Brackett tinha esperado ser uma caçada a um inseto numa operação de busca e resgate. Busca pelo parasita e resgate àqueles que ainda tinham os “abraçadores” colados à cabeça.

— Vem, Gaio — disse ele, voltando a caminhar pelo corredor sem esperar o pesquisador. — Precisamos ser mais rápidos.

Khati lançou-lhe um olhar de aprovação e o acompanhou. No banheiro, uma descarga soou, e Gaio veio correndo com a rede em cima do ombro, fechando o zíper da calça. Brackett bufou ao chegar à próxima porta.

Bateu de leve e esperou resposta. O segundo em comando de Simpson, Lydecker, surgira no sistema de comunicação para instruir todos na colônia a se trancarem onde quer que estivessem. Deviam ficar onde estavam até segunda ordem, e informar qualquer coisa fora do comum.

Não houve resposta.

— Abra — disse Khati.

Brackett se irritou. Precisava ter uma conversinha com aquela mulher. Mas isso podia esperar.

Era para ser um posto sossegado, pensou. Uma coloniazinha no meio do nada. Em vez disso, desde sua chegada, era crise atrás de crise. *Talvez eu dê azar.* Pensou em Anne Jorden, nos filhos dela e na perda deles, e decidiu que não queria se ver como responsável por nada daquilo, nem de brincadeira.

— Vamos — disse ele, virando a maçaneta e abrindo a porta.

Khati entrou primeiro, o bastão de choque em riste à sua frente. Brackett e Gaio foram em seguida, verificando o chão do que parecia ser um tipo de almoxarifado. As luzes se acenderam quando entrou, e Brackett se agachou para olhar as prateleiras mais baixas enquanto os outros faziam o mesmo ao longo dos corredores de materiais médicos e laboratoriais.

— Essas coisas são fabricadas aqui? — perguntou ele.

— Algumas são trazidas com as nossas provisões mensais — respondeu Khati. — O resto nós fazemos.

Brackett espiou um duto de ventilação e xingou.

— Temos cerca de sessenta pessoas procurando essa coisa, e ela pode estar em qualquer parte do complexo. Não temos a menor chance de encontrar a desgraçada se ela não quiser ser...

Um grito soou no corredor lá fora. Brackett correu para a porta, mas Khati chegou antes. Saindo, viraram à direita, correndo até o lugar de onde veio o grito — um som que foi abruptamente interrompido e agora ecoava em sua cabeça.

Gaio os seguiu, mas Brackett sentiu como se ele e Khati estivessem apostando uma corrida até ele segurar os ombros dela e colocá-la atrás de si.

— Mas que diabo...

Ele se virou para ela.

— Para mim aquilo foi um sinal de perigo, o que significa que você fica atrás e eu investigo.

— Essas não são as minhas instruções — rosnou ela.

— Agora são.

Sem esperar resposta, ele se precipitou pelo corredor, arma na mão, com Khati e Gaio na esteira. No cruzamento, parou, tentando perceber se o grito viera da esquerda ou da direita, dúvida resolvida quase imediatamente pelo aparecimento súbito do sargento Coughlin e de dois rostos desconhecidos vindo pelo corredor da esquerda.

— Ouviu isso, capitão? — perguntou Coughlin.

Brackett o ignorou. Os recém-chegados vinham da esquerda, o que significava que o grito — aquele grito solitário e pavoroso — tinha vindo do pequeno corredor à direita, que terminava em duas portas largas vaivém.

Correu naquela direção e, de repente, parou. Khati foi atrás dele. Um ar úmido e quente emanava daquelas portas, assim como o som vibrante de um maquinário.

— O que tem aí? — perguntou Brackett.

— A lavanderia.

Fez um sinal para Coughlin, que logo se posicionou ao lado dele. Brackett

ergueu três dedos da mão esquerda e fez a contagem regressiva, e juntos entraram de uma vez pelas portas duplas, o cano das armas percorrendo a sala em arcos opostos. O barulho das máquinas de lavar ligadas os assolou, e o cheiro quente e úmido de sabão fez os olhos arderem.

— Fique atento — disse Brackett, gesticulando para que Coughlin fosse na frente, depois erguendo a mão para indicar que os outros deveriam ficar para trás.

— Mas que merda — resmungou Khati. — É uma cobra alienígena, não o bicho-papão.

Brackett a olhou com dureza e ela revirou os olhos, mas não avançou.

Os dois fuzileiros percorreram a ampla sala, onde havia roupas e lençóis sujos dentro de cestos com rodinhas posicionados abaixo de dutos abertos, que provavelmente serviam para trazer as roupas sujas despejadas em escotilhas dos andares superiores. Uma porta aberta do outro lado da sala levava à outra câmara, a fonte do ruído estrondoso das máquinas.

Brackett e Coughlin correram para lá.

De repente, um carrinho de lavanderia se moveu, e uma figura saltou na direção deles. Brackett girou a arma, o dedo no gatilho ao ver os olhos enormes, aterrorizados de uma mulher alta e grisalha encarando-o.

— Que... — começou Coughlin.

Antes que pudesse reagir, a mulher passou por ele, por Khati e os outros e desapareceu no corredor. O medo em seu olhar era intenso.

Cobra alienígena, dissera Khati. A coisa podia ser horrorosa, mas, para inspirar aquele tipo de medo, devia ter feito algo terrível.

À entrada larga da sala de ruídos estrondosos cheia de máquinas de lavar, Brackett e Coughlin pararam por um instante. Então, o capitão fez que sim com a cabeça, e eles entraram.

A princípio, não soube direito para que estava olhando. As máquinas lavavam. As máquinas secavam. As máquinas dobravam e empilhavam. Mas as pilhas de roupas limpas, que deveriam estar em carrinhos como os que ele vira na sala dos dutos, estavam jogadas no chão.

— Capitão — chamou Coughlin, apontando para uma das enormes máquinas dobradoras.

Os lençóis brancos haviam sido introduzidos na máquina, esticados, vincados, dobrados e redobrados. Mas um deles não era inteiramente branco, tinha uma faixa longa e vermelha no meio, e o seguinte estava ensopado de vermelho.

O coração de Brackett disparou. Um parasita feioso tinha feito aquilo?

— Ande — disse ele em voz baixa, e prosseguiu com Coughlin até o outro lado da máquina enorme.

Os dois congelaram quando a máquina começou a gemer e estalar. Dois cilindros imensos tentavam trazer para dentro dela o corpo de um homem magro, que teve o braço e o ombro esquerdo mastigados pelo mecanismo de dobra. O buraco na testa, porém, não havia sido feito pela máquina.

Sangue e massa cinzenta escorriam para o chão.

Um segundo cadáver jazia a quatro metros dali, perto de uma das secadoras ruidosas em funcionamento.

— Quantas pessoas trabalham aqui embaixo? — perguntou Brackett.

— Talvez até quatro ao mesmo tempo — respondeu Gaio.

— Espalhem-se! — gritou o capitão. — Se virem alguma coisa, não se aproximem. Só avisem.

Atentos, os seis deslocaram-se entre as várias máquinas, pois naquele ruído indistinto das vibrações e das batidas era ainda mais imprescindível que ficassem de olho vivo. Brackett apontou a arma para os mecanismos da máquina dobradora ensanguentada, depois foi para a próxima, enquanto Coughlin começava a procurar entre as secadoras e atrás delas.

— Capitão! — gritou Gaio.

Brackett seguiu o som da voz e encontrou Gaio numa esquina onde um enorme ventilador na parede removia o ar superaquecido da sala. Havia meia dúzia deles espalhados pela lavanderia. Havia também outros respiradouros, e Gaio olhava para um deles.

— É o retorno — disse ele. — Traz ar resfriado de volta para a sala.

Brackett olhou. A tampa estava destruída, a treliça de metal arrebitada por dentro. O parasita havia chegado por ali.

— Olha. — Gaio apontou para o chão.

Mas Brackett não precisava que o pesquisador indicasse o objeto que estava ali, a poucos passos da grade destruída. Era um sapato deixado para trás, sujo de sangue. Um pavor doentio fez seu estômago revirar — nenhum “pequeno parasita” poderia arrastar um homem inteiro por um duto de ar.

Apontando a arma para a grade arruinada, Brackett recuou.

— Todos os civis, saiam daqui agora! — bradou, olhando para as pessoas atrás dele.

Khati lançou-lhe um olhar sombrio. Estivera andando entre as enormes lavadoras, examinando as sombras entre elas e atrás delas com o bastão de choque em punho. Ela foi na direção dele, com aquela curiosidade insaciável iluminando seus olhos.

— O que você encontrou? — gritou ela.

Brackett se voltou para Coughlin.

— Tire-os daqui — mandou. — Vou convocar Paris e pedir reforços.

— Se a coisa entrou nos dutos, pode estar em qualquer lugar — comentou Gaio.

— Vão logo — disse Brackett.

O pesquisador ergueu a mão livre.

— Não precisa repetir. Não quero acabar como esses coitados.

Coughlin rosnou ordens para os dois civis que o acompanhavam e mandou que fossem até a sala dos dutos ao lado de Gaio e Khati. Brackett continuou de olho na grade arrebitada e recuou ainda mais. Teria visto alguma coisa se mexer ali nas sombras? De algum modo, teriam que fazer a criatura sair dali, mas ele não tinha ideia de por onde começar.

Tocou o comunicador no colarinho.

— Aqui é Brackett. Preciso falar com Simpson.

Dessa vez, o grito veio de trás dele.

Brackett girou e viu um dos civis zunindo de volta à lavanderia. O capitão correu em direção à entrada. Uma mulher berrava desesperadamente. A arma de Coughlin disparou sem hesitar.

— Khati! — gritou Brackett ao entrar correndo na sala, arma em punho.

Uma coisa escura e ágil escalou uma estante encostada à parede. Ele mirou e atirou, os projéteis cravando-se na parede e quicando nas prateleiras de metal. Coughlin correu por baixo do alienígena e atirou à queima-roupa, espirrando sangue no chão, onde com um guincho a coisa fumegou e varou o piso. Coughlin gritou e desabou, arrancando a bota esquerda.

A criatura deu um salto, entrou num duto da lavanderia e desapareceu. Brackett deu mais dois tiros no tubo de metal, e depois nada mais pôde fazer além de ficar parado ali, com Khati ao seu lado. O que ela sussurrava parecia a prece mais entremeada a palavras que ele já tinha ouvido.

Virando-se para inspecionar a sala, Brackett viu Gaio deitado de qualquer jeito em cima de um carrinho de toalhas e lençóis imundos, o sangue vazando de um buraco no meio do peito. Os olhos se moveram uma última vez e vitrificaram, sem vida.

No chão, Coughlin recuou cambaleando para longe do duto e arrancou uma meia grossa, gritando de dor. Ficou sentado olhando o próprio pé. O ácido havia corroído parte da bota e da pele. Dois tocos em carne viva eram tudo o que restava dos últimos dois dedos.

— O que quer que seja essa coisa, não é nenhuma cobra — comentou Khati.

Brackett concordou. Num período de poucas horas, a criatura crescera até o tamanho de um cachorro grande ou um chimpanzé, embora não se parecesse nada com esses animais. A pele enegrecera, se tornado semelhante a uma casca, e tinha uma cauda sinuosa e serrilhada, além de uma cabeça enorme. Ele tivera

um vislumbre dos dentes na boca e sentira como se tivesse visto algo que só existiria num pesadelo.

Parece um demônio, pensou. Mas os demônios só existiam nas histórias, e essa criatura era real demais.

A que tamanho poderia chegar? A pergunta o retirou do choque.

— Simpson? — chamou ele no comunicador. — Simpson, aqui é o capitão Brackett, você está aí?

— Estou aqui, capitão — respondeu uma voz cansada e arrogante. — Fazendo meu trabalho. O que posso...

— Quantas são agora? Quantas pessoas com esses abraçadores na cara?

— Eram treze. Agora, só nove. Por quê?

— Como assim, “agora, só nove”?

— Quatro daquelas coisas caíram e morreram, exatamente como aconteceu com o Russ Jorden — explicou Simpson. — Estamos de olho nelas. Agora, dá para você me responder?

— Você precisa fazer a contagem de quantas pessoas há na colônia toda — disse Brackett, ansioso. — Trate de incluir todo mundo, do topo à base, e mande todos ficarem atentos. Vimos o alienígena aqui embaixo, na lavanderia. Ele matou pelo menos três pessoas, pelo que vimos, mas acho que pegou outras.

— Pegou? Como assim?...

Brackett silenciou o comunicador e voltou-se para Coughlin.

— Vá para o laboratório médico agora mesmo. Vigie os pacientes lá. Se alguma daquelas coisas sair de dentro de um deles, mate essas cobras malditas antes que cheguem aos dutos.

Coughlin ficou em posição de sentido, com um olhar aterrador, repleto de sofrimento.

— Sim, senhor.

Khati se irritou.

— Você não pode...

— Você não viu aquela coisa? — disse Brackett, ríspido. — Que se foda se não posso!

DATA: 23 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1903

A caminho do laboratório médico, Coughlin passou pelo de pesquisas, usado pela equipe científica, no momento em que um dos assistentes do dr. Reese saía.

O sargento olhou para dentro da sala e parou, espiando pela fresta na porta. Num tanque cilíndrico de vidro no meio do laboratório — um dentre vários tanques idênticos —, um dos agarradores flutuava num líquido azul borbulhante. Pouco antes de a porta se fechar, Coughlin viu a coisa se mexer, viu a cauda enrolada golpeando o vidro do tanque como o ferrão de um escorpião.

O assistente de laboratório o censurou com o olhar.

— Por que está *me* olhando desse jeito? — perguntou Coughlin. — O que está acontecendo aí dentro?

— Informação restrita, sargento — respondeu o assistente. — E o senhor...

— É, que seja — interrompeu Coughlin. — Vocês estão examinando essa coisa, talvez para tentar ajudar, ou talvez só porque a Weyland-Yutani quer a porcaria dos dados. Mas o que quero saber é *como* vocês pegaram o bicho. Pelo que ouvi, não há jeito de tirar essas coisas de um paciente sem matá-lo. Vocês conseguiram trazer um daqueles ovos da nave abandonada ou assassinaram alguém em nome da ciência?

O assistente franziu o cenho, contrariado.

— Todas as pessoas com o primeiro estágio do xenomorfo no rosto já estão praticamente mortas.

Coughlin fechou os punhos.

— O que está dizendo?

O assistente deu um sorriso frouxo.

— Estou dizendo que a informação é restrita, sargento. — E seguiu em frente. Coughlin queria atirar nele.

Quando chegou ao laboratório médico, o sargento encontrou a dra. Komiskey sentada numa cadeira perto da porta com os braços cruzados, parecendo uma criança zangada, mas Coughlin entendeu o motivo. O laboratório, normalmente o território de Komiskey, fora dominado pela equipe científica. O dr. Mori observava os pacientes enquanto a dra. Hidalgo ia de leito em leito verificando os sinais vitais. Um dos assistentes estava sentado numa maca, passando um tipo de unguento numa ferida feia e irregular no próprio braço.

Coughlin olhou para o homem ferido e murmurou um palavrão. A dra. Hidalgo parecia nervosa, até assustada, mas os olhos do dr. Mori estavam iluminados por um estranho entusiasmo.

— Com licença, doutores, mas o capitão Brackett me mandou aqui para...

— Fomos informados — respondeu o dr. Mori com frieza. — Entre e fique fora do caminho.

Porém, Coughlin não se mexeu. Contou sete pacientes com abraçadores, e dois sem.

— Cadê os outros quatro?

— No necrotério — respondeu a dra. Hidalgo, empalidecendo.

— Puta merda — sussurrou Coughlin, levando uma das mãos à cabeça. — E os parasitas? Vocês mataram, ou pelo menos prenderam?

Os cientistas nada disseram, mas a dra. Hidalgo olhou para o homem que agora enfaixava o ferimento. Pelo menos um deles tinha tentado impedir que os parasitas escapassem.

— Vocês são lunáticos — disse Coughlin, balançando a cabeça. — Será que não entendem? As coisas crescendo dentro deles... quando saem são pequenas, mas crescem, e bem rápido. E agora nós temos, o quê?, cinco delas por aí? Vamos ter que reunir todo mundo por segurança, ou pelo menos agrupar as pessoas em certos locais, com guardas armados.

A dra. Hidalgo usou um fórceps para tocar as pernas longas e esguias do abraçador que cobria os olhos, o nariz e a boca de Saida Warsi. A coisa escorregou e caiu no chão, morta, e a longa probóscide deslizou de dentro da boca aberta da mulher enquanto ela tossia, recuperava a consciência e começava a gritar. Coughlin se perguntou se ela sabia o que vinha acontecendo ao seu redor, se conhecia o destino medonho que a esperava.

— Bem? — disse o dr. Mori. — O que está esperando? Vá caçar.

— Não, não — respondeu Coughlin, erguendo o cano da arma, pronto para matar o que quer que emergisse daqueles pobres coitados. — Só vou informar o capitão Brackett. Eu? Eu vou ficar bem aqui.

A QUESTÃO PROFISSIONAL

DATA: 23 DE JUNHO DE 2179 HORA: 2209

Todas as incertezas abandonaram a mente de Demian Brackets.

Percorria os corredores do porão do bloco F com a precisão militar que fora inculcada nele desde o primeiro dia do treinamento na Marinha Colonial, as costas coladas à parede, virando o cano da arma em arcos curtos. Do outro lado, a soldada Yousseff fazia o mesmo, alerta e eficiente. Ela podia ser do bando de Draper, mas provava ser mais do que capaz de pensar por si só. Seu olhar era repleto de inteligência, coragem e a dose certa de medo para manter a prudência.

Horas haviam se passado desde a morte de Gaio, e as informações chegavam rápidas e furiosas. Coughlin relatara a atividade no laboratório, o projetinho de ciência que o dr. Reese vinha conduzindo. Quando tudo isso tivesse terminado, e os alienígenas — que a equipe científica vinha chamando de xenomorfos — tivessem sido eliminados, Brackets pretendia ter uma bela conversa com o doutor sobre como ele havia adquirido o abraçador vivo. Se tivesse sido de forma antiética, se Reese tivesse arriscado a vida de alguém, Brackets prenderia o filho da puta com as próprias mãos. A Weyland-Yutani podia dar aos seus cientistas imensa liberdade para cumprir suas metas, mas nem mesmo a companhia podia tolerar negligências que levassem à morte de inocentes.

Uma tosse baixa fez Brackets olhar para trás. Khati ficara com ele após a morte de Gaio, ainda carregando o bastão de choque. Yousseff lançou-lhe um olhar fulminante.

— Desculpe — disse Khati. — Mas não sei por que precisamos fazer todo esse silêncio. Se aquelas coisas nos ouvirem, não vão sair correndo para longe. Vão tentar nos matar.

Brackets resmungou e se voltou para Yousseff.

— Até que ela tem razão.

Mesmo assim, deslocaram-se em relativo silêncio, indo depressa de sala em sala, verificando cantos escuros e atrás dos móveis, espiando atentamente por entre grades e respiradouros. Cada vez que Brackett olhava dentro de um dos dutos de ar, sentia um mal-estar, lembrando que Newt e as outras crianças costumavam brincar ali. Algumas partes daquele sistema de circulação de ar eram largas o bastante para o xenomorfo em crescimento, mas outras eram mais estreitas, e Brackett achava que os alienígenas teriam dificuldade para passar por elas.

— Controle, aqui é Brackett — disse ele ao comunicador. — Preciso de um mapa do sistema de ventilação.

Estática na linha. Depois, uma voz.

— Capitão, aqui é Lydecker. Na verdade, deixamos tudo aberto. Como andamos evacuando seções da colônia, mantendo a população em pontos mais fáceis de proteger, isolamos outras áreas da forma mais eficaz possível. Assim que a sua equipe tiver completado a inspeção, vocês poderão acessar essas áreas uma por uma.

Brackett e Yousseff viraram-se e entraram numa sala enorme de concreto cheia de canos e odores químicos. Havia água pingando das junções mal fechadas dos canos e manchando o piso, e o cheiro de terra e mofo se misturava ao dos produtos químicos.

— Devo desculpas à sua equipe, Lydecker — admitiu Brackett. — Subestimei vocês.

Estática de novo. Depois, uma voz diferente.

— Deixe os beijos e abraços para depois, capitão — disse a tenente Paris. — Recebi informes detalhados de três diferentes pontos de relocação. A população está temporariamente alojada em quatro lugares, mas há pessoas desaparecidas.

— Merda. Quantas?

Não houve resposta.

— Lydecker! — chamou Julisa Paris pelo comunicador, com rispidez. — Quantas no total?

Estática. Então, Lydecker respondeu:

— Quinze.

O número fez Brackett estacar. Ficou congelado dentro da sala com os vazamentos, tentando apenas respirar.

— O que foi? — perguntou Khati.

Yousseff, que estava no mesmo canal de comunicações que Brackett e ouvira a conversa, voltou-se para ela.

— Problema.

O capitão expirou e olhou para os canos gotejando ao redor.

— Que merda de sala é esta?

— Estamos debaixo da estufa — informou Khati.

Tá legal, pensou ele. Isso explica muita coisa.

— Lydecker, aqui é Brackett — disse ao comunicador. — Vamos continuar caçando, mas caçar não basta. Assim que vocês tiverem isolado toda a população, preciso que você e o Simpson ponha o dr. Reese e a equipe dele numa sala e trabalhem numa questão que em breve será a única importante.

— Que questão é essa?

Não houve estática dessa vez.

— Aonde os alienígenas estão levando as pessoas? — retrucou Brackett. — Tem que haver uma razão para eles levarem algumas, em vez de só matar e abandonar os corpos. Meu palpite é que estejam todas reunidas num só lugar, como um ninho, ou colmeia, ou algo assim. Precisamos descobrir onde fica e levar os reforços para lá.

Muitos segundos se passaram até o chiado da estática no ouvido de Brackett parar. Olhou para Khati, depois para Yousseff. Por fim, Lydecker disse:

— Você acha que eles estão usando as pessoas para procriar. Mas temos quase certeza de que nenhum dos alienígenas saiu da colônia. Nenhuma das portas externas foi aberta nem arrombada, e eles teriam que voltar para a nave abandonada para chegar aos tais... ovos, ou o que quer que sejam.

— Não temos como saber — interveio Yousseff. — Nunca encontramos essa espécie antes. Não sabemos do que são capazes.

— Aquelas pessoas podem ainda estar vivas — afirmou Brackett em tom sombrio. — Então, quando tiverem certeza de que as outras estão seguras, comecem a procurar. Se houver chance de salvá-las, precisamos tentar.

— Estou com o senhor, capitão — disse Lydecker. — O sr. Simpson acabou de entrar e pediu que eu garanta ao senhor que ele também está.

— Tudo bem. Vamos completar a inspeção do porão do bloco F, depois vamos subir para...

Krrkk. Um jorro de estática na linha. Depois, gritos.

— ... achei um! Tem um dos desgraçados bem aqui! Nível um, lado noroeste...

Krrkk. Gritos no fundo.

— Draper! — gritou Yousseff ao comunicador. — Reforços a caminho!

Brackett já estava em movimento, correndo para fora da sala dos canos. O lado noroeste do nível um era logo acima.

— Escada? — gritou ele.

Khati correu ao seu lado com o bastão de choque, o que era uma visão patética, e disse:

— Vire à esquerda, a porta fica à direita, perto do elevador! Não tem como errar.

Yousseff o alcançou, ainda gritando por Draper, mas sem receber resposta pelo comunicador. Solto vários palavrões. Brackett rilhou os dentes, tentando lembrar quem mais fora fazer a inspeção com Draper. Dobraram a esquina derrapando, e ele avistou uma porta com uma enorme letra B pintada.

— Olho vivo! — disse ele. — Tem mais de uma dessas coisas.

Virou a maçaneta e escancarou a porta. Yousseff avançou, arma em punho, mas a escada estava vazia. Subiram correndo dois degraus por vez na luz trêmula e falha, e puderam ouvir gritos e berros antes de chegar à porta que dava para o nível um.

— De novo! — disse Brackett, segurando a maçaneta e escancarando a porta.

Yousseff entrou primeiro, e o capitão foi logo atrás dela, com Khati fechando a retaguarda. Tropeçaram no corpo ensanguentado e destruído de um fuzileiro que só reconheceram pelo uniforme. Por meio segundo, Brackett pensou que fosse Marvin Draper, mas logo ouviu uma voz masculina trovejar, e correu com Yousseff para o canto.

Armas em punho, viraram no corredor.

— Puta merda! — bradou Yousseff.

Marvin Draper escorava o corpo contra uma porta para impedir que um dos alienígenas passasse. Só tinha uma pistola consigo, o fuzil estava no chão, a quase dois metros dele. Vociferava palavrões enquanto o xenomorfo — muito maior do que tinha sido apenas quatro horas antes — arranhava a porta e batia a cabeça e o corpo nela, jogando Draper cerca de quinze centímetros à frente antes de o fuzileiro se atirar de novo contra a porta.

O alienígena guinchou, os braços esguios passando pela fresta. No chão do corredor, um homem de macacão cinza gritava olhando fixamente o braço esquerdo, a perna e o abdômen, onde o sangue ácido da criatura havia corroído a carne e escavava o osso. As feridas fumegavam.

Brackett ignorou o homem aos berros — na melhor das hipóteses, morreria em minutos.

O alienígena batia a cabeça, tentando passá-la pela fresta, se contorcia e guinchava. De dentro das mandíbulas surgiu uma segunda boca, tentando atacar o rosto de Draper.

— Filho da puta! — gritou ele ao se desviar.

Enfiou a arma na boca da criatura e puxou o gatilho. Depois deu a volta e usou a porta para se proteger do jato de ácido antes de batê-la para manter a besta furiosa do outro lado.

Não seria capaz de segurá-la por muito mais tempo.

— Draper! — gritou Brackett. — Deixa ele vir!

Esperava que ele protestasse, mas viu nos olhos de Draper que ele havia compreendido, e o fuzileiro concordou meneando a cabeça.

— Um! — gritou Yousseff, assumindo uma posição ao lado de Brackett. — Dois!

— Três! — berrou Draper, afastando-se da porta e saindo em disparada pelo corredor.

O alienígena passou, parou e encarou os recém-chegados.

Brackett e Yousseff abriram fogo. De uma distância segura, Draper fez o mesmo. Partiram a criatura em pedaços e ela desabou no chão, agonizante mas morta, com o sangue atravessando o piso em segundos.

Draper gritou em triunfo e atirou nela mais uma vez. Brackett não conseguia comemorar — não com o fuzileiro morto atrás dele e o civil agonizando a apenas quatro metros. Agora o homem estava deitado no chão, esvaindo-se em sangue, os olhos opacos e vitrificados. Daria o último suspiro a qualquer instante. Não havia nada que pudessem fazer por ele, e Brackett nem sabia seu nome.

O homem expirou, com um estertor vindo da garganta, e morreu.

Seu sofrimento terminara.

— Ele deu uns tiros com a arma do Valente antes de o Valente cair — explicou Draper. — Mas estava perto demais. O sangue.

— Nós sabemos — respondeu Yousseff, virando-se para olhar a esquina logo atrás do cadáver de Valente. — Droga, Jimmy.

— Ele era um bom fuzileiro — comentou Draper.

Para Brackett, aquele era o único elogio fúnebre que qualquer um deles poderia esperar.

— Chegou bem na hora, senhor — disse Draper, guardando a arma e batendo continência para Brackett. O capitão retribuiu a saudação sem formalidades.

— Fez um bom trabalho ao sobreviver até a nossa chegada.

Olharam-se por um momento, unidos na mútua antipatia, mas ambos, pensou Brackett, entendiam que tinham subestimado um ao outro. Pelo que tinha visto, Draper era um fuzileiro e tanto.

— O que eles querem de nós, capitão? — perguntou Yousseff, aproximando-se do alienígena morto e olhando os restos. — Se só querem nos matar, ou nos comer, por que não fazem isso logo, em vez de raptar as pessoas?

Khati foi até o xenomorfo, observando-o tanto quanto a distância segura permitia.

— Agora que temos um para examinar, talvez comecemos a descobrir. — Ela notou Brackett olhando para o bastão de choque, então o sacudiu um pouco. —

É. Acho que vou arranjar uma arma.



PERÍODO DE INCUBAÇÃO

DATA: 25 DE JUNHO DE 2179 HORA: 0954

Coughlin gostava da dra. Hidalgo. Ela podia ser apática e distante às vezes, como qualquer cientista que ele conhecera, mas também tratava as pessoas com cortesia e tinha um sorriso gentil. Parecia *notar* as pessoas, coisa que seus colegas nunca faziam.

Porém, parado no laboratório vendo-a trabalhar, ele não teve tanta certeza. A doutora e seu assistente, Wes Navarro, monitoravam os sinais vitais de uma das pessoas que ainda tinham aquelas coisas aracnoides alienígenas grudadas ao rosto. Mas não se esforçavam em salvar vidas. Tinham desistido das outras sete vítimas, entregando-as à morte iminente, e isso deixava Coughlin revoltado. Uma coisa que os pais lhe ensinaram quando criança era nunca se entregar, nunca se render ao desespero.

A dra. Komiskey estava sentada numa cadeira entre dois leitos, bebendo chá. Os pacientes que ocuparam aqueles leitos estavam mortos, tinham sido levados ao necrotério pelo ordenança Volk.

— Vai ficar só sentada aí? — perguntou Coughlin. — Essas pessoas vão morrer. O Zak Li, ele sabe esculpir uma flauta com as próprias mãos e é um guitarrista fenomenal. A Mo Whiting é tipo uma exobióloga ou coisa assim, certo? É gente boa. E você vai deixá-los morrer?

Theodora Komiskey não tirou os olhos do chá. O sofrimento pairava sobre ela como uma nuvem.

Mas Coughlin queria uma resposta, então continuou:

— Vocês aí, com sua medicina e sua ciência, agindo como se soubessem de tudo, e vocês nem vão tentar...

— Sargento! — interrompeu a dra. Hidalgo, bruscamente.

A mulher mais velha o fulminou com o olhar. Tinha um pequeno cilindro de

metal numa das mãos. Navarro havia parado também — segurava uma bandeja de aço com um par de fórceps. Estavam um de cada lado de Zak Li, como se estivessem prestes a fazer algo além de só observar.

— Deixe a dra. Komiskey em paz, sargento — disse a dra. Hidalgo. — Nenhum de nós tem dormido mais que poucas horas por dia. Ela fez tudo o que pôde por essas pessoas, tudo em que pudemos pensar. O senhor conhece o termo “triagem”?

— Claro. Significa que você descobre quem está em pior estado e em que ordem precisa tratar das pessoas. Fazemos a mesma coisa em campo.

A dra. Hidalgo assentiu lentamente, indicando a meia dúzia de pacientes deitados nos leitos ao redor deles.

— Também significa que você trata as pessoas que têm chance de sobreviver e aprende a reconhecer as que não têm. Estamos em modo de triagem, sargento. Não podemos salvar estas pessoas. Se queremos ter uma chance mínima de salvar o restante desta colônia, precisamos aprender tudo o que for possível sobre os alienígenas e descobrir um modo de derrotá-los.

Coughlin se retesou, mas, ao olhar para Zak e Mo e todos os outros com aquelas *coisas* no rosto, começou a vê-los não como pacientes, mas como baixas.

Só um deles, um colega fuzileiro chamado Joplin Konig, já havia perdido o abraçador. Tinha acordado por um momento e começado a gritar, de olhos arregalados, até Navarro lhe aplicar uma injeção. Joplin estava completamente sedado.

— Isso é uma merda — resmungou.

— Concordo — respondeu a dra. Hidalgo, mas já havia retomado o trabalho.

Debruçou-se sobre Zak Li e espirrou alguma coisa em duas das patas aracnoides de cada lado do rosto. As pernas ficaram brancas, congeladas, assim como o trecho da pele de Zak visível entre as patas da criatura.

Nitrogênio líquido, pensou o sargento.

— Pronto — disse Hidalgo.

Navarro usou o fórceps para erguer uma das patas. Ela se quebrou e todos na sala ficaram paralisados.

— Não tem sangue — disse o assistente.

A dra. Komiskey se levantou, bebeu um gole do chá e foi até eles.

— Talvez exista um jeito seguro de tirar essas coisas malditas deles, afinal... — disse ela cuidadosamente. — Mas vocês acabaram de matar a pele da bochecha do sr. Li também.

O monitor começou a apitar alto, depois ininterruptamente.

— Droga! — gritou Navarro.

— O alienígena cortou o oxigênio dele — disse a dra. Hidalgo, em tom desolador e resignado. — Afastem-se. Não há nada que possamos fazer por ele agora.

Então, ficaram ali — a médica, a cientista, o assistente e o sargento Coughlin —, impotentes. Assim que a porção das patas do alienígena começou a descongelar, o coto da que fora quebrada começou a sangrar. O ácido corroeu a bochecha de Zak, atravessou o leito e o chão abaixo dele.

Zak Li nem teve chance de gritar.

— É isso — disse Coughlin, erguendo a arma. — *Existe* uma coisa que podemos fazer por essas pessoas, um jeito de acabar com o sofrimento. Se elas vão morrer mesmo, então vamos tirá-las dessa agonia e matar essas baratas alienígenas todas de uma vez só.

A dra. Hidalgo avançou, colocando-se entre a arma de Coughlin e os pacientes.

— Você não fará nada disso!

O sargento franziu o cenho.

— Por que não? Para vocês poderem continuar estudando seus preciosos xenomorfos? — Balançou a cabeça. — Faça isso sem esses coitados. Sei que Mori e Reese estão lá no laboratório de pesquisas, fazendo sabe-se lá Deus o quê. Vá ficar com eles, dra. Hidalgo, e deixe que eu me preocupe com o lado humano das coisas aqui. Pelo que estou vendo, você e sua equipe não são muito bons nisso.

Navarro pigarreou.

— Hã... gente?

A dra. Komiskey foi correndo até o leito de Mo Whiting. Tirou uma caneta do bolso e a usou para cutucar o alienígena que cavalgava o rosto de Mo, e a coisa aracnoide deslizou, soltando a probóscide longa e agora cinza que estivera em torno da garganta como se fosse um tipo de cordão umbilical ressecado.

Coughlin sentiu nojo.

Porra, pensou. É exatamente isso.

— Tem mais um saindo aqui — disse Navarro. — Ainda não temos um período gestacional consistente, mas estes dois logo vão acordar. Alguém vai precisar ter “aquela conversa” com eles.

Em seu leito, perto da porta que levava à sala de exames, o soldado Joplin Konig começou a engasgar e se contorcer. Inconsciente, passou a gemer, e o corpo se sacudiu como se convulsionasse.

Coughlin tocou o comunicador no colarinho.

— Capitão Brackett, na escuta? Aqui é Coughlin.

Estática na linha. Depois, a voz de Brackett.

— Na escuta, sargento. Diga.

— Vai acontecer agora!

— Não deixe outra dessas criaturas sair do laboratório viva — rosnou o capitão.

— Sim, senhor!

Navarro pegou um dispositivo todo elaborado que ele equipara com uma rede, ainda determinado a capturar o parasita assim que ele saísse do peito de Joplin.

— Afaste-se, Navarro — disse Coughlin. — Isso não é caso para captura.

— Sargento... — começou a dra. Hidalgo.

Theodora Komiskey ergueu ambas as mãos, tentando arbitrar, como se tivessem tempo para discutir. Havia pessoas demais tentando impedir Coughlin de fazer seu trabalho. Precisava de reforços. Deixara Ginzler no corredor, protegendo o laboratório.

Quando Konig arqueou-se na mesa, com os olhos abertos e tentando respirar, Coughlin recuou na direção da porta automática e estapeou o painel que a abria. Ao ouvir o ruído da porta se abrindo, virou-se para chamar Ginzler.

Havia um alienígena à porta, mais de dois metros de altura, com pele de ébano e equipado como se tivesse sido projetado por um artesão da carne louco. Uma baba fétida e viscosa escorreu das mandíbulas quando a criatura avançou nele.

Coughlin gritou de terror e ergueu a arma, porém tarde demais. Quando o bicho o agarrou com força, esmagando seus braços, ele puxou o gatilho e projéteis partiram para o chão e as paredes, matando Zak Li no leito. Então, o alienígena chicoteou com a cauda, e cravou-a no coração de Coughlin com a precisão de um espadachim.

Morrendo, Coughlin ouviu a dra. Hidalgo gritar.

Em sua mente, gritou para que ela corresse, mas não lhe restavam nem palavras, nem fôlego.

A escuridão o reivindicou.



A dra. Hidalgo fechou a boca, ouvindo os próprios gritos ecoarem na mente. O medo tomou conta dela, um terror diferente de qualquer coisa que já tivesse sentido, mas ela o reprimiu.

O alienígena removeu a cauda ensanguentada do peito do sargento Coughlin com um som nauseante de osso triturado e o estalo úmido de um golpe letal.

Navarro soltava um palavrão atrás do outro, frenético, e cambaleou para trás, caindo por cima do monitor de Mo Whiting antes de desabar no chão. O alienígena avançou nele, quase pulando a cada passo, os movimentos vagamente

semelhantes aos de uma ave, mas que deixaram a cientista enojada.

— Ai, meu Deus — disse a dra. Komiskey. — Aimeudeus.

Sua voz vinha de trás do leito do soldado Konig, onde ela estava encolhida, imaginando que poderia evitar a morte. Uma segunda criatura surgiu pela porta, pisando no cadáver do sargento Coughlin.

A primeira foi na direção de Mo Whiting, e Navarro gritou e pulou, tentando fugir. A criatura o agarrou pelo cabelo e o arrastou de volta, regurgitando um líquido denso em seu rosto. Navarro sufocou e se debateu, mas, logo esmoreceu, e o alienígena continuou arrastando-o em direção à porta.

A segunda pulou para perto do soldado Konig no momento em que o peito do homem arrebentou e uma criatura recém-nascida surgiu dele. Os dois monstros ignoraram um ao outro. O parasita pulou para fora do leito e disparou pelo chão, enquanto o adulto avançava até a dra. Komiskey.

A dra. Hidalgo recuou devagar, mantendo os olhos neles. Apressou o passo aos poucos. Enquanto o segundo recém-chegado espetava o ombro de Komiskey com a cauda num golpe não letal, o primeiro parou e se virou em direção à dra. Hidalgo, que ficou imóvel. A criatura não tinha olhos que ela pudesse distinguir, mas inclinou a cabeça como se a avaliasse, depois voltou a arrastar Navarro para fora do laboratório.

Com o coração martelando o peito, quase incapaz de respirar, ela se virou e correu em direção à sala contígua de exames, estapeando o painel. Quando a porta se abriu, ela entrou e a trancou, correndo para o intercomunicador na parede. Apertou e ficou segurando o botão vermelho; ouviu um chiado crepitante de estática e se esforçou para não gritar.

— Aqui é Hidalgo, no laboratório médico — disse em voz baixa, as palavras soando nos alto-falantes no teto da sala, e em todos os outros espalhados pela colônia. Era esse o propósito do botão vermelho. — Eles estão aqui — arfou ela, o lábio inferior tremendo enquanto olhava para a porta, tentando calcular quanto tempo levariam até virem atrás dela. — Por favor, alguém ajude.

DATA: 25 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1013

Brackett chegou ao laboratório médico com Yousseff, Hauer e mais dois fuzileiros. Silencioso e ágil, praticamente vibrando com a adrenalina, gesticulou para que eles assumissem posições em torno da porta aberta. Havia sangue espalhado no chão e espirrado nas paredes em padrões que ele imediatamente reconheceu.

Dois mortos, pelo menos.

Esquadrinhou o corredor em ambas as direções, mas não viu sinal de alienígenas nem pessoas. O laboratório de pesquisas da equipe científica ficava no final do corredor. Gesticulou para um fuzileiro alto e abrutalhado cujo nome não tivera tempo de aprender, indicando que verificasse o laboratório de pesquisas. A porta do lugar estava completamente selada, mas, com os alienígenas circulando pelos dutos de ventilação, achava melhor ter certeza.

— Capitão — chamou uma voz baixa, e ele se virou para encontrar Hauer agachado na área do elevador a quatro metros e meio dali. Brackett ergueu a mão com a palma voltada para fora, indicando que o soldado deveria ficar a postos e esperar por ele.

Acenando com a cabeça para Yousseff e outro fuzileiro — um soldado de carreira coberto de cicatrizes e com a barba por fazer chamado Sixto —, Brackett entrou no laboratório médico, virando o cano da arma num arco que cobriu toda a sala.

— Nossa, cara — sussurrou Sixto.

— Vasculhem — disse Brackett, e os três se espalharam.

Verificaram atrás das máquinas e viraram os leitos, passaram ao redor de poças de sangue e apontaram lanternas para respiradouros escuros. Havia três cadáveres na sala, Coughlin e dois colonos que antes tinham abraçadores no rosto, mas agora exibiam um grande buraco no meio do peito. As pessoas que estiveram ali, pacientes, cientistas e fuzileiros, haviam desaparecido.

— Capitão Brackett — disse Yousseff —, que diabo é isso? — Ajoelhou-se no chão perto de um leito, tocando uma pequena poça de um líquido grosso, grudento e resinoso que se esticou entre os dedos. Com uma careta de nojo, limpou os dedos no leito.

Brackett ouviu um barulho e virou-se para ver a dra. Hidalgo olhá-lo pela janela de uma porta do outro lado da sala.

— Uma porra de um milagre — sussurrou ao correr até a porta e tentar abrir a tranca.

A doutora o fitava por aquela janelinha, de olhos arregalados, e pareceu levar um momento para perceber que precisava abrir a porta por dentro. Balançou a cabeça como se saísse de um transe e abriu a tranca para que a porta se abrisse, deslizando-a para dentro de um encaixe na parede.

— Como é que a senhora está viva? — perguntou Brackett.

— Sal... sss... — A dra. Hidalgo tentou falar, mas não conseguiu, erguendo a mão para cobrir a boca. Os olhos se encheram d'água, porém ela pareceu proibir as lágrimas de caírem. Fortalecendo-se, respirando devagar, ela se endireitou um pouco.

— Sala de exames — explicou, desta vez de forma clara. — Eu disse que estava na sala de exames.

As palavras soaram como um tipo de acusação, e Brackett franziu o cenho. Todos a tinham escutado pelo sistema de comunicação do complexo, mas Yousseff dissera que isso indicava o laboratório médico. Será que a doutora estava zangada com eles por não terem ido diretamente a ela antes de verificar se havia ameaças no laboratório?

Talvez ela não estivesse pensando com clareza.

— Não entendi — admitiu ele.

— É uma área isolada. Estéril — respondeu a dra. Hidalgo, as mãos ainda tremendo enquanto punha uma mecha de cabelo grisalho atrás da orelha. — Acho que lá dentro eles não puderam me farejar.

— Ou já tinham conseguido o que procuravam e não quiseram ficar aqui esperando a sorte virar contra eles — sugeriu a soldada Yousseff, chutando o corpo ressequido de um abraçador morto. — Levaram todos os outros daqui, inclusive os que estavam incubando mais daqueles parasitas malditos.

A estática estalou no ouvido de Brackett.

— Aqui é Simpson para o capitão Brackett. Na escuta, capitão?

— Um momento, sr. Simpson — respondeu Brackett, dando uma olhada na sala de exames e depois voltando-se para a dra. Hidalgo. A mulher era mais durona do que parecia, mas pôde ver que ainda estava abalada. — Tem certeza de que está bem?

A cientista expirou. Ergueu a mão e a pousou no ombro dele, grata.

— Não estou nada bem, capitão, mas obrigada por perguntar. E por vir. Do contrário, acho que eu não teria saído dessa sala.

Ele voltou a olhar para o interior da sala de exames.

— Talvez a senhora estivesse mais segura lá dentro. — Dirigiu-se a Yousseff. — Soldado, por favor, fique com a dra. Hidalgo. Volto num segundo.

Então, foi para o corredor, onde Hauer montava guarda perto da área do elevador.

— Tenho a impressão de que eles estão ficando grandes demais para os dutos de ventilação, capitão — disse Hauer.

Brackett foi até lá e olhou para as portas do elevador, que haviam sido abertas à força e agora estavam emperradas e tortas. A escuridão do poço do elevador se escancarava, emanando frieza. Ele manteve a arma apontada para a abertura, mas não se arriscou a chegar mais perto.

Tocou o comunicador no colarinho.

— Simpson, aqui é Brackett. Quer falar comigo?

— Você parece bem agitado, capitão.

— Dormi seis horas em três dias, então estou meio pilhado. Perdi a conta de quantas pessoas morreram e quantas foram raptadas, e estou tentando contar quantos desses alienígenas teremos que enfrentar agora. Todos no laboratório médico estão mortos ou desaparecidos, exceto a dra. Hidalgo...

— Merda.

— ... então não vai demorar para os números crescerem expressivamente. Temos que localizar essas coisas, e tem que ser *agora*.

— E o laboratório de pesquisas? — perguntou Simpson. Brackett olhou para o corredor. O fuzileiro que mandara para ver como estavam Reese e Mori saiu de lá. Fez sinal de positivo para o capitão.

— Está seguro — informou Brackett.

— Ok. Tudo bem, escute — continuou o administrador, a estática confundindo as palavras. — Quero que você convoque todo o seu pessoal. Vamos reunir todos eles num só lugar e quero que seu pelotão os proteja. — Parou, depois acrescentou: — Quando os alienígenas vierem, aí você pode matá-los.

Brackett bufou, zangado, olhando o enorme abismo escuro do poço do elevador.

— Você perdeu o juízo, Simpson. Eles estão procriando agora mesmo, e os que já estão aqui estão crescendo... ficando mais fortes. Precisamos caçar e exterminar esses insetos antes que nasçam mais deles. É nossa única esperança.

— Discordo — respondeu Simpson, em meio à estática.

— Ah, é? Bom, tenho uma pergunta para você. — Brackett virou-se e viu a dra. Hidalgo sair do laboratório médico para o corredor. — Tem certeza de que é uma boa ideia reunir todo mundo? Porque, se meu pelotão não localizar esses desgraçados, acho que você vai estar só arrumando a mesa para o jantar.

DATA: 25 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1107

Anne acordou de um susto na escuridão, arfando depois de um pesadelo. Sua memória já se fragmentava e deslizava para os recantos da mente.

Recuperou o fôlego, sentiu o suor frio na pele, depois expirou ao perceber que tinha sido um sonho. Olhando ao redor, viu Newt e Tim espalhados num cobertor que fora colocado no chão, usando jaquetas, agasalhos de moletom e almofadas como travesseiros. Ela se lembrava de tudo. Da espaçonave abandonada com sua carga abominável e do que acontecera ao marido.

— Russ — sussurrou ela, os olhos enchendo-se de lágrimas que ela logo enxugou. Precisava ser mais forte que isso, pelos filhos.

Havia outras pessoas dormindo ao redor deles, umas dez que ela conhecia havia anos, mas que naquele momento pareciam distantes. Algumas eram amigas, outras, vizinhas e colegas de trabalho, mas as únicas prioridades de Anne eram os filhos.

E Demian, pensou. Não importava o que mais houvesse no passado deles, Demian já havia sido um grande amigo. O que quer que pretendesse fazer, deveria incluí-lo.

Em seu íntimo, tinha consciência de que Demian Brackett não chegara ao posto de capitão da Marinha Colonial sem ter provado seu valor. Ela e as crianças tinham uma chance muito maior de sobrevivência com ele do que sem ele.

— Mãe? — chamou Tim em voz baixa. — Você está bem? Fez um barulho.

— Só um sonho ruim, querido. — Ela esperava ter soado mais calma do que se sentia. — Volte a dormir.

— Eu não estava dormindo. Não consigo. Toda vez que fecho os olhos...

Você vê seu pai morrer, pensou ela.

Choramingando baixinho, ela pegou o filho e o abraçou.

— Eu sei, Timmy. Eu sei.

Estavam amontoados em pequenos grupos havia quase dois dias inteiros, esperando Simpson e Demian avisarem que estavam livres do perigo. Pelo que Anne tinha ouvido, isso ainda não tinha acontecido porque não encontraram nenhum sinal dos colonos desaparecidos, nem dos alienígenas que supostamente seriam a versão adulta daqueles parasitas. Então, na noite anterior, alguém tinha notado que parte do gado havia sumido.

A porta se abriu abruptamente, e ela e Tim desviaram o olhar da luz cortante que entrou na sala. Os dois mecânicos perto da entrada se ergueram de um salto,

apontando armas para a silhueta que avançou para dentro, contornada pelo clarão do corredor. Então, a figura acendeu as luzes e a sala toda se iluminou, e as pessoas resmungaram protegendo os olhos.

— Todo mundo de pé! — disse Lydecker. — Vamos deslocar todo o pessoal imediatamente.

Puxou os dois mecânicos armados para uma conversa particular enquanto as pessoas começavam a se levantar, recolhendo roupas de cama, travesseiros e outros objetos. Havia mais duas crianças na sala, que tinham trazido jogos e livros. Anne gostaria de ter trazido essas distrações para os próprios filhos.

Comida e bebida foram levadas para eles ao longo dos dois dias, e a maior parte dos restos dessas refeições ainda estava por ali. Anne ficaria feliz em sair daquele espaço fechado.

— O que está acontecendo? — perguntou, erguendo uma sonolenta Newt nos braços, onde a garota se aconchegou e voltou a dormir. Dois fuzileiros esperavam no corredor, montando guarda. Uma nova onda de medo passou por Anne, e ela foi até Lydecker com Tim logo atrás. — Brad, o que aconteceu? Lydecker olhou para os outros, viu que estavam ocupados juntando suas coisas e se curvou para falar baixinho no ouvido dela:

— Dois dos grupos foram atacados — revelou. — Quatro baixas, mas todos os outros estão a salvo. Simpson e Brackett acham que será mais fácil proteger todo mundo se estivermos todos num lugar só. Todos os que puderem receberão armas, e também será mais fácil nos isolar do resto da colônia.

Anne o olhou fixamente. *A salvo*, ele dissera.

— Ah, meu Deus.

Quatro baixas. Ela se perguntou quem eram. Cada um seria alguém que ela conhecia, talvez um amigo, pelo menos alguém com quem já fizera uma refeição ou dera risada naqueles anos. Então, percebeu que não queria saber. *Quatro baixas*, pensou mais uma vez. Melhor só considerá-las assim. Melhor... pois haveria outras.

— Venha, Tim — chamou ela. — Fique comigo.

Anne e os filhos estavam entre as primeiras pessoas a saírem da sala. Ela olhava ao redor o tempo todo enquanto seguiam Lydecker, e tratou de ficar perto dos fuzileiros, pensando que isso os deixaria mais seguros caso os alienígenas atacassem.

A cada passo, fazia planos.

O socorro deve estar a caminho, pensou. *A esta altura já devem ter mandado um relatório, um pedido de socorro. Mas quanto tempo deve levar até que alguém chegue?*

A colônia tinha uma espaçonave escavadora à mão para minerar asteroides,

caso houvesse necessidade. A dúvida era se a *Onager* estava em Aqueronte ou no espaço quando a merda atingiu o ventilador. Ela não sabia a resposta, mas entendeu que precisava descobrir — e discretamente, pois, se todos tivessem a mesma ideia, haveria muita pressa em fugir.

Tentou imaginar até onde a nave os levaria. Só para outra lua ou para fora do sistema? Não haveria hipersono numa nave escavadora, percebeu, mas, se pudessem apenas chegar a uma órbita segura, poderiam esperar no espaço até que o socorro chegasse.

E, se a *Onager* não estivesse lá, sempre havia as lagartas na garagem. Na superfície do planeta, ela e as crianças só teriam a comida e a água que conseguissem levar, e precisariam tomar cuidado com as tempestades, mas pelo menos estariam longe dos alienígenas.

Conseguiriam reunir suprimentos e chegar ao hangar sem serem pegos? Sem que as criaturas os matassem ou os raptassem? Se a nave escavadora não estivesse lá e ela revistasse os outros veículos em busca de quaisquer suprimentos que pudesse encontrar, quanto tempo poderiam sobreviver se ela fosse até um dos processadores mais distantes? Tempo suficiente para a ajuda chegar?

— Preciso falar com o capitão Brackett — disse ela a um dos fuzileiros, o soldado Stamovich. Segurava a mão de Tim com a sua esquerda, carregando a filha adormecida com o braço direito.

— Ele está meio ocupado agora — debochou o militar.

— Assim que chegarmos ao novo local, preciso que entre em contato com ele — insistiu ela, firme. — Avise que quero falar com ele.

Stamovich revirou os olhos e se afastou, apontando a arma para esquinas e portas abertas.

O outro fuzileiro era Boris Chenovski, que andava ao lado dela.

— Eu faço o contato, sra. Jorden — disse ele. — Mas pode levar um tempo para o capitão responder. Estamos no meio de uma grande caçada, sabe?

— Eu sei — respondeu ela num sussurro, apoiando a cabeça na de Newt enquanto caminhava. — Só faça o que puder, por favor.

Contudo, em sua mente, uma contagem regressiva tivera início.

MEDIDAS DE SEGURANÇA

DATA: 25 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1212

— Vamos mesmo ficar seguros? — perguntou Newt.

Anne segurava a mão da filha enquanto desciam a escada, cercados por quinze ou vinte pessoas. O coração batia desenfreado no peito, mas ela se esforçou para sorrir.

— Newt, eu te amo muito. Não vou deixar nada acontecer com você.

— Promete que não vai me deixar?

Anne mal conseguia respirar. O sorriso enfraqueceu enquanto apertava a mão da garotinha.

— Prometo.

Chegaram ao nível seguinte. A porta fora deixada aberta e as pessoas iam passando por ela, reunindo-se às outras que já estavam no corredor, seguindo na mesma direção. Ela teve um vislumbre de Al Simpson andando por ali, pálido e desgrenhado, mas ainda no comando, bradando ordens.

— Vem, querida — disse ela, pegando a filha no colo mais uma vez ao correr para atravessar a multidão. Olhou para trás e avistou Tim. — Vem, pequeno.

Tim franziu o cenho.

— Não sou pequeno.

— Não — concordou Anne, pensando que, na ausência do pai, Tim teria mesmo que crescer bem rápido. — Acho que não é mesmo.

Havia uma dupla de fuzileiros no corredor, ajudando a guiar as pessoas e a garantir que todas chegassem a seu destino de modo organizado, mas Anne viu a forma como observavam os respiradouros e as portas, e a maneira como seguravam as armas, prontos para atacar.

— Está vendo, querida? Esses caras não vão deixar nada acontecer com a gente.

Um grupo de mecânicos, pesquisadores e engenheiros estivera ocupado soldando portas e fazendo barricadas, isolando toda uma seção do bloco D não muito distante do laboratório médico. Duas portas foram deixadas sem solda, mas eram vigiadas por fuzileiros, e agora a maior parte dos colonos sobreviventes se dirigia à enorme área de armazenagem no bloco D, onde se esconderiam até que os militares e voluntários destruíssem os alienígenas ou o socorro chegasse.

Anne tentou não pensar na terceira opção.

Tim correu para acompanhá-la, ficando na frente da mãe e da irmã como se para protegê-las.

— Não se preocupe, mãe — disse ele, firme. — Você e a Newt podem contar comigo para cuidar de vocês.

Anne mordeu o lábio e tentou não chorar. Não temia por si, mas pensar nos filhos presos com aqueles monstros dava-lhe vontade de gritar. *Monstros que nós encontramos*, pensou.

Monstros que trouxemos para cá.

— Já me sinto melhor — respondeu ela. — E você, Newt?

— Hã, claro — disse a garotinha, inexpressiva.

O olhar vagava ao redor, alerta, exatamente como os fuzileiros, e Anne percebeu, não pela primeira vez, como a filha era esperta. Newt segurou a boneca Casey junto ao peito e se agarrou com mais força à mãe.

Anne alcançou Simpson um momento depois. Ele estava ofegante e suado, e tentou ignorá-la ao vê-la chegar.

— Sr. Lydecker — disse ele ao comunicador manual —, captou alguma coisa nas varreduras? Alguma coisa que ajude a saber o local exato onde as criaturas estão?

Assim tão perto de Simpson, Anne pôde ouvir os estalos na resposta de Lydecker.

— Ainda não, senhor. Se houver uma colmeia ou coisa do tipo... Bom, estamos trabalhando nisso.

— Mantenham as portas trancadas, Brad — disse Simpson. — Tomem cuidado.

Anne apoiou Newt no outro quadril e olhou para ele enquanto andavam. Não deixaria que o administrador a evitasse.

— Acha mesmo que vamos ficar seguros na área de armazenagem? — perguntou ela.

— Se ficarmos separados, aquelas coisas vão nos pegar um por um — argumentou Simpson. — O melhor a fazer é usar todos os nossos recursos para proteger esta área e resistir até o socorro chegar.

Anne sentiu um arrepio percorrê-la.

— Sério, Al. Quem poderia nos ajudar?

— Mandeí uma mensagem para Gateway. — Simpson se empertigou, orgulhoso, como se ele próprio tivesse acabado de garantir a salvação de todos.

— Vão mandar mais fuzileiros.

— Mas isso vai levar semanas! — exclamou Anne.

As pessoas se viraram para olhá-la. Ao seu lado, Tim as encarou com firmeza até que desviassem o olhar. Newt a abraçou com força, incomodada com a aflição da mãe.

Anne desacelerou o passo, deixando Simpson seguir em frente. Com os filhos, passou a andar ao lado de um militar.

— Sabe me dizer onde está o capitão Brackett? — perguntou ela. — Preciso muito falar com ele.

— Vou avisá-lo, sra. Jorden. Mas, como pode imaginar...

— Só avise, por favor. Diga que é importante.

— O Demian vai ajudar a gente, mãe? — sussurrou Newt ao ouvido de Anne.

— Talvez *nós* é que vamos ajudá-lo — explicou ela, perguntando-se quanto tempo poderia esperar por Demian antes de empreender a fuga... e quanto tempo sobreviveriam na superfície, em meio às tempestades de detritos, dentro de uma lagarta. — Não podemos ficar aqui — disse ela ao fuzileiro. — Tem que haver um jeito de escapar deste planeta.

— O único jeito de escapar é lutando — respondeu ele.

Anne olhou para Tim, tão corajoso e bonito... tão parecido com o pai. É, lutar e morrer, pensou, beijando a têmpora da filha.

Mas talvez o militar tivesse razão — talvez ainda pudessem sair dessa. Com todos reunidos, haveria um limite para o número de hospedeiros que os alienígenas poderiam abduzir. Os garimpeiros eram durões, e a maioria estava armada. *Talvez ainda possamos matar todas as criaturas. Retomar o controle da colônia.*

De hora em hora. Decidiu que esse era o único modo de avaliar a situação. *De hora em hora e um dia de cada vez.* Se Simpson e o resto da equipe conseguissem acomodar todos na área de armazenagem, Anne esperaria um tempo.

Será que isso é esperança, Annie?, perguntou a si mesma. Na mente, foi a voz de Russ que ela ouviu. A resposta veio imediatamente. Não era a esperança que impulsionava sua decisão, não agora. As crianças estavam exaustas, e não só elas. A angústia e o medo haviam drenado toda a vitalidade de Anne. Então, por enquanto, descansariam e confiariam nas outras pessoas.

Amanhã de manhã ela reavaliaria a situação.

Vai, Demian, pensou ela. *Precisamos conversar, você e eu. Precisamos fugir.*

No entanto, de uma coisa tinha certeza. Se decidisse que era hora de partir e Demian discordasse, ou se não fosse capaz de encontrá-lo até lá, ela e as crianças fugiriam sozinhas.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 0717

Os olhos de Newt se abriram. Ela os esfregou, limpando-os, e piscou ao se espreguiçar e bocejar, soltando a boneca Casey.

O chão sob o cobertor era frio e duro, mas de alguma forma ela estivera dormindo com a jaqueta da mãe embolada debaixo da cabeça como travesseiro. Fazendo uma careta de nojo, limpou a baba da boca e percebeu que uma parte havia chegado à jaqueta. Ao sentar-se, tentou limpá-la. Então, percebeu onde estava e por quê.

Um peso terrível tomou conta de seu coração ao olhar para as dezenas de pessoas que haviam se reunido na área de armazenagem. Só umas poucas dormiam, ali nos fundos da sala com ela. As outras estavam sentadas conversando, assustadas, ou de pé em grupos aflitos. Havia alguns fuzileiros e garimpeiros pelo recinto, portando armas. Um deles, Chenovski, tinha parado a poucos passos dela, falando em voz baixa com Tim e seu amigo Aaron.

— ... acham que agora eles estão grandes demais para passar pelos dutos de ar? — perguntou Aaron.

Chenovski assentiu.

— Depende de quanto tempo faz que chocaram, nasceram ou sei lá o quê, mas sim. É o que nós achamos.

— Alguns desses dutos são bem grandes por dentro — comentou Tim, olhando ansioso para uma grade no alto da parede. — Já entramos neles.

— Esta é uma área de armazenagem — disse Chenovski. — Normalmente, não tem ninguém morando nela. Os dutos vão trazer ar, e só estão aí para ventilação. Os dutos que chegam até aqui são mais estreitos do que na maior parte da colônia. Mas não se preocupem... — Deu um tapinha no fuzil. — Ainda estamos de guarda. Vocês estão protegidos, ok?

Tim e Aaron se entreolharam, não pareciam convencidos. Newt não os culpava. Tinha visto a coisa que saíra do peito do pai. Olhou nervosa para a grade no alto da parede, pegou a boneca e a abraçou.

Cruzou as pernas e ficou sentada ali, sentindo-se muito pequena com toda aquela gente ao redor. Seu olhar passeou por rostos conhecidos e alguns nem tanto, e o coração começou a acelerar enquanto procurava pela mãe. Os olhos dardejaram de um lado a outro, e um medo terrível se acendeu dentro dela, ardendo cada vez mais a cada segundo.

Newt fechou os olhos por um instante, mas, na escuridão em sua mente, viu o pai se contorcer quando o alienígena arrebentou seu corpo, e ouviu o grito de

dor... a última vez que ouvira sua voz — e jamais voltaria a ouvi-la.

Quantos rostos conhecidos faltavam agora? Quantos estavam mortos como o pai?

— Não — murmurou Newt, o lábio tremendo e os olhos marejados. Levantou-se, segurando Casey junto ao corpo. — Mamãe?

Virou-se para Tim, Aaron e o soldado Chenovski.

— Cadê a mamãe? — perguntou, mas a voz saiu baixa demais. Sentiu como se fosse invisível para eles.

A respiração travou no peito quando ela saiu correndo em pânico, acotovelando as pessoas. Tim gritou o nome dela e a seguiu, mas Newt não queria mais o irmão, queria a mãe. Colidiu com pernas, quadris e costas, chamando pela mãe, mas ao mesmo tempo vislumbrava rostos e tentava descobrir quem não estava lá na área de armazenagem, e se estariam mortos. Onde estava o amigo do papai, Bill? Onde estava a cozinheira, Bronagh, que sempre guardava para ela um sacolé ou um pedaço de bolo?

— Mamãe? — gritou mais uma vez.

A mão de alguém segurou seu braço. Com o rosto corado de calor e molhado de lágrimas, a menina tentou se desvencilhar, mas não conseguiu. Ouviu seu nome, palavras gentis, mas balançou a cabeça e se virou, zangada... desesperada. Só queria a mãe. Em vez disso, viu-se olhando nos olhos castanhos da dra. Hidalgo. A mulher tinha rugas ao redor dos olhos que pareciam ter se aprofundado, como se ela tivesse envelhecido muito mais nos últimos dias.

— Newt — repetiu a dra. Hidalgo. — Está tudo bem. Escute. Sua mãe está ajudando a trazer comida e mantimentos para nós. Há poucos minutos ela me pediu para cuidar de você quando acordasse, mas parei para conversar com alguém. Sinto muito por você ter acordado sozinha.

As palavras pareciam vir de muito longe.

— Ela... ela tá viva?

— Sim, querida. Ela está bem. Eu juro.

Mas algo sombrio passou pelo rosto da dra. Hidalgo, e Newt entendeu, ouviu a hesitação na voz da cientista.

— Mas outra pessoa morreu — afirmou a menina.

A dra. Hidalgo confirmou.

— Muitas pessoas foram levadas enquanto nós nos ajeitávamos aqui na noite passada. Em silêncio.

Em silêncio, pensou Newt. Sabia que era muito nova, mas, como ela sempre dizia, ser muito nova não a tornava idiota. *Em silêncio* significava que os alienígenas também não eram burros. Eram sorrateiros e inteligentes.

Tim e Aaron a alcançaram.

— Rebecca — disse o irmão —, o que está fazendo? Você não pode sair correndo...

— Eu queria a mamãe — respondeu ela, enxugando os olhos. Aquele mesmo peso se instalara em seu coração, e de repente ela se sentiu fria e dura como o chão no qual tinha dormido. — Quero o papai.

Aaron desviou o olhar. Tim meneou a cabeça.

— Também quero.

Newt sentiu que ficava um pouco entorpecida.

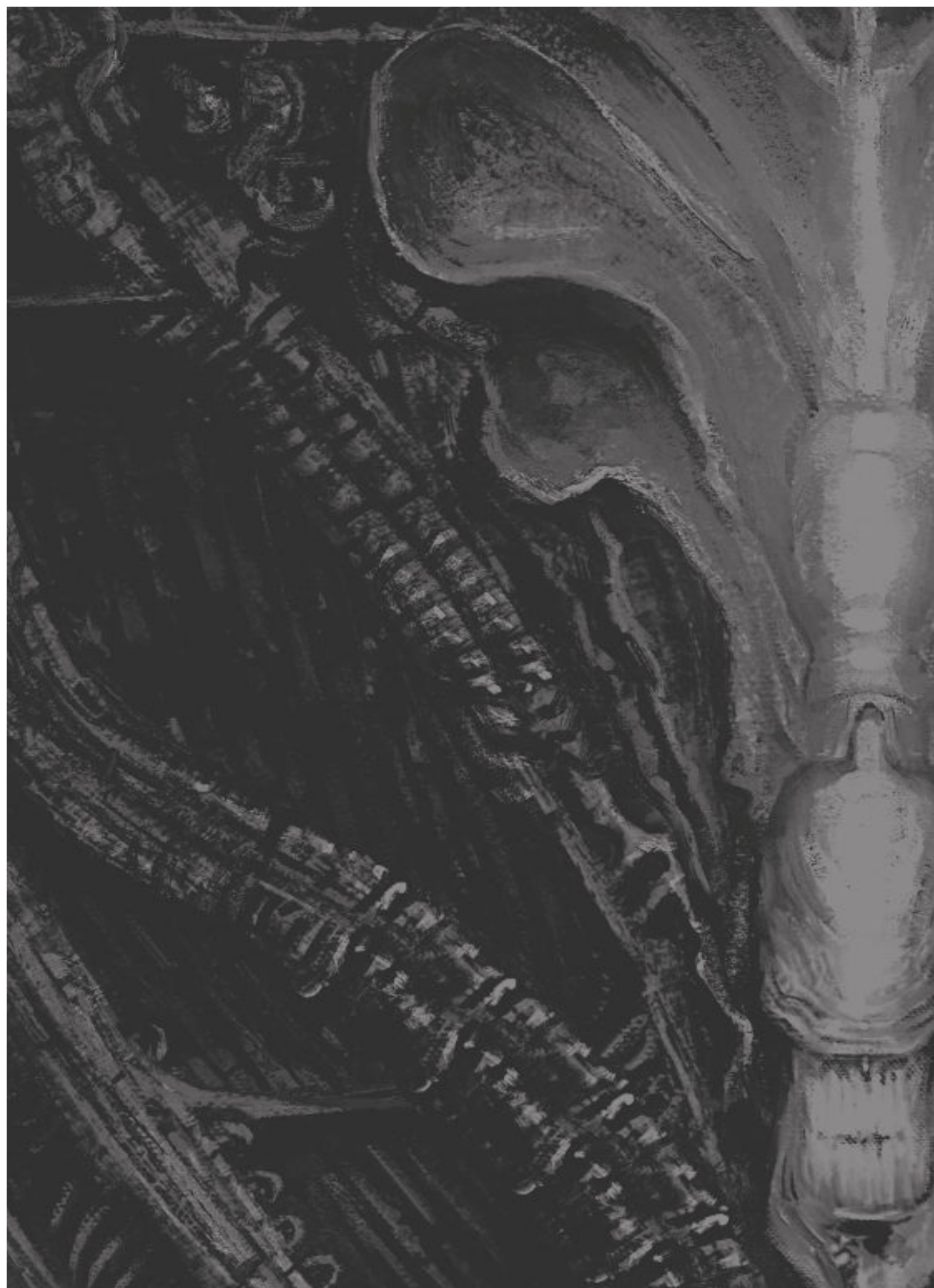
— Quem mais sumiu? — perguntou ela à dra. Hidalgo. — Quem mais morreu? O Aldo está bem? E a Lizzie Russo? A sra. Flaherty está aqui?

A cientista piscou, pega desprevenida pelo último nome, e a menina entendeu que não haveria mais nenhum pedaço de bolo esperando por ela na cozinha. Nem sacolé. Bronagh Flaherty estava morta. Ela fechou os olhos com força por um segundo e pôde ouvir mais uma vez o grito do pai.

Newt virou-se para o irmão e mergulhou nos braços dele. Tim a abraçou com força.

— Quero a mamãe — disse ela.

— Eu sei. Ela está vindo.



23

ROTAS DE FUGA

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1111

O dr. Reese vacilou nos degraus enquanto o soldado Stamovich abria a porta e seguia para o corredor, com a arma em punho. Stamovich estava pálido e exausto, mas praticamente vibrava com a violência em potencial.

A maior parte da manhã já tinha passado, e não houvera nenhum ataque dos alienígenas desde o meio da noite. Stam queria atirar em alguma coisa. O dr. Reese queria um homem que estivesse pronto para matar para protegê-lo, mas preocupava-o um pouco que o dedo nervoso do soldado no gatilho pudesse acabar disparando contra o alvo errado.

Stam olhou para a escada atrás de si.

— Pode vir, doutor.

Reese o seguiu pelo corredor, e Stam foi em direção à área de armazenagem onde a maior parte dos colonos se escondera.

— Tem certeza que eles não vão atacar de dia? — perguntou Stam.

O dr. Reese franziu o cenho.

— É óbvio que não tenho certeza. Não temos informações suficientes. Mas, exceto pelo “nascimento” dos alienígenas, suas aparições têm acontecido quase sempre à noite.

— Quase sempre — repetiu Stam.

— Acho que não podemos ter certeza de nada sobre os xenomorfos, soldado. Com o tempo, vamos saber mais sobre eles.

— Não sei se a gente tem muito tempo, doutor. E na verdade não preciso saber muita coisa, só como faço para matar esses bichos.

O dr. Reese ficou tenso, mas concordou, meneando a cabeça.

— Estamos trabalhando nisso.

— Eu sei, cara — disse o fuzileiro, grosseiro, girando o cano da arma num

arco que incluiu todo o corredor à frente deles, e também atrás. — Até lá, ainda acho que a gente devia andar em grupos maiores. Só nós dois juntos...

— Tenho trabalho a fazer — explicou o dr. Reese. — E o capitão Brackett colocou a maior parte do seu pelotão para procurar as criaturas. Se eu tivesse um exército inteiro para me proteger, acredite, estaria com ele agora.

O dr. Reese se preocupava com o fato de não terem encontrado ainda a colmeia alienígena. Certamente havia muitos deles agora, e outros em gestação. Dezenas de colonos tinham sido levados — muito mais do que a maioria das pessoas sabia —, e não simplesmente desaparecido. Os alienígenas deviam estar transportando os mortos até um lugar onde houvesse ovos. A pesquisa concluía que um dos primeiros abraçadores era um tanto diferente dos outros. A teoria do dr. Mori era que seu ovo deve ter sido selecionado pelos alienígenas da nave abandonada, e banhado em nutrientes especiais obtidos de uma forma parecida à da resina que as criaturas expeliam da garganta.

Mas o dr. Reese discordava. Isso significaria que uma das pessoas que entraram na nave precisaria ter encontrado o único ovo de rainha. A probabilidade era baixíssima, e exigia uma grande coincidência. Reese suspeitava que havia alguma forma de autodeterminação por meio de imperativo biológico, na qual o próprio abraçador passava por uma metamorfose de modo a produzir uma rainha e perpetuar a espécie.

Qualquer que fosse o caso, o número de alienígenas que haviam aparecido no complexo era a única evidência de que ele precisava. Em algum lugar na colônia, as criaturas tinham uma rainha que chegara à fase adulta e começara a produzir ovos numa velocidade impressionante — mais uma extraordinária amostra do imperativo biológico. Pelo pouco que já haviam descoberto, estava claro que aqueles xenomorfos eram os seres mais extraordinários que ele já tinha encontrado. Viviam para perpetuar a própria espécie e eram decididamente brutais no processo.

Ouviram uma batida atrás deles e ambos se viraram, Stamovich pronto para atirar. O dr. Mori estava no corredor, mãos ao alto, o rosto quase tão branco quanto o cabelo.

— Não, não! — gritou ele. — Sou só eu.

Parecia sem fôlego. O dr. Reese quase o repreendeu por arriscar a vida, mas então a porta da escada se abriu outra vez, e surgiu a assistente de laboratório Khati Fuqua, com um mecânico armado que se oferecera para defendê-los. O homem pensava estar prestando um grande serviço à colônia, já que a equipe científica estava tentando descobrir um modo mais rápido de matar os alienígenas.

O que, obviamente, não era verdade.

— Caramba, doutor — disse Stam a Mori. — Taí uma boa forma de ganhar um tiro na cabeça.

O dr. Mori suspirou de alívio ao baixar as mãos e correr até eles.

— dr. Reese, precisamos conversar.

Reese gesticulou para Stam.

— Vá na frente, sr. Stamovich, por favor. O dr. Mori e eu precisamos de um pouco de privacidade.

Mori gesticulou para Khati. Ela e o mecânico seguiram Stamovich em direção à área de armazenagem.

— O que é tão urgente para você vir correndo atrás de mim? — perguntou o dr. Reese em voz baixa, olhando ao redor para ter certeza de que ninguém os ouviria.

O dr. Mori franziu a testa. Reese podia ser seu superior, mas ele nunca gostara de que lhe falassem num tom que o lembrasse disso. Não que Reese se importasse com o que Mori gostava ou não.

— Acabei de saber quantos colonos foram mortos ou levados — sussurrou Mori. — Chegou a hora, dr. Reese. Fiz um modelo computadorizado do resultado aqui, mas na verdade não precisávamos disso, não é? O senhor deve fazer o contato agora. É hora de sairmos de Aqueronte. Os espécimes estão prontos para serem encaixotados e transportados, e já salvei todas as informações. Temos tudo de que precisamos...

— Mas não tudo o que queríamos — disse o dr. Reese, olhando-o de lado, irritado. — A companhia vai querer um xenomorfo vivo. Um dos ovomorfos, pelo menos.

— E como o senhor propõe que consigamos um desses? — sibilou o doutor Mori.

Como o dr. Reese o ignorou e continuou andando, Mori segurou o braço dele e o forçou a encará-lo.

— O modelo é claro...

— Estou no controle da situação, dr. Mori — declarou Reese, com o queixo travado de raiva diante da audácia do colega.

— O que o senhor chama de controle é uma ilusão — sussurrou o dr. Mori, atento ao fato de que Stam, Khati e o mecânico haviam parado e olhavam para eles. — O tempo está acabando. Se vamos salvar as informações e a nós mesmos, precisamos ir.

— Em breve — prometeu o dr. Reese. — Confie em mim.



DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1117

Anne entrou na área de armazenagem carregando um cesto enorme de frutas frescas.

Esteve por quase duas horas colhendo frutas e legumes com a supervisora da estufa, Genevieve Dione, e mais alguns voluntários, e passou por alguns dos momentos mais assustadores da vida, embora houvesse um fuzileiro e dois garimpeiros armados para protegê-los enquanto trabalhavam.

Ficara orgulhosa em se oferecer como voluntária, feliz por poder ajudar as pessoas. Parte disso, sabia, era culpa pela expectativa de abandoná-las. Algumas eram suas amigas, e mesmo aquelas que não eram ainda faziam parte da família que a colônia se tornara.

Entretanto, tinha cumprido sua tarefa. Sentira arrepios o tempo todo enquanto estivera na estufa e até no trajeto de volta, com medo de que os alienígenas atacassem. Imaginara que a sensação acabaria quando estivesse de novo com sua gente, mas não teve essa sorte. Colocou o cesto de produtos no chão e olhou ao redor, o pulso acelerando a cada vislumbre de uma porta com barricada ou um respiradouro escuro onde barras tivessem sido parafusadas.

Pensar na *Onager* era como uma centelha a bilhar na mente. Olhou à sua volta e se perguntou quem mais poderia ter tido a mesma ideia. Derrick Russell, Nolan Cale e Genevieve Dione estavam de pé num grupo conspirador, com os rostos marcados pela determinação. Estavam planejando alguma coisa, mas não havia como saber o quê.

A maioria dos colonos teria desconsiderado a nave escavadora, ainda que pensasse nela, sabendo que não os levaria muito longe. Outros, contudo, talvez tivessem percebido que tudo poderia ser questão de tempo, que flutuar em órbita lhes daria alguns dias ou semanas preciosas, necessárias para a chegada do resgate.

Se é que a nave está lá, pensou. Se não estivesse, sempre havia as lagartas. Poderia tirar os filhos dali numa daquelas feras de metal, caso fosse necessário. Mas não queria ir embora sem Demian.

O tempo estava passando.

— Mãe!

Anne se virou e viu Newt correndo em sua direção, Casey pendurada no punho esquerdo, agarrado aos cabelos louros da boneca. A mãe sorriu e abriu os braços, e a filha pulou neles.

— Oi, querida — disse Anne, e as sombras em seu coração recuaram só por

um momento. — Que bom que você acordou.

A garota a empurrou, de forma que Anne teve que colocá-la no chão. A menina deu um soco no quadril da mãe.

— Não me deixe mais sozinha! — disse, com raiva. — Você prometeu!

— Eu só estava... — começou Anne, mas viu que a filha estava zangada e amedrontada, e se interrompeu. — Ok. Desculpe. — Olhou ao redor. — Quer uma maçã?

Newt não queria ser distraída nem apaziguada, mas, depois de pensar por um momento, cedeu.

— Pode ser...

— Cadê o Tim?

— Brincando com o Aaron — respondeu ela, com um tom de óbvia reprovação.

Anne prendeu a respiração.

— Não perto do...

— Não, mãe. Não estão brincando de Labirinto do Monstro. Os meninos são burros, mas não *tão* burros assim. Além disso, o soldado Chenovski está de olho neles. Eu fiquei brincando com a Luisa por um tempo, mas aí a mãe dela quis que ela comesse alguma coisa e eu fiquei só esperando.

Anne assentiu ao se inclinar para pegar uma maçã no cesto. Entregando a fruta à filha, viu que o dr. Reese e o dr. Mori se aproximavam com muitos outros, incluindo o soldado Stamovich. Estreitou os olhos. Enquanto Newt mordia a fruta, Anne lutou contra a vontade de confrontar Reese, de tentar forçá-lo a contar o que sabia sobre os alienígenas. O que teriam descoberto?

Talvez o mais importante fosse: o que a Weyland-Yutani sabia sobre as criaturas? Será que a empresa já sabia de antemão no que ela e Russ se meteriam quando receberam a ordem de investigar as coordenadas onde encontraram a nave?

Só de pensar nisso sentiu a raiva aflorar dentro de si.

— Newt, está vendo o dr. Reese bem ali?

— Estou.

— Preciso falar com ele por um instante. Não vou embora. Vou estar logo ali...

— Vou junto.

— Não, querida. A conversa é particular.

Newt pareceu desconfiada por um segundo, depois olhou para lá, medindo a distância entre ela e os cientistas.

— Tudo bem. Mas não vá embora sem mim.

— Nunca — disse Anne, beijando-a no topo da cabeça. — Jorden para

sempre.

Newt meneou a cabeça uma vez, com firmeza.

— Jorden para sempre — repetiu a garotinha com a boca cheia de maçã.

Anne atravessou a área de armazenagem, contornando pilhas de produtos e mantimentos que foram reorganizados para abrir espaço para os colonos. O dr. Reese e o dr. Mori estavam falando com Al Simpson. Ela estava tão concentrada em Reese que, quando Demian Brackett entrou pela porta vigiada logo atrás dos cientistas, também andando em direção a Reese, ela demorou um pouco para notar sua presença.

Quando o viu, apressou o passo. Seria um erro revelar seus planos na frente dos cientistas, então, precisaria tomar cuidado. Porém, não podia deixar que Brackett fosse embora antes de falar com ele.

— Demian — chamou ela, entrando em seu caminho. — Precisamos conversar.

Ele deve ter notado a urgência na expressão dela, pois seus olhos se encheram de preocupação.

— O que foi? As crianças estão bem?

A força e a gentileza fizeram-na sentir uma onda de arrependimento. Sabia que tinha feito a escolha certa ao se casar com Russ — do contrário, Newt e Tim nunca teriam nascido —, mas uma pontada de tristeza tomou conta dela quando se permitiu imaginar como teria sido a vida com Demian.

— Elas estão bem. Eu só... — Parou de falar quando Simpson, Reese e Mori se aproximaram deles. A cacofonia de vozes na área de armazenagem pareceu crescer, e qualquer esperança de ter uma conversa particular pareceu tola. — Quando terminar aqui, preciso falar com você antes que saia de novo.

Brackett concordou com um gesto solene.

— Com certeza. Pode me dar um minuto?

Anne começou a responder, mas agora Simpson estava ali, com ar irritado.

— Capitão, o que está fazendo? — perguntou o administrador. — Encontrou o ninho? — O bigode se agitou quando ele falou.

— Ainda não...

— Então, por que está aqui? — retrucou Simpson, raivoso. — Várias pessoas já acham que as perdas da noite passada são culpa da sua recusa em dedicar todo o seu pelotão à proteção deste abrigo. Você me disse que essas perdas eram inevitáveis, que o mais importante era localizar e matar os alienígenas. Mas até o momento não conseguiu isso.

— Simpson — disse Brackett numa voz baixa porém perigosa —, não vim falar com você. Vim ver o dr. Reese.

O administrador resmungou alguma coisa, preparando uma réplica, mas

Brackett o silenciou com um olhar firme.

— O que posso fazer pelo senhor, capitão? — perguntou o dr. Reese.

— Recebi um comunicado dos meus superiores que quero compartilhar com o senhor — explicou Brackett.

O dr. Reese abriu um sorriso débil.

— Por favor, continue.

— Perguntei sobre meu pelotão ser usado como serviço de proteção nas missões de pesquisa, esclarecendo minhas objeções. A resposta veio da Força Espacial da Marinha, comando de Eridani, em Helene 215, informando que minha responsabilidade se restringe a garantir a segurança da colônia. A segurança de indivíduos trafegando além das fronteiras da colônia *não* seria responsabilidade do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

— Isso é absurdo — adiantou-se o dr. Mori. — Nós sempre...

— Calma — disse o dr. Reese, erguendo a mão. Parecia ter assumido uma confiança sinistra, e Anne não entendia o motivo. — Continue, capitão Brackett.

Anne olhou o rosto de Demian e viu sua raiva.

— Duas horas depois de receber as primeiras ordens, elas foram substituídas por um comunicado confidencial emitido pela equipe de comando na Estação O'Neil...

— A maior autoridade no Corpo de Fuzileiros — interrompeu Reese.

— Sim — reconheceu Brackett. — Em conjunto com o chefe de operações de Gateway. — Olhou para Anne para ter certeza de que ela entendera. Voltou a encarar Reese e Mori, ainda ignorando Simpson. — Fui instruído a colocar a mim mesmo e ao meu pelotão à sua disposição a partir de agora, dr. Reese. Qualquer que seja o plano que o senhor tenha em mente para lidar com os xenomorfos, devo apoiá-lo de todas as maneiras possíveis. E vou seguir essas ordens, porque sou fuzileiro. *Mas* vou continuar a expressar minhas opiniões, e a primeira delas é que o governo e a Weyland-Yutani andam íntimos demais. Não confio no senhor, doutor.

Anne viu Al Simpson murchar. O administrador, geralmente turbulento, acabara de perder os últimos vestígios de qualquer liderança que tivesse exercido sobre as pessoas de Hadley's Hope. Por mais brusco e rude que ele pudesse ser, Anne sempre o respeitara pelo empenho em seu trabalho e pela determinação, mas qualquer controle que tivera sobre a colônia fora ilusão. Todos sabiam que a Weyland-Yutani era quem mandava, e isso queria dizer que o dr. Reese *sempre* estivera no comando. As novas ordens de Brackett apenas formalizavam a verdade.

— Que *diabo* há de errado com vocês? — perguntou ela.

Os quatro homens se voltaram para ela. Os cientistas piscaram, como se antes

daquela intromissão ela fosse invisível. Vários colonos os rodearam, espectadores da pequena luta por poder que se desenrolava.

— As pessoas estão *morrendo*. — Ela os fulminou com o olhar. — Meus amigos e eu... meus filhos... não ligamos para quem de vocês está no comando. Na verdade, eu arriscaria dizer que, a esta altura, nenhum de nós dá a mínima para quem de vocês *pensa* que está no comando. Este lugar está desmoronando. Meu marido morreu, assim como muitos dos meus amigos, e dezenas de pessoas desapareceram. Os alienígenas são difíceis de matar e estão se proliferando. Se vocês não descobrirem um jeito de eliminá-los, não vai restar ninguém com vida para obedecer a vocês. Então, parem de ficar aí vendo quem tem o pau maior.

Vivas e aplausos soaram ao redor dela.

— Mamãe? — ouviu a filha dizer.

Sentiu-se corar ao perceber que a filha tinha ouvido suas palavras. Olhou para trás e viu que Tim cobria os ouvidos da irmãzinha com as mãos, e sorriu para os dois.

— A sra. Jorden tem razão — disse Simpson, olhando para os colonos reunidos ao redor. — Já estamos fazendo tudo o que podemos para proteger todos vocês, localizar os alienígenas e recuperar nossos amigos desaparecidos.

Recuperar? Será que algum deles acreditava naquilo? Anne ouviu o rumor de vozes ao redor e soube que os colonos não deixariam de contestar Simpson. Estavam todos com medo, e de luto, e não havia palavras capazes de tranquilizá-los. Só resultados acalmariam seus nervos.

Ela olhou para Brackett, mas ele estava rigidamente parado ao lado dos cientistas enquanto o dr. Reese murmurava alguma coisa para ele.

— Todo mundo vai morrer? — perguntou Luisa em voz alta, o cabelo ruivo era um emaranhado caótico em torno do rosto.

A expressão de Brackett se derreteu quando ele se aproximou.

— Não, querida. Não vou deixar issoacon...

Uma comoção às portas surpreendeu a todos. As pessoas se encolheram de surpresa e medo, algumas gritando, alarmadas, mas então Lydecker entrou correndo com vários outros membros da equipe administrativa. Viu que os havia assustado e pediu desculpas antes de correr até Simpson, pegando o chefe pelo braço e levando-o até um canto reservado.

Um das pessoas que vieram com Lydecker era um jovem de aparência impecável chamado Bill Andrews, que muitas vezes fora responsável por atribuir missões às equipes de pesquisa. Anne e Russ o conheciam bem, e agora ela se aproximava dele.

— Bill... o que está acontecendo?

Ele olhou em volta, sem saber quanto poderia contar. Então, piscou, como se

lembrasse algo que nunca deveria ter esquecido.

— Annie, como estão as coisas?

Ela olhou de soslaio para os filhos. Newt e a dra. Hidalgo estavam sentadas em caixotes de plástico, envolvidas numa conversa animada, mas Tim estava sozinho no chão, com um ar de tristeza. Quando cuidava da irmã ele parecia bem, mas, quando não mantinha a mente ocupada, seus pensamentos naturalmente vagavam de volta ao horror da morte do pai.

— Estou bem — respondeu ela, expirando devagar. — Mas tenho medo pelas crianças. Fico pensando quando é que este pesadelo vai acabar, sabe?

Bill lançou um breve olhar para Lydecker e Simpson, e baixou a voz.

— Talvez logo — disse, e ela o olhou com curiosidade. — Fomos burros antes, não pensamos direito. Todos nós temos nossos implantes TDP, e finalmente percebemos que podemos usá-los para rastrear as pessoas desaparecidas.

Anne bateu com a palma da mão na testa. Todo colono tinha um implante subdérmico — um transmissor de dados pessoais. Nos anos que passara em Hadley's Hope, ela só os vira serem usados duas vezes — quando uns garimpeiros saíram do alcance do rádio e tiveram problemas mecânicos. Mesmo assim, alguém deveria ter pensado nisso antes.

Ela deveria ter pensado nisso.

— Acho que localizamos o ninho das criaturas, debaixo do Processador Um — disse Bill. — O sr. Lydecker acredita que os fuzileiros vão mandar um grupo armado para lá agora. — Ele sorriu. — Não vai demorar muito.

— De um jeito ou de outro — concordou Anne, não se atrevendo a ter esperança.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1221

— Acho que vocês não me entenderam — disse a dra. Hidalgo, colocando o cabelo atrás das orelhas e fitando os colegas com um olhar sinistro. — Eu vou com eles.

O dr. Mori exibiu os dentes num sorriso de escárnio e reprovação, mas o dr. Reese pareceu chocado de verdade. A dra. Hidalgo gostou disso, gostou de ser capaz de chocá-lo.

— Isso é inaceitável, Theresa — repreendeu ele.

Ela riu levemente.

— Acha que ligo para o que você acha inaceitável?

Quando percebeu a conversa entre Lydecker e Simpson, e depois viu aqueles dois homens abordarem seus colegas da equipe científica, entendeu que algum tipo de avanço havia ocorrido. Então, Anne tinha voltado para pegar os filhos e contado a ela que o ninho dos alienígenas fora encontrado.

A dra. Hidalgo sabia que não podia ficar com os colonos. Não sabendo que logo eles seriam abandonados. Tratou de afastar seus colegas cientistas de Simpson, Brackett e os outros para ter aquela conversa. Estava acontecendo do jeito que ela previra.

— Só há um modo de fazer isso — afirmou o dr. Reese. — Os fuzileiros têm que matar todos os alienígenas. Um dos idiotas sugeriu que tentassem sobrecarregar o núcleo do processador e esperar que explodisse, exatamente como o acidente com os irmãos Finch... a explosão que destruiu o Processador Seis.

O dr. Mori olhou para ele boquiaberto.

— Mas a colônia inteira seria destruída.

— Exatamente — debochou Reese.

A dra. Hidalgo concordou:

— Foi por isso que Al Simpson se ofereceu para acompanhar. Eles precisam de um técnico, alguém que possa orientá-los, dizer a eles o que é seguro e o que não é. Ele está apostando a própria vida na esperança de poder ajudar a salvar o resto dessas pessoas. — Ela os olhou com firmeza. — Estou disposta a fazer o mesmo.

O dr. Mori segurou brutalmente o braço dela, cravando os dedos ao se aproximar, sussurrando determinado:

— Por acaso é idiota, mulher? Nós vamos levar nossas informações e nossas amostras e vamos sair de Aqueronte.

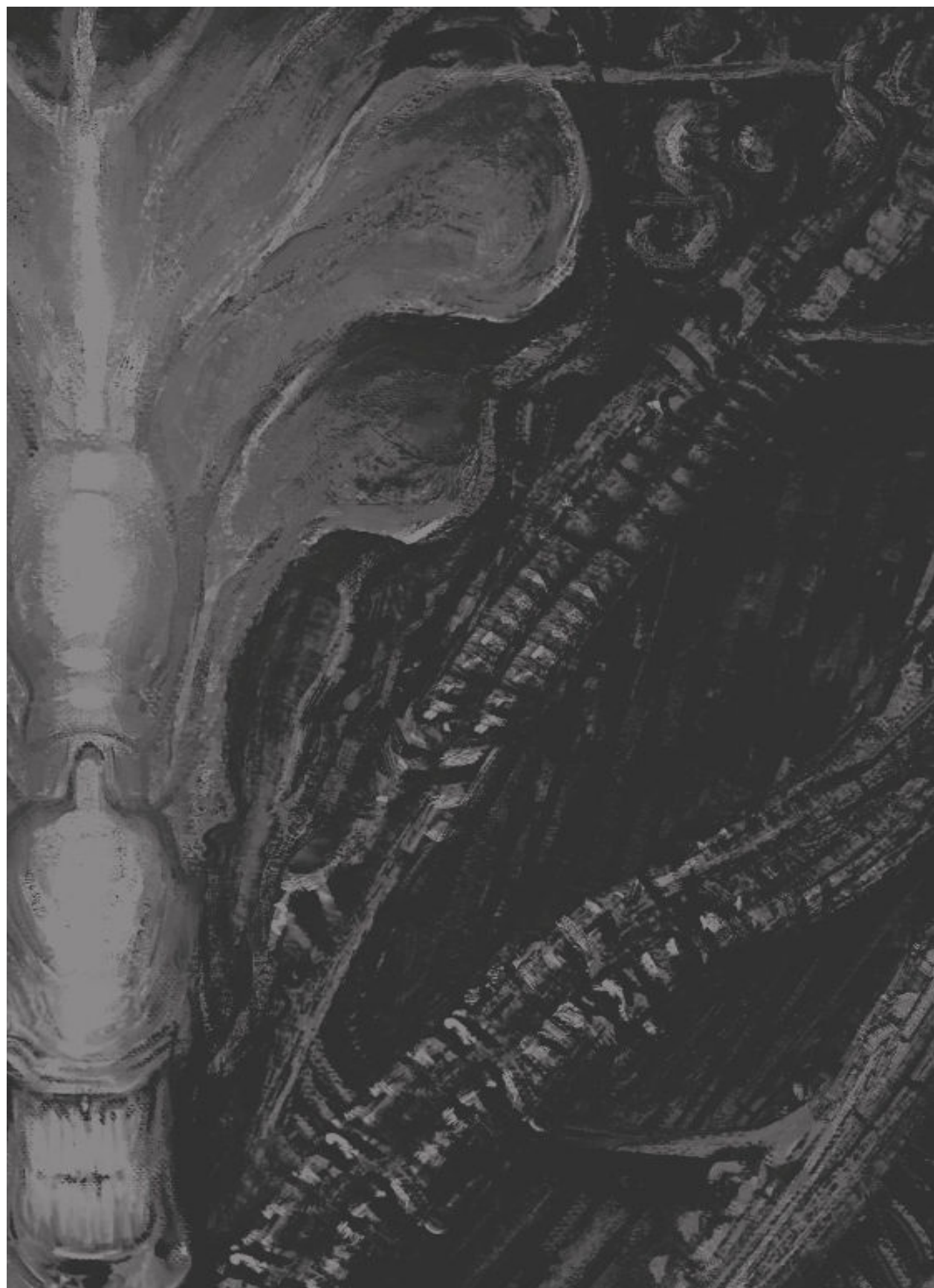
Ela balançou a cabeça, negando.

— Eu posso ajudá-los — afirmou. — Conheço medicina suficiente para tratar ferimentos e posso aconselhá-los em relação ao alienígena.

— Theresa — disse o dr. Reese secamente —, se os fuzileiros parecerem incapazes de concluir o trabalho, nós vamos embora com ou sem você.

Até mesmo piscar era um tormento para a dra. Hidalgo. Toda vez que o fazia, via os alienígenas assassinando pessoas no laboratório, depois arrastando outras para serem usadas na incubação.

— Faça o que tiver que fazer, dr. Reese — respondeu ela, e voltou-se para Mori. — Eu diria “cuidem-se”, mas, na verdade, isso é o que vocês dois sempre fizeram de melhor.



24

TUDO DESMORONA

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1332

Respire, Julisa, disse ela a si mesma. *Você está armada e é perigosa*. Mesmo tentando caminhar em silêncio, a tenente Paris achava que seus passos soavam como trovões no corredor vazio.

Em outra situação, pensar nisso a teria feito sorrir, mas naquela tarde o estoque de sorrisos estava baixo. Assim como o contingente de fuzileiros. Ela usava uma couraça MX4 e um elmo à prova de balas. Uma pistola VP78 estava pendurada no coldre do quadril e ela levava um rifle de plasma M41A nas mãos, com um fuzil de batalha endurecido no ombro como arma de reserva, todos carregados com projéteis de alta velocidade. Tinha poder de fogo suficiente para enfrentar um exército sozinha, mas nada disso serviria para alguma coisa se um daqueles alienígenas a alcançasse antes que ela pudesse matá-lo.

E aquele sangue ácido... não queria nem pensar naquilo.

O capitão Brackett havia levado Draper, Pettigrew e mais dez fuzileiros para caçar os alienígenas em sua colmeia, ou que diabo fosse, deixando-a encarregada de proteger os colonos na ala isolada do bloco D. Havia posicionado o resto do pelotão ao redor do perímetro, não só em cada ponto da área de armazenagem que poderia servir de entrada, mas em cada cruzamento que levasse naquela direção.

Passara a *última* hora patrulhando pessoalmente o interior do perímetro, verificando as soldas e barricadas e os guardas que vigiavam as duas portas não soldadas. Tinha passado pela porta da área de armazenagem algumas esquinas atrás — mas, no todo, simplesmente não tinham soldados suficientes para salvaguardar os colonos de forma efetiva caso os alienígenas viessem em massa.

Sentia arrepios cada vez que passava por uma porta ou se aproximava de uma esquina. Ao chegar perto da próxima virada, assobiou do jeito que tinha

combinado. Do outro lado da esquina veio a resposta, as mesmas duas notas, e ela expirou, apertando o passo. Virou a esquina e deu de cara com Aldo Crowley apoiado a uma parede com a arma aninhada nos braços.

— Caramba, Aldo — disse ela —, você parece tranquilo demais.

Crowley se endireitou em posição de sentido, e logo depois riu e voltou a se recostar na parede.

— Tenente, sou só um cara com uma arma. Se aquelas coisas vierem atrás da gente, o melhor jeito de eu servir a senhora é gritar feito uma menininha, para avisar o resto de vocês.

Ela poderia ter retrucado, mas ele não estava errado.

— Você que sabe — respondeu. — Não vou fazer você marchar parado. Mas vou te dizer uma coisa... essas coisas *podem* morrer. Se ficar aí coçando o saco, pode acabar grávido de um dos bebês deles, ou sei lá que porra deve ser aquela. Eu? Prefiro morrer.

A tenente Paris foi em frente, mas notou que Aldo não estava mais apoiado na parede. Estava segurando a arma com as duas mãos, vigiando os cantos e as sombras do corredor adiante, que levava ao setor de comando.

Menos de dois metros à frente ela encontrou a soldada Yousseff e um homem chamado Virgil, que usava uma máscara de proteção enquanto derretia e selava os rebites na porta da escada com um maçarico portátil. Com isso, só restaria uma porta sem solda — só um caminho para Brackett e os outros entrarem e saírem.

Virgil havia começado pela parte de baixo, as faíscas de metal líquido voando em todas as direções. O metal ficava incandescente e brando onde a chama o atingia.

— Alguma coisa? — perguntou a tenente Paris em voz alta, acima do barulho do maçarico. Yousseff balançou a cabeça, negando. Virgil nem ergueu o olhar. Paris ficou na ponta dos pés e espiou pela janela quadrada na porta da escada. As sombras e a luz brincavam nos degraus do outro lado, mas ela não viu nada se mexer.

— Acha que eles vão conseguir, tenente? — perguntou Yousseff.

— Espero que sim — respondeu Paris, e sorriu. — O novo comandante é bonitinho. Eu preferiria que ele não levasse uma mordida na cara.

Yousseff riu e meneou a cabeça.

— Concordo plenamente.

A tenente Paris seguiu em frente, continuando seu circuito do perímetro, surpresa por, depois de ter servido com Yousseff durante quase dois anos, finalmente terem encontrado algo em comum. Pensou em Brackett, lá com aquele babaca do Draper, e esperou que ambos voltassem com vida. Já tinham

perdido fuzileiros demais, como Coughlin, e ela não queria perder mais nenhum.

Aproximando-se da porta seguinte, assobiou o sinal. Mais três passos e parou, franzindo o cenho, consternada.

Inspirando e expirando, ouvindo os próprios batimentos cardíacos. Ergueu o rifle de plasma e deu mais dois passos rumo à esquina. Então, assobiou mais uma vez.

O som que ouviu em resposta foi um gorgolejo úmido, seguido de um baque de carne caindo no chão.

Porra.

Silenciosa e rápida, correu para a esquina. Costas contra a parede, espiou pela borda, o cano da arma na frente.

O alienígena estava agachado acima de Chenovski, que jazia no chão, vivo mas, de alguma forma, paralisado. O rosto e a couraça estavam cobertos por uma grossa camada de fluido, um tipo de muco, mas os olhos estavam arregalados e conscientes enquanto o alienígena o arrastava rumo a outro corredor bifurcado.

Paralisia, pensou ela. Mas ele vai saber quando for colocado na frente de um daqueles ovos e um daqueles abraçadores malditos implantar um parasita no peito dele.

Tinha beijado Chenovski uma vez, bêbada e triste por estar sozinha no próprio aniversário. A amizade dos dois basicamente se resumia à tenente trapaceando no carteadado e ele deixando que ela se safasse.

Paris surgiu da esquina.

— Ei, bicho escroto! — rosnou ela.

O alienígena ergueu a cabeça de repente. Se tivesse olhos, estaria encarando-a.

— Tenente? — chamou Yousseff de um ponto à esquerda, de onde Paris viera. A tenente atingiu o alienígena duas vezes no peito. A criatura recuou cambaleando, o sangue ácido espirrando no chão, chiando ao corroer o piso. O jato de ácido atingiu as pernas de Chenovski e ele gemeu, mas poderia ter sido bem pior.

— Recuar! — gritou ela, dando um passo para trás, tentando afugentar a criatura para longe de Chenovski enquanto ele ainda estava vivo.

A coisa não pareceu ter medo.

Em vez disso, avançou nela como se a desafiasse a atirar mais uma vez, incitando-a a derramar mais ácido no amigo. Paris sentiu o estômago se contorcer em náuseas.

Essas coisas são inteligentes assim?

Disparou várias vezes na parede logo ao lado da criatura. À esquerda, ouviu Yousseff gritar, ir em sua direção, e então Aldo Crowley, deixando seu posto na próxima esquina, a muitos metros de distância, para vir em seu socorro.

O alienígena não se intimidou. Abriu a boca e as mandíbulas se projetaram, e grossas gotas de baba escorreram dos lábios. Paris queria gritar. Queria vomitar. Mas queria principalmente matar.

Puxou o gatilho, um único disparo mirando bem no centro da cabeça. A criatura desviou para a esquerda, e o projétil perfurou a carapaça, só resvalando no crânio. A coisa se ergueu como se estivesse furiosa e encolheu a cauda atrás de si. A tenente Paris se preparou para o ataque, pensando que, se pudesse abrir fogo com uma salva completa do rifle de plasma, poderia matar a criatura antes que chegasse a ela, e talvez — só talvez — o sangue caísse mais perto do alienígena, e Chenovski sobreviveria.

Com um ruído úmido, o ser cravou a ponta afiada da cauda no crânio de Chenovski.

Paris gritou e abriu fogo quando a criatura avançou em sua direção. Levou uma rajada de tiros ao se aproximar, e a fuzileira retrocedeu, bateu na parede e continuou atirando até partir o corpo do monstro em pedaços. O sangue jorrou, e ela se jogou de lado quando os respingos corroeram a parede.

Escorregou para o chão até ficar de barriga para baixo, com o fuzil de combate batendo contra o capacete e a pistola atravancada no quadril. Ela se viu deitada no chão quando Yousseff a alcançou.

— Levanta, tenente — disse Yousseff, bruscamente. — Pode haver outros.

Como se Paris não soubesse disso. Levantou-se e ergueu de novo o rifle de plasma.

— Não sei como ele passou pela porta selada daquele lado, mas deve ter vindo daquele corredor secundário — disse Yousseff, gesticulando com a arma. — Não tem como ter pegado o Chenovski de surpresa vindo de outro lugar.

Nove metros adiante, a entrada para aquele corredor secundário se escancarava. As fuzileiras se entreolharam. Nenhuma das duas queria entrar ali, mas não tinham escolha. Não parecia haver dúvida de que os alienígenas sabiam exatamente onde os colonos haviam se escondido e estavam tentando eliminar aqueles que estavam de sentinela.

Ou então não ligam, pensou a tenente Paris, com um arrepio. Talvez só vejam a nossa área de armazenagem como a área de armazenagem deles agora... e seja lá como aquele primeiro tenha entrado, eles acham que podem vir e pegar um de nós por vez, sempre que for conveniente.

— Comigo — disse ela a Yousseff, dando um passo.

Uma pancada reverberou pelo corredor.

Aldo Crowley gritou um monte de palavrões para o Deus dele. Paris e Yousseff viraram-se e encontraram Virgil de bunda no chão segurando o maçarico, ainda de máscara, uma figura tão indiferente que chegava a ser

indecente. Outra pancada, e as portas da escada começaram a se vergar no alto. A solda na parte de baixo, embora ainda estivesse fresca, aguentou enquanto a parte superior das portas começou a se curvar para dentro.

Um alienígena enfiou a cabeça pela abertura cada vez mais larga.

— Atire nele, Aldo! — gritou a tenente Paris enquanto ela e Yousseff voltavam depressa pelo corredor. — Abra fogo, droga!

Aldo puxou o gatilho, cravejando as portas com projéteis de plasma que estouraram as janelas e abriram buracos no metal. O alienígena colidiu com as portas mais uma vez e as dobradiças rangeram, começando a ceder.

Virgil se endireitou, avançou, enfiou o maçarico na abertura e soltou um jorro de chamas azuis concentradas.

A tenente Paris ouviu o alienígena gritar. Gostou do som. Então, ele arrebentou as portas. Uma delas foi completamente arrancada e caiu em cima de Virgil, derrubando o maçarico. A chama atingiu seu corpo e, embora a porta bloqueasse a visão de Paris e Yousseff, elas puderam ouvi-lo uivar de dor.

A criatura arrancou a arma das mãos de Aldo e a jogou de lado, ao mesmo tempo que a mandíbula estendida varava a testa do homem.

Enquanto Aldo escorregava pela parede, morto, Paris e Yousseff abriram fogo, despedaçando o alienígena com dezenas de projéteis.

Quando cessaram, Paris prendeu a respiração, com o eco dos disparos tinindo nos ouvidos. Olharam para a bocarra aberta nas portas arruinadas. Depois de alguns segundos, avançaram sem olhar para Aldo, parando apenas um momento para verificar o estado de Virgil, que dera fim à própria vida com o maçarico.

Apontaram as armas para a escadaria escura, as luzes piscando lá no fundo, e as duas foram para a esquina que até poucos momentos atrás havia sido o posto de Aldo Crowley.

Juntas, as fuzileiras montaram guarda, vigiando o corredor tomado pela carnificina e atentas a qualquer sinal de um novo ataque.

Por enquanto, a área continuava em silêncio.

— Estamos muito ferrados — sussurrou Yousseff.

A tenente Paris não disse nada. Em vez disso, rezou para que Brackett e Draper conseguissem terminar o serviço. Soube dos riscos quando se alistou no Corpo, mas decidira opor-se com firmeza à ideia de morrer em Aqueronte.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1339

A enorme estrutura se chamava Processador Atmosférico Um. O lugar era do tamanho de um estádio esportivo dos velhos tempos, com pelo menos quinze andares de altura e vários níveis de profundidade. O maquinário interno incluía não só as unidades de processamento atmosférico mais importantes, mas também um reator que fornecia energia para toda a colônia.

Um largo túnel de serviço saía do piso principal do complexo da colônia num ângulo que levava ao subterrâneo e se ligava no topo ao primeiro subsolo da enorme estação de processamento. Percorrendo esse túnel, Brackett e sua equipe viram evidências claras de que os alienígenas vinham usando o lugar para ir e vir do complexo. A resina pegajosa e endurecida que os demônios excretavam estava por toda parte, e no caminho encontraram espirros e poças de sangue humano.

A equipe de Lydecker havia rastreado os TDPs até um local debaixo das estações primárias de aquecimento, nos interiores do Processador Um — subsolo três. Os alienígenas estavam construindo uma colmeia naquele ventre quente e ruidoso. Ao levar a equipe para dentro da enorme estrutura, o capitão tentou não imaginar quantos daqueles monstros estariam esperando por eles.

O subsolo três era acessível via dois elevadores e duas escadas estreitas e longas. Brackett e Draper montaram guarda enquanto o cabo Pettigrew levava Stamovich, Hauer e mais sete fuzileiros para o enorme elevador de carga. Não gostava de dividir o grupo, mas a velocidade do elevador tornava aquela a melhor opção. Usar as escadas para descer oferecia muitos cantos escuros dos quais os alienígenas poderiam atacá-los. Além de portas demais, enquanto o elevador tinha somente uma.

— Pettigrew, quando chegar ao fundo, fique parado a não ser que esteja sob ataque — disse Brackett. — Ouviu? Ninguém sai para explorar. Só inspecionem a área em torno do elevador e esperem por nós. Vamos logo atrás de vocês.

— Sim, senhor — respondeu o cabo Pettigrew.

Ele parecia mais velho com aquele capacete escondendo o cabelo louro. Ou talvez fosse o medo que o tivesse envelhecido.

— Se vir algum daqueles bichos, corra mais rápido que os outros — sugeriu Draper, um brilho maldoso no olhar. — Os que entraram na nave.

Stamovich deu uma gargalhada, mas depois assumiu uma expressão sombria.

— Ei. Eu sou um daqueles caras.

— É — respondeu Draper. — Eu sei.

Brackett fungou com desprezo.

— Ok, andem. Vemos vocês lá embaixo.

Afastou-se do elevador quando as portas se fecharam. Durante a descida, ele olhou para Al Simpson, que estava diante do outro elevador com a dra. Hidalgo. Simpson trazia um escâner ligado aos sistemas do setor de comando. O aparelho mostrava um mapa dos subsolos, indicando o local onde os sensores haviam detectado o grupo de TDPs.

— Vá em frente, sr. Simpson — disse ele.

Simpson apertou o botão do segundo elevador, e eles ouviram o ruído trepidante e o zumbido da máquina a subir. A dra. Hidalgo espiou entre as barras da gaiola que formava o poço e viu o elevador vazio vindo na direção deles.

Quando chegou, a gaiola e as portas internas se abriram, e todos entraram. O elevador ribombou e retiniu quando as portas se fecharam e começou a descer. Brackett se perguntou quão inteligentes seriam os alienígenas. Seriam capazes de distinguir o som do elevador em meio aos outros ruídos industriais que tomavam o coração subterrâneo da colônia?

Achava que provavelmente sim.

Quando chegaram ao fundo — Brackett divagando sobre o *Paraíso perdido* e o nono círculo do Inferno —, Pettigrew e os outros haviam inspecionado a área. Brackett foi o primeiro a sair do elevador, com Al Simpson logo depois. O administrador nem sequer ergueu o olhar, apesar do perigo que todos esperavam enfrentar. Brackett percebeu que começava a respeitar aquele homem, ainda que contra sua vontade.

— Por ali — disse Simpson, apontando para uma área aberta que levava a um corredor largo entre dois enormes geradores.

As lâmpadas no alto do teto não iluminavam muito bem aquele ambiente, onde as sombras superavam as áreas claras.

— Não podemos deixar este lugar para eles de uma vez e dar o fora do planeta? — perguntou Hauer, com um toque de seriedade na voz. — Faço mais o tipo que larga de mão.

— Achei que você fizesse mais do tipo covarde — resmungou Stamovich.

Vários fuzileiros riram.

Brackett virou a arma e apontou para o lugar que Simpson indicara.

— Talvez os babacas queiram falar mais baixo? — sugeriu ele. — Sabem, só para o caso improvável deles ainda não saberem que estamos aqui?

Isso os calou. Muitos apontaram as armas para a penumbra entre os geradores, como o capitão fizera.

— Olha, é bem simples — disse Draper, olhando com firmeza para Brackett.

— A gente mata essas coisas, ou elas matam a gente e todo mundo lá em cima.

Brackett assentiu.

— Nisso estamos de acordo. — Voltou-se para Pettigrew. — Cabo, mantenha o elevador neste nível e de portas abertas. A dra. Hidalgo vai ficar lá com você...

— Ah, não vou, não — disse a mulher, erguendo o queixo em desafio.

— A senhora vai querer ajudar os feridos — argumentou Brackett. — O melhor jeito de fazer isso é ficando aqui, porque é por aqui que vamos sair quando tivermos terminado. Se alguém se machucar, traremos a pessoa para a senhora na volta.

A dra. Hidalgo se virou e pôs a mão no braço de Pettigrew num gesto tranquilizador.

— Sem querer ofender o cabo, mas ele é só um fuzileiro. O senhor pode não querer me levar para a colmeia, mas a verdade é que estarei mais segura com doze fuzileiros do que com um só. — Olhou nos olhos de Brackett. — Vou com vocês, capitão. Goste ou não.

Draper bufou.

— E o que vai fazer quando uma daquelas coisas tentar te levar e botar um bebê em você? Aqui embaixo não tem sala estéril para você se esconder — disse ele.

Ela não conseguiu disfarçar o sofrimento em seu olhar. Abriu um sorriso que não enganava ninguém.

— Então, suponho que morrerei, sargento Draper — respondeu. — Mas se vocês fizerem o possível para impedir isso...

Draper xingou e desviou o olhar.

— Nossa, doutora — disse Stamovich.

Brackett a avaliou. Conhecia muitas mulheres que eram guerreiras formidáveis, mas a dra. Hidalgo era uma idosa que passara a maior parte da vida contemplando o universo em vez de lutar.

— Sabe atirar? — perguntou.

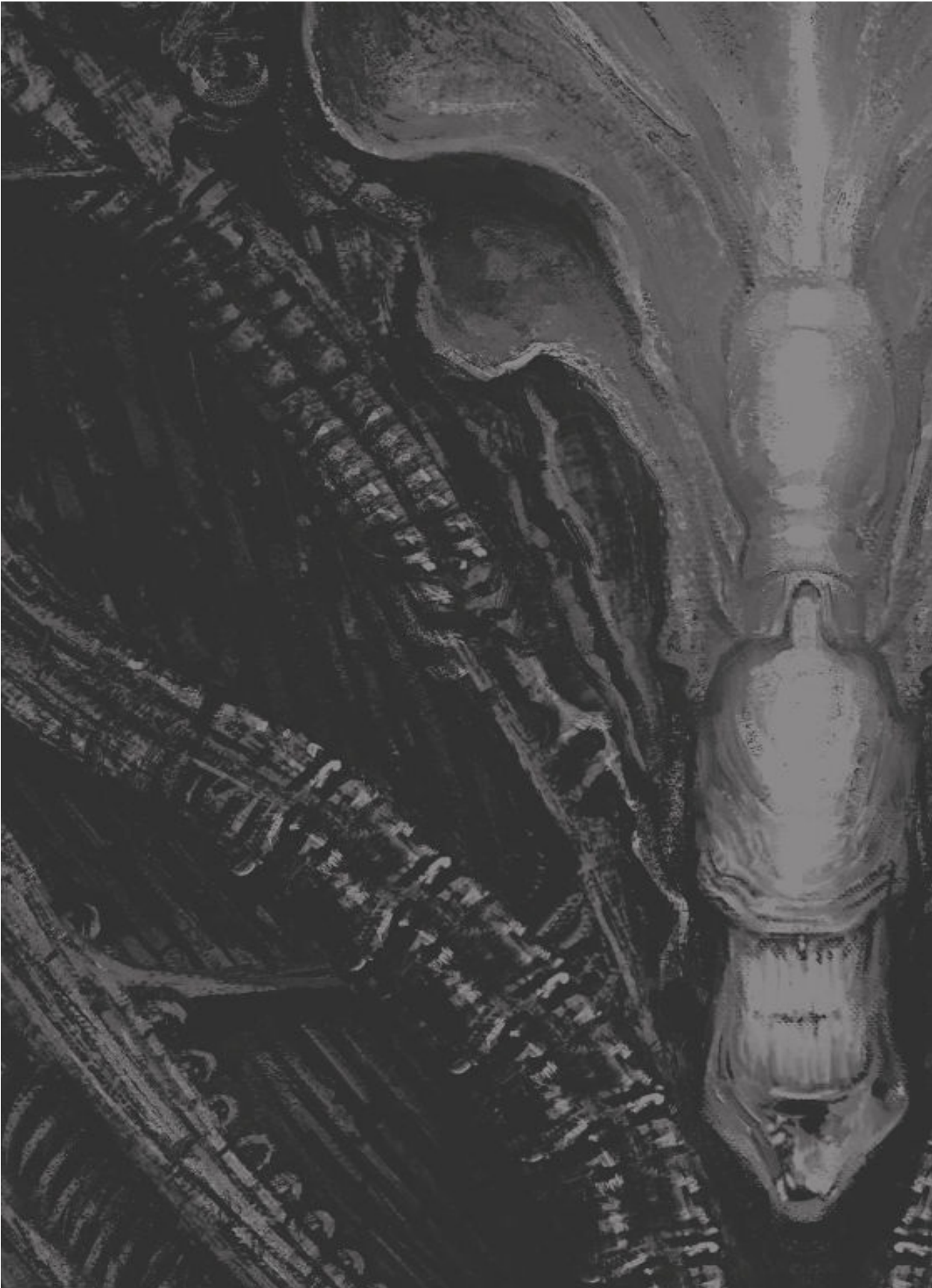
— Um pouco. Meu pai me ensinou quando eu era menina, mas faz muitos anos.

Brackett tirou a arma lateral do coldre e a entregou à cientista.

— Não atire em nenhum humano.

Quando pegou a arma, o objeto pendeu na mão com um peso terrível, mas logo a dra. Hidalgo achou a melhor forma de segurá-la e meneou a cabeça para o capitão.

— Farei o melhor que puder.



25

SEGREDOS E VIDAS

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1346

Simpson ia na frente com seu escâner rastreador, a luz verde lançando um fulgor medonho em seu rosto. Brackett e Draper o acompanhavam, um de cada lado, conforme penetravam as profundezas abaixo das principais torres de resfriamento, em direção às estações primárias de aquecimento.

Luzes tremulavam e geradores estalavam. O teto era tão alto ali embaixo que a escuridão engolia a pouca iluminação fornecida pelas péssimas lâmpadas. Fornalhas gemiam enquanto as chamas subiam cada vez mais, lançando calor nos dutos. Brackett enxugou o suor da testa, pouco abaixo da borda do capacete, e imaginou se o calor teria atraído os alienígenas — se isso criava um local de procriação melhor para manter os ovos.

— Que nojo — murmurou um dos fuzileiros atrás dele.

— Capitão, dê uma olhada nisso — disse Stamovich. — Essa merda é nojenta.

Brackett gesticulou para que Draper ficasse com Simpson e foi para trás, apontando a lanterna para um fluido espesso e pegajoso. O fuzileiro que pisara na gosma ergueu a bota, e fios do material se esticaram como uma teia de aranha entre o chão e a sola. Brackett olhou para a dra. Hidalgo.

— Aula de ciência depois — disse ela, enxugando a testa com a manga da roupa. — Tentem não deixá-los vomitar em vocês.

Os fuzileiros reagiram com repugnância, mas ninguém disse uma palavra. O que havia pisado no líquido limpou a sola da bota o melhor que pôde numa parte seca do chão, e eles seguiram em frente. Pouco tempo depois, Draper apontou para as paredes e Brackett moveu a lanterna, descobrindo que a resina estava por toda parte. Em alguns lugares, parecia ter endurecido.

— Era assim dentro da nave abandonada — sussurrou Draper —, mas cobria um espaço muito maior.

Eles estão mesmo construindo um tipo de colmeia, pensou Brackett. Subitamente, Hauer deu um grito de alarme, alto o bastante para ser ouvido apesar do barulho das fornalhas e geradores.

— Hauer, o que... merda! Eles estão aqui! — berrou Sixto.

Brackett girou para ver Hauer sendo arrastado para cima, os pés chutando o ar. Um dos alienígenas havia enrolado a cauda em torno da cintura dele. Com a luz trêmula Brackett pôde ver a silhueta na escuridão, em cima de um gerador trovejante. A criatura levou Hauer para cima, envolveu-o com o braço e começou a fugir.

— Não! — gritou Stamovich, e abriu fogo, metralhando o gerador e a escuridão acima com projéteis.

Muitos outros perderam o controle e soltaram gritos de batalha e uma saraivada de disparos, atirando nas sombras acima e ao redor deles.

— Cessar fogo! — rugiu Brackett.

— Mas que merda, cessar fogo!

Draper agarrou o cano da arma de Stamovich e o virou para cima, gritando na cara dele.

Quando os disparos cessaram, Draper empurrou Stamovich.

— Seu idiota, você poderia ter matado o Hauer!

Stam o olhou boquiaberto.

— Matado? Aquela coisa acabou de...

— Levar o cara — disse Draper. — Você não sabe se não podemos trazê-lo de volta vivo.

— Você nem *gosta* do Hauer! — gritou Stamovich.

— Não sei vocês — comentou outro fuzileiro —, mas eu prefiro morrer a ter uma daquelas coisas na minha cara. Aquilo já é morrer.

Brackett virou-se depressa, girando o rifle de plasma num arco, apontando a lanterna para a escuridão. Simpson e a dra. Hidalgo se aproximaram dele, o medo e a dúvida estampados em seus rostos. O capitão fez com que a dra. Hidalgo ficasse junto dos outros fuzileiros. Simpson olhou para seu aparelho. À sua frente, onde uma porta enorme levava para dentro do reator, a escuridão começou a se agitar.

— Movimento! — berrou Brackett. — À frente!

Todos começaram a atirar enquanto as sombras ganhavam vida. Stamovich gritou quando um alienígena pulou do alto, pousando em cima dele. Brackett virou-se, disparando rajadas. Viu um fuzileiro morrer quando um dos insetos o empalou por trás, os braços do homem se abrindo como se tivesse sido crucificado.

Draper correu até Brackett, mirando com o rifle de plasma.

— Abaixa!

Brackett se lançou ao chão na direção de Draper, girando ao tocar o solo, erguendo a própria arma enquanto os contornos negros de um alienígena mergulhavam sobre eles. Draper disparou, o sangue ácido respingou o chão, a carapaça rachando com um ruído de estilhaço a cada impacto.

— Merda, estava aqui esse tempo todo! — gritou Brackett.

Estivera a menos de cinco metros da coisa, que se camuflara de modo tão hábil na lateral de uma fornalha que ele havia pensado ser parte do maquinário.

A dra. Hidalgo apareceu ao seu lado, tentando ajudá-lo a se levantar. Trazia a pistola na mão, uma arma tão pequena que chegava a ser patética, totalmente inútil. Ele a olhou nos olhos e lá encontrou uma estranha calma.

— Tem uma coisa que o senhor precisa saber — disse ela em voz alta.

— Não dá para esperar? — gritou ele, certo de que a doutora perdera o juízo.

Estavam no meio de um tiroteio, pessoas morrendo ao redor. *Fuzileiros* morrendo — seu pelotão.

Brackett tratou de se levantar enquanto os disparos martelavam seus tímpanos, bloqueando qualquer outro som. Quantos alienígenas esperavam por eles? Tentou raciocinar e, ao fazer isso, viu Al Simpson virar-se e correr. Um alienígena surgiu de trás do gerador para barrar o caminho. Simpson gritou e tentou retroceder, mas era tarde demais. A criatura o pegou, arrastando-o para a escuridão do maquinário labiríntico.

Brackett atirou e o matou antes que os dois desaparecessem. O demônio largou o cadáver e investiu contra o capitão, sibilando. Ele e Draper abriram fogo, mas a criatura saltou para a escuridão. Brackett ouviu estalos e arranhões e teve um vislumbre da cauda a se erguer. A coisa maldita havia escalado a lateral do gerador. Lá do alto, poderia mergulhar sobre eles a qualquer momento.

— Recuar! — gritou, acenando para o pelotão. — Vamos embora!

Numa rápida avaliação, percebeu que restavam seis fuzileiros de pé. Sixto pressionava a lateral do corpo, o sangue escorria entre os dedos, mas ainda vivia. Tinham matado pelo menos três alienígenas, mas havia outros... a presença deles fervilhava na escuridão.

Virou-se para pegar a mão da dra. Hidalgo e viu uma criatura parada atrás dela. A mulher deve ter visto o choque no olhar dele, pois girou, mirou e atirou três vezes na cabeça do alienígena. O sangue jorrou nela, o ácido chiou ao corroer a carne do peito, do braço direito e do ombro.

Brackett berrou, em parte para cobrir o som dos gritos agonizantes da dra. Hidalgo. Envolveu a cintura dela com um braço e a arrastou para trás enquanto disparava, destroçando o alienígena.

— Vão! — gritou para Draper e os outros.

Eram fuzileiros. Recuar não estava em seu sangue, mas assim fizeram, rápidos e cautelosos, atirando em qualquer ponto escuro que pudesse esconder o inimigo. A dra. Hidalgo cambaleou ao lado de Brackett e ele a ajudou a arrancar a jaqueta e a couraça que recebera. A couraça amortecera o ácido, mas não havia impedido que ele atingisse o corpo da cientista, e Brackett o viu escavar a pele dela. A lembrança daquele fedor o perseguiria enquanto respirasse.

— Escute... — disse ela.

— Cale a boca! — mandou ele, ríspido.

Jogou o rifle por cima do ombro e a ergueu nos braços. Não pesava quase nada. Aquele corpo magro de passarinho, o peito subindo e descendo tão depressa, o fez querer gritar de novo.

Brackett correu com ela nos braços. Draper e os outros fuzileiros gritaram para ele, incentivando-o a ir mais rápido. Ao correr, olhou para o rosto dela e viu um único ponto na face direita onde o sangue do alienígena a atingira. Um buraco havia se formado e ainda chiava e fumegava, o ácido atravessando o rosto como o projétil mais lento do universo.

Ela ia morrer.

— Escute o que vou dizer. — Ela arfou.

Mais gritos soaram à frente deles. O maquinário desapareceu enquanto ele cambaleava rumo aos dois elevadores de serviço. Os estalos e gemidos continuavam, mas agora tudo o que podia ver eram Draper e os outros chamando-o adiante. O coração martelava o peito conforme corria, a cientista agonizando em seus braços, e contava as cabeças dos fuzileiros sobreviventes.

Seis. Incluindo Draper. Nem sinal de Pettigrew. Tinham-no deixado para trás para vigiar os elevadores, e os alienígenas o levaram. *Mas é claro que levaram*, pensou. *Teria dado no mesmo entregá-lo de bandeja.*

A dra. Hidalgo começou a sufocar. O ácido no peito chegara queimando aos pulmões. Ela arfava e tossia.

— Você... tem que... *ouvir!* — exigiu ela.

Draper correu na direção deles, dando cobertura enquanto seguiam para o elevador aberto. Os outros fuzileiros já estavam lá dentro, um deles impedindo que as portas se fechassem.

— Há uma... nave — disse a dra. Hidalgo, revirando os olhos. — A equipe científica... a companhia nos deu... uma nave. Porta do pessoal autorizado... entre o laboratório médico e...

Brackett olhou para ela.

— Aqui em Aqueronte? Tem uma nave aqui?

Ele ergueu o olhar para Draper, que também encarava a cientista.

— Uma nave de fuga? Puta merda! — exclamou Draper. — Aquele filho da

puta do Reese! Quantos cabem, doutora? Quantos passageiros ela suporta?

Brackett a sentiu afundar nos braços, e a cabeça dela pendeu para trás ao expelir seu último e trêmulo suspiro. Pela primeira vez, ocorreu ao capitão que o ácido talvez não parasse, que poderia abrir caminho até ele, e caiu de joelhos, colocando-a gentilmente no chão.

Uma nave de fuga, pensou. De alguma forma, a Weyland-Yutani já sabia. *Diabo, talvez tenha sido por isso que escolheram este lugar.*

Não, certamente não tinham certeza, ou teriam trazido mil pessoas para vasculhar cada centímetro da superfície. Porém, deviam saber que em algum ponto daquele sistema poderiam encontrar problemas. Tinham dado à equipe científica um meio de fugir daquela lua esquecida por Deus, com a noção de que todas as outras pessoas — inclusive as crianças — eram descartáveis.

Newt, pensou Brackett. *Anne*.

Não tinham poder de fogo suficiente para destruir os alienígenas, não quando pelo menos uns vinte deles já haviam nascido. As chances de *ninguém* sair de Aqueronte com vida eram cada vez maiores... a não ser que houvesse uma nave de fuga.

Ele era um fuzileiro. Tinha uma missão e um dever para com aquelas pessoas e o Corpo. Contudo, se pudesse salvar a vida de ao menos algumas, incluindo a mulher que amava e os filhos dela, certamente isso seria mais nobre que deixar todos morrerem.

Tocou a face esquerda da dra. Hidalgo, desejando que ela pudesse estar a bordo da nave e agradecendo-lhe em silêncio. Agora entendia a culpa que vira nos olhos dela antes.

Brackett se levantou e virou bem a tempo de ver o elevador começar a subir.

Draper o olhou através da gaiola, os olhos frios como pedra.

Quantos passageiros ela suporta?, ele havia perguntado. Na verdade, Brackett não podia culpá-lo. Marvin Draper provara sua coragem em combate, mas, se Brackett pudesse ter feito uma lista de pessoas que embarcariam na nave de fuga, Draper não estaria nela.

O elevador subiu chacoalhando e desapareceu rumo aos níveis superiores.

Brackett apertou o botão para chamar o outro elevador e espiou o poço.

Atrás dele, a escuridão ganhou vida.

26

UM POR UM

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1346

Quando Anne ouviu as batidas na porta da área de armazenagem, soube que as coisas haviam saído dos eixos. Metade dos colonos se encolheu e se afastou da entrada, mas ela reconheceu o som de um punho batendo, pedindo para entrar. Os alienígenas não pediam.

Newt agarrou a boneca Casey e a camiseta da mãe.

— Fique com o Tim, querida — disse Anne.

— Mãe, não! — gritou a menina, tentando abraçá-la. — Você disse...

— Só um segundo!

Anne correu para a porta. Várias pessoas gritaram para impedi-la. Lydecker desatou a correr e chegou antes dela.

— Que diabo está fazendo? — exigiu saber.

Ela o ignorou. Espalmando a mão na porta, gritou:

— Quem está aí?

— Tenente Paris! — foi a resposta.

O medo fez seu estômago revirar, e o coração começou a galopar. Sussurrou um palavrão ao empurrar para os lados as caixas que haviam sido empilhadas e destrancou as portas duplas. Lydecker não discutiu. Ouvira a voz de Paris e sabia que a mulher estava viva e desesperada, ou não teria ido até eles.

Anne escancarou a porta, e Paris entrou recuando com a soldada Yousseff atrás de si, ambas apontando as armas para o corredor em que estavam. Usando capacete e equipamento completo de proteção, tinham riscas de suor no rosto e olhos arregalados de urgência.

— Alguma notícia do Simpson ou do capitão Brackett? — quis saber Paris, voltando-se para Lydecker.

O homem balançou a cabeça, negando.

A tenente Paris olhou ao redor, murmurando um palavrão sem se importar com quem ouvisse.

— Diabo, cadê o dr. Reese? — perguntou. — É hora de ele entrar em cena. Onde é que o cara se meteu?

— Sumiu — respondeu Anne.

— Como assim, *sumiu*? — rosnou Yousseff.

— Ele e o dr. Mori disseram que tinham informações fundamentais que precisavam guardar — explicou Lydecker. — Querem me dizer que diabo está acontecendo?

Um arrepio gélido subiu a espinha de Anne quando viu a confusão desesperada nos olhos de Paris. Então, a tenente jogou o rifle de plasma por cima do ombro.

— Yousseff, a porta — disse ela, e a outra fuzileira tratou de trancar tudo, empurrando as caixas de volta para a frente da porta como barricada. — Escutem todos — gritou a tenente Paris, chamando a atenção das dezenas de colonos agrupados na área de armazenagem. — Nenhum dos outros fuzileiros posicionados ao redor do perímetro isolado está respondendo aos comunicadores. Pelo menos três estão mortos, pelo que sei, e temos de supor que os alienígenas estão dentro do perímetro, pegando um por um. Estão trabalhando devagar, removendo as pessoas que estavam protegendo vocês, e depois disso vão entrar.

— Como? — perguntou um dos garimpeiros. — Todas as portas foram soldadas e bloqueadas, menos uma. — Ergueu uma pistola pesada e franziu o cenho. — Vou estourar a cara de qualquer um desses bichos feios que tente chegar perto de mim ou do pessoal aqui.

— Talvez você tenha sorte, Meznick — disse Paris —, mas não sei se sua arma vai adiantar muito. Estou dizendo, não acho que este lugar esteja seguro o bastante.

Anne sentiu que não conseguia respirar. *Aquele* lugar não estava seguro o bastante? Aonde mais poderiam ir, onde tantas pessoas poderiam esperar o resgate — onde poderiam dormir e comer?

Olhou para os filhos. Tim estava de pé com um braço em torno da irmã, e ela pensou em como Russ teria ficado orgulhoso dele.

As pessoas disparavam perguntas em Paris. Algumas se recusavam a ir a qualquer lugar sem ouvir notícias do dr. Reese ou de Al Simpson. Mas quando Yousseff olhou nervosa para a porta que haviam acabado de reforçar, praticamente tremendo de medo dos alienígenas tentarem entrar a qualquer momento, Anne soube que não havia mais tempo para hesitações.

— Eu vou — disse ela, aproximando-se rapidamente dos filhos. — Vamos,

crianças.

— Estou com medo — choramingou Newt.

— Eu também, Rebecca — disse Tim. — Mas a gente vai ficar bem. Eu protejo você — prometeu.

— Anne, não faça isso — pediu Bill Andrews, pegando o braço dela por trás.

— Não seja burro, Bill — respondeu ela, desvencilhando-se. — Não está vendo o medo no olhar dessas fuzileiras? Acha que a tenente Paris está errada? Este é o lugar mais confortável para esperar o resgate, mas, se estivermos mortos quando eles chegarem...

— Aonde vamos, então? — perguntou Andrews, dirigindo-se a Paris.

— Temos algumas ideias — respondeu a tenente. Anne ergueu Newt nos braços, depois segurou a mão de Tim e lançou-se em direção à porta recém-reforçada. — Subir para o nível um e seguir por mais trinta metros pelo corredor sudoeste — disse ela. — O centro de operações dos pesquisadores. Fica logo acima do laboratório médico, mas é basicamente uma caixa grande. Só uma porta de entrada e saída. Entramos lá e soldamos a porta...

— E morremos de fome em questão de dias — disse Meznick.

— Então, levem tudo o que puderem — rosnou Anne —, mas pelo menos lá vamos ter uns dias para tentar pensar em alguma coisa. Melhor do que morrer aqui hoje.

— Não vou a lugar nenhum — retrucou Meznick. — Vamos resistir aqui, esperar o Simpson e os outros... Até onde sabemos, a equipe do Brackett já exterminou a tal colmeia.

— Fique à vontade — disse Anne.

— Mas e o Demian? — sussurrou a filha no ouvido dela.

Anne engoliu em seco, mas nada disse. Todos os seus grandes planos viraram pó. Não chegaria mais ao hangar, nem à garagem — não com as crianças, não se os fuzileiros que protegiam o perímetro estivessem mortos. Que diabo, teria sorte se chegasse ao centro de operações.

É nossa única chance, pensou.

Olhou em torno de si em busca de Cale, Dione ou Russell, que ela vira tramando alguma coisa juntos em silêncio. Não achou ninguém. Percebeu que de alguma forma eles — e sabe-se lá mais quantos outros — haviam saído sem que ninguém notasse.

Provavelmente estão tentando chegar à Onager. Desgraçados. Mas não podia odiá-los por isso. Se não tivesse esperado por Demian... tido esperança...

— Droga — resmungou, afastando-se. Virou-se para Andrews. — Você vem? Ele assentiu.

— Vai lá. Vou pegar um pouco de comida e água e alcanço você.

Quando as pessoas começaram a se alvoroçar, algumas abrindo caixas de suprimentos, Lydecker ergueu as mãos.

— Calma, pessoal — disse ele. — Eu vou ficar bem aqui, mas não vou deter ninguém que queira sair.

Como se você pudesse, pensou Anne.

— Mas só vamos abrir essa porta uma vez. Depois disso...

— Saia do caminho, Lydecker — disse Anne, seca. — Tim, ajude a soldada Yousseff.

Yousseff e Tim começaram a tirar de novo as caixas da frente da porta, auxiliados por alguns colonos. Na hora em que a porta se abriu, as duas fuzileiras saíram depressa, com as armas apontadas para os corredores abandonados, e talvez houvesse vinte pessoas com os braços cheios de mantimentos, prontas para sair correndo.

Mal tinham chegado ao corredor e fechado a porta quando tiros ecoaram de algum ponto adiante.

— Vão, vão! — gritou a tenente Paris enquanto ela e Yousseff erguiam as armas e corriam em direção à fonte dos tiros.

Outro fuzileiro dobrou a esquina, mancando bastante e disparando os últimos projéteis de seu rifle de plasma antes de ficar sem munição. Anne reconheceu o soldado Dunphy e se retesou ao ver o sangue na mão esquerda do homem, percebendo que a manga da roupa estava encharcada. Fora um dos fuzileiros no perímetro, então, não estavam todos mortos, mas Dunphy não parecia muito longe do túmulo.

— Izzo foi abatido! — gritou Dunphy. — Tem três deles vindo por aqui!

Julisa Paris virou-se e pegou o braço de Anne, olhando-a nos olhos.

— Escute. Yousseff e eu viemos por ali. Foi lá que já matamos um. Se eles estiverem vindo de lá, seu caminho até o centro de operações deve estar livre. Passe pela porta não soldada e nós a trancamos depois que alcançarmos vocês. Vão rápido, e nós cuidamos disso.

Anne concordou.

— Vamos dar a vocês cinco minutos antes de selarmos a porta do centro de operações.

Paris tocou os cachos louros de Newt e os bagunçou um pouquinho.

— Vão! Tim, tome conta da sua mãe!

Tim apertou a mão de Anne com mais força, e logo os dois saíram em disparada pelo corredor, rezando para que a escada que levava ao andar de cima estivesse livre. Dois minutos ou menos para chegar ao centro de operações, isso era tudo de que precisavam.

Anne olhou para trás só uma vez, para as portas da área de armazenagem,

perguntando-se quanto tempo conseguiriam resistir. Mesmo que soldassem aquelas portas internas, havia alienígenas demais. Tinha certeza de que de alguma forma eles entrariam, mas agora era tarde demais para que os outros os seguissem. Ela e os filhos, Bill Andrews, Parvati, Gruenwald e os outros que vieram com ela... viveriam ou morreriam juntos.

Abraçou a filha com mais força. Apertou a mão de Tim.

Viver, pensou, quase numa prece. *Vamos viver*.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1359

A coisa que se movia na escuridão tinha forma humana. Brackett a fitava, fazendo mira com a arma.

— Quem está aí?

— Capitão? — A figura se arriscou a sair das sombras.

— Pettigrew? Cara, achei que você tivesse morrido.

O cabo trazia o fuzil ao lado do corpo ao correr rumo aos elevadores, movendo-se com urgência agora que sabia que Brackett não atiraria nele.

— Um deles me atacou dois minutos depois que vocês foram embora — contou Pettigrew, vasculhando as sombras, ansioso e alerta enquanto o segundo elevador descia zumbindo e trepidando. — Apertei o botão para segurar o elevador e percebi que não precisava ficar parado esperando a morte. O alienígena não ia saber que botão apertar. Dei o fora com a coisa na minha cola, consegui entrar num armário de ferramentas pouco antes de ela me alcançar.

— Como conseguiu escapar? — perguntou Brackett, olhando para o elevador que vinha do alto através da gaiola.

— Não precisei — respondeu Pettigrew.

Alguma coisa se mexeu e arranhou as sombras acima das máquinas mais próximas. Pettigrew e Brackett se viraram de uma só vez, fazendo mira. As luzes tremularam, e Brackett viu o lustro liso de alguma coisa preta que fluía como água na escuridão.

— O tiroteio começou, vocês estavam sendo atacados, e ele deu o fora, mais interessado na luta — contou Pettigrew. — Acho que ele pensou em voltar para me pegar mais tarde.

O elevador estalou ao descer, deslizando para dentro da gaiola logo atrás deles antes de parar sacudindo.

— Acho que ele fez isso — murmurou Brackett.

Quando as portas do elevador se abriram, o alienígena pulou de cima do gerador ruidoso para o chão diante deles.

— Vai, vai! — disse Brackett, atirando na criatura e recuando para o elevador.

Pettigrew também abriu fogo, mas o fuzil emperrou, e ele soltou um palavrão, virando-se para apertar o botão que levava ao nível um. O alienígena correu para eles, com os braços estendidos, a cauda ondulando atrás do corpo, pronto para atacar. Brackett puxou o gatilho mais uma vez e cravejou o peito da fera com balas.

A criatura vacilou e caiu, o sangue derretendo o chão a poucos metros do

corpo da dra. Hidalgo, dilacerado pelo ácido. Enquanto o elevador começava a subir, o alienígena sibilou, virando-se para olhá-los com aquela carapaça sem olhos que era a cabeça, e levantou-se de um salto.

Atingiu a gaiola abaixo deles pouco depois do elevador sair do alcance. Antes que saíssem de vista, Brackett viu outros monstros brotarem da escuridão abaixo deles.

— Como a gente vai sobreviver a isso, capitão? — perguntou Pettigrew, desabando no chão do elevador.

Com o coração martelando, Brackett se voltou para ele.

— Vamos sair dessa porra desse planeta.

Pettigrew estreitou os olhos, incrédulo.

— Como?

— Existe um jeito — respondeu Brackett, agradecendo a Theresa Hidalgo em silêncio. — Só precisamos chegar lá antes do seu amigo Draper.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1359

O dr. Reese carregava a maleta prateada e o dr. Mori carregava a arma.

Andavam tão rápida e silenciosamente quanto podiam, esperando que ninguém os ouvisse, alienígena ou humano. Entre o laboratório médico e o de pesquisas havia uma única porta estreita à qual só os três membros principais da equipe científica tinham acesso. Na superfície metálica da porta havia as palavras SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO, já gastas.

O dr. Mori pusera a chave numa corrente em torno do pescoço e a usou para destrancar a porta enquanto ambos olhavam ansiosos para o corredor.

— Não venho aqui embaixo desde o dia em que chegamos — sussurrou Mori.
— Nunca pensei que precisaríamos abrir esta porta.

Reese lançou-lhe um olhar sombrio, satisfeito com o peso da maleta na mão direita.

— Sempre foi uma possibilidade.

Mori empurrou a porta e se afastou, vigiando o corredor com a pistola — a arma parecendo-lhe tão insignificante —, enquanto o dr. Reese entrava. A chave acionou as lâmpadas no interior, e elas se acenderam.

Ele franziu o cenho, olhando em direção ao laboratório de pesquisas. Teria ouvido um som lá dentro? Seriam passos? Ficou atento por vários segundos, depois se convenceu de que tinha sido sua imaginação. Entrando na passagem estreita, puxou a porta e se encolheu quando ela se fechou com um som alto.

— Idiota! — grunhiu Reese, a palavra roçando as paredes lisas e cinzentas do espaço claustrofóbico. Mas agora não havia nada a fazer quanto àquilo.

— Vá andando — resmungou Mori.

O dr. Reese era seu superior, mas naquele momento Mori não se importava.

Na busca pela sobrevivência, para fugir de Aqueronte com a vida e com a pesquisa, os dois estavam em pé de igualdade. A maleta prateada continha todas as informações, um único abraçador morto e amostras de um ovo da nave abandonada e da resina que vinha da boca dos xenomorfos. Se tivessem mais tempo, teriam tentado levar um abraçador vivo, mas, por mais que quisessem levar a pesquisa para a companhia e receber as recompensas, não poderiam fazer isso se hesitassem por tempo demais e acabassem mortos.

— Depressa — sibilou Reese.

Mori rilhou os dentes.

— Não sou tão jovem quanto antes.

Marcharam pelo corredor estreito, os ombros roçando as paredes, até

chegarem a uma leve curva, onde o caminho se alargava e dava a eles um espaço para respirar. Mais alguns passos os levou até uma porta baixa onde tiveram que se inclinar para passar. Então, o corredor começou a se curvar para a direita, levando a um segundo lance de degraus que descia num ângulo reto. Os primeiros arquitetos da colônia haviam projetado aquela passagem para ficar trancada e esquecida.

— Por favor, meu amigo — disse o dr. Mori quando chegou ao fim da escada.
— Me dê um momento.

O dr. Reese se virou para fulminá-lo com o olhar, mas sua expressão suavizou.
— Só um momento — concordou.

Mori meneou a cabeça. Vinha segurando a pistola, mas não parecia haver mais necessidade, então acionou a trava de segurança e a guardou na parte de trás do cós da calça. Quando olhou para a maleta na mão de Reese, sorriu, ainda tentando recuperar o fôlego.

Esperou, dedilhando nervosamente a chave pendurada na corrente do pescoço. A chave da qual precisariam para atravessar a última porta.

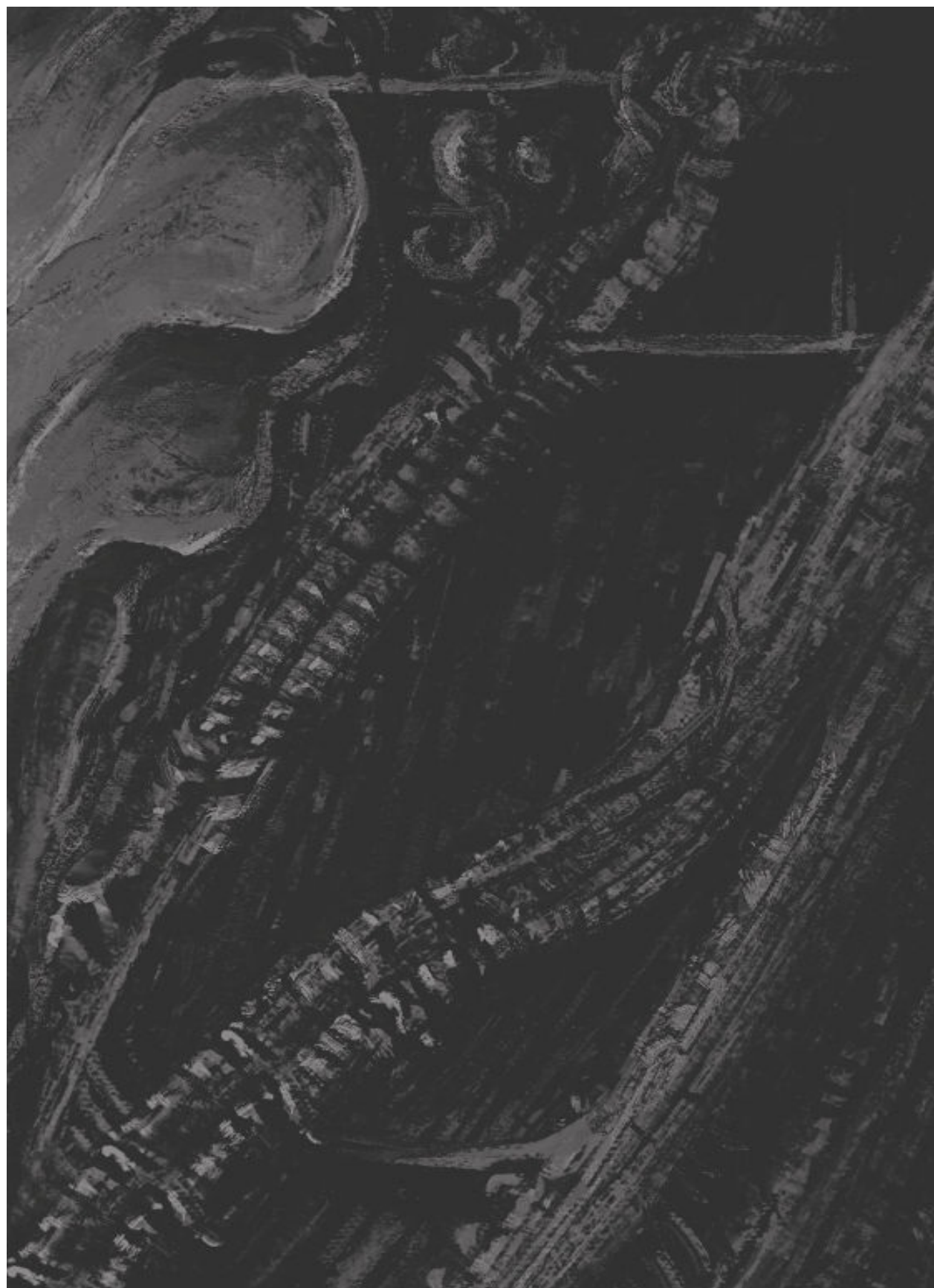
— Obrigado — disse ele, respirando fundo. — Estou bem.

O dr. Reese lhe deu um tapinha no braço.

— Que bom. Não quero ir sozinho. É uma longa jornada.

Enquanto retomavam a caminhada, deixando os degraus para trás, ouviram um som arrastado do ponto de onde vieram. Os cientistas ficaram paralisados e se entreolharam num silêncio temeroso.

Não, pensou o dr. Mori. *Não depois de chegarmos tão perto*. Sacou sua arminha patética enquanto os dois olhavam a escada e esperavam.



PRONTOS PARA LUTAR

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1400

Amontoados no centro de operações dos pesquisadores, os colonos que seguiram Anne andavam rapidamente. Nos fundos havia uma oficina para reparar equipamentos, e Bill Andrews localizara um maçarico portátil poucos minutos depois de chegar.

Anne sentou-se num banco com os filhos e observou Bill ligar o maçarico, a chama branco-azulada crepitando e queimando o ar. Umedeceu os lábios com a língua, percebendo como seu coração batia forte. Tinham chegado até ali sem que mais ninguém morresse, e a visão do maçarico e daquela sala, que mais parecia uma caixa, a fizeram sentir-se mais segura na mesma hora.

Mas outros se sentiram seguros antes, e isso não os ajudara. Do outro lado da sala, Stefan Gruenwald e Neela Parvati inspecionavam o estojo de armas que haviam trazido da área de armazenagem, distribuindo-as.

— Tim — disse Anne —, você e a Newt, fiquem aqui um minuto.

A menina agarrou a mão dela, olhando ansiosamente para a entrada enquanto Bill testava o maçarico nas dobradiças do lado esquerdo das portas duplas. Então, se virou para a mãe.

— Vai ficar tudo bem — prometeu Anne. — Proteja a Casey.

Newt olhou novamente para o maçarico em uso, depois meneou a cabeça, concordando, e abraçou a boneca, beijando-a no topo da cabeça. Anne correu pela sala, ziguezagueando entre as pessoas amedrontadas que tentavam se acomodar de algum jeito confortável, trancadas dentro da sala onde ficariam por sabe-se lá quanto tempo. Os mantimentos que trouxeram estavam empilhados em mesas, e as cadeiras foram entregues aos mais velhos entre eles. Os outros acampavam no chão.

Anne olhou para os respiradouros acima dos monitores nas paredes e, embora

tivesse certeza de que os dutos eram estreitos demais para os alienígenas adultos, imaginou quantos outros poderiam nascer. A única coisa que os colonos não podiam fazer era cortar o próprio suprimento de ar.

Quando marchou até o grupo das armas, Parvati a encarou.

— Quero uma arma — disse em voz baixa.

Parvati arqueou a sobrancelha. Gruenwald inclinou a cabeça e a olhou preocupado.

— Não acha que será melhor para todo mundo deixar as armas com quem sabe usá-las? — perguntou ele.

— As criaturas pegaram meu marido — respondeu Anne, e apontou para os filhos do outro lado da sala: Tim, à beira das lágrimas, e Newt, agarrada à boneca. — Se tudo der errado, preciso de alguma coisa para garantir que *eles* não terminem do mesmo jeito.

Parvati abriu a boca, chocada, talvez pensando que Anne cogitava matar os próprios filhos para não deixar que os alienígenas os levassem. Anne se perguntou se na verdade não queria dizer exatamente isso.

A pergunta a assombrava.

Gruenwald lhe entregou uma arma. Ela se virou sem dizer mais nada e voltou ao bando.

As batidas na porta começaram antes mesmo de ela se sentar.

— Mãe? — chamou Newt.

Tim ficou de pé e se colocou ao lado dela, pronto para lutar. Um instante depois, Newt fez o mesmo, e a visão daquela menininha de seis anos preparando-se para defender a si mesma e a família partiu tudo o que restava do coração de Anne Jorden. Ela segurou a pistola com mais força e observou Bill recuar, com o maçarico na mão.

Gruenwald correu para a porta, Parvati logo atrás dele, com meia dúzia de outras pessoas armadas.

— Tenente Paris? — chamou Bill. — É você?

— É o Draper! — trovejou uma voz. — Deixa a gente entrar, droga. Estão na nossa cola.

Tiros irromperam no corredor.

— Abre essa porta! — gritou Draper, e as pancadas voltaram. — Cadê o Mori e o Reese? Estão aí com vocês?

— Temos que deixá-los entrar! — disse Bill Andrews, olhando em volta em busca de apoio.

— Não! — vociferou Gruenwald. — Não podemos arriscar nossa própria segurança. Eles vão ter que se virar sozinhos.

Outra rajada de tiros, e então Parvati surpreendeu Anne ao passar por

Gruenwald e seguir até a porta.

— Você não dá as ordens aqui — rosnou ela para ele. — Não vamos deixar ninguém para aquelas criaturas!

Outros dois se apressaram em ajudá-la.

— Seus idiotas! — berrou Gruenwald, correndo para detê-los. — Pensem nas crianças que temos aqui!

Mas Bill Andrews se colocou no caminho dele, empurrando-o.

— Estamos pensando nos homens e mulheres lá fora.

Parvati e os outros puxaram a porta da direita, abrindo-a, as dobradiças ainda não soldadas. Só então Anne percebeu que o tiroteio no corredor havia cessado.

— Já abrimos! — gritou Parvati.

— Ah, não — murmurou Anne.

Sentindo lágrimas aflorarem nos olhos, puxou os filhos para junto de si com a mão esquerda e apontou a arma com a direita. Quando viu o sargento Draper passar pela porta — curvado, pálido e ensanguentado, mas vivo —, expirou, e todas as suas forças se esvaíram.

Draper ganhara tempo para eles.

Mas então o sargento cambaleou e caiu, e todos puderam ver o buraco em suas costas...

... e os alienígenas avançaram atrás dele, pisoteando o corpo e matando Neela Parvati antes mesmo de passarem pela porta.

Newt e Tim gritaram, e Anne se juntou a eles. Não havia para onde correr.

Não restava nada a fazer senão gritar e morrer.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1400

A tenente Paris e a soldada Yousseff haviam matado mais dois alienígenas antes de ouvirem os gritos vindos da área de armazenagem.

Yousseff saiu correndo em direção às portas principais. Anne Jorden, Bill Andrews e mais umas vinte pessoas tinham saído pouco antes de as criaturas atacarem, e Paris não pôde deixar de pensar que gostaria de ter ido com eles. Que as duas tivessem ido. Agora, corria atrás de Yousseff, alcançando-a numa curva do corredor e jogando-a contra a parede.

— Não seja burra! — gritou na cara da outra mulher, odiando-se por fazer aquilo.

— Mas temos que ir... — A soldada começou a chorar.

— Ir o quê? Morrer? Porque é o que vamos fazer se formos para lá!

Então, Yousseff riu em meio às lágrimas.

— Tenente, fala sério! Já estamos mortas mesmo!

Alguma coisa se mexeu atrás delas, e ambas se viraram, mantendo o dedo no gatilho. Quase atiraram em Brackett e Pettigrew.

— Merda! — gritou Paris, o coração quase arrebatando o peito.

— Anne Jorden e os filhos dela? — berrou Brackett, correndo na direção das fuzileiras. — Eles estão lá dentro com aquelas coisas?

Paris balançou a cabeça, negando.

— Não. Um grupo de colonos se separou e foi para o centro de operações dos pesquisadores.

Brackett baixou a cabeça, respirando fundo.

— Graças a Deus.

— Esbarramos no Draper e nuns outros... estavam indo para lá defender aquela posição — informou Yousseff.

— Claro que estavam — rosnou Brackett. — Filho da puta.

— O que está acontecendo, capitão? — quis saber a tenente Paris.

Brackett olhou para ela.

— Yousseff disse que estávamos todos condenados. Talvez não.

— Talvez não o quê? — perguntou Yousseff, afastando-se da esquina e dos gritos e aproximando-se de Brackett e Pettigrew.

— Talvez exista um jeito de sairmos daqui — explicou Pettigrew.

— É melhor vocês não estarem curtindo com a nossa cara — disse a tenente Paris.

— Não estou — garantiu Brackett, e sua expressão ficou sombria. Ergueu o

rifle de plasma, afastou-se dos outros e abriu fogo contra um alienígena que dobrou a esquina quase precisamente no ponto onde Yousseff estivera momentos antes. — Leve a gente para lá agora! — gritou Brackett. — Para o centro de operações!

Em seguida, os quatro fuzileiros estavam correndo e atirando, liderados pelo tenente Paris.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1405

O dr. Reese recuou dois passos, colocando o dr. Mori entre ele e o que quer que estivesse vindo pelo corredor no alto da escada.

Atrás dele, a passagem voltava a se estreitar. Se lembrava corretamente, mais quarenta e cinco metros o levariam a uma escotilha depois da qual havia um lance curto de degraus, depois outra escotilha. Passando por ela chegava-se a um pequeno hangar escondido onde a nave de evacuação para seis passageiros o aguardava.

Deu mais um passo. O dr. Mori estava com a arma — Reese não podia fazer nada para ajudar a defendê-los.

Corra, disse a si mesmo, apertando com mais força a alça da maleta. Dedicou a vida à pesquisa científica em detrimento da família, da saúde e de qualquer chance de fazer verdadeiras amizades. Tinha trocado a cortesia e a elegância pela busca do conhecimento e do avanço... pela criação, não importando as consequências.

Reese sabia que a Weyland-Yutani investia milhões no desenvolvimento e na pesquisa científica para encontrar modos mais eficientes de matar e conquistar. Isso nunca lhe causara uma crise de consciência.

Mas abandonar o dr. Mori...

O dr. Reese disse a si mesmo que Mori não era seu amigo.

Não, pensou, *mas é a coisa mais próxima disso que tenho*. Obrigando-se a se livrar daquela culpa, começou a correr no instante em que uma figura esbelta dobrou a esquina e apareceu na plataforma no topo dos doze degraus.

O dr. Reese a fitou.

— Khati? — disse o dr. Mori, e se aproximou do primeiro degrau.

Reese agarrou-lhe o ombro.

— Pare, seu tolo.

A mulher tinha sido uma de suas pesquisadoras, mas desaparecera na noite anterior. A equipe científica presumira que tivesse sido levada pelos alienígenas, mas ali estava ela. O lado esquerdo do rosto tinha um hematoma imenso e roxo e múltiplos arranhões. O cabelo era um emaranhado, e as roupas estavam desalinhadas e rasgadas.

Khati Fuqua os encarou do alto, olhos cheios de sofrimento.

— Por favor...

Arrastou-se em direção ao degrau no topo, grunhiu de dor e se inclinou levemente para segurar o corrimão. A mão errou e o pé pisou em falso, e ela

caiu, rolando, estendendo os braços para tentar aparar a queda, sem conseguir.

— Droga! — resmungou o dr. Mori, correndo até ela. O dr. Reese se aproximou desconfiado, olhando por cima do ombro de Mori.

— Ela está bem?

Gemendo, Khati rolou, virando-se para cima. Uma das mãos estava sobre o esterno, e o dr. Reese se perguntou se ela teria batido o peito na borda de um degrau.

Ela se contorceu de dor.

— Ah, não — murmurou.

— Ah, não — repetiu o dr. Reese.

O dr. Mori ficou de pé e olhou para ela.

— Khati, sinto muito.

Reese mudou a maleta para a mão esquerda. Com a direita, tirou a arma da mão de Mori. Passando por cima da pesquisadora, foi até a metade da escada, voltando por onde viera. Precisava de uma posição de vantagem.

— Como é que ela nos seguiu? — o dr. Reese exigiu saber. — Você não trancou a porta?

— Não tranquei — respondeu o dr. Mori. — Nunca pensei...

— Mentira! — Reese engoliu em seco, o suor porejando da testa. — Mesmo que tivesse apenas fechado a porta, ela não poderia ter nos seguido. Não quero isso, Mori, está entendendo? — Sua voz ficara estridente. Ouvia o tom de pânico, mas não conseguia se conter.

— Você acha que *ela* queria? — perguntou o dr. Mori, olhando para Khati no chão enquanto ela começava a se contorcer e gritar, hiperventilando ao tentar processar a dor.

Na metade da escada, o dr. Reese apontou a arma para ela e respirou fundo. Queria desesperadamente puxar o gatilho, só para dar fim à dor dela e a qualquer perigo que pudesse representar.

— Anda logo — sussurrou para si mesmo.

Mas não conseguia puxar o gatilho, não podia matar a jovem a sangue frio, embora em sua mente aquilo fosse um gesto de misericórdia.

Khati corcoveou de novo, e ele pôde ver a pele do peito se esticar enquanto o parasita cavava o caminho para fora.

Não temos tempo para isso, pensou.

Mas, é claro, não demoraria muito.



O LABIRINTO DO MONSTRO

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1407

Em meio aos berros e tiros, uma estranha calma envolveu Anne. Foi como se o centro de operações tivesse ido parar numa dimensão paralela, e ela tivesse sido deixada para trás.

Bill Andrews e Stefan Gruenwald estavam na linha de frente, descarregando os projéteis de plasma nos alienígenas, dilacerando dois deles. O sangue ácido espirrou nos olhos de Gruenwald, e o homem gritou, caindo de joelhos. Cobriu o rosto e gritou ainda mais alto, numa melodia de agonia e entrega, quando o ácido nos olhos queimou também as mãos.

Um dos xenomorfos agarrou Bill Andrews e o bateu contra a parede, derrotando-o sem matá-lo. Guardando-o para depois.

Os que não estavam atirando se encolhiam ou procuravam alguma coisa com a qual revidar.

Anne ergueu a pistola, soltou o ar e atirou três vezes enquanto recuava. Olhou para os filhos atrás de si. Newt abraçava a boneca com tanta força que parecia a ponto de esmagá-la. Tim pegara um monitor, a única arma que havia encontrado à mão.

Não, pensou ela, a única palavra gravada na mente.

Não.

Então, viu o quadrado escuro na parede atrás das crianças.

— Tim! Newt! — gritou ela, a voz falhando. — Labirinto do Monstro!

Ela os viu girar, percebendo o que ela queria que fizessem. Então, virou-se novamente para os gritos e a carnificina. O cheiro do sangue e do medo avançou sobre ela como uma tempestade. Um dos alienígenas se agachou sobre a amiga da filha, Luisa. A garotinha deu um grito tão agudo que foi como se um tipo de loucura lhe rasgasse a garganta, e o alienígena vomitou a resina pegajosa no

rosto dela. A garota sufocou e silenciou. O corpo inteiro estremeceu, depois ficou inerte, levado à inconsciência pelo choque e pelo terror.

Algo atingiu Anne em seu íntimo.

— Deixa ela em paz! — berrou, atirando duas vezes no alienígena, o coração mais cheio de ódio do que jamais imaginara possível.

Uma bala rachou a carapaça na têmpora e outra abriu um buraco na mandíbula inferior. Os pequenos espirros de sangue não atingiram Luisa, mas o coração de Anne parou quando ela percebeu o que quase havia feito.

A criatura se virou e deu um passo na direção dela.

— Newt! Tim! — gritou.

Enquanto os outros colonos eram mortos ou arrastados para longe ao redor dela, os filhos de Anne gritavam pela mãe. Ela se virou e viu que tinham retirado a grade do respiradouro, mas pararam, gritando para que ela fosse com eles. A angústia no rosto dos dois feria seu coração.

— Entrem! — gritou, correndo na direção deles. — Entrem aí!

Tim empurrou a irmã para o duto estreito — pequeno demais para uma das criaturas — e foi logo atrás.

Anne ouviu um sibilo baixo, praticamente sentindo o alienígena que avançava em sua direção.

Russ, pensou. Sinto muito.

Virou-se, mirou e atirou uma vez antes de as mandíbulas perfurarem sua testa.

Newt ouviu o irmão gritar pela mãe. Ele vacilou e bateu no interior do duto, voltando para a entrada.

— Timmy, não!

Ela agarrou a camiseta de Tim, mas ele se desvencilhou e se voltou para ela, lágrimas furiosas escorrendo pelo rosto.

— Vai, Rebecca! — gritou ele. — Não espera!

E então se virou, correu e se abaixou para pegar a arma que a mãe deixara cair.

— Eu te salvo, mãe! — gritou Tim.

Porém, não podia. Era tarde demais para isso. Tarde demais para a mãe. Tarde demais para Tim.

Apática, Newt virou-se de costas, mas ainda ouviu o grito — o último som que ouviria de seu irmão e melhor amigo.

Sentiu o alienígena vir atrás dela e lançou-se para dentro do duto, rastejando para longe o mais rápido possível. *Labirinto do Monstro*, pensou. Contudo, agora aqueles dutos eram o único lugar onde não havia monstros. Ela os conhecia melhor que qualquer um, mas nunca rastejara por ali sozinha.

Sozinha. A palavra ecoou na mente assim como os movimentos ecoavam

pelos dutos.

Completamente sozinha.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1407

Khati aspirou o ar entre os dentes, respirando do jeito que ensinam às mulheres que estão prestes a dar à luz. Então, corcoveou de novo, os olhos azuis arregalados ao dar um grito que derrubou as muralhas que o dr. Reese construía dentro de si para esconder as emoções. Tinha conhecido aquela mulher, jantado com ela, apreciado o som de sua risada.

— Por que ainda estamos aqui? — berrou o dr. Mori abaixo dele. — Vamos embora logo!

Reese estava de pé na metade da subida, olhando para o pequeno espaço abaixo e para a entrada do próximo trecho do corredor de evacuação. O dr. Mori deu mais um passo no corredor, hesitante e confuso, e Reese soube que ele tinha razão.

Sem atrasos, pensou.

Que diabo estava esperando? Khati agonizava e estaria morta momentos depois de a coisa irromper de seu peito. O instinto de Reese fora esperar que o parasita emergisse e matá-lo antes que pudesse crescer.

Deveriam estar fugindo.

A agonia de Khati o mantivera paralisado ali.

Lembrou-se do modo como ela sorria quando tomava o primeiro gole de café pela manhã, o sonzinho de felicidade que fazia ao saboreá-lo.

Puxou o gatilho, atingindo-a meia dúzia de vezes no peito. O dr. Mori gritou e deu as costas. Khati desabou no chão, inerte. A coisa dentro do corpo pulsou uma vez, como se fizesse uma última tentativa de se libertar, depois também se quedou imóvel.

O dr. Reese suspirou, lamentando a morte enquanto o sangue da mulher e o do parasita formavam uma poça debaixo do corpo, chiando conforme o ácido corroía o chão.

— Filho da puta! — disse Mori, virando-se para encará-lo mais uma vez.

Fora atingido.

O dr. Reese franziu o cenho, não compreendendo de imediato, mas depois entendeu que, quando Mori dera as costas, não fora por horror ou nojo. Uma bala ricocheteara e o atingira no ombro esquerdo, e ele tinha as mãos sobre a ferida.

— Imbecil! — rosnou Mori. — Vamos!

O dr. Reese olhou para Khati e disse a si mesmo que enxergava alívio naqueles olhos opacos e mortos. Baixou a arma e meneou a cabeça, descendo os

degraus.

Mori sussurrou seu nome.

Intrigado, Reese ergueu o olhar e viu o terror no rosto do colega. Então, ouviu o sibilo atrás de si, o ranger do peso nos degraus e o gotejar de um líquido atingindo o metal.

Baixou a cabeça, sem se importar em olhar, sabendo que era inútil tentar fugir.

As mãos do alienígena lhe envolveram o ombro direito e a garganta, trazendo-o para junto dele como um amante insistente. Só quando sentiu a saliva escorrer quente no pescoço ele começou a gritar, pensando no tormento que acabara de presenciar em Khati.

Apontou a arma para si e puxou o gatilho.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1408

Brackett foi o primeiro a entrar pela porta. Tinham ouvido os gritos e tiros vindo do corredor, mas, na hora em que chegaram ao centro de operações, a sala silenciara... exceto pelo sibilo dos alienígenas.

Colou-se à parede do corredor, deslizando, então viu que só um dos lados das portas duplas estava aberto. Erguendo a mão para deter os outros, mostrou três dedos, fez uma contagem regressiva e girou, passando pela parte aberta da entrada. Arregalou os olhos ao avistar os cinco alienígenas dentro da sala, todos entregues à tarefa de cobrir colonos vivos com a resina pegajosa que saía de sua boca.

Brackett abriu fogo enquanto Yousseff batia o corpo na outra metade da porta, apenas para descobrir que fora soldada nas dobradiças.

— Abre espaço, capitão! — gritou a tenente Paris. — Deixa a gente entrar!

Os projéteis de plasma de Brackett dilaceraram um alienígena e feriram mais outro quando as criaturas se voltaram para atacá-lo. Avançar teria sido idiotice — ficaria encurralado naquela sala pequena com os demônios. Em vez disso, recuou, gritando ordens aos outros fuzileiros, e os quatro retrocederam para o corredor, voltando por onde vieram.

— Eles têm que sair um por vez — rosnou ele, o coração acelerado, o corpo tomado pela adrenalina. — Pegamos!

Pettigrew deu um urro de triunfo ao perceber que Brackett tinha razão. Os quatro se alinharam no corredor e atiraram furiosamente nos alienígenas à medida que saíam da abertura, um por vez. O sangue ácido espirrou por todo o chão, abrindo buracos irregulares.

Quando acabou, o eco dos disparos ainda martelava os tímpanos de Brackett. Por um momento, ficou olhando atordoado para a carnificina de carapaças e membros e caudas de ébano estilhaçados, depois avançou.

— Cuidado, capitão! — gritou Pettigrew, mas Brackett sabia que estavam todos mortos, ou teriam continuado a atacar, seguindo o que parecia ser uma necessidade genética de destruir tudo o que encontrassem.

Pisou com cuidado em torno do chão carcomido pelo ácido e dos restos alienígenas, voltando a entrar no centro de operações. Respirou fundo ao observar os corpos lá dentro e começou a andar entre eles, verificando a pulsação, tomando nota dos que estavam obviamente mortos e dos que ainda poderiam estar respirando, destinados à procriação dos alienígenas.

Os ainda vivos estavam envoltos por casulos, inconscientes.

— O que vamos fazer com eles, capitão? — perguntou Julisa Paris, entrando na sala e o acompanhando na tarefa de encontrar sobreviventes. O fedor do sangue e da morte fez Brackett franzir o cenho. Sua cabeça doía. Não respondeu, pois sabia que não estavam vendo aquelas pessoas da mesma maneira. Paris via amigos e conhecidos onde Brackett via estranhos. Procurava somente três rostos.

Anne. Newt. Tim.

— Há mais alienígenas — continuou Paris. — Outros vão chegar. Como é que vamos libertar essas pessoas antes de...

— Não vamos — disse Yousseff, entrando na sala. De capacete, quase parecia uma garotinha brincando de faz de conta. O brilho sinistro em seus olhos revelava a verdade. — É uma intenção nobre, tenente, mas, até onde sabemos, só tem espaço para cinco ou seis passageiros na nave de fuga.

— A gente arranja espaço — argumentou a tenente Paris.

— Quem você vai deixar para trás por eles? — perguntou a soldada. — Eu? O cabo Pettigrew?

Brackett parou de escutar.

Estava diante de um cadáver familiar. Reconheceu as roupas e o cabelo. Do rosto não restava o bastante para identificar, mas ele soube e sentiu um gelo correr pelas veias e um vazio se abrir em seu íntimo.

— Me desculpe — sussurrou, baixando a cabeça.

Ajoelhou-se ao lado dela, deixando a arma no chão, e cobriu a cabeça com as mãos como se pudesse prender a tristeza dentro dela. Ainda podia visualizar em sua mente a garota que ela tinha sido quando se conheceram. Seu corpo recordava o toque. O coração se lembrava da dor que sentira ao romper o relacionamento quando embarcara para se alistar no Corpo de Fuzileiros, e do arrependimento quando soubera que ela pretendia se casar com Russ.

Teria sido melhor se eu nunca tivesse vindo aqui, pensou. Se nunca mais tivesse visto você.

Pettigrew tinha ficado no corredor, vigiando a saída. Agora, enfiava a cabeça pela porta.

— Andem logo — disse ele. — Ouvi alguma coisa aqui fora. No lugar de onde viemos.

Yousseff ficou ao lado dele, olhando para o corpo de Anne Jorden.

— Sinto muito, capitão — disse ela —, mas não podemos ficar. Se não chegarmos à nave de fuga, estaremos todos mortos.

Brackett meneou a cabeça devagar. Piscando como se despertasse de um sono, olhou para os cadáveres ao redor e para os encasulados, tantos deles irreconhecíveis como Anne. Então, congelou por um momento, desvencilhou-se do pensamento e ficou de pé. A menos de dois metros do corpo da mãe estava o

de Tim Jorden, com uma arma na mão pequenina.

— Newt? — disse Brackett, olhando ao redor. — Alguém viu a Newt?

— Puta merda, aqui! — bradou a tenente Paris, correndo até um corpo pequeno e encasulado.

A esperança aflorou dentro de Brackett, imagens da garotinha ocuparam sua mente. Correu até lá e começou a trabalhar ao lado de Paris, os dois arrancando a resina endurecida do corpo da menina enquanto Yousseff ficava perto da porta e Pettigrew vigiava o corredor.

Quando arrancaram um pedaço do material que escondia os olhos, a esperança esmoreceu dentro de Brackett.

— Sinto muito — murmurou Paris. — Não é ela.

Brackett assentiu.

— Quem é esta menininha? Você a conhece?

— O nome dela é Luisa. Uma das amigas da Newt.

Yousseff indicou o outro lado da sala, onde outros corpos jaziam sangrentos e arruinados.

— Deve ser um destes.

— Procurem — mandou Brackett. — Por favor, vocês duas, vejam se podem confirmar de alguma forma.

Confirmar que Newt está morta, ele queria dizer, mas ficou feliz por elas terem entendido. Não conseguiria dizer as palavras.

Brackett arrancou mais do casulo endurecido e tirou Luisa de dentro dele. O cabelo ruivo estava empapado com o material viscoso, e ela exibia uma palidez inumana, mas, quando ele se levantou com a garotinha nos braços, ela resmungou baixinho, e suas pálpebras tremeram.

Logo despertaria. Viveria. Ele pretendia garantir isso. Não havia mais nada que pudesse fazer por Anne ou Tim, mas podia fazer aquilo por Newt. Podia salvar sua amiga.

Yousseff e Paris continuaram a vasculhar o restante da sala.

— Caras, a gente tem que ir! — gritou Pettigrew lá fora.

Tiros soaram e ecoaram pelo corredor, e foi o fim.

Não tinham mais tempo para gestos humanitários. Se ficassem e tentassem defender os que ainda estavam vivos, certamente todos morreriam. Havia alienígenas demais, difíceis demais de matar, e os monstros ainda estavam procriando. Brackett olhou para a garotinha em seus braços.

Você vai ter que bastar, pensou. *Se eu puder manter você viva...*

Se pudesse manter Luisa viva, então conseguiria viver com a decisão de fugir. De sobreviver.

— Vocês ouviram o cabo! Vamos! — mandou Brackett.

Yousseff foi a primeira a se juntar a Pettigrew no corredor. Brackett a seguiu, carregando Luisa, e Paris foi por último. Quando a tenente passou pela porta, Pettigrew gritou um aviso e abriu fogo. Brackett se virou para ver dois alienígenas correndo na direção deles, vindos do outro lado. Paris e Yousseff atiraram também, rompendo os alienígenas em pedaços e espirrando o sangue deles sobre as carcaças, que caíram no chão a nove metros de distância.

A garotinha se mexeu nos braços de Brackett, choramingando, mas não chegou a recuperar a consciência. Ele a segurou mais junto de si e a acalmou enquanto o eco dos disparos se desvanecia.

— O jeito mais rápido de chegar ao laboratório médico? — perguntou ele.

A tenente Paris o olhou, estranhando.

— Por que diabos nós iríamos...

— A passagem particular para a nave de fuga fica logo ao lado — explicou Pettigrew. — Sabe aquela porta...

— Sei — interrompeu Paris, e logo voltaram a correr.

Dessa vez Paris foi na frente, com Brackett atrás dela carregando Luisa e Pettigrew, e Yousseff na retaguarda. Tinham certeza de que haveria mais deles. As pernas de Brackett pareciam feitas de chumbo, e o coração trovejava no peito enquanto corria, sacudindo a garotinha nos braços. Paris girou a arma num arco completo quando passaram pela área do elevador, silencioso e de portas fechadas. Dobraram uma esquina, chegaram à porta da escada que os levaria ao andar superior, a uma curta distância do laboratório, e Brackett virou-se para ver Pettigrew e Yousseff correndo atrás dele.

— Alguma coisa? — perguntou.

Yousseff ficou na esquina, apontando a arma na direção de onde vieram.

— Nem sinal — respondeu Pettigrew. — Isso não quer dizer que eles não venham.

— Exato — disse Yousseff. — Não estamos a salvo enquanto não sairmos daqui.

Paris começou a subir a escada e gesticulou para que eles a seguissem. Correram pelos degraus, Brackett retesando-se com o barulho que as botas faziam a cada passo, imaginando que distância acima e abaixo o som percorreria. Luisa não devia pesar mais que trinta quilos, mas seus braços estavam cansados. A tentação de acordá-la era enorme, fazê-la correr por conta própria, mas a menina teria muita sorte se dormisse até estarem bem longe de Aqueronte.

No silêncio do espaço, todos poderiam ficar de luto juntos.

Paris saiu da escada para a plataforma seguinte, virando num corredor e avaliando os dois lados.

— Está livre! — gritou, e eles a seguiram até lá.

— Tenente, cubra a direita. Yousseff, a esquerda — disse Brackett. — Pettigrew, verifique a porta.

Não havia dúvida quanto a que porta ele se referia. Na parede entre o laboratório médico e o de pesquisas, todos viram a porta estreita e preta entreaberta, a placa de “somente pessoal autorizado” na penumbra.

Yousseff deslizou pelo corredor primeiro, com Pettigrew atrás. Brackett viu as portas do elevador arruinado na frente do laboratório médico e indicou-o com o queixo para que a soldada fosse para lá. Ela assentiu e avançou pelo corredor, acendendo a lanterna do rifle de plasma e apontando o fecho de luz para o poço escuro do elevador.

Pettigrew empurrou a porta da passagem de fuga com o cano da arma, abrindo-a.

Um alienígena surgiu das sombras no interior, jogou-o no chão e agarrou-lhe o rosto. As mandíbulas protuberantes atravessaram o peito do homem com um golpe, esmagando ossos e rasgando músculos. Ao morrer, Pettigrew disparou meia dúzia de projéteis do rifle de plasma, três dos quais atingiram a criatura e fizeram o sangue dela espirrar por cima dele. O ácido queimou a carne, mas Pettigrew já estava morto.

— Paris! — gritou Brackett, recuando com Luisa nos braços.

Yousseff berrou o nome de Pettigrew e uma série de palavrões. Brackett virou-se e olhou para o corredor bem a tempo de ver as pernas de Yousseff chutando o ar enquanto ela era arrastada pela abertura retorcida nas portas do elevador.

A tenente Paris também viu.

— Isso não vai acontecer com a gente — disse ela friamente. — Temos um modo de ir para casa.

— Então, vamos! — rosnou Brackett.

O alienígena no qual Pettigrew atirara jazia no chão, tentando se reerguer. A cauda chicoteava o ar, a ponta letal trêmula, pronta para atacar. Julisa Paris atirou nele três vezes, estourando o crânio, e em seguida estavam correndo de novo.

Entraram desabalados pela estreita porta de evacuação, Paris vigiando o corredor adiante enquanto Brackett chutava a porta para fechá-la. Jogou Luisa sobre um dos ombros e a ouviu grunhir, resmungando ao deslizar à beira da consciência. Brackett fechou as duas trancas, lacrando a porta. Aquilo não deteria os alienígenas por muito tempo, mas ele esperava que bastasse.

Então seguiram velozes pelo corredor, Paris na frente com a arma, rezando para que não houvesse mais nenhuma surpresa esperando por eles à frente.

BASTA DE MORTES

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1410

O dr. Mori correu, com uma das mãos sobre o ferimento à bala no ombro. Os passos arranhados atrás dele estavam próximos, mas não podia se dar ao luxo de olhar.

O cheiro do próprio sangue o fez querer vomitar, desmaiar ou as duas coisas. Lágrimas escorriam pelo rosto, e tinha a mente tomada pelas imagens da morte horrenda de Khati e do alienígena matando Reese. Essas lembranças estavam gravadas a fogo em sua alma, e ele sabia que enquanto vivesse as veria toda vez que fechasse os olhos.

Por pelo menos seis ou sete segundos, iludiu-se pensando que *enquanto* vivesse duraria mais que só o minuto seguinte. Mas, quando olhou para a frente, viu que ainda havia cerca de trinta metros de corredor até chegar ao hangar de evacuação.

Uma porta que precisava de chave. E de tempo para usá-la.

Um soluço escapou do dr. Mori. O remorso tomou conta dele — tantas coisas que gostaria de ter feito, e muitas mais que gostaria de não ter feito. Porém, não tinha mais direito de desejar.

Caiu de joelhos, enfraquecido pela perda de sangue e pelo choque. A mão ainda apertava o ombro, onde a ferida começou a arder insanamente. Ele se virou para ver o alienígena correndo em sua direção. Analisou a carapaça lisa da enorme cabeça e o andar ágil e veloz de predador enquanto se aproximava. Entristecia-o pensar que jamais teria a chance de estudá-lo.

Lindo, pensou. E de fato era.

— Ei, bicho feio! — gritou uma voz feminina.

A criatura se voltou para a voz, a cauda arranhando a parede. Sibilou.

— Abaixo, dr. Mori! — bradou um homem.

Os projéteis penetraram o alienígena no momento em que o dr. Mori se jogou no chão. Afastou-se rastejando, enquanto a criatura estremecia e desabava, agonizando ao morrer. O cientista olhou os próprios sapatos, um dos quais fumegava enquanto várias gotas de ácido o queimavam. Gritando em pânico, esticou a mão e arrancou o sapato do pé.

Então, fitou o pé patético com a meia cinzenta, o tecido mais fino nos dedos, e se apoiou na parede, trêmulo.

O capitão Brackett passou com cautela ao redor do alienígena morto, carregando a garotinha nos braços. A tenente Paris foi atrás dele, a arma ainda nas mãos, pronta para lutar.

— Levante, dr. Mori — disse Brackett. — Você é nossa passagem para longe daqui.

O cientista ergueu o olhar para ele, vazio e desamparado.

— Vão me levar com vocês?

Brackett olhou para a menininha nos braços, mas seu olhar ainda parecia distante, como se visse outra pessoa.

— Acho que já basta de mortes, não concorda?

A tenente Paris o ajudou a se levantar, e ele mancou em direção à porta com o sapato que lhe restava, grato por ter a chave na corrente em torno do pescoço.

O dr. Mori abriu a porta do hangar, e o ar frio soprou ao redor dele. Sentiu-se vivo.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1429

A nave de fuga sacudiu violentamente ao atravessar a atmosfera cheia de detritos de Aqueronte. Brackett tinha deitado Luisa numa câmara de hipersono, mas a tampa continuava aberta. A menina merecia saber o que tinha acontecido, merecia viver o que quer que acontecesse a seguir. Era só uma criança, mas Brackett não esconderia dela os horrores por que passaram. Ele a deixaria chorar, a confortaria se pudesse, e esperaria que ela fosse forte o bastante para não se deixar abater por tudo o que tinha perdido.

Esperava também ser forte o bastante.

— Estamos saindo da atmosfera — anunciou a tenente Paris na cabine de controle. — Alguém quer olhar pela última vez antes de deixarmos essa rocha para trás?

— Eu, não — respondeu Brackett.

Olhou para o dr. Mori. O homem estava pálido e fraco, mas sobreviveria. Dentro de poucos minutos, quando saíssem da área de turbulência e estivessem a caminho de algum lugar, Brackett removeria a bala do ombro dele e costuraria a ferida. Seria doloroso, e devia haver alguma coisa nos suprimentos médicos da nave para amortecer a dor, mas Brackett não ofereceria. Mori merecia toda a dor que havia causado.

— E você, doutor? — perguntou.

Mori balançou a cabeça, negando.

— Não há nada para mim lá.

Brackett concordou, e sentiu o estômago revirar de angústia. Respirou lentamente, forçando-a a sumir. Choraria por Newt e Tim, por Anne e pelas oportunidades perdidas, mas não podia se deixar abater. O espaço vazio dentro dele, onde antes havia o coração, estava frio e escuro, e talvez ficasse assim para sempre. No entanto, tinha trabalho a fazer, e não podia deixar o sofrimento ficar no caminho.

Use a dor, pensou. Transforme em combustível.

— Tenente Paris — chamou, virado para a frente da nave —, imagino que o computador de bordo tenha uma rota pré-programada.

— Tem, sim. Estação Gateway. Vamos passar a maior parte do tempo no hipersono.

Brackett fitou o dr. Mori, refletindo sobre como o comportamento da equipe científica fora traiçoeira. Sabiam o tempo todo que haveria uma ameaça alienígena em Aqueronte. Sabiam o bastante para ter traçado seu próprio plano

de fuga. Quando chegara a ordem da Weyland-Yutani de mandar pesquisadores àquelas coordenadas específicas, eles sabiam que os Jorden correriam um perigo terrível.

Mesmo depois de o pior acontecer, estavam mais interessados em cumprir sua missão de estudar os alienígenas do que em tentar descobrir como matá-los, como manter as pessoas vivas.

Os colonos tinham sido descartáveis. Até as crianças.

Mas esse protocolo não começara com os doutores Reese e Mori. Tinha vindo do alto, dos seus contratantes.

— Desligue — murmurou. — Desligue o sistema de navegação.

O dr. Mori olhou para ele, as sobranceiras franzidas de surpresa e preocupação.

— Como é que é, capitão? — perguntou a tenente Paris.

Tenente, não, pensou ele. Não mais.

— Desative a rota pré-programada, Julisa — pediu. — E descubra um jeito de impedir que eles nos rastreiem, se puder. Não vamos para a Estação Gateway.

— O que está fazendo, capitão? — perguntou o dr. Mori.

— Não consigo parar de pensar nos seus xenomorfos como demônios, doutor — respondeu Brackett, alto o bastante para Julisa ouvir. — Mas não são demônios. São matadores impiedosos, e para mim são tão alienígenas quando uma criatura senciente pode ser... mas estão seguindo seu próprio imperativo biológico. Não são perversos.

Brackett abriu um sorriso sinistro.

— Já a Weyland-Yutani... se existe maldade no universo, uma praga que precise ser exposta à luz e destruída, é a companhia. De agora em diante, essa é a minha luta. Minha guerra. E, se não quiser ser abandonado no primeiro planeta que encontrarmos, dr. Mori, vai ser a sua guerra também.

Na câmara de hipersono aberta, Luisa começou a resmungar baixinho, piscando enquanto começava a se mexer e acordar. Brackett segurou a mão dela, os dedos pequeninos agarrando os seus, grandes e cobertos de cicatrizes.

— Agora é que a verdadeira batalha começa.

DATA: 26 DE JUNHO DE 2179 HORA: 1618

Newt, Tim e as outras crianças que brincavam de Labirinto do Monstro sempre tinham chamado aquele lugar de “clube”, mas ela sabia que o espaço em forma de caixa no qual se refugiara não fora feito para ser um clube, nem mesmo uma sala.

O retângulo devia ter três metros de comprimento por um metro e oitenta de largura, e, embora Newt conseguisse ficar de pé dentro dele, um adulto teria que se curvar, agachar ou ajoelhar. Já havia algumas coisas ali: um cobertor e vários agasalhos de moletom e jaquetas, livros e caixas velhas de biscoito deixadas para trás, e também alguns brinquedos. Meia dúzia de dutos de ar saíam do clube, enquanto um exaustor trazia o ar para dentro. Às vezes, ficava quente demais ali, às vezes frio demais, mas o lugar era seu e era seguro.

Os alienígenas nunca a encontrariam ali dentro, o que seria perfeito...

Até ela precisar de alguma coisa para comer ou beber.

Newt se envolveu num cobertor e se encostou na parede de metal da caixa. Abraçou a boneca Casey junto ao peito, tomando cuidado com a cabeça, que tinha começado a se descolar do corpo.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou para Casey, o coração palpitando.

Com olhos arregalados, observou os dutos ao redor, sabendo que não conseguiriam vir atrás dela, mas ainda temendo. Imagens passaram por sua mente como clarões de relâmpagos, mas ela balançou a cabeça e as forçou a sumir.

Sua mãe. Seu irmão.

Melhor não pensar neles, nem no sangue e nos gritos. Melhor não pensar em nada. Apenas sobreviver. Era o que a mãe teria dito. Os Jorden sempre tinham sido sobreviventes.

— Eu sou rápida — sussurrou para a boneca.

Era verdade. Tim havia dito que ela trapaceava, mas Newt sempre fora a melhor no Labirinto do Monstro. Se tomasse cuidado e ficasse de ouvidos atentos, poderia evitá-los quando precisasse arranjar comida ou alguma coisa para beber.

— Vou te proteger — prometeu, beijando o alto da cabeça de Casey.

A menina ficou quieta, com ouvidos atentos. Quando o exaustor se desligou por alguns minutos, ouviu ecos chegando pelos dutos, vindos de salas distantes e outros andares da colônia. Os sons eram estranhos, baixos e tristes, pelo menos para ela, mas achava que se os seguisse talvez descobrisse que eram gritos.

Ficou bem ali onde estava e tentou não chorar. Às vezes, conseguia.

CONSTRUINDO MUNDOS MELHORES

DATA: 5 DE JULHO DE 2179

Na Estação Gateway, cada dia era um borrão.

Todo dia sendo ninguém, fazendo nada, tendo pouco na vida. Todo dia de luto pela filha morta havia muito tempo — tanto a menininha que deixara para trás quanto a mulher que havia crescido, amadurecido, amado, vivido e morrido sem que Ripley jamais a conhecesse.

Eu disse que já estaria em casa no seu aniversário, pensava o tempo todo. Era sempre o último pensamento da noite e o primeiro ao despertar. A culpa permanecia tão intensa e crua quanto no primeiro dia.

Todos os dias eram borrões que se misturavam, em semanas, em meses... Dormindo. Andando. Trabalhando. Voltando à sua cabine.

Comendo, tomando banho, bebendo, fumando, olhando o toco do cigarro virar cinzas e ser soprado para longe como os anos da sua vida, sem que ninguém soubesse ou lamentasse sua ausência. Uma vida sem sentido não era vida.

Aquele não tinha sido diferente de nenhum outro dia. Só um entre muitos, todos iguais.

Até alguém tocar a campainha.

O som despertou Ripley da triste contemplação, e por alguns segundos não conseguiu identificar o que era. Nunca ouvia nada. Ninguém vinha visitá-la, não tinha amigos. Era uma mulher de outro tempo, e, quando alguém falava com ela — nas docas de carga, no refeitório —, Ripley sempre tinha a impressão de que não era vista como uma pessoa de verdade, mas uma curiosidade. Uma peça do passado.

Levantou-se e foi até a porta, tentando imaginar quem estava ali. Quando abriu a porta e viu Burke, sentiu o coração apertar.

Ele não estava sozinho.

— Oi, Ripley — disse. — Este é o tenente Gorman, do Corpo de Fuzileiros Coloniais...

Ela fechou a porta na cara deles. Burke, apesar de todo o esforço que fizera para agradar, nunca mostrara ser mais que um sujeito desprezível defendendo os próprios interesses. Fingia se importar, e às vezes ela achava que o sentimento era genuíno. Havia traços em sua personalidade que o tornavam insondável, mas havia também uma vulnerabilidade. Talvez isso tenha despertado um pouco da simpatia de Ripley, mas ele dava a impressão de ser fraco.

Quanto ao cara que o acompanhava, parecia simplesmente um militar. Ela se afastou da porta, mas ouviu a voz de Burke outra vez.

— Ripley, precisamos conversar. Perdemos contato com a colônia em LV426.

Ficou paralisada. As batidas do coração vacilaram. A escuridão pesada em seu íntimo pareceu pulsar, e ela se voltou devagar para a porta. Abriu-a de novo.

Por quê?, perguntou-se. *O que estou deixando voltar à minha vida?* Fitou Burke e o fuzileiro por um longo tempo. Burke ficou constrangido. O fuzileiro a encarou. Então, ela os deixou entrar.

Jonesy resmungou e pulou do banquinho. Ripley sentou-se devagar. Não convidou Burke e Gorman a se sentarem.

— E daí? — perguntou.

— Já faz um tempo — respondeu Burke. — O último contato foi dentro do padrão. Uma série de mensagens de colonos e uma solicitação de equipamento na próxima nave de suprimentos. Desde então não houve resposta a nenhuma das solicitações da Companhia, nem a mensagens particulares, nem a questões científicas. Nada.

— Falha técnica — disse ela, mas sentiu que a pele esfriara, seu interior mais ainda.

— Possibilidade clara — disse Gorman.

Credo, pensou Ripley, *ele até fala como militar*. Burke ergueu a sobrancelha.

— Que foi? — perguntou ela.

Tinha um mau pressentimento. Depois de tudo o que tinham feito com ela, tudo que havia contado, e por isso lançada ao ostracismo, por que Burke viria até a ala de alojamentos mais desvalorizada de Gateway?

Com um soldado a reboque.

— Estamos reunindo uma equipe de resgate — disse Burke. — E queremos que você esteja nela.

O estômago de Ripley se contorceu. Uma onda de memórias a inundou — a última ceia de Kane, a *Nostromo*, a fera, as mortes que ela testemunhara e as que não vira. Dallas, seu amante causal.

Levantou-se depressa do banquinho, que quicou no chão e tombou. Jonesy

rosnou e escapuliu, escondendo-se em algum lugar fora de vista. Ela adoraria poder fazer a mesma coisa.

Foi até a cozinha e serviu café para os dois homens. Não por querer que ficassem, mas porque, sem alguma coisa com que ocupar as mãos e a mente, perderia o juízo.

Ele me pediu mesmo isso?

— Não acredito — disse ela. — Vocês me jogam para os lobos e agora querem que eu volte para lá? Esquece. Não é problema meu.

Entregou o café a Burke. Teve que resistir à tentação de jogá-lo na cara daquele esnobe desgraçado.

— Posso terminar? — perguntou ele.

— Não. De jeito nenhum.

Entregou a outra xícara para Gorman, e ele pareceu acordar.

— Ripley, você não entraria com os soldados. Posso garantir sua segurança. — Pelo menos ele parecia capaz de dizer mais que duas palavras por vez.

— Esses Fuzileiros Coloniais são durões pra caramba — acrescentou Burke. Ripley deu as costas a ele e serviu café para si. O coração martelava, e as lembranças ficavam cada vez mais reais. — Vão levar poder de fogo de novíssima geração; não há nada com que não possam lidar — prosseguiu Burke. — Tenente, não estou certo?

— Isso mesmo. Fomos treinados para lidar com situações como essa.

— Então, não precisam de mim — retrucou Ripley. — Não sou militar. — Sua voz tremeu, e ela se odiou por isso, mas o medo era intenso e real. Não conseguia esconder. Talvez nem devesse tentar.

— É, mas não sabemos exatamente o que está acontecendo lá embaixo — argumentou Burke. — Pode ser só um transmissor quebrado, mas, se não for, eu gostaria que você estivesse lá como consultora. Só isso.

Ripley se aproximou de Burke. Era um homem da empresa, da Weyland-Yutani, como dissera tantas vezes.

— Qual é seu interesse nisso? Por que você vai?

— A corporação financiou a colônia em conjunto com a administração colonial. Estamos fazendo muita terraformação agora, construindo mundos melhores...

— É, eu vi o comercial — interrompeu Ripley. — Olha, não tenho tempo para isso. Tenho que ir para o trabalho.

— É, eu soube que você está trabalhando nas docas de carga.

— Isso mesmo.

— Pilotando carregadeiras e empilhadeiras, esse tipo de...

— E daí?

— Acho ótimo que você esteja se mantendo ocupada, esse foi o único trabalho que você conseguiu. Não tem nada de errado nisso.

Filho da puta, pensou Ripley. Estava deixando que ele a irritasse, e isso a enfurecia ainda mais.

— O que você diria se eu garantisse que posso reintegrá-la como oficial de voo? — perguntou Burke. — A empresa já concordou em refazer seu contrato.

Ela olhou de soslaio para Gorman — insondável, silencioso —, depois de novo para Burke.

— Se eu for — concluiu.

Ele concordou.

— É, se você for. Vamos lá, é uma segunda chance, caramba! E, na minha opinião, essa seria a melhor coisa do mundo para você, ir lá e encarar aquela coisa. Voltar à ativa...

— Me poupe, Burke, já fiz a avaliação psicológica este mês.

— Eu sei. — Ele se levantou e invadiu o espaço pessoal dela. — Eu li. Você acorda toda noite, lençóis úmidos de suor...

Ele a estava lembrando dos pesadelos, dos lugares escuros onde era caçada pela fera e daquele lugar ainda mais sombrio que pesava dentro dela quando estava acordada.

— Que merda, Burke! — gritou na cara dele. — Eu disse não, e falei sério! Agora, por favor, vão embora. Eu não vou voltar, e não sou... — Engoliu em seco, respirou. — Eu não teria nenhuma utilidade para vocês se fosse.

— Ok — respondeu Burke num sussurro, como se de repente estivesse falando com uma criança.

Ripley acendeu outro cigarro, tremendo, e ouviu Burke deixar alguma coisa na mesa. Um cartão comunicador, imaginou.

Ele que se foda. Ele que se foda por fazer eu me sentir assim.

— Quero que me faça um favor... — pediu ele. — Só pense no assunto.

— Obrigado pelo café — disse Gorman.

Ele passou a mão pelo cabelo curtinho, pôs o quepe e saiu da cabine dela. Burke o seguiu e fechou a porta com cuidado.

Ripley tremia, e não era por andar bebendo café demais. Ajoelhou-se e acariciou o gato, imaginando se ele também tinha pesadelos.

DATA: 6 DE JULHO DE 2179

Eles a caçavam. Não era mais só um, agora havia muitos monstros, e os corredores não eram só os de uma espaçonave fria. Passava por pedras nuas, escorregadias por causa de uma camada viscosa da qual se afastou, encolhida. Tropeçou em coisas emaranhadas que pareciam pertencer ao interior de um corpo. Tentou gritar.

Tenho que avisá-los. Estão vindo, sabem que estamos aqui, e tenho que avisar os outros!

Não sabia que “outros” eram esses. Não eram Dallas e Lambert, nem Kane — estes estavam mortos há muito tempo —, mas outras pessoas, que pertenciam a outro lugar, nas profundezas daquela memória sombria e pesada que com tanta frequência ameaçava vir à tona e se revelar por completo.

Então, ela correu. As feras a caçavam, e ela sabia que sem sombra de dúvida a alcançariam e a rasgariam em pedaços antes que encontrasse um amigo.



Ripley acordou de supetão, gritando, arfando, suando, levando alguns segundos para entender que não estava mais sendo caçada e que, de fato, estava mais segura do que nunca.

Quase.

Quase segura, pois os pesadelos continuavam. Era assombrada por eles, e, por mais que detestasse aceitar as avaliações psicológicas e quisesse provar que estavam erradas, sabia que carregava um trauma. Sua mente não lhe pertencia. A força do lado sombrio em seu íntimo vinha lentamente derrotando-a, implacável.

Jogou água no rosto e no pescoço, lavando o suor dos pesadelos, mas não a impressão que deixavam. Então, olhou-se no espelho e soube o que precisava fazer.

O cartão comunicador de Burke estava onde ele o deixara. Ela o inseriu na máquina e ligou para ele. O burocrata respondeu, tonto de sono e confuso. Levou um momento para se situar.

— Ripley? — Olhou para o relógio atrás de si e viu que ainda era cedo. — Você está bem?

— Só me diga uma coisa, Burke. Vocês vão até lá para destruir aquelas coisas. Não para estudar. Não para trazer aqui. Mas para acabar com elas.

— Esse é o plano. Você tem minha palavra.

Ela ficou em silêncio por um instante, avaliando aquele momento decisivo. Se ficasse como estava, acabaria definhando. Se confrontasse seus medos, encarasse aqueles pesadelos, talvez, um dia, pudesse seguir em frente.

— Tá legal — disse ela. — Estou dentro.

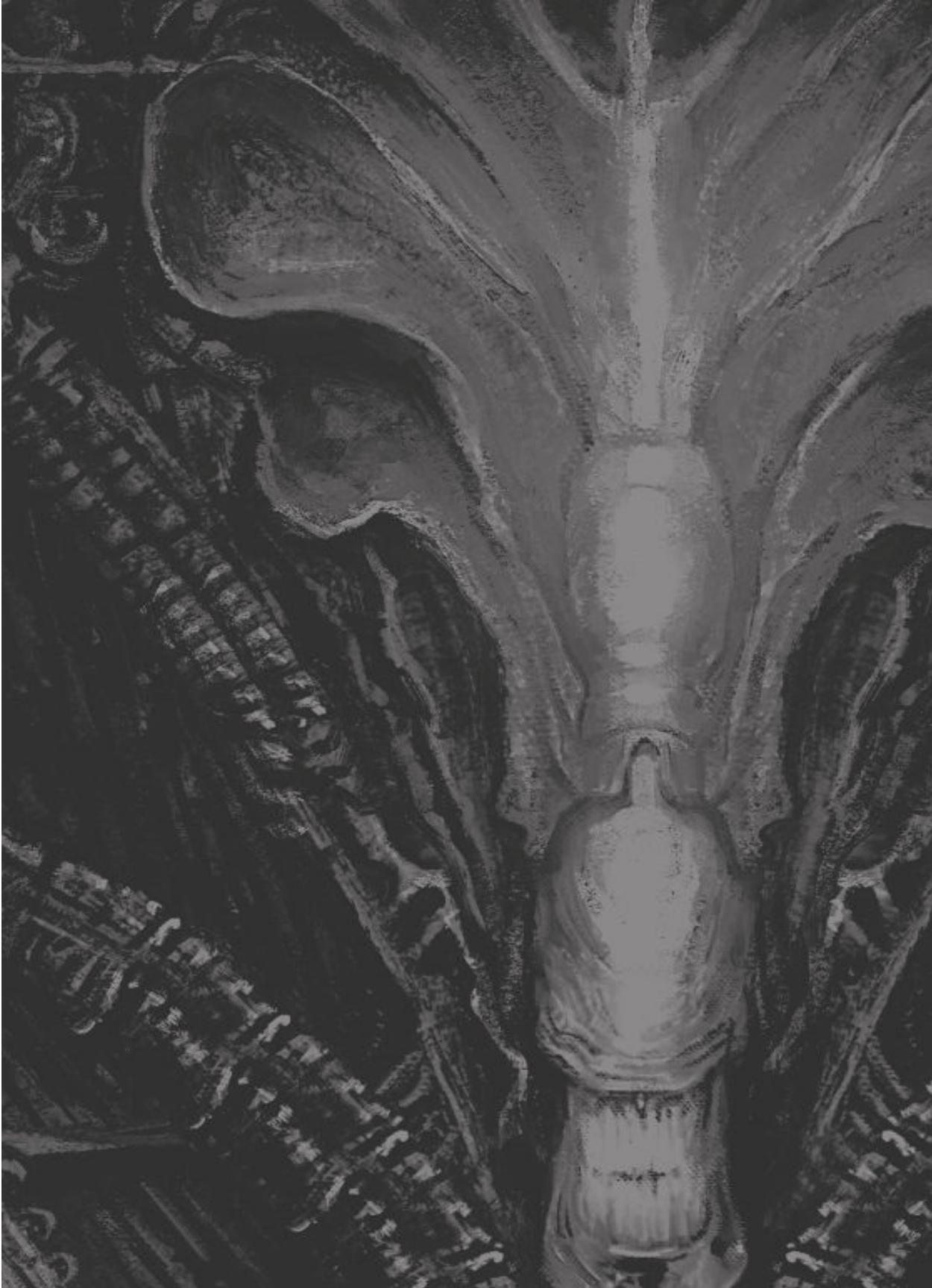
Burke ia dizer alguma coisa, mas ela interrompeu a conexão e se reclinou na cadeira.

Sentiu-se mais leve. Diferente. O peso no interior, aquela estrela negra... tinha sumido. O que quer que fosse, fora retirado dela, e, embora confusa, não lamentava sua partida. Quaisquer lembranças que estivesse revivendo naqueles pesadelos tenebrosos se foram para sempre, e ela estava feliz.

Olhou para Jonesy, ainda sentado no pé da cama.

— E você, seu idiotinha. Você vai ficar aqui.

Jonesy pareceu satisfeito com isso.



A PEÇA MAIS CRUEL

DATA: 27 DE JULHO DE 2179 HORA: 0900

— Estamos no elevador expresso para o inferno, descendo!

A nave baixou em direção a Aqueronte. Alguém gritou *urra*, mas Ripley tinha fechado os olhos com força, e se concentrava em manter o jantar no estômago. A nave inteira chacoalhava, o metal rangia, os fuzileiros resmungavam, e ela agarrava os braços da poltrona com tanta força que teve câimbras nos dedos.

Aquela era a mais agressiva das entradas da atmosfera — era mais um ataque do que uma aterrissagem —, e Ripley nunca fora treinada para nada daquilo.

Mas já tinha passado por coisa pior. Abriu os olhos, olhou para o teto e tentou imaginar o que estava por vir.

DATA: 27 DE JULHO DE 2179 HORA: 0958

Sobrevoaram a colônia. Ainda tinha energia, a estrutura externa parecia intacta, e os gigantescos processadores atmosféricos continuavam em funcionamento. A não ser pelo silêncio, não parecia uma colônia que tivesse enfrentado algum contratempo.

Mas ainda não haviam entrado em contato. Se os colonos tivessem ouvido a nave de pouso rodeando a área, certamente já teriam saído para recebê-la, não?

Ripley estava nervosa. O silêncio e a tranquilidade a perturbavam.

— Cara, parece uma porra de uma cidade fantasma — sussurrou um dos fuzileiros.

Ela sentiu um calafrio percorrê-la.

Se estão todos mortos, então está longe de ser uma cidade fantasma, pensou. É uma cidade monstro.

O tenente deu ordem para pousar. Ripley, Burke e os fuzileiros estavam no veículo de combate terrestre guardado no ventre da nave, com o androide Bishop no controle.

— Prefiro o termo “pessoa artificial” — dissera ele, mas ele que se fodesse! Bishop, Ash... na opinião dela, nomes diferentes para o mesmo desgraçado.

Segundos depois de a rampa da nave ter tocado a plataforma de pouso, Bishop pisou no acelerador. A atmosfera havia mudado; de provocadora e cheia de bravatas tornou-se firme e calma, carregada de uma boa vontade que quase tranquilizava Ripley. Quase. Vira o poder de fogo que aqueles caras traziam e o profissionalismo com o qual se prepararam. Porém, também sabia o que podia haver dentro daquele complexo.

Eu não deveria ter vindo, pensou pela milésima vez. Mas, depois que saíra do hipersono na Sulaco, decidira acompanhar a equipe em sua jornada pela superfície. A Sulaco permanecia em órbita e desguarnecida, e ela não tinha a menor vontade de ser deixada lá sozinha. Já ficara sozinha por tempo demais.

— Dez segundos, gente, fiquem atentos! — berrou outro soldado. — Tá legal, desta vez eu quero uma dispersão organizada.

O veículo parou e uma porta se abriu.

Ripley prendeu a respiração. Os fuzileiros saíram, e a porta se fechou com um baque. Gorman continuou lá dentro com ela, Burke e Bishop. Tudo o que sabia era o que aparecia nas telas do centro de controle de Gorman. Sentiu-se isolada dos outros na mesma hora, como se estivessem em algum lugar muito distante.

Chovia forte, o chão repleto de cinzas enlameadas. Havia muitos veículos

abandonados no meio do complexo. Uma placa solitária, onde se lia bar, brilhava num vermelho firme, a única coisa naquele planeta que não era de um cinza mortiço.

A equipe se espalhou em torno de uma porta larga para veículos com a placa “Comporta Norte”.

— Primeiro esquadrão, em frente — disse Gorman. — Hicks, ponha o seu no corredor e vigie a retaguarda.

Ripley observou o conteúdo dos vários monitores conectados às câmeras nos capacetes enquanto o primeiro pelotão se aproximava da porta. Procediam com movimentos firmes e econômicos, com calma, mas rapidamente. Hudson abriu os circuitos elétricos do mecanismo de tranca da porta, e a barreira pesada de metal começou a se deslocar.

— Segundo esquadrão, avançar — mandou Gorman. — Manobra de flanco.

As portas se abriram. Dentro, tudo era sombra.

Os fuzileiros entraram no complexo agrupados em formação fechada, verificando esquinas, usando lanternas acopladas ao ombro para iluminar o caminho. As comportas internas estavam emperradas, semicerradas, e dois fuzileiros as puxaram até abri-las totalmente.

Vasquez foi em frente, e Ripley viu o que ela revelou.

O corredor depois da comporta fora destroçado. O teto desabado, os painéis das paredes estilhaçados, derramando um emaranhado de canos partidos e fios pendentes. De um canal rompido gotejava água.

Ah, merda, pensou Ripley.

— Segunda equipe, avançar — disse Gorman. — Hicks, vá para o andar de cima.

Enquanto o segundo pelotão subia uma escada que ficava logo depois das portas abertas, o primeiro penetrou ainda mais no complexo. Os danos ao corredor estavam ainda mais aparentes naquele ponto, e havia algumas pilhas espalhadas de móveis que podiam ter servido de algum tipo de barreira.

Se foi isso que aconteceu, não funcionou.

— Senhor, está vendo isso? — perguntou Apone. — Parecem disparos de armas de pequeno porte, com projéteis explosivos. Provavelmente cargas de pesquisa sísmica. Estão vendo? Continuem alertas, galera.

Ripley verificou a câmera do capacete de Hicks e viu que ele acabara de chegar ao topo da escada. O corredor além dela estava igualmente escuro e também mostrava sinais de danos.

— Ok, Hicks, Hudson, usem seus rastreadores de movimento — disse Gorman.

Enquanto via os dois homens observarem mecanismos que traziam nas mãos,

Ripley sentiu um arrepio percorrê-la. Ash havia projetado aparelhos muito parecidos com aqueles para ajudar a caçar a fera a bordo da *Nostromo*. Os novos aparelhos pareciam mais inteligentes e sólidos, mas a tecnologia devia ser mais ou menos a mesma.

As equipes avançaram. Ripley sentia o suor descer pelas costas. Burke assistia às transmissões com ela, e Bishop ficava um pouco atrás, observando a operação. Estava presa ali com um androide e dois homens de quem não gostava, e começava a desejar que tivesse ido com Hicks.

— Dividam-se em duplas e vasculhem o local — mandou Gorman.

Foi Hudson quem viu movimento em seu rastreador. Avisou o tenente e avançou lentamente com Vasquez pelo corredor escuro, armas nas mãos. Os batimentos cardíacos de Hudson aceleraram. Os de Vasquez mal se alteraram.

Tire-os daí, pensou Ripley. Quase disse em voz alta, mas percebeu que soaria como alguém em pânico. Tinham chegado até ali, percorrido uma longa distância, para descobrir o que havia acontecido e ajudar qualquer sobrevivente. Então, precisavam ir em frente.

Porém, isso não a impedia de estar aterrorizada. Hudson chutou uma porta e... gerbos. Correram em pânico pelo viveiro.

— Senhor, temos uma situação negativa aqui — informou Hudson. — Vamos em frente, senhor.

Se estava sendo sarcástico ou não, Ripley não saberia dizer.

Em outra tela, alguma coisa lhe chamou a atenção. A visão da câmera de Hicks cobriu um corredor de um lado a outro, e Ripley viu alguma coisa fora de lugar, uma série de manchas escuras e irregulares no chão.

— Espera! Espera, diz para ele... — Apanhou um headset. — Hicks. Recue. Vire à direita. — Ele fez o que ela dizia e revelou as queimaduras de ácido no chão. Um piso de grades de metal derretido como se fosse feito de gelo. — Aí.

Como gelo, seu sangue esfriou. Sentiu náuseas.

— Vocês estão vendo isso direito? — perguntou Hicks, olhando-os através da câmera no capacete de Drake. — Parece derretido. Alguém deve ter matado um dos bandidos da Ripley aqui.

Ela olhou para Burke. Não sabia por quê, nem tinha certeza do que esperava dele.

— Sangue ácido — disse ele, parecendo impressionado pela confirmação de tudo o que Ripley lhe contara.

— Se gostaram disso, tem uma coisa que vão adorar — disse Hudson.

Ele e Vasquez tinham encontrado uma área muito maior queimada, um buraco derretido atravessando vários andares e largo o bastante para um homem passar. *Talvez se um deles tiver explodido*, pensou Ripley. *Talvez tenha sido isso.*

— Senhor, este lugar está morto — disse Apone. — O que quer que tenha acontecido aqui, acho que chegamos tarde demais.

Gorman analisou as telas e os bioinformes de seus fuzileiros.

— Tudo bem, a área está segura, vamos entrar e ver o que os computadores deles podem nos contar.

— Espere aí — disse Ripley, aquele pânico familiar ressurgindo —, a área não está...

— A área está segura, Ripley — insistiu ele, dispensando-a sem olhar. — Primeira equipe, vão para o centro de operações. Hudson, veja se consegue ligar o computador central deles.

— Positivo.

— Hicks, me encontre na Comporta Sul — disse Gorman. — Vamos entrar.

Apосто que eles já se sentem mais seguros, pensou Ripley. Considerou discutir com o tenente, dizer a ele que não havia maneira de declarar que a área estava segura até as equipes terem feito uma varredura completa. Embora fossem imensas, violentas e letais, Ripley também lembrava como uma das feras havia se escondido a bordo da *Narcissus*, permanecendo tão quieta ali que por algum tempo ela não a notara.

Aqueles corredores que ela vira nas câmeras, as muitas salas, as escadarias... poderia haver uma centena de xenomorfos lá dentro. Mas o veículo já estava em movimento, e logo tinham contornado a colônia e estacionado na Comporta Sul.

Estou sendo atraída para lá, pensou Ripley. *Eu deveria ter ficado na Sulaco, mas não queria ficar sozinha*. E agora deveria ficar quieta, bem ali onde estava... mas não faria isso. Iria com Gorman e Burke.

Não posso deixar de ir.

Precisava ver o que tinha acontecido aos colonos. Mesmo não gostando daquilo, sabia mais sobre os xenomorfos do que qualquer um naquela missão.



Ainda chovia forte quando saíram do veículo e se aproximaram da Comporta Sul. Hicks e outro fuzileiro esperavam por eles lá, e Gorman e Burke entraram antes dela.

Ripley parou por um instante, ainda no exterior, a uma curta distância da porta aberta.

Ainda posso ir embora, pensou. Mas, na verdade, já tinha chegado longe demais.

— Você está bem? — perguntou Hicks. Tinha se virado, notado que ela estava parada ali e voltado para ver como estava. Ela gostou dele por isso.

— Estou — respondeu Ripley num sussurro.
Entrou, e as portas se fecharam atrás dela.

DATA: 27 DE JULHO DE 2179 HORA: 1003

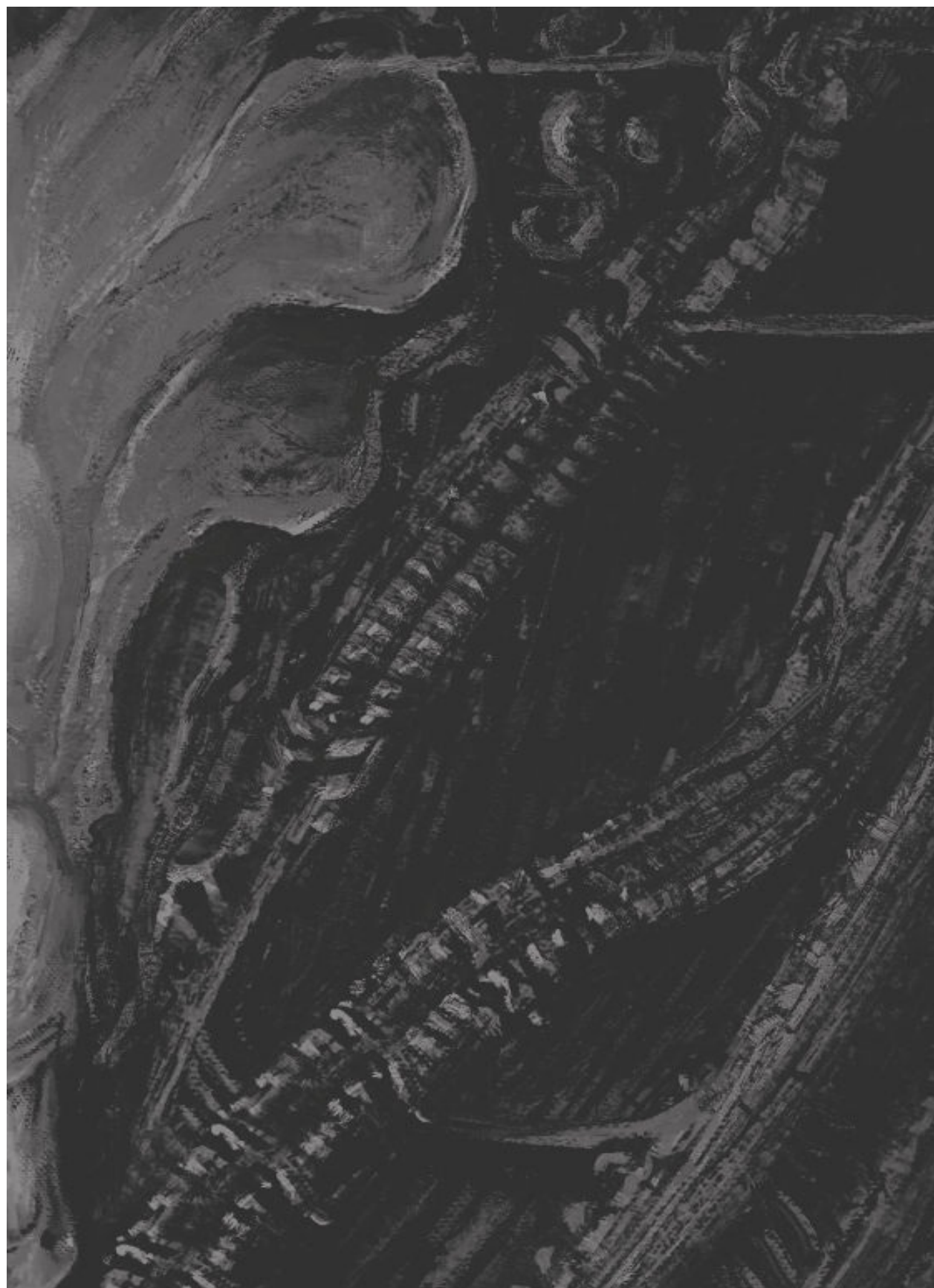
No labirinto de dutos, enquanto procurava comida, Newt ouviu vozes.

Deram-lhe medo, aquelas vozes, mas também esperança, e isso a enfureceu. Tinha aprendido do modo mais difícil que se poderia imaginar que a esperança era a peça mais cruel que podia pregar em si mesma.

A esperança poderia causar sua morte.

Ainda assim, deslizou pelos dutos, seguindo as vozes...

... e esperou.



AGRADECIMENTOS

Vi *Aliens, o Resgate* quando estreou nos cinemas, perto do meu aniversário, em julho de 1986. Tinha dezenove anos, e foi a primeira vez que um filme me fez ter pesadelos. Agradeço a James Cameron por eles. Muito obrigado também ao meu editor, Steve Saffel, por me dar cobertura, e a toda a equipe da Titan por sua dedicação a esta nova viagem ao cânone de *Alien*. Um agradecimento especial a Josh Izzo, da Fox, por seu entusiasmo e por me lembrar de parar e relaxar um pouco, e a James A. Moore e Tim Lebbon pela amizade e pelo *brainstorming*. Finalmente, minha gratidão, como sempre, à minha família fantástica, pelo apoio, e ao meu agente, Howard Morhaim, por navegar pelo universo comigo.







CHRISTOPHER GOLDEN

é autor best-seller do *New York Times* com os livros *Of Saints and Shadows*, *The Myth Hunters*, *The Boys Are Back in Town*, *Strangewood* e *Snowblind*. Ele também é conhecido pelos trabalhos tie-ins, incluindo romances e videogames dos universos *Buffy*, *A Caça-Vampiros*, *Hellboy* e *X-Men*. Golden nasceu e foi criado em Massachusetts, onde vive com a família. Suas obras já foram publicadas em mais de catorze idiomas. Visite seu site:

www.christophergolden.com

- VAN LEUWEN - CHAMOU RIPLEY FAZENDO O QUE PODIA PARA MANTER A VOZ SOB CONTROLE, PARA CONTER A LOUCURA. - POR QUE NÃO VERIFICA A SITUAÇÃO DE LV426?
- PORQUE NÃO PRECISO. PESSOAS ESTÃO VIVENDO LÁ HÁ MAIS DE VINTE ANOS, E NUNCA RECLAMARAM DE NENHUMA FORMA DE VIDA HOSTIL.
- COMO ASSIM? - PERGUNTOU ELA. - QUE PESSOAS?
- TERRAFORMADORES, ENGENHEIROS PLANETÁRIOS. ELES CHEGAM E INSTALAM GRANDES PROCESSADORES ATMOSFÉRICOS PARA TORNAR O AR RESPIRÁVEL. ISSO LEVA DÉCADAS. É O QUE CHAMAMOS DE COLÔNIA INFALÍVEL.
ELA BLOQUEOU A PORTA COM O BRAÇO, IMPEDINDO A PASSAGEM.
- QUANTAS PESSOAS VIVEM LÁ? - EXIGIU SABER. - QUANTOS COLONOS?
- NÃO SEI. - ELE DEU DE OMBROS. - SESSENTA, TALVEZ SETENTA FAMÍLIAS. - OLHOU PARA O BRAÇO DELA. - PODE ME DAR LICENÇA?
ELA O DEIXOU SAIR, NÃO TINHA ESCOLHA. A SENSÇÃO DE FAVOR CRESCIA, UM MISTÉRIO TERRÍVEL QUE ELA DEVERIA SABER EXPLICAR, MAS NÃO CONSEGUIA.

Um romance original e oficial do universo expandido da série Alien™, *Rio de sofrimento* se passa entre os filmes Alien, o oitavo passageiro e Aliens, o resgate, revelando a construção e a queda de Hadley's Hope, a colônia humana que se estabeleceu em LV426 enquanto Ripley hibernava.



leya.com.br



9 788544 105122

ISBN 978-85-441-0512-2



omelete.com.br

TRÊS HISTÓRIAS OFICIAIS DO UNIVERSO
EXPANDIDO DA SÉRIE *ALIEN*™ PROMETEM
TRAZER DE VOLTA O TERROR DO XENOMORFO
QUE CONQUISTOU UMA GERAÇÃO.

Em *Surgido das sombras*, de Tim Lebbon, a inesquecível
tenente Ellen Ripley é encontrada pelos tripulantes
da *Marion*, uma nave mineradora em missão no
planeta LV178. Inóspito e assolado por tempestades
de areia, o lugar abriga, além de minério, algo
maligno e adormecido.

Já em *Mar de angústia*, James A. Moore revela, pela
primeira vez, o legado da heroína Ripley: agora é seu
descendente quem tentará destruir os xenomorfos de
uma vez por todas.

Em *Rio de sofrimento*, Christopher Golden revela a
construção e ruína de Hadley's Hope, a colônia humana
que se estabeleceu em LV426, planeta onde Ripley e a
equipe da *Nostrômo* encontraram o *Alien* original.



omelete.com.br



Jogador nº 1

Cline, Ernest

9788580444728

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Agora uma megaprodução de Steven Spielberg para os cinemas. Cinco estranhos e uma coisa em comum: a caça ao tesouro. Achar as pistas nesta guerra definirá o destino da humanidade. Em um futuro não muito distante, as pessoas abriram mão da vida real para viver em uma plataforma chamada Oasis. Neste mundo distópico, pistas são deixadas pelo criador do programa e quem achá-las herdará toda a sua fortuna. Como a maior parte da humanidade, o jovem Wade Watts escapa de sua miséria em Oasis. Mas ter achado a primeira pista para o tesouro deixou sua vida bastante complicada. De repente, parece que o mundo inteiro acompanha seus passos, e outros competidores se juntam à caçada. Só ele sabe onde encontrar as outras pistas: filmes, séries e músicas de uma época que o mundo era um bom lugar para viver. Para Wade, o que resta é vencer - pois esta é a única chance de sobrevivência. A vida, os perigos, e o amor agora estão

mais reais do que nunca.

[Compre agora e leia](#)

**a
bruxa
não vai para
a fogueira
neste livro**

amanda lovelace



A bruxa não vai para a fogueira neste livro

Lovelace, Amanda

9788544107027

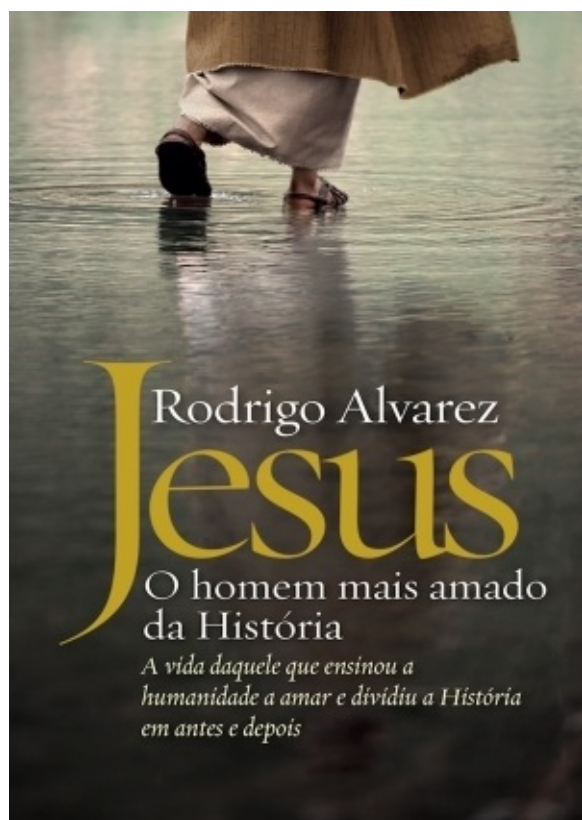
208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aqueles que consideram "bruxa" um xingamento não poderiam estar mais enganados: bruxas são mulheres capazes de incendiar o mundo ao seu redor. Resgatando essa imagem ancestral da figura feminina naturalmente poderosa, independente e, agora, indestrutível, Amanda Lovelace aprofunda a combinação de contundência e lirismo que arrebatou leitores e marcou sua obra de estreia, *A princesa salva a si mesma* neste livro, cujos poemas se dedicavam principalmente a temas como relacionamentos abusivos, crescimento pessoal e autoestima. Agora, em *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro, ela conclama a união das mulheres contra as mais variadas formas de violência e opressão. Ao lado de Rupi Kaur, de *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, Amanda é hoje um dos grandes nomes da nova poesia que surgiu nas redes sociais e, com linguagem direta e temática contemporânea, ganhou as

ruas. Seu A bruxa não vai para a fogueira neste livro é mais do que uma obra escrita por uma mulher, sobre mulheres e para mulheres: trata-se de uma mensagem de ser humano para ser humano – um tijolo na construção de um mundo mais justo e igualitário.

[Compre agora e leia](#)



Rodrigo Alvarez
Jesus
O homem mais amado
da História

*A vida daquele que ensinou a
humanidade a amar e dividiu a História
em antes e depois*

Jesus, o homem mais amado da História

Alvarez, Rodrigo

9788544106440

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito pelo autor laico brasileiro que mais vende livros de temática religiosa no Brasil, Jesus – O homem mais amado da História: a biografia daquele que ensinou a humanidade a amar e dividiu a História em antes e depois é o livro mais atual sobre a vida do homem cuja história mantém seu vigor e interesse há mais de dois mil anos. O escritor e jornalista Rodrigo Alvarez tomou como base as fontes arqueológicas e bibliográficas mais recentes, além das mais antigas (entre eles diversos manuscritos originais), e viajou pelos mesmos lugares percorridos por Jesus em seu tempo para reconstituir os passos do pregador que, ao mesmo tempo Deus e homem, ensinou a amar, mudou o curso da humanidade e dividiu a História em antes e depois. Com uma narrativa elegante, acessível e guiada pelos fatos, além de ricamente ilustrado, Jesus – O homem mais amado da História é um livro sobre um Jesus de antes do cristianismo e de todas as suas divisões

futuras – e que mostra a todos os leitores, cristãos ou não, a relevância e a permanência de sua trajetória e de seus ensinamentos.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Alien™: SURGIDO DAS SOMBRAS](#)

[PÁGINA DIREITOS AUTORAIS](#)

[PÁGINA DE TÍTULO](#)

[SUMÁRIO](#)

[PARTE 1: SONHANDO COM MONSTROS](#)

[1. MARION](#)

[2. SAMSON](#)

[3. RIPLEY](#)

[4. 937](#)

[5. NARCISSUS](#)

[6. FAMÍLIA](#)

[7. SOMBRAS](#)

[8. VÁCUO](#)

[9. REENTRADA](#)

[PARTE 2: SUB TERRÂ NEO](#)

[10. PELE](#)

[11. MINA](#)

[12. GADO](#)

[13. ALIENS](#)

[14. CONSTRUTORES](#)

[15. PROLE](#)

[16. MAJESTADE](#)

[17. ANTIGO](#)

[18. ELEVADOR](#)

[19. CÉLULAS](#)

[PARTE 3: NADA DE BOM](#)

[20. CASA](#)

[21. DOR](#)

[22. XADREZ](#)

[23. ESQUECIMENTO](#)

[24. VINGANÇA](#)

[25. PARTIDA](#)

[Alien™: MAR DE ANGÚSTIA: LIVRO 2](#)

[PÁGINA DIREITOS AUTORAIS](#)

[PÁGINA DE TÍTULO](#)

<u>SUMÁRIO</u>	
<u>PRÓLOGO</u>	
<u>1. AREIA NEGRA</u>	
<u>2. UMA POSIÇÃO INSEGURA</u>	
<u>3. O CHEIRO</u>	
<u>4. À DERIVA</u>	
<u>5. DE VOLTA PARA CASA</u>	
<u>6. PARANOIA</u>	
<u>7. A CAÇA</u>	
<u>8. DESPERTAR</u>	
<u>9. TESTEMUNHA</u>	
<u>10. OS NEGÓCIOS DE SEMPRE</u>	
<u>11. DECKER</u>	
<u>12. DESCIDA</u>	
<u>13. POR AMOR AO DINHEIRO</u>	
<u>14. CAFÉ DA MANHÃ</u>	
<u>15. A NAVE</u>	
<u>16. MATANÇA</u>	
<u>17. NECRÓPOLE</u>	
<u>18. AUMENTANDO A APOSTA</u>	
<u>19. RUMO À ESCURIDÃO</u>	
<u>20. UMA PAZ MOMENTÂNEA</u>	
<u>21. POR TODA PARTE</u>	
<u>22. FLUXO DE DADOS</u>	
<u>23. LABIRINTO</u>	
<u>24. EXAMES</u>	
<u>25. MARÉS NEGRAS</u>	
<u>26. ARANHAS-DE-ALÇAPÃO</u>	
<u>27. NEGOCIAÇÕES</u>	
<u>28</u>	
<u>29. RESPEITO</u>	
<u>30. FERIDAS</u>	
<u>31</u>	
<u>32. PANDEMÔNIO</u>	
<u>33. SURPRESAS</u>	
<u>34. REAGRUPANDO</u>	
<u>35. EXPLOSÃO</u>	
<u>36. SOMBRAS</u>	
<u>37. AREIA RUBRA</u>	

[38. ESCOMBROS](#)
[39. COMUNICAÇÕES](#)
[40. BUSCA E RESGATE](#)
[41. BOAS NOTÍCIAS](#)
[42. VELOCIDADE DE ESCAPE](#)
[43. NINHOS](#)
[44. BERÇÁRIO](#)
[45. MÃE DE ARANHAS](#)
[46](#)
[47. QUEDA](#)
[48. AMOR](#)
[49. DIFERENÇAS](#)
[50. A ESTRADA LONGA E SINUOSA](#)
[51. EXCURSÃO](#)
[52](#)
[53. O TROCO](#)
[54. FARDOS](#)
[55. AMOSTRAS](#)
[56. À VISTA DE TODOS](#)
[57. ENTREGAS](#)
[58. PRAGAS](#)
[59. CARTAS PARA CASA](#)
[EPÍLOGO](#)
[AGRADECIMENTOS](#)

[Alien™: RIO DE SOFRIMENTO: LIVRO 3](#)

[PÁGINA DIREITOS AUTORAIS](#)

[PÁGINA DE TÍTULO](#)

[SUMÁRIO](#)

[1. NOSSO HÓSPEDE](#)

[2. TREMORES](#)

[3. REBECCA](#)

[4. CHEGADAS](#)

[5. TERRENO ACIDENTADO](#)

[6. A ESCADA](#)

[7. PROBLEMA EM TRIOS](#)

[8. TEMPESTADES VISÍVEIS E INVISÍVEIS](#)

[9. O DESEJO DE OTTO](#)

[10. O CUSTO](#)

[11. NOVOS E VELHOS AMIGOS](#)

[12. MISTÉRIOS DA NOSTROMO](#)
[13. UM PASSEIO EM FAMÍLIA](#)
[14. ABANDONO E DEVER](#)
[15. CARGA ESTRANHA](#)
[16. CUIDADO COM O QUE DESEJA](#)
[17. NADA VIVO](#)
[18. MOVIMENTOS NA ESCURIDÃO](#)
[19. CAPTURA PARA ESTUDO](#)
[20. A QUESTÃO PROFISSIONAL](#)
[21. PERÍODO DE INCUBAÇÃO](#)
[22. MEDIDAS DE SEGURANÇA](#)
[23. ROTAS DE FUGA](#)
[24. TUDO DESMORONA](#)
[25. SEGREDOS E VIDAS](#)
[26. UM POR UM](#)
[27. PRONTOS PARA LUTAR](#)
[28. O LABIRINTO DO MONSTRO](#)
[29. BASTA DE MORTES](#)
[30. CONSTRUINDO MUNDOS MELHORES](#)
[31. A PEÇA MAIS CRUEL](#)
[AGRADECIMENTOS](#)